Comentário Bíblico Broadman

Emanuence Digital
Mazinho Rodrigues

Volume 11

II Coríntios - Filemom

Novo Testamento - 4

Emanuence Digital
e
Mazinho Rodrigues

Volume 11

Comentário Bíblico Broadman

Comentário Bíblico Broadman

Volume 11

II Coríntios - Filemom

TRADUÇÃO DE ADIEL ALMEIDA DE OLIVEIRA

2ª Edição

Todos os direitos reservados. Copyright © 1969 da Broadman Press. Copyright © 1984 da JUERP, para a língua portuguesa, com permissão da Broadman Press.

O texto bíblico, nesta publicação, é da Versão da Imprensa Bíblica Brasileira, baseada na tradução em português de João Ferreira de Almeida, de acordo com os melhores textos em hebraico e grego.

220.7
All-Com Allen, Clifton J., ed. ger.
Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento. Editor Geral: Clifton J. Allen. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1988.
Vol. 11.

Título original: **The Broadman Bible Commentary**

1. Bíblia — Novo Testamento — Comentários. 2. Novo Testamento — Comentários. I. Título.

3.000/1988

Código para Pedidos: 21.634
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 — CEP: 20001
Rua Silva Vale, 781 — CEP: 21370
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso em gráficas próprias

COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMAN
Volume 11

Junta Editorial

EDITOR GERAL

Clifton J. Allen, Ex-Secretário Editorial da Junta de Escolas Dominicais da Convenção Batista do Sul, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.

Editores Consultores do Velho Testamento

John I. Durham, Professor Associado de Interpretação do Velho Testamento e Administrador Adjunto do Presidente do Seminário Batista do Sudoeste, Wake Forest, North Carolina, Estados Unidos.
Roy L. Honeycutt Jr., Professor de Velho Testamento e Hebraico, Seminário Batista do Centro-Oeste, Kansas City, Missouri, Estados Unidos.

Editores Consultores do Novo Testamento

J. W. MacGorman, Professor de Novo Testamento, Seminário Batista do Sudoeste, Forth Worth, Texas, Estados Unidos.
Frank Stagg, Professor de Novo Testamento da James Buchanan Harrison, Seminário Batista do Sul, Louisville, Kentucky, Estados Unidos.

CONSULTORES EDITORIAIS

Howard P. Colson, Secretário Editorial, Junta de Escolas Dominicais da Convenção Batista do Sul, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.
William J. Fallis, Editor Chefe de Publicações Gerais da Broadman Press, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.
Joseph F. Green, Editor de Livros de Estudo Bíblico da Broadman Press, Nashville, Tennessee, Estados Unidos.

Prefácio

O COMENTÁRIO BÍBLICO BROADMAN apresenta um estudo bíblico atualizado, dentro do contexto de uma fé robusta na autoridade, adequação e confiabilidade da Bíblia como a Palavra de Deus. Ele procura oferecer ajuda e orientação para o crente que está disposto a empreender o estudo da Bíblia como um alvo sério e compensador. Desta forma, os seus editores definiram o escopo e propósito do COMENTÁRIO, para produzir uma obra adequada às necessidades do estudo bíblico tanto de ministros como de leigos. As descobertas da erudição bíblica são apresentadas de forma que os leitores sem instrução teológica formal possam usá-las em seu estudo da Bíblia. As notas de rodapé e palavras são limitadas às informações essenciais.

Os escritores foram cuidadosamente selecionados, tomando-se em consideração sua reverente fé cristã e seu conhecimento da verdade bíblica. Tendo em mente as necessidades de leitores em geral, os escritores apresentam informações especiais acerca da linguagem e da história onde elas possam ajudar a esclarecer o significado do texto. Eles enfrentam os problemas bíblicos — não apenas quanto à linguagem, mas quanto à doutrina e à ética — porém evitam sutilezas que tenham pouco a ver com o que devemos entender e aplicar da Bíblia. Eles expressam os seus pontos de vista e convicções pessoais. Ao mesmo tempo, apresentam opiniões alternativas, quando estas são esposadas por outros sérios e bem-informados estudantes da Bíblia. Os pontos de vista apresentados, contudo, não podem ser considerados como a posição oficial do editor.

O COMENTÁRIO é resultado de muitos anos de planejamento e preparação. A Broadman Press começou em 1958 a explorar as necessidades e possibilidades deste trabalho. Naquele ano, e de novo em 1959, líderes cristãos — especialmente pastores e professores de seminários — se reuniram, para considerar se um novo comentário era necessário e que forma deveria ter. Como resultado dessas deliberações, em 1961, a junta de consultores que dirige a Editora autorizou a publicação de um comentário em vários volumes. Maiores planejamentos levaram, em 1966, à escolha de um editor geral e de uma Junta Consultiva. Esta junta de pastores, professores e líderes denominacionais reuniu-se em setembro de 1966, revendo os planos preliminares e fazendo definidas recomendações, que foram cumpridas à medida que o COMENTÁRIO se foi desenvolvendo.

No começo de 1967, quatro editores consultores foram escolhidos, dois para o Velho Testamento e dois para o Novo Testamento. Sob a direção do editor geral, esses homens trabalharam com a Broadman Press e seu pessoal, a fim de planejar o COMENTÁRIO detalhadamente. Participaram plenamente na escolha dos

Sumário

II Coríntios *G. R. Beasley-Murray*
Introdução 11
Comentário Sobre o Texto 21

Gálatas *John William MacGorman*
Introdução 101
Comentário Sobre o Texto 107

Efésios *Ralph P. Martin*
Introdução 157
Comentário Sobre o Texto 165

Filipenses *Frank Stagg*
Introdução 218
Comentário Sobre o Texto 225

Colossenses *R. E. O. White*
Introdução 264
Comentário Sobre o Texto 270

I e II Tessalonicenses *Herschel H. Hobbs*
Introdução 311
Comentário Sobre I Tessalonicenses 317
Comentário Sobre II Tessalonicenses 345

I e II Timóteo e Tito *E. Glenn Hinson*
Introdução 360
Comentário Sobre I Timóteo 367
Comentário Sobre II Timóteo 405
Comentário Sobre Tito 431

Filemom *Ray F. Robbins*
Introdução 449
Comentário Sobre o Texto 453

II Coríntios

G. R. BEASLEY-MURRAY

Introdução

I. Conteúdo

A Segunda Epístola aos Coríntios tem três divisões, claramente demarcadas. Os capítulos 1 a 7 consistem principalmente de uma exposição do ministério apostólico de Paulo. Os capítulos 8 e 9 defendem a causa de uma coleta organizada entre as igrejas gentílicas, para a igreja em Jerusalém. Os capítulos 10 a 13 defendem, em termos enérgicos, a autoridade apostólica de Paulo, em face de sua negação da parte de algumas pessoas em Corinto.

Paulo inicia a epístola com ações de graças a Deus pela libertação de uma experiência terrível (de perseguição?), em que ele havia desesperado da própria vida (1:3-11). Ele explica por que a visita que pretendia fazer à igreja em Corinto foi adiada (1:15 e ss.); foi para "poupá-los". Em vez de fazer-lhes mais uma visita, ele lhes enviara uma carta severa, mas, agora que os coríntios haviam demonstrado arrependimento, ele lhes pedia que abrandassem a sua disciplina contra o "ofensor" (2:1 e ss.). Diferentemente dos seus detratores em Corinto, ele não precisava de cartas de recomendação para eles (3:1 e ss.); eles próprios eram uma carta de Cristo, e ele, o amanuense do Senhor em escrevê-la. "Da mesma forma como Moisés cinzelou as pedras e tábuas, nós cinzelamos as suas almas" (paráfrase de Crisóstomo). Porém, ao passo que o código de leis propicia condenação, o Espírito ministra vida através do evangelho.

Ao outorgar a lei, Moisés colocou um véu diante de sua face, ao apresentar-se diante do povo, dando a entender a transitoriedade de sua glória. Até hoje um véu está sobre a mente dos judeus, e sobre muitos gentios obcecados também, impedindo-os de crer no evangelho. Mas o Deus que criou a luz iluminou as nossas mentes através do resplendor da glória de Cristo sobre nós (3:12 e ss.). As aflições do tempo presente não são para se comparar com a glória que está-nos sobrevindo (4:16 e ss.). Quando "este tabernáculo se desfizer", isto é, quando partirmos deste corpo temporário, deveremos ter uma casa permanente com Deus, a saber, o corpo da ressurreição (5:1 e ss.). À luz do grande dia de Cristo, de provações bem como de glória, Paulo exercita o seu apostolado (5:11 e ss.). É um ministério de reconciliação, uma proclamação do ato reconciliador de Cristo, da parte de Deus. Este evangelho, Paulo procura viver tanto quanto pregar (6:3 e ss.). Ele agradece a Deus pela reconciliação efetivada entre ele próprio e a igreja em Corinto (7:5 e ss.).

A coleta organizada por Paulo (caps. 8 e 9) mostra como ele encarou seriamente o pedido dos apóstolos de Jerusalém para que os cristãos gentios "se lembrem dos pobres" (Gál. 2:10). Ele incita os coríntios a um empreendimento digno, seguindo a generosidade das outras igrejas e o exemplo de Cristo na sua encarnação e redenção.

A fogosa defesa da autoridade apostólica de Paulo (caps. 10 a 13) foi desencadeada pelas tentativas dos mestres

judeus de desacreditar o seu ministério em Corinto. As acusações deles de que ele era covarde e fraco, e que ele não tinha o direito de pregar em Corinto, são contraditadas uma por uma (cap. 10). Isto leva a uma resposta apaixonada de insensatos segundo a sua insensatez (11:1 e ss.). Paulo se opõe às reivindicações dos "super-apóstolos" de Corinto, relatando os autênticos sinais do seu apostolado, a saber, os sofrimentos que suportara por amor de Cristo. Os coríntios são incentivados a assegurar-se de que realmente estavam "na fé", pois, quando Paulo fosse visitá-los da próxima vez, requereria deles realidade, e não uma fé fingida" (cap. 13).

II. Ocasião e Objetivo

O que deu ocasião à epístola foi o ressurgimento do antagonismo contra a autoridade apostólica de Paulo, e o seu objetivo foi a justificação dessa autoridade, feita por Paulo.

Muita coisa está clara; mas reconstruir os acontecimentos em que tal antagonismo se expressou e a maneira precisa pela qual Paulo se houve com ele é um empreendimento difícil, e existe muito desacordo a respeito desse assunto. O problema é peculiarmente moderno, pois os escritores primitivos estavam interessados apenas no ensino doutrinário desta carta, e não na história que ela expressa. Para os eruditos modernos, para quem a história tem grande importância, o problema é de enorme interesse.

Um começo adequado é investigar as circunstâncias em que a epístola foi produzida, se considerarmos quem era a pessoa de quem Paulo fala em II Coríntios 2:5 e ss. Esse homem havia cometido uma ofensa, não mencionada, que anteriormente havia causado muita tristeza. Agora, o apóstolo afirma que o ofensor já havia sido suficientemente castigado, e que devia ser perdoado e restaurado à comunhão da igreja. As suas instruções anteriores a respeito desse homem haviam sido dadas para testar a obediência dos membros da igreja, e, de fato, havia poucos motivos para ele dizer que perdoava esse homem, pois era um assunto de somenos importância (2:10).

Expositores e comentaristas anteriores presumiam que esse ofensor desconhecido devia ser o autor do incesto mencionado em I Coríntios 5:1 e ss. Parece que os coríntios haviam admirado, em vez de ter censurado, esse homem. Paulo havia exigido que eles o disciplinassem. Contudo, se refletirmos um pouco a respeito, veremos que esta identificação é quase impossível, pois Paulo jamais poderia ter falado de maneira tão casual a respeito de pessoa culpada de ofensa tão grave como a mencionada em I Coríntios 5. Além do mais, em II Coríntios 2:9, Paulo declara que escrevera, como o fizera, a respeito do ofensor, "para, por esta prova, saber se sois obedientes em tudo"; em 7:12, "para que fosse manifesto, diante de Deus, o vosso grande cuidado por nós;" em 2:10, ele fala como perdoou a pessoa "por causa de vós"; e, em 7:11, declara que "em tudo provastes estar inocentes nesse negócio". Poderia ter Paulo escrito desta forma a respeito do seu pedido para que um membro incestuoso da igreja fosse disciplinado? De fato, os coríntios aparentemente haviam transigido com a conduta desse homem, e consideravam a sua conduta como evidência da liberdade deles em relação aos padrões morais ordinários (I Cor. 5:2-6). Eles não haviam sido "inocentes nesse negócio"!

Da mesma forma, a interpretação mais natural da evidência parece ser que a pessoa prejudicada fora o próprio Paulo. Presumivelmente, ele sofrera oposição frontal e fora insultado diante da igreja, por um de seus membros. Um incidente desses não podia ser ignorado como coisa sem importância, pois envolvia a autoridade apostólica de Paulo e a sua mensagem. Mas, visto que o problema havia sido corrigido, Paulo, naturalmente, sentia-se com liberdade para mi-

nimizar a ofensa, como problema passageiro.

Isto leva à pergunta: Quando fora essa ofensa cometida? Dificilmente pode ter sido antes que I Coríntios fora escrita, pois aquela carta não faz referências a tal ocorrência. Há três referências, em II Coríntios, a visitas de Paulo ou a visitas que ele pretendia fazer a Corinto. Em cada caso, a linguagem é algo ambígua, como ilustrará uma comparação de diferentes traduções; mas os estudiosos modernos concordam unanimemente com a interpretação da IBB. Em II Coríntios 2:1, Paulo escreve: "Mas deliberei isto comigo mesmo: não ir mais ter convosco em tristeza", dando a entender que ele lhes fizera uma visita nessas condições. Em 12:14, ele declara: "Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco"; e, outra vez, em 13:1: "É esta a terceira vez que vou ter convosco"; e ele continua: "Já o disse **quando estava presente a segunda vez**, e, estando agora ausente, torno a dizer aos que antes pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não os pouparei."

A evidência combinada destas três passagens não deixa dúvidas de que Paulo fez uma visita a Corinto depois do período em que a igreja nessa cidade fora fundada, e que essa visita fora dolorosa. Parece que fora dessa vez que ele recebera o grave insulto mencionado.

A natureza precisa do insulto feito a Paulo está além do nosso conhecimento. Contudo, há indicações espalhadas, através de toda a carta, de alegações feitas contra ele. O fato de ele não ter cumprido as promessas de passar um longo período com os coríntios é considerado como demonstração de que era volúvel (1:15 e ss.) Ele não tinha nenhuma carta de recomendação, como devia ter (3:1 e ss.). A sua pregação não era clara (4:3). Ele era tímido quando presente, e tinha a coragem de ser ousado só quando estava longe (10:1 e ss.). Na verdade, ele não pertencia a Cristo (10:7). Ele não tinha o direito de pregar em Corinto (10:13 e ss.), da mesma forma como sabia que não tinha o direito de receber sustento financeiro da igreja (11:7 e ss.). De fato, ele nem era um apóstolo de Cristo (12:12), e não havia razão para crer que Cristo alguma vez tivesse falado através dele (13:3).

Parece que certos cristãos judeus, vindos da Palestina, haviam sido recebidos na igreja em Corinto; eles diziam ser "apóstolos superlativos" (12:11), e se jactavam de sua origem judaica, do fato de conhecerem Jesus (como homem?), e de terem dons espirituais (11:22 e ss.). Parece que eles usaram a sua posição como pregadores do evangelho para tirar dinheiro de suas congregações (2:17). Eles tinham o hábito de levar cartas de recomendações dadas por igrejas, e, baseando-se nelas, obter acesso a outras igrejas. Fora dessa forma que eles haviam conseguido admissão em Corinto, e é provável que eles tivessem persuadido os coríntios, por sua vez, que deviam escrever cartas em favor deles, para serem usadas em outras congregações (3:1 e ss.). Eles jactavam-se de suas realizações e de sua condição exageradamente (10:12 e ss.). Paulo os considerava como pregadores de outro Jesus, outro Espírito e outro evangelho (11:4), como apóstolos fraudulentos, e até como servos de Satanás (11:13 e ss.).

Não há possibilidade de que esses homens tivessem sido enviados pelos apóstolos de Jerusalém, para se oporem a Paulo. Da mesma forma, não há nenhuma evidência de que eles tentaram persuadir os coríntios a observar a lei mosaica; por este motivo, eles não se identificavam com o grupo de cristãos judeus que haviam tentado dominar as igrejas na Galácia. Da mesma forma como muitos judeus daquela época, eles eram provavelmente, sincretistas, adicionando ao seu judaísmo original especialmente o cristianismo e o gnosticismo. Se eles não eram responsáveis pelas tendências gnósticas discerníveis em I Coríntios (é difícil provar a sua presença ou ausência em

Corinto em época tão remota), deviam ter-se aliado aos que tinham essas opiniões e haviam agitado e suscitado a oposição a Paulo na igreja. Embora a carta toda seja uma vindicação da integridade e da autoridade de Paulo, uma sugestão plausível é que o insulto que coroara a maledicência dos opositores de Paulo era uma acusação feita por um membro de igreja em Corinto, diante da igreja, de que Paulo estava organizando a coleta para o seu próprio benefício, com a intenção de embolsá-la (veja 12:16 e ss.). É compreensível que para Paulo isso fosse a gota que transbordara o balde!

III. Autenticidade e Unidade

Hoje em dia, ninguém contesta a autenticidade desta carta, como um todo. Ela é apaixonada e caracteristicamente paulina; de qualquer forma, como foi observado, nenhum escritor de ficção teria engendrado uma cadeia de circunstâncias tão intrincadas como as pressupostas em II Coríntios. Portanto, embora todos concordem que a carta proveio de Paulo, é verdade que nenhuma das suas cartas tem sido tão dissecada como esta, e as suas partes atribuídas a tão diferentes ocasiões. E é claro que há razões para essas conjecturas.

I Coríntios 16:3 e ss. deixa claro que Paulo pretendia passar um longo período de tempo com os coríntios. Em II Coríntios 1:15-2:2, ele explica por que esta promessa não foi cumprida: para poupá-los. Ele lhes fizera um visita rápida, possivelmente para tentar consertar algumas coisas na igreja, mas a visita resultou desastrosa para ele e para eles. Ao invés de provocar um encontro ainda mais doloroso, através de uma terceira visita, ele escreveu uma carta "em muita tribulação e angústia de coração... com muitas lágrimas" (2:4). O que aconteceu com essa carta? Dificilmente pode ter sido I Coríntios, como outrora se presumia. Colocando de parte todas as outras considerações, se em I Coríntios fora prometida uma longa visita, e foi feita uma visita curta e infeliz, seguida por essa dolorosa carta, enviada para evitar outra visita semelhante, é claro que essa carta dolorosa foi escrita depois de I Coríntios e antes de II Coríntios.

Perguntamos outra vez: O que aconteceu com essa carta? Algumas pessoas se contentam em afirmar que ela se perdeu, e isso pode ser verdade. Contudo, outra sugestão tem-se tornado amplamente aceita: a carta "perdida" é preservada, pelo menos em parte, em II Coríntios 10-13.

As razões para esta sugestão, aparentemente extraordinária, são as seguintes: (1) Ocorre uma marcante mudança de tom em 10:1. A alegria dos capítulos anteriores e a doxologia que segue ao apelo em favor da coleta são seguidos por uma ferrenha apologia, que não encontra rival nem em Gálatas. (2) Seria uma psicologia curiosa, da parte do apóstolo, fazer os capítulos 1 a 9 serem seguidos pelos capítulos 10 a 13. Os primeiros capítulos expressam um anseio por reconciliação, e, de fato, exsudam gratidão pelo seu estabelecimento, mas são seguidos por uma torrente de repreensões, sarcasmo e advertências, que devem ter obliterado quase completamente os seus esforços para consolidar a paz. (3) Há algumas incongruências estranhas na ordem atual dos capítulos. Por exemplo, em 7:16, Paulo escreve: "Regozijo-me porque em tudo tenho confiança em vós", mas, em 12:20 e s., diz: "Temo que, quando chegar, não vos ache quais eu vos quero... que chore eu sobre muitos daqueles que dantes pecaram, e ainda não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram."

(4) Algumas passagens, nos capítulos 1-9, parecem refletir declarações feitas em 10-13. Por exemplo: "Se outra vez for, não os pouparei" (13:2); "Ora, tomo a Deus por testemunha sobre a minha alma de que é para vos poupar que não fui mais a Corinto" (1:23). E outra vez:

"Escrevo estas coisas... para que, quando estiver presente, não use de rigor, segundo a autoridade que o Senhor me deu" (13:10); "E escrevi isto mesmo, para que, chegando, eu não tenha tristeza da parte dos que deveriam alegrar-me" (2:3). (5) Nos capítulos 1-9, Paulo declara que não tem intenção de se recomendar outra vez (3:1; 5:12), mas em 10-13 ele o faz repetidamente e longamente. Veja especialmente 10:7 "Se alguém confia de si mesmo que é de Cristo, pense outra vez isto consigo, que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos"; e 11:5: "Em nada tenho sido inferior ao mais excelentes apóstolos"; e 11:23: "São ministros de Cristo? falo como fora de mim: eu ainda mais; em trabalhos muito mais."

O efeito culminante destas evidências é apresentar uma causa pelo menos plausível para o ponto de vista de que os capítulos 10-13 precederam os capítulos 1-9 cronologicamente. Muita coisa há, nos capítulos 10-13, que podia ter sido escrita "em muita tribulação e angústia de coração... com muitas lágrimas". Se havia uma tensão mais aguda assim na carta original, e se isto é verdade, qual era a sua intensidade, não somos capazes de saber; mas pode-se entender que tal carta devia ter alcançado o seu objetivo, e que, posteriormente, Paulo teve condições de escrever com o alívio que demonstra nos capítulos 1-9.

Como é de se esperar, este ponto de vista não ficou sem oposição. Acima de tudo, tem sido objetado que não há evidências externas para se inverter a ordem dos capítulos. Nenhum manuscrito primitivo desta epístola os apresenta na ordem proposta, e nem existem evidências que demonstrem que os capítulos 1-9 e 10-13 alguma vez circularam separadamente. A diferença de tom entre as duas seções tem sido levada à conta da sugestão de que os capítulos 1-9 foram enviados à igreja como um todo, mas os capítulos 10-13 a uma minoria, que ainda se mantinha rebelde. Deve-se admitir, todavia, que não existe nenhum indício de que Paulo pretendia esta separação; pelo contrário, declarações como a de 11:2 têm em vista toda a igreja. Algumas pessoas têm sugerido que, depois de escrever os capítulos 1-9, Paulo recebeu notícias alarmantes de Corinto; ou que Tito, que havia trazido a Paulo boas notícias a respeito dos coríntios, partira; e Paulo, depois de meditar mais maduramente sobre a situação, deu expressão ao que sentia; ou mesmo que, depois de escrever os capítulos 1-9, teve uma noite insone! O leitor precisa julgar por si mesmo a possibilidade e a exeqüibilidade destas explicações.

Por fim, precisamos admitir que o caso não está provado, mas a hipótese da ordem inversa de capítulos é atraente. A falta de evidência externa não deve ser enfatizada exageradamente, pois há outros livros da Bíblia cuja composição é determinada sem a ajuda de tal evidência (por exemplo, o livro de Isaías e os Evangelhos de Mateus e Lucas). Há razão para se crer que II Coríntios só circulou entre as igrejas muito depois de I Coríntios, e isso é bem compreensível; a igreja em Corinto era ainda uma igreja florescente na era pós-apostólica, e II Coríntios os colocava em descrédito flagrante. "É impossível dizer quanto da restante correspondência de Paulo com Corinto perdeu-se ou sofreu uma sina equivalente a sofrer a omissão das minúcias", comentou R. H. Strachan (p. xxii); e qualquer pessoa que tenha tido a experiência de reuniões eclesiásticas infelizes concordará com essa maneira de pensar!

Não obstante, pode-se perguntar, se os capítulos 1-9 e 10-13 eram entidades separadas em Corinto, o que levou o editor que as reuniu, a escolher esta ordem? Como resposta, G. Bornkamm [1] indicou que, na literatura cristã primitiva, freqüentemente as advertências contra os

1 "The History of the Origin of the So-called Second Letter to the Corinthians", **New Testament Studies**, 1962, p. 261-2.

falsos mestres eram expressas no fim da obra, e que isto era feito com a convicção de que o aparecimento de falsos profetas era um sinal dos últimos tempos. Ele sugere que o editor de II Coríntios se ateve a esta regra; e, colocando a seção que contém a defesa de Paulo no fim da epístola, caracterizou os opositores de Paulo como falsos profetas do fim dos tempos. A idéia não é impossível.

Foi sugerido anteriormente que outras seções de II Coríntios podem ter sido separadas como pertencentes a diferentes ocasiões. Destas, 6:14-7:1 freqüentemente tem sido atribuído a uma carta anterior, pois este texto parece interromper o contexto corrente, e poderia até ser ligado com a carta mencionada em I Coríntios 5:10 e s. Alguns eruditos recentes advogam o ponto de vista de que 2:7-6:4, parte central da defesa feita por Paulo do seu ministério apostólico, originalmente fosse uma carta separada, que fora escrita quando Paulo ouvira pela primeira vez falar do surgimento dos seus opositores, mas antes que eles adquirissem sucesso na congregação. Os capítulos 8 e 9, pensa-se freqüentemente, eram apelos independentes de Paulo em favor da coleta; algumas pessoas atribuem um ou outro capítulo a uma das seções independentes sugeridas para esta carta (v.g., cap. 8, para a carta de reconciliação; 1:1-2:13 e 7:5 e ss.).

Os exegetas reagem de maneira diferente a estas idéias. O mundo de fala inglesa tem sido mais cauteloso em sua atitude para com elas do que os escritores europeus. Indubitavelmente, está fora de questão qualquer dúvida de que Paulo foi o autor desta carta; o que está em questão é o contexto original dos capítulos. Este escritor se inclina a reconhecer uma forte possibilidade de que os capítulos 10-13 precediam os capítulos 1-9 na ordem em que foram escritos, e considera as outras sugestões como menos prováveis. Na melhor das hipóteses, todas estas teorias podem apenas ser consideradas como experimentais, até que melhores explicações das evidências venham a ser apresentadas.

IV. Tempo e Lugar

Na época em que escreveu esta carta, Paulo estava na Macedônia (2:12). No início desta carta, ele conta como, havia pouco, ele fora salvo de um perigo terrível na província romana chamada "Ásia" (na Ásia Menor: 1:8 e ss.). Logo depois, ele se encontrou em Troas, e de lá foi para a Macedônia, para encontrar-se com Tito (2:12 e s.). Esta situação é freqüentemente identificada com a descrita em Atos 19-20, onde ficamos sabendo que, depois do tumulto excitado por Demétrio, Paulo saiu de Éfeso ("Ásia"), foi para a Macedônia, e dali partiu para a Grécia. Se essas hipóteses são corretas, o problema com Demétrio deve ter envolvido Paulo de maneira muito mais séria do que a narrativa de Lucas normalmente sugere.

I Coríntios é datada comumente como sendo da primavera de 55 d.C. (cf. I Cor. 16:8). Os eruditos que se apegam a complicadas teorias de análise de II Coríntios têm a tendência de crer que dezoito meses precisam ser interpostos entre a composição de I Coríntios e a última carta de Paulo enviada a Corinto. Por outro lado, as viagens entre Éfeso e Corinto, feitas por Paulo e seus companheiros, não devem, necessariamente, ter levado muitos meses, pois a distância entre essas duas cidades não é grande. Portanto, a maioria dos estudiosos considera que os eventos pressupostos em II Coríntios não devem ter levado mais que seis a oito meses, e datam a carta como sendo do outono de 55 d.C.

V. Significado

II Coríntios é, talvez, a mais negligenciada das principais cartas de Paulo, e é lida e estudada menos do que as suas cartas mais curtas e populares (Gálatas, Efésios e Filipenses). A certos respeitos

isto é surpreendente, pois esta carta é o documento mais comovente que Paulo nos deixou. É a mais autobiográfica (e, portanto, a mais reveladora), e contém algumas das suas mais profundas declarações teológicas. Por outro lado, deve-se admitir que esta carta é a mais obscura das obras do apóstolo, tanto em suas alusões históricas, como em suas declarações teológicas e até em sua linguagem (como os estudantes com limitado conhecimento de grego descobrem, para sua perplexidade!).

Pelo menos parte desta obscuridade é devida às alusões ou referências a antecedentes históricos a respeito de que temos informações muito imperfeitas, mas que podem ter sido familiares para os leitores originais. Paulo também expressa as suas idéias teológicas, por vezes, de maneira compacta ao extremo, e parece presumir uma familiaridade com pressuposições que freqüentemente deixa perplexos os mais eruditos estudiosos de suas obras. Por esta razão, existe grande conflito quanto ao significado de suas declarações a respeito do Espírito, no terceiro capítulo desta carta, e também com respeito ao que ele escreveu acerca da imortalidade e da teologia da reconciliação, no capítulo 5.

No entanto, acima de tudo, a forma desta carta sofre porque Paulo escreveu grande parte dela contra a sua própria vontade. Devido às acusações dos seus adversários, Paulo se viu na necessidade de fazer algo que nunca sonharia fazer em circunstâncias normais, a saber, falar extensivamente a respeito de si mesmo. Nesta própria carta, Paulo declara: "Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor; e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus" (4:5). Sem dúvida, é verdade que normalmente o tema absorvente de Paulo é Cristo. Mas aqui, da mesma forma como Peer Gynt, na peça de Ibsen, com esse nome, Paulo se vê obrigado a ocupar o palco o tempo todo, e isto vai contra o seu modo de ser.

Alguém se referiu a esta carta como "uma confissão relutante".[2] A adequação desta descrição é especialmente clara nos seus últimos capítulos, onde Paulo exalta as suas qualificações apostólicas, e mesmo as suas virtudes, em contraposição aos seus detratores, que se jactavam das suas. No capítulo 11, ele repetidamente declara que é "insensato", "tolo" e até mesmo "louco", por falar como está falando. Na conclusão do seu desabafo a respeito desse assunto, ele confessa, quase desesperado: "Tornei-me insensato... visto que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos, ainda que nada sou" (12:11). Um homem que escreve sob pressões dessa espécie é como um motorista que dirige um veículo freado: fica frustrado, arrasado!

Havia as melhores razões para que o apóstolo sentisse profundamente o que escreveu nos primeiros capítulos desta carta. Por um lado, ele estava dando vazão ao seu alívio, devido à reconciliação que fora levada a efeito entre ele e a congregação de Corinto. Por outro, acabava de passar por uma temível experiência, da qual jamais pensara poder sair vivo (1:8 e ss.). A récita apaixonada de perigos e sofrimentos pelos quais passara, feita no capítulo 11, com a sua conclusão: "Além dessas coisas exteriores, há o que diariamente pesa sobre mim, o cuidado de todas as igrejas" (11:28), é flagrantemente ilustrada e atualizada pelas circunstâncias pelas quais ele passava quando escrevera esta epístola: era mais um capítulo, em seus sofrimentos e ansiedades apostólicas pelas igrejas, que acabava de ser acrescentado!

Agora, é essa condição dolorosa e quase insuportável do apóstolo que, sob os auspícios de Deus, deu origem à característica mais significativa da carta. Pois basicamente esta carta é uma dissertação a respeito de um único tema: o ministério apostólico. Isto é o que propicia unidade às suas várias partes.

2 Von Loewenich, W., **Paul, His Life and Work** (Edinburgh: Oliver and Boyd, 1960), p. 120.

A igreja necessitava desta exposição a respeito desse ministério. Quanto a este ponto de vista, é instrutivo comparar II Coríntios com I Coríntios. Pois a carta anterior tem sido (com muita propriedade) caracterizada como a carta patente do leigo. O objetivo principal de sua discussão inicial, a respeito do relacionamento entre Paulo, Apolo e Pedro, e a igreja em Corinto, não tem absolutamente o alvo de estabelecer a autoridade deles na igreja , mas de apelar aos coríntios para que olhem para Cristo, o Senhor da igreja, e não para os ministros que ele lhes enviou. Depois disso, na carta anterior, é difícil encontrar lugar para um ministério especializado na igreja em Corinto, à parte do suave apelo de 16:15 e s., para "reconhecer" a casa de Estéfanas. Nesta carta Paulo dedica muito espaço a assuntos de disciplina e adoração eclesiástica, doutrina cristã, e ética; mas em todas as suas discussões a respeito desses temas, nenhuma referência é feita ao papel dos oficiais da igreja, nem mesmo quando exigências são feitas para a correção de abusos na igreja. Tem-se a impressão de que a igreja em Corinto era essencialmente uma comunidade carismática, em que o ministério era exercido pelos membros como um todo, sob a direção do Espírito Santo.

A segunda carta de forma alguma contradiz o quadro de ministério pintado na primeira, mas, sem dúvida, lhe propicia um complemento. Pois, do começo ao fim, o tema de II Coríntios é o ministério confiado a Paulo, o apóstolo, e, por implicação, também aos seus associados. A ênfase recai sobre a autenticidade desse ministério, a sua autoridade, e o seu papel na nova dispensação. Naturalmente a proclamação do evangelho é enfatizada como primordial na vocação do apóstolo. Paulo de fato indica que para ele o apostolado e a mensagem estão ligados em uma unidade indissolúvel.

Na passagem que expõe a doutrina da reconciliação (cap. 5), o ministério da palavra está ligado ao ato de reconciliação levado a efeito por Deus em Cristo. Esta característica é ressaltada na tradução New English Bible: "Ele (Deus) reconciliou nós, homens, para consigo mesmo, através de Cristo, e nos alistou no seu serviço de reconciliação. O que quero dizer é que Deus estava em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo... e que ele nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, apresentamo-nos como embaixadores de Cristo. É como se Deus estivesse apelando a vocês através de nós" (5:18 e ss.). O ato de reconciliação encontra o seu complemento na proclamação da reconciliação, e, em ambos os casos, é Deus que é ativo através dos seus representantes (Cristo na cruz e o apóstolo no evangelho). A este respeito, comenta E. Dinkler: "A proclamação do evento da salvação não é nada adicional, mas pertence ao evento de Cristo, visto que o próprio Deus instituiu o 'ministério', a 'palavra de reconciliação' (5:18 e ss.). Cristo, de fato o próprio Deus, vem ao encontro do homem, nessa proclamação, de forma que a salvação pode e deve ser pregada como algo presente." [3] não é necessário dizer-se que o poder da proclamação reside não na pessoa do pregador, mas na ação de Deus no evangelho e através dele.

É significativo que é precisamente nessas passagens em que Paulo afirma mais fortemente a autenticidade do seu apostolado que encontramos a mais clara exposição de sua dualidade, isto é, uma mistura de humildade e autoridade, de vergonha e glória, de sofrimento e justificação. A ênfase da carta, na verdade, se exerce sobre o primeiro elemento, isto é, sobre a adversidade. Para Paulo, esse é tanto um ingrediente do ministério apostólico quanto a cruz é parte integrante do evangelho. Os sofrimentos, e não as visões do Senhor ressurrecto, são enfatizados por ele como marcas genuínas do Senhor Jesus; estes distinguem o apostolado verdadeiro do falso (veja 11:16 e

3 Artigo "Die Korintherbriefe", em **Religion in Geschichte und Gegenwart**, 3ª ed., IV, 22.

ss.). Na verdade, Paulo estava preparado para se referir a visões que lhe foram dadas como sinais de favor especial (12:1 e ss.), mas ele sabia muito bem que o seu poder como apóstolo provinha não da exaltação de espírito, mas da fraqueza que o lançara na graça de Deus.

Aqui reconhecemos claramente que, nesta carta, Paulo considera invariavelmente os seus sofrimentos como **ministério**, e não como infortúnio. Mais de uma vez ele relaciona os seus sofrimentos com os de Cristo, em favor do mundo. Não que ele estivesse dando a entender que o ato redentor de Cristo para a reconciliação fosse insuficiente para alcançar os seus objetivos; mas considera os seus próprios sofrimentos como tendo sido padecidos **em favor dos outros**, como personificação do amor de Cristo, que se deu pelos homens. Isto se torna claro na exposição, desse ministério, no capítulo 4. O tesouro do evangelho é colocado em "vasos de barro", tais como Paulo, para mostrar que "a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte" (4:7). No desempenho do seu ministério, ele declara: "em tudo somos atribulados... trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossos corpos" (4:8 e ss.). E, então, Paulo continua: "De modo que em nós opera a morte, mas em vós a vida" (4:12). Os sofrimentos acontecem por amor dos seus irmãos cristãos. "Pois tudo é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus" (4:15). O mesmo princípio aparece na doxologia de abertura, no capítulo 1, seguindo-se imediatamente ao frontispício da carta (1:3 e ss.).

Quando ponderamos a respeito dessas passagens, começamos a compreender por que Paulo dá tanto valor ao sofrimento como marca do genuíno apostolado. Não é um prazer distorcido, masoquista, que ele tivesse, nos sofrimentos, por amor de si mesmo, mas um reconhecimento de que um ministério que dizia ser apostólico devia seguir as pegadas de Cristo, que o havia outorgado, e que a vida de tal pessoa "enviada" devia estar de acordo com este evangelho, que se centraliza na cruz de Cristo. Esses são os pregadores que sabem que o poder de Cristo é aperfeiçoado na fraqueza, e que quando estão fracos, aí é que estão fortes (12:9).

Há campo para reflexão, aqui, a respeito dos ministros hodiernos, que crêem que foram chamados para participar da tarefa apostólica. Ao olhos do Senhor, sofreu a natureza do ministério apostólico modificações? Não existe para nós um chamado, para nós que pregamos o evangelho, para que reconheçamos que a nossa vocação inclui a de personificar o evangelho em uma vida que não passe de largo a colina da cruz?

Naturalmente, uma reflexão semelhante se faz necessária da parte das congregações do povo de Cristo. Da mesma forma como o ministério apostólico é dado para todo o corpo de Cristo, a Igreja, como um todo, é chamada a corporificar o seu ministério em uma vida sacrificial. Judas não é o único discípulo que se esquivou da cruz. Faz parte da natureza da carne e do sangue agir dessa maneira. Durante o decorrer da história, a Igreja não tem-se notabilizado por sua prontidão em colocar a cruz ao ombro, nem tem-se demonstrado mais pronta a fazê-lo nos dias atuais. Em uma época em que o lema "A Igreja é ministério" está sendo ouvido em toda parte, a Igreja demonstrará ser sábia se ponderar de novo a mensagem de II Coríntios, para que o ministério que ela exerce possa ser apostólico, e não espúrio.

Esboço da Epístola

I Exposição do Ministério Apostólico (1:1-7:16)

1. Saudação Introdutória e Ação de Graças (1:1-11)

2. As Relações de Paulo com a Igreja em Corinto (1:12-2:17)
   1) A Sinceridade dos Seus Atos (1:12-14)
   2) O Adiamento de uma Visita a Corinto (1:15-2:4)
   3) Como Tratar o Ofensor (2:5-11)
   4) Ação de Graças Pela Direção de Deus (2:12-17)
3. A Glória e a Vergonha do Ministério Apostólico (3:1-6:10)
   1) Ministros da Velha e Nova Alianças (3:1-11)
   2) A Alegoria do Véu (3:12-4:6)
   3) Os Sofrimentos, Poder e Esperança de um Apóstolo (4:7-5:10)
   4) O Evangelho Apostólico (5:11-6:2)
   5) A Vida Apostólica (6:3-10)
   6) Apelo Para um Coração Aberto e uma Vida Separada (6:11-7:4)
   7) A Alegria do Relacionamento Restaurado (7:5-16)

II A Coleta Para Jerusalém (8:1-9:15)
1. Exemplos de Contribuição Generosa (8:1-9)
2. O Plano Para a Coleta (8:10-24)
3. Apelo por Prontidão e Generosidade (9:1-15)

III A Defesa do Ministério Apostólico de Paulo (10:1-13:14)
1. Refutação de Alegações (10:1-18)
   1) Alegada Covardia de Paulo (10:1-6)
   2) Alegada Fraqueza de Paulo (10:7-11)
   3) Alegação de Que Paulo Ultrapassara Seus Limites (10:12-18)
2. Justificação Apostólica ao Gloriar-se Insensatamente (11:1-12:18)
   1) O amor Ciumento do Apóstolo (11:1-6)
   2) Paulo Rejeita o Dinheiro dos Coríntios (11:7-15)
   3) Os Sofrimentos Apostólicos de Paulo (11:16-33)
   4) Visões e Revelações do Senhor (12:1-10)
   5) As Verdadeiras Marcas de um Apóstolo (12:11-13)
   6) Previsões de uma Terceira Visita a Corinto (12:14-21)
   7) Admoestações Tendo em Vista a Terceira Visita (13:1-10)
   8) Despedida (13:11-14)

Bibliografia Selecionada

BERNARD, J. H. "The Second Epistle to the Corinthians", **The Expositor's Greek Testament**, ed. W. ROBERTSON NICOL, Vol. III. London: Hodder & Stoughton, 1912.

CALVIN, JOHN. **The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon.** Trad. para o inglês por T. A. SMAIL. Edinburgh: Oliver & Boyd, 1964.

DENNEY, JAMES. **The Second Epistle to the Corinthians** ("The Expositor's Bible"). London: Hodder & Stoughton, 1894.

FILSON, FLOYD V. "The Second Epistle to the Corinthians", **The Interpreter's Bible,** ed. GEORGE ARTHUR BUTTRICK, Vol. X. New York: Abingdon Press, 1953.

HANSON, R.P.C. **II Corinthians** ("Torch Bible Commentaries"). London: S.C.M. Press, 1954.

HERING, JEAN. **The Second Epistle of S. Paul to the Corinthians.** London: Epworth Press, 1969.

HUGHES, PHILIP E. **Paul's Second Epistle to the Corinthians** ("The New London Commentary on the New Testament"). London: Marshall, Morgan and Scott, Ltd., 1961.

PLUMMER, ALFRED. **A Critical and Exegetical Commentary on the Second Epistle of St. Paul to the Corinthians** ("The International Critical Commentary"). Edinburgh: T. & T. Clark, 1915.

STRACHAN, R. H. **The Second Epistle of Paul to the Corinthians** ("The Moffatt New Testament Commentary"). London: Hoder & Stoughton, 1935.

TASKER, R.V.G. **The Second Epistle of Paul to the Corinthians** ("Tyndale New Testament Commentaries"). London: The Tyndale Press, 1958.

COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

I. Exposição do Ministério Apostólico (1:1-7:16)

1. Saudação Introdutória e Ação de Graças (1:1-11)

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia. 2 Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. 3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, 4 que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus. 5 Porque, como as aflições de Cristo transbordam para conosco, assim também por meio de Cristo transborda a nossa consolação. 6 Mas, se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação e, a qual se opera suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos; 7 e a nossa esperança acerca de vós é firme, sabendo que, como sois participantes das aflições, assim o sereis também da consolação. 8 Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira oprimidos acima das nossas forças, de modo tal que até da vida desesperamos; 9 porquanto já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos; 10 o qual nos livrou de tão horrível morte, e livrará; em quem esperamos que também ainda nos livrará, 11 ajudando-nos também vós com orações por nós, para que, pela mercê que por muitas pessoas nos foi feita, por muitas também sejam dadas graças a nosso respeito.

A maneira como Paulo dava início a uma carta parece-nos estranha, e até afetada, mas ele simplesmente seguia o costume em voga na sua época. Ela servia para o escritor informar o seu nome e o das pessoas a quem se dirigia na terceira pessoa, e continuar fazendo uma saudação na segunda pessoa. Muitas vezes essa saudação assumia a forma de um desejo piedoso ou oração. O que para muitas pessoas era mera formalidade (como o nosso "Prezado Sr. Freitas") era levado muito a sério por Paulo. Cada linha da saudação inicial desta carta está carregada de significado.

Paulo mergulha no tema de sua carta e se posiciona logo na sua primeira frase: **Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus**. Era a esse respeito que se fizera todo aquele rebuliço em Corinto! Era Paulo um apóstolo? E quem fizera dele um apóstolo? No primeiro fôlego do seu ditado, Paulo se revela. Ele era um representante de Jesus Cristo — um "enviado". Não se fizera por si mesmo: **Deus** o nomeara!

Timóteo, diferentemente, não era apóstolo. Ele era um **irmão**, isto é, outro crente. A primeira pessoa do plural, **nosso** irmão, indica o uso editorial comum do "nós", e aparece no decorrer da carta. É uma forma literária, usada, em parte, por humildade, e não dá a entender a presença de um co-autor.

Com a **igreja de Deus... em Corinto** estavam agrupados **todos os santos que estão em toda a Acaia**. Pelo fato de a igreja ser Igreja de Deus, ela é santa (isto é o que significa santo: denota o que pertence a Deus) E esse é o nome dado aos crentes: eles são **santos**, isto é, pessoas santificadas, povo de Deus. Este

termo tem a conotação não tanto do que são, mas de quem são. Com os cristãos de Corinto são associados os da **Acaia**. Falando tecnicamente, este termo devia incluir toda a província romana desse nome, ao sul da Macedônia. Então surge a sugestão de que temos diante de nós uma carta circular, mas a situação é demasiadamente específica para isso. Talvez, como comenta Tasker, Paulo "lisonjeia os coríntios" mediante esta virtual identificação da província com a sua cidade.

Paz era uma saudação comum para o oriental, como "alô" o é para o ocidental hoje em dia, e, sem dúvida, não significa nada mais do que isso, na maioria das vezes. Mas pode incluir tudo o que entendemos por salvação, e isso é exatamente o que significava para Paulo, razão por que ele sempre a ligava, em suas saudações, com **graça**. Tanto quanto sabemos, graça não era uma saudação antes de Paulo usá-la como tal. Ela era a sua palavra favorita, para denotar a ação graciosa de Deus em Cristo, desde a sua encarnação até o seu advento em glória. De acordo com essa linha de pensamento, alguém não podia desejar a ninguém nada maior do que o que Paulo desejava aos coríntios: **graça... e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.** A pessoa que tivesse isto, tinha tudo que Deus podia dar.

É notável que a primeira declaração do apóstolo, depois da saudação, seja uma doxologia. Uma sentença ou duas mais adiante, ele fala de uma terrível experiência que suportara havia pouco, e que pensara ser o fim da jornada para ele. Quando bem podia ter dado início à sua carta com um profundo suspiro! Ou podia ter meditado tristemente nas durezas da vida, como na cantiga chinesa que Mahler musicou: "Escura é a vida, escura é a morte." Mas Paulo não fez isso! Os céus podiam estar negros e a terra tremendo, mas o Senhor segurava a sua mão e o guiava pelo caminho. **Bendito** seja o seu nome!

Mas, qual é o seu nome? **o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**. Ele é o Deus que Jesus revelou em sua palavra e em seus atos, e a quem ele prestou amorosa obediência a cada passo do seu caminho, o Deus a quem ele, porque é o único Filho de Deus, chamava de **Pai**. Ele é o Deus a quem Jesus nos ensinou a também chamar de Pai, porque o Pai nos ama também e nos adotou em sua família (veja João 20:17; Gál. 4:4 e s.; Rom. 8:14-17). Ele é **o Pai das misericórdias**; isto é, o misericordioso Pai, cujo princípio de ação é misericórdia (medite acerca do que Jesus pensava a este respeito; cf. Mat. 5:48 com Luc. 6:36), e **o Deus de toda a consolação**, isto é, o Deus que propicia consolação adequada para cada necessidade.

A consolação de Deus, todavia, não nos é ministrada para nos sentirmos confortáveis. Ela nos é dada **para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação**. Paulo está escrevendo como apóstolo, pessoa chamada para servir e edificar a Igreja de Cristo. Ele está cônscio de que o Senhor faz isto não apenas através do ministério da palavra, mas também através do ministério do sofrimento. Na sua experiência a este respeito, ele aprende o significado e o poder da graça na vida, e assim é capaz de testificar poderosamente para a inspiração do povo de Deus em toda parte (a maneira pela qual Paulo aprendeu essa lição é revelada mais minuciosamente em 12:7-10).

Paulo descreve os seus sofrimentos como **aflições de Cristo**. A este respeito, há um fato histórico, digno de ser citado aqui. Os judeus piedosos, que esperavam o reino de Deus, achavam que os ais ou sofrimentos do Messias deviam preceder esse Reino; esses seriam sofrimentos que os homens precisavam suportar antes que o Messias chegasse. Quando finalmente aconteceu o cumprimento da esperança de Israel, ocorreu o inverso do que eles esperavam: O Messias sofreu por eles. Em o Novo Testamento, os sofri-

mentos de Cristo representam o que o Salvador suportou para remir os homens para o reino. Com a ressurreição de Cristo, eles constituíram um acontecimento ocorrido de uma vez por todas, tão decisivos, que significou uma mudança de eras, trazendo à luz a nova criação. Mas o acontecimento ocorrido de uma vez por todas tornou-se o padrão de vida para os herdeiros do reino. Eles são batizados na morte e ressurreição da primeira Páscoa, para que possam exemplificar todos os dias o poder desse acontecimento (Rom. 6:3-11).

Paulo fala de compartilhar dos sofrimentos de Cristo; literalmente, as suas palavras podem ser traduzidas desta maneira: "Assim como os sofrimentos de Cristo transbordaram para nós, também através de Cristo a nossa consolação transborda." L.S. Thornton via, nisto, um exemplo do ensinamento do Novo Testamento, de que a lei da vida messiânica de sofrimento é transferida do Messias para o seu povo: "Há um transbordamento dos sofrimentos do Messias; e as aflições do apóstolo fazem parte desse transbordamento. O messianismo está arraigado no sofrimento, e esta lei continua na Igreja."[4] Observe-se que os sofrimentos do apóstolo não são mencionados como motivadores de piedade da parte de Cristo, de forma a ele sofrer com o apóstolo, movido por simpatia. Pelo contrário, o Senhor conclama o apóstolo a entrar no princípio do sofrimento pelos outros, ato perfeitamente executado em sua expiação, e ele lhe dá a oportunidade de conhecer a sua própria alegria em dar-se (cf. Heb. 12:2). Por seu turno, o apóstolo encoraja a igreja também a suportar a mesma espécie de sofrimento; que os cristãos também precisam experimentar a alegria de ser uma bênção para os outros (v. 5 e ss.).

Este ensinamento está em completa harmonia com o de Jesus, quando ele advertiu os seus discípulos a respeito dos sofrimentos que os esperavam, precisamente no contexto do testemunho e serviço cristãos (veja Mat. 5:10 e s.; Mar. 13:9 e ss.; João 16:33). Parece que o sofrimento faz parte da missão da Igreja. "Nenhuma pedra da casa pode experimentar outro destino, diferente do que é adjudicado ao Cristo, como pedra angular e fundamental dessa 'casa'", escreveu G. Gloege.[5] Mas isso se aplica à Páscoa tanto quanto à Sexta-Feira Santa! E, assim, a consolação abunda além de toda a desolação.

A natureza exata da insuportável experiência que Paulo teve na Ásia não é revelada (v. 8 e ss.). A forte linguagem usada, ao descrevê-la, é dificilmente justificada pela suposição de uma severa enfermidade, e ainda menos ao se pensar que Paulo foi "**oprimido acima das suas forças**, devido às notícias do que estava acontecendo em Corinto, como algumas pessoas têm sugerido. Sabemos que Paulo teve um ministério tempestuoso em Éfeso (cf. At. 20:19; I Cor. 15:32). Algo como o furioso ataque movido por Demétrio (At. 19:23 e ss.) se enquadraria nas declarações de Paulo feitas aqui. **Em nós mesmos tínhamos a sentença de morte.** Isso é uma paráfrase, pois Paulo, na verdade, não disse: **Tínhamos**. Ele declarou que "havia recebido" a sentença de morte, para que pudesse colocar toda a confiança em Deus. Como Jesus, no Getsêmane, Paulo teve que se haver com a morte, aceitou-a das mãos de Deus e esperou de Deus a sua vindicação. Como em várias ocasiões, anteriormente, Paulo passou outra vez pela colina do Calvário, e experimentou uma ressurreição. Ele chegara a conhecer Deus como o **Deus que ressuscita os mortos**. Esse é o seu nome, e esse é o seu caráter. A cada dia ele repete o milagre da Páscoa. Paulo prevê que ele próprio o experimentará novamente, várias vezes no futuro.

O princípio exarado no verso 11 deve merecer detida meditação: quando muitas pessoas oram por um apóstolo, mui-

4 **The Common Life in the Body of Christ** (London: Dacre Press, 3ª ed., 1950), p. 34.

5 **Reich Gottes und Kirche** (Gütersloh, 1929), p. 340.

tos têm motivo para bendizer a Deus por ter respondido aos seus rogos. A alegria do homem por quem se ora é multiplicada pela alegria daqueles que oram por ele. "Isto", escreveu Denney (p. 30), "é o ideal da vida de um evangelista; em todos os seus incidentes e emergências, em todos os seus perigos e salvações, ela deve flutuar em uma atmosfera de oração." Feliz o evangelista e feliz o ministro que têm tais companheiros de oração! E felizes são esses companheiros!

2. As Relações de Paulo com a Igreja em Corinto (1:12-2:17)

1) A Sinceridade dos Seus Atos (1:12-14)

12 Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que em santidade e sinceridade de Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo, e mormente em relação a vós. 13 Pois outra coisa não vos escrevemos, senão as que ledes, ou mesmo reconheceis; e espero que também até o fim as reconhecereis; 14 como também já em parte nos reconhecestes, que somos a vossa glória, assim vós sereis a nossa no dia do Senhor Jesus.

A conjunção **porque**, no começo do verso 12, indica que Paulo podia pedir as orações da igreja em Corinto, porque sempre exerceu o seu ministério com uma consciência limpa. Mas, por que devia ele dar tanta ênfase, nesta sua jactância, sua **glória**? Paulo dava importância a esta característica de sua conduta (cf. 2:17), indubitavelmente, porque ela lhe fora negada. Quando ele a afirma em Atos (23:1; 24:16), o faz de maneira afirmativa, instrutiva, e especialmente quando diante da ordem do sumo sacerdote de ferir-lhe na boca que provocou este protesto de sinceridade: o sumo sacerdote não cria nele, nem algumas pessoas em Corinto.

A referência à esperada inteligibilidade de suas cartas, feita no verso 13, propicia indícios da razão para a negação da sua sinceridade aqui: alegava-se que Paulo era insincero em suas cartas, que ele professava uma coisa, mas queria dizer outra. Pelo contrário, diz Paulo, **outra coisa não vos escrevemos, senão as que ledes, ou mesmo reconheceis.** Ele não faz reservas acerca do que escreve. Os coríntios deviam conhecer Paulo suficentemente bem, para recusar essas alegações. E acrescenta: **em parte nos reconhecestes** — mas só em parte! Ele espera que futuramente **até o fim** (ou plenamente) **as reconhecereis**, para, assim, no dia do Senhor Jesus, serem a **glória** de Paulo tanto quanto ele seria a deles. Isto expressa a característica confiança de Paulo. No tribunal de Cristo, a verdade nua a respeito dos homens se tornará conhecida, quando os seus pensamentos e atos secretos forem revelados (Luc. 8:17; Rom. 2:16). Mas o apóstolo confia que tanto ele como os coríntios passarão por esse teste, e que, quando o Senhor o justificar, os coríntios se orgulharão dele tanto quanto ele se orgulhará deles. Em outras palavras, se eles tão-somente puderem compreendê-lo corretamente, poderão orgulhar-se dele, ou seja, ele poderá ser a glória deles mesmo hoje!

2) O Adiamento de uma Visita a Corinto (1:15-2:4)

15 E nesta confiança quis primeiro ir ter convosco, para que recebêsseis um segundo benefício; 16 e por vós passar a Macedônia, e da Macedônia voltar a vós, e ser por vosso intermédio encaminhado à Judéia. 17 Ora, deliberando isto, usei porventura de leviandade? Ou o que delibero, faço-o segundo a carne, para que haja comigo o sim, sim, e o não, não? 18 Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra a vós não é sim e não, 19 porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que entre vós foi pregado por nós, isto é, por mim, Silvano e Timóteo, não foi sim e não; mas nele houve sim. 20 Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim; portanto, é por ele o amém, para glória de Deus, por nosso intermédio. 21 Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, 22 o qual também nos selou e nos deu como penhor o Espírito em nossos corações.

Crendo que os coríntios tinham essa atitude para com ele, Paulo planejava

fazer uma visita dupla a Corinto, na viagem de ida e na de volta da Macedônia, e assim propiciar-lhes "dupla alegria" (v. 16). Ao escrever anteriormente, ele havia previsto apenas uma visita a eles (I Cor. 16:5 e ss.), que devia acontecer na sua volta da Macedônia. Presumivelmente, ele, de alguma forma, havia comunicado aos coríntios a mudança nos seus planos.

O desfecho inesperado dos acontecimentos, em que os coríntios manifestaram a sua hostilidade para com Paulo, levou-o a modificar novamente seus planos. Uma visita prolongada e dupla a Corinto não teria sido **um segundo benefício**, fosse para eles, fosse para ele. Esta outra mudança de planos motivou acerbas críticas contra ele. Foi acusado de dizer **sim e não** a um só tempo; em outras palavras, ele era inconstante, encobria as suas verdadeiras intenções, e não era digno de confiança.

Esta era uma alegação séria, pois se fosse sustentada, como alguém poderia levar a sério a sua pregação? Portanto, Paulo replica: **a nossa palavra a vós não é sim e não**. Aqui ele inclui a **palavra** que pregara e a **palavra** que dera, fosse por carta, fosse verbalmente, a respeito dos assuntos quotidianos. O conteúdo do seu evangelho era **o Filho de Deus, Cristo Jesus**, e nada há de equívoco a respeito dele. A vinda de Jesus fora o longo e altissonante **Sim** de Deus em relação aos seus propósitos de graça e suas promessas declaradas nas escrituras do Velho Testamento.

Pois, tantas quantas forem as promessas de Deus, nele está o sim. Tudo o que Deus prometeu realizar em e através de Israel e todo o mundo, culminando no reino de graça e glória, encontra a sua afirmação e seus cumprimentos em Jesus. A encarnação, a cruz, a ressurreição de nosso Senhor, com o dom do Espírito, enviado por ele do alto, trouxe à luz o reino da nova vida; e a sua consumação será efetuada através dele. Em reconhecimento disto, (diz Paulo) Expressamos **por ele o amém**; reconhecemos que Deus cumpriu a sua palavra através de Cristo, e sempre o fará. Isto nós fazemos em nossas reuniões de adoração, quando declaramos a nossa fé em Deus e a nossa gratidão a ele em um sonoro **Amém**.

Os cristãos primitivos eram reconhecidos pela maneira como faziam soar em uníssono o seu **Amém**, e, se pudéssemos fazer reviver o costume deles hoje em dia, seria, sem dúvida, **para glória de Deus**. Mas **o** Amém pode ser pronunciado e a **glória de Deus** incrementada pela vida, tanto quanto pela língua. Isto também devia estar na mente de Paulo. O fio de ligação do argumento, nos versos 15 e ss., é o pressuposto de que Paulo não podia pregar o evangelho da fidelidade de Deus à sua palavra empenhada, e ao mesmo tempo ser infiel à sua própria palavra. O evangelho da verdade opera a verdade, e o pregador sem veracidade é o pior dos hipócritas. Evitar esse estado era a preocupação de Paulo, a vida toda (1:12 e ss.). A mesma ansiedade será compartilhada por todos os homens que permanecerem na sucessão apostólica de proclamação.

A fidelidade dos servos da palavra, todavia, não é apenas, nem mesmo primordialmente, motivo dos esforços próprios deles. **Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus**. Aquele que "tornou firme" a palavra empenhada dos tempos antigos, na ação redentora de Cristo, torna os homens firmes em Cristo. O pensamento é sugerido pela associação do termo hebraico **Amém** com o verbo grego confirmar, tornar firme, ser digno de confiança. Em Isaías 65:16, a expressão traduzida como "o Deus da verdade" é realmente o **Deus** do amém. Dizemos Amém para **Deus** e confiamos nele, e ele diz Amém para nós e nos preserva.

Isto Deus faz de maneira notável: **ele nos confirma convosco** e **nos ungiu.** Ao reproduzir as palavras de Paulo, os tra-

dutores da RSV (bem como os da IBB), foram influenciados pela crença de que Paulo estava falando de si mesmo, como apóstolo. Mas o termo **ungiu** refere-se à unção. Percebe-se a conexão, se traduzirmos: "Deus nos estabelece com vocês no Ungido, e ele nos ungiu", ou "Deus nos estabelece com vocês no Cristo, e ele nos 'cristou'". Como foi que Deus ungiu Jesus para ser o Cristo? "Concernente a Jesus de Nazaré, como Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder", disse Pedro (At. 10:38). Da mesma forma, aqui também é declarado: "Deus nos ungiu; ele colocou o seu selo sobre nós e nos deu o seu Espírito em nossos corações." Esta linguagem estende-se, com facilidade, a todos os crentes.

O Espírito Santo, segundo se menciona aqui, é dado com duplo objetivo: capacitar-nos para servir a Deus e ao seu reino, como Jesus o fez, e confirmar que herdaremos o reino. Somos cada qual "o ungido do Senhor"! Unidos com Cristo pelo Espírito, somos salvos por ele para sermos os seus instrumentos de salvação. Tanto **selou** como **deu como penhor** são figuras para representar o dom do próprio Espírito, ao invés de dons do Espírito. Através dele, somos "carimbados" como pertencentes a Deus e reservados para o reino de glória (Ef. 4:30).

A palavra traduzida como **penhor**, na linguagem comum, significava uma fiança ou garantia de um artigo, subentendendo-se que o pagamento dessa "entrada" garantia que o resto do dinheiro se seguiria. Portanto, o Espírito Santo é a "entrada" ou "primeiro pagamento" do reino, feito por Deus. Nos profetas do Velho Testamento, o Espírito é prometido como dom de Deus para o reino vindouro (v.g. Ez. 37:14 e s.; Joel 2:28 e ss.). O fato de ter sido ele enviado pelo Senhor ressurrecto é tanto um sinal de que o reino veio, quanto uma garantia, para os que o recebem, de participação na totalidade da salvação de Deus, quando o reino for revelado em plenitude (Ef. 1:13 e s.).

23 Ora, tomo a Deus por testemunha sobre a minha alma de que é para vos poupar que *não* fui mais a Corinto; 24 não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas somos cooperadores do vosso gozo; pois pela fé estais firmados.

1 Mas deliberei isto comigo mesmo: não ir mais ter convosco em tristeza. 2 Porque, se eu vos entristeço, quem é, pois o que me alegra, senão aquele que por mim é entristecido? 3 E escrevi isto mesmo, para que, chegando, eu não tenha tristeza da parte dos que deveriam alegrar-me; confiando em vós todos que a minha alegria é a de todos vós. 4 Porque em muita tribulação e angústia de coração vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que vos entristecêsseis, mas para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho.

Tendo apresentado a certeza de sua confiabilidade, Paulo agora revela a razão pela qual não cumprira a sua promessa de fazer uma dupla visita a Corinto: **para vos poupar**. Para enfatizar a veracidade do que está dizendo, ele introduz o assunto com uma espécie de juramento: **tomo a Deus por testemunha sobre a minha alma**. Isso não apenas dá a entender que Deus sabia que Paulo estava dizendo a verdade, mas ele toma a Deus para agir contra ele, se ele estivesse dizendo uma inverdade; e, no contexto bíblico, este é virtualmente um apelo para que Deus lhe tirasse a vida (cf. At. 5:1 e ss.). O fato de que Paulo estava preparado para usar essa linguagem mostra a força da desconfiança focalizada contra ele em Corinto, e cuja existência era do seu conhecimento. Mas o motivo **para vos poupar** também indica o senso de autoridade que ele estava cônscio de estar exercendo em nome de Cristo perante as igrejas (cf. I Cor. 4:21).

Por outro lado, Paulo estava igualmente consciente dos limites da sua autoridade: **não que tenhamos domínio sobre a vossa fé... pois pela fé estais firmados.** O Senhor Jesus era o fundamento da fé deles, ele e ninguém mais; e ele era o Senhor da fé deles, ele e ninguém mais. Em outro lugar, Paulo repreende o homem que critica seu irmão em Cristo;

pois existe apenas um que é o Senhor de um crente, e perante ele o crente fica de pé ou cai; mas, na verdade, o Senhor é capaz de fazê-lo permanecer de pé (veja Rom. 14:4). Paulo não tem nenhum desejo de usurpar a posição de Cristo na Igreja. Pelo contrário, **somos cooperadores de vosso gozo**. Este é o alvo do labor apostólico: gozo, alegria. "Paulo considerava isto como característica essencial da Igreja", escreveu Adolf Schlatter. "Se isto estivesse faltando, então a mensagem de Jesus não haveria sido recebida, ou não haveria sido entregue; se esse gozo vacilasse, então a fé também vacilaria."[6]

Tendo este alvo diante de si, Paulo fora incapaz, anteriormente, de considerar o cumprimento de sua promessa de uma dupla visita a Corinto, porque isso teria multiplicado as dores, e não a alegria. **Deliberei isto comigo mesmo: não ir mais ter convosco em tristeza**. É claro que isto se relaciona com uma visita dolorosa recente que Paulo havia feito a Corinto; não era a visita em que a igreja fora fundada. Essa outra se demonstrara ocasião triste para eles e para ele, e ele não tinha a intenção de precipitar outra experiência como aquela. **Porque, se eu vos entristeço, quem é, pois, o que me alegra**? pergunta Paulo. A idéia subjacente à sentença que se segue é que ninguém podia tornar Paulo alegre, se ele causasse tristeza aos coríntios; nesse caso, ele não podia ter alegria nenhuma. Este significado se torna claro se, com Jean Hering, traduzirmos a última parte do verso 2 da seguinte maneira: "Certamente não aqueles a quem entristeci."

Ao invés de fazer outra visita dolorosa, portanto, Paulo escreveu uma carta dolorosa. Isto não foi para dar a Paulo uma saída fácil de uma situação difícil, como fica bem claro no verso 4; pelo contrário, a carta custou-lhe **muita tribulação e angústia de coração... com muitas lágrimas**. Da mesma forma, ele não escreveu esta carta para castigar os coríntios; pelo contrário, ele diz, foi **para que conhecêsseis o amor que abundantemente vos tenho**, e desta forma restaurar a comunhão estremecida e a alegria perdida.

Com razão, Denney chama a atenção para o exemplo aqui dado da atitude e dos motivos que um homem de Deus devia ter quando precisava ministrar uma repreensão ou disciplina ao povo de Deus: não denunciando-os ferozmente, nem investindo violentamente contra eles, mas agindo da maneira como Deus agira para com o pecado: tomando o difícil caminho da cruz. "Dependendo disto, não faremos os outros chorarem por algo por que não choramos; não faremos algo tocar o coração dos outros, se primeiro não tocou o nosso. Esta é a lei que Deus estabeleceu no mundo; ele mesmo submeteu-se a ela, na pessoa de seu Filho, e requer que nos submetamos também" (Denney, p. 70).

Aquele que exerce autoridade desta maneira cumpre a palavra de Cristo aos seus discípulos (Mar. 10:45), e, em sua companhia, aprende o significado do sofrimento redentor.

3) Como Tratar o Ofensor (2:5-11)

5 Ora, se alguém tem causado tristeza, não me tem contristado a mim, mas em parte (para não ser por demais severo) a todos vós. 6 Basta a esse tal esta repreensão feita pela maioria. 7 De maneira que, pelo contrário, deveis antes perdoar-lhe e consolá-lo, para que ele não seja devorado por excessiva tristeza. 8 Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor. 9 É, pois, para isso também que escrevi, para, por esta prova, saber se sois obedientes em tudo. 10 E a quem perdoardes alguma coisa, também eu; pois, o que eu também perdoei, se é que alguma coisa tenho perdoado, por causa de vós o fiz na presença de Cristo, para que Satanás não leve vantagem sobre nós; 11 porque não ignoramos as suas maquinações.

A estudada ambigüidade das referências de Paulo a respeito do membro ofensor da igreja, nos versos 5 e ss. e 7:12, e a respeito da pessoa ofendida, em 7:12, é exasperadora para o historiador que está tentando reconstruir a história

6 **Paulus, der Bote Jesu**, p. 485.

das relações de Paulo com a igreja em Corinto; mas, para os que estão procurando orientação acerca da maneira como tratar os ofensores na igreja, esta passagem é instrutiva. Pois aqui Paulo manifesta uma delicadeza tão grande e um tato tão sutil, que é difícil, a nós que dependemos tanto de seus escritos para a nossa informação, descobrir quem foi que ofendeu, e quem foi ofendido. Esta ambigüidade indica onde estava a verdadeira preocupação de Paulo: não em se justificar, mas em restaurar o ofensor a Deus e à paz para com a igreja. Uma vez que esses objetivos fossem alcançados, a ofensa podia ser esquecida.

Até tempos bem recentes era aceito, comumente, que o ofensor devia ser o homem citado em I Coríntios 5:1 e ss., que estava vivendo com a esposa de seu pai, e a quem Paulo havia requerido que a igreja disciplinasse. Para uma discussão a respeito deste assunto, o leitor é remetido à seção da Introdução, que se relaciona com a ocasião e o objetivo desta carta. Aqui, contentamo-nos apenas em aduzir uma consideração que torna improvável a identificação proposta.

Baseando-nos em 7:12, parece que o homem que fora ofendido estava vivo quando Paulo escreveu esta carta. Se o que se tem em vista é o incesto cometido, o filho estava de fato coabitando com a esposa de seu pai enquanto o pai ainda estava vivo — uma situação muito grave. Contudo, Paulo declara que, ao requerer que a igreja disciplinasse o ofensor, ele não tinha em mente nem o pecador nem a pessoa prejudicada, isto é, nem o filho nem o pai, mas (em suas próprias palavras) **para, por esta prova, saber se sois obedientes em tudo** e — ainda mais surpreendente — "para que fosse manifesto, diante de Deus, o vosso grande cuidado por nós" (7:12). É extremamente difícil crer que Paulo pudesse escrever nestes termos a respeito de um homem culpado do incesto descrito. Que se compare o senso de choque moral com que Paulo escreveu I Coríntios 5 com a suavidade a respeito da ofensa em II Coríntios 2:5-11 e 7:8-12, e ser-se-á compelido, certamente, à opinião de que as duas situações nada têm a ver uma com a outra.

As referências ao homem prejudicado (7:12), à dor que isso causou ao próprio Paulo (2:5), à prontidão com que ele mesmo perdoou o malfeitor (2:10), e aos motivos que ele apresenta para exigir retificação do mal causado como um desejo de revelar o zelo dos coríntios por ele, são explicadas com muito maior facilidade se o homem prejudicado for o próprio Paulo. Presumivelmente, a ofensa consistira de um ataque público contra Paulo, quando a sua apostolicidade fora negada, e também a sua integridade, e, possivelmente, até a sua honestidade em questões financeiras (cf. 12:17 e s.).

Baseando-nos na suavidade dos versos 5 e ss. e na conclamação por benignidade, ao tratar com o ofensor, chegamos à conclusão de que aquele homem se arrependera do mal que praticara, e que a igreja precisava de orientação a respeito de como proceder para com ele. No verso 5, Paulo faz duas coisas: tanto alivia a gravidade da ofensa (**se alguém tem causado tristeza**, cf. o verso 10), **tenho perdoado**) e ao mesmo tempo estende o seu raio de ação (**não me tem contristado a mim, mas... a todos vós**), indicando, desta forma, que toda a igreja fora prejudicada pelos atos do ofensor. **Repreensão** lhe havia sido infligida **pela maioria**. Significa isto que a decisão referente ao ofensor não havia sido unânime? Se assim é, não sabemos a razão para a diferença de opiniões: se alguns não haviam desejado infligir-lhe disciplina, ou se alguns haviam desejado castigá-lo ainda mais severamente, por sua falta. Seja qual for a verdade, Paulo considera a ação que fora levada a efeito pela igreja como algo que **basta**, de forma que agora a igreja podia **perdoar-lhe e consolá-lo.**

Ainda mais, Paulo escreve: **Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o**

vosso amor. A palavra **confirmar** é significativa. Presume-se que os coríntios não haviam cessado de amar o membro pecador, seja em sua ofensa, ou ao infligir-lhe disciplina. Não obstante, a disciplina dificilmente podia deixar de afetar os relacionamentos entre o membro faltoso e a igreja, e era desejável que o homem ficasse sabendo, sem sombra de dúvida, que havia um contínuo amor da comunidade por ele.

A razão de Paulo escrever a sua carta triste e grave não havia sido para que tristeza fosse infligida ao homem que o havia prejudicado, mas para que a autenticidade da igreja pudesse ser testada e demonstrada: **para, por esta prova, saber se sois obedientes em tudo**. Será que Paulo queria saber se os coríntios eram **obedientes em tudo** a ele? É duvidoso que devamos responder "sim" sem qualificação. Quanto a tarefa dele, nisto, diz Paulo: "levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo, e estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência" (10:5 e s.). Ele labutava para levar os homens à obediência a Cristo (cf. Rom. 1:15), e só na medida em que ela servia a este propósito supremo, ele requeria obediência a si mesmo. À luz de 10:5 e s., é melhor pensar que o objetivo de Paulo, ao escrever esta carta triste, era testar a obediência dos coríntios a Cristo.

A quem perdoardes alguma coisa, também eu. Paulo estava pronto para unir-se com os coríntios ao perdoarem e restaurarem o ofensor. Mas a força da sentença que se segue não deve ser menosprezada: **O que eu também perdoei... por causa de vós o fiz**. Foi por causa da igreja que Paulo fora incapaz de ignorar a calúnia contra o seu ministério apostólico, e fora compelido a exigir reparação do erro; igualmente, fora pelo amor à igreja que ele perdoara o homem em seu arrependimento. A integridade, santidade, paz e alegria da comunidade era de maior importância do que a condição de Paulo ou a insensatez do ofensor. Por esta razão, Paulo declarou o perdão do penitente **na presença de Cristo**. Tanto a disciplina de membros pecadores da igreja, quanto a remissão da disciplina, têm lugar na presença de Cristo, e, por conseguinte, têm a sua colaboração, autoridade e poder (cf. I Cor. 5:3 e ss.).

A cláusula **se é que alguma coisa tenho perdoado** pode enfatizar a natureza da ofensa como assunto eclesiástico; embora dirigido contra Paulo, o pecado era contra a igreja; daí o perdão da igreja era de primordial importância, e a concordância ou colaboração do apóstolo, secundária. Não obstante, a NEB (New English Bible) traduz esta cláusula da seguinte forma: "até agora, se há algo para eu perdoar", e Plummer a descreve como "um gracioso parêntese". Poderia parecer que, visto que o assunto agora fora acertado completamente, Paulo podia considerá-lo como de somenos importância. Se o resultado fosse outro, naturalmente o apóstolo não teria feito esse comentário.

Motivo não dos menores para perdoar o ofensor e restaurá-lo à comunhão do Corpo é **para que Satanás não leve vantagem sobre nós. A vantagem** teria sido de Satanás se o ofensor ficasse sem ser repreendido, e assim lhe seria permitido exercer uma influência maléfica e não reprimida sobre a igreja. Porém ela ocorreria igualmente se o homem fosse tratado severamente demais, pois então ele poderia perder-se para a comunidade e para a fé. Da mesma forma como ao converter os homens do pecado, ao restaurar o membro faltoso da igreja, o povo de Deus precisa do Espírito Santo, a guiá-lo e ajudá-lo a tomar decisões sábias e corretas.

4) Ação de Graças pela Direção de Deus (2:12-17)

12 Ora, quando cheguei a Trôade, para pregar o evangelho de Cristo, e quando se me abriu uma porta no Senhor, 13 não tive descanso no meu espírito, porque não achei

ali meu irmão Tito; mas, despedindo-me deles, parti para a Macedônia. 14 Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo, e por meio de nós difunde em todo lugar o cheiro do seu conhecimento; 15 porque para Deus somos um aroma de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem. 16 Para uns, na verdade, cheiro de morte para morte; mas para outros cheiro de vida para vida. E para estas coisas quem é idôneo? 17 Porque nós não somos falsificadores da palavra de Deus, como tantos outros; mas é com sinceridade, é da parte de Deus e na presença do próprio Deus que, em Cristo, falamos.

A esta altura, Paulo retoma a narrativa dos seus movimentos e motivos, de que até agora ele dera meros vislumbres (1:8, 15, 23). No entanto, supreendentemente, ele de novo propicia nada mais do que um mero fragmento da história. A memória dos seus dias ansiosos de espera por Tito, que ele agora revela aos coríntios, o leva a relembrar a maneira pela qual Deus removeu o fardo de ansiedade através da vinda de Tito. Ao invés de declarar esse fato de maneira franca, ele irrompe em uma doxologia de louvor a Deus, que lhe dera um ministério tão glorioso, e que de maneira tão maravilhosa o conduzia nele. Por seu turno, isto dá lugar a uma série de meditações a respeito da natureza do ministério apostólico que lhe foi confiado (caps. 3-6). Só em 7:5 e ss. ele completa a história relatada no verso 12 e s. É extraordinário perceber-se que o âmago desta carta, ou seja, as declarações de Paulo concernentes ao seu ministério, é uma digressão. Se isto é assim, podemos agradecer a Deus pelo hábito de Paulo de fazer digressões! Porém, é possível que ele pretendesse, desde o começo, expressar os pensamentos expostos nos capítulos 3 a 6, mas começara a carta sem idéias definidas a respeito do ponto em que deveria introduzi-las.

De Éfeso, Paulo viajou para o porto marítimo de **Trôade**. Este fora o porto em que ele embarcara na sua primeira e momentosa viagem à Macedônia, para começar a sua tarefa missionária na Europa (At. 16:8 e ss.). Evidentemente, ele combinara encontrar-se com Tito em Trôade, quando este voltasse de Corinto, mas ao mesmo tempo pretendia usar essa oportunidade para **pregar o evangelho de Cristo** ali. O sucesso da pregação foi encorajador: **se me abriu uma porta no Senhor**. Não fora outra pessoa, mas o próprio Senhor que abrira o caminho para uma obra poderosa, através do evangelho, e Paulo sentira-se constrangido a obedecer à direção do Senhor. **No Senhor** se relaciona com a expressão "em Cristo", mas dá a entender a necessidade de obediência.

No entanto, o apóstolo estava com o coração dividido. E relembra: **não tive descanso no meu espírito, porque não achei ali meu irmão Tito**. A tradução inglesa que serve de base para esta obra no original, a RSV, (Revised Standard Version), usou de paráfrase. Nesta passagem, "mente" é, na verdade, **espírito**, e o espírito é o aspecto da constituição do homem responsável para com o Espírito de Deus. Em que dilema terrível Paulo então se encontrava! O seu próprio espírito o impulsionava em duas direções: para Corinto e para Trôade; e o Espírito de Deus o pressionava a respeito de duas preocupações: pelos perdidos de Trôade, que deviam ser ganhos, e pelos vacilantes de Corinto, que podiam perder-se! Na sua agonia de alma, o pastor ganhou a batalha sobre o evangelista. Paulo sentiu-se compelido a despedir-se dos cristãos de Trôade e atravessar o mar, para encontrar-se com Tito, na Macedônia.

A mudança de tom, no verso 14, para o que nenhuma preparação é feita nas sentenças anteriores, encontra explicação em 7:5 e ss., cujo conteúdo pode presumir-se esteja na mente de Paulo a esta altura. A ansiedade de Paulo transforma-se em abundante alegria, mediante as notícias que Tito trouxera a respeito do arrependimento dos coríntios. A transformação da cena, em Corinto, de um estado de desordem e desobediência para o de arrependimento e renovação do

amor, é típica da experiência de Paulo acerca da graça de Deus, no seu ministério. Por conseguinte, ele enuncia uma doxologia que celebra a operação da graça de Deus em seu ministério: **Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo!** O quadro pintado por estas palavras é emocionante. É o da procissão triunfante que, nos tempos antigos, era feita em honra a um famoso general, quando ele voltava ao lar, depois de anos de ausência, no campo de batalha, ganhando notáveis vitórias. O conquistador passava em sua carruagem, acompanhado pelos seus ajudantes de ordem de confiança, montados em cavalos, e seguido por uma fileira de cativos em cadeias e despojos da guerra.

Ironicamente, um dos monumentos mais bem preservados, da antiga Roma, é o Arco de Tito, no Fórum, erigido para comemorar a sua vitória arrasadora sobre os judeus e a destruição do Templo de Jerusalém (70 d.C.). O arco descreve a procissão magnificente e triunfal que foi preparada para Tito, e, na procissão, o candelabro de sete braços, tirado do Templo, é apresentado de maneira proeminente. Paulo teria ficado triste além do que as palavras podem expressar, se tivesse vivido para ver esse arco em Roma, mas isso não o levaria a mudar nem uma só palavra do que escreveu nesta passagem. Porque ela expressa a convicção central de sua vida, a saber, que Deus havia obtido a vitória decisiva de todas as eras, por ocasião da morte e ressurreição de Jesus Cristo, e que desde então a história é o cenário da marcha triunfal de Deus, para a manifestação final, em glória, do reino que Cristo inaugurou.

O ministério apostólico não é meramente uma testemunha desse triunfo, mas faz parte do desfile triunfal. Ele celebra a vitória sobre os poderes do pecado e da morte; e, ao proclamar as gloriosas notícias, convida homens e mulheres para participarem das bênçãos da libertação que foi obtida. Esta é uma concepção magnificente do ministério cristão. Vê o ministério não como uma procissão funeral a caminho do túmulo, embora alguns dos seus proclamadores sejam incompreensivelmente soturnos, mas como uma procissão triunfante, saindo do túmulo vazio de Cristo, para a sua vinda em poder e glória. Mais do que isto, o Senhor, que obteve a sua vitória na encruzilhada das eras, exibe perpetuamente o seu poder no ministério dos seus servos, como Paulo constantemente experimentou e como testificaram os acontecimentos havidos em Corinto. O resultado feliz da crise ocorrida em Corinto foi a evidência contemporânea de que Deus **sempre conduz** os seus servos em triunfo.

Que lugar ocupa o apóstolo na marcha triunfal de Deus? Calvino, seguido por alguns exegetas modernos, pensava que Paulo tinha nela um lugar comparável aos dos companheiros do vitorioso, que marchavam ao seu lado na procissão; pois Paulo, como os oficiais do comandante, havia-se empenhado em grandes batalhas, e havia obtido notáveis vitórias para o Senhor. De maneira comparável, os ministros de Cristo, em todos os tempos, assumem o seu lugar de honra no desfile de vitória.

Esta interpretação é, quase que indubitavelmente, errada. Só há uma outra passagem neotestamentária em que esta palavra (em grego) "levar em triunfo" é encontrada (Col. 2:15), e ali ela tem um significado quase idêntico ao que tem aqui. Deus, através da morte e ressurreição de Cristo, é mencionado como tendo "despojado os principados e potestades... e deles triunfou na mesma cruz", ou como poderíamos também traduzir: "levou-os no séquito do seu triunfo." Da mesma forma como o Senhor havia vencido os poderes espirituais e exibido a sua vitória sobre eles, também Cristo triunfou sobre Paulo, derrotando o seu orgulho obstinado e incredulidade pecaminosa. Ele exibiu o seu poder nele, transformando a sua rebelde oposição em uma

disposição em segui-lo em amor, como servo e adorador. É característica de Paulo o fato de ele reclamar não o lugar ao lado do Senhor vitorioso, em sua marcha triunfal, mas o de oponente que havia sido vencido — dominado pela graça e amarrado à carruagem do Salvador pelos laços do amor, que se manifestava como reação ao amor insondável do Vencedor.

Por meio de nós, acrescenta Paulo, **Deus... difunde em todo o lugar o cheiro do seu conhecimento.** O quadro da marcha triunfal provavelmente ainda está na sua mente. Em tais ocasiões, o caminho do vencedor era marcado por nuvens de incenso, que se elevavam de incensários, carregados ao longo do caminho. Assim também o conhecimento de Deus é difundido pelos pregadores apostólicos, enquanto eles proclamam a vitória do Senhor em seus atos redentores e em sua presença contemporânea ao longo das estradas da história. Em verdade, este é um **aroma** de tipo precioso — de liberdade, vida e salvação, compartilhando confiança, alegria e esperança. Contudo, deve ser observado que o apóstolo não apenas espalhava o aroma do conhecimento de Deus através do evangelho, mas em suas próprias pessoas era, para **Deus... um aroma de Cristo.** No serviço do evangelho, o pregador e a pregação estão ligados inseparavelmente.

A figura da marcha triunfante se presta a esse pensamento. Porém dificilmente podemos deixar passar o bem conhecido conceito bíblico de que um sacrifício aceitável é uma fragrância agradável a Deus: "Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave" (Ef. 5:2). O pregador apostólico da cruz é, em si mesmo, através de sua proclamação, uma reminiscência fragrante de Cristo a Deus — pensamento sublime para qualquer pregador!

Mas o mensageiro de Cristo **é um aroma de Cristo** não apenas para com Deus, mas também para com os homens, enquanto se move entre eles e dá testemunho diante deles. Não obstante, como é diferente a reação dos homens para com o aroma de Cristo, no evangelho e seus pregadores! **Nos que se perdem** é **cheiro de morte para morte.** É uma recordação da morte, e tem odor de morte. Para tais pessoas, somos **persona non grata** como a própria morte, e, por isso, somos repelidos por elas como nauseantes; mas a rejeição de Cristo, em seu evangelho e seus mensageiros, leva à **morte.** Semelhantemente, o evangelho e os pregadores de Cristo parecem, para os **que se salvam**, como **cheiro de vida** — o aroma do jardim da ressurreição na manhã da Páscoa! O fato de eles aceitarem as boas-novas os leva **para a vida.** Agora eles a possuem, e a possuirão em plenitude no último dia, o dia da ressurreição, do qual à Páscoa é a promessa e o penhor.

Tal diferença nos efeitos do aroma de Cristo sobre o povo pode ser comparada com os efeitos diferentes que a fragrância dos incensários, nos desfiles triunfais do passado, deviam ter sobre as multidões que davam as boas-vindas aos seus conquistadores, e as vítimas infelizes que eram arrastadas na procissão: para as multidões era uma fragrância de vitória, para os homens acorrentados, um cheiro de destruição. Em vista da aplicação que Paulo faz desta figura, é improvável que esta aplicação em particular estivesse em sua mente. Mas havia uma opinião corrente entre os rabis, de acordo com a qual a lei de Deus era um remédio para vida ou um remédio para morte (isto é, um veneno), sendo a diferença determinada pela atitude dos que a recebiam. Afirmava-se quando um homem estudava a lei para o seu próprio bem, ela se tornava um meio de salvação para a sua vida; mas, se ele estudasse a lei com objetivos egoísticos, ela se tornava para ele um meio de morte.

Se Paulo conhecia este ensinamento, devia tê-lo rejeitado, porque nenhum homem levara a lei mais seriamente do que ele. Mas ele a experimentara como

um meio de morte. (De fato, Paulo expõe este tema no capítulo seguinte.) Seria coerente com o ensino de Paulo em outras passagens, se ele estivesse familiarizado com este elemento de instrução rabínica e tivesse reclamado para Cristo e o evangelho o que os rabis haviam reivindicado para a lei. Ele mesmo havia recebido vida através de Cristo no evangelho, e havia testificado efeito semelhante na vida de incontáveis outras pessoas que o haviam recebido por fé; mas ele também havia observado as violentas reações contra o evangelho, e, acima de tudo, havia-se entristecido porque este se tornara uma suprema pedra de tropeço para Israel (cf. I Cor. 1:18 e ss.; Rom. 9-11). Era um maravilhoso privilégio ser o meio de vida para os homens, mas uma tristeza ser o agente do juízo para eles.

Não é de se admirar que Paulo, horrorizado com a terrível responsabilidade que caíra sobre ele, como arauto do evangelho, exclamasse: **E para estas coisas quem é idôneo**? A resposta não é dada imediatamente, mas não há dúvida de que o contexto exige resposta: Ninguém. Qualquer pessoa sensível ficará perplexa com o pensamento de que foi indicada para ser, em si mesma e em sua mensagem, um veículo de vida para alguns homens, e um veículo de morte para outros. Ninguém, a não ser Deus, pode capacitar um homem a estar à altura das exigências desse ministério (é isso o que Paulo fala explicitamente em 3:5).

Não obstante, Paulo lembra que há homens, inclusive pregadores, que haviam estado ativos em Corinto, que se consideravam completamente auto-suficientes, e que pervertiam o evangelho, no seu ministério. A esses ele chama de **falsificadores da palavra de Deus**. O termo **falsificadores** traz à mente o pensamento de camelôs que ficam nas esquinas ou vão de casa em casa, levando artigos baratos, que eles tentam impingir com sua conversa persuasiva. Na época de Paulo, isso relacionava-se especialmente aos vendedores de vinho, fossem mercadores ou taverneiros. O escritor Luciano fala de filósofos que vendiam a ciência e eram como balconistas que usavam de medidas falsas, depois de adulterar e falsificar o que vendiam. O objetivo de adulterar vinho, claro, era fazer mais dinheiro. Ao usar o termo **falsificadores**, Paulo devia ter em mente especialmente os homens que pregavam a palavra de Deus com intuitos lucrativos. Portanto, é de bom alvitre observar que tais homens estavam prontos para acomodar o evangelho, com o objetivo de torná-lo mais aceitável, e assim encher mais facilmente os seus próprios bolsos.

Que meio de vida incompreensível é esse, ocupar um cargo que determina vida ou morte para os homens, e aviltá-lo de tal maneira a fazer dele algo como uma banca na sarjeta, para a venda de refresco adulterado, cobrando duas vezes o preço normal! É esse o efeito de um ministério usado para vantagem pessoal, e não para a glória de Cristo. Ao rejeitar tais expedientes, Paulo enuncia o ideal para todo homem de Deus: **é com sinceridade, é da parte de Deus e na presença do próprio Deus, que, em Cristo, falamos**. Aquele que sabe que foi enviado por Deus para o ministério, e que exercita esse ministério permanentemente **na presença do próprio Deus**, e que fala com a consciência de estar em comunhão com Cristo, sua vida e seu Senhor, achará impossível ser algo diferente do que um homem sincero.

3. A Glória e a Vergonha do Ministério Apostólico (3:1-6:10)

1) Ministros da Velha e Nova Alianças (3:1-11)

1 Começamos outra vez a recomendar-nos a nós mesmos? Ou, porventura, necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós, ou de vós? 2 Vós sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens, 3 sendo manifestos como carta de Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne do coração. 4 E é por Cristo que temos tal confiança

em Deus; 5 não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus, 6 o qual também nos capacitou para sermos ministros dum novo pacto, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica. 7 Ora, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fixar os olhos no rosto de Moisés, por causa da glória do seu rosto, a qual se estava desvanecendo, 8 como não será de maior glória o ministério do espírito? 9 Porque, se o ministério da condenação tinha glória, muito mais excede em glória o ministério da justiça. 10 Pois, na verdade, o que foi feito glorioso, não o é em comparação com a glória inexcedível. 11 Porque, se aquilo que se desvanecia era glorioso, muito mais glorioso é o que permanece.

A pergunta **Começamos outra vez a recomendar-nos a nós mesmos?** é, talvez, sugerida por se refletir na declaração imediatamente precedente, que pode ser considerada como auto-recomendação (2:14-17); observe-se especialmente o contraste, no verso 17, entre Paulo e os "falsificadores" da palavra de Deus, alguns dos quais estavam em Corinto). Além disso, a pergunta surgiu porque Paulo havia escrito sob grande tensão, em época anterior. O apóstolo havia sido forçado a defender-se dos ataques desferidos contra o seu caráter e sua autoridade. Nenhuma passagem reflete mais verdadeiramente, do que o capítulo 11 desta carta, essa autojustificação apostólica (veja os comentários a esta passagem). No entanto, como um contraste à auto-recomendação a que Paulo fora forçado a se empenhar, aqui ele zomba da idéia de que necessitava de **cartas de recomendação** para os coríntios, ou da parte deles.

Essas cartas eram, indubitavelmente, comuns na igreja primitiva, e escritas com o objetivo de apresentar viajores cristãos às igrejas que estavam em regiões diferentes das deles (veja, por exemplo, a recomendação de Judas e Silas, em Atos 15:22 e ss., e de Apolo, em Atos 18:27, de Febe, em Romanos 16:1 e s., e dos dois companheiros de Tito nesta carta, 8:18 e ss.). A menção, feita por Paulo, de **alguns** que precisavam de cartas dos coríntios e para eles, pode estar fazendo referência a esses "falsificadores" da palavra de Deus (2:17), que haviam levado cartas desse tipo para Corinto. Fora dessa maneira que eles haviam ganho acesso à igreja nessa cidade, e procuravam obter o mesmo de Corinto para outras igrejas. Visto que essas cartas serviam como autorização dos portadores, o fato de Paulo não possuí-las podia ser alegado, pelos seus oponentes, como evidência de que ele não tinha autorização de uma igreja reconhecida, e que, portanto, não era apóstolo, mas pregador autonomeado, isolado das igrejas de Cristo.

Paulo, pelo contrário, tinha o hábito de enfatizar duas considerações complementares: por um lado, o seu evangelho era idêntico ao dos outros apóstolos (I Cor. 15:3-11), e, por outro lado, ele fora indicado como apóstolo pelo Senhor ressuscitado, sem a assistência dos outros apóstolos (Gál. 1:1,15 e ss.). Da maneira como ele começara, assim continuava: os sinais do seu apostolado eram propiciados pelo Senhor, e não pelos homens (cf. Rom. 15:17 e ss.). De qualquer forma, Corinto era o último lugar da terra para o qual Paulo precisava de uma carta de recomendação. Porque, disse o apóstolo, **vós sois a nossa carta** de recomendação. Os coríntios haviam experimentado a libertação que Cristo dá, e a vida em Cristo, através do ministério de Paulo; isso era demonstração suficiente de que agradara, ao Senhor ressuscitado, usar esse homem como seu representante e instrumento.

É possível que a declaração do versículo seguinte: (vós sois) **carta de Cristo, ministrada por nós**, deva ser traduzida como "vós sois uma carta de Cristo... escrita por nós". Isto significaria que o Senhor produzira os coríntios como sua carta viva, através do ministério e agência de Paulo; o Mestre escrevera nos corações dos homens através do ministé-

rio e agência de Paulo; o Mestre escrevera nos corações dos homens através do seu secretário particular, Paulo. Essa carta era muito mais eficiente do que qualquer carta de recomendação provinda de uma igreja. A igreja coríntia era conhecida em toda parte, de forma que Paulo podia falar da carta que eram eles, como **conhecida e lida por todos os homens**. Em contraste com uma carta particular, enviada de uma igreja para outra, o fenômeno da igreja em Corinto era um testemunho eloqüente para todos os homens, a respeito da obra do Senhor através do seu servo Paulo. E, sobretudo, eles eram uma carta, escrita **não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo**. O Espírito Santo é o poder de Deus e a vida de Deus em operação no mundo. Quando Cristo operou pelo Espírito, através do apóstolo, nas vidas dos coríntios, foi uma obra poderosa de transformação e uma operação vivificadora que teve lugar. Esse é o tipo de carta que o Senhor escreve, quando conta com um amanuense que conhece as suas próprias fraquezas, prega a cruz e se lança nos braços do Espírito (veja I Cor. 2:1-5).

A menção de que Cristo escreveu através do Espírito, nas vidas dos homens, faz Paulo lembrar-se da passagem que diz que Deus escreveu para o seu povo, nos tempos antigos, as palavras da antiga aliança nos Dez Mandamentos. Por esta razão, Paulo fala do Senhor escrevendo em **tábuas**, e não em papiros, que era o material em que se escrevia nos tempos de Paulo. No Sinai, Deus escrevera em tábuas de pedra, e Moisés fora o seu mensageiro escolhido; em Corinto, o Espírito escreveu em tábuas de corações humanos, e Paulo fora o agente indicado. Estas palavras nos fazem lembrar uma passagem em Ezequiel (36:26 e s.), que declara que o Senhor daria ao seu povo um coração novo, substituindo o coração de pedra por um coração de carne. Através desta operação do Espírito, a promessa dada através de Jeremias (31:33 e s.) teria cumprimento. Uma nova aliança seria dada quando a lei fosse escrita nos corações dos homens, e assim se tornasse um princípio interior, em vez de ser um sistema externo de ordenanças.

O contraste entre a velha aliança e a nova é um tema familiar, nas cartas de Paulo, mas não deve passar despercebido o fato de que a sua maneira de apresentar esse tema, a esta altura, implica em um contraste entre o ministério de Moisés e o seu próprio ministério. Nos parágrafos imediatamente seguintes, este elemento de comparação se torna explícito, mas o uso do plural (nós) não deve distrair-nos do fato de que Paulo está escrevendo a respeito do seu próprio ministério e de sua autoridade, à luz da negação de sua validade levada a efeito pelos seus opositores em Corinto. Aquilo que pode pensar-se ser audácia, ao afirmar a superioridade do seu ministério em relação ao de Moisés, fundador da teocracia, é, segundo o pensamento de Paulo, o resultado da superioridade da nova aliança sobre a velha, que ele agora passa a expor.

Se for feita a acusação de que esta confiança do apóstolo é produto de uma mente inchada de orgulho, Paulo responde que, pelo contrário, é **por Cristo que temos tal confiança** em Deus. Isto é, ela foi gravada em seu coração e mente através de Cristo, e é dirigida inteiramente para Deus. Em última análise, é confiança na verdade do evangelho, na realidade do poder redentor de Cristo, e na eficiência da obra do Espírito Santo, e sua capacidade de usar um homem em seu serviço. Paulo já havia dado a entender este fato quando descrevera o seu ministério como participação na marcha triunfal de Deus na história (2:14 e ss.). Agora ele declara que não tem poder nem autoridade em si mesmo. A **nossa capacidade** vem **de Deus** — isto é suficiente para qualquer homem!

No entanto, esta suficiência ou capacidade não deve ser encarada em termos genéricos. Não é um chavão piedoso, que

qualquer devoto, de qualquer religião do mundo, podia usar. Bem especificamente, é uma competência que se origina do fato de ser ele um ministro da nova aliança. Pois a grande característica desta aliança, prometida através do profeta Jeremias, como dom de Deus para a nova era (Jer. 31:31 e ss.), é que ela consiste **não da letra, mas do espírito**. Tudo o que uma pessoa relacionar com o ensinamento bíblico a respeito do Espírito Santo, como poder de Deus para criar e re-criar, para revelar e inspirar, para dar vida e banir o mal, tudo isto é característico da nova ordem. É o Espírito que propicia mediação da suficiência de Cristo para os ministros da nova ordem.

Por que é que, neste ponto, Paulo introduz o conceito da nova aliança? Em parte, sem dúvida, é porque os seus oponentes em Corinto eram mestres judeus, jactando-se de sua herança judaica. Todavia, mais importante do que isto é a menção que Paulo faz do Espírito, que inspirava o seu ministério. Sim, pois o contraste entre a antiga dispensação, da qual a principal característica era a lei, e a nova ordem, da qual a principal característica é vida através do Espírito, estava no âmago do seu ensino, e era o ponto central de sua própria experiência de salvação. Como um homem que estivera debaixo da velha aliança, Paulo havia sido dominado pela lei de Moisés. Como um homem em Cristo, a sua vida agora era dominada pelo Espírito. A diferença entre os dois estados era a diferença entre a vida e a morte.

Torna-se necessária a totalidade de Romanos 7 e 8 para se entender o verso 6. Em Romanos 7, Paulo analisa a sua experiência sob a lei, que para ele significava uma revelação do mal que estava no seu coração, uma incapacidade para cumprir as exigências justas de Deus, e assim desesperar, tendo a morte no fim do caminho. Em contraste com esta situação, Cristo, no evangelho, havia propiciado vida para ele, libertação, alegria e poder sobre todas as forças do universo, precisamente porque a ordem de Cristo é caracterizada pela "lei do Espírito da vida, que te livrou em Cristo Jesus da lei do pecado e da morte" (Rom. 8:2). Assim, nesta passagem, **a letra mata**, porque ela pode apenas revelar exigências que têm o efeito de condenação do culpado. Mas **o espírito vivifica**, porque ele serve de medianeiro para a vida da nova criação que veio ao mundo através de Cristo.

O contraste entre os ministérios da velha e nova alianças é desenvolvido no verso 7 e ss. É importante observar que não são simplesmente as duas eras da antiga e nova alianças que são contrastadas, como o termo "dispensação", na versão inglesa da RSV (Revised Standard Version), pode sugerir, nem a lei e o evangelho são colocados em contraposição um ao outro de maneira geral. A palavra traduzida pela RSV como "dispensação", em inglês, e **ministério** pela versão da IBB, em português, é o termo comum **diakonia**, do grego, que normalmente significa ministério ou serviço; e não há razão por que ele não possa ser entendido nesta acepção aqui. São o **ministério** da lei exercido por Moisés e o **ministério** do evangelho mantido por Paulo que são colocados em contraste.

A Moisés fora dado o solene ministério de comunicar a lei. Esta foi **gravada com letras em pedras** e, portanto, era, e ainda continua sendo, essencialmente um mandamento externo, sem poder para inspirar o que requer. Conseqüentemente, ela produziu morte para aqueles a quem foi entregue. Portanto, o ministério de Moisés foi o ministério da morte. Não obstante, a despeito de sua natureza austera, sua inauguração foi marcada por uma manifestação de glória divina, e essa glória se estendeu ao seu ministro. Paulo está aludindo, aqui, à narrativa de Êxodo 34:29 e ss., que fala como Moisés desceu do Monte Sinai com o rosto brilhando, por causa de sua conversa com Deus. Paulo nunca hesitou e tinha autoridade (cf. Rom. 7;12 e ss.), e da mesma

forma reconhecia livremente a glória daquele que a havia ministrado.

Contudo, em contraste marcante com este serviço da lei, o próprio Paulo exercera **o ministério do espírito**. Pois o evangelho era as boas-novas de que o Cristo de Deus havia trazido à existência a era prometida, de salvação, a era da soberania salvadora de Deus (isto é, o reino de Deus). Por conseguinte, o ministério **da morte** pode corretamente ser contrabalançado pelo ministério **do espírito**, visto que é o Espírito que dá vida. Este ministério também é cercado de glória, e a sua glória é maior do que a que foi dada a Moisés, tão certamente quanto o evangelho é mais glorioso do que a lei promulgada por Moisés. A face de Paulo, ou de qualquer outro ministro cristão, pode não brilhar como a de Moisés quando desceu do Sinai, mas a glória do seu ministério está afim com a glória da salvação proclamada no evangelho — escondida até a revelação dos filhos de Deus no último grande dia (Rom. 8:19).

O ministério de Moisés, como o de seus seguidores, era **o ministério da condenação**, mas o de Paulo e seus companheiros de ministério era **o ministério da justiça**. Esta comparação segue-se à anterior, e, de fato, a explica. Pelo fato de produzir condenação para aqueles a quem é entregue, em razão de não conseguir o cumprimento de suas exigências, a lei também produz morte; mas o Espírito estabelece o homem em Cristo, e assim capacita-o a participar da justiça de Cristo (Estes efeitos contrastantes da lei e do Espírito são explanados minuciosamente em Rom. 8:1-11).

Finalmente, Paulo indica que o ministério da lei é temporário; como a glória na face de Moisés, ele **estava desvanecendo** quando o evangelho veio. Mas o ministério das boas-novas de Cristo faz parte do **que permanece**. Mais uma vez, a totalidade da mensagem paulina dá-se a entender por suas palavras, pois a função transitória da lei é um tema constante, em suas cartas, (cf. Rom. 3-4; Gál. 3-4). Este severo "professor" era, de fato, da velha escola, flagelando desapiedadamente os homens, em suas consciências, e reduzindo-os ao desespero, para que por fim eles possam lançar-se, desesperados, aos pés do único que os pode salvar (Gál. 3:24). O ministério do evangelho, pelo contrário, fala do Cristo que introduziu a salvação do reino eterno de Deus, e, por isso, faz parte do que permanece. Diante do esplendor deste ministério, a glória do ministério de Moisés empalidece e se reduz a nada, da mesma forma como as estrelas desaparecem antes do alvorecer.

2) A Alegoria do Véu (3:12-4:6)

12 Tendo, pois, tal esperança, usamos de muita ousadia no falar. 13 E não somos como Moisés, que trazia um véu sobre o rosto, para que os filhos de Israel não vissem o final da glória que se desvanecia; 14 mas o entendimento lhes ficou endurecido. Pois até o dia de hoje, à leitura do velho pacto, permanece o mesmo véu, não lhes sendo revelado que em Cristo é ele abolido; 15 sim, até o dia de hoje, sempre que Moisés é lido, um véu está posto sobre o coração deles. 16 Contudo, convertendo-se um deles ao Senhor, é-lhe tirado o véu. 17 Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade. 18 Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.

1 Pelo que, tendo este ministério, assim como já alcançamos misericórdia, não desfalecemos; 2 pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; mas, pela manifestação da verdade, nós nos recomendamos à consciência de todos os homens diante de Deus. 3 Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto, 4 nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. 5 Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor; e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus. 6 Porque Deus, que disse: Das trevas brilhará a luz, é quem

brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.

Uma olhadela no conteúdo destes dois parágrafos mostra que o tema do primeiro tem continuidade no segundo. Este fato deu origem a uma conhecida interpretação desta passagem, que é a seguinte: A passagem (4:1-6) é mais entendida como refutação das alegações dos opositores de Paulo em Corinto, de que o apóstolo não era aberto e honesto em sua pregação; eles diziam que ele escondia a verdadeira natureza de suas crenças, obscurecendo deliberadamente a sua pregação e fazendo do cristianismo uma espécie de religião de mistério.

Paulo prevê esta acusação em 3:12 e ss., de maneira grandemente engenhosa. Ele se refere a uma característica da narrativa do Êxodo, que acabara de citar. Quando a lei foi dada, Moisés colocou um véu sobre sua face ao terminar de falar com o povo; mas quando voltava para comungar com Deus o tirava (veja Êx. 34:29 e ss., RSV; observe que a tradução da KJV — King James Version — do verso 33, confunde um pouco, mas é corrigida na RSV). O que se infere é que não era Paulo o pregador do evangelho que tinha medo de declarar a verdade de Deus abertamente ao povo, mas Moisés e seus sucessores em Corinto. Da mesma forma como Moisés não quisera que os israelitas percebessem que a sua glória era desvanecente e que o seu ministério era temporário, também os seus sucessores em Corinto não estavam preparados para se declararem com fervor. Qualquer mal-entendido do evangelho de Paulo era devido à contínua dureza dos judeus e à contínua atividade de Satanás.

Indubitavelmente, este é um ponto de vista atraente, e tem sido adotado por muitas pessoas. Não obstante, cria algumas dificuldades. Acima de tudo, se 3:12 e ss. devesse ser interpretado à luz de 4:2, devia ligar Moisés com homens que empregavam métodos **vergonhosos... andando com astúcia**, com **coisas ocultas, adulterando a palavra de Deus**. Nem que se faça um esforço de imaginação pode-se pensar que Paulo atribuísse tal comportamento a Moisés. Mais do que isso, aqueles que têm sugerido esta forma de entender esta passagem nem sempre têm percebido que a linha de pensamento do verso 12 e ss. está intimamente ligada com a do parágrafo precedente, e que realmente não há interrupção. O tema de 3:7-11 é uma comparação do ministério de Moisés com o de Paulo, em relação às duas alianças que eles representam, e isto, sem dúvida, é também o assunto do verso 12 e ss. A exposição alegórica do uso que Moisés faz do véu, no verso 12 e ss. é uma continuação natural do emprego que Paulo faz desta história até agora. Portanto, consideramos que é preferível não imaginar nenhuma consideração secundária, nesta passagem, e presumir que Paulo continua sem interrupção a discussão em que se empenhara em 3:7 e ss.

A **esperança** mencionada no verso 12 parece combinar uma confiança quanto à glória que acompanha a proclamação do evangelho no presente, com uma expectativa de uma revelação dessa glória no futuro. O próprio evangelho tem, em seu cerne, uma manifestação de uma glória que tem um futuro, a saber, a do Cristo encarnado, crucificado e ressurrecto, que voltará em majestade, para a vitória do seu reino. Da mesma forma como acontece com o evangelho, também ocorre com os seus pregadores: seja qual for a sua sorte no presente, pertence-lhes uma glória que será vindicada no triunfo do seu Senhor, e, portanto, eles podem ter **muita ousadia**.

De 3:11, parece que Paulo considerava o ministério de Moisés ligado de maneira semelhante com o destino da lei. O ministério de Moisés fora acompanhado por uma glória que era genuína, mas passageira; assim, também, a função da lei de que ele era mediador era dada por Deus, mas apenas durante certo tempo. Ao contrário do pregador apostólico, que

sabe que ele tem uma palavra final de Deus para os homens, que permanecerá para sempre, Moisés não recebera uma palavra assim para os homens, e velara a sua face do seu olhar, para que eles não percebessem a natureza provisória do seu ministério, mediante o languescimento do seu esplendor. Esta é a lição que Paulo tira da narrativa do Êxodo. Podemos ter a certeza de que ele não a teria interpretado assim se não tivesse chegado já a esta compreensão da natureza da lei; porém, tendo já entendido a verdade, a vê refletida na história do Velho Testamento.

De maneira semelhante, Paulo continua, estendendo o uso alegórico da narrativa, à luz da verdadeira história de Israel e de sua própria experiência como evangelista entre eles. O véu que estava sobre a cabeça de Moisés permanece sobre as Escrituras que ele deu, bem como sobre o resto das palavras de Deus, sempre que elas são lidas entre os judeus. O contexto torna claro que não é falha das palavras em si, mas da parte dos leitores e ouvintes. O **entendimento lhes ficou endurecido... um véu está posto sobre o coração deles**. Isto é falta de compreensão não por falta de inteligência, mas devido a mentes que não se arrependeram, calejadas devido à sua resistência à revelação. A referência imediata é aos contemporâneos de Moisés, que haviam-se ocupado em fazer um bezerro de ouro, enquanto Moisés estava recebendo a lei, e que demonstraram a sua obstinação muitas vezes depois daquela.

Paulo conhecia o Velho Testamento suficientemente bem para saber que a mesma espécie de experiência era familiar aos profetas (veja, por exemplo, Isaías 6 e todo o livro de Jeremias), e sabia que a mesma atitude de incompreensão era tomada em relação ao ministério e ensino de Jesus (cf. Mar. 4:11 e s.). A tragédia de Israel é que ele possuiu as palavras de Deus (não apenas a lei, mas também os profetas, os salmos e palavras semelhantes) que contêm declarações dos requisitos de Deus, e igualmente da graça e benignidade e maravilhosas promessas; mas o significado do todo está oculto aos olhos dos que não vêem. A experiência tem mostrado que é somente **em Cristo que o véu é abolido**. Ele tira o véu! Paulo lembra a declaração de Êxodo 34:34: "Mas, entrando Moisés perante o Senhor, para falar com ele, tirava o véu até sair; e saindo, dizia aos filhos de Israel o que lhe era ordenado." No verso 16, Paulo generaliza isto, e declara: "**Convertendo-se um deles ao Senhor**, isto é, ao Senhor Jesus ressuscitado, **é-lhe tirado o véu**. Essa pessoa começa a aprender o significado de palavras que já conhecia bem, de forma que passa a entender o verdadeiro significado de Moisés e sua lei, o cumprimento das promessas de Cristo, e a disponibilidade da graça hoje em dia; e então, por fé, através do Espírito, recebe a vida da era futura. Essa era a experiência de Paulo. Quando as escamas caíram de seus olhos, depois de se ter encontrado com o Senhor ressurrecto, ele não somente viu propriamente Ananias (At. 9:18), porém, mais do que isto, viu o Senhor nas Escrituras.

O Velho Testamento não se tornou Novo Testamento (as duas alianças não podem ser confundidas!), mas tornou-se um novo Velho Testamento, para Paulo. Como ele leu avidamente as Escrituras quando percebeu que possuía, em Cristo, a chave para elas! A experiência dos discípulos, a caminho de Emaús (Luc. 24:32), e a dos apóstolos, no Cenáculo (Luc. 24:44 e s.), tornaram-se normativas para o resto da vida dele. E têm-se tornado reais para multidões, desde aquela época, tanto de judeus como de gentios, para quem a Bíblia como um todo se tornou um livro novo, ao se voltarem para o Senhor.

A razão para esta experiência universal é apresentada nas palavras seguintes: **Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade.** O alvo imediato desta declaração é claro:

no Velho Testamento o Espírito Santo é especialmente o Espírito de profecia, de forma que ele é considerado como a fonte das Escrituras. Quando um homem se volta para o Senhor Cristo, o Espírito que este enviou remove o véu da falta de compreensão, e o capacita a entender as Escrituras. Esse mesmo Espírito lhe dá **liberdade** — liberdade, acima de tudo, da servidão para com o código escrito, que mata, agora ele não é mais amarrado ao mandamento externo, gravado com letras em pedras. Pelo contrário, na comunhão de Cristo e através da nova vida do Espírito, começa a experimentar a liberdade, que emancipa os filhos de Deus. Desenvolver este tema foi o propósito da Epístola de Paulo aos Gálatas.

Embora haja concordância geral a respeito desta maneira de entender o verso 17, a linguagem da cláusula inicial tem ocasionado perplexidade. O que desejava Paulo dizer exatamente, ao escrever: **o Senhor é o Espírito**? Não poucos expositores têm insistido que essas palavras devem ser entendidas literalmente, e as têm interpretado como se Paulo identificasse o Senhor ressurrecto com o Espírito Santo. A resposta à pergunta: Quem é o Espírito Santo? deve ser: O Cristo ressurrecto. Para a maioria dos intérpretes, esta parece uma interpretação impossível das palavras de Paulo, não menos por causa de declarações que ele fez em outros textos de suas cartas aos coríntios, especialmente I Coríntios 12:4-6 e II Coríntios 13:13.

Uma interpretação que se tornou popular em época recente encontrou expressão na tradução da NEB, para este versículo: "Ora, o Senhor de quem esta passagem fala é o Espírito." Assim se considera esta cláusula como comentário explanatório de Êxodo 34:34: O Senhor, para quem a Escritura diz que Moisés se voltou, e para quem hoje os judeus devem voltar-se para receber iluminação, é o Espírito Santo. Como explicação da dificuldade que se encontra no texto em questão, a tradução acima dificilmente será suficiente, pois, no verso 16, o **Senhor** para quem os judeus deviam se voltar, para que se lhes removesse o véu, é certamente o Senhor Cristo, como se dá a entender no verso 14. Se Paulo, no verso 17, pretende identificar a pessoa do Senhor na narrativa do Êxodo, deve estar dando a entender, antes de tudo, Cristo, e depois passa a declarar que este Senhor Cristo é o Espírito. Mas isto não esclarece como ele pode chamar Cristo de Espírito.

Grande parte dos eruditos tende a pensar que Paulo, aqui está relacionando Cristo e o Espírito de maneira dinâmica; isto quer dizer que ele está preocupado com a operação de Cristo e do Espírito entre os homens, e não com o seu ser. Cristo é Cristo, e o Espírito é Espírito, e Paulo não tem a intenção de declarar que um é o outro; mas ele sabe que o espírito foi enviado por Cristo e que ele é o agente através de quem Cristo opera, de forma que Cristo se torna presente através das operações do Espírito. "O Espírito realiza tão eficientemente o seu encargo de comunicar aos homens os benefícios do Cristo ressurrecto, que, para todos os intentos e propósitos de fé, o Senhor mesmo está presente, ministrando da sua própria graça", escreveu Neill Q. Hamilton.[7] Isto é verdade, mas ainda não está claro que é por este motivo que Paulo, na verdade, fez a declaração do verso 17.

Talvez devamos procurar no contexto o indício necessário. O tema do capítulo é o contraste entre os ministérios de Moisés e de Paulo, a antiga aliança e a nova aliança, a lei e o evangelho. Os conceitos formadores que colocam em movimento toda a cadeia de pensamento são tábuas de carne e tábuas de corações de novo criados (3:3), e estes dão lugar à oposição da letra, que mata, com o Espírito, que vivifica (3:6). Não são tanto a lei e o evangelho, quanto a lei e o Espírito, que são base da discussão. Moisés repre-

7 **The Holy Spirit and Eschatology in Paul** (Edinburgh e London: **Scottish Journal of Theology, Occasional Papers**, Nº 6, 1957), p. 6.

senta a lei. Falando estritamente, Paulo representa o Espírito, mas ele se exime de dizê-lo. De fato, as referências feitas a ele mesmo, neste capítulo, são estranhamente indiretas, e é fácil deixá-las passar despercebidas. Isto indubitavelmente é devido à deferência devida a ele, mas é também exigido pelo uso que ele faz da alegoria do véu, nos versos 14 e ss.

Na comparação que faz entre lei e Espírito, portanto, Paulo finalmente **identifica Moisés e Cristo como representantes de duas ordens: lei e Espírito.** Johannes Munck expressou este ponto de vista da seguinte maneira: "Da mesma forma como ele (Paulo) podia ter dito: 'Moisés é a letra', ele diz aqui: 'O Senhor é o Espírito.' Desta forma, Paulo declara qual dos dois princípios Cristo representa, e, portanto, com qual deles está ele unido, de certa forma." [8] Isto parece propiciar uma explicação satisfatória do significado da declaração de Paulo, conquanto também tenhamos em mente a razão particular que a ocasionou, a saber, o desejo de Paulo de mostrar como um homem pode avançar da falta de compreensão até a compreensão da palavra de Deus, e, da escravidão, para a emancipação pelo Senhor.

Convenientemente, neste ponto, Paulo passa da consideração do seu próprio ministério para a experiência de todos os crentes. O véu é removido de todo homem que se converte (se volta) ao Senhor e assim Paulo escreve: **Mas todos nós** — apóstolos e todos os membros de Cristo — **com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem.** A experiência de Moisés é universalizada. Embora nenhuma outra pessoa da geração de Moisés tivesse gozado desse seu privilégio, todo o povo de Cristo o goza — e mais, pois chega a conhecer os poderes transformadores de vidas da nova era, através do Espírito Santo.

8 **Paul and the Salvation of Mankind** (London: SCM, 1959), p. 59.

Não obstante, alguma incerteza permanece, quanto ao preciso significado do termo traduzido como **refletindo como um espelho.** A interpretação da palavra sugerida pela tradução inglesa RSV, que é "contemplando", é natural, e vai além do pensamento de Moisés, em comunicação com Deus, para o crente fitando firmemente a face de Cristo; olhando para Cristo o crente é transformado à sua imagem.

Por outro lado, a tradução inglesa KJV segue uma interpretação bastante confirmada, desta palavra, seguida pela nossa tradução brasileira IBB em parte: "contemplando como em um espelho" a glória do Senhor. Isto expressa a noção de uma visão imperfeita da semelhança do Senhor, pois os espelhos antigos eram feitos de metal, e raramente apresentavam uma imagem verdadeira; e precisamos admitir que isto conforma-se com a experiência do povo de Cristo, que ainda não recebeu o privilégio de contemplar o Senhor face a face (I Cor. 13:12).

Ainda há uma outra interpretação possível, dada na margem da versão RSV, e apresentada pela nossa IBB: **refletindo** a glória do Senhor. A despeito de asseverações em contrário, esta tradução faz sentido em relação ao contexto. O povo redimido de Cristo teve o seu véu removido de seus corações; foi-lhes dado o privilégio de acesso à sua presença, e através de sua comunhão com o Senhor, reflete a sua glória para os outros, e ao mesmo tempo é transformado em seu ser. Paulo acrescenta: **como pelo Espírito do Senhor.** No contexto presente, isto significa: "do Senhor, a quem experimentamos como o Espírito." O milagre da transformação é operado por Cristo, através de quem é ganha a experiência do Espírito.

Ter recebido um ministério tão grandioso como o descrito nos parágrafos acima é, para Paulo, um sinal manifesto da **misericórdia** de Deus. À luz dessa misericórdia, com a sua esperança de glória futura (3:12) e experiência presen-

te do poder transformador do Espírito (v. 18), Paulo afirma; **não desfalecemos**, a despeito das dificuldades intimidadoras e das perseguições desanimadoras que ele é chamado a suportar, e que ele está para mencionar no parágrafo seguinte. As **coisas ocultas, que são vergonhosas**, renunciadas por Paulo, indicam a que os homens podem recorrer quando desesperam e deixam de tomar uma atitude intemerata por Cristo diante do mundo. Eles adotam subterfúgios, tornam-se peritos em meias verdades, e são mais adeptos da astúcia que caracteriza o Diabo do que da abertura que é própria de Cristo (cf. a "astúcia" que enganou Eva: 11:3).

Pior do que isso, Paulo ouviu falar de algumas pessoas que adulteram a palavra de Deus, prática a que ele aludira anteriormente (2:17), e que tem resultados devastadores. A palavra de Deus é dessa forma aviltada ao ponto de se tornar palavras de homem, sem poder, que leva à destruição, e não à libertação. Ao contrário, diz Paulo, **pela manifestação da verdade, nós nos recomendamos à consciência de todos os homens diante de Deus**. Não há necessidade de adaptar a verdade de Deus, para torná-la de sabor agradável aos homens. O evangelho é verdade que brilha com luz própria. É realidade, sobre a qual a pessoa pode lançar confiantemente sua vida.

A pregação de Paulo **diante de Deus** dá a entender que ele pronunciava cada palavra como se estivesse diante do tribunal de Deus. A realidade do evangelho exige realidade da parte do pregador. Ela é dirigida ao senso de realidade do ouvinte, isto é, à sua **consciência**. O objetivo do pregador não é tanto apresentar argumentos que fazem vir à tona o acordo da razão, como penetrar a consciência do homem e excitar a sua vontade de voltar-se para Deus. Naturalmente, **a verdade** do evangelho será esclarecida na apresentação da palavra, mas a luta final entre o Espírito de Deus e o espírito do homem tem lugar não na esfera da razão, mas no campo de batalha da vontade.

Visto que a situação é esta, e porque a vontade do homem é continuamente perversa, Paulo teve que admitir que um véu pode ser baixado não apenas sobre a lei, para impedir os judeus de entendê-la, mas também sobre o evangelho, para impedir os homens de se submeterem a ele (v. 3). Embora Cristo tenha trazido a última palavra de Deus para o homem, apresentando diferenciação em relação à palavra provisória falada através de Moisés, e o seu apelo deve ser transparentemente claro, há pessoas que permanecem sem compreender a cruz e o túmulo vazio, da mesma maneira como os judeus permaneceram ao redor do Sinai em chamas. **O nosso evangelho... é naqueles que se perdem que está encoberto**. Somente! Mas esta é uma qualificação terrível. Misericordiosamente, Paulo usa o tempo presente do verbo: aqueles que são cegos para com o evangelho estão na estrada que conduz à perdição, mas eles ainda podem ser guiados para o caminho que conduz à vida.

Como acontece que os homens podem ser tão obtusos em relação à palavra da vida em Cristo? **O deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos**, diz Paulo. O Diabo sempre foi um enganador, e é compreensível que a sua atividade deva ser dirigida especialmente em enganar os homens em relação à verdade do evangelho. Este é um aspecto da existência que Paulo levava muito a sério. Ele teria aprovado as palavras de Goethe a respeito de Mefistófeles: "O povo não sabe que o Diabo está aí! Nem mesmo quando ele agarra as pessoas pela garganta!" Pois se isto é verdade, como diz Emil Brunner: "A verdade mais importante a respeito do Diabo é esta: Jesus Cristo o venceu", [9] e é igualmente verdade que o Diabo está ativo em tentar impedir os homens de entrarem no poder dessa vitória.

9 **The Christian Doctrine of Creation and Redemption** (London: Lutterworth, 1952), p. 145.

Brunner continua, dizendo: "Crer que, sempre que o verdadeiro evangelho é proclamado com poder, os homens abrirão o coração sem maiores dificuldades é um otimismo errado. Pelo contrário, uma proclamação viva do evangelho freqüentemente esquadrinha o coração dos homens, e, quanto mais poderosa a mensagem, mais violenta é a hostilidade dos poderes das trevas." Isto é exatamente o que Paulo está dizendo, a esta altura. O Diabo pertence às trevas, mas o evangelho abre os homens para a luz de Deus. Mais explicitamente, ele desvenda, diante dos homens, **a glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.** O deus deste mundo é uma divindade impostora; ele reclama a lealdade dos homens, mas "é mentiroso, e pai da mentira" (João 8:44). O seu governo maligno já foi destruído, e deve chegar ao fim; os seus efeitos sobre os homens tem o objetivo de arrastá-los para as trevas do Diabo.

Em contraposição a isto, o evangelho declara **a glória de Cristo** — uma glória fundamentada na vergonha da cruz de Cristo, justificada no resplendor de sua ressurreição e a ser revelada no brilho de sua vinda. O seu efeito é transmitir aos homens a Sua gloriosa vida. Cristo eleva os homens às alturas da sua glória. E ele pode fazer isto porque é **a imagem de Deus**: diferentemente do deus impostor deste século, ele é a imagem autêntica e a expressão de Deus, de forma que vê-lo é ver o Pai, e estar em união com ele é ser um com Deus.

Se é verdade, como freqüentemente é sugerido, que a caracterização feita por Paulo a respeito do evangelho, nesta passagem (cf. v. 6), é devida à sua visão da glória de Cristo no caminho de Damasco, de forma que para ele Cristo é essencialmente o Senhor da glória em sua exaltação, não se deve esquecer que Paulo também podia falar de Cristo como a "imagem" de Deus desde toda a eternidade (cf. Col. 1:15), e que o Senhor se tornou encarnado como a verdadeira imagem de Deus, o homem perfeito nascido para a restauração da imagem de Deus no homem (Fil. 2:6 e ss.).

Como, então, podia fazer Paulo outra coisa que não fosse pregar **Cristo Jesus como Senhor**, Salvador dos homens e soberano do universo? Longe dele exaltar-se no lugar de Cristo, embora alguns dos seus adversários obstinadamente sugerissem que a sua afirmação de autoridade era mera auto-exaltação. Somos **vossos servos**, escreve ele (ou, como podemos traduzir: "vossos escravos"). O próprio Cristo assumiu o lugar de servo entre os homens, e os seus seguidores devem estar preparados para também ocupá-lo (cf. João 13:12-17; Fil. 2:5 e ss.). Na medida em que os ministros de Cristo compartilham do seu espírito e andam nas suas pegadas, desempenharão o seu serviço em um espírito do amor de Cristo pelos homens; mas o seu motivo supremo é **por amor de Jesus**. "Escravos" da Igreja eles podem ser, mas pertencem a Cristo.

Tal é o espírito em que o homem de Deus servirá, pois o Deus cuja palavra produziu luz na criação, **brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo**. A glória da estrada de Damasco ainda está brilhando. Porém, na linguagem usada, mais do que isto se subentende. No começo da criação, Deus criou a luz através de sua palavra poderosa, e essa palavra era Cristo (cf. I Cor. 8:6; Col. 1:15 e ss.). Ele trouxe à luz uma nova criação, e nela manifestou a luz de sua glória em Cristo. Todavia, essa luz brilha não meramente ao redor dos homens, como a luz do caminho de Damasco, mas dentro deles — **em nossos corações**, como o expressa Paulo. Esta afirmação expressa em termos pessoais o que Paulo mais tarde declarará de maneira diferente: "Se alguém está em Cristo, nova criatura é" (5:17). A tipologia da redenção através da nova criação está na raiz de ambos os pronunciamentos.

O que faz com que o pronunciamento do verso 6 seja tão atraente é o seu

caráter pessoal. Sem dúvida, ele faz eco à experiência de Moisés no Sinai, cuja face durante certo tempo refletiu a glória da visão de Deus (3:7 e ss.). Aqui lemos como Deus manifesta o conhecimento de sua glória **na face de Cristo**. A visão de Cristo a Paulo, em parte, determina a linguagem usada, mas que seja lembrado que a face de Cristo revelou essa glória ao longo de todo o caminho, e não apenas quando ele ficou dependurado na cruz, bem como quando ele ascendeu ao trono de Deus. E essa face nos é conhecida, quando andamos por fé na sua companhia, todos os dias. A nós é dado o cumprimento do provérbio, mais profundo do que qualquer coisa que pudesse ser sonhada pelo seu compilador: "A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito" (Prov. 4:18).

3) Os Sofrimentos, Poder e Esperança de um Apóstolo (4:7-5:10)

7 Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte. 8 Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desesperados; 9 perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; 10 trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossos corpos; 11 pois nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. 12 De modo que em nós opera a morte, mas em vós a vida. 13 Ora, temos o mesmo espírito de fé, conforme está escrito: Cri, por isso falei; também nós cremos, por isso também falamos, 14 sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, nos ressuscitará a nós com Jesus, e nos apresentará convosco. 15 Pois tudo é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para a glória de Deus. 16 Por isso não desfalecemos; mas ainda que o nosso homem exterior se esteja consumindo, o interior, contudo, se renova de dia em dia. 17 Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós cada vez mais abundantemente um eterno peso de glória; 18 não atentando nós nas coisas que se vêem, mas, sim, nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, enquanto as que não se vêem são eternas.

1 Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. 2 Pois neste tabernáculo nós gememos, desejando muito ser revestidos da nossa habitação que é do céu, 3 se é que, estando vestidos, não formos achados nus. 4 Porque, na verdade, nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos oprimidos, porque não queremos ser despidos, mas, sim, revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. 5 Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu como penhor o Espírito. 6 Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos presentes no corpo, estamos ausentes do Senhor 7 (porque andamos por fé, e não por vista); 8 temos bom ânimo, mas desejamos antes estar ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor. 9 Pelo que também nos esforçamos para ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes. 10 Porque é necessário que todos nós sejamos manifestos diante do tribunal de Cristo, para que cada um receba o que fez por meio do corpo, segundo o que praticou, o bem ou o mal.

Ajudará a compreensão deste profundamente comovente testemunho de Paulo o fato de termos em mente uma característica da igreja em Corinto: ela não tinha nenhuma experiência de perseguição, naquela época. Nisto ela era diferente das outras igrejas cristãs primitivas. A primeira carta aos coríntios expressa a impressão de que, longe de sentir o peso da repressão, a igreja tinha amigável entendimento com o seu ambiente pagão. Aí estava o perigo que ela corria. Ela foi infectada por aquele ambiente. Nas conhecidas palavras de James Moffatt: "A igreja estava no mundo, como devia estar, mas o mundo estava na igreja, como não devia estar." [10] Conseqüentemente, esta experiência da igreja e esta interpretação da vida cristã no mundo eram muito diferentes das de Paulo. Há evidências que sugerem que os sofrimentos do apóstolo, que fundara esta igreja, consistiam uma perplexidade para eles, e

10 *The First Epistle of Paul to the Corinthians* ("The Moffatt New Testament Commentary". London: Hodder & Stoughton, 1935), p. xv.

até um motivo de ofensas (considere, por exemplo, I Cor. 4:8-14).

Se, além disso, tivermos em mente a presença de mestres, em Corinto, que cuidavam muito para não serem crucificados, e que desprezavam Paulo devido aos seus sofrimentos, crendo que possuíam uma espiritualidade que os afastava daquele plano baixo de existência em que ele vivia, encontraremos uma razão mais plausível para a exposição de Paulo, nesta passagem. Como apóstolo de Cristo, ele fora chamado não apenas para pregar a paixão, morte e ressurreição de Cristo, mas também para tornar estas experiências visíveis em seu ministério para Cristo e a Igreja.

O **tesouro** que Paulo possuía, em comum com todos os cristãos, era "o conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (4:6). Esta expressão inclui toda a gama da revelação e redenção de Deus em Cristo, e toda a amplidão da esperança cristã de participação nessa glória. Mas esse tesouro inimaginavelmente caro foi colocado por Deus em **vasos de barro**, isto é, em pessoas como Paulo.

Se a referência primária na mente do apóstolo é a fraqueza do seu corpo, deve ser lembrado que para ele o termo corpo também pode referir-se à pessoa, e isso é o que acontece aqui. De fato, as sentenças que se seguem sugerem que Paulo tinha em vista não apenas o seu corpo pobre e cheio de cicatrizes, e a sua personalidade humana e limitada, mas também o seu ministério variegado, como servo sofredor do Senhor. Da mesma forma como uma pessoa jamais suspeitaria que um vaso barato de barro pudesse conter caríssimas pedras preciosas, um observador olhando para esta figura desprezível de homem, especialmente quando ele fora levado meio morto por apedrejamento, ou estivera ensopado depois de um naufrágio, jamais podia imaginar que neste homem, e através dele, a glória de Deus em Cristo estava funcionando maravilhosamente.

Por que Deus escolhe este método para revelar a sua glória? **Para que a excelência do poder seja de Deus, e não da nossa parte**. Não está no homem — nunca esteve nem poderá estar livrar-se ele do pecado e transformar-se à semelhança de Deus. E, se Deus quisesse usar um homem para libertar os homens, isto não seria por causa de qualquer capacidade desse homem. Isso torna-se visivelmente claro quando o instrumento é um indivíduo que tem um desígnio como o de Paulo. Nesse homem perseguido e oprimido havia uma **excelência do poder** em operação, levando a efeito atos poderosos através dele, e tornando a sua palavra poderosa para derrotar os poderes das trevas e transformar vidas (veja Rom. 15:18 e s.; I Cor. 2:3 e ss.; 4:19 e s.; II Cor. 10:4 e s.). Era a vida do mundo por vir, invadindo esta era através de um homem que pertence àquele mundo tanto quanto pertencia a este.

Por causa da dualidade de sua existência — fraqueza como homem deste mundo, mas força pelo Espírito, que expressa os poderes do mundo por vir — Paulo conhecia tanto a exposição às forças esmagadoras da vida neste mundo quanto a graça sustentadora de Deus, que continuamente abre caminho através das tribulações humanas. O pensamento do verso 8 e ss. nos lembra o princípio da tentação enunciado em I Coríntios 10:13. Nos versos 8 e 9, quatro tipos de experiências são apresentados em pares; em cada caso, a primeira se relaciona com a fraqueza do vaso de barro, e a segunda, com o poder transcendente em operação nele.

O apóstolo é **atribulado, mas não angustiado**; o quadro é de um homem quase vencido pelo seu adversário, mas que consegue não ser cercado e nocauteado (como um pugilista levado a um canto pelo seu oponente, mas que se recusa a ser cercado ali). Ele está **perplexo, mas não desesperado**. O jogo de palavras em grego (**aporoumenoi**, mas não **exaporoumenoi**) é difícil de ser expresso em por-

tuguês, mas, como Denney fez em inglês, podemos traduzi-lo como "abalado, mas não arrasado"; a sabedoria de Deus torna-se disponível para nós nas ocasiões em que estamos mais confusos. **Abatidos, mas não destruídos** leva a lembrar a experiência de Paulo em Listra, quando ele foi abatido pelas pedras e abandonado como morto, mas reviveu e continuou o seu ministério (At. 14:19 e s.).

Tudo isto é uma manifestação do **morrer de Jesus**: O sofrimento do Mestre, até a morte, para ocasionar a salvação dos homens, é reproduzido em seu discípulo, para que ele o possa revelar ainda mais eficientemente aos homens. Tão certamente como Deus deu a Paulo uma percepção peculiarmente profunda quanto ao significado da morte de Jesus, também deu-lhe a oportunidade de ter uma vida que se aproximava, de maneira notável, do padrão do morrer de Jesus. Porém, tão certamente como Deus capacitou Paulo para compreender o significado da ressurreição de Jesus, também fez com que o poder da ressurreição se manifestasse nele — **para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal**. Isto indica que o fato de que Paulo estava seguindo as pegadas de Jesus era mais do que uma "imitação de Cristo", para usar uma expressão famosa. Era uma expressão, à maneira de Jesus, da vida de Cristo dentro dele.

O fato de que ele estava **sempre entregue à morte por amor de Jesus** se relacionava especialmente com as suas experiências de perseguição, quando repetidamente chegou bem próximo da morte. Lembramos que, pouco antes de escrever esta carta, Paulo havia passado por uma experiência terrível de perseguição, em que chegara a considerar a morte como inevitável (1:8 e ss.). Mas o fato de ele ter sido constantemente libertado de tais situações era prova do poder do Cristo ressurrecto, intervindo em favor do seu servo. **A vida de Jesus se manifestou** na **carne mortal** de Paulo, pelo próprio fato de que ele continuava existindo. Ela também foi manifestada na atitude do apóstolo quando ele aceitou alegremente a cruz de Cristo como seu padrão de vida e na qualidade de seu ministro, à medida que o Senhor demonstrava o poder de sua ressurreição através dele.

O resultado de tal ministério **era que em nós opera a morte, mas em** vós a **vida**. Se fosse para sermos guiados por I Coríntios 4:8 e ss., poderíamos chegar à conclusão de que aqui Paulo fala de maneira irônica. Como ele havia dito aí: "Vocês já chegaram ao seu reino, e nos deixaram de fora, enquanto somos como que homens sentenciados à morte", assim ele declara aqui: "Suportamos a morte, mas vocês gozam a vida." A intensa seriedade desta passagem argumenta contra esta interpretação; e, ainda mais, o fato de que a sentença continua nos versos 13 a 15, onde Paulo enfatiza a sua unidade com os coríntios em seu destino comum em Cristo.

Se devemos tirar esta insinuação do seu contexto, parecerá que Paulo se refere aos diferentes aspectos da vocação cristã que foi atribuída aos coríntios e a si mesmo. A sua vocação como apóstolo o levará a compartilhar constantemente dos sofrimentos de Cristo, de forma que o morrer de Jesus em favor da vida do mundo é continuamente exemplificado nele. Os coríntios não haviam sido colocados em circunstâncias semelhantes. Se o culto ao César fosse efetuado em Corinto com o entusiasmo fanático conhecido em outras partes do mundo, ou se a influência judaica hostil fosse particularmente forte em sua cidade, as coisas poderiam ter sido diferentes; mas como estava, tudo permanecia quieto em Corinto. A vida de Jesus pelo Espírito se manifestava entre eles, e não menos através dos labores do seu apóstolo e suas constantes dores de parto no espírito, em favor deles. Mas a diferença entre a sua sorte na terra não os separava; em Cristo eles continuavam a compartilhar do poder de sua redenção.

Neste ponto, Paulo cita uma declaração do Velho Testamento, de um homem que tinha muito em comum com ele: "Cri, por isso falei; estive muito aflito" (Sal. 116:10). Paulo conhecia esse salmo na versão grega, que pode ser traduzida da seguinte forma: "Conservei a fé, e por isso falei, mas estava grandemente humilhado." O significado não é muito diferente, mas a interpretação de "por isso" nos leva a concluir que o salmista conservava a sua confiança em Deus, a despeito dos seus sofrimentos, e **por isso** sentia-se compelido a dar testemunho de sua fé, por entre os sofrimentos.

Isto era essencialmente característico de Paulo. Ele estava perpetuamente suportando sofrimentos por amor do Senhor, mas perpetuamente mantendo a fé. E "manter" é a palavra certa. Pois Paulo acrescenta: **Temos o mesmo espírito de fé;** quase que com certeza, **espírito**, aqui, significa não uma atitude, mas o Espírito Santo, que capacita a pessoa a decidir-se em fé (I Cor. 12:3) e que a sustenta na fé, venha o que vier. Tudo isto fazia parte da manifestação da vida de Jesus em Paulo, enquanto ele carregava no seu corpo o morrer de Jesus. E ele não podia silenciar a respeito disto, mas precisava declarar a todos os homens como o Senhor era gracioso para com ele.

A experiência de Paulo a respeito da vida de Jesus, agora, que repetidamente operava nele uma mini-ressurreição dentre os mortos, confirmava-o na sua fé em que um dia ele experimentaria a ressurreição final no poder de Deus. **Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus, nos ressuscitará a nós com Jesus.** O destino da humanidade está ligado com o que Deus fez através da ressurreição do homem Cristo Jesus (I Cor. 15:22); quanto mais o dos coríntios que, através do Espírito, estavam unidos com ele para formar o Corpo de Cristo? Esta é uma fé que irrompe não apenas da ressurreição de Cristo, mas também de sua crucificação. Como Paulo notou, em outra passagem: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?" (Rom. 8:32). Se Deus pôde nos dar Jesus na morte, o amor do seu coração não ficará aquém de nos dar Jesus em vida — ou, mais exatamente, para estarmos com Jesus em vida. Esta é a base de nossa esperança cristã. A nossa vida está nas mãos de Deus, que deu o seu Filho por nós e o ressuscitou dentre os mortos, para estar com ele para sempre.

E nos apresentará convosco. Como acontece na vida, assim também acontece na vida eterna: o apóstolo e seus queridos filhos na fé não serão separados. A ressurreição significa que os filhos de Deus serão glorificados juntos (Heb. 11:39 e s.), pois só na glorificação de todo o corpo de Cristo pode qualquer dos seus membros encontrar a perfeição. Embora as vidas do apóstolo e de seus convertidos fossem diferentes, a graça que sustentava e unia ambos os aperfeiçoará a todos, da mesma forma como essa graça vai estender-se por sobre todas as eras e apresentar todo o povo de Deus, para que todos possam ser absolvidos, por ocasião do juízo, e se regozijarem no banquete das bodas do Cordeiro.

Tudo é por amor de vós, acrescenta o apóstolo. Todos os seus sofrimentos, luta, morrer, ressurreição para uma vida renovada, eram para que os coríntios pudessem ser confirmados na graça e alcançar a glória. **Por amor de vós,** diz ele, mas não apenas deles: **para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças, para glória de Deus.** A causa final dos seus labores apóstolicos era por amor de Deus. Na medida em que ele se tornava "espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens" (I Cor. 4:9), e eles viam o princípio do morrer de Cristo e de sua ressurreição para a sua redenção interpretada nele, mais e mais pessoas, em Corinto e em outros lugares, se juntariam ao coro de louvor pelo amor poderoso;

e ainda maior seria a glória tributada ao Deus da redenção. É desta forma que a história terá fim (Fil. 2:11), e esse era o objetivo do ministério de Paulo.

Em vista de tudo isto — a morte e ressurreição experimentadas por Paulo, a bênção para outras pessoas, que resultava disso, e a glória de Deus, que era aumentada por isso — **não desfalecemos.** O resultado de um ministério verdadeiramente apostólico vale todas as dores que acarreta, e Paulo estava animado, ao prosseguir para o alvo de sua peregrinação. Contudo, o fim não estava indefinidamente longe de Paulo. Embora mantivesse uma esperança imorredoura da vinda do Senhor, que podia proporcionar-lhe transformação à semelhança do seu Salvador, sem precisar passar pelo vale da sombra da morte, Paulo devia estar perfeitamente cônscio de que a natureza estrênua de seu ministério estava cobrando um tributo do seu arcabouço físico. Conforme o comentário piedoso de Denney: "Ele percebia que aquilo o estava matando." Isso não é mera observação biológica — de que desde a mocidade somos pessoas que estão morrendo; era um reconhecimento de que esse arcabouço específico estava se desgastando, como uma roupa que envelhece mediante o uso. Mas "não desfalecemos"!

Algo notável estava acontecendo ao apóstolo: o homem **interior, contudo, se renova de dia em dia.** Isto se relaciona simplesmente com a chamada natureza imaterial do homem, embora Paulo tivesse em mente, por exemplo, o aguçamento de suas percepções intelectuais, à medida que o seu corpo se enfraquecia. Em contrário, é um consolo sermos lembrados, quando olhamos para os nossos queridos ao eles se aproximarem da morte, que o intelecto, como o corpo, também pode se desgastar quando o cérebro físico se deteriora, sem que a relação da pessoa com Deus seja afetada nem um pouco. Plummer indica que a frase "homem interior" é sempre usada em o Novo Testamento no bom sentido, e se relaciona com a parte de nós que se opõe ao mundanismo, e está arraigada em Deus. "É a parte mais elevada do nosso ser imaterial; a que é capaz de ser a habitação do Espírito Santo, e ser governada por ele." E é aí que a atividade criativa de Deus opera; ela começou a manifestar-se em nós quando reagimos ao chamado de Deus e experimentamos o poder da redenção (Tito 3:5), e deve estender-se ao limite de sua criação. Conhecemos a sua ação **de dia em dia**, e ela deve continuar operando em nós, até que seja alcançado o alvo de perfeita semelhança com o Cristo em glória (Rom. 8:29).

À luz desta ação atual do Espírito e do alvo para o qual ele está se movendo, Paulo caracteriza os seus múltiplos sofrimentos como **a nossa leve** e **momentânea tribulação.** O que para os espectadores, por vezes, pareciam experiências aterrorizantes eram por ele consideradas como **leves**, quando colocadas no contexto da fé e da esperança. Pois tais experiências preparavam para ele **cada vez mais abundantemente um eterno peso de glória.** A linguagem usada ultrapassa qualquer definição, na medida em que o apóstolo em vão tenta descrever o indescritível. O verdadeiro objeto da esperança, como repetidamente Paulo nos leva a recordar, é **glória.** A imagem de Deus, que tem sido revelada em Cristo, está sendo formada por Deus em nós, e nos deve ser plenamente ministrada na consumação dos séculos.

O fato de que podemos embalar a esperança de receber tal glória é mera graça. Nada que possamos alguma vez fazer — embora nós morrêssemos, ou Paulo ou qualquer outra pessoa, mil mortes por Cristo — jamais poderia nos capacitar a declarar tal coisa como algo que Deus nos devesse. Especialmente quando lembramos que ela é **eterna.** E nós somos criaturas de um dia! O **peso** dela está completamente fora de proporção, se comparado com a leveza das

nossas aflições. Não obstante, são as aflições que "preparam" a glória para nós. E não é uma questão de mérito. Paulo tem em vista o princípio que ele enunciou, no decorrer desta exposição, de que a vida cristã é essencialmente uma continuação do padrão da morte e ressurreição, pelas quais a nossa redenção foi conquistada. É na medida em que nos conformamos com o padrão redentor de vida que o alvo da redenção se torna mais claro e nos é assegurado. Este é o tema de um antigo hino cristão, encontrado em II Timóteo 2:11 e s.:

"Se, pois, morremos com ele, também com ele viveremos;
Se perseveramos, com ele também reinaremos."

A doutrina de justificação pela fé e a perspectiva do tribunal de Cristo não se contradizem, mas nos levam a lembrar a profunda seriedade que faz parte da vida de fé.

O que fez com que Paulo se conservasse firme e incessantemente confiante em meio a todas as suas aflições, foi o seu hábito de não atentar **nas coisas que se vêem, mas, sim, nas que se não vêem.** Ele conservou a atitude dos heróis da fé, cujas proesas são contadas em Hebreus 11. De fato, a linguagem e o pensamento de Paulo, nesta passagem, são notavelmente afins com a definição de fé em Hebreus 11:1. As coisas **que se vêem são temporais pois pertencem a esta era passageira; enquanto as que se não vêem são eternas**, porquanto pertencem à era por vir, ou seja, pertencem ao reino que tem sido preparado para os santos de Deus desde a fundação do mundo (Mat. 25: 34). No alvo desse reino, Paulo conservava fixos os seus olhos, sem vacilar, como um homem que, na sua época, arava um campo com um boi, fixando os olhos em um objeto distante (cf. Luc. 9:62). E devia fazê-lo, pois fora com vistas à alegria de levar os homens essa glória que o Filho de Deus "suportou a cruz, desprezando a ignomínia, e está assentado à direita do trono de Deus" (Heb. 12:2).

A conjunção inicial de 5:1, **Porque**, liga o parágrafo anterior com o que passa a ser dito. Sugere que uma explicação ulterior está para ser dada, a respeito da confiança da qual a fé dá testemunho (v. 13) e da natureza daquele "eterno peso de glória", para o qual o servo de Cristo está sendo preparado (v. 17 e s.). A formulação do verso 1 é, sem dúvida, inspirada pelo contraste mencionado pelo verso 18, entre a ordem visível, que é transitória, e o reino invisível, que é eterno. O corpo no qual passamos a nossa vida participa da transitoriedade desta era, e, por isso, é chamado de **casa terrestre**. É uma coisa débil e provisória, e, na perspectiva bíblica, esta expressão denota adequadamente a habitação de pessoas que sabem que são peregrinos em marcha para uma "cidade que tem os fundamentos, da qual o arquiteto e edificador é Deus" (Heb. 11:10). Se e quando essa **casa** for destruída (ou, como o termo original pode ser traduzido, "derrubada"), teremos **de Deus um edifício** forte, substancial; este é uma **casa**, e não um **tabernáculo**, e é **eterna, nos céus**, e não temporária, na terra.

Tanta coisa está clara, mas o significado exato da sentença é incerto, e um verdadeiro rio de tinta tem sido usado para expor diferentes interpretações desta passagem, juntamente com diferentes maneiras de se entender os versículos seguintes, para os quais o verso 1 propicia uma introdução. A principal dificuldade está em saber-se o que é a **casa não feita por mãos**. A interpretação mais natural que vem à mente é que ela representa o corpo da ressurreição que Deus propicia por ocasião da vinda de Cristo. Isto de fato pode ser descrito como **eterno** e **nos céus**, ou seja, com Deus. Alguns escritores judeus crêem que os corpos da ressurreição, como qualquer outra coisa que pertença ao reino de Deus, na verdade, existem agora nos céus; mas não há probabilidade de

que Paulo alguma vez tivesse esse ponto de vista. O tempo presente **temos**, assim sendo, é considerado como maneira enfática de declarar a posse de algo que, na verdade, é futuro (um uso do presente de verbos comum em o N.T.; cf. Apoc. 22:20). Muito pode ser dito a favor desta opinião, e este escritor preferiu adotá-la, mas está menos satisfeito com ela do que costumava estar, por razões que se tornarão claras.

Muitos expositores recomendam fortemente que o tempo presente **temos** deve ter o seu significado normal aqui. Se esta opinião for aceita, o sentido da declaração é alterado radicalmente. Mesmo assim, algumas interpretações radicalmente diferentes são dadas com essa alegação. Algumas, por exemplo, afirmam que essas palavras dão a entender uma ressurreição imediatamente depois da morte do corpo. Nesse caso, Paulo deve ter mudado os seus pontos de vista quanto à ressurreição. Sabemos que, como fariseu, Paulo se atinha à opinião judaica comum da ressurreição de um corpo de carne; ao tornar-se cristão, ele avançou para o conceito de um corpo espiritual, ressuscitado da morte por ocasião da vinda de Cristo, como explica em I Coríntios 15. Na época em que escreveu esta carta, motivado pela terrível experiência aludida em II Coríntios 1:8 e ss., ele passara a crer em uma ressurreição com Cristo imediatamente depois da morte. Esta idéia de mundanças de opiniões, entre o tempo em que I Coríntios e II Coríntios foram escritas, baseada no uso do presente do verbo **temos**, neste versículo, parece muito duvidosa, para a maioria dos críticos, e está sendo menos genericamente apoiada do que antes.

Coerentemente, tem sido sugerido que **de Deus um edifício**, que **temos** por ocasião da morte, deve ser uma materialização da alma, depois de deixar o corpo, que se antecipa à ressurreição do último dia, mas não a própria ressurreição final. Tem sido sugerido que este pensamento é coerente com os ensinamentos genéricos de Paulo: por ocasião de sua conversão, um homem em Cristo é ressuscitado para uma vida com Cristo (Rom. 6:3 e ss.), e, por ocasião da morte, é-lhe concedida uma materialização mais rica de vida com Cristo, e, no último dia, o processo culminará em um corpo que compartilhará da glória de Cristo. Embora esta opinião seja atraente, a materialização depois da morte, contudo, é mencionada por Paulo como **eterna**, e não como uma forma temporária de existência que dará lugar a algo mais permanente.

Pode ser, então, que o edifício da parte de Deus não seja uma habitação individual, mas uma habitação inclusiva, isto é, para muitas pessoas? Em favor deste ponto de vista, deve ser notado que a frase **uma casa não feita por mãos** não tem a intenção de comparar um futuro corpo da ressurreição, feito por Deus, com um corpo terrestre temporário, porque este último também **não** é **feito por mãos**. Pelo contrário, esta frase estabelece o contraste entre um edifício feito por Deus e um edifício feito pelo homem, ou seja, um templo celestial com um templo terrestre. Esta frase tem sugerido, para algumas pessoas, que Paulo está falando, aqui, da Igreja como um templo, em que habitaremos no céu depois da morte, visto que ele usa este símbolo, a respeito da Igreja, em outros lugares (cf. I Cor. 3:11 e ss.; Ef. 2:19 e ss.), mas dificilmente esta é uma interpretação natural das palavras desta passagem.

Para concluir, parece muito mais provável que Paulo tivesse em mente um templo celestial, em que estaremos em casa, com o Senhor, depois da morte. Isto se enquadra admiravelmente com as reflexões do apóstolo nos versos 6 a 9, e apresenta fundamentalmente a mesma concepção encontrada em João 14:1-3 (se por acidente ou não, torna-se também intimamente relacionada com as palavras do Senhor citadas em Marcos 14:58 e João 2:19). Enquanto em João 14:1 e ss.

o quadro é o de uma casa espaçosa com mutos cômodos, no céu, aqui a imagem é de um templo no céu em que o Senhor e o seu povo podem viver juntos. Reconhecendo que há incerteza ligada a esta maneira de expressar a idéia, esta interpretação pode ser adotada como expressando o que Paulo queria dizer, e deve propiciar conforto e inspiração, ao povo de Cristo, aprender dela.

No verso 2, o quadro muda, e o pensamento progride. A noção de um edifício em que devemos viver dá lugar à idéia de roupa que devemos vestir, mas a metáfora se mistura com a anterior: o apóstolo anseia por que sejamos **revestidos da nossa habitação que é do céu**. A linguagem se assemelha tanto com a que Paulo usa em I Coríntios 15:53 e s., que é difícil crer que o mesmo pensamento não esteja presente aqui. Ao soar da última trombeta, "os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e nós seremos transformados" (I Cor. 15:52). Isto é, os mortos serão ressuscitados, e os vivos, transformados. É esta transformação dos vivos que Paulo tem em mente na passagem em foco e pela qual ele **geme**, isto é, suspira com ansiedade. Ele deseja alcançar a ressurreição final, se possível, sem a necessidade de passar pela morte.

Ao traduzir o verso 3, **se é que, estando vestidos, não formos achados nus**, os tradutores da IBB evidentemente entenderam **nus** como a condição de estar sem um corpo: Paulo anelava por vestir a habitação celestial, de forma a não ficar sem corpo depois da morte. Contudo, isto requer que se traduza a frase **ei ge kai** como "de forma que", em vez de como "se de fato"; porém este último não é o significado normal da expressão grega (KJV e ERV "se assim for"; NEB "na esperança de que"). Indubitavelmente, o significado normal propicia dificuldades, pois dificilmente Paulo teria desejado dizer que anelava por vestir o corpo de glória celestial, "Se de fato depois de o vestirmos não formos encontrados sem corpo"! Alguns copistas primitivos do Novo Testamento ficaram tão confusos a respeito disto, que chegaram à conclusão de que Paulo não devia ter escrito isto; presumiam que ele não escrevera "depois de vesti-lo", mas "depois de despi-lo" (**ekdusamenoi**, em vez de **endusamenoi**), e alteraram dessa forma o texto: "na esperança de que, depois de despir este corpo, eu não seja encontrado sem um corpo." Segundo o arbítrio deste escritor, os tradutores da RSV e os copistas da antiguidade que alteraram o texto não tinham justificativas para o que fizeram.

O nó górdio é o significado de **nus**. Para os hebreus, a nudez era especialmente a condição de escravos e prisioneiros de guerra. Os profetas se referiam à nudez como resultado do juízo de Deus, que infligia derrota e humilhação à nação; e, assim, eles ligavam nudez e vergonha em suas visões de juízo (veja especialmente a terrível descrição do julgamento de Israel em Ezequiel 23:22-25). Portanto, a nudez pode representar a condição de um homem desprovido das suas pretensões de retidão, na vergonha de sua nudez diante de Deus, no juízo. A crença geral é que este é o simbolismo que estava na mente de Paulo, nesta passagem. Ele ansiava pela transformação que a vinda do Senhor acarretaria, mas também se preocupava com o fato de que naquele grande dia ele não fosse **achado**, isto é, pelo juiz, como desprovido de justiça, envergonhado e rejeitado como indigno do reino de Deus. A linguagem aqui usada encontra íntimo paralelo em I João 2:28; todavia, o pensamento não é infreqüente em Paulo (cf. I Cor. 3:10-15; 9:24-27; Fil. 2:12).

Toda a linha de pensamento dos versos 1 a 3 se resume no verso 4: **Nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos oprimidos**. É a mesma palavra usada no verso 2. No versículo anterior, o gemido é causado pelo intenso anelo de Paulo, mas, nesta passagem, é causado por intensa depressão. Por que depressão? Porque Paulo não desejava ser **despido**,

mas **revestido**. Como vimos no verso 2, o apóstolo considerava a morte como uma carga, da qual ele de bom grado gostaria de ser poupado. Ele desejava vestir as roupas da glória da ressurreição de Cristo, por ocasião da vinda do Senhor, para que o que era mortal nele **fosse absorvido pela vida**, isto é, destruído pela vida que provém de Cristo. É uma linguagem contundente, indicando a impossibilidade de o que é perecível herdar o imperecível (I Cor. 15:53). A transformação dos vivos, por ocasião da vinda do Senhor, acarretará uma destruição e nova criação tão radicais quanto a morte e a ressurreição. Mas a palavra operacional é **vida**.

A consecução dessa vida é o destino dos filhos de Deus redimidos. **Quem para isto mesmo nos preparou foi Deus**. Como foi que ele nos preparou? Não simplesmente mediante a criação, porém muito mais pela recriação. Isto é verificado logo no primeiro passo que o convertido a Cristo dá, ou seja, o batismo. O seu significado último, no ensinamento de Paulo, é ser revestido de Cristo (Gál. 3:27 e ss.), e assim participar de sua morte e ressurreição (Rom. 6:3 e ss.), fato que, de outra forma, é considerado como um novo começo de vida e renovação pelo Espírito Santo (Tito 3:5). O propósito de tudo isto é alcançar a ressurreição final com Cristo (Rom. 6:5), e para isto **Deus... nos deu como penhor o Espírito Santo**. O Espírito Santo é essencialmente o Espírito que pertence ao reino de Deus, a era da ressurreição e da nova criação. Ao enviá-lo para o seu povo, Deus deu a entrada e sinal de pagamento da totalidade de sua salvação, e, dessa forma, uma garantia de que o resto se seguirá.

Temos, portanto, sempre bom ânimo faz eco ao sentimento de 4:16: "Por isso não desfalecemos", e, por motivo semelhante, o apóstolo sabe que tem um destino glorioso, e está grato pela graça atual. A figura de **estar ausente deste corpo** e **presente com o Senhor** tem em vista a figura do verso 1. No corpo temos uma existência nômade, habitando em tendas, mas o Senhor habita o templo eterno, nos céus. Uma consideração dupla é objetivada aqui: a vida na tenda não pode propiciar uma sensação de comunhão com o Senhor tão imediata quanto a vida com ele em seu templo, e, por isso, é como estar **ausentes** do Senhor.

Por outro lado, a vida na tenda ou tabernáculo é uma vida fora de casa, pois pertencemos ao templo celestial, que é o nosso verdadeiro lar. O significado deste pensamento é maior quando consideramos quem o formulou, ou seja, o apóstolo, cuja fé é dominada pelo conceito "em Cristo" e para quem "comunhão" é uma palavra-chave. Poucas pessoas têm verdadeiramente conhecido a realidade da vida em, com e através de Cristo tanto quanto Paulo; não obstante, ele reconhece que estar no corpo acarreta impedimentos tão sérios a esse nível de vida, que tornam a existência no corpo como a vida no exílio, longe da casa do Pai.

Porque andamos por fé, e não por vista. Com a bagagem de todas as suas experiências místicas, Paulo não conhece nenhum relacionamento com Cristo que não seja condicionado pela fé, e a fé tem uma limitação, imposta pela providência misteriosa de Deus: ela não pode ver. A fé se apóia na graça, reage ao evangelho, recebe o Espírito e anda em esperança. A graça ela pode ver; porém o templo eterno, nos céus, ela não consegue ver; mas também não pode negar a realidade da graça e a experiência do Espírito, de forma que confia, quando não consegue ver. Quando vier o que é perfeito e for concedida a vista, não existirá mais fé? I Coríntios 13:13 sugere diferentemente: "Há três coisas que permanecem para sempre: fé, esperança e amor" (NEB). Isto inspirou Plummer a comentar da seguinte maneira, esta passagem: "Aqui temos apenas fé; depois, tanto fé quanto vista."

O reconhecimento de que a existência, neste tabernáculo, é uma vida fora de casa capacita Paulo a vencer a sua relu-

tância em experimentar a morte: **desejamos antes estar ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor.** É de se admitir que se necessite de **bom ânimo** (coragem, em inglês) para isto, pois Paulo não adota nenhum ponto de vista sentimental em relação à morte. Não há razão para se imaginar que ele deixara de considerar a morte como "o último inimigo" (I Cor. 15:26), mas ele sabia que pertencia ao seu Vencedor. Visto que o Senhor preparou um lugar para ele em seu templo, estava disposto a abandonar o seu tabernáculo e juntar-se ao Senhor, no que agora considerava seu verdadeiro lar.

De novo, é bom lembrar os antecedentes do autor. Se Paulo podia resolutamente deixar de lado a sua aversão à morte, e mesmo dar boas-vindas a ela, a fim de **estar presente com o Senhor,** certamente não lhe ocorrera que iria ser lançado em um leito, para dormir até o dia da ressurreição. A vida em comunhão com Cristo era o dominante interesse de Paulo, e, para ele, a morte, então, significava uma introdução mais ampla nessa santa comunhão, mais profunda qualitativamente do que a experiência atual de comunhão, quanto a cegueira é diferente da visão. Esta maneira de entender a morte está por detrás de palavras ainda mais famosas do apóstolo: "Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fil. 1:21). Isto pode significar apenas que, para Paulo, a vida é Cristo e a morte é mais Cristo. Da mesma forma, ele, que abomina a morte, é capaz de dizer: "Tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor" (Fil. 1:23). Cristo dá vitória sobre a morte, não apenas quando os olhos se fecham pela última vez e quando a última trombeta soa, mas em cada momento, quando o crente é capaz de fazer eco às palavras do apóstolo: "Andamos por fé."

E ainda é característico de Paulo que, quando ele pensa no futuro, lembra que deve haver um juízo. Portanto, ele acrescenta: "**Pelo que também nos esforçamos para ser-lhe agradáveis,** isto é, a Deus, **quer presentes, quer ausentes,** ou seja, na vida ou na morte. A expressão "nos esforçamos" é, de fato, um verbo, no grego, e o seu significado original é "fazemos disso a nossa ambição" ou "ambicionamos", significado que os tradutores da NEB, em inglês, sentiram que deviam reter aqui (como também nas duas outras ocorrências dessa palavra: Rom. 15:20 e I Tess. 4:11). Agradar ao Senhor, esteja vivo ou morto, é uma boa ambição. Este era o espírito em que o próprio Jesus viveu (Rom. 15:1-4; Fil. 2:8). A necessidade de andar nessas pegadas é enfatizada pela consideração: **é necessário que todos nós sejamos manifestos diante do tribunal de Cristo.** Todos nós precisamos! Todo crente, todo servo de Cristo, até o maior apóstolo, precisa fazê-lo. Pois a vida da ressurreição é dom de Deus, como também a vida no tabernáculo. O crente espera esse dia com a tensão de uma certeza jubilosa e do reconhecimento de que está nas mãos do reto Juiz.

Naquele dia será mister **que cada um receba o que fez por meio do corpo, segundo o que praticou, o bem ou o mal.** Quem pratica o mal? Só os ímpios? Quem pratica o bem? Só os santos? Os resultados e decisões estão nas mãos do Onisciente. O que precisa ser reconhecido pelos santos é que algumas de suas obras serão expostas como indignas de servos de Cristo, e serão destruídas. Cabe ao servo do Senhor viver em todo o tempo à luz desse último dia, não apenas por amor a si mesmo, mas porque Cristo é digno de ser comprazido — aquele que morreu e ressuscitou e voltará, para que possamos receber o eterno bem.

4) O Evangelho Apostólico (5:11-6:2)

11 Portanto, conhecendo o temor do Senhor, procuramos persuadir os homens; mas a Deus já somos manifestos, e espero que também nas vossas consciências sejamos manifestos. 12 Não nos recomendamos

outra vez a vós, mas damo-vos ocasião de vos gloriardes por nossa causa, a fim de que tenhais resposta para os que se gloriam na aparência, e não no coração. 13 Porque, se enlouquecemos, é para Deus; se conservamos o juízo, é para vós, 14 Pois o amor de Cristo nos constrange, porque julgamos assim; se um morreu por todos, logo todos morreram; 15 e ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. 16 Por isso, daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora já não o conhecemos desse modo. 17 Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo. 18 Mas todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo, e nos confiou o ministério da reconciliação; 19 pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra da reconciliação. 20 De sorte que somos embaixadores por Cristo, como se Deus por nós vos exortasse. Rogamo-vos, pois, por Cristo que vos reconcilieis com Deus. 21 Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.

1 E nós, cooperando com ele, também vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão; 2 porque diz: No tempo aceitável te escutei e no dia da salvação te socorri; eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação.

O tema dominante dos capítulos centrais desta carta, a saber, a autenticidade do seu ministério apostólico, continua a propiciar a linha-mestra do pensamento de Paulo. Tendo dado um relatório a respeito dos sofrimentos do seu ministério e mostrado a unidade dos mesmos com a proclamação que fazia da morte e ressurreição de Cristo (4:7-5:10), Paulo agora passa a expor o ponto central do evangelho da cruz, mas ainda do ponto de vista controlador do seu desejo de iluminar a natureza do seu ministério.

Paulo começa, indicando a relação desta mensagem com os motivos que controlavam o exercício do seu ministério, e com certas acusações feitas contra ele em Corinto (v. 11-13). Ao proceder à exposição de sua mensagem (v. 14 e ss.), ele toca levemente em alguns dos mais profundos elementos da fé cristã. A brevidade de sua exposição e as suas alusões são cruciantes para o exegeta e o teólogo, e têm levado a consideráveis divergências na interpretação desta passagem. Não obstante, estes poucos versículos constituem uma das mais importantes exposições da mensagem do cristianismo encontradas na Bíblia e demandam cuidadosa atenção.

O temor do Senhor torna-se um com o "temor e tremor" mencionado por Paulo num contexto não diferente em Filipenses 2:12, que é apropriado, para o crente, quando ele contempla a perspectiva de comparecer diante do tribunal de Cristo (5:10). Neste contexto, mas palavras **procuramos persuadir os homens** descrevem não as tentativas do apóstolo para persuadir os homens a se arrependerem em vista do julgamento vindouro — embora, sem dúvida, Paulo fizesse isso com interesse apaixonado — mas os seus esforços para persuadir as pessoas, em particular os cristãos de Corinto, a respeito de sua própria sinceridade, no exercício de seu ministério. Esta sinceridade havia sido questionada em Corinto, e Paulo protesta que é impossível que alguém que leva a sério o juízo de Cristo seja insincero. E, de fato, ele o leva a sério: **a Deus já somos manifestos**, o que sugere que Paulo está consciente do escrutínio perscrutador do seu juiz, a todo momento, e que ele vive à luz do juízo final cada dia. Deus conhece tudo acerca dele, e disso ele tem confiança. Ele não podia deixar de ter a esperança de que os coríntios, em seus corações (sua **consciência**), também o conhecessem, pois se o conheciam, certamente reconheceriam a sua sinceridade.

Mesmo falando gentilmente, como aqui, lembramo-nos da velha acusação: "Auto-recomendação outra vez?" (cf. 3:1 e ss.) "Não é verdade", diz Paulo, "estamos dando a vocês motivo para ficarem orgulhosos de nós, e munição para

responder aos que são orgulhosos de si mesmos." Para apreciar plenamente o verso 12, precisamos ler os capítulos 10 a 12. É claro que havia necessidade de os membros da igreja em Corinto darem uma **resposta** às pessoas que se orgulhavam de si mesmas, pois, no seu orgulho, tais pessoas haviam atacado Paulo. Portanto, os coríntios tinham a necessidade de escolher em quem crer: Paulo, ou seus detratores. Esses adversários de Paulo eram, evidentemente, os "apóstolos superlativos" mencionados em 11:5, a quem ele não hesita em descrever como "falsos apóstolos... disfarçando-se em apóstolos de Cristo" (11:13). Eles se orgulhavam **na aparência, e não no coração**, na impressão que causavam sobre os homens, ao invés de se preocuparem com a sua condição diante de Deus.

É provável que um elemento ponderável, no **orgulho** desses homens, e que era posto em questão entre eles e Paulo, seja mencionado no verso 13. Porém conclusões opostas, quanto ao que era essa questão, têm sido tiradas dessa declaração. Quando foi que Paulo **enlouqueceu**, e quando **conservou o juízo**? Podemos excluir como improvável a idéia de que a declaração anterior contém uma acusação de que as tentativas de Paulo, de se autojustificar, eram mera loucura, e que ele as defendera como louco por amor de Cristo, enquanto os seus ensinamentos mais sóbrios eram dados por amor aos coríntios. O termo "enlouquecer" não era usado raramente para denotar êxtase religioso. Portanto, é sugerido que Paulo fora acusado pelos "apóstolos superlativos" de demasiada indulgência quanto a experiência extáticas em Corinto, notavelmente no exercício dos dons espirituais, durante os períodos de adoração (cf. I Cor. 14:18), e que os seus críticos contrapunham o procedimento dele com o próprio ministério, restrito de instrução, deles.

Contudo, alguma reflexão a respeito da força da conjunção **porque**, no começo do verso 13, certamente sugerirá que precisamente no sentido oposto fora feita a acusação pelos falsos apóstolos. Orgulhando-se **na aparência, e não no coração**, eles deleitavam-se em manifestar os seus poderes espirituais durante a adoração da congregação; sabiam que Paulo não tinha o hábito de dar-se à êxtase religioso em público (cf. I Cor. 14:19), e, por isso, acusavam de não ser um homem espiritual. Segundo a opinião deles, ele nada mais era do que um mestre insípido, de verdades rasteiras, e, visto que não tinha os dons do Espírito, obviamente não era apóstolo, de forma alguma. É contra esta crítica que o verso 13 é dirigido.

Paulo declara que sabia bem o que é experimentar êxtase no Espírito, mas se entregava a estas experiências na privacidade da sua comunhão secreta com Deus; na congregação, admite ele, usava de expressão vocal restrita, mas isto era por amor à congregação, para que ela pudesse ser melhor instruída. O princípio em que Paulo baseava a sua ação é perfeitamente ilustrado em I Coríntios 14:18 e s. Se ele levou a algum mal-entendido da parte dos homens que eram excessivamente entusiásticos a respeito dos dons espirituais e inclinados à exclusividade gnóstica, isto era devido a diferenças fundamentais entre eles e Paulo, tanto em teologia quanto em prioridades pessoais. As duas expressões do verso 13, **para Deus** e **para vós**, são grandemente reveladoras; a preocupação com a glória de Deus e o bem-estar dos outros caracterizou o ministério de Paulo do começo ao fim.

Onde foi que o apóstolo aprendera tal desprendimento? Do próprio Senhor. O **amor de Cristo nos constrange**. A palavra **constrange** é traduzida, na KJV, em inglês, como "controla", e isto é importante. Da maneira como este escritor entende o pensamento do apóstolo, esta cláusula fala não tanto da inspiração do amor sacrificial de Cristo, para levar os homens a sair pelo mundo e deixar rastros brilhantes de interesse amoroso pela

humanidade, quanto ao poder desse amor para restringir a pessoa de todos os pensamentos a respeito de vantagem própria e encerrá-la na cruz (veja os exemplos instrutivos do uso que Lucas faz deste termo em Lucas 8:45; 12:50; 19:43). A aceitação de uma decisão tão radical, a respeito de si mesmo, se origina da maneira de entender o significado da cruz.

Julgamos assim: se um morreu por todos, logo todos morreram. Que o leitor pare e contemple estas palavras, antes de continuar lendo. Sim, pois elas apresentam a declaração mais clara, mais completa, da Bíblia a respeito das conseqüências da morte de Cristo, e muitos estudantes das cartas de Paulo parecem ter medo de a considerarem de acordo com o seu significado completo, claro. Os eruditos insistem em limitar o seu significado, como se não pudesse se aplicar a todos, mas apenas aos crentes. Ou, pode ser que eles pensem que as palavras de Paulo, aqui se relacionam a uma morte mística de Cristo, ou a uma aceitação da norma ética do sacrifício de Cristo, ou coisas semelhantes. Este escritor chegou à conclusão de que o ensinamento de Paulo a respeito da redenção não pode ser compreendido, a não ser que o leitor esteja preparado para aceitar esta afirmação em seu sentido original. Cristo **morreu por todos; logo, todos morreram.**

Esta frase está baseada em duas categorias de pensamento, cujo significado nem sempre tem sido apreciado. A primeira é que Cristo é o segundo Adão, (*) que, em seu nascimento, vida, morte e ressurreição se colocou no lugar de toda a raça humana. A segunda é que, em todos os seus atos redentores, Cristo é o representante da humanidade, de forma que o que foi feito, por ele, pela raça toda pode ser considerado como tendo sido feito pela raça toda nele. Os dois conceitos estão, de fato, vitalmente ligados. É o primeiro que inspira a doutrina de Paulo acerca da ressurreição, exarada em I Coríntios 15, de acordo com o qual a ressurreição deste Homem leva à ressurreição de todos os homens. Tão forte é a unidade, declara Paulo, que se a raça não ressuscitar significa que Cristo não pode ter ressuscitado (I Cor. 15:13). Aqui, porém, é o último conceito que funciona especialmente. Uma simples doutrina de substituição teria levado Paulo a escrever: "Um homem morreu por todos os homens; portanto, todos os homens foram poupados da morte." A doutrina da representação o levou a um passo além: "Um homem morreu por todos os homens; portanto, quando ele morreu, todos os homens morreram nele."

Foi esta opinião, a respeito da morte de Cristo, que tornou possível o ensino de Paulo a respeito do batismo em Romanos 6. O fato de termos em mente essa passagem, ao estudarmos o texto em foco, nos livrará de chegarmos a algumas conclusões falsas, pois o batismo significa não simplesmente uma aceitação da crença de que Cristo morreu para libertar o crente da morte que o pecado acarreta, mas que o crente participa da morte que Cristo experimentou pelo pecado, com a conseqüência de que a morte para o pecado e vida a partir da morte, para a glória de Deus, se torna o padrão para o viver. Não obstante, neste ponto, Paulo não vai tão longe. A sua preocupação é a natureza do seu ministério como um serviço aos outros. Por um lado, isso é determinado pela perspectiva do tribunal de Cristo. Por outro, pela cruz de Cristo.

O que se segue? **Ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si.** Aqui tão-somente o propósito da morte de Cristo é o objetivo em vista. A maneira de se apropriar da salvação que ele apresentou não é a questão aqui. Cristo morreu pelos homens para que cessassem de viver para si mesmos. Viver para si mesmo é a inclinação universal da humanidade. Visto que Cristo se ofereceu por todos os homens, todos **devem**

* **Nota do Editor**: O segundo Adão, representado por Cristo, é o iniciador da nova era onde a predominância na vida das pessoas será a vontade de Deus.

viver para aquele que por eles morreu e ressuscitou. Sim, pois o Salvador da humanidade é o Senhor da humanidade; por direito, todos os homens a ele pertencem, e, portanto, todos os homens devem servi-lo. Quando eles vivem para ele, em vez de viver para si mesmos, de fato, estão vivendo para os outros. De novo, lembramos que Paulo está explicando a análise racional do seu apostolado. Ele reconhece que Cristo morreu para libertar os homens dos seus pecados e de si mesmos, de forma que possam ser arrolados para o serviço do Senhor, coisa que é a perfeita liberdade; por isso ele procurou dar forma, ao seu ministério, de acordo com este princípio.

Todavia, precisamos parar, para fazer uma importante pergunta: Quem são **os que vivem** (v. 15)? A versão NEB traduz esta frase como "homens, ainda em vida", e assim a interpreta de maneira genérica: "os homens durante a sua vida." A idéia é, desta forma, que Cristo morreu pelos homens, para que estes durante a sua vida, vivam para ele. Comumente, **os que vivem** são considerados como os que foram poupados da morte através da morte de Cristo; em gratidão ao Senhor, eles devem, daqui por diante, gastar o resto de suas vidas para ele.

Se existe tal conexão de pensamento entre os versos 14 e 15, então precisamos ir além. Pois a lógica do verso 14 é que, quando Cristo morreu, todos morreram; portanto, ninguém escapou da morte. Aqui está um exemplo da alusão contida na linguagem de Paulo, à qual nos referimos anteriormente. Ele presume que os seus leitores sabiam não apenas que na morte e ressurreição de Cristo todos os homens estavam implicados, visto que ele nos representava a todos, mas também que a proclamação desta mensagem incluía um chamado para crerem nas boas-novas e serem batizados, e assim serem unidos Àquele que morreu e ressuscitou por eles. Então eles conheceriam, em suas próprias vidas, o poder de Sua ressurreição para o seu viver. É a respeito dos que assim receberam a Cristo que se pensa na expressão **os que vivem.** Eles **vivem** pela ressurreição de Cristo, através do Espírito Santo de Cristo, e assim o objetivo da morte de Cristo é cumprido neles na medida em que vivem para o seu Salvador.

Para todos os homens que foram desta forma atraídos para a morte e ressurreição de Cristo, a vida e o próprio mundo se tornaram diferentes: **Por isso daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne.** Compreenderíamos melhor o significado das palavras de Paulo se inseríssemos (em pensamento), aqui, a palavra "meramente": "a ninguém conhecemos meramente segundo a carne." A tradução inglesa RSV diz: "meramente segundo um ponto de vista humano." O "ponto de vista humano" é o do homem que pertence só a este mundo e que considera as pessoas e as coisas somente do ponto de vista deste mundo. O novo mundo da redenção, criado por Deus, e a vida nova, não se enquadram no seu horizonte; portanto, naturalmente, ele não pode levá-los em consideração ao fazer os seus cálculos. Não que este mundo seja tão mau. pois Deus o criou, e ele o fez bom. O mundo tornou-se mau, todavia, quando os homens cessaram de elevar os seus olhos para o alto, para o Deus que os criou, e recusaram prestar a obediência a ele devida. A vida nestas bases é o que Paulo chama de vida "segundo a carne", em contraste com a vida "segundo o Espírito", que é uma vida que pertence ao novo mundo do governo redentor de Cristo.

Em nossa passagem, a expressão "do ponto de vista humano" é, na verdade, uma paráfrase da fórmula paulina "segundo a carne". É uma paráfrase adequada, conquanto que se leve em mente que o "ponto de vista humano" **é** o do homem não redimido e dependente dos seus próprios recursos. O homem que morreu e ressuscitou com Cristo, no en-

tanto, não pode considerar os homens e o mundo desta maneira. Ele sabe que Cristo trouxe à luz a vida e a imortalidade através do evangelho, e ele olha para os seus semelhantes como homens e mulheres criados por Deus e redimidos através de Cristo, como sendo filhos de Deus através da criação e potencialmente filhos renascidos de Deus na nova criação, se tão-somente se voltarem para Cristo. Aqueles que crêem, seja qual for a sua condição na vida — escravos ou livres, homens ou mulheres, brancos ou pretos, ricos ou pobres — o crente sabe que são seus co-herdeiros do reino de Deus e, com ele, membros do corpo de Cristo.

Os olhos do crente vêem todos os homens sob uma nova luz. E eles vêem Jesus sob uma nova luz. E, **ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora já não o conhecemos desse modo**. Se Paulo viu ou não Jesus na carne, não podemos saber. Se ele estava em Jerusalém durante a Páscoa quando Jesus foi crucificado, é provável que tenha visto Jesus na cruz; porém pode ser que estivesse ausente da cidade naquela ocasião. Se viu Jesus naquele dia terrível, é estranho que jamais tenha feito alusão a este fato em qualquer de suas cartas que chegaram a nós. Mas o espetáculo de Jesus na cruz que Saulo, o fariseu, tivesse presenciado, e a lembrança do mesmo que Paulo, o apóstolo, tivesse em mente seriam duas coisas bem diferentes. O mesmo homem, a mesma cruz, a mesma multidão e o mesmo céu escuro formavam a cena; mas Saulo teria visto um impostor blasfemador sofrendo justamente o julgamento de Deus, e com ira a sua voz se teria juntado à multidão, nas suas maldições.

Contudo, em vez disso, o apóstolo viu o Cristo de Deus dependurado na cruz como o homem em favor de todos os homens, e, com penitente amor, pediu perdão e buscou graça para falar, ao mundo, de tão grande salvação. Seria uma interpretação monstruosa das palavras do apóstolo imaginar que elas pretendiam dar a entender uma falta de interesse no **Cristo segundo a carne**, como se ele não tivesse tempo para o Jesus de Nazaré, só para o Cristo do céu. O que Paulo declarou como pertencente ao passado era o seu ponto de vista meramente humano sobre Jesus Cristo, e não sobre o homem Cristo Jesus propriamente dito.

Esta expressão não sugere que o homem Cristo Jesus é inacessível ao conhecimento, ou sem importância para nós. Também não sugere que o crente é incapaz de conhecer os seus semelhantes ou de se interessar por eles, uma vez que se tornou tal. Pelo contrário, Paulo afirma que o novo homem vê o mundo com novos olhos, visto que vê este mundo à luz do mundo por vir, e, portanto, o vê e compreende mais perfeitamente. É claro que isto se relaciona com o tema de Paulo a respeito do ministério do evangelho, pois, agora que Cristo morreu e ressuscitou, Paulo (e aqueles que servem a Cristo da maneira como ele faz) é capaz de olhar para os homens com olhos de compaixão e compreensão e dar-se em amoroso serviço em favor deles como o seu Salvador fez, a fim de levá-los para o novo mundo de Deus.

É precisamente este novo mundo que está em mente no verso 17. **Pelo que** focaliza outra vez os versos 14 e 15. É uma dedução tirada do fato de que, quando Cristo morreu, a raça toda morreu, e, quando ele ressuscitou, uma nova humanidade veio à existência: **Se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo**. Esta linguagem é pura escatologia, trazida para a realidade da vida hodierna. A Bíblia, tanto no Velho (v.g., Is. 65:17 e ss.) como em o Novo Testamento (v.g., Apoc. 21:1 ss.), fala de novos céus e nova terra, que Deus manifestará, para o estabelecimento do seu reino eterno de bem-aventurança. Para a nova era de justiça e vida, uma nova criação está sendo preparada (cf. II Ped. 3:12).

Coerentemente, os conceitos de redenção, reino de Deus e nova criação estão entrelaçados. As maravilhosas notícias que o evangelho dá são de que, através de Cristo, essa redenção, esse reino de Deus e essa nova criação vêm à existência. Quando Cristo morreu e ressurgiu como representante da humanidade, o juízo de Deus contra o pecado foi iniciado, o Diabo, destronado, a ressurreição dos mortos teve início e a nova criação veio à existência, da qual ele, o Adão da nova humanidade, é o cabeça e Senhor. Mesmo antes que o evangelho fosse pregado, aconteceu a coisa essencial. Neste Salvador ressurrecto, uma nova criação se colocava no novo mundo de Deus, as primícias da colheita da humanidade (I Cor. 15:20).

Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é. Unido com o Senhor ressuscitado, o crente participa da nova criação, da qual Cristo é a fonte e a vida. Como no fim dos tempos, aquele que se assenta no trono nos céus declarará: "Eis que faço novas todas as coisas... Está cumprido!" (Apoc. 21:5 e s.), dando a entender a passagem da velha criação e a vinda da nova; assim sendo, para aquele que está unido a Cristo em fé penitente, dirige-se o brado: **As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.** Essa pessoa já passou do velho mundo para o novo, da morte para a vida, e o objetivo de sua criação encontra o seu pleno cumprimento. É claro que o lado temporal da velha criação ainda não foi completado nem o clímax da nova criação; mas aconteceu a coisa importante: no Senhor ressurrecto o novo mundo veio à existência, e o homem que está em Cristo faz parte dele. Naturalmente, segue-se de tudo isto, que o verso 17 tem a implicação ética mais forte para o crente. A sua vida deve ser radicalmente diferente — com novas qualidades morais e nova devoção espiritual — porque "ele é nova criatura".

Todas as coisas provêm de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Cristo. De que outra forma poderia o novo mundo ter vindo à existência, a não ser através dos atos poderosos de Deus, o Criador — Redentor? Todo o processo do benéfico propósito divino é devido à sua atividade graciosa. A criação provém dos atos onipotentes e graciosos de Deus, em Cristo, e a nova criação procede da ação onipotente e graciosa desse mesmo Deus, em Cristo. Isto se aplica a cada passo do caminho redentor: desde a reconciliação, levada a efeito por Cristo, até a inclusão de um homem na morte e ressurreição de Cristo, a sua entrada na nova criação, a sua permanência em graça na morte e o fato de ele alcançar a ressurreição final para a glória do reino consumado — tudo é de Deus, através de Cristo.

Neste ponto, entretanto, Paulo aponta um elemento importantíssimo da nova atividade criadora de Deus, em Cristo: o da reconciliação. **Deus... nos reconciliou consigo mesmo por Cristo**. Esta reconciliação tinha que ser alcançada a fim de que houvesse uma nova criação de justiça, e que os homens pudessem participar dela. Sem Cristo, o homem está alienado de Deus, condenado à morte e sem esperança de entrar no novo mundo de vida e santidade, preparado por Deus. Semelhantemente, o Deus que efetuara uma reconciliação, **nos encarregou da palavra da reconciliação**. Ele tomou providências para que ela fosse proclamada aos homens, para que pudessem experimentar o seu poder e, dessa forma, entrar no novo mundo.

Era motivo de admiração constante, para o apóstolo Paulo, o fato de Deus lhe ter dado o maravilhoso privilégio de cooperação com ele na obra da reconciliação do mundo (cf. Ef. 3:8). É ordenança de Deus que, embora ele tenha trazido à existência uma criação e uma nova criação sem a ajuda do homem, chame homens para se tornarem seus agentes no afã de levar homens e mulheres pecadores e quebrantados ao Salvador, que operou para eles essa reconciliação e os

capacita a entrar no seu novo mundo. Na inexcrutável providência de Deus, o ministério da reconciliação é a contrapartida da realização da reconciliação pelo Filho de Deus, e, sem esse ministério, a sua realização não poderá alcançar o seu alvo. Só a graça de Deus pode dar aos homens essa tremenda responsabilidade, ou capacitá-los para cumpri-la.

Portanto, qual é a natureza da reconciliação que Deus realizou em Cristo e ao ministério confiado a Paulo e outros homens apostólicos? Este assunto consiste no tema do verso 19, que, virtualmente, reitera o verso 18, mas com significativas adições, que propiciam alguns indícios esclarecedores. **Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.** A primeira coisa a ser notada é o paralelismo dos versos 18a e 19a.

Por Cristo e **em Cristo** são expressões paralelas; elas chamam a atenção para a operação de Deus mediante a agência de Cristo. Este pensamento fortalece um ponto de vista há muito esposado, de que o verso 19 não significa, primordialmente, que Deus estava em Cristo (pela encarnação — fato aceito, mas não em questão aqui) e que enquanto estava em Cristo realizou um ato de reconciliação; pelo contrário, devemos interpretar que Deus estava reconciliando o mundo para consigo mesmo, em Cristo. Isto é, Deus realizou este feito em Cristo e através de Cristo, na cruz. Mas qual foi o feito da reconciliação? Quem foi reconciliado com quem? e como?

Reconciliação implica em um estado de hostilidade, que é levado a termo. Visto que Deus é a pessoa que reconcilia o mundo consigo mesmo, através de Cristo — e nunca se diz, em o Novo Testamento, que o homem reconcilia Deus consigo mesmo — é natural presumir-se que a obra de Deus, em Cristo, é remover a hostilidade contra Deus, que existe no homem. Geralmente, presume-se que isto é feito através da demonstração do amor de Deus, que teve lugar na cruz de Cristo, e do reconhecimento, da parte do homem, da hediondez do pecado, por causa de sua rejeição e homicídio do Filho de Deus. Isto introduz o arrependimento no homem, e, desta forma, ele é reconciliado com Deus, através de Cristo. Esta interpretação, embora à primeira vista seja atraente e plausível, dificilmente faz justiça à linguagem desta passagem ou ao ensino de Paulo a respeito da expiação de maneira genérica, embora muitos estudiosos da Bíblia a apóiem.

Vale a pena notar que alguns eruditos crêem que, no verso 19, Paulo cita linguagem confessional cristã anterior, como faz freqüentemente em suas cartas. Sempre que ele cita escritores anteriores, é importante observar as suas inserções, pois elas indicam como ele interpreta o que está citando. A frase **não imputando aos homens as suas transgressões** é, claramente, parte da linguagem de Paulo e forma uma espécie de explicação para o que se incluía no fato de Deus estar reconciliando o mundo consigo mesmo, em Cristo. Indica que a reconciliação é um aspecto da justificação; e, no ensino de Paulo, a justificação segue-se ao julgamento do pecado que Cristo suportou na cruz e à nova relação com o homem, possibilitada através de sua ressurreição (cf. Rom. 3:24 e s.; 4:25).

A conexão entre justificação e reconciliação é mais esclarecida no único paralelo a II Coríntios 5:19, nas cartas de Paulo, ou seja, Romanos 5:9 e ss. De acordo com esta passagem, a justificação é "pelo seu sangue", isto é, mediante a morte de Cristo, oferecida a Deus como um sacrifício pelos pecados. Tendo sido libertados da culpa e do poder do pecado, seremos "salvos da ira de Deus", **porque** "fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho". A morte reconciliadora, portanto, fora em relação à ira de Deus. Isto dá a entender claramente que Deus estava contra o homem em seu pecado, e foi acima de tudo em relação a Deus, e não ao homem, que a morte

reconciliadora foi suportada. Mas, também, que se tenha em mente que Deus estava a favor do homem em seu pecado, mesmo ao ponto de fazer reconciliação através de seu Filho. Há uma conexão semelhante entre a reconciliação e a morte de Cristo em relação ao juízo no verso 21, pois a declaração: **Deus o fez pecado por nós** é acrescentada como base para a compreensão de como se efetuou a reconciliação. A reconciliação foi efetuada porque Cristo tomou sobre si o juízo pelo pecado do homem. No homem Cristo Jesus, sobre a cruz, os homens receberam o julgamento do pecado, para que no Cristo à direita de Deus eles possam se tornar justos.

Estas considerações levam à convicção de que o ato de reconciliação levado a efeito por Deus, em Cristo, precisa ser considerado como uma reunião dupla de Deus com o homem, e do homem com Deus, e não simplesmente de o homem ser atraído a Deus. Sobretudo, isso aconteceu de uma vez por todas em Cristo. No homem Jesus Cristo, toda a humanidade foi representada. Nele, o Obediente, a humanidade se curvou para receber a ira santa de Deus contra o pecado; nele, a humanidade morreu para o pecado; nele, a humanidade foi aceita e justificada, através da ressurreição. Nele, portanto, a reconciliação foi conseguida entre Deus e o homem, e o homem e Deus.

Aconteceu! É por isso que existe um evangelho a respeito de uma obra consumada de Cristo. Baseando-se nessa realização, Paulo e todos os outros embaixadores de Cristo são enviados com este apelo: **Rogamo-vos, pois, por Cristo, que vos reconcilieis com Deus.** Isto significa: "A reconciliação entre Deus e o homem foi realizada da parte de Deus, através de Cristo; agora, avançai, colocai de lado a vossa rebeldia e aceitai a reconciliação feita em vosso favor."

Mas uma vez é-nos lembrada a passagem paralela de Romanos 5:9 e ss.; o resultado da reconciliação realizada pela morte de Cristo é: "Também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora temos recebido a reconciliação" (v. 11). Cristo realizou a reconciliação com o Pai; nós, de nossa parte, somos reconciliados quando nos chegamos a Deus através de Cristo e aceitamos a paz e o perdão oferecidos.

Duas lições são meridianamente claras, nesta passagem. A primeira é a seriedade com que Deus encara o pecado e seu corolário — a conseqüente seriedade da situação do pecador. O homem moderno — inclusive o crente moderno — acha difícil aceitar esta opinião. Acima de tudo, ele não gosta da idéia de que Deus possa ser "hostil" para com ele, no sentido de resistir ativamente contra ele, em sua ira. Conseqüentemente, o ensinamento de Paulo, a respeito da reconciliação, é transformado em uma simples fórmula, pela qual o homem desiste de usar as suas armas contra Deus. Em vista disso, o leitor pode ponderar convenientemente a respeito do comentário de Adolf Schlatter, acerca desta passagem:

> Visto que Paulo considerava na morte de Cristo a morte que estava preparada para ele, reconheceu que tinha Deus contra ele. O Deus que decreta a morte trata o homem como adversário, a quem ele resiste. Mas da atestação dessa inimizade se origina a sua remoção, visto que o amor de Deus levou Jesus a morrer por todos, e o amor de Jesus revela o amor de Deus. Desta forma, ele realiza a paz de Deus com o homem, a sua introdução à comunhão com Deus. Aquele que está em Cristo tem Deus do seu lado.[11]

Esta declaração pode não estar em harmonia com grande parte da teologia moderna, mas é fiel à mensagem de Paulo e à dos escritores do Novo Testamento em geral. Aquele que minimiza a ira de Deus e o juízo de Deus, no evangelho, também deixa de compreender a largura, a extensão, a altura e a profundidade do amor de Deus, declarado no evangelho, e, ao fazê-lo, abandona a

11 **Op. cit.**, p. 565.

companhia dos apóstolos, que deram disso testemunho.

A segunda lição desta passagem é que os rogos para que os homens respondam ao ato reconciliador de Deus, em Cristo, e desta forma entrem na reconciliação, é parte integrante da proclamação apostólica da mensagem da reconciliação. Se outrora havia uma tendência para considerar a reconciliação como inteiramente relacionada com a volta do homem para Deus, e, portanto, não sendo um ato realizado de uma vez para sempre, mas um processo, há uma tendência contemporânea para considerar a reconciliação como inteiramente independente da atitude do homem. Discute-se que, visto que toda a humanidade se reconciliou com Deus em Cristo, não faz diferença essencial para a realidade dessa reconciliação se os homens e mulheres ficam ou não sabendo dela. Toda a humanidade, sem exceção, está reconciliada com Deus; a única diferença entre a Igreja e o mundo é que a Igreja sabe que a reconciliação teve lugar, e o mundo não. Mediante este ponto de vista, a tarefa do pregador é tornar as boas-novas famíliar ao homem, falando de sua reconciliação e cooperando em todas as coisas boas, com todos os homens, seja qual for a sua religião ou falta dela, pois em Cristo todos são um.

Em vista da exposição anterior, a respeito deste capítulo, a verdade e a inverdade desta posição devem já estar claras. É verdade que uma reconciliação foi efetuada para todos os filhos dos homens, e nem a ignorância nem a rejeição desse fato podem prejudicar a sua realidade ou suficiência. Mas é igualmente verdade que todo homem tem a necessidade de reconciliação, mediante a confissão do seu pecado, respondendo ao chamado de Deus, no evangelho, e assim "recebendo a reconciliação".

Esta é a implicação dos versos 20 e 21. **Somos embaixadores por Cristo**. Paulo é um representante acreditado do Senhor entre os homens. Sem dúvida, o apóstolo tem consciência do ditado rabínico: "Aquele que é enviado é um com aquele que o enviou" (cf. Mat. 10:40). Conseqüentemente, a sua declaração da mensagem da reconciliação e o seu apelo para que os homens se reconciliem com Deus devem ser considerados **como se Deus por nós vos exortasse**, como a própria palavra de Cristo. A arte do embaixador é a diplomacia, e aqui Paulo usa esta idéia na sua forma mais pura: Deus "exorta", através de Paulo e "roga" em favor de Cristo. As notícias de reconciliação, por conseguinte, não são meramente boas-novas, mas notícias urgentes, acarretando conseqüências da maior importância para os homens — de fato, de importância eterna. Tão importante é que os homens recebam essas notícias e correspondam a elas, que Deus preparou-se para "rogar" aos homens para se decidirem a agir a respeito, e Cristo exorta através de Paulo, seu representante.

Não pode ser colocado diante dos homens assunto mais sério do que o de eles ficarem sabendo da reconciliação realizada por Cristo e da necessidade de darem fim à sua rebeldia contra Deus. E a razão para esta seriedade é clara: a reconciliação entre Deus e o indivíduo é incompleta, enquanto o indivíduo se negar a arrepender-se, mantiver a sua resistência contra Deus e deixar de reconhecer Cristo como Salvador e Senhor. Uma proclamação do evangelho, portanto, que não inclua o apelo de Deus aos homens: **Que vos reconcilieis com Deus**, é apenas meio evangelho; e, visto que a omissão é tão séria, ela precisa ser considerada como uma falsa representação do evangelho.

A mensagem e o apelo são igualmente concentrados nesta declaração prenhe de significado: **Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.** Têm-se pensado freqüentemente que a primeira cláusula: **Deus o fez pecado**, significa que Deus fez com que Cristo

fosse uma "oferta pelo pecado". A ocorrência do termo **pecado**, com seu significado costumeiro na frase que se segue imediatamente, contudo, torna essa sugestão difícil; e, de qualquer forma, há poucas evidências que sustentem esse ponto de vista em o Novo Testamento. A linguagem análoga, de Gálatas 3:13, passagem de interpretação tão difícil como esta, pode suprir o indício para se entender o verso 21. "Ele se fez maldição por nós" provavelmente significa "ele levou a maldição por nós", isto é, a maldição do juízo divino contra o pecado. Assim, aqui, **Deus o fez pecado por nós** provavelmente significa: "ele assumiu as terríveis conseqüências do pecado."

Os resultados do pecado, na vida e na sociedade humana, são suficientemente óbvios, como Paulo foi capaz de demonstrar com as descrições sombrias de Romanos 1:21 e ss. Mas as últimas conseqüências estão ocultas aos olhos humanos. A revelação mais clara e mais terrível dos resultados do pecado é a cruz de Cristo. O que é visível ao olho ou imaginação humana já é suficientemente chocante, no assassinato do homem mais puro da história, o próprio Filho de Deus; mas o que está oculto à perspicácia e à compreensão humana, as dores que o Filho de Deus sofreu em sua alma, não pode ser medido. Isso é vagamente imaginado no terrível grito de abandono dado na cruz (Mar. 15:34). Nós, homens e mulheres, cometemos pecado. Só o Filho de Deus sabia o que era ser **feito pecado**. Mas, ao levar esse fardo, ele extinguiu a sua força destrutiva para todos os homens e mulheres que se unirem a ele no Espírito.

É em tais pessoas que acontece o que Lutero chama de "troca feliz". Tão certamente quanto o fato de que Cristo levou os pecados delas, elas recebem nele a justiça de Deus, de fato elas **se tornam** justas à maneira de Deus. Elas não apenas experimentam absolvição diante do tribunal de Deus, mas, através de Cristo, transformam-se à sua imagem.

Uma vez mais soa a melodia do evangelho. O grande acontecimento, pelo qual o pecado do homem foi levado pelo representante da humanidade, aconteceu e permanece para sempre com poder. Mas a libertação do pecado e a participação da justiça de Deus em Cristo é experimentada quando os homens estão **nele**, isto é, quando reconhecem o seu estado pecaminoso, se arrependem e se dirigem a Deus através de Cristo, e assim são unidos a Cristo no Espírito de fé. Portanto, o verso 21 dá a entender que o apelo de Deus, em Cristo, feito, aos homens, através dos embaixadores de Cristo, deve dizer: "Aconteceu em Cristo a grande reconciliação; portanto, venham a ele, em quem Deus se aproximou do homem; venham a Cristo e lancem sobre ele os seus fardos de pecado, ganhem a sua justiça, e entrem na paz."

Os dois primeiros versículos do capítulo 6 apelam, aos coríntios, para que recebam a graça oferecida através da reconciliação de Cristo e assim entrem em sua nova criação. Na expressão inicial do verso 1, os tradutores da IBB acrescentaram corretamente, às palavras originais de Paulo, **cooperando**, a expressão **com ele**, isto é, com Deus. O contexto indica que Paulo tem em mente o seu papel no "ministério da reconciliação" (5:18); ele, que, como embaixador de Cristo, convence os homens de que devem se reconciliar com Deus (5:20), coopera com Deus para a reconciliação do mundo.

Porém, como é possível **receber a graça de Deus em vão**? De várias maneiras. Ouvir o evangelho da graça de Deus sem fé é adiantar-se à graça oferecida (cf. Mar. 4:14 e ss.). É concebível que Paulo suspeitasse de que alguns dos coríntios não haviam, de fato, experimentado ainda a graça reconciliadora de Cristo. Professar fé no evangelho sem segui-lo com uma vida de fé e obediência a Cristo é também aceitar a graça em vão. Em todo o tempo, Paulo confessa preocupação para com os seus convertidos, para

que eles não confundam a certeza da fidelidade de Deus à sua palavra com presunção da parte do homem (cf. I Cor. 15:2). Também é verdade que Paulo estava muito preocupado em que os seus convertidos não abandonassem o verdadeiro evangelho por causa de uma versão falsificada dele, fosse do tipo que ameaçava os cristãos na Galácia (cf. as solenes palavras de Gál. 5:2-6) ou do que havia instigado a igreja em Corinto contra Paulo (cf. II Cor. 11:1-4). Para o crente professo, tanto quanto para o ouvinte não-crente, das boas-novas, a única esperança de vida está no Cristo crucificado e ressurrecto; por isso ele precisa em todo o tempo "reter a Cabeça" (Col. 2:18 e s.).

O apelo para não **receber** a graça de Deus em vão pode ter feito o apóstolo se lembrar de uma importante passagem veterotestamentária (Is. 49:8), que fala da chegada do **tempo aceitável** de Deus, isto é, do seu dia de graça. A citação de Isaías segue-se imediatamente ao chamado segundo Cântico do Servo, que anuncia que o Servo do Senhor não deve apenas levar Israel de volta a Deus, mas deve tornar-se uma luz para as nações, e estender a salvação até os confins da terra. No "tempo de favor" (traduzido como "tempo aceitável" na Setuaginta) e no dia da salvação, Deus deve exercer o seu grande poder para tirar os seus cativos do exílio, levando-os para a sua terra, onde podem encontrar consolação e alegria no reino dele.

A declaração de Paulo, **eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação**, afirmam que chegou a hora do cumprimento dessas graciosas promessas. Fazendo isto, ele transmite o ensinamento dos outros apóstolos, que, por seu turno, se torna o pressuposto básico de todo o Novo Testamento: de que as promessas de Deus, referentes ao seu reino, se cumpriram através dos atos redentores de Cristo e do derramamento do Espírito Santo. Portanto, a ênfase desta passagem se exerce sobre a palavra **agora** e no seu aspecto de boas-novas. É improvável que Paulo esteja aqui emitindo uma advertência, como a dizer: "Não rejeitem a graça de Deus; hoje vocês podem ser salvos, porém amanhã será tarde demais." Pelo contrário, ele afirma: "Regozijem-se e fiquem alegres! A época de libertação e salvação, no reino prometido por Deus, agora chegou! Abram as suas vidas para a inundação da graça divina. Entrem na reconciliação e tornem-se novas criaturas em Cristo." O sentido de êxtase, implícito nesta declaração, deve ser comparado com a jubilosa exultação expressa em Lucas 10:17-24, onde o próprio Senhor dá ordens aos seus discípulos para que se alegrem, ao perceberem como são privilegiados, por verem e ouvirem coisas que reis, profetas e santos de épocas anteriores ansiaram por ver, mas não viram, pois para eles era dado o indizível privilégio de viver no tempo da salvação.

5) A Vida Apostólica (6:3-10)

3 Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o nosso ministério não seja censurado; 4 antes, em tudo recomendando-nos como ministros de Deus, em muita perseverança, em aflições, em necessidades, em angústias, 5 em açoites, em prisões, em tumultos, em trabalhos, em vigílias, em jejuns, 6 na pureza, na ciência, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, 7 na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça à direita e à esquerda, 8 por honra e por desonra, por má fama e por boa fama; como enganadores, porém verdadeiros; 9 como desconhecidos, porém bem conhecidos; como quem morre, e eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; 10 como entristecidos, mas sempre nos alegrando; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, mas possuindo tudo.

O tema dominante do ministério apostólico ainda está diante dos olhos de Paulo. Depois de expor a mensagem da reconciliação, em 5:11-6:2, Paulo agora relata certas conseqüências, na sua própria vida, do fato de ser pregador do evangelho. A chave para esta passagem é a cláusula inicial do verso 3: **Não dando**

nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma. Isto se segue diretamente à exortação do verso 1, para não se aceitar a graça de Deus em vão, pois o verso 2 é um comentário parentético, que fortalece o apelo ali feito. Paulo tinha em mente um fator de que os ministros do evangelho, desde a sua época até os nossos dias, têm tido aguda consciência, a saber: que há uma terrível possibilidade de que o evangelho da graça de Deus seja empanado pelos seus pregadores, e, daí, que sejam colocados sérios obstáculos no caminho das pessoas que aceitam as boas-novas, o que devia ser evitado para que **o nosso ministério não seja censurado.**

Claro que o afã de encontrar faltas pode, algumas vezes ser pueril, um mero calmante para a consciência de homens que rejeitam a palavra de Deus, e muitas vezes pode ser inteiramente ímpio. Paulo já estava cansado desta última espécie de crítica. Fora a crueldade dos ataques inescrupulosos contra ele, da parte de homens que se opunham à sua mensagem e à sua maneira de ministrar, que dera ocasião à remessa desta carta. Não obstante, ele era honesto demais para não encarar o fato de que qualquer falta de vigilância, de sua parte, podia resultar no descrédito do seu ministério e impedimento para que muitos homens se voltassem para Cristo.

Semelhantemente, Paulo luta para ocasionar o oposto de descrédito para o evangelho e seu ministério, a saber: deseja recomendá-lo. Este é o objetivo do verso 4: **antes em tudo recomendando-nos como ministros de Deus.** O que os homens pensavam a respeito de Paulo como indivíduo era de pequena importância para ele (cf. I Cor. 4:3 e s.), mas, contanto que fosse identificado com a causa de Cristo, não podia ignorar as atitudes deles. Portanto, fazia o máximo, por palavras e atos, para que fosse mais fácil, e não mais difícil, os homens receberem o evangelho. O que se segue do verso 4a em diante é um recital das maneiras pelas quais Paulo procurava recomendar o evangelho.

Inevitavelmente, nos lembramos de descrição semelhante no capítulo 4, especialmente nos versos 7 a 12. Nessa passagem, Paulo, provavelmente, tinha em vista o desconforto com que os coríntios observavam as suas terríveis experiências de sofrimento, decorrentes do seu ministério evangélico, e por isso ele procurava mostrar que Cristo e seu evangelho eram glorificados nas suas tribulações, pois elas exemplificavam o sofrimento para a morte e a ressurreição para a vida, que estão no âmago do evangelho. Uma consideração semelhante pode estar presente também nesta passagem. O ministério confiado a Paulo acarreta sofrimentos de muitas espécies, mas não são acidentais nem ineficientes, pois se relacionam essencialmente com o evangelho de reconciliação, que ele prega. O evangelho se origina da rebeldia do homem contra Deus, hostilidade que culminou na rejeição da mensagem do Cristo e seu assassinato. Portanto, não é de se admirar, se o embaixador de Cristo sofrer antipatia, ao proclamar a reconciliação oferecida por Deus, no evangelho. Mas a história de Jesus se torna boas-novas somente porque o Filho de Deus foi vindicado em sua ressurreição; portanto, está em inteira consonância com o evangelho o fato de que o poder de Deus faz dos sofrimentos do apóstolo de Cristo um veículo para abençoar os homens. Ambos os aspectos desta "recomendação" do evangelho estão em mente, nos versos 4 a 10, embora o elemento de vindicação apareça mais particularmente quase no fim do parágrafo, ao alcançar o seu crescendo, no verso 10.

A primeira característica mencionada por Paulo, em sua lista de maneiras de se recomendar o ministério, é a virtude essencialmente cristã, de **perseverança.** Devido à perseguição que os cristãos sofreram às mãos das autoridades da época, ela se tornou objeto de grande importância para a igreja. O exemplo de

Jesus, que "suportou a cruz", era continuamente colocado diante dos crentes (cf. Heb. 12:1, 2), e é provável que os primeiros Evangelhos (Marcos, por exemplo), assumiram a sua forma, pelo menos em parte, para inspirar os cristãos a seguirem as pisadas do seu Senhor e levar as suas próprias cruzes aos lugares de execução providenciados para eles por Nero (cf. Mar. 8:28-38; 10:35-45; 13:1-37). Desta forma, aqui a **muita perseverança** de Paulo é particularizada em três séries, de três elementos, retratando tribulações que sobrevieram a Paulo no curso do seu ministério. **Aflições, necessidades** e **angústias** descrevem as circunstâncias em que muitas vezes o seu ministério estava sendo exercido; **açoites, prisões** e **tumultos** denotam as dificuldades que lhe eram infligidas pelos homens que se opunham ao seu ministério; **trabalhos, vigílias** e **jejuns** eram dificuldades que Paulo arrostava voluntariamente, ao se desempenhar do seu ministério.

Segue-se, então, uma lista de virtudes e várias formas de ministério, pelas quais Paulo procura recomendar o evangelho. **Pureza**, talvez, se relacione à maneira discreta pela qual Paulo se comportava para com as mulheres que precisava aconselhar. **Ciência** (ou conhecimento), neste contexto, se refere mais à sua compreensão dos homens do que à doutrina cristã. Semelhantemente, o **Espírito Santo** é mencionado, não tanto em conexão com o ato de capacitar Paulo para realizar atos miraculosos e pregar poderosamente, quanto com a sabedoria que lhe comunicava, para lidar com as necessidades dos homens (requisito muito importante, dos ministros, em seu trabalho pastoral). Se, no verso 7, **palavra da verdade** é a tradução correta das palavras de Paulo, refere-se à maneira como ele procurava ser exato e sincero, em sua pregação. Porém, visto que o sentido literal da frase é "pela palavra da verdade", pode significar a pregação do evangelho propriamente dito. O contexto antecedente favorece a tradução da RSV; o contexto seguinte pode ser sentido favorecendo uma tradução mais literal.

Pelas armas da justiça à direita e à esquerda são armas providenciadas pela justiça, ou armas que consistem em justiça — ambas as interpretações se enquadram no contexto. De qualquer forma, a **justiça** em questão não é a do homem, mas de Deus, que é concedida através da palavra da verdade e do poder de Deus. A justiça salvadora, de Deus, é tanto arma ofensiva para vencer o pecado no homem (uma arma para a mão **direita**) quanto um escudo contra todo ataque desferido pelos poderes do mal (uma arma para a mão **esquerda**, em que o escudo era sempre carregado).

Nos versos 8 a 10, chegamos mais perto da antítese de 4:7-12; como ali, Paulo reúne as dificuldades que lhe sobrevieram no decorrer do seu ministério e a graça dominante de Deus, que faz da ira dos homens uma ocasião para o seu louvor. Embora muitos leões tivessem atacado Paulo, o Senhor o capacitava a extrair mel da carcassa de cada um deles! Ele exercitava o seu ministério **por honra e por desonra; por má fama e por boa fama**, porém, fossem quais fossem as circunstâncias, não deixava de proclamar intemeratamente a verdade única, que tem o poder de salvar os homens. O registro do ministério de Paulo, no livro de Atos, supre abundantes ilustrações de ambos os tipos de receptividade que Paulo encontrou em seu evangelismo, e são expressas nos contrastes dos versos 8b a 10.

Como enganadores somos tratados, diz ele, como os coríntios sabiam muito bem; pois esta era a acusação lançada contra ele pelos "apóstolos superlativos", que procuravam minar a sua autoridade na igreja em Corinto. **Como desconhecidos** — "Quem é esse Paulo?" perguntavam os seus detratores. Multidões por toda parte, no mundo romano, poderiam responder a esta pergunta, na época de Paulo, e, curiosamente, poucos homens

da história são tão conhecidos como Paulo, em nossos dias. **Como quem morre** — de morte violenta ou devido a trabalho demasiado, dia e noite sem parar — **e eis que vivemos**; pois o Cristo ressurrecto repetidamente manifesta o seu poder para ressuscitar os mortos, neste arauto do evangelho (cf. 4:10-12). **Como entristecidos** — pois Paulo tinha muitas dores de coração devido à falta de firmeza dos seus convertidos (cf. 11:28 e s.), e levava uma infindável tristeza, devido à dureza dos seus compatriotas judeus para com o evangelho (Rom. 9:2); **mas sempre nos alegrando**, pois Deus constantemente o levava em triunfo em seu ministério (2:14), e ele sabia que o fim de todas as coisas será Cristo, em seu reino glorioso (I Cor. 15:25).

Como pobres — ele nem sempre o era, mas a aceitação do evangelho e do comissionamento do Senhor, para se tornar arauto do mesmo, o levava a abandonar as riquezas, bem como quaisquer outras vantagens que pudesse ter como fariseu (cf. Fil. 3:7 e s.); **mas enriquecendo a muitos**, não materialmente, mas em um sentido infinitamente mais importante, pois o que pode se comparar com a riqueza do reino de Deus que o Cristão já possui e ainda possuirá em plenitude no futuro? Neste respeito o apóstolo, por seu ministério sacrificial, se aproximava de maneira maravilhosa do exemplo do seu Senhor, que, "sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela sua pobreza fôsseis enriquecidos" (8:9). A antítese final, **como nada tendo, mas possuindo tudo**, forma um clímax adequado para a recomendação de Paulo a respeito do ministério, pois, através dela, ele é associado ainda mais intimamente com o seu Senhor; contudo, tendo Cristo, ele tem tudo: o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro e o próprio Deus (I Cor. 3:21 e ss.).

6) **Apelo Para um Coração Aberto e uma Vida Separada** (6:11-7:4)

11 Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós, o nosso coração está dilatado!
12 Não estais estreitados em nós; mas estais estreitados nos vossos próprios afetos.
13 Ora, em recompensa disto (*falo como a filhos*), dilatai-vos também vós.
14 Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois, que sociedade tem a justiça com a injustiça? ou que comunhão tem a luz com as trevas? 15 Que harmonia há entre Cristo e Belial? ou que parte tem o crente com o incrédulo? 16 E que consenso tem o santuário de Deus com ídolos? Pois nós somos santuário do Deus vivo, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. 17 Pelo que, saí vós do meio deles e separai-vos, diz o Senhor; e não toqueis coisa imunda, e eu vos receberei;
18 e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.
1 Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus. 2 Recebei-nos em vossos corações; a ninguém fizemos injustiça, a ninguém corrompemos, a ninguém exploramos. 3 Não o digo para vos condenar, pois já tenho declarado que estais em nossos corações para juntos morrermos e juntos vivermos. 4 Grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio a respeito de vós; estou cheio de consolação, transbordo de gozo em todas as nossas tribulações.

A defesa que Paulo faz do seu ministério está chegando ao fim. Ele derramou a alma, ao fazer a exposição do ministério que recebera do Senhor. Como reagiriam a ela os coríntios? Corresponderiam com uma bertura de espírito comparável, ou estreitariam o coração em relação a ele?

Ó coríntios, a nossa boca está aberta para vós. Paulo não refreia nada em sua mente, mas usa completo fervor, ao se dirigir a eles. **O nosso coração está dilatado** — e permanece aberto para abraçar com amor cada membro da igreja em Corinto, inclusive os que lhe haviam causado mais tristeza. Todavia, até aqui largueza de coração semelhante não fora manifesta por eles. Eles tinham sido **estreitados** ou restritos em suas afeições,

deixando pouco espaço para o apóstolo em seus corações. Seria isto devido a algum ressentimento, que ainda persistia, da parte deles, pelo fato de Paulo ser tão franco em relação a eles, que os fazia se sentirem envergonhados? Será que eles ainda se apegavam saudosamente aos métodos dos falsos mestres? Fosse qual fosse a causa da restrição, Paulo dá a entender que a dificuldade deles era, basicamente, não intelectual, não por falta de entendimento, mas por falta de amor cristão: **estais estreitados nos vossos próprios afetos.** Por isso, ele apela a eles como se estivesse falando com crianças: **em recompensa disto... dilatai-vos também vós.** Em outras palavras: "Ajam corretamente, pessoal! Dêem a mim o mesmo que eu lhes dou!" Ou, nas palavras de Plummer: "Paguem coração aberto com coração aberto."

O parágrafo imediatamente seguinte (6:14-7:1) conclama os coríntios para se separarem de todas as associações que são inimigas da fé cristã. É crença corrente que este parágrafo está no lugar errado. A conexão de pensamento com o que o precede e com o que se segue de forma alguma é clara, ao passo que o contexto fluirá suavemente, se esta passagem for omitida (6:13 se encerra com este apelo: **Dilatai-vos também vós;** 7:2 começa assim: **Recebei-nos em nossos corações**).

A este respeito, a nossa atenção é chamada para o fato de que I Coríntios 5:9 se refere a uma carta escrita por Paulo antes de I Coríntios, em que ele instruía a igreja para não se associar com as prostitutas e os degenerados. Por isso, tem sido sugerido que II Coríntios 6:14-7:1 pode ter feito parte da tal carta, a que uma referência é feita em I Coríntios 5:9, e que esta passagem foi introduzida neste contexto por alguém, em Corinto, que desejava assegurar a sua preservação. Sejam quais forem os méritos da idéia de que este parágrafo pode estar fora do seu devido lugar, deve-se observar que o assunto de que ela trata relaciona-se com o de I Coríntios 5:9, mas não é idêntico a ele. Nesta última passagem, Paulo declara que escrevera a carta anterior a respeito dos cristãos professos, e não a respeito de pagãos imorais; mas II Coríntios 6:14 e ss. inerravelmente tem em vista pagãos imorais, e não cristãos que estavam vivendo desbragadamente. Portanto, parece que a carta mencionada em I Coríntios 5:9 e a passagem que está diante de nós devem ser disassociadas uma da outra.

Sem dúvida, há muitos exegetas que defendem a opinião de que este parágrafo está em seu contexto original. Indicam o fato de que Paulo freqüentemente sai por uma tangente, para voltar ao seu assunto posteriormente; e consideram que um interpolador teria escolhido um lugar mais óbvio do que este. Com esta interpretação em mente, Plummer (p. 205) escreveu: "Não é incrível que, no meio do seu apelo, pedindo franqueza mútua e afeição recíproca, e depois de sua declaração de que a restrição limitadora se encontrava toda do lado deles, ele devesse investir contra uma causa principal dessa restrição, ou seja, a sua atitude condescendente para com as influências anticristãs. Tendo aliviado a sua mente deste assunto desagradável, ele volta imediatamente ao seu terno apelo." Qualquer certeza é o alvo inatingível, nesta discussão, e não é importante. O que está claro é que nenhuma das igrejas fundadas por Paulo necessitava tanto da exortação deste parágrafo quanto a igreja em Corinto, cujas dificuldades, em medida não pequena, eram devidas à falta de decisão, da parte de seus membros, para assumir uma posição firme em favor do evangelho e de ordenar a sua vida de acordo com ele.

A recomendação, **Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos**, é uma tentativa para colocar em português um verbo composto que tem a idéia de ser jungido com um animal incompatível. Deuteronômio 22:10, em um contexto que proíbe a semeadura de vinhas

com espécies diferentes de semente, e a mistura de roupas de materiais diferentes, declara: "Não lavrarás com boi e jumento juntamente." Esta proibição foi, mais tarde, aplicada entre os judeus da Palestina, aos casamentos mistos, mas não somente a eles; foi também aplicada à associação de um mestre com um colega que tivesse pontos de vista diferentes. É provável que Paulo tivesse em mente uma aplicação genérica desta metáfora, ao invés de uma aplicação feita somente ao casamento. Por conseguinte, Moffatt traduz desta forma a sentença em epígrafe: "Afastem-se de todos os laços incongruentes com os incrédulos." A série de perguntas que se segue pode, desta forma, ser considerada como um reforço para a racionalidade, para não dizer da necessidade de se observar esta regra geral.

A ênfase das perguntas do verso 14 e ss. se exerce sobre a incompatibilidade fundamental daquilo que pertence a Deus com o que não se submete ao seu governo. **Que sociedade tem a justiça com a injustiça?** A palavra **sociedade** é digna de nota, pois sugere relações pessoais. Na verdade, a justiça que interessa a Paulo é a que se origina de Deus, em Cristo (5:21), enquanto a injustiça ou iniqüidade procede do homem que está em rebelião contra Deus. **Que comunhão tem a luz com as trevas?** Tem conotação semelhante. Pois **luz** flui da palavra criadora e redentora de Deus (4:6), enquanto **trevas** são característica do paganismo, em sua alienação de Deus (cf. Rom. 13:12; Ef. 5:7). **Que harmonia há entre Cristo e Belial?** mantém a mesma idéia de incompatibilidade entre os opostos morais e espirituais; pois a obra de Deus, libertando os homens de sua iniqüidade e trevas, para ganhar justiça e luz, tem lugar através de Cristo, enquanto Belial (= o Diabo, considerado como o "indigno") inspira iniqüidade, lança os homens nas trevas e se opõe a Cristo, no mundo.

Que parte tem o crente com o incrédulo? Pois o primeiro pertence a Cristo, e o último, às trevas, que estão sob a influência do Diabo. **Que consenso tem o santuário de Deus com ídolos?** é explicado pelo comentário que se segue imediatamente: **Pois nós somos santuários do Deus vivo.** A idéia da Igreja como um templo é estabelecida nas cartas de Paulo (I Cor. 3:16 e s., referindo-se à congregação local; Ef. 2:20 e ss., à igreja universal); e esta figura é também aplicada ao crente (I Cor. 6:19 e s.). Nesta passagem, porém, é a congregação local que se tem em mente.

Para qualquer pessoa familiarizada com o Velho Testamento, o Templo era o lugar em que o Senhor revelava a sua glória (I Reis 8:10; cf. Is. 6:1 e ss.), onde expiação era feita pelos pecados do povo e onde uma comunhão santa e jubilosa era experimentada nas épocas festivas. Não que qualquer judeu comum tivesse permissão para entrar no Templo propriamente dito (o v. 16 emprega o termo **naos**, "santuário", o Templo propriamente dito, como coisa diferente de **hieron**, termo que abrange toda a área do Templo); mas as barreiras que impediam o povo de Deus de entrar no lugar santíssimo são removidas para o povo da nova aliança (cf. Mar. 15:38; Heb. 9:6 e ss.; 10:19 e ss.). Nesta nova era, portanto, o Templo significa a comunhão entre um Deus que é todo santo e o seu povo, em contraste com a "comunhão" que os pagãos tinham em seus templos, freqüentemente sórdida e imoral, e com que Paulo não hesitava em associar a presença de demônios (I Cor. 10:19 e ss.). Mesmo sob a antiga aliança, levar objetos e práticas idolátricos para dentro do Templo era considerado como sacrilégio (cf. Ez. 8:3-18, e especialmente a profanação do Templo por Antíoco Epifânio, que se tornou para sempre um símbolo do anticristo; veja I Macabeus 1:41 e ss.; Dan. 8:10 e ss.; 9:26 e s.; 11:31 e ss.). Até o fim dos tempos não pode haver qualquer transigência entre o templo de Deus e os ídolos.

A promessa de que o Senhor habitará entre o seu povo, como no templo, cita Levítico 26:11 e s. e Ezequiel 37:27. Este último versículo é especialmente pertinente em relação a este contexto, pois é tirado do clímax da visão de Ezequiel acerca do vale de ossos secos, em que Deus promete levantar o seu povo, de sua morte viva no exílio, para uma vida semelhante à ressurreição, sob o reinado do novo Davi. Nessa época eles "nem se contaminarão mais com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com qualquer uma das suas transgressões... farei com eles um pacto de paz... e porei o meu santuário no meio deles para sempre" (Ez. 37:23 e ss.) Na época quando essa graciosa promessa for cumprida, a saber, a era da Igreja, é inimaginável que o povo do Senhor se contamine outra vez com "os seus ídolos" e "com as suas abominações".

Pelo que, sai vós do meio deles e separai-vos, diz o Senhor. O brado emitido pelo profeta do Exílio (Is. 52:11) exigia que o povo de Deus saísse da Babilônia e de suas coisas impuras, e se dirigisse para a terra de seus pais, e assim recebesse a salvação que Deus havia-lhe preparado em seu reino. As outras passagens do Velho Testamento, repetidas por Paulo neste ponto, também se relacionam com a redenção no reino de Deus (II Sam. 7:8, 14; Is. 43:6; Jer. 31:9); elas enfatizam o mesmo pensamento básico de abandonar as associações impuras com o paganismo, preferindo a peregrinação para o reino eterno de Deus.

Semelhantemente, as citações são concluídas com um apelo: **Ora, amados, visto que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito.** As promessas de vida com Deus e seu povo, no reino eterno, são tão grandes, que é inimaginável pensar em adiantar-se nelas, continuando a manter ligações que contaminem o homem e lhes roubem a sua herança. Pelo contrário, o crente é chamado para **aperfeiçoar a santidade no temor de Deus.** Ou seja, ele não apenas deve livrar-se das coisas que contaminam, mas também tomar providências para que ligações santas tomem o seu lugar, em consonância com o **temor de Deus**, isto é, com reverência pelo seu nome e pela sua vontade. Somente mediante uma ação positiva em favor do bem, e um afastamento negativo do mal, o homem se tornará apto para Deus na **carne** e no **espírito.**

O significado desta última frase pode ser menosprezado se considerarmos a tradução das palavras de Paulo na versão inglesa, que diz "corpo e espírito", pois, na verdade, Paulo falou de purificar a contaminação "da carne e do espírito". Os tradutores da RSV possivelmente preferiram o termo corpo, a **carne**, aqui, porque eles sabiam que, nas obras de Paulo, carne geralmente denota a personalidade humana em sua fraqueza de criatura e escravidão ao pecado, em contraste com **espírito**, que é o princípio divino recriador da nova ordem e que faz do crente um homem espiritual. O apelo de Paulo para que sejamos purificados de toda contaminação da carne e do espírito mostra claramente que ele repudiava a doutrina gnóstica de que o homem, como "carne", é incuravelmente maligno; pelo contrário, Paulo dá a entender que o homem pode ser purificado de toda a contaminação da existência neste mundo, e tornar-se aceitável a Deus através do Espírito. De fato, é quando a vida, em sua totalidade, carne e espírito, é sujeita à vontade de Deus que a santidade é aperfeiçoada no temor de Deus. Se tivermos em mente esta maneira de perceber o que Paulo está a dizer, evitaremos aplicações não escriturísticas de 6:14-7:1.

Recebei-nos em vossos corações retoma o clamor de 6:13: "dilatai-vos também vós", e tem o mesmo significado. Paulo não pede que os coríntios derramem o seu coração diante dele, em confissão livre e franca, mas que eles criem espaço em seus corações para ele. Se 6:14-7:1 está no lugar em que Paulo pre-

tendia, a exortação foi enfatizada; pois claramente os coríntios não teriam lugar para Paulo em seus corações se tivessem escolhido o tipo errado de comunhão; estariam agora se unindo com a iniqüidade, e não com a justiça; com as trevas, e não com a luz; com Belial, em vez de com Cristo; com o mundo idólatra, e não com o templo do Deus vivo. Mas, se correspondessem ao chamado de Paulo, purificando-se da contaminação, certamente desejariam criar um lugar para Paulo, em sua comunhão.

Portanto, da parte deles, não havia razão para excluir Paulo de suas afeições. Nem da parte de Paulo. **A ninguém corrompemos, a ninguém exploramos.** De acordo com declarações semelhantes de Paulo (v.g., 12:17 e s.), torna-se claro que alguém, em Corinto, fizera alegações de que ele de fato os havia corrompido com os seus "falsos" ensinamentos e que ele havia se aproveitado financeiramente deles. Se tais alegações fossem verdadeiras, os coríntios teriam razão para repudiar o apóstolo; mas Paulo mostra que elas eram falsas. Assim sendo, não havia base para os coríntios negarem a ele um lugar em suas afeições.

Para que esta declaração não causasse desconforto desnecessário, especialmente entre os que haviam crido nas notícias falsas a respeito dele, Paulo assegura à igreja a sua boa vontade: **Não o digo para vos condenar.** Ele não tinha a intenção de suscitar velhas animosidades ou reabrir velhas chagas, que agora estavam sarando. Pelo contrário, como dissera anteriormente, **estais em nossos corações** (cf. 3:2; 6:11 e s.); agora, todavia, ele acrescenta o que não dissera antes: **para juntos morrermos e juntos vivermos.** O vínculo que ligava o seu coração ao deles era tão forte que nada, na morte ou na vida, podia destruí-lo. Naturalmente, isto dizia respeito ao lado de Paulo do relacionamento. Se os coríntios podiam ser incitados a uma expressão semelhante de afeição, é de se duvidar. O apóstolo havia vivido tão perto do seu Senhor, e havia ponderado por tanto tempo a respeito de sua cruz, que o seu coração fora ateado com o fogo do amor que abrasava o coração do Redentor (cf. 5:14 e s.). Assim, no que cabia a ele, podia dizer-se dele, em relação aos seus queridos coríntios: "Se necessário, ele morrerá com eles, e não pode viver sem eles. Esta é a marca do bom pastor (João 10:12)" (Plummer).

Baseado em tal certeza da unidade entre os seus corações, o apóstolo agora acha possível afirmar: **Grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio a respeito de vós; estou cheio de consolação.** Como isto é diferente de suas expressões anteriores, cheias de temores pelos coríntios! Os problemas entre eles e ele haviam sido resolvidos, o seu orgulho neles havia sido justificado, as suas ansiedades a respeito deles haviam sido varridas, e as suas tristezas recentes (1:8 e ss.), tragadas pela alegria. **Transbordo de gozo em todas as nossas tribulações.** Com estas palavras os coríntios são informados de que as suas relações com o seu apóstolo e pai em Deus, que estavam estremecidas (I Cor. 4:14 e s.), haviam sido completamente restauradas e o perdão dele era assegurado. De fato, eles deveriam ser muito frios, para não abrir o coração para um homem desses, depois de tudo isto!

7) A Alegria do Relacionamento Restaurado (7:5-16)

5 Porque, mesmo quando chegamos à Macedônia, a nossa carne não teve repouso algum; antes em tudo fomos atribulados: por fora combates, temores por dentro. 6 Mas Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a vinda de Tito; 7 e não somente com a sua vinda, mas também pela consolação com que foi consolado a vosso respeito, enquanto nos referia as vossas saudades, o vosso pranto, o vosso zelo por mim, de modo que ainda mais me regozijei. 8 Porquanto, ainda que vos contristei com a minha carta, não me arrependo; embora antes me tivesse arrependido (pois vejo que aquela carta vos contristou, ainda que por pouco tempo), 9 agora folgo, não porque fostes contristados, mas porque o fostes

para o arrependimento; pois segundo Deus fostes contristados, para que por nós não sofrêsseis dano em coisa alguma. 10 Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, o qual não traz pesar; mas a tristeza do mundo opera a morte. 11 Pois vêde quanto cuidado não produziu em vós isto mesmo, o serdes contristados segundo Deus! sim, que defesa própria, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo provastes estar inocentes nesse negócio. 12 Portanto, ainda que vos escrevi, não foi por causa do que fez o mal, nem por causa do que o sofreu, mas para que fosse manifesto, diante de Deus, o vosso grande cuidado por nós. 13 Por isso temos sido consolados. E em nossa consolação nos alegramos ainda muito mais pela alegria de Tito, porque o seu espírito tem sido recreado por vós todos. 14 Porque, se em alguma coisa me gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado; mas como vos dissemos tudo com verdade, assim também o louvor que de vós fizemos a Tito se achou verdadeiro. 15 E o seu entranhável afeto para convosco é mais abundante, lembrando-se da obediência de vós todos, e de como o recebestes com temor e tremor. 16 Regozijo-me porque em tudo tenho confiança em vós.

Agora Paulo relembra a ocasião de sua viagem à Macedônia (Filipos?), para se encontrar com Tito, na sua volta de Corinto. Ele fizera uma breve alusão a isto em 2:13, mas irrompera imediatamente em uma doxologia ao Senhor, que sempre impele Paulo em seu desfile triunfal. Há uma curiosa ligação na linguagem destas duas passagens. Em 2:13, Paulo declara que dera fim súbito ao seu trabalho evangelístico em Trôade, porque "não tive descanso no meu espírito". Aqui ele diz que, tendo chegado à Macedônia, **a nossa carne não teve repouso algum**. Indubitavelmente, as palavras carne e espírito são usadas com liberdade, mais em sentido popular do que em sentido exato. O uso da palavra **carne**, nesta passagem, sugere que Paulo, em sua fraqueza, experimentou uma exaustão, devido à tensão das circunstâncias.

Diferentemente dos "super-apóstolos" de Corinto, Paulo não era um "superhomem", mas alguém muito consciente de suas limitações. **Em tudo fomos atribulados**, diz ele; havia **temores por dentro** — ansiedade a respeito da situação em Corinto — e **por fora combates**, isto é, oposição dos adversários do evangelho. Lembramos que Paulo sentira-se incapaz de continuar a sua tarefa evangelística em Trôade, devido à sua ansiedade em relação a Corinto; por isso ele atravessara o mar, indo à Macedônia, para se encontrar com Tito. Mas não conseguiu ficar à toa em Macedônia, enquanto esperava o seu colega. Por isso, envolveu-se com o trabalho da comunidade cristã ali, e, naturalmente, deve ter dado um impulso tremendo à igreja naquela região. O resultado foi uma agitação da oposição contra os cristãos naquela região. Mais uma vez Paulo saltou da frigideira para as brasas!

Mas a pressão não continuou por muito tempo dessa forma. **Deus, que consola os abatidos, nos consolou**. Paulo, aqui, menciona uma sentença do mesmo parágrafo de Isaías 49 que havia citado em 6:2. Depois de descrever a salvação que Deus estava para efetuar através do seu Servo, e o exercício do seu poder miraculoso, o profeta irrompe em um canto de vitória e louvor: "Cantai, ó céus, e exulta, ó terra, ... porque o Senhor consolou o seu povo, e se compadeceu dos seus aflitos" (Is. 49:13). Foi por um poder igualmente miraculoso que o Senhor efetuara a restauração do seu povo em Corinto; mas o "aflito" que ele havia consolado não era o povo de Corinto, mas o apóstolo que os amava e orava por eles e lutava por sua restauração.

Deus o **consolou com a vinda de Tito**, tanto porque Tito era querido de Paulo, o seu colega mais experiente e de confiança, como em virtude das notícias que ele trazia de Corinto. Mais do que tudo, Paulo foi encorajado **pela consolação com que foi consolado a vosso respeito**. Não precisamos duvidar que Tito tinha sentimentos conflitantes a respeito da perspectiva de sua visita a Corinto. A igreja naquela cidade era um grupo de

pessoas problemáticas, briguentas, e havia causado a Paulo muitos problemas por ocasião de sua última visita; os falsos mestres, com a sua implacável oposição a Paulo, ainda estavam controlando a igreja, e estariam dispostos a resistir-lhe até o fim. Se Paulo havia-se saído tão mal em Corinto, que chance havia de que o seu representante se saísse melhor? Seja quais forem as apreensões que Tito sentisse, foram todas dissipadas com a sua chegada, mediante a recepção inesperada que ele mereceu dos coríntios. Ele **nos referia as vossas saudades**, escreve Paulo, de ver o apóstolo outra vez; **o vosso pranto**, ou seja, os acontecimentos que haviam causado muitas dores a Paulo, e que haviam levantado um muro entre eles e ele; ***o* vosso zelo por mim**, a saber, a disposição de ajudar a causa do apóstolo e de vindicá-lo contra os que se haviam oposto a ele.

Esse final feliz dos acontecimentos não apenas propiciou alegria a Paulo no presente; deu fim à atormentadora incerteza que ele suportava a respeito do acerto em ter enviado aquela severa carta a Corinto, depois de sua desastrosa visita àquela igreja. Não fazia parte da natureza de Paulo ferir os seus amigos, e nem ele se alegrava em causar tristeza a uma igreja; quanto menos a uma igreja que ele amava tanto como a de Corinto. Ele fora chamado para ser ministro da reconciliação. Devia ter ele escrito em termos tão graves de repreensão, como usara, ao escrever aos coríntios? A certa altura ele vacilou e achou que cometera um erro: **embora antes me tivesse arrependido**. Mas o resultado da carta demonstrou que o arrependimento era desnecessário, pois a tristeza que causara aos coríntios fora **por pouco tempo**, e a sua tristeza se havia transformado em bem, e não em prejuízo para eles.

Folgo... porque fostes... contristados para o arrependimento. Arrependimento, na Bíblia, indica não uma tristeza pelos pecados, mas o ato de dar as costas ao pecado, voltando-se para o Deus que perdoa o pecado e dá graça para a justiça. É o que geralmente designamos com a palavra "conversão". O fato de homens e mulheres se voltarem para Deus é motivo de alegria da parte daqueles que os chamam, e, nesta passagem, Paulo faz distinção constantemente entre a tristeza dos coríntios e o seu arrependimento. Os homens e mulheres de Corinto certamente haviam experimentado tristeza por causa da maneira como haviam tratado o seu apóstolo, e haviam reconhecido diante de Deus o seu erro a esse respeito. Mas fora uma **tristeza segundo Deus**, isto é, uma tristeza do tipo que Deus desejava houvesse, uma tristeza possibilitada pela obra da graça, em seus corações.

Naturalmente, a graça de Deus usa instrumentos para a consecução do seu objetivo. A carta de Paulo fazia parte dos meios para se alcançar esse fim desejável, e o ministério de Tito contribuiu para o mesmo fim, mas foi o Espírito Santo que aplicou a palavra às mentes dos coríntios e quebrantou os seus corações, capacitando-os a perceber de novo o amor de Cristo no apóstolo, através de quem eles haviam sido conduzidos ao novo nascimento. Portanto, eles **não sofreram dano em coisa alguma**, mas experimentaram **um arrependimento para a salvação**.

A tristeza segundo Deus é muito diferente da **tristeza do mundo;** a primeira leva à salvação; a segunda, à morte. **A tristeza segundo Deus**, deve-se lembrar, é a tristeza que Deus inspira e deseja. **A tristeza do mundo** é, semelhantemente, uma tristeza causada pelo mundo. Essa tristeza é produzida menos através dos choques sofridos na vida — por exemplo, através de homens de má vontade, em seu egoísmo, inveja, amargura, frieza, dureza, e até ódio. Muitas são as almas dignas de piedade, que chegaram à conclusão de que esta tristeza do mundo é demais para ser suportada, e, em sua tristeza, deram fim a vida por suas próprias mãos, ou languesceram em uma vida que não valia a pena ser vivida. Esta

é a antítese da tristeza que vem de Deus; esta inspira um **arrependimento... que não traz pesar**, pois conduz à vida (**salvação**), que, como a tristeza, provém de Deus; porém, diferentemente da tristeza, não dura apenas por uma hora, mas por toda a eternidade.

Ao contemplar a obra da tristeza segundo Deus na vida dos coríntios, Paulo se eleva até a eloqüência, para descrever os seus efeitos. **Quanto cuidado não produziu em vós... o serdes contristados segundo Deus!** Anteriormente eles haviam sido descuidados em relação ao seu comportamento, indiferentes com respeito ao que o apóstolo pensava, e até, talvez, indiferentes ao que Deus pensava em relação a eles, e, certamente, indiferentes em relação ao grosseiro insulto infringido a Paulo por um de seus membros. A tristeza segundo Deus mudara toda aquela situação. **Que defesa própria**, isto é, do mal causado ao apóstolo e da indiferença quanto à palavra de Deus através dele. **Que indignação** de que eles se tivessem portado tão mal e ferido tanto a Paulo. **Que temor**, em vista de sua responsabilidade diante do Senhor, por seus atos, a quem eles um dia teriam que prestar contas no juízo. **Que saudades** de ter Paulo entre eles novamente, e demonstrar o seu amor por ele. **Que zelo** em vindicar o apóstolo. **Que vingança** contra aqueles que haviam levantado a oposição a Paulo, acima de tudo contra o ofensor que o havia insultado (2:5 e ss.).

Por esses meios eles provaram **estar inocentes nesse negócio**. Eles não haviam colocado em movimento a oposição original a Paulo nem haviam incitado o membro de sua comunidade que havia suscitado ignomínia para todos eles; e, tendo entendido o problema, agora eles haviam disciplinado o ofensor e se declarado em favor do apóstolo.

A convicção de Paulo, em todo o tempo, fora de que isto estava de acordo com a atitude fundamental dos coríntios para com ele. Afinal de contas, ele fora o instrumento de Deus para levá-los originalmente ao arrependimento e à fé; ele lhes havia ensinado os rudimentos da revelação de Deus em Cristo e os havia alimentado na vida cristã. Ele os conhecia melhor do que eles mesmos! Ele sabia que no profundo dos seus corações havia um genuíno amor por ele, embora temporariamente eles houvessem sido iludidos pelos falsos mestres e afetados por sua falsa propaganda. Semelhantemente, ele agora era capaz de dizer que, ao escrever a sua carta severa, ele o fizera **não por causa do que fez o mal, nem por causa do que o sofreu, mas para que fosse manifesto, diante de Deus, o vosso grande cuidado por nós.**

Aqui entendemos que, quando Paulo disse: **Escrevi, não foi por causa... mas para que**, ele estava usando a forma tipicamente bíblica de declarar uma comparação, dando a entender "não **tanto** por causa, **como** para que" (cf. a famosa declaração: "Misericórdia quero, e não sacrifícios", que assim continua: "e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos", Oséias 6:6). Naturalmente, Paulo se preocupava em que o ofensor fosse disciplinado e levado ao arrependimento, tanto quanto desejava que **o que o sofreu** fosse vingado. Se, como cremos, a pessoa que sofreu o dano foi Paulo mesmo, é muito mais claro que a vingança da pessoa que sofrera o dano era secundária, para o benefício da igreja. A condição pessoal de Paulo em Corinto não era importante; era o evangelho que ele representava que interessava. Crendo que os coríntios consideravam corretamente o evangelho e que eles reconheceriam Paulo como seu fiel pregador, ele escreveu para levá-los a reconhecerem em que posição realmente estavam. A ida de Tito mostrara a Paulo que a sua fé fora justificada. **Por isso temos sido consolados.**

Uma outra fonte de consolo para o apóstolo era **a alegria de Tito**. Ele fora enviado para desempenhar uma tarefa difícil e delicada: saber qual era o pensamento dos coríntios a respeito de Paulo,

depois de terem recebido sua carta, e complementar a carta, encorajando uma reconciliação completa entre a igreja e o apóstolo. Por um lado, ele sabia que a última visita de Paulo havia sido um fracasso completo, e era concebível que a carta que fora enviada pudesse ter levantado ressentimento ainda maior, e fortalecido os sentimentos antipaulinos na igreja. Por outro lado, Paulo havia assegurado a Tito que Corinto tinha um coração reto, que o seu procedimento recente havia sido uma aberração, e não uma revelação de sua verdadeira atitude, e que os coríntios certamente receberiam a sua carta com um espírito reto, e que uma visita de Tito daria o toque final ao restabelecimento da relação estremecida.

Se Tito tivesse ido a Corinto sem apreensões, teria sido menos do que humano. Mas no caso os seus temores se demonstraram infundados. **O seu espírito foi recreado por vós todos. O** orgulho que Paulo tinha dos coríntios e que expressou a Tito era justificado, e ficava feliz em escrever: **não fiquei envergonhado.** Ao declarar isto à igreja, foi capaz de fazer uma declaração dupla: **vos dissemos tudo com verdade** — inclusive a sua proclamação da palavra de Deus, as suas afirmações a respeito de sua autoridade, a sua sinceridade e o seu amor por eles; e o **louvor que de vós fizemos a Tito se achou verdadeiro** — tudo o que lhe dissera acerca da fé dos coríntios, a sua sinceridade e a autenticidade do seu amor por ele também se demonstrara verdadeiro. Desta forma, Paulo era justificado, com relação tanto aos coríntios como a Tito.

Quanto ao próprio Tito, quando ele recorda a sua visita a Corinto, o **seu entranhável afeto para convosco é mais abundante, lembrando-se da obediência de vós todos, e de como o recebestes com temor e tremor.** Será que Tito, portanto, agiu como um tirano na igreja, e achou a experiência agradável? De forma alguma! A **obediência** que ele requerera devia ter sido em relação à palavra de Deus, ao seu dever de corrigir os males que haviam permitido serem feitos contra Paulo e à disciplina do ofensor. Eles receberam Tito **com temor e tremor**, e bem adequadamente, pois Paulo, na primeira viagem, os havia visitado "em fraqueza, em temor, e em grande tremor" (I Cor. 2:3). Naquela ocasião Paulo ficara ansioso para que a Palavra de Jesus não fosse frustrada pela sua inadequação pessoal, e se lançara na graça e misericórdia de Deus, sabendo que sem elas nada poderia realizar. Tito percebera, na maneira como os coríntios o receberam, como mensageiro do Senhor, uma atitude semelhante, pois eles se submeteram à palavra de Deus, e também se lançaram à misericórdia de Deus a respeito de seus pecados, e buscaram a sua graça, para conseguirem prestar uma obediência mais completa.

Temor e tremor é uma expressão característica de Paulo, expressando a ansiedade de um homem que conhece as suas limitações para fazer a vontade de Deus, mas igualmente a sua fé no fato de que o Senhor não é apenas Juiz, mas também Redentor, e que a graça de Deus era capaz de fazer com que até ele fosse adequado para a sua tarefa, desde que descansasse com fé nessa graça. Essa atitude Tito percebeu nos membros da igreja em Corinto, e o seu coração se apegou ainda mais a eles.

Desta forma, Paulo conclui: **Regozijo-me, porque em tudo tenho confiança em vós.** Esta declaração tem mais do que interesse comum, pois emprega quase exatamente as mesmas palavras (em grego) usadas por Paulo em 10:1, mas com um significado bem diferente. A versão da IBB obscurece a conexão, devido ao uso de palavras diferentes em português. Em 10:1 Paulo cita, entre parênteses, uma acusação feita contra ele por alguma pessoa ou pessoas em Corinto: "Eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde, mas quando ausente, ousado para convosco." A expressão "ser ousado" é a mesma tradu-

zida em 7:16 como "ter confiança" (**tharrein**). O seu significado mais comum é ter coragem (assim é traduzido em 5:6, 8). O seu significado secundário depende das preposições que são usadas com ela. Pode-se falar de ter coragem **em** (= no caso de) uma pessoa, e assim também de ter confiança nela; ou pode-se falar de ter coragem **para com** uma pessoa, e assim também contra ela.

Quando escreveu 10:1, Paulo citou a reputação que ele havia ganho de ter coragem contra os coríntios — enquanto estava longe! Ele abordou esse assunto e tratou dele. Agora que a paz fora restabelecida entre ele e os coríntios, ele era capaz de abordar as primeiras alegações e fazer delas o meio de afirmar a sua confiança neles. Assim, as últimas palavras da longa dissertação são dos próprios coríntios, devolvidas a eles com amor da parte do apóstolo, mas com o novo significado dado pelo amor: **em tudo tenho confiança em vós**.

II. A Coleta Para Jerusalém (8:1-9:15)

Ao escrever aos Gálatas, Paulo falou da compreensão mútua a que chegaram Tiago, Pedro e João, por um lado, e ele mesmo e Barnabé, por outro. Os apóstolos de Jerusalém reconheceram que Paulo e Barnabé haviam sido enviados pelo Senhor aos gentios, como eles mesmos haviam sido enviados aos judeus. Fizeram-lhes, porém, um pedido: que, em sua ministração aos gentios, "Se lembrassem dos pobres". Ao relembrar isto, Paulo acrescentou: "o que também procurei fazer com diligência" (veja Gál. 2:6-10). Os "pobres", sem dúvida, eram os cristãos pobres da Palestina, notavelmente de Jerusalém. Paulo estava ansioso por desincumbir-se desse pedido, por razões óbvias. A necessidade em Jerusalém era constante, e, sem dúvida, era dever dos cristãos de outras regiões aliviá-la.

Além disso, havia uma suspeita inevitável, da parte dos cristãos judeus da Palestina, contra os cristãos gentios de outras terras, porque estes não observavam a lei (coisa muito difícil de aceitar, para um cristão judeu). Especialmente, as suspeitas eram dirigidas contra Paulo, devido ao fato de ele encorajar esse estado indesejável de coisas, e, ainda mais, era espalhado, em Jerusalém, o boato de que ele tentara persuadir cristãos judeus a abandonar a lei (At. 21:21 e ss.).

A idéia de uma coleta dos cristãos gentios para os cristãos judeus da Palestina fora aproveitada por Paulo. Ela ajudou a fazer os cristãos gentios se lembrarem do débito que tinham para com os cristãos judeus, e a vivificar a sua preocupação para com eles; ela demonstrava aos cristãos judeus o amor dos cristãos gentios por eles; e mostrava, à igreja palestina, a lealdade de Paulo para com eles e a sua afeição por eles.

Tem sido suscitada a interrogação: Por que havia tantos cristãos pobres em Jerusalém? Desde Agostinho, tem sido comum afirmar que isso foi devido ao compartilhamento de bens praticado pelos primeiros cristãos logo depois do Pentecostes, motivado pela expectativa de um rápido fim do mundo, de que tem sido extraído a lição de que os crentes não devem ser tão néscios. Esta explicação é duvidosa. O compartilhamento de bens nunca foi completo, e foi inteiramente voluntário (o pecado de Ananias e Safira não foi reter parte do dinheiro, mas mentir ao Espírito Santo, Atos 5:3 e s.).

É mais coerente lembrar que Jerusalém era um centro de peregrinação religiosa. Como outras cidades semelhantes, ela atraía muitos pobres (como Meca e muitas cidades da Índia). Por esta razão, os judeus da dispersão ou Diáspora regularmente enviavam donativos a Jerusalém, para ajudar os pobres. Muitos desses indigentes deviam ter-se convertido ao evangelho, e desde o princípio os cristãos deviam ter consciência dos seus deveres

para com eles. As dificuldades dessas pessoas devem ter-se agravado quando as autoridades judaicas se tornaram hostis para com a igreja em Jerusalém, pois cortaram toda a assistência às pessoas que se juntavam aos seguidores do crucificado Messias Jesus. Portanto, o problema se tornou ainda mais premente, com o passar dos anos. Por esta razão, Paulo recebeu a incumbência de "se lembrar dos pobres", e a sua coleta foi mais do que bem-vinda em Jerusalém.

É evidente que Paulo já tentara persuadir os coríntios a fazer a sua parte, nessa coleta (I Cor. 16:1). As relações tensas entre ele e eles havia feito com que o assunto fosse negligenciado; mas agora que a sua restauração fora efetuada, Paulo retoma o assunto mais uma vez, e procura encorajá-los a completar o projeto que haviam começado anteriormente.

1. Exemplos de Contribuição Generosa (8:1-9)

1 Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus que foi dada às igrejas da Macedônia: 2 como, em muita prova de tribulação, a abundância do seu gozo e a sua profunda pobreza abundaram em riquezas da sua generosidade. 3 Porque, dou-lhes testemunho de que, segundo as suas posses, e ainda acima de suas posses, deram voluntariamente, 4 pedindo-nos, com muito encarecimento, o privilégio de participarem deste serviço a favor dos santos; 5 e não somente fizeram como nós esperávamos, mas primeiramente a si mesmos se deram ao Senhor, e a nós pela vontade de Deus: 6 de maneira que exortamos a Tito que, assim como antes tinha começado, assim também completasse entre vós ainda esta graça. 7 Ora, assim como abundais em tudo; em fé, em palavra, em ciência, em todo o zelo, no vosso amor para conosco, vede que também nesta graça abundeis. 8 Não digo isto como quem manda, mas para provar, mediante o zelo de outros, a sinceridade do vosso amor; 9 pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que pela sua pobreza fôsseis enriquecidos.

Nada inspira tanto a empreendimentos bons como o bom exemplo. Por isso, Paulo começa o seu apelo aos coríntios para fazerem uma boa oferta, citando um notável exemplo de contribuição sacrificial. **As igrejas da Macedônia** são as localizadas na província romana desse nome, inclusive Filipos, Tessalônica e Beréia. Essas igrejas manifestaram abertamente **a graça de Deus** em matéria de contribuição. Uma característica que Denney chamou a atenção é, aqui, digna de nota: nem uma vez, em suas exortações, Paulo usa a palavra "dinheiro". Ele emprega uma porção de termos: **graça** (como aqui), serviço, uma comunhão em serviço (**koinonia**), uma generosidade ou liberalidade, uma bênção, esmolas, ofertas (= sacrifício). Não que Paulo considerasse o dinheiro mau; pelo contrário, demonstra que o seu uso faz parte da contribuição do crente em prol do evangelho.

A liberalidade dos cristãos macedônios era um produto da graça. No verso 2, Paulo se refere a **muita prova de tribulação**. Desde o início, os cristãos macedônios haviam experimentado perseguições (veja At. 16-17; Fil. 1:29; I Tess. 2:13 e ss.), e elas acarretavam a destruição de propriedade e o saque de riquezas. Portanto, o pouco que essas pessoas tinham havia-se tornado quase nada, e a sua situação era desesperadora. Mas a graça triunfa sobre tais circunstâncias. Se experimentavam **profunda pobreza**, também sabiam o que era **abundância do seu gozo**; eles deram voluntariamente **segundo as suas posses** e até mesmo **acima das suas posses**. Que exemplo para os coríntios, em sua relativa riqueza, sua isenção das perseguições e sua tristeza, que se revelava nas querelas entre eles! Paulo hesitara em pedir aos cristãos macedônios para participarem da coleta, mas eles, de fato, pediram encarecidamente o **privilégio de participarem** dela. E o fizeram porque tinham as prioridades corretas: **primeiramente... se deram ao Senhor**, e se

deram a Paulo e a seus companheiros, para realizar qualquer serviço que deles requeressem.

Em face desse exemplo, Paulo recomendou que Tito completasse **esta graça**, que havia começado entre eles anteriormente, mas que havia sido negligenciada, por causa das dissensões que tiveram lugar. Os coríntios **abundam em tudo**. Paulo fala isto com toda a sinceridade. Anteriormente, ele já lhes havia dito que nenhum dom espiritual lhes faltava (I Cor. 1:7). Mas os dons espirituais são literalmente "dons de graça" (**charismata**).

Vede que também nesta graça abundeis sugere que a graça de Deus estava disponível a eles, para atos generosos entre os homens, bem como para atividade religiosa em suas reuniões, mas ela requeria uma atitude mais positiva da parte deles. Os coríntios deviam fazer com que o seu amor para com Paulo e Tito se estendesse até os necessitados — na Palestina e em outros lugares. Ao dizer isto, Paulo não dá nenhuma ordem, **como quem manda**, mas pede que **o zelo de outros** (os cristãos macedônios) inspirasse os coríntios a demonstrar que o seu amor, assim como o dos macedônios, era genuíno.

Há ainda outro grande motivo para dar, maior ainda do que o exemplo dos macedônios ou a exortação de Paulo. É a **graça de nosso Senhor Jesus Cristo**. Graça é o amor que se dobra para salvar quem não merece, e, na **pobreza** de Jesus, ele é demonstrado para perfeição. Pois, ele **era rico** — de maneira incompreensível em sua vida com o Pai (Fil. 2:6), como mediador e sustentador de toda a criação (I Cor. 8:6; Col. 1:15-17). Ele **se fez pobre** simplesmente ao se tornar homem, pois a diferença entre a vida divina e a existência humana é infinita.

O crente não pode se esquecer que espécie de homem se tornou o Filho de Deus. O hino de Filipenses 2:6 e ss. o expressa vivamente: "Subsistindo em forma de Deus... tomando a forma de servo... humilhou-se... tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz." A humilhação do trono de Deus para a morte é empobrecimento além de qualquer comparação. E isso aconteceu **por amor de vós**. Nenhuma dedução imediata é tirada desta declaração. Nem há necessidade. Pois todo homem que entender esta verdade e entrar na vida de Deus através dela será agradecido. Onde a gratidão se funde com a **graça de nosso Senhor Jesus Cristo**, ela produz uma disposição para atos graciosos semelhantes, isto é, de se tornar **pobre** para tornar os outros **ricos**.

2. Plano Para a Coleta (8:10-24)

10 E nisto dou o meu parecer; pois isto vos convém a vós que primeiro começastes, desde o ano passado, não só a praticar, mas também a querer; 11 agora, pois, levai a termo a obra, para que, assim como houve a prontidão no querer, haja também o cumprir segundo o que tendes. 12 Porque, se há prontidão de vontade, é aceitável segundo o que alguém tem, e não segundo o que não tem. 13 Pois digo isto não para que haja alívio para outros e aperto para vós, 14 mas para que haja igualdade, suprindo, neste tempo presente, a vossa abundância a falta dos outros, para que também a abundância deles venha a suprir a vossa falta, e assim haja igualdade; 15 como está escrito: Ao que muito colheu, não sobrou; e ao que pouco colheu, não faltou. 16 Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por vós; 17 pois, com efeito, aceitou a nossa exortação; mas sendo sobremodo zeloso, foi por sua própria vontade que partiu para vós. 18 E juntamente com ele enviamos o irmão cujo louvor no evangelho se tem espalhado por todas as igrejas; 19 e não só isto, mas também foi escolhido pelas igrejas para ser nosso companheiro de viagem no tocante a esta graça que por nós é ministrada para glória do Senhor e para provar a nossa boa vontade; 20 assim evitando que alguém nos censure com referência a esta abundância, que por nós é ministrada; 21 pois zelamos o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens. 22 Com eles enviamos também outro nosso irmão, o qual muitas vezes e em muitas coisas já experimentamos ser zeloso, mas agora muito mais zeloso ainda pela muita confiança que em vós tem. 23 Quanto a Tito, ele é meu compa-

nheiro e cooperador para convosco; quanto a nossos irmãos, são mensageiros das igrejas, glória de Cristo. 24 Portanto, mostrai para com eles, perante a face das igrejas, a prova do vosso amor, e da nossa glória a vosso respeito.

Paulo se refreara de dar ordens aos coríntios a respeito da coleta, pois um crente não precisa de incentivo maior, para fazer uma contribuição generosa, do que o exemplo de Cristo. No entanto, até os crentes precisam de idéias quanto à maneira como expressarem as suas boas intenções; por isso agora Paulo aconselha.

O primeiro tópico que ele aborda é uma recordação cuidadosa da inutilidade das boas intenções que não se expressem em atos correspondentes. No **ano passado** os coríntios haviam tido o desejo de participar da coleta. Haviam dado início a esse projeto, mas haviam parado. Paulo recomenda que **a prontidão no querer** seja igualada pelo **cumprir**, pois uma vontade que não pode levar a atos é a antítese da vida guiada pelo Espírito. Mas o bom senso também tem lugar aqui. A medida de se dar é **segundo o que alguém tem**; não se espera que alguém dê **o que não tem**. Foi baseado neste parâmetro que Jesus louvou a viúva que dera tudo o que tinha (Mar. 12:43 e s.); e também, devido a esta regra, muitos de nós permanecemos condenados, por causa do que retemos depois de termos contribuído.

Por outro lado, não é lógico um grupo ser drenado de recursos para facilitar as coisas para outros; a palavra-chave aqui é **igualdade**. Os crentes que têm mais devem dar para os que têm menos. Pode chegar uma época em que as posições serão invertidas, e os doadores se tornarão receptores. A maneira pela qual Deus agiu para com Israel, no deserto, ilustra este princípio: quando estavam juntando o maná, aqueles que juntaram muito não deviam conservar mais do que a sua ração, enquanto aqueles que juntaram menos tiveram a sua quantidade completada (Êx. 16:16 e ss.). Este procedimento foi ordenado. Os membros do novo Israel deviam pô-lo em prática voluntariamente, baseados no amor mútuo.

Não somente Paulo, mas Tito também fora inspirado, pelo Espírito de Deus, para manifestar **solicitude** para com os coríntios. **Por sua própria vontade**, ele concordou prontamente com a sugestão de Paulo para que fosse a Corinto e ajudasse a igreja, ali, a organizar a coleta. Observe que, segundo este aspecto, a organização da oferta para Jerusalém se originara do fato de ele ser **sobremodo zeloso** pelos coríntios: era para o bem deles! Os crentes que não são generosos são almas raquíticas, e nem Paulo nem Tito podiam imaginar que os seus amigos coríntios fossem dessa forma.

E juntamente com ele enviamos o irmão cujo louvor no evangelho se tem espalhado por todas as igrejas. Quem era ele? Não sabemos dizer. Lucas, Barnabé, Timóteo, Silas, Marcos, Erasto, e inúmeros outros amigos de Paulo têm sido sugeridos. O nome de Lucas é particularmente adequado aqui, pois, em Atos 20:4, nenhum representante de Filipos é mencionado entre os mensageiros que levantaram a coleta para Jerusalém, enquanto o versículo seguinte usa o pronome "nós", dando a entender a presença de Lucas entre eles. No que concerne a esta passagem, todavia, esta identificação permanece no campo das conjecturas. De maior importância é a consideração de que Tito não iria sozinho; o fato de Jesus ter enviado os discípulos, em sua missão, de dois em dois (Mar. 6:7; Luc. 10:1) e a sua promessa de estar presente onde dois ou três se reunissem em seu nome (Mat. 18:19) causara uma profunda impressão na igreja. O companheirismo, na obra do evangelho, é de primordial importância, e o testemunho do evangelho é fortalecido.

O irmão incógnito é indicado não apenas por Paulo, mas também **pelas igrejas.** Ele devia viajar com Paulo e os outros

mensageiros até Jerusalém. Indubitavelmente, Paulo pretendia que a igreja em Jerusalém visse, nesses homens, exemplos dos grandes homens de Deus que havia entre as igrejas gentílicas. A sua chegada a Jerusalém seria **para glória do Senhor**, visto que os homens louvariam a Deus devido a eles, e **para provar a nossa boa vontade**, visto que os homens compreenderiam que Paulo empreendera essa grande tarefa movido por interesse genuíno por eles.

Ainda mais, **evitando que alguém nos censure com referência a esta abundância.** É notório como as dificuldades podem facilmente surgir a respeito de assuntos financeiros. Se Paulo tivesse levado sozinho a oferta das igrejas gentílicas, interrogações poderiam ser levantadas, tanto em Jerusalém como entre as próprias igrejas gentílicas, quanto à possibilidade de Paulo ter retido parte do dinheiro. Sendo o dinheiro levado por um grupo de homens acima de qualquer suspeita e autorizados pelas igrejas, nenhuma suspeita semelhante poderia ser aventada.

No entanto, outro irmão incógnito é mencionado, no verso 22, **o qual muitas vezes e em muitas coisas já experimentamos ser zeloso**, e por isso podia-se confiar que também o seria nesta empreitada. E, se alguém fizesse perguntas a respeito de Tito e seus companheiros, Paulo tinha uma resposta pronta: **Tito... é meu companheiro e cooperador para convosco**; e os irmãos são **mensageiros das igrejas**. Como se sabe muito bem, o termo **mensageiros** era a palavra costumeira para designar "apóstolos", e apóstolo significa "alguém enviado". A condição de um apóstolo depende inteiramente de quem o enviou, e com que objetivo. Os apóstolos de Cristo tinham uma posição única, devido à sua associação pessoal com o Senhor, e porque haviam sido enviados por ele para realizar uma tarefa peculiar na igreja. Os "apóstolos das igrejas" naturalmente tinham um significado muito mais limitado, pois a sua tarefa era mais simples; eram nomeados para agir como representantes das suas igrejas e em nome delas entregar à igreja em Jerusalém o dinheiro que havia sido coletado. Por menor que fosse essa tarefa, ela era importante aos olhos de Deus; em virtude de quem eram eles e do que representavam, podem ser descritos como **glória de Cristo**, isto é, eram homens em quem a glória do Senhor podia e devia ser vista. Onde quer que essa glória se tornasse visível, nenhuma tarefa podia ser considerada de menor valor.

À luz destas considerações, Paulo pede que os coríntios apresentassem provas do seu **amor**, e justificassem **a nossa glória**, ou seja, a jactância de Paulo a respeito deles diante dos seus colegas. Visto que "aquele que é enviado é semelhante ao que o enviou", ao demonstrarem a sua verdadeira natureza aos "apóstolos das igrejas", os coríntios, de fato, revelar-se-iam **perante a face das igrejas.**

3. Apelo por Prontidão e Generosidade (9:1-15)

1 Pois, quanto à ministração que se faz a favor dos santos, não necessito escrever-vos; 2 porque bem sei a vossa prontidão, pela qual me glorio de vós perante os macedônios, dizendo que a Acala está pronta desde o ano passado; e o vosso zelo tem estimulado muitos. 3 Mas enviei estes irmãos, a fim de que neste particular não se torne vão o nosso louvor a vosso respeito; para que, como eu dizia, estejais preparados, 4 a fim de, se acaso alguns macedônios forem comigo, e vos acharem desapercebidos, não sermos nós envergonhados (para não dizermos vós) nesta confiança. 5 Portanto, julguei necessário exortar estes irmãos que fossem adiante ter convosco, e preparassem de antemão a vossa beneficência, já há tempos prometida, para que a mesma esteja pronta como beneficência, e não como por extorsão. 6 Mas digo isto: Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e aquele que semeia em abundância, em abundância também ceifará. 7 Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, nem por constrangimento; porque Deus ama ao que dá com alegria. 8 E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda a suficiência, abun-

deis em toda boa obra; 9 conforme está escrito: Espalhou, deu aos pobres; a sua justiça permanece para sempre. 10 Ora, aquele que dá a semente ao que semeia, e pão para comer, também dará e multiplicará a vossa sementeira, e aumentará os frutos da vossa justiça, 11 enquanto em tudo enriqueceis para toda a liberalidade, a qual por nós reverte em ações de graças a Deus. 12 Porque a ministração deste serviço não só supre as necessidades dos santos, mas também transborda em muitas ações de graças a Deus; 13 visto como, na prova desta ministração, eles glorificam a Deus pela submissão que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade da vossa contribuição para eles, e para todos; 14 enquanto eles, pela oração por vós, demonstram o ardente afeto que vos têm, por causa da superabundante graça de Deus que há em vós. 15 Graças a Deus pelo seu dom inefável.

Freqüentemente, tem sido notado que, embora o apelo de Paulo em prol da coleta pareça chegar ao fim no término do capítulo 8, parece que o apóstolo inicia de novo o assunto em 9:1. Portanto, tem sido sugerido que os dois capítulos foram escritos em ocasiões diferentes. Os que consideram que II Coríntios foi composta de mais do que uma carta de Paulo têm várias sugestões a fazer a respeito do relacionamento destes capítulos com as partes que constituem esta carta e a sua ordem relativa. Em justiça deve ser dito que não há objeção nenhuma contra hipóteses desta espécie: o conteúdo destes dois capítulos de forma nenhuma é afetado por elas, e não podem ser provadas nem refutadas. Igualmente, deve ser reconhecido, porém, que o capítulo 9 se segue ao capítulo 8 de maneira inteiramente natural. Este fato é obscurecido na versão da RSV, devido à sua tradução da conjunção **gar**, em 9:1, como "ora", em vez de **pois**. O capítulo 9 acrescenta pouca coisa de novo. Ele se concentra em um ponto, a saber, que os coríntios procuravam fazer com que a coleta fosse generosa. Este capítulo podia, na intenção de Paulo, ter lugar, em seu apelo, exatamente onde ele está.

De um ponto de vista, Paulo **não necessita escrever... quanto à ministração que se faz a favor dos santos**, pois há muito tempo os coríntios já sabiam dela (cf. I Cor. 16:1 e ss.), e Paulo já dissera aos macedônios cristãos como os coríntios estavam prontos para cooperar nela. É perfeitamente compreensível que Paulo mencionasse o exemplo dos coríntios ao falar aos macedônios a respeito da oferta (como aqui), e depois, por sua vez, citasse os efeitos sacrificiais dos macedônios aos coríntios (como em 8:1 e ss.). Isso expressa a sabedoria de Paulo em persuadir as igrejas para que se emulassem umas às outras, e, sem dúvida, reflete os fatos verídicos também; pois os coríntios haviam dado início à coleta antes dos macedônios, mas estes reagiram com mais generosidade.

Por outro lado, está claro que havia necessidade de Paulo incitar os coríntios em relação à coleta. Embora eles tivessem começado a organizar a coleta no ano anterior, é quase certo que mais tarde eles fizeram cessar os seus esforços. Esta foi uma das conseqüências do levante havido em Corinto, e Paulo deve ter ficado triste ao saber (através de Tito?) que a sua hostilidade contra ele tivera o efeito de privar os cristãos palestinos da ajuda que os coríntios bem poderiam ter-lhes propiciado.

Agora Paulo escreve de novo, e longamente, a respeito da coleta, e envia os **irmãos** para supervisionar a sua organização (cf. 8:16 e ss.). O próprio Paulo iria depois, juntamente com os representantes de outras igrejas, que estavam levando as suas ofertas a Jerusalém, ele desejava ter a certeza de que o seu **louvor** a respeito deles **não se torne vão... a fim de... não sermos nós envergonhados (para não dizermos vós)**. Que desagradável, se os empobrecidos macedônios chegassem a Corinto e descobrissem que a igreja cujo exemplo fora citado diante deles havia dado uma contribuição miserável! Em tais circunstâncias, os coríntios ficariam envergonhados, e Paulo também. Portanto, ele manda os seus

colegas de antemão, para certificar-se de que a oferta da igreja em Corinto estaria pronta, **não como por extorsão** — um presente extorquido deles contra a sua vontade — mas **como beneficência**, literalmente, como uma "bênção", decorrência do amor que reage à graça divina, que leva à alegria, bem como à ajuda dos que a recebem.

No verso 6 e ss. Paulo enumera razões para essa generosa contribuição em prol da causa que se tinha em vista. A primeira é que dar é como semear; produz uma colheita. **Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará.** Quem já ouviu falar de um fazendeiro tão mesquinho que espalhou apenas umas poucas sementes em seu campo? Que colheita miserável teria ele! Da mesma forma acontece no campo da contribuição. Dar pouco é receber pouco, tanto na sua própria vida como na dos outros. O mesmo pensamento é expresso, ainda mais fortemente, em Gálatas 6:7 e ss., cujo contexto se relaciona intimamente com esta passagem. Há uma relação mais profunda entre a contribuição de uma pessoa e o seu bem-estar espiritual do que algumas vezes se imagina, e Paulo queria que nos defrontássemos com este fato em relação a Deus e ao seu reino. Da mesma forma, não é menos importante a atitude do doador. Dar **com tristeza** ou **por constrangimento** não se coaduna com a experiência que o crente tem de Deus e com o ensinamento da Bíblia. **Deus ama ao que dá com alegria** (da tradução grega de Provérbios 22:9), e o crente sabe que esse é o espírito em que Deus sempre tratou os seus filhos.

A segunda razão para se contribuir de todo o coração, aduzida por Paulo, é a prontidão de Deus em propiciar, ao crente generoso, os meios para que ele aja generosamente. É atraente a tendência de considerar a primeira cláusula do verso 8 como relacionada com o que as pessoas se agradam de chamar de vida espiritual, como se o fato de o poder de Deus **fazer abundar... toda a graça** se referisse à transmissão de virtudes da vida oculta da alma. Porém, no decorrer dos capítulos 8 e 9, Paulo usa termos como "graça" e "beneficência", ao referir-se aos presentes materiais destinados à distribuição, indicando que a vida espiritual e a preocupação pelas coisas comuns e necessidades ordinárias das pessoas são inseparáveis.

No verso 8, o termo **beneficência** é literalmente "graça" (**charis**), que Paulo emprega no sentido de "dom gracioso" em 8:4,6,7. A palavra comum que se traduz como bênção (ou beneficência) é **eulogia**, ocorrendo em profusão em 9:5,6. Assim, no verso 8, **Deus é poderoso para fazer abundar** os recursos materiais para prover às suas necessidades, e o suficiente para **toda a suficiência**, isto é, para que possam dar aos outros de maneira que se coadune com a abundante maneira como Deus lhes dá.

Contudo, observe-se que isto é dito aos crentes, que entendem as restrições cristãs: **suficiência** é suficiência! Deus não promete prover de maneira tal que nos comparemos às pessoas mais ricas. A palavra **suficiência** (**autarkeia**), usada por Paulo, acabou sendo uma palavra-chave famosa para os estóicos, que a usavam para denotar o que é suficiente para um homem, que precisa de pouca coisa que está ao alcance do homem dar, pois ele tem recursos suficientes dentro de si mesmo. Por conseguinte, Paulo usa esta palavra especialmente referindo-se ao contentamento (veja Fil. 4:11; I Tim. 6:6). Assim, aqui Deus dá a um homem **suficiência** para se contentar com a vida, e o capacita a ser rico em boas obras e contribuição generosa.

Esta convicção é sustentada com uma citação de Salmos 112:9, que adequadamente compara a oferta generosa do homem que teme a Deus com a semeadura de semente que produz **frutos da... justiça.** Assim também, comenta Paulo, tão certamente como Deus **dá a semente ao que semeia** e extrai dela uma colheita de pão para alimento, o Senhor lhes

suprirá com os recursos que os capacitem a dar, suprindo as necessidades dos homens, e propiciará **os frutos da vossa justiça**.

Isto nos leva ainda a uma terceira razão para a contribuição generosa. O Senhor, que enriquece o seu povo com capacidade para manifestar grande generosidade, também fará com que haja uma colheita de **ações de graças a Deus**, que por fim capacitará os coríntios a **glorificar a Deus**. Este é o fim da ação cristã!

No entanto, a maneira pela qual isto acontece é interessantemente descrita no verso 13. Acontecerá, diz Paulo, **pela submissão que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade da vossa contribuição**. A fonte última da contribuição dos coríntios era o evangelho, através do qual não apenas eles, mas também os cristãos de Jerusalém haviam experimentado a salvação de Deus. Os cristãos palestinos sabiam, como os coríntios, que o evangelho é o poder de Deus para salvar os homens, e viam, na generosidade dos coríntios, um reconhecimento ou uma confissão do evangelho. É evidente que o interesse dos coríntios por eles era um resultado da graça de Deus. Por seu turno, este interesse iria suscitar, nos palestinos, gratidão e amor aos coríntios, que se expressaria no seu desejo de ver esses desconhecidos irmãos e irmãs gentios, bem como iriam orar por eles. Quando isto acontecesse, o objetivo da coleta teria sido alcançado: Deus seria glorificado nas ações de graças de muitos, e as igrejas gentias e judias divididas abundariam em amor umas pelas outras.

Ao prever tão maravilhosos resultados da oferta de amor das igrejas gentílicas, Paulo exclama: **Graças a Deus pelo seu dom inefável!** Qual era esse dom, essa oferta? Era Cristo, cuja oferta está no âmago desse evangelho que provoca os homens a dar como Deus deu, quando ofertou o seu Filho para reconciliar a humanidade dividida? Era a doação daquela comunhão em que todos os homens, judeus e gentios, escravos e livres, machos e fêmeas, se tornam um? Era a **superabundante graça de Deus**, que produzia nos gentios o fruto da contribuição graciosa, segundo o padrão da oferta sacrifical do próprio Deus? É impossível dizer. Este escritor se inclina para a última interpretação, em vista do fato de que graça é a palavra-chave dos capítulos 8 e 9 e de que ela é a antecedente imediata desta doxologia. Como último recurso, isto não importa muito, pois é em Cristo que a graça de Deus se nos manifestou e criou, entre Deus e o homem, a comunhão que derruba todas as barreiras e inspira amor em ação entre os homens. Por ele, e por todos os dons que há nele, **graças a Deus!**

III. A Defesa do Ministério Apostólico de Paulo (10:1-13:14)

Torna-se patente, a todos os leitores desta carta, que uma mudança marcante de tom e de atitude ocorre em 10:1. O alívio e a alegria do capítulo 7, seguidos pela abordagem confiante do apóstolo nos capítulos 8 e 9, quando ele solicita a ajuda dos coríntios para a coleta em favor dos pobres da Palestina, dão lugar a uma defesa vigorosa de sua autoridade apostólica e a um ataque contra os que a rejeitavam. Embora se faça referência a um grupo de indivíduos que faziam alegações contra Paulo (v.g., 10:2, "alguns que nos julgam"; 10:10, "eles dizem..."; 10:12, "alguns que se louvam a si mesmos"), é difícil afirmar que é apenas a esse grupo que Paulo está se dirigindo, nestes capítulos. Pelo contrário, toda a igreja estava no campo visual do apóstolo (veja, v.g., 11:1 e ss.; 11:7 e ss.; 12:14 e ss.; 13:11 e ss.). Dirigir-se a toda a igreja era necessário, visto que, aparentemente, ela estava correndo o perigo de ser persuadida pelos adversários de Paulo. Os problemas incluídos, em se relacionar os capítulos 10 a 13 com os capítulos 1 a 9, são discutidos na Introdução, à qual remetemos o leitor.

1. Refutação de Alegações (10:1-18)

1) Alegada Covardia de Paulo (10:1-6)

1 Ora, eu mesmo, Paulo, vos rogo pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde, mas quando ausente, ousado para convosco; 2 sim, eu vos rogo que, quando estiver presente, não me veja obrigado a usar, com confiança, da ousadia que espero ter para com alguns que nos julgam como se andássemos segundo a carne. 3 Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne, 4 pois as armas da nossa milícia não são carnais, mas poderosas em Deus, para demolição de fortalezas; 5 derribando raciocínios e todo baluarte que se ergue contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência a Cristo; 6 e estando prontos para vingar toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência.

A linguagem do verso 1 é melhor explicada com o pressuposto de que Paulo está citando uma alegação dos seus oponentes em Corinto, a saber, que ele se mostrava ousado quando estava ausente, mas era uma pessoa fraca quando se encontrava face a face com as pessoas. Ele era **humilde** no sentido de abjeto e desprezível e **ousado** através das cartas (veja-se o v. 9, que define perfeitamente o sentido do v. 1). Isso, na verdade, chega às raias de uma acusação de covardia. Paulo não tinha a coragem de dizer às pessoas pessoalmente o que dizia quando estava longe; não havia razão para temer as suas ameaças de um retorno a Corinto — a sua próxima visita seria desastrosa como a última!

Como resposta a esta acusação, Paulo roga que ele não fosse visto na necessidade de demonstrar sua falsidade. Auto-afirmação lhe era desagradável, e ele apela, em vez disso, à **mansidão e benignidade de Cristo** (cf. Mat. 11:29), que ele tornara conhecidas aos coríntios quando lhes ensinara o evangelho e que procura reproduzir neles.

Paulo não deseja **usar... da ousadia** contra alguns dos que o acusavam de andar **segundo a carne**. As referências à carne, nos versos 2 e 3, empregam a expressão costumeira de Paulo: os homens suspeitavam que ele "age segundo a carne"; pelo contrário, embora ele vivesse "**na carne**," não guerreava "**segundo a carne**, pois as suas armas não eram **carnais**, porém **poderosas em Deus**. É provável que os adversários de Paulo tivessem uma visão gnóstica da vida, e considerassem Paulo meramente carnal, e não espiritual, como eles. Ao refutar essas acusações, Paulo se atém ao significado bíblico dos seus termos: ele não militava **segundo a carne**, ou seja, como um homem deixado à mercê dos seus próprios recursos e sob o domínio do pecado. Naturalmente, ele compartilhava das fraquezas e limitações comuns à natureza humana, mas o conflito que ele experimentava não dependia da ajuda disponível aos homens, limitados pelos horizontes deste mundo. Pelo contrário, é experimentado com a ajuda que Deus supre.

Esta passagem ilustra bem o uso que Paulo faz do termo **carne**, para denotar a fraqueza inerente do homem, susceptível ao domínio do pecado, em contraste com o poder divino, que está disponível para o homem de fé. Armas **carnais** não precisam ser más, mas incluem as que consistem de poder humano, tais como eloqüência, organização, propaganda e coisas semelhantes, que são, por si mesmas, neutras, mas que podem ser usadas para o mal, por serem subservientes ao egoísmo, artimanhas e violência caracteristicamente humanas.

As armas da nossa milícia são as que Paulo enumera em Efésios 6:13 e ss., e elas são **poderosas em Deus para demolição de fortalezas**. O que essas **fortalezas** protegem é o que está relacionado no verso 5, a saber, **raciocínio e todo baluarte que se ergue** (orgulhosamente) **contra o conhecimento de Deus**. É claro que são argumentos malignos, empregados para resistir ao conhecimento de Deus, os quais Paulo quer destruir, e não argumentos propriamente ditos. Ele quer destruir o erro através da verdade de

Deus, aplicada pelo Espírito de Deus; quando chegasse a Corinto, era isto que ele pretendia fazer com as doutrinas falsas, que estavam sendo espalhadas pelos falsos mestres. Todo **pensamento** que levasse à desobediência a Cristo devia ser levado cativo, para que os coríntios fossem libertos, a fim de obedecerem a Cristo. Pois este é o fim do pensamento iluminado pelo Espírito de Deus, ou seja, uma vida que manifeste obediência a Cristo.

Paulo considera a possibilidade de que, depois de sua chegada a Corinto, nem todos os irmãos estivessem dispostos a receber a verdade e obedecer a Cristo. Contudo, quando a igreja como um todo mostrasse a sua disposição de render completa obediência ao Senhor, ele estaria **pronto para vingar toda desobediência**, isto é, ele disciplinaria aqueles que rejeitassem a verdade e se recusassem a obedecer a Cristo. Tal atitude estava de acordo com o aviso dado por Jesus aos seus discípulos a respeito da admissão à igreja e sua disciplina (Mat. 18:18).

2) **Alegada Fraqueza de Paulo** (10:7-11)

7 Olhais para as coisas segundo a aparência. Se alguém confia de si mesmo que é de Cristo, pense outra vez isto consigo, que, assim como ele é de Cristo, também nós o somos. 8 Pois, ainda que eu me glorie um tanto mais da nossa autoridade, a qual o Senhor nos deu para edificação, e não para vossa destruição, não me envergonharei; 9 para que eu não pareça como se quisera intimidar-vos por cartas. 10 Porque eles dizem: As cartas dele são graves e fortes, mas a sua presença corporal é fraca, e a sua palavra, desprezível. 11 Considere o tal isto, que, quais somos no falar por cartas, estando ausentes, tais seremos também no fazer, estando presentes.

Olhais para as coisas segundo a aparência é uma conclamação para que os coríntios usassem o seu discernimento quanto ao que haviam experimentado de Paulo e seus oponentes. Pois não havia fatores escondidos aqui, e também ninguém estava em uma posição em que tivesse informações negadas aos outros. Em particular, **se alguém confia de si mesmo que é de Cristo**, precisa reconhecer que, **assim como ele é de Cristo, também nós o somos**. Os próprios coríntios podiam julgar a este respeito. Não que eles tivessem capacidade para discernir os segredos do coração, mas os homens de Corinto que haviam dito que eram de Cristo claramente o haviam dito em sentido exclusivo, acima de tudo em relação a Paulo: eles eram de Cristo, mas ele não. A situação é esclarecida com a declaração de Paulo em I Coríntios 1:12. As pessoas que diziam ser de Cristo o faziam contra os seguidores dos apóstolos. Criam que eram de Cristo de maneira que os outros não eram, porque se consideravam como unidas ao Espírito de Cristo de maneira peculiar, possuindo os dons do Espírito de maneira plena.

Ao contrário, Paulo era um homem meramente carnal, confinado dentro das limitações dos homens, devido à sua natureza bruta, e a um ministério de ordem inferior (10:2 e ss.). Por isso ele era um homem tão fraco; incapaz de inspiração como a que eles tinham, e procurava compensar a sua deficiência escrevendo cartas violentas, de longe. Neste ponto, a reação de Paulo às suas alegações é restringida. Ele não nega que esses homens pertenciam a Cristo; simplesmente indica que, se realmente eram de Cristo, iriam reconhecer que ele também pertencia a ele, pois o seu exclusivismo não tinha base na realidade. A experiência dos coríntios a respeito de Paulo e seus oponentes o confirmará.

Mesmo que Paulo tenha se jactado um pouco demais a respeito de sua autoridade, ele afirma: **não me envergonharei**. A conclusão é de que os coríntios sabiam que Paulo podia confirmar as suas declarações. Como ele mencionara em carta anterior (I Cor. 4:19 e s.), algumas pessoas só sabem falar, e não têm poder, mas "o reino de Deus não consiste em

palavras, mas em poder". Os coríntios haviam visto o poder do reino operando em Paulo, especialmente com respeito à transformação de suas vidas, através do Espírito de Deus em operação nele (I Cor. 6:9-11). A sua autoridade, portanto, era **para edificação**; e não **para vossa destruição**, como a presumida autoridade dos seus detratores estava ameaçando fazer. Ele se restringe, para não falar mais a esse respeito, porque não os devia amedrontar através de cartas!

O fato de que as cartas de Paulo eram **graves** e **fortes** é coisa que os seus opositores não negavam. Contudo, eles insistiam em que as cartas não refletiam a personalidade dele. A **sua presença corporal é fraca, e a sua palavra desprezível.** Aqui parece existir um eco da impressão causada por Paulo em seu primeiro aparecimento em Corinto, e talvez também em sua segunda (e desastrosa) visita. O próprio Paulo conta, em I Coríntios 2:1 e ss., como ele fora constrangido a confiar inteiramente no Senhor, quando pela primeira vez pregara em Corinto; ele estivera com eles "em fraqueza, e em temor, e em grande tremor", e se determinara a renunciar todos os artifícios de linguagem e toda sabedoria que pudesse anuviar a cruz de Cristo. Se ele visitou Corinto uma segunda vez com semelhante desconfiança a respeito de si mesmo, e prontidão para exercer restrição e tratar pacientemente com os recalcitrantes coríntios, há pouco motivo para admiração pelo fato de que ele não foi entendido. "Este homem é um fraco!" disseram eles. "Não tem poder na oratória, e está desprovido de palavra inspirada pelo Espírito."

Paulo replica que não havia diferença entre o que ele era à distância e o que era quando presente, como também não havia diferença entre o poder de sua palavra por carta e a eficiência dos seus atos: **quais somos no falar por cartas... tais seremos... estando presentes.** Isso eles ficariam sabendo quando ele chegasse ali pela terceira vez!

3) Alegação de Que Paulo Ultrapassara Seus Limites (10:12-18)

12 pois não ousamos contar-nos, ou comparar-nos com alguns, que se louvam a si mesmos; mas estes, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, estão sem entendimento. 13 Nós, porém, não nos gloriaremos além da medida, mas conforme o padrão da medida que Deus nos designou para chegarmos mesmo até vós; 14 porque não nos estendemos além do que convém, como se não chegássemos a vós, pois já chegamos também até vós no evangelho de Cristo, 15 não nos gloriando além da medida em trabalhos alheios; antes tendo esperança de que, à proporção que cresce a vossa fé, seremos nós cada vez mais engrandecidos entre vós, conforme a nossa medida, 16 para anunciar o evangelho nos lugares que estão além de vós, e não em campo de outrem, para não nos gloriarmos no que estava já preparado. 17 Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não é aprovado aquele que se recomenda a si mesmo, mas, sim, aquele a quem o Senhor recomenda.

Paulo estava preparado para ser ousado em pessoa e em atos, quando fosse da próxima vez a Corinto, mas ele confessa que havia um limite para a sua coragem. Ele não podia **contar-se ou comparar-se com alguns, que se louvam a si mesmos.** Como é que eles chegaram a uma autoavaliação tão elevada? Eles se **medem consigo mesmos.** Eles haviam formado as suas próprias idéias a respeito de quem era de Cristo, e do que constituia espiritualidade, achando que todos os que não comungavam com as suas idéias estavam automaticamente degradados. Na realidade, tais pessoas, em virtude do interesse exclusivo por suas próprias idéias e experiências, se excluem da comunhão do povo de Cristo, e desta forma, se eximem de participar da experiência mais ampla do Espírito, outorgada à igreja. Conseqüentemente, **estão sem entendimento.**

Em contraste com os que se consideram de maneira tão elevada, Paulo se recusa a se gloriar **além da medida**; pelo contrário, ele acrescenta, o fazemos **conforme o padrão da medida que Deus nos**

designou para chegarmos mesmo até vós. Aqui existe um jogo de palavras que é obscurecido na RSV, mas que a KJV tenta preservar. A seguinte tradução expressa este jogo de palavras: "Mas estes, medindo-se consigo mesmos... nós, porém, não nos gloriaremos além da medida, mas conforme o padrão da medida que Deus nos designou." A sua jactância havia ido além dos limites da realidade, e no ministério deles em Corinto eles haviam transgredido o limite da nomeação de Deus. Por outro lado, Paulo estava preparado para se **gloriar** apenas no que Deus realizara através dele, e em seu ministério ele se conservava estritamente dentro dos limites que Deus lhe indicara.

O sentido geral do verso 13 é expresso com a ajuda do termo ambíguo **padrão.** Em inglês, os tradutores o omitiram, mas ao fazê-lo, deixaram de expressar uma idéia que pode ter sido significativa para Paulo. Pois esta palavra pode significar **padrão** no sentido de medida (para medir algo) e assim indicar o que fica de fora de uma área mas pode também significar um "padrão" ou princípio de ação. Paulo exercia o seu ministério dentro dos limites de um duplo padrão, que foi prescrito por Deus: ele foi comissionado para evangelizar o mundo gentílico (essa era a sua área; veja At. 9:15; Rom. 1:5; Gál. 2:9); e foi enviado para pregar em lugares em que Cristo não era conhecido; daí o ter sido ele chamado para ser um missionário pioneiro (cf. Rom. 15:20). Portanto, Corinto estava dentro da órbita do ministério de Paulo, indicado para ele por Deus, e foi assim que ele chegou a fundar a igreja nessa cidade.

A negação apresentada em 14a: **não nos estendemos além do que convém, como se não chegássemos até vós,** é quase certamente um repúdio contra a asseveração feita pelos oponentes de Paulo de que ele não tinha o direito de ministrar em Corinto. Parece que eles presumiam que a igreja em Corinto era sua esfera particular de ministério, e que Paulo era um intruso. Porém, dizia o apóstolo, indignado: **já chegamos também até vós no evangelho de Cristo.** Não haveria igreja em Corinto, se ele não tivesse evangelizado essa cidade. Na vontade de Deus, os coríntios deviam a sua vida em Cristo ao trabalho missionário de Paulo. O fato de que ele fora verdadeiramente enviado por Deus fora demonstrado no agrado do Espírito em operar poderosamente entre eles através da agência de Paulo (cf. I Cor. 9:1 e s.).

Mais uma vez, em contraste com os falsos mestres, que saem sem comissionamento do Senhor e se apegam a igrejas como parasitas a um corpo, Paulo afirma: **não nos gloriando além da medida em trabalhos alheios.** Ele era um pioneiro, abrindo caminho para Deus nas partes do mundo que ainda não tinham ouvido o evangelho. Este ministério, ele estava ansioso por continuar. Gastara um tempo imoderado em Corinto, e ansiava por levar a sua tarefa evangelística a regiões mais distantes. Porém, como podia ele ir a regiões virgens para o evangelho, se Corinto estava vacilante na fé? **À proporção que cresce a vossa fé, diz ele, seremos nós cada vez mais engrandecidos entre vós,** (**entre vós** seria mais bem traduzido como "por vós", isto é, pela vossa assistência). Todavia, só depois que Corinto fosse estabelecida na fé e unida como congregação, é que o apóstolo se sentiria livre para mudar para outras regiões. Quando essa situação fosse resolvida, ele iria **anunciar o evangelho nos lugares que estão além de vós.**

A identificação dessas terras não é feita por Paulo, mas, sem dúvida, ele tinha em vista um plano há muito acariciado, de avançar até Roma, e dali prosseguir para evangelizar o país que os antigos chamavam de "limites ou confins da terra", a saber, a Espanha (cf. At. 19:21; Rom. 15:22 e ss.). Ao ministrar nessas regiões ele certamente não ultrapassaria **campo de outrem!** Tal impulso no desconhecido seria um ministério de

acordo com "o padrão da medida que Deus designou" para ele.

A experiência feliz de Paulo era que quando exercia o seu ministério em obediência à vontade divina, agradava ao Senhor fazer com que a graça operasse através dele (veja I Cor. 15:10 e s.). Da mesma forma, ele podia alegremente endossar a exortação de Jeremias (9:24): **glorie-se no Senhor**. Contanto que o Senhor o usasse graciosamente, está claro que o selo divino seria colocado no seu ministério. Em último caso, esta é a única autorização que interessa: não a recomendação do próprio homem, mas o atestado de Deus, exposto através da bênção sobre o seu ministério. Onde essa bênção é derramada, está **aquele a quem o Senhor recomenda**.

2. **Justificação Apostólica ao Gloriar-se Insensatamente** (11:1-12:18)

1) **O Amor Ciumento do Apóstolo** (11:1-6)

1 Oxalá me suportásseis um pouco na minha insensatez! Sim, suportai-me ainda. 2 Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; pois vos desposei com um só Esposo, Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura. 3 Mas temo que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos entendimentos e se apartem da simplicidade e da pureza que há em Cristo. 4 Porque, se alguém vem e vos prega outro Jesus que nós não temos pregado, ou se recebeis outro espírito que não recebestes, ou outro evangelho que não abraçastes, de boa mente o suportais! 5 Ora, julgo que em nada tenho sido inferior aos mais excelentes apóstolos. 6 Pois ainda que seja rude na palavra, não o sou, contudo, na ciência; antes, por todos os modos, isto vos temos demonstrado em tudo.

Paulo estava para se permitir **um pouco de insensatez**. A sua insensatez era a de se jactar acerca dos privilégios e realizações como servo de Cristo, em comparação com os de outros homens; isto ele descreve não apenas como insensatez (11:16 e s.), mas como loucura (11:23) também. No entanto, os coríntios o haviam forçado a fazê-lo, devido à facilidade com que haviam dado ouvidos a falsos mestres, que maliciosamente o denunciavam (12:11 e s.). Por conseguinte, Paulo exigiu que o ouvissem: **Suportai-me ainda!**

E passa a escrever apaixonadamente. Ele é motivado por um **zelo** (ciúme) **de Deus**, isto é, ciúme semelhante ao que Deus sente por seu povo, pois o Senhor exige um amor e uma lealdade completos da parte das pessoas a quem ele se deu (cf. Êx. 20:1-6). Da mesma forma como o mordomo que achou uma noiva para Isaque (Gên. 24), Paulo assumiu o papel de alguém que providencia noiva para outrem: ele desposara a igreja em Corinto com Cristo, na perspectiva de um casamento que se realizaria em glória por ocasião da vinda de Cristo — exemplo interessante de uma igreja local sendo considerada como microcosmo de toda a Igreja universal (cf. Ef. 5:25 e ss.; Apoc. 19:9; 21:9 e ss.). O apóstolo lembra, no entanto, como **a serpente enganou a Eva com a sua astúcia** (Gên. 3), e manifesta o temor de que coisa semelhante aconteça com essa igreja. Como uma esposa não devia ter olhos para nenhum outro homem que não fosse o seu esposo, assim também uma igreja deve ter a **simplicidade** e **pureza que há em Cristo**.

Porém, tal inflexibilidade de devoção seria ameaçada quando **outro Jesus, outro espírito ou outro evangelho** fosse apresentado aos coríntios. O Jesus desta forma pregado é, sem dúvida, o mesmo Jesus de Nazaré, porém retratado de maneira tão diferente que se torna **outro Jesus**. É quase certamente uma versão gnóstica de Jesus que está sendo objeto de consideração para Paulo — um Jesus que é um mero vaso para o Cristo divino, que vem sobre ele temporariamente, um Jesus que podia ser até amaldiçoado (I Cor. 12:3). O **espírito** pregado nesse contexto está muito longe de ser o Espírito Santo, enviado pelo Senhor ressurrecto, como conseqüência da redenção que ele executara (At. 2:33; Rom. 8:9 e s.), e o **evangelho** de outro Jesus é igual-

mente diferente, e não devia ser confundido com o evangelho apostólico proclamado por homens verdadeiramente apostólicos.

Em vista disso, **os mais excelentes apóstolos**, que, no v. 4, são representados como "alguém" e, no v. 5, se presume que alegassem superioridade em relação a Paulo, não podiam ser os apóstolos originais de Jesus. Eram pretendentes heréticos a esse título, e, em 11:13 e s., são chamados de falsos apóstolos e servos de Satanás. Estes homens estabeleciam um contraste com a forma de Paulo pregar, alegando que ele era um amador (**rude** = leigo, homem destreinado, em comparação com o profissional) na arte de falar em público, ao passo que eles haviam sido treinados como oradores. Paulo não contesta a alegação, mas resiste à idéia de que ele era um "leigo" com respeito ao conhecimento; a este respeito ele era "perito e especialista, treinado e inspirado pelo próprio Senhor" (Plummer).

2) Paulo Rejeita o Dinheiro dos Coríntios (11:7-15)

7 Pequei, porventura, humilhando-me a mim mesmo, para que vós fôsseis exaltados, porque de graça vos anunciei o evangelho de Deus? 8 Outras igrejas despojei, recebendo delas salário, para vos servir; 9 e quando estava presente convosco, e tinha necessidade, a ninguém fui pesado; porque os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram a minha necessidade; e em tudo me guardei, e ainda me guardarei, de vos ser pesado. 10 Como a verdade de Cristo está em mim, não me será tirada esta glória nas regiões da Acaia. 11 Por quê? Será porque não vos amo? Deus o sabe. 12 Ora, o que faço e ainda farei, é para cortar ocasião aos que buscam ocasião; a fim de que, naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós. 13 Pois os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se em apóstolos de Cristo. 14 E não é de se admirar, porquanto o próprio Satanás se disfarça em anjo de luz. 15 Não é muito, pois, que também os seus ministros se disfarcem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras.

Passando ao assunto do dinheiro pelos serviços prestados à igreja em Corinto, Paulo tocou em algo acerca de que tanto a Igreja como os oponentes dele eram sensíveis.

Paulo havia pregado **de graça... o evangelho de Deus** aos coríntios. Isto fora possível inicialmente devido ao fato de ele fazer tendas. Exercendo esta profissão em Corinto, ele se humilhara, pois, aos olhos dos gregos, o trabalho manual era degradante para um mestre profissional. Contudo, Paulo o fizera para que os coríntios **fossem exaltados** — isto é, elevados através do evangelho. Era isso **pecado**? Não, claro que **não**, mas é possível que essa idéia tivesse sido semeada pelos opositores de Paulo, que diziam que a sua conduta demonstrava uma falta de verdadeira preocupação com o bem-estar dos coríntios.

Com isto, Paulo se indignou: **outras igrejas despojei, recebendo delas salário**; ou seja, elas lhe pagavam, mas ele **servia** aos coríntios! A ajuda propiciada pelos **irmãos, quando vieram da Macedônia**, devia ter sido enviada por Timóteo e Silvano, quando eles voltaram a Corinto (At. 18:5). Sem dúvida, os coríntios se lembravam disso; Paulo estava disposto a receber dinheiro dos macedônios, mas não dos coríntios! "Correto", disse Paulo, "e eu nunca o receberei de vocês!" Por que devia ser assim? Era, como diziam os adversários de Paulo, uma evidência de sua falta de amor aos coríntios? Deus sabia que isso era mentira, respondeu Paulo.

A razão da intenção de Paulo de não depender dos coríntios é indicada no verso 12: **para cortar ocasião aos que buscam ocasião; a fim de que, naquilo em que se gloriam, sejam achados assim como nós.** A independência de Paulo embaraçava esses homens, pois os colocava sob uma luz desfavorável. Pode ser que eles dissessem que requeriam o sustento financeiro dos coríntios a fim de manter a sua condição espiritual avançada e para cumprir a sua missão; na

verdade, eles esperavam envergonhar Paulo, levando-o a aceitar dinheiro, como eles faziam, e assim remover a sua desvantagem em relação a ele. Paulo percebeu isto claramente, e declarou que não tinha intenções de se tornar como eles. Pelo contrário, afirmava que esses homens eram **falsos apóstolos** e **obreiros fraudulentos**. Ainda mais: da mesma forma como os apóstolos de Cristo são inspirados pelo Espírito Santo e se tornam transformados, pelo Espírito, à semelhança de Cristo, esses homens estavam sob a inspiração de Satanás e se haviam tornado seus instrumentos de engano (v. 14 e s.).

É possível que o fato de Satanás se disfarçar como anjo de luz seja uma alusão a uma tradição judaica de que Satanás aparecera a Adão e Eva como anjo resplandescente. No chamado Apocalipse de Moisés (cap. 17), se diz que, quando conversava com Eva, "Satanás tomou a forma de um anjo, e louvou a Deus como os anjos". Mas essa linguagem pode ter-se tornado proverbial. Paulo acrescenta que, os homens que partilham da propensão de Satanás para transformar as suas trevas em luz aparente, terão um fim correspondente aos seus atos. A linguagem é semelhante à de Romanos 3:8 e de Filipenses 3:19. Quando ministros de Cristo pervertem a graça, transformando-a em uma mentira, o seu pecado clama por julgamento que seja apropriado à sua seriedade.

3) Os Sofrimentos Apostólicos de Paulo (11:16-33)

16 Outra vez digo: ninguém me julgue insensato; mas, se assim pensais, recebei-me como insensato mesmo, para que eu também me glorie um pouco. 17 O que digo, não o digo segundo o Senhor, mas como por insensatez, nesta confiança de gloriar-me. 18 Desde que muitos se gloriam segundo a carne, eu também me gloriarei. 19 Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos. 20 Pois se alguém vos escraviza, se alguém vos devora, se alguém vos defrauda, se alguém se ensoberbece, se alguém vos fere no rosto, vós o suportais.

21 Falo com vergonha, como se nós fôssemos fracos; mas naquilo em que alguém se faz ousado, com insensatez falo, também eu sou ousado. 22 São hebreus? também eu; são israelitas? também eu; são descendência de Abraão? também eu; 23 são ministros de Cristo? falo como fora de mim, eu ainda mais; em trabalhos muito mais; em prisões muito mais; em açoites sem medida; em perigo de morte muitas vezes; 24 dos judeus cinco vezes recebi quarenta açoites menos um. 25 Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; 26 em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha raça, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; 27 em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejuns muitas vezes, em frio e nudez. 28 Além dessas coisas exteriores, há o que diariamente pesa sobre mim, o cuidado de todas as igrejas. 29 Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abrase? 30 Se é preciso gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza. 31 O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto. 32 Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas guardava a cidade dos damascenos, para me prender; 33 mas por uma janela desceram-me num cesto, muralha abaixo; e assim escapei das suas mãos.

Paulo continua em sua "insensatez", mas o seu coração estava partido. Ele não quer que pensassem que ele era **insensato**, mas se era essa a maneira como era julgado, que assim fosse: ele **também** ia se **gloriar um pouco**. A conjunção **também** indica que os seus detratores se ocupavam desta insensatez, e a atenção que eles mereciam, por parte dos coríntios, forçava Paulo a seguir caminho semelhante. O que se segue não era **segundo o Senhor**, pois Cristo nunca se jactara, nem enviou os seus apóstolos para se jactarem, e muito menos **segundo a carne** (coisas como as mencionadas no verso 21 e s.). No entanto, o fato de Paulo se **gloriar** era de espécie diferente do que faziam os falsos apóstolos. Enquanto eles se gloriavam **segundo a carne**

e a respeito dos seus sucessos, Paulo lembra experiências de humilhação e sofrimento por amor a Cristo. Como nos primeiros capítulos desta carta, as marcas do seu apostolado eram aquelas que se manifestam de acordo com a paixão do seu Senhor da maneira mais aparente. Na linguagem pitoresca de Tasker (p. 164): "Ele veste as suas dores como enfeites."

Paulo desculpa a sua "insensatez" com este comentário: **Sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos**, e acrescenta o contundente sarcasmo do verso 20 e s. Contudo, considerando-se as suas palavras, torna-se evidente que os falsos apóstolos deviam exercer uma verdadeira tirania sobre os coríntios: faziam com que eles se tornassem seus escravos, despojando-os do seu dinheiro e humilhando-os (tal é a idéia revelada em "ferir no rosto"). À luz de sua conduta, Paulo pede desculpas pela sua fraqueza manifestada em Corinto: ele nunca tivera a coragem para agir daquela forma.

A lista de prerrogativas **segundo a carne**, contida no verso 22, mostra que os "mais excelentes apóstolos" deviam ser judeus e se jactavam de suas origens judaicas, embora tivessem abraçado grande parte das idéias gnósticas. **Hebreus, israelitas, descendência de Abraão** formam uma descrição bem compreensível da herança judaica, de que todos os judeus se orgulhavam imensamente. Ao falar de **hebreus**, eles falavam da linguagem ancestral de seu povo, acima de tudo hebreu, em que as Escrituras haviam sido escritas, bem como o aramaico, que era a língua viva daquele tempo na Palestina. Os **israelitas** representavam a nação como teocracia — o povo escolhido de Deus. **Descendência de Abraão** caracteriza a nação como herdeira da salvação prometida a Abraão, que culminara no Messias e na ressurreição para o seu reino. De todos esses privilégios Paulo era participante. Ele havia aprendido as Escrituras hebraicas, e falava fluentemente o aramaico (cf. At. 21:40 — "hebraico" realmente significa aramaico); ele era membro da antiga tribo de Benjamim (Fil. 3:5); era herdeiro das promessas feitas a Abraão.

Com extraordinário fervor, Paulo avança, declarando que ele é um servo de Cristo melhor do que os "super-apóstolos" fanfarrões (v. 23); mas isto é declarado do ponto de vista dos sofrimentos suportados por amor a Cristo, e não dos sucessos conseguidos a favor dele. Os **trabalhos**, que ele experimentara **muito mais** se relacionavam com os esforços para levar o evangelho a homens e mulheres através do mundo inteiro. Poucos dos itens enumerados no verso 23 e ss. são mencionados em Atos; muitos deles devem ter acontecido no período dos trabalhos missionários de Paulo anteriores às viagens registradas em Atos 12 a 28 (note-se que, de acordo com Gál. 1:21-2:1, Paulo trabalhara para Cristo nas regiões da Síria e Cilícia durante 14 anos).

Os **quarenta açoites menos um** eram infligidos pelos judeus de acordo com Deuteronômio 25:3, que proíbe que mais de quarenta açoites fossem infligidos a um homem. Este mandamento levara os rabis a limitar o castigo a trinta e nove açoites, para que não ocorresse erro na contagem e conseqüente quebra da lei. Considerando que, cada vez que Paulo sofreu tal punição, esse fato fora antecedido de tumulto e julgamento, a declaração de Paulo dá indicações a respeito do furor que ele constantemente suscitava entre os judeus, em virtude de proclamar o evangelho. Ser **açoitado com varas** era castigo romano, mas não era administrado a cidadãos romanos; o fato de Paulo tê-lo sofrido, como em Filipos (At. 16:22), indica como a cidadania romana era muitas vezes ineficiente para salvá-lo da incompreensão de magistrados brutais. O ser **apedrejado** devia ser o que ele sofrera em Listra (At. 14:19).

Esta passagem prossegue, ilustrando alguns dos perigos que sobrevinham a

um missionário itinerante nos dias de Paulo. Naquela época toda viagem era difícil, fosse por mar, fosse por terra; se a primeira acarretava o risco de naufrágios, a segunda obrigava a travessia de grandes rios difíceis de vadear. No caso de Paulo, havia constantes conspirações de judeus e gentios, para não se mencionar os encontros com ladrões, e — mais desanimador do que tudo — havia **os perigos entre falsos irmãos**. Porém havia um outro **peso**, de tipo diferente. Não da parte dos inimigos, mas de quem ele mais amava, a saber, as igrejas de Cristo, particularmente aquelas que o próprio Paulo havia fundado. Esse peso devia exercer-se através da correspondência e de mensagens enviadas e recebidas das igrejas, e também de irmãos em particular, que procuravam Paulo, vindos de toda parte, pedindo conselho e ajuda. **Quem enfraquece** confessava a sua fraqueza e esperava a sua simpatia; **quem se escandalizava**, fosse por ter sucumbido à tentação, ou através dos pecados de outrem, fazia com que o coração de Paulo se abrasasse de indignação.

Mais uma experiência é mencionada, curiosamente isolada, isto é, o escape de Paulo de Damasco. Visto que Lucas também o menciona (At. 9:24 e s.), é provável que essa fuga se havia tornado bem conhecida. O próprio Paulo a devia ter narrado freqüentemente, como exemplo dos perigos e humilhações que defrontara e também da soberana providência de Deus, que o havia preservado para o progresso do evangelho.

A asseveração de verdade, no verso 31, pode indicar que essa história se havia tornado deturpada, e aqui Paulo declara a verdade do que realmente acontecera. **O que governava sob o rei Aretas** (título de reis árabes) **guardava a cidade dos damascenos, para me prender**. Lucas somente menciona uma conspiração dos judeus para matar Paulo. É razoável presumir-se que os dois grupos conspiravam para prendê-lo. Ou as tropas do governador montavam guarda às portas da cidade, enquanto os judeus davam busca na cidade, procurando Paulo, ou o governador dos nabateanos, na cidade, juntara forças aos judeus, para impedir que Paulo escapasse. Em qualquer caso, a conspirata falhara, pois Paulo conseguiu, com a ajuda dos discípulos, sair da cidade em segurança. É irônico que a cidade para onde Paulo se encaminhara, para prender cristãos, tivesse sido a cena desta memorável tentativa de cortar a sua carreira de testemunha de Cristo. Todavia, a tentativa deles de silenciá-lo foi tão infrutífera quanto a tentativa de Paulo de destruir a Igreja.

4) Visões e Revelações do Senhor (12: 1-10)

1 É necessário gloriar-me, embora não convenha; mas passarei a visões e revelações do Senhor. 2 Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro céu. 3 Sim, conheço o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe), 4 que foi arrebatado ao paraíso, e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir. 5 Desse tal me gloriarei, mas de mim mesmo não me gloriarei, senão nas minhas fraquezas. 6 Pois, se quiser gloriar-me, não serei insensato, porque direi a verdade; mas abstenho-me, para que ninguém pense de mim além daquilo que em mim vê ou de mim ouve. 7 E, para que me não exaltasse demais pela excelência das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de que eu não me exalte demais; 8 acerca do qual três vezes roguei ao Senhor que o afastasse de mim; 9 e ele me disse: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de boa vontade antes me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que repouse sobre mim o poder de Cristo. 10 Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando estou fraco, então é que sou forte.

Paulo achava necessário continuar a tarefa desagradável de jactar-se, e por isso chega às **visões e revelações do Senhor** (Isto é, "provindas" do Senhor). Ao fazê-lo, ele manifesta uma relutância

ainda maior de descrever o que estava em sua mente do que antes sentira. O que relata precisava ser-lhe extraído à força, por assim dizer. Pressupõe-se, ademais, que Paulo sabia que os líderes de Corinto, hiper-espirituais, inclinados para o gnosticismo, se vangloriavam de suas visões como evidência de sua autoridade, caso em que esta seção precisa ser colocada juntamente com 11:21 e ss.; outra pressuposição é que os próprios coríntios esperavam que ele tivesse essas visões, se era, como dizia, um homem de poder espiritual, e, desta forma, esta seção se coloca em contraste com a descrição das humilhações e sofrimentos relacionados em 11:23 e ss. Uma conclusão definitiva não é possível.

Em vista do contexto e da definição do tema no verso 1, não é de se duvidar que o **homem em Cristo** do verso 2 é Paulo. Ele fala dessa maneira oblíqua para minimizar a "jactância". A data **há catorze anos** sugere que aquela visão causara profunda impressão em Paulo; possivelmente, ocorrera em ocasião notável de seu ministério. O **terceiro céu**, ao qual ele foi **arrebatado**, denota o céu mais elevado (a despeito das especulações de alguns judeus de que há sete céus), e é definido como **paraíso**. Este último termo fora emprestado da Pérsia (= **paridaiza**), e significava um parque murado, especialmente os parques dos reis persas e de sua nobreza, e também um parque de qualquer natureza. Na Septuaginta, este termo se aplica ao jardim do Éden (Gên. 2), e assim passou a ser usado para designar a habitação dos justos no reino de Deus, quando as idílicas condições do Éden forem restabelecidas (cf. Apoc. 2:7; 21:2 e ss.). Era usado também para designar o lugar dos mortos bem-aventurados, enquanto esperavam a ressurreição (cf. Luc. 23:43). Assim, foi dada a Paulo uma visão do Senhor e de seus santos.

Em que circunstâncias estava naquela ocasião — **se no corpo, se fora do corpo** — Paulo não sabia dizer; havia perdido todo contato com o corpo e o mundo e tudo o que nele há. O que ouviu e viu eram **coisas as quais não é lícito ao homem referir, e palavras inefáveis** — convicção compartilhada por homens que tiveram experiências como esta (até o vidente do Apocalipse foi proibido de fazê-lo; veja Apoc. 10:2-4). Portanto, Paulo não fala nada mais, nem a respeito desta experiência nem de qualquer outra semelhante. De fato, ele quase separa o "homem em Cristo", que havia recebido essas visões benditas, do fraco e débil servo de Cristo, que era ele, pois esse fora um privilégio que não lhe era natural.

A este respeito, duas observações podem ser feitas. Primeiro, o contraste entre Paulo, o homem de visões celestiais, e Paulo, o humilde servo de Cristo, é natural para uma pessoa que, como ele, faz distinção marcante entre o homem interior e o exterior (veja o comentário sobre 4:16). Segundo, Paulo, durante catorze anos, havia carregado este segredo com ele como uma inspiração para a sua fé, mas a ninguém havia falado a respeito, pois fora chamado não para pregar visões, mas o Cristo crucificado e ressurrecto. Para mortais comuns, que não têm **visões e revelações do Senhor**, este é um consolo ponderável.

A jactância precisava cessar. Ela não era boa nem para os coríntios nem para Paulo. Mas o Senhor, que dera as visões, também dera algo mais, para impedir que Paulo se exaltasse falsamente em seu espírito: dera-lhe um **espinho na carne** (o passivo **foi-me dado** refere-se a Deus como outorgante). As especulações a respeito do que Paulo está querendo dizer com isto são infindáveis, e não podemos mencioná-las todas. Se Paulo tinha em vista Números 33:55 (os cananeus considerados "como espinhos nos olhos, e como abrolhos nas ilhargas" dos israelitas), então espinho é tradução correta do termo grego usado aqui: **skolops**. Contudo, pode significar uma estaca, e foi usado algumas vezes pelos cristãos para designar a cruz.

O mais importante é que os lingüistas geralmente acham que **na carne** deve ser traduzido como "para a carne". Se isto for observado, é provável que Paulo tivesse em mente uma incapacidade física: doença dos olhos (cf. Gál. 4:13 e ss.), malária, epilepsia ou alguma outra enfermidade. Se esta última acepção (para a carne) for a correta, então "carne" se refere a Paulo em sua fraqueza de criatura, sujeito ao pecado, e então um problema espiritual pode estar sendo citado. Escritores antigos tendiam a interpretar esta passagem desta maneira, alguns pensando em tentações para a carne (pensamentos malignos), porém a maior parte pensando em tentações para desesperar, ocasionadas pela oposição e perseguição movida pelos inimigos do evangelho.

Poderia espinho ou "estaca" denotar a agonia recediva da tristeza e remorso causado pelo ódio pregresso de Paulo contra Cristo e sua batalha contra esse mesmo Cristo e seu povo? É impressionante que uma referência a isto aparece em I Coríntios 15:9, seguida por uma afirmação do poder da graça para apagar o seu pecado e torná-lo adequado para o serviço apostólico; da mesma forma também, nesta passagem, a resposta do Senhor para o seu pedido, para que fosse removido o espinho = mensageiro de Satanás (Acusador!), foi assegurá-lo de que a graça era suficiente para ele.

Precisamos nos contentar com reconhecermos as possibilidades de interpretação aqui apresentadas e os limites do nosso conhecimento. É mais importante dar ouvidos à mensagem do Senhor (Cristo) ao apóstolo, no v. 9: a graça apaga todos os pecados e dá poder ao mais fraco, para o maior serviço. O fato de Paulo se ter jactado a respeito de visões e revelações, por conseguinte, se transforma em jactância a respeito de **fraquezas**, ao reconhecer que **quando estou fraco, então é que sou forte**. A inteireza da aceitação, por parte de Paulo, do espinho, das mãos de Deus, e da veracidade da promessa que fora dada com ele, era, do ponto de vista humano, o segredo de suas realizações incomparáveis.

5) As Verdadeiras Marcas de um Apóstolo (12:11-13)

11 Tornei-me insensato; vós a isso me obrigastes; porque eu devia ser louvado por vós, visto que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos, ainda que nada sou. 12 Os sinais do meu apostolado foram, de fato, operados entre vós com toda a paciência, por sinais, prodígios e milagres. 13 Pois, em que fostes feitos inferiores às outras igrejas, a não ser nisto, que eu mesmo vos não fui pesado? Perdoai-me esta injustiça.

Desalentado, Paulo confessa que havia sido **insensato** em suas palavras — compelido pela falta de compreensão dos coríntios. Se os seus adversários o haviam acusado de ser **nada** — um João-ninguém — ele concordava; mas, assim mesmo, não era inferior a eles, pois também não eram nada! Contudo, Paulo devia ter sido recomendado pelos coríntios: pois **os sinais do meu apostolado foram, de fato, operados entre vós**. Quais seriam eles? É fácil igualá-los com os **sinais, prodígios e milagres** mencionados na última parte da sentença, isto é, milagres de cura, e coisas semelhantes. No entanto, a conjunção do verso 11 com o verso 12 faz-nos lembrar de uma conexão semelhante de pensamento em I Coríntios 9:1 e s.; os coríntios deviam selar o apostolado de Paulo, pois o Senhor operara através dele, para realizar a conversão deles. A mesma idéia é exposta em II Coríntios 3:1 e ss.

Portanto, aqui deve ser observado que **os sinais do meu apostolado foram, de fato, operados... por sinais, prodígios e milagres**. Os primeiros são mais inclusivos do que os segundos, pois incluem milagres de graça operados em vidas humanas pelo Espírito Santo, através do evangelho; e foram acompanhados por milagres de tipo mais externo, operados pelo mesmo Espírito. Observe-se que um apóstolo não é um apóstolo porque rea-

liza milagres; é apóstolo contanto que anuncie Cristo (Schlatter); a realidade do seu comissionamento é atestada pelos milagres de vidas transformadas e também, como Paulo se regozija, através de milagres de outra sorte. Todas estas marcas do apostolado haviam sido testemunhadas pelos coríntios em Paulo. A única coisa que ele lhes negava era o privilégio de lhe pagarem um salário. Implorava o perdão deles, por esta injustiça!

6) Previsões de uma Terceira Visita a Corinto (12:14-21)

14 Eis que pela terceira vez estou pronto a ir ter convosco, e não vos serei pesado, porque não busco o que é vosso, mas, sim, a vós; pois não são os filhos que devem entesourar para os pais, mas os filhos para os filhos. 15 Eu de muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas. Se mais abundantemente vos amo, serei menos amado? 16 Mas seja assim; eu não vos fui pesado; mas, sendo astuto, vos tomei com dolo. 17 Porventura vos explorei por algum daqueles que vos enviei? 18 Exortei a Tito, e enviei com ele o irmão. Porventura Tito vos explorou? Não andamos, porventura, no mesmo espírito? Não seguimos as mesmas pegadas? 19 Há muito, de certo, pensais que nos estamos desculpando convosco. Perante Deus falamos em Cristo, e tudo isto, amados, é para vossa edificação. 20 Porque temo que, quando chegar, não vos ache quais eu vos quero, e que eu seja achado por vós qual não me quereis; que de algum modo haja contendas, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, orgulhos, tumultos; 21 e que, quando for outra vez, o meu Deus me humilhe perante vós, e chore eu sobre muitos daqueles que dantes pecaram, e ainda não se arrependeram da impureza, prostituição e lascívia que cometeram.

Ao prever a sua iminente visita a Corinto, Paulo renova a sua afirmação, feita anteriormente, de que não seria **pesado** para a igreja, recebendo contribuições dela (cf. 11:9 e ss.). Ele era impulsionado a isto pelas melhores razões: **não busco o que é vosso, mas, sim, a vós.** Esta não é a voz de uma independência orgulhosa, mas a expressão de um amor que deseja dar aos amados, sem receber nada em troca. Isto estava de acordo com o instinto paternal que Paulo, como seu pai em Deus, tinha em relação aos seus filhos, pois todo mundo sabe que os pais devem economizar para os filhos, e não os filhos, para os pais. De fato, ele iria muito além de abrir uma conta bancária para eles: **De muito boa vontade gastarei, e me deixarei gastar pelas vossas almas**, e isto era, virtualmente, uma disposição para dar a vida por amor a eles.

A falta de reação entre os coríntios, a esse amor, deve ter sido devido à acusação expressa no verso 16: **sendo astuto, vos tomei com dolo.** Alguém havia sugerido que a independência de Paulo, em relação à igreja, era apenas aparente; de fato, era puro engano; ele não aceitava nada da igreja publicamente, mas subrepticiamente coletava o suficiente — através dos seus representantes, que continuavam indo a Corinto, com suas cartas. A referência a Tito, no verso 18, liga-se ao fato de que Tito havia sido enviado por Paulo no ano anterior, para organizar a coleta para os pobres de Jerusalém (8:6); é bem possível que a mesma pessoa que havia feito esta alegação tivesse ido além e dito que a própria coleta era uma fraude, arranjada para encher os bolsos de Paulo. [12] A resposta de Paulo, a sugestões tão chocantes, foi perguntar qual dos seus representantes havia-se aproveitado financeiramente deles, em qualquer tempo. **Não andamos, porventura, no mesmo espírito? Não seguimos as mesmas pegadas?** Os amigos de Paulo, como ele próprio, mantinham o mesmo escrupuloso padrão de honestidade, e se recusavam a aceitar quaisquer presentes dos coríntios, em virtude do trabalho que realizavam.

12 Sugere-se, na Introdução, que esta alegação pode estar ligada ao insulto feito a Paulo pelo "ofensor", em Corinto, por ocasião de sua segunda visita.

Paulo esclarece que, ao fazer esta longa explicação, a respeito de sua conduta, não o fazia como autodefendendo-se, diante dos seus juizes. Deus era o seu juiz, e Cristo o impelira a falar como acabara de fazer. Além disso, o extravasamento do seu coração, nesta carta, não fora para o seu próprio bem, mas para o deles! **Tudo isto, amados, é para vossa edificação.** Isto concorda com o importante princípio paulino, de ação eclesiástica: "Faça-se tudo para edificação" (I Cor. 14:26). Edificação significa construção. É a mesma palavra em ambas as passagens. A **edificação** dos coríntios, através do ministério desta carta, era, sem dúvida, algo que Paulo achava necessário, por causa do caos ocasionado pelos falsos apóstolos na igreja. A comunhão devia ter sido rompida de maneira drástica, pela sua beligerância, e os efeitos dos ensinamentos deles deviam ter sido sérios no campo moral.

A espécie de colheita amarga que Paulo temia encontrar, devido a tal semeadura, é indicada na segunda parte do verso 20. Se os itens relacionados forem examinados, ver-se-á que são precisamente a espécie de males que resultam da fragmentação da comunhão de uma igreja através de divisão. Paulo temia que a sua próxima visita a Corinto pudesse ser como a última (cf. 2:1), e que viesse a ser uma experiência humilhante para ele, como aquela o fora. De fato, este seria o caso, se ele encontrasse homens e mulheres cujo arrependimento em relação aos seus costumes pagãos ainda fosse incompleto, e membros da igreja que haviam feito ouvidos moucos às suas exortações para darem as costas ao paganismo e abraçarem a santidade. Se ele visse evidências de **impureza, prostituição e lascívia**, seria forçado a exercer a espécie de disciplina que exigiu em I Coríntios 5:1-5, e isso causaria lamentos não apenas para ele, mas também para toda a igreja. As lágrimas de II Coríntios valeriam a pena, se impedissem as lágrimas daqueles atos.

7) Admoestações Tendo em Vista a Terceira Visita (13:1-10)

1 É esta a terceira vez que vou ter convosco. Por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda palavra. 2 Já o disse, quando estava presente a segunda vez, e estando agora ausente torno a dizer aos que antes pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não os pouparei, 3 visto que buscais uma prova de que Cristo fala em mim; o qual não é fraco para convosco, antes é poderoso entre vós. 4 Porque, ainda que foi crucificado por fraqueza, vive, contudo, pelo poder de Deus. Pois nós também somos fracos nele, mas viveremos com ele pelo poder de Deus para convosco. 5 Examinai-vos a vós mesmos se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis, quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados. 6 Mas espero que entendereis que nós não somos reprovados. 7 Ora, rogamos a Deus que não façais mal algum, não para que nós pareçamos aprovados, mas para que vós façais o bem, embora nós sejamos como reprovados. 8 Porque nada podemos contra a verdade, porém a favor da verdade. 9 Pois nos regozijamos quando nós estamos fracos e vós sois fortes; e isto é o que rogamos, a saber, o vosso aperfeiçoamento. 10 Portanto, escrevo estas coisas estando ausente, para que, quando estiver presente, não use de rigor, segundo a autoridade que o Senhor me deu para edificação, e não para destruição.

A afirmação, feita por Paulo, de que estava para fazer uma terceira visita a Corinto é seguida por uma alusão à lei judaica de que **por boca de duas ou três testemunhas será confirmada toda palavra** (Deut. 19:15). Em tempos antigos, bem como recentes, os eruditos têm considerado que as duas visitas anteriores, à igreja, e a que estava para se realizar somam o testemunho de **três testemunhas**, baseando-se no julgamento do que ia ser dado contra os recalcitrantes coríntios. É uma idéia atraente, mas, para muitos comentaristas, ela parece uma aplicação forçada da linguagem usada.

Se Paulo não está aplicando a lei de Deuteronômio figuradamente, está falando com notável autoridade. Pois, nesse caso, ele está dizendo que quando fosse visitar Corinto de novo, observaria

o princípio bíblico de julgamento, e executaria uma investigação completa a respeito do que acontecera na igreja; chamaria **testemunhas**, e onde se provasse que houvera afastamento da palavra de Deus, ele diz: **não os poupareí** pelo mal praticado, mas certificar-se-ia de que eles fossem sentenciados. A sua reticência em agir dessa maneira em Corinto, particularmente em sua última visita, fora mal interpretada, de forma que algumas pessoas, na igreja, começaram a duvidar se o poder de Cristo residia em Paulo de maneira comparável ao poder espiritual dos "super-apóstolos". **Buscais uma prova de que Cristo fala em mim**. Eles a teriam! Para algumas pessoas esta ia ser uma demonstração indesejável, quando Paulo, no poder do Espírito, expusesse os seus pecados e realizasse a sua excomunhão da igreja.

Paulo, em seguida, traça um paralelo entre Jesus e ele próprio. Pela vontade do Pai, Jesus foi **crucificado por fraqueza**, mas, desde então, **vive... pelo poder de Deus**. Assim, Paulo, em união com Cristo, era fraco em sua submissão ao sofrimento, mas poderoso quando o Espírito o usava entre os homens. **Viveremos com ele pelo poder de Deus para convosco**, escreve ele, em referência ao seu exercício de autoridade para julgamento na igreja.

Semelhantemente, o apóstolo, que fora julgado pelos coríntios, pagava-lhes com a mesma moeda: **Examinai-vos a vós mesmos... provai-vos a vós mesmos**. Essas pessoas estavam realizando um exame a respeito da realidade do apostolado de Paulo. Ele recomenda que eles realizassem um exame rigoroso da realidade de sua fé. Eles perguntam se Jesus Cristo estava falando nele. Ele pergunta se **Jesus Cristo está** neles. Eles estavam preocupados a respeito do apostolado dele. Ele estava preocupado a respeito do bem-estar eterno deles. Se eles tinham fé, Cristo estava neles; mas se não tinham fé, não tinham Cristo nem Deus nem esperança — nada! Quão imperativo era que eles não fossem **reprovados!**

Que ninguém pense que Paulo estava pensando ansiosamente em chegar a Corinto e exercer juízo contra os que não conseguissem passar pelo seu teste. A sua oração fervorosa era que **vós façais o bem**. Se esta oração fosse respondida, pareceria que Paulo fora **reprovado**, pois o poder de Cristo nele para julgar os cristãos degenerados não se manifestaria. Contudo, isso não lhe causaria tristeza, pois o seu único interesse era servir à verdade de Deus. A declaração do verso 8, de que Paulo **nada pode contra a verdade, porém a favor da verdade** relaciona-se com a única possibilidade que ele tinha, como homem em que a verdade de Cristo habitava (11:10) e que foi chamado para pregar essa verdade. Se acontecesse que os coríntios se arrependessem do seu erro, renunciassem a falsidade recebida dos apóstolos espúrios, se submetessem ao evangelho a eles ministrado por Paulo e reconhecessem a autenticidade do seu apostolado, o próprio Paulo poderia reconhecer a verdade manifesta entre eles, e não agiria disciplinarmente. Agir de outra maneira seria agir **contra a verdade**.

De qualquer forma, o amor de Paulo aos coríntios excedia, grandemente, à sua preocupação pela sua própria posição diante dos homens. **Pois nos regozijamos quando nós estamos fracos e vós sois fortes**, isto é, quando o apóstolo não encontrava oportunidade para demonstrar a sua autoridade, porque os coríntios estavam espiritualmente sadios e não davam ocasião para disciplina. O seu objetivo, em seu trabalho entre os coríntios e em suas orações, quando ausente deles, era o seu **aperfeiçoamento**. Isso incluía não apenas o fato de avançarem em santidade pessoal, mas um crescimento em graça que os capacitasse a alcançar uma restauração de relações uns com os outros em paz e amor. Isso se torna claro quando se observa que o substantivo **aperfeiçoamento** se torna, no

verso 11, o verbo traduzido como **sede perfeitos**. Moffatt expressa esta idéia, traduzindo o verso 9a como: "Emendai os vossos caminhos, isso é tudo o que peço." No verso 11, o traduz da mesma forma, em termos de concordância mútua e vida em paz na comunhão do Deus de amor e paz.

O propósito de Paulo, ao escrever esta carta, era precisamente que isto acontecesse, pois o Senhor lhe dera **autoridade... para edificação, e não para destruição**. Este é o objetivo pelo qual toda autoridade ministerial é dada na Igreja de Jesus Cristo.

8) **Despedida** (13:11-13)

11 Quanto ao mais, irmãos, regozijai-vos, sede perfeitos, sede consolados, sede de um mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz será convosco. 12 Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todos os santos vos saúdam. 13 A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.

Sede perfeitos retoma o assunto da oração de Paulo pelos coríntios em 13:9 (veja o comentário respectivo). Este verbo ocorre em Marcos 1:19, ao referir-se ao fato de Tiago e João estarem consertando suas redes. Por isso, a RSV, em inglês, a traduz como: "Emendai os vossos caminhos." Portanto, pode, apropriadamente, representar a idéia de a pessoa se desembaraçar do que destrói a vida espiritual, e colocar em ordem o que está em falta. Visto que o aspecto coletivo das relações cristãs é o considerado neste contexto, aqui significa a rejeição do que destrói a comunhão e uma cura das brechas abertas devido às dissensões.

Onde existe prontidão para uma comunhão harmoniosa desta forma, a presença do **Deus de amor e de paz** se manifesta. E, em tal sociedade, o antigo costume de se saudar os outros com um **ósculo** (beijo) é mais do que apropriado. O beijo como demonstração de amor em uma comunidade fora tomado da tradição judaica, pelas igrejas, e incorporado à sua adoração pública como um ato solene, especialmente em conexão com a Ceia do Senhor. Para conservá-lo **santo**, os homens beijavam os homens e as mulheres as mulheres, mas Cirilo de Jerusalém via um significado mais profundo nesta "santidade": "Este ósculo é o sinal de que as nossas almas estão interligadas, e já baniram toda lembrança do erro. Portanto, o ósculo é reconciliação, e, por esta razão, é santo" (citado por Plummer).

É no contexto da busca de relações restauradas que podemos entender melhor a bênção do verso 13. Todos os genitivos devem ser entendidos da mesma forma, isto é, como subjetivos: a oração era para que a ação graciosa do Senhor Jesus Cristo fosse dirigida para os receptores da carta, a fim de que eles conhecessem de novo o **amor** de Deus, e para que a **comunhão** criada pelo Espírito Santo fosse uma realidade entre eles. A linguagem quase trinitária é inconfundível, indicando que se pensa em uma forma tríplice de apreender Deus no pensamento e na experiência, não obstante indicando a unidade das pessoas da Divindade.

A ordem de pessoas é algumas vezes considerada como surpreendente, e alguns crentes escrupulosos insistem em corrigir Paulo, colocando o **amor de Deus** antes da **graça do Senhor Jesus Cristo**, quando pronunciam esta bênção. Contudo, muito se pode dizer quanto ao fato de a experiência cristã começar com a **graça** redentora de Cristo e que é através dessa graça que ficamos sabendo do **amor** do Pai e experimentamos a **comunhão** do Espírito Santo. Todavia, é possível que um fator de peso teológico muito menor tenha dado origem a esta forma para a bênção. A maior parte das cartas de Paulo, inclusive I Coríntios, se encerra com a bênção simples: "A graça do Senhor Jesus seja convosco." Seria bem apropriado que Paulo encerrasse esta carta da maneira usual, pois, como ele mesmo aprendera da mais profunda

experiência, a graça de Cristo é suficiente para qualquer pessoa e para todos.

No entanto, Paulo estava escrevendo a uma igreja que tinha tido uma desavença séria com ele, fora grandemente contenciosa e se recusara a cooperar com as outras igrejas, no afã de aliviar a pobreza dos irmãos de Jerusalém. Eles precisavam da **graça** do Senhor Jesus, mas também de uma nova visão do **amor** do Pai e disposição para abrir as suas vidas em reação positiva para com este amor. Porém, ainda mais do que isto: era uma igreja dilacerada por facções, cujos membros se haviam alinhado contenciosamente com vários apóstolos e até contra apóstolos (I Cor. 1:12). Em certo ponto eles rejeitaram a autoridade de Paulo, e, mediante adesão a "super-apóstolos" heréticos, estavam correndo o perigo de cortar totalmente as relações com o restante das igrejas de Cristo. Se havia uma igreja que necessitava aprender de novo o significado da **comunhão do Espírito Santo**, era esta — e não apenas o seu significado, mas a sua realidade.

Semelhantemente, a bênção que Paulo normalmente pronunciava havia-se expandido, tornando-se uma bênção de pertinência extraordinária para a igreja a que havia sido dirigida. Ela continua poderosamente importante para as congregações de Cristo hoje em dia. Os homens ainda necessitam conhecer a **graça** que se curva para erguê-los do inferno para o céu, o **amor** do Pai, que não poupou nem mesmo o seu único Filho nem a si mesmo, e ainda dá as boas-vindas aos filhos pródigos, e a **comunhão** do Espírito, que congrega os filhos separados em uma só família em Cristo.

Gálatas

JOHN WILLIAM MacGORMAN

Introdução

A religião como **evangelho** ou **lei** — este é o assunto principal que se debate na Epístola aos Gálatas. Na verdade, a forma histórica particular de legalismo com que ela debate, há muito tempo passou de cena, sendo isso mesmo um tributo notável à eficiência deste documento. Nenhum ramo da cristandade, hoje em dia, está sendo minado por qualquer controvérsia com respeito à obrigatoriedade ou não de os convertidos gentios adicionarem a circuncisão ao batismo cristão. Por esta razão, alguns leitores modernos podem achar que Gálatas tem valor apenas histórico.

No entanto, evangelho, ou lei, designa as alternativas finais em questão de religião em qualquer tempo. Nunca nos livramos do legalismo como uma ameaça ao Evangelho de Jesus Cristo. Repetidamente, ele tem sido afugentado, apenas para reaparecer em novas formas. A Reforma foi não um debate a respeito do requisito judaico da circuncisão, mas outra luta extensa entre a religião como evangelho ou lei. O papel histórico de Gálatas, nessa crise posterior, é bem conhecido.

Esta luta continua sendo uma ameaça perene, porque o legalismo é a religião deste mundo. O legalismo é a abordagem de Deus que o mundo melhor compreende, porque é nada mais do que uma extensão na esfera religiosa do padrão operacional que caracteriza tão grande parte da vida social, política e econômica deste mundo. Além do mais, deixa intocadas as mais íntimas cidadelas do orgulho humano.

Poucas pessoas têm entendido tão bem quanto Paulo a incompatibilidade total da religião como evangelho e religião como lei. Tendo experimentado a futilidade desta última, ele se tornou o maior porta-voz da igreja primitiva em favor do primeiro. Em certa ocasião, em Antioquia, parece que ficou sozinho nesse assunto (Gál. 2:11-14). Para ele, a suprema revelação de Deus estava em uma Pessoa, e não em um código legal. Para Paulo, o correto relacionamento com Deus acontece através da fé em Jesus Cristo, seu Filho, que morreu pelos nossos pecados e foi ressuscitado dentre os mortos, e não através de identificação tribal ou conformidade legal. Para ele, a ética era experiência de produzir o fruto do Espírito, a conseqüência de uma Presença que habita o crente, e não uma relação de ordenanças morais ou rituais.

É por isso que precisamos ouvir o que Paulo diz em Gálatas. Este continua sendo um dos maiores documentos da fé cristã, talvez a sua mais dramática declaração da religião do Espírito e a sua mais clara conclamação para a liberdade. Esta carta pode servir, mais uma vez, como o veículo através do qual Deus soprará uma renovação para a vida de nossas igrejas.

Visto que a revelação de Deus não tem lugar em um vácuo histórico, precisamos, agora, considerar as interrogações costumeiras, feitas em relação ao estudo de uma carta antiga: autoria, leitores, data e objetivos. A estas considerações será acrescentado um esboço e uma bibliografia selecionada.

I. Autoria

Há várias evidências, na Epístola aos Gálatas, que indicam Paulo como seu

autor. Primeiro, na saudação o escritor menciona o seu nome: Paulo (1:1), e, mais adiante, em uma referência enfática, ele o menciona uma segunda vez (5:2). Além disso, há uma extensa seção autobiográfica em 1:11-2:14, que dá as seguintes informações a respeito do escritor da carta: (1) Antes de sua conversão, ele era um zeloso judeu, que perseguira a Igreja de Deus (1:13,14); (2) A sua conversão incluíra o seu chamado para pregar o evangelho entre os gentios (1:15, 16). (3) A sua vocação inquestionável certamente ocorreu em Damasco, quando ele retornara para lá, depois de ter permanecido algum tempo na Arábia (1:17). (4) Três anos mais tarde (aparentemente, a contar de sua conversão), ele fez uma viagem a Jerusalém, para ver Cefas, e viu também Tiago, irmão do Senhor (1:18-20). (5) Depois ele dirigiu-se para as regiões da Síria e Cilícia, enquanto as igrejas da Judéia, que o conheciam somente por ter ouvido falar, louvavam a Deus pela sua conversão (1:21-24). (6) Catorze anos mais tarde, ele foi a Jerusalém mais uma vez, levando consigo Barnabé e Tito (2:1). Durante esta visita, Cefas, Tiago e João, os líderes, reconheceram o seu apostolado aos gentios e deram a ele e a Barnabé a destra da comunhão (2:2-10). (7) Ele teve papel de relevo na igreja em Antioquia, tendo precedência sobre Cefas, Barnabé e os homens vindos "da parte de Tiago", durante um período de crise (2:11-14). Companheiros mencionados: Cefas, Tiago, João, Barnabé e Tito; lugares visitados: Damasco, Arábia, Jerusalém, Síria e Cilícia, Antioquia e Galácia; missão realizada: a evangelização dos gentios — todas estas características apontam, indiscutivelmente, para uma pessoa: o apóstolo Paulo.

Esta conclusão encontra importantes evidências corroboradoras no livro de Atos. Também ela é fortemente confirmada pelas listas canônicas primitivas, as versões antigas e as obras dos Pais da Igreja. Mesmo entre os eruditos não tradicionais, Gálatas é considerada, geralmente, como uma autêntica carta de Paulo.

II. Leitores

Na saudação, Paulo dirige a sua epístola "as igrejas da Gálacia" (1:2; cf. 3:1). Que bom se ele tivesse acrescentado alguma cláusula qualificadora, como "que estão em Pessina, Ancira e Tavium"! Então saberíamos que ele usou o termo Gálacia em seu sentido etimológico, designando a região situada mais para o norte da Ásia Menor, antigamente ocupada pelo reino da Galácia.

No terceiro século a.C., tribos nômades de gauleses ou celtas da Europa oriental atravessaram o Bósforo. Eles se tornaram uma ameaça para os povos circunvizinhos, até que foram subjugadas e confinadas à região que veio a ser conhecida como Galácia. Esse povo vigoroso estava destinado a desempenhar um papel atribulado, mas significativo na história das terras altas de Anatólia, até a morte de Amintas, seu último rei, em 25 a.C. Nessa ocasião, o reino da Galácia, que havia crescido muito, através dos anos, chegou ao seu fim. Foi reconhecido como a província romana da Galácia, que, por sua vez, foi aumentada mediante várias anexações antes da época dos trabalhos missionários de Paulo.

Até o século passado, pensava-se que Paulo havia enviado esta carta a igrejas localizadas na Galácia territorial, área mais restrita, ocupada pelas antigas tribos gaulesas. O livro de Atos menciona Paulo em conexão com este território em duas referências feitas de passagem: em 16:6, onde simplesmente se declara que ele passou por essa região, e em 18:23, onde se diz que ele fortaleceu as igrejas dessa área. Alguns eruditos sustentam que a primeira referência aponta para a época da segunda viagem missionária, quando Paulo fundou essas igrejas, e que a segunda descreve uma segunda visita, na sua terceira viagem missionária. Os

que concordam com este ponto de vista advogam a hipótese da Galácia do norte, por exemplo Lightfoot, Moffatt, Feine, Behm e Rümmel e Marxsen. [1]

Se este é um julgamento histórico incorreto, poderia ter sido evitado se Paulo tivesse se dirigido aos seus leitores desta forma: "às igrejas da Galácia, que estão em Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe." Então saberíamos que ele usa o termo Galácia no seu sentido político, designando a província romana daquela época. Esta região mais extensa incluía os territórios das áreas ao sul da antiga Galácia: Frígia, Pisídia e Licaônia. Ali estavam as cidades, apenas citadas como nosso destinatário hipotético, que Paulo e Barnabé evangelizaram e revisitaram na primeira viagem missionária (At. 13:13-14:24). As pessoas que esposam este ponto de vista são partidárias da hipótese da Galácia do Sul ou da província, a saber: Ramsay, Burton, McNeile e Duncan. [2]

Os pontos principais desse debate abrangem o uso que Paulo faz dos termos, a adequação de "Gálatas" em 3:1 como designação dos habitantes etnicamente diferentes dos distritos meridionais da província e várias considerações baseadas no relato de Atos.

Será que Paulo tinha a tendência de usar os termos em seu sentido oficial romano? Os que esposam a teoria da Galácia do Sul dizem que ele o faz. Eles indicam passagens como I Coríntios 16:19, onde ele fala das "igrejas da Ásia"; II Coríntios 8:1, onde menciona "as igrejas da Macedônia"; e II Coríntios 9:2, onde se refere, de maneira similar, à Acaia. Nestas passagens, Paulo está usando termos segundo o seu sentido oficial romano. Todavia, os defensores da teoria da Galácia do Norte o contestam. Eles insistem que em Gálatas 1:21 Paulo usa Síria em sentido territorial, e não em sentido provincial. Eles apontam para I Tessalonicenses 2:14, onde encontram um uso semelhante do termo Judéia. Fazem notar que Arábia, em Gálatas 1:17, não era o nome oficial do reino dos nabateanos.

Pode o termo "gálatas" em Gálatas 3:1, ser designação apropriada para todos os habitantes da província romana? Os que apóiam a teoria da Galácia do Norte dizem que não pode. Marxsen escreve: "Este pode ser apenas um termo racial, e não pode se referir aos habitantes de um distrito administrativo romano." [3] Contudo, os que sustentam a teoria da galácia do Sul se apressam a contradizer isto. Insistem que, se Paulo podia se referir às igrejas de Filipos e Tessalônica como macedônias, podia falar das que estavam na Antioquia da Pisídia — Antioquia, Icônio, Listra e Derbe — como gálatas. Donald Guthrie acrescenta: "É significativo que Filipos e Tessalônica estavam na província da Macedônia, mas no distrito geográfico cujo povo indígena era trácio."[4]

Os advogados da hipótese da Galácia do Sul apelam para o livro de Atos, para maior apoio: (1) Enquanto há uma referência mínima às atividades missionárias de Paulo na Galácia do Norte, há uma narrativa relativamente plena de sua obra na do Sul. (2) Entre os que levantaram a oferta para ajudar os irmãos de

1 J. B. Lightfoot, **The Epistle of St. Paul to the Galatians** (Grand Rapids: Zondervan, n.d.), p. 18-35; James Moffatt, **An Introdution to the Literature of the New Testament** (3ª ed. rev.; Edinburgh: T. & T. Clark, 1918), p. 90-101; Paul Feine, Johannes Behm e Werner Georg Kümmel, **Introduction to the New Testament**, trad. para o inglês por A. J. Mattill, Jr. (14ª ed. rev.; Nashville: Abingdon, 1966), p. 191-93; Willi Marxsen, **Introdnction to the New Testament**, trad. para o inglês por G. Buswell (3ª ed.; Philadelphia: Fortress, 1968), p. 45-57.

2 W. M. Ramsay, **A Historical Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians** (London: Hodder and Stoughton, 1899), p. 1-234; Ernest De Witt Burton, **A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians** ("The International Critical Commentary"; Edinburgh; T. & T. Clark 1921), p. xxi-xliv; A. H. McNeile, **An Introduction to the Study of the New Testament** (2ª ed. rev.; Oxford: Clarendon Press, 1953), p. 143-46; George S. Duncan, **The Epistle of Paul to the Galatians** ("The Moffatt New Testament Commentary"; New York: Harper and Brothers, n. d.) p. xviii-xxi.

3 **Op. cit.**, p. 46.

4 **New Testament Introduction: The Pauline Epistles** (Chicago: Inter-Varsity Press, 1961), p. 76.

Jerusalém não se mencionam delegados do Norte, mas, sim, do Sul (At. 20:4).

Basta dizer que os que sustentam a opinião contrária têm resposta para estas alegações, com algumas adicionais que eles mesmos fazem. O resultado é um impasse nos estudos paulinos. A determinação da localização exata dos leitores da Epístola aos Gálatas continua sendo um problema sem solução. Os argumentos em favor da opinião de tratar-se da Galácia do Sul parecem mais consentâneos, mas falta um consenso entre os estudiosos. Embora isto não afete a nossa maneira de entender a mensagem essencial da carta, relaciona-se diretamente com a sua datação. Visto que um importante aspecto dos estudos paulinos é a tentativa de traçar um desenvolvimento do pensamento de Paulo, a importância de se estabelecer uma cronologia para as suas cartas é óbvia.

III. Data

Da discussão acima, é evidente que a hipótese da Galácia do Norte requer uma data relativamente tardia, enquanto a da Galácia do Sul torna possível, mas não requer, uma data anterior.

Outro fator se relaciona com o problema das visitas de Paulo a Jerusalém, da maneira como são registradas em Gálatas 1:18-2:10 e Atos 9:26-30; 11: 29,30; e 15:1-29. A passagem de Gálatas registra duas visitas: uma, para ficar conhecendo Cefas (1:18-20) e, outra, para resolver o problema da missão aos gentios (2:1-10). Todavia o relato de Atos descreve três visitas, cada uma delas com diferenças importantes em relação à descrição feita por Paulo. Por exemplo, Atos 9:26-30 retrata Barnabé apresentando Paulo aos apóstolos, enquanto, em Gálatas 1:18-20, Paulo diz que viu apenas Cefas e Tiago, irmão do Senhor. Mais uma vez, Atos 11:29,30 descreve uma época de fome, em que a igreja em Antioquia mandou uma oferta de amor através de Paulo e Barnabé. Gálatas 2:1-10 não revela essa oferta. Finalmente, Atos 15:1-29 descreve o Concílio de Jerusalém, inclusive uma reunião pública com toda a congregação, terminando com a formulação dos decretos apostólicos. Gálatas 2:1-10 não contém notícia disso.

Numerosas propostas de conciliação para os dados divergentes têm sido apresentadas. Uma delas torna iguais as duas visitas de Gálatas 1:18-20 e as de Atos 9:26-30 e 11:29,30. No entanto, o pedido para que os pobres fossem lembrados, em Gálatas 2:10, é estranho, de fato, se a passagem, for identificada com a visita durante a fome. Outra torna iguais as visitas registradas em Gálatas com as de Atos 9:26-30 e 15:1-29, sendo que Gálatas 2:1-10 propicia o relato, por Paulo, do Concílio de Jerusalém. Isto requer que Paulo tenha omitido a referência à visita durante a fome, em um contexto em que ele se coloca sob juramento (Gál. 1:20). Outras pessoas sugerem várias formas pelas quais o autor de Atos confundiu as suas fontes a respeito das visitas de Paulo a Jerusalém, ou estava errado em relação aos resultados do Concílio. [5]

Todas estas propostas têm significado em relação à datação de Gálatas. Se Gálatas 2:1-10 é a narrativa de Paulo acerca da visita durante a fome mencionada em Atos 11:29,30, é possível datar a carta anteriormente ao Concílio de Jerusalém, fazendo dela a mais antiga das cartas de Paulo. Esta é a posição de Duncan (p. xxi-xxxi). Ela faz a vacilação de Pedro em Antioquia mais tolerável e explica por que Paulo, nesta carta, não apela para os decretos apostólicos. Por outro lado, se Gálatas 2:1-10 é o relato de Paulo a respeito do Concílio de Jerusalém, referido em Atos 15:1-29, como parece mais provável, então uma data

5 Para uma reconstrução radical da vida e do ministério de Paulo, veja, de Donald Wayne Riddle, **Paul Man of Conflit** (Nashville: Cokesbury, 1940); John Knox, **Chapters in a Life of Paul** (New York: Abingdon, 1950); Charles Buck e Greer Taylor, **Saint Paul: A Study of the Development of His Tought** (New York: Scribner's, 1969).

posterior é exigida. Moffatt, [6] que advoga a teoria da Galácia do Norte, diz que Gálatas foi escrita pouco depois que Paulo chegou a Éfeso, em sua terceira viagem. McNeile, [7] que advoga a teoria da Galácia do Sul, diz que ela foi escrita pouco antes de Paulo deixar Éfeso, ou enquanto se encontrava a caminho da Macedônia.

Uma conjectura pessoal é que Gálatas não é a primeira carta de Paulo. Pelo contrário, ela pertence ao mesmo período genérico de I e II Coríntios. Parece ser pré-romana.

IV. Objetivo

Logo depois da conversão dos gálatas e a subseqüente partida de Paulo (1:6), membros do partido da circuncisão (judaizantes) se infiltraram naquelas novas congregações. Parece que eles eram cristãos judeus, relacionados diretamente ou não com Jerusalém. Para eles, Jesus era o Messias das esperanças de Israel, mas a circuncisão e a submissão à lei judaica permaneciam compulsórias para todos: gentios tanto quanto judeus. Devia-se crer em Jesus Cristo e submeter-se à circuncisão, a fim de acertar-se com Deus. [8]

A fim de ganhar força para o seu ensino, os judaizantes diziam que Paulo não era um verdadeiro apóstolo (1:1), e por isso tentavam minar a sua autoridade. Acusavam-no de ser alguém que procurava agradar aos homens (1:10), que pregava ou não a circuncisão, conforme a ocasião (5:11; cf. I Cor. 9:19-23). Provavelmente, eles achavam que os convertidos gentios precisavam manifestar lealdade à lei, para que isso os impedisse de resvalar para as imoralidades pagãs, e que o "liberalismo" de Paulo os deixava em uma situação precária.

Na época em que a notícia desses fatos ocorridos na Galácia chegou a Paulo, os falsos mestres estavam fazendo surpreendentes progressos, no sentido de perturbar os novos convertidos (5:7-10). Por algum motivo não revelado, ele não podia ou preferia não voltar a visitá-los. Assim, enviou esta carta urgente, num esforço para estancar a maré de sua defecção legalista. Do começo ao fim, a sua extrema agitação é evidente. Omitindo as costumeiras amenidades que usa na saudação, ele se lança imediatamente em uma vigorosa defesa do seu apostolado. Afirma que "o homem não é justicado por obras da lei, mas, sim, pela fé em Cristo Jesus" (2:16). Adverte a qualquer pessoa que se submeter à circuncisão que Cristo não lhe aproveitara absolutamente de nada (5:2). Fá-los recordar que a liberdade cristã não pode ser distorcida para justificar licença moral (5:13). De fato, a pessoa que anda no Espírito em circunstância alguma cumprirá a concupiscência da carne (5:16). Mesmo depois de tomar a pena do seu amanuense, para escrever o fim de sua carta, ele não consegue resistir, e volta aos seus argumentos (6:11-16). Antes de uma bênção final (6:18), ele requer que todos os homens parem de perturbá-lo (6:17).

Desta forma, a Epístola aos Gálatas foi escrita por Paulo para defender, o evangelho de Jesus Cristo, das perversões legalistas dos judaizantes.

Esboço da Epístola

Saudação (1:1-5)
I. Defesa Pessoal (1:6-2:21)
   1. Admiração com a Defecção (1:6-10)
   2. Afirmação do Apostolado (1:11-2:21)

6 **Op. cit.**, p. 83-107.
7 **Op cit.**, p. 148-49.
8 Para estudar a opinião de que os judaizantes eram gentios cristãos das comunidades gálatas, reprovados tanto pela cristandade judaica como por Paulo, veja Johannes Munck, **Paul and the Salvation of Mankind** (Richmond: John Knox, 1959), p. 87-134. Para estudar a opinião de que eles eram gnósticos-cristãos-judaicos, a quem Paulo entendeu incorretamente, veja Marxsen, p. 50-58. Para estudar a opinião de que Paulo luta em duas frentes — contra judaizantes e "radicais espirituais" ou libertinos — veja James Hardy, Ropes. Uma modificação desta posição pode ser encontrada em John Knox, "Letter to the Galatins", IDB, II, 338-40.

1) Conversão e Vocação (1:11-17)
2) Primeira Visita a Jerusalém (1: 18-24)
3) Segunda Visita a Jerusalém (2: 1-10)
4) Crise em Antioquia (2:11-21)

II. O Evangelho Acima da Lei (3:1-4:31)
1. Apelo à Experiência (3:1-5)
2. Apelo à Escritura (3:6-18)
1) Filhos de Abraão (3:6-9)
2) Maldição da Lei (3:10-14)
3) Prioridade da Promessa (3:15-18)
3. A Função da Lei (3:19-4:7)
1) Para Especificar as Transgressões (3:19-22)
2) Preparar Para Cristo (3:23-4:7)
a. A Lei Como Disciplinadora Moral (3:23-29)
b. A Lei Como Guardiã (4:1-7)
4. Insensatez de Recuar (4:8-11)
5. Apelo à Amizade (4:12-20)
6. Demonstração Alegórica (4:21-31)

III. Conduta Cristã (5:1-6:10)
1. Permanecer Livre em Cristo (5:1-15)
1) O Perigo do Legalismo (5:1-12)
2) O Perigo do Libertinismo (5:13-15)
2. Andar Pelo Espírito (5:16-26)
3. Observar Estes Mandamentos (6: 1-10)
1) Restaurar os caídos (6:1)
2) Levar as cargas uns dos outros (6:2)
3) Evitar o hábito de censurar (6: 3-5)
4) Repartir com os mestres (6:6)
5) Parar de enganar a si mesmo (6:7,8)
6) Não se cansar (6:9)
7) Fazer o bem a todos os homens (6:10)

Conclusão (6:11-18)

Bibliografia Selecionada

ALLAN, JOHN A. **The Epistle of Paul the Apostle to the Galatians.** ("Torch Bible Commentaries.") London: SCM Press Ltd., 1951.

BARCLAY, WILLIAM. **Flesh and Spirit.** Nashville: Abingdon Press, 1962.

_____. **The Letters to the Galatians and Ephesians.** 2ª ed. ("The Daily Study Bible.") Philadelphia: The Westminster Press, 1958.

BLUNT, A.W.F. **The Epistle of Paul to the Galatians.** ("The Clarendon Bible.") Oxford: Clarendon Press, 1925.

BURTON, ERNEST DE WITT. **A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians.** ("The International Critical Commentary.") Edinburgh: T. & T. Clark, 1921.

CALVIN, JOHN. **Commentaries on the Epistles of Paul to the Galatians and Ephesians.** Trad. para o inglês por William Pringle. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1957.

DUNCAN, GEORGE S. **The Epistle of Paul to the Galatians.** ("The Moffatt New Testament Commentary.") New York: Harper and Brothers Publishers n.d..

LIGHTFOOT, J. B. **The Epistle of St. Paul to the Galatians.** Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.

LUTHER, MARTIN. **A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians.** Trad, para o inglês por Theodore Graebner, 2ª ed.; Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.

RAMSAY, W. M. **A Historical Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians.** London: Hodder and Stoughton, 1899.

RENDALL, FREDERIC. **The Epistle to the Galatians.** ("The Expositor's Greek Testament.") Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.

RIDDERBOS, HERMAN N. **The Epistle of Paul to the Churches of Galatia.** ("The New International Commentary on the New Testament.") Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

ROPES, JAMES HARDY. **The Singular**

Problem of the Epistle to the Galatians. ("Harvard Theological Studies", Vol. XIV.) Cambridge: Harvard University Press, 1929.

STAMM, RAYMOND T., e BLACKWELDER, OSCAR FISHER. "The Epistle to the Galatians", **The Interpreter's Bible**, Vol. X. Nashville: Abingdon-Cokesbury Press, 1953.

COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

Saudação (1:1-5)

1 Paulo, apóstolo (não da parte dos homens, nem por intermédio de homem algum, mas, sim, por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos), 2 e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia: 3 Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo, 4 o qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, 5 a quem seja a glória para todo o sempre. Amém.

Paulo, apóstolo — a discussão começa dramaticamente com a segunda palavra do texto original! Evidentemente, os judaizantes haviam procurado desacreditar a mensagem de Paulo, negando ou depreciando o seu apostolado. Era o uso eficiente de um antigo estratagema, ao qual parecia que Paulo era bastante vulnerável. Ele não era um dos doze escolhidos por Jesus (Mar. 3:14-19; Mat. 10:2-4; Luc. 6:13-16; At. 1:13). E, também, ele não satisfazia os requisitos do apostolado especificados em Atos 1:21,22 por ocasião da escolha de Matias: presença com o Senhor durante o seu ministério e reconhecimento como testemunha de sua ressurreição. Desta forma, pode bem ter acontecido que eles acusaram que a reivindicação de Paulo quanto ao seu apostolado se baseava apenas em autoridade humana.

Paulo afirma, contudo, que o seu comissionamento apostólico **não** era **da parte dos homens**; tinha uma origem ou fonte mais elevada do que esta. Da mesma forma, não era **por intermédio de homem algum**; tinha um mediador maior do que esses. Pelo contrário, ele era apóstolo **por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos.** O que constitui um apóstolo é a vocação de Deus, e Paulo reivindica esta característica em sentido nem um pouco menor do que o que prevalecia em relação aos doze.

Em outros textos, ele se conta entre as testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo (I Cor. 15:8), mas aqui não o faz. De fato, esta é a única referência à ressurreição em todo o livro.

Os irmãos que estão comigo continuam incógnitos na Epístola aos Gálatas. Em outras epístolas, ele relaciona os seus companheiros no versículo primeiro: Silvano e Timóteo, em I e II Tessalonicenses; Sóstenes, em I Coríntios; e Timóteo, em II Coríntios, Filipenses, Colossenses e Filemon. Da mesma forma, não conseguimos obter ajuda dos últimos versículos destas cartas, onde, freqüentemente, Paulo faz referências aos seus companheiros ou transmite as saudações deles (v.g. I Cor. 16:10-20). Aqui, eles permanecem não identificados. Se fosse de outra forma, esses nomes propiciariam evidências para se determinar mais exatamente o contexto histórico desta carta. Da maneira como está, nem sabemos quem são eles nem a localização exata das **igrejas da Galácia**. (Veja a discussão das hipóteses da Galácia do Norte ou do Sul na Introdução.)

A saudação inclui uma oração em favor dos leitores, na forma de uma bênção. A palavra traduzida como **graça** é **charis**; enquanto a palavra usual para a saudação, em grego, era **chairein**. Esta característica é impressionante no texto original, mas perde-se na tradução em português. Ela denota o favor imerecido de Deus para com homens pecadores, que é a base para a correção da relação deles com ele. Nenhuma palavra fica mais perto do âmago do evangelho cristão do que **graça**. Ela o distingue como evangelho, e não como lei ou código. Ela é dom divino, e não realização humana. E que dom! Ela se manifesta em **paz** nas vidas dos que experimentam a sua realidade.

Paz é tradução da saudação judaica costumeira "Shalom", e era usada tanto nas saudações particulares como no começo de uma carta (v.g. Esd. 4:17). Lutero (p. 15) escreveu: "Estes dois termos, graça e paz, constituem o cristianismo."

A graça de Deus é-nos expressa através de **nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nossos pecados**. Uma característica impressionante da Epístola aos Gálatas é a sua ênfase da morte vicária de Jesus Cristo. Ela aconteceu em nosso lugar e por causa dos nossos pecados. Esta era a mensagem que Paulo lhes havia pregado a princípio (3:1; cf. I Cor. 2:1,2). Agora ele a reitera em várias passagens de sua carta (2:20,21; 3:13; 5:11; 6:12,14).

Essa ênfase é compreensível em uma carta motivada pela ameaça de legalismo religioso. Que Jesus Cristo se deu por nossos pecados é uma afirmação cujo pleno significado os judaizantes jamais haviam entendido. O legalismo nunca o entende! Ele continua colocando sempre, acima da cruz em que Cristo morreu, uma inscrição que diz: "necessário mas não suficiente!" Desta forma, ele acrescenta rituais à fé, insistindo que a fé sozinha não adianta.

Mas o evangelho que Paulo pregava declarava a suficiência de Jesus Cristo para salvar: ele se deu por nossos pecados, **para nos livrar**. Isto indica o propósito do seu sacrifício voluntário. O verbo traduzido como **livrar** ocorre apenas aqui, nas cartas de Paulo. (Em outras passagens, na voz média, encontra-se em Atos 7:10,34; 12:11; 23:27; 26:17.) Ele descreve o que a morte de Cristo realizou como libertação ou livramento. Lightfoot (p. 73) encontram nele, a nota-chave da Epístola aos Gálatas: "O evangelho é um livramento, uma emancipação do estado de escravidão."

Aquilo de que a morte de Jesus Cristo nos livra é **o presente século mau**. Para se apreciar esta referência, é preciso lembrar o esquema das duas eras no judaísmo posterior: o século presente e o século por vir. O primeiro é caracterizado pelo pecado e a morte. Está sob o domínio do Diabo e suas forças malignas, que prendem os homens no cativeiro (cf. Ef. 6:12). O último é caracterizado por justiça e vida. Nele, Deus, o seu povo e os caminhos de Deus serão vindicados para sempre, e todo o mal será vencido.

No entanto, ninguém precisa languescer na esperança de uma libertação reservada para o futuro. Jesus Cristo já invadiu este século. Em sua morte na cruz, ele empenhou-se em uma guerra decisiva contra os poderes malignos, e, na sua ressurreição, ele triunfou sobre eles (cf. Col. 2:15; I Cor. 2:6-8). Desta forma, ele é capaz, aqui e agora, de **nos livrar do presente século mau**.

Visto que este grande livramento está arraigado na **vontade de nosso Deus e Pai**, era apropriado que estes primeiros versículos culminassem em uma doxologia.

Ao rever a saudação, deve-se notar as seguintes características: (1) Não há expressão de agradecimento a Deus em favor de seus leitores. Isto não acontece em nenhuma outra carta de Paulo. Revela a agitação e dor que ele sentia devido à defecção gálata. (2) O conteúdo da

carta é previsto aqui. A apologética pessoal merecerá espaço mais amplo nos capítulos 1 e 2; o evangelho da graça receberá vigorosa defesa nos capítulos 3 e 4; e a conduta cristã comparada com a libertação do presente século mau será retomada nos capítulos 5 e 6.

I. Defesa Pessoal (1:6-2:21)

1) Admiração com a Defecção (1:6-10)

6 Estou admirado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho, 7 o qual não é outro; senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. 8 Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema. 9 Como antes temos dito, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema. 10 Pois busco eu agora o favor dos homens, ou o favor de Deus? ou procuro agradar aos homens? se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo.

Esta passagem revela muita coisa a respeito da crise que estava ocorrendo na Galácia. Ela fora ocasionada pelo aparecimento de falsos mestres, que estavam pregando um **outro (heteron) evangelho**. Paulo especifica que a mensagem deles não podia ser considerada simplesmente como **outro (allo) evangelho**, pois era completamente diferente. Na verdade, era uma perversão do **Evangelho de Cristo**. Os que o pregam são descritos como perturbadores, pois causam muita agitação e confusão. A forma singular deste mesmo particípio ("aquele que vos perturba") ocorre em 5:10, onde Lightfoot (p. 205) pensa que se refere ao "líder desta sedição".

A KJV (King James Version) é ambígua nesta passagem: "para outro evangelho, que não é outro." Isto parece conversa dúbia. Deriva-se do fato de que os tradutores usaram apenas uma palavra inglesa para traduzir duas palavras gregas diferentes (**heteron** e **allo**). Embora essas palavras muitas vezes fossem usadas como sinônimas, no presente contexto elas são colocadas em contraposição uma à outra de tal forma que é exigido um sentido diferente para ambas. Desta forma, o "evangelho" dos judaizantes não era apenas outra versão do mesmo evangelho que Paulo pregava. Era um evangelho completamente estranho. Graça e lei eram mutuamente exclusivas.

Da parte deles, os gálatas mostraram uma facilidade surpreendente em abandonar a vocação de Deus na graça de Cristo. [9] Paulo manifesta admiração pelo ato de que a defecção deles estava tendo lugar **tão depressa**. A referência anterior aqui não é certa. Diferentes interpretações têm sido propostas: (1) tão depressa, depois da conversão deles; (2) tão depressa, depois da chegada dos falsos mestres; (3) tão depressa, depois da recente visita de Paulo a eles. A primeira destas interpretações parece ser a melhor para enquadrar-se no contexto; no entanto, as outras não podem ser esquecidas. É possível até que se construa a frase em sentido atemporal, enfatizando o modo, isto é, temerariamente, mas isto parece menos provável.

A defecção dos gálatas era ainda mais notável, porque, aparentemente, Paulo os havia advertido anteriormente a respeito da ameaça dos que pregavam um evangelho **além do que já vos pregamos**.

Esta passagem alcança um clímax com a temível maldição pronunciada contra os que pervertiam o evangelho: **seja anátema**. A palavra grega aqui é **anathema**. Ela foi usada na Septuaginta para traduzir a palavra hebraica **cherem**, que significa "coisa devotada". Descrevia aquilo que era tão abominável aos olhos de Deus que ele era glorificado na total destruição dessas coisas. Em Deuteronômio 7:24-26 a palavra é aplicada às imagens de escultura dos deuses pagãos de Canaã. Em Josué 6:17-19 ela foi apli-

9 Algumas testemunhas omitem "Cristo"; assim fica sendo: "aquele que vos chamou em graça."

cada a Jericó e a tudo o que havia naquela cidade. O desastre que sobreveio a Israel em Ai aconteceu porque Acã havia tomado despojos de Jericó e escondido em sua tenda (Jos. 7:1,19-26). Desta forma, os antecedentes desse termo são terríveis. Duvidamos que qualquer tradução em português capte as tremendas dimensões deste conceito. Imagine-se algo que seja tão iníquo aos olhos de Deus, que a sua destruição redunda no seu louvor! Esta foi a terrível maldição que Paulo invocou sobre os que pervertiam o evangelho (cf. Rom. 9:3; I Cor. 12:3; 16:22).

A palavra aparece duas vezes nesta passagem: uma vez no verso 8 e outra vez no verso 9. Pode parecer novamente que Paulo está sendo fatigante devido à repetição, mas dificilmente isto é verdade. Na verdade, ele usa uma estrutura de sentença condicional, com uma cláusula idêntica de conclusão (apódose) em cada caso. No entanto, há uma modificação no modo do verbo na cláusula "se" (prótase) de cada versículo, o que modifica o sentido de maneira significativa. No verso 8, Paulo usa o modo subjuntivo, descrevendo que aquilo que se pensa possível é altamente improvável. A versão da IBB capta este sentido de maneira satisfatória, traduzindo: **ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além...**

Claro que não havia probabilidade de que Paulo aparecesse na Galácia e dissesse: "Vocês se lembram de que, quando preguei-lhes o evangelho pela primeira vez, disse-lhes que somente a fé em Jesus Cristo é necessária para a salvação. Desde então, porém, eu recebi uma compreensão mais perfeita do evangelho, devido a uma longa peregrinação com os judaizantes em Jerusalém. Agora eu também reconheço que vocês, gentios, precisam submeter-se à circuncisão, bem como crer em Jesus Cristo, se quiserem ser salvos"!

Ou, também não havia probabilidade de que o anjo Gabriel aparecesse na Gálácia, admoestando: "Não dêem ouvidos a Paulo, esse renegado. Pelo contrário, ouçam os verdadeiros emissários, vindos de Jerusalém. A fé em Jesus Cristo por si mesma não vale nada; mas essa fé unida à circuncisão é que vale"!

Embora essas conjecturas sejam improváveis, que dizer se elas ocorressem? A resposta devastadora de Paulo seria: **Seja anátema!**

Observe-se que Paulo faz com que o seu apostolado seja dependente de sua fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo. É concebível que ele podia mudar, mas o evangelho não! Nenhuma mudança no seu pensamento podia alterar o que Deus já realizara para a salvação do homem através de Jesus Cristo.

Há pessoas que têm a tendência de reordenar este versículo, expressando-o assim: "Se o evangelho de Cristo que foi pregado por Paulo é contrário ao que eu tenho crido, que **seja** anátema"? Se assim acontece, é um conceito ponderoso, mas perigoso. O Evangelho de Cristo não depende de homem algum. Pelo contrário, todos os homens dependem da graça libertadora de Deus, através da fé no Cristo crucificado e ressurrecto, como Senhor.

Há anos, um pai sábio disse-me: Os ídolos que os homens esculpem com suas mentes são tão ídolos como os que eles esculpem com suas mãos."

No verso 9, Paulo usa o modo indicativo, descrevendo o que realmente estava acontecendo na Galácia. Desta forma, a IBB traduz: **Se alguém vos pregar outro evangelho além do que já recebestes...** E, enquanto ele estava ditando estas palavras urgentes, os falsos mestres estavam pervertendo o evangelho. A acusação continua a mesma: **seja anátema!**

É isto intolerância? Depende. Se o evangelho da graça pregado por Paulo e o evangelho da lei pregado pelos judaizantes não passavam de versões alternativas do mesmo evangelho, ele era intolerante em insistir em um deles, excluindo o outro. Além do mais, se há muitas

maneiras pela quais uma humanidade pecadora pode acertar os ponteiros com Deus, é de fato intolerância insistir em qualquer uma delas. Mas Paulo cria que a maneira pela qual Deus liberta os homens de sua escravidão sob o pecado era e é através de Jesus Cristo somente, que é o único caminho. Muitas pessoas tem problemas com Paulo a respeito desta passagem, não porque não entendem o que ele diz, mas simplesmente porque não crêem no que ele crê. Nem todos os evangelhos **heteron** morreram no primeiro século!

Evidentemente, os oponentes de Paulo, na Galácia, o acusavam de tentar agradar aos homens. Aqui, ele se refere novamente ao terrível pronunciamento dos versículos anteriores, para repudiar todas as acusações de contemporizações. Certamente, uma pessoa que procura conseguir o favor dos homens não devia falar dessa maneira! Contemporizações não fazem parte do equipamento de um **servo de Cristo.**

2. **Afirmação do Apostolado** (1:11-2:21)

A apologética pessoal com que Paulo dá início à sua carta (1:1) aqui é retomada e grandemente expandida. Não se pode considerar isto como defesa irritadiça de prerrogativas egoístas ou interesseiras. Pelo contrário, o seu apostolado estava tão identificado com a sua mensagem que invalidar o primeiro seria ameaçar a segunda. Era o próprio evangelho que estava em jogo na controvérsia gálata.

Embora seja evidente, de 1:1, que os judaizantes diziam que o apostolado de Paulo se baseava na autoridade humana, e não divina, nenhuma explicação ulterior é apresentada. Quem eram os homens de quem Paulo supostamente dependia a este respeito? Haviam eles ouvido falar de sua experiência em Damasco, em que Ananias havia imposto as mãos sobre ele (At. 9:10-19)? Ou será que eles estavam se referindo aos homens da igreja em Antioquia que haviam imposto as mãos sobre ele e Barnabé antes de começarem a sua primeira viagem missionária (At. 13:1-3)? Estas duas respostas têm sido propostas, mas nenhuma delas é provável.

Se uma pessoa quiser tirar conclusões desta passagem extensa, precisa considerar os apóstolos de Jerusalém como as pessoas de quem Paulo dependia supostamente, para merecer as suas credenciais apostólicas. Era com eles que ele estava sendo comparado tão desfavoravelmente. Desta forma, do começo ao fim, ele declara a sua independência em relação aos apóstolos de Jerusalém. Antes de sua conversão e vocação, ele se lhes opusera, e, imediatamente depois disso, não os procurara (1:11-17). De fato, só três anos depois ele fez a sua primeira visita a Jerusalém, ocasião em que se encontrou apenas com Cefas e Tiago, o irmão do Senhor (1:18-24). Quatorze anos mais se passaram, antes de ele visitar Jerusalém pela segunda vez, e nesta oportunidade os líderes dessa igreja reconhecem, plenamente o seu apostolado para com os gentios (2:1-10). O apogeu da passagem é alcançado no relato que Paulo faz acerca do incidente de Antioquia. Ali, ele fora forçado a repreender Cefas publicamente, devido à crise que ele provocara, ao se afastar da comunhão à mesa com os convertidos gentios (2:11-21).

Assim sendo, 1:11-2:21 é uma "autobiografia selecionada". Ela não tem a pretensão de ser completa. De fato, a pessoa precisa apenas compará-la com outras passagens autobiográficas, para ver o quanto é incompleta (v.g., II Cor. 11:22-33; Fil. 3:4-11). Pelo contrário, Paulo escolheu características marcantes, de sua experiência religiosa, que refutavam os judaizantes, que difamavam o seu apostolado, dizendo que ele dependia dos apóstolos de Jerusalém ou lhes era inferior.

Note-se a progressão nesta narrativa: da independência (1:11-24) ao reconhecimento (2:1-10) e até a repreensão (2:11-21) aos apóstolos de Jerusalém.

1) Conversão e Vocação (1:11-17)

11 Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens; 12 porque não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado; mas o recebi por revelação de Jesus Cristo. 13 Pois já ouvistes qual foi outrora o meu procedimento no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava, 14 e na minha nação excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais. 15 Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, 16 revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei carne e sangue, 17 nem subi a Jerusalém para estar com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia, e voltei outra vez a Damasco.

Paulo dá início à sua defesa afirmando que o evangelho que ele pregava **não é segundo os homens** (a versão inglesa NEB diz: "não é invenção humana"). Como ele já sustentara a origem e mediação divinas do seu apostolado, agora afirma a natureza divina do evangelho que pregava. Não era idéia humana; era o dom gracioso de Deus.

Como suporte de sua reivindicação, Paulo declara que **não o recebi de homem algum, nem me foi ensinado** por homem. Não foram os apóstolos de Jerusalém que prenderam Paulo, o zelote, mediante largas passadas na pregação do evangelho que realizavam. Ao contrário, fora uma **revelação de Jesus Cristo** a ele. Se o genitivo aqui é subjetivo, Jesus Cristo é subentendido como o revelador. No entanto, uma referência semelhante, em 1:16, argumenta a favor do sentido objetivo; se assim for Jesus Cristo é a pessoa revelada.

Dificilmente este versículo significa que o conhecimento de Paulo acerca do evangelho não devia nada aos que haviam sido testemunhas oculares e seguidores de Jesus Cristo antes dele (cf. I Cor. 15:3-5). Stamm (p. 454) explica: "Ele estava preocupado não em negar que recebera os fatos a respeito da vida, morte e ressurreição de Jesus da boca de outras pessoas, mas em defender a sua interpretação desses fatos." Porém, talvez mais do que uma insistência a respeito do direito de interpretação é incluído aqui. Em um ambiente em que o seu evangelho estava sendo depreciado como engenho humano, ele assevera: "Não é assim! O Evangelho que eu prego me foi dado por Deus. Ele revelou Jesus Cristo a mim."

A mudança radical que esta confrontação produziu na vida de Paulo é enfatizada pela lembrança do seu **procedimento no judaísmo** nos tempos de **outrora**. Isto era fato conhecido dos gálatas. Provavelmente, dos próprios lábios dele eles haviam ouvido a descrição de como ele **sobremaneira** (ou seja, "sem medida") **perseguia a igreja de Deus e a assolava** (cf. Fil. 3:6; I Tim. 1:13; At. 8:1-3; 9:1-9; 22:2-21; 26:4-23). Por causa de um zelo excessivo pelas tradições ancestrais, ele excedia a muitos contemporâneos seus da mesma idade, nos esforços para fazer o judaísmo avançar.

E então aconteceu! Enquanto se empenhava na perseguição dos seguidores de Jesus Cristo, **aprouve a Deus... revelar seu Filho em mim**. Que definição de conversão: a revelação, dada por Deus, de Jesus Cristo, seu Filho, em nós! Nada menos do que isto é suficiente; nada mais é possível.

Toda a experiência é compartilhada com marcado constrangimento, pois Paulo não apresenta muitos dos detalhes que o nosso interesse histórico requer. No entanto, todos os elementos do encontro divino estão presentes: (1) A revelação de Deus é de Jesus Cristo, seu Filho. Tudo o que acontecera antes fora preparação para a sua vinda (4:4). E não esperamos outro. (2) A vocação de Deus é um ato gracioso, arraigado na iniciativa do seu beneplácito. Paulo se considerava como designado para a obra de Deus desde o seu nascimento, concepção encontrada na tradição profética do Velho Testamento (Is. 49:1,5; Jer. 1:5). (3) O propósito redentor de Deus abrange todos

os povos: gentios tanto quanto judeus (3:14,28; cf. Rom. 3:29,30; Col. 3:11). Deus comissionara Paulo para pregar Cristo **entre os gentios** (cf. 2:7-10).

Em seguida à sua conversão e vocação, Paulo não procurou conselho de homem nenhum. Também não **subi a Jerusalém para estar com os que já antes de mim eram apóstolos**. No entanto, isto era exatamente o que se esperava que ele fizesse se de qualquer forma o seu apostolado dependesse do deles. Pelo contrário, ele **partiu para a Arábia**, vasta região desértica a leste de Damasco, que se estendia para o sul, em direção à península do Sinai. Ele não nos conta até que ponto foi e quanto tempo passou lá, nem o que fez antes de voltar **a Damasco**.

De fato, só nos restam conjecturas a respeito das razões para a viagem à Arábia. Seria para escapar à perseguição dos judeus de Damasco, que haviam ficado enraivecidos com a sua apostasia? Seria para dar início à sua missão de pregar aos gentios? Se assim foi, a sua estratégia, nessa ocasião, foi notavelmente diferente da que usou posteriormente, quando fez de cidades bem populosas, como Corinto e Éfeso, a sua base missionária. A passagem propriamente dita pode dar um indício. O fato de ter dito tão enfaticamente, no verso 16, que **não consultei carne e sangue** dá a entender que ele buscou uma comunhão mais profunda com Deus. Assim sendo, como Moisés, Elias e até o próprio Jesus, Paulo passou algum tempo em solidão com Deus, nessa hora crucial de sua vida. O Evangelho de Cristo exigia uma reversão radical em sua vida (cf.Fil.3:4-11), como, de fato, acontece na vida de todos os que o levam a sério.

2) Primeira Visita a Jerusalém (1:18-24)

18 Depois, passados três anos, subi a Jerusalém para visitar a Cefas, e demorei com ele quinze dias. 19 Mas não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor. 20 Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto. 21 Depois fui para as regiões da Síria e da Cilícia. 22 Não era conhecido de vista das igrejas de Cristo na Judéia; 23 mas somente tinham ouvido dizer: Aquele que outrora nos perseguia agora prega a fé que antes procurava destruir; 24 e glorificavam a Deus a respeito de mim.

Na verdade, só **três anos** mais tarde Paulo fez a sua primeira visita a **Jerusalém**. A referência anterior aqui não é certa. Pode ser três anos depois de sua volta a Damasco (1:17), porém parece mais provável que tenha sido três anos depois de sua conversão e vocação (1:15, 16). Em qualquer caso, este seria dificilmente o método de ação que se esperava de um homem cujo apostolado dependia dos apóstolos de Jerusalém.

Paulo indica que o objetivo de sua viagem foi **visitar Cefas** (nome aramaico de Pedro). Esta é a única ocorrência do verbo **historeo** em o Novo Testamento. Em literatura mais antiga, ele freqüentemente descrevia visitas a lugares de interesse ou a pessoas, com o objetivo de conseguir informações a seu respeito. Desta forma, a tradução aqui é melhorada em relação à tradução antiga da IBB "ver", embora possa ser inferior à tradução inglesa NEB: "chegar a conhecer".

Quanto sabia Paulo a respeito do Jesus histórico? Algumas pessoas têm interpretado II Coríntios 5:16 com o significado de que Paulo dava pouco valor aos detalhes do ministério de Jesus antes de sua paixão e ressurreição. No entanto, ele sabia, a respeito dele e do seu ministério, o suficiente para desencadear uma perseguição impiedosa contra os seus seguidores. Além disso, as suas cartas refletem uma compreensão adequada do ministério de Jesus. Pode-se imaginar que Paulo tenha passado **quinze dias** com Pedro sem ouvir muitas reminiscências pessoais de experiências com Jesus, especialmente estando no próprio lugar em que tantas dessas coisas haviam acontecido?

Paulo enfatiza o ponto de que, durante aquele breve período, ele **não viu a ne-**

nhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor. Mais do que provável, Tiago se tornara o cabeça da família de Jesus, depois da morte deste. (Em Mar. 6:3 e Mat. 13:55, ele é apresentado em primeiro lugar, entre os quatro irmãos e as irmãs anônimas de Jesus.) Depois de um aparecimento de Jesus a ele, após a ressurreição (I Cor. 15:7), ele foi elevado a um lugar de proeminência na igreja em Jerusalém. Em 2:9, ele é mencionado, com Cefas e João, como uma das "colunas" da Igreja (cf. At. 12:17; 15:13-21; 21:17-26). Observa-se, aqui, que o termo apóstolo não se limitava aos doze, na igreja primitiva.

Nesta conjuntura de sua narrativa, Paulo se coloca sob juramento solene: **Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico que não minto!** (cf. I Tess. 2:5; II Cor. 1:23; 11:31). É de se admirar por que esse juramento é introduzido neste ponto. Burton (p. 61) não encontra razões para linguagem tão forte, "a não ser que ele tivesse sido acusado de ter relatado falsamente os fatos a respeito de sua visita aos outros apóstolos".

Depois introduz um longo período, que se segue à sua primeira visita a Jerusalém, durante o qual Paulo esteve ausente da Judéia, não tendo se encontrado com nenhum dos outros apóstolos ali. Ao contrário, ele foi **para as regiões da Síria e da Cilícia.** Assim, ele não estava servindo em uma área provavelmente para uma pessoa que supostamente o tivesse colocado sob a direção dos doze. A sua missão independia da autoridade deles, desde o princípio.

A cidade nativa de Paulo, Tarso, ficava localizada na Cilícia, e Antioquia, a terceira cidade do Império Romano, ficava na Síria. Visto que ambas as regiões estavam ligadas como uma só província, na administração romana, é desnecessária dar muito valor à seqüência em que elas são mencionadas aqui.

Como acontecera anteriormente, em sua referência a uma viagem à Arábia, Paulo aqui também não apresenta detalhes de suas atividades durante o longo período entre a sua primeira e segunda visitas a Jerusalém. Como o tempo decorrido é de catorze anos (possivelmente onze), qualquer tentativa para a reconstrução do ministério de Paulo baseada em suas cartas, que são fontes primárias, enfrenta uma lacuna extraordinária. Mesmo uma leitura casual de passagens como II Coríntios 11:22-33 convencerá o leitor de quanta coisa ele não conhece a respeito do ministério de Paulo.

Durante esse tempo, Paulo **não era conhecido de vista** (lit., "face a face") **das igrejas de Cristo na Judéia.** O verbo, aqui, é imperfeito perifrástico, cujo sentido pode ser traduzido como acima (cf. NEB: "permaneci desconhecido"). Rendall (p. 157) constitui exceção para esta tradução, insistindo que deve ser: "Eu estava me tornando desconhecido." Isto é, a princípio Paulo era uma figura familiar em Jerusalém, mas, durante a sua extensa ausência, ele gradualmente se tornou um estranho para os cristãos da Judéia. Isto parece forçado.

No entanto, eles **tinham ouvido** ou continuaram ouvindo (também no imperfeito perifrástico) que Paulo, o ex-perseguidor, **agora prega a fé que antes procurava destruir.** Assim sendo, **glorificavam a Deus a respeito de mim** (lit., "em mim"; cf. Mat. 5:16).

Ridderbos (p. 74) estabelece contraste entre as atitudes dos cristãos da Judéia e da Galácia, para com Paulo. Os primeiros haviam sofrido tanto às suas mãos; no entanto, estavam dispostos a aceitar a integridade de sua vocação e pregação, louvando a Deus pela notável mudança ocorrida em sua vida. Estes últimos não o haviam conhecido como perseguidor, mas apenas como fervoroso evangelista; contudo, estavam tão inclinados a duvidar dele e de sua mensagem. Mais adiante, Paulo lhes perguntará, com profunda angústia: "Tornei-me acaso vosso

inimigo, porque vos disse a verdade?" (4:16).

3) Segunda Visita a Jerusalém (2:1-10)

1 Depois, passados catorze anos, subi outra vez a Jerusalém, com Barnabé, levando também comigo a Tito. 2 E subi devido a uma revelação, e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, mas em particular aos que eram de destaque, para que de algum modo não estivesse correndo ou não tivesse corrido em vão. 3 Mas nem mesmo Tito, que estava comigo, embora sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se; 4 e isto por causa dos falsos irmãos intrusos, os quais furtivamente entraram a espiar a nossa liberdade, que temos em Cristo Jesus, para nos escravizar; 5 aos quais nem ainda por uma hora cedemos em sujeição, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós. 6 Ora, daqueles que pareciam ser alguma coisa (quais outrora tenham sido, nada me importa; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que pareciam ser alguma coisa, nada me acrescentaram; 7 antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão 8 (porque aquele que operou a favor de Pedro para o apostolado da circuncisão, operou também a meu favor para com os gentios), 9 e quando conheceram a graça que me fora dada, Tiago, Cefas e João, que pareciam ser as colunas, deram a mim e a Barnabé as destras de comunhão, para que nós fôssemos aos gentios, e eles à circuncisão; 10 recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres; o que também procurei fazer com diligência.

Paulo contínua a defesa do seu apostolado, descrevendo a sua segunda visita **a Jerusalém**. Ele já demonstrou a sua independência em relação aos apóstolos dessa cidade, fazendo uma narrativa de sua conversão e vocação (1:11-17) e de sua primeira visita a essa cidade (1:18-24). No primeiro, texto, nenhum deles tomara parte; no último, ele tivera limitado contato com apenas dois deles. Todavia, no intervalo entre as duas experiências ele estivera pregando o evangelho, ao qual anteriormente se havia oposto tão inflexivelmente.

A passagem sob exame vai além da afirmação de independência. Descreve o pleno reconhecimento do seu apostolado aos gentios da parte dos líderes de Jerusalém. Esta ocasião teve lugar **catorze anos** depois de sua primeira visita. Este parece ser o sentido mais natural do advérbio **depois**, que introduz a seqüência aqui, bem como em 1:18 e 21. Podem-se encontrar alguns intérpretes que consideram que a primeira referência é à conversão de Paulo, e não à sua primeira viagem a Jerusalém (v.g., Calvino, p. 48). Se assim é, onze, e não catorze anos, separaram as duas visitas. De qualquer forma, esse foi um período longo, em que Paulo continuou a pregar entre os gentios.

Paulo esclarece que ele **subiu devido a uma revelação**. Não fora em resposta a um chamado dos líderes de Jerusalém. Da mesma forma como anteriormente ele havia recebido o evangelho "por revelação de Jesus Cristo" (1:12), agora ele é levado, pela revelação de Deus a fazer esta visita a essa cidade. (Para uma discussão dos problemas suscitados pelas narrativas das visitas de Paulo a Jerusalém e registradas em Atos, veja a Introdução.)

Barnabé e Tito eram os seus companheiros de viagem. Eles foram bem escolhidos. Paulo não era pessoalmente conhecido pelos cristãos da Judéia (1:22) e tivera pouco contato com apenas dois dos seus líderes (1:18,19). O caso era diferente com Barnabé. De acordo com Atos, ele gozava da estima da igreja em Jerusalém: (1) Era considerado como "homem de bem, e cheio do Espírito Santo e de fé" (At. 11:24); (2) fora enviado por eles a Antioquia, para investigar aquele trabalho novo e florescente (At. 11:22); etc. Como alguém que havia participado da evangelização dos gentios desde o começo e pessoa de confiança de todos, a sua presença era necessária naquela reunião importantíssima.

Tito acompanhou Paulo e Barnabé como se fosse um troféu da missão gentílica. Embora ele não seja mencionado no livro de Atos, era "companheiro e cooperador" de Paulo (II Cor. 8:23; cf. tam-

bém 2:13; 7:6,13-15; 8:16,17; 12:18; Tito 1:4). Como se verá em breve, o assunto da conferência se focalizou nele.

Uma vez em Jerusalém. Paulo **expôs**, diante dos líderes, **o evangelho que** ele estivera pregando **entre os gentios**. A razão para fazê-lo é indicada em uma cláusula um tanto incomum de propósito negativo, contendo tanto a forma subjuntiva como a indicativa do mesmo verbo: **para que de algum modo não estivesse correndo ou não tivesse corrido em vão** (cf. I Tess. 3:5). Embora **trechō** (correr) tenha a mesma forma para os modos indicativos e subjuntivo, é provável que o primeiro seja o modo usado aqui, denotando contingência. "Todavia, **hedramon** (correr) é um indicativo aoristo, referindo-se ao trabalho que Paulo já havia feito. A cláusula é de certo modo supreendente, em vista de 1:17, onde ele enfatiza que não procurara os apóstolos de Jerusalém depois de sua conversão. No entanto, era essencial que prevalecessem harmonia e entendimento mútuo entre eles. Este é o sentido em que esta cláusula deve ser entendida, e não que estava dentro das possibilidades dos líderes de Jerusalém invalidar o evangelho que ele recebera "por revelação de Jesus Cristo" (1:12).

O evangelho que Paulo pregava centralizava-se na vocação de Deus na graça de Cristo (1:6; cf. 3:1). Ele não requeria circuncisão. De fato, Tito estava ali como cristão gentio que não se havia submetido a esse rito. De acordo com os judaizantes da Galácia, não se podia ser salvo sem ele. Agora, o que diriam **os que eram de destaque**? [10] A resposta se encontra no verso 3: **Nem... Tito... embora sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se.** (Esta é a primeira referência à circuncisão, nesta carta.) Obviamente, o fato de que os líderes de Jerusalém não exigiram a circuncisão de Tito minou a insistência dos judaizantes para que os gálatas se submetessem a ela.

Contudo, não é como se não houvesse oposição a esta decisão. Havia pessoas, em Jerusalém, que procuraram compelir a circuncisão de Tito. Rendall (p. 158) declara que a luta a respeito da circuncisão de Tito teve lugar em Antioquia, e não em Jerusalém. Paulo os distingue dos líderes, chamando-os de **falsos irmãos**. Em segredo, eles **furtivamente entraram a espiar... para nos escravizar**. Era a contrapartida deles que era responsável pelo tumulto da Galácia. A antítese entre a liberdade cristã e a escravidão judaica será abordada em maior profundidade em passagens subseqüentes (4:8-11; 4:21-5:1). É um tema proeminente na Epístola aos Gálatas.

Neste ponto, é necessário tomar nota de uma variante textual que tem levado alguns eruditos a concluírem que Tito se submeteu à circuncisão. Algumas testemunhas omitem **hois oude** ("a quem nem mesmo") no começo do verso 5, apresentando o sentido de que Tito foi circuncidado como concessão às exigências dos extremistas. Esta é a opinião de Duncan (p. 41-48). De acordo com este ponto de vista, Tito, como cristão gentio solitário, no centro da cristandade judaica, submeteu-se à circuncisão como **modus vivendi**. Não se pretendia que isso se tornasse regra geral, para todos os convertidos gentios, mas, pelo contrário, fora uma concessão prática em uma situação especial. Mais tarde, os judaizantes distorceram o que havia acontecido, em seu relatório aos gálatas. Disseram que Paulo havia sido convocado a Jerusalém, onde ele fora compelido a se curvar ao domínio dos apóstolos dessa cidade. E isto provava que ele era um apóstolo inferior. Também propiciava a

10 Quatro vezes, nesta passagem, Paulo usa esta expressão. Será que ele a usa em sentido depreciador? Para a opinião de que ele o faz, veja C. K. Barrett: "Paul and the 'Pillar' Apostles", Studia Paulina (Haarlem; De Erven F. Bohn N.V., 1953), p. 1-4. Para a opinião de que esta palavra é um "slogan" usado pelos opositores de Paulo, que ele repete sem pretender fazer ironia, veja Gerhard Kittel, "dokeō", Theological Dictionary of the New Testament", ed. Gerhard Kittel; trad. para o inglês por Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), II, 233.

base para a exigência de que todos os gentios fossem circuncidados.

Todavia, o apoio mais forte, proveniente de manuscritos, favorece a versão expressa na tradução da IBB: **aos quais nem ainda por uma hora cedemos em sujeição**. O que estava em jogo não era um expediente provisório ou particular, mas **a verdade do evangelho**. Não é necessário atribuir a incoerência desta passagem a um embaraço a respeito do que supostamente aconteceu a Tito em Jerusalém. Uma explicação mais natural — que não causa controvérsia ao fluxo de pensamento de toda a passagem — a atribui a uma extrema agitação em relação ao que, na verdade, estava acontecendo entre as igrejas da Galácia, ao tempo em, que Paulo escreveu esta carta.

Paulo agora volta a sua atenção para **aqueles que pareciam ser alguma coisa**, isto é, os líderes. No fim do verso 4, e também aqui, há soluções de continuidade na gramática da passagem. (Estas são indicadas por parênteses na versão da IBB. O termo técnico para tais suspensões gramaticais é anacoluto.) Paulo faz uma pausa para observar que as distinções humanas não valem nada diante de Deus, que **não aceita a aparência do homem**. Depois, voltando ao pensamento com que iniciara o verso 6, embora alterando a sua gramática, revela que os líderes de Jerusalém **nada me acrescentaram**. Isto significa que eles não tinham nada a acrescentar em termos de correções ou aumentos. Eles haviam ouvido o evangelho que ele estava pregando entre os gentios; haviam-se encontrado com Tito, que era um convertido da missão gentílica; e estavam convictos de que Deus estava nela. Eles haviam reconhecido que o mesmo Deus **que operou a favor de Pedro para o apostolado da circuncisão, operou também a favor de Paulo para com os gentios**.

De forma alguma esta expressão dá a entender que havia dois evangelhos: um para os judeus e outro para os gentios. Havia apenas um evangelho (cf. Rom. 3:29,30). Da mesma forma, esta divisão de trabalho não deve ser considerada tão estritamente ao ponto de admitir que Paulo nunca pregasse aos judeus nem Pedro aos gentios. De fato, muitas vezes Paulo começava o seu trabalho nas cidades de países estrangeiros, pregando tanto a judeus como a gentios, nas sinagogas. Uma passagem como Romanos 9:1-5, escrita comparativamente tarde no ministério de Paulo, revela como o seu interesse em favor dos seus "parentes segundo a carne" continuava intenso. Semelhantemente, de acordo com Atos 10, Pedro evangelizou o gentio Cornélio e a sua casa. Esse foi um arranjo ou divisão de trabalho, em vez de um pacto estritamente racial ou territorial.

A reunião de Jerusalém chegou a um clímax quando **Tiago, Cefas e João... deram a mim (Paulo) e a Barnabé as destras de comunhão**. (Algumas testemunhas substituem **Kēphās** por **Petros**, e colocam esta palavra antes de Tiago, mas essas são versões inferiores.) Esta atitude foi atribuída ao reconhecimento, da parte deles, da **graça que me fora dada**. Isto significava igualdade e companheirismo. Esses homens se comprometiam a cooperar e a se sustentar mutuamente na tarefa de testificar a respeito do evangelho. Só o objetivo principal dos seus labores seria diferente: **para que nós fôssemos aos gentios, eles à circuncisão**. Era um símbolo apropriado para com ele se terminar uma reunião em que **a verdade do evangelho** fora gravemente ameaçada.

O único pedido feito a Paulo e seus cooperadores era que eles **se lembrassem dos pobres**. Paulo não necessitava de persuasão a esse respeito, pois era algo que **procurou fazer com diligência**. De fato, ele deveria visitar pessoalmente uma por uma as igrejas gentias, em um esforço para levantar uma oferta para ajudar os pobres de Jerusalém (cf. I Cor. 16:1-4; II Cor. 8 e 9; Rom. 15:25-29). Mais tarde, com o risco de sua própria

vida, ele devia acompanhar os delegados, com as ofertas, para a Judéia (Rom. 15:31).

Falta observar brevemente a referência feita no verso 9, a Tiago, Cefas e João como **colunas**. Geralmente, esta palavra é considerada como designação das pessoas sobre quem está a responsabilidade, os que sustentam o trabalho. Contudo, Barrett argumenta que esta metáfora é escatológica, e não eclesiástica. Ele diz que "os cristãos de Jerusalém falavam dos seus principais apóstolos como 'colunas' porque criam que eles ocupavam (ou iriam ocupar), no templo da nova era, posições de fundamental importância e dignidade."[11]

4) Crise em Antioquia (2:11-21)

11 Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque era repreensível. 12 Pois antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas quando eles chegaram, se foi retirando, e se apartava deles, temendo os que eram da circuncisão. 18 E os outros judeus também dissimularam com ele, de modo que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação. 14 Mas, quando vi que não andavam retamente, conforme à verdade do evangelho, disse a Cefas perante todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios, e não como os judeus, como é que obrigas os gentios a viverem como judeus? 15 Nós, judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios, 16 sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, mas, sim, pela fé em Cristo Jesus, temos também crido em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo, e não por obras da lei; pois por obras da lei nenhuma carne será justificada. 17 Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, é porventura Cristo ministro do pecado? De modo nenhum. 18 Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor. 19 Pois eu pela lei morri para a lei, a fim de viver para Deus. 20 Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim. 21 Não faço nula a graça de Deus; porque, se a justiça vem mediante a lei, logo Cristo morreu em vão.

11 Barrett, op. cit., p. 12.

Esta é uma seqüência desalentadora da conferência de Jerusalém, onde os esforços dos extremistas para compelir à circuncisão de Tito foram rechaçados, e a missão gentia, reconhecida (2:1-10). Ali, Paulo recebera a destra de comunhão de Pedro (2:9); aqui, ele assume uma posição contrária a ele, publicamente (2:11). Porém, talvez isso fosse inevitável. A decisão tomada em Jerusalém foi uma concessão, e não um rompimento claro com a religião e a lei. Concordava que os convertidos gentios não precisavam submeter-se à circuncisão; mas presumia que os convertidos judeus o faziam. Havia uma contradição inerente nesse acordo desajeitado, fato que com certeza daria origem a uma crise subseqüente. Tudo o que era necessário para desencadeá-la era uma situação em que uma comunidade de crentes gentios e judeus fosse defrontada por outra exigência da mesma lei mosaica. Isso aconteceu em Antioquia. Os cristãos daquela cidade já eram conhecidos como inovadores e missionários.

Quando Pedro chegou a essa cidade, encontrou convertidos judeus e gentios compartilhando de refeições. Isto era contrário ao costume judaico. Embora o Pentateuco não proibisse que se comesse com os gentios, ele apresentava um código de restrições dietéticas (Lev. 11), cuja observância era ameaçada devido às relações sociais com eles. Além do mais, a história judaica havia experimentado momentos de crise que pareciam fazer de uma política de separatismo um fator essencial para a sobrevivência de Israel como nação, como, por exemplo, o exílio na Babilônia, as voltas a um torrão natal corrompido e desmoralizado religiosamente e a helenização forçada do período dos Macabeus. Desta forma, os judeus piedosos se recusavam a comer com os gentios. [12]

12 Veja as fontes do judaísmo posterior e da cristandade primitiva que revelam a atitude judaica em relação a comer em mesas gentílicas: Dan. 1:8; Tobias 1:10-12; Judite 12:2; Jubileus 22:16; At. 10:9-11:3; cf. Mar. 2:15-17.

No entanto, este longo condicionamento histórico de exclusivismo fora ultrapassado pela vibrante comunidade cristã de Antioquia. Antes da chegada de Pedro, os crentes judeus e gentios se colocavam juntos, tanto no nível devocional como no social, em sua vida comum em Jesus Cristo. Evidentemente, a retidão e correção de sua vida foi uma recomendação para Pedro, pois ele juntou-se a eles às mesas.

Mas isto aconteceu **antes de chegarem alguns da parte de Tiago.**[13] A sua vinda precipitou uma reviravolta notável em sua maneira de agir. Ele começou a se afastar e mais tarde **se apartava deles** durante as refeições em comum. (Estes dois verbos estão no imperfeito, dando a conotação de uma retirada ou afastamento gradual, sob pressão.) **Temendo os que eram da circuncisão** é a razão a que Paulo atribui a conduta de Pedro. Paulo **resistiu-lhe na cara, porque era repreensível** (este é um esforço para traduzir o sentido do mais que perfeito perifrástico na cláusula causal). Na verdade, os seus atos o haviam condenado antes mesmo que Paulo falasse.

O leitor pode ficar admirado com o papel desempenhado por Tiago, nesse incidente. Teriam esses homens vindo como emissários dele, trazendo suas instruções? Ou assumiriam eles, devido à sua associação com ele, que tinham direito de ir além do que ele aprovaria? Alguns intérpretes, que estão ansiosos para absolver ou reduzir a sua cumplicidade, apontam para Atos 15:24 como exemplo de abuso semelhante. No entanto, Pedro não era estranho em Jerusalém. Ele tinha base adequada para avaliar a autenticidade da representação desses homens. Sobretudo, o que ele estava fazendo claramente ia além do acordo celebrado na conferência de Jerusalém, que de forma alguma liberava os cristãos judeus dos requisitos da lei.

Quando chegaram a Jerusalém notícias das atitudes de Pedro, pode ser que Tiago tenha ficado apreensivo a respeito das implicações das mesmas. As atitudes de Pedro eram um afastamento desigual da tradição. Tiago pode ter sentido que Pedro estava colocando um obstáculo desnecessário no caminho pelo qual poderia alcançar os seus próprios compatriotas com o evangelho. Pode ter havido até a preocupação para que não se levasse as autoridades judaicas a adotar algumas medidas de represália contra a Igreja. De qualquer forma, é compreensível que Tiago tivesse delegado autoridade a algumas pessoas, para investigarem o assunto.

Sem dúvida, uma das desvantagens da liderança é que é, praticamente, impossível agir em segredo. Pode ser que uma pessoa de menor renome tivesse feito o que Pedro fez, e dificilmente fora notada; mas Pedro não. Sentia-se a sua presença; notava-se a sua ausência; seguia-se o seu exemplo: **e os outros judeus também dissimularam com ele.** (Na verdade, o texto grego é mais forte do que isto: literalmente, "eles fizeram papel de hipócritas juntamente com ele".) Grandemente mortificado, Paulo relata que **até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação** (lit., "hipocrisia"). Visto que ele fora um reconhecido colaborador na missão aos gentios, a sua falha pode ter causado um golpe mais contundente do que a de Pedro. Aparentemente, ele nunca mais viajou com Paulo, embora este o mencione, com respeito, em I Coríntios 9:6 e Colossenses 4:10.

O versículo 14 disserta a respeito da repreensão infligida a Pedro. Ela não foi exercitada a respeito de uma ninharia. Como acontecera anteriormente em Jerusalém (2:5), a verdade do evangelho estava em jogo: **não andavam retamente conforme a verdade do evangelho.** Confrontações como essa não podem ser

13 Algumas testemunhas apresentam o singular, ao invés das formas plurais, do pronome indefinido e do verbo; assim, "antes de chegar um (homem"). Orígenes entendia isto como referência a Tiago; *outros*, a Pedro.

justificadas, se o seu motivo são escrúpulos de somenos importância, mas naquilo em que o próprio evangelho é repudiado, devido aos atos de um líder, ninguém deve ser poupado. Paulo repreendeu a Pedro **perante todos**. A correção foi procurada no mesmo lugar em que o dano havia sido infligido — ambos foram feitos publicamente. Muita covardia moral se esconde por detrás de caridade dúbia, como se o silêncio na presença do mal fosse uma fidelidade maior ao Senhor Jesus do que a sua repreensão.

O fracasso de Pedro foi focalizado agudamente pela pergunta que Paulo lhe fez no verso 14 b. Observe-se que ele apelou para a atitude anterior de Pedro, isto é, a que havia prevalecido antes da chegada dos homens de Jerusalém. Mudando a atitude anterior, ele tornou-se culpado de duplicidade. O seu efeito foi **obrigar os gentios a viverem como judeus**. Pode ser que Pedro, com prontidão, negasse isso, afirmando que os gentios deviam permanecer livres das leis alimentares, enquanto os judeus as observassem. Todavia, a dimensão da obrigatoriedade era inevitável. A intenção não pode ser o apelo final; o impacto em si tem prioridade.

Visto que o parágrafo continua, é impossível determinar onde terminam as palavras dirigidas a Pedro pessoalmente. O fato de o verso 15 começar com **Nós, judeus por natureza** mostra que Paulo ainda tinha Pedro em mente. No entanto, quase imperceptivelmente, ele alarga a sua discussão, para incluir a experiência religiosa de todos os cristãos judeus. Ao tempo em que ele chega ao fim do parágrafo, a crise passada em Antioquia parece abrigar-se à sombra da atual, na Galácia.

Qual havia sido a experiência religiosa dos que haviam nascido judeus, com todas as vantagens de sua providência e nutrição especial (cf. Rom. 9:4,5; Fil. 3:4-6; II Cor. 11:22)? **Pecadores dentre os gentios** pode estar repetindo a designação usada pelos opositores de Paulo (Moffatt coloca estas palavras entre aspas). Era o termo costumeiro aplicado, pelos judeus cheios de si, para com os incircuncisos. A resposta de Paulo a esta pergunta encontra-se no verso 16, verdadeiramente uma das maiores passagens de toda a carta.

Aqui estão alguns conceitos fundamentais do pensamento de Paulo: (1) **Justificado** é um termo legal. Significa que o homem pecador é "quitado" ou "acertado com Deus" (a margem da RSV diz: "imputado como justo"). Isto não é mera ficção legal. (2) **Por obras da lei** (lit., "por obras de lei", pois não há artigo no texto original) designa qualquer sistema religioso, judaico ou outro, cuja esperança de aceitação para com Deus se baseia em obediência meritória a estatutos formais. Nesta carta, esta frase tem conotação específica para com os judaizantes, que exigiam a circuncisão dos convertidos gentios da Galácia, como se fosse essencial para um relacionamento correto com Deus. (3) **Pela fé em Cristo Jesus** descreve a maneira pela qual a quitação para com Deus é realizada, em nossa experiência. A Fé é mais do que uma declaração de que se crê em algo. É o tipo de crença que leva a pessoa a se dedicar ao gracioso dom da salvação, outorgado por Deus através de Jesus Cristo. Há anos, ouvi esta frase: "Fé é crença... mais você mesmo!"

A experiência religiosa dos que eram **judeus por natureza** afirmava que homem nenhum pode alcançar um posicionamento correto em relação a Deus **por obras da lei**. Desta forma, Paulo indica que **temos também crido em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo**. Esta é a mensagem essencial de Gálatas. Três vezes, no verso 16, ele reitera que ninguém pode ser justificado **por obras da lei**. A última delas é uma citação do Salmo 143:2, com algumas modificações. Ela é introduzida para reafirmar o que foi dito com a autoridade da Escritura. A experiência de Paulo, Pe-

dro, Barnabé e o resto dos cristãos judeus confirmava o fracasso da religião como **lei** e apontava para a religião como **evangelho**, a saber, a aceitação da salvação dada por Deus através da fé em Jesus Cristo.

O significado do verso 17 permanece obscuro. As interpretações principais são: (1) Alguém que apresentara uma objeção havia usado de uma premissa verdadeira, mas alcançara uma conclusão distorcida, o que Paulo rejeita inteiramente. A verdadeira premissa é: visto que nós, judeus, não podemos ser justificados pelas obras da lei, somos colocados no mesmo nível dos gentios, diante de Deus. A conclusão falsa assume a forma de uma pergunta retórica: **É porventura Cristo ministro do pecado? De modo nenhum**, que é tradução de **mē genoito** (lit., "que isso não aconteça!"), expressão forte de revolta, que Paulo usava, costumeiramente, em resposta a distorções da verdade como esta (cf. 3:21; Rom. 3:4,6; 6:2,15; 7:7,13; 9:14; 11:11). Calvino (p. 70-72) e Lightfoot (p. 116-17) esposam esta opinião. (2) Burton (p. 127-30) modifica este pensamento, relacionando-o mais intimamente ao incidente ocorrido em Antioquia. Isto é, um opositor alega que, embora buscando ser justificados em Cristo, os cristãos judeus de Antioquia haviam violado a lei, comendo com os gentios. A mesma pergunta retórica é feita. (3) Allan (p. 44) a modifica, livrando-se do suposto opositor, e apegando-se à inferência lógica do ato de Pedro. Fora Cristo quem levara os cristãos judeus a ignorar a lei em Antioquia. Invertendo o curso dos acontecimentos, Pedro deu a entender que Cristo os havia levado ao pecado, o que é um absurdo manifesto. (4) Ridderbos (p. 101) encontra, aqui, uma objeção genérica aos perigos éticos de se pregar a justificação pela fé. Se, embora ignorando as normas da lei, os cristãos eram achados vivendo pecaminosamente, mesmo como gentios, isto não provava que Cristo é ministro do pecado? As duas primeiras destas interpretações parecem mais prováveis, embora o seu sentido exato continue incerto.

O versículo 18 contradiz o versículo precedente. Levando os judeus a abandonar a esperança de justificação mediante as obras da lei, Cristo não estava servindo à causa do pecado. Pelo contrário, quem invertera a lei, edificando de novo o que Cristo demolira, provara que era **transgressor** (**parabatēn**, "violador da lei", substitui o termo mais ambíguo, **hamartōloi**, "pecadores", usado pelos oponentes de Paulo nos versos 15 e 17). A transgressão residia em voltar ao que havia sido provado, encontrado em falta e superado pela fé em Jesus Cristo. Isto fora o que os cristãos judeus em Antioquia haviam feito; isto era o que os judaizantes na Galácia estavam fazendo.

Para contradizê-los, Paulo apresenta um comovente testemunho, de sua própria experiência. Ele diz que **pela lei** morreu **para a lei**. Não explica de que maneira a lei serviu como instrumento de morte para com ela mesma, embora Romanos 7:7-25 possa ser o melhor comentário a este texto. A morte para a lei significava que ela cessava de ter qualquer jurisdição sobre ele (cf. Rom. 7:6). O objetivo disto era que ele pudesse **viver para Deus**. Na enérgica antítese deste versículo, a morte para a lei é um pré-requisito para a vida para com Deus.

Com Cristo permaneço **crucificado** traduz melhor a ordem das palavras e o tempo do verbo (perfeito). É uma declaração poderosamente dramática, uma das muitas expressões líricas de profunda devoção religiosa pessoal que exsuda das cartas de Paulo. O literalismo poderá, aqui, levar alguns a se desviarem; porém a identificação com Cristo em sua morte na cruz era uma realidade importante para Paulo (cf. 6:14). Aqui, os nossos guias mais capazes não serão, necessariamente, os intérpretes que podem analisar o texto impecavelmente, mas os que experimentaram mais fervorosamente a realidade que ele descreve. A morte que

Paulo experimentou com Cristo na cruz, todavia, o encontra ainda bem vivo. Mas **não mais** é Paulo quem vive a sua vida, mas **Cristo vive em mim**, isto é, nele. Assim sendo, a identificação de Paulo com Cristo na morte assegurou a identificação de Cristo com Paulo na vida. Agora a sua vida era vivida **na fé do Filho de Deus**. Foi ele que **me amou, e se entregou a si mesmo por mim** (cf. 1:4).

O versículo 21 resume toda a passagem. Voltar às obras legalistas, como sendo, de qualquer forma, componentes da consecução ou manutenção de um relacionamento correto com Deus, é fazer **nula a graça de Deus**. Não é andar **retamente, conforme à verdade do evangelho** (v. 14). É colocar "a verdade do evangelho" em perigo (2:5). Esta é a verdadeira medida do que havia acontecido em Jerusalém (2:1-10), em Antioquia (v. 11-14) e na Galácia, na época em que Paulo estava escrevendo esta carta. Na verdade, o legalismo religioso de qualquer espécie torna sem significado a morte de Cristo. Pois, se um posicionamento correto com Deus fosse atingível **mediante a lei, logo Cristo morreu em vão**. (A construção da frase, aqui, presume uma condição que é contrária aos fatos, e então tira a conclusão deduzida da premissa falsa.)

Nestes versículos finais, Paulo avançou além da apologética pessoal, para a elaboração da superioridade do evangelho da graça em relação ao evangelho legalista dos seus oponentes. Este é o grande tema que o empolgará durante os dois próximos capítulos.

II. O Evangelho Acima da Lei (3:1-4:31)

O homem não é justificado pelas obras da lei; ele é justificado pela fé em Cristo (2:16). Esta é a insistência de Paulo no parágrafo anterior, que serve como transição para a principal divisão desta sua carta. Agora ele desenvolve este tema central. E começa apelando à experiência cristã dos convertidos gálatas (3:1-5). Depois ele apela para a Escritura, mostrando como a aliança da promessa, feita por Deus com Abraão, tem cumprimento em Jesus Cristo, e não é ab-rogada pela outorga da lei que intervém (3:6-18). Tendo refutado a distorção do papel da lei da maneira como era promulgado pelos judaizantes, ele passa a expor as suas funções verdadeiras — provisórias e preparatórias — na economia divina (3:19-4:7). Ele adverte os seus leitores contra a loucura de resvalar para a servidão pagã anterior (4:8-11). Na passagem provavelmente mais intensamente pessoal desta carta, ele apresenta o contraste entre a felicidade anterior deles com a indisposição que experimentavam presentemente (4:12-20). Finalmente, uma interpretação alegórica de algumas narrativas familiares do Velho Testamento demonstra a superioridade da graça em relação à lei (4: 21-31).

1) Apelo à Experiência (3:1-5)

1 Ó insensatos gálatas! quem vos fascinou a vós, ante cujos olhos foi representado Jesus Cristo como crucificado? 2 Só isto quero saber de vós: Foi por obras da lei que recebestes o Espírito, ou pelo ouvir com fé? 3 Sois vós tão insensatos? tendo começado pelo Espírito, é pela carne que agora acabareis? 4 Será que padecestes tantas coisas em vão? Se é que isso foi em vão. 5 Aquele, pois, que vos dá o Espírito, e que opera milagres entre vós, acaso o faz pelas obras da lei, ou pelo ouvir com fé?

Esta passagem propicia uma seqüência apropriada a 2:15-21. Ali, Paulo se aproveitara da experiência religiosa dos convertidos judeus para refutar a perversão legalista do evangelho. Aqui, ele sonda a experiência dos convertidos gentios da Galácia, com o mesmo objetivo. É notável que nenhuma destas passagens tem valor sem a realidade da experiência a que o apelo é feito.

A intensa frustração de Paulo, em relação aos seus leitores, é revelada no epíteto depreciador com que se dirige a eles: **Ó insensatos gálatas!** (Phillips assim

traduz esta frase: "Ó queridos idiotas da Galácia", mas isto parece um pouco exagerado. Este desabafo fora desencadeado pela negação de significado e propósito à morte de Cristo, à qual Paulo se referira nos versículos antecedentes. Isto levou à pergunta exasperada: **Quem vos fascinou...?** O verbo usado aqui (**baskainō**) tem a conotação do lançamento de uma praga através do poder de um mau olhado. Bem pode ser o elemento de sarcasmo, nesta pergunta, quando Paulo é pressionado fortemente para encontrar uma explicação coerente para a defecção dos gálatas. (A KJV assim como a tradução antiga da IBB é baseada em fontes que adicionam a cláusula: "para não obedecerdes à verdade", decorrência óbvia de 5:7.)

Se eles tão-somente tivessem conservado os olhos no Crucificado! Pois, na pregação de Paulo a eles, **foi representado Jesus Cristo como crucificado** (cf. I Cor. 2:1,2). O verbo aqui é **prographō**. Ele comporta dois significados: (1) "escrever antes" (cf. Ef. 3:3 e Rom. 15:4); (2) "retratar publicamente" ou "exibir em público". Rendall (p. 167) opta pelo primeiro significado, referindo-se a algum documento anterior. No entanto, a maioria dos comentaristas escolhe uma das formas do segundo. **Jesus Cristo como crucificado** — quer estivesse Paulo pregando uma proclamação pública, ou carregando um placar, era desta maneira que isto seria lido. (O particípio perfeito enfatiza os resultados permanentes, e não apenas uma ocorrência histórica.) Segundo o dito popular, a pessoa não cai sob o poder do mau olhado enquanto não for trespassada pela sua fixidez. Desta forma, se os gálatas tivessem fixado os olhos no objeto correto, isto jamais teria acontecido.

Nos versículos que se seguem, Paulo apresenta quatro perguntas retóricas aos seus leitores. Elas são retóricas porque ele, na verdade, não está procurando informações. Pelo contrário, está fazendo fortes afirmações em forma de interrogações. Nenhuma resposta é apresentada, porque não é necessária.

A primeira pergunta sonda o início de sua experiência cristã. Paulo quer saber as circunstâncias sob que eles receberam **o Espírito**. Isso acontecera quando eles haviam completado algum requisito da **lei** religiosa? Ou fora em circunstâncias completamente diferentes? Acontecera por ocasião da pregação ou proclamação do evangelho, que fora acompanhada pela espécie de **ouvir** que resultava em **fé**? (Moffatt traduz: "por crer na mensagem do evangelho.") A resposta que Paulo pretende não é expressa. Contudo, ela é prevista na pergunta do versículo anterior e presume-se que seja o predicado da pergunta seguinte.

No verso 3, a antítese muda de obras e fé para **carne** e **Espírito**. Dado o fato de que a experiência cristã tem início em fé-audição, como é ela completada ou aperfeiçoada? [14] Por detrás desta segunda pergunta, podemos detectar o ensino dos judaizantes. Eles criam que a fé em Jesus Cristo era o início do que era completado pela submissão à circuncisão, que era um ritual da carne. Ambas eram, de acordo com esta interpretação, necessárias para um posicionamento correto para com Deus. Mais uma vez Paulo invoca a lembrança da experiência cristã para refutar esta perversão legalista do evangelho da graça.

O significado da terceira pergunta depende da acepção dada à palavra grega **paschō**, neste contexto. Primitivamente, este verbo significava experiência, incluindo-se tudo o que acontecia a uma pessoa, fosse bom ou mau. Com o desenvolvimento da língua, o sentido mau prevaleceu, ou seja, "sofrer". Na Septuaginta, ele sempre descreve experiências neste sentido desfavorável. Contra este pano de fundo, amplas variações do sentido atribuído a este versículo podem ser sugeridas: (1) a NEB

14 O verbo é **epistelelsthe**. Ridderbos (p. 114) subentende que os judaizantes deviam ter usado esta palavra entre os gálatas.

traduz este verbo no bom sentido, referindo-se aos benefícios descritos nos versos 1 e 2: "Todas as vossas grandes experiências têm sido em vão?" (2) A RSV o traduz de maneira neutra, não especificando nem bom nem mau sentido (cf. Burton, p. 150), dizendo: "Experimentástes tantas coisas em vão?" (3) A KJV considera o mau sentido: **Será que padecestes tantas coisas em vão?** (cf. Lightfoot, p.135). Na verdade, esta carta não faz referências a perseguições; no entanto, é difícil entender por que a relutância para que prevaleça aqui o sentido usual da palavra.

As palavras finais, no verso 4, expressam, com muito tato, a esperança de que, embora em perigo, a causa na Galácia ainda não estava perdida.

A quarta pergunta comenta um pouco a feita no verso 2. O Espírito recebido pela fé-audição, quando Paulo pregara o evangelho, estava em operação na vida dos gálatas. Havia muitas manifestações de dons espirituais (os **charismata**; cf. I Cor. 12:4-11, 27-30). Todavia, o dom especificado no verso 5 é a operação de milagres. Embora uma elipse deixe o verbo com sua acepção um tanto duvidosa, o sentido é claro. Paulo deseja saber a explicação para o suprimento do Espírito para eles, da parte de Deus, e como ele operava milagres no meio deles (lit., "em vós."). Fazia parte das obras legalistas, ou da fé-audição?

O impacto total destas perguntas retóricas é impressionante. O apelo que fazem para a experiência confirma a graça, e não a lei.

2. Apelo à Escritura (3:6-18)

O leitor pode admirar-se do fato de Paulo não ter baseado a sua causa no simples apelo pragmático dos versículos antecedentes (3:1-5). Afinal de contas, os gálatas haviam ouvido o evangelho, reagido em fé e recebido o Espírito, acompanhado pela operação de milagres. Isto havia acontecido antes da chegada dos judaizantes, com suas perversões legalistas do evangelho. Parecia que a experiência deles era suficiente para protegê-los contra esses erros. No entanto, isso não aconteceu, pois os gálatas foram abalados e levados a vacilar, pelos falsos mestres. Mais do que recordações de experiências era necessário. Era necessário ir ao encontro da ameaça dos judaizantes no nível das declarações que eles estavam fazendo, dizendo basear-se na Escritura.

Um estudo desta passagem revela que essas declarações se centralizavam em uma interpretação dos tratamentos de Deus com Abraão e seus descendentes. Incluía interrogações como estas: (1) Como Abraão foi justificado diante de Deus? (2) Quem é a sua descendência que participa das bênçãos prometidas? (3) Qual é a relação da lei mosaica com a aliança de Deus com Abraão? É necessário ler Gênesis 12 a 17, neste ponto, pois é aí que os judaizantes encontravam os seus argumentos. É aí também que Paulo vai procurar evidências para refutá-los.

Há nove referências a Abraão em Gálatas, sete das quais ocorrem nos próximos 13 versículos (3:6,7,8,9,14,16,18,29; 4:22). Deve ser notado, todavia, que, daqui até o fim do capítulo 4, o argumento revolve, geralmente, ao redor das interrogações citadas acima.

1) Filhos de Abraão (3:6-9)

6 Assim como Abraão creu a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. 7 Sabei, pois, que os que são da fé, esses são filhos de Abraão. 8 Ora, a Escritura, prevendo que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou previamente a boa-nova a Abraão, dizendo: Em ti serão abençoadas todas as nações. 9 De modo que os que são da fé são abençoados com o crente Abraão.

Como é que Abraão foi justificado diante de Deus? Quem é a descendência de Abraão que participa das bênçãos prometidas a ele? Os judaizantes tinham respostas para estas perguntas, baseadas na Escritura, primordialmente em Gêne-

sis 12 e 17. No capítulo anterior, Deus havia chamado Abrão para sair da casa de seu pai para uma terra que ser-lhe-ia revelada (12:1). Ele lhe prometeu uma grande posteridade (12:2). Abrão respondeu ao chamado de Deus com obediência (12:4). Porém, é provável que os judaizantes se detivessem principalmente em Gênesis 17. Neste capítulo Deus ordenou a Abraão que andasse imaculadamente diante dele (17:1). E mudou o seu nome de Abrão ("pai exaltado") para Abraão ("pai de uma multidão," 17:5). Ele repetiu a aliança de abençoá-lo e aos seus descendentes (17:2-9). Exigiu a circuncisão de todos os homens como sinal dessa aliança (17:10,11). Isto incluía os escravos comprados de estrangeiros, tanto quanto a sua própria descendência (17:12,13). Finalmente, ele advertiu: "Mas o incircunciso, que não se circuncidar na carne do prepúcio, essa alma será extirpada do seu povo; violou o meu pacto" (17:14). Naquele mesmo dia Abraão, Ismael e todos os homens de sua casa foram circuncidados (17:22-27).

Baseados nestas passagens bíblicas, os judaizantes respondiam às perguntas, citadas acima, da seguinte maneira: (1) Abraão fora justificado diante de Deus reagindo ao seu chamado com obediência (Gên. 12:4). Todavia, só depois que ele se submeteu à circuncisão a sua fé foi aperfeiçoada (Gên. 17:1). C. K. Barrett escreve: "As opiniões judaicas correntes ligavam a circuncisão de Abraão com Gênesis 17:1 ('Anda em minha presença e sê perfeito'), e tiravam a conclusão de que apenas com a sua circuncisão é que Abraão alcançou a perfeição."[15] (2) É verdade que todas as nações da terra serão abençoadas em Abraão (Gên. 12:3), mas isto é assim apenas para aqueles que se submetem à circuncisão como selo dessa aliança (Gên. 17: 10-14). Só esses são semente dele, e participarão das bênçãos prometidas a ele. Visto que isto inclui gentios, bem como judeus, os gálatas precisavam aperfeiçoar a sua fé sendo circuncidados.

Agora, observe-se como Paulo procura rebater essas declarações com argumentos tirados da mesma passagem usada pelos seus oponentes (Gên. 12-17). Ele cita Gênesis 15:6, passagem convenientemente desprezada pelos judaizantes, para mostrar que Abraão fora justificado pela fé. Não era fé considerada como obra meritória, e desta forma recompensada com a aceitação divina, como os judaizantes pensavam. Pelo contrário, era fé expressa como reação confiante ao chamado de Deus, o que **lhe foi imputado como justiça.**

Portanto, segue-se que **os que são da fé, esses são filhos de Abraão.** Esta é a característica que distingue a sua descendência, a despeito de identidades genealógicas. Um judeu circuncidado sem fé não é filho de Abraão; um gentio incircunciso com fé é. De fato, a fé como reação confiante ao chamado de Deus sempre foi o meio pelo qual os homens foram acertados com Deus.

Os judaizantes haviam encontrado, em Gênesis 12:3; evidência para sustentar a sua opinião de que as bênçãos de Abraão cairiam apenas sobre os que fossem incorporados na sua posteridade mediante a circuncisão. No entanto, Paulo cita esta mesma passagem, mostrando que ela prediz a intenção de Deus de **justificar pela fé os gentios.** Neste sentido, a **Escritura... anunciou previamente a boa-nova** (evangelho) **a Abraão.**

Abraão tinha fé, e **os que são da** fé é que **são abençoados com ele.**

Observa-se que Paulo não faz referência ao ensino da circuncisão em Gênesis 17:10-14. De fato, ele não faz nenhuma tentativa para descrever a relação entre a fé de Abraão e este rito. Isto é algo notável, pois ele o faz em Romanos 4:9-12. Ali, ele diz que a fé de Abraão foi-lhe considerada como justiça antes que ele fosse circuncidado (4:10). A circuncisão fora recebida como "sinal ou sêlo da

15 **From First Adam to Last** (New York: Scribner's, 1962), 1962), p. 37.

justiça que ele já possuia pela fé quando ainda não era circuncidado" (4:11a). Barrett escreve: "O sinal não tem efeito sobre o que ele significa, porém é meramente uma marca visível, apontando para uma verdade que existe independentemente dele." [16] O propósito deste sinal era fazer de Abraão o pai de todos os que crêem, quer gentios incircuncisos ou judeus circuncidados (4:11b).

2) Maldição da Lei (3:10-14)

10 Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las. 11 É evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus, porque: O justo viverá da fé; 12 ora, a lei não é da fé, mas: O que fizer estas coisas, por elas viverá. 13 Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro; 14 para que aos gentios viesse a bênção de Abraão em Jesus Cristo, a fim de que nós recebêssemos pela fé a promessa do Espírito.

Neste ponto, Paulo toma a iniciativa do ataque contra os seus oponentes. Eles estavam reivindicando as bênçãos de Abraão com base nas obras da lei. Paulo contra-ataca, dizendo que **todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição**. Este julgamento é baseado na Escritura, que pronuncia maldição sobre todos os que não executam tudo o que a lei requer (Deut. 27:26). Esta é a última das maldições que devia ser pronunciada do monte Ebal. Aparentemente, o argumento de Paulo presume que não há ninguém que preste à lei a obediência completa, requerida para escapar-se à sua maldição (cf. Rom. 3:9, 19,23).

Como evidência adicional da Escritura de que **pela lei ninguém é justificado diante de Deus**, Paulo cita Habacuque 2:4. e ss. Este versículo tem o seu contexto original contra o pano de fundo da ameaça da invasão caldéia (1:6). O profeta está desanimado com o fato de ter Deus permitido que aquela nação ímpia engulisse um povo mais reto do que ela (1:13). Desta forma, ele assume o seu lugar na torre de vigia, para ver o que Deus vai lhe falar (2:1). O cerne do desvendamento de Deus é que "o justo viverá pela sua fé", isto é, pela fidelidade. Isto descreve a atitude apropriada ao homem reto no meio das contradições deste mundo.

Na Septuaginta, existe uma modificação nos pronomes do texto hebraico, que altera o seu significado: "Mas o justo viverá pela minha fidelidade."

Paulo descobre, neste versículo, um apoio bíblico para a maneira pela qual ele entende a justificação pela fé. Porém as cinco palavras do texto grego constantes em sua citação são traduzidas de várias maneiras. A RSV constrói **ek pisteôs** ("através da fé") com o sujeito: "Aquele que através da fé é justo viverá." (Cf. NEB. Esta acepção seria mais óbvia se a ordem de palavras no texto grego fosse **ho ek pisteôs dikaios zésetai**; cf. **hé de ek pisteôs dikaiosuné** em Rom. 10:6.) A tradução da IBB constrói a frase com o verbo: O **justo viverá da fé**, que parece ser o significado mais natural (cf. RSV, margem; Moffatt e Phillips).

Sejam quais forem os refinamentos de combinação, estes conceitos pertencem todos a Paulo: justiça-fé-vida.

Lei e fé como bases para a justificação diante de Deus são mutuamente exclusivas. A **lei não é da fé**. Ela se baseia em obras (cf. Rom. 4:4,5). Novamente Paulo apela para a Escritura para obter apoio para o seu argumento: O **que fizer estas coisas, por elas viverá** (lit., "nelas", como na KJV; Lev. 18:5). Esta é a declaração positiva do princípio que fora declarado negativamente no verso 10.

Os versículos 13 e 14 são apresentados um tanto abruptamente, na discussão de Paulo, não tendo nenhuma partícula de ligação com a declaração precedente. Eles levam imediatamente a obra de Cristo a relacionar-se com a condição daqueles cuja desobediência à lei os colocara sob a maldição dela (v. 10). Ao

16 Op. cit. p. 38.

sondar o significado desta notável passagem, recorremos a um padrão catequético de perguntas e respostas.

Primeiro, o que foi que Cristo fez? A resposta é que ele **nos resgatou da maldição da lei**. O verbo **exagorazó** significa redimir, remir, libertar ou assegurar libertação para alguém, pagando o libertador um preço. Na medida em que esta passagem é dirigida aos que procuram justificação diante de Deus mediante a obediência à lei judaica, pareceria que o pronome **nos** se aplica apenas a judeus e prosélitos (Lightfoot, p. 139; Duncan, p. 99). O artigo antes de **lei** favorece esta interpretação. No entanto, Stamm (p. 509) insiste que ele inclui os gentios do verso 14 também: "Eles também eram legalistas em matéria de religião, e Paulo considerava o legalismo como maldição, onde quer que o encontrasse."

Segundo, como foi que Cristo o fez? A resposta é: tornando-se **maldição por nós** (cf. II Cor. 5:21). Novamente Paulo apela para a Escritura, desta vez para Deuteronômio 21:23. (Ele omite o "por Deus" da Septuaginta.) Em seu contexto original, este versículo não se refere a nenhuma forma de execução. Pelo contrário, descreve o horrível costume de dependurar numa árvore o corpo de um criminoso executado. Visto que "um homem dependurado (enforcado) é amaldiçoado por Deus", decretava-se que o seu corpo não devia ficar assim exposto a noite toda, para que a terra não fosse contaminada. Ele devia ser enterrado no mesmo dia em que era executado. No entanto, Paulo encontra, nesta passagem, apoio bíblico para a sua declaração de que Cristo tornou-se maldição em nosso lugar. Na morte que provou, ele tomou sobre si mesmo a maldição da lei.

Terceiro, por que Cristo o fez? A resposta encontra-se nas duas cláusulas finais do verso 14. A primeira fala mais uma vez da **bênção** de Abraão relacionada com **os gentios**. Paulo já havia apresentado Gênesis 12:3, em sua discussão, como evidência da intenção de Deus de incluí-los em sua bênção dada a Abraão (3:8). Agora ele declara que o propósito da morte de Cristo na cruz fora tornar disponível a bênção de Abraão aos gentios. A segunda cláusula centraliza-se na **promessa do Espírito**, dada **pela fé**. Em 3:2, ele falara disto como algo que já havia acontecido na experiência dos seus leitores.

3) Prioridade da Promessa (3:15-18)

15 Irmãos, como homem falo. Um testamento, embora de homem, uma vez confirmado, ninguém o anula, nem lhe acrescenta coisa alguma. 16 Ora, a Abraão e a seu descendente foram feitas as promessas; não diz: E a seus descendentes, como falando de muitos, mas como de um só: E a teu descendente, que é Cristo. 17 E digo isto: Ao testamento anteriormente confirmado por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não invalida, de forma a tornar inoperante a promessa. 18 Pois se da lei provém a herança, já não provém mais da promessa; mas Deus, pela promessa, a deu gratuitamente a Abraão.

Qual é a relação da lei mosaica com a aliança de Deus com Abraão? Este é outro problema, no debate de Paulo com os judaizantes, que precisa ser resolvido. Mais uma vez ele apela para a Escritura, ao afirmar a prioridade da promessa. Os dois pontos essenciais em sua discussão da aliança são: (1) Ela antecede a outorga da lei por mais de quatro séculos. Deus nunca pretendera que a lei a ab-rogasse ou emendasse. (2) Ela tem seu cumprimento em Cristo.

Esta é uma passagem difícil, por várias razões. Uma delas é que seu pensamento é interrompido. Paulo apresenta uma ilustração no verso 15, que não aplica senão no verso 17. Além disso, o verso aí incluso contém um dos exemplos mais ousados de sua maneira de manusear o texto veterotestamentário. E, também, é difícil ter-se a certeza do conceito que ele esposa, ao usar o termo **diathēkē**, se ele significa "testamento" ou "aliança". De fato, a RSV o traduz de uma forma no verso 15 e de outra no verso 17 (cf.

NEB). Na interpretação seguinte, esta palavra é considerada como aliança, porque: (1) Esta é a sua acepção constante na Septuaginta, onde é freqüentemente tradução de **berith**. (2) Esta acepção se enquadra melhor no contexto imediato, em que Paulo está discutindo a aliança de Deus com Abraão. Na verdade, esta fora a oferta graciosa de um Deus soberano a um homem, e não um contrato que dependesse igualmente de ambas as partes. (3) Este é o seu significado em Gálatas 4:24.

Paulo começa dizendo que vai dar um exemplo humano, isto é, uma ilustração da vida diária: **como homem falo**. Ele vai mostrar que o que é verdadeiro a respeito dos homens em seus acordos contratuais uns com os outros é ainda mais verdadeiro a respeito dos relacionamentos pactuais de Deus com os homens. (Veja a tradução de Phillips, onde a versão é mais próxima da posição tomada aqui.) O argumento nesta passagem é a **fortiori**, avançando do menor para o maior.

Uma vez escrito e **confirmado** um contrato pelos homens, **ninguém o anula, nem lhe acrescenta coisa alguma**. O fluxo diário de negócios humanos se baseia no pressuposto de que os homens honrarão os seus acordos solenes. O fato de que algumas vezes não o fazem não é pertinente a este argumento. Toda analogia humana não resiste a pressões demasiadas.

O versículo 16 se interpõe entre a introdução e a aplicação da ilustração de Paulo. Aqui ele afirma que **a Abraão e a seu descendente** (lit., semente) **foram feitas as promessas**. As passagens que ele tem em mente são, provavelmente, Gênesis 13:15 e 17:7,8, falando ambas da posse da terra de Canaã. Contudo, a ênfase de Paulo se exerce sobre a referência a **descendente**. Ele insiste que a palavra está no singular, e não no plural, ignorando, a essa altura, o sentido coletivo da palavra que ele mesmo reconhece em 3:29 (cf. Rom. 4:13-18; 9:8). E então ele faz uma asseveração surpreendente: **que é Cristo**. Paulo declara que Cristo é o **descendente** ou semente de Abraão, a quem a promessa fora feita.

No verso 17, ele aplica a ilustração apresentada no verso 15. Se pode-se contar que os homens honrarão os seus acordos contratuais, muito mais pode-se confiar que Deus cumprirá as suas promessas pactuais! Deus fez uma aliança com Abraão e seu descendente, e a ratificou. Isto aconteceu 430 anos antes da outorga da lei. [17] Ele não pretendia que a lei invalidasse **o testamento anteriormente confirmado** por ele mesmo, **de forma a tornar inoperante a promessa**.

Os judaizantes consideravam a circuncisão como essencial para que alguém fosse incluído na comunidade da aliança. Eles olhavam para a lei como a revelação final da vontade de Deus para o seu povo. Criam que Jesus era o Messias da esperança judaica, mas isto não removia a necessidade da circuncisão e da observância da lei. Estes atos permaneciam obrigatórios para aqueles que quisessem herdar as bênçãos da promessa de Deus a Abraão. Da maneira como eles as concebiam, a lei e a promessa eram termos complementares da economia divina.

No verso 18, Paulo contradiz este ponto de vista. Ele assevera que a lei e a promessa são termos antitéticos (cf. 2:21 e 3:12). Tentar conjugá-los é entender mal o papel da lei. Pelo contrário, é herança e promessa que se conjugam. Isto é confirmado no fato de que Deus, pela promessa, a deu gratuitamente (a herança, o objeto implícito do verbo) a Abraão.

3. A **Função da Lei** (3:19-4:7)

Até este ponto, a discussão da lei levada a efeito por Paulo tem sido negativa. Isto era inevitável, visto que ele

17 Esta é a duração apresentada em Êxodo 12:40 para a peregrinação no Egito. De acordo com a LXX, este período inclui o tempo que os patriarcas passaram em Canaã. Gênesis 15:13 fala em 400 anos; cf. o discurso de Estêvão em Atos 7:6.

estava procurando refutar os erros dos judaizantes. Agora ele assume uma posição mais positiva, ao perguntar: **Logo, para que é a lei?**

Esta interrogação introduz uma das passagens mais importantes das cartas de Paulo a este respeito. Basicamente, ele propicia uma resposta dupla: (1) Ela fora dada para especificar as transgressões até a vinda de Cristo (3:19-22). Desta forma, ela tem uma condição provisória. (2) Ela fora dada para preparar o povo de Deus para a vinda de Cristo (3:23-4:7). Assim sendo, ela tem uma função preparatória. Duas metáforas elucidam este aspecto do papel da lei: o aio ou disciplinador moral (3:23-29) e o guardião ou tutor (4:1-7).

1) Para Especificar as Transgressões (3:19-22)

19 Logo, para que é a lei? Foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem a promessa tinha sido feita; e foi ordenada por meio de anjos, pela mão de um mediador. 20 Ora, o mediador não o é de um só, mas Deus é um só. 21 É a lei, então, contra as promessas de Deus? De modo nenhum; porque, se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei. 22 Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos que crêem.

Paulo diz que a lei **foi acrescentada por causa das transgressões**. Esta é uma tradução literal, mas deixa o significado em dúvida. O leitor pode concluir: Porque houve transgressões, a lei foi dada para refreá-las. No entanto, isto parece violar o sentido da passagem.

A esta altura será bom notar algumas referências da Epístola aos Romanos, que é o melhor comentário à Gálatas. Em Romanos 5:13,14, Paulo discute o período de Adão a Moisés. Ele diz que o pecado (**hamartia**) estava no mundo antes que a lei fosse dada, mas não a transgressão (**parabasis**). A evidência do primeiro se encontrava no fato de que a morte reinara durante esse período, embora não fosse possível nenhuma transgressão como a de Adão. Pois não pode haver transgressão enquanto não for estabelecido um padrão que defina os limites (Rom. 4:15).

A outorga da lei propiciou esse padrão. Ela torna claro o que é pecado, especificando as transgressões. Neste sentido, a lei converte o pecado em transgressão (cf. NEB). Ela torna visíveis o pecado e o seu alcance (cf. Phillips). Ela capacita os homens a reconhecerem a sua pecaminosidade (Rom. 3:20; 7:7). Duncan (p. 112) diz que "os homens podem **pecar** em ignorância, mas **transgridem** apenas quando têm um padrão reconhecido do que é reto, e foi para propiciar esse padrão que a lei foi introduzida".

No entanto, esta era apenas uma função interina da lei. Ela devia continuar **até que viesse o descendente a quem a promessa tinha sido feita**. O reaparecimento da palavra **descendente** como referência a Cristo, aqui, ajuda a refutar os que gostariam de descartar-se do verso 16, dizendo ser ele uma glosa de algum escriba.

Parece haver ainda mais depreciação da lei nos versos 19 e 20b. Colocando-se contra os judaizantes, que a consideravam como a perfeita e direta revelação de Deus, Paulo diz que ela **foi ordenada por meio de anjos, pela mão de um mediador**, obviamente Moisés. (A tradição associando anjos com a outorga da lei encontra-se na tradução, feita pela Septuaginta, de Deut. 33:2; cf. Heb. 2:2; Atos 7:38, 53). O difícil conceito pode ser que, embora a lei tivesse sido mediada por Moisés como intermediário entre os anjos administradores e o povo que esperava ao pé do monte, a aliança de Deus com Abraão havia sido dada diretamente. Desta forma, ela é revelação superior.

Será que Paulo exagerou em declarar o seu ponto de vista? Mesmo quando ele se abalança a discutir o papel positivo da lei, certa depreciação se insinua. A proporção é um dos primeiros perigos de uma polêmica acesa. Tal apreensão da

parte dele pode ser expressa na pergunta retórica: **É a lei, então, contra as promessas de Deus?** (cf. Rom. 3:31, onde a mesma medida de preocupação é expressa, para que a exposição que ele faz da graça não destrua a lei.)

A sua resposta é um enfático de **modo nenhum** (cf. 2:17). Ele procura mostrar o absurdo de tal distorção do significado que apresenta, mostrando um falso pressuposto e depois desfazendo as conclusões erradas (cf. 1:10b; 2:21b; 3:18a). A premissa falsa é: **uma lei foi dada** capaz de **vivificar**. A conclusão errônea é: desta forma, **a justiça é pela lei**. Indubitavelmente, a premissa e conclusão verdadeiras são: Não foi dada nenhuma lei que possa vivificar; desta forma, a justiça não pode ser dada através da lei — ela vem pela fé.

É difícil saber-se que passagem bíblica, se há alguma, serve de base para **encerrou tudo debaixo do pecado** no verso 22. (O verbo **sugkleiō** significa aprisionar ou confinar.) Burton (p. 195-96) pensa que pode ser Deuteronômio 27:26, que já foi citado em 3:10. Stamm (p. 516) sugere as passagens veterotestamentárias que Paulo agrupara em Romanos 3:9-18. Algumas pessoas têm proposto o Salmo 143:2, que foi citado em 2:16. Não obstante, não é difícil discernir por que a passagem bíblica consignou todas as coisas ao pecado, a saber, que a promessa que é **pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos que crêem.**

2) Preparar para Cristo (3:23-4:7)

Por meio do uso de duas metáforas, Paulo procura descrever a função preparatória da lei. A primeira é sugerida pelo escravo (**paidagōgos**) que havia numa casa antiga, que — como um guardião — era encarregado de um menino, entre os seis e dezesseis anos de idade (3:23-29). A segunda é sugerida pelo guardião, que era colocado em posição de responsabilidade sobre um herdeiro durante os anos de sua incapacidade legal (4:1-7). Em ambas as metáforas nota-se os elementos de condição inferior e limitação temporária. Estas características não são parte essencial da explicação, que Paulo faz, do papel da lei na maneira de Deus agir para com o seu povo.

a. A Lei como Disciplinadora Moral (3:23-29)

23 Mas, antes que viesse a fé, estávamos guardados debaixo da lei, encerrados para aquela fé que se havia de revelar. 24 De modo que a lei se tornou nosso aio, para nos conduzir a Cristo, a fim de que pela fé fôssemos justificados. 25 Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio. 26 Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. 27 Porque todos quantos fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. 28 Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. 29 E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme à promessa.

Os versículos 23 e 24 descrevem a situação **antes que viesse a fé**. Infelizmente, esta tradução não expressa totalmente o pensamento que se manifesta na tradução grega. Pode dar a entender que a fé não existia antes da vinda de Cristo, o que não é verdade. Através da maior parte deste capítulo, Paulo tem discutido que Abraão fora justificado pela fé. Além disso, ele é o pai de uma grande posteridade cuja característica distintiva é a fé. De fato, a qualquer tempo que um homem se relacione corretamente com Deus, tem que ser baseado na fé (Heb. 11:2). Com o artigo **a** Paulo especifica a fé em Jesus Cristo, para a qual apontara no versículo antecedente (cf. NEB: "esta fé").

Antes da vinda de Cristo, **estávamos guardados debaixo da lei** (lit., "estávamos sendo retidos em custódia pela lei"). **Guardados** é tradução do particípio do mesmo verbo do verso 22, que foi traduzido como **encerrou**. O elemento de restrição moral é ineludível. Este encerramento aguardava a **fé** em Cristo, **que se havia de revelar**, isto é, que estava desti-

nada a ser revelada, e era retida em prontidão para aquela hora.

Não há nenhuma palavra, em português, que traduza adequadamente a grega **paidagōgos** (aio, lit., "guia de meninos"). Mesmo a sua transliteração, "pedagogo", tem, modernamente, um sentido diferente do original. Isto acontece porque não existe ninguém, em nossa civilização, que cumpra um papel semelhante. A KJV verte-a como "professor", da mesma forma que Lutero (p. 144-45), mas esta palavra é mais tradução de **didaskalos**. Este escravo não era o professor de um menino. Além disso, visto que levar o menino à escola era nada mais do que uma das suas importantes tarefas, esta não deve ser exagerada. Pelo contrário, ao **paidagōgos** era confiada a supervisão moral do garoto. Ele possuía o direito de exercer disciplina. Blunt (p. 106) observa que ele é geralmente representado, em vasos, com uma vara na mão (cf. Phillips, "um severo governante, que toma conta de nós").

Os que usam termos escolares para descrever a função dessa pessoa sugerem um papel educativo para a lei, segundo o pensamento de Paulo. Não obstante, é mais provável, aqui, que ele esteja pensando em termos das restrições morais impostas pela lei, até a vinda de Cristo. Duncan (p. 122) escreve: "Paulo não pensa em Cristo, como Mestre, mas como Redentor; a vida cristã não é uma educação avançada, mas uma libertação da morte e uma entrada na vida."

Os versículos 25 a 29 descrevem a situação desde que **veio a fé** (o artigo aparece em grego, como no v. 23). **Já não estamos debaixo de aio (paidagōgos)**: Ao invés de estardes por conta de um disciplinador moral severo, **todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus**. Desta forma, Paulo procura refutar a declaração dos judaizantes de que os gentios só podiam ser incorporados à comunidade da aliança mediante a circuncisão e a lealdade à lei.

A única referência ao batismo na Epístola aos Gálatas está no verso 27. Aqui Paulo usa duas analogias: batismo **em Cristo** e revestimento **de Cristo** (da mesma forma como se veste uma roupa). Os eruditos entendem de várias maneiras estas analogias: (1) Blunt (p. 108) pensa que a primeira pode ser a fórmula primitiva de batismo, dando a entender o seu objetivo. Sob o uso que Paulo faz da segunda, ele vê uma analogia com o pressuposto do **toga virilis**, denotando a entrada na maturidade ou virilidade. (2) Stamm (p. 519) fala da água batismal como carregada da substância celestial do corpo da ressurreição de Cristo, que é espiritual. (3) Burton (p. 203) descreve a primeira como batismo com referência a Cristo, e a segunda como tornar-se como Cristo.

Certamente, devemos encontrar, aqui, uma expressão intensa de união com Cristo, tema da maior importância no pensamento paulino. O versículo anterior torna claro que é pela fé que somos filhos de Deus. Todos esses foram **batizados em Cristo**, o que significa **revestir-se de Cristo**, ser vestido dele. (Romanos 6:3 fala de ser batizados na morte de Cristo.)

Aqueles que foram batizados em Cristo constituem uma nova comunidade. É uma comunidade em que todas as velhas discriminações tornaram-se algo sem significado. Não há nela lugar para preconceito racial: **não há judeu nem grego**. A amargura dos exclusivistas judeus sustentava que o propósito de Deus, ao criar os gentios, fora providenciar combustível para o fogo do inferno. Os mais exclusivistas dos gregos consideravam os não-gregos como bárbaros, invariavelmente inferiores a eles. Não há lugar para o preconceito social: **não há escravo nem livre**. Depois que as diferenças étnicas dividiram os homens em vários grupos, as distinções de classe tendem a erigir barreiras adicionais. Algumas pessoas que podem reconhecer o preconceito **inter-racial** parecem cegas

para o preconceito **intra-racial**. Além disso, não há lugar para discriminação em termos de sexo: **não há homem nem mulher**.

Há uma oração de agradecimento no Livro Judaico de Orações, em que a pessoa expressa gratidão a Deus porque não nasceu gentia, escravo ou mulher. Estas são as próprias discriminações que Paulo repudia, com base na nova comunidade fundada **em Cristo Jesus**.

Devido a este fato, cada igreja deve tornar-se uma demonstração bem visível do poder de Cristo para recriar uma nova humanidade, formada de todos os povos. Apresenta-se uma caricatura completa do evangelho, quando as igrejas perpetuam as mesmas desigualdades da sociedade que levaram o mundo moderno tão perto do desastre.

Mais uma vez Paulo volta ao tema da **descendência de Abraão**. Em 3:6-9, fora declarado que os homens de fé eram os verdadeiros filhos de Abraão. Em 3:16, Cristo foi identificado como o descendente ou semente de Abraão, a quem foram feitas as promessas. Agora, em 3:29, **a descendência de Abraão** são aqueles que pertencem a Cristo. Eles são os **herdeiros conforme à promessa**.

b. A Lei como Guardiã (4:1-7)

1 Ora, digo que por todo o tempo em que o herdeiro é menino, em nada difere de um servo, ainda que seja senhor de tudo; 2 mas está debaixo de tutores e curadores até o tempo determinado pelo pai. 3 Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos rudimentos do mundo; 4 mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido debaixo de lei, 5 para resgatar os que estavam debaixo de lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. 6 E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai. 7 Portanto, já não és mais servo, mas filho; e se és filho, és também herdeiro por Deus.

Os versículos 1 e 2 introduzem a segunda metáfora usada por Paulo para ilustrar a função preparatória da lei. Tem sido sugerido isto por causa do uso do termo **herdeiros** no versículo precedente. Desta forma, uma vez mais Paulo se aproveita das experiências quotidianas dos homens para montar um quadro do ponto que deseja provar (cf. 3:15).

Os principais pontos desta metáfora são: (1) o **herdeiro**, que é menor de idade; (2) os **tutores e curadores**, que têm o herdeiro sob sua custódia enquanto não chega à idade da razão; (3) o **pai**, que fez os preparativos para que o filho herde a sua fortuna. A ênfase se exerce na posição inferior do herdeiro durante o período de sua minoridade. Literalmente, ele "em nada difere de um servo", **ainda que seja senhor de tudo**. Esta sujeição continua **até** o **tempo determinado pelo pai.** Nesse tempo, a autoridade dos tutores e curadores chegava ao fim, e as restrições julgadas necessárias, devido à imaturidade anterior do herdeiro, eram removidas. Ele tomava posse de toda a sua herança, como filho. Quão maior era a posição do filho, agora, do que quando era governado por supervisores legais!

Não tem tido sucesso nenhum esforço para identificar o processo legal exato sugerido por estes versículos. A lei romana de período posterior fazia as seguintes provisões para o herdeiro menor de pai falecido: (1) Ele permanecia sob os cuidados de um guardião (tutor), nomeado pelo pai, até completar 14 anos de idade; (2) depois era colocado sob os cuidados de um curador, nomeado pelo Estado, até a idade de 25 anos. Todavia, estas eram as estipulações da lei romana, ao passo que Paulo descreve uma situação em que o pai é quem define os termos da herança.

Ramsay (p. 391-93) encontra, nesta passagem, um reflexo da velha lei selêucida, que prevalecia nas cidades grecofrígias. Ela era semelhante à lei romana; no entanto, permitia que o pai nomeasse, mediante testamento, tanto o **tutor** quanto o **curador**. Porém, nada se diz a respeito do verdadeiro problema da passagem, a saber, o estabelecimento do perío-

do de vigência da curadoria, feito pelo pai.

Ambos os exemplos pressupõem a morte do pai. Outra explicação sonda a possibilidade de uma tutoria especial, estabelecida durante a vida do pai. Um exemplo disso está em I Macabeus 3:32, 33, onde o rei Antíoco colocou o seu filho sob os cuidados de Lísias, antes de empreender uma campanha na Pérsia. Em I Macabeus 6:17, Lísias, tendo ouvido falar da morte do rei, coloca o filho no trono do pai.

Estes fatos propiciam alguns paralelos interessantes, mas não justificam algumas declarações em relação à fonte da ilustração legal apresentada por Paulo. Parece que ele tinha em mente alguma situação definida, embora Blunt (p. 109) sugira que pode ser que ele estivesse pensando, de maneira genérica, em termos não técnicos, como em 3:15.

A aplicação desta metáfora, nos versículos seguintes, também acarreta dificuldades. O que esperamos que o verso 3 diga é isto: **Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo** da lei. Isto estaria de acordo com o contexto. Desde 3:23, Paulo vem descrevendo a função da lei como preparatória para a vinda de Cristo. Ao invés disso, a cláusula principal diz: **estávamos reduzidos â servidão debaixo dos rudimentos do mundo**. As traduções inglesas RSV, Moffatt, NEB e TEV assim traduzem o texto original: "éramos escravos dos espíritos elementares do universo."

Dentre os intérpretes modernos da última parte do verso 3, reflete-se a opinião prevalecedora a respeito do significado da enigmática frase grega **ta stoicheia tou kosmou** (Duncan, Allan, Stamm). Entendida desta forma, ela designa os seres espirituais que, segundo o pensamento de muitos antigos, habitavam e controlavam os corpos celestiais (astros). Desta forma, eles tinham sob seu controle, inexoravelmente, o destino dos homens, e eram temidos por todos.

Os advogados deste ponto de vista enfatizam ou declaram o seguinte: (1) Esta mesma frase, exatamente, ocorre também em Colossenses 2:8 e 20, embora não seja encontrada mais em nenhum lugar do Novo Testamento. Aqui, ela se relaciona com um contexto em que Paulo menciona "os principados e potestades" (Col. 2:15) e o "culto aos anjos" (Col. 2:18). Desta forma, o termo em discussão designa, igualmente, seres ou forças cósmicas. (2) **Ta stoicheia** ocorre em 4:9, em conexão com a servidão em que os gálatas estavam anteriormente, "a seres que por natureza não são deuses" (4:8). (3) As características do judaísmo que Paulo ressalta na apostasia dos gálatas, em 4:10, não são a circuncisão e leis alimentares ou dietéticas. Pelo contrário, são observâncias de estações, que são determinadas pelo movimento dos corpos celestes (astros). (4) Em 3:19, Paulo associa anjos com a outorga da lei.

Se o ponto de vista acima exposto é a maneira correta de se entender esta frase, então Paulo está associando as observâncias rituais da lei judaica com a crença pagã em divindades astrais. Ele condena ambas como escravidão sob os espíritos elementares.

Outros comentaristas propõem um significado bem diferente para a frase em questão. Para eles, ela denota as formas elementares ou princípios rudimentares de religião, tanto judaica como pagã (Lightfoot, Burton e Ridderbos). Com esta idéia, Phillips a traduz como "princípios morais básicos", e Barclay (**The Letters to the Galatians and Ephesians**, p. 36) como "o conhecimento elementar que o mundo pode suprir" (cf. TCNT: "o ensino pueril deste mundo; NEB, marg.).

As seguintes declarações e contradições podem ser feitas em favor deste ponto de vista: (1) Esta acepção se enquadra na ilustração que Paulo apresentou nos versos 1 e 2. As formas rudimentares de religião ou de princípios morais elementares se relacionam com uma

ocasião em que o herdeiro era menor de idade. O ABC e a infância acontecem juntos! (2) Ela está de acordo com o problema conhecido na Galácia e complementa a discussão desenvolvida até este ponto. Os judaizantes exigiam circuncisão e obediência à lei como fatores necessários para a perfeição da fé. Asseverando a completa incompatibilidade entre as obras da lei e a fé no evangelho, Paulo insistia em que tais exigências constituíam um repúdio da fé. Submeter-se a elas seria comparável ao fato de um filho que, tendo entrado na posse plena de sua herança, insistisse em um retorno à servidão dos seus anos de minoridade. (3) A mesma lei que requeria a circuncisão e a adesão a leis dietéticas também especificava a observância de dias e estações especiais (4:10). Admitimos que estas épocas estavam muitas vezes relacionadas com as fases da lua. Contudo, parece ser uma conexão muito tênue, para se encontrar aqui evidências de uma relação com a crença pagã em divindades astrais. Pelo contrário, elas representavam mais os princípios rudimentares de religião que eram característicos dos anos de minoridade (4:9). O leitor pode ficar admirado com o sentido em que as terríveis divindades astrais, que conservavam toda a humanidade em terrível cativeiro, podiam ser consideradas fracas e miseráveis! (4) Na verdade, em 3:19b, Paulo evoca a tradição judaica que associa anjos com a outorga da lei. Embora esta referência, inclusive o versículo seguinte, seja obscura, parece provável que se pretenda alguma depreciação da lei. Porém requer-se algum esforço para converter estes anjos ordenados em deuses astrais tiranos. (5) Em Colossenses 2:8, esta frase ocorre em um contexto em que Paulo adverte os leitores contra "a tradição dos homens". Em Colossenses 2:20, ela ocorre em íntima conexão com uma admoestação a respeito dos "preceitos e doutrinas dos homens" (2:22). Em cada caso, os "rudimentos do mundo" parecem expressar o sentido da frase em questão. (6) Esta mesma frase, expressa da mesma forma, não foi encontrada em quaisquer outras fontes. Por isso, não pode ser feita nenhuma declaração com base no seu uso. Visto que um significado conhecido de **stoicheia** é "corpos celestiais", fica-se em dúvida quanto ao fato de o mesmo termo ser usado para descrever as divindades astrais, que supostamente habitavam os astros. (7) Em Hebreus 5:12 **ta stoicheia** ocorre em uma frase cuja tradução toda é "os princípios elementares dos oráculos de Deus", isto é, os rudimentos.

O significado que Paulo quis dar à frase em questão continua problemático. Porém a força cumulativa dos argumentos acima apresentados merece mais consideração do que lhe dão freqüentemente os escritores modernos. Se esta acepção prevalecer, então Paulo está descrevendo o tempo que os judeus passaram sob a lei e a experiência pré-evangélica dos gálatas como período de imaturidade ou minoridade religiosa e espiritual. Era um período em que eles eram governados por meros rudimentos. Era tanto temporário como preparatório; previa um cumprimento.

Isto aconteceu quando veio **a plenitude dos tempos** (cf. Mar. 1:15). Isto corresponde ao **tempo determinado pelo pai**, no verso 2. O período de minoridade sob a lei terminou na hora que Deus escolheu. Isso não pressupõe um esquema cronológico, de eras sucessivas, calculáveis com dados na forma de sinais, como no apocalipse judaico. Também não dá a entender uma evolução de idéias que constituíam uma **preparatio evangelica**, vg., a cultura grega, a lei romana, a esperança judaica. Duncan (p. 128) escreve: "Não foi o **progresso** do homem que impeliu Deus a agir, mas, sim, a sua **necessidade**." Essas elaborações, embora interessantes, provavelmente interpretam de maneira errada esta passagem. Da mesma forma, ela não se parece com o conceito grego de cumprimento, como produto do trabalho de um poder

impessoal, governado pela necessidade. Pelo contrário, descreve a decisão soberana de um Deus vivo, que tem disposição misericordiosa para conosco. [18]

A essa época **Deus enviou seu Filho**. O Filho preexistente estava com o Pai, e foi por ele enviado ao mundo (cf. I Cor. 8:6; Fil. 2:6,7; Col. 1:15-17; Rom. 8:3; Heb. 1:1,2). **Nascido de mulher** indica a maneira de sua vinda: ele se tornou um conosco em nossa humanidade. **Nascido debaixo de lei** especifica ainda mais a sua humanidade: ele se fez judeu, sujeito à lei.

Uma cláusula de duplo propósito, sem conjunção, no verso 5 (cf. 3:14), torna clara a intenção de Deus, ao enviar o seu Filho. A primeira cláusula diz que ele fez isto **para resgatar os que estavam debaixo de lei**. Esta é uma forma do mesmo verbo (**exagorazõ**) que Paulo usou em 3:13, para descrever a redenção, operada por Cristo, daqueles que estavam debaixo da maldição da lei. Ali se declarara que Cristo realizara tal redenção através da morte de cruz. A segunda cláusula diz que ele fez isto **a fim de recebermos a adoção de filhos**. Isto altera um tanto a figura. O versículo 1 descreve um filho durante os anos de sua minoridade, chegando à hora quando iria entrar na plenitude de sua herança. Aqui, uma pessoa de fora da família é adotada nela. É melhor aprender a acostumar-se com estas variações, nas ilustrações de Paulo, do que tentar forçar uma coerência que aí não se encontra. Em ambos os casos eles são filhos!

A palavra traduzida como adoção de filhos é **huiothesian**. Ela não ocorre na Septuaginta, e aparece em apenas cinco passagens do Novo Testamento, sempre nas cartas de Paulo (Rom. 8:15,23; 9:4; Ef. 1:5). Alguns escritores dizem que Paulo apresenta esta metáfora para distinguir entre a filiação de Cristo e dos crentes, isto é, que Cristo é um Filho por natureza, e nós, filhos pela graça. Mas isto parece forçado. Em 3:26, os crentes são designados como filhos de Deus sem qualquer referência à adoção.

A nossa filiação não é meramente uma condição formal. É uma relação íntima: **Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai!** (cf. Rom. 8:15). Alguma diferença de opinião prevalece a respeito do significado da palavra grega **hoti**, que introduz o verso 6. A RSV a considera como causal, indicando a razão para o derramamento do Espírito: **porque sois filhos**. Não obstante, alguns comentaristas sugerem que ela é declarativa, indicando o fato da filiação: "que sois filhos." Desta forma, o derramamento do Espírito é evidência do fato da filiação (cf. Rom. 8:14). A forma anterior parece expressar o sentido mais natural, aqui.

Abba é o termo aramaico íntimo para designar pai, que Jesus introduziu em suas orações, como, por exemplo, em Marcos 14:36. Corresponde ao nosso "papai." **Pai** é tradução de **ho patêr**, equivalente grego de **Abba**. É interessante que esses termos são repetidos. Alguns acham que aqui se encontra uma fórmula litúrgica primitiva; outros, uma súplica enfatizada; e, ainda outros, uma tradução prática. [19]

Uma vez mais Paulo apelou para um fato da experiência comum para enfrentar a ameaça dos judaizantes (cf. 3:1-5). Eles estavam afirmando que os convertidos gálatas não podiam herdar as bênçãos de Abraão sem a circuncisão e a obediência à lei. Paulo aponta para a presença do Espírito Santo em seus corações como evidência da filiação deles. Por causa do que Deus fez, **já não és mais servo**. A escravidão da minoridade sob a lei acabou. Cristo veio. **És filho, e se és filho, és também herdeiro**. Desta forma, Paulo encerra a sua meditação acerca do significado de 3:29.

18 Veja o artigo de Gerhard Delling, acerca de **plēroō** e palavras correlatas em TDNT, VI, 286-311.

19 Joachim Jeremias, **The Central Message of the New Testament** (New York: Scribner's, 1965), p. 9-30, apresenta uma interessante discussão acerca de **Abba**.

4. A Insensatez de Recuar (4:8-11)

8 Outrora, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses; 9 agora, porém, que já conheceis a Deus, ou, melhor, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? 10 Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. 11 Temo a vosso respeito não haja eu trabalhado em vão entre vós.

Era impossível discutir o significado dos "espíritos elementares do universo" na passagem antecedente sem uma referência extensa a estes versículos. Assim sendo, um comentário mínimo será feito aqui.

Paulo faz o seu apelo urgente mais diretamente aos gálatas, lembrando a sua experiência religiosa anterior à fé cristã. Ele a descreve como uma época de ignorância a respeito de Deus. Fora uma época de servidão aos seres **que por natureza não são deuses.**[20]

Em contraposição a essa ignorância e escravidão anterior, Paulo descreve o presente estado dos seus leitores como uma condição em que **já conheceis a Deus**. Há muita verdade nesta declaração, mas Paulo imediatamente pensa em outra forma pela qual ele gostaria de expressá-la: **sendo conhecidos por Deus** (cf. Rom. 8:28). Isto alivia qualquer conotação de presunção que a declaração anterior pudesse ter. É menos susceptível à distorção. Reconhece a iniciativa de Deus na redenção do homem. Stamm (p. 530) comenta: "Ser conhecidos por Deus é ser salvos pela graça de Deus."

Até aqui o movimento, nesta passagem, havia sido da escravidão pagã para a libertação cristã. Agora Paulo aborda agudamente a ameaça presente na Galácia, a saber, uma recorrência à servidão anterior: **como tornais outra** vez? Quer isso incluísse **espíritos elementares** (RSV; cf. NEB, TEV, Moffatt) ou "ensino pueril" (TCNT; cf. Phillips, Barclay, NEB, marg.), ou **rudimentos fracos** e **pobres** (IBB), a definição continua incerta, como indicamos acima. Não obstante, aquilo para que os gálatas estavam se voltando era a exigência dos judaizantes para que eles aderissem aos requisitos da lei judaica. O versículo 10 menciona, especificamente, a observância de ocasiões especiais do calendário religioso judaico: **dias, e meses, e tempos, e anos.** No decorrer da maior parte da carta, a ênfase se exerce na exigência da circuncisão (v.g.: 2:3,12; 5:2-12; 6:12-15).

A apreensão de Paulo em relação aos gálatas era grande. Ele temia que os seus esforços no meio deles se demonstrassem **em vão.**

A característica chocante desta passagem é a sua aparente equação da ameaça da volta dos gálatas ao legalismo judaico com uma reversão ao seu paganismo anterior. Em outros contextos, Paulo afirma a superioridade do judaísmo em relação ao paganismo (como Rom. 3:1,2; 9:4,5). Porém aqui ele reúne ambos como servidão comum. O movimento da adoração pagã para a libertação cristã e desta para o legalismo judaico não é fé aperfeiçoada, como diziam os judaizantes. É fé rejeitada, um retorno à sua escravidão anterior.

5. Apelo à Amizade (4:12-20)

12 Irmãos, rogo-vos que vos torneis como eu, porque também eu me tornei como vós. Nenhum mal me fizestes; 13 e vós sabeis que por causa de uma enfermidade da carne vos anunciei o evangelho a primeira vez, 14 e aquilo que na minha carne era para vós uma tentação, não o desprezastes nem o repelistes, antes me recebestes como a um anjo de Deus, mesmo como a Cristo Jesus. 15 Onde está, pois, aquela vossa satisfação? Porque vos dou testemunho de que, se possível fora, teríeis arrancado os vossos olhos, e mos teríeis dado. 16 Tornei-me acaso vosso inimigo, porque vos disse a verdade? 17 Eles vos procuram zelosamente não com bons motivos, mas querem vos excluir, para que zelosamente os procureis a eles. 18 No que é bom, é bom serdes sempre procurados, e não só quando estou presente convosco,

20 Que Paulo negue **divindade** a estes deuses pagãos é óbvio, mas nega ele a **existência** deles? Em I Cor. 8:4-6 ele parece fazê-lo, mas, em I Cor. 10:20, refere-se a eles como "demônios".

19 meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós; 20 eu bem quisera estar presente convosco agora, e mudar o tom da minha voz; porque estou perplexo a vosso respeito.

Esta é uma passagem intensamente pessoal. Nela Paulo interrompe a discussão que estava elaborando desde 3:6 e que retomará em 4:21. Ela foi, provavelmente, desencadeada pela referência exclamativa aos seus esforços entre os galátas, constante do versículo anterior. Agora ele aborda este assunto mais intimamente.

Ele lembra as circunstâncias em que pregara pela primeira vez o evangelho a eles. Uma enfermidade fizera daquela ocasião um tempo de grande dificuldade, mas a recepção e o cuidado com que eles o haviam recebido tinham tornado mais fácil suportá-la. (v. 13 e 14). Esta agradável reminiscência propicia o pano de fundo para a sua angustiosa sondagem da separação que ocorrera entre eles (v. 15 e 16). Ele não hesita em impugnar as motivações dos intrusos judaizantes (v. 17) nem em protestar contra os seus leitores (v. 18-20).

O parágrafo começa com uma ordem, cujo significado é obscurecido por uma construção elíptica. Literalmente, ela diz: "Tornem-se como eu, porque eu também como vocês, irmãos, vos rogo." Se observarmos o contexto imediato, procurando um indício do significado do que Paulo está falando, parecerá, na primeira cláusula, que ele está recomendando que os seus leitores adotem a sua atitude em relação às exigências da lei judaica. Isto é, reconhecer que ela pertence ao período da minoridade religiosa, e não à época posterior à vinda de Cristo, que nos levou à nossa plena herança como filhos. Mas o que dizer da cláusula causal, que propicia a razão por que a ordem é dada? As principais possibilidades são: (1) "porque eu também me tornei gentio como vocês" (cf. I Cor. 9:21); (2) "porque eu outrora estava em escravidão debaixo da lei como vocês estão agora". A primeira interpretação tem a vantagem de entender o mesmo verbo na segunda cláusula como está presente na primeira (o texto grego não contém verbo na segunda cláusula). Alguns intérpretes propõem um significado relacionado menos especificamente com o contexto. Assim, Phillips traduz: "Sou um homem como vocês."

Nenhum mal me fizestes também não é claro. Algumas pessoas descobrem, aqui, a reação a uma declaração defensiva dos gálatas. Talvez os judaizantes tivessem dito que não estavam prejudicando Paulo pessoalmente, ao pregarem um evangelho mais autêntico (Stamm, p. 533). Ou, quem sabe, os gálatas tivessem declarado que não estavam fazendo isto em aceitar tal evangelho (Burton, 237). Alguns estudiosos vêem, aqui, uma negação genérica de qualquer mágoa contra os gálatas, por qualquer mal praticado (Duncan, p. 139). Alguns relacionam esta declaração com o tratamento oferecido a Paulo, na sua visita original à Gálacia (Ridderbos, p. 165). Longe de tratá-lo mal, eles o haviam tratado muito bem, como mostram os versos 13 e 14. Outros pensam que Paulo pode estar aludindo a circunstâncias desconhecidas de nós (Lightfoot, p. 174). Tão grande variedade de interpretações ilustra bem a inevitável dificuldade de interpretar cartas. Elas sempre presumem um campo comum de experiências entre correspondente e leitores, que não pode ser determinado por nós.

A **primeira** vez é o provável significado de **to proteron** (cf. NEB "originalmente"). Simplesmente indica o começo da experiência de Paulo com os gálatas. Porém, outros comentaristas insistem que este termo indica a primeira das duas visitas que Paulo supostamente fez à Galácia antes de escrever esta carta (cf. TEV e IBB). Os eruditos que sustentam a hipótese da Gálacia do Norte quanto à localização dos leitores da carta de Paulo encontram, em Atos 16:6 a 18:23, referências a essas duas visitas. Os que espo-

sam a opinião da Galácia do Sul tendem a atribuir essas visitas às fases de ida e volta da chamada primeira viagem missionária em Atos 13:4-14:28 (veja a discussão na Introdução). No entanto, parece não ser prudente pressupor duas visitas, em vista de evidências tão insuficientes.

Não há dúvidas quanto às circunstâncias que propiciaram a ocasião para a evangelização dos gálatas. Paulo diz que foi **por causa de uma enfermidade da carne**. Essa declaração tem dado origem a vários diagnósticos. Alguns estudiosos encontraram, no verso 15b e capítulo 6:11 evidência de que ele sofria de enfermidade nos olhos. Outros suspeitam de malária, contraída nas terras litorâneas da Panfília, e da qual ele teria procurado a cura nas altitudes maiores do sul da Galácia. Outros, ainda, optam por epilepsia. Não obstante, tudo o que o texto revela é que, enquanto viajava pelo território deles, Paulo sofrera uma doença suficientemente séria para exigir que ele parasse, para cuidar dela. Certas características desta enfermidade podem ter constituído em provas ou tentações especiais para os gálatas. (Algumas fontes redigem **mou** ou **mou ton**, em lugar de **humōn**; assim, traduziríamos "minha prova ou tentação".) Mesmo assim, eles não zombaram dele nem o desprezaram. Pelo contrário, receberam-no **como a um anjo de Deus, mesmo como a Cristo Jesus**. Eles sentiram-se afortunados em tê-lo no meio deles, não importava que cuidados isso acarretava.

É em contraposição a esta notável recepção que Paulo procura sondar o afastamento atual. Em outra época eles não lhe teriam negado nem os seus próprios olhos, se lhes fosse possível doá-los. Agora, o que acontecera para alterar aquela estima e o sentimento de privilégio deles em virtude de sua presença?

No verso 16, Paulo pergunta se ele próprio era a causa da separação. No entanto, a pergunta que ele faz revela que dificilmente aceitaria isto como possibilidade séria. Há mais retórica do que inquirição, aqui. É a espécie de pergunta que um amigo ofendido faz quando sente mais profundamente que está ferido. Ela, provavelmente, contém algum exagero na primeira parte: **Tornei-me acaso vosso inimigo**? O termo pode ser exclusivamente de Paulo. Duvida-se que os gálatas assim o considerassem. E esta interrogação contém uma base inadmissível na segunda parte: **porque vos disse a verdade**. Junte uma autodepreciação exagerada, com que a outra parte não corroboraria, com uma base de autocondenação para a separação, que a outra parte não poderia admitir; depois, coloque-as na forma de uma pergunta que requeira um "sim" ou um "não" como resposta, e você terá o material do qual se formam as brigas de namorados.

A verdadeira opinião de Paulo a respeito da causa do problema é revelada no verso 17. Ela se origina com os judaizantes, que estavam procurando zelosamente ganhar os gálatas para o seu lado. Observe que Paulo faz mais do que acusá-los de erro; ele impugna as suas motivações (cf. 1:7; 2:4,5; 6:12,13). Ao mesmo tempo, no verso 18, ele parece defender-se contra a possível acusação de inveja.

O parágrafo se encerra com intensas expressões de preocupação com o seu bem-estar espiritual e de tristeza por sua defecção. Em 3:1, ele se dirige aos seus leitores desta forma: "Ó insensatos gálatas!" Em 3:15 e 4:12, ele os chama de "irmãos". Mas aqui ele os chama de **meus filhinhos**. (Este é o diminutivo **teknia**. Algumas testemunhas grafam **tekna mou**, "meus filhos".) Ele evoca a metáfora das dores de parto para descrever a angústia que sentia, dizendo que **de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós**. Admitimos que a aplicação é confusa, dando azo a várias traduções e interpretações (TCNT: "até que uma semelhança de Cristo tenha sido formada em vós"; NEB: "até

que tomais a forma de Cristo"; etc.). No entanto, embora descrevam a aguda tristeza que Paulo sente por seus leitores, é uma aplicação forçada.

Esta carta é uma pobre substituta para a visita que Paulo gostaria de fazer à Galácia. Ele expressa o seu anseio de vê-los (cf. I Tess. 2:17,18; Rom. 15:23; Fil. 4:1). Ele anela por alterar o **tom** da voz com que fala com eles, mas confessa a perplexidade que eles lhe causaram.

6. **Demonstração Alegórica** (4:21-31)

21 Dizei-me, os que quereis estar debaixo da lei, não ouvis vós a lei? 22 Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. 23 Todavia, o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa. 24 O que se entende por alegoria: pois essas mulheres são dois pactos: um do monte Sinai, que dá à luz filhos para a servidão, e que é Agar. 25 Ora, esta Agar é o monte Sinai na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, pois é escrava com seus filhos. 26 Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é nossa mãe. 27 Pois está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz; esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque mais são os filhos da desolada do que os da que tem marido. 28 Ora, vós, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque. 29 Mas, como naquele tempo o que nasceu segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim é também agora. 30 Que diz, porém, a Escritura? Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre. 31 Pelo que, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre.

Esta é uma passagem difícil. Nela, Paulo volta a fazer a sua defesa do evangelho da graça, que começa em 3:1, mas é interrompido pelo apelo pessoal do parágrafo antecedente (4:12-20).

Outra vez ele se focaliza na pergunta: Quem são os verdadeiros filhos de Abraão (cf. 3:6-9,29)? Todavia, aqui as suas declarações são ainda mais contundentes. Ele não apenas reitera que a comunidade cristã representa a verdadeira linhagem abraâmica, mas também acusa os judeus não convertidos de serem, na verdade, descendentes de Ismael, filho banido de Abraão, gerado através de uma serva egípcia. **Os judeus são ismaelitas!** Este é o clímax estonteante que Paulo alcança nesta passagem. Para chegar a ele, apela para o significado alegórico de algumas narrativas familiares do Velho Testamento.

O parágrafo começa com um desafio aos gálatas, que são descritos como pessoas que **querem estar debaixo da lei.** O fato de que eles são tratados desta maneira, e não como pessoas que já estão debaixo da lei, sugere que a defecção está em processo, e não foi ainda completada. Paulo escreve urgentemente para impedir a calamidade que ameaçava. Visto que os judaizantes estavam baseando as suas declarações na lei, como notamos antes, é para esta fonte que Paulo apela, para refutá-los: **não ouvis vós a lei?** (A tradução da IBB como a da RSV indica corretamente que a forma da pergunta espera uma resposta afirmativa.)

Neste ponto, será bom que o leitor refresque a sua memória, reportando-se a Gênesis 16:1-18:15; 21:1-21. Esta é a parte da lei que abrange os dados pertinentes, descritos sumariamente nos versículos seguintes.

Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Por detrás desta simples afirmação se encontra uma pungente história de luta e leviandade doméstica, que Paulo não conta em minúcias. Embora os seus leitores fossem predominantemente gentios, ele presumia que estavam familiarizados com a narrativa. Com notável economia de palavras ele relembra, apenas mediante "flashes", o que era essencial para o seu objetivo.

Por ordem de Sara, que não tinha filhos, Abraão, seu esposo, gerou um filho através de Agar, serva egípcia de Sara (Gên. 16). Foi-lhe dado o nome de Ismael. Falando fisicamente, nada havia de extraordinário em relação à sua concepção e nascimento. Este é o significado da frase **kata sarka**, que a tradução da IBB verte literalmente como **segundo a**

carne (também a tradução da SBB: "segundo a carne"). A tradução Cartas às Igrejas Novas, de Phillips, é preferível: "segundo o curso normal da natureza" (cf. A Bíblia na Linguagem de Hoje, da SBB).

Vários anos mais tarde, Deus prometeu a Abraão um filho através de Sara, o qual se chamaria Isaque (Gên. 17:15-21). Deus especificou que seria com ele que iria estabelecer a sua aliança. Falando fisicamente, muita coisa foi extraordinária na concepção e nascimento de Isaque. Durante os anos de procriação normal Sara fora estéril: agora "a Sara havia cessado o incômodo das mulheres" (Gên. 18:11). Desta forma, o filho **da livre** nasceu **por promessa**.

Até este ponto, o mais tradicional dos judeus contemporâneos estaria de acordo com o relato de Paulo. No entanto, no verso 24, Paulo declara que isto **se entende por alegoria**. É importante que compreendamos este sentido aqui. Ele não pretende negar a integridade histórica dos eventos que relatou. Nem dá a entender que estava se aproveitando meramente de passagens bíblicas familiares, como base para formular uma ilustração alegórica. Duncan (p. 144) escreve: "Por **alegoria** ele entende algo mais do que uma **ilustração**: é uma verdade espiritual expressa na história, uma sombra do mundo eterno lançada sobre as areias do tempo." É este significado mais profundo arraigado no texto bíblico, esta prefiguração, que Paulo procura extrair e interpretar para os seus leitores. Ao fazê-lo, ele revela mais comunhão com a exegese rabínica de sua época do que com a exegese histórica de nossos dias. (Veja Barclay, **Letters to the Galatians and the Ephesians**, p. 44-46, onde se encontra uma breve discussão deste ponto.)

Essas mulheres são dois pactos. Esta identificação introduz o significado mais profundo que Paulo encontra no relato bíblico. No decorrer do verso 27, ele aproveita-se deste sentido alegórico em uma série de correspondências, sustentadas por uma citação bíblica. Este gráfico torna-as mais visíveis:

Agar, uma serva	Sara, a esposa
Ismael	Isaque
Nascimento normal	Nascimento extraordinário
Sinai: pacto da lei	Pacto da promessa; cf. 3:15-18
Gerando escravos	Gerando homens livres
Jerusalém agora	Jerusalém de cima
Eles: os judeus legalistas	Nós: a comunidade cristã

Este gráfico facilita duas observações: Primeiro, mostra a base para a surpreendente conclusão a que Paulo chega: de que a nação judaica, presa à lei e rejeitando Cristo, era os verdadeiros descendentes de Ismael. Semelhantemente, ele visualiza a base para a declaração de Paulo de que a comunidade da fé, ligada a Cristo e transcendendo a lei, era os verdadeiros descendentes de Isaque. Segundo, torna clara a urgente questão que motivou a elaboração desta carta. Os convertidos gálatas, em virtude de sua resposta de fé à pregação do evangelho da graça, pertenciam à coluna de Sara, como homens **nascidos para serem livres**. No entanto, devido à infiltração dos legalistas judeus, que estavam pervertendo o evangelho da graça, eles estavam ameaçados de serem removidos, por si próprios, para a coluna de Agar, como homens **nascidos para serem escravos**. Para Paulo, tal acontecimento era um convite ao desastre final, coisa que declarará, inequivocamente, em 5:2-4.

Há dificuldades, nestes versículos, que requerem comentário mais detalhado: (1) O significado do verso 25 é obscuro. A RSV como a IBB se baseia em testemunhas textuais, que dizem: **Esta Agar é o monte Sinai na Arábia**. Todavia, a NEB segue outras testemunhas, que dizem: "Sinai é um monte da Arábia (cf. RSV, marg.) Obviamente, pretende-se

reforçar a identificação de Hagar com a aliança da lei no Sinai, feita no versículo anterior. Porém o seu sentido exato permanece incerto. Burton (p. 259) acha que é provável que esta declaração seja uma glosa dos escribas. (2) Paulo apresenta o conceito da Jerusalém celestial no v. 26, sem qualquer explicação. Mas ele tem base bem firmada no pensamento judaico (cf. Ez. 40-44; Ag. 2:8,9; Zac. 2; Sir. 36:13,14; Tob. 13:9-18; 14:5; I Enoque 90:28,29) e na esperança cristã (cf. Fil. 3:20; Heb. 12:22; Apoc. 3:12; 21:2). (3) A KJV como a tradução antiga da IBB, ao traduzir este versículo, dizendo "a qual é mãe de todos nós", baseia-se em suporte inferior de manuscritos. A RSV como a nova tradução da IBB diz, corretamente: a **qual é nossa mãe.** (4) O versículo 27 introduz uma citação de Isaías 54:1. No seu contexto original, ela se dirigia a Israel no exílio. Com Jerusalém em ruínas, a nação se assemelhava a uma mulher abandonada, sem marido nem filhos. Todavia, Israel não permaneceria assim, pois Deus restauraria o seu povo à sua terra, para uma glória maior do que nunca. Desta forma, eles deviam exultar. Aparentemente, apenas uma mulher aparece na visão de Isaías: a mulher abandonada é a que deve se regozijar. Mas Paulo encontra, nessa citação, uma corroboração para a sua alegoria de Agar e Sara. Aquela que não tinha filhos deu à luz Isaque, através de quem a aliança da promessa de Deus passou a muitos, formando uma grande família.

No verso 28, Paulo reafirma a identidade da comunidade cristã com **Isaque** como **filhos da promessa**, usando-a como base para estabelecer outra analogia com o relato do Velho Testamento. (A tradução moderna da IBB **vós**, neste versículo, certamente tem maior base do que a antiga "nós"; cf. NEB). No entanto, ao referir-se à alegada perseguição de Isaque por parte de Ismael, ele excede às evidências bíblicas explícitas. O texto hebraico de Gênesis 21:9 simplesmente descreve Ismael rindo ou caçoando. A Septuaginta expande esta palavra simples, de maneira a significar "brincando com o filho dela, Isaque", como o faz a RSV. Não obstante, visto que o incidente teve lugar por ocasião de um festival que comemorava o desmame de Isaque, o qual desagradou grandemente a Sara, dá-se a entender pelo menos algum embaraço. Cresceu mais tarde uma tradição, ajudada pela referência feita, em Gênesis 21:20, à habilidade de Ismael como arqueiro, que ele havia tentado ferir Isaque com seu arco e flexa.

Para Paulo esta perseguição de Isaque, por parte de Ismael, prefigurava a perseguição dos cristãos, os verdadeiros descendentes de Isaque, por parte dos judeus não convertidos, de sua época, que eram os verdadeiros descendentes de Ismael.

E qual será o resultado disso? Mais uma vez Paulo volta à Escritura, para encontrar a resposta. Ele cita Gênesis 21:10, onde é dito que Sara exigiu que Abraão **lançasse fora** Agar e **seu filho**, para que ele não fosse herdeiro juntamente com Isaque. Isto prefigura o julgamento que Paulo vê Deus trazendo contra os seus patrícios que não eram convertidos. Eles seriam lançados fora; não herdariam a aliança da promessa.

Leia I Tessalonicenses 2:14-16, passagem que tem muito em comum com esta em questão. Depois leia Romanos 9 a 11 (especialmente 9:1-5; 10:1-4; 11:1-36), onde Paulo discute a condição espiritual da nação judaica, com compaixão e esperança de que por fim seja salva.

Pela terceira vez, neste parágrafo, o verso 31 repete a declaração de ascendência apropriada (cf. v. 26,28).

III. **Conduta Cristã** (5:1-6:10)

1. **Permanecer Livre em Cristo** (5:1-15)

O tema permanece o mesmo, mas agora a exposição passa a ser exortação, a

alegoria dá lugar à admoestação. Visto que os convertidos gálatas haviam **nascido para ser livres** (4:31), eles deviam **viver para permanecer livres**. Fazê-lo exigiria a determinação de evitar uma recaída no legalismo, por um lado (5:1-12), ou uma queda no libertinismo, por outro lado (5:13-15). Ambos eram abusos da liberdade cristã: o primeiro por falta, o segundo por excesso.

1) O Perigo do Legalismo (5:1-12)

1 Para a liberdade Cristo nos libertou; permanecei, pois, firmes e não vos dobreis novamente a um jugo de escravidão. 2 Eis que eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. 3 E de novo testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei. 4 Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes. 5 Nós, entretanto, pelo Espírito aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. 6 Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão vale coisa alguma; mas, sim, a fé que opera pelo amor. 7 Corríeis bem: quem vos impediu de obedecer à verdade? 8 Esta persuasão não vem daquele que vos chama. 9 Um pouco de fermento leveda a massa toda. 10 Confio de vós, no Senhor, que de outro modo não haveis de pensar; mas aquele que vos perturba, seja quem for, sofrerá a condenação. 11 Eu, porém, irmãos, se é que prego ainda a circuncisão, por que ainda sou perseguido? Nesse caso, o escândalo da cruz estaria aniquilado. 12 Oxalá se mutilassem aqueles que vos andam inquietando.

Nenhum outro parágrafo desta carta é mais vigorosamente composto do que este. Ele contém apelo urgente (v. 1), advertência lúgubre (v. 2-4), fé vencedora (v. 5), negação arrasadora (v.6), reminiscência examinadora (v.7), acusação sumária (v. 8,9,10b), confiança animadora (v. 10a), apologética enraivecida (v. 11) e explosão grosseira (v. 12). As mudanças de tópico em tópico são introduzidas abruptamente.

Para a liberdade Cristo nos libertou. Um relance d'olhos no aparato crítico do texto grego revelará mais variantes textuais neste versículo do que podemos citar aqui. As mais importantes delas são: (1) se o pronome relativo **hē** (KJV e: "com que") pertence ao texto e, se assim é, a possível deslocação do artigo; (2) se o advérbio **oun** (**pois**) segue o verbo **stēkete** (**permanecei**) ou o substantivo eleutheria (**liberdade**); (3) a posição do pronome **hēmas** (**nos**). A KJV e a tradução antiga da IBB está baseada em um texto que coloca o pronome relativo depois de **eleutheria**: "Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou." A RSV, mais moderna, traduz um texto mais comprovado.

O Novo Testamento Grego de Aland inclui este versículo com o parágrafo anterior. Como tal, ele constitui o clímax da exposição alegórica de Paulo em 4:21-31, que culmina na defesa que ele faz do evangelho nos capítulos 3 e 4. De fato, de maneira notável este versículo capta a mensagem essencial de toda a carta. É **para a liberdade** (o artigo no texto grego especifica a liberdade descrita acima) que **Cristo libertou** os gálatas. Desta forma, eles eram instados a **permanecer firmes** e não concordarem em ser sobrecarregados ou enganados **novamente** com **um jugo de servidão** (cf. At. 15:10). Novamente Paulo iguala submissão às exigências dos legalistas judeus com uma volta à sua escravidão pagã anterior (cf. 4:9).

As terríveis conseqüências por terem deixado de renunciar e rejeitar a perversão legalista do evangelho de Cristo (cf. 1:7) são descritas em termos candentes nos versos 2 a 4. Desde 1:8,9, com exceção de 4:30, Paulo não evocava categorias tão lúgubres de juízo divino. Ali, ele havia sido pronunciado sobre falsos mestres; aqui, é dirigido contra os que pareciam prontos a abandonar a vocação graciosa de Deus em Cristo (cf. 1:6).

Eis que eu, Paulo, é uma forma muito enfática de chamar a atenção para o que ele está para dizer. Na verdade, **eis** é tradução de **ide**, forma imperativa de **eidon**, que se tornou partícula exclamativa. Literalmente, significa "Vejam!"

(cf. KJV e a nossa tradução da IBB: **Eis**; NEB: "Marquem as minhas palavras"; TEV: "Ouçam!" as quais são todas preferíveis à RSV.) Adicionada ao uso enfático do pronome pessoal **eu (egō)** e à inserção do seu nome (**Paulos**; cf. I Tess. 2:18; II Cor. 10:1; Col. 1:23; Ef. 3:1), a partícula exclamativa consegue causar um notável impacto. Mais tarde, as pessoas que estivessem ouvindo a leitura desta carta, nas igrejas, iriam aguçar os seus ouvidos para escutar o que ele passaria a dizer.

Se vos deixardes circuncidar é tradução da cláusula dependente (prótase), em uma sentença condicional que tem (em grego) **ean** e o subjuntivo. Como modo de contingência, o subjuntivo descreve uma ação que é potencial, e não atual (cf. 1:8). Não que os gálatas, na verdade, se tivessem submetido à circuncisão, e, dessa forma, a causa já estivesse perdida. Pelo contrário, prevalecia uma situação em que alguns deles estavam se inclinando, perigosamente, para a circuncisão, e, por isso, precisavam ser advertidos.

Que seria, se esses vacilantes gálatas finalmente sucumbissem à insistência dos mestres judaicos, para que eles se submetessem à circuncisão? A resposta de Paulo é clara e inequívoca: **Cristo de nada vos aproveitará**. A versão da IBB consegue capturar adequadamente a força da declaração de Paulo, que diz, literalmente: "Cristo não lhes adiantará nada." A. T. Robertson comenta, aqui: "Um caso suposto, mas com terríveis conseqüências, pois eles fariam da circuncisão uma condição de salvação. Nesse caso, Cristo não os ajudaria em nada." [21]

O versículo 3 introduz fortemente uma outra consideração, que os gálatas podem ter deixado de levar em conta: o homem que se submete à circuncisão igualmente se obriga a **guardar toda a lei** (cf. Tiago 2:8-11). Não se pode ser seletivo em termos de obediência. A lei não é supermercado em que alguns itens podem ser escolhidos e outros ignorados. Admitir a sua validade com respeito à circuncisão é colocar-se sob todas as suas exigências.

Separados estais de Cristo (cf. NEB: "a vossa relação com Cristo está completamente cortada"). Isto reitera e fortalece a declaração do verso 2. O verbo grego aqui é o aoristo passivo de **katargeō**. Notando o seu significado em outros contextos paulinos, podemos ampliar o nosso entendimento do seu sentido aqui. Por exemplo, ele aparece em Romanos 7:2, para descrever o que a morte faz com os direitos legais de um esposo sobre a sua mulher: ela os anula. Então a esposa "está livre da lei do marido". Na aplicação desta metáfora matrimonial, em Romanos 7:6, ele aparece novamente, para descrever o que a morte de Cristo faz em relação aos direitos que a lei tem sobre o crente: ela os anula. Ele é "liberto da lei". Observe-se que o movimento em Romanos é da lei para a graça. O que a graça faz para a lei? Ela a anula; separa-nos dela. No verso 4, o movimento é da graça para a lei. Paulo está falando àqueles que vos **justificais pela lei**. (A RSV verte corretamente **dikaiousthe** como presente conativo, expressando intenção: "vós que procurais justificar-vos na lei"). Os convertidos gálatas estavam considerando a submissão às exigências da lei em relação à circuncisão como necessárias para um relacionamento correto para com **Deus**. Se eles se submetessem, o que a lei faria à graça? Ela a anularia; ela nos separa da graça.

É uma estranha exegese negar ao verbo **katargeō**, em Gálatas 5:4, a plena força do seu significado, admitido em Romanos 7:6 (cf. Gál. 3:17; 5:11; II Tess. 2:8; I Cor. 6:13; 13:8-11; 15:26).

Da graça decaístes. No texto grego, há apenas três palavras: **tēs charitos exepesate**. O substantivo é um ablativo de separação, e o verbo é o aoristo ativo de

21 **Word Pictures in the New Testament** (Nashville: Broadman, 1931), IV, 309.

ekpiptō ("cair de"). Literal e ineludivelmente, quer dizer: "Da graça caístes." (O artigo especifica a graça de Deus em Cristo.)

A religião como evangelho e a religião como lei são mutuamente exclusivas (cf. 1:6,7; 3:12). Esta é a insistência retumbante de Paulo, nesta passagem, como de fato o é no decorrer de toda a carta. Elas não podem ser conjugadas. Voltar-se para a lei como de alguma forma necessária para efetuar um posicionamento correto para com Deus é voltar as costas para Cristo. É tornar-se alguém para quem Cristo não aproveita nada (v. 2). É estar separado de Cristo (v. 4a). É cair da graça (v. 4b). [22] Como este escritor o entende, esta era a posição de Paulo — nada menos, nada mais.

A primeira palavra do texto grego, do verso 5, é o pronome pessoal enfático **hēmeis (nós)**. Ele coloca o conteúdo deste versículo em agudo contraste com o verso 4. Ali Paulo descreveria uma esperança de justiça baseada em conformidade legal (pela lei). Qualquer convertido que se voltar a ela será separado de Cristo, e decairá da graça. Mas aqui ele descreve uma **esperança da justiça** baseada em entrega de fé. Inicialmente, o Espírito é recebido através da reação em fé à pregação do evangelho da graça de Deus em Cristo (3:2). Uma vez recebido, o Espírito, na vida do novo convertido, procura levá-lo à integridade como homem de fé (3:3). O alvo é uma justiça que permanecerá naquele grande dia escatológico em que Deus julgará todos os homens (cf. 5:10,21; 6:8; I Tess. 3:13; I Cor. 4:5; II Cor. 5:10; Rom. 2:1-11; 8:18-25). No tempo presente, esta é uma **esperança** aguardada ansiosamente. A RSV deixa de expressar a intensidade presente no verbo grego. A NEB é preferível: "aguardamos ansiosamente" (cf. Rom. 8:19,23,25). Ela coloca uma tensão criativa no centro da vida, que tem notáveis implicações éticas. De fato, alguém já descreveu a esperança como a fé no tempo futuro.

Por todos os cânones evangélicos, o verso 6 continua sendo uma das declarações mais significativas já escritas (cf. 6:15). A esperança da justiça que acaba de ser atestada propiciou o meio ambiente para esta arrasadora negação de todo legalismo: **Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão vale coisa alguma** (cf. NEB: "não faz nenhuma diferença"). Esta acusação inclui tanto o legalismo de ação como o legalismo de omissão. O primeiro é mais facilmente reconhecido. Não obstante, permanece o fato de que é possível um homem ter tanta esperança de aceitação diante de Deus em sua incircuncisão quanto outro tem em sua circuncisão. Para cada sistema de ação legalista, há um contrasistema de omissão legalista, costumeiramente administrado por aqueles que se consideram o último bastião da ortodoxia evangélica.

A circuncisão é um "é" carnal; a incircuncisão é um "não é" carnal; ambas são igualmente carnais! As duas não valem nada (cf. I Cor. 7:18,19)!

Então, o que é que vale? A resposta é magnificente, tanto por sua simplicidade como por sua profundidade: é a **fé que opera pelo amor**. Fé é a reação alegre e confiante à graça ilimitada de Deus em Jesus Cristo. Ela é dinâmica, e não estática. A fé opera, funciona (cf. Tiago 2:14-26)! Mas o meio pelo qual ela precisa operar é o amor (**di' agapēs**). Em I Coríntios 13:2b, Paulo escreve: "Ainda que (eu) tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria."

É isto que interessa: **a fé que opera pelo amor**. Allan (p. 79) escreve: "Seria bom se tivéssemos a coragem de colocar todas as nossas diferenças eclesiásticas e

22 Para verificar uma interpretação diferente, desta passagem, veja Kenneth S. Wuest, **Galatians in the Greek New Testament** (Grand Rapids: Eerdmans, 1956), p. 140-41. Ele faz distinção entre graça justificadora (ato judicial de Deus feito uma vez por todas) e graça santificadora (a graça para o viver diário, ministrada ao crente pelo Espírito Santo). É esta última, e não a primeira, que estava sendo frustrada.

teológicas debaixo da luz penetrante deste versículo." Em alguns casos, as nossas convocações religiosas expressam **carne que opera pelo orgulho ou ódio** — com a blasfêmia adicional de que isto é feito em nome de Jesus!

Corríeis bem. Paulo usou este mesmo verbo várias vezes, como metáfora do serviço cristão (cf. 2:2; I Cor. 9:24-26; Fil. 2:16). Novamente ele recorda os dias melhores que os gálatas haviam experimentado (cf. 4:13,14; 3:1-5). Mas então algo aconteceu para desviá-los do caminho, e Paulo deseja saber: **Quem vos impediu?** (O verbo grego significa "interpor-se" a alguém.) A conseqüência trágica desta tática foi que ela impediu os gálatas de **obedecer à verdade.**

De uma coisa Paulo está muito certo: **Esta persuasão não vem daquele que vos chama.** Não vem de Deus. Que acusação! Pois se ela não vem de Deus, de onde vem? É óbvio que os judaizantes estavam dizendo que tinham uma autoridade, para a sua mensagem, superior à de Paulo. No entanto, a vocação de Deus é na "graça de Cristo" (1:6). Se não é esta a mensagem que é dada, então ela não tem Deus como sua fonte. É uma persuasão estranha.

Paulo temia que a presença dos judaizantes na Galácia fosse uma influência perniciosa que permeasse todas as igrejas daquela região. Por isto cita um provérbio: **Um pouco de fermento leveda a massa toda.** Este é o mesmo ditado que ele menciona em I Coríntios 5:6, onde expressa temor a respeito do contágio pernicioso de um caso de flagrante imoralidade na igreja. De fato, com a única exceção de Mateus 13:33 (e o seu paralelo em Lucas 13:21), o fermento é sempre considerado, em o Novo Testamento, como um símbolo do mal.

Uma breve reafirmação de confiança em seus leitores interrrompe a acusação contra os falsos mestres judeus. **No Senhor** identifica a base dessa confiança. A versão da IBB traduz a sua substância: **de outro modo não haveis de pensar.** A última grande afirmação do evangelho, no contexto imediato, está no verso 6. Talvez seja em relação a isto que Paulo esteja confiante na concordância deles.

A tristeza de Paulo desencadeia uma condenação ainda mais contundente, dos falsos mestres: **Aquele que vos perturba, seja quem for, sofrerá a condenação.** Parece imprudente dar valor demasiado ao número — singular — do particípio e verbos deste versículo, como se ele sugerisse uma pessoa em particular. O plural desse particípio, em 1:7, e de um outro, em 5:12, argumentam contrariamente a essa tendência.

Paulo aponta para o fato de sua perseguição como a retufação mais óbvia da acusação de que ele **ainda** pregava a **circuncisão.** Nessa pregação, **o escândalo da cruz estaria aniquilado** (traduzido "separado", em 5:4). Em 6:12, Paulo acusará os judaizantes de pregarem a circuncisão "para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo".

Tal calúnia suscita em Paulo uma erupção tão violenta que a delicada sensibilidade de alguns dos seus admiradores tem sido ofendida: **Oxalá se mutilassem**, isto é, se emasculassem, **aqueles que vos andam inquietando** (A versão antiga da IBB frustra completamente a idéia de Paulo, bem como Phillips. Cf. A **Bíblia na Linguagem de Hoje**: "eu gostaria que se castrassem de uma vez!" e Tradução Novo Mundo: "ficassem eles mesmos emasculados").

Paulo estava escrevendo para um povo que vivia em uma região em que havia religiões pagãs que praticavam a autoemasculação, como, por exemplo, a seita de Cibele-Atis. Era o horrendo sacrifício ritual pelo qual um homem entrava no sacerdócio da seita daquela deusa. [23] Assim sendo, a erupção de Paulo é ainda mais chocante do que a princípio podíamos supor (cf. Deut. 23:1). Ele coloca a

23 Para uma vívida descrição de uma cena assim, veja a novela escrita por Sholem Ash, **The Apostle** (New York: G. P., Putnam's Sons, 1943), p. 298-303.

circuncisão judaica praticamente no mesmo nível da emasculação pagã. Se a **circuncisão** é eficaz, então a extirpação devia sê-lo ainda mais! (Cf. Fil. 3:2,3, onde um jogo de palavras intraduzível quase iguala as palavras **katatomēn**, "mutilação", e **peritomē**, "circuncisão".)

2) O Perigo do Libertinismo (5:13-15)

13 Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Mas não useis da liberdade para dar ocasião à carne, antes pelo amor servi-vos uns aos outros. 14 Pois toda a lei se cumpre numa só palavra, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. 15 Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais uns aos outros.

Uma recaída no legalismo não era a única ameaça à liberdade cristã que havia entre os gálatas. Havia também a ameaça do libertinismo. [24] Libertas das exigências legais, para conseguir um correto posicionamento para com Deus, algumas pessoas cediam à inclinação de se portarem frouxamente em relação aos requisitos morais, em sua vida, diante dos homens. Desta forma, a liberdade cristã degenerava em licenciosidade ética, horrível distorção e, como o legalismo, também numa forma de escravidão. Em pelo menos um aspecto o libertinismo era pior do que o legalismo: achava que o pecado é inconseqüente, ou que até é um bem, e, em nome de Cristo, ousava perpetrar o que é totalmente alheio a tudo o que conhecemos a respeito do pecado. O legalismo pode ser, de certa maneira, limpo; o libertinismo é costumeiramente sujo. Existe a coisa chamada "orgulho do publicano", bem como o orgulho do fariseu. De fato, ele representa a forma de hipocrisia que é mais acariciada e menos reconhecida em muitos ambientes da cena contemporânea.

Da mesma forma como a liberdade cristã constitui a base para a advertência de Paulo contra o legalismo, no verso 1, também aqui,no verso 13, ela propicia a base para a sua advertência contra o libertinismo. Os gálatas são admoestados para não usarem esta **liberdade para dar ocasião à carne**. (Originalmente **aphormēn**, "ocasião", era um termo militar que descrevia uma base de operações, lugar do qual um ataque era desfechado. Em o Novo Testamento, ele é encontrado apenas nas cartas de Paulo; cf. II Cor. 5:12; 11:12; Rom. 7:8,11; I Tim. 5:14). Pelo contrário, a liberdade que eles têm é **pelo amor**, para servirem-se **uns aos outros** (cf. 5:6). Isto é coerente com o resumo da lei acerca de nossa responsabilidade para com os outros: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (cf. Lev. 19:18; Luc. 10:25-37; Mat. 22: 34-40; Rom. 13:8-10; Tiago 2:8). Esta liberdade é frustrada quando o povo de Deus se **morde e devora uns aos outros** (palavras que descrevem uma selvagem luta entre animais). Isto é libertinismo, também. Além do mais, é uma forma dele que Paulo suspeitava que estivesse prevalecendo entre os seus leitores (**ei**, "se" com o indicativo, sugere uma condição existente). A não ser que fosse interrompida, eles podiam se **consumir uns aos outros**.

2. Andar Pelo Espírito (5:16-26)

16 Digo, porém: Andai pelo Espírito, e não haveis de cumprir a cobiça da carne. 17 Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis. 18 Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. 19 Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia, 20 a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, 21 as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas

24 Isto levou Ropes a concluir que Paulo estava empreendendo uma batalha em duas frentes, nesta carta: contra os judaizantes, em 3:1-5:10; 6:12-15, e contra os "radicais espiritualistas" ou libertinos, em 5:11-6:10; cf. Lightfoot e Stamm.

praticam não herdarão o reino de Deus. 22 Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, 23 a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei. 24 E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. 25 Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito. 26 Não nos tornemos vangloriosos, provocando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros.

A adesão à lei era necessária para salvaguardar a moral dos convertidos gálatas? Se não fossem sustentados e guardados pela lei, não resvalariam eles de volta aos caminhos pagãos? É provável que os judaizantes estivessem alegando justamente isto. No pensamento deles, a obediência à lei era a única alternativa para não voltarem às antigas imoralidades.

Mas Paulo se contrapõe firmemente a essa insistência. Existia ainda outro caminho: o caminho do evangelho — **andai pelo Espírito.** Quando os gálatas agissem desta forma, é certo que não seriam vencidos pelos prementes desejos de sua velha natureza carnal (v. 16-21). Pelo contrário, produziam o fruto do Espírito (5:22-26).

Aqui é apresentada uma ética evangélica completa. Ela é dinâmica, espontânea e criativa. Não é um novo legalismo, mais elevado do que o antigo. É graça viva, expressa na vida diária.

Digo, porém, é um artifício para chamar a atenção para a afirmação importante que se segue (cf. 5:2). **Andai** é tradução de um imperativo presente (este verbo é freqüentemente encontrado em passagens outras de Paulo; cf. Rom. 6:4; 8:4; II Cor. 5:7; Col. 1:10). Como tempo linear, pode ser traduzido assim: "continuem andando." **Pelo Espírito** pode ser "em Espírito", indicando a esfera em que se anda (cf. KJV, IBB antiga e Phillips). **Não haveis de cumprir** é uma adequada tradução do texto grego, que é o subjuntivo em uma cláusula de negação enfática. Em grego, como em português, duas negações intensificam-se mutuamente. Desta forma, esta cláusula está bem traduzida como **não haveis de cumprir a cobiça da carne.** Paulo usa o termo **carne** em sentido metafórico, e não metafísico. Ela designa a natureza mais baixa (cf. NEB e Phillips) ou a desgraçada natureza humana (cf. TEV). A tradução a seguir incorpora estes pontos de exegese: Continuem andando pelo (ou no) Espírito, e certamente vocês não cumprirão os desejos da carne." A tradução da IBB verte a primeira cláusula como ordem e a segunda como notável promessa baseada sobre a ordem dada na primeira. Nisto ela traduz fielmente o original.

O crente jamais é vencido pelos desejos da carne, **enquanto** estiver andando pelo Espírito. Todavia, se o seu caminhar se tornar esporádico, ou cessar, qualquer coisa pode acontecer, e, geralmente, acontece.

O versículo 17 comenta a promessa do verso 16. Ele retrata a luta contínua, que acontece na vida cristã, entre os desejos da carne e o Espírito. **Porque a carne luta contra o Espírito** (A versão antiga da IBB contém "a carne cobiça contra o Espírito", traduzindo um verbo grego). Contudo, é satisfatória a tradução moderna. **E estes se opõem um ao outro**, descreve a luta incessante, sem quartel.

Até este ponto, o significado do versículo em pauta é razoavelmente claro. Todavia, o sentido da última cláusula está aberto a questionamento. Primeiro, será que ele denota resultado ou propósito? A versão antiga traduz de acordo com o primeiro sentido, bem como a versão moderna: **para que não façais o que quereis.** Visto que a palavra grega **hina** com o subjuntivo geralmente denota propósito, a RSV traduz: "para impedir-vos de fazer o que quereis". Segundo, a qual dos antagonistas, na luta, carne ou Espírito, se aplica esse impedimento? Burton (p. 302) diz que é a ambos: "Se o homem escolhe o mal, o Espírito se lhe opõe; se ele escolhe o bem, a carne o impede." Mas Duncan (p. 167-68) pensa

que esta maneira de entender a passagem em foco dá a idéia de uma reserva, como se a carne e o Espírito combatessem em termos iguais e, conseqüentemente, indecisos. Tal significado é impedido pela grande promessa do verso 16, se corretamente traduzida (veja acima). Desta forma, ele chega à conclusão de que essa oposição se aplica apenas aos desejos da carne, isto é, o Espírito contende com a carne, para impedir-nos de sermos vencidos pelos seus desejos. Tecnicamente qualquer destes pontos de vista é possível; no entanto, parece que o último dá interpretação exagerada a esta passagem (Rom. 7:15-25 deve ser lido em conexão com ela).

Em uma declaração sumária, Paulo afirma que os que são **guiados pelo Espírito** (cf. Rom. 8:14) não estão **debaixo da lei**. (A construção grega, **ei**, com o indicativo, denota uma condição presente, e não potencial.)

Ora, as obras da carne são manifestas. Estas obras apresentam uma notável caracterização da vida dominada pela carne, isto é, a desgraçada natureza humana. Pelo menos três áreas representativas da vida são abrangidas nesta lista de vícios (cf. Rom. 1:29-31; II Cor. 12:20,21; Ef. 5:3-5; Col. 3:5-10). São: sexo, culto e relações sociais. Observe-se que os atos da carne são distorções de impulsos ou capacidades, com notável potencial para o bem.

Sexo — Não há nada de errado no impulso sexual propriamente dito. Não é algo que o homem adquiriu na queda, mas, pelo contrário, pertence-lhe em virtude da criação. Quando a sua expressão está debaixo do domínio do Espírito, produz um bem indescritível. Leva à riqueza de um relacionamento de amor entre marido e mulher. Leva ao nascimento e criação de filhos no lar. Continua sendo parte importante daquela participação íntima da vida toda em que cada pessoa floresce como ser amado e alvo de interesses.

Porém, o que acontece quando o impulso sexual está sob o domínio da carne? Ele produz o seguinte: (1) **prostituição**. Esta palavra designa relações sexuais promíscuas, tanto pré como extramatrimoniais. (2) **impureza**. Esta descreve a impureza moral, termo mais amplo do que "prostituição". Em sete, das nove vezes que Paulo a usa, ele a associa com outras palavras que designam sexo incorreto, como aqui. (3) **lascívia**. A conotação aqui é de total devassidão em termos de relações sexuais, irreprimidas por qualquer senso de decência ou vergonha.

Em nenhum ponto os primeiros pregadores do evangelho tiveram mais dificuldade em plantar uma consciência cristã do que em conexão com as relações sexuais. O mundo greco-romano, que eles procuravam evangelizar, estava dominado por dissolução sexual, tanto natural quanto pervertida. Muitas vezes propiciavam-se sanções religiosas para as suas degradações, que pareciam sempre disponíveis sem dificuldade. Paulo classifica todas essas aberrações como evidentes **obras da carne**.

É inimaginável que nos dias atuais haja líderes de grandes denominações, historicamente evangélicas, que parecem inclinados a redefinir o adultério, a prostituição e o homossexualismo como fruto do Espírito! Com frases altissonantes a respeito do amor como o único referencial permanente, e cada nova situação como um contexto no qual se pode determinar a correção ou incorreção de conduta sexual pré ou extramatrimonial, eles parecem estar determinados a obliterar a própria consciência, que a cristandade primitiva estabeleceu com tanta dificuldade. Ética de situação freqüentemente significa imoralidade seletiva!

Adoração e Culto — Nada distingue mais o homem do que a sua capacidade de adorar. Da mesma forma como há um anseio da parte de Deus de revelar-se ao homem, também há, neste implantada, uma profunda necessidade de co-

nhecer e adorar a Deus. Sob o domínio do Espírito, isto leva à libertação do presente século mau através da fé em Jesus Cristo (1:5), com todo o significado e consolo da verdadeira religião.

Mas o que acontece quando esta fome básica sucumbe sob o domínio da carne? Leva à **idolatria**, espetáculo trágico, em que os homens adoram os deuses que eles mesmos criaram, quer moldados por suas mãos quer por suas mentes. Ela leva também à **feitiçaria**, que é a prática de artes mágicas, em conexão com adoração idólatra.

Relações sociais — O homem é um ser gregário. Ele é dotado de impulsos que o levam a procurar companhia e estabelecer comunidades. Emil Brunner escreve: "Toda a existência humana é edificada sobre o fato de que o homem não consegue viver como indivíduo solitário." [25] Sob a influência do Espírito, este impulso leva a relacionamentos de grande significado; o estabelecimento de vida comunitária e o compartilhamento de habilidades e bens.

Porém, o que acontece quando esta necessidade social é dominada pela carne? Leva às seguintes obras da carne: (1) **inimizade** (NEB, "querelas"). (2) **contendas**. Em o Novo Testamento, **eris** sempre dá a entender um sentido pejorativo. (3) **ciúmes**. Em seis, das dez vezes em que esta palavra grega aparece nas cartas de Paulo, ela tem um bom sentido (cf. Rom. 10:2; II Cor. 7:7,11; 9:2; 11:2; Fil. 3:6). No entanto, aqui ela tem uma conotação negativa (cf. Rom. 13:13; I Cor. 3:3; II Cor. 12:20). (4) **iras** (NEB: "acessos de raiva"). (5) **facções** (NEB: "ambições egoísticas"). Originalmente, esta palavra tinha a conotação de trabalho mediante remuneração. Descrevia o espírito de partidarismo ou interesses próprios organizados. (6) **dissensões**. Literalmente, significa "ficar à parte". (7) **partidos** (NEB: "intrigas partidárias"). A RSV traduz esta palavra como "facções" em I Coríntios 11:19, que é a sua única outra ocorrência em Paulo. (8) **invejas**. A KJV e a versão antiga da IBB traduz aqui "homicídios", do grego **phonoi**, mas esta palavra não aparece nos melhores manuscritos. Ela aparece nesta seqüência em Romanos 1:29. (9) **bebedices, orgias** (NEB: "bebedeiras, orgias").

Que descrição da sociedade, antiga e moderna, sob o cativeiro da carne!

E coisas semelhantes a estas é uma frase qualificadora, que inclui todas as outras obras da carne. Depois desta sórdida relação, Paulo repete a advertência, que evidentemente era uma parte significativa da sua pregação missionária original aos gálatas: **os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus.**

O fruto do Espírito — Esta metáfora foi bem escolhida. A ética cristã é um produto da Presença Divina habitando no homem, e não da imposição de um legalismo de espécie mais elevada. Nenhuma lei já dada foi capaz de vivificar (3:21b); apenas pode instruir, requerer e provocar. O necessário é uma força dinâmica para se igualar com as exigências. Para o crente, esta dinâmica deriva do Espírito, que produz o seu fruto nele (cf. Mat. 7:16-20; Luc. 6:43-45; João 15:1-8).

Nos versos 22 e 23a, Paulo descreve nove qualidades ou aspectos do **fruto do Espírito**. São: (1) **amor**. Tudo o que a lei requer de nós, em nossas relações com os outros, é resumido na ordem de amar (5:14). Este não é um sentimento superficial nem benevolência recíproca. A sua melhor descrição está em I Coríntios 13; a sua mais perfeita personificação encontra-se em Jesus Cristo. (2) **gozo** (da mesma raiz da palavra traduzida como "graça"). É um inevitável companheiro do amor. A sua fonte está localizada tão profundamente na graça de Deus que nem mesmo as mais adversas circunstâncias podem estancar o seu fluxo. A perseguição não conseguiu varrê-lo das igrejas primitivas (cf. At. 8:8; 13:52;

25 **The Divine Imperative** (Philadelphia: Westminster, 1947), p. 211.

15:3), nem o encarceramento pôde tirá-lo de Paulo (Fil. 1:4; 4:11,12). (3) **paz**. Ela é tão básica para a experiência cristã, que aparece regularmente com a graça, nas bênçãos apostólicas (cf. 1:3; Rom. 1:7; I Cor. 1:3; II Cor. 1:2). (4) **longanimidade** ou **paciência**. Algumas pessoas são impacientes, sendo inclinadas a explosões de ira (cf. v. 20). Mas o Espírito faz com que nos tornemos longânimos, ou, de temperamento longo, capazes de suportar os revezes (cf. KJV: "long-suffering"). (5) **benignidade**. Em II Coríntios 6:6, traduzida por "bondade", esta palavra aparece novamente em conjunção com "longanimidade" (cf. I Cor. 13:4, onde as formas verbais destes mesmos substantivos estão lado a lado). No entanto, ela não designa uma afabilidade inócua, que nenhuma injúria pode ofender. Pois, em Romanos 11:22, Deus é descrito como alguém em quem tanto "benignidade" como "severidade" podem ser encontradas. (6) **bondade**. Esta palavra, no original grego, ocorre apenas quatro vezes em o Novo Testamento, todas nas cartas de Paulo (cf. II Tess. 1:11; Rom. 15:14; Ef. 5:9) Phillips a traduz como "generosidade". (7) **fidelidade**. Esta é uma palavra traduzida como fé; contudo, neste contexto, ela denota a qualidade de confiabilidade ou fidelidade. (8) **mansidão**. Esta palavra tem a conotação de força suave, de forma que "suavidade" seria mais adequada. A forma adjetiva dela é aplicada a Jesus em Mateus 11:29 (cf. Núm. 12:3, a respeito de Moisés). Barclay observa: Só um homem que fosse **praus** (manso) poderia tanto purificar o Templo dos mercenários que comerciavam nele quanto perdoar a mulher apanhada em adultério, a quem todos os ortodoxos condenavam" (Barclay, **Flesh and Spirit**, p. 120-21). (9) **domínio próprio**. Esta palavra aparece apenas em duas outras passagens do Novo Testamento (At. 24:25 e II Ped. 1:6). Ela descreve a força interior pela qual um homem se controla, recusando-se a ser levado ao léu pelos desejos ou impulsos diversos. É essencial para que se consiga a liberdade da tirania da carne.

Contra estas coisas não há lei. Não existe lei contra o fruto do Espírito! Isto raramente é notado, pois a sociedade não precisa de proteção contra os que ostentam estas qualidades. De fato, **os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências** (cf. 2:20). Pelo contrário, é contra os que perpetuam as obras da carne (v. 19-21a) que a sociedade precisa de proteção.

Os versículos 25 e 26 parecem consistir em uma transição para 6:1-10. Visto que os convertidos gálatas **vivem pelo Espírito**, é-lhes recomendado que **andem também pelo Espírito** (**ei**, com o indicativo, denotando realidade). Tal caminhar não dá lugar a **vanglória**, provocações mútuas, nem que fiquemos **invejando-nos uns aos outros**.

3. Observar Estes Mandamentos (6:1-10)

1 Irmãos, se um homem chegar a ser surpreendido em algum delito, vós que sois espirituais corrigi o tal com espírito de mansidão; e olha por ti mesmo, para que também tu não sejas tentado. 2 Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo. 3 Pois, se alguém pensa ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo. 4 Mas prove cada um a sua própria obra, e então terá motivo de glória somente em si mesmo, e não em outrem; 5 porque cada qual levará o seu próprio fardo. 6 E o que está sendo instruído na palavra, faça participante em todas as boas coisas aquele que o instrui. 7 Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. 8 Porque quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. 9 E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. 10 Então, enquanto temos oportunidade, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé.

Paulo encerra o corpo principal de sua carta com uma série de ordens frouxamente encadeadas. Na verdade, há sete

imperativos, nestes dez versículos, e cada um deles trata de algum aspecto prático da vida cristã. Eles podem ser considerados como uma elaboração do caminhar-no-Espírito, que ele abordara em 5:25.

1) **Restaurar os caídos** (v. 1) — Qual deve ser a atitude de um crente em relação a outro que é **surpreendido em algum delito?** O verbo grego é traduzido de maneira semelhante na versão antiga da IBB. Não obstante, ele é capaz de outro significado, a saber, "ser vencido, colhido", por algum delito (cf. TEV, Phillips, NEB, margem). A palavra traduzida como **delito** significa, literalmente, cair para o lado.

A resposta de Paulo para esta pergunta encontra-se na ordem **corrigi o tal.** O verbo grego usado aqui aparece em Mateus 4:21 e Marcos 1:19, para descrever os pescadores emendando as suas redes. Ele foi usado por antigos escritores para descrever o ato de um cirurgião pondo no lugar os ossos de um membro fraturado. Esta ordem é dirigida particularmente aos que são **espirituais.** De fato, todos os crentes receberam o Espírito (3:2), mas nem todos abundam nos frutos do Espírito (5:22, 23a). É a estes últimos que deve ser confiado o delicado ministério de recuperação dos faltosos.

Esses se aproximarão da pessoa em dificuldades, **com espírito de mansidão** (cf. 5:23). E colocarão a sua própria conduta sob observação minuciosa e intensa: **olha por ti mesmo** (Neste ponto, o número muda de plural para singular). **Para que também tu não sejas tentado** é uma percepção essencial à compaixão.

2) **Levar as cargas uns dos outros** (v. 2) — Este versículo roga em favor do fortalecimento daqueles que **levam** pesadas **cargas** (pesos). No texto grego, é o pronome recíproco, e não o verbo, que aparece em primeiro lugar, na sentença — posição de ênfase: "Uns dos outros levai as cargas." Fazer isto é **cumprir a lei de Cristo.**

3) **Evitar o hábito de censurar** (v. 3-5) — O orgulho se opõe ao compartilhamento de cargas. Ele tende mais a morder do que a suportar, mais a devorar do que a aliviar (5:15).

Orgulho é presunção (5:26a). Ele exige homenagens, e o reconhecimento de um valor superior. Onde isto não se manifesta, leva a um círculo vicioso de desafios e contradesafios, provocação mútua, e não carregamento mútuo de fardos (5:26b).

Inveja é a guarda avançada que o orgulho sempre manda à frente, para patrulhar território ocupado (5:26c). Baseando-se em seu reconhecimento é que são declaradas as "guerras quentes" das rivalidades pessoais. Isso é a antítese de andar pelo Espírito (5:25).

O orgulho explora as fraquezas dos outros, em seu próprio benefício. Qualquer pensamento de restaurar os caídos está fora de sua estratégia. Ele é afetado, e não se dá conta dos seus próprios defeitos, imaginando-se incapaz dos fracassos tão facilmente encontrados nos outros.

O orgulho é amor-próprio inflado. É a tendência de o homem pensar que é **alguma coisa, não sendo nada.** Isso sempre cria um vácuo de credibilidade entre o amor-próprio e o valor real. A ilusão é aumentada pela prática de se comparar favoravelmente em relação aos outros (cf. II Cor. 10:12; Luc. 18:9-14). Exagerando o seu próprio valor e depreciando o dos outros, a distorção funciona de ambos os lados: ele **engana-se a si mesmo.**

O remédio para este jogo de espelhos vem na forma de uma conclamação para um auto-exame rigoroso: **prove cada um a sua própria obra.** Observe-se a introspecção de critérios, aqui. Não os fracassos dos outros, mas o valor de suas próprias conquistas — é aí que o teste é aplicado de maneira apropriada. Qualquer senso de bem-estar resultante se baseará no sólido alicerce de realizações verdadeiras, e não no entulho sórdido de comparações depreciadoras.

O versículo 5 é algo problemático. Parece contradizer o conselho de Paulo que consta no verso 2. Na verdade, duas palavras gregas diferentes são usadas nesses versículos: **barē** acima, e **phortion** aqui. Ambas são traduzidas como "carga" na versão antiga da IBB, enquanto a versão nova traduz a primeira como **cargas** e a segunda como **fardo** (cf. NEB: "essas cargas pesadas" e "o seu próprio fardo"). Em contextos diferentes, **phortion** designa a carga de um navio (At. 27:10), o fardo da lei (Mat. 23:4; cf. Mat. 11:30), ou a mochila de um soldado. No entanto, não é possível estabelecer uma distinção aguda entre essas duas palavras. Mas o contexto indica claramente que, no verso 2, Paulo está pensando em fardos que podem ser compartilhados e, no verso 5, naquilo que a pessoa precisa carregar sozinha. Andar pelo Espírito leva a ambos.

4) **Repartir com os mestres** (v.6) — Aqui Paulo fala a respeito de levar os fardos com referência especial ao sustento dos mestres (cf. I Tess. 2:6,9; I Cor. 9:6-18; II Cor. 11:7-11; Fil. 4:14-18). Este versículo propicia evidências da importância dada à instrução religiosa nas congregações cristãs primitivas. Em época assim relativamente remota, havia pessoas que devotavam, ao ensino, tempo suficiente para que se tornassem necessárias provisões para o sustento delas. Sobre quem recairia essa responsabilidade mais apropriadamente do que sobre os que participavam dos benefícios da instrução de tais mestres? Desta forma, **o que está sendo instruído na palavra**, isto é, na mensagem cristã, deve repartir o que tem com **aquele que o instrui**. Desta maneira, cada um entra no trabalho do outro através de um compartilhamento mútuo daquilo que pode dar.

Todas as boas coisas não podem ser limitadas ao sustento material, como se este fosse o único compartilhamento que podia ter lugar. A própria indefinição da expressão deixa aberto todo o espectro de comunhão que pode reunir catecismo e catecúmeno.

É interessante observar o que Paulo fez em vários lugares em relação ao assunto de sustento financeiro. Embora tivesse direito a ele, nem sempre o esperou ou aceitou. Entre os crentes pobres e perseguidos de Tessalônica, ele trabalhou dia e noite enquanto pregava a eles o evangelho, para que não agravasse o seu fardo econômico (I Tess. 2:9). Porque havia, em Corinto, aqueles que estavam prontos a acusá-lo de estar pregando por dinheiro. Paulo recusou-se a aceitar qualquer sustento da parte deles (II Cor. 11:7-11). Mas quando ele encontrou uma igreja como a de Filipos, que interpretava o sustento financeiro como forma de participar do seu trabalho missionário, ele aceitou com gratidão essa ajuda, e agradeceu a eles por se tornarem seus parceiros no evangelho (Fil. 4:14-18).

Ninguém jamais descobriu Paulo fazendo dos fundos a ele confiados um uso que levasse os seus "parceiros" a se arrependerem de suas ofertas sacrificiais (cf. II Cor. 8:13,14).

5) **Parar de enganar a si mesmos** (v. 7 e 8) — Esta passagem conhecida começa com uma ordem abrupta: **Não vos enganeis** (um imperativo presente com **mē** proibindo uma ação um desenvolvimento; assim sendo, a tradução deve ser: "Parem de se enganar" ou "parem de serem enganados"). Quanto ao tom, esta expressão está em agudo contraste com o versículo precedente, em que Paulo falou da mutualidade que devia prevalecer entre os seus leitores e seus mestres. É por isso que parece imprudente considerar os versos 7 e 8 simplesmente como uma expansão ou reforço do verso 6. Por exemplo, Lightfoot (p. 219) considera mesquinhez o pecado habitual dos gálatas. Assim, Paulo no verso 6, os repreende por sua relutância em sustentar os seus mestres, e, nos versos 7 e 8, passa a uma censura genérica a respeito de sua falta de generosidade.

A ordem é apoiada por uma afirmação desigual: **Deus não se deixa escarnecer.** (O verbo grego, que só se encontra aqui, em o Novo Testamento, significa, literalmente, "levantar o nariz" para alguém, isto é, tratar com desprezo. Adaptada à nossa cultura, esta passagem pode ser assim traduzida: "Ninguém pense que zomba de Deus!") Isto não significa que tal coisa nunca aconteça, mas que jamais acontece sem conseqüências. Os homens zombam de Deus, mas não ficam como se não o tivessem feito.

De que consiste essa zombaria? A explicação é dada nas palavras: **pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará.** Aqui está a lei da ceifa aplicada ao caminhar cristão. O homem zomba de Deus quando pensa que pode semear **na sua carne** e **da carne** não semear **corrupção.** Ele zomba de Deus quando interpreta o evangelho da graça de qualquer forma que o leve a minimizar o pecado em sua vida, negando as suas conseqüências (cf. Rom. 6). Ele trata Deus desprezivelmente quando considera a salvação como uma imunidade para o pecado, ao invés de uma libertação dele; quando confia que não importa o quanto ele semeia na carne, **ceifará a vida eterna.**

Em 5:17, Paulo descreveu a luta sem quartel entre a carne e o Espírito na vida do crente. Em 5:19-21a ele caracterizara as obras da carne. Em 5:21b, ele repetiu a advertência dada anteriormente, de que "os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus". No entanto, os gálatas parecem que não o ouviram, pois ainda estavam inchados pela vaidade, invejando e lutando uns contra os outros (5:26). Eles precisavam de ordenanças como as que ele coloca diante deles em 6:1-5. Desta forma, ele rememora novamente as categorias de carne e Espírito, para reiterar a severa admoestação de 5:21b: **quem semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção.** Semelhantemente, da forma como ele caracterizara o fruto do Espírito em 5:22, 23a, aqui ele reitera que **quem semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna.**

Os homens têm um respeito pela natureza, que algumas vezes parecem não ter por Deus. Quem já ouviu falar de um fazendeiro que tentasse lograr a natureza, procurando colher batatas onde plantou trigo? No mundo natural, a lei da colheita é reconhecida universalmente: **tudo o que o homem semear, isso também ceifará.** Contudo, os homens são lerdos em reconhecer que a mesma lei da colheita funciona no mundo espiritual. Eles parecem ficar tão surpresos quando, ao semear rebeldia contra Deus, não colhem um mundo pacífico; tendo semeado fraude, não colhem governos estáveis; tendo semeado desonestidade, não colhem integridade na comunidade dos negócios; tendo semeado preconceito, não colhem boa vontade; tendo semeado concupiscência, não colhem casamentos felizes; tendo semeado fuga através do álcool e do fumo, não têm filhos e filhas que fujam das drogas. Isto é zombar de Deus, e zombar de Deus é preparar terreno para o desastre.

6) **Não se cansar** (v. 9) — A metáfora da colheita, dos versos 7 e 8, continua aqui. É possível uma pessoa semear bem e assim mesmo não obter uma colheita. Entre a semeadura e a ceifa há um período de labuta árdua, em que muitos obstáculos precisam ser vencidos. Há, freqüentemente, a tentação de desistir, quando o cansaço crescente faz com que o tempo ou a possibilidade da colheita pareça remota. O que se necessita é de uma paciência correspondente às exigências severas da época do cultivo. Isto acontece melhor nas pessoas em que a esperança da colheita permanece viva.

Paulo aplica esta metáfora ao **fazer o bem.** Aqui escoa-se um tempo de labuta enervante entre o plantio e a colheita (cf. II Cor. 4:8-10). A colheita pertence aos que **não houverem desfalecido.**

7) **Fazer o bem a todos os homens** (v. 10) — O versículo anterior enfatizou a esta-

ção da colheita; este versículo enfatiza a estação da semeadura, isto é, de **fazer o bem**. (A RSV como a versão da IBB traduz **kairos** como "estação", no verso 9, mas como "oportunidade", no verso 10, obscurecendo, desta forma, a semelhança que a metáfora agrícola transporta para este versículo.) Ambas as coisas são essenciais para uma boa colheita.

A **todos** os homens é atitude coerente com o espírito de Jesus Cristo, que comeu com fariseus (Luc. 7:36-50) e publicanos (Luc. 15:1,2; 19:1-10), bem como com os amigos (Luc. 10:38-42). Ele definiu "próximo" como qualquer pessoa que precise da nossa ajuda (Luc. 10:25-37). Todavia, uma sensibilidade toda especial deve prevalecer com respeito aos **domésticos da fé** (cf. Ef. 2:19; I Tim. 5:8). Esta expressão designa a unidade íntima de todos os crentes, isto é, eles constituem a casa de Deus através de Jesus Cristo. Uma percepção especial de suas necessidades não é uma negação de um interesse compassivo por todas as pessoas.

Este é o último dos sete imperativos constantes em 6:1-10. Eles encadeiam a passagem, articulando alguns aspectos práticos do que significa andar pelo Espírito. Formam um clímax apropriado para o corpo principal da carta.

Conclusão (6:11-18)

11 Vede com que grandes letras vos escrevo com minha própria mão. 12 Todos os que querem ostentar boa aparência na carne, esses vos obrigam a circuncidar-vos, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo. 13 Porque nem ainda esses mesmos que se circuncidam guardam a lei, mas querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne. 14 Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo. 15 Pois nem a circuncisão nem a incircuncisão é coisa alguma, mas, sim, o ser uma nova criatura. 16 E a todos quantos andarem conforme esta norma, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus. 17 Daqui em diante ninguém me moleste; porque eu trago no meu corpo as marcas de Jesus. 18 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito. Amém.

Uma comparação destes versículos com a conclusão de outras cartas de Paulo revela várias diferenças: (1) Não há referências ou saudações pessoais (cf. I Cor. 16:10-19; Rom. 16:1-23; Fil. 4:21, 22; Col. 4:7-17; Filem. 23,24). (2) Não há pedido de oração (cf. I Tess. 5:25; Rom. 15:30-32). (3) Não há revelação de planos de viagem (cf. I Cor. 16:1-9; II Cor. 13:1,2; Rom. 15:22-29). (4) Não há instruções para saudar a todos com ósculo santo (cf. I Tess. 5:26; I Cor. 16:20). (5) Não há nenhuma expressão de gratidão por favores passados (cf. Fil. 4:10-20).

Pelo contrário, há uma recomendação para notar que agora ele pegara a pena em sua própria mão (v. 11), uma reiteração da feroz controvérsia com os judaizantes (v. 12-16), uma ordem para que ninguém lhe causasse tribulação adicional (v. 17) e uma bênção breve (v. 18). Desta forma, tanto a conclusão como a saudação (1:1-5) são dignas de nota.

Ao escrever uma carta, era costume de Paulo tomar a pena da mão do seu amanuense e acrescentar uma conclusão pessoal (cf. I Cor. 16:21; Col. 4:18; II Tess. 3:17). Obviamente, este costume propiciava uma autenticação, mas na Epístola aos Gálatas algo mais se incluiu. Aqui, ele chama a atenção para as **grandes letras** com que escreve estas palavras finais. (A RSV e a versão da IBB é correta ao traduzir **grammasin** como um dativo ou instrumental de modo, chamando a atenção para a maneira distinta pela qual ele estava formando os caracteres gregos; cf. NEB e Phillips). Talvez as letras fossem escritas de maneira mais rude do que a caligrafia elaborada de um escriba profissional, servindo à função do negrito na imprensa moderna. Desta forma, o caráter forte da caligrafia, no final da carta, se coaduna com o caráter forte

de toda a carta. **Vos escrevo** traduz corretamente o aoristo epistolar grego **egrapsa**.

Os judaizantes não eram de se confiar, por várias razões. Uma delas era a sua preocupação primordial de **não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo**. O judaísmo oficial teria tolerado, como seita, um cristianismo que considerasse Jesus como o Messias e exigisse a circuncisão dos seus convertidos gentios. Isto teria removido "o escândalo da cruz" (5:11b). De fato, foi Paulo ter-se recusado a fazer esta exigência de seus convertidos que resultou em sua perseguição. (5:11a). Para escapar de constrangimento semelhante, às mãos dos seus conterrâneos, os judaizantes ansiosamente eram capazes de apontar um grande número de gentios a quem eles haviam persuadido a circuncidar-se. Desta forma, eles podiam **ostentar boa aparência na carne.**

Além disso, Paulo diz que **nem ainda esses mesmos que se circuncidam guardam a lei**. (A RSV e a versão da IBB seguem a variante **hoi peritemnomei,** que é o particípio presente. Isto torna possível uma referência mais inclusiva, isto é, todos que aceitam a circuncisão. Há base considerável para uma outra interpretação, **hoi peritetmèmenoi**, o particípio perfeito. Este designa mais claramente os judaizantes, a quem ele castigara no versículo antecedente — (cf. Mat. 23:1-4.) Pelo contrário, o maior desejo deles era **se gloriarem na vossa carne**.

Esta é a segunda vez que, em tantos versículos, ocorre a expressão "na carne". Ela indica a esfera física em que os judaizantes se baseavam para se gloriar. Paulo não estranhava esse tipo de religião (cf. 1:13,14; Fil. 3:4-6). Mas agora ele expressa a náusea que lhe causava a sua presença: **longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo** (cf. Fil. 3:7-11). A tradução de **mè genoito** como "Deus o proíba", da KJV, expressa melhor a sua força exclamativa do que a tradução mais literal da RSV e da IBB (cf. 2:17).

O significado da cláusula final do verso 14 é um tanto de se questionar. O problema deriva da incerteza referente ao antecedente da expressão grega **di'hou**. A RSV e a versão da IBB considera-o como **cruz**, e assim o traduz: **pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo**. A KJV considera-o como "Senhor Jesus Cristo" e assim o traduz: "por quem..." Visto que ambas as formas estão de acordo com o pronome relativo, qualquer um dos dois sentidos é tecnicamente possível, embora o primeiro seja mais provável. Aqui verifica-se um morrer em dois sentidos: o mundo para Paulo e Paulo para o mundo. No entanto, ele vive (2:19,20)!

Não que os judaizantes se gloriassem e Paulo não se gloriasse. Pelo contrário, os judaizantes gloriavam-se na carne dos gálatas, enquanto Paulo se gloriava na cruz do Galileu.

Corretamente entendida, a cruz de Cristo torna sem significado tanto a **circuncisão** como a **incircuncisão**. Este versículo é notavelmente semelhante a 5:6, onde a essência do evangelho é resumida como "fé que opera pelo amor". Aqui, ele é descrito como **uma nova criatura** (cf. II Cor. 5:17).

Esta é a **norma** (lit., cânon) pela qual Paulo queria que os seus leitores **andassem**. Um caminhar assim os distinguiria como **o Israel de Deus**, da mesma forma como no passado a circuncisão distinguia o antigo Israel. Sobre essas pessoas, **paz e misericórdia** são por direito invocadas (cf. 1:3).

Talvez mental e emocionalmente estafado por ter escrito carta tão difícil, Paulo a leva a uma conclusão, requerendo: **Daqui em diante ninguém me moleste**. Ele refere-se às suas cicatrizes de batalha: **porque eu trago no meu corpo as marcas de Jesus.** As **stigmata** são as cicatrizes ocasionadas pelos açoitamentos, apedrejamentos e outras provações que ele havia suportado no servi-

ço de Jesus Cristo (cf. II Cor. 1:8-10; 6:4-10; 11:23-33). Elas identificam-no como escravo ou devoto de Jesus Cristo. Em uma carta em que ele foi compelido a afirmar a divina autoridade do seu apostolado, ele termina com uma referência às suas feridas de batalha — elas também são credenciais.

A bênção final não é notável porque contém a expressão **com o vosso espírito**, pois Filipenses 4:23 e Filemom 25 são semelhantes. Pelo contrário, ela é incomum porque a última palavra antes do **amém** (no original) é **irmãos**. Embora este termo seja comum nas cartas de Paulo, em nenhuma outra carta ele aparece na bênção final. Ela constitui um final apropriado para uma carta em que a fidelidade apostólica exigia reprovações tão severas.

Efésios

RALPH P. MARTIN

Introdução

I. O Objetivo da Carta

Nenhuma parte do Novo Testamento tem uma importância contemporânea maior do que a Epístola aos Efésios. A sua importância como mensagem de Deus para a igreja moderna tem sido reconhecida tanto por eruditos protestantes como católicos romanos, e isto é verdade especialmente quando uma cristandade dividida procura encontrar uma base comum, participando de um estudo conjunto da Escritura. [1]

A doutrina de Cristo e da Igreja é o assunto ecumênico central dos meados do século XX; e nenhum documento do Novo Testamento fala mais relevantemente acerca deste tema. Em um nível diferente, o interesse acadêmico também tem-se focalizado nesta epístola. O debate mais antigo a respeito da autoria e autenticidade desta carta tem dado lugar a algumas preocupações mais recentes. O assunto agora é decidir se Efésios representa um desenvolvimento posterior do pensamento cristão acerca de tópicos essenciais da cristologia e da eclesiologia, e se essas características da carta a colocam em um período posterior à vida de Paulo, e no tempo de um "catolicismo incipiente". O assunto decisivo, para o qual E. Käsemann estendeu um dedo acusador, [2] é colocar esta epístola na corrente do cristianismo primitivo. Pertence ela aos últimos anos do ministério de Paulo em Roma e representa "o testamento espiritual de São Paulo à Igreja", [3] como o resumo final da obra e da vida do apóstolo, bem como do seu pensamento? Se a resposta for afirmativa, será melhor considerarmos esta epístola como "a coroa do paulinismo", segundo expressa C. H. Dodd. [4]

Por outro lado, eruditos europeus e também alguns americanos estão, em geral, convencidos de que, com base no vocabulário, estilo e conteúdo, essa carta não provém da mão de Paulo. Sobretudo, ela contém um corpo de doutrina desenvolvida que a coloca em um período posterior à vida de Paulo, e em uma época quando a Igreja estava crescendo em autoconsciência e como organização institucional. Características para as quais esses estudiosos apontam como indicações de datação posterior são: o decréscimo da ênfase escatológica em Efésios, uma doutrina altamente estruturada do ministério em que o apostolado de Paulo é venerado, o ensinamento da Igreja como corpo de Cristo, ao qual se dá um significado quase metafísico, e uma tendência moralizante no campo da ética cristã. [5]

1 "Em uma conjuntura especial do tempo, a saber, no século XVI, a Epístola aos Romanos foi redescoberta; agora estamos redescobrindo a Epístola aos Efésios como carta que fala à Igreja." Esta citação de W. Zollner procede de **Tradition and Traditions**, de Y. M. — J. Congar (New York: The Macmillan Company, 1967), p. 346. Veja também M. Barth, **The Broken Wall** (Philadelphia: The Judson Press, 1959).

2 E. Käsemann, "Ephesians and Acts", em **Studies in Luke-Acts**, ed. L. E. Keck e J. L. Martyn (London: SPCK, 1968), p. 288-297.

3 J. N. Sanders, em **Studies in Ephesians**, ed. F. L. Cross (London: Mowbray, 1956), p. 16.

4 C. H. Dodd, em **Abingdon Bible Commentary** (Nashville: Abingdon Press, 1929), p. 1224 e s.

5 Veja, por exemplo, W. G. Kümmel, **Introduction to the New Testament**, (London: SCM Press, 1966), p. 257.

Para antecipar a nossa conclusão, podemos dizer que a verdade se encontra mais ou menos no meio dessas polaridades. Este escritor tem argumentado [6] que foi um conhecido discípulo e companheiro de Paulo que publicou esta carta, sob a égide do apóstolo, durante o seu último encarceramento ou depois de sua morte. Ele o fez reunindo um compêndio dos ensinos de Paulo a respeito do tema de Cristo-e-sua-Igreja, e ele acrescentou a esse cerne de ensinamentos vários elementos litúrgicos (orações, hinos e confissões de fé) tirados da vida devocional das comunidades apostólicas com que ele estava familiarizado. O propósito desta epístola era mostrar a natureza da Igreja e da vida cristã para os que vinham a Cristo oriundos de uma herança e um ambiente pagãos, e lembrar os cristãos gentios que a teologia paulina de história da salvação nunca renegara os antecedentes judaicos dos quais a igreja gentílica (agora predominante) adviera.

Podemos imaginar o que motivara este manifesto, quando estudamos detidamente a principal ênfase da carta. Dois desses são os requisitos de que a vocação da vida cristã é para os mais elevados níveis de moralidade, tanto pessoal como social (4:17 e ss.; 5:3, 5, 12), e que os crentes gentios que gozam de ricos privilégios como membros do "um corpo em Cristo" possam nunca negar a herança judaica do evangelho sem separar aquele evangelho de suas raízes históricas. Daí a insistência da epístola (2:11,12) de que a esperança messiânica satisfaz todas as necessidades dos seus leitores gentios (3:6). Embora eles fossem convertidos a Cristo mais tarde no tempo do que os seus irmãos judeus (1:12,13), de forma alguma eram inferiores, por esse motivo. Pelo contrário, o privilégio que eles agora tinham os ligava indissoluvelmente aos seus irmãos na fé judeus; ambos os grupos participavam conjuntamente do Espírito Santo da promessa messiânica (1:13; 4:30).

O tema parece ser que os cristãos gentios que estavam acorrendo para a igreja estavam adotando um código moral frouxo, baseado em uma compreensão pervertida dos ensinamentos de Paulo (veja como evidência Rom. 6:1 e ss.).

A esse mesmo tempo, eles estavam se jactando de sua suposta independência em relação a Israel e estavam se tornando intolerantes para com os seus irmãos judeus cristãos, esquecendo-se do passado judaico da história da salvação (veja como evidência Rom. 11:13 e ss.)

Esta epístola verifica eficientemente noções estouvadas, e o faz expondo o verdadeiro significado do relacionamento de Cristo com a Igreja. Ele é o cabeça e Senhor dela, requerendo, desta forma, leal obediência e serviço; ele é o noivo, procurando uma noiva pura; e ele é tanto o Messias de Israel como a esperança dos gentios, unindo, desta forma, em si mesmo, um novo povo, formado de judeus e gentios. Na verdade, estas características distintivas da carta não são peculiares a Efésios, e o discípulo de Paulo expressou fielmente a substância dos ensinamentos do seu mestre. Mas ela a considerou de tal maneira que o seu ímpeto é dirigido no sentido de alguma doutrina ou prática errônea, que ele deseja contradizer. Grande parte da carta terá mais significado se procurarmos vê-la como magnificente declaração do tema "Cristo-em-sua-Igreja", embora apresentada e aplicada de forma que as falsas idéias e a ética errada são rebatidas. E, à medida que ouvirmos a voz de Paulo falando através do seu discípulo, poderemos usar o nome dele nas páginas que se seguem.

II. Algumas Características

Duas características desta epístola sobressaem claramente. Primeiro, exceto no parágrafo final, 6:21,22, o argumento e apelo desse documento são estranha-

6 R. P. Martin, "An Epistle in Search of a Life-Setting", **Expository Times**, lxxix, julho de 1968, p. 296-302.

mente impessoais e indiretos. Isto não significa que o apóstolo escreve como observador que não se envolve, interessado nos problemas e necessidades de seus leitores só à distância. Pelo contrário, ele expressa grande preocupação por eles, para que não sucumbissem sob os falsos mestres (4:14) nem perdessem os seus ideais éticos pelo fato de escutarem aqueles que os poderiam desviar (5:6). Ele se regozijava por ter certeza a respeito da firmeza cristã deles (1:15,16) e sabia que a fé, por parte deles, estava bem fundamentada (2:20). Como sinal de sua confiança neles, ele não hesita em solicitar as orações deles em seu favor (6:18-20).

No entanto, levando-se tudo isto em conta, permanece o fato de que o relacionamento do apóstolo com os seus leitores estava longe de ser íntimo. Desta forma, Efésios constitui um contraste com outras cartas paulinas, tais como Gálatas e Filipenses, em que as características pessoais são pronunciadas e persistentes. Aqui, o apóstolo ouviu falar da profissão cristã dos seus leitores através de canais indiretos (1:15) e sabe que foi tão-somente desta forma que eles ouviram falar do seu ministério apostólico aos gentios (3:1,2). Os laços que ele tinha com os seus leitores eram os de um autor com os destinatários de sua carta (3:4), e não os de um conhecimento de primeira mão.

De fato, é uma boa pergunta se fazemos bem em falar de Efésios como uma "carta". R. H. Fuller nota que este documento "é realmente um tratado em forma epistolar".[7] Isto nos leva à segunda característica, que é a do uso literário. Tanto a escolha de palavras como o emprego de um estilo estudado fazem esta epístola sobressair como incomum na literatura paulina.

O teste do vocabulário mostra que há 38 palavras, aqui, que não aparecem mais nem uma vez em o Novo Testamento, e 44 palavras que, embora sejam encontradas em outras passagens neotestamentárias, não são usadas nas cartas que temos certeza que foi Paulo quem escreveu. As peculiaridades estilísticas são ainda mais notáveis. Erasmo foi o primeiro a notar estas características de sentenças longas, enfadonhas (1:3-10,15-23); muitas cláusulas relativas; substantivos abstratos em profusão; o uso de frases paralelas e cláusulas em íntima justaposição (4:12 e s.); o amontoado de sinônimos ligados mediante o uso do caso genitivo (1:19); e o uso comum de preposições, especialmente "em" (veja 1:3 e ss.). Todas estas características parecem estar muito longe do estilo de uma carta pastoral dirigida à igreja em Éfeso, pelo apóstolo Paulo, cujos hábitos de correspondência são-nos conhecidos devido às outras cartas e incluem o uso de perguntas retóricas e uma abordagem aguda, direta (v.g., Gálatas).

A esta altura podemos perguntar: Foi Efésios dirigida à igreja em Éfeso? Sem dúvida, é difícil crer que Paulo iria escrever duma forma indireta e impessoal a uma comunidade cristã em que vivera e entre a qual trabalhara por tempo considerável (At. 19:10; 20:17-38). Em face disso, esta "carta" não é um recado pastoral ordinário, enviado a uma congregação específica ou a um grupo de igrejas definido.

Este fato é confirmado pela incerteza textual de 1:1. As palavras traduzidas na versão da IBB como "em Éfeso" estão ausentes nos principais manuscritos e no importante papiro P^{46}, datado de 200 d.C. Mais do que isso, escritores cristãos primitivos endossam o ponto de vista de que "em Éfeso" não se encontrava nos textos mais antigos. Duas sugestões foram feitas para explicar esta irregularidade textual. Uma possibilidade é de que a epístola nunca contivera o nome de um lugar a que se endereçasse, mas foi composta como tratado ou ensaio geral, e não como carta com destinatários definidos.

7 R. H. Fuller, **A Critical Introduction to the New Testament** (London: Duckworth, 1966), p. 66.

Um escriba do segundo século, segundo se pensa, acrescentou "em Éfeso", para conformar o documento, que cristãos posteriores reclamavam ser paulino, com as outras cartas paulinas às Igrejas do mundo do primeiro século.

Contra este ponto de vista e como apoio de uma segunda possibilidade de análise, existe o fato de que, embora esta carta pareça mais um sermão do que uma carta pastoral dirigida a uma igreja com necessidades específicas, na verdade, o autor tinha um certo grupo de pessoas em mente, e fala a elas na segunda pessoa dos verbos que usa (v.g., 5:3 e ss.). Portanto, é mais provável que este documento tenha sido composto como carta circular às igrejas em uma região ampla — Ásia Menor é a localização mais provável, em vista de suas afinidades com Colossenses — e levada de um lugar para outro, dessa região, por um correio, ou (em vista da autoridade textual posterior para Éfeso como o lugar endereçado e que deu o título à carta) deixada, pelo autor, com um espaço em branco no sobrescrito, para ser preenchido quando o mensageiro entregasse a cópia à determinada igreja em particular. Há algumas dificuldades com esta reconstrução, mas, depois de se ponderar a respeito, ela parece ser a possibilidade mais plausível.

Se julgarmos corretamente a epístola como uma encíclica dirigida às igrejas gentílicas da Ásia (3:1), esta opinião ajuda a explicar o estilo influenciado por uma tendência litúrgica e catequética. Não se esperam alusões pessoais diretas em um documento que é mais descrito como um exaltado poema em prosa acerca do tema "Cristo-e-sua-Igreja" do que uma carta pastoral, enviada para satisfazer as necessidades de uma congregação local em particular. O autor irrompe em uma elevada meditação a respeito dos grandes temas que enchem a sua mente: o propósito de Deus em Cristo, a sua plenitude em Cristo, a plenitude de Cristo na Igreja, que é o seu corpo. Conceitos como estes o fazem ascender a um plano de arrebatamento e contemplação, que é traído em sua linguagem. Bem pode ser que os seus termos raros tenham sido tirados da adoração ou sistema litúrgico das igrejas (da Ásia). O seu estilo é claramente o de uma liturgia cristã primitiva típica, que mostra algumas das marcas características (tais como o uso prolífico do pronome relativo e a construção com particípios, e um fastio de expressão) nesta epístola.

III. Questões de Autoria

Como se disse anteriormente, a questão da autoria é complexa e muito debatida. Na verdade, evidências tiradas da própria carta (1:1; 3:1) e da confirmação dos pais da Igreja (Irineu, Clemente da Alexandria, Tertuliano) favorecem a opinião tradicional de que esta epístola veio das mãos de Paulo. Uma sólida defesa da tradição tem, nos tempos modernos, sido feita por Ernst Percy, [8] bem como por escritores de introduções conservadoras do Novo Testamento. [9] Para esses estudiosos, nem o vocabulário inusitado nem o estilo excepcional são impedimento para a autenticidade, e podem ser explicados pelas circunstâncias especiais da natureza do documento. Nenhuma das evidências interiores da carta aponta, indubitavelmente, para um período posterior aos meados da década dos anos 60 d.C., e há pontos de contato entre Efésios e a correspondência paulina anterior. F. F. Bruce tem argumentado que idéias que são exaradas em esboço em epístolas anteriores são desenvolvidas e continuadas nesta epístola. [10] De acordo com este ponto de vista, a data da carta

8 E. Percy, **Die Probleme der Kolosser — und Epheserbriefe** (Lund: Gleerup, 1946). Há uma declaração plena da causa de Percy e uma crítica da mesma no livro de J. C. Kirby, **Ephesians, Baptism and Pentecost** (London: SPCK, 1968), p. 18-40.

9 Por exemplo, por **D.** Guthrie, E. F. Harrison e W. L. Lane, **The New Testament Speaks** (New York: Harper and Row, 1969).

10 F. F. Bruce: "St. Paul in Rome 4: The Epistle to the Ephesians", **Bulletin of the John Rylands Library** 49, 2, 1967, 303 e ss.

pertence ao período da prisão de Paulo em Roma, c. 60-61 d.C., e em vista dos muitos pontos de semelhança com Colossenses, especialmente em 6:21,22 (= Col. 4:7 e ss.), parece claro que ambas as cartas circularam juntas.

Para outros comentadores, tais como F.W. Beare, [11] as principais idéias de Efésios são apresentadas de uma forma que trai uma mudança distinta da maneira autenticamente paulina de declaração e apresentação. Mesmo palavras que se verificou serem comuns às epístolas anteriores e autênticas, bem como a Efésios, não são usadas em Efésios no mesmo sentido. Um exemplo é "cabeça", que em Colossenses 2:19 refere-se à liderança de Cristo sobre a Igreja, enquanto em Efésios 1:22,23 a liderança de Cristo é sobre todos os poderes cósmicos. Mas este tipo de raciocínio não é suficientemente seguro à luz de outros lugares em que a metáfora de "cabeça-corpo" é usada tanto em Colossenses (1:18) como em Efésios (4:15,16; 5:23). O comentário que segue fará alusão a vários assuntos em que Beare baseia a sua discussão de que as idéias desta carta não são paulinas, e que, portanto, provém de período posterior ao do apóstolo.

Ao procurar avaliar estas posições rivais, reconhecemos que evidências substanciais de caráter externo confirmam a opinião tradicional de que Paulo é o autor desta epístola; e esta posição é mantida por um sólido bloco de opinião hoje em dia. No entanto, devemos dar o devido valor a algumas dificuldades, quando examinamos as evidências da própria carta. Em uma terceira possibilidade que nós adotamos, os ensinamentos da epístola são paulinos, mas a composição e estilo desta carta foram confiados pelo apóstolo a um colega e amanuense. O uso que Paulo faz de um secretário, em outros lugares, é atestado em Romanos 16:22, e uma inferência é que Paulo deixou Tíquico para compilar esta Epístola aos Efésios. [12] A nossa opção é em favor de Lucas, [13] em vista dos vários elos entre o que ele escreveu no Evangelho e em Atos, e esta epístola. Porém, ainda mais importante do que esta hipótese é a maneira de entender que a sustenta, concernente ao propósito dominante da carta e sua importância em relação a uma situação, nas igrejas gentias da Ásia Menor, no período imediatamente seguinte à morte de Paulo.

IV. Idéias Centrais da Carta

Como documento dirigido a uma situação perigosa, esta carta é prenhe de instruções de grande importância. O autor está empolgado pelo que é virtualmente um único tema, que corre como uma linha através do seu tratado. Ele se maravilha, como verdadeiro discípulo e seguidor do grande apóstolo, em cujo nome escreve, com a graça de Deus que trouxe à existência uma igreja unida. Nessa sociedade cristã, judeus e gentios encontram o seu verdadeiro lugar (2:11-22). A unidade dessa sociedade universal, que é nada menos do que o corpo de Cristo (1:23; 3:6; 4:4; 5:30), é a sua grande preocupação (4:3 e ss.). Ele parte da premissa de "um novo homem" (2:15), em que uma nova humanidade foi

11 F. W. Beare, em **The Interpreter's Bible** (Nashville: Abingdon Press, 1953), XI, 599a. Veja também C. L. Mitton, **The Epistle to the Ephesians,** (Oxford: Clarendon Press, 1951).

12 Veja o comentário de G. H. P. Thompson, no **Cambridge Bible Commentary** (Cambridge: University Press, 1967), p. 17-19. O nome de Tíquico como coletor e editor da coleção de obras paulinas, bem como o responsável pela compilação de Efésios fora sugerido, anteriormente, por W. L. Knox, em **St. Paul and the Church of the Gentiles** (Cambridge: University Press, 1939), p. 203; e C. L. Mitton, **op. cit.**, p. 27 e 268. Entre os que são simpáticos à opinião de que Paulo usou um secretário a quem conferiu liberdade para reunir materiais que se tornaram a nossa Epístola aos Efésios estão M. A. Wagenführer, P. Benoit, "L'horizon paulinien de l'épitre aux Ephésiens", **Revue biblique**, 46, 1937, p. 342-361, 506-525, e A. Wikenhausen, **New Testament Introduction** (Dublin: Herder and Herder), 1958, p. 430.

13 Para detalhes, podemos nos referir ao artigo em **Expository Times**, lxxix, julho de 1968, p. 300 e ss., com seus reconhecimentos a Peter Rhea Jones, agora pertencente ao The Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky.

criada por Deus através da obra reconciliadora de Cristo na cruz (2:16). Pelo fato de ter conseguido relacionar o homem pecador com Deus, Cristo reuniu judeus e gentios na família de Deus (1:5; 2:19; 4:6; 5:1) como irmãos. A vinda à existência dessa única família, em que todas as barreiras de raça, cultura e condição social são derrubadas, é a maravilha que enche a sua visão. O ensino paulino anterior, de Gálatas 3:28,29 e I Coríntios 12:12,13, agora é preenchido e as suas lições aproveitadas e aplicadas.

Porém há uma nova tendência imprimida sobre o ensino apostólico, que marca uma nova fase de desenvolvimento na doutrina da Igreja. Um fator é a maneira pela qual Cristo e sua Igreja são considerados uma única entidade. A metáfora de cabeça-corpo, que nos é familiar, devido às cartas paulinas anteriores, assume uma nova dimensão, pelo fato de a cabeça se tornar inseparável do corpo. Em I Coríntios 12, Paulo havia insistido na indivisibilidade do corpo, que é composto de muitos membros (cf. Rom. 12:4 e s.). Mas em Efésios (notavelmente em 1:22 e s.; 4:15 e s.; 5:30) a cabeça e o corpo estão inextrincávelmente unidos e interdependentes.

Outra declaração importante a respeito da natureza da Igreja é feita ao se lhe atribuir uma espécie de condição transcendental. A Igreja participa da vida celestial do seu Senhor exaltado, mesmo agora nesta era (1:22; 2:6; 5:27), e as características distintivas da Igreja, nesta epístola, são afins das classicamente declaradas no credo: "Creio na única Igreja: santa, católica, apostólica." Ou seja, existe uma qualidade atemporal, idealista, na vida da Igreja, que diz mais a respeito do que o povo deve ser do que ele, na verdade, é neste mundo atual.

No entanto, a epístola sabe que a Igreja vive uma vida empírica, neste mundo, e que os seus leitores enfrentam perigos prementes. Eles são aconselhados contra o perigo de permitirem que os seus padrões morais pré-cristãos decidam e controlem a sua conduta presente (4:17 e ss.). Eles são alertados contra mestres pagãos, que poderiam minar a ética cristã que eles aceitaram como parte de sua nova vida em Cristo (5:3 e ss.). Recorre-se ao batismo como apelo dramático para se levantar do estupor moral e como uma conclamação para andar na luz de uma conduta santa (5:14).

As seduções das pessoas que, com palavras vãs (5:6), estavam levando os leitores a se desviarem e fazendo, por uma ação astuciosa (4:14), com que eles ficassem abalados sugerem a presença de um tipo de ensino gnóstico. Havia um dualismo, que era básico à visão do mundo para os gnósticos, que levantava uma barreira entre Deus e a sua criação, e considerava esta última alheia a ele. Tal dualismo insinuava que o homem podia seguramente ignorar as reivindicações da moralidade e (em um estranho paradoxo com ambos os elementos atestados no gnosticismo do segundo século) manifestar indulgência para com os seus apetites físicos, sem restringi-los, ou tratar os seus instintos corporais com desprezo. Desta forma, tanto o libertinismo quanto o asceticismo são conseqüências lógicas do princípio de que Deus está remoto quanto ao assunto (longe da matéria) e não se preocupa com o que o homem faz na sua vida física.

Paulo é levado a advertir contra uma mancheia de práticas malignas (5:3,5,12) e a conclamar por resistência contra a tendência das influências degradantes (2:3). Ele está igualmente preocupado em defender o valor e a dignidade do casamento contra as pessoas que, devido a falsos motivos ascéticos (cf. I Cor. 7; I Tim. 4:3), depreciam o estado conjugal. Mas a sua verdadeira resposta à essas falsas noções e costumes é negar frontalmente a base dualista desse ensinamento. Essa negação é levada avante por uma declaração insistente da origem celestial e da existência terrena da Igreja. A encarnação de Cristo e a elevação da humanidade remida são dois fatos pode-

rosos, para os quais ele apela, para chegar à conclusão de que o céu e a terra foram reunidos em harmonia (1:10).

Pelo mesmo padrão de unidade cósmica, a doutrina gnóstica da humanidade, segundo eles presa nas garras de um destino inexorável e sem misericórdia, é efetivamente desafiada e vencida. A resposta a este elemento, na religião helenista, encontra-se no eterno propósito de Deus, cuja vontade abrange esses mesmos poderes cósmicos — a **aeôns** ou **eões** (palavra que translitera o grego **aiônias**, usado para designar um princípio de governo ou ordem constituída) — que o homem do primeiro século tanto temia (3:11). O plano divino em Cristo era que esses seres espirituais que a religião astral grega dizia estarem de posse da vida dos homens como escravos, havia perdido esse domínio sobre homens e mulheres (3:9,10). Pois Deus levantou o seu Filho do domínio da morte, e colocou sob os seus pés todo o universo, inclusive esses agentes cósmicos (1:21 e ss.). Ele também exaltou a Igreja acima desses poderes, e assim elevou os crentes acima do alcance da tirania cósmica e da má religião (1:22; 2:1-10; 5:8, 14, 27).

A vitória de Cristo, nas mãos de Deus, que o levantou da morte, está no próprio cerne da teologia e cosmologia da epístola. Mas a pergunta continua a repetir-se: Como os crentes passam a participar desta vitória sobre os poderes malignos? A resposta do Novo Testamento é que, por ocasião do batismo, eles "despem" a velha natureza (4:22 e ss.) e assim morrem para o domínio desses poderes malignos (Col. 2:20); e, nessa ocasião, eles "vestem" o novo homem, com as suas qualidades semelhantes às de Cristo. Esta característica explica tanto os gonzos — representados pelo canto de batismo de 5:14 — sobre os quais giram os conselhos práticos e exortativos de Paulo (5:3 e ss.) como as admoestações que ele faz aos seus leitores, para que sejam renovados à imagem do novo Adão (4:17 e ss.).

A experiência do batismo (em 5:26) marca o início de uma nova vida, de santidade, para a qual a epístola conclama os seus leitores. Paulo os adverte para que rejeitem as doutrinas ilusórias do libertinismo gnóstico, com a sua depreciação do corpo, e os conclama (em 6:10 e ss.) a permanecerem firmes contra aqueles poderes malignos que se lançavam contra eles. Estes poderes malignos eram potencialmente inimigos derrotados da Igreja, mas a vitória só aconteceria quando os cristãos fossem diligentes no uso da armadura que Deus lhes propiciara, e provassem a realidade de sua conversão e batismo, permanecendo firmes no Senhor.

Em suma, a epístola ensina a doutrina cardeal de Deus, que é todo-poderoso e sábio em seus desígnios amorosos para com o mundo. Os crentes, que participam da vida ressurrecta de Cristo, são elevados acima do controle inexorável das forças cósmicas, que desejam tratar os homens como brinquedos de "destino" e "sorte".[14] Igualmente, eles são elevados a um plano alto de vida nobre, que se opõe a tudo o que é sensual e abjeto. O conflito em que estão empenhados é um sinal da realidade de sua nova vida, iniciada com a experiência de conversão-batismo.

A Igreja é a testemunha histórica do propósito renovador de Deus. Originalmente centralizado em Israel, nação eleita em lugar da humanidade, esse propósito agora abrange os povos gentios. Ambas as raças encontram o seu ponto focal de harmonia e entendimento na criação de uma nova sociedade, "um novo homem" (2:15); nem judeu nem grego, mas cristão ou crente. Aqui está a articulação clara do pensamento de Paulo exa-

14 Com respeito ao significado atualizado que deve ser entendido quanto ao uso que Paulo faz da astrologia e da mitologia do primeiro século, veja F. F. Bruce, "St. Paul in Rome 3: The Epistle to the Colossians", **Bulletin of the John Rylands Library** 48, 2, 1966, 284 e s., e Jung Young Lee, "Interpreting the Demonic Powers in Pauline Tought", **Novum Testamentum**, XII, janeiro de 1970, 54-69.

rado em I Coríntios 10:32 e o alicerce da declaração cristã posterior, de que a Igreja forma uma "terceira raça" de homens, que, reconciliados com Deus através de Cristo, são unidos de maneira nova, para realizar uma nova sociedade de homens e mulheres e ser um microcosmo dos desígnios finais de Deus para uma raça decaída e pecadora.

Esboço da Epístola

I. Prefácio e Saudação (1:1,2)
II. Os Propósitos de Deus na Eternidade e no Tempo (1:3-14)
  1. A Escolha Feita Pelo Pai (1:3-6)
  2. O Plano do Pai Realizado em Cristo (1:7-10)
  3. O Ministério do Espírito Santo (1:11-14)
III. Intercessão de Paulo Pela Igreja (1:15-23)
  1. Oração Pedindo Iluminação (1:15-19)
  2. O Cristo Exaltado e Sua Igreja (1:20-23)
IV. A História da Igreja — Passado, Presente e Futuro (2:1-10)
  1. Humanidade Fora de Cristo (2:1-3)
  2. Humanidade em Cristo (2:4-6)
  3. O Que Significa Estar em Cristo (2:7-10)
V. A Unidade da Igreja (2:11-22)
  1. Os Gentios Antes e Depois da Vinda de Cristo (2:11-13)
  2. Judeus e Gentios São Agora um Corpo — em Cristo (2:14-18)
  3. A Igreja Única Sobre um Único Alicerce (2:19-22)
VI. O Apostolado de Paulo e a Sua Oração em Favor da Igreja (3:1-21)
  1. A Vocação de Paulo e Como Ele a Entendia (3:1-6)
  2. A Vocação de Paulo e Como Ele a Cumpriu (3:7-13)
  3. A Oração de Paulo Pela Igreja (3:14-21)
VII. A Vocação da Igreja Como Corpo de Cristo (4:1-16)
  1. A Vocação da Igreja à Luz de Sua Unidade (4:1-6)
  2. O Dom de Cristo e os Dons da Igreja (4:7-12)
  3. O Caminho da Igreja Para a Maturidade (4:13-16)
VIII. Uma Declaração da Conduta Pessoal do Crente (4:17-32)
  1. Alguns Princípios Que Governam a Conduta Cristã (4:17-24)
  2. Uma Continuação da Ética Social Cristã (4:25-32)
IX. A Conduta do Crente no Mundo (5:1-20)
  1. O Amor Exclui a Concupiscência (5:1-7)
  2. A Luz Afugenta as Trevas (5:8-14)
  3. A Sabedoria Corrige a Loucura (5:15-20)
X. Cristo, a Igreja e a Família (5:21-6:9)
  1. O Casamento à Luz do Sagrado Casamento de Cristo e a Igreja (5:21-33)
  2. Deveres Familiares (6:1-4)
  3. Relações de Senhores e Escravos (6:5-9)
XI. A Luta do Crente e o Pedido do Apóstolo (6:10-20)
XII. Notas Pessoais e Saudações Finais (6:21-24)

Bibliografia Selecionada

Comentários à Epístola

BEARE, F. W. "The Epistle to the Ephesians", **The Interpreter's Bible**, Vol. XI. Nashville: Abingdon Press, 1953.

BRUCE, F. F. **The Epistle to the Ephesians**. London: Pickering and Inglis, 1961.

DIBELIUS, M. **An die Epheser**. Revisado por H. GREEVEN. ("Handbuch zum Neuen Testament".) Vol. 12. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1953.

FOULKES, F. **The Epistle of Paul to the Ephesians** ("The Tyndale New Testa-

tament Commentaries".) London: Tyndale Press, 1963.
JOHNSTON, G. **Ephesians, Phillipians, Collossians and Philemon** ("The Century Bible", nova edição.) London: Thomas Nelson, 1967.
MASSON, C. "L'epître de Saint Paul aux Ephésiens", **Commentaire du Nouveau Testament**. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 1953.
ROBINSON, J. ARMITAGE. **St. Paul's Epistle to the Ephesians**. London: James Clarke, 1904.
SCHLIER, H. **Der Brief an die Epheser**. Düsseldorf: Patmos, 1957.
SCOTT, E. F. **The Epistles of Paul to the Colossians, to Philemom and to the Ephesians** ("The Moffatt New Testament Commentary".) London: Hodder & Stoughton, 1930.
THOMPSON, G. H. P. **The Letters of Paul to the Ephesians, to the Colossians and to Philemon** ("Cambridge Bible Commentary".) Cambridge: University Press, 1967.

Outros Estudos em Efésios:

BARTH, M. **The Broken Wall**. Chicago: The Judson Press, 1959.
BRUCE, F. F. "St. Paul in Rome 4: The Epistle to the Ephesians", **Bulletin of the John Rylands Library**. Manchester, 49, 2, 1967.
CROSS, F. L. (ed.) **Studies in Ephesians**. London: Mowbrays, 1956.
GOODSPEED, E. J. **The Meaning of Ephesians**. Chicago: University Press, 1933.
HANSON, S. **The Unity of the Church in the New Testament: Colossians and Ephesians**. Lund: Almquist and Wiksells, 1946.
KIRBY, J. C. **Ephesians, Baptism and Pentecost**. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1968.
MITTON, C. L. **The Epistle to the Ephesians**. Oxford: University Press, 1951.
PERCY, E. **Die Probleme der Kolosser — und Epheserbriefe**. Lund: C. W. K. Glreerup, 1946.

COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

I. Prefácio e Saudação (1:1-2)

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos que estão em Éfeso, e fiéis em Cristo Jesus: 2 Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

Seguindo o padrão tanto dos costumes epistolares do mundo antigo quanto de sua própria correspondência anterior com as igrejas, Paulo dá início à carta com o seu próprio nome. Abundantes evidências da forma das cartas antigas têm sido apresentadas por meio da descoberta de fragmentos de papiros preservados nas areias do Egito.[1] Mediante elas, ficamos sabendo como as pessoas comuns faziam sua correspondência nos primeiros séculos da era cristã. Porém, no caso de Paulo, há um fator novo. Ele escrevia sabendo muito bem que o seu ofício era de um **apóstolo de Cristo Jesus.**

Com esta descrição de si mesmo, ele está recorrendo aos seus escritos como tendo autoridade, pois apostolado significa o exercício de uma autoridade divinamente outorgada na vida das igrejas (cf. II Cor. 13:10). Essa autoridade proveio do Senhor ressurrecto, que nomeou os apóstolos como seus representantes, através de quem devia lançar os alicerces de sua Igreja. A nossa maneira de entender a natureza do ofício e da função apostólicos é consideravelmente ajudada pelo que lemos a respeito do as-

1 Veja um relato dessas descobertas no clássico de A. Deissmann, **Light from the Ancient East** (London: Hodder and Stoughton, 1927).

sunto desta epístola (cf. 2:20; 3:5; 4:11 e s.).

Ousadamente, Paulo incluiu-se como apóstolo, baseando-se no fato de ter visto o Cristo vivo (cf. I Cor. 9:1). É significativo que ele qualifica a sua reivindicação de apostolado com as palavras **pela vontade de Deus**. Nessa expressão, ele reconhece que a sua vocação não foi autoderivada nem conferida a ele por outros cristãos. Pelo contrário, a sua autoridade apostólica e a sua condição de apóstolo eram devidos tão-somente à vocação e comissionamento que lhe vieram quando ele recebeu a sua nova vida em Cristo (veja as narrativas disto em At. 9:15,16; 22:14,15; 26:16 e ss.; Gál. 1:15-17). Logo ele ouviu do Senhor ressuscitado palavras de nomeação, para ser seu servo e missionário aos gentios. Por conseguinte, Paulo confiantemente reivindica o título de **apóstolo** (lit. "pessoa enviada numa missão"), pois não podia duvidar da realidade do fato de Cristo ter-lhe aparecido. Sobretudo, esse chamado lhe dera a certeza de sua vocação como missionário aos gentios, e era importante, para ele, evidenciar as suas credenciais em uma carta que batalhava contra as tensões que havia entre judeus e gentios na igreja (cf. 3:1 e ss.).

Paulo saúda os seus leitores, a quem não conhece pessoalmente (cf. 1:15), com os títulos de sua profissão cristã. Eles eram os **santos (hagioi)** e os **fiéis em Cristo Jesus**. Muita discussão se tem centralizado nesses títulos, levantando a questão de como eles se reuniram neste versículo. Compare Colossenses 1:2, onde o significado é mais simples. Um ponto de vista é tomar a palavra grega (**pistos**), traduzida como **fiéis**, em sentido adjetivo, significando, então, que Paulo está se dirigindo aos "santos que também são crentes em Cristo Jesus", mas esta é uma exegese duvidosa em vista da ausência de um artigo definido antes de **pistois**.

A expressão-chave, que qualifica tanto "santos" como "fiéis", é **em Cristo Jesus**. Esta expressão, com variantes, ocorre 35 vezes nesta epístola e é plena de rico significado. Ambos os termos precedentes têm raízes que remontam ao Velho Testamento. Israel foi chamado para ser um povo santo (**hagios**) (Êx. 19:5,6; Lev. 19:1,2; Deut. 7:6;14:2) e fiel no serviço do Senhor. Este conceito de dedicação é básico no ensino bíblico a respeito de santidade. Assim como Israel fora escolhido por Deus para ser o seu povo peculiar, a mesma vocação se estende ao novo Israel da igreja cristã. O destino de Israel, tanto como nação santa quanto fiel, passa à Igreja, cuja vida encontra-se **em Cristo Jesus**. Esta expressão é normalmente considerada como significando o estar em união ou comunhão com Cristo; e este é um significado verdadeiro. Só mediante uma união de fé com Cristo os crentes podem saber como desempenhar a sua vocação como **santos** e **fiéis** discípulos.

Todavia, os intérpretes hodiernos estão mais inclinados a dar um tom corporativo à expressão, fazendo-a, desta forma, ser substituída por "na comunidade de Cristo, a Igreja".[2] Tal significado faria muito sentido, aqui, e sublinharia o que é o tema dominante de toda a carta. A vocação de Israel, como povo eleito, santo e testificador, passa para um grupo unido de pessoas que crêem, tanto judeus como gentios, que cumprem a sua verdadeira vocação compartilhando, na comunhão cristã, a unidade que têm em Cristo, sendo o seu povo, "um novo homem" (veja 2:15; 4:1-6,25).

Esta interpretação serve a um segundo objetivo, que corre através de toda a epístola. Paulo insiste que a Igreja da nova aliança não pode se dissociar do seu passado ancestral na fé judaica e na história da salvação de Israel. O uso de termos cúlticos, como santos e fiéis, é um lembrete, silencioso, aos seus leitores, de

2 Há uma abordagem popular desta idéia por A. M. Hunter, em **Interpreting Paul's Gospel** (London: SCM Press, 1954), p. 37 e s. e 99 e ss.

que "em Cristo" significa inseparáveis e necessários laços com o antigo povo de Deus.

Para comentário a respeito da omissão de "em Êfeso", na versão da RSV, veja a Introdução.

Graça e **paz** fazem parte de uma oração paulina familiar (cf. I Tess. 1:1; I Cor. 1:3; Gál. 1:3; Fil. 1:2), em que ambas as palavras e a seqüência são importantes. Gozamos paz com Deus por causa do seu gracioso ato de redenção em Cristo (Rom. 5:1,2). **Graça** é a ação do amoroso interesse de Deus para ganhar de volta homens e mulheres à comunhão consigo mesmo; e isto ele fez em seu Filho. As primícias do novo relacionamento em que o crente é colocado é **paz**. De sua ancestral veterotestamentária (Heb.; **shalom**), esta palavra grega assume roupagens distintivamente cristãs, de um enriquecimento de vida, cobrindo mente, corpo e espírito, fato que é possível quando vivemos em comunhão com Deus, nosso Criador e Redentor.

Esses dois dons são atribuídos a Deus e ao Senhor Jesus Cristo como co-autores. Mediante segura percepção cristã, já na era apostólica, os fundamentos da doutrina da Divindade, constante do credo, estavam sendo lançados.

II. Os Propósitos de Deus na Eternidade e no Tempo (1:3-14)

Há duas maneiras pelas quais estes versículos imponentes podem ser abordados. Podemos descobrir neles um padrão trinitário, correspondente aos propósitos e atividades dos membros da Divindade cristã. Desta forma, esta passagem fala do Pai, que escolhe o seu povo em amor (v. 3-5). Aquele em quem a Igreja é escolhida é Cristo, o Filho, que é também o Redentor, mediante o preço de sua morte sacrificial (v. 7). É o Espírito Santo que aplica a obra de Cristo à Igreja, e assim torna real, na experiência humana, o propósito eterno da Trindade (v. 13 e 14). De acordo com este ponto de vista, aqui, Paulo está lançando o alicerce sobre que mais tarde a Igreja erigiu a declaração do credo de "um Deus em três Pessoas".[3]

Uma proposta alternativa sugere que o pensamento de Paulo flui ao longo de canais temporais, à medida que ele considera todo o âmbito do propósito redentor de Deus, a partir de uma eternidade passada (v. 4) até a sua realização futura (v. 14). De acordo com esta interpretação, Paulo está preocupado em mostrar como o plano de Deus, que fora concebido em seu eterno conselho, foi trazido à realidade no fato de seu Filho ter realizado a redenção humana. Por este único ato da história (v. 7), o perdão de pecados é assegurado para todos os que crêem (v. 13), que são trazidos à fé pelo fato de terem ouvido o evangelho e reagido favoravelmente a ele. A transição da redenção histórica para a sua aplicação na experiência pessoal é feita pela obra do Espírito Santo, que dá ao crente agora um antegozo de sua salvação completa (v. 14).

Contudo, estas duas abordagens não se excluem mutuamente; e é possível dizer-se que Paulo está expressando uma crença trinitária rudimentar, através de um padrão cronológico. Pesando-se uma e outra, a segunda sugestão é preferível, especialmente se a estrutura formal da expressão for mesmo tirada do padrão judaico de oração conhecido como **berakah** (lit.; bênção).[4]

Deus é **bendito** como o doador das **bênçãos**. Esses atos nobres são enumerados como eleição, adoção, redenção e perdão, revelação e os dons do Espírito.

3 Outras alusões a um padrão trinitário, em o ensino do Novo Testamento, são mencionados por J. N. D. Kelly, em **Early Christian Creeds** (London: Longmans, 1950), p. 22 e ss.

4 O estudo moderno desta passagem, que começou com T. Innitzer, em 1904, recebeu grande impulso com a classificação dos versículos feita por Lohmeyer, como sendo poética e liturgicamente baseados na prática da sinagoga judaica. Veja J. C. Kirby, **Ephesians, Baptism and Pentecost** (London: SPCK, 1968), p. 126 e ss.

Mas seja qual for a semelhança formal entre as bênçãos judaica e cristã, a característica importante que distingue a última deve ser notada. A bondade de Deus para com a sua Igreja é focalizada **em Cristo**. É **nele** que todo o bem espiritual alcança o seu povo, porque é **nele** que os propósitos finais de Deus para o universo são reunidos (v. 9). A constante repetição do termo "nele" deve ser notada cuidadosamente, com o ponto central da declaração de Paulo acerca da história da salvação estando para vir no verso 7. O pensamento destes versículos é tão concentrado que achamos melhor dividir esta seção.

1. A Escolha Feita Pelo Pai (1:3-6)

3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo; 4 como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; 5 e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, 6 para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado.

Paulo irrompe em uma exultante doxologia, em louvor a Deus como Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, seu Filho amado. Ele recorda que todos os benefícios espirituais são colocados à disposição da Igreja, que existe e extrai a sua vida de sua cabeça, Cristo, que agora reina **nas regiões celestes** (cf. 1:20; 2:6). A unidade do Cristo ressuscitado com o seu povo é o fundamento da confiança paulina, e este pensamento estonteante evoca o seu louvor.

A Igreja agora vive **em Cristo** por causa da escolha feita antes da fundação do mundo, que dá, aos homens e mulheres que ouvem o evangelho através do testemunho apostólico e da pregação, a certeza de que reagirão em fé (cf. II Tess. 2:13). Aqui, nos defrontamos com o mistério da eleição divina, que percorre grande parte do Novo Testamento. Algumas diretrizes de interpretação podem ser úteis. Os escritores do Novo Testamento proclamam a misericórdia de Deus em eleição, não como um enigma, para espicaçar as nossas mentes, mas como uma maravilha, para suscitar o nosso louvor. Eles oferecem o seu ensino não como um elemento do caráter de Deus a ser minimizado, mas como uma certeza de que as nossas vidas estão nas suas poderosas mãos, e não nas garras de um destino caprichoso, que era um temor que o homem do primeiro século conhecia bem. E a doutrina nunca é expressa como desculpa, para que haja descuido em assuntos espirituais, mas sempre como uma recordação de que os crentes têm uma responsabilidade moral de "fazer firme (a sua) vocação e eleição" (II Ped. 1:10), seguindo os padrões éticos mais elevados. Somos escolhidos **para sermos santos** e **irrepreensíveis**.

O propósito de Deus, na eleição, é uma expressão do seu **amor** (a RSV é aqui melhor do que a KJV e a NEB, que colocam "em amor" com o versículo anterior) e tem como seu desígnio o cumprimento do seu plano de que haja muitos filhos na sua família, que compartilharão da semelhança com o seu Irmão mais velho (Rom. 8:29; cf. Heb. 2:10 e ss.). A eleição através do amor divino é ligada com a descrição de Jesus como **o Amado**. Este título faz lembrar Marcos 1:11, como um apelo ao Messias, na literatura judaica (veja J. A. Robinson, **op. cit.**, p. 229 e ss.); mas a referência de suporte mais próxima que encontramos no Velho Testamento é Gênesis 22:1-8, que Paulo também tem em mente em Romanos 8:32. Através do Filho, a graça de Deus é expressa (cf. João 1:17).

2. O Plano do Pai Realizado em Cristo (1:7-10)

7 em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça, 8 que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência, 9 fazendo-nos conhecer o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplá-

cito, que nele propôs 10 para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.

Quando Paulo alude ao fato de que a graça divina foi manifestada, isto o leva a tratar desse tema de maneira mais ampla. Filiação e participação na família de Deus tornam-se possíveis com base na redenção. Mas esta libertação não é efetuada sem custo, pois é pela oferta do **seu sangue** (isto é, a sua vida dada alegremente em obediência à vontade do Pai) que Cristo obteve a libertação do seu povo da tirania do mal, dando-lhe a certeza do perdão. Os antecedentes desta idéia do pecado como feitor e tirano estão bem claros no Velho Testamento. Israel fora nação cativa no Egito, e clamara pela libertação da parte de Deus (Deut. 15:15).

Redenção e perdão são nada mais do que partes da obra de Cristo como um todo. O que o apóstolo chama de **mistério da sua vontade** abrange o universo em sua amplitude, pois é um plano (ou **dispensação) para a plenitude dos tempos**. Isto significa que é um plano que Deus cumprirá a seu modo e de acordo com a sua vontade invencível. A natureza desse plano agora é declarada. Tem como seu grande objetivo a reunião de todas as coisas em Cristo. Esta é uma expressão difícil, mas, provavelmente, significa que em Cristo todo o universo encontra a sua plena explicação e análise racional. Cristo dá significado à vida quando percebemos que ele não é apenas a fonte e sustentador da estrutura do universo (como em Col. 1:15 e ss.; cf. João 1:3,4; Heb. 1:2,3); porém, como o Senhor destinado da criação, ele é o alvo para o qual toda a criação está se movendo. É a magnificente visão do Cristo cósmico que enche a mente de Paulo nestes versículos. Ele dá a Cristo a liberdade do universo e pinta-o como alvo da criação (A. M. Hunter).

A ocasião deste ensinamento pode ser procurada em uma perigosa ameaça à fé cristã, que apareceu na Ásia Menor na época de Paulo. Evidências desse acontecimento são apresentadas em sua Epístola aos Colossenses. Evidentemente, falsos mestres estavam dizendo ter instruções secretas, que eram abertas apenas para uns poucos privilegiados, que tinham a posse da chave para entender o universo. Eles se congratulavam por sua sabedoria de estilo próprio, percepção, conhecimento e acesso ao "mistério", que abria a porta para os obscuros segredos do universo. E eles eram dedicados em manter toda essa informação secreta e dentro do círculo de iniciados. Em uma palavra, eles eram gnósticos, vangloriando-se da aquisição de um conhecimento (**gnosis**) que lhes dava a chave para os enigmas da vida.

Paulo contra-ataca esta pretensão ilusória. Aproveitando-se deliberadamente dos termos e da linguagem que eles próprios estavam usando, ele se opõe aos falsos mestres. O segredo do propósito divino está em Cristo, e é um segredo aberto, acessível a todos os que nele crêem. Ele é e continua sendo um **mistério** no sentido de que nenhuma inteligência humana poderia ter imaginado o que Deus pretendia fazer em Cristo, mas isso agora é revelado aos crentes (veja 3:3-6). O seu conteúdo é "a inclusão dos gentios, bem como dos judeus, em uma esperança comum em Cristo" e, ainda mais, "a unificação da humanidade no Cristo" (J. A. Robinson). Este conteúdo específico, tirado de 3:3-6, sugere que os falsos mestres eram gnósticos judeus, que davam valor exagerado às suas declarações exclusivistas e faziam pouco caso do propósito de Deus para a massa de homens não iluminados. Paulo sabia que Cristo é um Salvador universal, e que o esquema divino inclui o mundo todo.

Devemos interpretar o verso 10 sob esta luz. Cristo desempenha o papel que lhe é dado por Deus em escala cósmica, reunindo as partes fragmentadas da vida humana em um todo. Ele forma um universo a partir de uma coleção dispa-

ratada do que parecem ser elementos estranhos. Os gnósticos erravam, indubitavelmente (como os seus colegas de crença no segundo século d.C.), levantando uma cerca entre céu e terra, e ensinando que Deus despreza matéria estranha. A resposta de Paulo é que o Senhor cósmico, que veio de Deus para o homem, foi agora exaltado para a divina presença, e desta forma uniu terra e céu como se fossem um. Não há nenhum aspecto da sociedade e vida humanas que esteja fora do âmbito de sua obra redentora, e não há nenhuma força hostil no céu ou na terra ou no inferno que possa frustrar o propósito eterno de Deus (Rom. 8:38,39).

3. O Ministério do Espírito Santo (1:11-14)

11 nele, digo, no qual também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade, 12 com o fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo; 13 no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, 14 o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória.

A mente do apóstolo volta-se para considerar o processo pelo qual o desígnio salvador de Deus se torna operação efetiva nas vidas humanas. Ele reúne tanto a si mesmo, como representando o povo judaico, que por muito tempo fora sustentado pela esperança da vinda do Messias, quanto os seus leitores, que eram de origem gentílica. Agora, em Cristo, essas conotações étnicas e religiosas haviam perdido o seu significado. Tanto judeus como gentios eram "membros do mesmo corpo" (3:6), uma igreja mundial, embora tenham vindo de diferentes culturas, para esse corpo.

No entanto, o caminho para Cristo é o mesmo, tanto para judeus quanto para gentios. O esboço é descrito nos versos 13 e 14. Ouvir a **palavra da verdade** (isto é, o evangelho, da maneira como Paulo o proclamava, cf. Col. 1:5) é o primeiro passo. Este é seguido por uma aceitação confiante daquele de quem ele fala. O termo seguinte é "selo", que é associado com o Espírito Santo e se refere — conforme pensa este escritor — ao batismo como o atestado exterior da decisão do crente de seguir o caminho de Cristo e entrar na comunhão de sua Igreja (cf. 4:30; o termo selo é uma designação comum, nos últimos tempos, da obra do Espírito no batismo).[5] O Espírito Santo dá, ao recém-batizado, o seu próprio testemunho, em termos de uma certeza de que ele pertence ao povo de Deus da mesma forma como Israel era a herança de Deus sob a velha aliança (cf. Col. 1:12; At. 20:28; I Ped. 2:9). A habitação do Espírito é novamente comparada, no verso 14, com a experiência de Israel. Os judeus de outrora tornaram-se a nação eleita de Deus por adoção e o relacionamento pactual, mas só entraram na posse plena das promessas divinas na época de Josué e da conquista de Canaã. O crente recebe a "entrada ou princípio de pagamento" (**arrabón**, que a RSV, no verso 14, traduz como **garantia**, e a versão da IBB como **penhor**) por ocasião da conversão, e espera a consumação final do propósito de Deus com a confiança de que "aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus" (Fil. 1:6). O dom do Espírito, na experiência atual, é uma amostra (II Cor. 5:5) da salvação dada por Deus, que será completada por ocasião da ressurreição (Rom. 8:23). Com toda a clareza, o pensamento de Paulo a respeito da Igreja como a herança de Deus é governado por categorias veterotestamentárias, como fica claro por causa do uso que ele faz de

5 Veja G. W. H. Lampe, **The Seal of the Spirit** (London: Longmans, 1951). Nem todos os intérpretes aceitam esta identificação. Veja, para uma opinião contrária, J. D. G. Dunn, **Baptism in the Holy Spirit** (London: SCM, 1970), p. 160, que faz com que o selo se refira ao dom do Espírito, feito por Deus, sem referência ao batismo nas águas.

um termo grego (**kléronom-**), [6] que a RSV como a versão da IBB obscurece devido às várias traduções que faz dele nos versos 12, 14 e 18. A tradução da IBB do versículo 11 dá a redação mais literal: "em quem também fomos feitos herança". O seu pensamento remonta a Deuteronômio 32:9. E esta discussão paulina dá uma contribuição significativa para o principal objetivo da carta, que é mostrar como a Igreja de Jesus Cristo tem raízes arraigadas de maneira inseparável no Israel da Velha Aliança.

III. Intercessão de Paulo Pela Igreja (1:15-23)

Nesta seção, Paulo expressa a sua alegria pelo fato de os leitores de sua carta terem chegado a participar das bênçãos do plano salvador de Deus, que ele descrevera no parágrafo anterior. E, a maneira mais característica de ele expressar a sua confiança em um grupo de cristãos que comungavam das mesmas bênçãos, era orar por eles. De fato, a menção de oração lança Paulo em uma longa declaração, que continua até o fim do capítulo.

Parece claro que Paulo não conhecia pessoalmente os seus leitores (v. 15); e a este respeito eles eram como os colossenses (Col. 1:3,4; 2:1). Mas as notícias de sua fé em Cristo e a sua expressão em **amor** ativo para com os seus irmãos havia chegado a ele à distância.Este fato por si só é prova conclusiva, diz Masson, de que ele não está escrevendo à igreja em Éfeso, em que havia trabalhado durante três anos.

Alguns manuscritos importantes, bem como P ^{46}, omitem as palavras **e do vosso amor**. Se esta omissão for aceita, o texto dirá: "tendo ouvido falar da fé que entre vós há no Senhor Jesus para com todos os santos." Esta opinião é adotada por E. F. Scott, que também deseja entender **fé** no sentido de fidelidade ou lealdade. Mas uma reconstrução nova do texto como ele propõe não tem paralelo em outras cartas paulinas, exceto, talvez, em Filemom 5. É melhor explicar a omissão, em alguns manuscritos, destas três palavras como acidental, quando o olho do escriba passou de uma palavra grega para outra, passando despercebida a palavra do meio (em grego, **agapén**), que aparece como segunda palavra em uma série de três palavras. Este deslise (conhecido como haplografia) explicaria adequadamente a omissão. Mais do que isto, o encadeamento de "fé... e amor" é um fator, na vida cristã, ao qual Paulo dá muito valor (Gál. 5:6).

Freqüentemente, Paulo gostava de lembrar os seus laços com os seus amigos cristãos, expressando-os nas palavras **lembrando-me de vós nas minhas orações** (v.g.: Rom. 1:9; Fil. 1:3; Col. 1:3; I Tess. 1:2,3; II Tess. 1:3). O que é novo, aqui, é a maneira pela qual ele passa a apresentar todo o conteúdo dessas lembranças em oração. O ponto interessante que deve ser observado é que este conteúdo é expresso em termos de conhecimento, e que a oração de Paulo se esconde por detrás de um magnificente manifesto teológico (v. 20-23) a respeito do propósito de Deus na ressurreição e exaltação de Cristo como Senhor e cabeça da Igreja. Podemos usar estas duas divisões para marcar as partes do que em grego é uma sentença longa, emaranhada.

1. Oração Pedindo Iluminação (1:15-19)

15 Por isso também eu, tendo ouvido falar da fé que entre vós há no Senhor Jesus e do vosso amor para com todos os santos, 16 não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, 17 para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele; 18 sendo iluminados os olhos do vosso coração, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos, 19 e qual a

6 Veja um estudo completo desta palavra na obra de Paulo, no livro de James D. Hester, **Paul's Concept of Inheritance**: "A Contribution to the Understanding of Heilsgeschichte" (Edinburgh and London: Oliver and Boyd, 1968).

suprema grandeza do seu poder para conosco, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder,

Conhecimento, neste contexto, não é um termo solto e genérico, como se estivesse no lugar de **savoir faire** e familiaridade com todo o tipo de interesses e assuntos tópicos. Paulo está pensando na mais elevada forma de compreensão, que é conhecer a Deus. Porém, como o homem finito pode compreender o infinito? Ele precisa, além de tudo mais, da correta receptividade e capacidade para conhecer a Deus. E, assim, a oração se inicia com um pedido, em clamor a Deus, para que conceda os requisitos para a aquisição deste conhecimento: **o espírito de sabedoria e de revelação.** Ambos os termos devem ser vistos contra o contexto histórico do Velho Testamento (v.g., Jó 28:12 e ss.; Jer. 9:23 e ss.) e sublinham o ensinamento bíblico de que a **sabedoria** não acontece por engenhosidade e esperteza humanas, refletindo verdades divinas com base na mente humana, mas é o dom de Deus (Luc. 10:21). **Revelação** é o nome deste gracioso desvendamento de Deus, que sempre toma a iniciativa neste ato. Ele prepara as mentes humanas para receber a revelação; e esta receptividade é expressa em termos de iluminação: **sendo iluminados os olhos do vosso coração** é uma forma pictórica de dizer o que significa iluminação. (Há paralelos literários na filosofia grega e na tradição religiosa judaica de Filo, mas o Velho Testamento propicia algumas analogias bem próximas em Salmos 13:3, 19:8 e 119:18. A comparação mais interessante, todavia, é a bênção que consta no Rolo do Mar Morto 1QS 2:3: "Possa ele iluminar o vosso coração com sabedoria vivificante e vos dê conhecimento eterno.")

Além de um pedido de conhecimento de Deus consta uma petição para que, às mentes iluminadas dos leitores, Deus torne conhecida **a esperança da sua vocação** (cf. expressão idêntica em 4:4). A vocação é o seu chamamento para a salvação (como em Fil. 3:14), e não o fato de nomear alguns de seus servos para tarefas específicas, embora esta última idéia seja encontrada em outras passagens de Paulo.

Um terceiro componente da oração do apóstolo toca no tema da rica **herança** da Igreja como o povo da nova aliança de Deus, da mesma forma como Israel fora a herança do Senhor (Deut. 33:3,4). Esta idéia de serem os crentes a herança de Deus remonta a 1:12,14 e prevê a exposição que Paulo fará a respeito do enriquecimento da Igreja mediante a exaltação de Cristo. Palavras que significam **poder** são amontoadas de forma impressionante, se não desconcertante, no verso 19. De fato, a construção da sentença é tão complexa e emaranhada que a tradução em português se torna quase impossível. Não menos do que quatro palavras que significam "poder" são colocadas juntas. F. F. Bruce pergunta: "Por que esta tentativa de exaurir os recursos de linguagem para expressar algo da grandeza do poder de Deus? É porque", replica ele, "Paulo está pensando em uma ocasião suprema, quando esse poder foi exercido".

2. O Cristo Exaltado e Sua Igreja (1:20-23)

20 que operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar-se à sua direita nos céus, 21 muito acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; 22 e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, e para ser cabeça sobre todas as coisas o deu à igreja, 23 que é o seu corpo, o complemento daquele que cumpre tudo em todas as coisas.

Essa ocasião suprema é, sem dúvida alguma, a ressurreição de Jesus dentre os mortos, vista, aqui, como uma exibição característica de poder divino. Note-se que a ênfase se exerce no que Deus fez: "ele ressuscitou Cristo" é uma forma melhor de declarar a ressurreição do que "Jesus ressuscitou". Contudo, a ressur-

reição, por si mesma, não conta toda a história dos propósitos de Deus através da vitória de Cristo. A ressurreição do Senhor crucificado foi seguida no padrão bíblico de eventos pela sua elevação à **direita** de Deus **nos céus**. A entronização de Cristo é um dos elementos mais documentados no ensino do Novo Testamento a respeito da pessoa de Cristo e do lugar que ele ocupa, para o que o Salmo 110:1 proveu o principal ponto de partida (veja At. 5:31; 7:56; Rom. 8:34; I Cor. 15:25; Col. 3:1; Heb. 1:3; 8:1; 12:2; Apoc. 5:1-14; bem como a clássica declaração em Fil. 2:9-11).[7]

O significado desta passagem está na maneira de Paulo relacionar o poder de Deus no tremendo evento da ressurreição com o suprimento de toda a graça necessária, disponível à Igreja. As figuras dessas frases, como **a direita** de Deus e **sentar-se... nos céus** são obviamente pictóricas. Mas o motivo que governa a maneira de Paulo usar estes termos é definido e concretamente prático.

A exaltação à direita de Deus expressa, em linguagem figurativa (tirada do Salmo 110:1), tanto o domínio do mundo por parte do Rei messiânico quanto o gozo de uma dignidade que vem do fato de participar do trono do próprio Deus.[8]

Mas o Cristo dominador não é senhor apenas do mundo visível da natureza e dos homens. Ele tem o domínio de todas as forças espirituais, que, se pensava, controlavam o destino dos homens na antiguidade, como divindades estelares. Cristo, ensina Paulo, é Senhor de todos os agentes cósmicos que os homens puderem nomear, porque ele é tanto seu criador (Col. 1:16) como governador por direito (Fil. 2:9-11). O seu nome sobrepuja todas essas forças, tanto **neste século** como no **vindouro**, isto é, através de todo o período temporal do universo, que abrange as duas eras do pensamento apocalíptico judaico. Podemos lembrar IV Esdras 7:50: "O Altíssimo criou não uma era, mas duas." Paulo declara que tanto a velha era, até a vinda de Cristo na encarnação, como a era messiânica, começada na ressurreição e a ser abertamente manifesta na **Parousia**, estão semelhantemente sob o senhorio do Cristo cósmico.

Da mesma forma, isto não é tudo o que está ligado com a vindicação de Cristo na Páscoa. A ele foi dada, por Deus, uma autoridade para exercer de **facto** o governo sobre os poderes espirituais, que até a sua vitória na cruz e no túmulo vazio conservavam os homens em servidão (Gál. 4:3; Col. 2:14,15). **Sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés** aproveita-se, de novo, de figura pictórica, que, por seu turno, utiliza a linguagem do Velho Testamento. Gênesis 1:26 e Salmos 8:6 falam do domínio do homem sobre a natureza, mas Hebreus 2:5 e ss. dá indicação de que os cristãos primitivos consideravam esta promessa especialmente aplicável a Jesus, como o último Adão. Aqui Paulo segue a mesma linha de raciocínio que seguira em I Coríntios 15:24-25, e fica esperando ansiosamente o triunfo final de Cristo, que a fé reclama, agora, como realidade atual. Como reunir a esperança futura de I Coríntios 15 com a "escatologia realizada" deste versículo, que ensina que tudo já está sujeito ao domínio de Cristo, não é tarefa fácil, mas uma resposta pode ser dada.

Pode ser que o verso 22a seja uma projeção no futuro da vitória final do Senhor cósmico, mas que aparece para a visão da Igreja adoradora como fato já realizado. A razão para esta possibilidade está parcialmente na tendência litúrgica que soa através destes versículos e

---

7 Este escritor pode estar se referindo ao seu livro **Carmen Christi: Philippians 2:5-11 in Recent Interpretation and in the Setting of Early Christian Worship** (Cambridge: University Press, 1967), pp. 229-283, onde trata da entronização de Cristo.

8 Veja as importantes conclusões, tiradas do material antecedente no pensamento judaico, nos artigos encontrados no **Theological Dictionary of the New Testament**, ed. G. Kittel e G. Friedrich, trad. para o inglês por G. W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964, 1965) II, 39; III, 1089.

permite que alguns estudiosos chamem os versos 20 a 23 de "uma espécie de hino, celebrando o poder da exaltação de Cristo", à maneira de Colossenses 1:15-20 e Filipenses 2:6-11. [9]

A outra razão possível, para considerar a influência universal do triunfo de Cristo como proléptica, se verifica a partir da segunda metade deste versículo. Deus fez dele **cabeça sobre todas as coisas... à igreja**. É claro que com isto Paulo quer referir-se a um objetivo alcançado. "Todas as coisas", isto é, todas aquelas forças demoníacas que militam contra o senhorio de Cristo e procuram destruir a Igreja estão agora sujeitas ao controle de Cristo. Este versículo é uma certificação de que não existe nenhuma parte da ordem criada que seja capaz dessas maquinações malignas e tendências destrutivas; e esta confiança se coaduna com Mateus 16:18,19 e Romanos 8:35-39.

A menção da liderança de Cristo sobre esses poderes cósmicos faz Paulo lembrar que Cristo é também (porém em sentido diferente) o cabeça de seu povo. Eles são **o seu corpo**; e isto significa que a Igreja é o instrumento do seu propósito no mundo (Rom. 12:4 e ss; I Cor. 12:12 e ss.).

Isto é claro, mas a idéia que sobressai na mente de Paulo é, pelo contrário, oriunda do sentido especial de **cabeça... à igreja, que é o seu corpo**. S. F. B. Bedale 10 mostrou que esta expressão tem o sentido de "governante da Igreja"; e esta é exatamente a intenção de Paulo. Ele quer mostrar que Cristo tem autoridade na sua casa, da mesma forma como a cabeça controla os movimentos do corpo humano (assim em 5:23 e ss.).

A frase que completa a sentença, **o complemento daquele que cumpre tudo em todas as coisas**, embora seja muito controvertida, confirma esta compreensão. O problema com o versículo 23b está no particípio grego traduzido como "que cumpre". Na versão inglesa RSV, a tradução é: "a plenitude daquele que enche tudo em todos." Assim, o verbo seria "que enche", a questão proposta sendo: É Cristo que enche a Igreja, ou a Igreja que enche Cristo, como seu complemento? Stig Hanson [11] oferece provas conclusivas para que se prefira a primeira alternativa. Ele conclui: "Tudo o que Cristo tem, da parte de Deus, o poder, os dons, a graça, ele passa para a Igreja... A Igreja, por si mesma, não tem nada para dar a Cristo,pelo que o que falta a ele fosse suprido. Pelo contrário, é a Igreja que é enchida por ele e com ele (3:19), tornando-se participante de tudo o que ele tem e é, com o propósito de continuar a Sua obra."

Esta exegese de um versículo problemático pode ser suplementada pela contribuição de J. A. T. Robinson. [12] Ele afirma que, embora seja a Igreja que está recebendo dons do Senhor exaltado, o próprio Senhor está igualmente recebendo a completa plenitude do Pai. Isto não quer dizer (como o faz J. Armitage Robinson) que Cristo é, em certa medida, incompleto sem a Igreja, mas deseja enfatizar a íntima união entre Cristo e seu povo, que é um tema constante nesta epístola, bem como o testemunho paralelo de Colossenses 2:9,10.

IV. A História da Igreja — Passado, Presente e Futuro (2:1-10)

Esta passagem dá uma volta ampla, no seu exame da condição da vida humana sem Cristo, sem ser tocada pela influên-

9 C. F. D. Moule escreve: "Em momentos de adoração cristã, tempo e espaço são obliterados e a Igreja adoradora na terra é uma na eternidade com a Igreja em lugares celestiais" (**The Birth of the New Testament**: (London: A. e C. Black, 1962), p. 102). Veja discussão ulterior em **Carmen Christi**, p. 266-270, de R. P. Martin.

10 Em **Studies in Ephesians**, ed. F. L. Cross (London: Mowbray, 1956), p. 69 e ss.

11 S. Hanson, **The Unity of the Church in the New Testament: Colossians and Ephesians** (Lund: ASNU 14, 1946), p. 126 e ss.

12 J. A. T. Robinson, **The Body** (London: SCM, 1952), p.68 e s.; um ponto de vista semelhante é assumido por Dale Moody, em **The Hope of Glory** (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), p. 143 e s.

cia do seu evangelho, e depois prossegue, relacionando a vinda de Cristo com as grandes mudanças que ocorreram na condição humana, por causa do que Deus em Cristo fez com essa vinda. Esta seção é realmente um contraste, que coloca lado a lado o antigo estado dos leitores do apóstolo (v. 1-3) e a nova vida em Cristo, que se tornou propriedade deles (v. 4-10). O elo de ligação está no verso 4a: "Mas Deus, sendo rico em misericórdia..."

A RSV como a versão da IBB supre o verbo: **Ele vos vivificou**, no verso 1, com base no verso 5, que é o procedimento natural a ser adotado. Desta maneira, devemos considerar os versículos intermediários como digressão preliminar, que prepara o caminho para o anúncio triunfante dos passos que Deus deu, para satisfazer as necessidades do homem como pecador, seja gentio (v. 1,2), seja judeu (v. 3).

O elo de ligação com o capítulo 1 é uma continuação do pensamento de Paulo. Ele demonstrou o ato superlativo de poder no fato de ter Deus ressuscitado o seu Filho dentre os mortos (1:19 e ss.). Agora, ele passa a mostrar que o mesmo poder está em ação ao vivificar os mortos espiritualmente e ressuscitá-los a novas alturas de vida em Cristo e com Cristo. O paralelo mais próximo é Romanos 6:1-11, embora o Evangelho de João contenha alguns ensinamentos comparáveis (v.g., João 5:21-25).

1. Humanidade Fora de Cristo (2:1-3)

1 Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, 2 nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos de desobediência, 3 entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.

A triste condição dos ex-pagãos em seu estado anterior (que agora estavam incorporados na única Igreja de Cristo) é apresentada em minúcias nestes versículos (cf. 4:18). A causa primária era a alienação de Deus, que resulta em condenação, que, por seu turno, produz morte espiritual; e a morte caracterizava o total de sua experiência pré-cristã (veja Col. 2:13; Rom. 5:21; 6:23; 7:11,13). Os dois termos, **delitos e pecados**, não devem ser tratados como itens separados, que possam ser distinguidos nitidamente. Pelo contrário, como observa H. Schlier, vemos aqui um caso de uma dublagem de expressões, do tipo que um pregador deve e pode usar para enfatizar o que deseja dizer!

Segue-se uma caracterização tríplice da sociedade nos dias de Paulo, da forma como a vida greco-romana é considerada do ponto de vista cristão. A primeira expressão é, literalmente, "de acordo com a era (**aiōn**) da ordem deste mundo" (**kosmos**). Sugere que a vida humana é vista sob a influência maligna de poderes celestiais, que conservam o homem em servidão tirânica (assim Gál. 1:4; 4:3; Col. 2:8; Heb. 2:15).

A possibilidade de que haja uma figura pessoal por detrás do termo "aeon" (sugerida por W. L. Knox) [13] é confirmada pela seguinte expressão descritiva: **o príncipe das potestades do ar**. Esta descrição corresponde ao Diabo, que, como chefe dos agentes demoníacos nas regiões superiores do céu físico (segundo o pensamento antigo), controla os atos humanos, estimulando os homens a pecar. Na cosmologia da época helênica, o espaço inter-estelar, especialmente o existente entre a lua e a terra, era considerado como o lugar de constante atividade demoníaca, com efeitos perniciosos sobre todos os habitantes da terra (cf. a palavra portuguesa "lunático", do latim **luna** = lua). Embora tenhamos, hoje, que rejeitar a cosmologia, as in-

13 W. L. Knox, **St. Paul and the Church of the Gentiles** (Cambridge: University Press, 1939), p. 187. A tradução então seria: "em obediência ao aeon, ou espírito controlador, deste mundo." De outra forma, este termo significa o **Zeitgeist** ou espírito da época, era", em sentido geral e cultural. Mas a referência em 6:12 depõe contra esta opinião.

fluências malignas não-humanas, de caráter pessoal (cf. o demonismo de Tillich), sobre a vida humana, são assaz conhecidas, produzindo toda sorte de desarranjos mentais e espirituais, e conseqüências sociais incalculáveis.

Como elaboração dos poderes malignos, além disso, Paulo menciona o **espírito que agora opera** entre os homens, que, como Satanás, estão pagando o preço de sua desobediência a Deus. A queda de Satanás, na angeologia judaica, estava ligada com a sua recusa em obedecer a Deus. O seu espírito rebelde ainda está ativo nos homens, que se opuseram a Deus, na sua cegueira (II Cor. 4:4).

O triste fruto desta desobediência, à graciosa vontade de Deus para com a humanidade, é verificado na torpeza moral da sociedade. As listas de vícios que Paulo apresenta em Romanos 1:18-32 e Gálatas 5:19 e ss. constituem um comentário realista do estado moral do mundo antigo, do ponto de vista cristão. E os seus leitores, como os coríntios (I Cor. 6:5-11), haviam experimentado o que havia de pior na vida contemporânea, antes de sua libertação do mal e de experimentarem uma nova vida na Igreja. Talvez a mais triste de todas as descrições seja a expressão solene: **por natureza filhos da ira**. Este é um termo hebraico, que significa "merecedores da condenação judicial de Deus". Não existe evidência, aqui, da noção de culpa original ou para se pensar na ira como emoção indecisa ou vingativa, indigna de Deus. Ele declara o fato objetivo de que os homens estão (quando sem Cristo) sob juízo divino, em virtude das escolhas morais que fizeram, e estas, por sua vez, são ditadas pela sua natureza deformada (veja Rom. 1:18-22).

2. **Humanidade em Cristo** (2:4-6)

4 Mas Deus, sendo rico em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, 5 estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), 6 e nos ressuscitou juntamente com ele, e com ele nos fez sentar nas regiões celestes em Cristo Jesus,

A escuridão da desesperança e das necessidades desesperadas serve apenas como pano de fundo, para fazer com que o amor e a graça de Deus brilhem ainda mais. A sentença que consiste na linha divisória da história é constituída pelo verso 4, que ressalta **esses** atributos de Deus, especialmente que ele é **rico em misericórdia**. Esta expressão, emprestada do Velho Testamento (Sal. 145:8), é a antítese da ira divina. A evidência do interesse amoroso de Deus, que não deixa o homem perecer, é verificado por Paulo em uma ação dupla. Deus vivificou os espiritualmente mortos, bem como ressuscitou aqueles que estavam escravizados pela servidão dessa morte. De fato, Deus fez pelos crentes (v. 5 e 6) o que já fizera por Cristo (1:20); e esta é uma ilustração, que esta epístola apresenta, do laço íntimo que liga Cristo e a Igreja. A linguagem de Paulo, aqui, é rica, devido ao uso de verbos com a preposição "com" (em grego **sun**), até o ponto de empregar verbos como **nos ressuscitou juntamente com**, que não são encontrados anteriormente na literatura grega nem atestados novamente em escritores cristãos posteriores. [14]

Os verbos traduzidos como vivificar e ressuscitar são encontrados juntos em João 5:21 e Romanos 8:11, tendo Deus como o sujeito. E isto confirma o ponto de vista de que ambos os atos são peculiarmente predicados de Deus (como no Velho Testamento e na liturgia da sinagoga, onde é somente Deus que pode vivificar e ressuscitar os mortos). Porém existe esta distinção. Enquanto no Velho Testamento tem-se em vista a ressurreição dos (fisicamente) mortos, aqui é uma renovação espiritual que é enfatizada.

O melhor paralelo ao pensamento de Paulo, aqui, é apresentado por contraste,

14 R. Bultmann, in TDNT, II, 875.

a saber, Gálatas 3:21. A própria coisa que a lei não pode fazer — dar vida aos que estão mortos na sua alienação com respeito a Deus — é conseguida no evangelho (II Cor. 3:6). E esta promessa está ligada com a ressurreição do próprio Cristo, que, por seu turno, foi seguida pela sua exaltação. Desta forma, os crentes são levantados **com ele** a um novo plano de vida, participando de sua vida (assim consta em I Cor. 6:17).

As **regiões celestes** é uma expressão que corre como fio de ligação através desta epístola (encontrado em 1:3,20; 2:6; 3:10; 6:12) e tem sido motivo de muita especulação [15] quanto aos seus antecedentes, variando de uma opinião de que Paulo tem em mente o mundo espiritual de adoração das estrelas (como Reitzenstein) até o fato de Odeberg ter tomado esta expressão em sentido genérico, para significar "condição espiritual". A verdade parece ser que a expressão significa "a esfera das realidades finais, além do mundo visível e empírico" (N. A. Dahl), onde a presença de Cristo é conhecida pela Igreja devido ao seu antagonismo contra os poderes espirituais malignos. Os crentes já são erguidos para uma elevação em que Cristo faz parte de sua nova vida. Por isso, os versos 5 e 8 podem empregar o passado perfeito do verbo salvar. Geralmente, isto é considerado como marca de autoria não-paulina, pois o apóstolo costumava usar um passado simples (Rom. 8:24) ou um presente (I Cor. 1:18). Mas Schlier defende o uso do passado perfeito, aqui, como parte do desígnio da epístola, de considerar a salvação da Igreja em seu aspecto total, como já plenamente realizada.

3. O Que Significa Estar em Cristo (2:7-10)

7 para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco em Cristo Jesus. 8 Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; 9 não vem das obras, para que ninguém se glorie. 10 Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas.

A despeito desta tendência na Epístola aos Efésios, o elemento futurista da salvação não é negligenciado totalmente. O propósito da ação de Deus, levantando a Igreja do nível condenado do pecado e morte para a presença celestial de Cristo, é algo que só o futuro desvendará. Pois é com a consumação do seu plano redentor **nos séculos vindouros** que a plena extensão de sua riqueza será conhecida. O esquema cronológico, "esta era — a (s) era (s) por vir", é tirado do pensamento judaico e aproveita a idéia de 1:21.

De fato, Paulo pode resumir todo o processo do passado, presente e futuro em uma epítome sugestiva, em forma de credo. A salvação é completa (daí o passado perfeito, "fostes salvos", na tradução da RSV do v. 8) no sentido de que nenhum defeito ou inadequação mancha o propósito de Deus; ela se origina na graça ou amor salvador de Deus expressado para com os pecadores; e ela entra na experiência humana mediante a receptividade da fé ou aceitação confiante. E a linguagem em forma de credo sugere que Paulo está dando expressão a uma perspectiva que considera a realidade "sob o aspecto da eternidade" e a experiência contínua dos crentes como um fato já realizado.

Este processo inteiro é iniciativa de Deus, como insiste II Coríntios 5:18, e não do homem, e lhe vem como um dom oferecido gratuitamente (Rom. 6:23). **Isto** é tradução do pronome neutro grego, e pode estar concordando com **fé** (substantivo feminino grego, **pistis**), embora possa ser verdade que chegamos a crer somente por causa da graça precedente ou causal de Deus. É toda a gama da salvação que forma o antecedente desta palavra, como em referência a I Coríntios 5:18.

15 Veja a digressão de H. Schlier em seu comentário, p. 45-48.

Paulo faz uma análise racional do seu ensino acerca de **sola gratia, sola fide** (por graça somente, por fé somente). Não se permite que nenhuma pessoa contribua para a sua própria salvação, porque senão haveria base para que alguém **se glorie**. Esta palavra significa, no pensamento bíblico, mais do que afirmação orgulhosa; ela é sinônimo de confiança no valor ou competência espiritual inatos (cf. Sal. 97:7 e Is. 42:17). E ela representa o exato oposto de autodesconfiança que se lança sobre Deus e sua misericórdia. Assim diz Filipenses 3:3-11.

Por que Paulo insiste, no verso 10, que este ensinamento precisa de uma ênfase que o contrabalance? É claro, com base em Romanos 6:1 e ss., que o seu evangelho de graça gratuita e confiança simples pode ser mal interpretado. H. Schlier observa, corretamente, que Paulo teve que combater dois erros. Contra os que consideravam as tentativas que faziam, para ter justiça própria, como forma de salvação — o que Schlier chama de **moralismus** — Paulo contende, dizendo que a aceitação de Deus é dada gratuitamente aos que não merecem. Porém o ensino de Paulo é parodiado, quando a justiça na conduta e um nível elevado de moral na vida são esquecidos, devido ao pressuposto errado de que os crentes podem viver descuidadamente, dizendo que, se pecarem, as suas falhas tão-somente darão à graça de Deus mais oportunidade de se manifestar. Este raciocínio falso se encontra bem no centro de uma tendência posterior "gnosticizante" (o termo de Schlier é **Gnostizismus**) de tratar a moralidade cristã frouxamente (procure evidências disso em Apoc. 2:14 e ss., 20 e ss.; II Ped. 2:2 e ss., 17 e ss.).

Em vista disso, o apóstolo faz soar a conclamação para **boas obras**, não como base para se reclamar o favor de Deus (uma declaração negada no verso 9), mas como a necessária conseqüência da nova vida, dós leitores, em Cristo como sua nova criação (II Cor. 5:17). Tito 2:14 é o melhor comentário, embora o pensamento de Paulo, aqui, seja pitoresco. **Feitura** é uma palavra grega (**poiêma**), da qual vem a palavra portuguesa "poema", e a aplicação prática desta verdade na conduta cristã e sua influência social no mundo é verificada pela palavra **andássemos** (um contraste consciente com o mesmo termo nos versos 2 e 3, onde a palavra do grego é traduzida como "antes andávamos")

V. A Unidade da Igreja (2:11-22)

Uma nova seção começa com o verso 11. Este parágrafo forma uma extensa exposição do tema da unidade essencial da Igreja, a despeito das barreiras de raça e cultura que separavam os judeus e os gentios (isto é, as nações não judias) no mundo antigo. O cerne do argumento de Paulo pode ser encontrado já em I Coríntios 12:13, Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11. O que há de peculiar, nesta passagem, é a maneira de Paulo dar maior forma as suas discussões anteriores, e o faz de algumas formas inusitadas. A referência, no verso 15, ao cancelamento da lei tem sugerido a alguns eruditos uma novidade de pensamento que trai uma conclusão não paulina. Paulo, em Romanos 10, fala, ao contrário, de Cristo como cumprindo a lei e assim conseguindo a sua consumação, não ab-rogando a sua autoridade (da lei) o que, possivelmente, era o próprio ensinamento falso que Paulo estava sendo acusado de ministrar nas igrejas que acatavam a advertência de Mateus 5: 17-19.

Todavia, uma razão para o tratamento mais minucioso prestado, aqui, a este assunto pode ser que Paulo está se aproveitando de material que deriva da adoração cristã pública. Estudos recentes detectaram, neste parágrafo, evidências da presença do que parecem ser fragmentos de hinos batismais. Sob este ponto de vista, Paulo está incorporando este ensinamento litúrgico aceito a fim de expressar plenamente a importância da unidade da Igreja, que era uma preo-

cupação pastoral premente das igrejas de composição gentílica da Ásia Menor.

Antes de comentar as partes desta seção individualmente, devemos notar o que está no centro da discussão apostólica. Veja o verso 14: **ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um.** Uma única declaração programática como esta é importante, visto que ela combina em si mesma elementos tirados dos versículos que a rodeiam. E estes elementos podem ser tabulados: (1) a inimizade entre judeus e gentios agora foi vencida e pacificada; (2) os segmentos díspares do mundo dividido do primeiro século agora eram chamados a uma harmoniosa amizade dentro da comunidade da igreja cristã; e (3) tanto judeus como gentios, ao perder a sua identidade étnica e cultural, ganham algo em troca, que é muito melhor, a saber, um lugar no corpo de Cristo, como corpo de Cristo, formando, assim, uma nova raça de homens. Por este motivo, escritores cristãos posteriores chamaram, os homens e mulheres que estão na Igreja, de "terceira raça", ou seja, nem judeus nem gentios, mas cristãos. E, como diz Paulo, eles também ganham um privilégio insuperável de acesso a Deus, que jamais poderiam ter conhecido em profundidade em seu estado anterior de não reconciliados com Deus.

Nenhuma passagem do Novo Testamento poderia ser mais importante para a segunda metade do século XX do que esta magnificente declaração da única esperança que há para a raça humana. O mundo que conhecemos está decaído, dividido e receoso. Paulo apresenta a perspectiva de uma sociedade reconciliada, unificada e amigável, cujo microcosmo é visto na Igreja da família de Deus — mundial, transnacional e reconciliadora.

1. Os Gentios Antes e Depois da Vinda de Cristo (2:11-13)

11 Portanto, lembrai-vos que outrora vós, gentios na carne, chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão, feita pela mão dos homens, 12 estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. 13 Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.

O apelo é dirigido especialmente a não-judeus, que foram os leitores do apóstolo nesta carta. Eles eram, presumivelmente, gentios cristãos da Ásia Menor; e, como tais, eles são convidados a refletir no que era a sua condição espiritual antes de se tornarem cristãos. Eles eram classificados, pelos judeus, como incircuncisos, e, por isso, ficavam do lado de fora da aliança de Deus com Israel. **Na carne** é uma ironia de Paulo, referindo-se à operação cirúrgica física, que fazia com que a circuncisão se tornasse a insígnia da profissão judaica. Por outro lado, a **incircuncisão** (lit., "prepúcio") é mencionada no Velho Testamento (Jer. 9:26) a respeito das nações estranhas a Israel. Mas esse mesmo versículo veterotestamentário aponta para uma distinção, em meio ao povo judeu, que Paulo usa em sua discussão em Romanos 2:25-29. A sua preocupação era com uma circuncisão espiritual (Gál. 6:15; I Cor. 7:19), da qual o sinal exterior é o batismo (Col. 2:11 — "não feita por mãos", isto é, de Deus, que desta forma confere ao crente o título de "verdadeira circuncisão", Fil. 3:3).

Qual era o estado dos gentios, do ponto de vista judaico? Paulo assume o lugar de judeu, e dá uma resposta tríplice. Eles estavam (1) desprovidos de qualquer esperança de um Messias. De fato, a esperança judaica costumeiramente atestada, da vinda do Messias, acarretava a destruição dos estrangeiros gentios ou no mínimo a sua subjugação a Israel (veja **Salmos de Salomão**, um livro fariseu intertestamentário, escrito em cerca de 50 a.C.). Portanto, (2) os gentios sofriam uma privação, pelo fato de não terem direito de cidadania dentro da nação eleita. Esta é a maneira de se entender

separados da comunidade de Israel sugerida por C. Masson; e ela é confirmada pelo verso 19. Os privilégios e vantagens de se pertencer à nação mais favorecida da terra são descritos em termos rutilantes, por Paulo, em outras passagens (Rom. 3:12; 9:4,5; Fil. 3:5 e ss.).

(3) O infortúnio mais triste de todos encontra-se nas palavras **não tendo esperança, e sem Deus no mundo**. As duas partes desta frase vão juntas. Mas elas precisam ser cuidadosamente entendidas. "Sem Deus" não significa uma negação de sua existência. Havia bem poucos ateus (no sentido moderno) no mundo antigo. Pelo contrário, o pensamento é que aos homens que estavam fora da Igreja faltava um verdadeiro conhecimento do único Deus da tradição judaico-cristã, e por isso se entregavam à "religião" (conforme a designação de Paulo em Atos 17:22). A multiplicidade de panteões de deuses e deusas antigos juntada com uma tendência prevalecente ao desespero (cf. a expressão de Gilbert Murray, "falta de vigor", usada em relação à sociedade helênica) naturalmente levaram à triste condição de desesperança. A resposta de Paulo a ambos os problemas encontra-se no conhecimento do Deus verdadeiro, cujo Filho abrira uma nova era para os gentios.

Duas expressões, do verso 13, sobressaem em uma sentença cuidadosamente construída. **Mas agora** responde à expressão "naquele tempo" e à palavra "outrora"; e **em Cristo Jesus** preenche a lacuna sugerida na expressão **sem Cristo**, para mostrar como a posição dos gentios havia mudado, devido à sua inclusão na aliança da graça.

O contraste **longe — chegastes perto** é emprestado de Isaías 57:19 no Velho Testamento grego. Mas a novidade da declaração de Paulo aparece em sua afirmação de que o meio pelo qual os não privilegiados gentios chegaram à herança é a morte do Messias na cruz. Assim sendo, a intenção deste versículo é clara. O acesso a Deus é agora disponível gratuitamente a todos, sem se considerar os seus impedimentos raciais e culturais anteriores. O que resta ser explicado em detalhe é o efeito que esta transformação devia ter nas relações sociais dos homens que estão na Igreja.

2. Judeus e Gentios São Agora um Corpo — em Cristo (2:14-18)

14 Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade, 15 isto é, a lei dos mandamentos contidos em ordenanças, para criar, em si mesmo, dos dois um novo homem, assim fazendo a paz, 16 e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um só corpo, tendo por ela matado a inimizade; 17 e, vindo, ele evangelizou paz a vós que estáveis longe, e paz aos que estavam perto; 18 porque por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito.

O Messias, no Velho Testamento, ostentava um título entre outros: o de "Príncipe da paz" (Is. 9:6). O termo hebraico traduzido como paz (**shalom**) significa muito mais do que ausência de hostilidade, como uma trégua armada; tem a conotação de bem-estar e segurança em todos os níveis. Assim, **paz**, no texto paulino, deve ter um duplo sentido. Ao unir os pecadores com Deus e cancelar a inimizade estabelecida pelo pecado, Cristo também uniu judeus e gentios em uma unidade e amizade que seria de outra forma desconhecida no mundo do primeiro século. Reconciliação é o tema deste curto parágrafo. Mas é outra dimensão da reconciliação mencionada noutra parte, em Paulo. Em Romanos 5:1-11, ele estava preocupado com o relacionamento do homem com Deus; aqui, ele está interessado em declarar a aplicação da obra de Cristo no ato de ter derrubado **a parede de separação que estava no meio**, entre os dois grupos, como em Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11. **Ambos** (termo que se repete nos versos 14, 16 e 18) são unidos como **um**.

Essa **parede** propõe um problema exegético. Como antecedentes, o que está realmente na mente do apóstolo? Obvia-

mente, esta metáfora fala de separação e alienação entre grupos opostos (cf. a agora famosa descrição de Winston Churchill, de uma "cortina de ferro" entre o Oriente e o Ocidente, e o testemunho histórico do Muro de Berlim). Porém, existe um uso mais exato desta metáfora?

A ilustração mais comum das imagens que estão por detrás desta frase era a balaustrada do Templo, que separava o Pátio dos Gentios e o Pátio das Mulheres, no Templo de Jerusalém (Josefo, **Antiguidades** 15:11; **Guerras Judaicas** 5:5). Essa cerca, com a sua inscrição de advertência, [16] servia para lembrar o não-judeu que ele precisava guardar distância do santuário sagrado de Israel (veja Atos 21:27 e ss., para um exemplo do temor judaico de que algum gentio a ultrapassasse). Esta barreira, declara o verso 14, foi derrubada no sentido de que o acesso a Deus (Jeová) não é mais restrito aos judeus e às suas observâncias culturais.

Contudo, (M. Dibelius) faz uma pergunta a respeito desta interpretação: "Entenderiam os leitores gentios da Ásia Menor esta alusão?" Esta interrogação leva-o e a muitos eruditos alemães contemporâneos a pensar que os antecedentes da referência feita neste versículo são imagens gnósticas de uma parede que separa os **aeons** e divide o **plērōma** celestial do mundo terreno. Baseada neste ponto de vista, a alusão é à reentrada (volta) às regiões celestes do redentor gnóstico, que vinha da zona terrestre (à qual descera em sua missão). Ele volta ao seu mundo celestial, e a sua rota (para usar um termo moderno empregado na exploração do espaço) necessitava que fossem derrubados todos os impedimentos que se colocassem no seu caminho. Esta idéia de movimento cósmico foi tomada, pelos gnósticos, como símbolo da maneira pela qual o acesso do homem às regiões celestiais foi aberto, quando ele seguiu o redentor, que ascendia. Contra esta opinião, (F. F. Bruce) ofereceu uma crítica notável, observando que a barreira do texto paulino é vertical, denotando uma divisão entre dois grupos de pessoas residentes neste mundo, e não uma divisão horizontal entre os mundos superior e inferior. [17] E o verbo **derrubando** se refere mais naturalmente a uma cerca vertical.

No arbítrio deste escritor, é melhor enveredar por outra linha de pensamento, e considerar a **parede** que estabelece **separação** como uma alusão encoberta à lei mosaica e sua interpretação, por parte dos escribas. De acordo com a maneira judaica de entender a lei (preservada na **Carta de Aristeas**, documento judaico do segundo século a.C.), a intenção de Deus em dar a sua lei a Israel era proteger a nação contra os gentios, e assim indiretamente impedir estes de terem acesso a Deus, por causa do exclusivismo do judaísmo. Existe confirmação destes antecedentes, se considerarmos o verbo **derrubando** como dando a entender que os decretos da lei como uma forma de salvação são agora abolidos, isto é, são invalidados. A ab-rogação da lei era necessária para a criação de uma igreja universal.

Além do mais, o versículo 13 fala dos gentios como **longe**, e esta descrição tem melhor acepção implicando que, do ponto de vista rabínico judaico, os gentios eram conservados à distância de Israel, que era o único povo próximo de Deus (Sal. 148:14). **Paz** era necessária para unir dois grupos religiosos alienados — e a cruz de Cristo havia efetuado exatamente isso. Na verdade, o pensamento-chave de toda a passagem encontra-se aqui: **de ambos os povos fez um**, isto é, uma igreja cristã, no lugar de dois grupos

16 Veja a discussão empreendida por E. Bickermann, **Jewish Quarterly Review**, 37 (1947), p, 387 e ss. Uma inscrição dessa advertência diz: "Nenhum homem de outra raça deve entrar para dentro da cerca e do muro que rodeiam o Templo. E qualquer pessoa que for pega deve a si mesma por sua morte subseqüente."

17 F. F. Bruce, **Bulletin of the John Rylands Library** (Manchester), 49, primavera de 1967, p. 316.

étnicos de judeus e de gentios, separados por uma "cortina de ferro" de animosidade.

A maneira de obter a reconciliação é agora revelada no verso 15a, que requer uma exegese detalhada. A Jesus, como o Messias de Israel, é creditado o fato de que **ele desfez... a lei**, isto é, removeu a sua validade como justiça salvadora, porque somente desta forma podia ser oferecida, aos que nunca haviam tido a lei, uma salvação universal. Novamente é-nos recordado Mateus 5:17 como polêmica possível em contraposição a esta posição, que vai além da declaração de Paulo em Romanos 10:4.[18]

Desta forma, Cristo é o criador de uma nova raça, em que distinções milenares de nacionalidade perderam a sua relevância e força. **Um só corpo** dificilmente é uma referência ao corpo crucificado de Jesus, como alguns comentaristas, tanto antigos (Bengel) como modernos (Schlier) têm insistido. Mais provavelmente a alusão é à Igreja como o corpo de Cristo, da mesma forma como em 1:23 e 4:4,16 (assim comentam E.F. Scott, S. Hanson e C. Masson). Desta forma, o sentido será que, quando ele morreu, o seu propósito era abranger as seções díspares da humanidade através desse ato salvador, e, ao reconciliar os homens com Deus, sem distinção, destruir a hostilidade que até aquela época da história os havia conservado separados e em posições antagônicas. Quer a reconciliação seja entre raças ou entre os homens e Deus, isso não precisa ser decidido exclusivamente. O pensamento de Paulo certamente inclui ambas as idéias, argumenta W. Foerster.[19]

E, vindo na pessoa dos seus mensageiros apostólicos que levam o evangelho da paz (Rom. 10:15), ofereceu-o gratuitamente a todas as raças, tanto gentios, que anteriormente estavam **longe**, como judeus, que anteriormente estavam **perto** de Deus, como sua raça escolhida. Atos 2:39, que usa a mesma passagem veterotestamentária de Isaías 57:19, mostra o começo da destruição dessa rígida distinção, tão fundamental para o judaísmo rabínico.

Até este ponto, o pensamento de Paulo tem-se baseado no tempo passado do verbo. Ele tratara do ato passado de Deus, que derrubara os obstáculos para uma reconciliação mundial. Agora ele oferece, como epílogo e sumário do seu argumento, a realidade experimental do que todo crente sabe ser verdade: **por ele ambos temos acesso**. Unidos em comunhão, judeus e gentios em Cristo descobrem a sua unidade em um acesso comum e livre a Deus pelo Espírito Santo, que é o autor da unidade dentro da Igreja (assim diz I Cor. 12:13). Para verificar esta declaração de uma Trindade funcional dentro da Divindade cristã, podemos comparar I Pedro 3:18.

3. A Igreja Única Sobre um Único Alicerce (2:19-22)

19 Assim, pois, não sois mais estrangeiros, nem forasteiros, antes sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, 20 edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra da esquina; 21 no qual todo o edifício bem ajustado cresce para templo santo no Senhor, 22 no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito.

Assim, pois é uma frase que freqüentemente, no pensamento de Paulo, extrai uma conseqüência de um fato, ou conclusão, previamente estabelecido (Rom. 5:18, etc.). Possivelmente, ele tem uma expressão vívida e concreta de comunhão cristã em mente, como a comunhão em mesa comum, em que judeus e gentios crentes se encontravam para a celebração da Ceia do Senhor. Os gentios não eram, de forma alguma, inferiores, nem sua admissão na igreja fora feita com má vontade, como se Deus lhes tivesse atri-

18 Veja, de C. F. D. Moule, "Obligation in the Ethic of Paul", em **Christian History and Interpretation: Studies Presented to John Knox**, ed. W. R. Farmer, C. F. D. Moule e R. R. Nieburhr (Cambridge University Press, 1967), p. 401 e ss.

19 TDNT, Vol. II, p. 415.

buído somente uma condição de segunda classe, dentro da comunidade da aliança. Pelo contrário, eles eram bem-vindos, por Deus, como membros em plena comunhão, **concidadãos dos santos.** O termo posterior provavelmente se refere aos cristãos judeus, pois freqüentemente, em Atos, bem como em Romanos 15:25, esta expressão é usada em referência a eles. Ambas as classes constituem a **família de Deus**, como uma só entidade, membros de uma sociedade com direitos e privilégios iguais.

A Igreja como uma casa é figura claramente ensinada em Hebreus 3:6, mas a inferência encontra-se, em Paulo, em I Coríntios 3:10,16, onde o texto tem em vista uma casa especial, a saber, a santa casa de Deus, o seu templo. Que esta é a aplicação que Paulo faz, das figuras de uma casa, torna-se claro no verso 21. Os crentes são assemelhados a pedras vivas (como em I Ped. 2:5), edificadas na estrutura, que, por seu turno, repousa sobre um fundamento que é Cristo (I Cor. 3:10) e que é lançado pelos apóstolos e profetas (assim diz a NEB).

Existe uma forma alternativa pela qual o verso 20 pode ser entendido, pois o grego é ambíguo. Concorda-se que **apóstolos** e **profetas** significam, geralmente, os líderes da Igreja do Novo Testamento, referindo-se o segundo termo a profetas como Ágabo (At. 11:27 e ss.; 21:10). Porém, mesmo com esta concordância genérica, este texto pode ser interpretado no sentido de que esses homens formavam o alicerce da Igreja, como em Apocalipse 21:14. Alguns eruditos argumentam em favor deste ponto de vista, que se opõe diretamente ao que Paulo fala acerca de Cristo como pedra fundamental, em I Coríntios 3:10. Assim, concluem eles, temos, em Efésios, uma doutrina do ministério que pertence a uma estrutura, da Igreja, mais institucional e posterior, saída de um período pós-paulino. Porém esta insistência de que os próprios apóstolos e profetas são o fundamento da Igreja não é sem refutação, e a NEB traduz de outra forma: "o fundamento lançado pelos apóstolos e profetas."

A designação de Cristo como **fundamento** é igualmente capaz de várias interpretações. J. Jeremias argumenta em favor do significado de "pedra de cobertura ou cumeeira", que une todas as partes do edifício (completo), mas este versículo tem sido efetivamente desafiado. [20] A opinião tradicional acerca de pedra angular, derivada de Isaías 28:16, é melhor, reconhecendo o argumento de Whitaker, de que, de acordo com os métodos antigos de edificação, a pedra angular tinha importância especial como a pedra usada pelo arquiteto-edificador para determinar o ângulo ou inclinação de todo o edifício. Assim também Jesus Cristo é o padrão pelo qual a vida e o crescimento de sua Igreja são moldados por Deus.

O resultado do fato de a Igreja ser estabelecida e determinada pela pedra fundamental é dado em seguida. A Igreja é um edifício, mas em nenhum sentido estático ou inanimado. Ela é mais semelhante a um organismo vivo (sendo o verbo de Paulo uma mudança de metáfora), que toma forma pela orientação do Espírito, através das circunstâncias da história. **O templo santo** faz lembrar o Templo de Salomão (I Reis 6-8), que era uma habitação que ele desejou erigir para Deus. A contrapartida neotestamentária desta aspiração encontra cumprimento em um templo feito sem mãos, um corpo espiritual de homens e mulheres em que habita o Espírito de Deus (I Cor. 3:16). A comunidade de Qumran esperava um novo templo, que excederia o culto e o ritual de Jerusalém. Esta esperança foi amplamente cumprida em Cristo e sua Igreja, em que Deus agora encontra a sua habitação. Não em um santuário material ou um programa renovado de culto, mas na vida do seu

20 Veja R. J. McKelvey, **The New Temple** (Oxford: University Press, 1969), p. 108 e ss. e 195 e ss., para a discussão e referências a Jeremias e G. H. Whitaker, **The Expositor 8** (1921), p. 470 e ss.

povo consagrado, Deus vive e se manifesta ao nosso mundo.

VI. O Apostolado de Paulo e a Sua Oração em Favor da Igreja (3:1-21)

Paulo fora comissionado para ser o mensageiro especial de Cristo para os gentios, e tinha isso em elevada estima. No entanto, ele achava necessário afirmar repetidamente o direito que tinha de usar o nome de apóstolo, da mesma forma como achava que essa assertiva era uma tarefa pessoalmente desagradável. A verdade era que o seu apostolado era repetidamente questionado e atacado pelos seus oponentes, em várias igrejas. E, depois de sua morte, a mesma defesa ardente do ofício e da missão apostólica de Paulo foi feita pelos seus discípulos. Na seção referente a estes versículos (especialmente 1-13), precisamos nos perguntar se essas declarações do apostolado de Paulo se interpretam mais naturalmente como sua reivindicação, sem rebuços, de ser o representante de Cristo para os gentios, oferecida como prova de suas credenciais, ou se estamos ouvindo as reivindicações feitas em favor de Paulo depois de sua morte, por algum discípulo que o admirava, e que escreveu "por amor a Paulo" (**amore Pauli**, em expressão cristã posterior). Em outras palavras, este capítulo apresenta, de forma aguda, o problema da autoria e objetivo da epístola. Somos conclamados a encontrar algum relatório da postura autobiográfica que Paulo adota nestes parágrafos.

De fato, a autobiografia do verso 9 se funde em uma declaração do conteúdo de sua pregação, à luz do destino especial que ele foi encarregado de cumprir (v. 3-6). A importante declaração dos versos 5 a 11 é feita com o efeito de mostrar que o ministério apostólico de Paulo aos gentios baseava-se no lugar que ele ocupava na economia do propósito salvador de Deus para o mundo, através da Igreja.

A nota pessoal se insinua novamente como um interlúdio (v. 7 e 8). Volta-se para Paulo novamente, quando ele faz uma memorável oração pastoral em favor das congregações cristãs do mundo todo (v. 14-19). Esta seção se encerra com uma notável atribuição doxológica de louvor (v. 20 e 21).

1. A Vocação de Paulo e Como Ele a Entendia (3:1-6)

1 Por esta razão eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus por amor de vós gentios...
2 Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada;
3 como pela revelação me foi manifestado o mistério, conforme acima em poucas palavras vos escrevi,
4 pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo,
5 o qual em outras gerações não foi manifestado aos filhos dos homens, como se revelou agora no Espírito aos seus santos apóstolos e profetas,
6 a saber, que os gentios são co-herdeiros e membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho;

O nome pessoal de Paulo tem a intenção de dar ênfase à oração que se segue nos versos 14 a 21. De fato, não há nenhum verbo concordante que siga este substantivo, senão no verso 13, que introduz a oração. Semelhantemente, a menção dele como **prisioneiro de Cristo Jesus** não é um artifício de autopropaganda, mas uma recordação, para os seus leitores (ou a recordação do seu discípulo), das suas credenciais como apóstolo, **por amor de vós gentios**, como em II Timóteo 2:9,10.

Paulo escreve para um grupo de crentes de quem é desconhecido (1:15). No entanto, presume que era certo que eles ouviram falar de seu ministério (3:2) e do seu comissionamento de responsabilidade especial no plano de Deus (1:10) para trazer à existência uma igreja mundial (3:9), composta de judeus e gentios que criam.

O apóstolo chegou a entender a verdade da in enção de Deus bem cedo na sua vida cr tã (veja At. 9:15,16; 22:21; 26:17) e se refere a ela com a designação de **revelação**. Esta referência volta à es-

trada de Damasco, onde ele se encontrara com o Senhor vivo, e conseqüências daquele encontro (Gál. 1:16). Posteriormente, foi-lhe dada alguma percepção a respeito do propósito divino para a Igreja e para a sua vida, e ele esboçou, na parte anterior desta carta (2:13-22), a base de sua missão aos gentios. Isto explica o tempo do verbo **escrevi** (grego, **proegrapsa**), que deve ser considerado como aoristo epistolar. Isto é, o escritor colocase no lugar de seus leitores no momento em que a composição está de fato sendo lida. Assim, a noção ou idéia de uma carta anterior, à qual este verbo é levado a se referir (sugestão de E. J. Goodspeed), não é compulsória. Paulo tem em vista o que ele acabou de escrever (assim pensa Schlier, que ilustra **em poucas palavras** referindo-se a Heb. 13:22 e I Ped. 5:12).

O **mistério** (cf. 1:9) do verso 4 se relaciona com a inclusão dos gentios em uma igreja em que todas as barreiras de raça são derrubadas (veja 2:14,17,18). Períodos anteriores, da história, mesmo dentro da vida do povo judaico, deixaram de reconhecer o propósito abrangente de Deus, embora tivessem sido dados indícios, como, por exemplo, na promessa a Abraão (Gên. 12:1-3), que Paulo explora em sua discussão com os judaizantes na Galácia (Gál. 3:8,9). O que outrora estava escondido e irreconhecível, a saber, que devia haver uma igreja só, santa, universal, apostólica, agora era confiado aos pregadores da missão gentílica, pelo Espírito Santo.

De outro modo, o verso 5 expressa a convicção de um grupo pós-paulino, de que só os pregadores apostólicos das igrejas paulinas haviam entendido a verdade de uma igreja mundial, e que é atribuição **deles** (na frase **santos apóstolos e profetas**) o fato de constituírem uma sucessão aos pregadores, aos quais conferiam uma aura de santidade, mediante o título de **santos**. Apela-se a este termo como evidência do "catolicismo incipiente evidenciado nesta carta. Mas este argumento não é decisivo, e **santo** pode ser usado simplesmente para distinguir os líderes cristãos (como em 2:20) dos "filhos dos homens" (humanidade em geral) do verso 5.

Por contraste com 2:12,19, que pinta a triste condição e as negras perspectivas dos gentios fora da aliança nacional, essas mesmas raças deserdadas e em desvantagem são agora, em Cristo, participantes de todas as bênçãos prometidas aos judeus (1:18). A riqueza de sua nova herança é expressa claramente pelo uso de uma tríade de termos que têm o mesmo prefixo (gr., **sun**). J. Armitage Robinson traduz de maneira capaz: "Os gentios são agora co-herdeiros, co-associados e co-participantes da Promessa." É uma declaração refinada do **evangelho** de uma sociedade universal de fraternidade cristã.

2. A Vocação de Paulo e Como Ele a Cumpriu (3:7-13)

7 do qual fui feito ministro, segundo o dom da graça de Deus, que me foi dada conforme à operação do seu poder. 8 A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios as riquezas inescrutáveis de Cristo, 9 e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou, 10 para que agora a multiforme sabedoria de Deus seja manifestada, por meio da igreja, aos principados e potestades nas regiões celestes, 11 segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor, 12 no qual temos ousadia e acesso em confiança, pela nossa fé nele. 13 Portanto, vos peço que não desfaleçais diante das minhas tribulações por vós, as quais são a vossa glória.

Para a realização do seu trabalho designado por Deus (do qual II Tim. 1:11 fala), Paulo, como todos os que são chamados para o serviço de Cristo, em sua Igreja, em todas as épocas, precisava do dom da **graça** divina. Esta é uma palavra de propósitos múltiplos no vocabulário de Paulo. Em 2:4 e s., ela fala do amor e misericórdia imerecidos de Deus, demonstrados ao homem necessitado. Mas

aqui o pensamento é diferente. Como em II Coríntios 12:9, ela é sinônima de poder divino para a capacitação dos servos de Deus para o seu serviço. Assim, Paulo, o **ministro** (**diakonos**, de onde vem a nossa palavra "diácono"; mas aqui de maneira mais genérica, referindo-se a qualquer crente, servo de Deus), alegra-se em ser equipado para a obra do ministério.

Em um ápice notável de autobiografia e revelação de si mesmo, Paulo confessa a sua própria inadequação e necessidade. O texto grego oferece interessante elaboração dessa idéia. Com o uso de um superlativo reforçado, traduzido pela RSV e versão da IBB como **o mínimo de todos os santos** (lit., mais pequeno do que o menor em todo o povo de Deus), ele reflete em seu passado como perseguidor da Igreja (At. 8:1; 9:1; Gál. 1:13,23; Fil. 3:6; I Tim. 1:13). Se o espetáculo de sua dolorosa infâmia passada brilhava naquele momento diante dos olhos de sua mente, isto pode explicar uma expressão de autodepreciação, que C. L. Mitton considera como "calmamente deliberada, até mesmo constrangida e um pouco teatral". [21]

Além disso, o apóstolo se regozijava no suprimento do poder de Deus que o capacitava a realizar a sua tarefa de pregar **aos gentios** uma mensagem que ele caracteristicamente descreve como **as riquezas inescrutáveis de Cristo**. O adjetivo traduzido como **inescrutáveis** encontra-se apenas mais uma vez em o Novo Testamento. Em Romanos 11:33, descreve os inescrutáveis caminhos de Deus.

Um outro objetivo do verso 9 é expressar o conteúdo preciso dessa riqueza insondável em Cristo. Como em 1:18, o pensamento paulino abrange variegadas metáforas. Existe uma rica veia de verdade espiritual, esperando ser descoberta e apropriada, e então repartida com os outros. Mas tanto os pregadores cristãos quanto as pessoas a quem eles se dirigem como embaixadores necessitam de iluminação, que lhes dê capacidade para apreciar o que são essas riquezas. Assim, a tarefa apostólica de Paulo era iluminar todos os homens mediante o desvendamento do plano redentor de Deus, outrora oculto (v. 5), mas agora trazido à luz. Este é o **mistério** (veja o comentário a 1:9,17); e a Igreja, na terra, sob a direção de Paulo, é conclamada a ser uma testemunha desse mistério e, ao mesmo tempo, um veículo dele às nações.

O evangelho da Igreja é endereçado a homens e mulheres. Porém existe uma outra dimensão, no pensamento de Paulo, expressa nos versos 9 e 10. E ele escreve a respeito dela de maneira que tem deixado confusos comentaristas e exegetas. Essa dimensão adentra uma esfera inumana e cosmicamente orientada, de inteligências angélicas, conhecidas como os **principados e potestades.** [22]

Esses agentes espirituais também recebem a notícia da vitória de Cristo, e são levados não apenas à admiração, mas à sujeição. Pois a mensagem do evangelho os alcança apenas para fazer ressoar a sua derrota (cf. I Cor. 2:8; Col. 2:15) e anuncia que o ato de Deus, em Cristo, para a salvação, tem uma ramificação cósmica: deu fim ao regime maligno desses espíritos e à sua tirania, que subsistia na forma de "destino" e de temor astrológico, sobre a vida humana (veja o comentário a 1:21,22).

Certamente, mais tarde, no decorrer da carta, Paulo escreverá realisticamente a respeito do conflito da Igreja com esses inimigos potencialmente derrotados (6:

21 C. L. Mitton, **The Epistle to the Ephesians** (Oxford: University Press, 1951), p. 15. A coerência desta declaração da humildade de Paulo com as suas outras notas pessoais em I Cor. 15:9 e I Tim. 1:12-16 estabelece uma base para qualquer avaliação do ofício ministerial, como este escritor argumentou no livro **My Call to Preach**, ed. C. A. Joyce (London: Marshall, Morgan and Scott, 1968), p. 61-67.

22 Duas monografias, quase com o mesmo título, tirado deste texto, podem ser mencionadas, para futura elucidação: de G. B. Caird, **Principalities and Powers** (Oxford: University Press, 1956) e de H. Schlier, **Principalities and Powers in the New Testament** (Edinburgh-London: Thomas Nelson, 1961).

12). Aqui, todavia, eles são considerados já subjugados, no **eterno propósito** de Deus, porque, para eles, a sabedoria de Deus na cruz de Cristo exibe a sua **multiforme** (lit., multicolorida) **sabedoria**, para deslumbrá-los com a sua completa simplicidade e aparente fraqueza (I Cor. 2:6 e ss.).

Mas esta fraqueza de Deus (I Cor. 1:25), que permitiu que o seu Filho fosse crucificado, pelo desígnio desses agentes (II Cor. 13:4), era uma estratégia divina, pois "ele vive pelo poder de Deus", para receber as suas homenagens como o Cristo cósmico, Rei de toda a criação (Fil. 2:9-11).

Admitimos que a linguagem, os conceitos e as figuras dos versos 9 a 11 são difíceis de serem reunidos de maneira realista, e há necessidade de considerar a importância do controle que Cristo exerce sobre todos os poderes estranhos do universo, que ameaçam e amedrontam a vida humana. No entanto, Paulo nunca perde de vista o papel da **Igreja** na terra, com respeito a esta linguagem pictórica, cósmica e até dualista; e, no verso 12, a cena muda para a Igreja na terra, no sentido de os crentes, serem recordados de que "devem a Jesus Cristo, seu Senhor, os caracteres distintivos do seu novo estado espiritual" (Masson) **pela nossa fé nele**. Desta maneira, Paulo extraiu, de antecedentes cosmicamente orientados, o valor espiritual e prático para os crentes, e trouxe a verdade da obra supraterrestre de Cristo para o campo da aplicação pessoal, na sua doutrina de reconciliação e comunhão com Deus. Como na alusão anterior (2:18), para Paulo, o elemento principal desta apresentação dramática era que nenhum poder hostil pode separar de Deus, o Pai, a Igreja, visto que o triunfo de Cristo sobre todos os inimigos que o homem do primeiro século podia temer mais, sentenciava o fim do controle do destino sobre o homem.

No verso 13, a RSV e a versão da IBB oferecem uma possibilidade de tradução, entre muitas. A dificuldade exegética desta passagem centraliza-se no que é o sujeito apropriado do verbo **desfalecer**. O grego é enigmático e comprimido; e pode significar que Paulo estava pedindo, aos seus leitores, para orarem para que ele não ficasse desanimado, como em II Coríntios 4:1-6, que tem o mesmo verbo. Se não for assim, ele pode dar o sentido de que eles mesmos não ficassem descoroçoados devido à prisão dele por amor a eles (3:1). Computando-se as várias possibilidades, a redação da RSV e da IBB parece a melhor.

3. A Oração de Paulo Pela Igreja (3:14-21)

14 Por esta razão dobro os meus joelhos perante o Pai, 15 do qual toda família nos céus e na terra toma o nome, 16 para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais robustecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior; 17 que Cristo habite pela fé nos vossos corações, a fim de que, estando arraigados e fundados em amor, 18 possais compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, 19 e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios até a inteira plenitude de Deus. 20 Ora, àquele que é poderoso para fazer muitíssimo mais que tudo quanto pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, 21 a esse seja glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém.

De qualquer forma, Paulo está requisitando as orações dos seus leitores, parcialmente, devido à liberdade de acesso a Deus que eles, como gentios, agora gozavam; e, parcialmente, porque eles tinham um lugar especial em seu ministério. Ele era o apóstolo "deles", e, por isso, podia confiantemente contar com a intercessão deles por ele.

As palavras de abertura, dos versos 14 e 15, nos levam de volta ao verso 1, que elas completam, acrescentando o verbo necessário. Esta maneira de entender esta passagem deve ser preferida à opinião que liga o verso 14 com o verso 13. É melhor verificar-se uma retomada do

cuidadoso interesse do apóstolo por seus leitores, quando ele fala de sua oração ao Pai em favor deles. Da mesma forma, não devemos deixar de perceber a intensidade do seu interesse, expressa na postura de oração: **dobro os meus joelhos.** Os judeus normalmente ficavam de pé para orar (Mat. 6:5; Luc. 18:11,13). Ajoelhar-se, para orar, era sinal de grande urgência e angústia.[23]

Novamente, não devemos deixar passar despercebido o vocativo **Pai**, que é o nome distintivamente cristão para referir-se a Deus, derivado do exemplo de Jesus (Mar. 14:36) e seu ensino (Luc. 11:2). O seu termo aramaico, **Abba** (que significa "querido Pai"), assegurava-lhe um lugar na linguagem litúrgica das igrejas gentias, tanto na Ásia Menor como em toda parte (Rom. 8:15; Gál. 4:6).

Deus, como Pai, estabelece um padrão, pois a sua paternidade é o protótipo de toda a vida familiar, de acordo com o verso 15. Contudo, a exata interpretação deste versículo é duvidosa. Parece que Paulo estava conscientemente preocupado com a distinção, estabelecida na literatura judaica, entre dois aspectos da paternidade divina. Os rabis falavam da "família superior", dando a entender o mundo dos anjos. Isto se enquadra na designação, de Paulo, de **toda a família nos céus.** E eles aludem a Israel como a "nossa família". A expressão paulina, **e na terra**, é melhor entendida sob esta luz, pois o apóstolo apropria-se ousadamente de um título orgulhosamente reivindicado pelos judeus, mas que ele reinterpreta à luz de 2:18. Tanto judeus quanto gentios compõem agora a família de Deus na comunhão de uma igreja unida e singular.

O conteúdo desta prece é duplo. Ele ora, pedindo o poder do Espírito Santo, a quem invoca para fortificar a "vida interior" dos crentes, especialmente em tempos de provação (veja Col. 1:11; Fil. 1:19). O melhor comentário a respeito de **homem interior** se encontra em II Coríntios 4:16.

A parte complementar desta prece é uma invocação do Cristo, que em nós habita, fazendo em nós o seu lar (Gr., **katoikeō**, que remonta a 2:22, onde o substantivo é "habitação", **katoikētērion**). Esta correspondência entre os versos 17 e 2:22 confirma a opinião de que não há grande diferença entre a ação do Espírito, no homem interior, e a habitação de Cristo no coração do crente. C. Masson habilmente cita A. Monod, a respeito do versículo 17a: "É a mesma graça, encarada de outro prisma."

O Senhor que em nós habita é a certeza da força moral do crente (Fil. 4:13). Certas conseqüências se seguem ao cumprimento da oração do apóstolo, que tem, como seu frontispício, uma combinação de metáforas que também são encontradas juntas em 2:21 e Colossenses 2:7. **Arraigados** é um termo de horticultura, denotando a firmeza com que as plantas se estabelecem. **Fundados** (do verbo **themelioō**; cf. o substantivo grego **themelios**, que significa fundamento, em 2:20) é emprestado da linguagem arquitetural, e refere-se a uma base firme, sobre que repousa e se levanta uma superestrutura. **Amor** (isto é, o amor de Deus pela Igreja, como em Col. 2:7) é tanto o solo em que a planta se agarra quanto a base firme em que se levanta o edifício.

As metáforas do mundo físico agora dão lugar a imagens tiradas do universo intelectual e moral. Os verbos **compreender** e **conhecer** são combinados, com pequena diferença de significado, exceto que a expressão qualificadora adicionada a **com todos os santos** ("todo o povo de Deus", NEB) é uma recordação de que este conhecimento não é reservado a nenhuma classe especial de crentes, como mais tarde iriam dizer os gnósticos. Da mesma forma, Paulo também não sabia de nenhuma experiência mística parti-

23 Veja R. P. Martin, **Carmem Christi: Philippians 2:5-11**, p. 264 e ss., para obter o significado desta postura em referência à literatura bíblica e extrabíblica.

cular, isolada da companhia dos crentes na comunhão da Igreja.

Os objetos do conhecimento pelos quais ele ora são: (1) o plano redentor de Deus em toda a sua riqueza e profundidade e (2) o amor de Cristo, de que o empreendimento redentor de Cristo é a expressão consumada. De fato, tão admirável é esse amor que o propósito de Deus para a sua Igreja no mundo revela, que ele foge à nossa compreensão total. E, exatamente porque é tão variegado (pensamento sugerido pela **largura, e o comprimento,** e **a altura,** e **a profundidade**, que é uma forma poética de explanar a infinita variedade do propósito de Deus), [24] ele **excede todo** o **entendimento**. No entanto, ao mesmo tempo, a sua atração nos leva a uma experiência progressiva, quando somos cheios mais e mais, "até a medida" da plenitude de Deus. Esta é a força da preposição grega **eis** (IBB, **até a**) no verso 19b.

Uma esplêndida doxologia, comparável a Romanos 16:25 e ss., Hebreus 13:20,21 e Judas 24 e s., coroa a oração apostólica. Ela celebra a confiança da Igreja de que Deus era capaz, mas também queria fazer tudo o que a oração de Paulo pedira. De fato, com o uso de um advérbio raro (gr., **huperekperissou: muitíssimo mais** — tradução semelhante a "infinitamente mais", como se diz comumente, expressa o verdadeiro sentido deste advérbio), Paulo expressa o pensamento de que a intenção de Deus era exceder, com a sua resposta, as petições arrojadas de sua oração e até as aspirações que a haviam desencadeado. Martinho Lutero oferece, algures, o ditado de que pedimos prata, e Deus dá ouro.

O segredo desta confiança é que o poder de Deus **em nós opera**, isto é, na igreja em que a sua plenitude habita, devido à presença de Cristo e do Espírito (2:22; 3:17). E Paulo conhece esse segredo em sua própria vida (Col. 1:29). Adequadamente, no fim deste pensamento sublime, ele dá louvores a Deus, que está presente tanto em Cristo (de maneira peculiar, visto que ele é a corporificação da divindade, Col. 2:3) quanto na Igreja (que, como corpo de Cristo, está intimamente associada com ele, 1:23; 4:15,16; 5:30). Mas, para Paulo, nesta carta, Cristo e sua Igreja não são duas entidades separadas, mas estão conjugadas tão intimamente, para que seja permitido escrever a respeito de um todo incorporado, Cristo-em-sua-Igreja. É devido a esta presença, que habita e dá poder, que pode ser dada **glória** a Deus eternamente.

VII. A Vocação da Igreja Como Corpo de Cristo (4:1-16)

Até agora, nas mensagens que endereçou às congregações gentias, Paulo expôs a maneira como o propósito de Deus foi concebido e executado. Em uma sentença, isto significa que os crentes foram tirados da morte para a vida; e os crentes, tanto judeus como gentios, formam uma igreja única, singular. Além do mais, esta intenção de Deus de ter um povo que correspondesse a um cabeça, Cristo, foi realizada principalmente através da missão de Paulo — embora o plano se estendesse para o passado, para o decreto eterno de Deus. Agora Paulo era capaz de olhar para o passado e ver a realização dessa missão durante a sua vida de serviço cristão.

Mas o ideal de uma cabeça e um corpo necessita de uma aplicação empírica para as igrejas que são compostas de homens e mulheres comuns no mundo de cultura grega e romana. Assim sendo, a partir da exposição a respeito do lugar da Igreja no propósito redentor de Deus

---

24 Estes termos tornam-se nomes familiares para "as dimensões eternas da Divindade" na religião gnóstica (G. Johnston, **Commentary**, "The Century Bible" (London: Thomas Nelson, 1967), ad, loc. Mas seria desnecessário encontrar-se antecedentes para este texto neste vocabulário astrológico, a despeito da semelhança formal. Observe-se os cuidados recomendados por W. L. Knox, **St. Paul and the Church of the Gentiles** (Cambridge: University Press, 1939), p. 192 n. 1.

para o mundo, mediante a pregação do evangelho, Paulo agora se volta para a aplicação prática deste ideal na vida diária. Para usar uma expressão técnica, mas útil, a sua preocupação, no resto da carta, é com "exortação" (**parenesis**) e "encorajamento (**paraklēsis**). [25]

Esta divisão da carta ajuda a nossa compreensão. Tendo lançado um alicerce com a exposição teológica do tema Cristo-em-sua-Igreja, Paulo agora se dedica ao seu objetivo prático, colocando, diante dos seus leitores, as diretrizes da conduta cristã e comportamento diante do mundo. Mas, antes de se envolver com detalhes, ele primeiramente precisa apresentar um quadro genérico de qual deve ser a vocação da Igreja no mundo. Este é o interesse particular de 4:1-16.

Pelo fato de esta seção funcionar como frontispício do equilíbrio desta carta, a sua estrutura precisa ser notada aqui. A nota característica encontra-se no v. 1, quando Paulo conclama os seus leitores para serem fiéis ao seu destino, à luz do seguinte: (1) O lugar deles dentro de uma igreja que por definição é una (v. 2-6); (2) contudo, unidade não significa monocromia, uniformidade monótona, que seria verdade se a igreja fosse uma coisa, um objeto inerte e estático. (3) Mas a igreja é um organismo, pulsando de vida e composta de pessoas vivas, que são responsáveis por crescer em caráter e personalidade, de acordo com o uso que fizerem dos dons que Cristo conferiu (v. 7). (4) O seu objetivo é que a igreja alcance "o estado de homem feito" (v. 13), e para isso ele preparou dons que devem ser exercitados através dos seus servos (v. 8-12). (5) O progresso da igreja é marcado por um crescimento da infância até a maturidade, na medida que ela assume o caráter de sua cabeça, Cristo (v. 14-16).

25 Para comentário a esses termos, na literatura neotestamentária, podemos nos referir a A. M. Hunter, **Paul and His Predecessors**, 2ª ed. (London: SCM Press, 1961), Cap. 6.

1. A Vocação da Igreja à Luz de Sua Unidade (4:1-6)

1 Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, 2 com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, 3 procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz. 4 Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; 5 um só Senhor, uma só fé, um só batismo; 6 um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.

Pois liga o apelo de Paulo com o que foi apresentado antes (como em Rom. 12:1; Col. 3:1; I Tess. 4:1). A **vocação** do crente é o chamado de Deus a que ele responde por ocasião da conversão (Fil. 3:14); e a sua reação deve ser mostrada nos padrões subseqüentes de sua conduta. **Vocação** é literalmente "andar" ou "caminhar", que retrata a expressão idiomática hebraica que designa a conduta diária (cf. Sal. 1). **Digno** (cf. Fil. 1:27) mostra a conexão entre o plano de Deus e a aceitação dele por parte do crente, expressa em termos de sua vida diária. Com o mesmo sentido ético, podemos comparar Colossenses 1:10 e I Tessalonicenses 2:12.

O tom e a têmpera da vida e da conduta do crente são expressos no verso 2. As qualidades morais aí descritas são melhor compreendidas como o fruto do Espírito, em vista de Gálatas 5:22,23. Elas são completadas pelo encorajamento que Paulo dá para **guardar a unidade do Espírito** (isto é, a unidade que o Espírito torna possível, devido à sua atividade na Igreja, como no verso 4 e em I Cor. 12:13) **no vínculo da paz**. Dois assuntos são abordados aqui. Primeiro, existe uma unidade que o Espírito Santo cria. Segundo, os crentes, têm a responsabilidade de cuidar dela através de suas relações harmoniosas. **No vínculo da paz** é uma expressão que denota como a unidade é preservada; ela é "amarrada com

laços de paz" (cf. NEB), forjados pela obra reconciliadora do próprio Cristo. [26]

Os versículos 4 a 6 definem ainda melhor em que implica o dom do Espírito da unidade; e o fazem mediante uma série de formulações em forma de credo, às quais é dada ênfase pela repetição (sete vezes) da palavra **um**. Mais do que isso, as três partes do verso 4 se encaixam por parcerias correspondentes no versículo seguinte, formando, assim, uma tríade de duplas. Podemos exibir esta disposição de maneira melhor se o fizermos diagramaticalmente: **um corpo** (a Igreja) — **um Senhor** (o cabeça da Igreja) **um Espírito — uma fé** (quando ele chama os homens para confessar Cristo Jesus: I Cor. 12:3, e os batiza em um corpo; I Cor. 12:13) **uma esperança** (aceita pela confissão do batismo) — **um batismo**.

Depois desta trindade de unidade Paulo sela esta declaração, em forma de credo, com uma referência trinitária a **Deus**, que é conhecido em sua revelação própria como Pai **sobre todos**, como Filho **por todos** (a preposição responde ao conceito de mediação, como em 2:18), e como Espírito, que está **em todos** os membros da família de Deus.

Esta tríade e sua subseqüente declaração trinitária com uma referência trinitária a **um só Deus** são freqüentemente consideradas como um credo batismal cristão primitivo, entesourando os elementos principais de uma confissão de fé feita no batismo. O novo convertido renunciava a adoração de muitos deuses, em sua adesão a um único Senhor.

O convertido fazia profissão de sua aceitação de **uma só fé**, originalmente em sua forma elementar, Jesus Cristo é Senhor (I Cor. 12:3; Rom. 10:9). Ela foi mais tarde expandida em termos mais específicos. [27] A ocasião em que esta confissão era feita era a do batismo, aqui chamado de **um só batismo**, [28] em contraste com as diversas purificações das religiões pagãs de mistério, ou, possivelmente, do batismo judaico de prosélitos (como em Heb. 6:2) ou mesmo com uma prática batismal divergente, como a adotada pelos discípulos de João perto de Éfeso, citada em Atos 19:1-7.

Um só Deus (v. 6) aproveita-se das declarações doutrinárias judaicas e do Velho Testamento, a respeito da unidade de Deus (Deut. 6:4 e s.), mas as cristianiza com a adição do nome **Pai**. Este é um título distintivo de Deus, revelado em Jesus, e compreendido por **todos** nós (isto é, crentes), embora a palavra grega traduzida como "nós" (na versão da RSV) seja uma adição dos escribas que está ausente dos melhores textos. Ela, provavelmente, se insinuou a partir de I Coríntios 8:6. No entanto, a palavra seguinte, **todos** (gr., **pasin**), deve, certamente, ser entendida, aqui, como uma referência pessoal, não neutra (assim pensa Masson).

2. O Dom de Cristo e os Dons da Igreja (4:7-12)

7 Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme à medida do dom de Cristo. 8 Por isso foi dito:

Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro,
e deu dons aos homens.

9 Ora, isto — ele subiu — que é, senão, que também desceu às partes mais baixas da terra? 10 Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas. 11 E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros

26 Assim pensa S. Hanson, **op. cit.**, p. 149. Cf. 2:17. Esta opinião deve ser preferida à tradução que considera este laço como de concórdia entre os cristãos (assim pensa W. Foerster in TDNT, 1, 417).

27 Para exemplos das versões expandidas posteriores, veja R. P. Martin, **Worship in the Early Church** (Old Tappan, N.J.: Revell, 1964), p. 53-65.

28 Muito valor tem sido dado a esta expressão, para apoiar uma noção de um batismo geral da humanidade no Calvário, por O. Cullmann, **Baptism in the New Testament** (London: SCM Press, 1950) e J. A. T. Robinson, "The One Baptism", em **Twelve New Testament Studies** (London: SCM Press, 1962), p. 158-175. Há uma eficiente resposta a esta proposta, do ponto de vista batista, por W. E. Moore, "One Baptism", **New Testament Studies**, 10, 1963-64, p. 504-516.

como pastores e mestres, 12 tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo;

A palavra **dom**, gramaticalmente singular no verso 7, é a chave desta difícil passagem. Ela precisa ser interpretada juntamente com o termo **graça**, no mesmo versículo. **Graça** não é uma alusão a 2:6,8, mas, pelo contrário, aos outros lugares das cartas paulinas, em que a mesma palavra grega (**charis**) se refere aos dons do Espírito para a Igreja (Rom. 12:3 e ss.; I Cor. 12:4 e ss.). O que Paulo tem em mente, aqui, é a parte que todos os crentes devem desempenhar na vida do corpo de Cristo. Não há exceções, pois todos os que estão na Igreja são membros do seu corpo e, como tal, dotados de algum dom-pela-graça (**charisma**). É o Senhor exaltado que deu esses dons, enviando primeiramente o seu dom por excelência, a saber, o Espírito Santo (veja João 7:39; 20:22; At. 2:33). O derramamento do Espírito Santo, por ocasião do Pentecostes, é o que se tem em vista com o tempo aoristo do verbo que Paulo usa (presumindo-se que esse verbo expressa ação nevrálgica), **foi dada**. O tempo do verbo refere-se a uma ocasião especial passada, quando o Senhor exaltado deu à sua Igreja, embora alguns comentaristas prefiram descobrir um elemento subjetivo na ocasião por detrás do verbo **foi dada**, no batismo.

A citação bíblica que se segue propõe uma série de dificuldades. Embora ela se origine do Salmo 68:18 (LXX, Salmo 67:19), a redação não está de acordo com o texto hebraico. Pelo contrário, ela se adapta ao original de maneira tal que o texto resultante segue de perto a redação da versão siríaca, conhecida como Peshitta:

"Subiste às alturas,
E tomaste o cativeiro cativo;
E deste dons aos homens."

Outra tradução, semelhante a esta, encontra-se na versão parafraseada aramaica conhecida como Targum. Isto mostra que o sentido de "ele deu aos homens" (em contraste com a LXX, "recebeste") era uma antiga interpretação judaica, de que Paulo está, evidentemente, tirando esta citação. [29] O Targum refere-se ao texto de Moisés como o que deu a lei aos homens.

A aplicação que o apóstolo faz, deste texto, é à ascensão de Cristo. Todavia, os eruditos estão divididos com respeito à conexão que há entre a descida e a ascensão de Cristo. O ponto em questão passa a ser se a descrição de que **desceu às partes mais baixas da terra** se relaciona à vinda de Cristo do céu à terra, na encarnação (assim interpreta a NEB), ou a uma descida ao mundo subterrâneo depois de sua morte (veja NEB, margem).

G. B. Caird [30] ofereceu uma terceira possibilidade atraente. Ele interpreta, a "descida" que se segue — no seu ponto de vista, cronologicamente — à ascensão de Cristo, como a vinda do Espírito Santo por ocasião do Pentecostes. Naquele tempo, na realista descrição de II Coríntios 3:17 (cf. João 14:15-18), o Senhor voltou à terra, carregado de dons para a sua Igreja. Atos 2:33 fala do Espírito Santo como o dom do Senhor exaltado. É ele — e não Moisés, como no Targum judaico — que inaugurou a nova época da graça (cf. João 1:17), e é ele que deu, à Igreja, todos os vários ministérios que servem para edificar a vida da Igreja (v. 11 e 12). O impulso que esta interpretação deu ao ensino do Velho Testamento é óbvio. A entronização de Cristo sobre o universo leva à comunicação do Espírito Santo (veja, para uma conexão paralela, João 16:7); e, com o dom do Espírito, todos os dons de Cristo à Igreja estão incluídos, assegurando que não fica faltando nenhuma coisa necessária para

29 Para uma discussão mais completa destes problemas textuais, veja, de E. E. Ellis, **Paul's Use of the Old Testament** (Edinburgh: Oliver and Boyd, 1957), p. 15 e ss.

30 "The Descent of Christ in Ephesians 4:7-11", em **Studia Evangelica II**, i (Berlin: Akademie-Verlag, 1964), p. 535-545.

o equipamento da vida e do testemunho da Igreja. Para confirmar esta interpretação, podemos comentar que o verso 11 deve ser traduzido literalmente: "E foi ele (gr. **autos**, como pronome enfático — Aquele que cumpriu a predição do Salmo 68) que deu." Os dons-da-graça do verso 7 são agora expressos em termos de ministérios da Igreja.

Apóstolos e **profetas** ocupam o primeiro lugar na lista, como em I Coríntios 12:28 (cf. Didaquê 11:3). A razão para esta proeminência é dada em 2:20, a saber, que esses líderes da Igreja primitiva davam testemunho do Senhor encarnado e ressuscitado, e eram os veículos através dos quais ele continuava a expressar a sua mente à Igreja. **Evangelistas** eram homens como Filipe (At. 21:8) e Timóteo (II Tim. 4:5) na igreja apostólica, embora o termo denote uma função, mais do que um ofício. [31]

A construção da expressão **pastores e mestres**, com apenas um artigo definido, no grego, para cobrir ambas as palavras, é interessante. Ela sugere que havia duas funções, compartilhadas pelos mesmos indivíduos, cuja tarefa principal é descrita em Atos 20:28. Esses homens seriam líderes de congregações locais encarregados de igrejas estabelecidas, que haviam sido trazidas à existência pela pregação dos apóstolos e outros. Podemos comparar Atos 14:23, em que "anciãos" corresponde aos líderes eclesiásticos a quem Paulo se dirigiu em Atos 20:17.

Nos versos 12 e 13, Paulo torna claro que a outorga dos dons ministeriais de Cristo tem um objetivo definido. Este é que todo o povo de Deus (aqui chamado de **santos**) possa ser equipado pelas funções que os servos de Deus realizam, de forma que, por seu turno, possam se desincumbir do seu serviço como crentes, no mundo. A conseqüência é que, mediante esta interação de um ministério regular, ordenado e nomeado pelo Cabeça da Igreja, e as fileiras e postos na Igreja, o corpo de Cristo possa ser edificado. Este é um pensamento complicado, mas é necessário expressá-lo desta forma, se quisermos fazer justiça ao uso sutil das preposições nesta espécie de passagem. A RSV como a versão da IBB, pela sua pontuação, procura respeitar esses usos. Na verdade, mesmo assim há campo para diversidade de opiniões. Uma opinião possível considera a tarefa do apóstolo, etc. (v. 11), como a de equipar os crentes em geral para a obra do ministério, de forma que estes possam edificar o corpo de Cristo.

Diferentemente, podemos seguir S. Hanson [32] e aceitar que o desígnio do pensamento de Paulo é que é o ministério apostólico que prepara o povo de Deus, e, ao fazê-lo, edifica todo o corpo. Isto faz do trabalho apostólico uma parte importante e necessária da vida diária da Igreja, e concordaria com uma estrutura mais desenvolvida de padrão organizacional de igreja e ministério que se encontra em escritores sub-apostólicos como I Clemente e Inácio. C. Masson aceita este contexto para a doutrina do ministério em Efésios, notando que nesta epístola **os santos** não edificam a Igreja, mas são eles mesmos edificados (veja adiante, o v. 16).

3. O Caminho da Igreja Para a Maturidade (4:13-16)

13 até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; 14 para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro; 15 antes,

31 Assim pensa G. Friedrich (TDNT, II, 733 e ss.). A discussão acerca de ministérios eclesiásticos, por A. Harnack, em seu **Mission and Expansion of Christianity** (New York: G. P. Putnam's Sons, 1908), I, p. 319-368, é ainda digna de ser mencionada. Ele discute também os significados dados posteriormente a "evangelistas" por Eusébio, **História da Igreja**, III, 37,2; V. 10:2.

32 S. Hanson, **The Unity of the Church in the New Testament: Colossians and Ephesians** (Lund: ASNU 14, 1946), p. 157.

seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, 16 do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor.

A "unidade do Espírito" (v. 3) é uma experiência presente, partilhada pelos crentes, quando eles refletem a sua lealdade comum a um só Senhor. Mas a **unidade da fé** é claramente, aqui, um objeto de esperança a ser atingido um dia. A obra dos ministros, que são dons de Cristo à Igreja, tem em vista este alvo, a saber, que a Igreja seja edificada, até que o seu estado final seja alcançado. Esse alvo é denotado pela expressão **estado de homem feito** (gr.; **anēr teleios**, homem completo) e é alcançado quando os crentes progridem em sua compreensão conjunta das riquezas que são deles em Cristo, tomando posse delas. A palavra de ligação **e** é mais bem interpretada como explicatória, de forma que a **unidade da fé** consiste em uma percepção mais profunda (do grego **epignōsis**, que a RSV e a IBB traduzem como **conhecimento**) do próprio Cristo como personificação do tesouro de Deus (cf. Col. 3:2; e podemos nos referir a versículos anteriores, desta epístola: 1:18; 2:4; 3:8) e como supridor das necessidades da Igreja, como sua Cabeça (1:22,23).

O tema principal destes versículos é crescimento. Mas Paulo está preocupado em que esse alargamento da Igreja seja efetuado ao longo de linhas corretas, mediante uma crescente aproximação dos crentes da semelhança de Cristo. Ele assegura que os crentes farão exatamente isto, inserindo a expressão **à medida da estatura da plenitude de Cristo**. O termo grego vertido como **estatura** pode ser traduzido como "idade", que se ligaria com a idéia de maturidade e prepararia para o pensamento seguinte, do verso 14, mas o quadro de crescimento físico mediante a expansão da Igreja parece a imagem dominante, nesta passagem como um todo. A **plenitude de Cristo** faz os leitores se lembrarem da disponibilidade de sua graça e recursos que são transferidos à Igreja, para ajudar o seu crescimento, até que ela alcance o alvo designado, que é uma igreja inteiramente completa, personificando toda a plenitude dele.[33]

Certos testes da crescente maturidade da Igreja são apresentados nos versos 14 e 15. Os crentes não permanecerão mais infantis. A palavra **meninos** significa crianças, e se coloca em contraste com **estado de homem feito**, no verso 13. Da mesma forma, eles também não terão falta de estabilidade, quando sujeitos a pressões e tensões. A descrição **levados ao redor** pode sugerir a figura náutica de um navio batido por mares revoltos (Lucas 8:24 fala da "fúria da água", usando a mesma palavra grega). Da mesma forma, os crentes também não serão desviados a falsos ensinamentos, que mestres heréticos procurarão promover (veja Heb. 13:9; Judas 12, para expressões semelhantes). Por detrás desses erros há homens que têm desígnios malignos e praticam atos escusos. II Coríntios 2:17 oferece um paralelo a este pensamento, com suas alusões a mestres judeus, que mais adiante, naquela epístola, são chamados de "astuciosos" (II Cor. 11:3). O próprio Paulo havia sido acusado desta prática de astúcia (II Cor. 4:2), e aqui ele volta à defensiva através de uma afirmativa oblíqua de sua própria ortodoxia.

Uma metáfora final da vida da Igreja, no mundo, completa esta apresentação. O chamado para **crescer** é a maneira mais natural de dar um fecho a esta seção. Este crescimento deve ser **em amor**, que se ajusta melhor com o verbo **crescer** do que com **seguindo a verdade**. A razão para esta escolha é que o verbo

33 C. Schneider (TDNT, II, 943) escreve: "A perfeita forma da Igreja é alcançada quando todos os que são indicados a ela, pelo plano divino de salvação, lhe pertencem. A ênfase recai nas palavras **todos cheguemos**. A Igreja, que é o corpo de Cristo, representa, em sua forma aperfeiçoada, a **plērōma** (plenitude) de Cristo."

grego traduzido como **seguindo a verdade** (**alētheuontes**) significa "tratar verdadeiramente" (ERV, marg.). A tradução "praticando a verdade" é preferida por alguns comentaristas, citando Gálatas 4:16 (RSV, marg.). Em qualquer caso, a expressão operativa é " em amor", que define a atitude dos crentes em suas relações sociais e pessoais. Ela sugere uma combinação de interesse pelos outros que estão necessitados e um cuidado que se expressa em ajuda tangível. A luta da Igreja por justiça social, no mundo, como instrumento de Deus, é certamente uma parte necessária de sua vocação. E uma conclamação assim retumbante salva, a definição de "crescimento em Cristo", de cair em um pietismo sentimental e irreal.

Guiados por Colossenses 2:19, podemos interpretar a linha de pensamento do verso 16 como o suprimento que a Igreja recebe de Cristo, seu cabeça. Esta idéia simples é, todavia, composta pelo estranho paradoxo de associações que sugerem um movimento duplo. Da mesma forma como a Igreja recebe a sua vida dAquele que supre todas as suas necessidades, o seu crescimento, naturalmente, também advém dele. Mas Paulo adiciona a noção de que a Igreja cresce em direção a Cristo. Esta traumatizante combinação de idéias, que são difíceis de se conceituar, deve nos colocar em guarda contra a tendência de se esperar uma analogia fácil, lógica, entre o corpo de Cristo e o corpo humano (baseada em I Cor. 12:14 e ss.). O ensino apostólico, aqui, é mais complexo do que na passagem de Coríntios; e a maneira de entender a vida e o progresso da Igreja em direção a Cristo dificilmente é compatível com a esperança de um **imediato** fim da era, que inclui idéias tais como a do arrebatamento da Igreja para fora do mundo (I Tess. 4:16,17), ou até com as perspectivas escatológicas exaradas em Colossenses 3:4. Alguns eruditos forçam esta mudança de ênfase, a respeito da escatologia, ao ponto de afirmar que a eclesiologia, em Efésios, substituiu a escatologia, especialmente Masson, quando escreve: "Já unida a Cristo como o corpo à cabeça, a igreja cresce em direção a Cristo. A Igreja não espera mais que ele venha a ela" (**L'epître aux Ephesiens**, p. 199). Isto implica que, embora a esperança de uma consumação final de todas as coisas não seja, de forma alguma, negada, a expectação de uma volta **iminente** de Cristo não é focalizada proeminentemente nesta epístola.

Resumindo um versículo difícil, que se torna ainda mais complexo por causa de algumas construções gregas bombásticas, podemos notar que: (1) o corpo de Cristo é formado de muitos membros (Rom. 12:4,5; I Cor. 12:12), que, embora diferentes em vários aspectos, assim mesmo fazem parte de um único corpo, que é a Igreja universal. Em 2:21, ele é assemelhado a um templo santo, construído de muitas pedras. (2) A Igreja cresce pela ação de Cristo em seu favor. E ele exerce uma ação unificadora sobre o corpo, por meio de sua obra através de **todas as juntas**, que ele supre. Este último pensamento nos leva de volta para o verso 11 e torna possível a coincidência de **todas as juntas** com o dom do ministério de Cristo. Cristo opera através dos ministros, e eles, por seu turno, têm a responsabilidade de tomar providências para que **cada parte** realize uma **justa operação**. Em outras palavras, cada membro da Igreja cumpre a sua tarefa na vida do todo incorporado.

(3) Devido a esta reação em cadeia, de Cristo-seus-ministros-seu povo, todo o corpo é edificado quando o **amor** se torna a "atmosfera" em que este processo de encorajamento e responsabilidade mútuos é exercido, desempenhando cada parte da igreja o papel designado para ela. Cristo, o cabeça, concede a sua vida ressurrecta, e derrama, pelo Espírito, os seus dons ministeriais. Os seus ministros cumprem a sua missão equipando os santos (v. 12) e sendo os ligamentos (o grego **haphe** é um termo médico) da coesão da

Igreja com Cristo e uns com os outros. O povo de Cristo faz a contribuição (que é o sentido do grego **meros**, RSV e IBB **parte**) necessária para que o desígnio de Cristo seja realizado, para a edificação e crescimento do corpo nele. E, acima de tudo, é um crescimento em **amor** (cf. I Cor. 8:1).

VIII. Uma Declaração da Conduta Pessoal do Crente (4:17-32)[34]

Nos anos recentes, os eruditos têm dedicado muita atenção[34] aos ensinamentos éticos do Novo Testamento. Uma frutífera linha de perquirição tem sido um estudo comparativo dos vários temas encontrados para encorajamento à moralidade cristã, tanto pessoal como social. Um desses princípios éticos é o contraste entre a velha vida, caracterizada por métodos e idéias pagãs, e o novo padrão de procedimento e opiniões que os cristãos aceitaram por ocasião de sua conversão e batismo, que marcaram uma clara divisão e um novo início. II Coríntios 5:17 declara meridianamente esse contraste. Em outra passagem de Paulo, ele é expresso pela frase "não mais... porém agora". Uma segunda ordem ética a que o apóstolo apela, com grande efeito, é forjada na forma **despojar-vos... do velho homem... e vos revestir do novo homem;** e Gálatas 3:27 firma este chamamento na experiência do batismo.

Esta seção da Epístola aos Efésios, em que Paulo se volta mais especificamente para as congregações das igrejas gentias existentes na Ásia Menor, ilustra ambos os tipos de apelo moral. Anteriormente, os seus leitores adotavam o único tipo de vida que conheciam, ou seja, as idéias e costumes pagãos vividamente descritos nos versos 17 a 19. Mas, por ocasião da conversão, eles trocaram — para muitos deles em um dramático ato de renúncia — estas práticas malignas por um novo procedimento, que afetou profundamente o seu caráter e os seus costumes. Os versículos 28 a 32 lembram poderosamente essa transformação, com um apelo para que eles não voltassem a cair nos hábitos antigos. O outro apelo (despojai-vos... revesti-vos) é expresso nos termos que Paulo usava (v. 22-25) e tem uma aplicação óbvia, aguda, à conduta cristã que exemplifica a nova vida concedida pelo Cristo vivo ao seu povo.

1. Alguns Princípios que Governam a Conduta Cristã (4:17-24)

17 Portanto, digo isto, e testifico no Senhor, para que não mais andeis como andam os gentios, na vaidade da sua mente, 18 entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; 19 os quais, tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à lascívia para cometerem com avidez toda sorte de impureza. 20 Mas vós não aprendestes assim a Cristo, 21 se é que o ouvistes, e nele fostes instruídos, conforme é a verdade em Jesus, 22 a despojar-vos, quanto ao procedimento anterior, do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; 23 a vos renovar no espírito da vossa mente; 24 e a vos revestir do novo homem, que segundo Deus foi criado em verdadeira justiça e santidade.

A maneira de vida gentia (isto é, pagã, quer pré-cristã, quer não-cristã) é pintada com cores sombrias, que fazem lembrar Romanos 1:18-32. Paulo ataca a causa primária da idolatria e dos excessos que desfiguravam a vida do mundo greco-romano no primeiro século, com uma alusão contundente à adoração de ídolos na religião contemporânea. **Vaidade** sugere isto, significando a veneração de vaidades mortas (At. 14:15, que retoma a condenação do Velho Testamento contra os ídolos, sem vida e sem valor, em Sal. 115). A idolatria pode assumir várias formas, e a adoração de ídolos pode ser expressa pelo pensamento errôneo e pelos desejos desordenados (Col. 3:5), bem como pelos atos abertos. "Razão depravada" (NEB) resume a raiz do que leva à idolatria, como em Romanos 1:28.

34 Cf. o estudo pioneiro de P. Carrington, **The Primitive Christian Catechism** (Cambridge: University Press, 1940).

Duas conseqüências se seguem. O homem não regenerado tem o seu entendimento (de realidades espirituais) obscurecido, e sofre alienação de Deus, causada pela sua ignorância culposa e recusa a submeter-se a Deus. Este processo de resistência leva, inevitavelmente, a um amortecimento e insensibilidade para com Deus, chamados, por Paulo, de **dureza de coração**.

O relacionamento do homem com Deus, visto que ele é pecador, tem diretas repercussões em sua conduta diária e em suas relações com os seus semelhantes. O versículo 19 indica, contundentemente, que a **dureza de coração** em relação a Deus se demonstra através de uma insensibilidade moral, que, por seu turno, produz um código moral lasso e uma gratificação de todos os apetites, sem restrição ou consideração pelos outros. **Avidez** é tradução de um substantivo grego (**pleonexia**) freqüentemente ligado a métodos imorais (I Cor. 5:10,11; 6:10; Col. 3:5), e isto pode ser sentido especialmente aqui na menção de **lascívia** e **impureza**. E a associação de **pleonexia** com o excesso sexual irresponsável, em 5:3, confirma esta interpretação.

O versículo 20 dá a entender um contraste que a RSV e a versão da IBB não conseguem expressar. Devemos parafraseá-lo: "Mas esse modo de vida não se enquadra em uma vida em Cristo." Essa vida começou quando os leitores se tornaram discípulos de Cristo, daí a descritiva referência a aprender de Cristo (cf. Mat. 11:28-30).

Esta menção a "discipulado" (que é o equivalente latino ao verbo grego do verso 20, que significa aprender) pode levar-nos a prever uma ampliação do tema de instrução cristã dada aos novos convertidos antes do seu batismo e admissão à comunhão da Igreja. Isto, precisamente, é o que temos no verso 21. Paulo está apontando para a incompatibilidade dos hábitos pagãos com a nova vida em Cristo, cujo ensinamento moral é recordado como base da catequese dos seus leitores antes de terem entrado nos privilégios da comunhão da Igreja.

Tudo parece claro. Mas como é que eles haviam chegado a ouvir de Cristo e sido ensinados nele? A resposta precisa estar em algum catecumenato em que esses novos convertidos foram treinados como na escola de Cristo.

E mais: o que significa **a verdade em Jesus**? Podemos considerar esta expressão como uma afirmação segura de que, sob a tutela de Paulo, representada pelo seu discipulado na missão gentílica, eles realmente haviam aprendido do "Cristo autêntico" (assim pensa Masson) ou seguir a sugestão de Charles A. Scott,[35] de que esta última parte do verso 21 deve estar ligada com a conclamação para que fossem abandonados os antigos caminhos. Apoio a esta exegese encontra-se em II Coríntios 6:14, e na alusão, feita por Paulo, ao fato de que Cristo subjugou a carne, em Colossenses 2:11,15.

O **velho homem**, que ditava as tendências do **procedimento anterior** do crente (cf. I Ped. 1:18), é a vítima voluntária de uma sedução que apela a ela e a conduz aos desejos malignos. Tal sedução torna-se ainda mais fácil porque a natureza do homem, herdada de Adão, é (de acordo com Paulo) distorcida, e, por isso, presa fácil do mal. Gênesis 3 possivelmente está na mente de Paulo (cf. II Cor. 11:3), em adição ao ensinamento rabínico a respeito da "propensão maligna", que induz os homens ao pecado.[36]

Os apelos do verso 22, para se despir o velho homem como uma roupa que se troca, pode soar como um conselho ao desespero, impossível de ser cumprido, pois o homem decaído está em condição sem remédio. Mas o apelo de Paulo é para os crentes que conheceram a renovação do Espírito que, iniciada decisiva-

35 **Christianity According to St. Paul** (Cambridge: University Press, 1961), p. 36.

36 Em lugar desta idéia rabínica, na antropologia de Paulo, veja, de W. D. Davies, **Paul and Rabbinical Judaism**, 2ª ed. (London: SPCK, 1955), p. 20 e ss.

mente por ocasião da conversão, é um processo em continuação. Por isso o presente do indicativo de sua admoestação, aos seus leitores, que os conclama a se **renovar** em sua mente (respondendo, desta forma, à necessidade exposta nos v. 17 e 18) pela ação do Espírito Santo. Esta interpretação requer que consideremos **espírito** como referência ao Espírito Santo, e não ao espírito humano. Uma indicação da escolha que deve ser preferida é a observação de que o termo grego traduzido como espírito (**pneuma**) nunca é usado, em Efésios, em relação ao espírito do homem; e podemos também comparar a redação similar de Tito 3:5.

A graça, da mesma forma que a natureza, não admite o vácuo. Afastar uma pessoa dos maus hábitos não é suficiente — veja a ilustração pungente, parabólica, da loucura de uma religião negativa em Mateus 12:43-45. Despojar-se do velho homem é ato que precisa ser seguido pelo revestimento **do novo homem**, concedido por ocasião do novo nascimento pelo Espírito, e a ser crescentemente reconhecido como a força moral dominante, na vida do crente, quando ele enfrenta um conflito interior. Podemos comparar Gálatas 5:16 e ss., que contém muitos dos termos-chave desta seção. A conclamação de Paulo, no v. 24, é outra maneira de se expressar a exortação de Gálatas 5:25. O novo nascimento e o controle do Espírito restauram, no homem arruinado pelo pecado, a imagem de Deus (Gên. 1:27), e, assim, devolvem ao pecador, agora remido por Cristo e renovado pelo Espírito Santo, o que ele havia perdido em Adão, a saber, a **justiça** (isto é, uma relação correta com o seu criador) e a **santidade** (isto é, um requisito moral para a comunhão com um Deus santo) exigidas pela verdade de Deus. Este versículo exemplifica bem o descritivo título sugerido por George Johnston: "O caráter do Novo Adão."[37]

37 G. Johnston, **op. cit.**, p. 20.

2. Uma Continuação da Ética Social Cristã (4:25-32)

25 Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo, pois somos membros uns dos outros. 26 Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira; 27 nem deis lugar ao Diabo. 28 Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tem necessidade. 29 Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que seja boa para a necessária edificação, a fim de que ministre graça aos que a ouvem. 30 E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção. 31 Toda a amargura, e cólera, e ira, e gritaria, e blasfêmia sejam tiradas dentre vós, bem como toda a malícia. 32 Antes sede bondosos uns para com os outros, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.

Com o verso 25, Paulo dá início a uma seção que aplica os princípios exarados anteriormente a situações concretas. Oposta a falar a verdade, que é a marca de uma vida moldada segundo a semelhança de Deus, está a mentira. Esse costume tem que ser abolido. Duas razões são dadas. Primeiro, a mentira é condenada no Velho Testamento (Zac. 8:16 é citado, com as palavras de Paulo); segundo, o fato de a pessoa não honrar a sua própria palavra leva a um rompimento da comunhão cristã, porque essa prática leva a desconfiança e suspeita, e, por esse motivo, destrói a vida em comum no corpo de Cristo (Rom. 12:5), pelo qual **somos membros uns dos outros.**

O versículo 26 contém um texto paulino que se tornou proverbial — e mal-entendido. A dificuldade é sanada se lembrarmos que, na língua grega usada na época neotestamentária (chamada **koinē**), o modo imperativo expressa não apenas uma ordem, mas também um pedido ou concessão (como em português). Aplicando esta regra, podemos verificar que Paulo não está advogando a ira, mas traçando uma linha divisória: "Vocês podem ficar irados... se não puderem se conter, mas não pequem devido

a isso." A sua principal preocupação era impedir que a ira se tornasse uma obsessão. Quando isso acontece, o Diabo encontra pé em nossa vida, pois o maligno usa todas as artimanhas, mesmo explorando as nossas boas intenções e interesses sociais, para levar a Igreja a perder sua reputação. Daí, no verso 27, o nome que Paulo dá ao inimigo é **diabolos** (lit.: caluniador), em lugar do título mais costumeiro, de Satanás. II Coríntios 2:5-11 apresenta um exemplo adequado da maneira como ele trabalha para levar a um excesso de zelo e transformar uma atitude de justa indignação, na presença do mal e da injustiça, em fixação, obsessão.

Que **aquele que furtava** renuncie a sua ocupação — é a conclamação retumbante do verso 28 — agora que ele se tornou um novo homem em Cristo. Mais uma vez, recusando-se a fazer advertências negativas, Paulo nota que o crente terá uma consciência social das necessidades dos pobres, especialmente dentro da comunidade do seu novo círculo (Gál. 6:10).

As palavras são uma indicação do caráter (Mat. 12:34). Palavra **boa** deve ser escolhida de preferência à **palavra torpe** (a mesma palavra grega **sapros** encontra-se no registro do ensino de Jesus que acaba de ser mencionado). Mas, como discerniremos o bom? O critério é simples: As nossas palavras edificam o caráter do ouvinte, fazendo dele um homem melhor, por ter ouvido as nossas palavras? Satisfazem elas as necessidades dele (a **necessária edificação** é a paráfrase dessa exigência)? E, dessa forma, elas **ministram graça** ("trazem uma bênção", de acordo com a tradução inglesa NEB), suprindo essa necessidade?

Pelo contrário, linguagem tola ou inadequada não é apenas um insulto para o ouvinte. Ela entristece o Espírito Santo, ferindo-o e negando, na prática, o significado de sua presença santificadora no crente, que é uma amostra da redenção final dele (veja 1:13,14). Atos 5:1-11 propicia uma lição triste, mas salutar, deste tipo de palavras, e é a contrapartida da advertência de Paulo (em I Cor. 8:11-13) de que fazer um irmão tropeçar é infligir um ferimento ao próprio Cristo, através do seu corpo, a Igreja.

A menção do mau uso da língua leva a uma apresentação plena dos vícios a serem evitados e virtudes a serem cultivadas, com o uso da palavra falada percorrendo todas estas admoestações (v. 31 e s.). **Malícia** (do gr., **kakia**, mal) é a mãe da prole infeliz de termos anteriormente citados que designam querelas e contendas. Mas, como convém à nova qualidade de vida em Cristo (gr., **Christos**), o crente deve procurar ser amável (gr., **chrēstos**), com uma disposição compassiva e perdoadora, que é baseada no fato simples, mas surpreendente, de que esta é a atitude que lhe foi demonstrada no perdão de Deus, oferecido **em Cristo**. Podemos comparar este texto com II Coríntios 5:19, para conferir o sentido desta expressão. Mateus 6:12 mostra como esta conexão entre o perdão dos pecadores da parte de Deus e a maneira resultante de como eles tratam e aceitam os outros depressa se torna inclusa na vida catequética e litúrgica das igrejas.

IX. A Conduta do Crente no Mundo (5:1-20)

Se podemos, com razão, detectar uma mudança de perspectiva e de proporção, neste ponto da epístola, podemos descrever tal mudança como sendo do comportamento dos crentes dentro da comunhão da Igreja para a sua maneira de agir e suas ações no mundo da sociedade ao redor deles. Deste ponto de vista, podemos captar algumas das mais evidentes características da orientação de Paulo.

Ele está se dirigindo aos seus leitores como **filhos** de Deus e seu povo escolhido. Porém ambas as designações carecem do reconhecimento tácito de que a vida do crente está estabelecida não em isolamento, em relação ao mundo dos

homens, mas no meio de uma sociedade que está alheia a Deus e é hostil para com o espírito cristão (cf. II Cor. 6:14 e ss.). Embora eles sejam os filhos de Deus e **santos**, vivem em um mundo ímpio, onde as pressões de conformidade e solicitação para o mal são muito reais e precisam sofrer resistência. Daí a advertência do verso 6: **Ninguém vos engane**; e a conclamação do verso 7 ressoa para os leitores de Paulo: **Não sejais participantes com eles**. O antídoto contra esses vírus, aos quais o corpo de Cristo no mundo está exposto, é sugerido, por Paulo, em várias de suas referências, nesta seção.

Além das máximas éticas que já notamos (por exemplo, o contraste **pois outrora éreis trevas, mas agora sois luz**), Paulo lembra, às igrejas, o seu destino, dado por Deus, de filhos da luz que, no começo de sua nova vida como crentes, foram levados à plena luz de Cristo. O versículo 14 é um emocionante canto batismal. Eles são seguidores da sabedoria, cuja integridade põe em evidência a loucura da sociedade imoral e materialista que os rodeia (v. 15 e ss.). Eles são homens e mulheres cujas vidas refletem uma dependência de Deus e que se voltam para ele, reconhecendo, agradecidamente, a sua bondade (4, 19, 20), tanto na vida privada quanto na adoração pública.

Em tudo, demonstra-se, nesta seção, que a vida cristã possui um caráter distinto e um padrão característico, e a intenção dela é ser tanto um desafio quanto uma repreensão para a sociedade contemporânea. No entanto, Paulo não concede, nenhuma autorização para que os crentes se retirem do mundo, como se fossem ascetas ou fanáticos. As orientações morais que ele dá, que combinam o elemento situacional com o prescritivo, estão baseadas no pressuposto implícito (esboçado explicitamente em I Cor. 5:10) de que é possível a vida cristã plena "neste mundo" (Tito 2:12).

1. O Amor Exclui a Concupiscência (5:1-7)

1 Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; 2 e andai em amor, como Cristo também vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. 3 Mas a prostituição, e toda sorte de impureza ou cobiça, nem sequer se nomeie entre vós, como convém a santos, 4 nem baixeza, nem conversa tola, nem gracejos indecentes, coisas essas que não convêm mas antes ações de graças. 5 Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. 6 Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. 7 Portanto, não sejais participantes com eles;

Paulo faz uma conclamação para que seja emulado o espírito perdoador (4:32). O perdão, porém, é supremamente uma característica divina, e segue-se que toda a vida deve ser baseada no exemplo do amor de Deus, em todas as suas facetas. De fato, o caráter cristão encontra o seu padrão e exemplo no próprio Deus, o Pai (3:14,15; Mat. 5:48).

Filhos amados encontra seqüência natural de pensamento em referência ao Filho amado do Pai (1:6), que, por seu turno, demonstrara o seu amor pela Igreja, bem como a sua amorosa aceitação da vontade do Pai, dando-se a si mesmo na cruz.

Oferta e sacrifício a Deus em cheiro suave é uma frase calcada na linguagem ritual do Velho Testamento. Talvez a nossa tradução capte, por ser tradução literal, o sentido dos sacrifícios mosaicos (Êx. 29:18,25) de maneira mais adequada. Em outra parte, esta frase é usada para designar a oferta da Igreja a ele (Fil. 4:18). Aqui, o termo de referência é diferente, e ressalta a natureza agradável da rendição voluntária de Jesus no Calvário, como oferta aceitável a Deus. Adicionalmente, a cruz tem o efeito de suscitar nos crentes o desejo de "viver em amor" em relação a ele e aos outros crentes. Em II Coríntios 5:14,15, Paulo amplia e reforça esta verdade.

O que significa essa "vida em amor" agora é explorado. Em uma declaração de ética severa (v. 2 e ss.), Paulo expressa a necessidade de a Igreja reter ou manter a sua identidade no mundo contemporâneo e, mediante a pureza de sua vida, manifestar a sua reprovação com respeito aos costumes imorais, que eram a norma aceitável da sociedade greco-romana. As palavras **conversa tola** e **gracejos indecentes** devem ser consideradas não como a condenação de diversão inocente ou alegria bem-humorada. Mas, em associação com **baixeza** (lit.: grosseria, torpeza, no sentido de rudeza de linguagem), estes termos se referem a palavrões, maldições e chocarrice irreverente (nas palavras de Masson), que vão além dos limites do bom gosto. O melhor comentário a respeito de **conversa tola** é Mateus 5:22: Jesus cominou uma pena terrível para o homem que escarnece do seu irmão, chamando-lhe de "Raca" ou "tolo"! — e desta forma injuriando a imagem de Deus nele.

Parte do uso ilícito de palavras é a irrestrita descrição do mal, que não deixa nada sem ser dito e pouco para a imaginação. A observação de Paulo (no verso 3b e de novo no verso 12), de que há alguns itens do submundo do homem que é melhor deixar nas trevas, levanta-se em contraste com as tendências hodiernas de uma sociedade permissiva. "A cultura ocidental, em todos os meios de comunicação de massas, fala abertamente de uma forma tão crua que é corrupta. A geração atual tem uma língua suja" (G. Johnston).

Nos lábios dos crentes, a nota de louvor a Deus e apreciação do que é nobre e sadio na vida (veja Fil. 4:8) é mais apropriado. **Ações de graças** cobrem ambos os lados de uma sadia alternativa de linguagem maligna.

Paulo continua a identificar alguns dos excessos de sua cultura contemporânea. A maneira pela qual essas advertências são introduzidas nos versos 5, 6 e 7 torna claro que os seus leitores estão correndo o perigo de ser levados a errar o caminho e expostos a perigos morais. A inferência que se tira dessas severas admoestações é que as igrejas gentias da Ásia Menor, na época da composição desta epístola, estavam dando hospitalidade a idéias e costumes que Paulo considerava estranhas ao evangelho, e distorcendo o ensino moral que ele havia ministrado, de que os crentes são vocacionados para padrões éticos mais elevados. Um espírito antinomiano, que rejeitava as reivindicações da lei moral, com base em uma suposta liberdade em relação à lei, evidentemente havia-se insinuado. Sinais desta perversão da doutrina paulina de "liberdade da lei" são verificados em Romanos 3:7,8; 6:1 e ss., e as igrejas da Ásia Menor parecem terem sido o alvo especial desses falsos mestres, como podemos ver pelo estado dessas igrejas, em Apocalipse 2 e 3. Um "contexto vivencial" das advertências desta seção é um dos poucos subsídios que temos para esboçar os antecedentes da Epístola aos Efésios como um todo.

Nenhum devasso ou impuro faz recordar advertência semelhante, feita em passagens como I Coríntios 6:9,10, Gálatas 5:21, Hebreus 13:4 e Apocalipse 21:8 e 22:15. **Avarento** geralmente se refere a um espírito possessivo, que é a característica de um homem que deseja adquirir riqueza material para o seu próprio benefício. Este é o pecado de idolatria, como em Colossenses 3:5. No contexto dos tipos de pecados mencionados aqui, no entanto, "avarento" pode dar a entender excessos imorais (como no v. 3) que são produzidos quando os homens vivem para a gratificação do seu apetite e se tornam idólatras não no sentido de ser adoradores de ídolos, mas no sentido de que "o apetite é o seu deus" (Fil. 3:19, NEB).

Todas as classes de perversão moral caem sob uma severa categoria de julgamento. As pessoas que as praticam são excluídas do reino de Deus e do governo de Cristo na Igreja. Esta é a conseqüên-

cia séria de brincar com a lei moral de Deus. Paulo não apouca as suas palavras; e nós tão-somente somos obrigados a concordar com ele, diante dos pontos de vista contrários de uma moralidade relaxada que os cristãos estavam presenciando. Portanto, **ninguém vos engane**. Se esses sentimentos são dirigidos contra os pagãos que estavam recomendando que os crentes fizessem o que eles faziam, ou se cristãos enganados estavam levando outros a se desviarem, não pode ser elucidado com certeza. **Filhos da desobediência** retoma uma expressão de 2:2,3, em referência ao mundo pagão, mas Paulo parece ter os seus olhos fixos mais intensamente nas influências malignas que estavam surgindo dentro das igrejas.

O triste efeito desta má religião, que se havia infiltrado na Igreja, era que os cristãos estavam sendo levados a pensar que podiam ter vidas moralmente indiferentes e a não serem melhores do que os **filhos da desobediência**, que estavam sob a sentença da **ira de Deus**. Esta última expressão (afim do que é descrito em 2:3) dá a entender o desagrado de Deus com respeito ao mal moral — e é dirigida especialmente contra os que levam os outros a práticas desgraçadas e degradantes, como nos ensinamentos de Jesus (Mat. 18:5-9).

Filhos da desobediência é uma expressão veterotestamentária que designa homens de caráter desobediente. O que isto quer dizer não é apenas zelo mal dirigido ou negligência inofensiva, mas infrações voluntárias da lei de Deus (Rom. 1:32). Daí a conclamação que se segue, para que os cristãos não discutissem com esses falsos mestres.

2. A Luz Afugenta as Trevas (5:8-14)

8 pois outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz 9 (pois o fruto da luz está em toda a bondade e justiça e verdade), 10 provando o que é agradável ao Senhor; 11 e não vos associeis às obras infrutuosas das trevas, antes, porém, condenai-as; 12 porque as coisas feitas por eles em oculto, até o dizê-las é vergonhoso. 13 Mas todas estas coisas, sendo condenadas, se manifestam pela luz, pois tudo o que se manifesta é luz. 14 Pelo que diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará.

O mundo pagão é o que os cristãos anteriormente eram: filhos das trevas. Mas, pela graça de Deus, a Igreja foi trazida à luz (I Ped. 2:9). A vocação dos crentes, portanto, é viver como **filhos da luz**, em outras palavras, fiéis ao seu lugar na família divina. Paulo está-se aproveitando dos ensinos comuns, que evidentemente encontravam base firme na catequese cristã primitiva, isto é, instruções dadas aos novos convertidos como preparação para o batismo e participação, na Igreja, como membros. Podemos referir-nos a Romanos 13:12, II Coríntios 6:14, I Tessalonicenses 5:5, João 12:35 e s. e I João 1:5 e s.; De fato, a terminologia é mais ampla, em seu alcance, do que a literatura bíblica.

Filhos da luz era uma autodescrição, reclamada pelo povo, dos rolos do Mar Morto (1QS 3:13 e ss.), no seu ódio aos "filhos das trevas".[38] O fato de eles terem-se retirado para o mosteiro de Qumran, no deserto da Judéia, fora um movimento de protesto, para o qual o ensinamento ético do Novo Testamento não oferece paralelo. Os crentes **filhos da luz**, devem deixar a sua luz brilhar entre a sociedade de homens e mulheres (Mat. 5:16; Fil. 2:15); eles não têm licença para se tornarem reclusos, excluídos do mundo de pessoas comuns.

O versículo 9 forma uma nota parentética, para mostrar quais são as qualidades da vida na luz. Observe-se que a tradução da KJV e a versão antiga da IBB, "fruto do Espírito", baseiam-se em uma

38 Referimo-nos à discussão: "The Epistle to the Ephesians in the Light of the Qumran Texts", por K. G. Kuhn, em **Paul and Qumran**, ed. de J. Murphy-O'Connor OP (London: Geoffrey Chapman, 1968), p. 115-131.

redação textual secundária, que é influenciada por Gálatas 5:22. Além disso, o sentido do contexto requer alguma alusão a **luz**, pois o contraste luz-trevas percorre toda esta seção, até o verso 14.

A "intenção de agradar a Deus em todas as coisas" (como William Law a parafraseou em seu livro A **Serious Call to a Devout and Holy Life**, 1728, obra que teve decisivo impacto sobre John Wesley) é uma rubrica ética paulina, encontrada no verso 10 e muitas outras vezes em outras passagens (Rom. 12:2; 14:8; II Cor. 5:9; I Tess. 4:1; Col. 3:20). Ela é uma forma de lembrar que a ética cristã não pode ser estereotipada como conjunto legalista de proibições calcadas em termos fortemente negativos e restritivos. Pelo contrário, em essência, a moralidade cristã representa uma ambição positiva de ser agradável a um Deus amoroso, cujo caráter os seus filhos anseiam por compartilhar (5:1).

Os crentes não devem apenas manter-se longe das práticas e objetivos malignos. Eles têm a responsabilidade de demonstrar, mediante um estilo de vida contrastante, a natureza do mundo ao redor deles, o seu clima moral e a sua culpabilidade. **Condenai-as** pode, à primeira vista, expressar uma atitude de censura e julgamento a que Jesus se opõe (Mat. 7:1-5). Mas isto não é, necessariamente, assim, e este verbo é melhor interpretado em referência ao que se segue nos versos 12 e 13. Os crentes, como filhos da luz, no mundo, lançam um facho iluminador sobre os cantos escuros da sociedade humana, onde as práticas malignas são executadas nas trevas do segredo. Paulo tem em mente as atividades imorais e mágicas levadas a efeito pelas chamadas religiões de mistério. A influência cristã tem um efeito reprovador, à medida em que a luz de Cristo brilha "não meramente para se exibir, mas para expor o mal, de forma que fazemos bem em nos atermos à tradução 'corrigir', especialmente quando atos e agentes estão intimamente relacionados".[39]

O encorajamento, dado nestes versículos, a uma qualidade de vida que é própria dos filhos da luz é fortalecido pela citação de um hino, de três linhas:

"Desperta, tu que dormes,
Levanta-te do túmulo.
A luz de Cristo sobre ti brilha."

O contexto desta exortação é, provavelmente, o do batismo, que era freqüentemente conhecido na Igreja, mais tarde, como a "iluminação" da pessoa, e pintado como a ressurreição, do convertido, da morte do pecado para uma união com o Senhor vivo (Rom. 6:4 e ss.). Paulo recorre a esta experiência como recordação para os seus leitores de que eles agora devem tornar válida a sua profissão batismal, andando na luz de Cristo e incitando-se a um testemunho ativo.[40]

3. A Sabedoria Corrige a Loucura (5:15-20)

15 Portanto, vede diligentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, 16 usando bem cada oportunidade, porquanto os dias são maus. 17 Por isso, não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor. 18 E não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito, 19 falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, 20 sempre dando graças por tudo a Deus, o Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo,

O testemunho da Igreja é agora o objeto da admoestação apostólica, que aqui assume um aspecto positivo. Nos

39 F. Büchsel, em TDNT, II, p. 474. Podemos comparar com João 3:20, para verificar este sentido do verbo "condenar" (gr., **elenchō**).

40 A expressão introdutória, "pelo que diz", deve relacionar-se a um hino cristão, e não pode sustentar uma citação implícita de uma palavra de Jesus ou uma citação do Velho Testamento. Este versículo é chamado de hino porque as palavras são arranjadas em forma rítmica, produzindo uma estrofe de três linhas (não como na RSV, uma estrofe de duas linhas). Para obter uma bibliografia da discussão moderna acerca deste versículo, veja R. P. Martin, **Worship in the Early Church**, 1964, p. 47 e s., 104, e o artigo "Aspects of worship in the New Testament Church", **Vox Evangelica** (London: Epworth Press, 1963), p. 19 e s.

versículos anteriores (v. 3-13) as suas direções foram principalmente negativas e com a intenção de advertir as igrejas acerca da ameaça de cumplicidade com o mal no mundo.

Agora ele emite uma conclamação para a sabedoria, que se coloca contra a loucura de um meio ambiente pagão. O caminho seguido por homens **sábios** tem que ser entendido em relação aos seus antecedentes veterotestamentários, onde a sabedoria não é uma realização intelectual, mas uma atitude em relação à vida. Ela começa com um conhecimento de Deus e evitando tudo o que lhe desagrada (como em Jó 28:28; Sal. 1; Prov. 4:5 e ss.; 8:1 e ss.).

A prática da sabedoria, na conduta diária, inclui atividades e empreendimentos morais. Primeiro, há o aproveitamento de todos os ensejos: **usando bem cada oportunidade** (cf. Rom. 12:11, NEB, margem). A linguagem, aqui, foi tomada emprestada diretamente do vocabulário comercial do mercado (gr., **agora**). O verbo é **exagorazomenoi**, em que o prefixo **ex** denota uma atividade intensa, um aproveitamento de todas as oportunidades que se oferecerem. A mordomia do crente em relação ao tempo, como bem, precioso e sem preço, de Deus, é o ensinamento simples exarado aqui, com uma conclamação para investirmos as nossas energias em ocupações que sejam dignas.

Parte desta conclamação se origina do reconhecimento de que os **dias são maus**. Isto pode significar dias que precederão a crise final do fim da era (assim pensa E. F. Scott) ou, mais genericamente, o caráter da era em que a Igreja precisará contender com poderes malignos. A continuação da segunda idéia, em 6:11,12, dá apoio à segunda exegese.

Em segundo lugar, há uma convocação à autocompreensão à luz da vontade de Deus, que é a marca notável de um homem que vive em comunhão com Deus (II Tim. 2:7). Uma forma segura de interromper essa comunhão e não aceitar a vontade de Deus ocorre em uma visão nublada, causada, por seu turno, pelo abandono do domínio próprio. O versículo 18 enfatiza o perigo de intoxicação, através da qual a vigilância do censor moral é relaxada, e uma porta é aberta para a imoralidade. O fato de os crentes evitarem a **devassidão** foi motivo tanto de admiração quanto de hostilidade, da parte dos vizinhos pagãos, para quem a farra fazia parte da vida (I Ped. 4:4). A advertência **não vos embriagueis com vinho** é citação de Provérbios 23:31 (LXX). Ela toca em um perigo bem real, que confrontava os cristãos em uma sociedade pagã.

Em um ousado contraste, Paulo prossegue, aplicando a lição. Que vocês procurem ser cheios do Espírito, e não de vinho. E, como a bebedeira é fato comum no mundo ao redor de vocês, e o abuso do vinho uma experiência diária, que a plenitude do Espírito Santo seja a sua constante preocupação. **Enchei-vos** está no presente, indicando uma experiência contínua. Mas a frase toda, aqui, propõe uma questão embaraçosa para o tradutor. O grego de Paulo é compacto. C. Masson nota, corretamente: "'Pelo Espírito' é preciso demais. 'No Espírito' é vago demais. Propomos: 'Buscai a plenitude que o Espírito dá.'" Esta tradução é preferível à última alternativa: "tornai-vos cheios do Espírito", da qual J. Armitage Robinson diz: "Essa injunção, porém, não tem paralelo: se esse fosse o significado que o Apóstolo queria dar à essa frase, certamente ele teria usado o genitivo", em vez da preposição **em (en)** e o dativo.

Uma indicação do enchimento do Espírito será o desejo de dar expressão vocal à devoção do coração **ao Senhor**, mediante o uso de cânticos ou canções que o Espírito inspirar. A classificação desses cânticos em salmos do Velho Testamento, hinos cristãos usados na adoração da igreja primitiva, e odes empregadas pelos adoradores celestiais, como nas cenas do livro de Apocalipse (5:9; 14:3;

15:3), é feita popularmente. Mas ela é nítida demais. Provavelmente, composições cristãs diferentes são a referência dos três tipos, especialmente se o adjetivo **espirituais** (isto é, inspirados pelo Espírito) cobre todos os termos precedentes, coisa que a construção grega permite. [41]

Mediante o uso destas articulações verbais, os crentes edificam-se uns aos outros (dado a entender em **falando entre vós**), bem como dão vazão a suas emoções, mediante o exercício de ações de graças a Deus (v. 20). Paulo tem em mente uma assembléia congregacional (como em I Cor. 14), e não atos de adoração particular ou familiar. A ação de graças é a reação coletiva da Igreja à bondade de Deus, e assim forma uma ponte, que liga o ensino ético destes versículos com o que se segue na carta.

X. Cristo, a Igreja e a Família (5:21-6:9)

A menção da igreja em adoração convida a uma consideração de Paulo acerca do lugar das mulheres, primeiramente no culto na Igreja, e, em seguida, como seqüência natural, nas relações domésticas com seus maridos e famílias. Desde esta declaração inicial, a respeito da verdadeira ordem do relacionamento entre marido e mulher, o apóstolo passa a traçar a analogia de Cristo e a Igreja. Ele usa Gênesis 2:24 como texto aplicável primeiramente às relações humanas, mas também — e para ele mais significativo — prefigurando a união nupcial entre o Noivo celestial e a sua esposa, a Igreja, que é uma com ele (5:31).

Será bom se estabelecermos, de antemão, comentário minucioso às quatro lições que ele tira da correspondência entre o paralelo Cristo-Igreja com a relação homem-mulher.

Primeiro, Cristo é o cabeça da Igreja, seu corpo; e, na ordenação da criação, o homem ocupa um lugar de cabeça sobre a mulher (I Cor. 11:3; I Tim. 2:13).

Segundo, Cristo requer a obediência do seu povo, que, por direito, está sujeito a ele (v. 24). A inferência é de que a mulher também deve depender do homem em todas as coisas (v. 24), e não apenas no arranjo da adoração pública, à qual se refere o verso 22. Esta é a opinião do escritor, embora outros possam legitimamente ter opinião contrária (veja discussão mais detalhada abaixo).

Terceiro, Cristo exerceu o seu amor pela Igreja e demonstrou a extensão desse amor em tudo o que ele fez para a redenção da Igreja (v. 25 e ss.). Embora grande parte desta seção pertença unicamente ao conceito Cristo-Igreja, o ponto principal é abordado no versículo 28: que os maridos amem as suas mulheres com um amor semelhante ao amor que ele demonstrou.

Quarto, Cristo, que considera a sua Igreja como parte de si mesmo, por ser seu corpo, cuida dela (v. 29 e 30). No laço matrimonial também o marido tem responsabilidade por sua esposa.

O versículo 33 resume a discussão paulina com relação ao "respeito" (gr., **phobeō**) da esposa por seu marido. Não pode ser acidental o fato de o primeiro versículo da discussão de Paulo (v. 21) também ter usado esta palavra na forma de substantivo, para mostrar a "reverência" (gr., **phobos**) da Igreja por Cristo. Este é um exemplo do recurso retórico de **inclusio**, pelo qual a abertura e o encerramento de uma discussão se ajustam e formam, assim, os pontos terminais de uma seção de prosa clássica. Mas o seu valor, aqui, é mais do que literário. Ele mostra que a divisão do parágrafo deve vir depois do verso 20 (como na versão inglesa RSV) e faz do verso 21 parte integrante e introdução do tema de Cristo e a Igreja. Mas o verso 21 fica melhor isolado como um parágrafo separado (assim o apresenta a NEB), funcionando,

41 Uma discussão completa a respeito dos antecedentes deste texto e dos métodos usados no versículo 19, no desenvolvimento da adoração eclesiástica, é oferecida, por este escritor, em **Worship in the Early Church**, Capítulos 4 e 12.

deste modo, como ponte entre os versículos que vieram antes e os que vêm a seguir. A razão é a ausência de uma forma verbal no grego do verso 22. É claro que o verbo precisa ser trazido do verso 21, como na RSV, que insere: **Vós, mulheres, submetei-vos...** A submissão do verso 21 remonta à descrição dada, da estrutura da Igreja em adoração (v. 19 e 20), e antevê a atitude de uma esposa para com seu marido, que é voluntária de sua parte e não o resultado de um ato dominador do seu marido. Mas Paulo pode estar abrindo caminho para a discussão que se segue, fazendo notar, no verso 22, que é nos cultos públicos de adoração que uma mulher deve ser submissa a seu marido, como em I Coríntios 14:34, que usa o mesmo verbo, e I Timóteo 2:11, que usa um substantivo cognato. A necessidade de colocar em uma base correta a adoração cristã é o ponto de partida para a discussão da analogia entre Cristo e a Igreja, da mesma forma que, em I Coríntios, o excesso em relação aos dons espirituais (I Cor. 12) desencadeia as suas instruções a respeito da unidade do corpo.

O chamado para a submissão tem, porém, um amplo arcabouço de referência. Muitos intérpretes relacionam a sua aplicação primária com a relação total ou geral marido-mulher. Códigos de "deveres domésticos" (**Haustafeln** [42]) cobrindo as relações domésticas e sociais eram não unicamente cristãos, mas podiam ser colocados como paralelos no mundo do primeiro século. Paulo, juntamente com outros escritores do Novo Testamento, pode ter tomado emprestada a estrutura, mas ele a preencheu de maneira caracteristicamente cristã, inserindo expressões como "no Senhor" (6:1; cf. Col. 3:20) e aproveitando-se de ensinamentos do Velho Testamento (6:2,3), para fortalecer o seu ensino. A sua preocupação com a vida familiar é uma dedução lógica inerente ao ensino em relação ao relacionamento marido-mulher, e remonta à sua premissa anterior acerca do Pai divino, que chama o seu povo para a sua família como filhos do seu amor (5:1; cf. 3:14,15).

Com este pano de fundo, em relação à eclesiologia de Paulo e ao seu uso de uma estrutura ética, podemos passar a examinar a substância do seu ensino.

1. O Casamento à Luz do Sagrado Casamento de Cristo e a Igreja (5:21-33)

21 sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo. 22 Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; 23 porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. 24 Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos. 25 Vós, maridos, amai a vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, 26 a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra, 27 para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. 28 Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. 29 Pois nunca ninguém aborreceu a sua própria carne, antes a nutre e preza, como também Cristo à igreja; 30 porque somos membros do seu corpo. 31 Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne. 32 Grande é este mistério, mas eu falo em referência a Cristo e à igreja. 33 Todavia, também vós, cada um de per si, assim ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie a seu marido.

O versículo 21 é, como já vimos, um elo entre duas seções (5:19,20 e 5:22-33). A indulgência cristã na adoração encontra uma ilustração específica na atitude das mulheres, tanto na assembléia congregacional quanto dentro da união matrimonial. Na área mencionada por último, a relação homem-mulher leva Paulo a discorrer pormenorizadamente a respeito da maneira pela qual Cristo e a Igreja são unidos. A direção cabe tanto

42 Este expressivo termo germânico se deriva do estudo inovador de K. Weidinger, **Die Haustafeln. Ein Stück urchristlicher Paranese**, "Untersuchungen zum Neuen Testament" (Leipzig: J. C. Hinrichs, 1928).

a Cristo quanto ao homem, na qualidade de marido (a palavra grega **anēr** é usada, e não o termo genérico usado para homem, como **homo sapiens, anthrōpos**; porém, o uso desta palavra não é imutável, como mostra a ocorrência de **anthrōpos**, na citação do Velho Testamento, no v. 31).

Cristo é o cabeça da Igreja porque ele está ligado a um corpo, como o ensino paulino anterior vinha insistindo (Rom. 12:4,5; I Cor. 12:12 e ss.)[43]

O que é novidade vem na frase adicional: **sendo ele próprio o Salvador do corpo**. A designação de Jesus como Salvador, tão popular na hinologia e na devoção cristãs, está singularmente ausente de Paulo. As suas principais ocorrências estão nas epístolas pastorais, mas, nas cartas às igrejas, esse ofício é-lhe atribuído apenas em Filipenses 3:20 e aqui. Por causa disso, alguma explicação especial tem sido procurada. Dibelius-Greeven, em seu comentário, sugerem que esta adição à analogia é um pensamento posterior, porque a mulher não é salva pelo homem. Mas pode haver um sentido especial do substantivo verbal aqui encontrado. Guiados por I Timóteo 2:15, podemos propor, aqui, o sentido dos verbos "proteger, preservar". O significado, portanto, é que Cristo cuida do bem-estar da Igreja; e esta idéia prepara-nos para os versos 29 e 30, para a comparação aí encontrada.

Em tudo talvez não tenha a intenção de significar uma sujeição irracional e dura, da parte da mulher, como pode ser interpretada à primeira vista. Mais provavelmente esta expressão é acrescentada para estender a limitada, referência à submissão, feita no verso 22. Esse versículo fala do lugar de dependência da mulher durante a adoração pública (como em I Cor. 14:34; I Tim. 2:11). Agora Paulo deseja ampliar a esfera dessa dependência. É tempo de ele também dizer o que significa submissão. O versículo 25 define o verdadeiro significado de obrigação, expresso pelo verbo traduzido como **está sujeita**; é uma obrigação em amor. O amor do marido é moldado segundo o maior amor de Cristo por sua noiva.

A Igreja como esposa de Cristo é um pensamento tão estranho que a sua colocação e o seu contexto devem ser notados. Paulo refere-se ao mesmo em II Coríntios 11:2,3 (cf. Apoc. 19:7 e ss.; 21:2), aproveitando a mesma idéia do Velho Testamento. Em particular, ele está fixando a sua atenção no casamento de Yahweh com Israel, descrito em Oséias 2:16, Isaías 54:4 e s., 62:4 e s. e Ezequiel 16:7 e s. Os rabis tomavam estas passagens e as usavam para louvar a aliança entre Deus e o seu povo no Sinai em termos de um contrato matrimonial. A Torah ou lei de Deus, recebida por Israel como alicerce da aliança, tornou-se esse contrato. Moisés fora a pessoa que levara a noiva a Deus, o marido divino. Em termos cristãos, o relacionamento de Cristo com a sua noiva, a Igreja, tornou-se para Paulo uma maneira ulterior de dizer que a era da Torah havia dado lugar à nova era do cumprimento do Messias. O próprio apóstolo desempenha o papel do legislador Moisés, levando a esposa de Cristo a Ele (como em II Cor. 11:2; cf. João 3:29).

As ações do Noivo celestial em favor de sua noiva, a Igreja, estão ligadas ao seu amor e autodoação na cruz. **Amou** e **a si mesmo se entregou** são dois verbos que também se encontram juntos em Gálatas 2:20.

O objetivo e o efeito da obra de Cristo em favor da Igreja são expressos em termos de santificação. Porém o sentido não é bem o mesmo como o que é normalmente associado com esses termos em dogmática. Pelo contrário, o verbo tem o sentido de que a Igreja é tirada da esfera do pecado e colocada na de santi-

43 A origem deste ensino tem sido atribuída, sugestivamente, ao encontro de Paulo na estrada de Damasco, onde ele verificara que, ao perseguir a Igreja (corpo de Cristo), estava ferindo o próprio Cristo (o cabeça): At. 9:4,5; cf. I Cor. 8:12.

dade divina, quando Cristo declara a Igreja como sua propriedade particular. (Para este uso do verbo "santificar", significando consagrar entregando a vida a Deus, veja João 10:36; 17:17; veja também Jer. 1:5 e Eclesiástico 49:7.) O meio pelo qual essa transferência é realizada é então descrita enigmaticamente como **tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra**. Todos concordam que o nascimento do novo povo de Deus é o que esta frase focaliza, e não existe concordância menor hoje em dia quanto ao fato de que Paulo tem em vista a lavagem batismal — embora haja a opinião, de uma minoria, de que o único significado é o de renovação espiritual (cf. João 13:10), sem referência ao batismo nas águas. A **lavagem da água** traz à mente a referência em Tito 3:5, porém mais especialmente em I Coríntios 6:11, onde lavagem e santificação estão lado a lado. Pela **palavra** é um quebra-cabeças. A expressão grega **en rhēmati** (em uma palavra) é ainda mais misteriosa do que em português. Uma emenda tem sido proposta, com a redação sugerida **en haimati** ("com o (seu) sangue"). Mas este é um expediente desesperado. Da mesma forma, a sugestão de que **lavagem** e **palavra** estão juntas, como referência a banhos pré-nupciais e os votos matrimoniais, prática familiar entre gregos e judeus, não ajuda muito.[44]

Pelo contrário, a **palavra** deve referir-se ou à proclamação do evangelho que leva a uma reação favorável, no ato do batismo, ou (mais provavelmente) à afirmação de fé do convertido, por ocasião do batismo, mencionada em Atos 22:16 e ilustrada no diálogo em forma de perguntas e respostas em Atos 8:36 e ss. (*) (veja o texto Ocidental, impresso na versão KJV; e a margem da RSV). Na igreja posterior, desenvolveu-se um elaborado arranjo para a interrogação dos candidatos ao batismo[45] e a cada pergunta uma resposta adequada era esperada. Provavelmente, a frase de Paulo se relaciona com esta situação.

O versículo 27 antecipa a realização final do propósito de Cristo, quando por fim a noiva estiver pronta para encontrar-se com o seu esposo. Está claro que este evento futuro está longe, e os estudiosos que apontam para um período do desenvolvimento histórico e teológico do Novo Testamento, quando a volta iminente de Cristo não mais for algo do futuro, apegam-se a ele. Em algum tempo posterior, a Igreja alcançará o seu pleno esplendor, chegando a ser **gloriosa, sem mácula, nem ruga**. Com base em 1:4, podemos observar como o versículo em foco contempla a atualização do plano de Deus para a Igreja, o qual havia sido concebido na eternidade passada. Isso confirmaria o ponto de vista de que o que é descrito nesta elaborada analogia de casamento sagrado não é nada menos do que o emparelhamento do plano original de Deus para a nova criação, com o seu cumprimento no fim dos tempos.

Depois de uma declaração teológica magnificente de Cristo e sua noiva, o autor passa a um tom mais baixo de uma aplicação penetrante (v. 28-33). Podemos ficar admirados com a razão pela qual essa longa justificação do ensino ministrado é agora feita, especialmente porque certas partes dela (v. 29 e 33) parecem mostrar laivos de ética utilitária e de um altruísmo bisonho. Precisa haver uma razão histórica por detrás desta seção. Alguns comentaristas a encontram na incomum necessidade de instrução catequética a respeito do casamento (cf. Heb. 13:4) ou no profundo senso que o apóstolo tinha, da Igreja como um mistério sagrado coletivo, baseado em idéias veterotestamentárias (em Os. 2:2 e ss.; Is. 54:4 e s.), que foram espiritualizadas e

44 Veja a discussão de A. Oepke, TDNT, IV, 296 e ss.

(*) Cf. João 15:3, a lavagem a que Paulo se refere no verso 26 é a ministração constante da Palavra de Deus, pela qual somos gradativamente santificados ou purificados.

45 Veja, R. P. Martin, **Worship in the Early Church** (1964), p. 60 e s., que menciona exemplos.

imaginadas por Filo (**De Cherub** 13). Mais provável é a idéia de que os leitores de Paulo estavam sendo vitimados por uma crença gnóstica de que o casamento era inerentemente contaminador, e que o estado de celibato era **per se** virtuoso (cf. I Tim. 4:3).

O apóstolo é levado a fazer este contra-ataque devido à necessidade de exaltar o casamento como instituição divina. E ele o faz mediante o uso do **grande mistério** unindo Cristo e sua noiva, a Igreja. O tema subjacente é que a era messiânica já raiou, e isto significa que o Messias e sua noiva estão sendo unidos, em um antegozo daquele dia em que as bodas serão celebradas (Apoc. 19:7,9).

A aplicação começa com o verso 28. A estranha redação **como a seus próprios corpos**, que é usada para designar o amor do marido por sua esposa, provavelmente deva ser explicado pelo desejo de se manter próximo à analogia dos versículos precedentes. Cristo ama o seu corpo, com ele está tão intimamente ligado, tanto que pode ser considerado como parte dele. Podemos lembrar Atos 9:4: "Por que me persegues?" — pergunta feita em referência à hostilidade de Saulo contra a Igreja, que ele estava atacando.

Os dois verbos positivos, no verso 29, **nutre** e **preza**, são tomados por empréstimo da linguagem de berçário (como em I Tess. 2:7). Eles denotam grande solicitude e ternos cuidados. Quando usados em relação ao cuidado de um esposo por sua esposa, dão a entender "proteção, afeição e manutenção tangível e prática" (Masson). Isto é verdade quando o casamento cristão é elevado às alturas estabelecidas pelo cuidado que Cristo tem pela sua Igreja.

Uma citação de Gênesis 2:24 (um pouquinho diferente da LXX) é feita por Paulo para referir-se **a Cristo** e **à igreja**. Jesus usara este versículo do Velho Testamento (em Mar. 10:7 e s.) para estabelecer a natureza permanente do laço matrimonial, e anteriormente Paulo havia recorrido a esse texto como argumento contra a prática de prostituição cultual (I Cor. 6:16,17). Agora ele segue a percepção que lhe fora concedida em relação à natureza da Igreja (3:4, que também fala do **mistério**, isto é, o plano de Deus para o mundo através da Igreja; 1:9). Ele aplica o texto do Velho Testamento analogicamente à união não de homem com mulher, mas de Cristo e seu corpo, que é um com ele. Não está claro se há uma tendência polêmica na cláusula **mas eu falo**. Estaria Paulo dando a entender que a sua interpretação tinha que vencer pontos de vista rivais? Alguns eruditos[46] crêem que Paulo estava se opondo deliberadamente a uma especulação gnóstica, que, nos sistemas clássicos dessa heresia do segundo século, produzira um complexo ensinamento a respeito da "paridade de aeons", ligado a um casamento e ostensivamente baseado em Gênesis 2:24. Mas estes antecedentes parecem excessivamente distantes desta parte de Efésios.[47]

O versículo 33 o resume. Ele remonta ao versículo anterior, que é protótipo e exemplo. Partindo do conceito Cristo-Igreja, Paulo argumenta até chegar à relação ideal entre homem-mulher, e não vice-versa. Esta é uma importante observação, a que se atribuem as duas partes desse ensinamento, tantas vezes entendido de maneira errada. Ele conclama as esposas a serem sujeitas a seus maridos, pois a Igreja está corretamente sob o controle de Cristo. Também é por isso que ele "nunca diz às esposas que elas devem amar os seus maridos... A razão é a que ele dá: Cristo ama a Igreja, mas cabe à Igreja obedecer e submeter-se a Cristo." [48]

2. Deveres Familiares (6:1-4)

1 Vós, *filhos*, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. 2 Honra a

46 V. G., H. Schlier, em seu primeiro livro, **Christus und die Kirche im Epheserbrief** (1930), p. 60-75.

47 Assim pensa Percy, p. 327.

48 C. Chavasse, **The Bride of Christ** (London: Religibus Book Club, 1939), p. 77.

teu pai e a tua mãe (que é o primeiro mandamento com promessa), 3 para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra. 4 E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e admoestação do Senhor.

Da verdadeira base da vida familiar na união matrimonial, a atenção é voltada para as relações familiares, quando os **filhos** são chamados a aceitar o seu lugar de obediência aos pais. Isto é **justo**, ou seja, está em concordância com a vontade de Deus (como em 4:24). A adição **no Senhor** (que não está presente em Col. 3:20) modifica a ordem e ao mesmo tempo introduz uma motivação e inspiração cristã, expressa no versículo seguinte.

Esta razão ulterior, para que os filhos sejam obedientes a seus pais, é suprida por uma citação de Êxodo 20:12, que faz parte do Decálogo, com a qual é então juntada uma adaptação de Deuteronômio 5:16. Este último texto está sob a influência de Deuteronômio 22:7, na citação paulina. Porém esta complexa fusão de versículos veterotestamentários não é o único problema, nesta passagem. Como devemos entender **primeiro mandamento** (em contraste com Mat. 22:37, 38)? A resposta precisa ser que a ordem **honra a teu pai e a tua mãe** é o primeiro parágrafo das "Dez Palavras" que tem apensa a ele uma promessa, ou, mais provavelmente, que **primeiro** não é uma referência à ordem numérica, mas é usada adverbialmente, no sentido de "um mandamento muito importante". Um uso similar, com a mesma palavra grega, é descoberto em I Coríntios 15:3, onde o termo deve ser traduzido como "de primeira importância".

Em seguida vêm os deveres dos pais, que são exarados tanto negativa quanto positivamente. Primeiro, há uma advertência para que eles não tenham o costume de irritar os filhos. Isto pode ser feito por meio de importuná-los e assim levá-los à exasperação e hostilidade. Segundo, segue-se uma injunção para que eles os treinem em uma educação disciplinar. Esta última expressão é a melhor forma de juntar as duas palavras gregas **paideia** (que significa, adequadamente, educação mediante disciplina) e **nouthesia** (educação por instrução). As matérias ensinadas nessa escola de educação espiritual e moral podem ser reduzidas a um único interesse curricular: a vida cristã, o que ela é e como deve ser vivida, que é o amplo significado da expressão **do Senhor.**

3. Relações de Senhores e Escravos (6:5-9)

5 Vós, servos, obedecei a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo, 6 não servindo somente à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus, 7 servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. 8 Sabendo que cada um, seja escravo, seja livre, receberá do Senhor todo bem que fizer. 9 E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor tanto deles como vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas.

Esta seção do "código familiar" trata de um problema que foi muito real para os cristãos do primeiro século, em suas responsabilidades sociais. A Igreja nasceu em uma sociedade em que a escravidão humana era uma instituição aceita, sancionada pela lei e não questionada, mesmo pelos moralistas de propósitos os mais elevados. O problema não era de aceitação da instituição propriamente dita, ou como reagir a uma exigência de sua abolição (coisa que nem a Epístola de Filemom sugere), mas a maneira como os escravos deviam aceitar a sua condição e o tratamento que os senhores cristãos de escravos deviam dispensar aos escravos que estavam debaixo do seu controle. Os leitores modernos destes versículos precisam considerar as circunstâncias históricas do mundo do primeiro século, e guardar-se para não fazer, às Escrituras do Novo Testamento, perguntas que não são de sua jurisdição. A escravidão é um assunto em

referência. Não fosse assim, ficaríamos surpresos pelo fato de a conclamação de Paulo ser em direção à obediência, e não à revolta.

Este direcionamento teria sido suicida, como notou perceptivamente W. Bousset: "O cristianismo teria se afundado de maneira irremediável, se fizesse tentativas assim tão revolucionárias; ele poderia ter ocasionado uma nova revolta de escravos, e teria sido esmagado juntamente com ela. O tempo não estava maduro para a solução de problemas tão difíceis."[49]

O versículo 5 faz ressoar uma nota que é característica do Novo Testamento, geralmente com os seus apelos à aquiescência, e não ao protesto. Inversamente, essa prática desumana perde o seu aguilhão parcialmente, devido à atitude cristã da parte dos escravos. **Como servos de Cristo** faz ressoar um tom distintivamente cristão, transformando, desta forma, todo trabalho e relembrando o ensino de Mateus 25:31 e ss. O serviço aos outros, em nome de Cristo, dá um novo caráter ao que fazemos, quando servimos aos outros por amor dele.

O mesmo pensamento é repetido nos dois versículos seguintes, que são formados ao redor de um jogo de palavras tentado conscientemente: **Servos...** (sejam) "servos" (RSV, margem) **de Cristo.** O que significa ser servo (do grego, **doulos**, escravo, como no v. 5) de Cristo é explicado nesta curta seção. Requer que a pessoa o sirva fazendo a vontade de Deus **de coração**, isto é, não de forma demorada ou desatenta, mas **de boa vontade.** O comentário de Dibelius-Greeven cita um interessante papiro, datado de cerca de um século depois de Paulo, em que há um paralelo a esta expressão. Um escravo é libertado pela vontade registrada em testamento do seu senhor, por causa da "alegria e afeição" que demonstrava ao servir a família. Agora o senhor falecido reconhece isto em um ato de alforria que dá liberdade ao escravo. Nem todos os senhores de escravos eram os monstros da imaginação popular, embora para nós, hoje em dia, o princípio dessa instituição pareça degradante. O serviço prestado **de boa vontade** algumas vezes produz a sua recompensa. Neste contexto, a expressão paulina deve ter este sentido: trabalhem com uma aplicação "que não espera para ser compelida" (J. Armitage Robinson).

As oportunidades correntes de serviço, embora colocadas nos limites estreitos da relação senhor-escravo, são elevadas, por Paulo, a um nível mais alto, no verso 8. Todo empreendimento digno e toda relação útil que supre as necessidades apontam para o futuro, quando Cristo, o Servo de Deus e dos homens, por excelência (Luc. 22:27), avaliará a obra da vida do crente, no seu tribunal (veja I Cor. 4:5; II Cor. 5:10; Rom. 14:12). Aqui está uma perspectiva que aguarda todos os crentes, seja qual for a sua condição social. Nas entrelinhas, porém, verifica-se uma alusão direta aos que têm campos mais amplos de oportunidade. Eles serão considerados responsáveis pelo que fizeram com essas oportunidades, e isto parece claramente focalizar a atenção, agora, no relacionamento do escravo para com o seu senhor como homem livre, e por isso capaz de utilizar mais do seu tempo e energias para fazer o bem e ajudar os outros.

Desta forma, a discussão passa a considerar os senhores de escravos. Recomenda-se também a eles que ajam de maneira que honre a sua vocação cristã. Registra-se, aqui, um acautelamento contra uma disposição dominadora e um lembrete de que, embora eles sejam **senhores** (grego, **kurioi**) de seus escravos, eles também têm um **Senhor** celestial (grego, **kurios**). Ele não pode ser ameaçado ou corrompido de forma alguma. **Acepção**, isto é, favoritismo que pode ser comprado com um presente, é um antigo termo do Velho Testamento, usado, por exemplo, em II Crônicas 19:7. De fato, a

49 W. Bousset, **Die Schriften des Neuen Testaments** (Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, ii, 1929), p. 101.

palavra grega (lit., consideração favorável) é moldada segundo a expressiva expressão hebraica, que denota uma abertura para ser persuadido, demonstrada por uma expressão facial.

Colossenses 3:25 usa a mesma idéia de imparcialidade, mas em um contexto diferente. Há uma recomendação de que os escravos não explorem os seus senhores cristãos — um conselho inspirado, talvez, como sugere E. Percy,[50] pelo caso de Onésimo, que havia defraudado o seu senhor Filemom, em Colossos, e depois fugira. Contrastantemente, o ensino exarado em Efésios é não-situacional, e por isso transcende a uma forma ética mais generalizada.

XI. A Luta do Crente e o Pedido do Apóstolo (6:10-20)

10 Finalmente, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. 11 Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes permanecer firmes contra as ciladas do Diabo; 12 pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra as hostes espirituais da iniqüidade nas regiões celestes. 13 Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, permanecer firmes. 14 Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça, 15 e calçados os pés com a preparação do evangelho da paz, 16 tomando, sobretudo, o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. 17 Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; 18 com toda a oração e súplica orando em todo tempo no Espírito e, para o mesmo fim, vigiando com toda a perseverança e súplica, por todos os santos, 19 e por mim, para que me seja dada a palavra, no abrir da minha boca, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, 20 pelo qual sou embaixador em cadeias, para que nele eu tenha coragem para falar como devo falar.

Nesta admoestação final, a realidade da Igreja no mundo é encarada frontalmente. Paulo emite um chamado à firmeza, diante das tribulações, e uma conclamação para se preparar para o conflito. Os inimigos da Igreja, todavia (como Paulo bem sabia), não são simplesmente os agentes humanos que oprimem os crentes. Por detrás deles, ele vê as forças nocivas do mal. Para repelir os ataques de poderes demoníacos é necessário ajuda celestial; e a convicção do apóstolo era que Deus colocou à disposição dos crentes tudo o que é necessário para resistir a tais ataques. Em particular, as várias peças da armadura são relacionadas minuciosamente. Esta descrição é tirada do equipamento usado pelo soldado romano, que estava pronto para a batalha. Pode até ser que um soldado como esse estivesse ao lado de Paulo quando ele escreveu ou ditou esta carta, pois ele fala de si mesmo como **embaixador em cadeias** (v. 20). Como apóstolo cristão, ele esperava que os seus amigos nas igrejas da Ásia permanecessem ao lado dele em suas orações, pois ele era um alvo especial de ataque, e por isso precisava muito do encorajamento que os seus intercessores podiam lhe propiciar (v. 18 e 19). Como pedido pessoal, ele confessa que desejava ser fiel no desempenho do seu trabalho apostólico (v. 20; veja 3:8,13, onde se encontram pedidos similares, nesta carta).

As duas exortações do verso 10 são colocadas lado a lado e se interpretam mutuamente. A conjunção **e** é explicatória. A tradução inglesa NEB engenhosamente coloca as duas lado a lado: "Encontrem a sua força no Senhor, em seu vigoroso poder." As três palavras gregas traduzidas como **fortalecei-vos (endunamousthe), força (kratos)** e **poder (ischus)** são todas variantes da idéia de poder, e fazem lembrar um amontoado semelhante de sinônimos em 1:19. O que significa esta exortação é então especificado, enquanto Paulo avança em uma discussão do armamento que Deus põe à disposição do guerreiro cristão. O tema da batalha é agora introduzido.

50 Op. cit., p. 402.

A chave da interpretação dos próximos versículos encontra-se na expressão **armadura de Deus**. É claro que o crente vive em uma espécie de terra de ninguém, entre as forças opostas de **Deus** e do **Diabo**. Ele é chamado a se alinhar com Deus e contra o seu inimigo. Mas, como? Revestindo-se de toda armadura de Deus. Esta expressão pode significar "a armadura que Deus providencia" ou "a armadura que Deus veste", dependendo do tipo de construção genitiva tencionada. Paralelos, em Isaías 59:17 e Sabedoria de Salomão 5:17-20, tornam certo que a segunda interpretação deve ser preferida. O armamento com que o soldado cristão deve cingir-se é nada menos do que a armadura que Deus veste (figuradamente), em sua guerra contra o mal.

O inimigo, na luta do crente, é **o Diabo**, descrito na sua acepção de caluniador (em grego, **diabolos**). Nesse sentido, ele é o inimigo declarado da Igreja, que não pode ser neutra em qualquer caso (Apoc. 12:10), em vista das maquinações malignas do Diabo e seus vassalos. A mesma palavra grega, traduzida aqui como **ciladas**, encontra-se em 4:14. Paulo, assim como o escritor de Apocalipse 12:10, tinha diante dos seus olhos um quadro bem vivo do agente pessoal do mal, especialmente na sua inimizade contra os santos de Deus, embora ambos os escritores da Bíblia se aproveitem da terminologia de um ponto de vista apocalíptico judaico do mundo.

Paulo levanta uma ponta do véu e permite que os seus leitores vejam a dimensão transcendental da luta da Igreja, neste mundo. No nível da história, essa luta é entre os homens de boa vontade e os homens de disposição maligna. Porém Paulo acha simplista demais essa figura. O conflito, em seu nível mais profundo, não é contra poderes humanos, **carne** e **sangue** (veja Mat. 16:17; Gál. 1:16, para conferir a expressão entendida no sentido de homens e mulheres). Pelo contrário, ele é direcionado contra o poder real que está por detrás dos perseguidores terrenos — agências demoníacas, que, de acordo com I Coríntios 2:8, foram os responsáveis primeiros pela morte de Jesus. Caifás, Herodes e Pilatos foram os instrumentos históricos desses poderes angélicos malignos, diz Paulo.

A hierarquia espiritual do mal é pintada em alguns detalhes. **Principados** e **potestades** são termos usados em outras passagens de Paulo, para designar ordens da criação, da qual Cristo é tanto a origem como o cabeça (Col. 1:16). Pensa-se que tais seres se afastaram, mediante rebelião, do Senhor cósmico, e assim são ativos em oposição a ele e ao seu povo. Mas ele lhes desferiu um golpe mortal na cruz (Col. 2:15), e a sua destruição está decidida. A palavra final dele (I Cor. 15:24) rapidamente os destruirá.

No período entre a cruz e ressurreição e a **Parousia**, eles têm poder para perturbar a Igreja, mas não para destruí-la (Rom. 8:38 e s.).

Príncipes do mundo pertence à mesma companhia, mas a derivação dessa expressão não é certa. Ela é atestada como expressão astrológica, em escritores gregos, mas está ausente da Septuaginta e de Filo. Um indício bom seria que os rabis usavam uma forma semita desta expressão para designar o anjo da morte. [51] Gnósticos de época posterior, dentro da cristandade, aplicaram esta expressão ao Diabo. Irineu fala acerca dos valentinianos: "Ao Diabo eles chamam de **kosmokrata**." A expressão de Paulo está no plural, porém, e provavelmente, denota forças malignas que são tão implacavelmente opostas à Igreja como as **trevas** se opõem à luz. Este contraste retoma o ensino anterior, de 4:18 e 5:7 e ss., com a sua flagrante antítese de trevas **versus** luz. Pode haver uma outra aplicação. O objetivo dos "kosmokratas" é prender os homens nas trevas da sua ignorância

51 Strack-Billerbeck, i, p. 145: ii, p. 552.

acerca de Deus e sua verdade, como em II Coríntios 4:4-6.

O último membro deste grupo de agências malignas são as **hostes espirituais da iniqüidade nas regiões celestes**. O paralelo mais próximo desta expressão encontramos em 2:2. Em ambos os textos, o conflito da Igreja está localizado nas regiões superiores dos ares. Mas esta é precisamente a região onde se encontra a esfera do governo de Cristo (1:20), onde se dá testemunho da proclamação da Igreja acerca do evangelho (3:10) e da qual, como de uma fonte principal (1:3), fluem bênçãos de Deus para o seu povo. Portanto, devemos considerar sem hesitar esta expressão como metafórica e designada a falar ao homem do primeiro século, no seu próprio comprimento de onda, dando-lhe a certeza de que o lugar de onde os espíritos malignos vinham, para assaltá-lo, não estava mais cheio de horrendas influências, mas havia experimentado a vitória de Cristo sobre todos os temores, embora haja contínua hostilidade. A mensagem do verso 12 é, portanto, de esperança. A despeito do tremendo mal a que esses poderes demoníacos são capazes, em suas tentativas de destruir a Igreja, somos tranqüilizados com o fato de que, porque "esses poderes estão competindo com Deus" (Thompson, p.94) e a Igreja, já vitoriosa em Cristo, que agora ascendeu a lugares celestiais, eles estão condenados ao fracasso e derrota final. A linguagem e ideologia podem ser condicionadas pelas perspectivas do mundo e pelos presságios insistentes do homem helênico, mas o princípio que está subjacente a esta mensagem é atemporal e, especialmente, pertinente aos nossos dias.

Por causa da confiança da Igreja, em sua luta contra um inimigo, que já está sob sentença de destruição — esta é a conexão lógica de **portanto** — o soldado cristão é concitado a assumir posição de batalha com grande coragem. Ele é animado a não recuar no **dia mau**, isto é, numa época quando a pressão da perseguição contra a Igreja é cada vez maior (veja 5:16). Alguns comentaristas usam isto para especificar a tensão escatológica que precederá a **Parousia** de Cristo; mas a referência é vaga demais para ligar a ela este significado — da maneira como este escritor o entende.

Havendo feito tudo tem o sentido natural de uma preparação total para enfrentar o inimigo, quando um outro ataque violento é esperado no **dia mau**. Mas o verbo grego que Paulo usa pode ter outra nuança. É possível que o que se pretenda é um significado secundário, atestado por Heródoto, de "tendo derrotado tudo". Esse **tudo**, dessa forma, referir-se-ia às hostes espirituais do verso 12. De qualquer forma, a parte importante desse apelo retumbante é clara: preparem-se para a batalha e estejam prontos quando a luta irromper.

Paulo exprime a responsabilidade que o soldado tem. Ele precisa equipar-se adequadamente para a refrega. Porém, como a armadura é de Deus (v. 11), nenhuma provisão está faltando, e nenhuma parte do seu corpo fica desprotegida. Como a armadura de Aquiles, feita pelos deuses (Homero, **Ilíada**, 18, linhas 478-616), a proteção do crente, ao enfrentar o inimigo, é adequada. No entanto, ele tem a responsabilidade de usá-la.

Esta descrição (v. 14 e ss.) evidentemente tem, como seu modelo, um soldado romano a serviço. O cinto era uma evidência disso e uma marca de serviço ativo. Os romanos falavam de **miles accinctus**, referindo-se a um soldado de prontidão, com o seu cinto (em latim, **cingulum**) afivelado, em posição (Tácito, **Anais**, 11.18).[52]

A figura da **couraça** é tirada de Isaías 59:17 (cf. Sabedoria 5:18). A referência

52 Detalhes do equipamento do soldado romano são discutidos por A. Depke, em TDNT, V, 295-315. Há outros paralelos, tirados da organização paramilitar do acampamento de Qumran, nos rolos do Mar Morto. Veja as adições de K. G. Kuhn ao TDNT, V. 298-300.

de Paulo a **justiça** segue o sentido profético de vingança e ação que conserta todas as coisas erradas. É a figura do servo de Deus batalhando por justiça social no mundo de valores pervertidos e crime flagrante contra a humanidade. Os **pés** precisam de calçados, para marchar, pois o reino de Deus não vem sem esforços prolongados e dolorosos. Há, igualmente, antecedentes veterotestamentários em Isaías 52:7, que está na mente do apóstolo enquanto escreve Romanos 10:15. Além disso, pés bem equipados significam prontidão de serviço, em empreendimentos evangelísticos e sociais, quando os crentes levam o **evangelho da paz** (**shalom**, no Velho Testamento, significa o bem-estar do ser como um todo, do homem completo: corpo, mente e espírito; veja nota a 1:2).

Sobretudo é ambíguo tanto no português como no grego (**en pasin**). Significaria este termo "com tudo isto" (NEB), ou "cobrindo todas as partes do corpo"? A segunda idéia é, certamente, possível, porque ela tem correspondência na escolha de uma palavra grega traduzida como **escudo** (gr., **thureos**). A palavra equivalente latina é **scutum**, que tinha valor especial como defesa do soldado contra os dardos incendiários. **Scutum** "era um grande escudo quadrado, destinado a pegar e extinguir flexas incendiárias" (G. H. P. Thompson, **op. cit.**). Na guerra espiritual, é o **escudo da fé**, na vitória final de Deus, já alcançada, em princípio, pela ressurreição e exaltação de Cristo sobre todos os poderes malignos (1:20-22) e colocada à disposição do crente, para lhe dar vitória sobre todo o mal agora mesmo. Os **dardos inflamados do Maligno** (isto é, o Diabo) entendem-se melhor como os desígnios satânicos, que têm o objetivo de destruir a fé do crente (II Tess. 3:3).

Mais dois itens de equipamento completam a vestimenta do soldado. O **capacete** (elmo) **da salvação** é tirado de Isaías 59:17 (talvez em contraste direto com Sabedoria 5:19: Deus usa um elmo de destruição). Nesses textos, Yahweh usa um elmo, em sua cabeça, quando sai para vingar o seu povo oprimido. Todavia, os rabis aplicavam este pensamento à obra do Messias, e a interpretação cristã do Velho Testamento pode ter seguido o mesmo exemplo, como sabemos que foi o caso de passagem semelhante em Isaías 11:1-5. Tomar o capacete, portanto, significa dispor de tudo o que Cristo oferece, em sua obra salvadora.

A **espada** é brandida com poder cortante, quando a **palavra de Deus** é pregada. Esta parece ser uma clara referência a Isaías 11:4, que descreve as conquistas do Messias (cf. Apoc. 19:15) e ocorre de novo em Hebreus 4:12. O grego **rhēma theou**, traduzido como **palavra de Deus**, omite o artigo definido, fato que sugere o uso da LXX, onde esse termo se relaciona com algumas palavras faladas pelo próprio Deus. Uma ilustração adequada do que este versículo tem a dizer é verificada na história das tentações de Jesus. Cheio do Espírito Santo, ele enfrentou o inimigo e suas insinuações com partes apropriadas das Escrituras, que então se tornaram, para ele, **a espada do Espírito** (Luc. 4:1-13).

Embora não haja figura correspondente no equipamento de um soldado, a lista que se segue, de **oração e súplica**, demonstra a intenção evidente, de Paulo, de incluir isto no seu "catálogo". O elo de pensamento, que sugere esta continuação dos itens que os crentes têm à sua disposição, é **o Espírito**, que inspira a oração deles (Rom. 8:26 e ss.). No vocabulário de oração, há uma palavra para a oração em geral (cf. **proseuche**) e um termo para a apresentação de alguns pedidos específicos (gr., **deēsis**). A mesma conjunção de termos encontra-se em Filipenses 4:6 e I Timóteo 5:5.

Paulo agora especifica um objetivo da súplica do crente, a saber, **por todos os santos**, que formam o povo de Deus da nova aliança (1:1). A conclamação à oração em favor dos outros crentes requer as

virtudes gêmeas de vigilância e perseverança. A primeira palavra aparece, nesta passagem (Mar. 13:13; Luc. 21:36), falando da prontidão dos discípulos em um contexto escatológico, mas não é restrito a ele, e pode, igualmente, bem ser aplicada a qualquer crise da vida que possa abater-se sobre nós sem advertência prévia. Jesus, no Getsêmane, fez o mesmo apelo, como está registrado em Marcos 14:38. Este segundo sentido é confirmado pela referência a **orando em todo tempo**, cujo melhor significado é "em toda hora crítica" da vida, em vez de "mantendo uma constante atitude de oração" (como em I Tess. 5:17).

A segunda palavra é um apelo para a persistência, para que os nossos corações e espíritos não se cansem, quando não houver resposta imediata à nossa oração. O verbo cognato "perseverar" encontra-se, neste sentido, em Colossenses 4:2, Romanos 12:12 e Atos 1:14.

Da admoestação genérica, Paulo passa, no v. 19, a uma necessidade particular, que se centraliza em si mesmo, como em II Coríntios 1:11. Contudo, há diferença. Onde anteriormente os seus pedidos de oração haviam sido colocados em uma estrutura pessoal (a sua segurança, as suas relações com a igreja), agora o pedido é relacionado diretamente com o ministério apostólico, conferido a Paulo como apóstolo aos gentios (3:1). Alguns eruditos captam, aqui, a marca do discipulado de Paulo, expressando a necessidade das orações da Igreja, para que a mesma missão apostólica, iniciada por ele e continuada por seus seguidores, não fosse retardada, por timidez, ou debilitada, por causa de indiferença pelas verdades, representadas peculiarmente por Paulo durante a sua vida. Mas o íntimo paralelo com Colossenses 4:2-4 torna esta interpretação menos do que certa.

O pedido dos versos 19 e 20 é por cooperação em oração, para que o ministério de Paulo de pregar **o ministério do evangelho** — expressão explicada nesta carta como a união em uma só igreja, tanto de judeus como de gentios — pudesse ser cumprido. Para essa tarefa, ele precisava, acima de tudo, o máximo de coragem, no tempo da tribulação, pois era um prisioneiro cujo testemunho não devia ser emudecido. Ele era **embaixador** de Cristo, isto é, um enviado especial dele (II Cor. 5:20), mas, diferentemente de membro de uma corte humana, não gozava de nenhuma imunidade diplomática. Bem ao contrário, ele estava **em cadeias** (Col. 4:18; cf. At. 26:29).

XII. Notas Pessoais e Saudações Finais (6:21-24)

21 Ora, para que vós também possais saber como estou e o que estou fazendo, Tíquico, irmão amado e fiel ministro no Senhor, vos informará de tudo; 22 o qual vos envio para este mesmo fim, para que saibais do nosso estado, e ele vos conforte o coração. 23 Paz seja com os irmãos, e amor com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. 24 A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível.

Os versículos 21 e 22 contém "a mais extensa conexão verbal" (na expressão de Dibellius-Greeven) entre Efésios e Colossenses. Colossenses 4:7,8 deve ser comparado com esta passagem. Tíquico era o informante das circunstâncias imediatas, da vida de Paulo, para as igrejas asiáticas; e ele é calorosamente recomendado, com uma referência de caráter excelente, por parte do apóstolo. Levando notícias da situação de Paulo em Roma, ele renovaria o coração daqueles crentes. Este é o sentido claro dos versos 21 e 22. Mas não é tão simples assim, e a RSV como a nossa versão insere um espaço entre os versos 20 e 21, para marcar uma interrupção distintiva e uma mudança de assunto na carta. O texto grego acentua a mesma mudança. A expressão incomum, **vós também**, constitui uma dificuldade, pois parece que Paulo tem outro grupo em mente, com quem está ligando o seu mensageiro aos efésios. Podemos espe-

cular que Paulo escreveu duas conclusões (esta e Col. 4:7 e s.) ao mesmo tempo, daí a sua concordância literal, ou que este epílogo foi acrescentado posteriormente, quando a carta circular foi dirigida e despachada para a igreja em Éfeso, sendo derivada de Colossenses. Ou, talvez, ela seja uma adição posterior, emprestada de Colossenses pelo discípulo de Paulo, para ilustrar a espécie de cuidado que o apóstolo sentia pelas suas igrejas, na sua missão gentílica. O discípulo, em sã consciência, se acha autorizado para usar o vocabulário do seu mestre, visto que tem, diante de si, o precedente de Colossenses, enquanto compila este mosaico paulino.

O que estou fazendo não deve ser interpretado literalmente, como se Tíquico tivesse que exibir um filme cinematográfico verbal de Paulo em pessoa e de como ele preenchia os seus dias. A versão da IBB capta o significado da expressão idiomática grega com a tradução **como estou e o que estou fazendo.**

Tíquico é descrito como **fiel ministro.** Este termo pode ter sentido genérico, significando ajudante, ou específico, com a nuança sugerida por 3:7. Se o objetivo do apêndice (v. 21 e 22) é endossar os ministérios dos missionários pós-paulinos, esta última tradução pode ser preferida, mas isto é incerto.

O qual vos envio é uma versão literal demais. O tempo aoristo grego é "epistolar" (veja o comentário a 3:4). A versão NEB melhora a tradução, grafando "estou enviando". Esta forma torna claro que Tíquico devia ser o portador da carta até o seu destino, e ele seria capaz de apresentar um relatório pessoal a respeito da condição do apóstolo, e desta forma encorajar as igrejas.

A saudação final é um pouco mais longa do que a de outras cartas paulinas (v.g., Fil. 4:23) e concebida em termos mais genéricos, mediante o uso de uma palavra impessoal (**os irmãos**), em vez do costumeiro "vós". Mas a autêntica nota paulina é impressa com a oração para que a **graça** de Deus estivesse com a Igreja universal, descrita como **todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo com amor incorruptível.** A carta, que começara com uma saudação de graça e paz, agora se encerra com a mesma bênção, em ordem inversa, e com a adição de amor e fé. Todas estas são marcas registradas da teologia paulina, os recursos do seu vocabulário teológico.

Todavia, a única exceção se sobressai ineludivelmente. **Com amor incorruptível** representa o grego **en aphtharsis** (não há palavra que signifique amor no original). Esta frase significa literalmente "com imortalidade", e **aphtharsia** não é palavra comum, nas cartas de Paulo. A "imortalidade" pode ser, juntamente com **graça**, o tema da oração de Paulo por seus leitores. Assim interpreta a NEB, que traduz: "Graça e imortalidade", mas a ordem das palavras é contra esta construção. Dibelius-Greeven sugere uma interpretação diferente, considerando a preposição em sentido local: o Senhor Jesus Cristo que (vive) em imperecível (glória). Em apoio a este ponto de vista, Tiago 2:1, bem como I Timóteo 1:17 podem ser citados. E o caráter solene do epílogo dá sustento a esta noção. A epístola, que começa com as bênçãos da Igreja "em lugares celestes" (1:3), onde o Cristo entronizado reina (1:20), e à qual ele chama o seu povo (2:6), se encerra coerentemente com a mesma nota. A Igreja é concitada a amá-lo como o cabeça exaltado, sendo ela um povo já unido com ele em seu reino celestial.

Filipenses

FRANK STAGG

Introdução

Que Filipenses foi escrita por Paulo é virtualmente inquestionável. Tradicionalmente, esta carta tem sido colocada ao lado de Colossenses, Filemom e Efésios, como pertencente às "Epístolas da Prisão", escritas por Paulo, cartas que, se pensa, foram escritas em Roma durante os dois anos ou mais que ele passou nessa cidade, em "custódia livre" (**libera custodia**) ou prisão domiciliar (cf. At. 28:16,30 e s.). As questões mais debatidas, hoje em dia, são a sua unidade estrutural, o lugar de origem e a fonte e o significado do hino cristológico de 2: 5-11.

Muitos estudiosos acham que Filipenses é uma composição de duas ou mais cartas, enquanto outros, de igual competência, a consideram como uma unidade estrutural, sem nada mais do que digressões paulinas características. A antiga tradição de origem romana foi desafiada pela primeira vez em 1731, por Oeder, de Leipzig (Martin, p. 25), e continua a ser uma questão aberta até hoje, sendo sugeridas como alternativas Cesaréia, Éfeso, ou alguma cidade desconhecida. Teologicamente a maior parte da atenção se focaliza sobre a chamada passagem kenótica (2:5-11). Mesmo o tom dominante da carta é discutível, pois de forma alguma é certo que John A. Bengel lhe fez justiça com a sua declaração freqüentemente citada: "O resumo da epístola é: 'Eu me regozijo, regozijai-vos.'" Os eruditos, hoje em dia, estão preocupados com a unidade da carta em foco, mas ela mesma se preocupa, do começo ao fim, com a unidade da igreja em Filipos, nota tão forte quanto a nota de alegria.

I. Paulo e os Filipenses

De acordo com Atos 16:12-40, Paulo e seus companheiros missionários fundaram a igreja em Filipos durante a sua chamada segunda viagem missionária (c. 49 d.C.), tendo respondido, em Troas, a um chamado para entrar na Macedônia, para ajudar nessa região. A igreja filipense nasceu em uma situação de crise, conheceu dificuldades e perseguição desde o começo (cf. I Tess. 2:2), provou ser muito leal a Paulo (cf. Fil. 4:14-16), e possivelmente era a igreja que lhe era mais querida.

Filipos recebeu o seu nome de Filipe II da Macedônia, pai de Alexandre, o Grande. Ela ficava situada no local de um antigo aldeamento, conhecido como Krenides (Fontes). Tendo sido originalmente uma aldeia trácia, ela foi fortalecida em 360 d.C. pelo estabelecimento de um grupo de famílias gregas, vindas de Thasos. Em 357, Filipe fez estacionar, ali, uma guarnição macedônia, fazendo da aldeia uma fortaleza militar, para proteger as minas de ouro vizinhas. Mais tarde, essas minas se exauriram, mas a guarnição era necessária para guardar a importante Via Egnatia, que ligava o Leste e o Oeste. Em 146 a.C., Filipos tornou-se parte da província romana da Macedônia. A sua importância primordial data de 42 a.C., ano em que ela foi a cena da batalha em que Antônio e Otaviano (mais tarde conhecido como Augusto César) derrotaram Brutus e Cássio, prevalecendo, desta forma, sobre os generais republicanos, que se haviam oposto às ambições de Júlio César. Isto abriu o caminho para a fundação do Império Romano.

Antônio estacionou uma guarnição de veteranos em Filipos e deu à cidade a condição de colônia, isto é, de estabelecimento militar, com excepcionais privilégios cívicos.Em 30 a.C., Otaviano, tendo derrotado Antônio e Cleópatra em Actium, acrescentaram alguns colonos que falavam latim à população de Filipos. O novo imperador, então, deu à cidade o nome de Colonia Augusta Julia Philippensis (F. W. Beare, p. 6).

Filipos ainda era colônia romana quando Paulo lá chegou. O seu caráter militar e latino é refletido na atitude dos primeiros oponentes de Paulo, ali, homens que se julgavam romanos (At. 16: 21). A sua variedade de religiões e seitas caracterizava a sua natureza pagã. Deuses da Trácia, Grécia, Roma, Anatólia, Síria e Egito eram adorados na cidade. Juntamente com a ampla variedade de seitas religiosas, havia muitos clubes particulares, econômicos e sociais como também associações que se dedicavam ao sepultamento das pessoas. O judaísmo também era representado, mas parece que a sua força era mínima.

Não existe nenhuma evidência conclusiva de uma sinagoga judaica em Filipos. Paulo e seus companheiros parece terem estado na cidade durante alguns dias, antes de serem capazes de localizar um pequeno grupo de adoradores, que se reuniam para orar à margem do rio, fora das portas da cidade (At. 16:12, 13). Algumas pessoas consideram esse ajuntamento como uma "sinagoga de missão". Certa mulher de Tiatira, que fazia parte desse pequeno grupo, converteu-se, e parece ter-se tornado o principal apoio de Paulo e seus companheiros. Parece que Lídia não era nem judia por nascimento nem prosélita, porém uma gentia temente a Deus, atraída primeiramente para o judaísmo e depois para o cristianismo. Todavia, esse pequeno grupo de pessoas provou ser incomumente corajoso, leal e generoso, por viver e trabalhar sob as pressões de preconceito anti-semita (At. 16:20). O grupo permaneceu firme em dar a Paulo sustento financeiro e moral, desde os primeiros meses de sua existência como igreja, até a época da generosidade especial, que, em grande parte, motivou a carta que Paulo escreveu, e que está diante de nós (1:5; 4:15-18).

II. Atestação da Carta

Filipenses parece ter sido mencionada em I Clemente, escrita em Roma em 96 d.C. As palavras de Clemente, "no princípio do evangelho", parecem expressar Filipenses 4:15; "Se não andarmos de maneira digna dele" é flagrantemente semelhante a 1:27, especialmente no grego; e também parece haver reflexões de 1:10, 2:15 e 2:5 e ss. A força çumulativa destas citações aparentes parece sugerir que Clemente conhecia esta epístola (Lightfoot, p. 74). Inácio, em sua carta aos romanos (ii), reflete 2:17 em sua frase "derramado como libação para Deus". Em sua epístola aos filadelfianos (viii), a sua admoestação para "nada fazer com espírito faccioso" parece vir de 2:3, da mesma forma como "nem por vanglória", mencionado anteriormente em sua epístola (i). Em sua epístola a Esmirna, Inácio faz derivar "sendo perfeitos, sede também perfeitamente dispostos" de 3:15. Policarpo é o primeiro a referir-se explicitamente ao fato de haver Paulo escrito Filipenses, como se vê na carta que escreveu aos Filipenses (iii,xi). Na verdade, ele disse que Paulo "escreveu cartas" aos filipenses, aparentemente mais que uma. Parece que ele parafraseia o texto da Epístola de Paulo aos Filipenses 2:2-5, 10, 16; 3:18; 4:10; e possivelmente 1:27. A obra judaico-cristã do segundo século, intitulada **Os Testamentos dos Doze Patriarcas**, parece tomar emprestado de Filipenses 1:8; 2:6-8,15; 3:21. A carta em foco foi incluída no primeiro cânon cristão conhecido, o de Marcião (c. 150 d.C.) e no Fragmento Muratoriano, que preserva o cânon reconhecido em Roma, em

cerca de 200 d.C. Esta carta é mencionada por Irineu, Tertuliano e Clemente de Alexandria, como sendo de Paulo.

III. A Questão da Unidade Literária

A mais difícil questão crítica é a da estrutura literária de Filipenses, isto é, se ela é uma unidade ou uma composição. Exceto pela referência de Policarpo ao fato de Paulo ter escrito "cartas" aos filipenses, as evidências são internas. Os eruditos estão divididos em grupos quase iguais a respeito desta questão, e o caso não tem solução. Só em termos dogmáticos pode alguém resolver o debate em favor da unidade da carta ou de sua natureza composta. Este escritor acha que o parecer considerando-a composição de duas ou mais cartas é forte, mas não conclusiva. A responsabilidade de provar precisa ser dos que contestam a sua unidade, mas as provas não são decisivas. Mesmo aqueles que consideram Filipenses como composta de dois ou mais fragmentos afirmam que os componentes foram escritos por Paulo com a possível exceção de 2:5-11. Este texto é considerado, por muitos, como "hino" pré-paulino, mas poucos o considerariam uma interpolação (veja o comentário sobre 2:5-11).

O parecer mais forte, em favor da interpolação de um fragmento de outra carta, pode ser observado seguindo-se 3:1. Para muitos estudiosos, a discrepância entre o tom sereno de 3:1a, "Regozijai-vos no Senhor", e as palavras mordazes de 3:2, "Acautelai-vos dos cães; acautelai-vos dos maus obreiros; acautelai-vos da falta circuncisão", é grande demais para ser emendada. A ocorrência de "Quanto ao mais" (**to loipon**), em 3:1 e 4:8, pode indicar o epílogo de duas cartas.

Stephan Le Moyne (**Varia Sacra**, II.332, 343) sugeriu que duas cartas foram combinadas em nossa Filipenses, observando o fato de que Policarpo, na sua carta aos filipenses (iii), disse que Paulo lhes havia escrito "cartas". Heinrichs (Novo Testamento de Koppe, 1803) propôs que 1:1-3:1 fora escrito à igreja em geral e que 3:2-4:20 aos dirigentes da igreja, sendo 4:21-23 a conclusão da primeira carta (cf. Lightfoot, p. 68). Esta hipótese tem sido explorada de várias formas por quase dois séculos. Um exemplo moderno é Edgar J. Goodspeed, que propõe que 3:2-4:2 fosse a mais antiga de duas cartas, escrita logo depois que Epafrodito chegou de Filipos com dádivas, e 1:1-3:1 foi a posterior, escrita quando Epafrodito estava a ponto de voltar, depois de uma doença prolongada e quase fatal. [1]

Embora os argumentos para a interpolação sejam ponderáveis, eles não são decisivos. A referência de Policarpo a "cartas" pode ser errônea ou uma redação distorcida de 3:1. [2] A repetição de **to loipon** não é decisiva, pois pode significar "quanto ao resto" ou "quanto ao mais", bem como "finalmente" (cf. I Tess. 4:1; II Tess. 3:1). Esta expressão pode marcar nada mais do que uma transição, e não, necessariamente, a conclusão de uma obra.

Mais substantiva é a abrupta mudança de tom e de assunto depois de 3:1a. Isto pode indicar uma interpolação. Embora nenhum manuscrito existente apresente variantes ao texto familiar, há literalmente, milhares de variantes textuais em obras bíblicas, e algumas delas são extensas (v.g.) Mar. 16:9-20). Visto que há muitas perturbações textuais conhecidas, não se pode, **a priori**, excluir essa possibilidade, mesmo que manuscritos existentes não apresentem tal evidência. Porém a causa da interpolação é enfraquecida pelo fato de os eruditos, depois de quase duzentos anos de estudo, não

1 **Introduction to the New Testament** (Chicago: University of Chicago Press, 1937), p. 90-96.

2 W. G. Kümmel, **Introduction to the New Testament**, 14ª ed. revis., de **Einleitung**, de Paul Feine-Johannes Behm, trad. para o inglês por A. J. Matill, Jr. (Nashville: Abingdon, 1966), p. 236.

terem conseguido chegar a um acordo com respeito ao número de interpolações ou mesmo quanto à extensão da interpolação suspeitada, que começa no capítulo três. [3] Estes exemplos não exaurem a teoria de divisões na carta. Será que as "suturas" entre as cartas não deviam ser mais aparentes? Entre os eruditos modernos que têm considerado Filipenses como uma só carta, sem interpolações, estão M. Dibellius, C. H. Dodd, G. S. Duncan, E. Haupt, W. G. Kümmel, E. Lohmeyer e E. F. Scott.

Um colega, Professor Harold S. Songer, sugere que, mais plausível do que interpolação, é a possibilidade de uma excisão ou perda de alguma parte da carta seguindo-se a 3:1 (cf. Lightfoot, p. 136-140). Isto explicaria a rude sutura no começo da omissão sem nenhuma sutura igualmente aparente no fim da seção perdida. Uma inserção no meio de um parágrafo causaria duas suturas, mas a perda do fim de um parágrafo causaria apenas uma.

Poucas das cartas de Paulo têm escapado às teorias de extensas interpolações e/ou abreviações (cf. II Cor., especialmente). Pode ser que os editores modernos estejam tentando impor a Paulo padrões literários a que ele nunca se submeteu. Paulo reconhecia que apresentava rudeza no falar (II Cor. 11:6), e grande parte dos seus escritos também pode ter sido caracterizada por rudeza. Ele era capaz de um estilo elegante, mas parece ter-se preocupado muito pouco com isso. Os seus envolvimentos emocionais eram fortes, e o seu estilo muitas vezes refletia a sua disposição mutável e intensas emoções. Mais do que tudo, 3:7-14 parece referir-se a 2:5-11, ligando as duas massagens mais freqüentemente disputadas. [4] Em vista destes fatos e da indecisão das teorias de repartição, pensa-se que aqui é melhor tentar entender a carta como ela nos veio, e não em termos de reconstruções grandemente questionáveis.

IV. Lugar e Data em Que a Carta Foi Escrita

A tradição de que esta carta foi escrita em Roma remonta aos prólogos marcionitas do segundo século, em que se diz que o apóstolo escreveu aos filipenses "de Roma, da prisão, através de Epafrodito". No quarto século, Crisóstomo ligou Filipenses, Efésios, Colossenses e Filemom, mediante a característica de cartas de Paulo da prisão, todas escritas em Roma. Esta posição permaneceu indisputada até o século XVIII e continua a ser mantida por eruditos como Beare, Dodd, Guthrie, Heard, Jülicher, Rahtjen e J. Schmid. Em 1731, Oeder, de Leipzig, e depois, em 1799, H. E. G. Paulus propuseram Cesaréia como o lugar de origem; e, em 1897 (e em 1923), Adolf Deissmann sugeriu Éfeso, seguido por H. Lisco, em 1900. Nenhum erudito contesta o fato de que esta carta proveio de uma prisão. Conferindo-se Atos 23:23-26:32 e 28:14-31, sabemos que Paulo foi preso em Cesaréia e Roma. Um período de prisão em Éfeso é possível, mas não pode ser provado.

As expressões "guarda pretoriana" (1:13) e "casa de César" (4:22) parecem indicar Roma. Em Roma, Paulo esteve em prisão domiciliar, mas era guardado por soldados, aparentemente da guarda pretoriana. Todavia, pretório pode referir-se a situações fora de Roma. Este termo foi usado, a princípio, para designar a tenda em que o pretor e seu pes-

3 Alguns críticos vêem uma interpolação, consistindo de 3:2-4:3; alguns de 3:2-4:1 (McNeile-Williams, J. Weiss), alguns de 3:2-4:20 (Goodspeed), alguns de 3:1b-4:9 (Friedrich). Alguns consideram Filipenses como composta de três cartas paulinas: 4:10-20/ 1:1-3:1; 4:2-9, 21-23/ 3:2-4:1 (Beare); 4:10-23/ 1:1-3:1; 4:4-7/ 3:2-4, 8 e s. (Schmithals); 1:1-3:1; 4:4-7, 21-23/3:2-4:3/ 4:10-20 (Bornkamm); 4:10-20/ 1:1-2:30; 4:21-23/ 3:1-4:9 (Rahtjen). Willi Marxsen vê três cartas: A: 4:10-20; B 1:1-3:1; 4:4-7,21-23; C: 3:2-4,8,9 (**Introduction to the New Testament**, trad. para o inglês por G. Buswell (Philadelphia: Fortress, 1968), p. 62. Veja também W. G. Kümmel. **Ibid.**, p. 235 e s.

4 G. S. Duncan, "Letter to the Philippians", IBD (Nashville: Abingdon, 1962), III, 791.

soal viviam, quando acampados, e, mais tarde, passou a designar a residência oficial do governador (cf. Mat. 27:27; At. 23:35). Este termo pode referir-se a acampamentos pretorianos, mas, visto que os soldados imperiais se encontravam por todas as províncias imperiais, não se pode chegar a nenhuma conclusão quanto a esta referência em Filipenses. A mesma ausência de conclusão pode-se encontrar com respeito à casa de César, que pode referir-se a escravos imperiais emancipados, em Roma ou em qualquer outro lugar. [5]

A distância entre Filipos e o lugar de origem é um fator a ser considerado. É possível que se subentendessem quatro viagens entre os filipenses e o lugar em que Paulo estava preso: (1) notícias da prisão de Paulo chegam a Filipos; (2) a vinda de Epafrodito, com ofertas, de Filipos; (3) o relatório dado, em Filipos, a respeito da enfermidade de Epafrodito; e (4) Epafrodito fica sabendo que os filipenses estavam preocupados com a sua saúde. As viagens entre Filipos e Éfeso eram muito mais fáceis e rápidas do que para Roma ou Cesaréia. Por outro lado, os períodos de prisão de Paulo em Roma e Cesaréia foram suficientemente longos para permitir quatro viagens, se tal fato é, na verdade, subentendido.

Discute-se que, quando Paulo escreveu a Epístola aos Romanos, planejava visitá-los a caminho da Espanha (15:28), mas que Filipenses não expressa esse plano. Este argumento tem pouca força, pois, se Filipenses foi escrita em Roma, vários anos de prisão em Cesaréia e Roma, juntamente com outras mudanças, poderiam facilmente ter alterado os seus planos. O anseio por ver velhos amigos novamente poderia ter mudado facilmente a sua atenção para Filipos, fosse de que prisão ele estivesse escrevendo.

As condições de encarceramento de Paulo, refletidas em Filipenses, são consentâneas com o que se conhece a respeito da prisão domiciliar entre os romanos. Paulo estava esperando um julgamento que poderia determinar a sua execução ou a sua libertação. Não há evidência de que ele enfrentava o perigo de execução em Cesaréia, e nada se sabe a respeito de um período de aprisionamento em Éfeso. A liberdade de Paulo para escrever uma carta como Filipenses, possivelmente com a ajuda de um amanuense, expressa a liberdade que ele gozava em sua prisão domiciliar em Roma. A necessidade de ajuda como a que lhe foi propiciada pelos filipenses é mais compreensível em Roma do que em Éfeso, que fora sua base de operações por quase três anos. Em Cesaréia, parece que tal ajuda lhe estaria mais à mão do que em Filipos. Que o seu encarceramento "contribuiu para o progresso do evangelho" (1:12) de maneira tão significativa fala mais a favor de Roma do que de Cesaréia ou Éfeso.

Um argumento ponderável, ao se datar e localizar Filipenses, é a sua comparação com Efésios, Colossenses e Filemom, por um lado, e com as cartas aos Tessalonicenses, Gálatas, Coríntios e Romanos, por outro lado. Alguns comentaristas dizem que as afinidades são maiores com este último grupo, sugerindo, assim, uma data anterior para Filipenses. Por qualquer sistema de datação, Filipenses se coloca ligada frouxamente ao lado das chamadas epístolas da prisão. Ela pode ter sido escrita na mesma prisão, mas em época diferente, antes ou depois das outras três. Embora se presuma freqüentemente que os oponentes do capítulo 3 sejam judaizantes, este fato não é claro. Eles podiam ser cristãos judeus ou judeus não-cristãos. Há também algumas evidências de um grupo "perfeccionista", de pseudo-espiritualistas, entre os oponentes de Paulo. Não há evidências de que problemas com judaizantes ou super-espiritualistas, expressos

5 Marxsen, **op. cit.**, p. 65.

especialmente nas Epístolas aos Coríntios, tenham-se desvanecido antes da prisão de Paulo.

Se Filipenses foi escrita de Éfeso, a data foi cerca de 54-55 d.C. Se de Cesaréia, a data foi cerca de 56-57, embora a cronologia paulina exata se nos escape. Se de Roma, a data poderia ser o fim da década de 50 ou começo da de 60 d.C., dependendo da data dada para a sucessão de Félix, por Festo. Considerando-se todos os dados, a prisão em Roma permanece a melhor possibilidade, mas a questão precisa permanecer aberta, enquanto esperamos mais luz.

V. Ocasião e Objetivo

Desde a época de John A. Bengel (d. 1752), Filipenses tem sido conhecida como a carta da alegria: **summa epistolae; gaudeo, gaudete** ("O resumo da epístola é: eu me regozijo, regozijai-vos."). Mas esta declaração exagera o caso. A nota de alegria é enfática (16 vezes), e é muito significativo o fato de que ela soava de uma prisão e da perspectiva de uma possível morte, e é proclamada para uma igreja que conhecera perseguição e dificuldades todos os seus dias. A nota de alegria se encontra nela, mas há uma nota, igualmente forte, de preocupação acerca de "murmuração" e "contendas" (2:14) e ruptura real de comunhão na igreja (4:2 e s.). Paulo conhecera a agonia das divisões, ocorridas anteriormente entre os coríntios, e a sua missão a Jerusalém com a oferta provinda principalmente de igrejas gentílicas tinha o desígnio de levar as igrejas e os cristãos judeus e gentios a uma comunhão mais íntima. Não há evidências de que a igreja em Filipos tenha chegado a um estágio crítico, de desunião, mas certamente Paulo via uma ameaça no horizonte, e procurou dissuadi-la (cf. 1:27; 2:1-4).

Pode presumir-se que, juntamente com a sua gratidão aos filipenses e sua alegria por suas virtudes, havia também grave apreensão a respeito de sinais de crescente conflito e desunião no seio da igreja, várias passagens de Filipenses têm um novo significado e também uma continuidade maior dentro da carta se torna aparente. Paulo já vira que, por debaixo de todos os problemas superficiais existentes em Corinto, estava o problema-raiz de egocentrismo, falsa sabedoria mundana ou autoconfiança, amor-próprio e auto-afirmação. Contra esses problemas ele proclamara a sabedoria de Deus, o amor que alcançava a sua mais excelsa manifestação de autonegação e auto-sacrifício na cruz. Não refulgem esses mesmos pressupostos por toda a carta? Por detrás da dissensão entre Evódia e Síntique (4:2) estava o egoísmo. Por detrás da murmuração e das ambições dos que utilizavam a "falsa circuncisão" (3:2) e por detrás da pregação contra a "inveja e contenda" (1:15,17) estava o mesmo egocentrismo (2:1-4).

Contra essa pregação, pobremente motivada, quer em Roma ou em outro lugar, e contra o egoísmo que se auto-afirmava em Filipos, Paulo oferece o exemplo de Cristo (2:5-11), o exemplo de Timóteo (2:19-24) e o exemplo de Epafrodito (2:25-30). A esses, ele também acrescenta o seu próprio exemplo, ao se voltar dos alvos egoísticos para as reivindicações de Cristo (3:4-21).

O principal apelo de Paulo em favor da renúncia do egocentrismo, que estava por detrás da murmuração, das contendas e da divisão, tinha em vista que se adquira a mente de Cristo Jesus (2:5-11). Aqueles que rejeitam a "teoria do exemplo" interpretam erradamente, esta passagem, como sendo dirigida especialmente ao tema da humildade. Se este fosse o tema desta passagem, seguir-se-ia que tentar ser humilde é ser derrotista. Porém a preocupação desta passagem é, no máximo, incidentalmente, com humildade. O que é apresentado como exemplo é a disposição de Cristo de abrir mão dos seus direitos privilegiados, no seu afã de servir a Deus e aos homens.

É deste exemplo de total abnegação e sacrifício que os filipenses precisavam. Como poderiam Evódia e Síntique continuar a sua contenda na presença daquele que abrira mão dos seus direitos e privilégios por amor aos outros? Este "hino" não é uma interpolação; ele está umbelicalmente ligado à preocupação básica da carta. A sua natureza e significado precisos serão analisados no comentário.

Contra este pano de fundo, os exemplos de Timóteo e Epafrodito tornam-se mais claros, quanto ao seu significado. A única coisa que Paulo recomenda, em Timóteo, é o fato de ele "sinceramente cuidar" dos outros e a sua recusa em cuidar ou "buscar o que é seu" (2:20 e s.). O que é enfatizado a respeito de Epafrodito é ele ter arriscado a sua vida para completar o serviço dos filipenses em favor de Paulo (2:30).

O motivo imediato da carta foi dar contas do generoso ministério dos filipenses em favor de Paulo, tratar dos incipientes problemas de divisão e advertir contra a séria ameaça de alguns "maus obreiros" (3:2), cuja precisa natureza do seu caráter e mensagem não está clara. É uma carta de alegria e gratidão. É também uma epístola de angústia, preocupação e apreensão.

Esboço da Epístola

I. Introdução (1:1-11)
   1. Saudações (1:1,2)
   2. Ação de Graças e Oração em Favor dos Filipenses (1:3-11)

II. Vitória em Meio ao Sofrimento (1:12-30)
   1. O Evangelho Pregado na Prisão (1:12-14)
   2. Amigos e Inimigos Incitados a um Novo Esforço (1:15-18)
   3. Disposição Para Viver ou Morrer por Cristo (1:19-26)

III. Rogos em Favor da Unidade Alicerçados na Mente de Cristo (1:27-2:30)
   1. Primeira Exortação: Viver de Maneira Digna do Evangelho Através da Unidade e Coragem, em Face da Hostilidade (1:27-30)
   2. Segunda Exortação: Unidade e Abnegação com Exemplo Supremo: A Mente de Cristo (2:1-11)
   3. Terceira Exortação: Elaborar a Sua Salvação (2:12,13)
   4. O Exemplo de Paulo: Derramado Como Libação (2:14-18)
   5. O Exemplo de Timóteo: Preocupação com os Outros (2:19-24)
   6. O Exemplo de Epafrodito: Risco de Vida em Favor de Outros (2:19-24)

IV. Advertências Contra uma Religião Distorcida (3:1-21)
   1. Confiança na Carne Contra o Conhecimento de Cristo (3:1-11)
   2. A Ameaça do Falso Perfeccionismo (3:12-16)
   3. A Ameaça do Libertinismo (3:7-4:1)

V. Apelo à Unidade e à Paz (4:2-20)
   1. Evódia e Síntique (4:2,3)
   2. A Paz de Deus (4:4-7)
   3. O Que Levar em Conta (4:8,9)
   4. A Reação de Paulo aos Presentes dos Filipenses (4:10-20)

VI. Saudações e Bênçãos Finais (4:21-23)

Bibliografia Selecionada

BARTH, KARL. **The Epistle to the Philippians**. Trad. para o inglês por J. W. Leitch. 6ª ed. Richmond: John Knox Press, 1962.

BEARE, F. W. **The Epistle to the Philippians** ("Harper's New Testament Commentaries.") New York: Harper & Brothers, 1959.

BEASLEY-MURRAY, G. R. "Philippians." **Peake's Commentary on the Bible**. New York: Thomas Nelson & Sons, 1962.

DIBELIUS, M. **An die Thessalonicher**, i, ii; **an die Philipper.** ("Handbuch

zum Neuen Testament.") 3ª ed. rev.; Tübingen: Mohr, 1937.
DUNCAN, GEORGE S. **St. Paul's Ephesian Ministry**. New York; Charles Scribner's Sons, 1930.
KENNEDY, H. A. A. "The Epistle to the Philippians." **The Expositor Greek Testament**, London: 1903.
LIGHTFOOT, J. B. **St. Paul's Epistle to the Philippians**. 4ª ed., London: Macmillan and Co., 1896.
LOHMEYER, E. **Der Brief an die Philipper**. ("Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament"). 9ª ed. rev. por W. Schmauch. Göttingen, 1953.
MARTIN, R. P. **The Epistle of Paul to the Philippians**. "Tyndale Bible Commentaries." Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1959.
_____, **Carmen Christi: Philippians 2:5-11 in Recent Interpretation and in the Setting of the Early Christian Worship**. ("Society for New Testament Studies.") Cambridge: University Press, 1967.
MICHAEL, J. H. **The Epistle of Paul to the Philippians**. ("The Moffatt New Testament Commentary.") New York: Harper and Bros., 1928.
SCOTT, E. F. "The Epistle to the Philippians." **The Interpreter's Bible**. Nashville: Abingdon Press, 1955.
SYNGE, F. C. **Philippians and Colossians**. ("Torch Bible Commentaries.") London: SCM Press, 1951.
VINCENT, M. R. **The Epistle to the Philippians and to Philemon**. ("The International Critical Commentary.") Edinburgh: T. & T. Clark, 1897.

COMENTÁRIO SOBRE O TEXTO

I. Introdução (1:1-11)

1. Saudações (1:1,2)

1 Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos: 2 Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

A primeira palavra de treze livros do Novo Testamento é **Paulo**. Em uma de suas primeiras cartas (II Tess. 3:17), Paulo indicou que as suas cartas podiam ser reconhecidas pelo seu autógrafo, dando a entender, provavelmente, que, onde fosse usado um amanuense (cf. Rom. 16:22), ele, em algum ponto da carta, tomaria da pena e, desta forma, autenticaria a epístola como sendo sua (cf. Gál. 6:11; Filem. 19). Não se segue, daí, que Paulo empunhasse a pena no início de cada carta, mas ele dava início a cada carta com o seu próprio nome. O seu nome não aparece de novo, nesta carta, e não há nenhuma autenticação especial (como em II Tess. 3:17, Gál. 6:11 e Filem. 19), mas não se questiona seriamente a autoria paulina da carta, embora muitos estudiosos sustentem que ela seja uma composição de duas ou mais cartas de Paulo (veja a Introdução). Os versículos 1 e 2 estão na forma epistolar do primeiro século.

Timóteo é associado com Paulo, mas daí não se depreende que ele fosse coautor da carta. Em 1:3, Paulo diz "eu", e, em 2:19-23, refere-se a Timóteo na terceira pessoa. Paulo se encontrara pela primeira vez com Timóteo em Listra ou Derbe (At. 16:1, 20:4), e ali o alistara como cooperador. Timóteo tornou-se um dos companheiros mais íntimos e mais confiáveis de Paulo (2:19-22). Lendo Atos, ficamos sabendo do seu trabalho conjunto na Macedônia (18:5; 19:22), Corinto (18:5) e Éfeso (19:22). Timóteo estava com Paulo em Corinto quando este escreveu ambas as Epístolas aos

Tessalonicenses. Ele estava com Paulo em Éfeso antes de este escrever I Coríntios (4:17; 16:10) e quando escreveu II Coríntios (1:1) e Filemom (1). Se Filipenses e estas outras cartas da prisão foram remetidas de Roma, não há nenhuma evidência de que Timóteo tivesse estado ali com Paulo. Se foram escritas de Éfeso, há evidências tanto de eles terem estado juntos ali quanto de Timóteo ter sido enviado à Macedônia (At. 19:22), de Éfeso (com Erasto, e não com Epafrodito, como em Fil. 2:19,25).

Servos é tradução de **douloi**; literalmente, "escravos". Por detrás do uso que Paulo faz desta palavra, ela pode ser o quadro veterotestamentário dos servos escolhidos de Deus como seus mensageiros acreditados (cf. Êx. 14:31; Núm. 12:7; Sal. 105:26; Am. 3:7; Jer. 25:4; Dan. 9:6,10). A Septuaginta traduz a palavra hebraica **'ebed** por **doulos**, e este último termo, desta forma, pode abandonar a sua acepção de escravidão, pela de dignidade. Este termo era óbvio para os gregos, mas raramente usado pelos judeus em sentido religioso, exceto como termo honorífico. O significado que Paulo lhe dá é verificado mais exatamente em seus escritos. Ele considerava os cristãos como pertencentes a Cristo em virtude de sua redenção (I Cor. 6:20; 7:23). O correspondente que ele apresenta para os crentes como escravos é Cristo Jesus como **Senhor**, reconhecendo, desta forma, que uma submissão total à vontade de Cristo é apropriada ao crente (**Beare**, p. 50 e ss.). Paulo freqüentemente se apresentava como apóstolo de Cristo Jesus, mas, aparentemente, não reconhecia Timóteo como apóstolo (cf. Col. 1:1). **Santos** é a designação costumeira de Paulo para os crentes. Esta palavra indica o fato de sermos separados por Deus e para ele, como um povo de Deus ligado a ele mediante uma aliança. Esta palavra se aplica a todos os crentes, e não a uns poucos escolhidos de espiritualidade especial ou de excelência moral. Os santos o são por vocação divina, e são pessoas que também, por seu turno, vocacionaram ou chamaram o Senhor Jesus Cristo (I Cor. 1:2 e s.). A iniciativa divina em chamar ou vocacionar e a reação humana em fé fazem parte da composição de um santo. Os santos, em o Novo Testamento, são o povo escatológico ou "os santos do Altíssimo" de Daniel 7:18,27.

Em Cristo Jesus é um conceito paulino básico, encontrado repetidamente nesta carta. Esta expressão, mais do que qualquer outra, reflete o ponto central da compreensão de Paulo a respeito da existência cristã. Estar "em Cristo" não é apenas estar ligado a ele, individualmente, pela fé, confiança e dedicação, mas é estar ligado ao seu povo. Estar "em Cristo" é o oposto de estar "no pecado" ou "em Adão" (cf. I Cor. 15:22). Os destinatários residiam **em Filipos**, cidade da Macedônia (veja a Introdução), mas a sua existência característica estava **em Cristo Jesus**.

Bispos e diáconos é expressão que se refere não tanto aos ofícios, quanto às funções ou responsabilidades na Igreja. **Bispos** é tradução da palavra grega **episkopois**, literalmente "supervisores". O plural indica que à época ainda não havia um "bispo monárquico" em Filipos. E, também, "bispos" e "anciãos" eram, provavelmente, termos usados indiferentemente, como parece indicar Atos 20:17,28 ("guardiães" ou "tutores" é a tradução de **episkoptous**) e em Tito 1:5-7. Mais de meio século depois, Policarpo, de Esmirna, escreveu a respeito de "presbíteros" (anciãos) e diáconos na igreja em Filipos, sem mencionar bispos, mas, em Clemente de Roma (c. 96), os termos bispos e presbíteros ainda são usados indiferentemente. Havia homens mais idosos, na igreja, que, como nas sinagogas judaicas, recebiam, da congregação, atribuições especiais de supervisão. Os diáconos compunham outro grupo de homens, que podem ter tido atribuições especiais, em conexão com as necessidades e responsabilidades materiais da igreja. O seu trabalho pode ter

sido moldado à feição dos sete de Atos 6:1-6, mas estes não haviam sido chamados de diáconos.

Graça... e paz são saudações cristãs primitivas, possivelmente combinando a forma grega de saudação (**chairein**) com a hebraica **shalom** (paz). Se assim é, o grego pagão **cheirein** (salve!) foi mudado para a sua cognata **charis** (graça). Toda a existência cristã é tornada possível somente pela graça de Deus. **Paz da parte de Deus** não é a escapatória mundana da guerra, mas a reconciliação com Deus e consigo mesmo e com os outros ocasionada para aqueles que se confiam aos cuidados de Deus. Jesus conhecia Deus como **Pai** e veio para que assim o conhecêssemos. **Senhor Jesus Cristo** reúne três entendimentos básicos. **Jesus** significa "Yahweh salva". Paulo usa este termo para designar o Cristo terreno e ressuscitado. **Cristo** significa "ungido" e designa a função de Jesus como aquele em quem o reino de Deus veio. **Senhor** dá renovada ênfase ao que está implícito em **Cristo**. É a sua autoridade para governar. O Novo Testamento não se interessa pelo fato de ele ser Salvador (Jesus) sem antes se tornar Senhor. O monoteísmo do Velho Testamento é conservado, e em Jesus Cristo se vê não apenas a autoridade de Deus, mas também a sua presença.

2. Ação de Graças e Oração em Favor dos Filipenses (1:3-11)

3 Dou graças ao meu Deus todas as vezes
que me lembro de vós, 4 fazendo sempre,
em todas as minhas orações, súplicas por
todos vós com alegria 5 pela vossa coopera-
ção a favor do evangelho desde o primeiro
dia até agora; 6 tendo por certo isto mes-
mo, que aquele que em vós começou a boa
obra a aperfeiçoará até o dia de Cristo Je-
sus, 7 como tenho por justo sentir isto a
respeito de vós todos, porque vos retenho em
meu coração, pois todos vós sois participan-
tes comigo da graça, tanto nas minhas pri-
sões como na defesa e confirmação do evan-
gelho. 8 Pois Deus me é testemunha de que
tenho saudades de todos vós, na terna mise-
ricórdia de Cristo Jesus. 9 E isto peço em
oração: que o vosso amor aumente mais e
mais no pleno conhecimento e em todo o dis-
cernimento, 10 para que aproveis as coisas
excelentes, a fim de que sejais sinceros, e
sem ofensa até o dia de Cristo; 11 cheios do
fruto de justiça, que vem por meio de Jesus
Cristo, para glória e louvor de Deus.

Ação de graças (v. 3-8) — Paulo inicia com uma forte nota de agradecimento e alegria, desencadeada por todas as vezes que se **lembra** dos filipenses. Esta nota soa tão fortemente, através de toda a carta, que, desde Bengel (d. 1752), esta tem sido conhecida como a "carta da alegria". Porém uma nota paralela, igualmente forte e significativa, pode ser encontrada, embora Paulo pareça introduzi-la com o máximo tato (veja a Introdução). Esta é a nota de profunda preocupação pela unidade de uma igreja que já estava seriamente ameaçada, mas ainda não desfeita irremediavelmente. A estudada repetição de **vós** ou **todos vós** (cf. 1:1,7,8,25; 2:17; 4:21) desvenda a principal preocupação da carta: assegurar a unidade da igreja (cf. 1:27; 2:1-4; 4:2,3,5,7,9) à medida que Paulo parece insinuar que não faz diferença entre pessoas ou partidos na igreja (Lightfoot, p. 81). Alegria não é o resumo da carta. Alegria e preocupação pela unidade, ou alegria e preocupação pela vitória sobre o egocentrismo, que estava por detrás da desunião, chegam quase a ser o resumo desta carta.

Paulo dá graças em particular pela **cooperação a favor do evangelho. Cooperação** é tradução de **koinōnia**, palavra de riquíssimo significado em o Novo Testamento, traduzida de várias maneiras: "cooperação", "comunhão" ou "comunicação". A idéia básica é de se ter algo em comum ou em conjunto. Paulo considerava que a vida que compartilhamos em Cristo é a **koinónia** do Filho de Deus, a que somos divinamente chamados (I Cor. 1:9). Esta comunhão é também conhecida como a **koinónia** do Espírito Santo (II Cor. 13:13). Paulo também usa este termo para designar uma tarefa ou trabalho comum, como a coleta para os pobres dentre os santos de Jerusalém

(II Cor. 8:4; 9:13). Em Filipenses, algumas formas cognatas de **koinōnia** aparecem em 1:5; 2:1; 3:10; 4:15 (traduzidas, respectivamente, como cooperação, comunhão, participação e comunicação).

Desde esses primeiros dias até a época quando esta carta foi escrita, os filipenses haviam participado do evangelho. Eles haviam enviado ajuda material mais de uma vez, enquanto Paulo trabalhava em Tessalônica (4:16), época em que a igreja em Filipos podia não ter mais do que alguns meses de idade. A mais recente expressão da sua participação no evangelho fora a ajuda enviada através de um deles, Epafrodito (2:25; 4:18).

O versículo 6 expressa a convicção de Paulo de que Deus, isto é, **aquele que em vós começou**, completaria o que começou, mas isso também reflete a compreensão de Paulo que os filipenses não eram perfeitos e que precisavam ser recordados disso. Os próprios filipenses, ou alguém tentando influenciá-los, podiam ser exageradamente confiantes a respeito de sua necessidade de se tornarem melhores. Em 3:12-16, Paulo nega enfaticamente que ele mesmo havia chegado à perfeição, provavelmente tendo em vista perturbar a complacência deles a respeito de sua pretensa perfeição. Juntamente com a preocupação de Paulo a respeito de sua desunião, está a sua insatisfação acerca da satisfação deles em relação ao seu estado espiritual.

A **boa obra** que Deus começara neles e completaria pode ter sido a sua espiritualidade interior ou a sua cooperação exterior com Paulo no incremento do evangelho. Visto que Paulo exalça tanto o seu louvor da "performance" deles em questão de missões, é provável que a **boa obra** que precisava ser completada tenha sido a sua espiritualidade interior. Que Deus **a aperfeiçoará** dá a entender que ele estava trabalhando com esse objetivo agora, mas que a obra não será terminada até o **dia de Cristo Jesus**. Esse **dia** é escatológico, está no fim da história. No Velho Testamento, esse dia foi descrito pelos profetas (cf. Am. 5:20; Zac. 1:15) cada vez mais em termos de julgamento. Em o Novo Testamento, a ênfase no julgamento não é atenuada, porém atenção maior é dada a esse dia como de salvação. Tanto juízo como redenção são vistos começando na vida, mas consumados apenas no **dia de Cristo Jesus**. Ambos têm começo, continuação e consumação (cf. Michael, p. 13).

Paulo pode ter esperado que a **Parousia** acontecesse durante a vida dos filipenses. Anteriormente, ele parece claramente ter esperado "a vinda do Senhor" durante a sua própria vida (I Tess. 4:15; I Cor. 15:51). Em Filipenses, ele considera o fato de que podia falecer antes dessa vinda, mas não se segue, necessariamente, que ele desistiu de sua expectativa anterior, de que o Senhor viria para a sua geração.

O que Paulo achava que era **justo sentir** a respeito dos filipenses não está claro. Ele podia estar se referindo à sua afeição por eles ou ao progresso deles em direção à perfeição. Possivelmente, ele tinha em mente algo ainda mais inclusivo: a sua ação de graças, alegria, intercessão e confiança (Barth, p. 18). Ele considera que isto era justo, porque ele os **tem** em seu **coração**. A cláusula **porque vos retenho em meu coração** poderia ser lida assim: "porque vocês me retém em seu coração." A construção é peculiar ao grego, sem paralelo em inglês e português: um infinitivo seguido por dois acusativos (caso objetivo em português e inglês). Literalmente, em grego, se lê o seguinte: "por causa do ter-me no coração vós." Provavelmente, a RSV como a versão da IBB são corretas. **Vós todos** é, provavelmente, uma reminiscência deliberada de que ele não excluía ninguém do seu coração, dando a entender que eles não deviam excluir ninguém (cf. II Cor. 6:11-13; 7:2).

A razão ulterior de Paulo, para achar justo ter confiança em que eles chegariam à perfeição final, no dia de Jesus

Cristo, era o fato de que todos eles se haviam tornado **participantes** da graça com ele. Eles tinham **koinónia** com ele na graça de Deus, e isso tivera expressão especial em conexão com o aprisionamento de Paulo (veja a Introdução quanto ao lugar dessa prisão). Visto que Paulo estava sendo julgado e corria o risco de ser executado, qualquer pessoa que se identificasse com ele corria o risco de sofrer o mesmo destino. Arriscar a vida, como acontecera com Epafrodito, era uma manifestação da graça de Deus em operação neles. Mais uma vez, Paulo inclui **todos** na sua expressão de reconhecimento.

Defesa e confirmação parecem ser termos técnicos legais (Moulton e Milligan, **Vocabulary**, p. 108). O significado de **defesa** é óbvio. **Confirmação**, provavelmente, significa a vindicação das alegações de uma pessoa. O julgamento de Paulo era também o julgamento do evangelho, e ele esperava que o mesmo fosse não apenas defendido, mas vindicado (veja a tradução de Moffatt, em inglês). Ao falar em **prisões**, Paulo alude a um encarceramento propriamente dito, mas, referindo-se a **defesa e confirmação**, ele não quer dizer, necessariamente, estágios de um julgamento romano, embora sejam usados termos legais. Ele, provavelmente, tinha em mente todo o transe por que passava, do qual os filipenses estavam participando, mediante atos e preocupação compassivos. Ao agir assim, eles estavam participando da **graça** com ele. Paulo preferiu não chamar a sua condição de transe, mas de uma expressão da graça de Deus, em que ele permitia que os seus servos sofressem pelo evangelho (cf. 1:29).

Ao dizer **tenho saudades de todos vós**, Paulo, provavelmente, quer dizer simplesmente que desejava estar com os filipenses. A **testemunha** dessas saudades era Deus. Freqüentemente, ele invocava a Deus como testemunha (Rom. 1:9; 9:1; II Cor. 1:23; 11:31; Gál. 1:20; I Tess. 2:5,10). Aqui não há nenhuma insinuação de que os filipenses duvidassem de sua palavra. Era na **terna misericórdia**, que vem de **Cristo Jesus**, que Paulo tinha saudades deles. **Terna misericórdia** é tradução de **splagchnois**, palavra grega que designa as vísceras mais nobres (coração, pulmão e fígado) e não as **entera**, as vísceras inferiores ou intestinos (Lightfoot, p. 84). Em inglês, a KJV traduz esse termo de maneira deselegante e inexata, como "entranhas", remontando à versão de John Wyclif, da palavra da Vulgata Latina **viscera** (Michael, p. 19). A versão antiga da IBB traduz "entranhável afeição". "Coração" chega perto do significado moderno do termo grego usado por Paulo, isto é, a sede das emoções, segundo o pensamento popular.

Oração (v. 9-11) — Paulo não nega que os filipenses tinham **amor**, mas verifica que ele era deficiente, possivelmente indo contra o orgulho de alguns, julgando que nada lhes faltava. Para Paulo, **amor** (**agapē**) era o "caminho sobremodo excelente" (I Cor. 12:31), o supremo dom ou fruto do Espírito (Gál. 5:22; I Cor. 13). Ele é a disposição de se relacionar com os outros para o bem deles, não importando o custo ou as conseqüências para o autor. Ele é o oposto de egocentrismo. Paulo orou, pedindo uma crescente abundância de amor nos filipenses. Ele estava especialmente interessado em que o amor deles fosse iluminado, pois boa vontade não é suficiente. O desejado crescimento em amor se relacionava particularmente com a percepção moral, **conhecimento** e **todo o discernimento**. A palavra aqui traduzida como **conhecimento** é **epignōsis**, que algumas vezes é diferenciada de **gnōsis**, sendo esta última o conhecimento simples, e a primeira significando conhecimento completo ou total. Aqui, essa distinção provavelmente não deve ser forçada. **Discernimento** significa percepção. Neste contexto, o amor é considerado idealmente como tendo o instinto moral de perceber o que é correto. É claro que o

amor deve ser bem informado. A tendência do amor é confiar e compreender, mas ele também precisa ser bem informado, se quiser funcionar adequadamente.

O grego do verso 10 tem várias ambigüidades. **Aproveis as coisas excelentes** também pode significar: "provar, testando, as coisas que diferem" ou "distinguir as coisas que diferem". É claro que a RSV e a tradução da IBB pressupõe a outra opção, pois uma pessoa não pode de fato "aprovar o que é excelente" se não puder distinguir as coisas que diferem. Um paralelo a este pensamento aparece em Romanos 2:18, onde o significado parece ser: "Vocês distinguem as coisas que diferem", mas ali também o uso desta expressão é ambíguo. Seja como for que o traduzamos, a preocupação de Paulo era no sentido de que houvesse um discernimento moral iluminado, "uma sensibilidade ao que é vital" (Moffatt), que leva a escolhas morais corretas. Os briguentos filipenses precisavam saber o que importava e o que não importava. O resultado desejado era que os leitores fossem puros e imaculados no juízo final, **o dia de Cristo.**

Duas imagens são apresentadas juntas, mediante as palavras traduzidas como **sinceros** e **sem ofensa**. A primeira se refere a metal precioso (houve outrora minas de ouro em Filipos) purificado de toda a escória. A segunda pode referir-se a um viajante sem impedimentos em sua jornada (Scott, p. 27), ou referir-se a alguém que não impede os outros. "Sinceros" é tradução de **eilikrineis**, cuja etimologia pode ser "julgar à luz do sol", mas isto é incerto. Seja qual for a etimologia, o uso que Paulo faz desta passagem parece dar a entender puro, sem mistura. Moffatt chega mais perto da etimologia desta palavra, traduzindo-a como "transparente". A versão da IBB, **sinceros**, é igualmente correta. A outra imagem, **aproskopoi**, pode significar sem tropeços ou sem fazer os outros tropeçarem (como em I Cor. 10:32). Qualquer um desses significados se enquadra no contexto. "Imaculados" é opção do segundo significado: não fazer os outros tropeçarem, ou se ofenderem.

Justiça não é considerada como os **frutos** em si, mas como a produtora dos frutos ou a colheita que se produz através de **Jesus Cristo** e para a **glória e louvor de Deus**. Justiça é tanto posição correta para com Deus como também a obra criativa de Deus, quando ele torna os homens justos — incluindo, sem dúvida, o concurso espontâneo do homem. Isto é obra divina, e não obra humana, e é mais do que considerar justo alguém que é injusto. Aqui, Paulo não indica quais são esses **frutos** de justiça (cf. Gál. 5:22). A glória de Deus é o seu caráter manifestado na redenção, e o seu **louvor** é o reconhecimento do homem a respeito desse caráter (Michael, p. 26).

II. Vitória em Meio ao Sofrimento (1:12-30)

1. O Evangelho Pregado na Prisão (1:12-14)

12 E quero, irmãos, que saibais que as coisas que me aconteceram têm antes contribuído para o progresso do evangelho; 13 de modo que se tem tornado manifesto, a toda a guarda pretoriana e a todos os demais, que é por Cristo que estou em prisões; 14 também a maior parte dos irmãos no Senhor, animados pelas minhas prisões, são muito mais corajosos para falar sem temor a palavra de Deus.

O "cárcere de Paulo torna-se um púlpito", as suas cadeias uma nova forma de pregação (Synge, p. 24). As pessoas responsáveis pelo encarceramento de Paulo haviam procurado, dessa forma, silenciá-lo, mas o tiro saiu pela culatra. Sem o quererem, elas lhe deram um novo púlpito, um novo fórum, uma nova audiência. Na verdade, o evangelho progrediu devido ao que lhe aconteceu. **Aconteceram** é tradução de uma expressão que mais literalmente significa "as coisas que me dizem respeito". Uma tradução

melhor seria "as minhas circunstâncias" (cf. Ef. 6:21; Col. 4:7). Paulo não atribui o seu encarceramento a Deus nem diz que em si mesmo ele era bom. A sua declaração é que desse encarceramento resultou algum valor; Deus o usou para o bem (cf. Rom. 8:28).

Progresso é tradução de uma palavra que significa, literalmente, "cortar em frente de", usada provável, mas não certamente a respeito de se cortar caminho diante de um exército, através do mato, para facilitar a sua marcha (Vincent, p. 16). A idéia, aqui, é de avanço, possivelmente com uma nuança adicional de "progresso pioneiro" (cf. 1:25; I Tim. 4:15).

Guarda pretoriana é, provavelmente, a tradução correta de **tōi praitōriōi**, porém o significado exato não pode ser precisado. Esse termo originalmente designava a tenda do pretor ("primeiro") ou general de um exército romano, isto é, o quartel general. Esta palavra passou a ser usada de diferentes maneiras, designando a residência do governador de uma província (Mat. 27:27; Mar. 15:16; João 18:28,33; 19:9; At. 23:35) e os guardas pretorianos em Roma ou em outros lugares. Esta última acepção, de um grupo de homens, ao invés de um lugar, é, provavelmente, a que Paulo usa (cf. Lightfoot, p. 97-102). A referência pode ser à principal guarda imperial em Roma — cerca de 9.000 soldados — ou a algum destacamento pequeno, como, por exemplo, em Éfeso ou em Cesaréia. **Todos os demais** refere-se a todos os outros, pagãos ou cristãos, que de alguma forma estavam em contato com Paulo em sua prisão. Essas pessoas haviam ficado sabendo que Paulo não estava preso devido a algum crime, mas por causa do seu relacionamento com Cristo. Nada se diz a respeito do fato de algum deles se ter tornado cristão, mas isto pode ser deduzido de 4:22.

Paulo indicou a influência do seu encarceramento sobre os cristãos, bem como sobre os de fora da igreja. Os cristãos poderiam ser silenciados por causa do medo, devido à prisão do grande apóstolo. Em lugar disso, eles foram movidos a falar ainda mais ousadamente. Não se dá a entender que eles estavam silenciosos antes disto, mas, pelo contrário, que, embora já expressassem o que pensavam, eles se tornaram mais intrépidos. Não porque eles não compreendessem a seriedade do aprisionamento de Paulo, mas haviam encontrado um novo incentivo e coragem, devido à ousadia de Paulo. Paulo transcendia de tal forma as suas circunstâncias (cf. 4:11-13) que os cristãos ousaram declarar o evangelho sem medo das conseqüências. Há poderosas evidências patrísticas e manuscritas de que as palavras **de Deus** foram adicionadas à expressão mais simples **a palavra**. Se assim é, essa adição torna explícito o que estava implícito.

2. Amigos e Inimigos Incitados a um Novo Esforço (1:15-18)

15 Verdade é que alguns pregam a Cristo até por inveja e contenda, mas outros o fazem de boa mente; 16 estes por amor, sabendo que fui posto para defesa do evangelho; 17 mas aqueles por contenda anunciam a Cristo, não sinceramente, julgando suscitar aflição às minhas prisões. 18 Mas que importa? contanto que, de toda maneira, ou por pretexto ou de verdade, Cristo seja anunciado, nisto me regozijo, sim, e me regozijarei;

O encarceramento de Paulo levou muitas pessoas a empreenderem novos esforços, a fim de pregar Cristo, porém sem uniformidade de motivações. Alguns pregavam movidos por **inveja** e **contenda**, outros **de boa mente**, presumivelmente em relação a Paulo. Não há nenhum indício de que os rivais de Paulo eram considerados heréticos, judaizantes ou gnósticos. O que estava em questão não era a correção do seu evangelho, mas a sua motivação. Eles podiam estar com inveja das atenções dispensadas a Paulo, mesmo como prisioneiro. Isto seria mais provável em Roma, onde o cristianismo havia precedido Paulo em alguns anos, e

a vinda do apóstolo podia consistir uma ameaça à liderança deles. Isto também está de acordo com a acusação de partidarismo, que seria um grupo estranho aos seguidores de Paulo.

Presumivelmente, os oponentes de Paulo pensavam que o sucesso deles iria **suscitar aflição** a Paulo, fazendo-o ficar com inveja. Pelo contrário, Paulo conseguiu **regozijo** pelo fato de eles pelo menos proclamarem Cristo, mesmo que por motivos indignos. Isto não descartava a importância da motivação, mas servia para reconhecer que o evangelho tem o seu próprio poder, mesmo quando proclamado por pessoas a quem falta a motivação ou o caráter corretos.

3. Disposição Para Viver ou Morrer por Cristo (1:19-26)

19 porque sei que isto me resultará em salvação, pela vossa súplica e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo, 20 segundo a minha ardente expectativa e esperança, de que em nada serei confundido; antes, com toda a ousadia, Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte. 21 Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. 22 Mas, se o viver na carne resultar para mim em fruto do meu trabalho, não sei então o que hei de escolher. 23 Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor; 24 todavia, por causa de vós, julgo mais necessário permanecer na carne. 25 E, tendo esta confiança, sei que ficarei, e permanecerei com todos vós para vosso progresso e gozo na fé; 26 para que o motivo de vos gloriardes cresça por mim em Cristo Jesus, pela minha presença de novo convosco.

Paulo confiava que a sua condição de encarcerado e mesmo o fato de ser perturbado por cristãos movidos por partidarismo, resultaria em vitória. **Salvação** é tradução de **sōtērian**, com o significado de "libertação". Salvação não é uma tradução inadequada, especialmente se sugere libertação da prisão. Paulo não tinha sentimentos definidos a respeito disso, e não lhe dava importância primordial. Possivelmente, ele se referia à libertação de qualquer fraqueza que viesse a ter quando fosse julgado, mas, provavelmente, ele estava se referindo à salvação em seu sentido pleno, escatológico (cf. 1:28). Ele está citando a versão Septuaginta de Jó 13:16, onde Jó fitava confiantemente a sua vindicação final. Paulo tinha confiança de que, fosse executado ou liberto, ele experimentaria a plenitude da salvação, que para ele já começara, e que deve ser consumada por ocasião do juízo final, no "dia de Cristo".

Para obter a vitória esperada, Paulo dependia do **socorro do Espírito de Jesus Cristo. Socorro** é tradução de uma palavra normalmente traduzida como "suprimento". O grego permite qualquer uma das duas idéias ou que o **Espírito de Jesus Cristo** supre, ou que o Espírito é o que é suprido, dependendo de a forma genitiva de Jesus Cristo ser objetiva ou subjetiva. Provavelmente, o genitivo é subjetivo, e a referência é ao que o Espírito supre. Paulo não faz distinção entre o Espírito de Cristo e o Espírito de Deus (Rom. 8:9), significando, possivelmente, o Espírito Santo em ambas as expressões. A ajuda, **socorro** ou suprimento propiciados pelo Espírito inclui coragem e força para satisfazer as exigências que lhe eram feitas. Paulo se apoiava também nas orações de intercessão dos seus amigos de Filipos. Deus não precisa ser informado das necessidades ou forçado a dar (Mat. 6:8), mas a oração é uma abertura dos canais de recepção entre o homem e Deus, bem como entre o homem e o homem.

O versículo 20 indica que a principal preocupação de Paulo não era o resultado do seu julgamento, se **vida** ou **morte**, mas o seu comportamento durante aquele transe, para que ele não fosse envergonhado por qualquer falta de coragem. A RSV provavelmente não conseguiu captar a força do verbo, em sua tradução: "que eu não seja de forma alguma envergonhado." O verbo é passivo. Paulo não deseja **ser envergonhado** pelo fato de falhar de qualquer maneira. Era a sua **ardente expectativa** (**apokarado-**

kian retrata uma pessoa com o pescoço esticado, procurando ver ao longe) e **esperança** que ele não apenas não fosse envergonhado, mas que **Cristo** fosse **engrandecido**. Paulo não queria ser um herói. Ele desejava cumprir o seu destino, fosse a vida, fosse a morte, com tal dignidade e firmeza que todos pudessem ver o que Cristo significava para ele. **Com toda a ousadia** é uma tradução boa e literal do grego. A palavra grega expressava, a princípio, liberdade de linguagem, e depois passou a designar a intrepidez ou abertura em geral, que caracteriza um homem livre.

O v. 21, freqüentemente citado, mostra Paulo em um dos seus melhores momentos. Ele colocou-se diante da vida e da morte, e achou ambas convidativas. A sua disposição era exatamente contrária ao "Ser ou não ser, eis a questão", de Hamlet. Hamlet chegou a considerar a vida uma desilusão tão grande que veio a pensar no suicídio; todavia, o desconhecido reino da morte era de tão mau agouro que ele recuou. Paulo não desejava a morte como uma escapatória da vida. Ele considerava a morte como entrada para uma maior plenitude de uma vida que já era plena (Beare, p. 62). Seja o que for que a vida possa significar para os outros, para ele, ela era Cristo, isto é, Cristo dera à vida o seu significado, e, sem Cristo, ela se tornava vazia. A morte não significava perda, mas ganho ou **lucro**, pois a vida boa que ele agora experimentava em Cristo, não apenas continuaria, mas seria melhorada. Este versículo parece não dar a entender um "estado intermediário". Ele é precário para servir de argumento para este ponto, pois esse não é o assunto de Paulo aqui; mas é difícil descobrir como a morte seria lucro, se ela levasse a um estado intermediário, especialmente se a pessoa ficasse fora do corpo!

A gramática do verso 22 está algo quebrada, expressando a vacilação de Paulo diante das opções que o convidavam para a vida ou para a morte. Parece que a RSV e a versão da IBB captaram o significado de 22a. Se Paulo fosse solto da prisão, isso poderia resultar apenas em mais trabalho frutífero. O seu único interesse na libertação seria continuar o seu ministério. Não é muito boa a tradução de 22b, **não sei. Gnōridzō**, em o Novo Testamento, parece sempre significar tornar conhecido (cf. 4:6; I Cor. 12:3; 15:1; Gál. 1:11). O verbo traduzido como **sei** é ginōskō, comumente. Melhor do que esta tradução seria "não posso dizer". Ainda melhor do que esta seria "eu não torno conhecido". O fato é que Paulo muda do assunto da escolha entre vida e morte. Não era sua a escolha a fazer. Mesmo que ele tivesse preferência, a sua resposta seria: "Sem comentários."

Paulo reconhece que tinha duas inclinações no seu coração. No caso de apenas ele estar na berlinda, a morte ofereceria a melhor opção. **Partir** é tradução de uma palavra grega que era usada para expressar o ato de desamarrar um navio do seu ancoradouro, e também o de levantar acampamento ou "desfazer as tendas". Esta palavra passou a ser uma metáfora da morte (II Tim. 4:6). Paulo podia ter em mente o uso náutico ou militar da palavra, mas estava mais inclinado a usar este último do que o primeiro (Vincent, p. 28). Considerava a morte como levantar acampamento, para avançar (cf. II Cor. 5:1). Para ele, isto seria melhor, mas achava que **permanecer na carne** era **mais necessário** para os filipenses. Achava que uma igreja ameaçada de desunião e confiança demasiada e ameaçada por pessoas ambiciosas e coercitivas (cf. 3:2) precisava de sua ajuda.

De ambos os lados estou em aperto traduz uma expressão difícil. O dilema de Paulo não era estar encurralado entre dois destinos, de que desejava escapar. Era a sorte mais feliz de se defrontar com duas opções atraentes. Ele sentia o puxão gravitacional tanto desta vida como da futura. Parece, então, que, mesmo quando ele enfrentou a decisão, mas preferiu

abrir mão do direito de escolher, um novo senso de direção lhe sobreveio. Precisamente quando ele recusou-se a tornar pública a sua escolha, disposto a aceitar vida ou morte, veio-lhe a convicção de que seria liberto, a fim de continuar o seu ministério. Ele veria novamente os filipenses Eles experimentariam **progresso** e **gozo na fé** e encontrariam nova ocasião de se **gloriarem** em **Cristo Jesus** por causa de sua volta a eles, de sua **presença de novo** com eles. **Presença** é tradução de **parousia**, termo usado por ocasião da chegada cerimoniosa e jubilosa de um rei ou governador a uma cidade. Paulo podia usar esta palavra em relação à vinda escatológica de Cristo (I Tess. 3:13), mas também podia usá-la para qualquer presença ou chegada (I Cor. 16:17). Em 2:12, **parousia** é oposto de **apousia** (ausência) e simplesmente significa presença.

III. Rogos em Favor da Unidade Alicerçados na Mente de Cristo (1:27-2:30)

Este é o primeiro grande apelo, feito nesta carta, e expressa um dos seus objetivos primordiais. Aparentemente, a divisão, na igreja, não havia ainda alcançado um ponto crítico, mas uma situação difícil estava se formando. Evódia e Síntique, outrora colaboradoras, agora estavam abertamente divididas (4:2), e já havia "murmuração" e "contendas" na igreja (2:14). Se Filipenses é realmente posterior à correspondência com Corinto, como se presume aqui, Paulo já tivera a dolorosa experiência de ver uma igreja ser assolada por dissensão e divisão. Na seção que temos diante de nós, ele exorta os irmãos à unidade e apela para o supremo exemplo de Cristo, bem como para os exemplos de Timóteo e Epafrodito, demonstrando a abnegação que mina as lutas egocêntricas que estão por detrás das divisões.

1. Primeira Exortação: Viver de Maneira Digna do Evangelho Através da Unidade e Coragem, em Face da Hostilidade (1:27-30)

27 Somente portai-vos dum modo digno do evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que permaneceis firmes num só espírito, combatendo juntamente com uma só alma pela fé do evangelho; 28 e que em nada estais atemorizados pelos adversários, o que para eles é indício de perdição, mas para vós de salvação, e isso da parte de Deus; 29 pois vos foi concedido, por amor de Cristo, não somente o crer nele, mas também o padecer por ele, 30 tendo o mesmo combate que já em mim tendes visto e agora ouvis que está em mim.

Portai-vos traduz uma palavra grega (**politeuesthe**) que, literalmente, quer dizer "Seja a vossa cidadania". Duas vezes, em Filipenses, Paulo apela para o fato de que nossa verdadeira cidadania é celestial (cf. 3:20). Filipos era uma colônia romana, sendo os seus habitantes cidadãos de Roma, com direitos legais como se estivessem vivendo em solo italiano, embora vivessem na Macedônia. [6] Por analogia, Paulo aplica essa situação aos crentes, que, vivendo neste mundo, têm a sua cidadania nos céus (cf. Heb. 13:14). Ele não quer dizer que o crente não tem obrigações para com este mundo ou que ele deve considerá-lo como desprovido de significado. De fato, Paulo encarava seriamente o aqui e agora. Mas o assunto é que a nossa cidadania final é celestial, e que somos agora uma colônia dos céus na terra. A lealdade final deve ser a Deus, e devemos viver agora, neste mundo, de maneira digna de nossa cidadania celestial.

Viver **de modo digno do evangelho de Cristo** é definido em termos de unidade **num só espírito** e **alma**, enquanto lutamos juntos pela **fé do evangelho**. Este não é um requisito de uniformidade fastidiosa ou perda de identidade indivi-

6 K. Lake e H. J. Cadbury, **The Beginnings of Christianity** (London: Macmillan, 1933), IV, 190.

dual; é um apelo em favor da unidade de espírito e de objetivos. **A fé do evangelho** pode significar, até certo ponto, concordância doutrinária básica, mas a ênfase não está nisto, se de fato este é o significado da expressão. **A fé** veio, mais tarde, a significar o conteúdo ou ensinamento do cristianismo, e mesmo aqui esta palavra pode já ter esta acepção, mas ainda quer dizer, principalmente, confiança e dedicação que o evangelho suscita (Michael p. 67 e s.).

Em rápida sucessão, Paulo emprega um termo militar, **permaneceis firmes**, e outro, retratando uma equipe atlética: **combatendo juntamente** (**synathlountes**). Firmeza e coragem deviam ser temperadas com unidade, na sua pregação do evangelho e resistência ao mal.

Em nada estais atemorizados emprega um termo algumas vezes utilizado para designar o terror de um cavalo assustado. Paulo pode estar usando este termo para dar a entender que os adversários procuram infligir terror, ao coração dos crentes, e lançá-los em pânico (Beare, p. 67). A intrepidez do crente em face da oposição é um **indício** ou sinal da **destruição** dos adversários e da **salvação** dos crentes. Não são dois indícios ou sinais, mas um só. O fracasso dos adversários em infligir medo ao coração dos crentes prefigura a derrota e ruína final desses adversários, bem como o triunfo final dos crentes.

Destruição e **salvação** (cf. 1:19) são palavras escatológicas, apontando para os destinos finais, no juízo, e não para o resultado imediato da perseguição (Beare, p. 68). **Isso** que é **da parte de Deus** não se refere diretamente a qualquer palavra da sentença em grego, mas a toda a idéia do resultado escatológico da atual perseguição e intrepidez. Isto é, Deus controla a história, que leva a rebelião a um julgamento final e a fidelidade a uma salvação completa.

Paulo atribui à graça de Deus (**concedido** é o verbo que corresponde ao substantivo grego que significa graça) dois grandes privilégios: **crer** em Cristo e sofrer ou **padecer por ele**. Crer é confiar, e este é um privilégio aberto, para nós, pela graça de Deus. Crença ou confiança não é algo a nós imposto, pois é possível resistir à graça de Deus; mas, a não ser pela iniciativa da graça de Deus, a fé seria uma impossibilidade para nós. É significativo que Paulo considera também o sofrer por Cristo como uma provisão da graça de Deus. Ele não o considera como um preço pago pelo privilégio da fé, mas como um dom da graça de Deus. Isso, para Paulo, não é mera teoria. É fato existencial ou experimental. Pertencia à existência de Paulo, como crente, o sofrer por Cristo, e ele era grato por esse privilégio (cf. At. 5:41).

Combate traduz **agōna**, palavra que deu origem a agonia, mas que, nos dias de Paulo, era um termo usado nas disputas atléticas. Paulo considera que os filipenses haviam entrado na mesma disputa em que ele estava empenhado: uma luta comum com as forças pagãs, que se lhes opunham, quer em Roma, Filipos ou outro lugar. Em Filipos, eles o **viram** ser açoitado e encarcerado (At. 16:22 e s.). Agora eles **ouvem** falar do seu **combate** e encarceramento.

O versículo 29 aceita o sofrimento como privilégio cristão. O versículo 30 prossegue, mostrando que a atitude adequada do crente é mais do que sofrimento passivo. Ele deve engajar-se ativamente na grande luta contra o mal. Paulo já havia afirmado que as armas da nossa milícia não são carnais, mas que elas são poderosas para a demolição do mal (II Cor. 10:4). Num sentido real, o **combate** não é opcional, pois a própria existência cristã contém, em si, algo que está em combate inarredável com o mundo mau (Michael, p. 72).

2. Segunda Exortação: Unidade e Abnegação com Exemplo Supremo: a Mente de Cristo (2:1-11)

1 Portanto, se há alguma exortação em Cristo, se alguma consolação de amor, se

alguma comunhão do Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões, 2 completai o meu gozo, para que tenhais o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, pensando a mesma coisa; 3 nada façais por contenda ou por vanglória, mas com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo; 4 não olhe cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros. 5 Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, 6 o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, 7 mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; 8 e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. 9 Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu o nome que é sobre todo nome; 10 para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, 11 e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.

Este parágrafo é uma unidade monolítica, tendo tudo interligado e encaixado (Barth, p. 49). Ele continua a admoestação começada em 1:27. Apela primeiramente em favor da unidade e depois em favor da abnegação exemplificada de maneira suprema em Cristo, que é o alicerce indispensável para a unidade.

Abnegação não significa, aqui, ódio a si mesmo, autodesprezo ou rejeição do ego. O que significa é a recusa em deixar que os interesses ou vantagens pessoais governem o curso da vida de uma pessoa.

Unidade e abnegação (v. 1-4) — Paulo reconhece claramente que o sucesso do seu apelo dependia da realidade da existência dos filipenses em Cristo. Dado este fato, havia esperança da reação que ele esperava. O seu apelo em favor da unidade e abnegação se baseia na realidade da **exortação** que há em Cristo, da **consolação** que se origina do amor, da **comunhão** do Espírito Santo e dos **entranháveis afetos e compaixões** dos seus leitores.

Exortação é tradução de **paraklêsis**, palavra ardilosa quanto ao seu significado exato. Literalmente, ela expressa um "chamado para o lado". "Advogado" deriva-se da equivalente latina. O chamado para o lado pode ser tendo-se em vista uma admoestação, defesa, exortação, consolação ou conforto. Aqui é-se tentado a traduzi-la como "vocação", isto é, "Se há alguma vocação (chamado para o lado) em Cristo". Entendido desta forma, Paulo estaria baseando o seu apelo no pressuposto de que os filipenses respondiam diante de Cristo e que eles, de fato, reagiam positivamente ao seu chamado, neste caso, para a unidade e abnegação. A intenção de Paulo, provavelmente, era fazê-los se recordarem da força (consolo) que estava disponível para eles em Cristo.

O amor é considerado como o propiciador de **consolação** para se alcançar o desejado alvo de unidade, humildade e interesse pelos outros. Amor (**agapê**), para Paulo, era a disposição de se relacionar com outrem para o bem dessa pessoa, não importando o preço que o autor devesse pagar. **Consolação** parece satisfazer o contexto, aqui, embora a palavra grega possa significar persuasão.

Comunhão é exatamente a palavra adequada para se traduzir **koinônia**. Esta expressão de Paulo é básica em o Novo Testamento, indicando uma vida comum ou compartilhada. Aqui, deve-se ter "koinônia" ou comunhão com o Espírito Santo, embora **Espírito** pudesse referir-se, mas não se refere, ao espírito humano.

Entranháveis afetos e compaixões indicam a terna afeição que vem adequadamente do coração. Os problemas que havia em Filipos requeriam não tanto instrução quanto boa vontade ou bom espírito. Dissensão e divisão não são problemas insuperáveis, quando a pessoa atende a ou é fortalecida por Cristo, quando há o incentivo do amor, comunhão com o Espírito e corações compassivos.

O apelo de Paulo parece, à primeira vista, ser que o seu próprio **gozo** fosse levado à plenitude, mas o seu mais ele-

vado interesse era a unidade da igreja. O seu gozo residia no fato de que eles **tivessem o mesmo modo de pensar**, isto é, tivessem a mesma disposição ou propósito básico. Isto dependia de eles terem **o mesmo amor**. A expressão **o mesmo ânimo** traduz uma única palavra: **sumpsuchoi**, "unir-se de alma".

A conclamação, duas vezes repetida em 2:2, para eles "pensarem uma só coisa" é expressa nos versos 3 e 4. Deviam ser livres de egoísmo e preocuparse com **o que** é **dos outros**. Deviam ser livres de **contenda**, e caracterizar-se pela **humildade. Contenda** e **vanglória** podem ser traduzidas por partidarismo e ambição vã. A única rivalidade apropriada aos crentes é que cada um procure exceder o outro em amá-lo. A pessoa não deve preocupar-se em receber honras ou vantagens para si mesma. Deve preocupar-se em que seus irmãos sejam honrados e servidos.

O exemplo de Cristo (v. 5-11) — Muitos eruditos consideram 2:6-11 um hino, possivelmente pré-paulino e pelo menos mais antigo do que a Epístola aos Filipenses. Esta teoria pode ser verdadeira, mas é enfraquecida pelo fato de que não existe acordo quanto à estrutura poética deste "hino". J. Weiss, a primeira pessoa a considerar esta passagem como poética, achava que ela consiste de duas estrofes, de quatro linhas cada uma. Hans Lietzmann arranjou-a em dezessete linhas. E. Lohmeyer, em seis estrofes de três linhas cada. M. Dibelius encontra, nos versos 6 a 8a, uma estrofe de sete linhas e, nos versos 8b a 11, quatro estrofes de três linhas cada uma. L. Cerfaux arranja este hino em três estrofes de quatro, cinco e seis linhas, progressivamente. J. Jeremias propõe que o hino todo consiste de parelhas, organizadas em três estrofes, de quatro linhas cada uma. Para obter a simetria organizada que encontra, ele tem que excluir várias frases. R. P. Martin vê, aqui, um hino composto de seis parelhas, arrumadas de tal forma que podem ser cantadas antifonicamente.[7] C. H. Talbert, em uma demonstração convincente, propõe uma estrutura de quatro estrofes, de três linhas cada, desiguais quanto à extensão e marcadas por paralelismos intrínsecos e repetição de termos-chave.[8]

É estranho que os eruditos estejam tão seguros da natureza hinológica desta passagem e ao mesmo tempo tão inseguros a respeito de sua estrutura poética. Além do mais, os versos 1 a 4 parecem ser tão poéticos quanto 6-11. A versão RSV, em inglês, pode estar correta em sua maneira de estabelecer o parágrafo dos versos 1 a 11 como uma unidade, e assim pode ser que os versos 6 a 11 nunca tenham tido uma existência separada. No decorrer de toda a passagem, a preocupação é "o mesmo modo de pensar" (2:2) que é o "sentimento" de Cristo (2:5).

O que deve ser rejeitado é a posição amplamente aceita de que 2:6-11 é uma adaptação de um velho "mito da redenção" do pensamento religioso helênico (sincretista), possivelmente iraniano, em que o redentor celestial desce do céu e depois sobe vitoriosamente, de volta a ele, abrindo o caminho para os seus seguidores (Beare, p. 75). Segundo este ponto de vista, Paulo, ou mais provavelmente um dos discípulos dele, adaptou esse mito e o aplicou a Cristo. Entendidos desta forma, os versos 6 a 11 são considerados estritamente como soteriologia (como o Redentor capacita os seus seguidores a subir aos céus) e não abordam nem cristologia nem ética. Os estudiosos que esposam esta opinião rejeitam o ponto de vista de que este "hino"

7 **Carmen Christi**, p. 36 e s. Este parágrafo todo aproveita-se de uma discussão muito mais rica, de Martin, a respeito das principais interpretações de Filipenses 2:5-11. **Carmen Christi** é, até agora, o mais compreensivo estudo desta passagem quanto a antecedentes, melhores opções e bibliografia. Um estudo mais simples, contudo útil, é o de A. M. Hunter, **Paul and His Predecessors** (rev., London: SCM Press, 1961), p. 39-44.

8 "Pre-existence in Philippians 2:6-11", **Journal of Biblical Literature**, 86:2 (1967), p. 147.

apresenta Cristo como exemplo moral ou ético.

Talbert, [9] coerentemente, argumenta que os versos 6 e 7 referem-se não à preexistência de Cristo, mas à vida terrena de Jesus. Esta primeira estrofe (v. 6 e 7b) tem paralelo na segunda (v. 7c e 8), falando, esta última, inquestionavelmente, da existência terrena, humana, de Jesus. Assim entendidas, estas duas estrofes (v. 6-8) afirmam que, em sua existência terrena, Jesus enveredou por um curso contrário ao do primeiro Adão. Enquanto o primeiro Adão tentou obter igualdade com Deus, Jesus (o último Adão) **esvaziou-se** ou "derramou a sua vida" para Deus, no serviço aos homens.

Esta passagem, no pensamento deste escritor, não é a adaptação de um velho hino helénico, a respeito de um Redentor que descera e depois ascendera; pelo contrário, é um "hino" cristão (provavelmente da composição do próprio Paulo, para este mesmo contexto, mas possivelmente pré-paulino) a respeito da natureza de Servo do Cristo Jesus terreno. Algo semelhante a II Coríntios 8:9, ele conclama para o despertamento da mente de Cristo nos filipenses, estando essa mente já neles, se de fato eles estavam em Cristo Jesus.

Resumindo: os versos 1 a 4 apelam para algo que já estava nos filipenses — a força de Cristo, o incentivo do amor, a comunhão do Espírito, ternas compaixões; o verso 5 presume que, "em Cristo Jesus", eles tinham a mente de Cristo; e os versos 6 a 8 explicam que esta mente ou sentimento de Cristo Jesus (o terreno, e não preexistente) é o do Servo, que derrama a sua vida para Deus, no serviço aos homens. O apelo é para que eles fossem o que eram, que a mente de Cristo, que já se encontrava neles, fosse ativada, nos seus relacionamentos uns com os outros, particularmente quando, em abnegação, eles resistissem à tentação de procurar a sua própria glória e, pelo contrário, se entregassem uns aos outros, em uma vida comum de amor e serviço.

O principal apelo de Paulo é que a disposição ou **sentimento** que governava Cristo também governasse o seu povo. Esta passagem não é uma inserção mal ajustada, mas intrínseca ao contexto. Ela se origina daquilo que a precede e serve de direção ou pelo menos prepara o caminho para tudo o que se segue (E. F. Scott, p. 47). A humildade é parte essencial do **sentimento** ou mente a que Paulo apela, mas não é isso que é enfatizado. Ele ressalta a abnegação, ou auto-sacrifício, que se coloca contra uma busca de interesses próprios que estava levantando a sua horrenda cabeça em Filipos.

A gramática do texto grego do verso 5 é desnorteante. Não há verbo na última parte do versículo. Não existe verbo por detrás do português **tende**, embora essa seja uma forma apropriada de entender a intenção de Paulo. Segundo a compreensão costumeira, Paulo está pedindo aos filipenses para terem em si mesmos o sentimento que havia em Cristo Jesus. Muitos intérpretes preferirão esta explicação. Não obstante, provavelmente a versão RSV, em inglês, está mais próxima do que Paulo quer dizer, com a sua aparente redundância: "Tende esta mente... que vós tendes." Já existia neles uma mente ou **sentimento** que lhes pertencia porque eles estavam **em Cristo Jesus**. O apelo é para que eles ativassem ou reativassem esse sentimento entre si. **Em Cristo Jesus**, desta forma, não se refere diretamente à mente que está em Cristo Jesus (IBB), mas ao fato de que eles estavam em Cristo. Em suma, eles deviam demonstrar entre si, nos seus relacionamentos no seio da igreja, o sentimento que já tinham como pessoas que estão em Cristo. Eles são encorajados para porem em prática, na vida da igreja, a disposição engendrada em seus corações pela comunhão com Cristo (Michael, p. 85). Embora **em Cristo Jesus**,

9 **Op. cit.**, p. 153.

provavelmente, se refira ao fato de os filipenses estarem em Cristo, e não à mente do próprio Cristo, os versículos que se seguem, na verdade, desnudam esse sentimento ou disposição de Cristo. E, nesta base, muitos intérpretes preferem o ponto de vista expresso na KJV e na versão da IBB.

Os versículos 6 e 7 são geralmente considerados como referência à preexistência de Cristo, época em que ele consentiu em deixar o seu estado celestial e mudar para um estado terreno. Esta passagem deu origem à cristologia "kenótica" (**kenōsis** é o equivalente grego de **esvaziou-se**), dizendo que, de certa forma, o Cristo preexistente entregou ou abriu mão de sua divindade, a fim de se tornar homem. Contudo, como é que Deus poderia despir-se da divindade? A divindade de Cristo não é uma capa que possa ser despida e mais tarde vestida de novo. Ele devia desistir de privilégios ou abrir mão de uma situação favorável, mas não podia pôr de lado a sua natureza. A principal fraqueza da **kenōsis** é que é uma teoria irreal e sem significado. Cristo não se esvaziou nem poderia esvaziar-se de sua divindade, na preexistência ou em qualquer outra época.

Se, como é improvável, os versos 6 e 7 se referem ao estado preexistente de Cristo, **esvaziou-se** significa algo menos do que a idéia de que ele abriu mão de sua divindade. Entendida assim, esta passagem, provavelmente, significa que ele desistiu do estado privilegiado em que se encontrava no céu, trocando-o por um estado humilde, de privação e serviço sacrificial, na terra. Talbert [10] cita as dificuldades óbvias para a aceitação da opinião de que os versos 6 e 7 falam da preexistência de Cristo. Esta consideraria a encarnação como **kenōsis** (esvaziamento), em vez de **epiphany** (manifestação divina), como se verifica em outros hinos cristãos (cf. João 1:1-18; I Tim. 3:16). Em nenhuma outra parte, no cristianismo primitivo, Cristo é visto a tomar uma decisão preexistente. Baseando-nos na opinião da preexistência, **esvaziou-se** é normalmente entendido como troca da divindade por humanidade. A pessoa é quase impelida à posição de que o estado **exaltado** (v. 9) é mais elevado do que o original, a **forma de Deus**. Estas dificuldades desaparecem se os versículos 6 a 8 forem considerados como referência à existência terrena de Cristo Jesus, e não à sua preexistência.

Talbert [11] insiste fortemente no paralelismo entre os versículos 6 e 7b e 7c e 8. Os últimos versículos, inquestionavelmente, se referem à existência terrena. Ele vê aí um reflexo da tipologia em que Cristo é o último Adão, sendo o reverso da mente e da decisão do primeiro Adão, que tentara ser igual a Deus (Gên. 3:5).

Em forma de Deus pode aplicar-se à preexistência de Jesus ou ao seu estado terreno. **Forma** é tradução de **morphē**, termo que normalmente enfatiza o relacionamento entre a forma exterior e a realidade interior, mostrando-se a natureza interior na forma externa. Na Septuaginta, **morphē** é freqüentemente sinônimo de **semelhante** (**homióma**) do verso 7. Cristo não precisou abrir mão da **forma de Deus** (isto é, colocar de lado a sua divindade) a fim de tomar a **forma de servo**. Se Paulo está pensando na preexistência, o fato de Cristo ter-se tornado homem não significou que ele cessou de ser Deus. Se a sua existência terrena é que é a referência de Paulo, então **esvaziou-se** refere-se ao fato de ele ter derramado a sua vida para Deus, em autonegação humilde e obediente, recusando-se, de todas as formas, a agir egoisticamente. O seu **kenōsis** (esvaziamento) não foi a desistência da divindade, mas a aceitação da servidão. O pensamento é semelhante ao de II Coríntios 8:9: "Ele se tornou tão pobre quanto um mendigo" (Beare, p. 81).

10 Op. cit., p. 141.

11 Op. cit., p. 147 e ss.

Aferrar ou agarrar é o provável significado do termo grego que a versão antiga da IBB traduziu como "usurpação". Adão tentou ser igual a Deus (Gên. 3:5), mas Jesus abriu mão de privilégios e poderes, que por direito lhe pertenciam. Ele veio não para ser servido, mas para servir, mesmo isto custando a sua própria vida (Mar. 10:45). **Morphē** é usada novamente, a forma exterior da servidão de Cristo refletindo a sua natureza real, intrínseca. A sua servidão não foi um ato. Foi a sua verdadeira existência.

A versão inglesa RSV traduz menos que interpreta **genomenos**, grafando "Nascendo semelhante aos homens". Este particípio pode ter o significado de ser ou se tornar. Pode referir-se à encarnação ou ao fato de Cristo ter assumido o papel humilde de servo durante a sua existência terrena. Na expressão **na forma humana**, a palavra grega já não é a **morphē** anterior, mas **schēma**. Se **schēma** difere de **morphē**, é pelo fato de que a primeira não subentende, necessariamente, correspondência entre a expressão exterior e a realidade interior. **Morphē** é termo mais forte, geralmente enfatizando essa correspondência. **Schēma** não nega essa correspondência, mas também não a enfatiza. É muito improvável que, ao dizer, como seria uma tradução literal "em forma sendo encontrado como homem", Paulo dê a entender que Jesus era um homem apenas aparente (docético). Para Paulo, tanto a divindade quanto a humanidade de Jesus Cristo eram reais. A ênfase, sugerem alguns, pode exercer-se em **achado**, isto é, que foi dessa maneira que os homens o "acharam", simplesmente como homem (Scott, p. 50), embora este significado seja forçado.

A humildade de Cristo é explicada no verso 8, abrindo o caminho para a declaração da exaltação subseqüente. Não se segue que a humildade é a essência da mente de Cristo ou que é principalmente humildade que Paulo deseja suscitar nos filipenses. A essência dessa mente ou sentimento era a sua disposição de não se apegar à igualdade com Deus, mas, pelo contrário, **ser obediente até a morte**. Embora não esteja explícito, o que Paulo quer dizer, provavelmente, é obediência a Deus ao ponto de morrer. Os eruditos que vêem aqui um hino pré-paulino dizem que Paulo acrescentou e **morte de cruz**. A cruz está no centro da pregação de Paulo, e a frase é, indubitavelmente, sua, indicando não apenas o tipo de morte que Jesus sofreu, mas o fato de que não houve limites na sua abnegação ou obediência a Deus. Que esta cláusula seja uma adição, e não parte do "hino" original, é uma conjectura, que não pode ser provada.

Os versículos 9 a 11 formam a segunda parte do "hino", descrevendo a exaltação da pessoa cuja completa abnegação a levara à cruz. Jesus havia ensinado aos outros que a vida é encontrada quando se a perde, e que, da mesma forma como uma pessoa que se exalta é humilhada, a que se humilha é exaltada (cf. Mat. 23:12). Sem dúvida, ele não estava falando do "orgulho que imita a humildade". Fingir humildade, tendo em vista a glória, é simplesmente outra forma de orgulho egoístico. O que Jesus ensinou aos outros, ele mesmo personificou. **Deus exaltou soberanamente** Aquele que se dispôs a negar-se a si mesmo, a ser humilde e obediente.

No pensamento bíblico, **nome** não apenas distingue um indivíduo dos outros, mas expressa caráter e condição (Beare, p. 86). O nome que lhe foi dado, **o nome que é sobre todo nome**, presume-se que seja **Senhor**. Este é o termo usado pela Septuaginta para traduzir Yahweh. **Jesus Cristo é Senhor** é, provavelmente, a confissão cristã mais antiga. Ela reconhece que a soberania de Deus, o reino de Deus, apresenta-se, em última análise, no Ungido de Deus (Cristo), que é um com Jesus. **Jesus** significa "Yahweh salva" e é o nome do ser terreno em quem a salvação nos é dada. Este mesmo Jesus, que não se aferrou a nada, mas que der-

ramou a sua vida em obediência a Deus e em serviço sacrificial, é Cristo e Senhor. Deus exaltou Aquele que se esvaziou. Deus fez Senhor Aquele que tomou a forma de escravo (cf. Mat. 28:18).

A certeza de que **todo joelho** se dobrará e **toda língua** confessará pode olhar em duas direções. Ela pode expressar a oferta divina da redenção para toda a criação de Deus. Mais provavelmente, ela significa que o reino de Deus será absoluto, pelo fato de que o senhorio de Cristo um dia será e precisará ser reconhecido em toda parte. Todos se submeterão, porque precisarão fazê-lo (Is. 45:23). Há um sentido em que o reino de Deus não depende da reação humana. Deus é rei sem depender do consentimento humano. O reino de Deus vem, mesmo quando os homens resistem a ele (cf. Luc. 10:11). Assim acontece aqui; o evangelho tem o objetivo de que todos conheçam a alegria do reino que vem no Cristo de Deus. Mas permanece a verdade de que ele é Senhor, seja qual for a nossa reação. A nossa passagem não garante salvação universal. Promete o senhorio universal de Cristo e a sua entronização.

A **glória** de Deus é o seu caráter manifestado na redenção. O senhorio, que encontra cumprimento em Jesus Cristo, não compete com o do **Pai**. Deus é um só Deus, e é ele que se defronta conosco em Jesus Cristo. Por fim, todo joelho precisará se dobrar **ao nome de Jesus**, mas é para Deus que todos vão se dobrar (cf. Ef. 3:14).

Esta profunda passagem cristológica não é um exercício estéril de teologia. A teologia é significativa tão-somente quando afeta o caráter e a vida. O interesse de Paulo não era a teologia por si mesma, mas a existência dos filipenses. Como é que eles podiam se apegar às suas mesquinhas ambições e persistir em suas querelas insignificantes, se confessavam Jesus Cristo como seu Senhor (Scott, p. 50)? O **sentimento** que eles tinham nele era de humilde abnegação e serviço obediente, e não de ambição, que busca os seus próprios interesses.

3. Terceira Exortação: Elaborar a Sua Salvação (2:12,13)

12 De sorte que, meus amados, do modo como sempre obedecestes, não como na minha presença somente, mas muito mais agora na minha ausência, efetuai a vossa salvação com temor e tremor; 13 porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.

O senso de responsabilidade deste parágrafo é o apelo para que os filipenses **efetuem** a sua **salvação**. Eles estavam sendo encorajados a elaborar o que já existia neles. O fato de eles elaborarem ou efetuarem o que Deus já realizara neles não capta bem o quadro que Paulo está querendo pintar. Na forma verbal, este verbo significa completar ou levar algo ao seu alvo. Paulo não especifica precisamente o que deseja dizer, mas o contexto oferece alguns indícios. O seu apelo estava sendo para abnegação e serviço sacrificial, em vez de busca de interesses próprios e jactância vazia (2:1-4).

O tom emocional contínuo, desta carta, é apenas que eles pusessem em prática, entre eles, a "mente" ou "sentimento" que tinham em Cristo. Em 3:7-11, Paulo apresenta a sua própria experiência de entrega de tudo o que outrora considerara como "lucro" pelo simples privilégio de conhecer a Cristo Jesus como Senhor. Foi precisamente ao participar dos sofrimentos de Cristo que ele encontrou a certeza de poder compartilhar também de sua triunfante ressurreição. Ele avançava para o alvo que Cristo estabelecera para ele: uma vida de triunfo através de aparente derrota, uma vida através do que tem a forma exterior de morte (3:12-21). Da mesma forma como a exaltação de Cristo seguiu a sua humilhação e serviço sacrificial, e da mesma forma como Paulo verifica que o curso de sua própria vida seguia este padrão, assim também os filipenses são conclamados a **efetuar** a sua **salvação**, não em

disputas egoísticas e busca de glória humana, mas colocando em prática entre eles o sentimento que conheciam em Cristo Jesus. A **vossa salvação** refere-se não tanto à salvação individual quanto à de toda a comunidade. Era a qualidade da vida comunitária deles que mais preocupava Paulo. Mesmo assim, a vida comunitária é uma composição de indivíduos, e a sua qualidade desejada depende de reação individual. Isto, por si mesmo, é um desafio pessoal.

A pesada exigência para a salvação, desta forma efetuada, não é uma coisa utópica nem impossível. Eles não foram deixados à mercê dos seus recursos próprios, para consegui-la. A salvação é obra de Deus do começo ao fim — o que requer que ela se torne a reação voluntária e determinada da parte do homem, do começo ao fim. Ele inicia e completa: ele dá os recursos para o alvo para o qual chama. As suas exigências são, antes de tudo, dons que ele deu. Deus se dá a si mesmo, tornando-se, em nós, uma presença transformadora. **Deus é o que opera em vós.** Ele está aí tanto para **querer** como para **efetuar**. Ele suscita, em uma pessoa, o desejo e o incentivo para a salvação. Ele supre, pelo fato de habitar pessoalmente no homem, a energia para que ele o consiga. **Efetuar** é tradução de **energein**, palavra de onde vem a palavra portuguesa "energia". A salvação é obra de Deus, mas nunca é imposta, nunca é coercitiva: Deus sempre opera dentro da boa vontade do homem (I Cor. 15:10; Gál. 2:20). A salvação é dom de Deus, mas é também exigência dele (veja "Matew", BBC, Vol. 8, p. 64 e s.).

Temor e tremor não são medo covarde ou desconfiança. Estas palavras se referem ao respeito e reverência que se sente na presença de Deus. A proximidade de Deus, na verdade, operando em nós e entre nós, não deve tornar-se uma familiaridade, em que se pensa em Deus apenas como mais outra pessoa entre nós. Embora mais próximo do que um irmão, ele não é apenas um irmão. Ele é Deus. **Temor** e **tremor** são sentimentos também apropriados para a importância primordial e a significação eterna do tipo de existência que pode ser chamado de salvação.

Pode ser que Paulo tenha modelado este apelo segundo a despedida de Moisés, quando pressionou Israel (Deut. 33: 1-5). Se assim for, a sua ausência se refere à morte, que ele esperava ser iminente, e não simplesmente ao fato de ele estar geograficamente longe de Filipos. Esta assertiva é incerta, e não devemos insistir nela, pois muito breve ele esperava estar com eles outra vez (2:24).

4. O Exemplo de Paulo: Derramado Como Libação (2:14-18)

14 Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; 15 para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminares no mundo, 16 retendo a palavra da vida; para que no dia de Cristo eu tenha motivo de gloriar-me de que não foi em vão que corri nem em vão que trabalhei. 17 Contudo, ainda que eu seja derramado como libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós; 18 e pela mesma razão folgai vós também e regozijai-vos comigo.

Não é suficiente fazer. A pessoa precisa **fazer todas as coisas** com o espírito certo. Há sempre o perigo de o homem zeloso se tornar um zelote, ou de aquele que luta pela verdade e o direito se tornar um polemista (cf. Barth, p. 55). **Murmurações** é tradução de uma palavra onomatopaica, referindo-se à pessoa que zomba ou arremeda, como a palavra portuguesa "murmurar". **Contendas** é uma tradução muito pobre para **dialogismōn**. Neste contexto, a referência é a argumentos, discussões, disputas ou brigas. Este termo pode até significar recurso a litígio judiciário (cf. I Cor. 6:1-11). Paulo queria que os filipenses estivessem livres tanto de murmuração particular uns contra os outros como de discussões públicas. A igreja não deve ser um clube de

fofocas nem uma sociedade de debates. Ambas as palavras, **murmurações** e **contendas**, descrevem aspectos de um temperamento de auto-afirmação. (Beare, p. 92), o oposto da mente de Cristo.

Os filipenses deviam estar no mundo, mas não pertencerem a ele (cf. João 17:15). Deviam viver responsavelmente no mundo, mas com uma espécie diferente de existência. Como **filhos de Deus**, eles deviam ser um contraste marcante em relação ao mundo que estava ao redor deles. Deviam ser **irrepreensíveis e sinceros**. Paulo não os considerava perfeitos; todavia, a perfeição é o alvo adequado dos filhos de Deus (cf. Mat. 5:48). Ele não reivindica perfeição como algo que ele mesmo tivesse conseguido, mas que era seu alvo (3:12). Com a palavra **irrepreensíveis**, Paulo dá a entender que eles não podiam permitir abertura para reprovação. Provavelmente, ele está pensando na comunidade como um todo, e não em cada indivíduo. **Sinceros** é literalmente "sem mistura", como o vinho que não foi diluído, ou o metal sem liga.

Em um mundo tortuoso, **corrupto** e **perverso**, eles deviam ser **imaculados**. Os filipenses ainda não haviam alcançado este alvo, mas ele era apropriado. Murmurarem e contenderem eram as máculas contra que Paulo adverte aqui. Neste mundo de trevas, eles deviam **resplandecer como luminares**. Embora Jesus tivesse advertido contra uma exibição religiosa para se ser admirado pelos homens, ele também conclamara os seus seguidores para viverem abertamente em um estado de bondade diante de Deus e do mundo, deixando que a luz de suas boas obras brilhasse diante dos homens (Mat. 5:16). **Luminares** (em o N.T. apenas aqui e em Apoc. 21:11) traduz a palavra grega usada quase exclusivamente para designar corpos celestiais: estrelas ou outros astros (Lightfoot, p. 115). Pode ser que Paulo esteja pensando nas estrelas que dão orientação para os marinheiros, durante a noite, mas, provavelmente, a sua idéia é simplesmente apresentar um contraste entre luz e trevas.

A palavra da vida é, com certeza, o evangelho. Não é provável que Paulo esteja usando "palavra" para designar Cristo, como em João 1:1. A maior parte do Novo Testamento ainda não havia sido escrita, e por isso ele também não podia estar se referindo à Bíblia como a conhecemos hoje. **Retendo** possivelmente capta o significado que Paulo queria expressar, embora possa ser "apresentar" ou "oferecer". Eles não deviam abrir mão das verdades que haviam recebido (Michael, p. 108). A idéia, aqui, não é tanto que eles pregassem o evangelho como que eles permanecessem fiéis à sua luz.

Se, desta forma, eles fossem fiéis, o trabalho de Paulo seria justificado no **dia de Cristo**, isto é, por ocasião do juízo final (cf. 1:6,10). Se eles fossem permanecer firmes, ele poderia orgulhar-se pelo fato de ele não ter sido realizado **em vão**.

Paulo prevê que o seu destino podia ser o martírio, e acalenta esperanças de que pudesse ver os filipenses novamente. Por outro lado, ele experimentara demasiados açoitamentos e ameaças à vida para deixar de entender que podia ser sentenciado à morte por alguma corte de justiça ou multidão. Ele não procurava a morte nem tinha um medo mórbido dela. Estava preparado para a vida ou para a morte (1:21). Se o martírio viesse, seria a sua **libação**, acrescentada ao **sacrifício e serviço** deles.

Libação era uma oferta líquida, costumeiramente um copo de vinho, derramado em conexão com o oferecimento de uma vítima sobre um altar. Paulo pode estar pensando no derramamento de sua própria vida como de importância secundária em relação ao serviço sacrificial dos filipenses. Se assim é, era-lhe apropriado e elegante pensar nessa libação da maneira que fez, fossem quais fossem as medidas ou méritos relativos de seus respectivos ministérios. Se ele devesse ser chamado para derramar dessa forma a

sua vida, não queria piedade ou tristeza. Seria, para ele, uma alegria, e nisso queria que eles ficassem alegres e se regozijassem. Esse derramamento jubiloso da vida é uma reação apropriada ao derramamento da própria vida de Cristo, em serviço obediente e na morte (2:6-8).

Sacrifício e serviço é literalmente "sacrifício e serviço sacerdotal". Essas duas palavras gregas são governadas por um só artigo, e, provavelmente, formam uma só concepção (Michael, p. 110). O que se quer dizer por sua **fé** não está claro. O genitivo é, provavelmente, subjetivo, e não objetivo. Não é o oferecimento de sua fé, mas uma oferta sacrificial de si mesmos, originando-se de sua fé, confiança ou dedicação a Cristo.

5. O Exemplo de Timóteo: Preocupação com os Outros (2:19-24)

19 Ora, espero no Senhor Jesus enviar-vos em breve Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo as vossas notícias. 20 Porque nenhum outro tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso bem-estar. 21 Pois todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus. 22 Mas sabeis que provas deu ele de si; que, como filho ao pai, serviu comigo a favor do evangelho. 23 A este, pois, espero enviar logo que eu tenha visto como há de ser o meu caso; 24 confio, porém, no Senhor, que também eu mesmo em breve irei.

Paulo faz, em vários estágios, planos relativos a si mesmo e aos filipenses. Epafrodito levaria a carta a Filipos (2:25); ele esperava mandar Timóteo logo que fosse indicado o resultado do seu julgamento (2:23); e Paulo confia que ele mesmo poderia visitá-los mais tarde (2:24). Era urgente que os filipenses ficassem livres o mais depressa possível de sua ansiedade a respeito da doença de Epafrodito, que lhes fora comunicada (2:28). Timóteo teria um ministério duplo: servir os filipenses (2:20) e em seguida, esperava-se, trazer de volta notícias para alegrar Paulo (2:19).

Timóteo era um dos mais devotados e confiáveis amigos de Paulo (veja o comentário sobre 1:1). Ele também era bem conhecido dos filipenses. Havia acompanhado Paulo na sua primeira visita a Filipos (At. 16:1 e ss.). E havia precedido Paulo, na ida a essa cidade, vindo de Éfeso, por ocasião da segunda visita conhecida, de Paulo, à igreja ali (I Cor. 16:10). Eles conheciam **as provas** que ele havia dado, isto é, o seu caráter íntegro. Ao mandar Timóteo, Paulo tinha a certeza de que ele não seria um substituto inadequado, mas alguém que o representaria tão bem quanto possível.

O principal objetivo de Paulo em mandar Timóteo era que **eu esteja de bom ânimo, sabendo as vossas notícias.** Não se segue, necessariamente, que Paulo os ia encontrar em um estado que lhe causasse alegria. Há demasiadas evidências de murmurações, desavenças, desunião, e tensão aberta, como a existente em Evódia e Síntique (4:2). A missão de Timóteo era ocasionar uma situação mais feliz em Filipos, e, desta forma, propiciar a Paulo o **bom ânimo** que ele esperava.

Paulo não tinha à disposição ninguém que fosse tão qualificado para essa delicada missão quanto Timóteo. Ele corporifica a "mente" que os filipenses precisavam obter. **Nenhum outro tenho de igual sentimento** é tradução de uma cláusula ambígua. Literalmente, quer dizer: "Não tenho ninguém de alma igual" ou "de mente igual". Isto tem sido entendido com o significado de: "Não tenho ninguém igual 'a mim em alma'", isto é, "como eu". A gramática favorece outro significado: "Não tenho nenhum outro como ele." Beare (p. 96) sugere: "Não tenho ninguém que se lhe iguale" ou: "Não tenho ninguém mais que possa encher os meus sapatos, para a tarefa em vista."

Era o espírito de Timóteo que o qualificava dessa forma para a tarefa a realizar em Filipos. Ele se mostraria genuinamente ansioso pelo bem-estar deles. Não havia nada de bisonho a respeito de sua preocupação; ela era autêntica (cf.

I Tim. 1:2, onde a autenticidade de Timóteo é louvada). Os outros podiam egoisticamente **buscar o que é seu**, mas Timóteo não. Ele tinha a abnegação já recomendada, a mente que se esperava que alguém tivesse em Cristo Jesus (2:5). Ele cuidaria dos interesses deles, porque buscava as coisas de Cristo. Ele **serviu a favor do evangelho** com Paulo. **Serviu** é literalmente "foi escravo". Isto pode estar-se referindo a 2:7, onde se diz que Cristo Jesus tomou a forma de servo ou escravo.

Paulo assemelha Timóteo a um seu filho no ministério, mas se associa com Timóteo em sua servidão: **serviu comigo.** A sua missão seguinte seria produzir uma nova mente de abnegação e unidade em Filipos. Na presença de Timóteo, podiam eles continuar as suas porfias e busca de interesse próprio?

Será que Paulo quer dizer que todos os que estavam ao seu redor, sem exceção, buscavam os seus próprios interesses? Isto precisava, de alguma forma, ser modificado, pois ele já havia reconhecido que alguns pregavam Cristo por boa vontade e amor (1:15 e s.). Possivelmente, Paulo quer dizer que ele não tinha nenhuma pessoa disponível como Timóteo, adequada para a missão a Filipos. Esta missão acarretaria dias ou semanas, dependendo de o ponto de partida ser Roma, Éfeso ou Cesaréia. A pessoa teria que deixar negócios e, possivelmente, a família. No entanto, o mais importante era que poucos possuíam a mente de Cristo como Timóteo, e essa mente era o que os filipenses precisavam.

6. O Exemplo de Epafrodito: Risco de Vida em Favor de Outros (2:25-30)

25 Julguei, contudo, necessário enviar-vos Epafrodito, meu irmão, e cooperador, e companheiro nas lutas, e vosso enviado para me socorrer nas minhas necessidades; 26 porquanto ele tinha saudades de vós todos, e estava angustiado por terdes ouvido que estivera doente. 27 Pois de fato esteve doente e quase à morte; mas Deus se compadeceu dele, e não somente dele, mas também de mim, para que eu não tivesse tristeza sobre tristeza. 28 Por isso vo-lo envio com mais urgência, para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis, e eu tenha menos tristeza. 29 Recebei-o, pois, no Senhor com todo o gozo, e tende em honra a homens tais como ele; 30 porque pela obra de Cristo chegou até as portas da morte, arriscando a sua vida para suprir-me o que faltava do vosso serviço.

Epafrodito é desconhecido, a não ser por esta passagem. Ele não deve ser confundido com Epafras, citado em Colossenses 4:12. Estas são duas formas do mesmo nome, mas as pessoas parecem ser diferentes. Este nome é derivado da deusa grega Afrodite. Muitos pagãos convertidos continuaram a usar nomes pagãos familiares. Epafrodito é apresentado como **irmão, cooperador** e **companheiro nas lutas** de Paulo. **O** primeiro termo se aplica a qualquer crente. **Cooperador** pode referir-se à sua associação anterior com Paulo em Filipos. **Companheiro nas lutas** significa que ambos eram companheiros nos conflitos como soldados cristãos. Paulo fazia extensivo uso de termos militares, mas os transmutava a todos em forças espirituais. Ele afirmava que não estamos empenhados em uma "guerra mundana" e que "as armas da nossa milícia não são carnais" (II Cor. 10:3 e s.)

Epafrodito também é apresentado como **enviado** dos filipenses para suprir as necessidades de Paulo. **Enviado** é tradução da palavra grega comumente vertida como "apóstolo", mas não é usada aqui no sentido empregado em relação aos doze ou a Paulo. Ele era um **apóstolo** para a igreja, enviado em uma missão específica pela igreja e autorizado a agir em nome da igreja dentro dos limites desse comissionamento. **Para me socorrer** é tradução de uma palavra que significa "serviço sacerdotal", mas ele não era um sacerdote no sentido técnico. Em sentido metafórico, completou um serviço sacerdotal (v. 30) em favor dos filipenses (cf. Vincent, p. 71). A expressão grega é composta de duas palavras; uma designando a pessoa (o nosso "laicato") e

a outra, o trabalho. Podia referir-se a serviço público, social, mas, provavelmente, o significado, aqui, é de serviço sacerdotal. Paulo considera os serviços ordinários, como o suprimento de necessidades materiais ou cuidado de um irmão que está na cadeia, serviço sacerdotal ou religioso. Nada é secular quando, em nome de Cristo, uma pessoa serve a outra, em qualquer nível de necessidade.

Paulo achou necessário enviar Epafrodito imediatamente a Filipos, para aliviar a ansiedade deles a respeito deste, que **estava angustiado** por saber que eles haviam tido notícias de sua recente enfermidade. Paulo também queria ser aliviado, sabendo que os filipenses e Epafrodito estavam ansiosos a respeito uns dos outros.

Não é possível resolver a questão de quanta distância separava Paulo dos filipenses. Parece ter havido pelo menos quatro viagens: (1) notícias haviam chegado a Filipos a respeito da prisão de Paulo, (2) Epafrodito havia sido enviado com ajuda a Paulo, (3) notícias da doença de Epafrodito haviam chegado a Filipos, e (4) ele ficara sabendo que eles tinham conhecimento de sua enfermidade. Tantas viagens assim podem dar a entender que a distância não era tão grande como a existente para Roma ou Cesaréia. Por outro lado, se a distância fosse suficientemente curta, para permitir uma rápida viagem, haveria pouca razão para toda essa discussão a respeito de sua volta (Beare, p. 98).

Epafrodito não havia estado apenas **doente e quase à morte**, mas parece que ele se expôs a algum risco, que quase lhe custou a vida. **Quase à morte** é literalmente "próxima porta vizinha à morte." **Arriscando a sua vida** é linguagem de jogador. Ele pusera em jogo a sua própria vida. Levara a sua vida a um risco calculado, pusera-a em jogo, no seu esforço de fazer, em favor de Paulo, o que os filipenses não podiam fazer pessoalmente. Ele fizera isso para **suprir** o que **faltava** do **serviço** deles, literalmente "levar à plenitude" o que estava faltando no seu "serviço sacerdotal" em favor de Paulo. Essa falta não implica em negligência ou qualquer coisa digna de culpa da parte dos filipenses. Refere-se ao que poderia ser realizado apenas através de presença e atenção pessoais.

Paulo não estabelece explicitamente a abnegação e o serviço sacrificial de Epafrodito como exemplo para os filipenses, mas esta sugestão é facilmente deduzida. Como podiam eles persistir em suas querelas divisoras na presença de um dentre eles que pusera em jogo a sua própria vida, devido à sua devoção a Paulo e à sua igreja? Eles são exortados a **receber** Epafrodito e a ter **em honra a homens tais como ele**. Não havia maneira melhor para eles o honrarem do que emulando o seu espírito generoso e sacrificial.

IV. Advertências Contra uma Religião Distorcida (3:1-21)

1. Confiança na Carne Contra o Conhecimento de Cristo (3:1-11)

1 Quanto ao mais, irmãos meus, regozijai-vos no Senhor. Não me é penoso a mim escrever-vos as mesmas coisas, e a vós vos dá segurança. 2 Acautelai-vos dos cães; acautelai-vos dos maus obreiros; acautelai-vos da falsa circuncisão. 3 Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne. 4 Se bem que eu poderia até confiar na carne. Se algum outro julga poder confiar na carne, ainda mais eu: 5 circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei fui fariseu; 6 quanto ao zelo, persegui a igreja; quanto à justiça que há na lei, fui irrepreensível. 7 Mas o que para mim era lucro passei a considerá-lo como perda por amor de Cristo; 8 sim, na verdade tenho também como perda todas as coisas pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como refugo, para que possa ganhar a Cristo, 9 e seja achado nele, não tendo como minha justiça a que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé; 10 para conhecê-lo, e o

poder da sua ressurreição e a participação dos seus sofrimentos, conformando-me a ele na sua morte, 11 para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição dentre os mortos.

Neste ponto, é óbvia uma grande mudança de direção nesta carta. **Quanto ao mais** é tradução de **loipon**, que recorre a 4:8. Se **quanto ao mais** é o significado pretendido, Paulo reabriu a carta em 4:8, para abordar um novo assunto, ou alguma coisa foi inserida (ou excluída) do capítulo 3. É questionável se a palavra "finalmente", utilizada na versão **RSV** inglesa, interpreta corretamente a intenção de Paulo na carta que está diante de nós. Esta expressão, **quanto ao mais**, deve estar registrando nada mais do que uma transição, e não uma conclusão (esta palavra significa "daqui em diante", em I Cor. 7:29, II Tim. 4:8 e em outras partes do N.T.). Em II Coríntios 13:11, **loipon** parece introduzir uma conclusão; mas, em I Tessalonicenses 4:1, ela é seguida por dois capítulos, e, em II Tessalonicenses 3:1, por todo um capítulo, com mudança de assunto em cada caso.

O problema da estrutura literária foi verificado na Introdução. Pode-se argumentar contra a inserção de material de alguma carta de Paulo que de outra forma estaria perdido, ou a favor da perda de uma parte da carta original, deixando uma fenda abrupta em 3:1. Em vista das milhares de perturbações textuais expressas nos manuscritos existentes, do Novo Testamento, a maioria delas de menor importância, mas algumas tão extensas quanto o longo término do Evangelho de Marcos (16:9-20), **a priori**, ninguém pode excluir a possibilidade de um rompimento textual em Filipenses, tão primitivo que nenhum manuscrito existente preserva a forma original. Por outro lado, nenhuma teoria de inserção ou exclusão foi conclusivamente demonstrada. É ainda mais precário tentar reconstruir o texto "original" a partir apenas das evidências internas.

Em tudo, parece melhor tentar entender Filipenses como ela nos veio nos manuscritos. O capítulo 3, com a possível exceção do verso 1, é um bloco só, e a polêmica acerca da maneira como ele começa (3:2) e termina (3:18 e s.) está interligada com o apelo de Paulo em favor da maturidade cristã, preparando o caminho para o capítulo 4 (Scott, p. 72). A ênfase a respeito da importância de ter o "sentimento" correto (v. 15), a respeito do "exemplo" (v. 17), do "sofrimento" (v. 3:10) e da "cruz de Cristo" (v. 18), é a mais forte evidência interna de que o capítulo 3 é uma continuidade do capítulo 2.

Regozijai-vos provavelmente traduz a intenção de Paulo em 3:1a (como em 2:18; 4:4), embora muitas pessoas insistam em que "adeus" é o significado correto. [12] Em 2:18, **chairete** só pode significar regozijo. Em 4:4, pode significar adeus. Em 3:1a, ligado a **no Senhor**, certamente significa regozijo, e não despedida.

O que Paulo quer dizer, ao falar em **as mesmas coisas?** Alguns consideram que isto faz parte de uma outra carta, inserida aqui, ou de algo que foi excluído desta carta. Presumindo a unidade estrutural básica de Filipenses, e tendo apenas mais um exemplo da rudeza de estilo que Paulo se permitira (II Cor. 11:6), podemos procurar indícios na própria carta. A referência mais provável é ao dever de se regozijar (cf. 2:18,28; 3:1: 4:4) e ao perigo de dissensões (cf. Lightfoot, p. 123).

Continuar escrevendo a respeito dessas coisas, embora sendo repetitivo, para Paulo era algo não **penoso**, e a eles dava **segurança**. Isso não o cansava, e era algo em que eles podiam confiar descansadamente. A alegria é parte essencial e adequada do discipulado cristão, e murmuração e dissensão o contradizem. Havia tanta coisa em jogo, que Paulo podia se

12 Cf. E. J. Goodspeed, **Problems in New Testament Translation** (Chicago: University of Chicago Press, 1945), p. 174 e ss.

arriscar em ser repetitivo. Isso não lhe era pesado, e era uma salvaguarda para eles (Barth, p. 92).

O versículo 2 vem como um golpe, tão forte que muitos intérpretes chegam à conclusão de que a seção que ele inicia veio de outra carta e é uma inserção posterior a Filipenses. Ele introduz uma veemente advertência contra a ameaça de alguma forma de judaísmo, cristão ou não-cristão (3:2-11). Tanto as acusações que Paulo faz contra os que são chamados de **cães, maus obreiros** e **falsa circuncisão**, quanto a maneira pela qual ele descreve a sua própria experiência de conversão apontam, indiscutivelmente, para algo judaico. Os eruditos estão divididos a respeito desta questão, e ela não pode ser respondida conclusivamente. Os **cães** podiam ser judeus não-cristãos, tentando fazer prosélitos dos cristãos, ou podiam ser judaizantes, isto é, cristãos que insistiam que Cristo não nos libertou da lei judaica, inclusive da circuncisão.

Possivelmente, há mais base em se dizer que os oponentes de Paulo eram judaizantes do que dizer que eles eram judeus ou prosélitos gentios, convertidos primeiramente ao judaísmo e depois ao cristianismo. Ele teria menos justificação para invectivar contra os judeus, que, se sinceros, tinham o mesmo direito que ele de procurar convertidos, do que contra judeus cristãos (ou cristãos gentios) que haviam voltado ao legalismo, depois de encontrarem a liberdade em Cristo (cf. Gál. 1:6; 3:1 e s.; 5:1). Paulo era extremamente duro para com qualquer cristão que parecesse se "judaizar". Ele podia ser muito terno em relação aos judeus que não criam, a quem ele ainda amava como seus conterrâneos (cf. Rom. 9:1 e ss.). Sabemos que havia judaizantes que, como cães, seguiam as pegadas de Paulo na Galácia, Síria e por toda parte. Não se conclui, necessariamente, que eles haviam de fato chegado a Filipos, mas estavam em ação a esmo.

Acautelai-vos dos cães pode ser entendido em termos de antecedentes gentios ou judaicos. Pode esta expressão fazer eco à familiar frase latina: **Cave canem** ("cuidado com o cachorro"), porém mais provavelmente Paulo está devolvendo aos judeus o termo com que eles tratavam os gentios, chamando-os de cães. O termo é duro embora fosse usado comumente. Possivelmente, Paulo o reserva para os fanáticos religiosos, que estavam decididos, a qualquer custo, a impor os seus métodos partidários ao povo. Esta expressão dura pode expressar a crescente tensão entre cristãos judeus e gentios dentro da igreja e/ou entre a sinagoga e a igreja. Esta tensão alcançou o seu ponto crítico nos anos que antecederam a primeira Guerra Judaico-Romana (66-70 d.C.). Desse ponto em diante o cristianismo se introduziu ainda mais profundamente no mundo gentílico, afastando-se cada vez mais do judaísmo. Um movimento, que inicialmente havia sido inteiramente judeu, tornou-se quase exclusivamente gentio no fim do primeiro século. Os sentimentos eram exacerbados de ambos os lados, através dos vários estágios de conflito, tensão e divisão. Possivelmente, um esforço mais sério foi feito para haver um diálogo construtivo entre judeus e cristãos desde a Segunda Guerra Mundial do que do primeiro século até o XX.

Freqüentemente é dito que os **cães** eram impuros para os judeus, mas isto não é uma verdade irrestrita. No livro fariseu de Tobias, consta que este possuía um cachorro que o seguiu em sua famosa viagem. Os judeus, aparentemente, possuíam cachorros como animais de estimação (cf. Mat. 15:27). Provavelmente, os cães não eram impuros como tais, mas freqüentemente eram considerados contaminados por causa dos seus hábitos alimentares. Paulo pode estar considerando a "pureza" legal ou ritualmente considerada, dos seus oponentes, como intrinsecamente impura. **Maus obreiros** e **falsa circuncisão** referem-se às mesmas pessoas anteriormente chamadas de **cães**. A ameaça que eles

representavam não era a perseguição, mas a sedução. Eles procuravam trazer os cristãos de volta ao judaísmo, ou, provavelmente, transformar o cristianismo de novo em judaísmo (Barth, p. 92). Eram maus obreiros pelo fato de se ocuparem ativamente em tão-somente fazer as suas vítimas se desviarem dos valores autênticos, e tomarem como seus valores falsos; se desviarem das realidades, passando a viver em sombras.

Falsa circuncisão traduz a expressão grega **tên katatomên**, que significa a "a concisão" ou "a incisão". Esta é uma paródia óbvia a **peritomê**, "circuncisão". A circuncisão física havia servido como sinal ou símbolo de que a pessoa pertencia à comunidade de Deus, mas atribuir a ela valor salvador era distorcer o seu significado. Tentar elevá-la à condição de sacramento salvador era degradâ-la à condição simples de uma mutilação da carne. De acordo com Atos 16:3, Paulo circuncidara Timóteo; mas quando fizeram da circuncisão um teste de salvação ou de comunhão à mesa, ele colocou-se firmemente na posição de que "a circuncisão nada é, e a incircuncisão nada é" (I Cor. 7:19). Será que uma atenção mais cuidadosa a respeito da coerente distinção feita, por Paulo, entre a circuncisão do coração e a da carne, e a sua recusa em deixar que esta última se tornasse um teste de salvação ou de comunhão à mesa nos direciona quanto ao batismo, hoje em dia?

Paulo deu grande valor à distinção entre a artificialidade e a superficialidade da "circuncisão na carne, feita por mãos" (cf. Rom. 2:25-29; Ef. 2:11; Col. 2:11). Um sacerdote não podia executar a circuncisão no coração. Esta espiritualização da circuncisão não começou com Paulo, mas dentro do judaísmo pré-cristão, remontando pelo menos a Jeremias (4:4). Em Deuteronômio (10:16; 30:6), a circuncisão do "prepúcio" do "coração" é ligada ao grande mandamento de amar a Deus com todo o ser. Filo posicionou-se no sentido de que o novo convertido não precisava ser circuncidado.

No verso 3, Paulo faz duas declarações básicas: (1) somos a verdadeira **circuncisão** e (2) a nossa confiança reside **em Cristo**, e não **na carne**. A primeira é a declaração de que o verdadeiro judaísmo encontra o seu cumprimento em Cristo e sobrevive nele. A segunda é a declaração de que Cristo é inteiramente suficiente para a salvação, não precisando de nenhum suplemento oriundo da virtude ou do esforço do homem. Ao falar em **carne**, Paulo refere-se, aqui, ao próprio homem, separado de Deus. Algumas vezes ele usa carne no sentido literal (cf. I Cor. 15:39) e algumas vezes referindo-se à pessoa toda (cf. Rom. 3:20; I Cor. 1:29; Gál. 1:16; 2:16). Mais freqüentemente, ao falar em carne, Paulo alude à fraqueza do homem ou à sua distância de Deus, considerando o homem como sem redenção (cf. Rom. 7:5; 8:4,5,13; II Cor. 1:17; 5:16; 10:2,3). Aqui ele está descrevendo o homem estribando-se nos seus próprios privilégios e realizações, confiante que pode estabelecer-se com Deus (cf. Rom. 10:3).

Em contraposição à **carne**, isto é, ao amor-próprio, confiança-própria, auto-afirmação, está **Cristo**. Oferecemos a ele o nosso serviço religioso ou **culto**, e a nossa **glória** ou confiança reside nele, e não em nós mesmos. Isto fazemos no **espírito**, de maneira contrastante com a **carne**. Em alguns manuscritos consta "Espírito de Deus", dando a entender que é pelo Espírito Santo que somos capazes de passar da confiança em nossas obras para a confiança na obra de Cristo. Na mais antiga cópia existente de Filipenses (P^{46}, começo do terceiro século) não consta nem "em espírito" nem "no Espírito Santo". Em alguns manuscritos consta "em Deus". Provavelmente, P^{46} preserva a redação original, sendo todas as outras apenas glosas explanatórias.

A pessoa só pode renunciar o que tem; não pode desistir do que não tem. Paulo

estava em condições de declarar como eram destituídas de valor muitas das coisas que ele outrora considerava como primordiais. Ele não expressava a inveja de alguém que nada tem (Barth, p. 95). Ele sabia, mediante experiências de primeira mão, o que é confiar em aparentes vantagens, virtudes e realizações religiosas aparentes. Ele podia sobrepujar os seus oponentes no próprio campo deles (cf. II Cor. 11:18-12:11). Ele podia jactar-se de ter mais razões para **confiar na carne**, mas toda essa confiança nenhum valor tinha.

O que Paulo deu a entender como **carne** é ilustrado nos versos 5 e 6. Ele era **circuncidado ao oitavo dia**, em observância à lei judaica (Gên. 17:12; Lev. 12:3). Os ismaelitas eram circuncidados com a idade de treze anos, e os prosélitos, por ocasião de sua conversão. Paulo passara por esse ritual de introdução como judeu por nascimento. Ele era **da linhagem de Israel** (cf. Rom. 11:1; II Cor. 11:22). Israel era o nome que os judeus haviam recebido de Deus por aliança com ele. A família de Paulo não havia perdido o rastro de sua identidade tribal, sabendo que pertencia à **tribo de Benjamim**, a tribo que, juntamente com Judá, permanecera leal à linhagem davídica durante o reinado de Roboão (I Reis 12:21 e ss.); e com a tribo de Judá retornara à Palestina depois do Exílio (Esd. 4:1). É claro que Benjamim era filho de Raquel, esposa favorita de Jacó. Paulo era **hebreu de hebreus**, provavelmente uma referência ao fato de sua família ter retido sua linguagem ancestral, hebraico ou aramaico (cf. At. 21:40; 22:2; 26:14). Embora ele tivesse crescido em uma cidade grega e tivesse sido exposto à cultura helênica, permaneceu basicamente hebreu.

Os cinco "ganhos" acima citados pertenciam à herança de Paulo, e não haviam sido escolha sua. Os três seguintes foram escolha sua. Ele era **fariseu** com respeito à **lei**. Os fariseus eram um partido religioso que emergira do conflito judaico com os selêucidas durante o período dos Macabeus. Eram leigos que se haviam tornado peritos na lei mosaica e paladinos das tradições de Israel. Parece que Paulo petencia à escola mais liberal do farisaísmo, a de Hillel e não de Shammai, tendo sido aluno de Gamaliel (At. 22:3).

Quanto ao zelo, Paulo outrora poderia ter-se jactado de que era **perseguidor da igreja** (cf. Gál. 1:13 e s.). É inegável que no passado Paulo considerara tal perseguição uma virtude, e isso era, naquela época, considerado de valor no judaísmo. Tanto o judaísmo como o cristianismo têm um registro de perseguição religiosa, tanto como agressores quanto como vítimas. Cada um deles conseguiu o melhor de si mesmo debaixo de perseguição, e cada um deles afundou-se ao seu nível mais baixo, ao perseguir outros. O Velho Testamento e a literatura judaica não-canônica preservam o registro, feito por Israel, da perseguição por ele movida contra os seus mais importantes profetas, bem como contra muitos não-judeus. Da mesma forma, o cristianismo levou ao martírio alguns dos seus melhores homens e perseguiu não-cristãos de tempos a tempos. "A panela não pode xingar a chaleira de preta." Ambas as religiões traíram os seus próprios princípios, o seu Deus e o mundo, recorrendo freqüentemente à força bruta e à coerção, ao invés de enveredar pelo caminho do amor e do serviço sofredor que culmina na cruz. Antes de Paulo encontrar-se com Cristo, era perseguidor; depois, foi perseguido, até em Filipos (At. 16:16-40).

Quanto à justiça, isto é, **à que há na lei**, Paulo encontrava-se **irrepreensível**. Essa era a justiça legal, medida por submissão à lei mosaica, da maneira como ela era interpretada pela tradição farisaica. Os fariseus haviam interpretado a lei mosaica com detalhes meticulosos, e a haviam aplicado a todas as áreas da vida. A motivação básica, indubitavelmente, era boa, mas, quando eles começaram a tender a "medir-se uns pelos outros" (II Cor. 10:12), o processo

tornou-se bem enganoso. Não tem cada comunidade a tendência de se avaliar segundo os seus próprios costumes? Pessoas sinceras podem ser tão enganadas, pelo exame que fazem de si mesmas, ao ponto de até chegar a matar outras pessoas, pensando que estão prestando um serviço a Deus (João 16:2). Saulo, o fariseu, zeloso pela lei, satisfazendo tão plenamente os padrões religiosos do seu grupo a ponto de ser considerado inculpável, podia, ao mesmo tempo, perseguir as pessoas que estavam em uma posição religiosa diferente!

Quando Paulo veio a conhecer Cristo Jesus, muitos dos seus valores foram invertidos. O que ele havia acariciado como **lucro** subitamente se tornou **perda**. Alguém que ele havia desprezado se tornou o seu **Senhor**. Duncan [13] certamente está certo em verificar laços ineludíveis entre 3:7-14 e 2:5-11 (evidência ulterior da originalidade do capítulo 3 como pertencente à carta). Da mesma forma como Cristo havia ganho tudo, ao abrir mão de tudo, Paulo encontrara o seu maior lucro exatamente no ponto em que aquilo que ele anteriormente havia considerado **lucro** se tornou **perda**. Que a vida é encontrada perdendo-a não é apenas um ditado (Mat. 10:39); é o próprio cerne da espécie de existência que Jesus tinha e nos oferece. É a verdade mais profunda que ele ensinou, e a mais difícil de realmente crermos e aceitarmos.

O conhecimento de Cristo Jesus como **Senhor** passou a ser, para Paulo, a suprema **excelência**. Conhecimento, da forma como é usado aqui, é mais do que realização intelectual. É um conhecimento que domina a vontade e o coração igualmente (Beare, p. 114). Existe uma espécie de conhecimento em que um sujeito pessoal domina um objeto. Este é o conhecimento de uma coisa. Neste relacionamento, o sujeito domina o objeto, mas o objeto não conhece o sujeito. Conhecer a Cristo é mais do que conhecer algo a respeito dele. É o conhecimento que um sujeito tem a respeito de outro sujeito. É o relacionamento pessoal possível quando uma pessoa encontra outra em uma atmosfera de amor e confiança, onde há aceitação e dedicação. Podemos conhecer Cristo porque primeiramente ele nos conhece (cf. Gál. 4:9). Revelação não é, primordialmente, o fato de Deus ministrar fatos para nós, mas de ele se dar por nós. O conhecimento que Paulo tem em mente é aquele possível quando a fé responde à revelação.

Conhecer Cristo Jesus como **Senhor** é colocar-se sob as suas reivindicações, considerando-as absolutas e finais. É submeter-se ao reino de Deus (governo soberano de Deus) da maneira como ele nos confronta nAquele que ele ungiu (Cristo) para reinar. Ninguém pode conhecer Jesus (Yahweh salva) como Salvador sem conhecê-lo como Cristo (ungido para reinar), o **Senhor**. É como o reino dos céus: custa tudo e vale tudo (Mat. 13:44 e s.).

Quando Paulo **sofreu a perda de todas estas coisas** por amor de Cristo, não estava desistindo de coisas até então consideradas más ou indignas. Esses eram os seus antigos tesouros, e as coisas consideradas de mais valor por sua família e seus amigos. Mas na presença de Cristo tudo era invertido. Os seus cumes se tornavam abismos, a sua certeza, incerteza, a sua luz, trevas, o seu máximo, um mínimo (Barth, p. 97). O que se tornara **perda** não era a sua impiedade anterior, mas a sua "bondade" anterior. Barth (p. 98) o declara veementemente: por causa de Jesus Cristo, o "orgulhoso é humilhado, o resistente, abalado, as certezas são dissipadas, o homem em sua bondade autofabricada é desmascarada, o homem israelita, no esplendor do seu sistema religioso, declarado culpado diante de Deus".

Paulo chegou a considerar **como refugo** aquilo em que confiara e aquilo que amara. **Refugo** é tradução de uma palavra que significa, literalmente, "varredura das rnas", "migalhas da mesa" ou

13 Op. cit., p. 791.

"excremento". O contexto permitiria "migalhas da mesa" lançadas aos **cães** (**skubala** é de **es kunas balein**, lançar aos cães, de acordo com Moulton e Milligan), mas a analogia exata permanece incerta. Por qualquer interpretação, o termo é de desprezo, aplicado à sua antiga segurança, justiça própria e zelo.

A renúncia ou desistência da justiça própria legalista de Paulo não resultou em libertinismo antinomiano. Liberdade do legalismo não significa ilegalidade. A **justiça** permaneceu sendo o seu alvo consumidor. Mas, em Cristo, ele chegou a ter uma nova compreensão de justiça, tanto quanto ao seu conteúdo como quanto aos meios de obtê-la. A **minha justiça** havia sido anteriormente o seu alvo. Seria a sua virtude e as suas realizações. Isto provou-se como não apenas inatingível, mas, na verdade, levou-o ao orgulho e a um zelo soberbo, que perseguia os outros. Em Cristo, ele buscou a justiça **que vem de Deus** e que é recebida através do canal **da fé**. É uma realização de Deus, e não do homem; e ela é conseguida naquele que tem a abertura da fé para receber Cristo, em sua vida, como presença viva, transformadora. É isto o que significa estar **nele** ou ter "Cristo em vós" (Col. 1:27).

Justiça não é meramente forense ou imputada. Nem justiça nem justificação (palavras cognatas no grego e em português) devem ser entendidas simplesmente como termos forenses oriundos das cortes judiciais, mas como termos com raízes no Velho Testamento, onde justiça e salvação são, muitas vezes, sinônimos (Synge, p. 42). É verdade que Deus aceita os pecadores, embora sejam ainda pecadores; mas isto não quer dizer que ele aceita o pecado. O médico aceita o paciente, mas não a doença. Aceita o paciente, tendo em vista libertá-lo da doença. Deus aceita o pecador, tendo em vista torná-lo justo. **Justiça** não é apenas um novo relacionamento com Deus; é também uma nova espécie de existência, uma nova qualidade de vida — de atitudes e ações — retidão intrínseca na vida e na conduta. É o triunfo do bem sobre o mal, não como consecução do homem, mas como obra de Deus.

Esta justiça será aperfeiçoada somente escatologicamente, por ocasião da **Parousia** de Cristo; mas já está em elaboração, como a obra criativa de Deus. Paulo é enfático, ao dizer que a **justiça** não tem nada a ver com "ilegalidade" (II Cor. 6:14). Para ele, "bondade" não é uma palavra má; faz parte do "fruto do Espírito" (Gál. 5:22). Salvação, através de todo o Novo Testamento, é dom e exigência de Deus. Nela, a parte do homem é a abertura da **fé** para receber os dons de Deus e submeter-se às suas reivindicações.

No verso 10, Paulo volta à momentosa decisão de submeter tudo a Cristo, a fim de **conhecê-lo**. Os dois lados deste conhecimento de Cristo seriam o compartilhamento de sua **ressurreição** e de seus **sofrimentos**. Para viver com Cristo, precisa-se morrer com ele (cf. João 12:24 e s.; Rom. 6:1-11; Gál. 2:19 e s.). Não podemos voltar ao Gólgota, mas o Cristo que venceu ali pode vir a nós e capacitar-nos para nos tornarmos como **ele na sua morte** e desta forma conhecermos a sua espécie de existência, parcialmente agora e completamente na **ressurreição dentre os mortos**.

Pode ser observado, no verso 10 e s., que a ressurreição é mencionada duas vezes: **sua ressurreição** e **a ressurreição**. Antes que sejamos capazes de **participar dos seus sofrimentos** (cf. Col. 1:24) ou nos **conformarmos com ele na sua morte**, ele o Ressuscitado, precisa vir a nós. É somente no seu poder que podemos ser "crucificados" ou "morrer para viver". Mas **nele** podemos participar dos seus sofrimentos e esperar a ressurreição, que para nós ainda é futura. A vida, agora transformada e revestida de poder, por estar **em Cristo**, é uma realidade significativa, mas ela também espera a ressurreição, que precisa ser corporal, seja qual

for a natureza que esse corpo tenha (cf. I Cor. 15:35-50).

Conformando-me a **ele na sua morte** está mais ligado a 2:6-11 do que esta tradução revela. É conformar-se com a sua morte. Paulo podia encontrar vida apenas derramando-a para Deus, em favor dos outros, da mesma forma como Cristo derramara a sua vida. É o oposto de aproveitar-se da vida e dos seus privilégios. **Conhecê-lo** traduz um infinitivo aoristo, mas isto não exclui uma ação progressiva, como sustenta Beare (p. 122 e s.). O tempo aoristo é simplesmente não descritivo e pode cobrir qualquer espécie de ação, a despeito da ficção de designar "ação pontilear" que gramáticas, que de outra sorte são brilhantes, continuam a afirmar (cf. João 2:20, onde um aoristo se refere a 46 anos da construção do Templo, e Lucas 19:13, onde os discípulos que esperam recebem a ordem de "negociar até que eu venha", sendo empregado um aoristo). [14] **Conhecê-lo** é chegar a conhecê-lo e ainda continuar conhecendo-o.

2. A Ameaça do Falso Perfeccionismo (3:12-16)

12 Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas vou prosseguindo, para ver se poderei alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus. 13 Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante, 14 prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus. 15 Pelo que todos quantos somos perfeitos tenhamos este sentimento; e, se sentis alguma coisa de modo diverso, Deus também vo-lo revelará. 16 Mas, naquela medida de perfeição a que já chegamos, nela prossigamos.

O que Paulo acabou de escrever a respeito de "lucro" e "perda" e a respeito do alvo da "justiça que vem de Deus" parece que o faziam lembrar-se de duas ameaças que colocavam em perigo os filipenses. [15] De um lado, havia a ameaça de um falso "perfeccionismo" (3:12-16), e, de outro, a ameaça do libertinismo antinomiano (3:17-4:1). O primeiro podia ter as suas raízes no legalismo (passando testes fáceis, externos) ou alguma forma de "espiritualidade" gnóstica. Esta última era uma distorção da idéia da graça, considerando-a como uma licença ou liberdade das restrições morais. A religião sempre é ameaçada por estas falácias, resultando no "orgulho, superficialidade e irrelevância do legalismo ou no abatimento moral e na irresponsabilidade ética da licenciosidade, que mascara-se como liberdade" (Stagg, "Mattew", BBC, Vol. 8, p. 61).

Paulo rejeita abertamente qualquer declaração de que ele já **seja perfeito**: Algumas pessoas, em Filipos, pareciam sofrer da ilusão de que eram perfeitas. O que estava diante dele não era apenas o alvo final de alcançar a ressurreição dentre os mortos, mas até o alvo alcançável nesta vida era algo que estava diante dele, e não constituía um alvo já alcançado. A corrida em direção a esse alvo ainda não terminara. Não há sabedoria ou segurança em descansar agora. Fazê-lo seria o mesmo que um corredor parar pouco antes da linha de chegada. Ele precisa **prosseguir... esquecendo-se das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante**. Esta é a **uma coisa** em que ele se concentra. Não existe verbo grego por detrás de **faço**. As palavras de Paulo são abruptas, "stacato", **uma coisa faço** expressando a forte emoção com que ele pensa na sua situação (Martin, **Philippians**, 153).

Ao falar nas **coisas que atrás ficam**, Paulo parece não se referir aos seus antigos valores farisaicos, dos quais já abrira mão, como "perda" ou "refugo". Ele está-se referindo à parte da carreira cristã já percorrida. Ele não podia descansar em seus lauréis. As conquistas passadas não eram suficientes. Não havia

14 O tempo aoristo do verbo pode tratar uma ação como pontilear, mas isto não significa que ela seja por si mesma ação pontilear (cf. A. T. Robertson e W. H. Davis, **A New Short Grammar of the Greek Testament** (New York: Harper & Row, 1933), p. 295.

15 Duncan, IDB, p. 789.

lugar conveniente para parar em uma corrida ainda inacabada.

O **alvo** em direção ao qual ele continuava a lutar era o cumprimento da **vocação celestial de Deus em Cristo Jesus**. Cristo lançara mão dele, chamando-o para uma certa espécie de existência. O alvo de Paulo era alcançar o alvo que Cristo tinha para ele. Perfeição era o alvo, embora ainda não atingido. Era o seu alvo, embora indefinível. Mas ele estava igualmente preocupado em evitar a ilusão de que o alvo já fora atingido.

Haja alcançado provavelmente significa "alcancei", "tomei posse" ou "agarrei firmemente" (Michael, p. 158). Cristo havia "agarrado" Paulo; e, por causa disso, Paulo desejava agarrar a ou apropriar-se da "perfeição", que era o alvo de Cristo para ele. Os escritores do Novo Testamento não tinham medo da perfeição como alvo (cf. Mat. 5:48). Qualquer declaração de que alguém a tenha alcançado é que é denunciada (I João 1:8-10). A conversão é um rompimento radical com o passado, mas é um início, e não um fim. A salvação tem um início e um alvo, mas é conhecida durante a vida de uma pessoa como um processo. Paulo podia escrever a respeito dos "que perecem" e de "nós, que somos salvos" (I Cor. 1:18).

Possivelmente, **alvo** e **prêmio** são duas formas de expressar a mesma coisa. Na época de Paulo, o prêmio, comumente uma grinalda, esperava o vencedor na linha de chegada; mas alvo não era um termo técnico para o fim de uma corrida. Alvo, ou prêmio, para o qual Paulo lutava era **a vocação celestial de Deus em Cristo Jesus**. Ele, provavelmente, refere-se não à sua vocação como apóstolo (cf. Rom. 1:1; I Cor. 1:1), mas ao seu chamado ao discipulado, à vocação que ele compartilhava com todo o povo de Deus. Todos os crentes são "santos por vocação" (I Cor. 1:2).

Perfeitos (teleioi) parece captar o pensamento de Paulo no v. 15, embora a palavra grega seja uma cognata da que é traduzida como "perfeito" no v. 12. Embora as qualidades morais não sejam excluídas, Paulo empregou **teleios (telos** significa alvo ou fim) para os perfeitos (I Cor. 2:6), em contraste com "crianci-nhas em Cristo" (I Cor. 3:1). **Tenhamos este pensamento** significa ter o ponto de vista que Paulo acabara de expressar a respeito de si mesmo. Paradoxalmente, uma pessoa pode ser perfeita tão-somente se negar a perfeição como consecução e afirmá-la como alvo (cf. Barth, p. 111; Beare, p. 131).

Os **perfeitos** são os que prosseguem naquilo **a que já chegamos. Prossigamos** significa "permanecer na fila" ou "marchar em fila". Não pode haver desvio para a esquerda ou para a direita, no caminho que os trouxe até este ponto, mas eles precisam prosseguir nesta direção (Barth, p. 112). Os filipenses são admoestados a permanecerem fiéis a esta atitude ou ponto de vista, que era a condição para progresso ulterior. Eles não deviam esquecer que o alvo era o requisito sob o qual viviam nem sofrer a ilusão de que já o haviam alcançado. Mais luz de Deus está disponível para os que permanecerem abertos para ela — só para estes (cf. Mat. 13:9,12; João 9:39).

O fato de que havia pessoas que sentiam **alguma coisa de modo diverso** depreende-se da forte negação de Paulo a respeito de ter alcançado a perfeição, e do parágrafo seguinte, em que ele expõe o antinomianismo. O **sentimento** que Paulo recomenda, a perfeição como alvo constante, e não a basófia de tê-la alcançado, está à disposição de todos que estejam abertos para ela, pois **Deus também vo-lo revelará**. A palavra grega que está por detrás de **sentis** é um termo proeminente no decorrer de toda a carta (1:7; 2:2,5; 3:19; 4:2,10). Sentir **alguma coisa de modo diverso** é mais do que uma diferença intelectual; é ter uma perspectiva e atitude diferente (Martin, **Philippians**, p. 155).

3. A Ameaça do Libertinismo (3:17-4:1)

17 Irmãos, sede meus imitadores, e atentai para aqueles que andam conforme o exemplo que tendes em nós; 18 porque muitos há, dos quais repetidas vezes vos disse, e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo; 19 cujo fim é a perdição; cujo deus é o ventre; e cuja glória assenta no que é vergonhoso; os quais só cuidam das coisas terrenas. 20 Mas a nossa pátria está nos céus, donde também aguardamos um Salvador, o Senhor Jesus Cristo, 21 que transformará o corpo da nossa humilhação, para ser conforme ao corpo da sua glória, segundo o seu eficaz poder de até sujeitar a si todas as coisas.

1 Portanto, meus amados e saudosos irmãos, minha alegria e coroa, permanecei assim firmes no Senhor, amados.

Tendo enfatizado a perfeição como alvo adequado para o discipulado e tendo advertido contra a presunção de tê-la alcançado, Paulo agora se volta para o perigo de desistir de todas essas aspirações, presumivelmente, em nome da liberdade, que estava sendo, na verdade, pervertida em licenciosidade.

Alguns comentaristas ligam os **inimigos da cruz de Cristo** com os "cães" de 3:2, mas isto não é provável. Se "os cães" eram judeus não-cristãos, nada sabemos acerca de Paulo que nos prepare para a descrição que ele faz deles, como se segue neste parágrafo. Se, como é provável, "os cães", do verso 2, são judaizantes, a descrição desta passagem não se enquadra com eles, a não ser que forcemos indevidamente as analogias do verso 19. Paulo deve ter visto o **fim** dos judaizantes como **destruição**, e não é provável que **ventre** seja uma referência velada às suas leis alimentares, ou que **no que é vergonhoso** se refere ao embaraço judaico em relação à circuncisão, especialmente quando os judeus iam aos banheiros públicos. Os **inimigos** do verso 18 não devem ser os "cães" do verso 2, a despeito de Barth (p. 113 e s.) e outros comentaristas.

Paulo começa o seu novo apelo oferecendo-se, e possivelmente a outros, como exemplo. Ele roga aos seus **irmãos** que se tornem seus **imitadores** (**summimetai**). Eles também são encorajados a **atentar**, isto é, fixar a sua atenção **naqueles que andam conforme** Paulo (e possivelmente outros). É incerto se **nós** é um verdadeiro plural, em contraposição ao singular **meus** (v. 17), ou se é um plural polido, pelo qual Paulo se refere apenas a si mesmo.

Pode parecer que Paulo seja imodesto, ao oferecer-se como exemplo, mas o que ele diz precisa ser interpretado à luz dos versos 4 a 14. A sua única jactância era em Cristo. Ele não reclama ter virtudes ou realizações próprias. Ele nega o fato de ter alcançado o seu alvo em Cristo. Era na sua dedicação à "vocação celestial" que ele podia se oferecer como exemplo. Os filipenses são desafiados a se unirem em seguir o seu exemplo de dedicação ao alvo de perfeição, sem nenhuma jactância de tê-lo alcançado.

Os **muitos** que viviam como **inimigos da cruz de Cristo** são identificados quanto ao seu destino e caráter, mas não de outra forma. Não é possível identificar o seu lugar de residência, se em Filipos ou em outro lugar. Visto que eles eram **muitos** e que Paulo **repetidas vezes** advertira contra eles, possivelmente não eram limitados a um lugar apenas. Já sugerimos que eles não eram os "cães" do verso 2. Não parece que fossem judeus ou judaizantes. Mais provavelmente, eles estavam dentro da igreja, e podiam ser de origem judaica ou gentia. O fato de Paulo fazê-lo **chorando** pode expressar a sua tristeza a respeito dessas vidas, que estavam dentro da igreja, ou a sua ansiedade pelo dano que elas podiam infligir a outros.

Os **inimigos da cruz de Cristo** são descritos quanto ao seu destino e caráter. O seu **fim** era a **perdição**, isto é, a ruína. A referência primária é escatológica, isto é, ao seu juízo final; mas a sua qualidade de existência já era de ruina. O **seu deus é o ventre** indica mais provavelmente a sensualidade, que os libertinos procuravam dignificar como a sua liberdade. **Ventre** pode indicar glutona-

ria, bebedice ou preocupação com as coisas físicas e materiais. Algumas pessoas, na igreja primitiva, achavam-se "espirituais", como tendo um conhecimento especial de Deus, e diziam estar acima do pecado. Diziam que eram essencialmente "alma" ou "espírito", e que o corpo era, para elas, apenas uma casa temporária, sem valor permanente. Os que sustentavam esse dualismo — o espírito como bom e a matéria como má ou sem valor — tornaram-se ascetas ou libertinos. Os ascetas chamavam o corpo de mau e tentavam suprimi-lo, refreá-lo. Os libertinos o chamavam de insignificante, e diziam terem liberdade para fazer o que lhes agradasse, com o corpo.

A sua glória assenta no que é vergonhoso é, novamente, melhor entendido em termos de libertinismo. Essas pessoas "espirituais" podiam até se orgulhar no que ordinariamente é considerado **vergonhoso**. Em Corinto, por exemplo, havia pessoas "arrogantes" ou "inchadas" de orgulho, na igreja, com respeito a um de seus membros que estava "vivendo com a mulher de seu pai" (I Cor. 5:1 e s.). Possivelmente, eles viam esse fato como sinal de que eram tão "espirituais" ao ponto de estar em nível superior a essas restrições. Embora essas pessoas chamassem isso de espiritualidade, Paulo considerava que elas **só cuidam das coisas terrenas**. Não eram espirituais, mas, pelo contrário, carnais (cf. I Cor. 3:1-3).

Os tais eram **inimigos da cruz** pelo fato de rejeitarem o princípio, por ela exarado, de abnegação e sacrifício próprio, em lugar daquela auto-afirmação e indulgência para consigo mesmo. O fato é que "toda a sua vida era antagônica à cruz" e que eles estavam "neutralizando a influência da cruz como princípio renovador" (Michael, p. 174). As suas mentes não eram a mente que havia em Cristo (2:5).

Em contraste com a preocupação antinomiana com as **coisas terrenas** se coloca a cidadania celestial dos que estão em Cristo. **Pátria (politeuma)** é cognata da palavra grega que está por detrás de "um modo digno" de vida (1:27), sendo a idéia básica a "cidadania". A idéia de que o nosso verdadeiro lar é o céu, mesmo enquanto estamos na terra, era muito disseminada entre os primitivos cristãos, como se vê em o Novo Testamento (cf. Gál. 4:26; Ef. 2:19; Heb. 11:13,16; I Ped. 2:11). Esta idéia devia ter atrativos e significados especiais em uma cidade como Filipos, que era colônia romana. Embora vivendo na Macedônia, eles eram cidadãos de Roma, com os privilégios e responsabilidades de romanos (cf. 1:27).

O antecedente gramatical de **donde também aguardamos um Salvador** pode ser pátria (de forma singular) ou **céus** (plural no grego). Provavelmente, é pedante insistir, com algumas pessoas, que pátria (ou "nossa capital") precisa ser a antecedente. É, provavelmente, dos **céus** que um **Salvador** é esperado. "Salvador" não é um título freqüente em o Novo Testamento (24 vezes). Exceto nas cartas pastorais, este termo aparece nas cartas paulinas apenas aqui e em Efésios 5:23. Nas cartas pastorais ele é atribuído a Deus e a Cristo Jesus. A sua ocorrência infreqüente pode ser devido ao seu uso em relação aos deuses pagãos e aos Césares. Aqui, ela é usada em referência ao tempo da libertação final do povo de Deus, seja na **Parousia**, seja numa transformação corporal coincidente com a morte. Paulo considerava a salvação como um processo dinâmico, no decurso desta vida (I Cor. 1:18), pertencendo a sua completação ao futuro (Rom. 13:11). Ele não pensava tanto em "nossa ida para o céu", quanto em Cristo vir a nós, dos céus (Beare, p. 138), seja por ocasião da **Parousia**, seja por ocasião da morte do crente.

O ato final da redenção é o do **corpo** (e da criação, de acordo com Rom. 8:19-23). A doutrina do Novo Testamento não é imortalidade da alma, mas ressurreição do corpo. Isto se depreende da opinião bíblica a respeito da integridade do ho-

mem, sendo o corpo essencial para a sua personalidade. **Corpo da nossa humilhação** refere-se ao seu estado humilde, comparando-se com o seu estado futuro, como **corpo da sua glória** (cf. I Cor. 15:35-50). "Corpo abatido" é a infeliz tradução da KJV e da edição antiga da IBB, e tem contribuído para o engano de que o corpo é necessariamente mau ou indigno. O corpo não deve ser nem desprezado nem adorado; ele deve ser respeitado (I Cor. 6:19 e s.). O corpo ressurrecto deve ter tanto continuidade como descontinuidade com o corpo atual. A sua precisa natureza permanece um mistério para nós, mas, pelo **poder** de Deus, ele será igual ao **corpo da sua glória** — o glorioso corpo de Cristo. Conhecer isto é suficiente para nos dar encorajamento para permanecermos firmes no **Senhor**.

Aguardamos um Salvador entende-se. geralmente, como referência à **Parousia** e bem pode ser isso. Contudo, não há referência explícita à **Parousia**, nesta passagem, e absolutamente nada a requer. Paulo podia ter em mente a vinda do Senhor a cada crente, por ocasião de sua morte, mudando, nessa oportunidade, o **corpo da nossa humilhação**, para ser como o **corpo da sua glória**. Se assim é, 3:20,21 explica 1:21-23, tendo em vista ambas as passagens uma transformação corporal por ocasião da morte. Em contraposição a isto, os versos 20 e 21 parecem referir-se a uma vinda, e não a muitas.

Há muita especulação acerca da maneira de Paulo entender a morte do crente, se lhe é dado o corpo da ressurreição por ocasião da morte, ou se ele precisa aguardá-lo na "**Parousia** do Senhor". Parece claro que, quando ele escreveu I Tessalonicenses, esperava estar entre os que estivessem vivos por ocasião da **Parousia**, e que seriam transformados sem ter experimentado a morte (I Tess. 4:15, 17), enquanto os outros são descritos como os "que já dormem" (4:13), os "que dormem" (4:14) e "os que morreram em Cristo" (4:16) e como esperando a ressurreição. Ele escreve que "os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro" e depois "nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor" (4:16b,17). Em suma, neste ponto (quando ele escreve I Tessalonicenses), Paulo esperava viver até a **Parousia** e receber o seu corpo glorificado sem ter experimentado a morte física, mas aqueles que morrem antes da **Parousia** precisam esperar a volta do Senhor antes que sejam ressuscitados (cf. também I Cor. 15:51 e s.).

Em um estudo recente, Charles Buck e Greer Taylor [16] insistiram que Filipenses foi escrita depois de I Coríntios, mas antes de II Coríntios 1-9, e que, a certa altura, Paulo chegava tão perto da morte que foi compelido a pensar de novo na relação entre a morte física e a ressurreição. Eles dizem que Filipenses 1:12-14, 19-24 é uma descrição viva do que mais tarde é mencionado em II Coríntios 1:9: "porquanto já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte." Esses escritores afirmam que, em Filipenses, Paulo reafirma a sua opinião de que os que ainda estiverem vivos por ocasião da **Parousia** serão transformados sem terem a experiência da morte, e que este ponto de vista mais antigo é refletido em Filipenses 3:20,21. Eles dizem que, porque Paulo agora vê a semelhança do seu próprio martírio antes da **Parousia**, desistiu de sua crença anterior, de que os crentes que morrem antes da **Parousia** precisam esperar a **Parousia** para ressuscitarem, sendo isto refletido em 1:23.

Ao datar Filipenses em época anterior a II Coríntios 1:9, Buck e Taylor dão peso exagerado à possibilidade de que II Coríntios 1:9 remonte a Filipenses 1:12-14, 19-24, mas, sem dúvida, eles estão corretos em entender Filipenses afirmando que não permite um "estado intermediário", e que os que morrem

16 **Saint Paul, a Study in the Development of His Thought** (New York: Charles Scribner's Sons, 1969), p. 68-81.

estão imediatamente com o Senhor (1:23) e que os outros, durante a sua vida, **aguardam um Salvador**, que transformará o **corpo da nossa humilhação**, sem a experiência da morte, **para ser conforme ao corpo da sua glória** (v. 20 e 21).

Dois pontos permanecem problemáticos. Em Filipenses 1:20-22, Paulo está preparado para uma morte que resultará em ele estar imediatamente com Cristo, mas, em 3:20,21, ele parece esperar viver até a **Parousia**, se de fato esta última passagem se refere à **Parousia**. Em I Tessalonicenses, existem alguns indícios de que, já ao escrevê-la, Paulo não achava que o crente falecido precisava esperar um novo corpo. Pelo menos ele o considerava como se já estivesse com Deus, pois "aos que dormem, Deus, mediante Jesus, os tornará a trazer juntamente com ele" (I Tess. 4:14). Não existe nenhuma evidência final de que Paulo alguma vez tivesse em vista um estado intermediário ou desencarnado para o crente falecido. Não há sinal dessa idéia em Filipenses.

Todos os eruditos reconhecem a dificuldade de relacionar 1:21-23 com 3:20, 21 e 4:5. Alguns vêem aí uma tensão não resolvida, no pensamento de Paulo, tendo como resultado o fato de que Filipenses contém duas opiniões diferentes. Dizem que a opinião anterior de Paulo, de que ele viveria até a **Parousia** e escapar da morte experimentando uma transformação física, por ocasião da vinda de Cristo, sobrevive em 3:20,21 e 4:5, embora, em 1:21-23, ele já estabelecera a sua nova expectativa de morte antes da **Parousia**, com uma recepção imediata do seu corpo celestial. Outros admitem opiniões conflitantes, mas dizem que isto acontece porque Filipenses é uma composição de pelo menos duas cartas, representando, as duas opiniões, estágios diferentes do desenvolvimento de Paulo.

Embora se possa argumentar, com sucesso, em favor de qualquer um desses pontos de vista, há outras possibilidades. Em 1:21-23, Paulo pode estar expressando a sua expectativa de martírio, com uma transladação imediata para a sua presença física com Cristo; em 3:20,21 e 4:5, ele pode ter em mente outras pessoas, que viverão até a **Parousia**, época em que experimentarão uma mudança física sem morte. Mas nestas últimas passagens Paulo parece incluir-se. Pode ser que, em 1:21-23, ele esteja expressando a sua prontidão para a morte (com transformação corporal imediata), embora, como mostram 3:20,21 e 4:5, ele ainda tivesse a tendência de pensar em termos de uma volta iminente de Cristo e do fato de ele próprio escapar à morte física. Pelo menos, em Filipenses, Paulo não dá lugar a um estado incorpóreo. A pessoa morre e imediatamente se encontra com o Senhor, ou vive até a **Parousia** e então é transladada.

V. Apelo à Unidade e à Paz (4:2-20)

1. Evódia e Síntique (4:2,3)

2 Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor. 3 E peço também a ti, meu verdadeiro companheiro, que as ajudes, porque trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros meus cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida.

Paulo agora torna explícito um problema que estava implícito no decorrer da carta. Só depois de lançar cuidadosamente um alicerce, ele o aborda diretamente. A divisão na igreja ainda não parece ter-se tornado aguda, mas no decorrer da carta há indícios das "murmurações" e "contendas" (2:14) e da necessidade de terem "o mesmo modo de pensar... o mesmo ânimo" (2:2). A desavença entre Evódia e Síntique era mais do que apenas uma querela particular.

Nada mais se sabe a respeito dessas mulheres. É debalde tentar identificá-las. A causa ou natureza de sua diferença não é conhecida, mas só o fato de que ela existiu; porém, isto, por si mesmo já é um assunto sério. Paulo não se coloca do lado de nenhuma delas. Ele apela diretamente a cada uma delas para

que sintam o mesmo no Senhor. Esta frase é paralela à de 2:2; elas deviam ter "o mesmo modo de pensar". Devem ser uma no espírito e nos objetivos, e não, necessariamente, em pensamento.

O meu verdadeiro companheiro não é identificado, e aqui outra vez é debalde especular. "Companheiro" pode ser um nome próprio, mas não há sinal desse nome em outras passagens. **As ajudes** é literalmente "ajunte-se a", isto é, ajude-as a se ajudarem. Elas outrora haviam **trabalhado** com Paulo e outros **no evangelho. Clemente** é pessoa desconhecida, a não ser por esta menção, e não é provável que seja o conhecido Clemente de Roma (c. 96). Outros cooperadores anônimos são mencionados aqui, mas os seus nomes estão escritos no **livro da vida**. Esta é uma forma judaica e cristã de referir-se aos fiéis que estão seguros nos cuidados de Deus (cf. Êx. 32:32 e s.; Sal. 69:28; Luc. 10:20; Apoc. 3:5). Não está claro se essas pessoas ainda viviam ou já haviam morrido. Não deve ser excluída também a possibilidade de que se esteja fazendo uma referência a toda a Igreja, **cujos nomes**, isto é, dos seus membros, estão no livro da vida, e que são responsáveis pela unidade da Igreja.

2. A Paz de Deus (4:4-7)

4 Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos. 5 Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor. 6 Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças; 7 e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.

A nota de alegria corre por toda a carta (cf. 1:4,18,25; 2:2,17,18,28,29; 3:1; 4:1,4,10). Todavia, esta carta não é feita toda de alegria, pois esta nota é colocada como contraposição à **ansiedade**, bem como à discórdia e desunião. **Regozijai-vos** traduz um termo que também pode ser traduzido como "adeus", mas no sentido de "Deus esteja com você" (Adeus é abreviatura de "eu te recomendo a Deus"). Mas **regozijai-vos** capta melhor o significado aqui.

A palavra grega que está por detrás de **moderação** não tem equivalente exato em português. Poderia ser traduzido como mansidão, consideração, cuidado, paciência ou graciosidade. A mansidão cristã deve ser óbvia para os não-crentes tanto quanto para os outros crentes.

Perto está o Senhor pode ser entendido no sentido geográfico, mas preferivelmente cronológico, e isto certamente tem aplicação válida, à luz do que precede imediatamente esta frase. Quem sabe é melhor entendê-la escatologicamente. Paulo está querendo dizer mais do que uma sensação de Sua presença, por importante que isso seja. Os cristãos primitivos tinham em si uma expectativa viva da volta de Cristo. Para eles, a **Parousia** era iminente. **Marana tha!** (Vem, nosso Senhor!) era uma oração aramaica, que sobrevive no Novo Testamento grego (I Cor. 16:22; cf. Apoc. 22:20). Embora Cristo ainda não tenha vindo no sentido esperado, a teologia cristã precisa ser de esperança, bem como de fé. Deus está em nosso futuro tanto quanto em nosso passado e presente.

Ansiedade é distração, é ser "rasgado" ou "despedaçado". Jesus advertiu contra a ansiedade (Mat. 6:25-33). O que se quer dizer não é propriamente traduzido como "Não se preocupe" ou "Não se dê cuidado por nada". Não somos ensinados a negligenciar o presente ou o futuro, ou a ser indiferentes às dificuldades, ameaças ou perigos. Há problemas no mundo, e devemos levá-los a sério. Mas a ansiedade é destrutiva, e não criativa. Ela é sem fé, sem frutos e má. O seu antídoto são as **ações de graças**, mediante as quais a pessoa vive em abertura para com Deus, agradecida pela vida e todas as suas provisões, e aberta para o que Deus tem a dar a mais.

Oração é o termo genérico que designa comunicação com Deus, seja em ações de

graças, adoração, confissão, petição ou intercessão. A palavra portuguesa significa apenas "expressar-se", "falar", o que é uma tradução correta do conceito bíblico de **proseuchē (oração). Súplica** é um termo mais limitado, usado para pedidos feitos a Deus ou ao homem. Oração é mais do que pedir, porém pode pedir. A fé pode pedir, mas nunca exige. Pedir é confiar no outro. Exigir é confiar em si mesmo. É apropriado permitir que **sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus**. Não que Deus queira ser informado ou que roguemos a ele. É que precisamos pedir, para nos havermos com as nossas necessidades, reconhecê-las e procurar solucioná-las.

A **paz de Deus** é, antes de tudo, a paz que Deus possui e depois a paz que ele dá (Beare, p. 147). Esta paz não pode ser imposta, mas pertence a todos os que se abrem para Deus em **ações de graças** e **súplica**. Esta paz excede **todo o entendimento**. Isto pode querer dizer que ela oferece mais do que podemos imaginar ou que ela é insondável. Está além do poder da mente atingir, entender ou imaginar, mas não além do poder de Deus dar. Ela é o sentido de aceitação, a certeza, o equilíbrio, a serenidade que a pessoa pode experimentar interiormente, seja qual for a situação exteriormente. **Guardará** traduz uma palavra usada militarmente. A paz de Deus é uma fortaleza, a proteger-nos contra todas as ameaças. Isto não significa que ela faz concessões; ela é desfrutada enquanto estamos em guerra contra o mal.

3. O Que Levar em Conta (4:8,9)

8 Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai. 9 O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus de paz será convosco.

Mais uma vez Paulo emprega um termo que pode marcar uma mudança de pensamento: **Quanto ao mais**, ou uma conclusão: "Finalmente" (veja o comentário sobre 3:1). Ele ainda não apresentou o seu assunto principal e final: a sua gratidão pela oferta deles. Os vários fatores que levam alguns estudiosos a considerarem Filipenses como composição de várias cartas podem tão-somente refletir a indiferença de Paulo para com os princípios modernos de lógica, seqüência, coerência, etc. Ele estava escrevendo para informar e para persuadir, e não para entretê-los com efeitos literários.

As oito virtudes mencionadas eram familiares e aceitas na sociedade pagã. Com a exceção de **de boa fama**, cada uma delas é encontrada na Septuaginta (Martin, **Philippians**, p. 171). Esses termos não são caracteristicamente cristãos, e não são usados extensivamente em o Novo Testamento. **Verdadeiro** significa exatamente isso, no sentido mais amplo da palavra. **Honesto** é o que é digno de honra ou reverência. **Justo** refere-se ao que é reto ou correto. **Puro** significa imaculado, e não apenas casto (Lightfoot, p. 159). **Amável** é inspirador de amor, agradável, atraente ou digno de ser amado. **De boa fama (euphēma)** não é passivo, "bem falado de", "bendito", mas ativo, "bem falante" ou aquilo que dá a melhor construção a qualquer coisa (Lightfoot, p. 159 e ss.). Moffatt a traduz como "tom elevado" ou "digno", com o sentido primário de "falando bem" ou "favoravelmente". É a disposição de exaltar, e não de degradar.

Mudando para uma sentença condicional, Paulo admoesta os seus leitores a **pensar nisso**, nessas coisas, sempre que nelas houver **alguma virtude** ou **algum louvor**. A nossa tradução é inadequada, pois Paulo está falando em algo mais do que meditação. **Pensai** é realmente considerar ou levar em conta, e não apenas refletir, mas permitir que as coisas consideradas afetem o curso da existência de quem nelas pensa. **Virtude** é excelência moral, bondade. **Louvor**, provavelmente, para Paulo, referia-se ao louvor proveniente de Deus.

Paulo vai além dessas injunções, levando em conta as virtudes morais e éticas básicas. Ele aconselha os seus leitores a agirem e a fazerem! Tem sido dada tanta atenção exclusivamente aos ensinamentos de Paulo, de que a salvação é o dom da graça de Deus, e não a recompensa dos méritos do homem, que este lado do seu ensinamento fica negligenciado. De fato, Paulo enfatizou as exigências da salvação, tanto quanto a sua característica de dom. Ele recomendou a ação ou prática, como Jesus o fizera antes dele. Eles deviam **praticar** tudo o que **aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes** nele.

4. A Reação de Paulo aos Presentes dos Filipenses (4:10-20)

10 Ora, muito me regozijo no Senhor por terdes finalmente renovado o vosso cuidado para comigo; do qual, na verdade, andáveis lembrados, mas vos faltava oportunidade. 11 Não digo isto por causa de necessidade, porque já aprendi a contentar-me com as circunstâncias em que me encontre. 12 Sei passar falta, e sei também ter abundância; em toda maneira e em todas as coisas estou experimentado, tanto em ter fartura, como em passar fome; tanto em ter abundância, como em padecer necessidade. 13 Posso todas as coisas naquele que me fortalece. 14 Todavia, fizestes bem em tomar parte na minha aflição. 15 Também vós sabeis, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se comunicou comigo no sentido de dar e de receber, senão vós somente; 16 porque, estando eu ainda em Tessalônica, não uma só vez, mas duas, mandastes suprir-me as necessidades. 17 Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que cresça para a vossa conta. 18 Mas tenho tudo; tenho-o até em abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado, como cheiro suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus. 19 Meu Deus suprirá todas as vossas necessidades segundo as suas riquezas na glória em Cristo Jesus. 20 Ora, a nosso Deus e Pai seja dada glória pelos séculos dos séculos. Amém.

Estes onze versículos são uma expressão cuidadosamente redigida, de apreciação por uma oferta que Paulo havia recebido de Filipos pelas mãos de Epafrodito. Esta passagem se rivaliza com Filemom pelo brilho com que ele trata de um assunto delicado com tato, percepção e força de expressão. Nestes versículos, Paulo anda por uma linha fina, que evita ingratidão, por um lado, e dependência, por outro. Positivamente, ele expressa profunda gratidão por ofertas generosas e significativas, e, ao mesmo tempo, mantém a sua independência de sustento externo. Os seus recursos, em última análise, estavam dentro de si próprio, não sendo dele mesmo, mas de Cristo; e, em Cristo, ele tinha uma suficiência possuída de independência soberana de todas as circunstâncias, fossem elas riqueza ou pobreza, quer estivesse ele cercado de amigos, quer abandonado.

Por que esta expressão de apreciação vem tão tarde, na carta, e por que tão tarde no tempo, não podemos explicar. Muito tempo se havia passado desde que Paulo recebera essa oferta. Notícias da severa enfermidade de Epafrodito haviam chegado a Filipos, e ele ficara sabendo da preocupação dos filipenses (veja o comentário sobre 2:25-30). Será que só agora Paulo ficara sabendo das ofertas?

Alguns dizem que os versos 10 a 20 pertencem a uma carta anterior, de agradecimento, e que este texto não pertence originalmente a esta carta (Beare, p. 150). Outra opinião é que esta não é a primeira expressão de agradecimento de Paulo, mas que ela pressupõe uma anterior, em carta agora perdida para nós. Michael (p. 209-214) argumenta em favor deste ponto de vista, dizendo que os filipenses haviam ficado ofendidos porque a primeira resposta de Paulo havia parecido carecer do devido calor de apreciação. Esta opinião é coerentemente apresentada, mas é perigoso ler tanto nas entrelinhas, como se requer mediante este ponto de vista. Outra possibilidade é que Paulo havia comunicado o seu agradecimento, oralmente ou por carta, mas agora ele volta ao assunto, seja

porque sentia que não expressara ainda plenamente os seus sentimentos, ou porque isto fazia parte do seu contínuo interesse em ativar a "mente", já presente nos filipenses (veja o comentário sobre 2:5).

Paulo se regozija por eles terem **renovado** o seu **cuidado** por ele, expressando isto através da oferta que haviam enviado por mãos de Epafrodito. Ele se apressa a explicar que eles não eram culpados de negligência nenhuma; só lhes havia faltado oportunidade. **Renovado** é tradução de uma palavra usada em relação a uma árvore que brota de novo na primavera, governada pela estação do ano. Não havia acontecido uma demora negligente, mas apenas falta de oportunidade. Isto podia querer dizer que eles desejavam contribuir anteriormente, mas faltavam-lhes recursos. Provavelmente, significa que eles haviam sido separados de Paulo, por não saberem onde ele estava, ou por estarem incapacitados de alcançá-lo, probabilidade inteiramente possível, em vista dos encarceramentos, naufrágios, etc., que ele experimentou. A "mente" de preocupação estava presente o tempo todo, e agora havia **oportunidade** para a sua reativação.

Depois de expressar os seus agradecimentos, Paulo passa ao assunto do seu contentamento ou suficiência pessoal e sua fonte de forças. Ele queria, ao mesmo tempo, assegurar aos filipenses a sua gratidão e independência. Ele não se queixa de **necessidade**, isto é, de falta. Ele **aprendeu**, por experiência, a **contentar-se**, seja qual fosse a **circunstância**, isto é, condição. Ele conhecera os extremos de degradação e abundância.

Contentar-me (**autakrēs**) é uma palavra estóica (a nossa "autocrático"), contudo, Paulo lhe dá um sentido cristão. A auto-suficiência estóica era o seu orgulho básico, a independência de todas as circunstâncias externas. Os estóicos resolviam os problemas da vida renunciando a todos os desejos ou vontades. Eles lutavam, mas com indiferença quanto aos resultados, como se estivessem em um jogo com "fichas", e não a dinheiro. A sua força residia dentro deles mesmos. O contentamento de Paulo (lit., suficiência) não estava nele mesmo. Fluía para ele, vindo de Cristo. Era tão-somente **naquele que me fortalece** que ele podia tudo, **todas as coisas**. O versículo 13 diz: "Quanto a todas as coisas, eu estou interiormente forte naquele que me fortalece." Cristo era a fonte de sua força, para ele levantar-se acima de **falta** e **abundância, fartura** e **fome. Aprendeu** esse **segredo** por experiência. A palavra original é emprestada, por Paulo, das religiões de mistério, pois a tradução correta seria "aprendi o mistério" ou, literalmente, "fui iniciado". Ele havia sido iniciado no segredo de Cristo a respeito de viver triunfantemente acima das circunstâncias mutáveis (cf. Mat. 11: 28-30).

Paulo não era um asceta, que desprezava as coisas materiais da vida, nem um materialista, que vivia em função de tais valores. Ele podia gozar os prazeres físicos e materiais quando estes se lhe ofereciam. Ele podia ficar sem eles quando era deles privado. Não procurava nem a pobreza nem a riqueza. Apropriando-se de recursos interiores que lhe pertenciam em Cristo, ele encontrava significado e realização na medida em que as circunstâncias exteriores da sua vida mudavam dia a dia.

Nos versos 14 a 16, Paulo volta ao assunto de agradecimento pela oferta deles. **Fizestes bem** pode ser até "agistes lindamente". **Tomar parte na minha aflição** é, literalmente, "tivestes comunhão com a minha aflição". Eles fizeram mais do que enviar presentes. Entraram no sofrimento dele mediante uma significativa **koinónia.** A sua oferta recente não era coisa isolada, pois eles haviam **comunicado com** ele (**koinónia** mais uma vez) desde a época do seu ministério na Macedônia (cf. 1:5). Aquilo fora uma comunicação **no sentido de dar e de receber. Princípio do evangelho** era, se-

gundo a perspectiva deles, o tempo em que eles haviam conhecido o evangelho. Eles haviam-no ajudado em suas necessidades em **Tessalônica**, na ocasião quando a igreja em Filipos dificilmente devia ter mais de algumas semanas de idade (cf. At. 17:2). **Não uma só** vez significa pelo menos duas vezes, e possivelmente mais.

Nos versos 17 a 20, Paulo volta ao tema de sua independência. Ele não procurava nenhuma **dádiva** deles (cf. II Cor. 12:14). O que ele procurava era **o fruto** ou "interesse" que abundasse para a **conta** (**crédito**) deles. Embora os termos sejam comerciais, ele refere-se aos lucros espirituais que podiam ser-lhes atribuídos quando eles dessem tão generosamente. Se ele recebesse uma dádiva ou não, não era importante, mas o fato de eles desejarem dar era importante. Ele usa um outro termo comercial, referente a recibo, ao dizer: **Mas tenho tudo (apechō)**. Ele tinha mais do que suficiente. O valor das **dádivas** deles ia muito além do material. Por causa do espírito em que elas haviam sido feitas, eram **como cheiro suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus**. Isto é linguagem sacrificial, expressando a dimensão de adoração na verdadeira oferta cristã. As dádivas deles eram um derramamento deles próprios, em serviço sacrificial — a essência da "mente" de Cristo.

Paulo tinha confiança de que Deus **suprirá todas as necessidades** que eles tinham, da mesma forma como as necessidades dele haviam sido supridas. Isto, certamente, não significa que desejos egoísticos serão satisfeitos. E não é certeza de riqueza material. Paulo havia acabado de declarar a sua independência em relação às coisas exteriores. Certamente, ele queria referir-se tão-somente à satisfação que ele experimentara, mesmo nas maiores agruras da vida. Mais uma vez, a fonte de satisfação estava em **Cristo Jesus**. E, a medida do suprimento de Deus são as incomensuráveis **riquezas** de sua **glória**, manifestadas em Cristo.

VI. Saudações e Bênçãos Finais (4:21-23)

21 Saudai a cada um dos santos em Cristo Jesus. Os irmãos que estão comigo vos saúdam. 22 Todos os santos vos saúdam, especialmente os que são da casa de César.
23 A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito.

A carta é completada com várias saudações e uma bênção. Em os **santos** estão incluídos todos os crentes. Os **irmãos**, provavelmente, inclui Timóteo e outros companheiros. A **casa de César** era uma expressão para designar funcionários do governo, desde escravos até oficiais de elevada posição (Lightfoot, p. 169-176). Embora, na virada do século, houvesse convertidos próximos à família imperial propriamente dita, a referência de Paulo é, provavelmente, a servos civis e/ou domésticos, até mesmo escravos. As pessoas mencionadas deviam ter laços especiais com a colônia romana de Filipos. Os **da casa de César** podiam estar em Roma ou em outra cidade.

A carta se encerra com uma bênção. Possivelmente, Paulo esperava que ela fosse lida diante da igreja reunida. Pode ser por causa de um apoio deliberado à sua dominante preocupação com a unidade, que ele ora para que a **graça** de Cristo estivesse com o **espírito** deles. **Vosso** está no plural, mas **espírito**, no singular. Eles deviam ser unidos em um só espírito.

Colossenses

R. E. O. WHITE

Introdução

A história tem uma forma de focalizar renovada atenção em diferentes partes da Escritura. A nova maneira de o homem perceber o universo ao seu redor dá nova força à mensagem central de Colossenses, pois aqui Cristo é apresentado em um contexto cósmico, como Aquele através de quem o universo veio à existência, de quem a sua coerência depende, para quem ele foi criado e em quem somente ele será restaurado à sua harmonia primeva.

Desta forma, Paulo responde à primeira de muitas tentativas para relegar Cristo a um papel subordinado. Ele reafirma a divina **plenitude de Cristo** como chave para toda a **plenitude de vida** em Cristo. Este é o permanente valor desta carta, fazendo de Colossenses tanto um banquete teológico quanto um tônico espiritual.

O ponto focal é 2:6,7. Para ele Paulo conduz gentilmente, através de ações de graça e oração, que desencadeiam profundas reflexões a respeito da pessoa de Cristo, e uma declaração do seu interesse pastoral. Firmemente, ele recorre à realidade espiritual e ao que é verdadeiramente útil. A vida no inexaustível Cristo, e para ele, é, desta forma, analisada comoventemente, ricas minúcias (veja Esboço).

As referências pessoais e saudações encerram uma carta que, embora em todo o seu decorrer se concentre em seu objetivo local, imediato, contudo, pela sua ênfase da plenitude de Cristo e da vida cheia de Cristo, continua a ser importante e recompensadora para os crentes em todos os lugares, em todas as épocas.

I. A Igreja em Colossos

A antiga cidade frigia de Colossos havia perdido a sua primeira glória, em favor dos seus vizinhos que cresciam no vale do Lico: Hierápolis, 21 quilômetros a nordeste, e Laodicéia, 16 quilômetros a oeste. Mas não era estagnada. Estando na estrada de comércio entre a junção das cinco estradas em Laodicéia e o passo que atravessava a cordilheira Cadmus, sempre coberta de neve, Colossos recebia torrentes de viajantes, que traziam, para o vale, notícias e correntes de pensamento do leste e do oeste.

A colonização grega explica a linguagem da carta — e possivelmente o amor pela especulação filosófica, contra a qual ela adverte. Josefo diz que Antíoco havia transplantado duas mil famílias judias da Mesopotâmia para este distrito. O Talmude Babilônico se queixa de como eles eram viciados em vinho e banhos! Para o bem e para o mal, a igreja em Colossos estava sujeita a grande influência judaica. Além disso, a Frigia fazia parte da província romana da Ásia, com capital em Éfeso, cento e sessenta quilômetros a oeste de Colossos.

No entanto, por baixo da influência grega, judaica e romana, encontrava-se o paganismo nativo, provavelmente ani-

mista. Um rio que desaparecia no seio da terra, uma cachoeira petrificada, fontes de enxofre, um precipício de onde saía "gás venenoso" e tremores de terra (que finalmente destruíram as três cidades nos últimos dias de Nero), tudo isto demandava explicação e evocava um temor solene. Mais tarde, a angeologia judaica deu novos nomes a antigas superstições. O Concílio da Igreja em Laodicéia, em 363 d.C., testificou a respeito da persistência da "idolatria secreta" da adoração de anjos na Frígia.

Paulo passou pelas "regiões superiores" da Frígia, para chegar a Éfeso (At. 18:23; 19:1). A sua poderosa missão de três anos em Éfeso assegurou o fato de que "todos os que habitavam na Ásia... ouviram a palavra do Senhor" (At. 19:10,26). Dentre esses, estavam Filemom, Arquipo e Epafras, quase certamente cidadão de Colossos (4:12). O nome Epafras é uma forma abreviada de Epafrodito, mas era comum demais para justificar uma identificação com o mensageiro enviado de Filipos (Fil. 2:25).

Fora com Epafras que os colossenses haviam aprendido a graça de Deus (1:7); ele évangelizara Colossos como representante de Paulo. Epafras havia trabalhado com "grande zelo" também em favor dos "que estão em Laodicéia, e pelos que estão em Hierápolis" (4:13) quando visitara o apóstolo, para relatar-lhe o progresso deles e os seus problemas (1:8; 4:12). A teoria de que uma cisão havia acontecido entre Epafras e a igreja é discutida no comentário (veja o comentário sobre 4:12,13).

Epafras era gentio (4:10 e s.). Portanto, não é surpresa que a igreja apareça também como predominantemente gentia, como dão a entender, provavelmente, 1:21,27; 2:13 (talvez 1:12), a escassez de alusões ao Velho Testamento e a espécie de vícios mencionados em 3:5-7. Só referência passageira é feita à controvérsia judaico-gentia (3:11; 4:11); não era problema de monta em Colossos.

II. O Autor

Os versículos iniciais e finais afirmam, e a tradição aceita, que Paulo escreveu esta carta, embora dúvidas tenham sido levantadas. Supostamente, detalhes "não-paulinos" de estilo incluem sentenças elaboradas, 25 palavras novas, uso exagerado da preposição **em** (v.g., 1:9-23; 2:9-15) e apego a expressões como "recompensa da herança", "corpo da carne" e "esperança da glória". Tem sido replicado que estas características são mais freqüentes quando Paulo está tratando do problema colossense, mesmo emprestando terminologia herética — naturalmente essas expressões não seriam encontradas em outra parte — e também que Paulo usa aqui deliberadamente um estilo litúrgico constante. Outros apontam para o desenvolvimento natural do pensamento de Paulo e até para a influência do ambiente da prisão.

Mas esta computação mecânica de detalhes gramaticais presume que a autoria paulina significa caligrafia paulina. Sabemos que Paulo empregava amanuenses (Rom. 16:22), tomando da pena somente ocasionalmente, para algumas palavras finais. O costume confirma isto; as suas aflições físicas podem tê-lo requerido. É ocioso especular exatamente como o ditado de Paulo era detalhado.

Guthrie e Bruce discutem e colocam de lado teorias de uma carta mais curta, de Paulo, aos colossenses, interpolada pelo autor de Efésios, como Moffatt havia feito, chamando isto de "crítica do filagree".[1]

Colossenses está incluída no corpo das obras paulinas desde as mais antigas referências. Alusões a ela em Inácio, Policarpo, Barnabé e Justino Mártir são muito discutíveis; mas ela é citada em Irineu, no Cânon Muratoriano, Clemen-

1 D. Guthrie, **The Pauline Epistles** (London: Tyndale Press, 1963), p. 168. F. F. Bruce (veja bibliografia). p. 171 e s. J. Moffatt, **Literature of the New Testament** (Edinburg: T. & T. Clark, 1912), p. 157.

te de Alexandria, na lista de Marcião, Orígenes, e incluída nas versões latinas antigas do segundo século.

A tradição sem solução de continuidade da autoria paulina, o laço íntimo com Filemom (que, mais do que qualquer outra epístola, é certamente de Paulo) e os "antecedentes teológicos inteira e caracteristicamente paulinos"[2] ultrapassam e sobrepujam as hesitações literárias, para a maioria dos eruditos. O único problema verdadeiro é se o erro pressuposto na carta exige uma data post-paulina. Isto será examinado abaixo.

As circunstâncias em que Paulo estava não são claras. Ele era um prisioneiro (4:10; 4:18), mas, se estava em Roma, Éfeso ou Cesaréia, permanece um problema sem solução. A maioria dos eruditos ainda decide em favor de Roma, porém com muitas hesitações. Os que aceitam a origem romana geralmente identificam a ocasião em que esta carta foi escrita com Atos 28; as estimativas a respeito da data em que foi escrita, desta forma, variam de 59 a 62-63 d.C.

III. A Heresia Colossense

O erro que perturbava Colossos envolveu amplamente elementos judeus e pagãos. Sem dúvida, os elementos judaicos eram a ênfase aos sábados, à circuncisão, à lei, e, provavelmente, as referências à observância de festivais e dias santos e luas novas; 3:11 e 4:11 também parecem pressupor uma fonte judaica de desacordo.

Indubitavelmente, os elementos pagãos incluíam uma "filosofia" que dependia de métodos plausíveis de raciocínio que se baseavam na tradição humana, em vez de numa demonstração lógica e revelação. A adoração de anjos (diferente da crença neles, como se apresenta em Jubileus, Tobias e Ascensão de Isaías), provavelmente, expressa o temor pagão, disseminado, de seres celestiais, espíritos elementares do universo. De certa forma, o sol, a lua e as estrelas eram corporificações materiais desses elementos, desses seres. Governando a terra, eles podiam ser aplacados, especialmente em suas épocas indicadas, por humilhação e devoções rigorosas.

A proibição de certos alimentos podia ser uma característica judaica, mas a referência à bebida e à sua associação com repressão ascética do corpo sugere um dualismo pagão, como também o fazem expressões como "herança na luz", "domínio das trevas" e "reino do Filho". A ênfase das visões também podia ser judaica (v.g., o livro de Enoque); mas aqueles de quem os heréticos se jactavam (2:18) eram essencialmente sensuais, não espirituais, e pareciam expressar significados ocultos que precisavam de interpretação. Isto faz lembrar as revelações dadas em transe, e prometidas nas seitas pagãs.

A ênfase dada pelos heréticos à sabedoria assemelha-se a Provérbios, Sabedoria de Salomão e Siraque; mas o seu exclusivismo (contraditado em 1:26 e ss.; 3:11) e as expressões de menosprezo em 2:4,8 sugerem, pelo contrário, um intelectualismo gnóstico.

O gnosticismo era um clima de pensamento tão disseminado quanto a teoria evolucionária o é hoje em dia. Provavelmente, ele assumiu proeminência no primeiro século, ou antes, e alcançou o seu zênite no segundo século. Combinava especulação filosófica, superstição, ritos semi-mágicos e algumas vezes um culto fanático e até obsceno. As idéias mais comuns às suas muitas formas são: salvação mediante o conhecimento (**gnosis**) — os iluminados são "cristãos avançados"; dualismo — tudo o que é espiritual é por natureza puro, tudo o que é material é por natureza irremediavelmente mau, inclusive o mundo e o corpo. Portanto, Deus está longe; a brecha entre ele e o mundo é preenchida por uma cadeia de seres de espiritualidade des-

2 Guthrie, op. cit., p. 170.

cendente. O corpo, túmulo do espírito, pode ser rigorosamente suprimido ou deixado à vontade indulgentemente, como irrelevante para a vida do espírito puro.

Sendo extremamente intelectualista, e, portanto, individualista, o gnosticismo cultivou uma elite iluminada, para quem somente a salvação era possível, e desprezava todas as outras pessoas. O antigo gnosticismo reinterpretou o cristianismo e procurou "melhorá-lo", oferecendo-se para tornar os crentes "perfeitos"; mais tarde, o mais amargo antagonismo se desenvolveu.

Indícios adicionais de idéias gnósticas como estas, em Colossos, são achadas em expressões que deviam tornar-se "palavras-chave" de sistemas gnósticos posteriores: o "segredo" ou "mistério", a "plenitude", conhecimento (cinco vezes), e duas ou três outras. As negações gnósticas da plena encarnação da divindade em Jesus encontra veemente réplica nos capítulos 1 e 2. Quaisquer sinais de "indiferentismo moral" gnóstico seria bem respondido pelo conselho abrupto de 3:5 e ss.

Mas o fato de que elementos judaicos e gnósticos devessem aparecer interligados em uma única heresia (veja 2:14 e s.) tem constituído assunto para debate durante um século. Porque o gnosticismo a respeito do qual mais informações temos data do segundo século d.C., e era antijudaico, enquanto o judaísmo ortodoxo resistia veementemente a toda a transigência em relação ao paganismo.

Portanto, algumas pessoas negam que haja em Colossenses qualquer referência ao gnosticismo, dizendo que a idéia judaica de que os anjos haviam sido mediadores da lei expressava apenas extrema reverência pela lei e que as declarações da superioridade de Cristo em relação aos anjos meramente enfatizavam a sua superioridade em relação à lei. Mas a adoração de anjos, no capítulo 2, implica em mais do que isto; e a insistência sobre a superioridade de Cristo em relação a "tronos, domínios e autoridades" sugere que eles são seres pessoais, mais próximos do politeísmo e do dualismo gnóstico.

Atos fala de judeus que praticavam a magia (At. 13:6; 19:13 e ss.) e de Simão, o mago considerado, muito depois, como o pai do gnosticismo. Algumas características da heresia colossense são encontradas misturadas com judaísmo em Gálatas 4:3,9,10, enquanto traços delas, em Timóteo, João, I João e Apocalipse, revelam idéias gnósticas nas fraldas da comunidade judaica na Ásia Menor, durante a segunda metade do primeiro século.

Em 1875, Lightfoot comparou o erro colossense ao essenismo, que combinava observâncias meticulosas do Tora judaico e sabatismo rigoroso com severo asceticismo monástico, adoração do sol e uma elaborada doutrina de anjos. Abbott (veja a sua discussão, p. liv-lvii; e sua conclusão, p. xlvii e s.) pensava que os falsos mestres de Colossos diziam ter percepção exclusiva em relação ao mundo dos espíritos intermediários, mediante o favor dos quais (dadas as requeridas austeridade e humilhação diante dos anjos) novas revelações ("visões") podiam ser obtidas: "Isso pode ser chamado de judaísmo gnóstico."

C. F. D. Moule (p. 31), semelhantemente, fala de uma "teosofia" do tipo judaico-gnóstico. Bruce (p. 166) parece satisfeito com o fato de incipientes formas de gnosticismo terem sido comuns dentro do judaísmo no primeiro século d.C. Oscar Cullmann[3] pensa que a heresia colossense tentara misturar especulações filosóficas manchadas de gnosticismo com o evangelho, pois formas preliminares de gnosticismo existiram, previamente, no judaísmo helenizado. A. M. Hunter[4] encontra fortes evidências disto no Evangelho de João.

3 **The New Testament** (London: SCM, 1968), p. 76 e s.
4 **According to John** (London: SCM, 1968), p. 27 e ss.

Guthrie [5] cita, com aprovação cautelosa, W. D. Davies em relação às "muitas características comuns entre a heresia colossense e a seita de Qumran", e R. M. Wilson, em relação ao caráter dos Rolos como "pré-gnósticos". Qumran pensava que ser "filho da luz" significava obediência absoluta à lei de Moisés, em um legalismo que excedia até a tradição dos anciãos. Isto pode iluminar 1:13; 2:14; 2:21 e ss.

Neste clima crescente de opiniões, não é surpreendente que R. H. Fuller [6] expresse redondamente a opinião de que a cristologia de Colossenses demonstra tendências contrárias às idéias gnósticas, que a "filosofia" que se lhe opõe é a mitologia sincretista do gnosticismo, que as observâncias de culto referidas lembram hierarquias gnósticas e que as proibições ascéticas se originam do dualismo gnóstico.

Grande parte desta discussão se reduz claramente à definição que damos ao gnosticismo. Certamente, os sistemas gnósticos desenvolvidos, descritos e antagonizados pelos Pais da Igreja foram um fenômeno do segundo século. Mas um gnosticismo preliminar, um protognosticismo, era uma atmosfera, um sincretismo variado e amorfo, muito antes de se tornar um sistema racional; e as suas principais idéias eram consideravelmente antigas.

Por fim, precisamos descrever o erro colossense em termos genéricos, como uma versão da fé cristã distorcida e obscurecida por concepções de tipo gnóstico, que se haviam infiltrado na igreja por meio de um judaísmo já heterodoxo. O seu efeito foi afrouxar o apego dos homens para com o Cristo, de quem eles haviam sido ensinados anteriormente (2:19; cf. 2:6,7); obscurecer, e mesmo negar, a unicidade do Senhor que ascenderá, o **único** mediador, através de quem eles haviam uma vez entrado na liberdade. A resposta de Paulo é uma cristologia de proporções verdadeiramente cósmicas. Ele insiste na plenitude da divindade habitando em Cristo; na sua precedência e proeminência na criação sobre tronos, domínios e principados (1:16); no seu senhorio sobre eles quanto à posição (2:10); e na sua vitória sobre eles no Calvário (2:15). O seu argumento é que duvidar da plenitude de Cristo é deixar de entender a plenitude, riqueza e suficiência da vida cristã.

IV. Relação com Outra Literatura

A relação de Colossenses para com Efésios e Filemom precisa ser deixada a cargo das introduções a essas epístolas, ainda neste volume.

Colossenses 3:8-4:12 faz eco bem próximo a um ensino semelhante encontrado em epístolas que, quanto a outros aspectos, são tão diferentes quanto Romanos, Tessalonicenses, Efésios, Tiago, Hebreus e I Pedro, sendo que todas reproduzem cinco temas principais em ordem semelhante. A fonte deste padrão das instruções catequéticas primitivas, a respeito de conversão, batismo e participação na igreja, está na educação da sinagoga judaica, transformada pela experiência cristã e enriquecida com preciosas palavras de Jesus. Ecoando, aqui, este sumário de pensamento que era amplamente usado, Paulo mostra que podia presumir que, em Colossos, bem como em outros lugares, essa catequese apostólica primitiva já era bem conhecida: ele está fazendo nada mais do que expor o que eles já haviam aprendido, da maneira como o haviam aprendido (1:7; 2:7). [7]

Em 1:5-20, certas peculiaridades de linguagem, o estilo imponente, a ligação frouxa com o seu contexto e a estrutura paralela usada em duas estrofes têm su-

5 **Op. cit.**, p. 165.

6 **Critical Introduction to the New Testament** (London: Duckworth, 1966) p. 60.

7 Veja P. Garrington, **Primitive Christian Catechesis** (Cambridge: University Press, 1940); E. G. Selwyn, **First Epistle of Peter** (London: Macmillan, 1949, Ensaio II); R. E. O. White, **Biblical Doctrine of Initiation** (Grand Rapids; Eerdmans, 1960), cap. 10 e "Additional Note "Nota Adicional 7", e literatura ali citada.

gerido que Paulo estava utilizando e adaptando um hino cristão primitivo, dirigido a Cristo (cf. Ef. 5:14; Fil. 2:6-11; I Tim. 3:16). Muito usadas, para serem guindadas à posição de cristologia "avançada demais" de Colossenses, contudo, estas idéias apresentadas são nada mais do que uma exposição mais sistemática do ensino já ministrado em I Coríntios 8:6; 1:24; 2:6-10 e Romanos 8:19-22. Mas se Paulo está citando outra fonte, então esta avançada cristologia é considerada como arraigada no pensamento e na adoração da igreja primitiva, pré-paulina, embora desenvolvida e completada, indubitavelmente, pelo fato de ter Paulo elaborado a sua própria reação às falsas representações gnósticas.

Esboço da Epístola

Introdução (1:1-14)
1. Destinatários e Saudação (1:1,2)
2. Agradecimento Pela Experiência (1:3-8)
3. Oração por Conhecimento (1:9-14)

I. Afirmada a Plenitude de Cristo (1:15-23)
1. Em Relação a Deus (1:15-20)
2. Em Relação ao Universo
3. Em Relação à Igreja
4. Em Relação à Experiência (1:21-23)

II. Apelo à Plenitude de Cristo (1:24-2:23)
1. Apelo Prefaciado Cuidadosamente (1:24-2:5)
   1) Acusação de Paulo Contra os Gentios (1:24-29)
   2) A Preocupação de Paulo com os Colossenses (2:1-5)
2. Apelo Feito Frontalmente (2:6,7)
3. Apelo Imposto Firmemente (2:8-23)
   1) Baseado na Experiência (2:8-15)
   2) Baseado em Realidades (2:16-19)
   3) Baseado na Firmeza (2:20-23)

III. A Vida na Plenitude de Cristo (3:1-4:6)
1. Focalizada em Cristo (3:1-4)
2. Despindo o Que Não É Cristão (3:5-11)
3. "Vestindo" Cristo (3:12-17)
4. Vivendo Para Cristo (3:18-4:6)
   1) Em Situações Domésticas (3:18-4:1)
   2) Em Devoções Particulares (4:2-4)
   3) Diante dos de Fora (4:5,6)

Conclusão (4:7-18)
1. Os Mensageiros de Paulo (4:7-9)
2. Saudações e Instruções (4:10-17)
3. Assinatura (4:18)

Bibliografia Selecionada

ABBOTT, T. K. **Epistles to the Ephesians and to the Colossians.** ("The International Critical Commentary.") Edinburgh: T. & T. Clark, 1897.

ASHBY, E. G. A **New Testament Commentary**, ed. HOWLEY, G. C. D., BRUCE, F. F., e ELLISON, H.L. London: Pickering e Inglis, 1969.

BARCLAY, WILLIAM. **Letters to Philippians, Colossians and Thessalonians.** ("Daily Study Bible.") Edinburgh: St. Andrews Press, 1959).

BEET, J. A. **Commentary on St. Paul's Epistles to the Ephesians, Philippians, Colossians and to Philemom** (3ª ed.) London: Hodder and Stoughton, 1902.

LIGHTFOOT, J. B. **Epistle of St. Paul to the Colossians.** London: Macmillan, 1875.

MOULE, C. F. D. **Colossians and Philemon.** ("Cambridge Greek Testament Commentary.") Cambridge: University Press, 1957.

MACLAREN, ALEXANDER. "Colossians and Philemon", **The Expositor's Bible.** VI. London: Hodder and Stoughton, 1890.

PEAKE, A. S. "Colossians", **The Expositor's Greek Testament**, III. London: Hodder and Stoughton, 1903.

SCOTT, E. F. Colossians, Philemon and Ephesians. ("The Moffatt New Testament Commentary", 7ª ed.) London: Hodder and Stoughton, 1948.
SIMPSON, E. K., e BRUCE, F.F. "Ephesians and Colossians", New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.
WILLIAMS, A. L. **The Epistles to the Colossians and to Philemon.** ("The Cambridge Greek Testament.") Cambridge: University Press, 1907.

Comentário Sobre o Texto

Introdução (1:1-14)

1. Destinatários e Saudação (1:1,2)

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, 2 aos santos e fiéis irmãos em Cristo que estão em Colossos: Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai.

A palavra **apóstolo** estabelece o direito de Paulo de se dirigir aos seus leitores, embora estranhos. **Pela vontade de Deus** estabelece a sua autoridade sobre o seu verdadeiro alicerce, não sobre a superioridade de Paulo, mas sobre a indicação de Deus; ao mesmo tempo, o fato de associar Timóteo consigo mesmo como **irmão** frustra a asseveração de qualquer orgulho pessoal.

Embora **gentios**, os colossenses eram **santos**, isto é, separados para Deus, como parte do povo santo. **Irmãos**, como termo de relacionamento religioso, é muito mais antigo do que o cristianismo, e necessita da adição definidora **em Cristo**, para especificar a irmandade cristã. Quando o judeu Paulo a usa em relação a gentios, ela ganha um maior significado.

Fiéis irmãos de imediato obsta qualquer suspeita de que Paulo escreve para criticar ou é movido por algum rumor negativo. **Graça** (favor — "o sorriso de Deus", como o chama J. A. Beet) é, no grego, um trocadilho em relação a uma familiar saudação pagã. **Paz** ecoa o familiar "shalom" hebraico. A saudação é, incomumente, da parte de **Deus nosso Pai** apenas — talvez porque dirigida expressamente a **irmãos**, na única família multi-racial do único **Pai**.

Santos em relação a Deus e **irmãos** em relação uns aos outros, os leitores viviam, simultaneamente, **em Cristo** e **em Colossos.**

2. Agradecimento Pela Experiência (1:3-8)

3 Graças damos a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, orando sempre por vós, 4 desde que ouvimos falar da vossa fé em Cristo Jesus, e do amor que tendes a todos os santos, 5 por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, 6 que já chegou a vós, como também está em todo o mundo, frutificando e crescendo, assim como entre vós desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade, 7 segundo aprendestes de Epafras, nosso amado conservo, que por nós é fiel ministro de Cristo. 8 O qual também nos declarou o vosso amor no Espírito.

Paulo dá graças pela frutífera reação dos colossenses ao evangelho, que, insiste ele, eles haviam entendido com exatidão desde o princípio. Ao mesmo tempo, sutilmente prepara o caminho para as advertências contra erros que tinha que fazer, e lança o forte escudo de suas recomendações ao redor do pastor deles, **Epafras**, e a sua avaliação da fé cristã.

O motivo para o agradecimento de Paulo foi o relato cristão comum que ele **ouvira** (repetido no v. 9). O **fruto** do evangelho entre eles é analisado dentro da tríade familiar de **fé** em relação a

Cristo, amor em relação aos seus companheiros cristãos e a esperança que era a recompensa final deles. Esses três elementos essenciais da vida cristã ocorrem juntos em outros trechos das obras de Paulo (I Cor. 13:13; I Tess. 1:3; 5:8; Gál. 5:5 e s.; Rom. 5:1-5; Ef. 4:2-5), em Hebreus (6:10-12; 10:22-24) e em I Pedro (1:3-8,21,22), a partir do que A. M. Hunter argumenta que essa formulação é pré-paulina. [8]

Fé e **amor** compreendem todo o bem cristão, relacionando o crente tanto com Deus quanto com o homem. Com toda a sua preocupação com o intelectualismo gnóstico, Colossenses não deixa dúvidas de que é da fé que o conhecimento advém (1:23; 2:5, 7, 12).

O amor que tendes a todos os santos sugere que os colossenses eram conhecidos pela hospitalidade demonstrada para com os crentes que viajavam pela grande estrada oriental. Em Colossenses, como em Efésios, Paulo tem em mente intensamente a unidade da Igreja: esse **amor** é o seu vínculo (3:14 e s.)

Amor no Espírito (ou "em Espírito", não há artigo no grego), no v. 8, pode estar introduzindo a única referência ao Espírito Santo. Entender esta referência como "amor espiritual", em contraposição a "amor carnal", parece sem sentido, aqui. Paulo concebe o Espírito habitando na comunidade cristã e sendo "entristecido" por qualquer comportamento anti-social (Ef. 4:25-32; Gál. 5:13-26; I Cor. 12-14). Em um contexto assim, **amor no Espírito**, amor em (um) espírito (cristão), e **amor... a todos os santos** correspondem à mesma coisa.

Esperança aqui não é a virtude, espera-se, mas a coisa que se aguarda, **reservada nos céus**, "futura, escondida, segura" (Scott). Será que Paulo representa a esperança como a razão (ou base) da fé e do amor dos colossenses (e, da mesma forma, os comentaristas gregos, e muitos modernos)? Ou será que ele dá graças pelo fato de que os que possuem **fé** e **amor** têm uma esperança tão grande (assim o faz Abbott, comentando que de todas as graças, o amor é o que menos se preocupa consigo mesmo)? Nem a fé nem o amor podem ser sustentados pela esperança calculada de recompensa. É especificamente pelo resultado certo que Paulo dá graças: ele considera a ansiosa reação deles ao evangelho como promessa, preparação e antegozo da glória futura (1:12,27).

Além de lembrar tudo o que é permanente (I Cor. 13:13) na vida cristã, esta tríade de excelências descreve perfeitamente as três dimensões da experiência cristã, ao estender-se acima, para Deus, de lado, para os irmãos, e, à frente, para o futuro de Deus. Deus irrompe de maneira tão maravilhosa na pequena cela da vida individual, que liberta a alma para toda a liberdade do redimido.

Com tato consumado, Paulo encerra o seu agradecimento com a observação de que o pastor deles lhe havia comunicado as suas realizações valiosas e sua maturidade, para que ninguém em Colossos supusesse que Epafras tivesse feito algum relatório negativo. O pastor deles não estava, de forma alguma, denegrindo o seu povo!

Uma abertura delicada e desarmante, contudo, apresenta indícios das advertências que estão por vir. A expressão **Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**, introduz a dignidade peculiar a Cristo, que a carta passará a expor. Deus é verdadeiramente conhecido como Pai tão somente por aqueles que se apegam a um ponto de vista adequado de Cristo como Filho (cf. Mat. 11:27; I João 2:23).

Mais uma vez, **o evangelho** que eles haviam **ouvido** era a **palavra da verdade** (cf. Ef. 1:13), e não filosofia humana, especulação estéril ou o engano vazio das "revelações" visionárias. Era o evangelho que eles **antes ouviram**, não novidade, mas vindicado pela experiência; não era uma moda intelectual localizada, sectária, mas proclamado **em todo o mundo**,

8 **St. Paul and His Predecessors** (London: SCM, ed. de 1961), p. 33 e 35.

como sendo eficiente muito além do seu vale familiar, como havia sido entre eles mesmos.

Da mesma forma, eles também não haviam concebido erradamente o evangelho, como que a necessitar agora, de algum ensinamento mais perfeito: eles o haviam **conhecido** não como simples teoria ou código humano (cf. 2:8), mas como uma mensagem concernente à livre **graça de Deus** (cf. 2:14,20 e ss.). Ele havia provado o seu valor de duas maneiras:

Primeira, **frutificando** entre eles em caráter e conduta aprovados (cf. 2:8,23; cf. Mat. 7:15-20; João 15:8). **Fé em Cristo Jesus**, e... **amor... a todos os santos** são precisamente os pontos em que o cristianismo difere de sua perversão gnóstica (veja a Introdução).

Segunda, pelo seu poder de desenvolvimento. **Crescendo** em riqueza e profundidade, à medida que a fé amadurecia, o evangelho não necessitava de nenhuma suplementação da filosofia humana. Tanto a fecundidade do evangelho quanto o seu poder de crescimento podem estar fazendo eco ao grego da Parábola do Semeador, contada por Marcos, talvez com um relance de olhos no mau uso que os gnósticos faziam dessa tradicional parábola de Jesus. **Crescendo**, todavia, é, algumas vezes considerado como crescendo em influência, fazendo muitos convertidos. Será que Paulo apelaria para a popularidade de qualquer ensinamento como evidência de sua veracidade? O versículo 10, eco do semeador e a declaração gnóstica de que tinham ensinamento mais avançado, favorece a interpretação de Maclaren: "A palavra há muito ouvida... se abrirá em todas as profundidades novas, e refulgirá em novo brilho, à medida que os homens crescerem. Dará novas respostas, à medida que os anos apresentarem novas interrogações."

Com respeito ao testemunho de Paulo sobre Epafras, veja o comentário sobre 4:2 e s. Paulo enfatiza a fidelidade de Epafras, tanto a Cristo quanto (aparentemente) como delegado de Paulo. Os colossenses não precisavam de novos instrutores: eles foram ensinados de maneira sadia.

A introdução sensível e proposital de Paulo propicia (1) uma descrição sucinta do que é central na vida cristã: fé, amor e esperança; (2) uma descrição estimulante do evangelho, pelo qual essa vida é iluminada — como verdadeira, universal, frutífera, crescente; e (3) uma descrição satisfatória do ministro cristão — como fiel servo de Cristo, colega amado e inteiramente leal ao seu povo.

3. Oração por Conhecimento (1:9-14)

9 Por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós, e de perdir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; 10 para que possais andar de maneira digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus, 11 corroborados com toda a fortaleza, segundo o poder da sua glória, para toda a perseverança e longanimidade com gozo; 12 dando graças ao Pai que vos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz, 13 e que nos tirou do poder das trevas, e nos transportou para o reino do seu Filho amado; 14 em quem temos a redenção, a saber, a remissão dos pecados;

O relatório animador motivara não apenas agradecimento, mas também oração, **desde o dia** em que Paulo **o ouvira**. À sua oração, o crente mais intelectual, até "gnóstico", pode dizer Amém. Pois Paulo pede o contínuo aumento do seu **conhecimento... sabedoria e entendimento**.

A estrutura desta longa sentença de Paulo dá a entender que esta é a única coisa que ele pede: o propósito do seu pedido é uma vida aprazível, analisada em quatro expressões descritivas. Paulo ora para que eles tivessem **conhecimento** não dos mistérios ou de doutrinas especulativas, mas da **vontade** de Deus. Com razão, nota Barclay, que este é o verda-

deiro alvo de todas as orações, mas quantas vezes nós oramos: "Seja mudada a Tua vontade", em vez de: "Seja feita a Tua vontade."

A sabedoria que Paulo pede não é "carnal" (como ministradora de orgulho, 2:18) nem mera exibição (2:23), nem mundana (I Cor. 2:5 e s.) mas **espiritual**, isto é, uma percepção da verdade espiritual, percepção de valores e prioridades espirituais, e a visão dos fins espirituais (cf. 1:28; 2:3, 23; 3:16; 4:5).

O **entendimento** que Paulo buscava para os seus leitores era a capacidade de aplicar os princípios espirituais a situações práticas. Outrora, Paulo teria buscado o **conhecimento** da **vontade** de Deus em um código escrito; agora ele o procura no conhecimento da mente de Deus, na sabedoria para discernir o que é correto e no entendimento para aplicá-lo a novos problemas de maneiras progressivas, isto é, na instrução cristã, na percepção cristã e no bom senso cristão.

Os cristãos que tivessem inclinação para o gnosticismo devem ter ficado pouco à vontade com a insistência de Paulo no fato de que o único propósito da sabedoria é uma vida **digna do Senhor, agradando-lhe em tudo**. A palavra **maneira** é tradução de palavra usada por Paulo oriunda do hebraico "caminhar ou andar", e ele requeria que este fosse correto diante de Deus. **Digna** obviamente não significa merecedora, mas adequada, competente, correspondente a Deus, ao evangelho, à vocação e ao Senhor (I Tess. 2:12; Fil. 1:27; Ef. 4:1). Nunca dignos de ser salvos, lutamos para nos tornarmos mais dignos daquele que nos salvou em nossa indignidade.

Agradando-lhe em tudo significa satisfazer a Deus de todas as formas (cf. 3:22; Ef. 6:6; Rom. 15:1-3). A vida desta forma divinamente aprovada é descrita em quatro frases paralelas: (1) **Frutificando em toda boa obra**, que pode ter significado especial para os analisadores do erro (veja o comentário sobre 1:6), mas no pensamento apostólico a qualidade do **fruto** revela, nas árvores e nos homens, a qualidade de vida que está dentro; enquanto, em contraste com "obras", fruto sugere boas ações como o transbordamento natural e espontâneo do bom Espírito que reside no interior do crente (Gál. 5:22; Mat. 7:16 e ss.; João 15:1-8; Luc. 13:6 e ss.). O quíntuplo **toda** (v. 9-11, no grego) não pode ser acidental: o caráter que resulta do conhecimento da vontade de Deus deve ser de dimensões máximas, e não mínimas.

(2) **Crescendo no conhecimento de Deus**, que não é repetição. No v. 9, Paulo ora pelo conhecimento da vontade de Deus; aqui ele está pensando em uma profunda e crescente intimidade com o caráter, os caminhos, a fidelidade e o amor de Deus. Alguns acham que Paulo quer referir-se ao crescimento **pelo** conhecimento de Deus; mas provavelmente, ele está falando que o crente cheio do conhecimento da vontade de Deus e assim vivendo dignamente do Senhor, avançará continuamente na sabedoria mais profunda de todas — o conhecimento pessoal do próprio Deus, que é o segredo mais íntimo da vida cristã. Conhecimento de Deus e obediência a Deus aprofundam uma à outra (estabeleça-se o contraste entre João 7:17 13:17).

(3) **Corroborados com toda a fortaleza, segundo o poder da sua glória**, que nos faz lembrar que o poder moral é pelo menos tão importante quanto o entendimento moral. Enquanto a direção moral da vida não for decidida pela **crença** e os recursos morais liberados pela **decisão**, o conhecimento da vida que é boa permanece estéril. Nem gnósticos antigos nem modernos podem receber com agrado este pensamento, mas conhecimento e sabedoria não são suficientes.

Porém, até o fato de conhecer o certo e ter o poder de colocá-lo em prática não perfazem a vida toda. Adversidade, oposição e sacrifício precisam ser enfrentados. A força da vida **digna** é demonstrada em **perseverança** ou persistência,

mantendo o que é certo, contra todas as probabilidades; e em **longanimidade**, que é a capacidade para suportar as pessoas sem ficar amargurado. Diferentemente do autodomínio estóico, a força cristã se eleva até as culminâncias do **gozo**. Esses cristãos eram mais do que vencedores: possuíam a tenacidade e a alegria de viver que edificou a igreja apostólica, mesmo naquele mundo romano, invencível e indestrutível. Coragem invencível como essa manifesta **o poder da sua glória** tão claramente quanto qualquer realização espetacular.

(4) **Dando graças ao Pai**, que descreve a sensação dominante, o profundo senso de privilégio que se apossa do coração remido (cf. 1:3,12; 2:7; 3:15,17; 4:2). Geralmente, em o Novo Testamento, agradecimento é um motivo dominante da alma cristã. Quando o homem serve a Deus, não mais através do medo, ou da busca de méritos, a única força inteiramente altruística que sustém todos os empreendimentos é o simples sentimento de gratidão Àquele que nos amou e se deu por nós. A única resposta apropriada à graça é gratidão.

Ele nos fez **idôneos para participar da herança dos santos na luz**: a herança prometida a Abraão, a atribuição feita a Israel, de quinhões da Terra Prometida, sendo o povo escolhido feito **idôneo** por escolha, experiência, e aliança divinas para ser seus santos — no cumprimento espiritual de tudo isto os crentes gentios entraram. "Deus vos deu a escritura" (como o traduz Abbott) de um quinhão (Deut. 10:9) não mais nas trevas, mas na luz de sua santidade e favor.

A comunidade de Qumran falava muito na herança de Deus e na guerra da luz com as trevas. Pode ser que o fraseado de Paulo, aqui, esteja aludindo à heresia judaico-gnóstica que perturbava Colossos (veja a Introdução): os colossenses já possuíam o que os heréticos ofereciam, já eram qualificados santos de Israel, não necessitando nem de circuncisão (2:11) nem de aprovação humana (2:16; para o pensamento principal, cf. I Cor. 10:1-8; Rom. 9:6 e ss.).

Além do mais, da mesma forma como Israel fora libertado do Egito e transferido para Canaã (e da mesma forma como os judeus da Frígia haviam sido transferidos à força para os seus novos lares naquela região; veja Introdução), assim também os colossenses haviam sido libertos do domínio — **tirou do poder** — de poderes demoníacos hostis (Ef. 6:12; Luc. 22:53) e transportados para um reino de luz e amor. Talvez a metáfora do Êxodo em relação à conversão fosse familiar outrora, tanto quanto o novo nascimento, a nova criação e morte-ressurreição. Para menções acerca do **reino** de Cristo, veja I Coríntios 15:24 e Efésios 5:5; para menções ao fato de que os crentes já estão na luz, Efésios 5:8, I João 1:5-7, I Pedro 2:9 e a referência a Qumran, feita acima. Note-se também a curiosa relação com Atos 26:18, para o que a chave parece agora perdida. A idéia principal de Paulo é clara: Por que os colossenses deviam temer ou tentar aplacar os próprios poderes dos quais Cristo já os havia libertado?

Como Israel, também os colossenses **têm a redenção**, palavra esta usada para o êxodo do Egito e, mais tarde, para a volta do exílio na Babilônia. Talvez em contraste com as idéias contemporâneas de que "iluminação" era algo de suprema importância, Paulo identifica **redenção** com **remissão de pecados**. Esta é a liberação e libertação mais necessária para os homens pecadores. Quer faça parte ou não do texto aqui, a referência à compra mediante resgate, pelo sangue de Cristo (como em Ef. 1:7), o pensamento a este respeito certamente estava na mente de Paulo.

Portanto, os colossenses tinham abundantes razões para serem agradecidos. E essa gratidão abrangente sustentaria todo o caráter cristão — frutífero, em intimidade com Deus e forte — que seria digno do Senhor e cheio de percepção da perfeita vontade de Deus. Uma grande

oração para se fazer pelos amigos, e por si mesmo!

I. Afirmada a Plenitude de Cristo (1:15-23)

1. Em Relação a Deus (1:15-20)

15 o qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; 16 porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. 17 Ele é antes de todas as coisas, e nele subsistem todas as coisas; 18 também ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência, 19 porque aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude, 20 e que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus.

As palavras finais desta ação de graças levam Paulo a Cristo, ou seja, a um grande tema desta carta: a plenitude de Cristo. Quinze tremendas asseverações compreendem a "grande cristologia", a exploração empreendida, por Paulo, do Cristo cósmico. Com respeito à forma poética e aos pensamentos avançados desta passagem, veja a Introdução. Porém deixaremos de entender o que Paulo quer revelar, se nos esquecermos que ele escreveu com objetivos seriamente práticos: instruir uma fé interrogadora e enriquecer a vida cristã diária.

O tema de Paulo é a **preeminência** de Cristo, primeiramente em relação a Deus. Em tudo o que interessa ao conhecimento do homem a respeito de Deus, Cristo não tem quem se assemelhe a ele. Ele é o Filho (1:13), em quem o caráter de Deus é reproduzido, a vida de Deus encarnada: preeminente no relacionamento. Ele é o amado (1:13), em quem o amor de Deus é fixado, em quem ele se agrada: preeminente no coração de Deus. Ele é o Rei (1:13), a quem Deus deu o nome acima de todo nome: preeminente em condição e autoridade. Ele é Redentor também (1:14), o canal dos propósitos salvadores de Deus e a pessoa que pagou o preço deles: preeminente em responsabilidade.

E em tudo isto Cristo é **a imagem do Deus invisível**. A palavra **imagem** é usada a respeito do **Logos** por Filo; da sabedoria em Sabedoria de Salomão 7:26 e em II Coríntios 4:4; acerca de uma estampa sobre uma moeda em Mateus 22:20; de uma estátua em Apocalipse 13:14. Barclay adiciona exemplos significando retrato, especialmente a bico de pena; Moule contrasta Êxodo 20:4 com Gênesis 1:27. É claro que semelhança, representação e manifestação estão implícitas. Cristo torna, o Deus invisível, visível em carne humana. Ele é preeminente em revelação.

Desta forma, Paulo refuta a afirmação gnóstica de que Cristo não passava de uma dentre uma série de emanações que serviriam de mediadoras entre Deus e o mundo. Ele não tem rivais em trazer Deus ao homem e levar o homem a Deus. Esta verdade sem paralelos, a respeito de Jesus, é urgentemente importante hoje em dia. Na medida em que o nosso mundo se reúne em seu lar planetário, a concepção de Paulo a respeito de Deus é a única que pode satisfazer todas as raças e tipos de homens; na medida em que o conhecimento humano se expande até os horizontes do espaço, esta é a única visão de Deus que pode conciliar-se com a nossa nova maneira de compreender o universo. Cristo não é apenas preeminente, mas peculiar, em tudo o que torna Deus real para o homem, em todas as eras.

2. Em Relação ao Universo

Cristo é preeminente aqui também; **o primogênito de toda a criação**. A gramática e o contexto excluem Cristo dentre as coisas criadas, mas o significado de **primogênito** é menos claro. Peake argumenta em favor do significado de "domínio, governo", título messiânico em Hebreus 1:6 e Salmos 89:27. Da

mesma forma, Bruce o assemelha a "herdeiro de todas as coisas" em Hebreus 1:2. Abbott, Williams e a nota à margem da NEB (versão inglesa), todavia, enfatizam a prioridade de Cristo no tempo (desta forma, primogênito consta em II Sam. 19:43, LXX; Luc. 2:7; Rom. 8:29; Apoc. 1:5). O versículo 18 pode estar empregando esse título desta forma, embora, como Moule sugere, tanto anterior a quanto supremo sobre tudo pode ser o sentido; cf. "sua é a primazia" (NEB).

Nele foram criadas todas as coisas... por ele. O paralelo com sabedoria, em Provérbios 8:22 e ss., é íntimo, como o é em João 1:1-18 e Hebreus 1:2; que fazem eco a Paulo. Com **nele** Abbott compara corretamente a contração da preposição com o pronome, **nele**, constantemente usada a respeito da vida cristã. Só nele a Igreja ou a criação têm existência: ele é o meio ambiente de ambas, o mediador tanto da criação quanto da redenção. **Por ele** torna Cristo o agente pelo qual, bem como a esfera dentro da qual todas as coisas vieram à existência.

A sentença interrompida (v. 16) ilustra bem a ênfase desta passagem contra a oposição gnóstica. Os tronos e as autoridades rivais, a que, os heréticos davam tanto valor, vêm depois de toda a criação de Cristo. Ele, e não os anjos, é Senhor da criação material. Paulo adota, sem explicação, a terminologia contemporânea a respeito de várias ordens de poderes angélicos. Williams e Peake rejeitam a idéia de Lightfoot de que Paulo relaciona estes títulos com "impaciência"; mas a ordem variada e especialmente a adição de "todo nome que se nomeia", em Efésios 1:21 ("Dê os nomes, seja de quem for — ele está acima deles!") — confirma essa sugestão.

Cristo é o alvo, bem como a origem da criação: **foram criadas todas as coisas... para ele**, para cumprir os seus desejos, servir ao seu propósito e promover a sua glória. Não apenas a história de Israel, mas tudo o que está nos limites do tempo converge para Cristo. Embora o alvo final de todas as coisas precise ser a glória de Deus, o alvo intermediário e o pleno significado dessa glória são definidos em Cristo. O universo não conhece nenhum Fim mais elevado do que ele.

Sobretudo, cada coisa criada depende de algo que existia antes dela, para a sua existência: **ele é antes de todas as coisas**, auto-existente, não dependendo de nada, salvo o Pai. **Antes** pode ser cronológico (caso em que é precisa ser atemporal), ou causalmente anterior, ou (Moule) superior em ordem. Williams nota que tão-somente em um Ser que é, independentemente, podem todas as coisas ser criadas e sustentadas, o que, certamente, é o que Paulo está dizendo.

Nele subsistem todas as coisas, literalmente "permanecem juntas", coexistem. "Ele mantém existindo o que ele trouxe à existência", diz Bruce; "nele (todas as coisas) têm sua unidade e significado", diz Scott. Mais uma vez Paulo faz eco ao que havia sido dito em relação à sabedoria (Sabed. Sal. 1:7; Sabed. Siraque 43:26). Ele refere-se pelo menos ao fato de que Aquele através de quem todas as coisas foram criadas agora também lhes sustenta a existência (assim diz Hebreus 1:3). Mas dá também a entender que Ele impõe a todas as coisas o seu padrão e coerência íntima, e desta forma também o significado delas. Como último recurso, é a presença de Cristo na história que torna o universo inteligível.

Paulo precisa ainda acrescentar que Cristo **reconciliará** todas as coisas. Esta estupenda visão do Cristo universal tem muito significado para um mundo que está adentrando profundamente o espaço e ficando boquiaberto diante da imensidade das coisas criadas. O nosso Cristo foi o agente de Deus na criação, e está por detrás e adiante de todo o universo; ele dá ao universo coerência, e, por fim, todas as coisas existentes se dobrarão diante de sua autoridade e propósito salvador. Ele, que torna todas as coisas

novas, também torna todas as coisas significativas.

3. Em Relação à Igreja

Cristo é preeminente, além do mais, na Igreja: a **cabeça do corpo**. A metáfora **do corpo**, atribuída, por alguns, ao estoicismo e, por outros, a Jesus (Mar. 14:22), desenvolve-se grandemente devido ao uso que dela faz Paulo (I Cor. 12:12 e ss.; Rom. 12:4 e s.; Ef.). A interpretação da **cabeça** como cérebro diretor é, provavelmente, anacrônica. Se a alusão é a um paralelo com Adão como o cabeça da raça, o pensamento da origem da Igreja em Cristo pode ser apresentado. Mas a posição da cabeça, a localização da vista e da audição e o fato de que as feridas a ela infligidas são mais provavelmente fatais explicam suficientemente o uso desta expressão em todas as línguas, significando "chefe, o primeiro em posição". Este significado parece ser requerido em 2:10 (veja o comentário sobre 2:15).

O **princípio** pode significar simplesmente que Cristo é a origem da Igreja (NEB); mas esta é uma idéia sobre a qual os cristãos primitivos gostavam muito de raciocinar (cf. amanhecer, alfa, autor da fé, estrela da manhã, princípio da criação de Deus, primícias dentre os mortos, príncipe da vida). Esta expressão relaciona Jesus com a nova criação da mesma forma como João 1:1 o relaciona com a velha.

Paulo parece dar a entender que Cristo é cabeça e origem da Igreja, porque ele é o **primogênito dentre os mortos**, o primeiro a romper os laços da morte, e levar muitos filhos à glória; o primeiro no tempo e na ordem quanto à ressurreição, como o é na criação (v. 15; cf. Apoc. 1:5). A identidade do Cristo preexistente (v. 15 e s.), encarnado e crucificado (v. 20), e ressurrecto (v. 18) é pressuposta como evidente por si mesma.

Entender que **em tudo tenha** ele a **preeminência** é o propósito para o qual ele é **cabeça, princípio** e **primogênito** parece repetitivo como uma declaração de fato: ela tem mais coerência como declaração daquilo que deve ser — Deus o fez cabeça e princípio para que ele possa ser absoluto e único na lealdade e amor daqueles corações que o adoram. "Ele é supremo no universo; ele precisa tornar-se supremo em relação à Igreja" (Peake) — especialmente, talvez, na igreja, em Colossos.

Os versículos 19 e 20 resumem esta cristologia extraordinária. Infelizmente, eles estão eriçados de problemas. A **plenitude** (expressão completa de Paulo) era, no pensamento gnóstico, a "plenitude" divina, a totalidade das emanações, agências e energias que enchiam o vazio existente entre o espírito puro e o mundo material. Paulo assevera que todas as atividades de Deus são exibidas em Cristo. Os gnósticos concordavam em que Deus estava "de alguma forma presente em Jesus" (Scott); Paulo insiste que Cristo, pessoalmente, representa a "plenitude". Moule, Williams, Abbott e a RSV inglesa, em diferentes expressões, entendem que esta é a "plenitude da divindade"; a NEB inglesa traduz "o ser completo de Deus" (cf. 2:9).

Ao invés de **aprouve... habitasse toda a plenitude** (Abbott, Moffatt, RSV) alguns preferem, como a IBB, **aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude** (Williams, citando 13 paralelos contidos no NT; Scott, citando expressões rabínicas; Bruce). Esta maneira de traduzir prepara melhor o texto para e **por meio dele reconciliasse**. Mas isso não é, precisamente, o que Paulo escreveu, e parece fazer com que a plenitude da divindade em Cristo dependa do "prazer" do Pai. Por isso outros consideram **plenitude** como a plenitude da graça que capacita Cristo a **reconciliar** — sem a ajuda de mediadores angélicos (Peake).

Porém a limitação da plenitude ao campo da graça é alheia ao contexto; **habitasse** (isto é, permanentemente) parece dirigido contra a idéia gnóstica da divindade temporária de Cristo; e Wil-

liams chama a atenção para os ecos em "Filho amado" e "apraz" das narrativas do batismo e da transfiguração. A paráfrase da NEB, portanto, parece captar o que Paulo quer dizer, embora não perceba o uso deliberado da palavra-chave gnóstica plenitude — "nele veio habitar, pela escolha do próprio Deus, o ser completo de Deus." A concepção exaltada de Paulo a respeito da pessoa de Cristo dificilmente pode encontrar expressão mais adequada do que nesta sentença.

Quanto à obra de Cristo, a mediação reconciliadora de Cristo é tão atemporal e universal quanto a sua mediação criadora (o v. 20 repete o v. 16). A cruz também tem significado cósmico (Ef. 1:10; II Cor. 5:19; I João 2:2); e uma palavra rara mostra que a sua obra reconciliadora está completa. Moule considera **sangue** como sacrificial; Barclay vê nele a prova final do amor (Rom. 8:32) que reconcilia; mas Scott insiste que Paulo está falando que Cristo morreu no campo de batalha, lutando contra os inimigos do homem, e que a sua morte foi o golpe de vitória. Esta é a metáfora de 2:15, porém ela não explica nem a reconciliação nem a paz, nesta passagem encontradas. **Sangue da sua cruz** não é tanto uma metáfora mista, quanto uma metáfora altamente condensada. A cruz é um patíbulo; o derramamento de sangue, sem dúvida, a morte de Cristo sobre ela; a designação interpretativa desse evento como "sangue fazendo a paz" é a essência da idéia de sacrifício expiatório.

Parece claro que **reconciliasse... todas as coisas... nos céus** apela à reverência dos colossenses pelos seres e autoridades espirituais: assim, longe de suplementar a obra de Cristo, eles também precisavam de reconciliação, e através de Cristo. **Todas as coisas... na terra** apela ao dualismo, e, possivelmente, ao exclusivismo da perspectiva gnóstica. Contudo, a exposição precisa tem sido muito debatida, talvez porque Paulo está usando, mais uma vez, a linguagem dos seus oponentes.

Dentre muitas sugestões, as interpretações convincentes parecem reduzir-se a três. (1) **Todas as coisas... nos céus** significa a natureza, e Paulo está repetindo Romanos 8:20 e s. Mas ali, a natureza é libertada da corrupção, e não reconciliada, em paz. Mais do que isto, o v. 16 se manifesta contra esta explicação. (2) Scott pensa em Cristo destruindo as forças divisionárias de um universo em guerra consigo mesmo, despedaçando o princípio do mal sobre a cruz. Expressas mais pessoalmente, **todas as coisas... nos céus** incluem o Diabo e os anjos maus ou poderes demoníacos (Ef. 1:20 e ss.). Porém, será que Paulo esperava tal reconciliação universal, e através da paixão de Cristo em natureza humana? (3) **Todas as coisas... nos céus** pode significar seres angélicos, e todas as outras forças opositoras, que serão subjugadas à unidade, em vez de reconciliadas à comunhão e paz, como em 2:15. Isto é "reconciliação através da subjugação", é paz imposta compulsoriamente (Bruce cita I Cor. 15:28). Será a palavra incomum, usada no grego, para "reconciliação" devida a esta idéia menos familiar de unidade imposta (a despeito do seu uso no v. 22)?

Esta terceira interpretação está de acordo com Efésios 1:10 (cf. Ef. 3:10; Fil. 2:11), onde todo o universo deve recuperar em Cristo a sua unidade perdida, sendo o caos abalado, fragmentado e alienado, que resultou da queda do homem, reduzido à ordem, beleza e desígnio que Deus originalmente tinha em vista. Mas as palavras **reconciliasse... paz... sangue da sua cruz** dificilmente se enquadram na idéia de sujeição final.

Pode-se suspeitar de que Paulo tinha uma intenção dupla: os que consentirem serão reconciliados à paz através do sacrifício de Cristo; os que resistirem serão subjugados, levados à submissão, através da vitória da cruz (2:15). De qualquer forma, Cristo é preeminente também nisto, pelo fato de ele, sem ajuda, trazer toda a criação, inclusive as

hierarquias espirituais, de volta a Deus, que a formou (não provavelmente, **consigo mesmo**) — e a formou em Cristo, através de Cristo e para Cristo.

Essa é a maneira pela qual Paulo expressa a estonteante grandeza, a inexaustível plenitude do Cristo cósmico. Ele é sem igual, não precisa de assistentes angélicos, tanto na criação quanto na redenção. O propósito imediato de Paulo é urgentemente importante e prático: nele habita a plenitude — você chegou à plenitude da vida nele, e não precisa de suplementos gnósticos. Podemos também notar, com Moule, a conexão que Paulo estabelece entre a criação e a redenção: Cristo não é a antítese da natureza, mas a sua completação e significado. O mundo de Deus é um só. Pelo fato de Cristo ser o criador, origem, coerência e reconciliador de **todas as coisas**, não podemos deixá-lo à parte em relação a nada. Tudo o que nos diz respeito, inclusive (como Paulo demonstrará) lar, família, trabalho e vida pública, precisa ser conservado em um relacionamento vivo com ele, como Senhor de todas as coisas, por direito.

Porém as implicações finais são, da mesma forma, urgentemente importantes, talvez de maneira especial em nossa geração. A plenitude cósmica de Cristo significa, para nós, que, onde quer que o homem vá na terra ou no espaço, ainda se defrontará com o desafio e o ideal de Cristo. Seja o que for que o homem descubra, isso ainda ostentará a marca da Mente criadora, da maneira como Cristo nos ajudou a interpretar essas coisas. Embora o homem se torne cada vez mais inteligente e culto, ele ainda precisará da graça de Cristo para torná-lo bom. E, por longe que ele voe, em direção aos horizontes do universo, nenhuma imensidade de distância o separará do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

O Cristo humanista é insuficiente. Em uma era de exploração espacial, quando o coração está faminto por uma concepção mais adequada de Deus e os problemas práticos da vida na terra parecem insolúveis, só o Cristo cósmico de Colossenses satisfará as nossas necessidades.

4. Em Relação à Experiência (1:21-23)

21 A vós também, que outrora éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, 22 agora, contudo, vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, a fim de perante ele vos apresentar santos, sem defeito e irrepreensíveis, 23 se é que permaneceis na fé, fundados e firmes, não vos deixando apartar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, fui constituído ministro.

O nosso esboço é mera conveniência: o pensamento de Paulo é ininterrupto. Os colossenses já haviam provado por si mesmos a verdade que ele está expondo. Eles foram reconciliados, e não deviam permitir que quaisquer mestres de novidades lançassem dúvidas sobre a sua experiência passada.

A alienação em que o evangelho encontrara os seus leitores fora tríplice: religiosa (**estranhos**), psicológica (**inimigos no entendimento**) e moral (**pelas vossas obras más**). **Estranhos**, ou "alienados", aparece também em Efésios 2:12 e 4:18. O sentido desta palavra tem nuanças de não-pertencentes à família (Mat. 17:25 e s.), de serem desconhecidos (João 10:5), de serem imigrantes no estrangeiro (At. 7:6; Heb. 11:9); de homens privados dos seus direitos (Beet) e banidos (Alford). O tom "político" desta palavra faz lembrar o verso 13 (e os acontecimentos locais; veja o comentário sobre o v. 13).

Bruce rejeita as palavras de Maclaren: "não alheios, como se isso fosse uma condição original, mas alienados, como tendo se tornado tal"; mas Paulo usa uma forma verbal, e não um adjetivo. Ele certamente dá a entender **estranhos** em relação a Deus, e não em relação a Israel, como sugere Moule.

Inimigos no entendimento pode ser continuação da metáfora política —

"estrangeiros inimigos". Beet, seguindo Meyer, argumenta (principalmente com base em Rom. 3:24; 5:10) em favor de "tendo que haver-se com a hostilidade de Deus". Porém a maior parte dos comentaristas concorda que as palavras seguintes requerem um significado ativo, "hostil para com Deus", uma atitude expressa em atos indignos. As **obras más** expressam e, mediante culpa acumulada, confirmam essa alienação para com Deus.

A reação divina é semelhantemente tríplice: **agora, contudo, vos reconciliou no corpo da sua carne** e **pela morte.** Parece que Paulo passou inconscientemente a Cristo (RSV e IBB) em vez de a Deus (NEB; veja o v. 19), como agente imediato da salvação dos colossenses. **O corpo da sua carne**, aqui e em 2:11, é explicado, por Bruce, como "corpo físico" (citando o comentário de Qumran sobre Hab. 2:7); a NEB contém "o seu corpo de carne e sangue" (cf. Fil. 3:21).

Porém, por que motivo é esta expressão empregada? Para opor-se à idéia de que anjos desencarnados assistiam na reconciliação (Peake, Abbott)? Para enfatizar a encarnação, contrariando as tendências gnósticas (Bruce, Ashby)? Por que para Paulo o pecado tinha o seu selo na carne e Cristo precisava vencê-lo ali (Scott)? Para subentender aí significado sacrificial (note **vos apresentar santos**; cf. Rom. 8:3; I Ped. 2:24)? Ou não é apenas para arraigar objetivamente a reconciliação na história do evangelho, contra o intelectualismo gnóstico, que fazia da reconciliação uma questão de conhecimento e iniciação? Para Paulo, reconciliação com Deus tinha que ser algo realizado por Deus na carne do Cristo encarnado, por meio da morte (cf. Rom. 3:25), "fazendo a paz pelo sangue de sua cruz".

A transformação salvadora experimentada pelos colossenses tinha, mais uma vez, implicações religiosas, psicológicas e morais, em oposição direta ao indiferentismo dos gnósticos. **Apresentar** pode ser sacrificial (cf. Rom. 12:1; **santos** e "sem mancha" eram originalmente expressões rituais). Pode ser nupcial (Ef. 5:27; II Cor. 11:2); ou judicial (At. 23:33; **sem defeito** = irrepreensível ou sem acusação). A conotação pode ser de uma apresentação na corte, diante de um monarca ou outra pessoa de dignidade (Luc. 2:22). O uso desta palavra em Romanos 6:13, 16 e s. e 12:1 apoia a interpretação dela como experiência presente.

A maioria dos comentaristas, no entanto, se refere a essa apresentação como na **Parousia** ou juízo (citando I Cor. 1:8; II Cor. 4:14; Jud. 24; Rom. 14:10; Ef. 5:27 e II Cor. 11:2, são mais discutíveis). Segundo esta opinião, a apresentação é uma conseqüência distante da reconciliação: 1:22 e 28 parecem dar sustento a esta interpretação, bem como a advertência contra se perder esta esperança por causa de deslealdade.

Porém isto torna o propósito da reconciliação muito remoto da experiência atual dos leitores, à qual Paulo tem apelado. A verdadeira antítese a serem anteriormente **estranhos, inimigos** é serem agora, nesta vida, apresentados diante de Deus aceitáveis, sem rejeição; é "serem trazidos à presença de Deus" (como a NEB traduz esta mesma palavra em I Cor 8:8). Segundo este ponto de vista, a apresentação não é a conseqüência, mas o significado da reconciliação: o inimigo alheio é apresentado à corte. Ser legalmente **sem defeito** ("não acusados", e não sem manchas), **irrepreensíveis** diante de Deus agora (cf. Rom. 8:33 e s.) é, desta forma, o equivalente exato de justificação, sendo considerados justos; e ser apresentados é o equivalente àquele "acesso" a que Paulo dá tanta importância (veja o comentário sobre 2:13).

Até mesmo os comentaristas que adiam a apresentação para o último dia, apesar disso acrescentam: "Cristo transformou a alienação em jubilosa amizade" (Maclaren); "aqueles que outrora

estavam longe... trazidos para perto, os que costumavam estar em guerra... para a paz" (Bruce). O apelo de Paulo não é para que os colossenses fossem preparados para o dia do juízo, mas a apelação muito mais urgente e importante é para que eles não se permitissem serem roubados de sua experiência diária atual de aceitação para com Deus.

A condição para que eles, assim, permanecessem em um estado de reconciliação era **permânecer na fé, fundados e firmes**, e **não vos deixando apartar da esperança do evangelho**, em troca de alguma outra esperança enganosa. A **fé** possivelmente não era a ortodoxia, mas a fé pessoal já recomendada.

Fundados e firmes são metáforas emprestadas de construção: Paulo gostava muito da figura de "edificação". Será que existe uma terceira metáfora em **não vos deixando apartar** (lit., "deslocar")? A NEB ("para nunca vos deslocardes") a considera como passiva (bem como Peake), referindo-se a forças externas, que tendiam a removê-los do fundamento lançado por Epafras. Existe aí uma alusão clara aos tremores de terra familiares em Colossos? (Moule, cf. Mat. 7:24 e ss.). A expressão de Paulo sugere confiança em que as condições seriam, satisfeitas: mas "com estas palavras Paulo aborda o objetivo definido desta carta" (Scott).

Até mesmo o evangelho, que efetuou tudo isto, assume a sua tríplice descrição. Ele não é uma versão nova do cristianismo, do tipo que eles estavam sendo recomendados a aceitar, mas a que **ouvistes**; que eles fossem leais às suas origens espirituais. Da mesma forma, ele não é nenhuma doutrina privada, sectária, intelectualmente exclusiva, mas **a que foi pregada a toda criatura que há debaixo do céu** (cf. 1:6). "Só a verdade é universal" (Beet). Maclaren pensa que não devemos ser pedantes a respeito de exatidão literal; Bruce acha que Paulo transige em "prolepse profética"; outros são de opinião que o evangelho foi pregado a todos estrategicamente. A emenda de uma só letra mudaria a expressão para "toda região" (cf. Rom. 15:18 e s). Esta expressão pode ser simplesmente retórica.

Do qual eu, Paulo, fui constituído ministro. É desta forma que Paulo se apresenta, prosseguindo, depois, em falar de sua preocupação pastoral. Este é dificilmente um apelo por lealdade pessoal, visto que Paulo não era conhecido em Colossos; tampouco é um apelo para o valor de sua conversão como evidência. Da mesma forma, Paulo também não estava lançando a sua autoridade apostólica em apoio a Epafras, pois **ministro** significa simplesmente servo (Mar. 10:45). Paulo encerra este apelo, lembrando que este evangelho que havia transformado as suas vidas era o que ele mesmo havia recebido, experimentado e a que havia se submetido: "Ele é mais antigo do que eu; não é invenção minha; eu mesmo sou seu cativo e seu servo."

Portanto, tudo deveria impelir os colossenses a aderir à mensagem verdadeira: a sua experiência pregressa a respeito do seu poder salvador, a sua necessidade presente de paciência e firmeza para manter essa experiência no futuro, e simples lealdade ao evangelho tão recomendado por sua pureza primitiva e apelo universal. A exploração feita por Paulo acerca da plenitude de Cristo em pensamento, e o fato de eles a terem experimentado pessoalmente, apontam claramente para o mesmo dever: firmarem-se no que lhes havia sido ensinado originalmente.

II. Apelo à Plenitude de Cristo (1:24-2:23)

1. Apelo Prefaciado Cuidadosamente (1:24-2:5)

1) Acusação de Paulo Contra os Gentios (1:24-29)

24 Agora me regozijo no meio dos meus sofrimentos por vós, e cumpro na minha carne o que resta das aflições de Cristo, por

amor do seu corpo, que é a igreja; 25 da qual eu fui constituído ministro segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, a fim de cumprir a palavra de Deus, 26 o mistério que esteve oculto dos séculos, e das gerações; mas agora foi manifesto aos seus santos, 27 a quem Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, a esperança da glória; 28 o qual nós anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; 29 para isso também trabalho, lutando segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente.

Paulo se move cuidadosamente em direção à sua urgente mensagem, primeiramente justificando o fato de se ter dirigido a uma igreja que jamais vira pessoalmente. A sua justificação é dupla: o seu intenso interesse vocacional no sentido do bem-estar de todas as igrejas gentílicas (v. 24-29), e a sua intensa preocupação pastoral, especialmente pelos seus leitores desta carta (2:1-5).

A base do interesse vocacional de Paulo na igreja em Colossos é (1) a **dispensação de Deus** ou sua mordomia (cf. Luc. 16:1 e ss.; I Cor. 4:1 e s.) para com a igreja, inclusive Colossos (**para convosco**) e também **entre os gentios**; e (2) a sua responsabilidade especial de **cumprir a palavra de Deus**, e, em especial, **o mistério... que é Cristo** — a mensagem que os hereges colossenses desafiavam. Em ambos os casos, ele não podia ignorar o que estava acontecendo em Colossos. Ele podia se **regozijar** de estar sofrendo por eles, com **trabalho** (**luta** atlética, como em I Cor. 9:25 e Col. 4:12), trabalhando com a força de Cristo, em favor deles. Ele não estava interferindo, mas participando dos problemas deles.

Desta forma, o significado deste parágrafo é claro, embora três expressões necessitem de explicação. (1) Se o pano de fundo do verso 24 é a intensa aflição de Paulo em Éfeso (II Cor. 1:8 e ss.; I Cor. 15:32); ou o seu prolongado encarceramento em Cesaréia e depois em Roma, qualquer pensamento de que o seu sofrimento suplementava a expiação realizada por Cristo, que, desta forma, estaria incompleta, contradiria tudo o que Paulo declara (e todo o NT) a respeito da obra completa de Cristo.

Indubitavelmente, os crentes participam das aflições de Cristo (Mar. 10:29; João 16:1 e ss.) e Cristo sofre com o sofrimento de sua Igreja (At. 9:4) — mas será que Paulo se **regozijaria** no contínuo sofrimento do Cristo exaltado à direita do Pai? A idéia de que os sofrimentos pós-Calvário do "Cristo multimembrado," perseguido em seu corpo, a Igreja, completam as "dores de parto" da era messiânica (Mat. 24:6; Luc. 21:9,24) está contida abundantemente nas entrelinhas do pensamento de Paulo.

A idéia de que, seja o que for que esteja **faltando**, é suprido pelos sofrimentos de Paulo, sugere que elas não são as aflições de Cristo, mas de Paulo ou da Igreja, que se encontram incompletas embora não seja exatamente isto que Paulo diz. O sofrimento não é aqui avaliado pelo seu valor intrínseco, morbidamente: ele serve à causa gentílica ou de toda a Igreja. Esta afirmação coloca toda a perseguição, suportada indevidamente, sob luz dupla — compartilhado por Cristo e vicário quanto aos benefícios. É verdade que a medida plena de sofrimento, necessária para estabelecer o reino de Cristo, ainda não havia sido suportada. É isto que Paulo deseja completar?

Paulo avança em direção ao alvo de uma identificação mais perfeita com os sofrimentos de Cristo (Fil. 3:8-14). Crucificado com Cristo, ostentando o morrer de Cristo Jesus (II Cor. 4:10), morrendo todos os dias, ele anelava por ser levado ainda mais perto da comunhão dos sofrimentos de Cristo. Conquanto que a sua aflição presente contribua para a Igreja e a beneficie, ele pode verdadeiramente regozijar. Se é isto o que Paulo está querendo dizer, a forma de expressão

que ele usa pode ser devida (como sugere Moule) ao uso que ele faz de uma palavra-chave gnóstica ("o que falta") que não concorda facilmente com as idéias cristãs.

(2) O conceito de um **mistério**, oculto de algumas pessoas, ou durante algum tempo, mas agora tornado público, é inseparável de qualquer religião que reivindique revelação divina (cf. Dan. 2:17-23; Mat. 13:11-16; 16:17; João 14:17). A comunidade de Qumran reivindicava tais segredos; e o paganismo, nas religiões de mistério, oferecia a satisfação intelectual de um círculo selecionado de "iniciados" em segredos divinos, sob o selo de sigilo sob pena de morte. Paulo usa esse termo técnico em Efésios 3:3 e ss. e I Coríntios 2:7, e a palavra **mistério** dez vezes em Efésios — Colossenses (cf. também Rom. 16:25; I Cor. 13:2; 4:1). Ela seria familiar na atmosfera judaico-gnóstica de Colossos, embora Paulo lhe dê significado especificamente cristão, como algo anteriormente oculto, mas agora revelado e até proclamado.

O segredo evangélico oculto, desde os **séculos** eternos e **gerações** que se lhe seguiram, ou das hierarquias celestiais conhecidas como séculos e gerações (Scott; cf. I Cor. 2:7 e s.), é agora manifesto **a todo homem**. A universalidade do evangelho, que Paulo afirma vigorosamente em Gálatas, contra o exclusivismo racial e religioso, aqui ele a afirma contra o exclusivismo intelectual: "uma aristocracia intelectual é a mais exclusiva de todas" (Maclaren). Igualmente apropriada é a ênfase em instruir **todo homem** "em todos os caminhos de sabedoria" (NEB). Toda a verdade de Deus para todo o povo de Deus, comenta Bruce; e Barclay lembra bem que nem judeus nem gnósticos tinham lugar para **todo homem**.

(3) O segredo é a presença de Cristo entre os gentios, incorporando-os em Israel pela pregação do Messias a corações gentílicos. Isto não é anticlímax (como sugere Scott), de nenhuma forma para os judeus, e também não é contrário a Efésios 3:6. A discussão a respeito do que Paulo quer dizer: **Cristo** entre **vós**, coletivamente (Lightfoot, Abbott, Moule e margem da NEB), ou **Cristo em vós**, misticamente (Peake, Scott, Williams; cf. 3:16), é um pouco irreal. Paulo não conhecia nenhuma outra forma pela qual o Cristo vivo podia estar presente entre os gentios coletivamente, a não ser habitando nos crentes individualmente. O fato de que esta era a sua (deles) **esperança da glória** confirma o pensamento mais profundo (cf. Ef. 3:17).

A **glória** divina combina o esplendor visível da majestade de Deus com o brilho moral do caráter de Deus. Este homem glorioso, feito à imagem de Deus, estava destinado a participar (Sal. 8:5), mas ficou aquém disso (Rom. 3:23). A recuperação, por parte do homem, da imagem e glória perdidas (Rom. 5:2; 8:29; II Cor. 4:6), sem dúvida, inclui "a glória externa do estado celestial" (Williams; cf. 3:4); todavia, visto que o homem a perdeu através do pecado, a sua recuperação tem também implicações morais e espirituais (cf. II Cor. 3:18). Os rabis explicavam a glória perdida com o reflexo da glória de Deus na face de Adão. A face de Moisés brilhando enquanto conversava com Deus, e as narrativas cristãs acerca da transfiguração e de Estêvão ilustram esse pensamento.

O fato de que Cristo está em nós aqui e agora, como nossa vida (3:4), é a certeza de que até os gentios podem alcançar essa **glória**. Essa é a inesperada riqueza, contida neste mistério (uma metáfora favorita de Paulo: 2:2; Ef. 1:7, 18; 2:7; 3:8, 16; Rom. 11:33). Com tal concepção de sua vocação e com a forma pela qual ele se orgulhava dela, os colossenses não precisavam admirar-se se Paulo se sentisse obrigado a se preocupar com o bem-estar deles.

O senso de vocação ministerial de Paulo equilibra maravilhosamente sofri-

mento e labuta com privilégio e alegria; a sensação de ser separado especialmente com a sensação de ser escravo de todos os homens; ele é separado das tarefas ordinárias, mas não das pessoas comuns. Igualmente impressionante, aqui, é a análise que ele faz do ministério como o compartilhamento de riquezas (cf. Luc. 12:42) — o rico segredo da vida que é boa, a saber, Cristo — através da pregação, ensino e aconselhamento pastoral; ansiando, em toda atividade ministerial, **para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo**, seja agora (Moule, cf. **apresenteis** em Rom. 12:1) ou por ocasião da **Parousia** (I Tess. 2:19).

2) A Preocupação de Paulo com os Colossenses (2:1-5)

1 Pois quero que saibais quão grande luta tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram a minha pessoa; 2 para que os seus corações sejam animados, estando unidos em amor, e enriquecidos da plenitude do entendimento para o pleno conhecimento do mistério de Deus — Cristo, 3 no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. 4 Digo isto, para que ninguém vos engane com palavras persuasivas. 5 Porque ainda que eu esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito estou convosco, regozijando-me, e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.

Além do seu interesse vocacional, Paulo também sente intenso interesse pastoral com relação à ambas as igrejas a que se dirige (4:16; veja Introdução). A sua luta (veja 1:29) indubitavelmente incluía oração, solicitude, conversas noite a dentro com o pastor deles e esta carta. Todavia, por detrás desses fatores estava toda uma carreira de evangelismo gentílico.

O interesse imediato de Paulo é **que os seus corações sejam animados**. Uma fonte desse fortalecimento é uma renovada unidade em face das tendências divisionárias dos falsos ensinos — **estando unidos em amor** (cf. 2:19; 3:14), e não "instruídos em amor". Uma segunda fonte de fortalecimento seria uma convicção arraigada, enchendo e enriquecendo (veja o comentário sobre 1:27) a mente. Provavelmente, aqui Paulo quer dizer, como em Efésios 3:18, que essa riqueza de percepção cristã é conseguida somente em comunhão íntima "com todos os santos".

O pleno conhecimento do mistério de Deus — Cristo pode ser uma terceira fonte de força; mas provavelmente descreve o entendimento de que eles necessitavam, e podiam ter, de preferência a qualquer outra filosofia nova. Quanto ao que é **o mistério de Deus** ou segredo revelado (veja o comentário sobre 1:26), "há poucos lugares, em o NT, onde os MSS. diferem tão grandemente" (Scott). Os copistas fizeram dez ou doze tentativas de aplanar uma expressão obscura, mas, em vista de 1:27, a maioria dos intérpretes assemelha o **mistério** com o próprio Cristo. Realmente, conhecer Aquele em quem todos os segredos de Deus foram clara e completamente revelados é, de fato, ser **enriquecidos da plenitude do entendimento**.

Em 1:27, o mistério consiste no fato de Cristo habitar nos gentios; aqui é Cristo, **no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência**. Uma vez mais a metáfora de riqueza ocorre, relembrando, aqui, Provérbios 2:1-5; Cristo se torna, para as mentes cristãs, tudo que a sabedoria era para os sábios do Velho Testamento. Ele é a sabedoria de Deus (I Cor. 1:24,30); nele toda a riqueza intelectual é nossa.

Os tesouros da sabedoria estão **escondidos** em Cristo. Os gnósticos consideravam o ensino apostólico como elementar demais, o mero ABC da sabedoria religiosa; as conclusões mais profundas dos seus próprios livros apócrifos ("ocultos") eram necessárias aos intelectualmente maduros. Paulo replica que o significado pleno de Cristo não é desvendado para os superficiais; ele é **escondido**. Scott diz que tanto **sabedoria** como **ciência** implicam em se perceber as reali-

dades subjacentes às aparências. Em Cristo, um tesouro infinito de sabedoria (Ef. 3:8; I Cor. 2:6 e ss.) espera para ser explorado por meditação paciente e maturidade avançada. Portanto, é desnecessário procurar mais verdade em outras partes: tendo Cristo, os colossenses tinham tudo que podiam desejar.

"O que lhes quero dizer é: Que ninguém os persuada" (Moule, Bruce) **com palavras persuasivas**, raciocínio falaz ou linguagem enganosa. O perigo que assombra os leitores é por fim designado. E porque a "advertência passa com tanta facilidade a ser repreensão" (Maclaren), Paulo mais uma vez recomenda o seu interesse pessoal, antes de declarar rudemente o tema essencial de sua mensagem (2:6,7).

Porque ainda que eu esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito estou convosco significa mais do que "penso em vocês, desejando estar aí". Paulo está identificado imaginariamente com eles, de forma a regozijar-se com eles na sua leal aderência à verdade: I Coríntios 5:3-5 propicia um contraste agudo. Confiante no fato de que os colossenses ainda não se haviam desviado "da esperança do evangelho que ouviram", ele expressa generosamente "a alegria com que, de sua prisão, ele viajara, em espírito, através de montanhas e mares, e os vira em seu vale tranqüilo, apegando-se ao Senhor" (Maclaren).

Antes de tornar ainda mais aguda a sua advertência, ele elogia a sua **boa ordem** e a **firmeza da** sua **fé em Cristo**. Esses termos eram originalmente militares: "a sua formação ordenada, as suas fileiras compactas, as suas falanges sólidas." Algumas pessoas traduzem esta expressão com metáforas de construção: "estrutura firme, compacta, solidez de uma construção estável", lembrando 1:23. Mas outras consideram estas palavras genericamente em relação à firmeza e solidez (Moffatt) que a sua fé permitiu até agora que a igreja apresentasse.

Pode-se rebuscar o Novo Testamento procurando uma análise melhor do que esta do encargo pastoral. Paulo sentia por esses colossenses distantes, desconhecidos, o que qualquer verdadeiro pastor sente por seu povo. Ele desejava que eles tivessem encorajamento, queria animar os que trabalhavam, e reavivar o tição da fé que fumegava; unidade, para que eles pudessem edificar uma frutífera participação mútua; e certeza de fé, que lhes desse firmeza mental. Mais do que tudo, ele era o seu defensor leal, mesmo ao ponto de indignação contra os que os queriam defraudar. Nenhum ministro moderno é apenas pastor; mas tais são as dimensões exigentes do ministério pastoral: encorajar, reconciliar, instruir e defender o povo confiado aos seus cuidados pastorais, no que deve ter os mesmos sentimentos de Cristo, o supremo Pastor.

2. Apelo Feito Frontalmente (2:6,7)

6 Portanto, assim como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim também nele andai, 7 arraigados e edificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, abundando em ação de graças.

O ponto convergente desta carta, declarando o objetivo de Paulo em escrevê-la, é breve e claro; mas cada palavra precisa merecer todo o peso que tem. Notamos novamente a ansiedade para não ofender: os colossenses haviam sido bem ensinados, e com verdade (cf. 1:7); e também a referência adicional a ação de graças é profilática contra desvios (veja 1:12).

O apelo é no sentido de firmeza: **assim como recebestes... andai. Recebestes** é (no grego) um termo técnico, que designa a perpetuação do ensino tradicional mediante instrução formal (cf. 4:17; I Cor. 11:23; 15:1-3; II Tess. 3:6; Rom. 6:17, que apresentam uso semelhante; **ensinados** é uma palavra diferente). Paulo insiste em que o seu evangelho é a mensagem original compartilhada por todas as igrejas. O conteúdo dessa tradição comum é **Cristo Jesus** como **Senhor**, e não meras doutrinas. Uma mu-

dança incomum de fraseado faz do título quase um credo. Esta é a confissão requerida dos discípulos por Jesus (Mar. 8:27-30) e dos convertidos por Pedro (At. 2:21,36,38; cf. 15:17). É a mensagem de Paulo (At. 18:5) e a base da salvação (Rom. 10:9; cf. Fil. 2:11; I Cor. 12:3). Portanto, é a base do batismo (At. 8:16,37; 22:16; cf. Tiago 2:17; neste contexto, cf. Luc. 6:46; Mat. 7:21). A mesma insistência, na primitiva confissão cristã, dirigida igualmente contra alvos gnósticos, ocorre em I João (2:22 e ss.; 3:23; 4:15; 5:5-13).

Embora alguns comentaristas considerem esta expressão "Jesus é o Cristo e Senhor", como afirmação dupla, como disse Lightfoot, "o ponto central da heresia colossense era a subversão da verdadeira idéia de Cristo". A ordem das palavras de Paulo deixa pouca dúvida de que ele está reiterando a fé dos primeiros cristãos, em que Jesus, que aparecerá como Messias, é verdadeiramente o Senhor divino — com toda a riqueza de significado exposta no capítulo 1.

Cristo, corretamente concebido, sendo o conteúdo da verdadeira tradição, o corolário necessário para recebê-lo é **nele andai**. Paulo usa o antigo termo ético hebraico que designa comportamento — **andai** (cf. 1:10; 4:5; Ef. 5:2; I João 1:7). Cada passo do caminho do crente deve ser dentro do círculo abrangente de Cristo.

As quatro metáforas — **andai, arraigados, edificados, confirmados** — colidem literariamente, mas são importantes espiritualmente. Um andar diário seguro exige um coração firmemente arraigado. Os colossenses estavam **arraigados** (tempo de verbo usado por Paulo) em Cristo como solo: subentende-se tanto estabilidade quanto nutrição (para ilustração, cf. Sal. 1:3; Mar. 4:6; Ef. 3:17; Col. 1:10). Agora, eles precisavam ser continuamente **edificados** (outra vez, no tempo de verbo usado por Paulo). Esta figura pode adicionar, ao crescimento natural de **arraigados**, o pensamento do esforço pessoal: uma estabilidade progressiva é o que se dá a entender claramente.

O andar é em Cristo, a árvore está arraigada em Cristo, a casa se levanta sobre Cristo; mas o estabelecimento resultante é **na fé (assim como fostes ensinados** torna este significado mais provável do que "pela vossa fé"). **Confirmados** tem associações legais, de se garantir uma compra, confirmar testemunho ou juramento (Heb. 2:2 e s; 6:16). Aqueles que estão andando, arraigados e edificados em Cristo, se demonstram confirmados em uma fé válida.

Um apelo desses não podia ser mais frontal. Bem instruídos, para começar, e já correspondendo com grande frutificação, os colossenses precisavam continuar como haviam começado. A sua fé original não precisava de suplementação de fontes alheias, provindas de novidades gnósticas. Pelo contrário, eles precisavam consolidar os seus ganhos, igualando uma crescente apropriação de Cristo com toda a sua plenitude inexplorada, inexaurível. Isto faria com que eles, certamente, transbordassem em **ação de graças.**

3. Apelo Imposto Firmemente (2:8-23)

1) Baseado na Experiência (2:8-15)

8 Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; 9 porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade, 10 e tendes a vossa plenitude nele, que é a cabeça de todo principado e potestade, 11 no qual também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo; 12 tendo sido sepultados com ele no batismo, no qual também fostes ressuscitados pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos; 13 e a vós, quando estáveis mortos nos vossos delitos e na incircuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com ele, perdoando-nos todos os delitos; 14 e havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas orde-

nanças, o qual nos era contrário, removeu-o do meio de nós, cravando-o na cruz; 15 e, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz.

Paulo expressa o apelo conciso de 2:6 e s. de três maneiras: fazendo os seus leitores se lembrarem da plenitude de experiência que eles já haviam recebido (como o enfatiza o reiterado passado dos verbos); levando-os a se desligarem das especulações ociosas e entrarem nas realidades da vida religiosa; e chamando-os a uma vida coerente com o que eles professavam.

A rica experiência deles se colocava em agudo contraste com a natureza predatória da **filosofia** dos hereges. **Tende cuidado para que ninguém** (um espoliador em particular?) **vos faça presa sua** (levando-vos como rapina, para a escravidão) retoma o pensamento do rico tesouro deles (1:27: 2:2 e s.) e prepara o caminho para o pensamento de liberação (v. 13 e s.; v. 20 e s.). O veículo dessa espoliação é uma filosofia tão inútil quanto inverídica, embora enganosa (2:4).

Antes de tudo, Paulo desmente esse "faz-de-conta" ilusório como (1) inteiramente feito pelo homem, e de forma alguma derivado da autêntica tradição evangélica (2:6); (2) como inspirado pelo demônio — **segundo os rudimentos do mundo**. A versão RSV, na qual se baseia o original inglês deste comentário, diz: "de acordo com os espíritos elementares do universo." Alguns entendem "elementos do cosmos" como os meros rudimentos da religião (v.g., 2:16, 20-22; veja a margem da edição inglesa NEB), contrastados ironicamente com os ensinamentos avançados que os gnósticos diziam ter. Outros (RSV, NEB, Scott, Bruce, Peake) comparam esta expressão com 1:16; 2:10,15-20; Gálatas 4:1-8, e entendem que ela se refere a seres espirituais (veja a introdução, a respeito da heresia colossense). O faz-de-conta é (3) **não segundo Cristo** — para os corações dos crentes, isto é condenação suficiente. Mas Paulo sublinha a loucura de se voltar para espíritos elementares mendigos e fracos (Gál. 4:9), em quem a divindade é tenuemente distribuída, quando temos Cristo, em quem **habita corporalmente toda a plenitude da divindade** (isto é, total, inteiramente; em vez de "encarnado" ou "em humanidade glorificada"). Ele é **a cabeça** de todos os seres celestiais, de **todo principado e potestade**, sendo que "cabeça" dá a entender, como em 1:18, supremacia, e nada mais.

Tendo o Cristo pleno, **temos a nossa plenitude nele**, claro que não plenitude de divindade, mas "tudo o que uma pessoa não apenas precisa, mas também pode ter" (Williams). Esta tinha sido a experiência dos colossenses; ela não precisava de nenhuma complementação da parte de uma mitologia pagã e sem proveito, mas só de exploração progressiva através da vida cristã.

Paulo então passa a relacionar seis componentes dessa experiência cristã total. (1) Se os hereges insistiam na **circuncisão** como ordem divina, como um ato profilático contra o pecado da carne, como um talismã contra os espíritos maus ou como o sinal de superioridade dos mestres judeus, o problema foi levantado claramente. A resposta de Paulo não é que a circuncisão nada é (Gál. 5:6; 6:15; I Cor. 7:19), mas — surpreendentemente — que eles haviam sido **circuncidados**, não fisicamente (**não feita por mãos**, cf. Ef. 2:11), mas espiritualmente; não com a circuncisão de Moisés, mas com a de Cristo.

Por ocasião da conversão, eles haviam-se despido não meramente de um símbolo da carne em que o pecado habitava, mas de todo o **corpo da carne**, a individualidade sensual com todas as suas obras (3:9). A **circuncisão de Cristo** não era a dele próprio, pois essa havia sido com mãos. Bruce e Moule consideram esta expressão como um despimento do corpo na crucificação (cf. 1:22), uma

alusão algo complicada. A referência é, sem dúvida, à renúncia inicial da carne por ocasião da conversão cristã — essencialmente, o arrependimento cristão. Embora este seja chamado de **circuncisão não feita por mãos** apenas nesta passagem, esta expressão faz eco a Deuteronômio 10:16, Jeremias 4:4 e passagens paralelas, Romanos 2:29 e Filipenses 3:3.

Visto que o significado de circuncisão fora cumprido na experiência colossense e a condição que ela confere já lhes pertencia (veja o comentário sobre 1:12,27), submeter-se ao ritual exterior seria uma negação vil do que Cristo havia feito por eles.

(2) A ocasião desta circuncisão cristã era do batismo deles (assim dá a entender o grego), quando **o corpo da carne** não era apenas excluído, mas **sepultado** com Cristo, e o convertido **ressuscitado** com ele para a vida da ressurreição. O batismo por imersão, símbolo da morte e sepultamento, e a fé como "o instrumento pelo qual o benefício a ser obtido no batismo é recebido" estão implícitos (Williams, Beet, Peake, Moule, Scott, Bruce). Como em Romanos 6, Paulo podia subentender esse tipo de batismo e essa interpretação dele, mesmo em uma igreja que ele não havia visitado.

A metáfora da morte-ressurreição acerca da conversão é muito mais familiar do que a da circuncisão. Do seu lado negativo — arrependimento — ela deriva de Marcos 8:34, reforçada dramaticamente depois do Calvário, com o sentido de participar da morte do próprio Cristo para com o pecado (Rom. 6:1-11; Gál. 2:20). Paulo não menciona aqui a morte de Cristo: o sepultamento é o destino óbvio do corpo despido por ocasião da circuncisão cristã. Do lado positivo, esta metáfora representa a ressurreição do crente com Cristo, para uma vida vitoriosa pela fé. "É esta confiança em Deus que dá significado e eficácia ao rito do batismo", diz Scott, e Moule concorda com ele; mas aqui, como em Romanos 4:17,24; 6:8; 10:9, é especificamente a fé no poder divino que ressuscitara a Cristo. Este aspecto positivo, dinâmico, afirmador de vida, do batismo cristão, é demasiadas vezes esquecido.

A íntima associação do batismo e da circuncisão, nesta passagem, tem levado à curiosa correspondência dos dois, no pensamento da Igreja, e à substituição da circuncisão pelo batismo, na prática da Igreja em relação às crianças. Esta interpretação torna inexplicável o uso de ambos os ritos em conjunto pelos judeus, por Jesus, por alguns cristãos primitivos (como na Galácia) e por Paulo (At. 16:3). Torna sem sentido a recusa de Pedro em comer com cristãos incircuncisos, se o seu batismo era equivalente à circuncisão. E suscita a pergunta irrespondível: Por que Paulo não usou este argumento direto e suficiente na sua polêmica contra a circuncisão? — e, de fato, por que ele contendeu, afinal de contas, contra a imposição da circuncisão aos seus convertidos, se ela era meramente um substituto de ritual equivalente?

Porém este argumento entende Paulo de maneira totalmente errada. Ele não iguala nem compara a circuncisão com o batismo: ele estabelece contrastes entre eles. Mais exatamente, ele contrasta a circuncisão literal, feita por mãos, com a circuncisão espiritual, **não feita por mãos**, no fato de o convertido se livrar da **carne**; e então ele diz que isso aconteceu por ocasião do batismo. Desta forma, o batismo cristão é suficiente; ele realiza, através da **fé** do convertido, tudo o que a circuncisão significava imperfeitamente: o despojamento da carne. Nenhum rito ascético ou de renúncia é necessário ulteriormente nem terá significado. Assemelhar o batismo, que é eficaz mediante a fé, com a circuncisão literal, a fim de aplicar um batismo sem fé a criancinhas, não faz sentido para Paulo e para a lógica.

(3) O versículo 13 afirma, não mais uma vez a morte deliberada do convertido para o pecado (v. 12), mas a morte no

pecado, que já aconteceu, e na alienação para com Deus, do pecador pagão. Segundo a linguagem de Paulo, o homem **morto** no pecado pode ser **vivificado** através da morte para o pecado, juntamente com Cristo; o significado da morte muda sutilmente quando a situação espiritual é exposta. As duas causas da morte espiritual são pecados ou passos em falso, tropeços, e a **incircuncisão** literal, aqui indicativa da anterior alienação, dos leitores da comunidade de Israel, como estrangeiros e estranhos às alianças da promessa. Efésios 2 explica detalhadamente ambos os pontos. Peake considera **incircuncisão** como metáfora de sensualidade (NEB, "incircuncisos moralmente"). Mas Paulo está dizendo que a circuncisão espiritual dos colossenses em Cristo fez com que a sua incircuncisão literal perdesse a sua validade.

Desta forma, os colossenses experimentaram uma vivificação dupla: como pecadores e como estranhos; foram **vivificados** para com Deus e para com o povo de Deus, Israel. Aquele que **vos vivificou juntamente com ele** deve ser Deus; se o sujeito passa a ser Cristo entre os versos 13 e 15, é muito difícil de decidir.

(4) Perdão assegurado é um elemento essencial da experiência cristã. "Para um homem condenado a morrer, perdão é vida" (Beet). A palavra de Paulo passou a significar perdão gratuito, generoso, tanto da dívida (Luc. 7:42 e s; veja o comentário sobre o v. 14 abaixo) quanto do pecado; mas a sua idéia básica é de serem favorecidos (3:13; cf. II Cor. 12:13; Luc. 7:21; At. 3:14; 25:11,16). Paulo foi ainda mais motivado pelo pensamento de ser-nos dado acesso ao favor do Altíssimo (Rom. 5:2; Ef. 2:18). Como acontece freqüentemente, ele interrompe a linha da passagem, para se incluir; e lembra como o perdão de Deus é completo — **perdoando-nos todos os delitos.**

(5) Os colossenses haviam experimentado libertação da lei. Estando cancelados os delitos, **o escrito** que registrava a obrigação é primeiramente obliterado e depois tirado do caminho, sendo pregado na cruz. "Quer o documento **escrito** fosse uma conta ou dívida não paga (cf. Mat. 6:12; 18:23 e ss.) quer uma acusação de ofensa como a que pregaram acima de Cristo, parece fazer pouca diferença. Ele continha a inimizade da lei (Rom. 3:19; contra os gentios, Rom. 2:14 e ss.; cf. Gál. 3:13, "maldição da lei", Rom. 7:7-14) com todas as suas exigências minuciosas e acusações; mas isso foi removido (Rom. 10:4; 7:14; Gál. 3:24 e s.). Cristo lavou (de acordo com a prática da época, de tornar a usar os papiros caríssimos) a goma e cobriu as marcas de tinta do documento; ele o tirou do nosso caminho; e o pregou publicamente, como documento cancelado, sobre a sua cruz (a alusão a Marcos 15:26 é quase irresistível). Por que, depois de tal libertação, os crentes devem novamente submeter-se a "regulamentos" humanos?

(6) Consideramos que o verso 15 descreve um sexto elemento da experiência cristã, embora os seus termos sejam ambíguos. **Despojado** pode significar desarmado, despido (cf. 2:11; 3:9; II Cor. 5:4; Zac. 3:4 e s.); o sujeito pode ser Deus ou Cristo; **os principados e potestades** podem ser as forças malignas ou anjos bons (assim entende Williams, citando 1:16; 2:18 e considerando "Cabeça", em 2:19 e 1:18, como "líder, sustentador", e não simplesmente como supremo.)

Duas linhas principais de interpretação são possíveis. Em primeiro lugar, Cristo então privado dos anjos que atendiam ao seu ministério, sendo capaz de passar sem eles (cf. Mat. 26:53). Ou, Deus privado, em Cristo, da "veste" de anjos mediadores: sendo ab-rogada a lei, os anjos que eram seus mediadores e que a controlavam sobre os homens haviam perdido o seu lugar (cf. At. 7:53; Gál. 3:19 e s.; Heb. 2:2 e contexto; assim pensam, em substância, Beet, Alford, Williams e Peake). A "parada" de triu-

unfo era, portanto, um desfile em que sacerdotes e outros eram exibidos com prazer. Segundo esta interpretação, o verso 15 expande o pensamento da liberdade cristã em relação à lei afirmado no verso 14.

Em segundo lugar, a RSV, como a versão da IBB, entende que Deus despojou e desarmou as forças espirituais malignas e fez delas um espetáculo público em Cristo. Ou, que Cristo se desfez das forças hostis (NEB) em sua cruz, ou, privado do seu corpo, de sua natureza humana através da qual as forças malignas o assediavam. De qualquer forma, o mal é vencido, e a própria cruz, uma procissão militar triunfal.

Este é um paradoxo ousado, mas a interpretação da morte de Cristo segundo a idéia de **Christus Victor** está inteiramente de acordo com João 12:31, 14:30; 16:11, Efésios 4:8 e Hebreus 2:14. Ela pode derivar de Lucas 10:18 e 11: 14-22; é expressa claramente em II Coríntios 2:14 e Efésios 4:8 — embora os cativos ali sejam convertidos voluntários, e não poderes demoníacos. Efésios 1:21.3:10 e Romanos 8:38 dão amplas garantias para que se considerem **principados e potestades** como forças malignas, que devem ser vencidas; aquele através de quem eles foram criados (1:16) e que é o seu cabeça supremo (2:10), é também o seu vencedor (Ef. 1:20 e ss.). (Assim pensam, em substância, a RSV, NEB, Moule, Bruce e Scott.)

Segundo esta interpretação, os colossenses haviam experimentado uma segunda libertação, adicional à libertação da lei: libertação da escravidão sob os poderes demoníacos (2:20). Assim, os versos 14 e 15 em conjunto enfrentam os dois lados da heresia colossense (veja a Introdução), confirmando fortemente este ponto de vista.

A incerteza quanto a minúcias não deve obscurecer a riqueza da análise de Paulo. A fundamentação na experiência é coerente. Por um lado, as sucessivas declarações a respeito do que Cristo fez explica ainda mais a sua divina plenitude e suficiência como Salvador. Por outro lado, a declaração sextupla a respeito do que os crentes receberam através dele é uma base firme, mediante a qual se pode rejeitar qualquer sugestão de que a filosofia humana tem algo a oferecer aos homens e mulheres privilegiados de maneira tão abundante.

2) Baseado em Realidades (2:16-19)

16 Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, 17 que são sombras das coisas vindouras; mas o corpo é de Cristo. 18 Ninguém atue como árbitro contra vós, afetando humildade ou culto aos anjos, firmando-se em coisas que tenha visto, inchado vãmente pelo seu entendimento carnal, 19 e não retendo a Cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo com o aumento concedido por Deus.

Da mesma forma como a base da vida religiosa deve estar sobre a salvação experimentada, também o conteúdo da fé religiosa precisa consistir não de teorias, visões, disciplinas auto-inventadas, mas de acontecimentos reais e fatos substanciais. Em campo algum a **sombra** é tão facilmente confundida pela substância como no da religião. Portanto, Paulo passa da análise de uma experiência espiritual válida para a sua expressão na prática religiosa realista. Pode haver também uma referência às tendências divisivas dessa vontade própria especulativa, emocional, pois Paulo enfatiza **todo o corpo, provido e organizado**.

Ninguém vos julgue... ninguém atue como árbitro contra vós. O método usual dos propagandistas de alguma teosofia "avançada, espiritual", é deixar desassossegadas as consciências sensíveis, criando descontentamento e sentimento de culpa, para depois aproveitar-se dessa insatisfação com promessas ilusórias de grande bênção, a ser obtida através de algum novo desvio. Paulo recomenda que

os colossenses rejeitassem essas avaliações de sua condição espiritual. Eles deviam **reter a Cabeça** e permanecer como parte de **todo o corpo**, que **vai crescendo... por Deus**. Ele acrescenta algumas críticas contundentes a respeito do substituto elaborado pelo homem, a "religiosidade" que estava sendo imposta aos colossenses.

Ninguém, pois, vos julgue significa que alguém o estava fazendo. O asceticismo era o problema, e não a impureza ritual (com respeito aos elementos judaístas dessa heresia, veja a Introdução). Todo o judaísmo era profético, sendo a prefiguração do evangelho, que havia de vir, e assim, necessariamente, era temporário. Entender as **coisas vindouras** como ainda futuras destrói o argumento de Paulo. Entender **corpo** (substância) como a Igreja, ou o corpo de Cristo glorificado, deixa de perceber a ênfase desse parágrafo, bem resumido na NEB: "a sólida realidade de Cristo" (cf. Heb. 8:5; 10:1 e ss.). Paulo não diz: "Que ninguém observe esses costumes proféticos." Ele meramente proíbe que qualquer pessoa se assente para julgar os outros a respeito desses assuntos (cf. Rom. 14:1-13).

"Que ninguém os prive do seu prêmio" (ERV) preserva a metáfora usada por Paulo acerca do juiz de um jogo atuando. Beet explica o prêmio perdido como a vida eterna (Fil. 3:14; I Cor. 9:24). Grande parte dos estudiosos aceita **atue como árbitro** (I Cor. 9:27; Apoc. 3:11). Segue-se uma descrição quádrupla dos juízes autonomeados em Colossos.

(1) Eles são descritos como **afetando humildade ou culto aos anjos** — expressão quase ininteligível — traduzido, de outra forma, como "alegrando-se na humildade", "humildade autoconsciente", "humildade voluntária" e até como "desqualificá-los de sua mera vontade". Mais dúvidas ainda se levantam, se **humildade** for considerada, como em Hermas, como indicação de jejum, asceticismo. Pode ser que Paulo esteja descrevendo a "humildade" voluntariosa, exagerada, que diz que não ousa aproximar-se de Deus, a não ser através de hostes de seres intermediários (veja a Introdução, acerca da heresia colossense; cf. Heb. 1:4 e s.). **Culto**, aqui, refere-se à adoração religiosa consistente de atos exteriores (cf. At. 26:5; Tiago 1:26 e s.): a humildade exagerada geralmente dá à luz ao ritualismo e uma ênfase à mediação.

(2) Eles são descritos como **firmando-se em coisas que tenha visto** (visões). Muita erudição é gasta para defender "estudando, investigando, explorando, interpretando e tentando entrar em alguma visão", ou "habitando, invadindo, formando-se, desfilando as suas jactâncias em relação às visões". De qualquer forma, os hereges valorizam exageradamente as suas experiências emocionais e iluminações particulares, comparando-as com a experiência comum da fé histórica (cf. Jer. 23:25 e ss.; João 3:11; 8:38).

Esta interpretação concorda em que os críticos têm visões. Abbott pensava que Paulo falou ironicamente, confundindo, assim, algum escriba, dentre os primeiros, que inseriu "que não viu" (KJV e IBB antiga). Esta seria uma acusação estranha a se fazer contra alguém que viveu pela fé (Peake)! A maior parte dos eruditos, com forte apoio dos manuscritos, omite o "não". Uma emenda mais moderna redivide o texto, obtendo "pisando sobre o ar vazio", isto é, especulações sem base. Ramsay, seguido por Scott e Bruce, fala de uma inscrição que usava a palavra como termo técnico das religiões de mistério: "tendo recebido os Mistérios, ele entrou" (foi iniciado). Bruce diz: "firmando-se no que viu nos Mistérios." Moule acha esta referência difícil e forçada. Parece provável que no decorrer desta passagem Paulo deliberadamente cita os termos heréticos em tom irônico. Ele zomba da declaração gnóstica de visões sobrenaturais que conferiam maior certeza e iluminação do que o

evangelho apostólico da plenitude de Cristo podia dar.

(3) Os juízes de Colossos são descritos como **inchados vãmente pelo seu entendimento carnal** — literalmente, inchados como com foles (cf. I Cor. 8:1; 13:4; daí, "explodindo de presunção", NEB). **Vãmente** ou sem razão, porque Paulo não concorda com nenhum orgulho de intelecto, seja qual ele for, sendo, como é, um intelectual (veja I Cor. 1:18-29). Essa "humildade", que mascara uma arrogância intelectual, deve, necessariamente, ser falsa (para **entendimento carnal**, cf. Rom. 1:28; Ef. 4:17; e para o oposto, Rom. 7:22,25). Longe de o intelectualismo e o asceticismo purificar a carne, eles são governados por ela, ministrando à auto-absorção, orgulho espiritual e piedade presa aos sentidos.

(4) Eles são descritos como **não retendo a Cabeça** — acusação culminante. É irrelevante identificar as **juntas e ligaduras** pelos quais o **corpo** da Igreja é unido e nutrido, ou discutir a familiaridade de Paulo com a fisiologia. A Igreja é um corpo, unido organicamente e nutrido pela sua firme adesão à sua Cabeça viva; não é um feixe de varas (Maclaren), mecanicamente reunidas por um credo ou teosofia comum. Divisão significa inanição e raquitismo; só apegando-se à unidade do todo com a Cabeça é que se pode conhecer o **aumento concedido por Deus**. Seja este o "crescimento como Deus requer" (Peake), ou "como Deus dá" (I Cor. 3:6; cf. Ef. 4:15 e s.), o contraste irônico com o crescimento que é meramente inchaço é inconfundível.

3) **Baseado na Firmeza** (2:20-23)

20 Se morrestes com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos sujeitais ainda a ordenanças, como se vivêsseis no mundo, 21 tais como: não toques, não proves, não manuseies 22 (as quais coisas todas hão de perecer pelo uso), segundo os preceitos e doutrinas dos homens? 23 As quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria em culto voluntário, humildade fingida, e severidade para com o corpo, mas não têm valor algum no combate contra a satisfação da carne.

A falha dos hereges em reter o Cristo que um dia eles abraçaram emoldura o apelo para que os colossenses agissem coerentemente com a sua experiência. (A respeito de espíritos elementares, ou **rudimentos**, veja o comentário sobre 2:8). Paulo quer dizer que, da mesma forma como morrer com Cristo é morrer para o pecado, a lei, o eu, a carne e o mundo, também é morrer em relação à escravidão anterior aos poderes elementares do universo, sob a qual eles estavam. Por que, então, deixar as pessoas lhe ditarem a maneira como aplacá-los? Ecoando 2:14, Paulo considera todas essas **ordenanças** abolidas. As proibições citadas são de tom infantil, mas eram, evidentemente, o meio pelo qual os espíritos elementares exerciam o seu poder, através do medo ou como "anjos da lei". Assim, os colossenses haviam sido levados de novo à servidão de que Cristo os havia libertado.

Mais do que isso, a submissão a tais **ordenanças** mostra uma preocupação exagerada com coisas essencialmente triviais, porque são perecíveis; e isso devido a autoridades meramente humanas. O ponto anterior, Paulo expressa em outras passagens (I Cor. 6:13; cf. 8:8), como Jesus o fizera ainda mais contundentemente (Mar. 7:18 e s.). O último ponto reproduz Isaías 29:13 de maneira tão semelhante a Marcos 7:5-8, que Peake e Abbott sugerem que Paulo tinha em mente o discurso de Cristo. Pelo menos podemos dizer que Paulo usa, contra o asceticismo ritual judaico-gnóstico, uma forma de argumento que já era familiar em Roma, reivindicando autoridade dominical.

O golpe final de Paulo contra a heresia em foco é uma negação direta de suas reivindicações. Ela falha redondamente em realizar o que se determinara a fazer — liberar a centelha divina, o espírito, do "túmulo" do corpo, que o aprisiona.

O gnosticismo é inteiramente ineficaz diante do supremo teste de todas as religiões: a subjugação da carne à vida mais elevada do espírito.

A maneira pela qual Paulo diz isso é tão obscura que muitas pessoas emendam o texto livremente, abandonam-no como corrupto ou presumem que Paulo está usando os termos dos seus oponentes. Paulo concorda que a heresia tem uma reputação de intelectualismo (embora não bem fundamentada, dá a entender o seu texto grego). "Causa uma impressão favorável" (Bruce) em promover **culto voluntário**, uma adoração auto-imposta (Abbott), literalmente, "adoração da vontade". Paulo, provavelmente, cunhou uma palavra para descrever a adoração não requerida por Deus, mas inventada voluntariamente e auto-imposta. Indubitavelmente, esta referência é a adoração de anjos, com humilhação própria (v. 18), ou como diz a IBB, **humildade fingida**.

Severidade para com o corpo refere-se ao lado mais severo e ascético do gnosticismo (veja a Introdução). Devoção rigorosa, misticismo, degradação, automortificação, nunca deixam de impressionar as pessoas que medem a religião pelas suas formas e pelas suas dores. Paulo concorda que isso é impressionante; e acrescenta devastadoramente que, não obstante, tudo é sem valor para subjugar a carne, que, diziam os gnósticos, era a inimiga declarada do espírito.

A tradução feita pela RSV e IBB, das palavras finais, escolhe duas versões duvidosas (honra traduzida como **valor** no sentido de eficácia; **satisfação** também poderia ser "indulgência, satisfação razoável"); e insere uma palavra, **combate**, como interpretação, traduzindo como **contra** uma palavra que normalmente significa "em direção a" (mas 3:13 e 3:19 apoiam esta interpretação). Esta tradução provavelmente representa o pensamento de Paulo (Bruce, Moule, Barclay), pois parece improvável que Paulo encerre a sua discussão dizendo que essas práticas não demonstram nenhuma honra para com o corpo, na satisfação de suas necessidades razoáveis. Ele quer dizer, pelo menos, que as prescrições gnósticas não conseguiam subjugar a natureza carnal; pode estar dizendo que, na verdade, o gnosticismo servia para a satisfação da carne, mimando a sua sensualidade, emoções e orgulho.

A fundamentação de Paulo na experiência, em realidades, e na firmeza, combinado com críticas severas aos hereges, compreendem uma poderosa exortação negativa. Ele agora se volta das advertências negativas, e ainda mais, das tentativas negativas de lidar com a carne, para apresentar a verdade cristã positiva. A conseqüência perene de morrer com Cristo é não viver mais no mundo, sujeito aos espíritos, mas buscar as coisas que são de cima e gozar da plenitude da vida escondida com Cristo em Deus.

III. A Vida na Plenitude de Cristo (3:1-4:6)

1. Focalizada em Cristo (3:1-4)

1 Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está, assentado à destra de Deus, 2 Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; 3 porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. 4 Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória.

Paulo deixa de explicar a plenitude de Cristo, resposta suficiente à doutrina dos heréticos, para descrever a plenitude da vida cristã, antídoto suficiente contra as promessas ilusórias deles. E, em primeiro lugar, ele enfatiza que a vida plena é focalizada inteiramente no Cristo pleno. Tendo morrido com Cristo e tendo sido sepultados com Cristo, agora fomos ressuscitados com Cristo; estamos escondidos com Cristo, e nos **manifestaremos** com ele. **Cristo**, de fato, é **a nossa vida**.

Este parágrafo tão breve, mas tão rico, mistura declaração, exortação e promessa, em três encorajamentos para se "viver" a vida cristã nas suas maiores alturas.

O primeiro encorajamento se constitui em focalizar o alvo da vida em Cristo. Eles foram **ressuscitados** (respondendo a 2:20, como em 2:12,13); **buscar as coisas que são de cima** é nada mais do que ser coerente com a sua própria experiência. Cristo está **assentado à destra de Deus** (cf. 1:18; 2:12); **buscar as coisas que são de cima** é nada mais do que ser coerente com a convicção que eles já tinham de que Cristo fora levantado muito acima das coisas terrenas.

Este é o mais forte dentre todos os apelos para "pensarem espiritualmente", isto é, para orientarem todos os alvos da vida mediante o Cristo exaltado e focalizarem a inclinação emotiva do seu ser em tudo o que está à direita de Deus. Proibições, visões, negações ascéticas jamais tiveram sucesso, embora seja duvidoso se **pois** se refere a **coisas... que são da terra** ou aos preceitos de 2:16 e ss. Porque **as coisas que são de cima** não significam preceitos celestiais nem as bênçãos do céu (Beet), mas "toda a esfera superior" (NEB), inclusive o Cristo entronizado e todas as coisas finais, essenciais e transcendentais (Mat. 6:19,33 e 7:7 ilustram suficientemente).

O Salmo 110:1 era um constante texto de prova da apologética primitiva (At. 2:34 e 11 paralelos). Este versículo é citado aqui não para indicar o lugar de poder do qual Cristo pode suprir graça (Williams), mas como evidência da supremacia de Cristo sobre todos os poderes (2:10). **Assentado** expressa descanso depois do conflito; **a destra de Deus** declara a resultante autoridade e poder (cf. 1:18; Ef. 4:10; Fil. 2:9).

Porém aqueles que ressuscitaram com Cristo também precisam reconhecer a sua ascensão (Peake; da mesma forma, Ef. 2:6). A morte e ressurreição com Cristo, que é o fundamento da salvação e que no batismo se torna a analogia de experiência espiritual, é também o padrão de ambição cristã. A ascensão de Cristo, e dos colossenses, aconteceu em um momento definido (**se** não expressa dúvida, mas seqüência lógica: "tão certamente como"; cf. 2:20); estes dois fatos asseverados contêm a exortação ética entre eles: **buscai.**

O segundo encorajamento é focalizar a **mente** em Cristo, inclusive as afeições, a vontade, a disposição. A importância que tinha para Paulo aquilo que enche a mente do crente pode ser entendido lendo-se Romanos 8:5 e ss., 12:3,4,16, I Coríntios 13:11 e Filipenses 2:5, 3:19, 4:8 e s. Aqui, ele recomenda que a busca das coisas de cima seja sustentada apenas por uma mente alimentada pelas coisas de cima. Onde está Cristo, o nosso tesouro, ali também devem estar o nosso coração.

Mais uma vez duas afirmações contêm a exortação. **Morrestes**, no batismo (veja o comentário sobre 2:12), para as coisas do mundo (em 2:20, "quanto aos rudimentos do mundo"; em Gál. 6:14, "para o mundo"; em Rom. 8:5, "para as coisas da carne"; (cf. Fil. 3:19). Talvez Paulo esteja aludindo especialmente às regras e costumes terrenos que obcecavam os heréticos colossenses. Se a referência é a coisas terrenas genericamente, não é por nenhum mal inerente neles (lembra 1:16,20), mas porque entesourá-los, preferivelmente, às coisas de cima, é vergonhoso e depauperante (Fil. 3:19; Mat. 6:19).

Sobretudo, **a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Escondida** pode estar continuando a metáfora batismal (Dodd, Moule, Barclay); enquanto os pagãos falavam da morte como ocultação na terra, o cristão, em lugar disso, declarava estar escondido em Cristo. Mas Scott replica que é a nova vida que aqui está escondida. Muitos comentaristas falam da vida cristã como escondida por medidas de segurança, "além do alcance de qualquer dano" (Bruce). Assim, que

faremos da advertência da epístola e da sua manifestação prometida? A segurança, nesta carta, não reside no ocultamento, mas em "reter a Cabeça". Além disso, está Cristo escondido em Deus por medida de segurança? O pensamento dos recursos escondidos, do crente, é mais persuasivo: tendo morrido para o mundo, obtemos a nossa inspiração dos lugares celestiais e obedecemos a um trono celestial. Desta forma, a vida cristã está além da capacidade do mundo compreender (João 14:17,22; 15:18-21; I João 3:1b). Assim entendido, 3:3 reitera 2:3 e 2:9 e s., e é diferentemente expresso em Efésios 2:6.

Contudo, não devemos deixar passar despercebido o contraste intencional com a declaração gnóstica, de um mistério escondido, de uma vida interior além do entendimento do crente comum. Paulo diz que a vida ressurrecta já faz parte daquela esfera invisível e eterna à qual Cristo pertence. Por que ser tão fascinados com uma simples mistificação espúria? (2:18). Ele insistira previamente acerca do mistério escondido, agora revelado aos crentes (1:26), e a respeito das riquezas escondidas, que estão esperando em Cristo, para serem descobertas (2:3); aqui, no mesmo sentido, ele insiste em que as mais profundas fontes da própria vida cristã estão semelhantemente escondidas — com Cristo em Deus.

Tendo morrido para as coisas terrenas e gozando de uma vida cujos recursos intrínsecos brotam entre as coisas celestiais, não devemos pensar que é preciso nos esforçarmos para fixar a nossa mente e toda a nossa disposição naquilo que pertence à verdadeira vida.

O terceiro encorajamento é focalizar a nossa esperança em Cristo, e isto é expresso por três afirmações. Cristo se manifestará, será conhecido abertamente (assim também em João 21:1; 14; I Cor. 1:7; II Tess. 1:7; I Ped. 1:7). A forma primitiva e dramática de esperança escatológica aqui é afirmada, embora sem indícios quanto a tempo ou maneira. Ao voltar-se do passado para o futuro, da experiência conhecida para o fim previsto, Paulo mais uma vez focaliza tudo em Cristo. O nosso futuro será brilhante devido à manifestação dele.

E Cristo **é a nossa vida** — não simplesmente a nossa vida eterna (Meyer) ou o doador da vida, mas a essência da vida. "Porque para mim o viver é Cristo" (cf. Fil. 1:21; Gál. 2:20; II Cor. 4:10 e s.; I João 5:12). Como aconteceu com os discípulos, por ocasião da ascensão, "a fé permanece com os olhos fitos nos céus... sentindo que a melhor parte do seu ser voou para lá com ele" (Maclaren). Esta é a afirmação mais suscinta de uma verdade que se encontra por toda parte em o Novo Testamento: de que a vida cristã é vida inteiramente concentrada em Cristo: morto, ressuscitado, vivo, glorificado e vindo.

E novamente, vós **vos manifestareis com ele em glória**. "Tão certamente quanto o fato de a vossa vida estar escondida com Cristo enquanto ele está escondido, oculto, também vós sereis manifestados com ele quando ele se manifestar" (Williams; I Tess. 4:13-18; I João 3:2; I Cor. 15:51-56). A identificação batismal com Cristo na morte, sepultamento, ressurreição e ascensão é consumada com a manifestação com ele em glória. Mais é subentendido do que "os justos resplandecerão no reino de seu Pai", e mais ainda do que imortalidade em um corpo espiritual não mais impedido pela carne (Scott). Está inclusa também a recuperação da glória perdida na queda: a imagem radiosa de Deus perfeitamente refletida, por fim, no mundo que ele criou (veja o comentário a 1:27; cf. Rom. 3:23; 8:19 e ss.).

A vida cheia de Cristo, portanto, é vida cheia com Cristo: os seus objetivos, sua mente, sua esperança, tomados de Cristo tão plenamente que todas as **coisas que são da terra** se reduzem a proporções anãs. É isto que Paulo quer dizer, ao declarar "retendo a Cabeça". É para-

doxal: como Cristo, o crente morreu, e, contudo, permanece vigorosa e animadamente vivo. Ele está "morto" em um nível, em uma série de relacionamentos, por um ato deliberado de identificação com Cristo, que morreu para o pecado e pelo pecado; ele está vivo em outro nível, em outra série de relacionamentos, por deliberada apropriação de Cristo, que é a sua vida. Este paradoxo tem continuidade e é ainda mais aguçado na detalhada análise de 3:5-17.

Eruditos de toda espécie de lealdade denominacional acham (como temos visto) que 2:11-3:4 está cheio de profundo significado batismal. Scott nota quanto Paulo se apóia na experiência do batismo dos colossenses, desvendando as suas obrigações. Barclay insiste que "o crente não pode se levantar do batismo o mesmo homem que desceu ao batismo". Muitos concordam que, de acordo com Paulo, a morte literal e objetiva e a ressurreição de Cristo são apropriadas subjetivamente, pelo crente, em uma fé que o identifica (1) com o que Cristo fez como seu substituto, em seu lugar, para que ele não o precise fazer de novo, e (2) com o que Cristo fez como seu representante, em seu lugar, de forma que ele precisa fazê-lo igualmente. Esta fé dupla é expressa no batismo, tanto como uma confiança na morte e ressurreição de Cristo, pelos pecados do mundo, quanto como uma identificação com a morte e ressurreição de Cristo, mediante uma mudança total de atitudes — para com o pecado, o eu e o mundo, por um lado, e para com Deus, Cristo é a comunhão cristã, por outro.

Essa identificação dupla, todavia, embora seja um evento real na história da vida do crente, irrevogavelmente expressa no batismo, precisa ser constantemente reafirmada. Em 2:8-23 (com 3:2,3), Paulo apela para a constante reafirmação da morte do crente com Cristo, em relação à lei, a toda a servidão espiritual, aos espíritos elementares do universo e às coisas da terra. Em 3:1-4, ele apela para a constante reafirmação da ressurreição do crente com Cristo, para uma vida ressurrecta, focalizada no Cristo exaltado como seu alvo, recurso, segredo e esperança. Os urgentes apelos dos dois parágrafos seguintes se seguem naturalmente. Reafirmando a sua morte com Cristo, "mortifique"; reafirmando a sua ressurreição com Cristo, "revista-se".

2. Despindo o Que Não É Cristão (3:5-11)

5 Exterminai, pois, as vossas inclinações carnais: a prostituição, a impureza, a paixão, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria; 6 pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência; 7 nas quais também em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas; 8 mas agora despojai-vos também de tudo isto: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca; 9 não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do homem velho com os seus feitos, 10 e vos vestistes do novo, que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; 11 onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo ou livre, mas Cristo é tudo em todos.

A vida cheia de Cristo obviamente não pode ao mesmo tempo ser cheia de coisas que não "contém" Cristo. A tripla afirmação de que os crentes "morreram", seguida da exortação para **exterminar** as coisas **carnais**, parece, para algumas pessoas, uma metáfora violenta demais (o original diz "matar"), "uma idéia teológica abstrata que não se enquadra com os fatos da vida" (Scott; a respeito do paradoxo inerente, veja o comentário precedente). No entanto, Paulo bem sabia que, embora a conversão incluísse uma mudança total de direção moral, ela não era garantia de santidade instantânea (cf. Fil. 3:12). Não é apenas o fato de que o crente vive em dois planos ao mesmo tempo (Bruce); ou que é chamado para tornar-se de fato o que ele é idealmente (Scott); ou que a morte para o que é velho e a vida para o que é novo, completadas idealmente por ocasião do batismo, têm que ser realizadas gradual-

mente (Peake); porém, o fato é que a mudança radical já experimentada na natureza interior precisa ser efetuada no caráter e na conduta (Maclaren).

É errado sugerir que o que acontece na conversão é "apenas" uma mudança de condição, "em princípio". O tempo aoristo constantemente marca, essa reorientação radical, como uma morte, um "despimento", do "eu" anterior, uma mudança de rumo, um novo nascimento, em um ponto definido da experiência, e como tendo conseqüências permanentes. Mas o novo "eu", desejando novas coisas, entesourando uma nova natureza, aceitando novos recursos e vivendo em um novo mundo (em Cristo), precisa agora edificar o novo caráter, apropriado a essa modificação, e "efetuar... a salvação".

As vossas inclinações carnais parafraseia bem a expressão de Paulo, "os vossos membros que estão sobre a terra". A identificação dos "membros" do crente com os pecados que estão condenados à morte é inconcebível: parece significar que o crente, morto para o pecado em seu interior, precisa agora passar a considerar morta (como o diz Rom. 6:11; 4:19) cada parte separada e exterior de si mesmo, cada membro individualmente, até agora identificado com o pecado. A versão "mortificai... os vossos membros" (KJV e SBB) e toda a tradição ascética de automortificação física, a que ela apela, certamente traduzem mal os sentimentos de Paulo. Os membros estão em oposição aos vícios que os seguem e definem. Se o que se tinha em vista eram os membros físicos, "que estão sobre a terra", seria sem sentido.

Nessa mesma vigorosa metáfora, Jesus havia falado da necessidade, em tempos de tentação, de cortar a mão, arrancar o olho. Paulo vai além. Para ele, os membros são partes do corpo do pecado, carne, morte, que torna o homem vulnerável ao mal e que se torna a habitação e veículo do pecado (Rom. 6:6; 7:24; cf. 7:17 e s.; 6:19; 7:5, 23; Col. 2:11). Esta metáfora, identificando o corpo e seus membros com o pecado que os usa, é mais "violenta" do que as de I Coríntios 6:15; Romanos 8:13.

A lista de pecados que devem ser levados à morte cobre os males que prevaleciam entre os gentios: sensualidade e cobiça. A primeira procede do ato exterior para o estado mental interior (como o faz o Sermão da Montanha — Ashby): fornicação, indecência, lascívia e concupiscência. A última, "a constante ambição por algo mais", é colocada ao lado de pilhagem e roubo em I Coríntios 5:10; 6:9 e s.; mas, em outras partes, é a ambição insaciável de prazer sensual (I Tess. 4:3 e ss.; Mar. 7:21; II Ped. 2:14; (?) Rom. 7:7 e ss.). Os íntimos paralelos em Efésios 4:19 e 5:3 e ss. confirmam esta interpretação.

Que é idolatria, desta forma, ligaria a insaciável sensualidade com a adoração de ídolos (cf. Ef. 5:5 e a íntima conexão em Gál. 5:19,20). Grande parte dos estudiosos, contudo, interpreta **idolatria**, aqui, como "fazer das coisas terrenas um deus" (cf. Mat. 6:24), a adoração procurada como meio de prosperidade (Barclay), ou fazer do lucro um deus (Ashby). Williams, de maneira mais persuasiva, considera o comentário como sumário de ambos os pecados, sensualidade e cobiça, como sendo conjuntamente os pecados característicos do paganismo.

Contra essas coisas **vem a ira de Deus**. É claro que vingança divina é excluída, mas falar de um princípio abstrato de retribuição ou desastre que o mal provoca não foge ao fato de que as conseqüências presentes e futuras do pecado, em um universo moral que Deus criou, são julgamentos divinos. Paulo está certo disto (Rom. 1:18 e ss.; Gál. 6:7) e igualmente insiste que o pecado dos crentes não está isento (I Cor. 6:10; Gál. 5:21).

Conservar-se (com Beet, Abbott e Barclay) a expressão marginal do v. 6, "**sobre os filhos da desobediência** (Bruce e NEB a omitem, provavelmente como oriunda de Ef. 5:6) requereria o acrésci-

mo de "entre os quais outrora andáveis" (como Ef. 2:2 e s.). Isto pode explicar o "vós também", de Paulo (com outros crentes), **despojai-vos...** — melhores companhias demandam conformidade com melhores maneiras! A dolorosa recordação do v. 7 tem o objetivo de suscitar penitência, talvez revolta.

A linguagem, aqui, **despojai-vos... vos vestistes... revesti-vos**, tem antecedentes tríplices. As roupas representam conduta em Jó 29:14 (Sal. 35:26; Is. 11:5) e esta figura aparece repetidamente (Rom. 13:12,14; Ef. 4:22,24; I Tess. 5:8; Gál. 3:27; Apoc. 3:4,18). Maclaren nota bem que "hábito" significa tanto roupa quanto costume. Porém a alusão batismal também é clara, seja a novas roupas de batismo (Bruce), ou à nova veste dada aos iniciados nas religiões de mistério (Scott), ou simplesmente ao despimento e revestimento dos que se batizavam por imersão (Moule, Barclay).

Estes termos também são palavras-chave da catequese primitiva. Outros, que também o são, nesta passagem, são: "ser submisso" (3:18) e "velar" (4:2) (assim pensam Bruce e Moule; veja a Introdução). Este fato torna a alusão batismal ainda mais significativa. Os colossenses estão sendo lembrados acerca das instruções recebidas no princípio, logo que haviam conhecido Cristo.

Isto pode explicar as exortações excessivamente elementares (v. 8 e s.). A **ira** (a ira latente ou a **cólera** abrasadora), a **malícia, a maledicência**, contra os homens ou contra Deus, a linguagem abusiva, as mentiras não são o que se espera dos crentes, em qualquer estágio. O revestimento das maneiras cristãs de convertidos tão novos parece que era muito tênue: talvez coisas duras haviam sido ditas durante as controvérsias heréticas.

Três "pecados orais" são mencionados: "O que flui de palavras ociosas, palavras tolas, palavras que ferem... inunda o mundo", exclama Maclaren. Jesus (Mat. 12:36) e Tiago (3:1 e ss.) tratam deste mal com tanta seriedade quanto Paulo. A segunda lista de pecados (v. 8 e ss.) enfatiza a importância da caridade, como a primeira (v. 5) recomendava a castidade. Veremos que o conteúdo social destas exortações pode ter significado especial.

O paradoxo notado em 3:1 e ss. continua em **despojai-vos... vos vestistes... pois que já vos despistes**. Da mesma forma como o **homem velho** (cf. Rom. 6:4; Ef. 4:22 e ss.) denota a antiga personalidade, agora morta e enterrada, por ocasião da conversão cristã, também **o novo** homem denota a nova personalidade, agora emergindo do batismo em novidade de vida. Beet indica que uma terceira "personalidade neutra" é subentendida, que despe e veste os caracteres velho e novo. "Eu mesmo me transformo", diz Maclaren.

Aqui há muitos ecos da história de Adão, para que isso seja um fato acidental: **imagem** (cf. Gên. 1:27), **conhecimento** (cf. Gên. 2:17) e a glória recuperada (veja o comentário sobre 3:4). Essa história está por toda parte, em Paulo (Rom. 5:14 e ss.; 7:7-13; 8:20 e ss.; I Cor. 15:21 e ss., 45 e ss.), e adiciona nuanças novas às suas palavras a respeito de uma nova criação, um homem perfeito, uma nova humanidade. Aqui quer dizer que os atos e costumes da velha humanidade adâmica não têm lugar por direito na nova humanidade, que deriva a sua natureza de Deus.

Scott percebe, aqui, mais uma vez a linguagem do batismo: é a morte do indivíduo para um tipo de humanidade, e a sua ressurreição em outro tipo, que o capacita a ser transformado em um membro útil de um grupo. Daí a natureza anti-social dos pecados aqui proibidos: todos são pecados contra a comunhão, como, por exemplo: **não mintais uns aos outros** (veja o comentário sobre o v. 11). Este pensamento acerca do homem crente, como salvo do isolamento e trazido para a comunhão, torna-se o

tema central de Efésios (cf. 1:10; 2:11 e ss., etc.).

No entanto, quatro coisas são ditas a respeito do **homem novo**, de que os colossenses **se revestiram**. (1) Ele **se renova** continuamente, dia a dia (II Cor. 4:16). Da mesma forma como o velho homem fica cada vez mais corrupto (Ef. 4:22) e o "ego" que morrera com Cristo precisa passar por repetidas mortificações (v. 5), também o novo "eu" experimenta perpétua renovação — **se renova**: Assim, em Romanos 6:4 nós ressuscitamos para andar não simplesmente em nova vida, mas em novidade de vida.

(2) O homem novo é renovado tendo em vista o **conhecimento** (literalmente; Moule faz comparação com Heb. 6:6). O aumento progressivo de conhecimento é subentendido, e referências anteriores (1:9,27; 2:2 e s.) ilustram suficientemente o que Paulo quer dizer. O conhecimento que Adão procurou fatalmente por caminhos errados (Gên. 2:17; 3:1-6) é dado ao novo homem — e isso sem quaisquer fantasias gnósticas espúrias!

(3) O novo homem é criado, como o fora Adão, à imagem de Deus (Ef. 4:24); mas da mesma forma como essa imagem se nos torna conhecida em Cristo, podemos falar de sua imagem como o padrão (1:15; Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Em outras palavras, os crentes "se revestem de Cristo" (Gál. 3:27; Rom. 13:14). O que foi perdido no Éden é recuperado em Cristo.

(4) O novo homem, como Adão, é criado para comunhão. Os sentimentos e conversas anti-sociais estão fora de cogitação, porque as velhas barreiras raciais, religiosas e culturais desapareceram, em Cristo. **Não há grego nem judeu** personifica a antipatia racial; **circuncisão nem incircuncisão** simboliza o antagonismo religioso; **bárbaro** expressa o desprezo que os gregos tinham pelas pessoas sem cultura; **cita** era sinônimo de "selvagem"; o **escravo**, mera ferramenta viva, não tinha direitos nem lugar naquela sociedade. No entanto, todos podiam assentar-se juntos em qualquer congregação cristã. As barreiras caíram; para todos igualmente, Cristo era **tudo** o que interessava. **Cristo é tudo** e está **em todos** — daí viera à existência um laço totalmente novo e imperecível de unidade social. (Em Gál. 4:6, esta expressão é analisada, e, em I Cor. 15:28, ela é usada em relação ao próprio Deus.) Os cristãos colossenses precisavam ter cuidado com uma heresia que reintroduzia essas barreiras raciais e intelectuais, que Cristo havia destruído.

Os novos homens precisam viver à altura de sua nova humanidade, despindo-se das coisas contrárias a Cristo e vestindo-se de Cristo.

3. "Vestindo" Cristo (3:12-17)

12 Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de coração compassivo, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade, 13 suportando-vos e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como o Senhor vos perdoou, assim fazei vós também. 14 E, sobre tudo isto, revesti-vos do amor, que é o vínculo da perfeição. 15 E a paz de Cristo, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos. 16 A palavra de Cristo habite em vós ricamente, em toda a sabedoria; ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações. 17 E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

Aqui está o oposto exato do verso 5: os que em princípios já **se revestiram** da nova natureza, do **novo** homem, em uma radical mudança de direção moral, são agora instados a se revestirem de cada item separado do novo caráter, em cinco exortações minuciosas. Assim sendo, Paulo dá significado prático e pertinente à idéia de se "vestir" Cristo, e continua a ecoar a catequese batismal.

Uma pergunta anterior se levanta, quanto ao fato de essas exortações terem caráter principalmente individual ou social. Inquestionavelmente, as qualida-

des requeridas estão no coração (v. 15). No v. 16, Paulo escreveu "cantai em vossos corações", embora as distinções relacionadas parecem sem sentido, se a referência for apenas ao cântico silencioso do coração cristão feliz. Há sete indicações de que Paulo estava pensando nessas qualidades pessoais, expressas nos relacionamentos sociais no seio da igreja.

(1) Todas as virtudes assinaladas nos versos 12 a 14 são as exigidas na vida social, e são opostas diretamente aos vícios do v. 8. (2) A referência à **queixa** mútua enfatiza esta idéia. (3) À **paz** de Cristo eles foram chamados **em um corpo**. (4) O fato de se ensinar e admoestar **uns aos outros** é francamente questão de vida coletiva, e assim também é, provavelmente, (5) o cântico. (6) O versículo 14, provavelmente, descreve o **amor** ligando todos os crentes. (7) As palavras introdutórias enfatizam que os colossenses são coletivamente o povo eleito de Deus (veja o comentário sobre 1:12 e s.). A eleição de Israel fora para serviço entre as nações; santidade era a condição desse serviço; e, mais tarde, os profetas insistiram em que o amor de Deus, ou a misericórdia da aliança, era a sua base. Aplicar tudo isto aos gentios chegava às raias da blasfêmia para os ouvidos judeus, mas para Paulo isto propiciava um motivo adicional de viver como membros dignos da sociedade divina.

Certamente, é evidente que Paulo está elaborando as implicações do fato de ser revestir da nova humanidade, revisando as várias esferas em que o convertido se encontra; aqui a igreja, ali adiante o lar, o emprego, as devoções privadas e diante dos outros. A paz da comunidade, a Palavra encontrando expressão na adoração da comunidade e as atividades comuns da comunidade (v. 17) — tudo revela a nova qualidade de vida da nova humanidade, em sua expressão social. Conjuntamente, tanto quanto individualmente, os colossenses deviam revestir-se de Cristo.

Revesti-vos do caráter de Cristo. — A vida da comunidade, compartilhada por indivíduos que possuem diferentes dons, experiência e antecedentes, não obstante ligados em união no serviço de Deus, demanda os lubrificantes sociais relacionados no verso 12 e s. O espírito de simpatia melosa (em Romanos 11:22, colocado em contraposição à severidade), generosidade de mente, uma reação não-agressiva, paciência, em face de injúria ou insulto, e longanimidade — disposição de agüentar as idiosincrasias dos outros por amor à comunhão — tudo isto são coisas simples, contudo, imensamente valiosas para a cooperação cristã. Não são a negação da força, mas a sua perfeição, como observamos essas atitudes no caráter de Cristo.

Revesti-vos do exemplo de Cristo. — Onde uma injúria ou prejuízo verdadeiro (o roubo de Onésimo?) ou ofensa (as atividades dos heréticos?) deram origem apenas a queixas, a comunhão dependeria inteiramente da disposição para perdoar. Mas uma disposição de reconciliação, e não para a vingança, é rara; portanto, um novo e potente motivo é apresentado: **como o Senhor vos perdoou**. O perdão de Cristo é tanto o modelo como o motivo (Beet); e o eco de Mateus 6:12,15; 18:23 e ss. é tão claro, ao ponto de suscitar a interrogação se Paulo está comentando estas palavras. (A expressão curiosa de Paulo, "perdoando-vos", pode ser estilística, mas sugere o benefício mútuo de um espírito perdoador, exercitado dentro da comunidade cristã.

Revesti-vos da lei de Cristo. — O **amor** completa o equipamento social do crente. Os versos 12 a 14 não são, sem dúvida, um "parêntese mental" (Beet), mas a aplicação do v. 11 ao divisionismo da heresia colossense. **Sobre tudo isto** significa "para coroar tudo" (NEB), "sobre tudo como uma faixa ou cinto de seda" (Williams, Maclaren), ou, mais provavelmente, "mais importante do que tudo"? Isto faz eco a Romanos 13:8 e ss.

(cf. I Cor. 13:1-3; Gál. 5:14 e s.) e dá a entender um apelo à lei de Cristo (Gál. 6:2; Mat. 22:34 e ss.; João 15:12). E o que é ligado por esse **vínculo**? Certamente não é **tudo**; nem "todas as virtudes", apesar do paralelo atraente apresentado por Moule, de Cristo, o princípio de coerência no caráter, com Cristo, o princípio de coerência no universo (1:17). O **amor** ... é o **vínculo** que une todas as pessoas em Cristo; alguns poucos manuscritos grafam "vínculo de unidade" (cf. Ef. 4:3).

Paulo dá a entender que a perfeição ou maturidade, que os heréticos prometiam, seria alcançada somente na experiência coletiva dos que são ligados em amor, e não separados pelo orgulho intelectual e ensinos divisores. Como o mero sectarismo torna o homem retardado! O grego utilizado por Paulo pode querer dizer que toda a disposição social (v. 12-14) é o vínculo da perfeição espiritual unificada, e não algum segredo intelectual imaginado, só compartilhado pelos iluminados. Em qualquer caso, a lei suprema de Cristo é o segredo da unidade coletiva, tanto quanto da perfeição espiritual; assim insiste todo o Novo Testamento.

Revesti-vos da paz de Cristo. — A paz que Cristo conhecia e ministrara (João 14:27; Mat. 11:28 e ss.) **domine** o coração do crente. Paulo, provavelmente, estava dizendo apenas "Que a paz dirija e discipline a vossa conduta", embora a origem dessa palavra, tirada da premiação posterior aos jogos no estádio ("Que a paz de Cristo seja árbitro", NEB) empreste vivificação ao apelo feito. **Para a qual... fostes chamados em um corpo** leva a entender claramente que a preservação da paz na comunidade deve ser um fator, um motivo controlador, na decisão de ações, e resolver desacordos entre os irmãos. A paz interior deve ser uma responsabilidade coletiva e uma preocupação social.

Sede agradecidos, no verso 15, é um paralelo tão próximo das ações de graças dos versos 16 e 17 e de 1:3,12; 2:7; 4:2, que a gente se sente compelido a traduzir assim esta expressão de Paulo. Contudo, o paralelo é menos próximo no grego; e o contexto, o precedente de Provérbios 11:16 (LXX), e algum apoio de Colossenses 4:6 encorajam a tradução "sede agradáveis, aprazíveis, de boa natureza". Só quem não tentou realizar um trabalho cristão ao lado de crentes desagradáveis, desinteressantes, pode dizer que tal exortação é desnecessária ou "muito fraca" (Williams). Tanto a paz interior como a paz comunitária dependem muito do esforço para ser agradável.

Revesti-vos da palavra de Cristo. — Como a paz, a **palavra** que em nós habita é tanto individual como social. A **palavra de Cristo** é mais provavelmente o ensinamento de Cristo, ou a mensagem a respeito dele, do que algum movimento interior do Espírito, "uma voz admoestadora interior" (Lightfoot). Os três particípios explicativos — ensinando, admoestando, cantando — deixam poucas dúvidas de que Paulo estava pensando na adoração coletiva da igreja.

O louvor, como a **palavra**, deve mover o coração do indivíduo. Contudo, mais uma vez a distinção dos três tipos — cântico sagrado, louvor festivo, ode solene — e o contexto do cântico, juntamente com a exortação mútua apontam, inconfundivelmente, para as reuniões de adoração.

Desde o início, diz Barclay, a igreja era dedicada a cânticos (cf. Ef. 5:19 e s.; I Cor. 14:26), e as freqüentes porções de hinos encontrados em o Novo Testamento confirmam este fato. Embora Bruce cite Tertuliano, para argumentar em favor de ensino mútuo através de cânticos antifônicos (cf. Ef. 5:19), parece melhor, com Williams, considerar ensino, admoestação e cânticos como elementos sucessivos da adoração cristã primitiva. Theophylact entende que o cântico deve ser gracioso (cantando docemente; cf. o comentário sobre o v. 15; Luc. 4:22), antes que de gratidão (cf. I Cor. 10:30). Aqui, provavelmente,

de gratidão é a melhor expressão, embora não haja necessidade de se descartar da outra sugestão que Williams faz tão resumidamente: "Paulo não está treinando um coro!" O louvor cristão deve ser digno de Cristo.

Em toda a sabedoria pode descrever a palavra de Cristo (1:9; Ef. 1:9), ou (como na IBB e em 1:28) pode enfatizar a necessidade de que, onde a heresia já dividiu a comunidade, qualquer instrução e admoestação mútua precisa ser feita mui cuidadosamente, com muito tato.

Se na adoração, exortação e cântico, a palavra a respeito das riquezas de Cristo (1:27; 2:3; Ef. 3:8) deve ter a oportunidade de **habitar... ricamente** no seio da igreja colossense, não haverá necessidade nem oportunidade para que alguma heresia ofereça experiências "avançadas" espúrias.

Revesti-vos do nome de Cristo. — O contexto sugere que tanto as palavras quanto os atos que Paulo tinha em mente eram os da comunidade cristã, mas a conduta diária dos membros em particular era, sem dúvida, uma parte da atividade total dessa igreja. O seu motivo sustentador, como acontece tão freqüentemente nesta carta, devia ser a gratidão. A sua qualidade devia ser determinada pelo **nome do Senhor Jesus.** Deissmann oferece exemplos para sustentar a interpretação "representativa" de Cristo. **Senhor** sugere que tudo precisa ser feito em obediência à autoridade de Cristo, como os escravos fazem (3:23). "Em honra do Nome" (Jerônimo) reflete I Coríntios 10:31. Talvez continuem as nuanças batismais, e a memória de terem sido batizados no nome = na propriedade de Cristo, é sutilmente recordada.

Fazei tudo **em nome do Senhor Jesus** propicia uma fórmula sucinta para uma ética situacional cristã: "tudo em amor" seria outra fórmula. Ela abrange todas as facetas possíveis do comportamento cristão e todas as situações concebíveis que demandem reação cristã, sob o único princípio: o que é digno para se aplicar o nome de Cristo. Isto por si mesmo consagra todas as coisas vivas.

Uma vida assim adornada com o caráter de Cristo, modelada pelo exemplo de Cristo, sujeita à sua lei de amor, governada pela sua paz, habitada pela sua palavra, dedicada a ostentar dignamente o seu nome, de fato **se revestiu da nova natureza, renovada segundo a imagem do seu Criador.** Um crente e uma igreja que se caracterizem por estas qualidades com toda a certeza participam de uma vida cheia de Cristo.

4. Vivendo Para Cristo (3:18-4:6)

1) Em Situações Domésticas (3:18-4:1)

18 Vós, mulheres, sede submissas a vossos maridos, como convém no Senhor. 19 Vós, maridos, amai a vossas mulheres, e não as trateis asperamente. 20 Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais; porque isto é agradável ao Senhor. 21 Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não fiquem desanimados. 22 Vós, servos, obedecei em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo somente à vista, como para agradar aos homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor. 23 E tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como ao Senhor, e não aos homens, 24 sabendo que do Senhor recebereis como recompensa a herança; servi a Cristo, o Senhor. 25 Pois quem faz injustiça receberá a paga da injustiça que fez; e não há acepção de pessoas.

1 Vós, senhores, dai a vossos servos o que é de justiça e eqüidade, sabendo que também vós tendes um Senhor no céu.

A brusquidão da descida de elevada teologia e análise ética para assuntos domésticos é melhor explicada pelo padrão familiar de catequese que Paulo está seguindo (veja o comentário sobre 3:5 e ss.). Mas também é natural Paulo passar do convertido na igreja para a sua casa, trabalho diário, devoções privadas, e sua vida diante do mundo.

A vida para Cristo nas situações domésticas afeta os relacionamentos conjugais, paternos e entre empregado e patrão — este último abrangendo, aqui, o escravo dentro de casa. Os cristãos sabiam tão bem quanto os judeus e os

estóicos que o treinamento do caráter começa em casa.

A ênfase da catequese primitiva em "sujeição", refletida aqui na maior atenção dada aos deveres de esposa, filho e escravo, se origina parcialmente do conceito básico de pecado como vontade própria, que precisa submeter-se à lei de Deus (judaísmo), ao reino de Deus (Jesus), ao senhorio de Cristo (Paulo).

A sujeição da esposa, indubitavelmente herdada do judaísmo, não tem nada a ver com a suposta superioridade masculina. Ela se origina da necessária e natural responsabilidade por proteção e provisão que recai sobre o marido, durante os anos de procriação, em que a mulher é mais vulnerável. Assim isto é explicado em Efésios 5:23 e ss. E assim, a palavra de Paulo significa não submissão (contraste com "obedecer", nos v. 20 e 22), mas aceitação de posição, ou função (I Cor. 11:3; veja esta palavra em Lucas 2:51; I Cor. 15:58; Rom. 13:1 e ss.). **No Senhor** levanta a necessidade natural do que **convém** em uma vida governada por Cristo.

Em 3:20 (gr.) e 4:17, **no Senhor** é recomendado como motivo. Efésios 6:1 e I Coríntios 7:39 empregam esta expressão como limitação, o que daria a entender, aqui, que a esposa não é sujeita contra a sua consciência. Talvez, como em Filemom 16 e 20, signifique "em um contexto cristão". Um lar cristão ordeiro era, e é, um poderoso testemunho em favor do cristianismo. Scott imagina se uma tentativa de "emancipação" feminina havia causado problemas para a igreja colossense.

Porém não é defendida apenas a ordem natural das funções; o princípio de obrigação recíproca (Barclay), dando a entender que subordina, também tinha direitos morais em Cristo, e é uma contribuição do cristianismo para cada um desses relacionamentos. A responsabilidade do esposo (que é em si mesmo um novo pensamento) é elevada à condição de um amor semelhante ao de Cristo, abnegado, ao qual nenhuma sujeição é indigna. Efésios 5:25 e ss. elabora esse novo conceito detalhadamente. A única proibição — contra a aspereza (amargura em Apoc. 8:11) — salvaguarda a parte mais fraca contra força sobrepujante, que é o perigo inerente à situação conjugal.

A obediência requerida dos **filhos** (lit., filhos pequenos) é disciplinar, e não hierárquica. Nenhuma limitação é mencionada (cf. Ef. 6:1 e s.); embora esteja no lugar da lei divina, tendo em vista o bem-estar da família, o motivo recomendado é ser agradável "no" Senhor (literalmente). Seria este um apelo ao desejo da criança de ser popular nos círculos cristãos? Moule o entende como "agradável ao Senhor", em contraste com o v. 22.

A submissão, que é agradável na criança, é lastimável no jovem. É grave falha dos pais esmagar, por assim dizer, a força emergente e a independência do adolescente de forma a deixá-lo vulnerável a qualquer pressão maligna e exploração humana. Por isso, ao dirigir-se aos pais (**pais**, incluindo pais e mães, Heb. 11:23), Paulo requer entendimento, enfatizando o perigo de se provocar exasperação (NEB; esta palavra de Paulo é usada em II Macabeus 14:27). Há, neste apelo, uma reminiscência da infância em um lar judaico severo na pagã Tarso, cheia de seduções proibidas a um garoto judeu?

Dentro de casa estava o escravo. O incidente recente com Onésimo, e, possivelmente, a presença de muitos escravos convertidos em Colossos, chamava muita atenção para os seus deveres cristãos. O princípio básico de Paulo (3:11) e a sua atitude para com Onésimo podem parecer concordar com a indisciplina em relação aos senhores cristãos (cf. I Tim. 6:1 e s.; Tito 2:9 e s.). Era importantíssimo, social e apologeticamente, que a catequese primitiva desse uma orientação clara — note-se o apelo para o que já é conhecido: 3:24; 4:1.

O conselho genérico **obedecei... a vossos senhores segundo a carne** era o único conselho praticável, se Paulo não quisesse que os escravos cristãos de casas pagãs não fossem imediatamente condenados à morte, e que a igreja enfrentasse desastre e destruição como movimento revolucionário de emancipação. Porém todas as outras frases, aqui, aliviam a aspereza da situação.

O senhor é apenas um **senhor segundo a carne**. A escravidão é uma condição física, social, temporária, na ordem deste mundo. No que respeita à mente e ao destino final, o escravo já é um liberto de Cristo.

O serviço dos escravos não precisava ser feito com lágrimas e ressentimento. Um espírito livre, generoso, magnânimo (é o que significa **singeleza de coração** em At. 2:46 e II Cor. 8:2 e ss., etc.), oferecendo o trabalho do dia **como ao Senhor, e não aos homens**, poderia transformar a escravidão em vocação. Jesus usou este argumento para traduzir compulsão em liberdade, mediante a voluntária aceitação (Mat. 5:40 e s.; cf. Ef. 6:7; I Cor. 7:21 e ss.; 9:15 e ss.). **Servindo somente à vista como para agradar aos homens**, portanto, significa não "fazer apenas o que agrada superficialmente", mas "trabalhar como se **só** o senhor estivesse vendo", temendo desagrado. A NEB, "coloquem o seu coração nisso, como se o estivessem fazendo para o Senhor", deixa passar despercebida a reiterada idéia de Paulo de que o trabalho do dia, feito voluntariamente com integridade, é de fato feito para o Senhor, como um exemplo de honestidade cristã e um testemunho da graça cristã (assim diz I Ped. 2:18 e ss.).

É por isso que o **Senhor** celestial recompensará o escravo, como nenhum senhor terreno fez. Normalmente, o escravo não possui nada, e, certamente, nenhum direito de herdar; o escravo cristão compartilhava da herança de Israel (cf. o comentário sobre 1:12; Ef. 6:8). Mas aquele que recompensa a integridade pune **quem faz injustiça**. É este um encorajamento para não se ficar desanimado com a injustiça — o senhor será punido um dia? Faria Paulo um tal apelo de vingança? Será uma advertência aos senhores de escravos (assim diz Ef. 6:9; contudo, porque não segue Col. 4:1)? Ou seria uma advertência para os escravos, a fim de que não julguem, devido à brandura de um senhor cristão, que Deus está do lado dos oprimidos, mesmo quando agem mal? Paulo removeria a fraca desculpa de que um "mero escravo" não podia ser culpado de falta de responsabilidade moral.

Paulo não ataca a escravidão: ele a transforma. O escravo sabe que é liberto do Senhor, e transfigura a sua situação mediante a aceitação dela, usa-a para servir a Cristo, e olha além do senhor terreno, livre de indignidade e cheio de esperança.

O fato de que um dever recíproco é imposto ao senhor de escravos é um avanço radical sobre o costume da época. **Dai a vossos servos o que é de justiça e eqüidade** redefine o escravo como pessoa que tem direitos e reivindicações. **Eqüidade** evita o perigo de se reclamar "igualdade"; portanto, a palavra que Paulo usa é **eqüidade**, o oposto de tirania, mau temperamento, capricho. A caridade, diz Maclaren, gosta de vir e suprir necessidades que nunca seriam sentidas, se houvesse eqüidade.

Também vós tendes um Senhor no céu redefine o senhor como pessoa que tem poder apenas relativo, e não posse absoluta. O **Senhor no céu** é padrão e juiz do senhor na terra. Sendo Senhor tanto do senhor de escravos como do escravo, ele os torna iguais, quer o reconheçam, quer não. Na relação do senhorio de Cristo com cada membro do lar cristão não há, enfaticamente, nenhuma parcialidade.

2) Em Devoções Particulares (4:2-4)

2 Perseverai na oração, velando nela com ações de graças, 3 orando ao mesmo tempo

também por nós, para que Deus nos abra uma porta à palavra, a fim de falarmos o mistério de Cristo, pelo qual também estou preso, 4 para que eu o manifeste como devo falar.

Os recursos particulares necessários, pelos quais se pode viver para Cristo, talvez como a única pessoa cristã em um lar pagão, se encontram apenas na oração. Para a maioria dos cristãos primitivos, pobres e analfabetos, até o auxílio da Bíblia para os seus momentos de devoção não estava disponível; daí o conselho para **perseverar na oração**.

Deus não pode ser coagido pelo nosso muito falar (Mat. 6:7), mas a nossa persistência demonstra a nossa sinceridade e purifica o nosso desejo. Jesus enfatiza essa persistência (Luc. 18:1-7; cf. 11:5 e s.), e Paulo também — em todo o tempo (Ef. 6:18), sendo constantes (Rom. 12:12), sem cessar (I Tess. 5:17). Só um coração assim habitualmente aberto e responsivo às coisas de cima suportará com segurança às pressões das coisas da terra.

Velando nela novamente faz lembrar Jesus (Luc. 12:35 e ss.; Mar. 13:32 e ss.) e talvez também evoque alguma reminiscência apostólica de Lucas 9:32 e Mateus 26:40 e ss. Tem sido sugerido que Paulo recomenda que permaneçamos acordados enquanto oramos (Barclay), ou que "oremos com a mente desperta" (NEB), "velando no ato" (Abbott). Porém o eco da catequese primitiva (veja o comentário sobre 4:8; cf. I Cor. 16:13; I Tess. 5:6 e ss.; I Ped. 5:8) sugere que o apelo de Paulo é para que estejamos alertas, vigilantes, com a ajuda da oração (cf. Luc. 22:45 e s.).

A oração individual, embora perseverante, é empobrecida, se descer ao nível de petição infindável de coisas, esquecendo as **ações de graças**. Ela é empobrecida da mesma forma se se tornar egoísta. Paulo queria que os colossenses ligassem a sua oração diária com a obra de Deus em toda a terra: tanto pelos irmãos na fé — **orando... também por nós** — quanto pela Causa, **para que Deus nos abra uma porta à palavra**, mesmo na prisão. O interesse da oração não devia ser a sua libertação física, mas pedir graça para usar a oportunidade apresentada e o dom para **falarmos** o mistério da vida em Cristo (cf. 1:26).

O tema de que a oração abre portas é freqüente em o Novo Testamento (At. 14:27; I Cor. 16:9; II Cor. 2:12; Ef. 6:19 e s.). Contudo, pode ser que Paulo aqui estivesse pensando na resposta (v. 6) que precisava dar diante dos juízes. Mesmo assim, não é na sua segurança pessoal que ele estava pensando, mas na causa, para que a sua explicação da razão por que ele estava na prisão pudesse ser persuasiva à corte, aos carcereiros e companheiros de prisão (cf. Fil. 1:12 e ss.). Respondendo como representante de Cristo e da Igreja, ele precisava e merecia o pleno apoio deles pela oração.

Essa preocupação com o mundo e essa comunhão com os servos de Deus, em lugares distantes, faz da oração diária de qualquer crente uma contribuição direta aos objetivos de Deus na história. Essas orações constantes reúnem em uma só pessoa os líderes, na linha de frente do reino, e o mais humilde santo, em lugares obscuros, sustentando-os fielmente pela intercessão.

3) **Diante dos de Fora** (4:5,6)

5 Andai em sabedoria para com os que estão de fora, usando bem cada oportunidade. 6 A vossa palavra seja sempre com graça, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.

Igreja, lar, trabalho e devoções privadas não exaurem os palcos da conduta cristã; a vida cristã tem um âmbito público. Aqui, viver por Cristo exige sabedoria, oportunismo, graça (especialmente na conversação) e prontidão para testificar de maneiras adequadas e apropriadas.

Sendo ex-fariseu, Paulo conhecia as tentações que todos os grupos dedicados tinham para zombar ou tratar com condescendência os "de fora". Por toda

parte, ele conclama os seus leitores a uma honestidade de propósitos que fosse óbvia (Rom. 12:17; I Tess. 4:12), à pacificação (Rom. 12:18) e à inteligência (I Cor. 14:23 e ss.). Mais freqüentemente, ele recomenda sabedoria, como aqui (e em Ef. 5:15). Esta é a quarta esfera em que a sabedoria é requerida, de acordo com esta epístola (cf. 1:9,28; 3:16). Jesus também nos advertiu para vivermos, entre os homens, prudentemente como as serpentes. Maclaren nota que Paulo advogou um caminhar em sabedoria; ele aborrecia um caminhar em astúcia.

Pode ser que Paulo estivesse pensando na agressividade néscia, na justiça própria, na denúncia, tão freqüentemente demonstradas para com os incrédulos; mais provavelmente, ele estava preocupado com a sabedoria requerida para se testificar eficientemente (cf. 4:4). O nosso dever primeiro para com os quê estão de fora é trazê-los para dentro.

Primeiro, precisamos nos aproveitar de qualquer oportunidade, a qualquer preço, que é a maneira pela qual Paulo expressa **usando bem cada oportunidade**. As palavras dele sugerem açambarcar o mercado em termos de oportunidade, ou comprar de novo o tempo presente de suas obsessões malignas, dando-lhe utilidade (cf. Ef. 5:15 e s.; Rom. 13:11; I Cor. 7:29). Assim também Cristo "resgatou-nos" da maldição (Gál. 3:13). Todos vivemos, constantemente, em dias extritamente medidos, e precisamos agarrar o momento que passa.

Segundo, seremos sábios em testemunhar se permitirmos que **a nossa palavra seja sempre com graça, temperada com sal**. Mais claramente do que em 3:16, "graça" aqui tem seu significado clássico: disposição graciosa, doçura e cortesia na conversação (veja Sal. 45:2 e Ecl. 10:12 — que podem ter estado na mente de Paulo). Algumas pessoas, subestimando o valor e talvez a raridade dessa virtude, procuram maiores significados teológicos: palestra com graça salvadora; conversa cheia do evangelho; evitando toda corrupção de linguagem (cf. Ef. 4:29; Mat. 5:13). Esses significados não devem ser excluídos, mas as pessoas que só são capazes de falar de religião para os incrédulos, e isso nem sempre graciosamente, podem precisar ser informadas de que devem falar **com** graça, bem como **da** graça.

No grego, "conversa salgada" freqüentemente significava ditos chistosos, epigramáticos. **Temperada** (cf. Mar. 9:50) pode dar a entender picante, pertinente, interessante, e não insipidez vazia. Admitimos que o único objetivo não é agradar os homens, e há limites quanto a ser agradáveis humanamente. Porém, embora o crente deva ser discriminador no falar, ele nunca pode ser nem deve ser maçante. Há imensa diferença entre a incessante declamação de um assunto religioso enfadonho e a conversa graciosa, pungente, que converte.

Terceiro, a sabedoria em testificar **saberá como... responder a cada um**, a cada tipo de maneira diferente, a cada caso apropriadamente, a cada pessoa individualmente. Jesus (Mat. 10:19) e Pedro (I Ped. 3:15) enfatizam a prontidão para responder aos que são de fora. Conhecer o tempo certo para responder exige paciência; entender a pessoa abordada demanda simpatia; mas esse testemunho gracioso, eficiente, é o teste final da vida por Cristo diante do mundo "lá fora".

Conclusão (4:7-18)

1. Os Mensageiros de Paulo (4:7-9)

7 Tíquico, o irmão amado, fiel ministro e
conservo no Senhor, vos fará conhecer a
minha situação; 8 o qual vos envio para este
mesmo fim, para que saibais o nosso estado
e ele conforte os vossos corações, 9 juntamente com Onésimo, fiel e amado irmão,
que é um de vós; eles vos farão saber tudo o
que aqui se passa.

Paulo deixou que os seus dois mensageiros expressassem pessoalmente as notícias que os colossenses estavam ansiosos por receber (cf. Fil. 1:12). A compre-

ensão mútua, naquela época, como agora, depende de contato pessoal, coisa que Paulo estava sempre desejoso de manter.

Tíquico parece ter sido um "assistente" pessoal de confiança (cf. At. 13:5; 20:4) e delegado (II Tim. 4:12; Tito 3:12). Sendo um asiático, ele fora obviamente o escolhido para distribuir cartas no seu distrito natal. Maclaren, agradavelmente, nota que foram necessários o grande apóstolo e o humilde Tíquico para fazer chegar esta preciosa missiva ao seu destino.

O fato de que **Onésimo**, escravo fugido e, provavelmente, ladrão também, fora convertido durante a permanência de Paulo na prisão e agora estava voltando para o seu senhor fazia parte de **tudo o que aqui se passa**, e que os mensageiros explicariam. Paulo delicadamente se contém para não comentar isso, presumindo otimisticamente que Onésimo seria bem-vindo, e recomendando-o como **fiel** agora e **amado** como **irmão**.

Que é um de vós, geralmente sendo entendido como uma frase informando os colossenses que Onésimo era de Colossos, parece inteiramente desnecessário. Paulo deve estar dizendo: "Contem-no como um de vocês de agora em diante, pois ele é" (cf. 4:12). Dentre as muitas teorias acerca de Onésimo, existe a sugestão de que ele se tornou o bispo de Éfeso mencionado por Inácio, o primeiro coletor das epístolas paulinas, e, por isso, o primeiro a dar alguns passos no sentido da formação do Novo Testamento. Esta discussão é fascinante, mas não definitiva (veja a Introdução a Filemom).

2. Saudações e Instruções (4:10-17)

10 Saúda-vos Aristarco, meu companheiro de prisão, e Marcos, o primo de Barnabé (a respeito do qual recebestes instruções; se for ter convosco, recebei-o), 11 e Jesus, que se chama Justo, sendo unicamente estes, dentre a circuncisão, os meus cooperadores no reino de Deus; os quais têm sido para mim uma consolação. 12 Saúda-vos Epafras, que é um de vós, servo de Cristo Jesus, e que sempre luta por vós nas suas orações, para que permaneçais perfeitos e plenamente seguros em toda a vontade de Deus. 13 Pois dou-lhe testemunho de que tem grande zelo por vós, como também pelos que estão em Laodicéia, e pelos que estão em Hierápolis. 14 Saúda-vos Lucas, o médico amado, e Demas. 15 Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia, e a Ninfas e à igreja que está em sua casa. 16 Depois que for lida esta carta entre vós, fazei que o seja também na igreja dos laodicenses; e a de Laodicéia lede-a vós também. 17 E dizei a Arquipo: Cuida do ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires.

Aristarco, "judeu da Dispersão", proveniente de Tessalônica (daí o seu nome gentio), geralmente estava com Paulo nas horas difíceis (At. 20:4; 19:29; 27:2); "sem dúvida, um homem bom de se ter ao lado em ocasiões de aperto" (Barclay). **Companheiro de prisão** (cf. Filemom 23) é considerado como metáfora por Moule e (aparentemente) pela NEB — "cativo de Cristo como eu mesmo". Se esta palavra ainda significava "prisioneiro de guerra", este deve ser o seu significado, e o pensamento se assemelha a II Coríntios 2:14 e Efésios 4:8 e ss. Outros comentaristas acham que a situação de Paulo impedia um significado metafórico. Certamente pareceria estranho distinguir apenas certos crentes como cativos de Cristo. Os que consideram esta palavra literalmente sugerem que, compulsoriamente (como serviçais de Paulo) ou voluntariamente (permanecendo como seus fiéis companheiros), Epafras e Aristarco se revezavam em compartilhar da prisão de Paulo.

O apelo repetido para que Marcos fosse bem recebido, **se for ter convosco**, sugere a alguma relutância da parte da igreja. A história registrada em Atos 13:13 e 15:36-40 pode ter sido conhecida em Colossos, mas acontecera uns doze anos antes, e é bem claro que Paulo e Marcos agora estavam se dando muito bem. Outra explicação possível é a conexão íntima de Marcos com Pedro, e também talvez (aos olhos dos colossenses) com os judaístas oponentes de Paulo.

É fútil especular quem havia dado as **instruções** anteriores, por que a menção de Barnabé podia recomendar Marcos em Colossos. Será que Barnabé havia estado ali?

O fato de Paulo dizer **se** ele **for ter convosco** parece que se cumpre em II Timóteo 4:11 e I Pedro 5:13, onde parece que Marcos tinha conexão com a Ásia (cf. I Ped. 1:1) e estava com Pedro em Roma. Daríamos tudo o que pudéssemos para conhecer as circunstâncias que envolveram esta carta. Parece significativo que aqui Marcos e Lucas — o primeiro dos evangelistas — estavam juntos com o apóstolo.

A respeito de **Jesus, que se chama Justo**, "tornado imortal em três palavras" ("Jesus, chamado Justo", Maclaren), só sabemos que ele era judeu, cristão, e que o epíteto que lhe davam sugere justiça (ou severidade; cf. "Tiago, o Justo") — como cristão rigoroso ou como judeu escrupuloso.

Paulo certamente quer dizer que, dentre os cristãos judeus, só estes haviam sido seus **cooperadores** (as traduções inglesas KJV e ERV estão erradas quanto à tradução e ao fato). A referência a essa contínua frieza entre Paulo e o partido judeu pode ter sido ocasionada pela menção de Marcos. Como Filipenses 1:15,16 e 3:2 e ss., esta referência impede que suponhamos que estava morta a velha controvérsia gálata. **Consolação** (no gr.) dizem ser um termo médico — "um cordial para mim": o patriotismo de Paulo achava o apoio dos judeus especialmente consolador. A rara referência paulina ao **reino** (cf. 1:13; At. 28:23,31) é igualmente apropriada — fora na esperança messiânica transformada que Paulo encontrara o ponto em que mais concordava com os seus compatriotas judeus.

O pastor colossense, Epafras, evidentemente não pretendia voltar com Tíquico (veja a Introdução: A Igreja em Colossos). **Um de** vós, aqui, estabelece um claro contraste entre Epafras e os cristãos judeus. A reiterada recomendação, sublinhando 1:7, tem sugerido que ele necessitava do apoio de Paulo, e a certeza de sua constante preocupação bem podia ser a resposta a dúvidas na mente dos colossenses (veja abaixo). **Que sempre luta por** vós é uma versão pobre da expressão de Paulo: "agonizando" ou "se esfalfando"; o Getsêmane, e até mesmo Peniel (Gên. 32:24 e ss.), podem estar no pensamento de Paulo.

O conteúdo da oração de Epafras "apresenta vislumbres do objeto principal desta carta" (Scott). Ele pede que eles possam manter a sua posição (cf. Ef. 6:11,13), **perfeitos**, amadurecidos, não necessitando de nenhum complemento gnóstico para completar a sua experiência; **plenamente seguros**, convencidos, não necessitando de nenhuma iluminação gnóstica para completar a sua fé (cf. 2:2; Rom. 4:21; 14:5). Permanecendo **perfeitos... em toda a vontade de Deus** pode ser um lembrete de que o crente não precisa de nenhuma adição gnóstica ou legalista à sabedoria e ao entendimento disponíveis em Cristo (1:9 e s; 2:3).

Ele **tem grande zelo** novamente diz menos do que as palavras de Paulo: Labuta, se esfalfa, muitas vezes com aflição." Scott conjectura que alguma tarefa especial em favor dos colossenses levara Epafras a Roma, talvez alguma injustiça a ser reparada, possivelmente até para buscar ajuda depois do grande terremoto que afetara Colossos mais ou menos nessa época, e evocou demonstrações universais de caridade. Outros entendem que o seu **zelo** era em oração.

Foi esta palavra incisiva, juntamente com as enfáticas recomendações de Paulo (1:7; 2:6; e aqui) e a frase de inesperada força, **dou-lhe testemunho** (cf. Rom. 10:2; Gál. 4:15), que sugeriu que havia alguma dissensão entre Epafras e a igreja em Colossos, de forma que ele permaneceu com Paulo, e Arquipo assumiu o seu lugar de liderança. Discutindo isto, Moule acha mais natural consi-

derar esta referência como interesse pastoral, comparando II Coríntios 11:28 e s. com ela. Certamente, se Epafras foi deposto, ou substituído, esperaríamos mais comentários do que o do verso 17.

A posição revelada na carta, uma versão nova e persuasiva do evangelho, opondo-se à que Epafras havia ensinado, estando a igreja hesitante e confusa, explica suficientemente o motivo por que Paulo lança, por detrás de Epafras, a sua própria autoridade e confiança. Sustentar e vindicar o mensageiro fiel era, para Paulo, uma forma importante de manter a veracidade da mensagem que pregava. (Com respeito a Laodicéia e Hierápolis, veja o comentário a 2:1 e a Introdução.)

Colocando **Lucas** entre os seus colegas gentios, e chamando-o de **médico amado,** Paulo nos fala mais dele do que qualquer outra fonte, exceto as inferências que se tira das próprias obras de Lucas. Ele estava assistindo Paulo constantemente, e **amado** pode expressar a gratidão cordial pelos cuidados médicos pessoais. A ordem exata das palavras seria "Lucas, o médico, nosso querido amigo."

Demas (cf. Filemom 24) pode ser mencionado em último lugar, e sem comentários, porque ele serviu de secretário para escrever a carta (Bengel), e não porque ele já deixara trair uma deslealdade incipiente. A ligação de Demas com Marcos e Lucas, nesta carta, tende a sustentar a sua identificação com o Demas de II Timóteo 4:10, evidentemente um tessalonissense. Baseado no mesmo pressuposto, Maclaren contrasta Lucas e Demas: partindo do mesmo ponto, viajando lado a lado, sujeitos ao mesmo treinamento, tendo o mesmo contato com o magnético Paulo, no entanto, por fim separados como os pólos da terra. "As circunstâncias são poderosas; o uso que fazemos das circunstâncias cabe a nós mesmos."

Os irmãos que estão em Laodicéia estavam claramente associados com os de Colossos de alguma forma íntima, mas falar de uma congregação da igreja colossense reunindo-se em Laodicéia provavelmente introduz uma distinção que é posterior a essa época. (A respeito de "ecclesia" como o grupo local domiciliar, cf. At. 12:12; I Cor. 16:15,19; Rom. 16:5,23).

Ninfas e a igreja que está em sua casa (dele ou deles) permanece tão obscuro para os eruditos modernos quanto para os copistas antigos; "casa de Ninfas e sua esposa" parece o significado mais provável.

Com respeito à circulação e leitura pública das epístolas, cf. II Coríntios 1:1, I Pedro 1:1 e I Tessalonicenses 5:27. A carta **de Laodicéia** não pode ser alguma que Paulo tenha escrito nessa cidade (ele não esteve lá) nem uma carta escrita pelos laodicenses (dificilmente Paulo a recomendaria desta forma), mas uma carta de Paulo enviada a Laodicéia, que agora devia ser trocada por esta epístola. Existe uma carta com esse título, mas é geralmente considerada como uma coleção de frases paulinas, fabricada sob o impulso deste versículo; ela pode ser verificada em Barclay.

Algumas pessoas pensam que essa epístola está perdida; outras, não levando em conta antigas identificações com Hebreus e I Timóteo (veja depois de 6:21, na tradução KJV, no inglês), a identificam com Filemom ou Efésios, Barclay pensa que a primeira possibilidade é atraente, como também Knox (resumida, com a opinião modificada de Goodspeed, em Moule, p. 14 e ss.). Knox sugere que a nossa Filemom foi enviada a Arquipo, verdadeiro dono de Onésimo, porém através de Filemom, supervisor das igrejas do vale do Lico, como ato de cortesia. Desta forma, ela teria chegado às mãos de Arquipo, em Colossos, vindo **da Laodicéia. O ministério** de que Arquipo foi encarregado, na presença da igreja, a **cumprir**, foi, então, a libertação de Onésimo. Moule acha que este raciocínio não é convincente. Goodspeed acha que Filemom originalmente figurou

no corpo das obras paulinas como "aos laodicenses" até essa igreja cair em descrédito (Apoc. 3:16).

Marcião achava que **dos laodicenses** era a nossa aos Efésios. Este é, provavelmente, o ponto de vista mais aceito. Se Efésios era uma carta circular, viajando na ordem em que as igrejas estão em Apoc. 2 e 3, ela chegaria a Colossos **da Laodicéia**. Oscar Cullmann acha que esta identificação explica muita coisa: a semelhança de Efésios com Colossenses (estando tão intimamente relacionados o tempo e a situação), porque Tíquico foi o portador de ambas, e vários detalhes enigmáticos em Efésios. Mas Bruce acha que Efésios é posterior a Colossenses (por isso, não é mencionada em Colossenses); e, se Paulo queria que os colossenses lessem Efésios, não lhes iria simplesmente mandar uma cópia? Mas o mistério da epístola **dos laodicenses** permanece sem solução.

Arquipo era, provavelmente, filho de Filemom e Áfia (Filemom 2). Se ele ministrava em Hierápolis, Laodicéia ou Colossos, parece estranho Paulo dirigir-se a ele através dos membros da igreja em Colossos (cf. Fil. 4:2). A palavra traduzida como **ministério** pode dar a entender a sua função como diácono, ou aplicar-se mais amplamente (At. 12:25). Tanto a expressão de Paulo, **cuida**, como a mensagem enviada, faz lembrar o tom das Cartas Pastorais. Seria Arquipo um ministro muito jovem, a quem ele recomenda que a igreja encoraje, e não critique, enquanto o próprio Paulo lhe assegura que o seu ministério era considerado e reconhecido não apenas pelos seus pais e amigos, mas por todos, com a autoridade de Cristo?

3. **Assinatura** (4:18)

18 Esta saudação é de próprio punho, de Paulo. Lembrai-vos das minhas cadeias. A graça seja convosco.

A assinatura pessoal, autorizando e autenticando a obra do amanuense, já era, durante a vida de Paulo, uma salvaguarda necessária contra falsificações (II Tess. 3:17; 2:2). **Lembrai-vos das minhas cadeias** pode ser um pedido de oração (cf. I Tess. 1:3), uma explicação de por que ele não os visitara ou um reforço do seu conselho — "não um apelo por simpatia, mas uma declaração de autoridade" (Barclay).

Assim se encerra uma carta breve, mas importante. Depois da imensa cordilheira de elevada teologia no capítulo 1, a discussão direta do capítulo 2, o elevado apelo espiritual e ético do capítulo 3, seguido pelas minuciosas instruções a respeito da vida diária, sentimos que, nestes vislumbres finais das condições apostólicas, está a calorosa resposta de Paulo aos que o haviam encorajado e a sua preocupação pelos cristãos que viviam em lugares distantes. O grande evangelho de Paulo acerca da plenitude de Cristo, compartilhando plenitude de vida, estava encontrando expressão eficiente nas pequenas igrejas domiciliares e nos ministros que, no plano de Deus, eram os canais dessa plenitude para um mundo sedento.

I e II Tessalonicenses

HERSCHEL H. HOBBS

Introdução

I. Antecedentes Históricos

Tessalônica era a capital e cidade principal da Macedônia. O seu nome original era Therme, por causa das fontes termais da região. Em 315 a.C., Cassander reconstruiu a cidade e deu-lhe o nome de Tessalônica, conforme se chamava sua esposa, filha de Filipe de Macedônia, e meio-irmã de Alexandre, o Grande, para homenageá-la. Desde 42 a.C. ela fora uma cidade livre no Império Romano, Entre outras coisas, isto significava que nenhuma guarnição romana estava aquartelada ali e que ela gozava do privilégio de governo próprio, dentro da estrutura das leis do Império. Este governo era do "povo" (At. 17:5), sob a direção de politarcas (At. 17:6, "magistrados da cidade"). Em certa época, a exatidão de Lucas em usar esta palavra para designar os governantes da cidade foi questionada. Mas uma inscrição encontrada na cidade de Tessalônica o confirma.

Tessalônica estava localizada no Golfo Termaico. O seu porto excelente fora o quartel-general naval de Xerxes, ao invadir a Europa. Na época romana, era sede de grandes docas. A cidade ficava também na Via Egnátia, estrada romana que ligava a Europa à Ásia.

A rua principal da cidade era esta estrada. Esta localização marítima e terrestre significava que Tessalônica era um grande centro comercial. Juntavam-se a estes fatores e solo fértil, florestas e depósitos minerais da região. Portanto, é compreensível que ela fosse uma cidade tão importante naquela época, e que a cidade moderna e florescente de Salonica ainda esteja ali. No tempos antigos, dizia-se que, "enquanto a natureza não mudar, Tessalônica permanecerá rica e próspera".

Paulo chegou a essa cidade em sua segunda viagem missionária, provavelmente em 50 d.C. (veja At. 17:1-9). A presença de uma sinagoga mostrou que havia judeus na cidade. Isto é compreensível, devido à sua condição comercial. Lucas diz que Paulo gastou três sábados, debatendo com eles, baseado nas Escrituras, sobre a morte e ressurreição de Cristo. Ele proclamou para eles que Jesus era o Cristo. O resultado foi que alguns judeus se juntaram a Paulo e Silas. E também "grande multidão de gregos devotos e algumas mulheres de posição". De acordo com Sir William Ramsay (p. 227), as mulheres gozavam de uma condição mais elevada na Macedônia e Ásia Menor do que em qualquer outro lugar. Os gregos devotos eram "tementes a Deus". Desiludido com a idolatria e os baixos padrões morais dos pagãos, eles foram atraídos para o monoteísmo e os elevados padrões morais dos judeus. Como tementes a Deus (Jeová), eles estavam estudando a religião judaica, mas ainda não a haviam adotado como sua. Uma barreira a esse passo final era, provavelmente, o legalismo da fé judaica. Assim sendo, eles foram facilmente atraídos para o evangelho de liberdade de Paulo.

Isto suscitou inveja nos judeus incrédulos. Eles se ressentiram de perder esses

homens tementes a Deus. Eles também rejeitaram a mensagem de Paulo a respeito de Jesus ser o Cristo. Assim, usando "homens maus dentre os vadios", eles incitaram um tumulto contra Paulo e seus companheiros. Não conseguindo encontrá-los na casa de Jáson, seu hospedeiro, eles levaram Jáson e alguns dos outros irmãos (cristãos) à presença dos politarcas. Acusaram Jáson de ter recebido em casa homens que pregavam sedição, dizendo que Jesus era outro rei, além de César. Portanto, os politarcas receberam "fiança" de Jáson e dos outros, e os deixaram ir. Esta fiança, provavelmente, era a sua garantia de que eles manteriam a paz, e, possivelmente, a sua promessa de não hospedarem Paulo e seus companheiros.

Pensando que era melhor que Paulo e seu grupo deixassem Tessalônica provisoriamente, eles os fizeram sair dali. Depois de um breve ministério em Beréia, judeus de Tessalônica desceram até esse lugar, para "agitar e sublevar as multidões" (At. 17:13). Desta forma, Paulo saiu de Beréia e foi para Atenas, ficando Silas e Timóteo em Beréia. Contudo, ao chegar a Atenas, Paulo mandou recado para se juntarem a ele. Timóteo chegou a Atenas somente para ser enviado de volta a Tessalônica, a fim de conseguir, para Paulo, informações de como as coisas estavam ali (I Tess. 3:1-5). Ele temia que a perseguição movida pelos judeus pudesse exaurir os novos convertidos.

No entanto, devido à sua experiência em Atenas, Paulo viajou para Corinto antes do tempo previsto. Silas e Timóteo foram se encontrar com ele em Corinto. A sua chegada fortaleceu Paulo grandemente em seu trabalho ali (At. 18:5; I Tess. 3:6 e ss.).

II. Autenticidade

1. I Tessalonicenses

A autenticidade desta epístola foi posta em dúvida pela Escola de Tübingen e pela Escola Holandesa. Contudo, com poucas exceções, ela é aceita pelos eruditos modernos como genuinamente paulina. F. C. Baur e seus seguidores puseram esta epístola em questão, com três alegações: (1) diferenças de estilo e vocabulário em relação às epístolas aos Coríntios, Romanos e Gálatas; (2) ausência de citações do Velho Testamento; e (3) ausência das idéias predominantemente paulinas (justificação pela fé, a controvérsia judaizante e assuntos relativos à escatologia).

Todavia, estas objeções foram, em sua maior parte, refutadas. Por exemplo, Werner Georg Kümmel (p. 185) insiste que o vocabulário e o estilo são paulinos. Nenhum escritor, depois da morte de Paulo, teria atribuído a ele a sua expectativa de ver a volta do Senhor. Os pensamentos apocalípticos desta epístola são encontrados em I Coríntios 15:23 e ss., 51 e ss. Certamente a ocasião da epístola determinou a forma, e explica quaisquer supostas diferenças. Nenhum escritor está preso a um determinado estilo e vocabulário. A controvérsia judaizante não era problema em Tessalônica, como em Corinto, por exemplo.

As evidências externas são fortes para explicar a autenticidade desta epístola. Ela é incluída na coleção feita por Marcião, das obras de Paulo (c. 140 d.C.); é mencionada no Cânon Muratoriano (c. 180); e é citada pelo nome por Irineu. Tanto Clemente de Alexandria como Tertuliano a consideravam paulina. E ela é incluída nas Versões Latina Antiga e Siríaca Antiga, de acordo com Donald Guthrie (p. 182), que também nota que há algumas razões para se dizer que Inácio cita I Tessalonicenses 2:4 (cf. Leon Morris, p. 16).

As evidências internas são igualmente fortes para se aceitar a autoria de Paulo. A organização eclesiástica é simples, o que argumenta em favor de data primitiva. A escatologia reflete uma época durante a vida do apóstolo. A linguagem e o pensamento são paulinos. A situação

em Tessalônica é a que se espera lendo Atos 17.

Certos problemas têm sido previstos, ao se tentar harmonizar esta epístola (2:7-11) com o relato de Lucas, acerca da fundação da igreja em Tessalônica. Algumas pessoas insistem que a relação do autor para com a igreja exige uma permanência mais longa do que três sábados ou semanas, como se menciona em Atos 17:2. Eles apontam para as palavras do autor acerca de ter trabalhado com as suas próprias mãos para conseguir o seu sustento. Também se diz que as ofertas enviadas de Filipos (Fil. 4:15 e ss.) sugerem um período mais longo em Tessalônica. Morris (p. 17) sugere que Filipenses 4:16, provavelmente, não significa que foi enviada ajuda duas vezes para Paulo, enquanto ele estava em Tessalônica. A expressão grega **hapax kai dis** parece significar "mais de uma vez", e, prefixada com **kai**, significará "tanto (quando eu estava) em Tessalônica e (**kai**) mais do que uma vez (**hapax kai dis**, quando eu estava em outros lugares) enviastes..."

Mesmo que não seja este o caso, não existe conflito real entre essas duas passagens. Atos menciona apenas o trabalho de Paulo na sinagoga. É possível que ele tenha passado mais tempo, provavelmente trabalhando entre os gentios propriamente ditos. Ramsay (p. 228) sugere uma permanência de cerca de seis meses em Tessalônica. C. G. Findlay considera esta opinião como extrema, todavia, concorda que o período foi de meses, e não semanas. [1]

Outro problema se relaciona com os convertidos em Tessalônica. Tem sido objetado que Atos não menciona pessoas ganhas da idolatria (I Tess. 1:9). Contudo, esses podiam ser os homens tementes a Deus. Ramsay (p. 227) sugere, com base em certos manuscritos, que o elemento não-judeu da sinagoga (At. 17:4) pode ter incluído os homens tementes a Deus e outros gregos ou puros pagãos. Em qualquer caso, a objeção parece ser insustentável.

Um terceiro problema se relaciona com os movimentos de Silas e Timóteo. Atos 18:5 diz que eles se encontraram de novo com Paulo em Corinto. Todavia, I Tessalonicenses 3:1 e ss. mostra que Timóteo estava com Paulo em Atenas Atos 17:15 diz que Paulo mandou buscar Silas e Timóteo, para juntarem-se a ele em Atenas. Timóteo o fez mas nenhuma menção de Silas é feita nesse sentido. Depois que Timóteo voltou para Tessalônica, Paulo viajou para Corinto, onde os seus dois ajudantes foram encontrá-lo (At. 18:5). Desta forma, a aparente discrepância desaparece.

Morris (p. 18) cita Clogg (**An Introduction to the New Testament**, London, 1940, p. 21): "Discrepâncias dessa natureza provam pouca coisa, exceto que os autores de Atos e I Tessalonicenses escreveram independentemente um do outro."

Portanto, o peso de evidência favorece fortemente a autoria paulina desta epístola. É assim que este autor o considera.

2. II Tessalonicenses

Da mesma forma como a primeira epístola, esta também foi fortemente atacada pela Escola de Tübingen. Levantaram-se dúvidas com relação às supostas diferenças entre as duas epístolas: escatologia, tom e leitores. Foi dito que a primeira se apega a uma iminente volta de Cristo, mas que a segunda não o faz. As condições concernentes ao "homem da iniquidade" (IBB — "homem do pecado") sugerem um adiantamento da **Parousia** (II Tess. 2:1-11). E também enfatizou-se uma diferença de tom: a primeira é mais cordial do que a segunda. Levantou-se a suposição de uma diferença de leitores: gentios para a primeira e judeus para a segunda. Falou-se que II Tessalonicenses presume um conhecimento mais profundo do Velho Testamento (cf. 1:6-10; 2:1-12).

No entanto, tem sido notado que a

1 **The Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges**, I e II Tessalonicenses, 1911, 1, 22.

maior parte dos apocalipses contém a idéia da iminência e de certos sinais preparatórios. [2] O I Tessalonicenses não mencionar estes sinais é compensado pelo fato de que o escritor havia falado neles enquanto estava em Tessalônica (II Tess. 2:5). A situação de II Tessalonicenses exige uma abordagem mais severa do que por ocasião da primeira epístola. Mas a nota amigável também está presente na última (II Tess. 1:3 e s.; 2:13-3:5). A questão de diferentes leitores está sujeita a questionamento sério. Certamente pode-se presumir que os cristãos gentios estavam familiarizados com os ensinamentos do Velho Testamento que Paulo havia exposto (At. 17:2-4). Isto seria correto especialmente em assuntos apocalípticos. Guthrie (p. 187) indica que Marcos 13 contém esses ensinamentos e que "geralmente se considera que ele foi escrito para gentios". [3]

Do lado positivo, as evidências externas de que II Tessalonicenses é paulina são mais bem comprovadas do que em relação a I Tessalonicenses. Ela é incluída tanto no Cânon Marcionita quanto no Fragmento Muratoriano. Policarpo, Inácio e Justino parece que a conheceram. Irineu a cita pelo nome. Desde aquela época ela foi aceita universalmente pelos antigos.

As evidências internas são igualmente fortes. Nesta última epístola, o autor estava tratando de problemas especiais com relação à segunda vinda. E esses problemas exigiam um tom mais imperativo e mais detalhes. Certamente o estilo e o vocabulário são tão paulinos quanto na epístola anterior (Kümmel, p. 189). A ênfase do autor a respeito de sua assinatura certamente deve pesar na balança (II Tess. 3:17).

2 Kümmel, p. 188; Guthrie, p. 185 e ss.; Morris, p. 20 e ss.; cNeile, p. 128.

3 A data de Marcos é, provavelmente, posterior. Mas o uso que este Evangelho faz, de linguagem apocalíptica, dá a entender que os seus leitores a podiam entender.

Portanto, pode-se concluir que, a despeito dos problemas suscitados por algumas pessoas, ambas as epístolas aos tessalonicenses foram escritas pelo apóstolo Paulo. Esta é a posição em que se firmou grande parte dos eruditos modernos.

III. Situação e Data

Presumindo que Paulo escreveu estas duas epístolas, que situação o levou a fazê-lo? Qual foi o seu objetivo? Alguns eruditos sugerem que II Tessalonicenses, na verdade, precedeu I Tessalonicenses. Porém, como será visto mais tarde, os seus argumentos são inconsistentes. Por isso, as epístolas serão consideradas em sua ordem canônica.

Como já notamos, Paulo e seus companheiros deixaram Tessalônica em uma atmosfera de perseguição movida pelos judeus. Em vista de sua subseqüente experiência em Beréia, Paulo tinha todas as razões para crer que os novos convertidos em Tessalônica haviam continuado a enfrentar dificuldades. Quando Timóteo se reuniu a ele em Atenas, ele enviou o seu jovem ajudante de volta a Tessalônica para certificar-se das condições existentes ali. Mais tarde, Silas e Timóteo se juntaram a ele em Corinto. Paulo ficou jubiloso e fortalecido ao ouvir da firmeza dos crentes de Tessalônica e de sua atividade na fé. Assim, imediatamente ele escreveu I Tessalonicenses. Nesta carta, ele expressa satisfação com respeito ao estado deles. Responde a certas acusações, feitas pelos judeus, contra ele, exorta os cristãos a perseverarem em face das dificuldades que enfrentavam, e declara a superior moralidade da fé cristã em relação à dos pagãos. Ele procura acalmar a ansiedade relacionada com a vinda do Senhor, e depois trata de outros assuntos relacionados com a vida da igreja.

Pouco depois disso, Paulo recebeu notícias de que a sua primeira epístola

não surtira o efeito desejado. Por isso, escreveu uma carta mais exigente. Esta última trata principalmente dos problemas relativos à volta do Senhor. É possível que alguém tivesse enviado uma comunicação, que pretendia que passasse como sendo de Paulo. Ou pode ser que ele meramente tivesse previsto tal coisa. De qualquer forma, ele assinou a carta, de forma a assegurar que ela é autêntica.

Lugares diferentes de Corinto têm sido sugeridos como localidade onde Paulo escreveu estas epístolas (v.g., Éfeso). Mas as evidências em favor de Corinto são fortes. As datas destas epístolas dependem disto. Presumindo que Corinto foi o lugar, quais poderiam ser as datas?

A data mais exata, dentro da cronologia de Paulo, o coloca em Corinto. Ele fora preso e levado à presença do procônsul Gálio (At. 18:12 e ss.). Uma inscrição em Delfos fala de uma questão levada por Gálio ao Imperador Cláudio. Ela é datada do duodécimo ano do poder judicial do imperador e posterior ao ano vigésimo-sexto de sua aclamação como imperador. Isto seria antes do vigésimo sétimo aniversário de sua aclamação como imperador, que foi antes de 1º de agosto de 52 d.C. Assim, essa inscrição foi feita em data anterior a esta data. Os procônsules geralmente tomavam posse no meio do verão e serviam durante um ano. Alguns estudiosos datam a chegada de Gálio a Corinto como tendo sido em 52 d.C. Outros a datam de um ano antes, de forma a dar tempo para que a sua inquirição chegasse às mãos de Cláudio antes de 52. A data da apresentação de Paulo diante de Gálio depende deste assunto. Aparentemente, foi pouco depois da chegada de Gálio.

Parece que Paulo havia estado em Corinto durante algum tempo, quando isto aconteceu. Talvez fosse perto do fim dos 18 meses que ele esteve ali. Dependendo de se datar a chegada de Gálio em 51 ou 52 d.C., isto significaria que Paulo chegou a Corinto em 50 ou 51 d.C. Ramsay (p. 254) acha que ele chegou em setembro de 51.[4] Qualquer uma destas datas é possível.

É bem provável que Paulo tenha escrito I Tessalonicenses logo depois de sua chegada em Corinto. Tanto faz se foi 50 ou 51 d.C. E, presumindo que II Tessalonicenses foi escrita algumas semanas ou até meses mais tarde, isto significaria o fim de 50 ou 51, ou o começo de 51 ou 52. Este escritor está inclinado a aceitar a data anterior para a chegada de Paulo. Talvez as duas epístolas devam ser datadas da segunda metade de 50 d.C.

Se isto é verdade, então estas cartas estão entre as primeiras obras de Paulo, das que foram preservadas. Alguns estudiosos datam Gálatas em 49 d.C. Mas, provavelmente, foi escrita mais tarde. Alguns datam Tiago em data bem anterior, e outros bem posterior (veja "Tiago", BBC, Vol. 12). Se Tiago foi datado bem anteriormente, é provável que I Tessalonicenses tenha sido o segundo livro do Novo Testamento a ser escrito, com II Tessalonicenses seguindo-o de perto.

IV. A Ordem das Epístolas

Tradicionalmente, as epístolas têm sido aceitas em sua ordem canônica. Mas alguns eruditos têm insistido que a ordem deve ser invertida. Isto foi sugerido pela primeira vez por Grotius (1640) e mais tarde patrocinado por Baur (1845). Esta posição tem sido assumida por alguns eruditos modernos (Guthrie, p. 191). Contudo, em sua grande parte, os estudiosos modernos se atêm à ordem tradicional.

No entanto, será bom examinar as razões aventadas para se inverter a ordem. É argumentado que a extensão da primeira epístola, e não a seqüência histórica, determinou a ordem em que elas estão no cânon. Este é um argumento

4 Guthrie, p. 181 (se apega a 51 d.C.); Morris, p. 15 (se apega a 50 d.C.); James Moffatt, a data de, provavelmente, próxima a 53 d.C.; Robertson, **Word Pictures**, sugere 50 ou 51.

arbitrário, não sustentado por qualquer evidência real. Mais uma vez, argumenta-se que nada em I Tessalonicenses poderia causar o mal-entendido evidenciado em II Tessalonicenses. Mas II Tessalonicenses 2:5 e 3:10 dão a entender que este mal entendido se originou da instrução oral de Paulo. Além do mais, sustenta-se que a escatologia de II Tessalonicenses não é tão refinada como a de I Tessalonicenses. Porém, teria Paulo mudado de idéia tão depressa? Este assunto já foi abordado anteriormente. Este grupo também considera que as provações experimentadas em Tessalônica já haviam terminado quando a primeira epístola foi escrita, mas parecem estar ainda no futuro, na segunda epístola. A primeira tinha o desígnio de encorajar, mas não dá indícios de que outras provações estavam por vir. De fato, a situação revelada em Atos favorece a idéia de problemas contínuos. Além disso, é sugerido que os problemas em Tessalônica eram plenamente conhecidos quando a primeira foi escrita, mas chegaram a um novo estágio de desenvolvimento quando a última foi escrita. Insiste-se também que I Tessalonicenses 4:10-12 precisa de II Tessalonicenses 3 para ser entendido. No entanto, pelo contrário, pode ser dito que os problemas abordados na primeira epístola foram tratados com mais detalhes na segunda. O problema havia-se aprofundado ao tempo em que Paulo escreveu II Tessalonicenses.

Certas referências feitas em I Tessalonicenses 4:9,13 e 5:1 são consideradas como matéria de uma comunicação prévia. Porém estas podiam referir-se a relatórios orais trazidos por Silas e Timóteo. A palavra pessoal de Paulo, em II Tessalonicenses 3:17, é usada como prova de que existiu dele uma carta anterior. No entanto, II Tessalonicenses 2:2 pode referir-se a cartas falsas, que se dizia serem oriundas de Paulo. Isto poderia explicar satisfatoriamente a sua palavra pessoal em 3:17. Finalmente, sugere-se que Timóteo levou uma carta de Paulo quando voltou de Atenas a Tessalônica. Diz-se que esta carta podia ser II Tessalonicenses. Isto não é nada mais do que conjectura. O fato de que Timóteo foi o co-autor de ambas as cartas, e não o seu portador, exclui esta idéia. [5]

As evidências apontam decisivamente para a seqüência canônica como sendo a apropriada. Paulo escreveu I Tessalonicenses para tratar de certos assuntos. Quando soube que a sua epístola não havia causado o efeito desejado, escreveu II Tessalonicenses. Nela se vê Paulo como pastor missionário, lutando com os problemas desta congregação nascente. Ao fazê-lo, ele fala a todas as igrejas, em todas as épocas da história cristã.

Bibliografia Selecionada

AIRHART, ARNOLD E. **The First and Second Epistles to the Thessalonians.** ("Beacon Bible Commentary.") Kansas City: Beacon Hill Press, 1967.

BAILEY, JOHN W. "Introduction and Exegesis of 1 and 2 Thessalonians", **The Interpreter's Bible.** Nashville; Abingdon Press, 1955.

BARCLAY, WILLIAM. **The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians.** Philadelphia: The Westminster Press, 1959.

BLAILOCK, E. M. **Cities of the New Testament.** Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Company, 1965.

CLARKE, JAMES W. "Exposition of 1 and 2 Thessalonians", **The Interpreter's Bible.** Nashville: Abingdon Press, 1955.

ELLICOTT, CHARLES JOHN. **Commentary on the Epistles to the Thessalonians.** ("Classic Commentary Library.") Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957.

5 Veja Kümmel, p. 186 e ss.; Guthrie, p. 190 e ss.; Morris, p. 27 e ss.; Moffatt, p. 10 e s.: McNeile, p. 129 e ss.

ERDMAN, CHARLES R. **The Epistles of Paul to the Thessalonians.** Philadelphia: The Westminster Press, 1961.

FRAME, JAMES EVERETT. A **Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians**, ("The International Critical Commentary.") Edinburgh, T. & T. Clark, 1912.

GUTHRIE, DONALD. "The Pauline Epistles", **New Testament Introduction.** Chicago: Inter-Varsity Press, 1968.

KÜMMEL, WERNER GEORG. **Introduction to the New Testament.** Nashville: Abingdon Press, 1966.

LINEBERRY, JOHN. **Vital Word Studies em II Thessalonians.** Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.

MORRIS, LEON. **The Epistles of Paul to the Thessalonians.** ("Tyndale Bible Commentary.") Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1965.

MCNEILE, A. H. **An Introduction to the Study of the New Testament.** London: Oxford University, 1953.

MOFFATT, JAMES. "The First and Second Epistles to the Thessalonians", **The Expositor's Greek Testament.** Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1951.

ORR, JAMES. "Man of Sin", **The International Standard Bible Encyclopaedia**, Vol. III. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1949.

RAMSAY, WILLIAM M. **St. Paul the Traveller and the Roman Citizen.** Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

ROBERTSON, A. T. **Word Pictures in the New Testament**, Vol. IV. Nashville: Broadman Press, 1931.

STAGG, FRANK. **New Testament Theology.** Nashville, Broadman Press, 1962.

TOD, M. N. "Thessalonica", **The International Standard Bible Encyclopaedia**, Vol. V. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1949.

VINCENT, MARVIN R. **Word Studies in the New Testament**, Vol. IV. Grand Rapids: Eerdmans Publishing House, 1946.

WALKER, ROLLIN HOUGH. "The First Epistle of Paul to the Thessalonians." "The Second Epistle of Paul to the Thessalonians." **The International Standard Bible Encyclopaedia**, Vol. III. Grand Rapids: Eerdmans Publishing House, 1949.

Comentário Sobre I Tessalonicenses

Esboço da Epístola

I. Assinatura e Endereço ou Destinatário (1:1)
II. A Situação Presente em Tessalônica (1:2-10)
  1. Base de Ação de Graças (1:2-4)
  2. Entrada do Evangelho em Tessalônica (1:5)
  3. A Reação ao Evangelho (1:6-10)
III. Reminiscências do Passado (2:1-16)
  1. Dificuldades em Testemunhar (2:1,2)
  2. A Defesa de Paulo acerca de Conduta e Motivações (2:3-12)
  3. O Elogio de Paulo aos Tessalonicenses (2:13-16)
IV. O Relacionamento Presente com os Tessalonicenses (2:17-3:13)
  1. O Desejo de Paulo de Visitá-los (2:17-20)
  2. A Missão de Timóteo a Tessalônica (3:1-5)

3. O Relatório de Timóteo a Paulo (3:6-8)
4. A Alegria e Oração de Paulo (3:9-13)

V. Exortações Práticas (4:1-12)
1. Exemplo Cristão (4:1,2)
2. Pureza Moral (4:3-8)
3. Amor Fraternal (4:9,10a)
4. Esforço Honesto (4:10b-12)

VI. Problemas Referentes à Volta do Senhor (4:13-5:11)
1. Vivos e Mortos (4:13-18)
2. Tempos e Estações (5:1-3)
3. Filhos da Luz (5:4-11)

VII. Assuntos Gerais (5:12-22)

VIII. Conclusão (5:23-28)

I. Assinatura e Endereço ou Destinatário (1:1)

1 Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam dadas.

De acordo com o antigo costume, Paulo iniciou esta epístola com a sua assinatura, seguida pelo endereço, ou destinatário. Isto é característico em todas as suas cartas. Embora ele associe Silvano e Timóteo consigo, nesta epístola, ela é definidamente paulina. A inclusão deles expressa a relação que eles tinham com a igreja em Tessalônica e que eles compartilhavam da preocupação de Paulo e concordavam com as suas declarações.

Visto que o problema em Tessalônica envolvera o caráter e a motivação de Paulo, e não a sua autoridade, ele não faz nenhuma menção do seu apostolado (cf. Rom. 1:1; I Cor. 1:1; II Cor. 1:1; Gál. 1:1; Ef. 1:1; Col. 1:1; as epístolas pastorais; ausente nas epístolas aos Tessalonicenses, Filipenses e Filemom). A ausência desta menção diz qual era o seu relacionamento pessoal com esta igreja.

Silvano (chamado Silas em Atos) era um profeta e membro de projeção na igreja em Jerusalém (At. 15:22,27,32) que foi enviado a Antioquia para expor e confirmar a carta enviada pelo Concílio de Jerusalém. Mais tarde, Paulo o escolheu para acompanhá-lo em sua segunda viagem missionária (At. 15:40). Ele foi preso com Paulo em Filipos (At. 16:19 e ss.). Do que se depreende em Atos 16:37, Silas, como Paulo, era cidadão romano. Ele esteve com Paulo em Tessalônica e Beréia (At. 17:4,10).

De Atenas, Paulo mandou buscar Silas e Timóteo (At. 17:15). Nada se diz de que Silas foi para Atenas; mas ele, mais tarde, juntou-se a Paulo em Corinto (At. 18:5; II Cor. 1:19). Ele é, provavelmente, o Silvano mencionado em I Pedro 5:12. Lucas usou o nome "Silas", ao passo que Paulo e Pedro usaram "Silvano".

Timóteo é mencionado pela primeira vez em Atos 16:1. Ele era filho de pai grego e de mãe judia. Talvez Paulo o tenha ganho para Cristo durante a sua primeira viagem missionária. Aparentemente de Listra, ele também era bem considerado entre os cristãos de Icônio (At. 16:2). Visto que ele era meio-judeu, Paulo o circuncidou antes de levá-lo como companheiro de viagem (At. 16:3). O fato de que Timóteo não havia sido circuncidado quando criança sugere uma forte resistência a isso da parte de seu pai, ou falta de forte convicção da parte de sua mãe — talvez ambas as coisas. Mais tarde, Paulo recusou-se a circuncidar Tito, que era grego (Gál. 2:3). A circuncisão de Timóteo tinha o objetivo de torná-lo aceitável diante dos judeus, entre os quais iria servir.

Nenhuma menção de Timóteo é feita durante o ministério na Macedônia até Atos 17:14, quando ele é mencionado juntamente com Silas. Porém dá-se a entender que ele estivera com Paulo e Silas na fundação das igrejas em Filipos, Tessalônica e Beréia. O fato de Paulo tê-lo mandado a Tessalônica (I Tess. 3:1,2) mostra como ele era considerado nessa igreja. Juntamente com Silas, ele foi ativo no ministério de Paulo em Corinto (cf. At. 18:5; I Cor. 16:10; II Cor. 1:1,19; Rom. 16:21). Diferentemente de Silas, ele é também mencionado no ministério

posterior de Paulo (Fil. 2:19 e ss.). Duas das epístolas de Paulo foram escritas para ele. John W. Bailey (p. 254) nota que Timóteo é mencionado mais freqüentemente como associado de Paulo em suas viagens e trabalhos do que qualquer outra pessoa citada nas cartas do apóstolo.

O fato de Silvano ser mencionado antes de Timóteo, neste endereço, sugere que ele era o mais velho dos dois. Embora Paulo tivesse ditado a epístola, ele incluiu Silvano e Timóteo não como subordinados, mas como cooperadores (cf. Rom. 16:21).

À igreja ("os chamados") **dos tessalonicenses.** A palavra traduzida como **igreja** (**ekklēsia**), no significado básico do grego, se referia a qualquer grupo de pessoas "chamadas para fora", para formar uma assembléia. Tinha conotação política em Atos 19:32,39,41. E também, tinha antecedentes e conotação hebraicos. Foi usada na Septuaginta para traduzir **qahal**, referindo-se à congregação de Israel reunida diante de Deus no deserto. Tanto **ekklēsia** como **qahal** têm a conotação de vocação. No sentido hebraico-cristão, denota o povo de Deus. Esta idéia é preservada no português, na palavra **igreja**. Em inglês a mesma coisa acontece com a palavra "church", que parece ser oriunda de **kuriokos** (gr.) "pertencente ao Senhor". A igreja, local ou universal, é o povo de Deus, por vocação dele e por criação. Jesus usou esta palavra para descrever a sua Igreja (Mat. 16:18; 18:17). Em o Novo Testamento, ela é usada algumas vezes para referir-se a todos os remidos em todas as eras (cf. Ef. 3:10). A grande maioria das vezes em que ela é usada, como aqui, é em referência à igreja local (cf. Gál. 1:2, no plural). A forma singular nunca é usada para referir-se a um corpo de igrejas em determinada região ou no sentido moderno de uma denominação.

Em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. No texto grego não há artigo definido antes de **em** (**en**) ou **Deus**, nem **en** antes de **Senhor**. Isto mostra que esta expressão é uma unidade, em vez de uma antítese dupla a "pagão" e "judeu", respectivamente. Moffatt nota que **em... Cristo** identifica esta como assembléia cristã, e não pagã ou judaica. Morris indica que **em Deus Pai** é peculiar ao endereço das epístolas aos Tessalonicenses, dentre as obras de Paulo. A sua expressão favorita é "em Cristo". Esta declaração fala da unidade de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo. De fato, "e" pode ser traduzido como "a saber".

Os nomes **Senhor Jesus Cristo** são significativos. **Cristo** é o título oficial do Ungido de Deus. **Jesus** é o seu nome histórico, humano e salvador. **Senhor** é usado como o equivalente de Jeová. Quando usado a respeito de Jesus no sentido puramente cristão, é com este significado. Antes de se tornarem cristãos, os pagãos haviam usado "Senhor" para dirigir-se a César; os judeus o haviam usado para dirigir-se a Jeová. No seu relacionamento cristão, eles viam e consideravam Jesus Cristo como Senhor ou como a plena revelação de Deus. Estar no Pai e no Filho mostra o relacionamento íntimo que eles tinham com Deus.

Graça e paz nos sejam dadas. Esta saudação, peculiar a ambas as epístolas aos Tessalonicenses, é a mais curta, das cartas de Paulo. Ela expressa tanto a forma grega (graça) como a forma judaica (paz) de saudação. Alguns eruditos relacionam esta saudação com Números 6:24-26. Outros a consideram simplesmente como inclusiva dos cristãos gregos e judeus entre os seus leitores. Em qualquer caso, ela é caracteristicamente paulina. Charles R. Eerdman (p. 32) considera esta forma de saudação como cunhada por Paulo. Ela expressa a experiência cristã como **graça** do Pai e **paz** no Filho. Em sentido bem real, ambas resultaram da experiência que se tem com Deus em Cristo. **Graça... e paz**, da parte de Deus, estava no âmago da experiência cristã de Paulo, e nessa ordem.

II. A Situação Presente em Tessalônica (1:2-10)

Depois de sua assinatura e destinatários, Paulo mergulha imediatamente no corpo de sua carta. O seu coração estava transbordando de alegria e amor por causa da lealdade deles a ele e ao evangelho. Aqui se vê o coração de um pastor ligado com laços de amor aos que corresponderam ao seu ministério.

1. Base de Ação de Graças (1:2-4)

2 Sempre damos graças a Deus por vós todos, fazendo menção de vós em nossas orações, 3 lembrando-nos sem cessar da vossa obra de fé, do vosso trabalho de amor e da vossa firmeza de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo, diante de nosso Deus e Pai, 4 conhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição...

Na literatura antiga, era costumeiro seguir a saudação de uma expressão de agradecimento. Todavia, isto não deve ser considerado como mera formalidade da parte de Paulo. Ele estava genuinamente agradecido pelas graças cristãs e firmeza desses convertidos naquele tempo de provação.

A forma plural do verbo **damos graças** inclui Paulo, Silvano e Timóteo. Por estar no presente, dá a entender ação habitual ou repetida. Eles tinham o hábito de dar graças a Deus **sempre** e **por vós todos**. Esta última expressão inclui toda a igreja. **Por** significa "acerca de". Robertson diz que eles haviam reunido todos os membros da igreja em uma oração de ação de graças. Isto também fala da unidade que havia no seio da igreja. Nesse ponto, eles não consistiam em nenhum problema para o apóstolo. **Sempre** não significa que os escritores estavam constantemente de joelhos. Por isso, não se deve considerar este termo literalmente. Este fato deve nos advertir contra os conflitos existentes a respeito da questão de se considerar a Bíblia **literalmente**. Ela deve ser levada a **sério**; algumas vezes literalmente, outras não. A questão é quanto ao que o escritor quer dizer. Eles viviam em uma atmosfera de oração. E, de vez em quando, quando oravam, agradeciam pelos cristãos tessalônicos.

Fazendo menção de vós em nossas orações. Outra vez: eles faziam isto quando oravam. Robertson levantou a questão se eles tinham uma lista de oração. Porém o número não devia ser tão grande para que eles não orassem por eles individual e nominalmente. Ou pode significar que eles oravam pelo grupo como um todo.

A versão da IBB liga **sem cessar** com **lembrando-nos**. Provavelmente, essa expressão é modificativa de "fazendo menção", como na RSV, em inglês. Porém, como nota Moffatt, de qualquer forma ela não afeta o significado final. **Sem cessar** é tradução de um advérbio oriundo do adjetivo verbal, e que significa "não deixando". Ele é usado, em o Novo Testamento, apenas por Paulo (I Tess. 1:3; 2:13; 5:17; Rom. 1:9), e sempre em conexão com oração.

Nas suas orações, eles lembravam-se, diante de Deus Pai, da **vossa obra de fé, do vosso trabalho de amor e da vossa firmeza de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo.** A palavra traduzida como "obra" dá a idéia geral de trabalho ou negócio, tarefas diárias ou emprego. Seja o que for que eles estivessem fazendo, era uma obra caracterizada pela fé. Era a atividade que a fé inspirava.

A grande ênfase de Paulo era na salvação pela graça, por meio da fé, sem obras (cf. Rom. 4). Mas era uma fé que produzia obras (Ef. 2:8-10). Não existe conflito entre Paulo e Tiago (2:14 e ss.). Uma fé que salva produzirá boas obras como evidência da salvação. É esta espécie de fé que salva (Tiago 2:14b). De fato, Paulo fala da fé que opera pelo amor (Gál. 5:6).

Trabalho de amor. Trabalho significa labuta árdua e estafante. É o labor cansativo feito por amor. A palavra traduzida como **amor (agapê)** dá a entender o amor que caracteriza a natureza de Deus (I

João 4:8). Basicamente, significa um estado de absoluta lealdade ao seu objeto (cf. Rom. 5:8). Aqui ela tem a conotação de amor cristão, acima de todos os outros tipos de amor. É um amor que tem origem na natureza de Deus. Em resposta a ele, o homem também o ama. E, em Cristo, o crente abre-se para amar todos os homens. Este amor tem uma dimensão horizontal, bem como vertical. Ele é resumido de maneira mais perfeita na cruz. Tendo-se entregado desta forma ao amor de Deus, os cristãos de Tessalônica se davam aos outros em um labor árduo, caracterizado e inspirado pelo amor.

Firmeza de esperança. Firmeza (paciência) não tem a conotação de uma aquiescência negativa, passiva. Ela contende em uma persistência positiva, ativa, viril. Esta palavra é encontrada nos papiros para designar um atleta ou soldado que podia suportar o ataque do seu oponente, possuindo, contudo, forças de reserva com que contra-atacar, até alcançar a vitória. Na vida militar, referia-se a uma citação como uma medalha de honra. Esta paciência era caracterizada pela esperança. Ela persistia em esperança ou certeza da vitória. Isto era especialmente significativo na situação existente em Tessalônica (v. 5 e ss.). Note-se as três virtudes cristãs: fé, amor e esperança (cf. I Cor. 13:13).

Estas graças eram exercidas **em nosso Senhor Jesus Cristo**. Este é um genitivo objetivo dando a entender que estas graças estavam, literalmente, "no Senhor nosso, Jesus Cristo". Ele tem o sentido de "em Cristo". Algumas pessoas relacionam esta expressão apenas com a última destas três graças. Porém ela faz muito mais sentido se for relacionada com todas as três. Toda a vida cristã é vivida em Cristo. Ele inspira a nossa obra de fé, trabalho de amor e firmeza de esperança. Esta esperança espera a volta do Senhor, quando ele corrigirá todos os erros e recompensará os seus.

Irmãos, amados de Deus é uma redação verdadeira (cf. KJV e IBB antiga). **Irmãos**, da maneira como é usado aqui, é um termo exclusivamente cristão. O Novo Testamento de fato ensina que os homens fazem parte da humanidade, e como tais devem ser o objeto de amor da parte de todos os outros homens, especialmente dos crentes. Porém irmãos, no sentido cristão, são aqueles que se tornaram filhos de Deus através da fé no Filho de Deus. "Irmãos", neste sentido, é usado 21 vezes nesta epístola (no singular e no plural, 9 vezes em II Tessalonicenses), mostrando o relacionamento caloroso que havia entre Paulo e seus leitores. Morris fala do poder de Deus que levara este fariseu a amar desta forma esses gentios. **Amados** é tradução de um particípio perfeito passivo de **agapaō**; esta era uma expressão de inteireza, um amor que começara no passado, continuava no presente e iria até o futuro.

Conhecendo... a vossa eleição: No grego, "conhecendo" é um particípio perfeito passivo de **oida**, proveniente de **eidô**. O significado básico deste verbo é "ver como por percepção". No grego, a palavra **ginóskō** significa "conhecer por experiência". **Oida** significa perceber esse conhecimento até que ele se torne uma convicção da alma. Assim, Paulo tinha uma convicção completa, a respeito dos tessalonicenses, de que eles eram escolhidos de Deus. Isto era baseado na evidência de sua fé genuína e do seu ministério fervoroso por Cristo. Eles eram conhecidos por seus frutos.

Eleição se referia à escolha, da parte de Deus, para a salvação. Geralmente, há duas maneiras de compreender o significado de eleição. Um ponto de vista enfatiza a soberania de Deus, negligenciando o livre-arbítrio do homem. Ela considera a eleição arbitrária de alguns, com a exclusão de outros. Outra opinião considera Deus tomando a iniciativa na salvação, sendo o homem livre para a aceitar. Para este autor, esta é a opinião preferida. Deus sempre toma a iniciati-

va, seja na criação, revelação ou salvação. E. Y Mullins considera que eleição significa que Deus escolheu os meios pelos quais salvará os homens e um povo para propagar o evangelho que salva. O homem tem a liberdade de escolher em ambos os casos, mas é responsável por suas escolhas.[1] Mullins resume: "Não se deve pensar na eleição como uma escolha simples, de tantas unidades humanas, pela ação de Deus, independentemente do livre-arbítrio do homem e dos meios que este empregar. Deus elege os homens para reagirem com liberdade. Ele elege os homens para pregarem persuasivamente e para testificarem convincentemente. Ele elege alguns para alcançarem os homens através de suas faculdades naturais e através da igreja, através do evangelismo, da educação e do esforço missionário. Precisamos incluir todos estes elementos na eleição. Não sendo assim, dividimos o decreto de Deus em partes, deixando de lado uma parte essencial" (Mullins, p. 347).

A discussão mais completa de Paulo a respeito da eleição encontra-se em Efésios, onde ele mostra Deus elegendo indivíduos para a salvação, e estes recebendo-a como um povo, a Igreja, como eleitos para propagar o plano da salvação. Em Efésios 1:3-13, Paulo usa "em Cristo", ou seu equivalente, dez vezes. O Deus soberano elegeu ou decidiu salvar todos os que estão em Cristo. O homem livre escolhe ou se recusa a estar em Cristo mediante a fé nele. Esta maneira de ver o assunto respeita tanto a soberania de Deus quanto o livre-arbítrio do homem.

Indubitavelmente, um Deus onisciente sabe quem receberá ou rejeitará. Porém a presciência de um acontecimento não o causa. Os cristãos tessalonicenses haviam reagido favoravelmente ao plano de salvação escolhido por Deus, e ao seu propósito estabelecido de que eles propagassem esse plano (cf. v. 7 e ss.). Não é de se admirar que Paulo estivesse agradecido. A fidelidade deles lhe dava coragem em seu ministério em Corinto.

O que uma igreja faz, bem ou mal, afeta a causa de Cristo favorável ou desfavoravelmente, onde quer que a sua influência seja sentida. Nenhum crente vive isolado. A comunhão de crentes une todos os membros da igreja em termos de privilégio e de responsabilidade.

2. A Entrada do Evangelho em Tessalônica (1:5)

5 ...porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção, como bem sabeis quais fomos entre vós por amor de vós.

A certeza que Paulo tinha a respeito da eleição dos tessalonicenses baseava-se no evangelho que eles haviam ouvido e ao qual haviam respondido com fé. Isto se verifica na palavra **porque**. Esta palavra significa "por causa" ou "por isso". Neste contexto, a primeira acepção parece ser a correta.

O nosso evangelho não é um evangelho inventado por Paulo e seus companheiros. É as boas-novas de salvação que Deus providenciou em Cristo. Refere-se não ao ato de pregar, mas ao seu conteúdo. Nesta mesma carta, Paulo afirma que falara, aos tessalonicenses, do "evangelho de Deus" (2:2,8,9) e do "evangelho de Cristo" (3:2; cf. II Tess. 1:8). Deus é a fonte primeira do evangelho; Cristo é o centro dele. Mas Paulo, Silvano e Timóteo haviam crido nele. Eles conheciam o seu efeito e poder, e estavam dedicados a pregá-lo. Estavam tão envolvidos com ele que podiam falar em "nosso evangelho". E era seu dever compartilhar o que haviam recebido (cf. Rom. 1:14).

Eles haviam levado o evangelho a Tessalônica **não... somente em palavras**, raciocínio ou eloqüência humanos, **mas**

1 **The Christian Religion in Its Doctrinal Expression** (Nashville: Baptist Sunday School Board, 1917), Capítulo XIV.

também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção. Poder não significa milagres, mas refere-se ao poder transformador de Deus. Isto foi operado pelo Espírito Santo, e não por artifícios humanos. **Convicção** pode ser traduzida melhor por "certeza" (plena certeza). Moffatt nota que a omissão de "em" antes de "certeza" liga este pensamento com Espírito Santo, fazendo de ambos uma só idéia. Assim sendo, este pensamento complementa poder. O apóstolo e seus ajudantes tinham plena certeza de que no Espírito Santo o evangelho era um poder transformador. Eles o pregavam, e a reação dos seus ouvintes o confirmava.

Sabeis é tradução de **oidate** (veja o comentário a 1:4). A respeito de **quais fomos entre vós**, Eerdman comenta: "Os ouvintes podiam testificar 'que tipo de homens' o apóstolo e seus amigos haviam demonstrado ser, como estavam cheios do Espírito Santo e quão evidentemente eram enviados de Deus, para fazerem valioso o seu propósito e realizarem a sua obra de graça e amor" (Erdman, p. 35).

3. A Reação ao Evangelho (1:6-10)

6 E vós vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo. 7 De sorte que vos tornastes modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia. 8 Porque, partindo de vós fez-se ouvir a palavra do Senhor, não somente na Macedônia e na Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se divulgou, de tal maneira que não temos necessidade de falar coisa alguma; 9 porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos entre vós, e como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro, 10 e esperardes dos céus a seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira vindoura.

A reação que os cristãos tessalônicos tiveram para com o evangelho era mais uma prova, para Paulo, da eleição deles. Da mesma forma como Paulo e seus amigos haviam pregado o evangelho em poder e certeza pelo Espírito Santo, esses cristãos o haviam recebido e por ele haviam sido transformados. Eles não se tornaram apenas "seguidores" (KJV), mas **imitadores** deles **e do Senhor**, A palavra grega é **mimētai (imitadores; dá "mímica")**. Esta palavra aparece apenas seis vezes em o Novo Testamento. Em todas, menos uma (Heb. 6:12), ela foi escrita por Paulo (cf. I Cor. 4:16; Ef. 5:1; I Tess. 2:14). A chave para todas, é I Coríntios 11:1: "Sede meus imitadores, como também eu o sou de Cristo." Não se deve ter nenhum medo de imitar outra pessoa que imita a Cristo. Tal deve ser o desafio a cada pastor e, de fato, a cada crente.

Especificamente, como eles imitavam Paulo e o Senhor? Eles o faziam recebendo o evangelho **em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo. Tribulação** é tradução de uma palavra grega que expressa a idéia de estar em lugar apertado. A forma verbal era usada para o esmagamento das uvas na prensa. Aqui Paulo fala das aflições sofridas tanto por ele como por seus companheiros (2:2), e das infligidas pelos judeus aos cristãos tessalônicos (2:14; 3:2,5-7; II Tess. 1:4). Eles haviam sofrido enquanto Paulo estava lá e depois que ele fora embora. Tanto os evangelizadores quanto os evangelizados imitaram o Senhor. Jesus sofreu e passou tribulações nas mãos dos judeus, durante o seu ministério (2:14, 15). Sem dúvida, a morte de Jesus foi sofrimento redentor. Mas eles sofreram a fim de serem leais a ele.

E da mesma forma como Jesus se regozijou em seus sofrimentos antes da cruz e nela (cf. Heb. 12:2), Paulo e esses crentes sofreram **com gozo do Espírito Santo**. Não existe gozo natural na tribulação, como tal. Mas sofrer com Cristo com um propósito dá alegria ao Espírito Santo e do Espírito Santo. Jesus nunca prometeu libertação das tribulações. Mas ele dá, nelas, gozo e vitória (João 16:33). Moffatt (p. 24) chama **tribulação... gozo** de um "paradoxo de experi-

ência" — e mais: "A alegria do cristão primitivo estava na certeza de possuir logo essa salvação plena, de que o Espírito, no presente, é o penhor e antegozo." Morris (p. 38 e s.) cita Martinho Lutero: "Se Cristo usou uma coroa de espinhos, por que os seus seguidores esperariam apenas uma coroa de rosas?" A resposta é óbvia. Mas também é verdade que, através do Espírito Santo, Cristo dá uma paz que o mundo não pode dar ou remover (João 16:22).

O resultado da fidelidade desses cristãos foi que eles se tornaram um **modelo** (tipo) para todos os outros **crentes na Macedônia e na Acaia** (Grécia). Robertson (p. 12) indica o "modelo" no singular e o "vós" no plural. O primeiro considera a igreja como um todo; o segundo sugere os indivíduos na igreja. O texto grego traz o artigo definido tanto antes de Macedônia quanto antes de Acaia, tratando-as como províncias separadas, como era verdade (Robertson), mas formando toda a Grécia (Morris).

Contudo, Paulo disse ainda mais: O evangelho **fez-se ouvir** não apenas nas regiões acima mencionadas, mas **a vossa fé para com Deus se divulgou... em todos os lugares**. Ela ressoou (tempo de verbo perfeito de completação) em todos os lugares. Isto pode ser considerado como hipérbole, mas uma hipérbole "perdoável" (Moffatt). Morris nota que Áqüila e Priscila haviam saído de Roma, para Corinto, pouco antes de Paulo escrever esta carta (cf. At. 18:1 e ss.). Será que eles haviam ouvido falar desta fé tessalonicense até em Roma? Se ela era conhecida ali, certamente seria conhecida em todas as outras partes do mundo. O que Morris diz dependeria do fator tempo, tanto quanto da duração da permanência de Paulo em Tessalônica. Porém um conhecimento assim generalizado entre os crentes não era impossível. "Em todos os lugares" certamente significa um conhecimento generalizado. A localização de Tessalônica na Via Egnátia devia contribuir para isso. Os tessalonicenses haviam usado vantajosamente a sua localização estratégica. Certamente, este conhecimento havia precedido Paulo onde ele tinha ido, desde que havia saído de Tessalônica, como é demonstrado nos versículos 8 e 9.

Partindo de vós demanda atenção. Esta expressão traduz uma forma perfeita do verbo **exēchēo**, encontrada apenas aqui em o Novo Testamento. Significa soar como trombeta, trovão, reverberar como eco.[2] Note-se que "eco" provém deste verbo. Não é impróprio assemelhar esse ressoar a uma moderna estação de rádio. Moffatt traduz assim esta expressão: "A palavra do Senhor ressoou de vós." Phillips: "Sendo uma espécie de porta-voz da Palavra do Senhor... em todas as regiões onde se tornou conhecida a história da vossa fé em Deus. Não é preciso mais falar em tal!" (**Cartas às Igrejas Novas**). Que nobre tributo a uma igreja dedicada à evangelização e às missões!

O resultado deste ecoar do evangelho foi que por onde Paulo passou (Beréia, Atenas, Corinto) descobriu que as boas-novas a respeito dele o haviam precedido. Ao invés de ter que falar aos outros a respeito da igreja em Tessalônica, eles é que falavam dela para ele. Moffatt: "As pessoas nos falam voluntariamente a respeito da visita que lhe fizemos." Geralmente as notícias negativas a respeito de uma igreja viajam rapidamente; mas, neste caso, foram boas notícias.

As boas notícias eram **como vos convertestes dos ídolos a Deus, para servirdes ao Deus vivo e verdadeiro. Vos convertestes** traduz um verbo composto de **epi** e **strephō**, denotando uma mudança de direção intensa, definida, de uma coisa para outra. Figuradamente, isso inclui uma mudança de curso de ação, especialmente em relação da pessoa com

2 **The Interpreter's Bible** relaciona vários usos das formas verbal e substantiva (Joel 3:14 (LXX); Ecles. 40:13; Luc. 4:37; 21:25; I Cor. 13:1; Heb. 12:19).

Deus.[3] Neste sentido, esta ação é afim ao arrependimento.

Eles se voltaram "para" (**pros**) Deus, "dos" (**apo**, afastando-se dos) ídolos. No texto grego, tanto Deus como ídolos têm o artigo definido. Não existe artigo definido com a segunda menção de "Deus". Mas que ele é o único Deus é evidente em **vivo** e **verdadeiro** — como idéia oposta aos ídolos falsos e mortos. Aqui se vê os aspectos positivo e negativo da fé (Moffatt). Os ídolos mortos são inúteis para salvar; os deuses falsos não podem levar à verdade. Deus, como "vivo e verdadeiro", tanto salva quanto guia a toda a verdade. Jesus é "o caminho, e a verdade, e a vida" (cf. João 14:6). Ninguém vem ao Pai, senão por ele.

Obviamente, isto se refere aos gentios que estavam na igreja, quer fossem anteriormente rematados pagãos ou homens tementes a Deus. Originalmente, ambos os grupos serviam aos ídolos; agora eles se haviam convertido, para servir a um Deus vivo e verdadeiro. **Servir** significa servir como escravo. Da mesma forma como outrora eles haviam servido como escravos dos ídolos, agora eram escravos de Deus (cf. Rom. 6:12 e ss.).

E eles serviam em esperança. Note-se os dois infinitivos **servirdes** e **esperardes**. Enquanto esperavam, eles serviam, e vice-versa. Eles eram servos em esperar a volta do **seu Filho dos céus**. Isto antecipa o problema daqueles que estavam esperando, mas ociosos (cf. 4:11,12). A **quem ele ressuscitou dentre os mortos** se refere à ressurreição corporal de Jesus. Além disso, ele é **Jesus, que nos livra da (ek, para fora** da) **ira vindoura**, a ira que virá sobre todos os incrédulos. Aqui, portanto, estão a ressurreição, a segunda vinda e o juízo final. A **quem** e **Jesus** se referem a **seu Filho**. Eles aguardavam do seu Filho, a quem Deus havia ressuscitado, a redenção para todos os que esperassem nele. Isto coroa o fato da eleição dos cristãos tessalonicenses.

Ira requer uma breve ênfase. Em o Novo Testamento, duas palavras são usadas mais freqüentemente, traduzidas como **ira**: **thumos** e **orgē**. A primeira é usada 18 vezes em o Novo Testamento, sendo que dez vezes no Apocalipse (12: 12; 14:8, 10,19; 15:1,7; 16:1,19; 18:3; 19:15). **Orgē** é usada 36 vezes em o Novo Testamento, sendo que seis vezes no Apocalipse (6:16,17; 11;18; 14:10; 16:19; 19:15). A primeira não aparece nas epístolas aos Tessalonicenses; a última é usada três vezes em I Tessalonicenses (1:10; 2:16; 5:9).

Thumos significa uma expressão súbita e intensa de ira, como a queima de uma palha. É como a erupção de um vulcão que logo cessa. Compare com a ira de Deus em destruir Sodoma. **Orgē** tem a conotação de algo como a ira permanente e universal de Deus contra o mal (cf. Rom. 1:18). João Batista usara esta palavra (cf. Mat. 3:7). Ele via esta ira como um fogo do deserto, por toda parte, diante do qual as víboras fugiam. Esta é a palavra usada em I Tessalonicenses 1:10. Onde é que se pode encontrar segurança para se esconder de um fogo do deserto? Onde o fogo já queimou. Onde se pode encontrar segurança para se esconder da **orgē** de Deus? Onde ela já fez a sua obra mais terrível: no Calvário. Os leitores de Paulo haviam feito isto. Assim, por ocasião do juízo, estariam livres da **orgē** vindoura.

O libertador é Jesus, o Filho de Deus histórico, crucificado, ressurrecto, exaltado e que volta. Ele é fiel ao seu nome: Jesus, "Jeová é salvação" (cf. Mat. 1:21). Um evangelho assim é necessário hoje em dia como o foi naquela época.

III. Reminiscências do Passado (2:1-16)

Tendo declarado a certeza que tinha em relação à eleição deles, Paulo faz os

3 William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, **A Greek-English Lexicon of the New Testament** (Chicago: Univ. of Chicago Press, 1960), p. 301, cita este versículo com este sentido.

tessalonicenses se lembrarem das circunstâncias em que haviam ouvido o evangelho, e o que acontecera desde então. Este capítulo contém a defesa de Paulo contra os judeus que o haviam perseguido assim como aos crentes de Tessalônica. Ele expressa o seu desejo constante de visitá-los de novo e a sua contínua alegria pela fidelidade deles em face da perseguição.

1. Dificuldades em Testemunhar (2:1,2)

1 Porque vós mesmos sabeis, irmãos, que a nossa entrada entre vós não foi vã; 2 mas, havendo anteriormente padecido e sido maltratados em Filipos, como sabeis, tivemos a confiança em nosso Deus para vos falar o evangelho de Deus em meio de grande combate.

Novamente Paulo usa a palavra **sabeis** (cf. 1:4). Os seus leitores conheciam com toda a certeza a história da chegada dele a Tessalônica. A ênfase está em **vós mesmos**. Os motivos de Paulo haviam sido questionados. Por isso, ele apelava para o que eles sabiam por experiência. **Entrada** (**eisodon** de **eis**, para dentro, **hodon**, caminho) significa caminho para dentro. **Não foi vã**. "Foi" traduz a forma perfeita de **ginomai** (tornar-se), expressando obra completa. A visita "não se tornara vazia". Ela havia dado frutos.

Em Filipos, os missionários haviam **anteriormente padecido e sido maltratados**. Isto havia acontecido nas mãos dos pagãos, antes de eles chegarem a Tessalônica (cf. At. 16:16-40). **Maltratados** significa ser tratados insolentemente. Mais do que o sofrimento físico, foram as indignidades infligidas a Paulo e Silas como cidadãos romanos. Atos e esta passagem se complementam. Lucas registrou, e Paulo conta como ela continuou como lembrança infeliz. **Como sabeis**. Note-se **oidate** novamente (veja o comentário sobre 1.4).

A infeliz entrada de Paulo na Europa não o levou a voltar à Ásia. Pelo contrário, ele mergulhou profundamente em o novo campo missionário. Para um lutador como Paulo, isso era um desafio. Assim, **tivemos a confiança em nosso Deus. Tivemos a confiança** é tradução do que Robertson chama de aoristo ingressivo. Eles chegaram a ter a confiança ou coragem de ir avante, até Tessalônica. Esta confiança estava em Deus, e não somente em si próprios. Esta passagem toda forma um bom manual para obreiros cristãos, especialmente para os que sofrem tribulação por amor do Senhor. Compare-se esta passagem com missionários e pastores que encontram coragem no perigo através da fé em Deus e na sua vontade. Hoje em dia, provavelmente, precisa-se ter mais coragem para ser um pastor honesto do que para ser missionário em terra estrangeira. Muitos pastores têm sofrido grandemente por estarem pregando as verdades do Novo Testamento acerca da dignidade de cada homem e contra o pecado da discriminação.

Esta coragem capacitou Paulo e seus companheiros a declarar ou **falar o evangelho de Deus em meio de grande combate** (cf. At. 17:1 e ss.) — literalmente, "na esfera de muito conflito". **Combate** é tradução de **agōni** (note-se "agonia"). Este era um termo atlético de luta nos jogos. Pode estar-se referindo tanto a agonia física como mental que Paulo havia sofrido em Tessalônica. Compare "o evangelho de Deus" e "nosso evangelho" em 1:5. Uma ousadia assim decidida era evidência de sua missão divina e da graça sustentadora de Deus.

2. A Defesa de Paulo Acerca de Conduta e Motivações (2:3-12)

3 Porque a nossa exortação não procede de erro, nem de imundícia, nem é feita com dolo; 4 mas, assim como fomos aprovados por Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações. 5 Pois, nunca usamos de palavras lisonjeiras, como sabeis, nem agimos com intuitos gananciosos, Deus é testemunha, 6 nem buscamos glória de homens, quer de vós, quer de outros, embora pudéssemos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados; 7

antes nos apresentamos brandos entre vós, qual ama que acaricia seus próprios filhos. 8 Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade desejávamos comunicar-vos não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas; porquanto vos tornastes muito amados de nós. 9 Porque vos lembrais, irmãos, do nosso labor e fadiga; pois, trabalhando noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, vos pregamos o evangelho de Deus. 10 Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos portamos para convosco que credes; 11 assim como sabeis de que modo vos tratávamos a cada um de vós, como um pai a seus filhos, 12 exortando-vos e consolando-vos, e instando que andásseis de um modo digno de Deus, o qual vos chama ao seu reino e glória.

Esta passagem reflete acusações evidentemente feitas pelos judeus contra Paulo e seus associados, depois que eles saíram de Tessalônica. Porém, ainda mais importante, ela fala da maneira como eles ministraram e do seu terno amor para com os cristãos nessa cidade.

Paulo descreve essa **exortação** (cf. v. 12) ou a maneira como ela fora apresentada. Note-se que, no decorrer de toda esta passagem, ele apresentou o lado negativo — as acusações dos seus oponentes — e o lado positivo — a sua resposta.

A exortação para os seus corações não havia sido **de erro, nem de imundícia, nem... com dolo. Procede** indica a procedência ou fonte. No texto grego, esta palavra precede tanto erro quanto imundícia. **Com** significa esfera ou atmosfera. **Erro** é tradução de **planês** (cf. planeta). Os antigos pensavam nos planetas como corpos errantes, sem direção. **Imundícia** refere-se a práticas imorais. Paulo negava ambas as acusações. O evangelho deles não estava baseado em erro ou crenças falsas. Da mesma forma, eles não eram culpados de conduta grosseira, sensual. As religiões pagãs abundavam em coisas que tais, mas Paulo sensibilizou-se com estas acusações em conexão com o evangelho cristão. O pregador e qualquer outro crente devem reconhecer que o seu caráter é o seu bem mais precioso, ao realizar a obra do Senhor.

Dolo provém de um verbo que significa "pegar com isca". Eles haviam sido honestos em sua maneira de agir para com os tessalonicenses. Nenhum esforço havia sido feito para fisgá-los como peixes, em um anzol. Pelo contrário, eles foram **aprovados por Deus**. "Aprovados" é tradução de um verbo que significa testar para determinar a autenticidade de uma moeda. Eles haviam sido testados e achados genuínos. O resultado fora que Deus lhes confiara o seu evangelho.

Assim falamos. Eles haviam sido fiéis à confiança de Deus neles depositada em fazê-los mordomos do evangelho (cf. I Cor. 4:1 e ss.). **Não para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações** (cf. Gál. 1:10). Agradar os homens é uma das tentações mais sutis do pregador. Esta tentação verifica-se de muitas maneiras. Pode ser de rebaixar os padrões morais estabelecidos na Bíblia, até o ponto de viver de acordo com os costumes da época. Ou pode ser pregar de maneira contrária aos claros ensinos do evangelho quanto ao propósito redentor, à obra e às exigências de Deus (veja Gál. 1:10). Certamente é evidente, nesta tentação, evitar os assuntos sociais destes dias, como preconceito racial. Nenhum pregador pode evitar as implicações sociais do evangelho, e dizer que está pregando o evangelho todo. O seu objetivo deve ser agradar a Deus, que testa o coração, para ver se é genuíno (gr., o mesmo que "aprovado"). Aqui está um particípio presente: teste constante.

Morris nota que o verbo traduzido, aqui, como **agradar** significa, primordialmente, serviço no interesse dos outros. A respeito de **areskō**, compare James Hope, Moulton e George Milligan. [4] Paulo servia a Deus, e não aos homens. Ele deleitava-se em ser um servo ou escravo de Cristo.

4 **The Vocabulary of the Greek New Testament** (Grand Rapids: Eerdmans, 1949).

Continuando a sua defesa, Paulo nega o uso de **palavras lisonjeiras** e **intuitos gananciosos** (lit., por debaixo de uma capa de ambição ou desejo de obter mais). Muitos mestres daquela época se baseavam em palavras lisonjeiras ou adulação para conseguir auditório. Philodemus escreveu uma obra, **Peri Kolakeias (Acerca da Adulação)**. A palavra traduzida como **intuitos** significa pretexto ou capa. Eles não eram lobos com pele de ovelhas, para satisfazer à sua ambição, ao fisgar os homens, ou "tosquiá-los" do seu dinheiro, sob o pretexto de serviço. Cuidado com a motivação financeira no serviço cristão!

Note-se **como sabeis** e **Deus é testemunha**. Os tessalonicenses sabiam com toda a certeza que os apóstolos não os haviam bajulado. E Paulo chamava Deus como testemunha com respeito à sua liberdade em relação à cobiça. **Deus é testemunha** pode ser considerado como um juramento feito por Paulo (cf. Rom. 9:1; II Cor. 1:23; Fil. 1:8).

Esta negação de avareza é naturalmente seguida por uma negação de ambição mundana. Nem Paulo nem os seus associados haviam buscado **glória de** (**ek**, tirada de) **homens... quer de** (apo) cristãos quer de outros. Como apóstolos de Cristo, eles poderiam ter feito exigências, mas não as haviam feito. **Ser-vos pesados** significa ser um fardo. Isto podia referir-se a dignidade, autoridade ou finanças. Westcott, Hort e Nestle fazem esta frase ser parte do verso 7. Se isto é correto, ela se refere a finanças. Mas qualquer uma das acepções acima faz sentido.

Ao invés de ser um peso, eles foram (**nos apresentamos**) **brandos** (ēpioi). Alguns manuscritos fortes usam **nēpioi**, bebês. Os argumentos quase empatam entre as duas redações. Copistas posteriores tiveram mais problemas com "bebês" do que com "brandos". Eles podem ter mudado da primeira para a última. A evidência externa favorece "bebês". O mesmo pode ser dito quanto à evidência apresentada pelos escribas. A evidência intrínseca não exclui nenhuma das duas redações; pode ser traduzido de ambas as formas. A idéia de Paulo é a maneira como eles haviam trabalhado com os cristãos tessalônicos. Ao invés de conseguirem algo para si próprios, procuraram dar. **Acaricia** significa aquentar, acarinhar. **Tão afeiçoados**: eles estavam prontos para compartilhar não apenas o evangelho, mas também as suas **próprias almas (psuchas)**. Esta palavra pode ser traduzida como "almas" ou "vidas". Eles não retiveram nada em seu ministério, seu serviço. Os tessalonicenses haviam-se tornado **muito amados** (queridos) deles — uma terna nota de amor que devia caracterizar cada pastor ou obreiro crente.

A fim de não ser um peso para os tessalonicenses, eles se sobrecarregaram. **Labor e fadiga... noite e dia**. Labor significa trabalho esfalfante; fadiga é o resultado desse trabalho. Talvez eles começassem antes do alvorecer (dia) e trabalhassem até a noite, provavelmente fazendo tendas (At. 18:3), a fim de serem financeiramente independentes. Eles faziam isto enquanto pregavam o evangelho de Deus. **Pregamos** é tradução de uma palavra referente ao arauto. Era usada a respeito do arauto do rei, que devia ser ouvido e obedecido como se o rei estivesse falando em pessoa. Eles eram arautos do Rei.

No v. 10, Paulo apela para os seus leitores e para Deus como testemunhas de como **nos portamos**. Eles foram **santos** para com Deus, justos para com os **que credes**, de forma que eles foram **irrepreensíveis** diante de ambos. Aqui Paulo muda a sua metáfora de uma ama para um **pai a seus filhos**. Note-se as três fases do papel de um ministro: **exortando-vos, consolando-vos** e **instando** — tudo isto com o objetivo de **que andásseis de um modo digno de Deus**. Eles os exortaram a agir assim, encorajaram-nos ou consolaram-nos nas tribulações resultantes, e testemunharam a respeito de uma vida

digna de Deus, que é santo e justo. "Digno" tem a idéia de peso. A vida deles devia ser equilibrada com o caráter de Deus, para poderem andar de maneira digna de Deus (cf. Ef. 4:1). Certamente este é um desafio para todos os crentes.

3. O Elogio de Paulo aos Tessalonicenses (2:13-16)

13 Por isso nós também, sem cessar, damos graças a Deus, porquanto vós, havendo recebido a palavra de Deus que de nós ouvistes, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo ela é na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós que credes. 14 Pois vós, irmãos, vos haveis feito imitadores das igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia; porque também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que elas padeceram dos judeus; 15 os quais mataram o Senhor Jesus, bem como os profetas, e a nós nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens 16 e nos impedem de falar aos gentios para que sejam salvos; de modo que enchem sempre a medida de seus pecados; mas a ira caiu sobre eles afinal.

Paulo tem estado a dar graças pela eleição dos seus leitores e pelas provas dela (cf. 1:2 e ss.). Esta idéia tem sido desenvolvida até este ponto. O texto grego do verso 13 começa com **kai dia touto kai hēmeis**: "Por isso nós também." Algumas pessoas consideram este "nós também" como referente a uma carta recebida dos tessalonicenses. Provavelmente, Paulo havia recebido apenas um relatório verbal de Timóteo, com respeito à reação deles ao evangelho e à perseguição. **Dia touto** poderia referir-se a 1:4—2:12 ou mesmo a 2:12, a reação deles à exortação, encorajamento e testemunho de Paulo. De qualquer forma, esta era a fonte de agradecimento **sem cessar** ou sem interrupção na ação de graças.

Recebido se refere a terem ouvido o evangelho. **Recebestes** mostra que eles o haviam aceitado em seus corações com alegria, que reagiram favoravelmente a ele. Não como **palavra de homens, mas (segundo ela é na verdade) como palavra de Deus**. Ela veio através de homens de Deus. Ela é a palavra que **opera em vós que credes. Opera** (**energeitai**, "energiza") é presente do verbo. Ela continuara operando neles depois que Paulo fora embora de Tessalônica.

Quanto a **imitadores**, veja o comentário sobre 1:6. Aqui, eles imitaram **as igrejas de Deus em Cristo Jesus... na Judéia**. Esta frase pinta a admiração de Paulo por essas igrejas, e não antagonismo contra elas e os outros apóstolos, como algumas pessoas supõem, baseadas em Gálatas 2. Elas eram igrejas cristãs em (na esfera de) Cristo Jesus. Mas a fonte delas era Deus. Geograficamente, elas estavam na Judéia; espiritualmente, em Cristo Jesus. Note-se o plural, "igrejas", e não "igreja". Ele tinha em mente cada igreja em particular.

Os tessalonicenses as imitaram no seu sofrimento sob perseguição. **Padecestes... o mesmo que elas padeceram**. As igrejas da Judéia haviam padecido **dos judeus**, fato que é bem conhecido. Em Tessalônica, o sofrimento estava relacionado com os seus próprios **concidadãos**, instigados pelos judeus. Sem a ajuda dos gentios, os judeus teriam sido ineficientes. Esta passagem não justifica nenhum anti-semitismo hoje em dia. Tanto judeus quanto gentios tiveram parte na morte de Jesus. E tanto judeus como gentios perseguiram a igreja primitiva. A nação de Israel produziu tanto profetas como fanáticos. Com respeito a Cristo e sua Igreja, havia judeus de ambos os lados. Como povo, em grande parte, eles rejeitaram Cristo e levaram-no à morte. Mas muitos judeus o receberam como Salvador. O próprio Paulo era judeu — bem como Jesus.

O versículo 15 repete a conhecida história do que os judeus rebeldes a Deus haviam feito aos profetas e a Jesus (cf. Mat. 23:29 e ss.; At. 2:23). A **nós nos perseguiram** refere-se primeiramente a

Atos 17:5 e ss., como também **nos impedem**. Isto mais tarde podia referir-se também à controvérsia com os judaizantes (cf. At. 15; Gál. 2). Os judeus rejeitaram Cristo e também impediam a pregação do evangelho aos gentios. Recusando-se a entrar no reino, eles não deixavam as outras pessoas entrarem (cf. Mat. 23:13). Tal oposição contínua ao evangelho de Deus havia enchido para sempre a medida dos seus pecados. **Encham** significa encher até a boca, ou até transbordar. Algumas pessoas consideram esta expressão como em relação ao propósito de Deus. Porém mais provavelmente ela se relaciona ao resultado natural dos pecados contínuos (**sempre**) dos judeus.

Mas a ira de Deus (veja o comentário sobre 1:10) **caiu sobre eles afinal**. Aparentemente, Paulo não tinha em mente nenhum acontecimento em particular. Ele previa o resultado final da conduta deles (veja Mat. 23:33-36). Certamente, a história subseqüente corroborou a profecia de Jesus e as palavras de Paulo em 70 d.C. **Afinal** é tradução de **eis telos. Telos** se refere a um alvo ou a um fim. Talvez Paulo esteja querendo dizer que, embora eles se opusessem à obra de Deus naquela época, tal atitude levaria a um fim inevitável: **a ira** de Deus. O escritor prefere esta idéia. A destruição de Jerusalém foi um **thumos** de Deus (cf. 1:10). Todavia, a oposição constante e universal de Deus contra o mal está à espera de todos os que teimosamente rejeitam Deus e o seu Filho. Paulo mostra claramente, em Romanos 1-3, que tanto judeus quanto gentios que rejeitam Cristo estão sob a permanente ira de Deus. Mas ele também mostra que ambos os grupos podem ser salvos pela graça de Deus através da fé em Jesus Cristo. O evangelho deve ser pregado tanto a judeus quanto a gentios. Deus mantém a porta da esperança aberta tanto para judeus como para gentios — aberta até a volta do Senhor (veja Rom. 9-11).

IV. O Relacionamento Presente com os Tessalonicenses (2:17-3:13)

1. O Desejo de Paulo de Visitá-los (2:17-20)

17 Nós, porém, irmãos, sendo privados de vós por algum tempo, de vista, mas não de coração, tanto mais procuramos com grande desejo ver o vosso rosto; 18 pelo que quisemos ir ter convosco, pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas, e Satanás nos impediu. 19 Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória, diante de nosso Senhor Jesus na sua vinda? Porventura não o sois vós? 20 Na verdade, vós sois a nossa glória e o nosso gozo.

Evidentemente, os oponentes haviam dito que a ausência de Paulo de Tessalônica significava que ele não tinha nenhum interesse pelos cristãos dessa cidade. Assim, o apóstolo derramou o seu coração em amor por eles. **Sendo privados** traduz o verbo **aporphanizō** (veja a correspondência a "deixar órfãos" — NT). Ele é usado apenas aqui em todo o Novo Testamento, mas é encontrado em Aeschylus. Basicamente, significa ficar órfão de alguém. Note-se a mudança de metáforas de ama (2:7) para pai (2:11) e para órfão (v. 17). Esta última metáfora se refere ao período de separação desde que Paulo havia saído de Tessalônica. A sua separação havia sido **de vista, mas não de coração**. Ausente em corpo, mas presente no coração. Em certo sentido ele havia deixado o coração com eles. "Vista" significa face. Eles não viam a sua face, mas tinham o seu coração de amor. Longe dos olhos, mas não longe do coração, como se diz.

Por essa razão, ele **procurou com grande desejo** ou se apressou ansiosamente vê-los face a face (**o vosso rosto**). Ele queria que a sua face estivesse diante das faces deles em comunhão pessoal. Ele e seus companheiros **quiseram** ir. E então Paulo torna o relato mais pessoal: **Eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas** (uma vez e duas; cf. II Cor. 10:1; Gál. 5:2; Col. 1:23; Ef. 3:1; Filemom 19,

para referências pessoais). **E Satanás nos impediu.** "Impedem" é tradução de um verbo diferente (2:16), que significa proibir. Aqui, o verbo **enkoptō** é usado (obstar ou impedir). Satanás obstou os planos de Paulo. Este verbo era usado para expressar o fato de se atravancar uma estrada para torná-la intransitável (cf. Rom. 15:22; Gál. 5:7; I Ped. 3:7). Como Satanás o impediu, Paulo não diz. Talvez fosse a oposição dos judeus em Tessalônica. Robertson sugere doença ou os judeus em Corinto, ou outra coisa. Satanás sempre procura tornar intransitáveis as estradas de serviço a Cristo.

Em seguida, Paulo derramou o coração diante dos seus leitores. Eles eram a sua **esperança, gozo** e **coroa de glória diante de nosso Senhor Jesus na sua vinda (parousiai).** **Parousia** basicamente significa presença. Tecnicamente, como aqui, refere-se à volta de Jesus (cf. 3:13; 4:15; II Tess. 2:1,8; I Cor. 15:23). Robertson cita Deissmann (**Light from the Ancient East.** p. 372 e ss.), notando que, nos papiros, ela era usada em relação à chegada de um rei que esperava receber a sua "coroa de chegada". A **coroa de glória** de Paulo seriam os tessalonicenses. "Coroa" (**stephanos**) era um laurel, ou grinalda, dado ao vencedor dos jogos. A coroa real era um diadema (diadema). Contudo, algumas vezes **stephanos** era usado como coroa real. Aqui, significa a grinalda da vitória. Os tessalonicenses seriam a sua **glória** e gozo, uma coroa que ele colocaria aos pés do Salvador.

2. A Missão de Timóteo a Tessalônica (3:1-5)

1 Pelo que, não podendo mais suportar o cuidado por vós, achamos por bem ficar sozinhos em Atenas, 2 e enviamos Timóteo, nosso irmão, e ministro de Deus no evangelho de Cristo, para vos fortalecer e vos exortar acerca da vossa fé; 3 para que ninguém seja abalado por estas tribulações; porque vós mesmos sabeis que para isto fomos destinados; 4 pois, quando estávamos ainda convosco, de antemão vos declarávamos que havíamos de padecer tribulações, como sucedeu, e vós o sabeis. 5 Por isso também, não podendo eu esperar mais, mandei saber da vossa fé, receando que o tentador vos tivesse tentado, e o nosso trabalho se houvesse tornado inútil.

Nesta passagem, Paulo descreve a sua ansiedade por seus convertidos, estando em Atenas (At. 17:15). Timóteo havia-se juntado a ele ali. Embora precisasse muito dele, Paulo abriu mão dele em favor dos tessalonicenses. **Achamos por bem** significa pensar bem acerca de algo. O fato de ele falar na primeira pessoa do plural, segundo sugestão de Robertson, significa que Silas também podia ter ido para Atenas. Se assim é, ele podia estar incluindo Silas e até Timóteo. Mas note-se o **eu** no verso 5. Teria ele mandado Silas também para Beréia? De qualquer forma ambos se juntaram a Paulo em Corinto (At. 18:5).

Ficar sozinhos expressa desolação ou uma sensação de abandono. Paulo sentia-se abandonado em Atenas, enquanto enfrentava os ídolos pagãos e os filósofos. Assim mesmo, ele o suportou voluntariamente por amor aos tessalonicenses. A necessidade deles era maior do que a dele.

Nosso irmão, e ministro de Deus no evangelho de Cristo. Note-se em que alta estima Paulo tinha Timóteo. Ele não era um subalterno, mas um "irmão" em Cristo e "servo de Deus", um companheiro de trabalho. **Ministro** significa servo ou cooperador, alguém que pertence a Deus (cf. I Cor. 3:9) — o que é expresso pelo grego **diakonon.** Isto mostra por que Paulo lhe confiara missão tão importante. Compare-se "o evangelho de Cristo", "nosso evangelho" (1:5) e "o evangelho de Deus" (2:8); mas eles são o mesmo evangelho.

A missão de Timóteo era **fortalecer** e **exortar** na fé. Ambos os infinitivos precedem **acerca da vossa fé** (texto grego). **Fortalecer** significa fixar firmemente, confirmar, estabelecer. Os novos convertidos precisam disso, e precisam também ser encorajados (exortados) a continuar resolutamente na fé uma vez professa.

O objetivo da missão de Timóteo **era para que ninguém seja abalado por estas tribulações. Seja abalado** traduz um verbo que significa abanar o rabo, lisonjear, iludir. O último significado se aplica aqui. Quanto a aflições, veja o comentário sobre 1:6. Aparentemente, os judeus haviam estado a dizer aos cristãos que, se eles rejeitassem Cristo e abraçassem o judaísmo, escapariam à perseguição dos gentios. Note-se que eles não foram iludidos pelas aflições, mas nessas (**en**, na esfera de) aflições. Isto fortalece a idéia de que os judeus estavam agindo como se declarou acima.

Vós mesmos sabeis que para isto fomos destinados. Mesmos é enfático. Quanto a **sabeis**, veja comentário sobre 1:4. "Para isto fomos destinados" é tradução de um verbo que significa que somos indicados ou colocados. Pelo fato de ser crente, pode-se esperar tanto perseguições como esforços para nos enganar. Deve-se estar preparado para resistir no poder do Espírito Santo.

Paulo, enquanto estava com os tessalonicenses, lhe havia dito que este seria o caso. **De antemão vos declarávamos** é um tempo imperfeito. Paulo costumava falar-lhes repetidamente, no passado. **Havíamos de padecer tribulações** pode ser traduzido como "estávamos para padecer tribulações". Não era uma predição, mas a declaração de um fato iminente. Isso acontecera, e eles o sabiam mui bem (cf. 1:4).

Por esta razão (por causa disto, v. 4), quando ele não podia mais suportar o suspense e ansiedade, mandou Timóteo a Tessalônica, para **saber da vossa fé. Saber** é um infinitivo de propósito. "Saber", aqui, é tradução de **gnōnai**, infinitivo aoristo de **ginōskō**: conhecer por experiência, ou pelo relatório de Timóteo. "Fé" pode referir-se a crença (3:2) ou pode significar fidelidade, com que eles estavam se portando em circunstâncias adversas. Erdman sugere: "se a fé deles estava firme". Contudo, se a referência for pesada em ambas as direções, ela não é em termos de crença doutrinária. O pensamento primário de Paulo, aqui, não é ortodoxia. É que esta fé, confiança que está ligada com o que uma pessoa crê, permaneça firme debaixo das provações. O versículo 8 arremata este ponto. A certeza de Paulo era que eles permaneciam firmes no Senhor.

Porém o temor de Paulo era que eles, sendo tentados, pudessem ceder ao **tentador**. Desta forma, o seu **trabalho** (labuta cansativa) ter-se-ia **tornado inútil** ou vazio. O verbo traduzido como "tentado" e "tentador" (aquele que tenta) significa testar, provar. Pode ser no bom sentido para provar-se genuíno, ou no mau sentido, para provar-se falso. Deus faz o primeiro (cf. Gên. 22:1); Satanás faz o último (cf. Tiago 1:14 e s.). Tiago 1:12-15 contém um jogo destas duas idéias interligadas. Paulo, aqui, usa esta palavra no mau sentido.

O tentador é, obviamente, uma referência a Satanás operando através dos perseguidores em Tessalônica. Deus não agiria assim. Da mesma forma como Satanás impediu Paulo (2:18), também procurou destruir a sua obra.

3. O Relatório de Timóteo a Paulo (3:6-8)

6 Mas agora que Timóteo acaba de regressar do vosso meio, trazendo-nos boas notícias da vossa fé e do vosso amor, dizendo que sempre nos tendes em afetuosa lembrança, anelando ver-nos assim como nós também a vós; 7 por isso, irmãos, em toda a nossa necessidade e tribulação, ficamos consolados acerca de vós, pela vossa fé, 8 porque agora vivemos, se estais firmes no Senhor.

Esta passagem dá a impressão de que o sol raiou no meio de um dia nublado. **Mas agora** introduz uma nova seção de pensamento. Timóteo havia chegado recentemente a Corinto — **do vosso meio. Trazendo-nos boas notícias**; esta é a tradução de um particípio de **euangelizomai**, evangelizar ou dar boas notícias. Ele "deu boas-novas" a Paulo quanto às condições existentes em Tessalônica.

Morris (p. 65) indica que este é o único uso deste verbo em o Novo Testamento, diferentemente do costumeiro, com referência às boas-novas da obra salvadora de Deus em Cristo. [5] De fato, isso era um evangelho para Paulo, enquanto ele enfrentava a cidade ímpia e pagã de Corinto, e os judeus hostis que ali havia.

As boas notícias foram duplas. Os tessalonicenses continuavam na **fé** em Cristo e **amor** por Paulo. Quaisquer dúvidas que Paulo pudesse ter a respeito deles foram dissipadas. Eles tinham **afetuosa lembrança** dele, e estavam **anelando** vê-lo. Isto formava um laço mútuo entre ele e eles.

Por isso ele ficou **consolado** (e/ou encorajado) **em toda a nossa necessidade e tribulação.** Robertson traduziu isto como tribulação chocante e esmagadora. **Porque agora vivemos, se estais firmes no Senhor.** "Nós" poderia significar apenas Paulo, ou poderia incluir Timóteo e Silas. Mas a ênfase primordial está em Paulo. "Vivemos" está no presente: continuamos vivendo. Esta vida renovada se baseava no fato de eles permanecerem firmes no Senhor — condição que, de acordo com o texto grego, Paulo presumia que era verdadeira.

Tanto quanto se sabe, Paulo ainda não havia corrido perigo de morte física em Corinto. Mas a "tribulação chocante e esmagadora" quase o havia matado em espírito. Tudo isto agora era de pequena monta, quando ele se aplicava com nova vida e vigor (cf. At. 18:5 e ss.).

Não importa como possa ser difícil a tarefa de alguém, ela fica mais leve se souber que outras pessoas que se encontram em circunstâncias semelhantes estão firmes na fé e estão lembrando-se dos outros crentes com amor e comunhão.

4. A Alegria e Oração de Paulo (3:9-13)

9 Pois, que ação de graças podemos render a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus, 10 rogando incessantemente, de noite e de dia, para que possamos ver o vosso rosto e suprir o que falta à vossa fé? 11 Ora, o próprio Deus e Pai nosso e o nosso Senhor Jesus nos abram o caminho até vós, 12 e o Senhor vos faça crescer e abundar em amor uns para com os outros e para com todos, como também nós abundamos para convosco; 13 para vos confirmar os corações, de sorte que sejam irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos.

A esta altura, Paulo quase gritou numa alegria difícil de expressar. Ele podia ter orgulho do seu trabalho, demonstrado pela firmeza deles. Em vez disso, ele o via como uma obra de Deus. Assim, ele queria expressar **ação de graças... a Deus.** Mas, como? **Render** é tradução de um infinitivo composto, **antapodounai**, após **dunametha**: ser capaz ou ter o poder. Literalmente, que ação de graças podia Paulo dar a Deus por causa dos tessalonicenses? As palavras não seriam suficientes para ele expressar **todo o gozo** que sentia por causa deles ou através deles.

Mas ele continuava a orar a Deus em relação ao seu relacionamento. **Rogando** é tradução de **deomai**, que expressa um sentimento de profunda necessidade, e não meramente uma oração de devoção (**proseuchomai**) **De noite e de dia** mostra como ele orava constantemente (cf. 2:9). Mesmo isso não era suficiente. Portanto, ele usou a palavra **incessantemente.** Esta é tradução de **huperekperissou**, composta de **huper** (acima, além de), **ek** (para fora de) e **perissou** (transbordantemente). O seu cálice de oração estava cheio até a borda, e transbordava por todos os lados. Esta palavra aparece em o Novo Testamento apenas aqui e em I Tessalonicenses 5:13 e Efésios 3:20. Será que Paulo criou um neologismo, a fim de expressar o impossível? Certamente, ele estava lutando para encontrar uma expressão profunda demais para ser retratada em palavras.

5 Cf. J. B. Smith, **Greek-English Concordance to the New Testament** (Scoth dale, Pa.: Herald Press, 1955), p. 156.

A sua oração era para que ele pudesse ver **o rosto de seus** leitores, e que ele pudesse **suprir o que falta à vossa fé.** Suprir significa colocar em condições unificadas e operacionais (Bailey, p. 287). Esta palavra é usada para o ato de consertar redes (cf. Mat. 4:21). Porém, em sentido metafórico, como aqui, significa tornar completo. Este pensamento está relacionado com "o que falta", ou falha ou resta (Robertson; cf. Col. 1:24). A fé deles precisava de fortalecimento e instrução. Este padrão deve ser seguido quando formos tratar com os crentes novos.

Paulo encerra esta discussão com uma oração **a Deus e Pai nosso** e ao **nosso Senhor Jesus.** Note-se como "nosso Senhor Jesus" e "Deus e Pai nosso" estão em íntima relação. Isto é enfatizado pela forma singular no original de **abram o caminho** (fazer um caminho reto). Este sujeito plural com um verbo no singular tornam Deus nosso Pai e o Senhor Jesus uma só pessoa, o que enfatiza o senhorio e a divindade de Jesus Cristo. A data primitiva desta carta mostra em que data remota os cristãos aceitavam este conceito sem questionamentos. Morris (p. 69) nota que Paulo não teria introduzido uma questão controvertida em uma oração. "A oração é feita só a Deus; e também, só Alguém que fosse divino podia ser unido desta forma com o Pai." Compare-se esta passagem com II Tessalonicenses 2:16,17. Desta forma, Paulo orou para que Deus abrisse um caminho reto, para ele, de Corinto a Tessalônica.

Além do mais, ele orou para que **o Senhor** (incluindo o Pai e o Filho, ou referindo-se a Cristo como Senhor; cf. At. 2:36) os fizesse **crescer e abundar** (transbordar, crescer até transbordar) em amor **uns para com os outros** e **para com todos** os homens. Esta era a atitude de Paulo (**como também nós abundamos para convosco**), e devia ser a deles. Os pagãos podem amar uns aos outros. Mas o amor cristão deve estender-se a todos — cristãos e não-cristãos, indiferentemente. Este amor não é natural no homem; é um dom da graça de Deus e do seu poder transformador. Daí a oração de Paulo, para que assim fosse.

No sentido cristão, não se precisa concordar ou mesmo gostar de alguém, a fim de amá-lo. O amor cristão, cuja fonte é Deus, transcende todas as diferenças naturais (cf. Rom. 5:8).

Isto, com o fim de que Deus possa **vos confirmar os corações** (sustentar, tornar firmes) **irrepreensíveis em santidade** (cf. Fil. 3:6). **Santidade** refere-se a um estado de dedicação ou santificação. Os intérpretes não têm concordado a respeito de se santificação é um ato instantâneo ou um processo, um desenvolvimento gradual. Mullins (p. 420 e ss.) a vê como um "processo vital", começando com a regeneração e se desenvolvendo gradualmente, ou um "desabrochar do germe da nova vida, implantado por ocasião da regeneração". Charles A. Trentham nota esta posição como "teologia tradicional". No entanto, ele também nota que, em certo sentido, o crente é santificado no início de sua vida cristã. [6] W. T. Conner nota ambas as posições, mas considera o uso do termo "santificação" como se referindo, em grande parte, a "um ato definido no início da vida cristã". Os cristãos foram chamados de "santos" (I Cor. 1:2) ou "santificados". Este autor considera santificação como um ato instantâneo, no começo da vida cristã. Mas os crentes devem desenvolver-se no estado de santificação, e não em um processo de tornar-se santos (**hagiõsunē**, e não **hagiasmos**). Significa o estado de ser considerado santo por Deus. Os substantivos desta classe (que terminam com **nē.**) expressam uma condição não necessariamente verdadeira, mas que alguém (Deus) considera como verdadeira.

Por exemplo, tome-se **dikaiõsunē**, justiça (Rom. 1:17). Deus é justo por natu-

6 "Santification", **Encyclopaedia of Southern Baptists** (Nashville: Broadman, 1958), II, 1184.

reza, e exige justiça dos homens. Visto que estes não a podem alcançar, Deus a dá através de Cristo, pela graça, mediante a fé. O crente não é perfeitamente justo, mas Deus o considera como tal (justificado diante de Deus) em Cristo. Nesse estado, ele deve crescer numa vida reta. [7]

Da mesma forma **hagiósunē** pode ser entendido. Mediante a habitação do Espírito Santo, Deus declara, a pessoa que se tornou crente, como estando em estado de santidade, sendo um santo, dedicado ao serviço de Deus. Os santos podem não ser imaculados, mas são "santos" (cf. I Cor. 1:2 e condições descritas nessa epístola). Mas Deus, pela graça, escolhe em Cristo considerá-los como em um estado de **hagiōsunē**. Nesse estado, eles devem crescer e se desenvolver em uma vida santa. Isto é verificado na afirmação "em santidade" ou no estado de serem declarados santos **diante de nosso Deus e Pai**. Nesse estado de santos, eles crescem até se tornarem irrepreensíveis e inculpáveis diante de Deus. Isto acontecerá **na vinda** (veja 2:19) **de nosso Senhor com todos os seus santos**, quando os santificados serão glorificados.

Em o Novo Testamento, o termo "salvação" é usado para referir-se a regeneração, santificação e glorificação. A pessoa é regenerada instantaneamente. Naquele momento ela é santificada, quando o Espírito Santo vem habitar nela. Ela deve crescer nesse estado. Por ocasião da volta do Senhor, ela será glorificada, incluindo-se a ressurreição física e a soma total de recompensas e glória no céu. Esta é a redenção completa, mencionada em Efésios 1:14. Era isto que Paulo esperava, de acordo com I Tessalonicenses 3:13.

Com todos os seus santos. Alguns intérpretes consideram os santos como anjos que acompanharão a volta do Senhor. No Velho Testamento, os anjos são, provavelmente, chamados de santos (Sal. 89:5; Dan. 4:13; 4:23). Mas o Novo Testamento não os nomeia dessa forma. Parece mais provável que esta expressão se refira a todos os remidos que estarão associados ao Senhor por ocasião de sua vinda (cf. 4:16 e s.).

7 A respeito de **dikalosunē**, veja Joseph H. Thayer, p. 149 e ss.; Arndt e Gingrich, p. 195 e s.; **The Interpreter's Bible**, IX, 393 e ss.; William Sanday, **Romans** ("The International Critical Commentary") New York: Scribner's, 1895), p. 24 e 25.

V. Exortações Práticas (4:1-12)

Uma característica típica das epístolas de Paulo é que, logo depois do corpo principal de pensamento, ele exorta os seus leitores a respeito de vários assuntos. No caso presente, ele termina aqui a discussão da relação dele pessoalmente com os tessalonicenses. Agora ele se volta para os assuntos práticos da vida deles como crentes.

1. Exemplo Cristão (4:1,2)

1 Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, como aprendestes de nós de que maneira deveis andar e agradar a Deus, assim como estais fazendo, nisso mesmo abundeis cada vez mais. 2 Pois vós sabeis que preceitos vos temos dado pelo Senhor Jesus.

Finalmente significa "quanto ao resto". Bailey (p. 293) sugere "além do mais", visto que estamos ainda tão longe do fim da epístola. Paulo não estava iniciando uma conclusão, mas abandonando o seu assunto principal e passando a outros assuntos. **Irmãos** adiciona uma nota terna, pessoal. Ele apelava para eles como irmãos em Cristo (cf. 1:4).

Rogamos é tradução de uma palavra usada no grego antigo como interrogação. Mas Bailey nota que, das 63 vezes que ela é usada em o Novo Testamento, 45 por-cento das vezes contém a idéia de um pedido ou rogo. Nos papiros, ela é usada denotando um pedido urgente. Este parece ser o sentido dela aqui. Acrescentada ao pedido de Paulo estava uma exortação **no Senhor Jesus**. Assim,

o seu pedido não era apenas apostólico, mas em nome do Senhor.

Aprendestes (recebestes de) refere-se à instrução oral anterior de Paulo. **Deveis** expressa uma necessidade moral e espiritual. Ele os havia ensinado como viver (andar) de forma a **agradar a Deus. Estais fazendo** é tradução do mesmo verbo "andar": "como estais andando." Eles deviam **nisso mesmo** abundar **cada vez mais**. Esta é a tradução de uma palavra que significa "mais", antecedida do verbo abundar ou transbordar. Como cristãos, deviam eles continuar vivendo dessa forma, para serem cheios (completos) e transbordarem nessa maneira de viver.

O versículo 2 diz, literalmente: "Pois vós realmente sabeis que instruções vos demos através do Senhor Jesus." Mais uma vez Paulo reivindica autoridade divina. **Preceitos** pode também expressar encargos (At. 16:24), proibições (At. 5:28), vida reta (I Tim. 1:5). Era uma palavra militar, encontrada em Xenofonte e Políbio. Dessa forma Paulo os havia instruído tanto a respeito do aspecto negativo quanto do positivo da vida. Abster-se simplesmente do mal não é suficiente. Os crentes também devem fazer o bem.

2. Pureza Moral (4:3-8)

3 Porque esta é a vontade de Deus, a saber, a vossa santificação; que vos abstenhais da prostituição, 4 que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santidade e honra, 5 não na paixão da concupiscência, como os gentios que não conhecem a Deus; 6 ninguém se iluda ou defraude nisso a seu irmão, porque o Senhor é vingador de todas estas coisas, como também antes vo-lo dissemos e testificamos. 7 Porque Deus não nos chamou para a imundícia, mas para a santificação. 8 Portanto, quem rejeita isso não rejeita ao homem, mas sim a Deus, que vos dá o seu Espírito Santo.

Agora Paulo trata de coisas específicas. A **vontade de Deus** era a **santificação** (consagração) deles. No grego, "vontade" está sem o artigo definido, significando que o que se segue não era a completa vontade de Deus, mas estava contido na sua vontade. Consagração (**hagiasmos**) é cognata da santidade de 3:13 (veja). No estado de santificação (3:13), Deus quer que os crentes cresçam em santidade e dedicação à vontade e à maneira de agir dele.

Robertson (p. 28) nota que a redação antiga de **hagizõ, hagismos** foi mudada em o Novo Testamento para **hagiazõ, hagiasmos**. A primeira forma se referia a dedicação a um deus ou deusa, sem nenhum pensamento de qualidade moral. Os termos do Novo Testamento contêm a idéia de dedicação ao serviço de Deus, mas também a qualidade moral adicional, em consonância com a natureza de Deus.

A porção específica da vontade de Deus que Paulo tinha em mente, trata de sexo. Desta forma, ele os recomendou a **que vos abstenhais da prostituição. Prostituição** se refere a qualquer espécie de concordância com sexo ilícito. As religiões pagãs consideravam a liberdade sexual e os costumes promíscuos naturais e normais. Os deuses e deusas pagãos eram brutalmente imorais; a adoração deles incluía o ato sexual, sendo providenciadas sacerdotisas para os homens que vinham adorar. Muitos cristãos tessalonicenses haviam saído do paganismo, e ainda viviam nessa atmosfera. Os cristãos deviam ser santificados, em contrário. O fato de que **hagiasmos**, para Paulo, havia assumido conotações morais é verificado quando ele contrasta esta palavra com **porneias**. Esta última, outrora significara a venda de sexo ou prostituição. Passou a ser usada, às vezes, como sinônima de **moicheia** (adultério). A distinção original é muitas vezes preservada. Provavelmente, **porneias** aqui significa prostituição, a não ser que "defraude o seu irmão" (v. 6) dê a entender o pecado de adultério, o pecado contra um marido, pelo fato de tomar a esposa dele. Deus deseja que cada **homem saiba possuir o seu vaso em santidade (viver santo) e honra** — monogamia.

Isto, em contraste com **a paixão da concupiscência, como os gentios que não conhecem a Deus.** O verbo "conhecer" mostra que eles conheciam deuses, mas não realmente o verdadeiro Deus. A rejeição de Deus, por muitas pessoas, hoje em dia, é nada mais do que um desejo de liberdade sexual.

Ninguém iluda ou defraude nisso a seu irmão. Isto aparentemente se refere ao costume que haveria de um cristão ter relações sexuais com a esposa de outro cristão (seu esposo), ou se divorciar com o objetivo de se casar de novo com essa mulher. Transgredir significa ultrapassar uma linha demarcatória. Esta é a conotação da palavra **iluda. Defraude** denota tomar mais do que o devido. Não se deve ir além da moralidade cristã, para tomar o que pertence a outrem.

Nos versos 3 a 6, as palavras abster-se, conhecer, tomar, iludir e defraudar são infinitivos, mostrando elementos específicos da vontade de Deus. Estas palavras são espadas flamejantes, que guardam a castidade pessoal e o casamento, tão necessárias hoje em dia como eram naquela época. A palavra cristã **irmão**, indubitavelmente, não abre a porta da lassidão sexual para os não-crentes. Paulo estava simplesmente tratando da conduta cristã, aqui.

Porque introduz uma conclusão a respeito destas coisas. **Vingador** traduz uma palavra encontrada nos papiros que designa um vingador legal. Deus desempenha esse papel. A imoralidade sexual é condenada por toda a Bíblia. A liberdade sexual é proibida por Deus, e acarreta em uma pena, tanto agora como no porvir (cf. I Cor. 6:9).

Paulo havia advertido pessoalmente contra estas coisas, e repete a advertência agora. Advertência repetida era necessária. Os "mistérios" de Dionísio e de Cabiri estavam em Tessalônica. Portanto, esses cristãos eram constantemente expostos aos abusos sexuais dessas seitas. Elas conclamavam os homens a fazer estas coisas. Mas Deus os chamava à consagração ou santa dedicação, e não à **imundícia** de uma vida sexual ilícita.

O versículo 8 constitui uma declaração forte. A vida impura **rejeita** não **ao homem, mas sim a Deus.** Embora o sexo ilícito seja um pecado contra o homem, ele o é primordialmente contra Deus, **que vós dá o seu Espírito Santo.** O corpo do crente é o templo do Espírito Santo, e não deve ser unido a prostitutas (cf. I Cor. 6:13b e ss.).

3. Amor Fraternal (4:9, 10a)

9 Quanto, porém, ao amor fraternal, não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos sois instruídos por Deus a vos amardes uns aos outros; 10 porque certamente já o fazeis para com todos os irmãos que estão por toda a Macedônia.

Paulo achava que este pensamento era desnecessário, exceto para recomentar e exortar os seus leitores a uma expressão crescente de um amor assim. **Amor fraternal (philadelphías)** é uma combinação de **philia** (calor, amor de amigos) e **adelphos** (irmão), cuja raiz é **adelphus**, do mesmo ventre. **Philia** e **agapē** são palavras diferentes, traduzidas como amor, mas algumas vezes usadas como sinônimos. Note-se **amor**, neste mesmo versículo. Eles haviam sido "ensinados por Deus" a **vos amardes uns aos outros.** E eles o estavam fazendo, não apenas em Tessalônica, mas amavam **todos os irmãos que estão por toda a Macedônia.** Paulo precisava apenas exortá-los a que **abundeis cada vez mais** nisso, a fazê-lo até que o seu amor transbordasse, e assim continuassem. Que desafio para todos, no sentido das relações cristãs!

4. Esforço Honesto (4:10b-12)

Exortamo-vos, porém, irmãos, a que ainda nisto abundeis cada vez mais, 11 e procureis viver quietos, tratar dos vossos próprios negócios, e trabalhar com vossas próprias mãos, como já vo-lo mandamos, 12 a fim de que andeis dignamente para com os que estão de fora, e não tenhais necessidade de coisa alguma.

Paulo continua o seu pedido e exortação. Ele havia-lhes recomendado pessoalmente para **tratar dos vossos próprios negócios**. Agora repetia a recomendação por escrito. Estas exortações são expressas em uma série de infinitivos presentes, dando a idéia de ter-se o hábito de fazer certas coisas.

Procureis significa ser amigo da honra. A ambição deles devia ser **viver quietos**. Este verbo significa também estar quieto, em paz, em silêncio. É usado para indicar que se desiste de uma discussão (cf. Luc. 14:4; At. 11:18; 21:14) ou se fica em silêncio. Todos estes significados enriquecem o seu sentido, aqui. Evidentemente, a igreja estava inquieta e comentava muito a segunda vinda de Cristo. E isto era um distúrbio contra a paz da comunidade (cf. II Tess. 3:6 e ss.)

Tratar dos vossos próprios negócios — preocupem-se com os seus negócios ou com as suas coisas. Pessoas metidas e inquiridoras podem perturbar a paz e a quietude de qualquer igreja (cf. II Tess. 3:11). **Trabalhar com vossas próprias mãos**. Algumas pessoas haviam parado de trabalhar e haviam-se tornado perturbadoras mexeriqueiras, pensando que a volta do Senhor era iminente. Assim, por que trabalhar? Elas deviam **trabalhar**, de forma a **andar dignamente para com os que estão de fora**, ou seja, os não-cristãos, e não ter **necessidade de coisa alguma**, isto é, não dependerem dos outros para o seu sustento. Agir de outra forma causaria problemas na igreja e acarretaria em zombaria da parte dos vizinhos pagãos.

O mundo exterior observa os crentes. Eles deviam viver acima de qualquer suspeita, quanto aos negócios, política, e na vida doméstica e social. Por vezes o mundo zomba dos crentes sem razão. Nenhum crente deve dar a ele uma razão legítima para fazê-lo. De fato, o mundo espera mais dos crentes do que dos não-crentes. Nenhum seguidor de Cristo deve viver uma vida que negue a sua profissão de fé nele.

VI. Problemas Referentes à Volta do Senhor (4:13-5:11)

Parece que, nesta seção, Paulo está respondendo a um pedido dos cristãos de Tessalônica, trazido por Timóteo. Desde que Paulo fora embora, alguns crentes haviam morrido. Algumas pessoas consideram isto como evidência de uma ausência de Paulo por um período mais prolongado do que poucas semanas ou meses. No entanto, uma morte teria sido suficiente para suscitar essa interrogação. Quando Jesus voltasse, os vivos iriam para ele, deixando os mortos para trás? Paulo assegurou-lhes que tanto os crentes vivos como os crentes mortos participariam do acontecimento. Nenhuma menção há de instruções orais anteriores, a este respeito, o que pode ter dado origem ao problema.

1. Vivos e Mortos (4:13-18)

13 Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais como os outros que não têm esperança. 14 Porque, se cremos que Jesus morreu e ressurgiu, assim também aos que dormem, Deus, mediante Jesus, os tornará a trazer juntamente com ele. 15 Dizemo-vos, pois, isto pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já dormem. 16 Porque o Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. 17 Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor. 18 Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.

A partícula negativa **não** vem em primeiro lugar na sentença; por isso, é enfática. **Queremos** indica vontade. Ele não desejava ou queria que eles fossem **ignorantes** ou sem conhecimento. **Acerca** significa a respeito. **Acerca dos que já dormem** refere-se aos que estão dormindo. **Dormem** é tradução de um particípio presente (**koimōmenōn**, note-se "cemi-

tério"). O presente do verbo indica os que de tempos em tempos caem no sono, e não um sono permanente.

A figura do sono não significa sono da alma ou existência inconsciente até a ressurreição. Era um termo grego e romano para designar a morte; eles não tinham esperanças quanto à ressurreição. Jesus usou este termo em relação à morte (João 11:11). Paulo usou-o repetidamente neste sentido (isto é, I Cor. 7:39; 15:6; I Tess. 4:13,15). Note-se que, em João 11:11,12, ele é usado acerca da morte e do sono natural. No sentido da morte, ele sugere a cessação dos problemas da vida, um descanso dos mesmos. Bailey (p. 301 e ss) adiciona a expectativa da volta do Senhor como alguém que está dormindo espera o novo dia.

Não vos entristeçais como os outros que não têm esperança. Sempre existe tristeza na separação. Mas para o crente ela é devida à solidão, e não ao desespero tanto dos vivos como dos mortos. Pois ele tem a esperança de ressurreição e de reencontro. "Outros" refere-se aos pagãos (4:12, os de fora). Alguns oradores pagãos expressavam esperança de uma vida futura. Mas como um todo, eles não tinham esperança, como se vê em sua literatura e inscrições. Morris (p. 84 e s.) cita, de Frame, duas cartas do segundo século, uma pagã e outra cristã, que contrastam a desesperança pagã e a certeza cristã.

Porque no grego introduz uma declaração condicional considerada verdadeira. Eles compartilhavam, com Paulo, Silvano e Timóteo, de uma firme fé na morte e ressurreição de Jesus. **Assim também** indica a sua fé na sua própria ressurreição. O texto grego diz literalmente: "Deus, os que estão dormindo em Jesus trará com ele." **Mediante Jesus** é ambíguo. Pode significar os que estão dormindo em Jesus ou que Deus, através de Jesus, os trará consigo, em sua volta. É claro que Paulo estava falando apenas dos crentes. Mas a versão da RSV, e da IBB, parece estar correta. Os crentes que dormem, Deus, através de Jesus, trará consigo (cf. I Cor. 15:20). Assim sendo, Deus os trará com Jesus, por ocasião de sua vinda. Isto significa que eles estão com ele agora, e não jazendo em uma sepultura solitária.

Levanta-se um problema, quando se compara esta idéia com "os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro" (v. 16). O corpo de carne está no túmulo. Mas Paulo, em I Coríntios 15:48 e ss., mostra a necessidade de um corpo celestial. Certamente, ele não esperava um estado "desencarnado" entre a sua morte e a ressurreição (veja II Cor. 5:1-4). É difícil tratar com todas as passagens relacionadas com este contexto. Mas duas coisas estão claras. Os crentes mortos estão com Cristo agora. Por ocasião da volta do Senhor, eles serão ressuscitados corporalmente, com um corpo controlado pelo espírito (veja I Cor. 15:42-44), infinitamente mais glorioso do que o que foi plantado no seio da terra.

Pela palavra do Senhor. Não existe nenhuma passagem direta registrada a este respeito (cf. Mat. 24:31). Era alguma palavra bem conhecida, mas não registrada? Talvez não. Não era algo que Paulo deduzira. Mais provavelmente era o teor genérico das palavras de Jesus ou uma revelação direta a Paulo (cf. I Cor. 11:23). Esta última opção parece ser o caso.

Nós, os que ficarmos vivos para a vinda (parousia) do Senhor. Será que Paulo esperava viver até esse tempo? Compare-se com I Coríntios 15:51. Mas em II Coríntios 5:1 e ss. ele sugere possibilidade diferente. Jesus havia dito que o seu povo esperasse a sua vinda a qualquer momento. Alguma geração estará viva nessa ocasião. A geração de Paulo era a única viva na época em que ele escreveu. Assim, ele aventou a possibilidade de que estivesse vivo, mas também de que não estivesse. Mas não errou a respeito desse assunto. A sua atitude seria a de qualquer crente.

De modo algum precederemos os que

já dormem. Precederemos é uma tradução fiel. A palavra grega significa vir antes, anteceder. Este verbo é precedido de uma negativa dupla e forte, e por isso enfática: **de modo algum** viremos antes. Assim, o temor de deixar entes queridos mortos para trás era infundado.

Qual, então, é a ordem? Primeiro, **o Senhor mesmo descerá do céu**. No texto grego, isto vem no fim da declaração; portanto, é apoteótico. **Com grande brado** (de comando). Esta expressão traduz uma palavra do verbo **kekeuō**, que significa dar ordem ou comandar, uma palavra militar usada só aqui em todo o Novo Testamento. Mas o verbo é usado 27 vezes em relação a comandar ou dar ordem. Moffatt (p. 38) considera que esta ordem é dada para reunir os santos (veja a tradução Atualizada da SBB). **À voz do arcanjo** (ou de um arcanjo). Nenhum artigo definido é usado nem com arcanjo nem com voz. Miguel é o único arcanjo mencionado nominalmente em o Novo Testamento (Judas 9). Moffatt (p. 38) considera este arcanjo como Miguel, que, de acordo com a tradição judaica, não apenas reunia os santos, mas também fazia soar uma trombeta, para avisar da aproximação de Deus para o juízo. **Trombeta de Deus** — como o toque de uma trombeta. Paulo estava escrevendo em linguagem escatológica, para pintar a grandeza da volta do Senhor. Ele retornará em triunfo e grande glória. O fato de que ordem, voz e trombeta são precedidas, cada uma delas, por **en** (em) mostra que elas acontecerão em seqüência.

A tradução de Phillips capta bem este quadro. "Uma palavra de comando, um grito de arcanjo, um toque da trombeta de Deus, e o Senhor descerá do céu!" Nenhuma outra passagem do Novo Testamento excede esta em descrever a volta do Senhor.

Segundo, **os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Primeiro** não se refere a uma ressurreição seguida mais tarde por outra. Significa que os crentes falecidos se levantarão antes que os vivos deixem a terra. Eles definidamente participarão da **Parousia** juntamente com os vivos. Paulo não estava tratando de mortos ímpios. Mas Jesus menciona os mortos, justos e injustos, no mesmo contexto (cf. João 5:24,25, 28,29). Não se dão detalhes. Alguns discordarão, mas este escritor considera uma ressurreição e um julgamento. Apocalipse 20:5 tem um significado controvertido.

Paulo não diz nada, aqui, a respeito do tipo dos corpos da ressurreição (veja I Cor. 15:35-37). Também note-se o corpo da ressurreição de Jesus — um corpo real, reconhecível, mas não sujeito aos efeitos do tempo, espaço e densidade. Esta é uma sugestão, mas não precisa ser forçada. A idéia de Paulo é de que os crentes falecidos participarão com os vivos da **Parousia**.

Terceiro, **depois nós, os que ficarmos vivos** (nós, os vivos). Os tessalonicenses temiam que os seus entes queridos falecidos ficassem para trás. Paulo diz que os vivos são os que são deixados. Este verbo também pode dar a entender os que sobrevivem à morte. Estes, **juntamente com eles**, serão **arrebatados... nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares.** Será uma coisa simultânea. O grego diz **hama sun autois. Hama** denota a coincidência de duas ações (Arndt e Gingrich). Isto enfatiza **sun autois**, com eles — por isso, "juntamente com eles".

Nas nuvens... nos ares. A majestade da colocação é verificada em "nas nuvens" (cf. Mat. 24:30; 26:64; At. 1:9-11; Apoc. 1:7). Moffatt (p. 38) diz que nas nuvens é "o método comum de arrebatamento súbito ou ascensão ao céu". Visto que o ar era considerado como habitação "do príncipe das potestades dos ares", Satanás (cf. Ef. 2:2), encontrar os santos no ar, sugere o triunfo completo do Senhor sobre Satanás? Morris (p. 89) chama "nos ares" de local de reunião. Mas ele sugere, com base em I Coríntios 6:2, que "o Senhor julgará a terra com o seu povo". Todavia, esta é

uma interpretação incerta. O fato de os santos julgarem o mundo não significa, necessariamente, que eles precisam estar na terra. O ensino geral do Novo Testamento sugere diferentemente.

Paulo simplesmente diz que **estaremos para sempre com o Senhor**. E isto dá a entender o céu, e não a terra. Uma nota de consolo, para o crente desolado, é verificada em "juntamente com eles... com o Senhor". Certamente os cristãos tessalonicenses e todos os outros crentes podem **consolar-se uns aos outros com estas palavras**.

2. **Tempos e Estações** (5:1-3)

1 Mas, irmãos, acerca dos tempos e das épocas não necessitais de que se vos escreva; 2 porque vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como vem o ladrão de noite; 3 pois quando estiverem dizendo: Paz e segurança! então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão.

Tendo apresentado o fato da volta do Senhor, ele diz que não era necessário escrever acerca **dos tempos e das épocas**. Aparentemente, ele não havia falado nada acerca deste assunto quando estava em Tessalônica. Mais tarde, ele falou algo a este respeito (II Tess. 2:1 e ss.). Mas isso foi depois que os tessalonicenses haviam menosprezado as suas palavras na primeira epístola.

Especificamente, **tempos** (**chronos**) se referia a um período extenso, e **épocas** (**kairos**) dava a entender um espaço definido de tempo (Robertson). Em Atos 1:7, no original grego, Jesus usou estas palavras sem artigos definidos, como são usadas em I Tessalonicenses 5:1. Pode-se alegar que Jesus falou em aramaico. Mesmo que isto seja verdade, pode-se estar certo de que Lucas registrou em grego o sentido das palavras de Jesus. Em Atos 1:7, Robertson nota os prováveis significados como "pontos" e "períodos" ou os minuciosos detalhes que dizem respeito ao fim do século. Jesus disse que estas coisas "o Pai reservou à sua própria autoridade" (At. 1:7). É da responsabilidade de Deus, e não deve preocupar demasiadamente o seu povo. Eles devem preparar as condições para a volta de Jesus, e não tentar delinear os planos de Deus (cf. Mat. 24:14). Jesus nunca falou de sua volta em termos de tempo, mas, sim, de condição, (cf. quando (**hotan**), Mat. 25:31). **Hotan** se refere, em primeiro lugar, à condição. Quando as condições forem corretas, esse será o tempo (cf. Mat. 24:28).

Sabeis perfeitamente é tradução de **akribós oidate. Akribós** pode ser traduzido como "bem, exatamente ou perfeitamente". Com **oidate** ela sugere que, se pensarem bem no assunto, entenderão plenamente que não se pode prever "os tempos e as épocas". **O dia do Senhor virá como vem o ladrão de noite**. Isto não significa uma vinda secreta, antes de uma aparição pública. Significa que, da mesma forma como um ladrão vem inesperadamente, assim será o dia do Senhor (cf. Mat. 24:43; Luc. 12:39; II Ped. 3:10). Pode ser que Paulo lhes tivesse entregado as palavras de Jesus a este respeito. Se assim é, eles sabiam bem ou exatamente. Ninguém conhecerá de antemão.

Paz e segurança se refere a um falso senso de segurança, evidentemente da parte dos pagãos (cf. Ez. 13:10; Mat. 24:37-39). **Repentina destruição** — não aniquilação, mas separação eterna de Deus para os perdidos. Ela sobrevirá repentinamente aos pagãos ou incrédulos e aos cristãos ou crentes igualmente, mas só os primeiros ficarão surpresos e separados. Os crentes estarão esperando esse fato, e lhe darão boas-vindas. Da mesma forma como as **dores de parto** não podem ser impedidas ou retardadas, assim também esta destruição. **De modo nenhum escaparão**. No grego, existe uma forte negativa dupla. Certamente, eles não fugirão nem escaparão. A volta de Cristo será conhecida de todos. Os pagãos ou incrédulos sofrerão o julgamento. Os

crentes receberão vindicação e bem-aventurança.

3. Filhos da Luz (5:4-11)

4 Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que aquele dia, como ladrão, vos surpreenda; 5 porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas; 6 não durmamos, pois, como os demais, antes vigiemos e sejamos sóbrios. 7 Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite; 8 mas nós, porque somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação; 9 porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançarmos a salvação por nosso Senhor Jesus Cristo, 10 que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele. 11 Pelo que exortai-vos uns aos outros e edificai-vos uns aos outros, como na verdade o estais fazendo.

Não estais em trevas. Os crentes não devem ser surpreendidos pela volta do Senhor. Eles são **filhos da luz... do dia... não... da noite nem das trevas**. Como tal, eles não serão separados do Senhor por ocasião de sua vinda. Mas eles não devem **dormir** nem ter o hábito de cochilar, e, sim, ter o hábito de se conservarem acordados: **vigiemos e sejamos sóbrios**. Todos os verbos do verso 7 são subjuntivos presentes ativos, exortando a uma prática habitual. **Vigiemos** significa estar em guarda. **Sóbrios** significa estar em seu juízo perfeito ou calmos. Dormir e embriagar-se são características da noite. Os que são do dia devem ser sóbrios e **vestir-se da couraça**. Devem ser como uma sentinela (vigiar, v. 6), protegida pela **fé e amor**, com um **capacete** da **esperança da salvação**. Em 1:3, as três graças (fé, esperança, amor) são qualidades que produzem crescimento. Em 5:8, elas são para proteção. Fé e amor são uma unidade. Onde a fé vai, o amor a segue (Moffatt). O amor dos irmãos é uma prova de fé genuína e sua obra (cf. I João 3:14). A **couraça** protegia os órgãos vitais do corpo. O elmo ou **capacete** protegia a cabeça, centro coordenador do corpo. A fé em Cristo produz tanto esperança como amor.

Em Efésios 6:10 e ss., a armadura do soldado destinava-se a conflito com o mal. Aqui, ela destina-se ao serviço da guarda, enquanto eles esperavam a volta do Senhor.

Os crentes não são **destinados para a ira** (cf. 1:10), mas **para alcançarmos a salvação** (cf. II Tess. 2:14) através de Cristo. Na volta dele, eles, tendo sido regenerados e santificados, serão glorificados. A sua morte expiatória tem valor para todos os crentes, estejam eles **vigiando** ou **dormindo**, estejam vivos ou antes de sua vinda já tiverem falecido. O propósito divino é que **vivamos juntamente com ele**, como diz o texto grego: **hama sun autōi zēsōnen** (cf. Rom. 6: 4b-11).

Pelo que refere-se aos versículos anteriores, e introduz uma conclusão. O versículo 11 é semelhante a 4:18, mas acrescenta **edificai-vos**. Nesta certeza, não apenas se **encorajam** (consolam; o mesmo verbo de 4:18), mas edificam a fé, a esperança e o amor uns dos outros — fazem-se crentes fortes. Eles já estavam fazendo isto, mas deviam continuar.

VII. Assuntos Gerais (5:12-22)

12 Ora, rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, presidem sobre vós no Senhor e vos admoestam; 13 e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós. 14 Exortamo-vos também, irmãos, a que admoesteis os insubordinados, consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos. 15 Vede que ninguém dê a outrem mal por mal, mas segui sempre o bem, uns para com os outros, e para com todos. 16 Regozijai-vos sempre. 17 Orai sem cessar. 18 Em tudo dai graças; porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. 19 Não extingais o Espírito; 20 não desprezeis as profecias, 21 mas ponde tudo à prova. Retende o que é bom. 22 Abstende-vos de toda espécie de mal.

Em suas notas finais, Paulo fez caber apertadamente um mundo de idéias.

Aparentemente, as pessoas que estavam sendo perturbadas a respeito da segunda vinda também eram insubordinadas e/ou fracas, dadas ao mal, talvez para escapar à perseguição. É triste quando os inimigos externos conseguem quebrar a unidade dentro de uma igreja. Assim, Paulo, como um lutador ou general, abriu caminho através do problema, dando golpe após golpe. Ele primeiramente rogou, e depois ordenou. Os versículos 13b-22 contêm 15 imperativos.

Reconheçais significa conheçais (**eidenai**, de **oida**, cf. 1:4). Isto significa mais do que conhecê-los como pessoas. O pensamento de Paulo é terem consideração e entendimento por aqueles que trabalhavam arduamente entre eles e que estavam **sobre** eles ou ficavam diante deles como líderes. Embora não usasse os termos bispo, pastor ou presbítero, ele se referia às pessoas que ocupavam esses lugares (cf. Heb. 13:17). Alguns consideram a ausência de títulos como evidência de uma organização eclesiástica primitiva, mas este não é, necessariamente, o caso. **Admoestam** significa, literalmente, colocar senso neles. Certamente, alguns precisavam disto. Eles deviam ter os seus líderes **em grande estima**, tê-los em grande honra, **e amor, por causa da sua obra**. O seu ofício devia ser honrado mesmo que eles não gostassem do oficial. O amor inclui lealdade ao seu objeto.

E então Paulo começa a usar os seus imperativos (v. 13b.). **Tende paz**. Nenhuma luta congregacional devia existir. Em seguida, Paulo faz um apelo ou exortação, seguida de imperativo. **Admoesteis**, colocai senso nos **insubordinados** ou os que desfizeram as fileiras. **Consoleis os desanimados** ou de fraco ânimo, que eram tentados a desistir. Três grupos parece serem representados aqui: (1) os que haviam deixado de trabalhar, falando apenas na volta do Senhor; (2) os que haviam desanimado, porque alguns dentre eles haviam morrido antes desse evento; e (3) os que eram moralmente **fracos**, possivelmente convertidos provindos do paganismo. **Ampareis** ou sustenteis os **fracos**, os que são tentados pela imoralidade. **Sejais longânimos**. Isto era necessário ao se tratar com os insubordinados e fracos. **Vede** que ninguém retribua **mal por mal**, que não haja vingança. Isto podia se aplicar às suas relações uns com os outros como cristãos, e também ao seu relacionamento para com os de fora, e até com os que os estavam perseguindo. O seguidor de Cristo deve guardar-se de um espírito vingativo. Jesus ensinou que o seu povo deve orar por aqueles que os maltratam, e fazer o bem a essas pessoas. Nenhum crente deve descer ao nível ou mesmo abaixo do daqueles que lhe fazem mal. No espírito de Cristo, ele deve levantar-se acima deles. Só assim ele pode levantá-los ao seu nível de conduta cristã.

Segui ou buscai **o bem, uns para com os outros, e para com todos**, até para com os pagãos. **Regozijai-vos. Orai** sem parar de fazê-lo. **Dai graças** a despeito das circunstâncias, mesmo quando em dificuldades. Esta é a vontade de Deus. **Não extingais** o Espírito Santo, não apagueis o seu fogo, nem desprezeis os seus dons para o ministério (cf. v. 20). No verso 14, Paulo havia procurado acalmar o entusiasmo descontrolado dos perturbadores ociosos. Mas ele não queria que os seus leitores se opusessem à obra autêntica do Espírito Santo. **Não desprezeis** ou não conteis como nada **as profecias** ou a enunciação (pregação) em nome de Deus. **Ponde tudo à prova**, testai tudo (cf. I Cor. 12:8-10; 14:29), para impedir erro no ensino ou na prática. Os versículos 18-22 perfazem um todo. Aqueles que haviam sido apanhados pela idéia da volta do Senhor diziam ter uma espiritualidade evidentemente acima da ligada à pregação ou à profecia. Paulo queria que os seus leitores tivessem fervor, mas também bom senso. Ele os exorta a "provar mediante testes" qual é a verdadeira direção do Espírito Santo. Eles deviam ter uma verdadeira espiritualidade, em vez de um entusias-

mo meramente fútil. **Retende** o que for bom ou belo e nobre quanto à conduta. **Abstende-vos**, afastai-vos, do **mal** de qualquer espécie.

Os pastores fariam bem se pregassem uma série de sermões a respeito de cada um destes imperativos. Eles deveriam procurar mostrar que Paulo está fazendo uma conclamação para a verdadeira espiritualidade, como é verificada na pregação inspirada, profética, em contraposição às descontroladas, orgulhosas e espasmódicas reivindicações de espiritualidade. As igrejas que obedecerem às ordens de Paulo serão felizes, pacíficas, eficientes.

VIII. **Conclusão** (5:23-28)

23 E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. 24 Fiel é o que vos chama, e ele também o fará. 25 Irmãos, orai por nós. 26 Saudai a todos os irmãos com ósculo santo. 27 Pelo Senhor vos conjuro que esta epístola seja lida a todos os irmãos. 28 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco.

Paulo ora pelos seus leitores, para que **o Deus de paz** (paz em sua natureza, e dando paz) os **santifique completamente**, ou separe-os das coisas profanas e para o serviço divino, e que isso seja feito inteiramente ou por todos. Que eles sejam **plenamente conservados** ou conservados em todas as partes — **espírito, alma** e **corpo, irrepreensíveis** na vinda do Senhor.

Será que aqui Paulo estava ensinando tricotomia pessoal, em oposição à dicotomia de outras epístolas? Robertson diz: "Não necessariamente." Moffatt (p. 38) vê esta combinação como desprovida de técnica. Erdman (p. 71) considera este versículo como não "dando uma divisão técnica e científica das partes componentes da natureza humana... a referência é à personalidade indivisível, em suas relações para com Deus, em suas atividades naturais e em seus usos do corpo". Morris concorda com isto: "Paulo aqui não está preocupado em fazer uma análise teórica da natureza do homem, mas enunciando uma oração fervorosa para que o homem todo seja preservado. Milligan acha que a tríplice petição se destina a 'todo o ser do homem, seja do seu lado imortal, pessoal, ou corporal'" (p. 107). O fato é que o homem é um ser muito complexo. Os aspectos de sua natureza podem ser distinguidos, mas ele não pode ser dividido em partes. O homem não peca no corpo ou no espírito, sem que a outra parte não seja afetada. O homem todo é afetado pelo pecado, e todo o homem deve ser afetado pela salvação (veja I Cor. 6:19,20); "e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus", na KJV e versão antiga da IBB, mas não nos melhores manuscritos). Jesus veio para salvar ou tornar sadio o homem todo (João 7:23). "Espírito" precede "alma" e "corpo". Todos os homens tem uma alma e um corpo — realmente, cada pessoa é corpo e alma. O crente é espiritual em ambos. O seu espírito habita o seu corpo (**sōma**). O Espírito Santo habita o espírito do crente, desta forma permeando toda a sua vida ou alma ou **psuchē**.

Aquilo para o que Deus chamou, ele é **fiel** (digno de confiança; cf. II Tess. 3:3) em realizar. Os tessalonicenses podiam confiar-se a ele.

Paulo encerra a sua epístola com palavras breves, vigorosas. **Irmãos, orai por nós**. Ele usou do imperativo como súplica para que eles continuassem a cercá-lo de oração, algo que ele necessitava em Corinto, como em qualquer outro lugar. Billy Graham atribui o poder do seu ministério às orações dos crentes ao redor do mundo. **Saudai a todos os irmãos com ósculo santo** (cf. I Cor. 16:20; II Cor. 13:12; Rom. 16:16) — um sinal de amor fraternal, e, por isso, santo. Muitos antigos saudavam com um beijo em várias partes do corpo (cf. Lucas 7:45; 22:48); os cristãos o

faziam, provavelmente, na face (cf. I Ped. 5:14). Pouco se sabe acerca dos detalhes deste costume. Mas, provavelmente, os homens beijavam os homens e as mulheres beijavam as mulheres.

Pelo Senhor vos conjuro. Esta era uma forma de colocar alguém sob juramento. Paulo queria que esta epístola fosse lida em voz alta para toda a igreja. Isto mostra a importância que ele dava a todas as suas cartas.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Esta é uma bênção apropriada e mais rica do que o costumeiro "adeus". Paulo impetrava uma bênção diferente nas várias epístolas. Ele encerra a epístola como a havia iniciado: com graça (1:1; 5:28). Esta era uma das grandes palavras de Paulo: graça na redenção e na vida.

Comentário Sobre II Tessalonicenses

Esboço da Epístola

I. Assinatura e Endereço ou Destinatário (1:1,2)
II. A Situação Presente em Tessalônica (1:3-12)
  1. Ação de Graças de Paulo (1:3,4)
  2. O Juízo de Deus (1:5-10)
  3. A Oração de Paulo (1:11,12)
III. Problemas da **Parousia** (2:1-12)
  1. Questão de Tempo (2:1,2)
  2. Homem da Iniqüidade (2:3-10a)
  3. Homens de Engano (2:10b-12)
IV. Ação de Graças e encorajamento (2:13-17)
  1. Gratidão Pelos santos (2:13,14)
  2. Desafio aos Santos (2:15)
  3. Oração em Favor dos Santos (2:16,17)
V. Exortações aos Tessalonicenses (3:1-15)
  1. Pedido de Oração (3:1,2)
  2. Fidelidade a Deus (3:3-5)
  3. Como Agir com os Desordeiros (3:6-13)
  4. Como Agir com os Desobedientes (3:14-15)
VI. Conclusão (3:16-18)
  1. Oração em Favor dos Santos (3:16)
  2. Sinal de Autenticidade de Paulo (3:17)
  3. Bênção (3:18)

I. Assinatura e Endereço ou Destinatário (1:1,2)

1 Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo: 2 Graça a vós, e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Esta saudação é a mesma de I Tessalonicenses 1:1, exceto que aqui Paulo acrescentou **nosso** antes de **Pai**. Ele também usou uma declaração mais longa, atribuindo **graça** e **paz**. Ela é **da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo**. Esta expressão é encontrada em alguns manuscritos de I Tessalonicenses 1:1, mas não é genuína. Graça e paz aparecem em todas as outras epístolas de Paulo (mas veja Col. 1:2; "misericórdia" é acrescentada em I e II Tim.). "Deus nosso Pai" e "Senhor Jesus Cristo" são iguais, mas não idênticos; são pessoas separadas da divindade.

II. A Situação Presente em Tessalônica (1:3-12)

1. Ação de Graças de Paulo (1:3,4)

3 Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é justo, porque a vossa fé cresce muitíssimo e o amor de cada um de vós transborda de uns para com os outros. 4 De maneira que nós mesmos nos

gloriamos de vós nas igrejas de Deus por causa da vossa constância e fé em todas as perseguições e aflições que suportais;

Geralmente Paulo inicia as suas epístolas com uma nota de ação de graças (mas veja Gálatas e Tito). Ele tivera problemas em Tessalônica, mas em ambas as epístolas ele começa com ação de graças pelos crentes daquela cidade. Em certo sentido, ele estava usando de boa psicologia, cumprimentando-os antes de corrigi-los.

Devemos é tradução de um verbo que exprime obrigação. Talvez algumas pessoas em Tessalônica houvessem declarado que Paulo não tinha o direito de dar graças, na primeira epístola. Ele insiste que havia muita coisa pela qual estava agradecido. **Dar graças** (veja o comentário sobre I Tess. 1:2). **Devemos... é justo** — a primeira palavra exprime obrigação a Deus; a última, uma atitude apropriada para com os seus leitores.

Em I Tessalonicenses, Paulo orou, pedindo crescimento na fé, amor e esperança (1:3). Agora ele agradece a Deus porque os tessalonicenses haviam alcançado isto. Em II Tessalonicenses, ele não menciona esperança com **constância** (ou firmeza), mas aquela palavra é notada em 1:10.

A **vossa fé cresce muitíssimo** (presente de ação contínua). É como uma árvore crescendo desmesuradamente. **O amor** de cada um pelos outros estava crescendo — **transborda** — florescendo como uma árvore. Este é outro presente do indicativo (cf. I Tess. 3:12).

Nos gloriamos traduz um infinitivo presente. Na medida em que eles continuavam crescendo em fé e dando abundante fruto em amor, Paulo continuava se gloriando acerca deles nas outras **igrejas de Deus**. Ele se gloriava por sua firmeza (cf. I Tess. 1:3) na fé. A despeito das tribulações por que haviam passado, **perseguições e aflições**, a fé deles estava à altura deles. "Perseguições" (**diõgmois**) são acrescentadas a "aflições" (1:6). **Diõgmos** era usada apenas em relação à perseguição religiosa (Arndt e Gingrich; cf. Rom. 8:35; II Cor. 12:10; II Tim. 3:11). **Que suportais** significa estar envolvido ou preso (cf. Gál. 5:1; "submeteis"). É presente do indicativo, dando a entender que "estais suportando constantemente". Não tem havido descanso.

2. O Juízo de Deus (1:5-10)

5 o que é prova clara do justo juízo de Deus, para que sejais havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis; 6 se de fato é justo diante de Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam, 7 e a vós, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder em chama de fogo, 8 e tomar vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus; 9 os quais sofrerão, como castigo, a perdição eterna, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, 10 quando naquele dia ele vier para ser glorificado nos seus santos e para ser admirado em todos os que tiverem crido (porquanto o nosso testemunho foi crido entre vós).

Paulo apontava do presente para o futuro, quando as situações presentes eram revertidas, no que concernia aos cristãos e seus perseguidores.

Prova clara é tradução de **endeigma**, encontrada só aqui em o Novo Testamento. Significa "evidência". Sem o artigo definido, significa "uma evidência". **Justo juízo de Deus.** A Bíblia fala do juízo de Deus no contexto da história. Mas aqui refere-se, provavelmente, ao juízo final no fim da história. Ele será justo, de acordo com a natureza e sabedoria de Deus. E estará em concordância com a evidência ou prova encontrada na vida individual na terra e com os subseqüentes resultados dessa vida na vida dos outros.

Tanto os salvos quanto os não-salvos serão julgados (cf. Rom. 14:10; II Cor. 5:10; Apoc. 20:11 e ss.). Este julgamento não se fará para decidir se a pessoa é salva ou perdida. Isto foi determinado

antecipadamente (cf. João 3:18). Mateus 25:31-46 realmente vê todos os homens de pé diante do trono do juízo de Cristo, com a separação das "ovelhas" dos "bodes". Mas esta separação é a imitação de uma condição já determinada antes da morte. Ela se baseia na atitude dessas pessoas para com Cristo, e se ele as conhece ou não. O importante é que os homens não são salvos no céu, por fim. O fato de eles serem salvos ou perdidos é determinado pela sua relação para com Cristo na época de sua morte. O juízo final tornará manifesto este estado, de uma forma ou outra. O juízo final também se relaciona a graus de recompensa ou castigo, no céu ou no inferno. As boas ou más ações serão julgadas pela soma total de seus frutos. Todas as evidências estarão ali. Pequenos atos praticados em nome de Cristo receberão grande recompensa. Mesmo os chamados pecados pequenos produzirão terríveis frutos no juízo.

O reto juízo de Deus é verificado a respeito dos perseguidos, tanto quanto dos perseguidores. Quanto aos primeiros, é em suas tribulações; para os crentes será **para que** (eis) **sejais havidos por dignos do reino de Deus. Eis** indica o propósito de Deus nas tribulações deles. Ele não as causou, mas as usa para o desenvolvimento do seu povo. "Sejais havidos por dignos" é tradução de **kata - xioō, axioō** com **kata**, o que intensifica o seu significado (veja I Tess. 2:12). Este verbo também tem a idéia de um peso. O caráter dos cristãos tessalônicos estava sendo feito de tal forma que eles fossem considerados dignos do reino de Deus. Desta forma eles se tornariam súditos aptos para o céu. É **pelo qual** (em favor do qual) eles estavam padecendo. E eles seriam recompensados na consumação final do reino.

Parenteticamente, Paulo observa o outro lado do **justo juízo** de Deus: **que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam**. Paga significa recompensa (cf. I Tess. 3:9). Deus retribuirá em espécie o que os perseguidores deram ao seu povo. No grego, existe um jogo de palavras. Literalmente, "aos que afligem a vossa aflição". O povo de Deus pode estar em aflição agora, mas no juízo final os que os afligem na terra serão afligidos. Alguns consideram o verso 6 como a **lex talionis**, a lei da retaliação, e, por isso, não-cristão. Consideram esta passagem provavelmente como uma glosa judaica. Mas esta é uma posição insustentável. Este castigo relaciona-se com o juízo de Deus, e não dos homens.

Encerrando o seu pensamento principal, Paulo diz: **a vós, que sois atribulados, alívio juntamente conosco**. Este é outro dos propósitos de Deus no sofrimento deles. **Alívio** é tradução de **anesin**, ou descanso. Juntamente com Paulo, eles podiam sofrer agora, mas no juízo todos teriam as suas dores mitigadas (cf. Apoc. 21:4).

Isto acontecerá **quando do céu se manifestar o Senhor Jesus. Se manifestar** é tradução de **tēi apokalupsei**, o desvendamento ou apocalipse. Note-se que o livro da Revelação é chamado, no grego, de **Apocalupsis**. O texto grego é, literalmente: em (na esfera de) revelação. Assim, o alívio e retribuição divinos não terão lugar apenas quando Cristo voltar, mas **na** sua volta ou como parte de sua revelação: de bênção para os seus e de castigo para os que o rejeitam. Indubitavelmente, antes da vinda do Senhor, todo o sofrimento do crente termina por ocasião de sua morte.

Em chama de fogo. Gramaticalmente, esta cláusula pode acompanhar o que a precede ou o que a segue: **e tomar** (tomando) **vingança**. Mas, provavelmente, pertence ao que a precede. Descreve a glória e majestade da revelação de Cristo. Literalmente: "na revelação do Senhor Jesus do céu com seus poderosos anjos em chama de fogo."

Do aparecimento do Senhor, Paulo passa para a sua atividade pessoal. Ela inclui, em primeiro lugar, os não-salvos, e, depois, os salvos. **Tomar vingança**

significa infligir vingança. É um ato exclusivo de Deus (cf. Deut. 32:35; Rom. 12:19; Heb. 10:30). O fato de Paulo retratar Jesus executando este papel atesta a sua divindade essencial.

Dos que não conhecem a Deus. "Conhecem" é tradução de um particípio perfeito de **oida** (cf. I Tess. 1:4). Isto inclui tanto judeus como gentios (cf. Rom. 1:16-31). Eles podem saber algo a respeito de Deus ou dos deuses, mas realmente não conhecem a Deus. O presente perfeito leva a notar que no tempo especificado eles estavam em um estado de desconhecimento de Deus. **Dos que não obedecem ao evangelho.** Esta carta contém um sabor hebraísta. Assim, este pode ser um pensamento paralelo ao anterior. Realmente, eles não conhecem a Deus porque rejeitaram o evangelho pelo qual tanto judeus como gentios podem ser salvos (cf. Rom. 1:16). **Obedecem** é tradução do verbo **hupakouõ**, forma intensiva de **akouõ**. Significa ouvir sob, e assim, "obedecer".

Sofrerão... castigo significa pagar uma pena justa. Não será uma punição vingativa arbitrária, mas em consonância com o pecado de rejeitar Deus e as suas boas-novas de salvação em Jesus Cristo. Esta penalidade será **a perdição eterna.** Robertson (p. 44) nota que, em todo o Novo Testamento, esta expressão aparece apenas aqui, mas é encontrada em IV Macabeus 10:15, falando acerca da destruição eterna de Antíoco Epifanes. [1] Perdição não significa aniquilação, mas separação eterna de Deus (cf. I Tess. 5:3), como se vê em "exclusão"; literalmente, "destruição eterna, longe da face do Senhor e longe da glória do seu poder". Separação eterna de Deus é a segunda morte, é o próprio inferno (cf. Apoc. 20:14b).

Deste pensamento terrível, Paulo passa para o destino dos salvos. **Quando (hotan)** refere-se primariamente à condição, e não ao tempo. O tempo é quando as condições forem apropriadas (cf. Mat. 24:28). A. T. Robertson (p. 44) chama esta construção de "cláusula temporal futura e indefinida, coincidente com **en tēi apokaiupsei** no verso 7". [2] **Para ser glorificado nos seus santos.** Os seus santos são a esfera em que Cristo encontrará a sua glória por ocasião de sua revelação (cf. 1:7). A mais elevada glória de Cristo está em sua obra redentora (cf. Fil. 2:6-11). O infinitivo grego traduzido como **ser glorificado** é seguido por **en tois hagios,** significando na esfera dos santos. Morris (p. 120) comenta desta forma este fato: "Os santos serão, por assim dizer, um espelho refletindo algo da grandeza da glória do seu Senhor (cf. I João 3:2, 'quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele')." [3]

Para ser admirado. Os que creram em Cristo verão a glória de Cristo. Ela será tão além de suas expectativas, que eles ficarão arrebatados de êxtase e admiração, ficarão perdidos de tão maravilhados. Phillips assim o traduz: "Será uma maravilha que deixará em suspense" (**Cartas às Igrejas Novas**). Os cristãos terão **crido** em Cristo. Mas a realidade dele mostrará como ele até excedeu a fé que tinham. Não é para se admirar que os olhos, ouvidos e coração do crente não possam agora nem começar a conceber a glória do céu (cf. I Cor. 2:9)!

3. A Oração de Paulo (1:11,12)

11 Pelo que também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação, e cumpra com poder todo desejo de bondade e toda obra de fé, 12 para que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós nele, segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.

Pelo que se refere aos versos 5 a 10. Havendo enunciado o fato do juízo, que será de recompensa e glória para os cren-

1 Antíoco Epifanes (175-164 a.C.) Perseguiu terrivelmente os judeus, tentando forçá-los a renunciar a sua fé e abraçar os costumes religiosos gregos.

2 Cf. **A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research** (New York; Doran, 1923), p. 971 e ss.

3 Cf. John Lineberry, **Vital Word Studies in II Thessalonians** (Grand Rapids: Zondervan, 1961), p. 30 e s.; também Erdman, p. 85.

tes, Paulo afirma que orava para que isto se cumprisse em seus leitores. O presente do indicativo de **rogamos** mais **sempre** expressam a constância da oração de Paulo e de seus companheiros. Ele quer dizer: "Continuamos orando sempre por vocês." Eles os cercavam com oração constante.

Para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação. Faça dignos dá a idéia de balanças de medição. A sua vida cristã devia ser tão pesada quanto a sua vocação feita por Deus. Isto não implicava na possibilidade de a vocação ser revogada. Porém, tendo sido chamados, eles deviam demonstrá-lo em suas vidas.

Vocação refere-se à eleição ou escolha dos cristãos tessalonicenses, feita por Deus (cf. I Tess. 1:4). "Vocação" neste sentido inclui a vida cristã desde o seu início até o seu clímax no céu (cf. Rom. 11:29; I Cor. 1:26; Fil. 3:14).

Todo desejo de bondade pode ser traduzido como "todo bom desejo" ou "boa resolução". A KJV e a versão antiga da IBB inserem **sua** antes de **bondade**, como se fosse a bondade de Deus. Esta palavra não ocorre no texto grego (Na versão antiga da IBB, esta palavra está em itálico, dando a entender que não consta no texto grego original). Ela está ligada com **toda obra de fé**. Ambas as coisas estão relacionadas com o crente: o seu desejo do bem e a obra inspirada pela fé. **Com poder** é tradução de poder ou divino poder. Assim, Paulo orava para que as aspirações e esforços dos seus leitores alcançassem, no poder do Espírito Santo, a frutificação.

A oração de Paulo tinha como objetivo **que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós nele. Nome** era palavra usada em lugar de toda a personalidade de alguém; assim acontece aqui a respeito do Senhor Jesus. Da mesma forma como os crentes são glorificados em Cristo, ele também é glorificado neles (cf. Rom. 8:17).

Segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo. Esta graça é estendida a todos, mas é eficiente apenas nos crentes em Cristo. No texto grego, há apenas um artigo definido com "Deus" e "Senhor". Desta forma, a sintaxe os torna um. Ambos são qualificados por "Jesus Cristo" (cf. Tito 2:13; II Ped. 1:1).

Robertson (p. 46) assim o considera. [4] Mas ele nota que algumas vezes "Senhor" é usado sem o artigo, como nome próprio: "Por isso precisa ser admitido que aqui Paulo pode querer dizer: 'segundo a graça de nosso Deus e o Senhor Jesus Cristo', embora ele também possa estar querendo dizer: 'de acordo com a graça de nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo'." Este escritor prefere a redação "nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo". Porém qualquer das duas liga em unidade as distintas manifestações da Divindade. O Novo Testamento ensina definidamente a plena deidade de Jesus Cristo (cf. João 1:1,14; 10:30-33; Col. 2:9).

III. Problemas da Parousia (2:1-12)

Este capítulo contém o objetivo central da epístola. Paulo havia falado um pouco deste assunto na primeira epístola (4:13-5:11). Porém, visto que o problema persistia, ele passa a tratá-lo mais minuciosamente. William Barclay (p. 245) diz que esta é, "indubitavelmente, uma das passagens mais difíceis de todo o Novo Testamento, e o é porque usa termos e pensamentos que eram perfeitamente familiares para as pessoas a quem Paulo estava se dirigindo, mas que são inteiramento estranhos para nós. Para as pessoas que a leram e ouviram na ocasião, ela não requeria nenhuma explicação; mas, para nós, que não temos o conhecimento local deles, ela é obscura."

Erdman (p. 88) ressalta a necessidade desta passagem hoje em dia "como teste e corretivo para muito ensinamento popular acerca do advento de Cristo". [5]

4 Cf. Lineberry, p. 35 e s.; Morris, p. 123.
5 Cf. Morris, p. 147; Bailey, p. 337; Lineberry, p. 83 e s.

Deve-se notar que Paulo usou linguagem escatológica, que precisa ser interpretada cuidadosamente. É necessário procurar-se discernir o significado que está por detrás das palavras.

1. Questão de Tempo (2:1,2)

1 Ora, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, rogamo-vos, irmãos, 2 que não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola como enviada de nós, como se o dia do Senhor estivesse já perto.

Rogamo-vos é a primeira palavra do texto grego (cf. I Tess. 4:1; 5:12). Isto mostra como este assunto era importante. **Quanto** significa, basicamente, "em favor de". Mas aqui esta palavra tem a idéia de "no interesse da verdade concernente a" (Morris, p. 124). **Vinda** é **parousias**, a presença **de nosso Senhor Jesus Cristo**. Idéias errôneas se espalharam a este respeito, e por isso Paulo estava procurando corrigi-las.

Reunião é tradução de **episunagōgēs** (cf. Heb. 10:25, reunião para a adoração cristã). Note-se a palavra "sinagoga" contida na palavra grega. Era uma reunião afim de **ekklēsia**, traduzida como assembléia ou igreja (cf. 1:1). **Com ele**, no texto grego, é **ep'auton**. Paulo tratara desta idéia em I Tessalonicenses 4:13-17. Agora ele toca em outros assuntos que cercam a segunda vinda.

Paulo roga-lhes que **não vos movais facilmente do vosso modo de pensar, nem vos perturbeis. Movais** significa ser agitado, fazer tremer como um caniço. Morris nota a idéia do mar sendo agitado por ventos e ondas. **Modo de pensar** refere-se ao aspecto mental de uma pessoa. Paulo não queria que eles fossem agitados mentalmente ou desequilibrados a respeito da volta do Senhor. **Movais** refere-se ao choque inicial; **perturbeis** significa um estado contínuo de agitação.

Três coisas poderiam causar esse estado: **espírito, palavra** e **epístola**, que passasse **como enviada de nós**, ou como através de nós. Algumas pessoas consideram "como através de nós" como cláusula relacionada aos três itens. Mais provavelmente ela se refere apenas à "epístola". **Espírito** podia ser alguém dizendo ter uma nova revelação. Palavra provavelmente se refere a uma conversação privada com Paulo, que fosse relatada (Lightfoot). **Epístola** evidentemente seria uma carta forjada, que se dissesse ser de Paulo.

A coisa em foco era a declaração de que **o dia do Senhor estivesse já perto**. "Estivesse já perto" é tradução do passado perfeito de **enistēmi**: colocar dentro, mas pode significar estar dentro, em ou perto. Algumas pessoas acham que significa "às portas" (KJV). Paulo dificilmente teria negado este fato (cf. Rom. 13:12; Fil. 4:5). Este passado perfeito pode ser considerado como presente: aproximou-se e está aqui ou presente. Se este fosse o caso naquela época, o que dizer das palavras de Paulo na epístola anterior? Significaria que eles e os seus queridos haviam deixado a **Parousia** passar despercebida. Não é de se admirar que os tessalonicenses estivessem abalados e perturbados ou que Paulo se ressentisse da carta forjada e de outras notícias falsas.

Os crentes podem ficar abalados em seu modo de pensar e se tornar como mar agitado, talvez, acerca deste assunto, mais do que quanto a qualquer outro. Por esta razão, Jesus advertiu contra os falsos sinais de sua vinda (cf. Mat. 24:4-8).

2. Homem da Iniqüidade (2:3-10a)

3 Ninguém de modo algum vos engane; porque isto não sucederá sem que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição, 4 aquele que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus. 5 Não vos lembrais de que eu vos dizia estas coisas quando ainda estava convosco? 6 E agora vós sabeis o que o detém para que a seu próprio tempo seja revelado. 7 Pois o mistério da iniqüida-

de já opera; somente há um que agora o detém até que seja posto fora; 8 e então será revelado esse iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá com a manifestação da sua vinda; 9 a esse iníquo cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás com todo o poder e sinais e prodígios de mentira, 10 e com todo o engano da injustiça para os que perecem,

O estudante deve abordar esta passagem humildemente e admitindo falta de entendimento. Sem dúvida, a linguagem de Paulo era entendida pelos seus leitores. Mas a chave para a sua plena compreensão está perdida para o povo de nossa época. No tempo de Deus ela poderá ser desvendada. Ou poderá tornar-se evidente quando esta passagem se cumprir. A curiosidade natural do homem o levará até a especular. Porém qualquer especulação deve ser reconhecida como tal.

Todavia, isto não constitui razão por que não devamos estudar esta passagem reverentemente, com muita oração e toda a capacidade de conhecimento que tivermos. O nosso propósito é examiná-la, a fim de ressaltar verdades relevantes.

De modo algum vos engane. Isto inclui os itens constantes do verso 2 ou qualquer outro esforço para desviar os tessalonicenses da verdade. Aliás, muitos esforços desses têm sido feitos através dos séculos (cf. Mat. 24:4 e ss.). **Engane** significa iluda, defraude. É uma palavra diferente da usada por Jesus em Mateus 24:4 (**planaō**; mas veja **planē**: I Tess. 2:3; II Tess. 2:11, "erro"). Precedida pela partícula negativa **me**, significa; "Não comecem a deixar qualquer um enganar vocês." **De modo algum** traduz outro negativo: **mēdena**. Assim, é uma forte advertência.

Os tessalonicenses corriam o perigo de serem enganados a respeito de duas coisas: que a **Parousia** certamente iria, ou poderia, chegar a qualquer momento; que ela já havia ocorrido, e era experiência presente para eles.

Isto não sucederá é tradução de uma palavra grega: **hoti** porque. Os tradutores complementaram o significado: exceto ou **sem que**. Certas coisas precisavam acontecer antes desse evento. A **apostasia**. Esta declaração é uma condição negativa da terceira classe, indeterminada, mas tendo a perspectiva de que será determinada (Robertson). Paulo reconhecia que estava falando de um acontecimento colocado ainda no futuro, a que distância ele não podia dizer. "Apostasia" com o artigo definido aponta para uma ocorrência definida. Esta palavra grega, **apostasia**, é transliterada em português. É também chamada de "revolta" (A Bíblia na Linguagem de Hoje). O verbo grego do qual ela se origina significa cair de algo. Foi usada no grego clássico para designar revolta ou rebelião. Os papiros assim a usam. [6] Essa rebelião ou apostasia precisa vir **primeiro**, antes da volta do Senhor.

O que é esta apostasia, Paulo não explica. Aparentemente, se refere a uma rebelião crescente contra Deus, da parte dos não-salvos. "O pensamento de Paulo é que nos últimos tempos haverá uma notável manifestação dos poderes do mal, que se unirão para lutar contra Deus... É como se Satanás estivesse lançando todas as suas forças, em um último esforço desesperado" (Morris, p. 126; cf. Apoc. 19:19,20). Esta apostasia não será do povo de Cristo, mas dos que se lhe opõem.

Como fato culminante desta apostasia, **o homem do pecado** (alguns manuscritos dizem "da iniqüidade") é **revelado** (cf. Orr, p. 1975 e ss.; M. N. Tod, p. 2969 e s.). "Revelado" é o mesmo verbo **apokaluptō** usado em relação a Cristo (cf. 1:7). Da mesma forma como Cristo é manifesto, este homem do pecado também se manifestará. "Pecado" é tradução de **anomias** (**nomos**, lei; e o alfa privativo, significando "sem lei"). Seja pecado ou iniqüidade, o significado é o

6 Herschel H. Hobbs, **Preaching Values From the Papyri** (Grand Rapids; Baker, 1964), p. 25; cf. Lineberry, **op. cit.**, p. 41 e s., que considera "revolta" (apostasia) como o "arrebatamento da Igreja", I Tess. 4:13 e ss.

mesmo, pois pecado é rebelião contra Deus e sua lei.

Quem é este homem do pecado? Que ele é um indivíduo definido, verifica-se mediante o artigo definido usado tanto com "homem" quanto com "pecado". Várias posições têm sido assumidas: (1) que Paulo estava especulando, e não devia ser levado a sério; (2) que ele se refere a uma pessoa que vivia naquela época, como um imperador; (3) que ele dá a entender o papa romano e o seu sistema; (4) que é uma pessoa real ainda por ser revelada.

Quem crê que Paulo estava sendo divinamente inspirado deve rejeitar a primeira posição, como faz este escritor. Em vista da história subseqüente, dificilmente pode-se confirmar a segunda ou a terceira posições. Cristo ainda não veio. Portanto, a quarta posição deve ser a verdadeira.

Sem dúvida, **o mistério da iniqüidade** já estava em operação na época de Paulo (v. 7). Este pode ser identificado com o imperador e/ou com a oposição de Roma à causa cristã. Neste sentido, ele pode referir-se a toda oposição que se levanta contra o cristianismo, seja por que poder for, uma oposição que opera através dos séculos. Mas os versos 3-6,8 parecem apontar para uma pessoa definida. É difícil distinguir claramente entre "o mistério da iniqüidade" e o "homem do pecado". O primeiro parece estar evidente através dos séculos, em qualquer pessoa e em todos os que se opõem a Cristo. Mas, antes da volta de Cristo, esta iniqüidade será vista em uma pessoa tão terrível que personificará toda essa oposição.

Ele não será um falso cristo (Mat. 24:5), mas alguém que se oponha a Cristo, um anticristo. João disse que havia naquela época e haveria depois muitos anticristos ou **antichristoi** (plural; cf. I João 2:18). Mas, no mesmo versículo, ele falou de **antichristos** (singular), embora sem o artigo definido nos melhores manuscritos. Contudo, pode significar anticristo, alguma pessoa de grande impiedade, que se opõe a Cristo. Embora Paulo não usasse este título, evidentemente ele estava se referindo ao anticristo.

O filho da perdição (cf. João 17:12, acerca de Judas, mas aqui com relação ao homem do pecado) é alguma pessoa destinada à perdição ou a ser destruída. Ela será revelada, mas não prevalecerá.

Em seguida, Paulo o descreve. Ele **se opõe**; ele é o arqui-rebelde contra Cristo; por isso, é anticristo. Ele **se levanta**, se exalta acima dos outros todos. Cristo é exaltado por Deus (cf. Fil. 2:9-11), mas o homem do pecado se exalta a si mesmo. Ele é **contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração. O que se chama Deus** provavelmente significa tudo o que é chamado de Deus, seja o verdadeiro, sejam os deuses pagãos, acima de qualquer forma de divindade. Isto se estende ainda mais, para abranger qualquer **objeto de adoração**, toda sorte de objetos de veneração (santuários, altares ou imagens).

Sobretudo, ele **se assenta no santuário de Deus** — ou "de forma a assentar-se" no templo (**naos**, Santo dos Santos) de Deus. Algumas pessoas consideram esta passagem como baseada na declaração de Calígula de que era Deus e em seus esforços para ter a sua imagem colocada no **naos** do Templo de Jerusalém (cf. Dan. 11:36). Porém o homem do pecado se assentará pessoalmente, e não colocará uma sua imagem no **naos. Apresentando-se como Deus**. A curiosidade desejaria que Paulo prosseguisse em sua descrição. Mas ele a deixou aí, possivelmente porque o que dissera já era suficientemente e perfeitamente claro para os seus leitores.

Não vos lembrais de que vos dizia estas coisas...? Ele abordara este assunto quando estava em Tessalônica. Talvez tivesse então explicado este assunto mais detalhadamente. Por isso, ele presumia que eles o conhecessem.

Sabeis (veja o comentário sobre I Tess.

1:4) **o que o detém. Detém** é tradução de um particípio neutro do verbo reter (I Tess. 5:21; Filem. 13) ou guindar. A segunda acepção se aplica aqui. No v. 7, **que... detém** é tradução de um particípio masculino do mesmo verbo. A detentora era uma coisa ou uma pessoa? Evidentemente ambas. O que retinha o homem do pecado naquela época provavelmente era o governo civil do Império Romano (coisa) personificado pelo imperador (pessoa). Este poder restritor pode ser visto através das épocas como um governo constituído e aqueles que o administram. Roma passou de cena. Mas outros governos se lhe seguiram. Aparentemente, Paulo indica um tempo quando tal restrição será removida. O homem do pecado (ou da iniqüidade) exercerá tal poder tirânico, que eliminará as limitações governamentais. Ele agirá como quiser. Deus ordenou o governo para assegurar uma sociedade ordeira. Mas, no seu tempo, ele permitirá que esse homem do pecado aja sem restrição. E o homem do pecado não será revelado até que aquele que agora restringe **seja posto fora**. Então ele será revelado, **a seu próprio tempo**. Não no tempo do homem do pecado, mas no tempo de Deus. A despeito da rebelião, Deus ainda estará no controle dos acontecimentos. Em seu próprio tempo, ele removerá a restrição, para que o homem do pecado possa ser revelado em seu caráter verdadeiro.

A respeito do homem do pecado (ou da iniqüidade), Wilbur Smith comentou: "Ele será um inimigo ferrenho e arrogante de Deus, blasfemo, pessoa desprezível, que honrará o deus das forças, o deus da guerra, dirigente mundial dos últimos dias, supremo inimigo de Deus" (Lineberry, p. 43). Moffatt (p. 49) disse: "Ele é o messias de Satanás, uma caricatura infernal do verdadeiro Messias." Da mesma forma como Deus vai revelar o seu Messias em glória, o messias de Satanás será revelado em vergonha."

Bailey insiste que Paulo não estava falando a respeito de um princípio, mas de uma pessoa. Os que procuram identificar o iníquo com alguma figura histórica (Hitler, Mussolini, Stalin, o papado) "estão deploravelmente enganados" (Bailey, p. 329). "O homem do pecado será uma figura pessoal, que terá todas as características destas duas figuras históricas (Antíoco Epifanes e Calígula), que procuraram destruir ou profanar o Santo dos Santos em Jerusalém" (Bailey, p. 330).

O mistério da iniqüidade já opera. Mistério era algo desconhecido dos homens, impossível de ser descoberto pela razão humana, mas revelado por Deus em seu devido tempo (cf. Ef. 3:3-5). Forças malignas que se opõem a Deus já estão em operação no mundo. Mas elas não conseguirão chegar à sua consumação enquanto o poder restritor não for removido.

E então será revelado esse iníquo, só para ser morto pelo Senhor Jesus **com o sopro de sua boca** (cf. Apoc. 19:21) — não com espadas de aço ou armas nucleares. Isto mostra com que facilidade Cristo dará fim ao anticristo (cf. Is. 11:4; Jó 4:8,9). Em vista de Efésios 6:17b, Hebreus 4:12 e s. e Apocalipse 19:21, é o sopro de sua boca a verdade que vence tudo o que é falso? Por ocasião da **manifestação** e **vinda** de Cristo, palavras que aqui se referem à mesma coisa, ele não apenas **matará** o iníquo, mas também o **destruirá**. "Destruirá" é tradução de **katargeō**, tornar inoperante ou inútil, como uma máquina que é desligada de sua fonte de força. Isto é expresso nos versos 9 e 10. Cristo não apenas matará o iníquo, mas também tornará inoperantes as suas falsas obras milagrosas. Na presença daquele que é verdade, o falso será revelado em sua verdadeira natureza, e por este motivo se tornará inoperante.

O iníquo não é **Satanás**, mas opera pela **eficácia**, o poder de Satanás, que lhe propicia forças. Ele operará com todo o **poder** (**dunamei**), **sinais** (**sēmeiois**, cf.

João 2:11) e **prodígios** (**terasin**). Estas são as palavras usadas em relação aos milagres de Jesus. A primeira fala do poder em operação, a segunda tem a conotação do significado da obra e a terceira se refere ao efeito sobre os que a vêem (Morris, p. 132). Só aqui estas obras são qualificadas de **mentira**, ou falsas. Os milagres de Cristo eram verdadeiros; os do iníquo serão **de mentira**. Ele operará **com todo o engano da injustiça para os que perecem** ou os que serão **julgados**. Quanto a esta palavra, veja 1:9.

Como pode ser resumida esta passagem? A iniqüidade opera constantemente no mundo, e consiste, na verdade, em rebelião contra Deus. Mas é restringida pelo poder do governo civil. Na época de Paulo, eram o Império Romano e o César. Mas este princípio se aplica através de toda a história. Em alguma época futura, esta iniqüidade será tão grande que Deus retirará o poder que a restringe. A rebelião será exuberante e irrestrita. Nessa ocasião surgirá o homem do pecado. Ele enganará os homens que se recusaram a crer na verdade do evangelho (cf. Mat. 24:24). Ele fará isto, operando falsos sinais sendo imitações dos milagres de Jesus. Ele desafiará toda a semelhança de divindade e adoração divina, assumindo um lugar no templo de Deus, procurando substituir Deus, e se proclamará Deus. Quando ele chegar a este extremo de iniqüidade contra Deus, Cristo aparecerá, para consumi-lo e tornar a sua obra ineficiente — e isto pelo sopro da boca de Cristo!

Há um paralelo a isto no ministério terreno de Jesus. Durante todo o seu ministério, ele sofreu a oposição dos que eram contra ele e que agiam sob o poder de Satanás. Quando foi preso, Jesus disse: "Esta é a vossa hora e o poder (**exousia**, aqui poder irrestrito ou tirania) das trevas" (Luc. 22:53). Era a hora do poder irrestrito das trevas. Em certo sentido, Deus disse que o Maligno estava livre para fazer a sua pior obra, a ponto de matar o Filho de Deus. De que outra forma podemos explicar o que foi feito a Jesus, daquele ponto até a sua morte? Porém Deus ainda venceria, como aconteceu na ressurreição de Jesus.

Assim, no fim desta era o poder irrestrito do homem do pecado será derrotado pelo sopro de sua (de Cristo) boca. Deus alcançará a vitória final, e Jesus Cristo será o "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Apoc. 19:16).

3. **Homens de Engano** (2:10b-12)

porque não receberam o amor da verdade para serem salvos. 11 E por isso Deus lhes envia a operação do erro, para que creiam na mentira; 12 para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na injustiça.

Porque introduz a razão pela qual os incrédulos serão enganados e, em conseqüência perecerem. **Não receberam** é, literalmente, no texto grego: "eles não receberam o (não deram, para si mesmos, as boas-vindas ao) amor à verdade." O amor à verdade ou ao evangelho está em contraposição à mentira e engano dos inimigos de Cristo. Eles creram nestas coisas, e não em Cristo (cf. João 8:44-47). **Para serem salvos**. Eles poderiam ter sido salvos tão-somente crendo e entregando-se Àquele que é a verdade. A verdade trouxe a salvação; a falsidade resultou em separação eterna de Deus.

Por isso refere-se ao verso 10b. **Deus lhes envia a operação do erro**. Ele não fará isso arbitrariamente. Ele os entregará à sua própria escolha deliberada (cf. Rom. 1:24,26,28). Em certo sentido, ele retira todo impedimento quando eles rejeitam o amor da verdade, em favor da mentira de Satanás, através do iníquo. Desta forma, eles se apressam para a sua própria destruição. O pecado dá o seu fruto. Neste caso, ele é uma forte ilusão ou uma operação de engano ou erro. Robertson (p. 53) comenta: "Resultado terrível da rejeição voluntária da verdade de Deus"; e também: "aqui está o ato judicial definido de Deus (Milligan), que entrega os iníquos ao mal que

eles escolheram deliberadamente." O começo do pecado é abandonar Deus; o fim do pecado é ser abandonado por Deus. O resultado é **para que creiam na mentira**. Deus não deseja isso, mas será o resultado natural da obra de sua lei moral e espiritual.

Julgados pode ser "que sejam condenados", pois o resultado desse julgamento será a condenação. Rejeitando a verdade, eles **tiveram prazer na injustiça** (cf. Rom. 1:32). Eles se regozijaram no mal. Ao invés de desfrutarem Deus, eles desfrutaram o pecado — porém, somente durante um período de tempo. O seu fim foi/é perecer (cf. João 3:16; Rom. 6:23).

IV. Ação de Graças e Encorajamento (2:13-17)

1. Gratidão Pelos Santos (2:13,14)

13 Mas nós devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos, amados do Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, mediante a santificação do Espírito e a fé na verdade, 14 e para isso vos chamou pelo nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

A respeito de **devemos... dar graças**, ver 1:3. A respeito de **irmãos, amados**, veja I Tessalonicenses 1:4. Aqui, eles o são do Senhor, e não de Deus; do Senhor Jesus, em lugar de Deus Pai. Note-se novamente o uso indiferente das pessoas da Divindade. **Escolheu** é tradução de **haireō** (tomar), usado na Septuaginta a respeito de Israel (cf. Deut. 26:18). Refere-se à eleição (cf. I Tess. 1:4, onde um verbo diferente é usado). **Desde o princípio para a salvação** ou para serem salvos. Esta escolha estava em Cristo, ou em todos os que creram em Cristo. Era a escolha eterna de Deus (cf. I Cor. 2:7; Ef. 1:4). Esta foi efetuada **mediante** (**en**, na esfera de) **a santificação** (consagração, separação para o serviço de Deus) **do Espírito e a fé na verdade**. Isto foi realizado pelo Espírito Santo, quando os tessalonicenses creram na verdade do evangelho. Note-se **nosso evangelho** (cf. I Tess. 1:5; 2:8; 3:2). Deus "elegeu" que Paulo e seus companheiros pregassem o evangelho e que os tessalonicenses nele cressem. **Para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo**. Em I Tessalonicenses 5:9, era para obter a salvação, mas aqui a glória — porém ver o verso 13. Glória não é algo acrescentado à salvação, mas explica-a. Todavia, embora os crentes participem da glória de Cristo, aqui, ela será plenamente realizada no céu (cf. João 17:22; Rom. 8:17).

2. Desafio aos Santos (2:15)

15 Assim, pois, irmãos, estai firmes e conservai as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa.

Da gratidão Paulo passa para a exortação. **Assim, pois**, ou desta forma, relaciona os versos 13 e 14 e o 15. **Estai firmes e conservai as tradições**. Ambos os verbos são presentes do imperativo ou ordens para que se tenha o hábito de fazê-lo. **Conservai** é tradução de **krateō**, agarrar ou apossar-se de algo. As tradições eram os ensinamentos transmitidos de um a outro. Esta palavra pode ser usada em sentido pejorativo (cf. Mar. 2:8; Col. 2:8) ou no bom sentido (cf. I Cor. 11:23). Aqui verifica-se o segundo caso. Com o artigo definido, ela se refere a tradições ou ensinos em particular, os de Paulo e seus companheiros, o evangelho e outros ensinamentos cristãos. **Por palavra**, oralmente (enquanto estava em Tessalônica) ou **por epístola** (I Tess.). A despeito da perseguição e dos falsos ensinos, eles deviam ficar firmes na verdade.

3. Oração em Favor dos Santos (2:16,17)

16 E o próprio Senhor nosso, Jesus Cristo, e Deus nosso Pai, que nos amou e pela graça nos deu uma eterna consolação e boa esperança, 17 console os vossos corações e os confirme em toda boa obra e palavra.

Note-se **Senhor nosso, Jesus Cristo** antes de **Deus nosso Pai**. Geralmente,

Paulo mencionava em primeiro lugar o Pai (mas ver II Cor. 13:13). Aqui **o próprio** está em primeiro lugar na sentença grega; por isso, é enfático. Paulo enfatizou o Senhor Jesus Cristo por causa da sua proeminência no verso 14. A vocação de Deus estava em Cristo. Contudo, **amou** e **deu** são particípios singulares. Referem-se apenas a Deus nosso Pai? Ou a ambas as pessoas da divindade? Robertson (p. 55) considera que elas se referem ao Pai. Mas ele cita Lightfoot: "Embora seja difícil imaginar de que outra forma São Paulo teria expressado o seu pensamento, se ele pretendesse referir-se ao Filho tanto quanto ao Pai. Provavelmente, nas obras de Paulo, não há nenhum exemplo de adjetivo ou verbo no plural, quando as duas pessoas da Divindade são mencionadas." Paulo as considerava distintas, mas como uma só.

Console e **confirme**, ambos aoristos de ação aguda, expressam um desejo para todo o futuro (cf. I Tess. 3:2). Como Timóteo havia feito estas coisas por ocasião de sua visita, Paulo desejava que Deus fizesse o mesmo no futuro em **toda** (ou cada) **boa obra e palavra**.

V. Exortações aos Tessalonicenses (3:1-15)

1. Pedido de Oração (3:1,2)

1 Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada, como também o é entre vós, 2 e para que sejamos livres de homens perversos e maus; porque a fé não é de todos.

Finalmente pode ser considerado como introdução do encerramento da epístola. Porém esta palavra mais provavelmente introduz o restante da epístola (**to loipon**, o resto, quanto ao mais; cf. I Tess. 4:1). Vários assuntos ainda precisavam ser tratados. **Orai** está no presente: continuem orando. **Por nós** (**peri hēmōn**): rodeai-nos com uma atmosfera de oração. Paulo pediu orações por duas coisas, introduzidas por **hina**, para que. **Para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada.** Os verbos **se propague** e **seja glorificada** falam dos jogos gregos, onde um corredor se distanciava dos seus oponentes, para ganhar a corrida. O presente do subjuntivo de ambos os verbos significa que a palavra de Deus pode continuar correndo e vencendo, por toda parte, como fizera em Tessalônica. Paulo gostava de termos atléticos (cf. I Cor. 9:24 e ss.; Gál. 2:2; Fil. 2:16; II Tim. 4:7 e s.).

Para que sejamos livres (libertados) **de homens perversos e maus.** Note-se a ordem. Paulo estava mais interessado no sucesso do evangelho do que em sua segurança pessoal. Ele estava em Corinto, cidade ímpia e má, onde **não... todos** tinham fé; de fato, poucos (cf. At. 18:9-11). É humano desejar segurança pessoal; é divino preferir o sucesso do evangelho.

2. Fidelidade a Deus (3:3-5)

3 Mas fiel é o Senhor, o qual vos confirmará e guardará do Maligno. 4 E, quanto a vós, confiamos no Senhor que não só fazeis, mas fareis o que vos mandamos. 5 Ora, o Senhor encaminhe os vossos corações no amor de Deus e na constância de Cristo.

Fiel é o Senhor, ou digno de confiança (cf. I Cor. 1:9). Os cristãos tessalônicenses podiam depender dele, não importava quão perversos pudessem ser os homens. Ele os **confirmará** e **guardará**, como sentinela, de todo ataque **do Maligno**. "Maligno" pode referir-se a Satanás, ou ao mal, encontrado nos homens maus. Na verdade, ambas as idéias são corretas. Eles não precisavam ter medo do que Satanás, através dos seus servos, podia fazer contra eles. Paulo tinha confiança (**confiamos**) **no Senhor** a respeito deles e de sua obra, que ele ordenara por autoridade apostólica. A sua confiança estava na esfera do Senhor, que é **fiel. Encaminhe** é tradução de um verbo que dá a idéia de tornar plano e reto (cf. I Tess. 3:11). **Constância** ou firmeza é tradução de **hupomonē** (cf. I Tess. 1:3).

Da mesma forma como Cristo suportou e triunfou, eles também deviam fazer.

Paulo escreveu de Corinto. É interessante o que ele mais tarde escreveu aos coríntios. I Coríntios 1:9 começa assim: "Fiel é Deus." I Coríntios 15:58 diz: "Portanto... sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor." Ambos os versículos formam um parêntese que inclui todos os problemas de Corinto. Deus era fiel em ajudá-los nos problemas. "Portanto..." Era isto que Paulo estava dizendo em II Tessalonicenses 3:3-5.

3. **Como Agir com os Desordeiros** (3:6-13)

6 Mandamo-vos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebestes. 7 Porque vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos, pois que não nos portamos desordenadamente entre vós, 8 nem comemos de graça o pão de ninguém, antes com labor e fadiga trabalhávamos noite e dia para não sermos pesados a nenhum de vós. 9 Não porque não tivéssemos direito, mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes. 10 Porque, quando ainda estávamos convosco, isto vos mandamos: se alguém não quer trabalhar, também não coma. 11 Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente, não trabalhando, antes intrometendo-se na vida alheia; 12 a esses tais, porém, ordenamos e exortamos por nosso Senhor Jesus Cristo que, trabalhando sossegadamente, comam o seu próprio pão. 13 Vós, porém, irmãos, não vos canseis de fazer o bem.

Paulo reservou estas palavras fortes para o fim. Lendo esta epístola, bem como I Tessalonicenses, os seus leitores não podiam duvidar que ele lhes escrevera com amor. Mas escreveu com autoridade (ordem) apostólica, em nome ou na autoridade **do Senhor Jesus Cristo** (cf. I Tess. 4:2).

Devido à confusão em que estavam, quanto ao tempo da volta do Senhor, alguns tessalonicenses, pensando que ela se daria imediatamente, haviam parado de trabalhar. Haviam-se tornado perturbadores ociosos. Paulo ordena a seus leitores que se afastassem (**vos aparteis**) **de todo irmão** (qualquer cristão) **que anda desordenadamente**, ociosamente, de maneira contrária à **tradição** dele, Paulo (cf. 2:15). **Anda desordenadamente** contém a idéia de sair das fileiras de um exército (cf. I Tess. 5:14) por causa de ociosidade ou vadiagem. Paulo ainda chama tais pessoas de "irmãos", mas recomenda que os seus leitores desaprovassem as suas ações.

Sabeis (cf. I Tess. 1:4). **Imitar** (cf. I Tess. 1:6). **Deveis** expressa uma necessidade moral e espiritual. Paulo estava referindo-se ao exemplo dado por ele e seus companheiros enquanto em Tessalônica. Eles não haviam ficado ociosos nem sido desordeiros, mas marchado na fileira como verdadeiros soldados (cf. v. 6). **Nem comemos de graça o pão de ninguém** (cf. II Cor. 11:7 e ss.). "De graça" é tradução de **dōrean**, de presente. Bailey (p. 336) traduz esta palavra como "gratuitamente". Embora tivesse se hospedado com Jáson, aparentemente Paulo pagou pensão. Mas o importante é que ele e seus companheiros tinham motivações puras a este respeito. Com respeito a **labor e fadiga, noite e dia** e **pesados**, veja I Tessalonicenses 2:9.

Não porque não tivéssemos esse **direito** (cf. I Tess. 2:6; II Cor. 9:4). Como servos do Senhor eles poderiam ter esperado sustento (cf. Luc. 10:7; I Tim. 5:18). Mas eles abriram mão desse direito a fim de serem um **exemplo** que os tessalonicenses pudessem imitar. Freqüentemente Paulo era acusado de motivações egoísticas. Mas a sua resposta era sempre a mesma (cf. I Cor. 9:3-27). Isto não proíbe um ministério pago. Pelo contrário, isto o ensina. Por vezes Paulo recebeu ofertas (cf. Fil. 4:14-17). Mas ele seguia o seu próprio padrão, a fim de tornar infundadas as acusações dos seus inimigos.

Em Tessalônica, ele havia ensinado operosidade (v. 10). **Se alguém não quer trabalhar, também não coma**. Robertson

(p. 59) sugere que este era um provérbio hebraico baseado em Gênesis 3:19. Através de Timóteo, Paulo havia ouvido dizer de pessoas que andavam **desordenadamente, não trabalhando**, embora o presente do verbo **ouvimos** sugira mais do que uma notícia. Podia ser: "temos ouvido de tempos em tempos." Três particípios presentes descrevem esta situação: **andam desordenadamente (peripatountas... ataktōs**: vagueando fora das fileiras); **não trabalhando (mēden ergazomenous**: não trabalhando de modo algum); **intrometendo-se na vida alheia (periergazomenous**, trabalhando ao redor). Note-se as palavras gregas semelhantes no segundo e terceiro particípios: "não trabalhando de modo algum" e "trabalhando ao redor". Moffatt (p. 53) nota que o problema de Paulo, em Tessalônica, havia sido ocasionado por ociosos (At. 17:5). Agora, era da parte destas pessoas que "não estavam ocupadas, mas metendo-se na ocupação dos outros". Robertson (p. 60) comenta: "Esses parasitas teológicos eram 'piedosos' demais para trabalhar, mas perfeitamente dispostos para comer às custas dos seus irmãos, enquanto se ocupavam de ninharias e malbaratavam o tempo ociosamente." [6]

Ordenamos e exortamos por nosso Senhor Iesus Cristo. Palavras fortes de Paulo, o apóstolo, baseadas na autoridade divina. O quê? Literalmente: "que com quietude" (tranqüilidade interior, oposta ao estado de excitação daqueles que se metiam na vida alheia), "continuando a trabalhar, eles continuem comendo o seu próprio pão."

Aos ordeiros, Paulo disse: **Irmãos, não vos canseis de fazer o bem.** No texto grego, vós (**humeis**) está expresso, primeiro na sentença e depois presente no verbo **canseis**; assim, há uma dupla ênfase. Vós, em contraposição aos que andam desordenadamente. O verbo, um subjuntivo aoristo precedido pela negativa **mē**, significa "não comeceis a vos cansardes". **Canseis** é tradução do verbo **egkakeō** (de **en**, em, e **kakos**, mal): tornar-se cansado, cansar, desanimar, desesperar ou agir mal. Exceto em Lucas 18:1, ela ocorre apenas nas cartas de Paulo (II Cor. 4:1, 17; Gál. 6:9; Ef. 3:13; II Tess. 3:13). **Fazer o bem** é tradução de um verbo que significa fazer bem lindamente, honrosamente. Ele é encontrado apenas aqui em todo o Novo Testamento, porém usado na Septuaginta e em um papiro posterior (Robertson). [7] Assim, não vos porteis mal em fazer o bem. Se traduzido como cansar, agir mal ou desaminar, também faz sentido. Esta é uma exortação necessária constantemente.

4. Como Agir com os Desobedientes (3:14,15)

14 Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai-o e não tenhais relações com ele, para que se envergonhe; 15 todavia, não o considereis como inimigo, mas admoestai-o como irmão.

Robertson chama o verso 14 de "ultimato". Visto que aqueles arruaceiros não haviam dado ouvidos a I Tessalonicenses, ele lançou este desafio. **Notai-o** significa colocar um sinal nele, marcá-lo, etiquetá-lo como perturbador. Esta palavra, em todo o Novo Testamento, só se encontra aqui. O substantivo **sēmeion** (sinal) é usado 27 vezes, sendo 13 vezes no Evangelho de João, para designar os Milagres de Jesus (cf. também II Tess. 2:9). Mas o verbo é encontrado freqüentemente nos papiros.

Não tenhais relações com ele, ou não andeis com ele. O objetivo é **que se envergonhe**. A idéia é que ele possa mudar de pensamento a respeito de si mesmo, para reconhecer o que está fazendo.

Não o considere como **inimigo**, mas **admoestai-o como irmão**. Ele não deve ser odiado, mas considerado como

6 Cf. Morris, p. 147; Bailey, p. 337; Lineberry, p. 83 e s.

7 Moulton e Milligan, p. 318.

irmão. A respeito de "admoestar", veja I Tessalonicenses 5:12. A disciplina eclesiástica precisa sempre objetivar a recuperação, e não a destruição ou a quebra da comunhão com a pessoa indesejável. Demasiadas vezes os membros da igreja simplesmente denunciam e destroem pessoas que aparentemente não estão agindo bem. Todo esforço possível deve ser feito para recuperar e fortalecer o irmão achado em falta.

VI. Conclusão (3:16-18)

1. Oração em Favor dos Santos (3:16)

16 Ora, o próprio Senhor da paz vos dê paz sempre e de toda maneira. O Senhor seja com todos vós.

A respeito deste versículo, veja I Tessalonicenses 5:23. Aqui, Paulo usa **Senhor**, em vez de "Deus", mas com o mesmo sentido. O terno coração de Paulo se derretia por seus amigos em oração: **sempre e de toda maneira**, pedindo paz no coração e na comunhão (cf. João 14:27).

2. Sinal de Autenticidade de Paulo (3:17)

17 Esta saudação é de próprio punho, de Paulo, o que é o sinal em cada epístola; assim escrevo.

Literalmente: "a saudação pela mão minha, de Paulo." Paulo ditava as cartas a um amanuense. Nessa altura, ele tomou da pena e escreveu uma saudação final: **o sinal em cada epístola. Sinal** (sēmeion, cf. 3:14). Da mesma forma como Paulo dissera aos seus leitores para colocarem uma etiqueta em todos os perturbadores, ele coloca a sua etiqueta de autenticidade nesta carta. Era como salvaguarda contra cartas forjadas (cf. 2:2). Alguns intérpretes consideram este fato como evidência de que esta era a sua primeira carta aos tessalonicenses. É mais provável que a sua primeira epístola tenha sido seguida por uma falsa, feita por um falsário. Por isso, Paulo adotou este método de provar que as suas cartas eram genuínas (cf. I Cor. 16:21; Gál. 6:11; Col. 4:18). Filemom pode ter sido escrita inteiramente por Paulo (v. 19). Porém pode ser que ele tenha tomado da pena para prometer pagamento a Filemom com a sua própria caligrafia.

Morris (p. 151) nota que o fato de Paulo não dizer nada a respeito dela em outras cartas não significa que ele nem sempre o fazia, mas que ele não o enfatizava. Ele também cita um exemplo de Deissmann, de uma carta escrita por uma pessoa, com a saudação final feita por outra.

Assim escrevo. Isto era evidência de que provinha de Paulo. Eles reconheceriam a sua caligrafia. Pode-se participar do sentimento de Robertson (p. 61): "Se a cópia autografada pudesse ser encontrada!"

3. Bênção (3:18)

18 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós.

Esta é a mesma bênção de I Tessalonicenses 5:28, exceto que aqui ele acrescenta **todos**. Ele não exclui os perturbadores. Embora discordasse deles. Assim mesmo os tratava como irmãos (v. 15). Esta atitude seria uma bênção sobre todos, em seu relacionamento com todos os cristãos.

I e II Timóteo e Tito

E. GLENN HINSON

Introdução

I e II Timóteo e Tito, desde 1703 chamadas, costumeiramente, de "Epístolas Pastorais", confrontam os estudantes do Novo Testamento com um dos seus principais enigmas. Por um lado, elas se jactam de ter fortes evidências externas e internas de que são obra de Paulo. Por outro lado, manifestam suficientes peculiariedades internas, em comparação com outras cartas que ostentam o nome dele, de modo que muitos estudiosos têm questionado a autoria delas como sendo de Paulo. Qualquer pessoa seriamente interessada em conhecê-las precisa examinar, com a maior exatidão possível, os problemas nelas contidos.

I. As Pastorais na História da Igreja

As evidências externas favorecem a autoria paulina destas cartas. Primeiramente, Clemente (c. 96 d.C.) e Inácio (c. 110-117) possivelmente aludiram a elas em vários lugares. [1] Em uma carta aos filipenses (não posterior a 135 d.C., mas, provavelmente, de cerca de 115), Policarpo citou de maneira quase inquestionável I Timóteo e, provavelmente, II Timóteo e Tito. Os espúrios **Atos de Paulo** (c. 160), Irineu (185-189), Clemente de Alexandria (190-200), Tertuliano (c. 200) e o Cânon Muratoriano (c. 175-200) as atribuem nominalmente a Paulo. A versão siríaca do Novo Testamento, publicada em c. 150-200, continha todas as três. Eusébio de Cesaréia, [2] um cuidadoso crítico dessas matérias, relacionou-as entre as obras de Paulo "reconhecidas universalmente" e "indisputadas".

É verdade que Marcião, o suposto paulinista de Ponto, não as incluiu em seu cânon. No entanto, Tertuliano, [3] provavelmente, relatou exatamente que Marcião as "rejeitou" devido às suas provisões em relação à disciplina eclesiástica. Basilides e Valentino, príncipes gnósticos, também as rejeitaram; mas o sucessor de Valentino, Heracleon, citou II Timóteo 2:13. [4] Taciano, fundador da seita conservadora Encratite, em c. 170, curiosamente rejeitou I e II Timóteo, mas aceitou Tito. [5] Embora o manuscrito, em papiro, recentemente descoberto, das cartas de Paulo, P^{46} (datado de c. 250), careça das Pastorais e de Filemom, muitos eruditos acham que a compressão gradual das cartas, executada pelo escriba à medida que se aproximava o fim do manuscrito, lhe permitiria incluir estas obras nas sete páginas que estão faltando, mesmo que só as Pastorais normalmente requeressem oito folhas. [6]

Da segunda metade do segundo século até o XIX, a autenticidade das Pastorais

1 Veja **The New Testament in the Apostolic Fathers** (Oxford: Clarendon Press, 1905), p. 50,51,71-73.

2 **Church History**, 3.3.5.
3 **Contra Marcião**, 5.21.
4 Clemente de Alexandria, **Stromateis**, 4.9.72.
5 Jerônimo, Prefácio ao **Comentário a Tito.**
6 Cf. M. J. Lagrange, **Critique textuelle** (Paris: J. Gabalda & Cie., 1935), II, 652 e s.

foi reconhecida sem objeções. As primeiras expressões de dúvida, a introdução de J.E.C. Schmidt ao Novo Testamento (1804) e o ensaio de F. E. D. Schleiermacher a respeito de I Timóteo (1807) contestaram a autenticidade somente de I Timóteo. Subseqüentemente, em vista da semelhança óbvia destas cartas, a autenticidade das três foi questionada por J. G. Eichhorn (1812) e outros. Eruditos contemporâneos se dividem em três campos, mais ou menos definidos: (1) os que sustentam a autoria paulina, (2) os que atribuem as três cartas, em sua totalidade, a um autor posterior e (3) os que atribuem essas cartas, em sua forma presente, a um escritor ou escritores posteriores, mas admitem "fragmentos" genuínos.

II. O Problema das Pastorais

O problema das Pastorais é **interno**. Cinco argumentos têm sido apresentados contra a autoria paulina: (1) O vocabulário, gramática e estilo variam decisivamente em relação às outras cartas de Paulo. (2) A doutrina, embora paulina, é pós-paulina, o reflexo de uma segunda ou terceira geração de cristãos sobre os pensamentos de Paulo. (3) A organização eclesiástica retratada nelas é mais elaborada, e, necessariamente, posterior à época pressuposta quanto às outras obras de Paulo. (4) A heresia atacada, provavelmente o gnosticismo, é posterior. (5) Os dados históricos registrados nelas não podem ser enquadrados na estrutura da vida de Paulo conforme é registrada no livro de Atos.

Embora este comentário vá pressupor a autoria paulina destas epístolas, porque este ponto de vista apresenta menos problemas do que os outros, é necessário dar alguma resposta a cada um dos cinco argumentos.

1. **Vocabulário, Gramática e Estilo.** O mais forte argumento contra a autoria paulina é o do ponto de vista do vocabulário, gramática e estilo. P. N. Harrison [7] provou, conclusivamente, que, da maneira como elas estão, as Pastorais contêm uma porcentagem mais alta de palavras não encontradas em qualquer outra carta de Paulo e de palavras não encontradas em qualquer outro livro do Novo Testamento do que as outras dez cartas que contêm o nome de Paulo; deixam de usar algumas palavras-chave paulinas e usam algumas palavras de maneira diferente. Ele também demonstrou inúmeras peculiaridades de gramática e estilo.

Várias teorias têm sido aventadas para explicar estas peculiaridades: (1) o uso de um amanuense ou secretário, (2) a idade de Paulo e (3) variações naturais de vocabulário e estilo de qualquer escritor inteligente. Embora cada uma destas teorias possa ser a causa de razões **menores**, são inadequadas para explicar o caráter radical das mudanças, a ponto de satisfazer à maioria dos eruditos. Pode-se defender muito mais fortemente a autoria paulina reconhecendo-se a influência de materiais pré-formulados sobre o vocabulário, estilo e até pensamento. O fato é que as Pastorais contêm um grande número de citações e quase-citações, algumas indicadas por fórmulas introdutórias, tiradas de fontes primitivas, mais antigas. Estes materiais tradicionais consistem de hinos ou confissões de fé, catálogos de virtudes ou vícios, códigos éticos, doxologias, provérbios populares, citações da Escritura e outros materiais. (Veja o tratamento do texto dessas citações encontradas nas Pastorais.) O próprio vocabulário e estilo de Paulo não podem ser julgados por estes materiais.

Ora, se uma pessoa primeiramente isola os materiais anteriores usados em todas as cartas de Paulo e depois compara as porções remanescentes, descobrirá que tanto o vocabulário como o estilo das partes restantes das Pastorais coincidem mais intimamente com as das

7 **The Problem of the Pastoral Epistles** (London: Oxford University Press, 1921).

outras cartas usualmente admitidas como paulinas — Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Filipenses, I e II Tessalonicenses e Filemom. Essas porções das Pastorais, portanto, têm mais ou menos a mesma porcentagem de palavras características tanto em relação a todas as epístolas paulinas, quanto em relação ao Novo Testamento, e as usam com nuanças semelhantes. Elas também têm gramática e estilo comparáveis. [8]

Do lado positivo, precisa ser dito ainda que as Pastorais compartilham com as outras dez cartas paulinas 50 palavras que não se encontram em nenhuma outra parte do Novo Testamento e 492 palavras encontradas em outros livros do Novo Testamento. Elas usam muitas palavras favoritas de Paulo, com o seu significado característico. Contêm certos maneirismos estilísticos e frases dele que dificilmente um falsário teria condições de usar para provar a sua paulinicidade. Sobretudo, elas incluem um grande número de referências a pessoas, lugares e acontecimentos que os antigos escritores pseudônimos evitavam escrupulosamente. Isto levou Harrison a propor a "hipótese dos fragmentos", que considera autênticas várias partes das cartas. No entanto, a "hipótese dos fragmentos jamais explicou como esses pequenos pedaços de informações podem ter sobrevivido e depois serem espalhados no decorrer destas cartas.

Na verdade, as Pastorais carecem de todas as características das antigas obras pseudônimas: (1) Estas últimas precisavam ficar em silêncio quanto a nomes e lugares, pois estes facilmente as comprometeriam. [9] Normalmente, os falsários evitavam a forma epistolar por este motivo. [10] (2) Um autor precisava ter motivação suficiente para escrever em nome de uma pessoa mais famosa. Nas Pastorais, esta motivação está ausente, tanto no ataque feito contra a heresia como nas seções referentes à organização eclesiástica. (3) Se é um pseudo-autor, o escritor deixou de mencionar algumas das mais importantes considerações para provar a sua paulinicidade: a viagem à Espanha, citada em Romanos 15:24, e a permanência em Colossos e Filipos, aludida em Filemom 22 e Filipenses 2:24. [11] Existe também alguma dúvida quanto à aceitação de tal pseudo-autoria no mundo antigo. Embora algumas pessoas [12] tenham insistido que isso não acarretava a nódoa moral que agora tem, a evidência do cristianismo primitivo prova que a igreja era discriminadora e tinha discernimento a respeito da seleção de obras canônicas. Os eruditos ortodoxos rapidamente repudiaram os Evangelhos e atos gnósticos, a despeito de usarem pseudônimos dos apóstolos. Protestaram contra Marcião, por ter feito um trabalho editorial com o Evangelho de Lucas e as cartas de Paulo. Durante séculos algumas igrejas disputaram, isto é, rejeitaram, para a adoração pública, algumas obras que finalmente obtiveram um lugar no cânon do Novo Testamento, e outras que não obtiveram, por causa do seu possível caráter pseudônimo. O sacerdote que compôs os **Atos de Paulo e Tecla**, "por amor a Paulo", foi exonerado das ordens. [13]

2. **Doutrina**. De modo geral, a doutrina das Pastorais concorda com a encontrada nas cartas indiscutivelmente paulinas. As diferenças que aparecem podem ser atribuídas ao fato de que

8 O leitor encontrará evidências minuciosas em E. Glenn Hinson, "A Source Analysis of the Pastoral Epistles with Reference to Pauline Autorship". Tese de Doutorado em Teologia e Divindades (Louisville, Kentucky: The Southern Baptist Theological Seminary, 1962).

9 Veja F. C. Burkitt, **Jewish and Christian Apocalypses** (London: Oxford University Press, 1914), p. 19.

10 M. R. James, **The Apocryphal New Testament** (Oxford: Clarendon Press, 1925), p. 476.

11 Cf. F. Torm, **Die Psychologie der Pseudonymitat im Hinblick suf die Literatur des Urchristentums** (Gütersloh: C. Bertelsmann, 1932), p. 49-53.

12 V. g., K. Aland, "The Problem of Anonymity and Pseudonymity in Christian Litterature of the First Two Centuries", (**Journal of Theological Studies**, nova série, XII (1961), p. 39-49.

13 Tertuliano, **Acerca do Batismo**, 17.

grande parte do material doutrinário aparece nas citações e à influência da situação romana sobre o pensamento de Paulo na época em que foram escritas. A teologia não é **pós**-paulina, mas **pré**-paulina, como o demonstrou **Hans** Windisch [14] há muito tempo, quanto à cristologia, e mostra uma decisiva influência romana.

Dois exemplos podem ser dados: (1) A freqüente aplicação do termo Salvador (sotér) tanto a Deus como a Cristo reflete a oposição da igreja em Roma ao culto do imperador, que estava germinando no governo de Nero, perto do fim da vida de Paulo. Correspondentemente, Paulo também usou este termo em sua Epístola aos Filipenses (3:20), que tradicionalmente tem sido atribuída ao seu período de prisão romano. O comentário mostrará que grande parte destas referências faz parte de fragmentos litúrgicos. (2) O extensivo uso do termo piedade (**eusebia**) tem paralelo **apenas** em obras romanas, em que o estoicismo tinha uma forte influência. Muitas vezes esta palavra aparece em citações ou alusões ao catecismo primitivo. O seu uso representa uma tentativa deliberada, da parte de Paulo, de acomodar o seu estilo ao costume romano.

3. **Organização da Igreja.** A organização eclesiástica pressuposta pelas Pastorais é um ofício duplo: de presbíteros-bispos e de diáconos (veja o comentário a I Tim. 3:1 e ss.; Tito 1:5). Embora seja verdade que as cartas incontestadas de Paulo não contenham nenhuma referência a presbíteros, Filipenses 1:1 prova que pelo menos uma igreja fundada por Paulo tinha esse ofício duplo antes de ele morrer. O uso da palavra **presbuteros**, tanto no sentido técnico (presbítero: Tito 1:5) como no não-técnico (ancião; veja o comentário a I Tim. 5:1,2,17,19), prova que as Pastorais foram compostas em um período primitivo de transição em relação à formação desses ofícios. As "viúvas" de I Timóteo 5:3-16 não constituíam uma "ordem", como aconteceu mais tarde. A função do "evangelista" referida em II Timóteo 4:5 (At. 21:8; Ef. 4:11) não é mencionada em obras do segundo século. Além do mais, os papéis desempenhados por Timóteo e Tito de forma alguma se enquadram no caráter do episcopado do segundo século. Nestas cartas, eles são retratados como embaixadores pessoais de Paulo, deixados atrás para completar a obra da missão que ele iniciara pessoalmente. A imposição das mãos no sentido de ordenação (I Tim. 4:14; 5:22; II Tim. 1:6) começou a ser usada bem cedo, e se relacionava com as tarefas da missão (cf. At. 13:3). A escolha de pessoas para esta obra mediante a agência de profetas (I Tim. 4:14) atesta também um costume antigo (cf. At. 13:2; I Clemente 44:2).

4. A **Heresia.** A heresia atacada nas Pastorais não era definitivamente marcionismo ou gnosticismo do segundo século. A citação de I Timóteo, por Policarpo, só virtualmente elimina a tese antimarcionita. A referência à "antítese de **gnosis** assim chamada falsamente", em I Timóteo 6:20, pode ser uma adição textual posterior (veja o comentário a este versículo). Se genuína, esta cláusula representa a única alusão a **gnosis** nas três cartas. As alusões precisas não mostram sinal de uma cristologia docética, que era a marca registrada do gnosticismo. As demais evidências apontam para alguma espécie de inclinação judaística. No melhor das hipóteses, temos um judaísmo gnosticizado, acarretando ainda uma oposição à missão gentílica. Esses hereges dividiam a comunidade mediante "contendas de palavras" (I Tim. 6:4; II Tim. 2:14,16,23; 3:8), definida mais precisamente como "querelas acerca da lei", em Tito 3:9. Eles queriam ser "doutores da lei" (I Tim. 1:7) e haviam fabricado "fábulas judaicas" (Tito 1:14) e "genealogias", tudo isto indicando as especulações judaicas a respeito do Velho

14 "Zur Christologie der Pastoralbriefe", **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft**, XXXIV (1935), p. 213-38.

Testamento, e não especulações gnósticas a respeito do **aeon**. [15] Eles ainda tinham conexão com o "partido da circuncisão" (Tito 1:10).

Os seus ensinos específicos eram: (1) possíveis ensinamentos a respeito de espíritos e demônios errantes, (2) proibição do casamento, (3) proibição de certos alimentos (I Tim. 4:1-3) e (4) a crença de que a ressurreição já havia acontecido (II Tim. 2:18). A crença nos demônios e espíritos malignos era universal naquela época; por isso, esta doutrina não propicia um indício definido quanto à identidade da oposição. Os essênios proibiam o casamento, e muitos essênios podem ter-se juntado à igreja no seu início. A proibição de certos alimentos fazia parte da lei ritual judaica, e era um dos principais pontos de contenda na controvérsia judaizante (cf. At. 15; I Cor. 10). A maneira de eles se referirem à sua crença acerca da ressurreição levaria a imaginar que eles criam que Cristo já havia voltado enigmaticamente — abordagem judaica dessa questão. Os gnósticos helênicos tendiam a (1) negar peremptoriamente a ressurreição ou (2) espiritualizá-la em termos de batismo (veja o comentário a II Tim. 2:18). Pode ser que Paulo esteja aludindo à mesma teoria em Filipenses 3:9-11, onde admite que ainda não alcançara a ressurreição.

Além disso, eles encetavam uma ativa campanha para desviar pessoas da missão gentílica. Esta campanha incluía a semeadura de dúvidas a respeito do apostolado de Paulo, pois ele sentiu-se constrangido a se defender, citando a sua história pessoal (I Tim. 1:11 e ss.; 2:7). Acima de tudo, ele reafirma a sua comissão pessoal como apóstolo "segundo o mandado de Deus" (I Tim. 1:1; Tito 1:1 e s.). A esfera da campanha não se restringia apenas a Éfeso, mas se estendeu até Roma, onde muitos dos que o apoiavam o abandonaram (II Tim. 1:15-18; 4:10, 16, 17).

5. **Contexto Histórico**. Precisamos concordar que as alusões históricas das Pastorais não permitem que sejam enquadradas facilmente na estrutura da vida de Paulo da maneira como é esboçada em Atos. Duas observações podem ser feitas em resposta, todavia: (1) Os eruditos da atualidade têm provado que Lucas não apresentou um quadro completo. [16] (2) É bem possível que Paulo tivesse sido libertado depois de um período de encarceramento em Roma, viajando extensivamente, e depois tivesse sido preso novamente, sendo julgado e executado por decapitação por volta de 64 e 67 d.C.

Contra o silêncio de Atos, a tradição de dois períodos na prisão é forte e antiga. I Clemente 5.7 (96 d.C.) registra que Paulo chegou "aos limites do Ocidente", que para um escritor romano dificilmente significaria algo mais do que a Espanha. Os **Atos de Pedro**, livro apócrifo, escrito por um cristão asiático (c. 200-210), e o Cânon Muratoriano Romano atestam esta viagem à Espanha. Orígenes e muitos Pais da Igreja posteriores conheciam a mesma tradição. Eusébio [17] declarou explicitamente que "o apóstolo foi enviado novamente, com o ministério de pregar" e sofreu o martírio depois de sua volta a Roma.

Com base nesta teoria de libertação — novo encarceramento, pode-se reconstruir as atividades de Paulo mencionadas nas Pastorais, como se segue: Depois de sua libertação, em 63 d.C., ele empreendeu a sua ansiosamente projetada viagem à Espanha (Rom. 15:24,28). Ele, provavelmente, teve limitado sucesso ali, pois não sobreviveram quaisquer sinais dessa viagem na tradição espanhola. Deve ser depois de uma breve permanência lá,

15 Cf. G. Kittel, "Die **Genealogial** der Pastoralbriefe", ZNTW, II (1921), 49-68; F. J. A. Hort, **Judaistic Christianity** (Cambridge & London: Macmillan & Co., 1894), p. 135-8.

16 Cf. II Cor. 11:23-33. Veja também John Knox, **Chapters In a Life of Paul** (New York & Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1950).

17 **Church History**, 2.22.2.

que ele se dirigiu a Éfeso, centro de sua obra na Ásia Menor, permanecendo com Timóteo, que fora seu cooperador ali anteriormente. Nesse ínterim, acompanhado por Tito, ele viajou para Creta. Retornando a Éfeso, ele deixou Tito para continuar a obra de estabelecer ordem no novo campo missionário (Tito 1:5). Depois de uma breve permanência em Éfeso, ele transferiu a Timóteo a direção do trabalho ali e rumou para o norte, através de Troas, para a Macedônia, provavelmente para uma estada em Filipos (I Tim. 1:3), onde pode ser que tenha escrito I Timóteo (assim pensa Spicq).

Quando escreveu a Primeira Epístola a Timóteo, Paulo ainda pretendia voltar a Éfeso (I Tim. 3:14; 4:13), mas não estava certo quanto a isso (3:15). Parece que, de qualquer forma, ele prosseguiu até Nicópolis, para ali passar o inverno (Tito 3:12), onde escreveu a Epístola a Tito, despachando-a pelas mãos de Zenas e Apolo (Tito 3:13). Quando escreveu II Timóteo, ele estava de novo preso em Roma (II Tim. 1:12,16,17; 2:9) e esperava ser executado brevemente. Pode ser que ele tenha realizado o seu desejo de voltar a Éfeso, e Spicq elabora teorias, com base em II Timóteo 1:15, de que foi lá que ele foi preso pela última vez. Certamente ele tinha inimigos à vontade em Éfeso (cf. At. 19:23-20:3; 21:27; I Cor. 1).

De Éfeso, o grupo que estava com Paulo embarcou para Mileto, deixando Trófino para trás, devido à sua enfermidade (II Tim. 4:20), e atravessou o mar Egeu, dirigindo-se a Corinto. Deixando Erasto ali, eles, provavelmente, prosseguiram, por mar, até Brundísio e depois, por terra, para Roma. Paulo foi preso, julgado de acordo com a lei romana, sob a qual uma nova seita podia ser punida, e finalmente decapitado na Via Óstia, fora da cidade. Durante o período do seu julgamento, muitas pessoas o deixaram ao desamparo. Demas o abandonou. Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia, aparentemente a pedido de Paulo (4:10). Alexandre, o latoeiro, causara-lhe muito mal (4:14). Dos companheiros asiáticos, somente Lucas ficou em sua companhia (4:11), possivelmente servindo-o como seu amanuense. Desta forma, Paulo escreveu a sua Segunda Epístola a Timóteo, para rogar, ao seu querido filho na fé, que fosse a Roma, levando Marcos (4:11), uma capa que ele deixara em Trôade, com Carpo, e alguns livros (4:13).

III. O Objetivo e Caráter das Pastorais

A aceitação da autoria paulina das Pastorais inevitavelmente suscita a questão do seu objetivo e caráter. As teorias de pseudonimidade nunca deram uma explicação satisfatória para a curiosa combinação de alusões pessoais, referências aos judaístas, defesa do apostolado, materiais tradicionais e denúncia dos oponentes que encontramos aqui. Para explicá-lo, é necessário observar a deliberada ênfase em citações e concordância com a tradição. Várias fórmulas acentuam isto: "Fiel é esta palavra ..." (I Tim. 1:15; 3:1; 4:9; II Tim. 2:11; Tito 3:8); "Sabe, porém, isto..." (I Tim. 1:8; II Tim. 3:1 = Rom. 13:11; Ef. 5:5); "Porque diz a Escritura..." (I Tim. 5:18). Um estudo cuidadoso dos materiais tradicionais prova conclusivamente que a tradição romana está por detrás deles — isto é, materiais representando o ensino e as atividades da igreja em Roma. [18]

A citação da tradição romana leva o leitor a perguntar: Que situação histórica pode ter levado Paulo a recorrer a este método de responder aos seus oponentes? **A única solução aceitável é a oposição judaica à missão gentílica.** A insistência judaica e a sua dependência da tradição é, sem dúvida, suficientemente

18 Veja o comentário ao texto; veja Hinson, **op. cit.**, Cap. 8.

conhecida para precisar de substanciação. A igreja em Roma tinha um ponderável contingente judaico, como o provam tanto as suas tendências teológicas como organizacionais nos dois primeiros séculos d.C. (1) Marcos, I Clemente e Hermas se inclinam na direção de uma cristologia adopcionista, como os antigos ebionitas. (2) Organizacionalmente, Roma conservara o padrão da sinagoga, com presbíteros-bispos e diáconos, até o fim do segundo século. Parece-me bem provável que os oponentes de Paulo se haviam sediado em Roma e tentavam anular a missão gentílica, ao reconhecerem mais precisamente a estratégia dele de evangelizar o Império Romano. Isto pode explicar por que Paulo escreveu Romanos, inclusive a nota conciliatória a respeito do judaísmo nos capítulos 9 a 11, como os judaístas finalmente conseguiram a morte dele e por que o primeiro lugar onde os cristãos sofreram perseguição foi Roma.

Portanto, ao escrever estas epístolas a Timóteo e Tito, a respeito do papel deles na missão gentílica, Paulo fortaleceu a sua causa citando a tradição, agora bem sua conhecida, da única igreja (a de Roma), cuja autoridade os judaístas não tergiversavam. Interpretadas como não-paulinas e consideradas como ensaios antignósticos do fim do primeiro século ou começo do segundo, elas são meramente uma coleção de pérolas misturadas, enfiadas sem desígnio nem significado. No entanto, se alguém as interpreta da maneira como elas projetam o seu objetivo — cartas para ajudantes que precisavam estabelecer igrejas e assegurar a sua continuação ordeira em face dos adversários da missão gentílica — podem jactar-se de estar arranjadas de maneira cuidadosa e inteligível. Corretamente compreendidas, elas merecem o título de "epístolas missionárias", em vez de "epístolas pastorais". Tenham sido escritas por Paulo ou por um autor posterior, elas lançam mais luz sobre o método da missão primitiva do que qualquer outro livro do Novo Testamento, salvo o livro de Atos.

Bibliografia Selecionada

BARCLAY, WILLIAM. **The Letters to Timothy, Titus and Philemon.** ("The Daily Study Bible.") 2ª ed. Philadelphia: Westminster Press, 1960.

BARRETT, C. K. **The Pastoral Epistles in the New English Bible.** Oxford: Clarendon Press, 1963.

DIBELIUS, MARTIN. **Die Pastoralbriefe.** 3 Aufl. Ed. HANS CONZELMANN. ("Handbuch zum Neuen Testament.") Vol. 13. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1955.

EASTON, BURTON SCOTT. **The Pastoral Epistles.** New York: Charles Scribners Sons, 1947.

FALCONER, ROBERT. **The Pastoral Epistles.** Oxford: Clarendon Press, 1937.

GUTHRIE, DONALD. **The Pastoral Epistles.** Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1957.

HANSON, ANTHONY TYRRELL. **The Pastoral Letters.** Cambridge: University Press, 1966.

HARRISON, P.N. **The Problem of the Pastoral Epistles.** London: Oxford University Press, 1921.

HINSON, E. GLENN. "A Source Analysis of the Pastoral Epistles with Reference to Pauline Authorship." Tese não publicada de doutorado em teologia. Lousville, Kentucky: The Southern Baptist Theological Seminary, 1962.

JEREMIAS, JOACHIM. **Die Briefe an Timotheus und Titus.** ("Das Neue Testament Deutsch.") Vol. 9. 4 Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1947.

KELLY, J. N. D. **A Commentary on the Pastoral Epistles.** ("Black's New Testament Commentaries.") Ed. HENRY CHADWIK. London: Adam & Charles Black, 1963.

LEANEY, A. R. C. **The Epistle to Timothy, Titus and Philemon.** ("Torch Bible Commentaries.") Ed. JOHN MARSH e ALAN RICHARDSON. London: SCM Press Ltd., 1960.
SCOTT, E. F. **The Pastoral Epistles.** ("The Moffatt New Testament Commentary.") Ed. JAMES MOFFATT. New York & London: Harper & Brothers, Publishers, n.d.
SPICQ, C. **Les Epîtres Pastorales.** ("Etudes bibliques.") Paris: J. Gabalda & Cie., 1947.

Comentário Sobre I Timóteo

Esboço da Epístola

Saudação e Afirmação do Apostolado (1:1,2)
I. Ordens de Paulo a um bom Soldado (1:3-20)
  1. Pare de Debater Acerca da Lei e Busque o Amor (1:3-7)
  2. A Lei Tem um Lugar no Evangelho de Paulo: Descobrir o Pecado (1:8-11)
  3. A Escolha de Paulo Como Apóstolo, um Testemunho da Graça de Deus Para com os Pecadores (1:12-17)
  4. Cumpra as Suas Ordens Como Bom Soldado (1:18-20)
II. Ordens Concernentes à Adoração Pública (2:1-15)
  1. Oração em Favor de Todos (2:1-7)
  2. Tranqüilidade na Adoração Pública (2:8-15)
    1) De Homens (2:8)
    2) De Mulheres (2:9-15)
III. Ordens Concernentes ao Ministério (3:1-16)
  1. Presbíteros-bispos (3:1-7)
  2. Diáconos (3:8-13)
  3. A Razão Para Paulo Escrever (3:14-16)
IV. Ordens Concernentes ao Comportamento na Igreja (4:1-6:2a)
  1. Refutado o Falso Asceticismo (4:1-5)
  2. Como Timóteo Devia Proceder com Referência aos Adversários (4:6-16)
  3. Conduta com Referência às Pessoas Mais Jovens e Mais Velhas (5:1,2)
  4. Viúvas (5:3-16)
  5. Disciplina Eclesiástica (5:17-25)
  6. A Conduta dos Escravos em Relação aos Seus Senhores (6:1,2a)
V. Ordens Finais (6:2b-19)
  1. Contra o Motivo de Lucro em Religião (6:2b-10)
  2. Um Encargo Pessoal Para o Homem de Deus (6:11-16)
  3. Ordens aos ricos (6:17-19)
  4. Orientação Final e Saudação (6:20-21)

Saudação e Afirmação do Apostolado (1:1,2)

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, esperança nossa, 2 a Timóteo, meu verdadeiro filho na fé: graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.

Paulo dá início à sua carta com uma forte afirmação do seu apostolado, como em Gálatas 1:1-5 e Romanos 1:1-7. Ele não era um apóstolo por sua própria comissão, mas **segundo o mandado de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, esperança nossa.** A palavra grega traduzida como **mandado** sugere um rei ou imperador comissionando alguém como oficial do seu exército. O Rei dos reis impusera a Paulo o seu ofício apostólico (Spicq). Esta imagem se enquadra admiravelmente na metáfora abrangente usa-

da para unir toda a carta. Um idoso comandante dá ordens a um soldado de confiança, esperando que ele se desincumba de sua tarefa fielmente. Paulo gostava muito de linguagem militar (cf. I Cor. 9:7). Sobretudo, como os essênios em Qumran, o cristianismo primitivo tinha a tendência de conceber a sua missão em termos de um combate entre o exército de Cristo e o de Satanás. Na era da perseguição, do primeiro ao terceiro séculos, o termo "soldado" era usado quase que como sinônimo de "cristão". Todavia, o uso desta metáfora de forma alguma subentendia a aprovação da guerra. As primeiras gerações se opunham ao serviço militar e a várias formas de derramamento de sangue. Eles não batalhavam contra "carne e sangue", mas contra os poderes do mal.

Paulo se refere a Deus como **Salvador** apenas nestas três cartas, embora aplique este termo a Jesus Cristo em Filipenses 3:20 e Efésios 5:23. Todavia, a atribuição a qualquer um dos dois se ajusta apropriadamente com a sua crença de a salvação ser ato de Deus. O Velho Testamento propiciava amplos precedentes para se chamar Deus de Salvador, mas o uso que Paulo faz desta palavra aqui pode ter sido dirigido também contra o crescimento do culto ao imperador no reinado de Nero (Simpson). A nossa salvação depende igualmente de Deus e de Cristo, pois o aparecimento de Cristo nos assegura que temos alguma esperança da glória de Deus (Col. 1:27). Portanto, é de maneira apropriada que Paulo o chama de nossa **esperança**, isto é, a nossa esperança de vida eterna.

Paulo se dirige a Timóteo com profunda afeição, quando o chama de **meu verdadeiro filho na fé**. Estas palavras levam a lembrar a sua prolongada associação através de provas difíceis — desde Listra até Éfeso, Corinto, Jerusalém e Roma. Paulo havia usado Timóteo como seu ajudante-de-ordens (Simpson) anteriormente, enviando o seu "filho amado, e fiel no Senhor" a Corinto, para fazer os coríntios se lembrarem dos "meus caminhos em Cristo, como por toda parte eu ensino em cada igreja" (I Cor. 4:17). O adjetivo **verdadeiro** (gr., **gnêsios**), no seu sentido real, significa legítimo, em contraposição a "adotado" (cf. Fil. 2:20). Dificilmente Paulo poderia ter enfatizado mais fortemente os íntimos laços entre si mesmo e Timóteo; ele tinha muitos filhos espirituais, mas nenhum exatamente como Timóteo.

A tríplice saudação — **graça, misericórdia e paz** — adiciona um membro à costumeira saudação de Paulo: graça e paz. Os três termos têm nuanças cristãs. (1) Em lugar da costumeira palavra grega **chairein, charis (graça)**, ele deseja, aos destinatários, o imerecido favor de Deus, demonstrado de maneira exemplar na morte sacrificial de Cristo e outorgada liberalmente pelo Espírito Santo. (2) **Misericórdia** está lado a lado com graça. É a longanimidade de Deus, para com os homens, que lhes perdoa os seus pecados, sem quaisquer compromissos, por assim dizer. (3) **Paz**, a comum saudação hebraica, **shalom**, tem a conotação de segurança. Usando-a, Paulo quer fazer Timóteo lembrar a sua origem judaica comum (At. 16:1). Todas estas três virtudes vêm **da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor**. Todas elas estão arraigadas na paternidade de Deus, isto é, no seu amor universal, movido pelo qual ele cria a humanidade e lhe provê tudo. Através de Cristo, ele estendeu estas virtudes de maneira especial ao homem, que se havia tornado separado de Deus em conseqüência do pecado.

I. Ordens de Paulo a um Bom Soldado (1:3-20)

Paulo dá, em primeiro lugar, certas ordens genéricas, por exemplo, como

Timóteo deve contra-atacar os que debatem contra ele.

1. Pare de Debater Acerca da Lei e Busque o Amor (1:3-7)

3 Como te roguei, quando partia para a Macedônia, que ficasses em Éfeso, para advertires a alguns que não ensinassem doutrina diversa, 4 nem se preocupassem com fábulas ou genealogias intermináveis, pois que produzem antes discussões que edificação para com Deus, que se funda na fé... 5 Mas o fim desta admoestação é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência, e de uma fé não fingida; 6 das quais coisas alguns se desviaram, e se entregaram a discursos vãos, 7 querendo ser doutores da lei, embora não entendam nem o que dizem nem o que com tanta confiança afirmam.

A primeira preocupação de Paulo era substituir altercações pelo amor. Evidentemente, Timóteo havia-lhe escrito a respeito da situação perturbadora e talvez dera a entender que desejava ir embora. Esta não era a primeira vez que ele demonstrara alguma fraqueza, pois Paulo tivera que mandar Tito a Corinto, para livrá-lo de problemas (II Cor. 8:6; 12:18). Desta vez, Paulo não iria permitir que ele se retirasse.

Como te roguei, quando partia para a Macedônia, que ficasses em Éfeso parece referir-se à visita de Paulo a Éfeso depois da sua libertação da prisão, pois isto não se enquadra no esquema de Atos, a respeito da viagem de Paulo (20:1). Contudo, esta passagem é um pouco difícil. Temos, aqui, um dos familiares anacolutos de Paulo (cf. Rom. 2:17 e ss.; 5:12 e ss.; 9:22 e s.; Ef. 3:1-14), deixando um pensamento inacabado. Aparentemente, o que Paulo pretendia dizer era: "Como recomendei a você, quando eu estava indo para a Macedônia, que ficasse em Éfeso, agora lhe recomendo outra vez que fique, a fim de..." O verbo recomendar é um verbo forte, quase uma ordem.

A primeira tarefa de Timóteo era **advertires a alguns que não ensinassem doutrina diversa**. Paulo não revela o nome deles, embora pudesse conhecê-los, devido à sua longa associação com Éfeso. Ele freqüentemente usa uma referência indefinida para mencionar os oponentes. A palavra **heterodidaskalein**, traduzida como **ensinassem doutrina diversa**, aparece apenas aqui e em 6:3, mas a formação de componentes com **heteros** ("qualquer diferente") é característica de Paulo (cf. **heterozugein**, entrar em jugo com outrem, em II Cor. 6:14).

Este estranho ensinamento inclui **fábulas** e **genealogias intermináveis**. Algumas pessoas têm explicado estas coisas como a especulação gnóstica a respeito das esferas (**aeons**) que rodeiam a terra e são guardadas por poderes demoníacos. Contudo, a referência explícita a "fábulas judaicas", em Tito 1:14, a referência ao seu desejo de serem **doutores da lei**, no verso 7, e a discussão de Paulo a respeito da lei, nos versos 8 a 11, provam o caráter essencialmente judaístico do debate. Jeremias tem insistido que **fábulas** e **genealogias** se referem a especulações a respeito da narrativa da criação em Gênesis, semelhantes às encontradas em **Jubileus** e Filo, de Alexandria. Spicq conjetura de acordo com linhas de pensamento semelhantes, que o interesse deles, provavelmente, se focalizava em "lendas apócrifas judaicas". No que concerne à igreja, conclui Paulo, eles **produzem... discussões** (cf. 6:4; II Tim. 2:23; Tito 3:9) **Antes... que edificação para com Deus, que se funda na fé.** A palavra grega (**oikonomia**) traduzida como **edificação**, nas obras de Paulo, significa mais exatamente mordomia (I Cor. 9:17; Col. 1:25; Ef. 3:2) ou o desígnio de Deus para o homem (Ef. 1:10; 3:9). Pode ser que esta última acepção seja a pretendida aqui.

Ao invés de tais especulações perniciosas, Paulo deseja ver o amor-**agapé**; este é o **fim** (alvo) deste conjunto de

ordens. No pensamento de Paulo, **agapé**, aquele amor que coloca o interesse da outra pessoa antes do interesse próprio, propicia o ponto de referência ao redor do qual todas as relações humanas precisam encontrar o seu lugar adequado (I Cor. 13).

De onde vem o **agapē? De um coração puro, de uma boa consciência, e de uma fé não fingida.** (1) A pureza de coração reflete a maneira hebraica de se encarar a vida. O **coração** significa o cerne vital do homem, o seu eu. O santo busca em Deus um coração puro, sem dolo nem engano. "Bem-aventurados os limpos de coração", disse o próprio Jesus, "porque eles verão a Deus" (Mat. 5:8). (2) Uma **boa consciência** (I Tim. 1:19) ou pura (3:9; II Tim. 1:3; Tito 1:15) reflete o modo grego de pensar. **Consciência** aparece apenas duas ou três vezes no Velho Testamento grego. A não ser nas cartas de Paulo e nos seus discursos em Atos (23:1; 24:16), esta palavra aparece apenas em Hebreus e I Pedro. Na fraseologia estóica, consciência se refere ao centro do comportamento racional e moral. **Uma boa consciência** seria uma consciência livre de sentimentos de culpa (Kelly), no pensamento de Paulo, sem dúvida, como conseqüência da graça de Deus. (3) A expressão **fé não fingida**, literalmente, fé não hipócrita, aparece apenas aqui e em II Timóteo 1:5. Certamente, como têm dito alguns críticos, Paulo não precisava acrescentar esta qualificação. É interessante que ele qualificou o amor da mesma maneira.

Aqueles que se desviaram deste caminho, Paulo continua dizendo, **se entregaram a discursos vãos**. Esses oponentes fazem-no lembrar-se dos debates rabínicos acerca de coisas triviais, devido ao fato de quererem ser **doutores da lei**. Todavia, os judaístas efésios não eram como os judaizantes gálatas, porque não queriam impor toda a lei cerimonial aos cristãos (Kelly). Eles não apenas não compreendiam os assuntos que discutiam, acusa Paulo, mas também nem entendiam o que estavam dizendo.

2. A Lei Tem um Lugar no Evangelho de Paulo: Descobrir o Pecado (1:8-11)

8 Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém usar dela legitimamente, 9 reconhecendo que a lei não é feita para o justo, mas para os transgressores e insubordinados, os irreverentes e pecadores, os ímpios e profanos, para os parricidas, matricidas e homicidas, 10 para os devassos, os sodomitas, os roubadores de homens, os mentirosos, os perjuros, e para tudo que for contrário à sã doutrina, 11 segundo o evangelho da glória do Deus bendito, que me foi confiado.

A esta altura, Paulo dá uma resposta incisiva, com o apoio de materiais tradicionais, a um ponto focal de contenda, evidentemente a respeito de sua opinião quanto à lei. Os seus adversários não eram antinomianos, como Bauer uma vez asseverou, mas zelosos defensores da lei. Paulo concordava com eles em um ponto importante. **Sabemos, porém, que a lei é boa**, é sua maneira de dizer. Qualquer pessoa teria que concordar com você (cf. Rom. 2:2; 3:19; 8:28; I Cor. 8:1). Isto concorda com o que ele admite em Romanos 7:12, que a lei é "santa", e em 7:14, que ela é "espiritual". Porém aqui ele faz um jogo de palavras com "lei": ela é boa **se alguém dela usar legitimamente** (legalmente). Um catálogo de virtudes e vícios arranjado segundo o plano do Decálogo explica o que significa "legitimamente". Dibelius-Conzelmann e outros têm insistido que, nesta aprovação condicional da lei, "a doutrina paulina específica da lei está em falta". Acho mais exato dizer que ela não está plenamente desenvolvida. O que Paulo deseja dizer, aqui, exatamente da maneira como ele argumentou em Romanos 7:7-25 e Gálatas 5:13-26, é que a lei desmascara o pecado, isto é, mostra a sua pecaminosidade. A idéia de que **a lei não é feita para o justo** era comum no mundo grego; ela provavelmente pertencia ao código que Paulo menciona. A palavra **lei**, neste

caso, como Kelly o indica, seria geral, não aludindo apenas ao Velho Testamento.

Os primeiros três pares de vícios lembram negativamente a primeira parte do Decálogo, que trata das obrigações do homem para com Deus. O quarto par resume o lado negativo do mandamento "Honra a teu pai e a tua mãe..." (Êx. 20:12). O restante do catálogo alude a quebras dos mandamentos para com o próximo, na mesma ordem que o Décalogo. Eles proíbem o homicídio (**homicídas**), o adultério (**devassos, sodomitas**), o roubo (**roubadores de homens**) e o falso testemunho (**mentirosos, perjuros**).

Paulo conclui o catálogo com um resumo característico dos versos 9 e 10: **tudo que for contrário à sã doutrina** (cf. Rom. 13:9; Gál. 5:21). **Sã doutrina** significa ensino sadio ou íntegro, em contraposição à doutrina "doentia" dos judaístas.

Tal compreensão da lei é **segundo o evangelho da glória do Deus bendito, que me foi confiado**. Novamente Paulo reitera o seu comissionamento apostólico. Ao contrário do que os judaístas pensavam, tanto ele quanto a sua mensagem eram autênticos. Paulo não poderia esquecer a experiência da estrada de Damasco. O **evangelho** que ele pregava era uma luz nas trevas. Ele não é velado, como a face de Moisés quando recebera os Dez Mandamentos, disse Paulo aos coríntios, exceto para aqueles cujas mentes "o deus deste século cegou... para ... o evangelho da glória de Cristo" (II Cor. 4:4). Paulo normalmente fala do "evangelho de Cristo", mas também se refere, em outros trechos, ao **evangelho de Deus** (II Cor. 11:7). As "boas-novas" pertencem igualmente ao Pai e Àquele através de quem ele se revela. A referência a Deus como **bendito**, aqui e em 6:15, (bem-aventurado), indubitavelmente trai uso litúrgico. Deus é chamado bendito por causa de sua graça para com os homens.

3. A Escolha de Paulo Como Apóstolo, um Testemunho da Graça de Deus Para com os Pecadores (1:12-17)

12 Dou graças àquele que me fortaleceu, a Cristo Jesus nosso Senhor, porque me julgou fiel, pondo-me no seu ministério, 13 ainda que outrora eu era blasfemador, perseguidor e injuriador; mas alcancei misericórdia, porque o fiz por ignorância, na incredulidade; 14 e a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Cristo Jesus. 15 Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o principal; 16 mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, o principal, Cristo Jesus mostrasse toda a sua longanimidade, a fim de que eu servisse de exemplo aos que haviam de crer nele para a vida eterna. 17 Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus, seja honra e glória para todo o sempre. Amém.

A reminiscência que faz do seu comissionamento para proclamar o evangelho, leva Paulo a fazer "uma digressão parcial" (Easton). O que ele diz, todavia, está intimamente relacionado com os seus argumentos. Não a lei, nem debates a respeito dela, mas a graça de Deus é que salva os pecadores. A indicação apostólica de Paulo fornece uma ilustração ineludível deste ponto central de sua mensagem.

Paulo, em primeiro lugar, dá graças a Cristo (1) por tê-lo escolhido, (2) por ter-lhe dado poder para se desincumbir de sua comissão, (3) por considerá-lo de confiança e (4) por tê-lo indicado ou nomeado (Barclay). A frase **Dou graças**, usada aqui e em II Timóteo 1:3, é um latinismo (**charin echo**), que difere da expressão normalmente usada por Paulo (**eucharisteō**). O seu uso pode ser atribuído a uma prolongada permanência em Roma, como disse Montgomery Hitchcock, [19] "na companhia de um italiano que não falava grego, com quem ele precisava conversar em latim". Os

19 "The Latinity of the Pastorals", **The Expository Times**, XXXIX (1927-1928), p. 348.

pensamentos restantes concordam notavelmente bem com os expressos em outras cartas.

Tendo escolhido Paulo, Cristo lhe deu forças para desempenhar a sua missão. A expressão que significa dar forças é exclusivamente paulina. Paulo considerava que ela era a primeira qualificação de um apóstolo (Gál. 2:8; Col. 1:29). O apóstolo tinha um dom especial (**charisma**) de Deus (cf. Rom. 12:6; I Cor. 12:4 e ss.). A presença do Cristo ressurrecto capacitara Paulo a suportar quaisquer circunstâncias e a desincumbir-se de qualquer tarefa exigida pelo seu comissionamento. "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Fil. 4:13). Paulo também dá graças a Cristo **porque me julgou fiel** (de confiança), **pondo-me no seu ministério**. Essencialmente, ele repete em palavras diferentes a sua declaração de que o evangelho "me foi confiado" (v. 11). Quando não tinha uma palavra direta do Senhor, ele disse aos coríntios: "dou... o meu parecer como quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel" (I Cor. 7:25). A nomeação de Paulo como apóstolo foi para um **ministério** (serviço). Ele interpreta corretamente a mente de Jesus, de que "qualquer que quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva" (Mar. 10:43-45).

O que deixava Paulo admirado, sem dúvida, era que Cristo o escolhera a despeito, e não por causa do que ele fora. Anteriormente ele já havia confrontado os judaístas com estes fatos (Gál. 1:13 e s.; I Cor. 15:9 e s.), ao confirmar o seu apostolado. Deus lhe dera o perdão, que provém de sua **misericórdia, porque o fiz por ignorância, na incredulidade**. Aqui Paulo se coloca virtualmente na categoria de um pagão, antes de sua conversão, não tendo conhecido Deus (I Tess. 4:5). No Velho Testamento, os pecados de ignorância caíam em uma categoria menos séria do que a dos pecados intencionais. Todavia, embora a declaração seja um pouco vaga, Paulo não está dizendo que Deus o perdoara por causa de ignorância, ponto de vista que conflitaria com o que se segue.

Não; Paulo fora salvo pela abundante graça de Deus. A graça de Deus é mais do que suficiente para cobrir os nossos pecados! Esta graça é circundada com a **fé e o amor que há em Cristo Jesus**. Esta adição pode ser interpretada de duas maneiras: (1) A fidelidade e o amor de Cristo são expressão da graça salvadora de Deus. (2) Fé e amor resultam da ação da graça de Deus, de forma que, os que estão "em Cristo", expressão favorita de Paulo, os manifestam em suas vidas. Aqui, a segunda interpretação parece preferível. A expressão **em Cristo Jesus** significa tanto na igreja quanto participando da vida do Cristo ressurrecto.

Nesta conjuntura, Paulo introduz uma frase de um primitivo hino cristão ou obra didática, usando uma fórmula de introdução que é usada apenas nas Pastorais. Usando a frase **Fiel é esta palavra**, sublinhada pela adição de **e digna de toda a aceitação**, Paulo obviamente pretende fazer uma declaração importante. A afirmação de que **Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores** representa o âmago não apenas do evangelho de Paulo, mas de todo o ensino cristão. Ela reflete as palavras do próprio Jesus (Mar. 2:17; Luc. 19:10). Embora não tenhamos o texto completo do hino para nos ajudar a interpretá-lo, a idéia que Paulo expressa é muito clara: o evangelho é universal. Cristo não veio apenas para salvar as "ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mat. 15:24); ele veio para salvar todos os homens.

Paulo se oferece como exemplo por excelência da obra da graça de Deus. Embora sendo o **principal** dos pecadores, o exemplo máximo, Deus o escolhera para executar um ministério em seu plano salvador. Por um ato de misericórdia ele o escolhera. A razão para esta escolha notável foi **para que em mim, o principal, Cristo Jesus mostrasse toda a sua longanimidade, a fim de que eu servisse**

de exemplo aos que haviam de crer nele para a vida eterna. A palavra **mostrasse**, que, com a exceção de Hebreus 6:10,11 (gr.), em o Novo Testamento, aparece apenas nas cartas de Paulo, significa "dar uma demonstração ou prova clara". Em Romanos 2:4 e 9:22, Paulo apresenta Deus como fonte de paciência ou **longanimidade**. Em outras passagens, ele relaciona-a entre as virtudes que os crentes precisam praticar (Gál. 5:22; Ef. 4:2; Col. 1:11; 3:12; II Tim. 4:2). Obviamente, ele não faz distinção entre Cristo e o Pai com respeito ao ato de salvação. **Toda a sua longanimidade** reflete uma expressão idiomática paulina especial (cf. "Todo o gozo e paz", em Rom. 15:13, e "com todo o gozo", em Fil. 2:29). Cristo escolheu Paulo como **exemplo**, um esboço (Parry) que ajudasse outros a crerem nele e, desta forma, receberem a vida eterna. Freqüentemente Paulo se apresenta como exemplo que ajuda os outros a imitarem Cristo e exorta os outros a se tornarem exemplos. Toda a sua narrativa aqui tem o objetivo de nos lembrar que o nosso testemunho pessoal é ainda o melhor testemunho do evangelho.

As reflexões de Paulo a respeito do amor perdoador de Deus para com ele faz brotar do seu coração uma doxologia, o que era sua reação costumeira (cf. Rom. 11:36; I Tim. 6:15). Esta doxologia parece ser uma fórmula litúrgica judaica, adaptada para o mundo helênico (Spicq, Kelly). O título **Rei dos séculos**, freqüentemente usado na literatura judaica, aparece, no Velho Testamento grego, em Tobias 13:6,10, Apocalipse 15:3 e I Clemente 61:2 — uma expressão comunitária! A semelhança desta doxologia com a oração de I Clemente 61:2 sugere uma origem comum, possivelmente romana. Neste contexto, **Rei dos séculos** dá a entender tanto eternidade (idéia hebraica) quanto universalidade, Rei dos mundos (idéia grega; Spicq). A idéia de que Deus é **imortal** (incorruptível, IBB) (Rom. 1:23; I Ped. 1:4,23) e **invisível** (João 1:18; Col. 1:15; Heb. 11:27) é comum na crença cristã primitiva. A ênfase em Deus como o **único Deus** talvez tenha alguma referência ao culto imperial, da mesma forma como o uso das palavras Salvador e aparecimento. Foi em Éfeso, em 48 a.C., que a epifania de Júlio César foi celebrada "como a de um deus, filho de Ares e Afrodite, salvador de todos os homens" (Dibelius-Conzelmann). O semi-louco Nero, cujo massacre contra os cristãos estava sendo organizado quando estas cartas foram escritas, incentivou ainda mais esse culto. O adjetivo "sábio", que aparece na versão KJV em inglês e no hino de Walter C. Smith, "Imortal, Invisível", baseado neste texto, tem suporte insuficiente dos manuscritos gregos; foi, provavelmente, uma inserção da parte de um escriba, provinda da doxologia constante de Romanos 16:27. Ao atribuir **honra e glória** (cf. "honra e poder sempiterno", em 6:16) a Deus, estamos meramente reconhecendo o que ele já possui.

Amém — em hebraico "assim seja!" — era, freqüentemente, proferido, pela congregação, no culto de adoração (cf. I Cor. 14:16; Gál. 1:5). Jeremias sugeriu que o leitor da carta teria parado, para permitir que o povo da assembléia confirmasse esta declaração com um **Amém.**

4. Cumpra as Suas Ordens Como Bom Soldado (1:18-20)

18 Esta admoestação te dirijo, filho Timóteo, que segundo as profecias que houve acerca de ti, por elas pelejes a boa peleja, 19 conservando a fé, e uma boa consciência, a qual alguns havendo rejeitado, naufragaram no tocante à fé; 20 e entre esses Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar.

Paulo agora volta aos seus rogos originais (1:3,5), na sua palavra ao jovem soldado cristão.

Esta admoestação te dirijo refere-se aos versos 3 e 5, e, de antemão, à porção restante da carta. Toda a carta é estruturada sobre metáforas militares, como

foi indicado acima. A **admoestação** ou encargo introduz novos blocos de ordens dadas (4:11; 5:7; 6:14-17). A explicação da **admoestação** começa em 2:1.

Novamente, Paulo se dirige a Timóteo muito afetuosamente: — **meu filho** (lit., criança Timóteo). Ele reforça sua admoestação, lembrando a Timóteo as **profecias que houve acerca de ti** (lit.: vieram diante de ti). As **profecias** podiam referir-se à escolha original de Timóteo, feita por Paulo, para acompanhá-lo em sua missão (At. 16: 1 e ss.) ou à sua ordenação para o ministério em Éfeso.

Aqui, Paulo parece ter em vista a escolha de Timóteo, da mesma forma como Lucas tinha em vista a escolha de Paulo e Barnabé para a missão na Ásia Menor, em Atos 13:2. Um profeta, ou profetas, inspirado pelo Espírito Santo, havia recebido ordens divinas a respeito de Timóteo, e as havia comunicado a Paulo ou a uma congregação primitiva. Então Paulo teria imposto as mãos sobre Timóteo (II Tim. 1:6), bem como os presbíteros da igreja (de Éfeso? I Tim. 4:14), da maneira como Paulo e Barnabé haviam recebido a imposição de mãos (At. 13:3). Paulo dava pessoalmente grande valor ao ministério profético, carismático. Ele cria que sua missão gentílica devia ser especialmente orientada e inspirada pelo Espírito Santo, conforme expresso nas Pastorais. Portanto, o seu apelo a **profecias** como inspiração, para que Timóteo se desincumbisse dos seus encargos missionários, é bem característico de Paulo.

O objetivo dessa admoestação é que Timóteo **peleje a boa peleja**. Novamente, Paulo usa sua metáfora temática. O adjetivo **kalos** (bom ou nobre), empregado tão freqüentemente nas Pastorais (16 vezes só em I Timóteo), se enquadra admiravelmente nesta metáfora. Timóteo deve ser o nobre soldado, que se empenha na batalha contra o inimigo, como o diz IV Macabeus 9:23, "pelejando uma nobre e santa peleja pela religião", até o martírio. A possibilidade de um martírio verdadeiro aparece bem clara no fundo do cenário, como o demonstram 6:12 e ss. e a previsão da morte feita pelo próprio Paulo em II Timóteo.

O equipamento do soldado cristão consiste de **fé, e uma boa consciência**. Embora Paulo deixe de fazer uma conexão explícita entre fé e consciência, em qualquer outra passagem, a conjunção das duas está em lugar bem acertado, em uma controvérsia com os judaístas. O problema de comer certos alimentos (4:3), indicando uma consciência fraca, por exemplo, se originava, no entender de Paulo, de uma crença defeituosa acerca de Deus e do universo (4:4). Em contraposição a estas coisas, Timóteo precisava de uma consciência fortificada por confiança adequada em Deus.

Paulo introduz, portanto, uma injunção negativa. **Alguns, havendo rejeitado** a consciência, **naufragaram no tocante à fé**. Esse negligente abandono da consciência levou a um naufrágio da fé de alguns, metáfora muito significativa para alguém que havia naufragado três vezes (II Cor. 11:25).

Himeneu e Alexandre são exemplos. Himeneu (II Tim. 2:17) ensinava que a ressurreição já havia ocorrido. Alexandre, possivelmente o latoeiro que prejudicara muito a Paulo (II Tim. 4:14), tem sido associado, por alguns intérpretes, com o Alexandre de Atos 19:33, que tentara apresentar alguma defesa em favor de Paulo, mas este nome era comum demais para que se tenha certeza. Paulo os entregara **a Satanás, para que** aprendessem **a não blasfemar**. O que significa entregar a Satanás, tanto aqui como em I Coríntios 5:5, tem recebido várias explicações: (1) excomunhão da congregação; (2) expulsão da igreja, para o reino governado por Satanás; e (3) oração para que sofra aflição física. Na verdade, as três não precisam ser consideradas como mutuamente exclusivas.

Essa frase era uma fórmula de excomunhão da sinagoga e da igreja. No seio da igreja, cria-se, o Espírito Santo

protegia o fiel contra os poderes demoníacos que causavam aflições físicas tanto quanto espirituais ou morais (cf. Jó 2:1 e ss.). Com esta iniciativa, Paulo tinha em vista privá-lo do poder do Espírito Santo, deixando Satanás fazer o que quisesse. A excomunhão, em certo sentido, parece provável, em vista do pedido feito aos coríntios para "expurgar o fermento velho", isto é, a pessoa incestuosa (I Cor. 5:7). No entanto, mesmo as pessoas não formalmente separadas podiam sofrer os efeitos de suas más ações, como Ananias e Safira (At. 5:1-11) e Elimas (13:11). Paulo pensava que algumas pessoas em Corinto haviam experimentado o juízo divino na forma de enfermidade, e mesmo de morte, devido a não terem "discernido o corpo" (I Cor. 11:30).

O objetivo de Paulo não era vingativo (Crisóstomo), todavia, e a disciplina cristã também nunca deve sê-lo. Ele desejava que essa disciplina os ensinasse: **para que aprendam a não blasfemar**, isto é, a não falar pejorativamente a respeito de Deus. A palavra **aprendam**, no grego, é muito forte, dando a idéia de severo tratamento, e não de simples instrução, de forma que a idéia de incapacidade física estaria bem de acordo (Spicq; cf. Kelly). Tito 3:10,11 talvez esteja apelando por um tratamento mais urbano dos ofensores.

II. Ordens Concernentes à Adoração Pública (2:1-15)

Paulo, agora, passa à primeira parte específica de suas ordens a Timóteo. De propósito, ele trata primeiramente da oração. As instruções de Paulo acerca da oração fazem soar de novo a nota de universalidade contra o exclusivismo dos judaístas, que se opunham à missão entre os gentios.

1. Oração em Favor de Todos (2:1-7)

1 Exorto, pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, 2 pelos reis, e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranqüila e sossegada, em toda a piedade e honestidade. 3 Pois isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, 4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. 5 Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, 6 o qual se deu a si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo; 7 para o que (digo a verdade, não minto) eu fui constituído pregador e apóstolo, mestre dos gentios na fé e na verdade.

Paulo recomenda oração universal com base no fato de que Deus a deseja, pois ele quer a salvação de todos os homens, e não apenas de um grupo selecionado. Ele sustenta sua admoestação, (1) citando um hino que reconhece apenas **um só Deus**, o Deus de **todos**, e **um só Mediador**, o mediador de todos; e (2) asseverando a sua própria comissão apostólica. O seu pensamento está logicamente ligado com o seu argumento de 1:12-17.

Antes de tudo, fórmula clássica da correspondência privada, mostra que Paulo estava pronto para dar início ao corpo principal de sua carta. Ele passa a desenvolver a admoestação a que aludira em 1:3,5,18. **Súplicas, orações, intercessões e ações de graças** não representam quatro espécies de orações claramente distintas. A palavra traduzida como **orações** tem o significado mais compreensível, e é o termo mais comum usado para designar a oração no pensamento primitivo. As palavras **súplicas** e **intercessões** significam quase a mesma coisa. Contudo, a primeira aparece freqüentemente nas cartas de Paulo, enquanto a última aparece apenas aqui e em 4:5. Nos papiros legais, **intercessões** (ou orações) aparece freqüentemente em declarações feitas a um superior, v.g., o rei. Nas obras cristãs, excetuando-se o Novo Testamento, aparece exclusivamente em documentos romanos: I Clemente, Hermas, II Clemente e a **Apologia** de Justino. **Ações de graças** pode referir-se a eucaristias, como em I Corín-

tios 14:16 (Spicq), mas isso não pode ser determinado com certeza.

O foco da admoestação para orar está na universalidade (Spicq). As **intercessões** devem ser feitas **por todos os homens**. Esta admoestação aplica corretamente as implicações de crença em um só Deus, que o particularismo do judaísmo negava na prática.

A universalidade da oração se aplica aos **reis** e a **todos os que exercem autoridade**. A palavra traduzida como **reis** era usada, no Oriente, para designar o imperador. Pelo fato de ser um plural, F. C. Baur e outros têm asseverado que estas cartas foram compostas depois de 136 d.C., quando havia dois imperadores. Não obstante, neste contexto, a palavra tem uma aplicação mais genérica, incluindo o imperador e vários monarcas locais, que serviam como seus suseranos. A oração pelo imperador contrastava com a adoração a ele. Este costume expressa a fidelidade cristã às instituições estabelecidas e a crença de que o poder de um governo ordeiro vem de Deus (cf. Rom. 13:1 e ss.; João 19:11; I Ped. 2:13 e ss.; Tertuliano, **Apol.** 40). Desta forma, a oração incluiria **todos os que exercem autoridade**: senadores, governadores provinciais e uma multidão de oficiais subalternos.

O objetivo da oração seria não a conversão do imperador, mas o bem-estar do Estado: **para que tenhamos uma vida tranqüila e sossegada, em toda a piedade** e **honestidade**. Paulo tem em mente "não apenas o perigo da perseguição, mas também o de ataques de poderes demoníacos", como menciona em II Tessalonicenses 2:3-12 (Barrett). De acordo com a antiga psicologia, os seres demoníacos controlavam as esferas ao redor da terra, e descarregavam a sua malignidade, causando caos na vida humana. No entanto, segundo o ponto de vista cristão, o homem não precisa desesperar, porque, na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus venceu estas forças hostis, e equipou os homens para subjugá-las. A oração pode colocar à disposição do crente a ajuda divina.

O desejo de uma vida que seja **tranqüila e sossegada** em tudo é o paralelo greco-romano do desejo hebraico de uma vida "em santidade e justiça" (Luc. 1:75). A palavra traduzida como **piedade** (**eusebeia**) não aparece nas outras cartas de Paulo, e a palavra traduzida como **honestidade** (**semnotes**) aparece apenas em formas cognatas. Contudo, a mudança pode ser devida a (1) um secretário, talvez Lucas (cf. At. 3:12; 10:2,7) ou (2) à influência da permanência de Paulo em Roma.

A universalidade em questão de oração é **bom** e **agradável diante de Deus nosso Salvador**, isto é, agrada a Deus. O fato é que Deus **deseja que todos os homens sejam salvos** e **cheguem ao pleno conhecimento da verdade**. Os estudiosos têm tentado, de várias maneiras, obviar o universalismo desta passagem. João Crisóstomo e muitos que vieram depois dele têm feito distinção entre as vontades antecedentes e principal de Deus. Por sua vontade antecedente, Deus deseja a salvação de todos, mas por sua vontade principal ou absoluta, ele permite que alguns se percam de acordo com o seu livre-arbítrio. Na verdade, Paulo não considera este problema; ele simplesmente se opunha à estreiteza dos judaístas (Kelly). O desejo de Deus, da salvação de todas as pessoas, refuta a intolerância em todas as suas formas. **Cheguem ao pleno conhecimento da verdade** não aparece em nenhuma outra passagem das cartas de Paulo, exceto nas Pastorais (II Tim. 2:25; 3:7; Tito 1:1). Significa essencialmente "converter-se ao cristianismo" (Dibelius-Conzelmann) e tem sua origem no judaísmo helênico (cf. Heb. 10:26; II João 1). Todavia, **epignôsis** (conhecimento) é palavra favorita de Paulo.

Paulo reforça o seu argumento, citando um extrato de um antigo hino cristão ou peça didática. Easton chamou-o de "uma versão cristã do **sh'ma** hebraico."

O fato de que **há um só Deus** corresponde à recomendação de orar por todas as pessoas. Ao citar este hino, Paulo diz que os judeus não seguiam corretamente a lógica do seu monoteísmo.

O universalismo cristão é mais firmemente sustentado pelo fato de que há **um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem**. A idéia de Cristo como mediador não aparece nas outras obras de Paulo, mas o pensamento pertence ao fragmento do hino, e não ao próprio Paulo. No centro dele está o conceito de aliança. Moisés era o mediador da antiga aliança. Cristo é o mediador da nova. Um íntimo paralelo deste conceito aparece no conceito, apresentado por Paulo, da reconciliação efetuada por Cristo sobre a cruz (Rom. 3:24; II Cor. 5:19; Spicq). O seu desenvolvimento mais completo ocorre na carta anônima aos Hebreus. Pode-se apenas especular a respeito de suas implicações neste fragmento de hino.

A ênfase da citação feita por Paulo está em a natureza do papel mediador de Cristo como um homem que **se deu a si mesmo em resgate por todos**. Este entendimento baseia-se nas palavras de Jesus, encontradas também em Marcos 10:45 e Mateus 20:28. O estilo foi adaptado às qualidades poéticas do hino. A palavra hebraica "muitos", constante nos Evangelhos, foi mudada, dando lugar ao seu significado apropriado: **todos**. A idéia-chave é que Cristo, como homem, deu a sua vida em troca da vida de todos os homens. Este foi o preço pago pelo pecado e suas conseqüências. A figura de um **resgate** é sugerida pela compra da liberdade para escravos ou prisioneiros; não deve ser forçada literalmente. Teorias penais substitucionárias posteriores representam um desenvolvimento tosco da imagem simples que o hino dá a entender.

Os eruditos têm discutido se **para servir de testemunho a seu tempo** pertence ao fragmento do hino (Easton) ou constitui uma adição paulina (Kelly, Dibelius-Conzelmann). O estilo é, possivelmente, de Paulo (cf. Rom. 12:1 e s.; II Tess. 1:5), mas a sua concisão (lit.: "o testemunho em devido tempo") pode ser devida à abreviação poética (Easton). Duas interpretações são possíveis: (1) Se interpretado em contraposição com a proposição imediatamente anterior, o **testemunho** seria sinônimo de evangelho, **kerygma**, ou ensino da igreja primitiva. Contudo, (2) se visto em contraposição a todo o pensamento dos versos 4 a 6, pode ter a conotação de "prova" da vontade de Deus de salvar todas as pessoas (Spicq). A **seu tempo** é uma frase técnica para Paulo (Rom. 5:6; Gál. 4:4; I Tim. 6:15; Tito 1:3), que significa "em uma época fixada por Deus para cumprir suas promessas", isto é, na vinda de Jesus.

A alusão ao **testemunho** ou ao evangelho evoca, em Paulo, outra afirmação do seu apostolado, mais forte do que antes. **Para o que** (esse testemunho)... **eu fui constituído pregador e apóstolo, mestre dos gentios na fé e na verdade.** Somente aqui e em II Timóteo 1:11 Paulo dá, a si mesmo, o nome de pregador e mestre. Contudo, ele se refere freqüentemente às suas pregações (v.g.: Rom. 10:8; I Cor. 1:23) e ensino (I Cor. 4:17; Ef. 4:21; II Tess. 2:15), particularmente no contexto de defender o seu apostolado. A introdução do termo **pregador (kérux)**, neste ponto, pode ser devida ao seu uso comum em Roma durante a sua estada. [20] Seja o que for que isso signifique, a asseveração de que ele era **mestre dos gentios** não deixa dúvidas quanto à sua nomeação divina. Cristo o nomeara para um ministério universal.

No grego, a expressão **na fé e na verdade** tem duas interpretações possíveis. Pode significar (1) que Paulo ensinava fé e verdade, ou (2) que ele ensinava fiel e verdadeiramente. A maioria dos comentaristas preferem a primeira acepção.

Dentro desta forte afirmação de apos-

20 I Clemente, **Martírio de Policarpo**, Justino e Taciano.

tolado, Paulo inseriu uma vigorosa defesa parentética de sua honestidade em fazer esta declaração. Alguns eruditos têm achado que essa inserção é artificial (assim pensam Dibelius-Conzelmann). Conquanto declarações semelhantes tenham sido adequadas em outras cartas (Rom. 9:1; II Cor. 11:31; Gál. 1:20), argumentam eles, esta é supérflua em uma carta ao seu companheiro de confiança, Timóteo. Contra este ponto de vista precisa-se lembrar que Timóteo iria, certamente, ler a carta em voz alta para a congregação efésia (Jeremias). Se assim é, como Scott observou, "quer emprestada, quer não, a forte afirmação de veracidade está no seu lugar devido". Esta veemente declaração ressalta as reivindicações de Paulo para a missão gentílica, contra o exclusivismo dos judaístas, que "pode ser que tenham sido críticos da evangelização de não-judeus" (Kelly).

2. Tranqüilidade na Adoração Pública (2:8-15)

Havendo repreendido a estreiteza de idéias de seus oponentes, pelo fato de insistir na universalidade da oração, Paulo agora repreende as disputas deles, dando-lhes ordens concernentes à atitude apropriada na adoração pública.

1) De Homens (2:8)

8 Quero, pois, que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda.

Paulo, o comandante, continua a dar ordens a um jovem ajudante-de-ordens. **Quero** é um eufemismo de uma ordem peremptória, que traz em si a autoridade de um decreto real (Scott).

A nota universal soa novamente aqui. **Em todo lugar** é um paulinismo (I Cor. 1:2; II Cor. 2:14; I Tess. 1:8), quase uma expressão técnica, significando onde quer que os crentes se reúnam em adoração, ou onde quer que o evangelho seja pregado.

Paulo não está prescrevendo uma forma de oração, ao afirmar, **levantando mãos santas**; ele meramente alude à forma mais comum de oração naquela época entre os pagãos, judeus e cristãos (Jeremias, Kelly). Os **Orantes** das catacumbas romanas pintam os cristãos de pé, com os olhos voltados para o céu, e as palmas das mãos voltadas para cima, na expectativa de receber a ajuda divina.

Estender **mãos santas** significaria orar com intenção pura (Barrett). Para os dramaturgos gregos, esta expressão significava "liturgicamente puras" (Dibelius-Conzelmann), no judaísmo e especialmente entre os essênios, "estrutura inculpável de mente e de conduta". [21] I Clemente 29:1 apresenta um paralelo expandido: "Portanto, aproximemo-nos dele com santidade de alma, levantando mãos puras e incontaminadas para ele, amando o nosso gracioso e misericordioso Pai, que fez de nós o quinhão de sua eleição para si mesmo." A oração apropriada, desta forma, exime **ira** e **contenda** (cf. Mar. 11:25; Mat. 6:14), como a que os judaístas engendravam.

2) De Mulheres (2:9-15)

9 Quero, do mesmo modo, que as mulheres se ataviem com traje decoroso, com modéstia e sobriedade, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos custosos, 10 mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras. 11 A mulher aprenda em silêncio com toda a submissão. 12 Pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio. 13 Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. 14 E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão; 15 salvar-se-á, todavia, dando à luz filhos, se permanecer com sobriedade na fé, no amor e na santificação.

Depois de uma curta palavra a respeito da conduta dos homens, no culto de adoração, Paulo aborda a conduta das mulheres. A sua discussão mais longa desta matéria indica que esta última

21 Cf. **Manual de Disciplina** 9:1.

consistia em problema especial, como acontecia em Corinto (I Cor. 11:5 e ss.; 14:33 e ss.). É claro que, na sinagoga judaica, as mulheres não tinham parte na adoração pública; só aos homens era permitido orar em voz alta. Contudo, o cristianismo quebrou a barreira dos sexos, e permitiu que as mulheres não apenas participassem, mas até assumissem papéis de liderança. Pensa-se imediatamente, por exemplo, em Priscila (At. 18:2, 18, 26; Rom. 16:3; I Cor. 16:19; II Tim. 4:19) em Roma e Éfeso; Lídia (At. 16:14,40) em Filipos; e Febe (Rom. 16:1) em Cencréia. Esta liberdade recém-conquistada causava consideráveis problemas em relação aos costumes aceitos tanto na sociedade pagã quanto na judaica. Os perturbadores devem ter encorajado a liberdade das mulheres (II Tim. 3:6 e s.). As instruções de Paulo, aqui, refletem algumas das dificuldades que se levantaram. Como parte de sua resposta, ele se aproveita grandemente das regras provavelmente designadas originalmente para a conduta das mulheres em geral (Dibelius-Conzelmann). I Pedro 3:3-6 é notavelmente semelhante.

Primeiro, Paulo recomenda o ornamento com **boas obras**, em vez de modas elaboradas. Este ensinamento está baseado erroneamente na instrução cristã primitiva típica, de que cada pessoa devia contentar-se com as coisas necessárias. A maioria da igreja primitiva provavelmente possuía um mínimo até das coisas necessárias. Conseqüentemente, a ostentação de riquezas ofendia. Paulo, sem dúvida, não investe contra uma apresentação adequada. Ele condena apenas o abuso da moda — **tranças, ouro, pérolas** ou **vestidos custosos**, o vestuário chique e elegante das mulheres pagãs. As mulheres cristãs **se ataviem com traje decoroso, com modéstia e sobriedade... com boas obras.**

As boas obras adequadas às **mulheres que fazem profissão de servir a Deus** são expressas em várias peças didáticas cristãs primitivas. Abrangem não meramente o fato de se evitar as más atitudes, mas também um interesse positivo pelo bem-estar dos outros. O cristianismo primitivo distingue-se por sua caridade não meramente para com os seus próprios participantes, mas até para com os pagãos. Entre as **boas obras** adequadas para com as viúvas, que precisamos considerar como tendo aplicação geral, Paulo relaciona a criação de filhos (órfãos), a demonstração de hospitalidade, lavagem dos pés dos santos, alívio dos aflitos, e toda sorte de bem (5:10). A palavra traduzida como **fazem profissão de servir a Deus** aparece apenas aqui, em o Novo Testamento, mas freqüentemente em obras romanas. [22]

A fim de dar cabo a um certo tumulto, Paulo instruiu as mulheres a aprenderem **em silêncio com toda a submissão**. A solução é a mesma dada em I Coríntios 14:34,35. No entanto, porque alguns manuscritos mais antigos colocam estes versículos depois de I Coríntios 14:40, alguns eruditos têm questionado sua autenticidade (Dibelius-Conzelmann). Contra esta conclusão, levanta-se o fato de que nenhum manuscrito omite inteiramente esses versículos. **Submissão**, como mostrou Philip Carrington, era uma característica regular do catecismo primitivo. Às esposas era ordenado o serem submissas a seus maridos, os escravos aos seus senhores, os filhos aos pais e os cidadãos aos governantes (cf. Rom. 13:1-7; Col. 3:18-4:1; Ef. 5:22-6:9). A injunção ao silêncio parece ser judaica (Dibelius-Conzelmann), mas "a expectativa de que as mulheres podem pelo menos 'aprender' é um avanço em relação ao judaísmo" (Easton). A proibição de mulheres ensinarem e assumirem autoridade sobre os homens concorda perfeitamente com os antecedentes judaicos de Paulo (cf. I Cor. 11:8). As circunstâncias não permitiam o tipo de liberdade que as mulheres alcançaram no último século, mais ou menos.

22 II Clemente, Diogneto; e **theosebes** em João, I Clemente e **Martírio de Policarpo**.

Paulo sustenta o seu ponto de vista de que as mulheres se submetam voluntariamente a seus maridos, citando as histórias da criação em Gênesis. Ele usa dois argumentos: (1) Deus criou o homem antes de criar a mulher (Gên. 2:22). (2) A mulher foi enganada pela serpente; o homem não (Gên. 3:1-6). Nesta segunda ilustração, Paulo não pretende negar a transgressão ou "queda" de Adão. A sua idéia é que a serpente enganou Eva apenas, como diz o relato de Gênesis; foi ela, e não a serpente, que deu o fruto proibido a Adão.

A declaração final é excessivamente obscura. Com o restante da passagem, os versos 11 a 15, parece opor-se à proibição do casamento, exarada pelos perturbadores (I Tim. 4:3); daí o ponto principal seria que a mulher devia fazer o que Deus pretendia que ela fizesse: casar-se e dar à luz filhos. A declaração difícil de que a mulher **salvar-se-á... dando à luz filhos** tem recebido inúmeras explicações, cujas principais são: (1) a antiga sugestão de que Paulo está se referindo ao nascimento de Cristo através de Maria e (2) a tradução de Moffatt: "Ela será trazida em segurança através do nascimento de filhos." Nenhuma delas realmente é consistente. Sir W. M. Ramsay sugeriu que esta declaração não dá a entender as dores de parto, como em Gênesis 3:16, mas simplesmente o papel natural de mãe.

Dar à luz filhos não é a única coisa que a mulher deve fazer para assumir o seu devido lugar no plano da salvação. Ela deve também **permanecer com sobriedade na fé, no amor e na santificação.** O verbo **permanecer** é plural e não tem sujeito. Dois sujeitos possíveis têm sido sugeridos aqui, a saber: (1) os filhos ou (2) as mulheres. A redação grega favorece a segunda acepção, pois a palavra filhos, na verdade, não aparece. A palavra traduzida como **dando à luz filhos**, na versão da IBB, é apenas uma expressão significando, literalmente, procriação. Anteriormente, a palavra **mulher** estava sendo usada no sentido coletivo, em lugar de "mulheres". A adição de **sobriedade** às virtudes caracteristicamente paulinas de **fé, amor e santificação** ressalta uma vez mais a necessidade de uma atitude de moderação entre as mulheres, tanto quanto entre os homens.

III. Ordens Concernentes ao Ministério (3:1-16)

A desordem que os judaístas ameaçavam estabelecer em Éfeso requeria que Paulo desse orientações também concernentes ao ministério. Suas instruções atestam a data primitiva destas cartas, de duas maneiras: (1) Há prescrições para dois ofícios apenas: presbíteros-bispos e diáconos (cf. Fil. 1:1). O episcopado monárquico que se levantou no segundo século é desconhecido, "uma das principais evidências da data antiga das Pastorais" (Scott). (2) As listas têm um caráter geral, dependendo muito das listas éticas populares que eram usadas para os ofícios públicos.

1. Presbíteros-Bispos (3:1-7)

1 Fiel é esta palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja. 2 É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, temperante, sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, apto para ensinar; 3 não dado ao vinho, não espancador, mas moderado, inimigo de contendas, não ganancioso; 4 que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com todo o respeito 5 pois, se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?); 6 não neófito, para que não se ensoberbeça e venha a cair na condenação do Diabo. 7 Também é necessário que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em opróbrio, e no laço do Diabo.

Como resultado do caráter geral destas listas, pode-se determinar bem exatamente o papel dos presbíteros-bispos ou diáconos na época de Paulo. A semelhança do título funcional **episcopos** com o do supervisor ou superintendente essênio (**mebaqqer**) levou J. N. D. Kelly a

aventar a teoria de que "este termo, e o sistema administrativo que ele representa, passaram para a igreja provindos do judaísmo heterodoxo". Os deveres do supervisor incluíam o exame dos novos membros, a direção das finanças, ensino, disciplina, arbitração de disputas entre os membros, direção de reuniões públicas e a prestação de um ministério pastoral geral. [23] Algumas dessas mesmas funções são pelo menos sugeridas nas listas de qualificações das Pastorais. Atos 20:17 e ss. e I Pedro 5:1 e ss. enfatizam o papel pastoral dos presbíteros-bispos. I Pedro 2:25 retrata o próprio Cristo como "Pastor e Bispo das vossas almas". Este papel evidentemente diz respeito aos líderes mencionados em Romanos 12:8 e I Tessalonicenses 5:12, os pastores de Efésios 4:11, e os ministérios de socorro (ajuda) e presidência de I Coríntios 12:28 (Kelly).

Paulo defende o dom de administração, citando um provérbio popular. Embora algumas pessoas tenham considerado a fórmula **Fiel é esta palavra** em conjunto com 2:15, parece melhor aplicá-la a 3:1. Em si mesmo, este dito provavelmente recomenda "ambição por um cargo em geral", e não simplesmente pelo cargo de presbítero-bispo. Uns poucos manuscritos chegam a mencionar "popular", em vez de "fiel". Originalmente, ele, provavelmente, significava: "Se alguém aspira um cargo público (gr.: **episcope**), deseja uma nobre tarefa." Desta forma, Paulo joga com as palavras **episcope** e **episcopos**. A palavra traduzida como **aspira** tem uma boa conotação, dando a entender intenção interior, mais do que esperta manipulação para se obter uma posição.

Paulo começa a sua lista com uma qualificação compreensível. A tradução da IBB **irrepreensível** pode ser que seja forte demais. Easton a traduziu como "não acusável de nenhuma conduta errada". Tanto dentro da igreja como fora, Paulo pretende dizer, ele devia ter uma boa reputação.

O que significa exatamente **marido de uma só mulher** continua em discussão. Cinco interpretações têm sido sugeridas: (1) fiel à sua única esposa (NEB, Barrett); (2) casado com uma esposa de cada vez, isto é, monógamo; (3) casado apenas uma vez, isto é, não casado novamente, depois de divórcio ou morte de sua esposa; (4) nunca divorciado (A.T. Hanson); e (5) necessariamente casado. Embora Paulo se opusesse contra os que proibiam o casamento, a última interpretação contradiria suas opiniões exaradas em I Coríntios 7, onde ele desencoraja o casamento, porque "o tempo se abrevia". A tradição primitiva se opunha a novo casamento após divórcio, e por isso tendia em direção à terceira hipótese, mas o encorajamento que Paulo dá a um novo casamento de viúvas, em 5:14, coloca-se contra esta opinião. A natureza geral das instruções provavelmente torna a primeira ou segunda hipóteses mais plausíveis. A poligamia, tanto entre judeus como entre gentios, era extremamente comum; a infidelidade no casamento era quase um hábito pagão. Paulo insiste na fidelidade para com o laço conjugal.

As três qualificações seguintes podem ser resumidas nas palavras "um verdadeiro cavalheiro cristão" (Kelly). As palavras **temperante** (cf. 3:11; Tito 2:2) e **sóbrio** (cf. Tito 1:8; 2:2,5) têm acepção semelhante, subentendendo não apenas sobriedade em relação ao álcool, mas nas atitudes e na conduta em geral. A palavra traduzida **ordeiro** (cf. I Tim. 3:2), freqüentemente associada com "sensível", no uso comum, é o contrário de desordeiro, que era uma característica dos oponentes de Paulo. Os problemas levantados ao líder de uma outra congregação requerem alguém que tenha cabeça fria.

Os requisitos de que o presbítero-bispo seja **hospitaleiro** e **apto para ensinar** sugerem dois deveres prováveis: (1) o

23 **Man. Disc.** 6:10 e ss.; 19 e ss.; **Dam. Doc.**, 13:7-16; 14:8-12.

cuidado para com os necessitados e viajantes e (2) o ensino. A hospitalidade para com os estranhos propiciou distinção à igreja primitiva. Hotéis ou hospedarias decentes eram uma raridade. Os líderes de uma igreja local tinham a responsabilidade de providenciar um lugar para os viajantes permanecerem (Tito 1:8). Pode parecer estranho que Paulo tivesse que mencionar os itens seguintes: **não dado ao vinho, não espancador, mas moderado, inimigo de contendas**, mas precisamos lembrar que o próprio Paulo ajudara a conversão de alguns dos próprios farrapos da humanidade. Alguns dos seus coríntios convertidos haviam sido devassos, idólatras, adúlteros, efeminados, ladrões, avarentos, bêbados, maldizentes e roubadores (I Cor. 6:9-11). A igreja freqüentemente era repreendida por seus competidores castos por ter uma política de portas abertas.

Mas Paulo precisava instruir e encorajar e persuadir abundantemente, para fazer com que os seus rebanhos apresentassem um padrão aceitável de moralidade. Ele não proíbe a bebida inteiramente (cf. 5:23), mas o seu uso excessivo — o vício (3:8) ou escravidão a ela (Tito 2:3). A bebedice, sem dúvida, freqüentemente dá origem a violência e discussões (lit., brigas) (cf. Rom. 13:13) e imoralidade. Ao invés de ter esses defeitos, Paulo queria que os líderes da igreja fossem **moderados** (Tito 3:2; cf. Fil. 4:5) ou graciosos em revelar as faltas dos outros, qualidade que ele atribuía ao próprio Jesus (II Cor. 10:1).

Era importante também que os presbíteros-bispos e diáconos não fossem amantes do dinheiro, ou **gananciosos** (cf. Tito 1:7). Talvez já na época de Paulo, e certamente mais tarde, o primeiro desses oficiais da igreja dirigia a coleta e distribuição das ofertas para os órfãos, viúvas, pobres, presos, e assim por diante; o último deles fazia a distribuição propriamente dita. Muito dependia da honestidade e integridade deles, assim como hoje em dia.

Agora Paulo nos apresenta o indício mais claro a respeito da função dos presbíteros-bispos e diáconos. Eles são gerentes (3:4,5,12) ou mordomos (Tito 1:7), por assim dizer, de uma igreja local, a casa de Deus. Por analogia, eles precisam dirigir sua casa de maneira satisfatória, se quiserem dirigir bem a casa maior. A maneira como os seus filhos se portam fornece uma prova instrutiva, isto é: se eles vivem **em sujeição, com todo o respeito**. Os códigos de conduta cristãos primitivos ensinavam submissão e obediência da parte dos filhos (cf. Col. 3:20; Ef. 6:1 e ss.). Mas Paulo não advoga maus tratos para conservá-los na linha. Ele instrui os pais para não provocarem a ira de seus filhos, "para que não fiquem desanimados" (Col. 3:21). A disciplina familiar precisa ser edificada sobre o amor **agapê**. Da mesma forma, a disciplina eclesiástica!

Aquele que tem uma responsabilidade tão grande de gerenciar uma igreja **não** pode ser **neófito**. Em outra parte (5:22), Paulo adverte Timóteo contra a ordenação apressada. Scott viu nisso "uma admissão irrefletida de que as Pastorais são consideravelmente posteriores à época de Paulo". Contudo, não se precisa concluir isto, no caso da igreja efésia, que devia ter bem mais do que dez anos de idade na época em que Paulo escreveu sua carta a eles. De qualquer forma, ele não faz o mesmo requerimento em relação a Creta, que era supostamente uma missão nova. O perigo existente em um neófito, nota Paulo sabiamente, é que ele pode se ensoberbecer. O resultado seria que ele pode **cair na condenação do Diabo**. Esta frase difícil pode significar: (1) que ele sofreria o mesmo juízo que o Diabo sofreu quando ficou inchado de presunção, isto é, foi expulso do céu, ou (2) que ele seria colocado nas mãos do Diabo, para ser julgado, como Jó, ou (3) que ele seria criticado por um caluniador, outro significado da

palavra Diabo. Favorecendo a primeira hipótese, há o fato de que Paulo em lugar algum atribui julgamento ao Diabo (Barrett). Favorecendo a segunda, existe o sentido mais claro da sentença seguinte (v. 7). A terceira interpretação é improvável no contexto.

Finalmente, é **necessário** que o presbítero-bispo **tenha bom testemunho dos que estão de fora**, freqüente admoestação paulina para todos os crentes (I Tess. 4:12; I Cor. 10:32; Col. 4:5; Fil. 2:15). A missão da igreja depende da boa reputação de seus membros, especialmente de seus líderes. Uma reputação negativa deixa o líder exposto ao **opróbrio** e **laço do Diabo**. Paulo faz uma advertência similar em relação aos que querem tornar-se ricos (6:9).

2. Diáconos (3:8-13)

8 Da mesma forma os diáconos sejam sérios, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância, 9 guardando o mistério da fé numa consciência pura. 10 E também estes sejam primeiro provados, depois exercitem o diaconato, se forem irrepreensíveis. 11 Da mesma sorte as mulheres sejam sérias, não maldizentes, temperantes, e fiéis em tudo. 12 Os diáconos sejam maridos de uma só mulher, e governem bem a seus filhos e suas próprias casas. 13 Porque, os que servirem bem como diáconos, adquirirão para si um lugar honroso e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus.

O ofício de diácono não tem paralelo específico no judaísmo. Parece que se originou mais do conceito de servo, que Jesus esposou para a sua missão, e que a igreja primitiva herdou dele. Os sete de Atos 6 não foram os primeiros diáconos, pois este termo não é aplicado a eles, e executavam uma função bem diferente (Barrett, Kelly). No entanto, a idéia de assistência a outros membros da igreja tem relevância para os diáconos. Na verdade, Paulo usa as palavras **diakonos** (diácono, ministro, servo) e **diakonia** (ministério, serviço) de variadas formas.

A lista diaconal de I Timóteo se sobrepõe à lista episcopal, revelando como os dois ofícios estavam intimamente relacionados. Como na lista anterior, ele fala pouco acerca de deveres; pelo contrário, a ênfase se exerce sobre as características pessoais. **Da mesma forma os diáconos**, isto é, como os presbíteros-bispos, **sejam sérios**. No bom sentido, a palavra traduzida como **sérios**, encontrada apenas em Paulo (cf. Fil. 4:8; Tito 2:2), significa digno de respeito ou "homens de princípios elevados" (Barrett). Considerando que o seu ministério aos necessitados o levaria de casa em casa, ele não pode ser **de língua dobre**, (lit., de palavra dobre). Dois significados têm sido dados para **língua dobre**: (1) alguém que pensa uma coisa e diz outra, isto é, mente dobre (Crisóstomo); e (2) alguém que diz uma coisa para uma pessoa, outra para outra (Theodoret). Ambos têm alguma aplicação no diaconato.

Da mesma forma que os presbíteros-bispos, os diáconos precisam evitar beber em excesso, e a cobiça (cf. o comentário sobre 3:3).

Como participantes do ministério de ensino na igreja, eles precisam **guardar o mistério da fé numa consciência pura**. O ponto focal, aqui, é a pureza de consciência (cf. o comentário sobre 1:5,19). A palavra clara ou **pura (katharos)** aparece nove vezes nestas três cartas. O único lugar em que Paulo a usou fora delas é Romanos 14:20, onde ele também tratou de questões de consciência quanto a comer ou não comer certos alimentos. Contra os sofismas dos judaístas, o mestre precisava de certeza interior a respeito do **mistério da fé. Mistério** significa, aqui, o que geralmente faz nas cartas de Paulo: o propósito eterno de Deus que tem estado escondido, mas agora é revelado em Jesus Cristo. Paulo cria que era um mordomo do "segredo desvendado" de Deus (I Cor. 4:1). A **fé** tem a conotação formal, aqui. Ocasionalmente, Paulo fez distinção entre o cristianismo e o judaísmo desta forma (cf. Gál. 1:23; Col. 2:7).

Paulo aconselha um período de prova para os candidatos ao diaconato. Não dá a entender nenhum teste formal (Kelly). Esta declaração parece ter a mesma implicação (note-se: e **também estes sejam**) que a sua instrução para que um bispo "não seja neófito" (3:6). Paulo esperava que todos os crentes exercessem um diaconato — cuidando dos necessitados, visitando os doentes, confortando os desanimados, etc. Se durante esse período forem **irrepreensíveis**, de boa reputação, que sejam formalmente considerados como diáconos.

O versículo 11 suscita um problema de monta. Quatro interpretações das **mulheres** têm sido apresentadas: (1) esposas de diáconos; (2) diaconisas; (3) esposas de bispos e diáconos; e (4) mulheres em geral. A terceira e quarta alternativas têm recebido pequeno apoio. Bons argumentos têm sido apresentados para as duas primeiras posições. (1) Os argumentos usados para apoiar a aplicação desta palavra às esposas dos diáconos são: (a) Visto que os versos 8 e ss. e 12 e s. tratam com diáconos do sexo masculino, é improvável que uma referência a diaconisas fosse introduzida entre eles; (b) uma referência a diaconisas seria mais detalhada; (c) um termo mais definido do que "mulheres" teria sido usado; e (d) o ministério das mulheres é abordado em 5:3-16, isto é, em relação às viúvas.

(2) Os argumentos usados para apoiar a aplicação desta passagem a diaconisas são: (a) Não existe a forma feminina de **diakonos** no Novo Testamento; em Romanos 16:1, é mencionada como **diakonos**. (b) Gramaticalmente, esta declaração quebra completamente a linha de pensamento. **Da mesma sorte** refere-se ao verso 2. (c) As virtudes requeridas são altamente aplicáveis a ministros, e não a esposas. (d) Se Paulo estivesse referindo-se a esposas, seria mais explícito, **suas** mulheres. O peso dos argumentos favorece levemente a segunda interpretação. No fim do segundo século temos clara evidência de diaconisas. Certos deveres pareciam requerer ministros femininos, v.g., batismo, cuidado de mulheres doentes, e assim por diante.

Diaconisas ou esposas de diáconos que participam do ministério de seus esposos precisam de qualificações diaconais. Elas precisam ser mulheres de princípios elevados (veja o v. 8), **não maldizentes** (cf. **não de língua dobre**), **temperantes**, e inteiramente dignas de confiança (cf. o comentário sobre 1:12). Depois desta breve pausa, para falar a respeito de esposas ou diaconisas, Paulo encerra a sua lista de qualificações para os diáconos: maridos **de uma só mulher** (3:2) e bons governantes de suas próprias casas (3:4,5). Um bom trabalho como diáconos, lembra-nos Paulo, conquista-lhes **um lugar honroso**. A palavra traduzida como **lugar**, encontrada apenas aqui em o Novo Testamento, originalmente significava degrau, e, daí, grau ou posição (v.g., de um soldado). Alguns intérpretes têm visto nesta palavra a idéia de progresso do ministério de diácono para o de presbítero, mas isso parece improvável, em vista das declarações paralelas. Mais provavelmente, isso tem a conotação de posição de respeito, que se pode atingir mediante um bom trabalho realizado. Esta posição de respeito levaria, por seu turno, a **muita confiança na fé que há em Cristo Jesus**. A expressão **muita confiança** (lit., grande ousadia), usada só por Paulo nos livros cristãos da época primitiva, refere-se à confiança do crente em referência ao fato de Deus julgá-lo. O grego não tem artigo antes de **fé**, e não tem a conotação formal insinuada pela RSV (cf. Ef. 3:12; I Tess. 2:2). Pelo contrário, Paulo pretende sublinhar a **confiança** que se origina da entrega ou confiança do crente **em Cristo Jesus** (veja o comentário sobre 1:14).

3. A Razão Para Paulo Escrever (3:14-16)

14 Escrevo-te estas coisas, embora esperando ir ver-te em breve, 15 para que, no

caso de eu tardar, saibas como se deve proceder na casa de Deus, a qual é a igreja do Deus vivo, coluna e esteio da verdade. 16 E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade:

Aquele que se *manifestou* em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória.

Tendo dado ordens um tanto prolongadas a respeito de assuntos mundanos, Paulo pára, a fim de assegurar a Timóteo o significado do que diz. Nestes três versículos, ele apresenta "a chave para o significado intrínseco das Epístolas Pastorais" (Scott), edificando uma ponte, por assim dizer, entre as duas principais partes de I Timóteo.

Muitos eruditos perguntam por que Paulo precisaria ter escrito esta carta da maneira como está redigida aqui. Por que ele não deixou instruções com Timóteo ao viajar para a Macedônia (1:3), como um bom negociante teria feito (assim pensa Scott)? A resposta talvez esteja no fato de que o futuro de Paulo era tão incerto e que Timóteo, muito mais do que Tito, cujas instruções são bem limitadas, começara a sofrer de sua habitual insegurança na ausência de Paulo. Esta carta o iria fortalecer nos momentos de incerteza, falando mais para a congregação efésia, que ouviu a carta, do que ao próprio Timóteo. Isto concordaria com o propósito declarado de Paulo. Ele escreve a fim de que Timóteo **saiba como se deve proceder na casa de Deus**. A frase traduzida **como se deve proceder** pode aplicar-se tanto ao caráter como à vida de uma pessoa (cf. Ef. 2:3; Heb. 13:18) e às relações entre pessoas (II Cor. 1:12; Tiago 3:13). Desta forma, pode ser traduzida: "como as **pessoas** devem proceder".

A referência de Paulo à **casa de Deus**, que retoma o seu pensamento de 3:4, 5, 12, fornece uma oportunidade para advertir quanto à igreja e seu fundamento, Jesus Cristo. A palavra traduzida como "casa" não é acompanhada de artigo definido, o que significa que Paulo provavelmente, está referindo-se a cada congregação local (Barrett, Kelly). Considerando-se deste ponto de vista, Paulo concebe uma igreja local como uma família cristã (veja, acima, os versos 4 e 5). Dentro de cada lar cristão, pretende ele dizer, a harmonia e a concórdia precisam prevalecer, da mesma forma como acontece em uma família bem organizada.

Mas a palavra **oikos** tem outra nuança de significado: casa (edifício), que Paulo passa a desenvolver metaforicamente. Cada congregação é uma **igreja do Deus vivo**. A palavra **igreja**, como **casa**, carece de artigo, de forma que a tradução da RSV, como a da IBB, deixa de fazer uma versão exata. Paulo tem uma forte preferência pela expressão "a igreja de Deus" (cf. I Cor. 1:2; 10:32), mas normalmente usa com ela o artigo, de forma que uma congregação local parece claramente subentendida, aqui. A referência a Deus como o **Deus vivo**, da mesma forma como a imagem de uma **casa**, é tirada do Velho Testamento (cf. Rom. 9:26; II Cor. 3:3; 6:16).

Cada igreja local, portanto, é um pilar e fortaleza da verdade. Mais uma vez a tradução da IBB deixa de apresentar a imagem correta, pois nem **coluna** (pilar) nem **esteio** (fortaleza) têm artigo. Observe-se que Paulo não fala em alicerce. Só Cristo é o fundamento (I Cor. 3:11). Uma igreja executa a função de coluna e de esteio, isto é, ela mantém a verdade (sinônimo de "a fé"), e a sustenta contra ataques. Esta declaração pode ter referência à frase essênia, se idéias essênias estão por detrás dos pontos de vista judaístas: "estabelecer em Israel uma sólida base de verdade." [24] Em uma carta a Éfeso, ela, indubitavelmente, alude também ao templo de Artemis e ao poderoso culto de Artemis.

A alusão à **verdade** traz à mente de Paulo um hino, e bem escolhido, por causa de sua nota de universalismo.

24 **Man. Disc.**, 5:5; cf. **Dam. Doc.**, 3:19.

Várias coisas provam a natureza antífona da passagem: (1) a introdução, (2) métrica grega, (3) assonância, e (4) a sua falta de concordância com o contexto.

Os mais antigos manuscritos apresentam duas redações possíveis para a introdução: (1) **E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade**, e (2) "Por consenso comum (ou confessadamente), de fato é grande o mistério da piedade". A evidência dos manuscritos favorece fortemente a segunda redação, mas a primeira é uma forma mais adequada para Paulo introduzir uma citação (cf. Rom. 10:9,10). **O mistério da piedade** é equivalente ao "mistério da fé" (3:9) e é uma transcrição ampliada da **verdade** do verso 15. A redação forma um íntimo paralelo com Efésios 5:32. Bem pode ser que Paulo tivesse a intenção de contraditar o clamor do culto efésio: "Grande é a Diana (ou Artemis) dos Efésios!"

O hino todo coloca-se em aposição a **mistério**. Está meridianamente claro que o sujeito do hino é Cristo (cf. Col. 1:27; 2:2), embora muitos manuscritos primitivos tenham mudado o **Aquele que** (gr., **hos**) (1) para "aquilo que" (**ho**), desta forma fazendo do mistério o sujeito, ou (2) para "Deus" (**theos**), que, em forma abreviada, é dificilmente distinguível de "Aquele que".

O hino em si foi arranjado de duas formas: duas estrofes de três linhas cada, ou três estrofes de duas linhas. Este último arranjo parece satisfazer melhor o paralelismo hebraico: (1) carne-Espírito, (2) anjos-nações, (3) mundo-glória. Joachim Jeremias chama nossa atenção para o paralelismo entre a progressão das três estrofes e a cerimônia oriental de entronização: (1) elevação, (2) apresentação e (3) entronização. Embora este padrão, provavelmente, subjaz na hinologia cristã primitiva, este hino é melhor interpretado em sua ordem cronológica simples (cf. Fil. 2:6-11). Os seis estágios seriam: (1) encarnação, (2) ressurreição, (3) ascensão, (4) pregação do evangelho, (5) reação a ele, (6) vitória final de Cristo.

Um ou dois itens precisam de comentário mais detalhado. Embora alguns eruditos tenham aplicado **justificado em Espírito** à ascensão, a interpretação cronológica favorece a ressurreição. Romanos 1:4 e I Pedro 3:18 favorecem esta interpretação. **Visto dos anjos** e **recebido acima na glória** podem ser interpretadas como referências à ascensão. Para preservar a seqüência cronológica, alguns estudiosos traduziram **anjos** como "mensageiros", acepção que é freqüente; outros aplicaram a expressão considerada a seres espirituais malignos; ainda outros pensam que se refere a anjos que presenciaram a encarnação e a ressurreição (I Ped. 1:12). No entanto, a sugestão mais provável é de C. K. Barrett, ou seja, de que **visto dos anjos** refere-se à ascensão (cf. Fil. 2:9 e s.; Col. 2:15; Heb. 1:6) e **recebido acima na glória**, à vitória final de Cristo, no Juízo.

O universalismo deste hino deve ser notado. A vitória de Cristo se estende por todas as esferas da existência: anjos, nações e mundo. Se alguém traduzisse a linha 4 como "pregado entre os gentios" (como o faz a IBB), estaria detetando um golpe ainda mais forte de Paulo contra o exclusivismo dos judaístas. Cristo propiciou salvação universal. Este é o "segredo desvendado" da divindade (**piedade**), a verdade que as igrejas por toda parte devem sustentar e proteger!

IV. Ordens Concernentes ao Comportamento na Igreja (4:1-6:2a)

Paulo chega, agora, às ordens miscelâneas a respeito do comportamento na igreja em Éfeso. Ele, em primeiro lugar, refuta o falso asceticismo dos judaístas, que proibiam o casamento e a abstinência de certos alimentos (4:1-5). Em seguida, ele instrui Timóteo a evitar debates, e, em vez disso, exercitar-se na piedade (4:6-10), cuidando do ministério de lide-

rança do próprio Paulo, até que ele lá fosse (4;11-16). Ele dá instruções a respeito do comportamento adequado de certos grupos que compõem a igreja: pessoas jovens e idosas (5:1,2), viúvas (5:3-16), presbíteros (5:17-25), escravos e senhores (6:1,2a).

1. Refutado o Falso Asceticismo (4:1-5)

1 Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, 2 pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada, 3 proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ações de graças pelos que são fiéis e que conhecem bem a verdade; 4 pois todas as coisas criadas por Deus são boas, e nada deve ser rejeitado se e recebido com ações de graças; 5 porque pela palavra de Deus e pela oração são santificadas.

Pela primeira vez Paulo torna-se específico a respeito do problema dos efésios. Ele lança sua refutação em forma de profecia, uma forma "profundamente arraigada no pensamento cristão primitivo (Kelly; cf. Mar. 13:22; At. 20:29,30; II Tess. 2:3, 11 e s.; II Tim. 3:1 e ss.; Apoc. 13). Os essênios, que podem ter sido o canal para o erro efésio, regularmente usavam este estilo para comentar os eventos contemporâneos; e Paulo, aqui, provavelmente não tinha em mente um problema futuro, mas imediato, como o demonstra a sua refutação nos versos 3 a 5 (Dibelius-Conzelmann).

A palavra traduzida como **expressamente**, em todo o Novo Testamento usada apenas aqui, aparece várias vezes na **Primeira Apologia** de Justino Mártir (35:10; 63:11), para introduzir uma profecia do Velho Testamento. Sem dúvida, Paulo está aludindo a um profeta vivo, inspirado pelo Espírito, como em Atos 11:27 e s., 13:1 e s. e I Coríntios 14. **Em tempos posteriores** significa "nos últimos tempos", isto é, entre a primeira e a segunda vindas de Cristo, como em II Timóteo 3:1.

Paulo atribui a apostasia deliberada de "alguns" (veja o comentário sobre 1:3) ao fato de darem **ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios.** Isto pode significar (1) que os mestres errôneos gastavam muito tempo falando acerca de espíritos malignos e demônios. Colossenses 2:8 e ss., atesta o fato de que houve debates semelhantes em Colossos. O Rolo de Guerra de Qumran propicia amplos subsídios no judaísmo para essas discussões. No entanto, muitos eruditos (2) interpretam essa referência a demônios no sentido subjetivo. Isso daria a entender que, como em II Coríntios 2:11 e 4:4, Paulo crê que Satanás e suas hostes demoníacas haviam assumido o controle deles, resultando daí que o ensino deles era demoníaco (cf. Jeremias).

Seja como for, como homens, eles agiam **pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada.** O seu problema relaciona-se com uma consciência fraca ou contaminada (veja o comentário sobre 1:5,19; 3:9). Há outra forma de interpretar o verbo traduzido como **cauterizada.** O Diabo os levou cativos (3:6,7) e colocou a sua marca neles, em lugar da marca de Cristo.

A má consciência leva a dois erros: (1) proibição do casamento e (2) abstinência de certos alimentos. O celibato era praticado pelos essênios. As leis dietéticas consistiam parte importante do pensamento judaico primitivo, e figuravam decisivamente nas tensões entre os cristãos judeus e gentios (cf. Gál. 2; At. 15). Paulo não se dá ao trabalho de refutar a primeira opinião, pois já tornara a sua posição clara em 2:15. Ele a reafirmará em 5:14 e em Tito 2:4. O problema dietético, talvez, o mesmo que em Romanos 14:1 e s. e Colossenses 2:20-23, é atacado citando a maneira como o Antigo Testamento entende a criação e o conceito cristão de ação de graças. (1) Os alimentos são bons visto que foram **criados por Deus**, pois **todas as coisas criadas por Deus são boas** (Gên. 1:31). (2)

Eles são bons também quando **recebidos com ações de graças pelos que são fiéis e que conhecem bem a verdade**, isto é, os crentes (cf. o comentário sobre 2:4), e **nada deve ser rejeitado se é recebido com ações de graças; porque pela palavra de Deus e pela oração são santificadas.** Assim Paulo insiste também em Romanos 14:6, I Coríntios 10:30 e Filipenses 4:6. **A palavra de Deus** pode significar: (1) a palavra falada por ocasião da criação em Gênesis 1, (2) certas palavras das Escrituras usadas em orações ou ações de graças (v.g., Sal. 145:15,16), ou (3) simplesmente a **oração** propriamente dita. O que Paulo quer dizer é: quando se dá **ação de graças** à hora das refeições, o próprio Deus santifica novamente a comida, como por um novo ato de criação. O fato é que ele continua sempre a sua atividade criadora; na oração, participamos com ele dessa atividade, e gozamos dos seus benefícios.

2. Como Timóteo Devia Proceder com Referência aos Adversários (4:6-16)

6 Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, nutrido pelas palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido; 7 mas rejeita as fábulas profanas e de velhas. Exercita-te a ti mesmo na piedade. 8 Pois o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, visto que tem a promessa da vida presente e da que há de vir. 9 Fiel é esta palavra e digna de toda a aceitação. 10 Pois para isto é que trabalhamos e lutamos, porque temos posto a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem. 11 Manda estas coisas e ensina-as. 12 Ninguém despreze a tua mocidade, mas sê um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. 13 Até que eu vá, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino. 14 Não negligencies o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. 15 Ocupa-te destas coisas, dedica-te inteiramente a elas, para que o teu progresso seja manifesto a todos. 16 Tem cuidado de ti mesmo e do teu ensino; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem.

Ao voltar a estes conselhos pessoais, Paulo pensou primeiramente na comunidade de Éfeso. Timóteo devia **propor estas coisas**, isto é, todas as instruções precedentes, **aos irmãos.** Ao aconselhar acerca da comunidade, novamente Paulo faz uso da imagem da família. O verbo traduzido como **propor** não contém "nenhuma nota de autoridade ou comando peremptório" (Kelly). As ordens, dadas através do Timóteo, eram para os **irmãos** (cf. 5:1; 6:2; II Tim. 4:21), maneira favorita de Paulo se dirigir aos seus companheiros de fé cristã.

Se Timóteo passar adiante de maneira apropriada as instruções de Paulo, será **bom ministro de Cristo Jesus** (cf. I Tess. 3:2). A palavra **ministro (diakonos)** é usada em sentido geral (veja o comentário sobre 3:8,12), outra evidência da data antiga das Pastorais. É claro que o eficiente serviço cristão deriva de uma preparação apropriada. Um bom ministro precisa ser **nutrido pelas palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido**. Coerentemente, Paulo tivera que alimentar os coríntios primeiramente de leite, e depois de comida sólida (I Cor. 3:1 e ss.), até que eles amadurecessem (cf. Heb. 5:12-14; Mat. 4:4). A dieta, nesse caso, seria uma **boa doutrina** cristã, o oposto das doutrinas enganosas, inspiradas por demônios (4:1). Timóteo conheceria a diferença, pois ele aprendera essa mensagem de Paulo. Em outro texto, Paulo diz ter ensinado uma certa doutrina básica em todas as igrejas que ele alcançara com sua missão (cf. Rom. 6:17; 16:17; I Cor. 4:17), e insiste que elas se apegassem a ela. Ele estava pronto para anatemizar homens ou anjos por pregarem outro evangelho, diferente do que ele pregara (Gál. 1:8 e s.).

Desta forma, ele exorta o seu filho na fé para **rejeitar as fábulas profanas e de velhas**. Em sua denúncia das espertas invenções dos judaístas, dificilmente Paulo poderia encontrar termos mais fortes. Evita-os inteiramente, insiste ele (cf. Tito 3:10). Ele chama as **fábulas**

judaístas (Tito 1:4) de **profanas** e **de velhas**, sendo este último termo usado pelos filósofos para designar de maneira caricata as opiniões dos seus oponentes. O que ele quer dizer é que tais debates seriam mais adequados para um círculo de velhas fazendo fofoca!

Do lado positivo, Paulo admoesta a Timóteo: **Exercita-te a ti mesmo na piedade**. Como ilustração deste ponto, ele apresenta o que parece ser uma máxima popular estóica ou cínica a respeito do valor da piedade ou da religião. A fórmula do verso 9 parece referir-se quase certamente ao verso 8, e não estar introduzindo uma citação no verso 10, visto que este (1) se inicia com **pois** e (2) é escrito no estilo das pastorais.

A idéia dessa máxima é: se o treinamento físico tem valor, muito maior valor tem o treinamento espiritual. Freqüentemente, Paulo faz uso de analogias tiradas do atletismo, para enfatizar uma idéia semelhante (cf. I Cor. 9:24-27; Fil. 3:12). Se, como diz Easton, "O utilitarismo virtual, aqui, é não-paulino", deve-se culpar a citação. Ao usá-la, Paulo não tem a intenção de dizer que a piedade do homem ou os exercícios piedosos o salvarão, pois ele já havia insistido, em 1:15 (cf. II Tim. 1:9, Tito 3:4 e s.), que a graça de Deus por si só é suficiente. Pelo contrário, ele deseja argumentar que o desenvolvimento espiritual tem mais importância do que o físico, porque tem conseqüências muito mais duradouras, pois **tem a promessa da vida presente e da que há de vir.**

Interpretado dessa maneira, o verso 10 é considerado como um comentário de Paulo à sua própria ilustração. Paulo e Timóteo **trabalham** e **lutam** a fim de obter a promessa apresentada pela sua fé (**para isto**). Inúmeros textos primitivos dizem "ser reprovados", em vez de "trabalhamos". Visto que um escriba pode ter introduzido esta mudança, devido ao uso que Paulo faz de trabalhar e lutar juntos em Colossenses 1:29, esta poderia ser a redação correta (certamente seguindo a regra de se escolher a redação "mais difícil"). Todavia, **trabalhamos** se enquadra melhor nas imagens atléticas (nos esforçamos); por isso, a maioria dos eruditos favorece essa interpretação, em vista do apoio mais forte que tem nos manuscritos primitivos.

Paulo explica mais precisamente a base do trabalho missionário. Ela está no fato de que **temos posto a nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens**. Este pensamento é paralelo íntimo do que Paulo disse em I Coríntios 15:13-19, 30-34, 58 (Jeremias). Mais uma vez, ele acomete duramente, em oposição ao exclusivismo ascético dos judaístas. Uma grande ênfase é dada a **todos**, como em 2:4,6 (Kelly). **O Deus vivo** (veja o comentário sobre 3:15) não é exclusivista! Ele aceita os homens como são. A esperança deles reside na sua graça, e não em qualquer ritual especial ou prescrições legais, que eles possam estabelecer para si mesmos.

A esta afirmação de universalidade, Paulo acrescenta uma nota de particularismo, que alguns estudiosos acham que ele não teria acrescentado. No entanto, como observa Scott, esta adição não contradiz a oferta universal. Ela simplesmente acrescenta: "Visto que todos os homens podem olhar para Deus como seu salvador, o crente pode ter absoluta confiança." De maneira similar, Paulo recomenda os gálatas a fazer o "bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (6:10). A fé faz uma diferença no relacionamento da pessoa com **o Deus vivo**, e quanto à sua certeza de salvação. **Dos que crêem**, que é quase uma expressão técnica, com o significado de "crente", declara o relacionamento que Deus deseja estabelecer, e neste sentido estabelece um contraste com os incrédulos.

Paulo torna-se ainda mais pessoal com Timóteo. Como foi notado anteriormente (1:3), este último, indubitavelmente, havia expressado apreensões com respeito ao seu papel em Éfeso. É por isso,

aparentemente, que Paulo escolheu o tema de um velho comandante dirigindo a palavra a um jovem ajudante-de-ordens. No verso 11, ele volta a esse tema, orientando Timóteo como a uma criança (Spicq). **Manda estas coisas e ensina-as**, isto é, o que Paulo discutira anteriormente. Os que duvidam da autoria paulina têm descoberto, na declaração **ninguém despreze a tua mocidade**, um deslise que confirma a sua maneira de pensar. Timóteo, insistem eles, deveria estar com cerca de trinta anos ao tempo em que Paulo escreveu. A idéia é correta, sem dúvida, mas a palavra grega traduzida como **mocidade (neotes)** referia-se a qualquer pessoa com até quarenta anos. Paulo, evidentemente, estava dando resposta a uma queixa constante de Timóteo: "Sou jovem demais!" (Spicq).

Assim, Paulo não aceitava desculpas. Timóteo, em primeiro lugar, era instado a ser **um exemplo para os fiéis**, "um verdadeiro toque paulino" (Kelly). A missão da igreja se processa mediante o **exemplo**, tanto quanto mediante a palavra (cf. Tito 2:7). O exemplo apropriado inclui tanto a ação — pregação e conduta (cf. Rom. 15:18; I Cor. 4:20) — quanto o caráter: **no amor, na fé, na pureza**. Há algo peculiarmente paulino a respeito desta combinação de ações e virtudes (cf. II Cor. 6:1 e ss.; II Tim. 3:10 e ss.). Ela deixa pouca coisa a ser acrescentada a respeito do caráter moral apropriado do crente.

Com referência à sua maneira de enfrentar a controvérsia em Éfeso, Paulo, em segundo lugar, orienta Timóteo para continuar o ministério didático até que ele retorne (veja o comentário sobre 3:15). A natureza e a brevidade de suas instruções indicam uma data primitiva (Kelly). Um documento do segundo século certamente teria se referido à Ceia do Senhor. [25] Mas esta lista inclui apenas três funções, sendo todas elas parte da adoração na sinagoga: (1) A **leitura** pública das Escrituras referia-se primariamente ao Velho Testamento, a primeira Bíblia do cristão primitivo (cf. Luc. 4:16; At. 13:15; II Cor. 3:14; Justino; I **Apol.** 67). A carta de Paulo provavelmente também seria lida em algum ponto do culto. (2) **Exortação**, como na sinagoga, abrangia comentários dos textos das Escrituras (At. 13:15; Rom. 12:8; I Cor. 14:3). Entre os cristãos, o sermão ou homília, provavelmente, enfatizava os textos messiânicos mais do que a moralidade. (3) O **ensino** (Rom. 12:7) refere-se à instrução mais prolongada do novo convertido. Paulo menciona um dom espiritual especial tanto para a pregação (Rom. 12:8) como para o ensino (I Cor. 12:28,29; Ef. 4:11), mas nenhum deles assumia o caráter formal de um ofício, como o de bispo, presbítero e diácono.

Paulo reforça as suas duas diretrizes pessoais, lembrando a Timóteo o seu dom espiritual (**charisma**). Em obras de Paulo, este termo geralmente designa um revestimento pelo Espírito Santo para um ministério peculiar (Rom. 1:11; 12:6; I Cor. 12:4,9,28,30,31; II Tim. 1:6); ocasionalmente ele é quase sinônimo de graça (**charis**) (Rom. 5:15,16; 6:23).

A maneira pela qual Timóteo recebera o seu dom, de acordo com esta passagem, é um tanto obscura. O uso do verbo passivo **foi dado** significa "Deus deu", e não "a profecia deu", como pode ser sugerido pela versão da RSV e da IBB. Como vimos em 1:18, uma profecia inspirada pelo Espírito indicara Timóteo, que é o significado óbvio da expressão **por** (ou pela) **profecia** (enunciação profética). Levanta-se também um problema com referência à imposição de mãos **do presbitério**. Em II Timóteo 1:6, Paulo incita Timóteo com uma recordação do "dom de Deus que há em ti, pela imposição das minhas mãos". Esta diferença pode, talvez, ser explicada pelo caráter diferente das duas cartas: uma espécie de regra para a comunidade na primeira, e

25 Cf. Dicachê; Justino, I **Apol.** 67.

uma espécie de testamento pessoal na segunda.

Seguindo David Daube, todavia, J. N. D. Kelly sugeriu outra interpretação a respeito do papel dos presbíteros na ordenação de Timóteo, que ajuda a resolver o problema segundo uma outra perspectiva. A opinião costumeira, representada na tradução da RSV e da IBB, é de que os presbíteros da igreja em Éfeso (ou Listra) haviam-se reunido ao redor de Timóteo, e um a um havia-lhe imposto as mãos (cf. At. 6:6; 13:3). Kelly nota que tanto II Timóteo 1:6 como I Timóteo 5:22 dão a entender a imposição de mãos por **uma** pessoa. Esta última passagem pode, sem dúvida, referir-se ao batismo, e não à ordenação, e a primeira somente presumindo-se a participação de Paulo com outros presbíteros na ordenação. Daube resolveu o problema sustentando que a frase "imposição das mãos do presbitério" é uma tradução literal da frase hebraica **semikhath zeqenim**, frase técnica, usada para a ordenação de um ancião ou rabi no judaísmo.[26] Assim, Kelly traduz esse versículo desta forma: "Não deixe em desuso o dom especial que está em você, que foi-lhe concedido com o acompanhamento de profecia, juntamente com a imposição de mãos para a ordenação como presbíteros." O principal problema deste ponto de vista é se Timóteo, na verdade, desempenhava o papel de presbítero.

A imposição de mãos tinha um papel importante na vida judaica; de maneira bastante natural, ela também figurava proeminentemente no cristianismo primitivo. Esse ritual era "um ato acompanhante — não um meio" (Barrett) para expressar o Espírito, como alguns insistem (cf. Dibelius-Conzelmann). Impunham-se as mãos sobre os enfermos com o objetivo de cura; sobre as crianças, os fracos ou impuros, com o objetivo de bênção (Mar. 10:13 e ss.); sobre os que não haviam recebido o Espírito, com o objetivo de compartilhar esse dom (sem conexão com o batismo em Atos 8:17; com o batismo em Atos 19:5,6; Heb. 6:2); e sobre os que eram comissionados para uma tarefa especial (At. 6:6; 13:3). A imposição de mãos, aqui e em II Timóteo 1:6, pertence a esta última categoria.

Os versículos 15 e 16 retomam a metáfora atlética dos versos 7 a 10, com especial referência às virtudes do verso 12, à instrução do verso 13, e o carisma do verso 14. Paulo instrui Timóteo a ocupar-se **destas coisas** (lit., preocupar-se com estas coisas) e a **dedicar-se inteiramente a elas** (lit., estar nelas). O objetivo do seu fiel desempenho desses deveres era **que o teu progresso seja manifesto a todos**. A palavra traduzida como **progresso** (só em Paulo, Fil. 1:12,25) tem a ver com tema militar; significa "promoção". Timóteo precisava estabelecer sua posição de liderança perante a igreja efésia.

Paulo resume. Timóteo precisava ter **cuidado** de si mesmo pessoalmente e de seu **ensino**. Quanto ao caráter pessoal e à sã doutrina, ele devia permanecer firme, pois o que ele fizesse afetaria o seu relacionamento com Deus e também o de seus ouvintes, Easton disse que "esta linguagem dificilmente podia ser mais não-paulina". Admitimos que esta declaração é a mais forte que Paulo já fez. Pode ser que ele tenha exagerado um pouco, para não permitir que Timóteo ficasse com alguma dúvida a respeito da importância de seu papel. Na verdade, ele parece aludir aos seus próprios temores, com que ele sempre lutara para trazer a si próprio sob controle, "para que, depois de pregar a outros, eu mesmo não venha a ficar reprovado" (I Cor. 9:27).

3. Conduta com Referência às Pessoas Mais Jovens e Mais Velhas (5:1,2)

1 Não repreendas asperamente a um velho, mas admoesta-o como a um pai; aos

26 **The New Testament and Rabbinic Judaism** (London: University of London, Athlone Press, 1956), p. 244-246.

moços, como a irmãos; 2 às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza.

Neste ponto, Paulo começa a esboçar a conduta de Timóteo com referência a vários grupos de pessoas na igreja em Êfeso: pessoas mais velhas e mais jovens (5:1,2), viúvas (3-16), presbíteros (17-25) e escravos e senhores (6:1,2). Seu conselho a respeito do primeiro grupo concorda bem com sua imagem de uma congregação local como uma família. O conselho contra qualquer tratamento ríspido (**Não repreendas**) se aplica aos quatro grupos mencionados. Muito melhor do que isso, como era costume de Paulo, é uma exortação ou encorajamento (cf. Rom. 16:13 e s.). A disciplina positiva consegue mais do que a censura negativa.

O uso da palavra grega **presbuteros** no sentido não técnico de "pessoa idosa" confirma outra vez o primitivismo destas cartas. O conselho dado tem muitos paralelos em documentos contemporâneos, e recebe o seu esquema "da filosofia moral popular".

4. Viúvas (5:3-16)

3 Honra as viúvas que são verdadeiramente viúvas. 4 Mas, se alguma viúva tiver filhos, ou netos, aprendam eles primeiro a exercer piedade para com a sua própria família, e a recompensar seus progenitores; porque isto é agradável a Deus. 5 Ora, a que é verdadeiramente viúva e desamparada espera em Deus, e persevera de noite e de dia em súplicas e orações; 6 mas a que vive em prazeres, embora viva, está morta. 7 Manda, pois, estas coisas, para que elas sejam irrepreensíveis. 8 Mas, se alguém não cuida dos seus, e especialmente dos da sua família, tem negado a fé, e é pior do que um incrédulo. 9 Não seja inscrita como viúva nenhuma que tenha menos de sessenta anos, e só a que tenha sido mulher de um só marido, 10 aprovada com testemunho de boas obras, se criou filhos, se exercitou hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se socorreu os atribulados, se praticou toda sorte de boas obras. 11 Mas rejeita as viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se; 12 tendo já a sua condenação por haverem violado a primeira fé; 13 e, além disto, aprendem também a ser ociosas, andando de casa em casa; e não somente ociosas, mas também faladeiras e intrigantes, falando o que não convém. 14 Quero, pois, que as mais novas se casem, tenham filhos, dirijam a sua casa, e não dêem ocasião ao adversário de maldizer; 15 porque já algumas se desviaram, indo após Satanás. 16 Se alguma mulher crente tem viúvas, socorra-as, e não se sobrecarregue a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas.

Viúvas e órfãos eram objeto de preocupação especial no cristianismo primitivo, como também no judaísmo (cf. Deut. 10:18; 24:17; Luc. 2:37). Desde o começo (At. 6:1; 9:39 e ss.) a igreja fez provisões especiais, tanto para uns como para outros. Visto que o cristianismo apelou para as classes mais baixas e mais pobres, nos seus primeiros anos, as listas, naturalmente, cresceram rapidamente. Contudo, nos meados do terceiro século, Cornélio de Roma relatou que havia 1.500 viúvas e necessitados na relação de beneficência da igreja romana. [27]

Quando Paulo escreveu estas cartas, o cuidado das viúvas, obviamente, constituía um motivo para grande senso de responsabilidade em Êfeso. O seu principal objetivo era arrolar na lista de beneficência da igreja apenas as mulheres cujas necessidades e modo de vida demonstrassem que eram genuinamente viúvas, isto é, sem qualquer família ou parentes que as pudessem sustentar. Tendo isto em vista, ele dá conselhos bem práticos a respeito da redução da lista, e ao mesmo tempo elimina também problemas residuais. Embora alguns eruditos (v.g., Jeremias, Scott) tenham tentado dividir o seu conselho em duas partes — cuidado das viúvas (v. 9-16) e deveres das viúvas (v. 9-16) — o material apresentado carece de organização clara. Outros (v.g., Parry arranja os versículos na seguinte ordem: 3, 4, 8,

27 Eusébio, H. E., 6:43.

7, 5, 6, 9) têm oferecido mudanças na ordem para resolver o problema de organização. Contudo, parece melhor tratar o material na ordem em que está, reconhecendo que Paulo, provavelmente, não tinha nenhuma tradição bem formulada do judaísmo ou do cristianismo primitivo, de que se pudesse aproveitar. Como o demonstrou K. Weidinger, [28] nas tabelas de deveres extra-cristãs faltavam inteiramente quaisquer instruções a respeito de viúvas.

O que é declarado nesta seção não exige que vejamos, aqui, uma "ordem oficialmente reconhecida" de viúvas, como a de presbíteros-bispos ou diáconos, embora alguns eruditos adotem esta interpretação. Paulo relaciona, entre as qualificações, apenas (1) necessidade e (2) registro de serviço cristão prestado **antes** da mulher ficar viúva. Os devêres prescritos são os que se esperaria de pessoas que viviam inteiramente da subsistência provida pela igreja. Gradualmente, as funções das viúvas assumiram um caráter mais claramente definido, sendo confundidas com o ofício das virgens.

Em primeiro lugar, Paulo dá instruções a Timóteo para **honrar as viúvas que são verdadeiramente viúvas. Honra** não significa "reconhece oficialmente" (Kelly), mas dá a entender sustento financeiro, tanto quanto respeito pessoal (Barrett, Dibelius-Conzelmann). Esse respeito e sustento não deviam ser ministrados indiscriminadamente, sobrecarregando, desta forma, os recursos limitados da igreja, mas deviam ser reservados para "as viúvas realmente necessitadas" (Moffatt).

Onde possível, Paulo continua dizendo, as famílias cristãs devem cuidar de suas viúvas. Ao invés de sobrecarregar a igreja, os **filhos** e **netos** devem aprender **primeiro** a exercer **piedade para com a sua própria família** (lit., para com a sua casa). No grego, o verbo **aprendam** não tem sujeito, e por isso é possível considerar "viúvas", em vez de **filhos ou netos**. A idéia seria que as verdadeiras viúvas demonstram a sua viuvez ficando em casa e cuidando de sua própria família. Contudo, esta interpretação se torna improvável, devido ao contexto, especialmente a referência a **recompensar seus progenitores**. O melhor sentido é que os filhos ou netos devem "praticar sua religião" (Kelly) adequadamente, recompensando os seus pais pelo fato de cuidar das mães ou avós viúvas. A razão é que **isto é agradável a Deus**, outra alusão ao quinto mandamento.

Agora Paulo apresenta um teste. A sua **verdadeiramente viúva** se aproxima notavelmente do retrato que Lucas pinta da profetisa Ana (Luc. 2:37). Sem meios visíveis de sustento, a genuína viúva **espera em Deus**, maneira hebraica de se dizer: ela encontrou refúgio em Deus (cf. Sal. 91:2). Externamente a sua dedicação se manifesta em um contínuo envolvimento (**de noite** e **de dia**) com a adoração pública e privada.

Por outro lado, uma viúva espúria **vive em prazeres**, isto é, abandona-se aos prazeres e ao conforto (Kelly). A palavra traduzida como **prazeres** tem uma acepção mais ampla do que "prostituição" (Easton). Tal pessoa está espiritualmente morta. A única vida verdadeira é a que se vive para Deus.

Paulo sublinha a sua ordem, pois a reputação da igreja estava em jogo. Da mesma forma que os bispos (3:2), as pessoas que representam a igreja, vivendo de sua caridade, devem ser **irrepreensíveis**.

O versículo 8 fortalece a diretriz do verso 4 (cf. Tito 1:16). Qualquer pessoa que deixar de **cuidar dos seus** em atos, se não formalmente, **tem negado a fé**, porque o cristianismo ensina o amor. Ela é pior que um incrédulo; os pagãos cuidam dos seus.

Paulo, agora, passa a enumerar qualificações mais específicas das **verdadeiramente viúvas**. Ao fazê-lo, como observa Kelly, ele, provavelmente, "dá a en-

28 **Die Haustafeln** (Leipzig: J. C. Hinrichs, 1928), p. 68.

tender os deveres subentendidos". A frase **Não seja inscrita como viúva** tem muito mais significado técnico do que **honra**, no verso 3. O verbo era usado em referência à colocação de nomes (de oficiais, soldados, etc.) em uma lista ou catálogo oficial, mas não torna "absolutamente claro o fato de que havia uma 'ordem de viúvas' definida" (Kelly). Pelo contrário, subentende-se a lista de beneficência da igreja.

Os principais requisitos são três: (1) ter mais de sessenta anos, (2) ter sido casada apenas uma vez e (3) ter boa reputação, devido a obras filantrópicas. Na antiguidade, sessenta anos era a idade reconhecida como da velhice.

Mulher de um só marido precisa ser interpretado à luz de 3:2,12 e Tito 1:6. Evidência provida pelas inscrições do passado confirma a interpretação de um só casamento (**monandria**).

Como objeto de caridade, a viúva precisava ser aprovada **com testemunho de boas obras**, isto é, as praticadas antes de se candidatar a receber beneficência. Paulo apresenta quatro itens específicos deste teste geral. (1) Ela devia ter criado filhos. Aqueles que enxergam, aqui, uma ordem oficial de viúvas, aplicam esta referência a filhos de outras pessoas, especialmente órfãos. Corretamente, Barrett pensou que esses eram "provavelmente dela, mas não necessariamente". Sem dúvida, as viúvas ajudavam na criação dos órfãos, preocupação importante da igreja primitiva.[29] (2) Ela devia ter **exercitado hospitalidade**, (isto é, recebido em sua casa os missionários, profetas, pregadores e mestres ambulantes, que eram numerosos (cf. o Didaquê, caps. 11 e 12). (3) Ela devia ter **lavado os pés aos santos**, isto é, dos cristãos (é freqüente o uso desta expressão nas cartas de Paulo). O lava-pés era uma cortesia para com os cansados viajores, executada pelo mais humilde escravo de uma casa. Desta forma, acarretava não apenas em hospitalidade (Luc. 7:44), mas também em preparação para abnegação e serviço humilde (Jeremias), de que Jesus deu pessoalmente o exemplo (João 13:14; Mat. 10:25). (4) Ela devia ter **socorrido os atribulados**. Tribulação, aqui, tem acepção mais genérica do que perseguição, que as Pastorais não mencionam diretamente (Hanson).

Paulo resume. A viúva devia ter **praticado toda sorte de boas obras** (cf. II Cor. 9:8). Esta frase dá a entender mais do que a outorga de esmolas, que a igreja primitiva também esperava de seus membros. Exige a reação de toda a personalidade, oriunda da gratidão de um filho de Deus (Jeremias), da qual se origina "um hábito constante de caridade" (Scott).

Nos versos 11 a 15, Paulo passa a explicar por que as viúvas mais jovens não deviam ser colocadas nesse rol. As indiscrições de certas viúvas mais jovens pareciam ser a sua segunda razão significativa para fazer essa declaração. Ele apresenta três problemas principais, cujas respostas deviam ser encontradas em um novo casamento: (1) paixão sexual, (2) ócio e (3) bisbilhotice, ou, possivelmente, até incursões aos domínios da feitiçaria.

Seu conselho contra o alistamento de **viúvas mais novas** é exarado em linguagem bastante forte. Rejeita-as, diz ele, usando a mesma palavra que usara a respeito de se evitar "as fábulas profanas e de velhas" (4:7; cf. II Tim. 2:23). Isto pode dar a entender mais do que a tradução da RSV e da IBB sugerem: **rejeita as viúvas mais novas**. Timóteo, ainda jovem e solteiro, precisava ter cautela pessoal. Normalmente, essas viúvas estuantes de juventude têm um impulso sexual forte, que cria nelas o desejo de se casarem de novo. Daí, elas agiriam **contra Cristo**, o noivo espiritual (cf. II Cor. 11:2), violando **a primeira fé**. Esse "compromisso", como diz a versão inglesa RSV, pode ser (1) a dedicação inicial de fé ligada ao batismo, maneira como é

29 Cf. Tiago 1:27; Hermas, **Mandates** 8:10; **Constituições Apostólicas**, 3.3.2.

interpretado na versão da IBB, ou (2) um voto de fidelidade e castidade, quando elas eram colocadas no rol das viúvas.

De conseqüências maiores e imediatas, em vista das dificuldades existentes em Éfeso, era a sua ociosidade. Sem terem lares e famílias com que se preocuparem, as viúvas jovens **aprendem também a ser ociosas**. O grego desta passagem é um tanto difícil, significando, literalmente, "ociosas aprendem" (**manthanousin**). Alguns eruditos têm especulado que uma letra foi mudada do original, que era "ociosas escapam notícia" (**lanthanousin**). Esta última idéia não tem apoio em manuscritos antigos; a tradução da RSV, como a da IBB é inteiramente possível e preferível, enquadrando-se perfeitamente no contexto. Em sua ociosidade, elas borboleteavam **de casa em casa**.

Hábitos vagabundos abrem o caminho para o mexerico, intromissões e toda sorte de conversa de mau alvitre. A palavra original traduzida como **intrigantes**, (intrometidas), na versão da RSV e da IBB, pode dar a entender um envolvimento em alguma sorte de magia. Ela figura proeminentemente nos papiros mágicos. Lucas a usa para descrever certos exorcistas judeus em Éfeso (At. 19:19). Se esta palavra não dá a entender artes mágicas, **falando o que não convém** pode conter "uma alusão às maldições e às fórmulas ocultas usadas" por aquelas viúvas, tendo em vista curar os doentes (Kelly).

Desta forma, Paulo emite uma ordem categórica. **Quero, pois**, (cf. 2:8) é um eufemismo para "Eu ordeno" (Easton). A firme posição de Paulo, expressa aqui a respeito do casamento, parece conflitar, à primeira vista, com I Coríntios 7:25 e ss., onde ele favorece fortemente a idéia de não se casar. Contudo, dois fatores explicam a diferença de posições: (1) Paulo escreveu I Coríntios 7 tendo em vista as suas expectativas da imediata volta de Cristo. Nos anos posteriores ele moderou essa opinião. (2) Em I Coríntios 7, ele dá diretrizes genéricas, enquanto, em I Timóteo 5, diretrizes a respeito de um problema específico. Mesmo na primeira passagem ele aconselhava o casamento, em razão da paixão espiritual (v. 9,36).

A reputação da igreja estava em jogo devido ao comportamento dessas mulheres. Os deveres do casamento, da criação de filhos e dos cuidados do lar eliminam o problema da ociosidade, como qualquer dona-de-casa sabe. Da mesma forma, mediante um comportamento diferente, as viúvas jovens **não darão ocasião ao adversário de maldizer**. Aproveitar ou dar ocasião é um maneirismo de Paulo (cf. II Cor. 5:12). O **adversário** pode ser tanto (1) qualquer oponente ou detrator da igreja (cf. I Cor. 16:9; Fil. 1:28) quanto (2) Satanás. Paulo estava ansioso por evitar escândalo, pois a sua missão dependia muito de uma boa reputação (cf. 3:7; 6:1; Tito 2:5,8). Infelizmente, lamenta Paulo, **algumas** (veja o comentário sobre 1:3) **se desviaram, indo após Satanás**, isto é, deixaram o caminho (o mesmo verbo de 1:6) e caíram sob o controle de Satanás.

Paulo conclui sua declaração a respeito das viúvas com uma espécie de apêndice aos versos 4 e 8, que ao mesmo tempo enlaça toda a discussão. A principal preocupação está clara: Todos devem ajudar a aliviar o fardo da igreja a respeito de beneficência, **para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas**. Outra possível fonte de alívio, além das famílias naturais, seria qualquer mulher cristã de posses que pudesse ter as viúvas em sua casa. Este parece ser o significado correto do texto. Todavia, dois outros têm sido aventados: (1) Vários outros manuscritos gregos primitivos dizem: "Se qualquer homem crente (**pistos**) ou mulher crente (**pistē**) tem viúvas." Uns poucos eruditos têm adotado esta redação, raciocinando que uma mulher dificilmente poderia dirigir uma casa e cuidar de outrem sozinha. Contudo, a evidência dos manuscritos favorece grandemente a redação: "Se

qualquer mulher crente." O exemplo de Lídia (At. 16:14,40) contradiz o outro argumento. (2) Alguns eruditos têm interpretado um texto mais forte: "Se alguma **viúva** crente tem viúvas", suplementando o substantivo, que está elipsado. Isto daria a entender que as viúvas se reuniam para obter auxílio mútuo e encorajamento. Contudo, a tradução mais natural é a apresentada.

5. Disciplina Eclesiástica (5:17-25)

17 Os anciãos que governam bem sejam tidos por dignos de duplicada honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino. 18 Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi quando debulha. E: Digno é o trabalhador do seu salário. 19 Não aceites acusação contra um ancião, senão com duas ou três testemunhas. 20 Aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor. 21 Conjuro-te diante de Deus, e de Cristo Jesus, e dos anjos eleitos, que sem prevenção guardes estas coisas, nada fazendo com parcialidade. 22 A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem participes dos pecados alheios; conserva-te a ti mesmo puro. 23 Não bebas mais água só, mas usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades. 24 Os pecados de alguns homens são manifestos antes de entrarem em juízo, enquanto os de outros descobrem-se depois. 25 Da mesma forma também as boas obras são manifestas antecipadamente; e as que não o são não podem ficar ocultas.

Esta seção de I Timóteo tem sido aplicada, tradicionalmente, a presbíteros ou anciãos, no sentido oficial. Joachim Jeremias (apoiado por C. K. Barrett), no entanto, tem contestado esta interpretação, e argumenta que o termo **presbuteroi** deveria receber um significado não-formal aqui, isto é, de "homens mais velhos". Embora ele, provavelmente, erre em argumentar a mesma coisa quanto a Tito 1:5, na verdade, defende bem a sua causa em relação a esta passagem. O principal problema com a designação oficial, aqui, é a declaração inicial. Seriam estabelecidas duas classes de salários, para dois tipos de presbíteros — **os que governam bem** e os que não o fazem? Não é provável! Se, por outro lado, a declaração se aplica a homens mais velhos, como em 5:1, encarregados de algumas funções de liderança, então o significado se torna bem claro.

Em primeiro lugar, Paulo trata do assunto do respeito e do pagamento devido aos líderes. De acordo com a interpretação adotada acima, **os anciãos** deve significar "os homens mais velhos". A palavra traduzida como **governam**, encontrada apenas nas cartas de Paulo, não é tão forte como esta versão sugere. Foi usada em 3:4,12, referindo-se ao governo dos pais sobre suas casas. Também pode significar "preocupar-se a respeito de" (Tito 3:8, 14). A imagem de família dada, nas Pastorais, à igreja sugere uma tradução como "aqueles anciãos que dirigem bem" (cf. Rom. 12:8; I Tess. 5:12).

Os líderes eficientes merecem **duplicada honra**. A palavra **honra** geralmente tem uma dupla nuança. Significa tanto (1) respeito quanto (2) pagamento. As citações do verso 18 mostram que Paulo tinha, primariamente, em vista esta última acepção (Easton). Nesse período inicial (cf. Didaquê 13), o pagamento incluía ofertas ou presentes da congregação, e não salários (Hanson). Em outras cartas, Paulo insistiu a respeio do direito dos ministros de receberem tais presentes (I Tess. 2:9; I Cor. 9:7 e ss.), mas ele estigmatiza os que usam a religião como meio de lucro pessoal (I Tim. 6:5 e s.: Tito 1:11). Os anciãos que dirigem bem devem merecer **duplicado** pagamento, provavelmente, dando a entender duas vezes mais do que as viúvas e outras pessoas da lista de beneficência da igreja recebiam.

Dentre os líderes, Paulo sublinha aqueles que **labutam na pregação e no ensino** (lit., na palavra). A palavra grega traduzida como **labutam** é um termo técnico paulino, que designa o ministério apostólico em geral (cf. Rom. 16:12,13; I Cor. 15:10; Gál. 4:11; Fil 2:16; Col.

1:29) e especialmente os líderes da comunidade (I Tess. 5:12). Todos os presbíteros-bispos deviam ter parte no ensino (3:2; Tito 1:8,9), mas alguns tinham dons espirituais especiais (veja o comentário sobre 4:12 e s.).

Paulo afirma a sua diretriz com respeito ao pagamento aos líderes eclesiásticos com duas citações: uma do Velho Testamento e outra da tradição oral. **Porque diz a Escritura** é a fórmula típica de Paulo para citar textos veterotestamentários. (cf. Rom. 9:13; 10:11). Ele usa o mesmo texto (Deut. 25:4) em I Coríntios 9:9, com aplicação semelhante. A segunda citação é encontrada em Lucas 10:7, como palavra de Jesus. Possivelmente, Paulo já havia aludido à mesma declaração em I Coríntios 9:4. A concordância com a mesma forma de citação que Lucas usa dá alguma substância à opinião de que Lucas era secretário de Paulo. O fato de que uma palavra de Jesus fosse citada com autoridade de Escritura não deve causar surpresa. Em outras partes, Paulo usa os ensinos de Jesus de maneira semelhante (cf. I Cor. 7:25).

De sua discussão a respeito da recompensa para os líderes, Paulo passa a considerar a disciplina. Ele oferece duas regras a serem seguidas: (1) Considere uma acusação contra um líder mais velho (**ancião**) apenas quando pelo menos duas ou três pessoas confirmam a sua falha. Este procedimento daria a ele a mesma chance requerida pelo Velho Testamento (Deut. 19:15; Mat. 18:16; II Cor. 13:1; João 8:17). Não se dá a entender nenhuma excomunhão formal; o caso estaria no estágio de investigação. (2) Se a acusação é confirmada e o acusado persiste (particípio presente) em seu pecado, o ofensor deve ser repreendido publicamente. Alguns comentaristas têm interpretado **na presença de todos** como referência a todos os presbíteros, mas esta maneira de ver parece colocar-se contra o bom senso. **Os outros** pode referir-se aos outros líderes (Spicq, Dibelius-Conzelmann) ou aos outros membros da igreja.

Paulo clama por uma aplicação justa de suas regras com um juramento solene (Spicq). **Conjuro-te** é uma tradução exata, expressando esse juramento (II Tim. 2:14; 4:1). Ele apela para os que tomarão parte no juízo final — Deus, Cristo, anjos — como fórmula estabelecida no judaísmo (Dibelius-Conzelmann). A referência a **anjos eleitos** (cf "santos anjos" em Luc. 9:26; Apoc. 14:10) mostra a influência apócrifa no cristianismo primitivo (**Odes de Salomão** 4:8). Os anjos acompanharão Cristo quando ele voltar para julgar os homens (I Cor. 11:10; Mat. 25:31; Mar. 8:38; Luc. 9:26). Paulo está interessado especialmente em que Timóteo **sem prevenção guarde estas coisas** (lit, somente "estas"), **nada fazendo com parcialidade**. A redação forte dá alguns indícios de "um caso concreto, ou talvez casos de escândalos suscitados por tratamento preferencial que presbíteros faltosos haviam recebido (Kelly). **Sem prevenção** significa sem preconceitos. **Parcialidade** refere-se às inclinações pessoais, que podem levar a um julgamento injusto.

Não podemos ter certeza de como os versos 22 a 25 se relacionam com o que os precede. A **imposição de mãos** pode referir-se a qualquer um destes três usos: (1) no batismo (At. 8:17), (2) ao restaurar pecadores penitentes (cf. Cipriano, **Epístola** 11) ou (3) na ordenação. O contexto dificilmente favorece a primeira hipótese. A segunda, embora atraente, segundo muitos pontos de vista, tem vários problemas: (a) Em outras passagens das Pastorais (4:14; II Tim. 1:6), a imposição de mãos é relacionada com ordenação. (b) A evidência da prática de restauração de penitentes provém do terceiro século. (c) No primeiro e segundo séculos, a certeza de arrependimento sincero era suficiente para readmissão. (d) A questão, aqui, é de pecados futuros, e não passados (Spicq, Scott). Como um

todo, as evidências favorecem a terceira opção: ordenação.

Na verdade, Paulo está tratando, aqui, de disciplina preventiva. O seu conselho contra ordenação apressada tem o mesmo impulso que sua advertência contra os neófitos em 3:6; primeiramente deve haver investigação acurada. Visto que Timóteo desempenhava um papel tão estratégico na escolha de líderes, escolhas erradas poderiam levá-lo a cair em suspeita. Ele seria culpado — **partícipes dos pecados alheios** — de falta de cuidado. Assim sendo, Paulo adiciona uma advertência pessoal: **conserva-te a ti mesmo puro.**

O interesse pela reputação pessoal de Timóteo aparentemente provoca um aparte. Essa declaração emerge tão abruptamente que alguns comentaristas (v.g., Moffatt) a trataram como glosa dos escribas, mas não há absolutamente nenhuma evidência, nos manuscritos, para fazê-lo. Mais uma vez, isso confirma a autenticidade das cartas, pois que falsário teria pensado em quebrar a sua linha de pensamento desta maneira?

Esta declaração qualifica a palavra **puro**. Ela pode ter uma intenção polêmica, isto é, de opor-se ao extremo asceticismo dos judaístas, expresso em 4:1-5. Com uma disposição terna, Timóteo podia estar evitando o vinho, mesmo com prejuízo para sua saúde. O valor medicinal do vinho era reconhecido amplamente no mundo antigo. Porém, tanto judeus como gregos criam que beber água pura fazia parte do regime de um homem pio (cf. Dan. 1:12; **Pirke Aboth** 6:4; Epiteto 3:13.21). Desta forma, Paulo (cf. Rom. 14:2,21; Col. 2:21 e s.) dá suas instruções "não para advogar o uso do vinho, mas para protestar contra um tipo de doutrina que anulava todo o aspecto físico da vida do homem, como se fosse maligno" (Scott).

Depois deste breve aparte, Paulo volta ao seu tema de disciplina em termos mais genéricos. Os dois versículos seguintes explicam por que não se devia impor as mãos apressadamente sobre ninguém. As falhas de algumas pessoas são fáceis de descobrir; de outras, difíceis, não se tornando visíveis senão por ocasião do juízo de Deus. Da mesma forma, as boas ações são, algumas vezes, fáceis de ver, e algumas vezes difíceis, mas elas também serão claramente manifestas no juízo final.

6) A Conduta dos Escravos em Relação aos Seus Senhores (6:1,2a)

1 Todos os servos que estão debaixo do jugo considerem seus senhores dignos de toda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados. 2 E os que têm senhores crentes não os desprezem, porque são irmãos; antes os sirvam melhor, porque eles, que se utilizam do seu bom serviço, são crentes e amados..

O quinto grupo a respeito de que Paulo dá conselhos são os escravos. Estes constituíam um elemento numeroso e importante da constituição da igreja, e freqüentemente receberam atenção na literatura primitiva.

Nesta passagem, Paulo distingue dois casos: (1) em que os escravos tinham senhores pagãos e (2) em que eles tinham senhores cristãos. Barrett sugeriu que a declaração é dirigida "particularmente aos presbíteros que são escravos". A referência a estar **debaixo do jugo** é redundante, e não apresenta nenhuma dificuldade especial. Quando os escravos tinham senhores pagãos, aconselha Paulo, deviam manifestar-lhes inteiro respeito, isto é, não deviam ter sentimentos negativos como conseqüência de sua escravidão. Da mesma forma como ele obviamente havia aconselhado a Onésimo, o serviço a Cristo leva a pessoa a servir melhor aos outros. A razão é missionária. Se eles servem bem, os seus senhores não podem falar mal do (lit., **blasfemar**) **nome de Deus** e **a doutrina** (cf. Rom. 2:24; Is. 52:5).

Pode ser que Paulo estivesse mais preocupado com as dificuldades potenciais do segundo caso. Escravos conver-

tidos eram, indubitavelmente, tentados a ter liberdades, devido à igualdade de condições na igreja, recusando-se a prestar deferência aos senhores cristãos, **porque são irmãos**, Paulo acautela contra esta idéia. A condição comum de irmãos em Cristo deve levá-los a **servir melhor**. Em Cristo, todos devem "ser servos uns dos outros" (Gál. 5:13), de forma que a servidão não deve preocupar o crente. No grego, os **que se utilizam do seu bom serviço** pode referir-se aos senhores ou aos escravos. A primeira hipótese parece ser mais provável. Os escravos deviam servir com maior entusiasmo, porque senhores **crentes** e **amados**, e não pagãos, estavam se beneficiando com o seu trabalho.

V. Ordens Finais (6:2b-19)

Em 6:2b Paulo volta ao problema com que começara as suas ordens a Timóteo (1:3 e ss).

1) Contra o Motivo de Lucro em Religião (6:2b-10)

Ensina e recomenda estas coisas. 3 Se alguém ensina alguma doutrina diversa, e não se conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e com a doutrina que é segundo a piedade, 4 é soberbo, e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, injúrias, suspeitas maliciosas, 5 disputas de homens corruptos de entendimento, e privados da verdade, cuidando que a piedade é fonte de lucro; 6 e, de fato, é grande fonte de lucro a piedade com o contentamento. 7 Porque nada trouxemos para este mundo, e nada podemos daqui levar; 8 tendo, porém, alimento e vestuário, estaremos com isso contentes. 9 Mas os que querem tornar-se ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, as quais submergem os homens na ruína e na perdição. 10 Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males: e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores.

O cristianismo, como todas as religiões, teve, a princípio, alguns adeptos que a adotaram por razões erradas. Simão, o mago (At. 8:18-24), emprestou o seu nome a todos os que o fizeram tendo em vista ganhar dinheiro com esse ato. Os judaístas, aparentemente, tinham alguns simoníacos entre eles, pessoas que usavam sua religião com objetivos pecuniários. Ao denunciá-los, Paulo usou provérbios, que misturou tão habilmente, em sua refutação, que temos alguma dificuldade em seguir sua linha de pensamento. Esta passagem, assim mesmo, constitui a sua denúncia mais aguda.

Ensina e **recomenda estas coisas** tem sido aplicado: (1) às instruções imediatamente precedentes a respeito de escravos, (2) a "toda a epístola" (Easton), ou (3) às palavras que se seguem (Scott). Spicq, talvez, apresentou a melhor solução, interpretando **estas coisas** como uma espécie de declaração de transição.

A redação desta passagem demonstra que Paulo volta ao seu ataque inicial contra os seus oponentes (1:3 e ss). O teste, para eles, seria o próprio ensino de Paulo (cf. Gál: 1 e 2), **as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo** e a **doutrina que é segundo a piedade. Palavras de nosso Senhor** pode referir-se: (1) ao ensino de Jesus ou (2) à instrução dada a respeito dele, e talvez a ambos. Paulo considerava as palavras textuais de Jesus como de autoridade absoluta (cf. I Cor. 7), mas ele também considerava Jesus, o Cristo ressurrecto, a base da fé cristã (cf. I Cor. 15:3 e ss.). A adição de **a doutrina que é segundo a piedade** enfatiza que a crença doutrinária e o modo de vida andam de mãos dadas.

Infelizmente, a teorização a respeito da lei não produziu piedade apropriada. Pelo contrário, levou a presunção e controvérsias pessoais. Como aconteceu em Corinto (I Cor. 8:1), o conhecimento "inchou", mas não "edificou". Aquele que se afasta das **sãs** ou sadias **palavras**, insiste Paulo, torna-se "espiritualmente enfermo" (Scott). Embora professando ter entendimento superior, ele não compreende nada. E, o que é ainda pior, e Paulo alude novamente, de maneira

específica, aos mestres errôneos, ele **delira (lit., está enfermo) acerca de questões e contendas de palavras**. Lucas usa a palavra "controvérsia" ou **contenda** em relação ao debate quanto à aceitação dos gentios na igreja (At. 15:2,7; 25:19-20). A palavra grega traduzida (**logomachia**) como **contendas de palavras** foi, aparentemente, criada por Paulo para descrever as disputas dos mestres da lei (cf. II Tim. 2:14).

Discussão assim inútil produz muitos outros males. Paulo cita quatro desses males, tirados de um tradicional catálogo de vícios. Haveria uma ruptura interna por **inveja** e **porfia** (cf. Fil. 1:15). Haveria crítica externa, mediante as **injúrias** (lit., blasfêmias) e **suspeitas maliciosas**. O cristianismo primitivo sofreu muito, devido à insensatez de seus próprios membros, carregada freqüentemente com as mais grosseiras ofensas contra a decência humana. Embora, muitas vezes, inverídicas, essas acusações ilustravam a sabedoria do conselho de Paulo nesta passagem.

Paulo lutou para encontrar palavras suficientes para descrever o seu desdém. O termo **disputas** dificilmente faz justiça à palavra grega **diaparatribe**, que, mais uma vez, foi Paulo quem cunhou. Esta é uma intensificação de **paratribe** (ou **diatribe**), que significa fricção ou irritação. Os seus debates eram "irritações extremas" de **homens corruptos de entendimento, e privados da verdade**. De fato, Paulo os acusou de não serem mais capazes de distinguir a verdade da falsidade, o direito do incorreto.

Paulo chegou mesmo a atacar as suas motivações (cf. Fil. 1:15). Alguns deles pensavam que **a piedade é fonte de lucro**. Esta declaração pode significar: (1) que usavam a piedade de seus vizinhos para extorquir dinheiro deles (Kelly) ou (2) que eles agiam piamente para fazer dinheiro e ganhar melhorias materiais (Spicq). Tito 1:11 sugere que eles ensinavam em troca de dinheiro, como muitos filósofos do mundo antigo. Mestres ou pregadores ambulantes consistiam em verdadeiro problema para o cristianismo primitivo, pois, muitas vezes, eles usavam os seus "dons" para explorar generosos e bisonhos cristãos.

A não ser que esta sua declaração sugira que ele não via bem nenhum na religião, Paulo precisava cobrir seus rastros explicando seu pensamento. O verbo grego está na posição enfática, no princípio da frase. A religião é **de fato** um meio de grande **lucro** quando perseguida **com o contentamento**. A palavra traduzida como **contentamento** formava o próprio cerne da doutrina estóica. O verdadeiro estóico procurava sempre controlar suas paixões, e contentar-se com seu quinhão. Embora influenciado pelo estoicismo, Paulo tinha uma compreensão muito mais profunda da palavra contentamento que aparece, dentre os livros do Novo Testamento, apenas em seus ensinos (cf. II Cor. 9:7-8). O sentimento de contentamento de Paulo não se baseia em uma resignação com as circunstâncias, sejam quais forem, mas em sua confiança no Cristo ressurrecto, que o equipara para superar as circunstâncias (cf. Fil. 4:13).

Os versículos 7 a 10 propiciam um comentário a respeito da palavra **contentamento** (Spicq). Paulo aproveitou-se grandemente dos ensinamentos tradicionais, provavelmente da igreja em Roma, onde o estoicismo tinha muita influência. O ponto de vista desses materiais é "um bisonho eudemonismo", como o que dominava a filosofia popular, talvez de origem judaico-helênica (Dibelius-Conzelmann). Não obstante, pode-se observar também alguns paralelos do Velho e do Novo Testamentos.

Paulo argumenta em favor do **contentamento**, provavelmente com uma citação, baseando-se nos fatos frios de que viemos para este mundo de mãos vazias, e que o deixamos de mãos vazias (cf. Jó 1:21; Luc. 12:16-21). O texto do versículo tem causado consideráveis problemas. Os melhores manuscritos dizem: "pois nada trouxemos para o mundo,

porque, ou por isso (**hoti**) não podemos tirar nada do mundo." O problema lógico desta redação tem levado a inúmeras emendas: Uns poucos textos antigos grafam: (1) "é verdade que" ou (2) "é evidente que", em vez de "porque", supondo uma elipse. Os eruditos modernos têm sugerido outras duas soluções: (3) que **oti** (ou **hoti?**) foi acrescentado inintencionalmente, ao se copiar **on**, na palavra **kosmon** (mundo), e deve ser eliminado, ou (4) que **hoti** deve ser considerado como neutro de **hostis**, traduzindo, desta forma: "pois nada trouxemos para este mundo que não possamos levar dele." A versão da RSV, como a da IBB, adotou a solução (3). Contudo, não existe evidência, nos manuscritos, para esta redação. Portanto, supõe-se que a melhor solução é subentender uma espécie de elipse com (1) e (2) ou deixar o engano lógico.

Alimento e vestuário ilustram necessidades. Paulo não diz nada, aqui, que negue a diligência. Contudo, esta passagem deve, certamente, ser considerada como advertência contra uma busca incessante de bens materiais.

Agora Paulo emite uma advertência. A busca de ganho, sem dúvida, acarretará o seu próprio castigo (Scott). A antipatia para com as riquezas, expressa aqui e em 6:17-19, reflete o ponto de vista de Lucas. Se Lucas era o amanuense de Paulo, bem pode ser que ele tenha composto a carta com certa liberdade. Separadamente do problema específico abordado aqui, a riqueza apresentava problemas para a igreja primitiva, e recebeu, muitas vezes, a atenção dos escritores cristãos. Consistindo preponderantemente das classes mais baixas, durante os dois primeiros séculos, a maioria dos cristãos tinha uma opinião negativa em relação aos bens mundanos. Clemente de Alexandria (c. 190-210) foi o primeiro a escrever de maneira mais positiva, oferecendo algumas diretrizes para uma mordomia positiva. Paulo reflete, aqui, a atitude anterior.

Aqueles que têm o dinheiro como alvo de sua vida, diz Paulo, tornam-se fácil presa de Satanás, que é o governante das coisas mundanas (veja o comentário sobre 3:7; II Tim. 2:26). A queda debaixo do controle dele submerge os homens, como navios a se naufragarem, **na ruína e na destruição**, isto é, do juízo final. As palavras **ruína** (**olethros**; cf. I Cor. 5:5; Tess. 5:3; II Tess. 1:9) e **destruição** (**apôleia**; cf. Rom. 9:22; Fil. 1:28; 3:19; II Tess. 2:3) enfatizam a totalidade da queda da pessoa.

Não é o dinheiro em si, note-se, por favor, cuidadosamente, mas a obsessão pelo dinheiro, que causa a ruína de uma pessoa. A história de Midas repete-se várias vezes. **Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males**. Muitas pessoas têm notado como este pensamento se contrasta agudamente com o que Paulo diz em outras partes. O amor-próprio, e não o amor ao dinheiro, está na raiz do problema da humanidade. Aqui, porém, sem dúvida, Paulo está citando um provérbio corrente, que exagera o que ele quer provar. Tendo dito isto, ele volta o seu pensamento para os falsos mestres. Era a sua **cobiça** pelo dinheiro que os levara a se desviarem **da fé** (cristianismo) e encontrar **muitas dores** (veja o comentário sobre 1:19). Palavras duras para os inimigos da missão gentílica, mas palavras de que Paulo era bem capaz.

2. Um Encargo Pessoal Para o Homem de Deus (6:11-16)

11 Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão. 12 Peleja a boa peleja da fé, apodera-te da vida eterna, para a qual fostes chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas. 13 Diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que perante Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão, exorto-te 14 a que guardes este mandamento sem mácula e irrepreensível até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; 15 a qual, no tempo próprio, manifestará o bem-aventurado e único soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores; 16 aquele que

possui, ele só, a imortalidade, e habita em luz inacessível; a quem nenhum dos homens tem visto nem pode ver; ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém.

Paulo parece interromper suas advertências contra a avareza, continuadas no verso 17, com um encargo final para Timóteo. O caráter de todo esse parêntese interveniente tem levado alguns estudiosos a sugerir que temos, aqui, um discurso de batismo (Hans Windisch) ou uma prédica de ordenação (Jeremias). Mais exatamente, parece ser um encargo pessoal a Timóteo, sustentado por uma alusão a um ou outro desses momentos.

Em oposição às pessoas não citadas nominalmente nos versos 3 e 10, Paulo recomenda Timóteo a **fugir destas coisas**, isto é, de contendas e do uso da religião para fazer dinheiro. Pelo contrário, ele devia **seguir** as virtudes-chave. As ordens fortemente contrastantes (fugir e seguir) são peculiarmente paulinas (cf. I Cor. 6:18; 10:14; II Tim. 2:22). A combinação de **fé, amor, constância** também é reminiscente da tríade fé, esperança e amor (I Cor. 13:13). **Mansidão** é uma palavra rara, mas é composta a partir da freqüentemente usada "manso" (**praus**). Nesta qualidade, o **homem de Deus** emula o próprio Cristo (cf. Mat. 11:29; 5:5). A expressão **homem de Deus** aparece freqüentemente no Velho Testamento — a respeito de Moisés, Davi, Samuel, Elias, Eliseu e outros — onde tem a conotação especial de alguém de quem Deus se apossou "para si mesmo e para seu serviço" (Barrett).

A busca da **piedade** requer disciplina. Mais uma vez Paulo recorre a uma metáfora atlética ou militar. Timóteo precisava **pelejar a boa peleja da fé**, como um gladiador na arena (Easton) ou como um soldado no campo de batalha (Simpson), pois o prêmio valia a pena (cf. Fil. 3:14; I Cor. 9:25,26). Não era uma coroa terrena, mas **a vida eterna, para a qual foste chamado**. A última frase elimina qualquer sugestão de uma justiça pelas obras. O próprio Deus nos convida para a **vida eterna**.

O contexto da **boa confissão** feita por Timóteo **diante de muitas testemunhas** tem sido debatido. Interpretando-o à luz do verso 13, há três alternativas possíveis: (1) confissão feita sob perseguição, (2) ordenação (Meinertz, Jeremias, Barrett), ou (3) batismo (Easton, Hanson, e muitos outros). A terceira sugestão tem mais amplo apoio. A perseguição não parecia merecer referência tão formal, e não temos registro de que Timóteo experimentou prisão e julgamento propriamente ditos. A ordenação parece improvável, porque os ritos de ordenação primitivos não requeriam confissão de fé. [30] Barrett tem sustentado este ponto de vista, alegando que ele outorga o melhor sentido a "guardes este mandamento" (v. 14); mas, como já vimos, o tema militar domina toda a carta. Toda esta passagem se enquadra perfeitamente nas nuanças anteriores. O batismo era um convite para se participar da oferta voluntária de Cristo, feita a Deus. O próprio Jesus referiu-se à sua morte iminente como um "batismo" (Mar. 10:38) e, evidentemente, ligou o seu batismo, executado por João, com o papel do Servo.

Paulo encerra suas ordens finais com uma solene invocação de Deus e de Cristo Jesus como suas testemunhas. O conteúdo e estrutura da passagem indicam, provavelmente, que ele está citando parte de uma antiga fórmula de confissão, provavelmente batismal, como em 2:6. Confissões de duas partes, como esta, haviam-se desenvolvido anteriormente, nos círculos gentílicos. Este fragmento em particular tem uma interessante semelhança com o Antigo Símbolo Romano, precursor do Credo dos Apóstolos, atestando, novamente, a origem romana dos materiais formais das Pastorais.

A alusão a Deus devia dar coragem a Timóteo, pois é Ele **que todas as coisas**

30 Cf. Hipólito, **Trad. dos Apos.**

vivifica. A tradução da IBB fica no meio-termo entre as duas redações antigas: "que conserva vivas" (aparecendo a rara palavra **zoogoneō** apenas aqui e em Taciano) e "que torna vivas ou cria" (**zoopoieō**). A primeira redação tem apoio muito mais forte, e se enquadra melhor no contexto. Se Deus preserva a vida, Timóteo nada tinha a temer. Cristo deu o supremo exemplo de uma confissão digna, quando **perante Pôncio Pilatos deu o testemunho**.

Diante de testemunhas tão inabaláveis, Paulo encarrega Timóteo de **guardar este mandamento sem mácula e irrepreensível. O mandamento** pode ser o encargo batismal (A. T. Hanson) ou a ordem dos versos 11 e 12 (Easton **et. al.**). Na verdade, ambas as coisas podiam estar na mente de Paulo. Os adjetivos **sem mácula e irrepreensível** podem aplicar-se tanto a Timóteo quanto ao **mandamento**, o que é mais provável. As ordens são compulsórias **até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**, indicação clara de que a volta de Cristo ainda era esperada. Paulo freqüentemente usa **parousia** para referir-se à segunda vinda (v.g., I Cor. 15:23; I Tess. 2:19), mas também usa **epiphaneia** (II Tess. 2:8; Tito 2:13). A freqüência do uso desta última palavra no culto ao imperador pode explicar a sua preferência nas Pastorais.

A menção da volta de Cristo faz Paulo lembrar-se de um hino de louvor, provavelmente da sinagoga helênica (Jeremias). A referência à segunda vinda como **no tempo próprio** contrasta um pouco com declarações anteriores de Paulo (Rom. 13:12; I Cor. 15:51 e s.; Fil. 4:5; I Tess. 4:15 e ss.), onde ele enfatiza a iminência da volta. Deve-se lembrar, aqui, que esta expressão, provavelmente, pertence ao fragmento do hino. Paulo também insistiu, em outra parte, que Deus determina o tempo apropriado para consumar os seus propósitos (cf. Gál. 6:9).

Este hino mistura elementos de louvor helênicos e judaicos. Deus é **o bem-aventurado e único soberano**. A palavra grega traduzida como **soberano** aparece nos escritos Macabeus, e se opunha agudamente às reivindicações selêucidas a honras divinas. De maneira similar, este hino contesta o culto a César. O único Deus é governador de todos os príncipes terrenos — **Rei dos reis e Senhor dos senhores**. Só ele possui a **imortalidade**; os homens recebem a sua imortalidade dele. Ele **habita em luz inacessível**, não porque é obscuro, mas porque é "brilhante demais para o olho mortal" (Barrett). No Velho Testamento, Deus é inacessível, por causa do pecado do homem (cf. Is. 6:5; Heb. 12:14). A invisibilidade de Deus era quase um truísmo no pensamento grego (cf. João 1:18).

De maneira característica, em relação à sua herança judaica, Paulo termina com uma doxologia. **Honra** e **poder sempiterno** pertencem a Deus por direito (cf. I Ped. 4:11).

3. Ordens aos Ricos (6:17-19)

17 Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a sua esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que nos concede abundantemente todas as coisas, para delas gozarmos; 18 que pratiquem o bem, que se enriqueçam de boas obras, que sejam liberais e generosos, 19 entesourando para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a verdadeira vida.

Paulo retorna à sua discussão a respeito da riqueza, desta vez não censurando aqueles que usam a religião como pretexto para obter lucros mundanos, mas advertindo os que têm riqueza substancial. O tom abrupto da mudança de contexto levou Harnack e Falconer a sugerir uma interpolação. Vários outros intérpretes têm achado que esta passagem está fora de lugar. Von Sodem a coloca depois do verso 2, Lock depois do verso 10. Na verdade, digressões como esta são características de Paulo. A consideração a respeito da vida eterna, nos versos 11 a 16, pode facilmente ter-se

originado como produto da meditação a respeito deste **mundo**.

Paulo não denuncia a riqueza **per se**. Pelo contrário, ele ensina que os crentes precisam usar o que têm com objetivos condignos (cf. Mat. 6:19; Luc. 12:16-21; 16:9) e, mais do que provável, tem em mente as palavras de Jesus (Scott).

Primeiramente, a pessoa rica não deve ser **altiva**, ou orgulhosa de sua riqueza (Simpson), isto é, por ter posses materiais. A combinação peculiar de palavras gregas (**hupselo-phroneō**) aparentemente foi feita por Paulo (cf. Rom. 11:20; 12:16), pois não aparece no grego profano. A altivez se coloca em antítese à humildade, que faz parte do caráter cristão adequado (cf. Tiago 1:10). Paulo faz, do que muitas culturas têm feito uma virtude, um vício.

Em segundo lugar, a pessoa rica não deve edificar suas esperanças na riqueza material, perecível, **mas em Deus, que nos concede abundantemente todas as coisas, para delas gozarmos**. Mamom o decepcionará, é o que Paulo está dizendo. Portanto, é sensato colocar a confiança apenas na fonte de todas as coisas, Deus. Mas Paulo não endossa as opiniões ascéticas de seus oponentes, pois, repetindo suas observações de 4:1-5, ele afirma que Deus providenciou os bens para que deles gozemos! Ninguém é digno de pena por ser rico, mas se colocar sua esperança apenas nesta vida.

Em terceiro lugar, a pessoa rica deve considerar sua riqueza como mordomia. Aquela pequena minoria, dentro da igreja primitiva, que havia sido abençoada com propriedade, como mostram os primeiros capítulos de Atos, tinha uma grande responsabilidade. Deviam repartir seus bens materiais, tendo em vista o bem-estar comum. As verdadeiras riquezas consistem em generosidade para com os outros. Assim, Paulo aconselha que os ricos **se enriqueçam de boas obras**, explicadas, em outra parte, como piedade (2:10), cuidado das viúvas, dos pobres, órfãos, etc. (5:10; Tito 3:14). A liberalidade (cf. Rom. 12:8; Ef. 4:28) e generosidade (cf. Rom. 15:26; II Cor. 9:13) como hábitos de vida iriam lançar **um bom fundamento para o futuro**, isto é, para a vida eterna. **Generosos** (**koinonikos**) faz lembrar a **koinonia** da igreja de Jerusalém (At. 2:42).

Aqui Paulo misturou as metáforas, prática que não era incomum para ele. **Entesourando** faz eco às palavras de Jesus em Mateus 6:19,20. A combinação de "entesourando" com **fundamento** pode indicar que Paulo tinha em mente a parábola das duas casas (Luc. 6:48) (Scott). De qualquer forma, o significado parece ser bem claro. **O** alvo final do crente deve ser **a verdadeira vida**, "expressão característica de Paulo" (Simpson).

4. Orientação Final e Saudação (6:20,21)

20 Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, evitando as conversas vãs e profanas e as oposições da falsamente chamada ciência; 21 a qual, professando-a alguns, se desviaram da fé.

A graça seja convosco.

Paulo termina com um apelo final, intensificado por uma conclamação apaixonada a Timóteo. Mais uma vez, pode-se ver bem claramente a imagem militar: **Guarda o depósito que te foi confiado**, como a um fiel soldado. A ênfase recai sobre o imperativo aoristo, que tem uma nuança definitiva: "Guarda com a tua vida agora!" **O depósito que te foi confiado** (cf. II Tim. 1:12,14) significa a doutrina sadia, a verdade da salvação e o mistério da piedade, isto é, todo o evangelho cristão, e não algum dom espiritual (Spicq, Barrett). Em contraste com **paradosis** (tradição), palavra paulina costumeira, a conotação é: "o que o crente recebeu, individualmente, como crente" (Dibelius-Conzelmann).

Pelo contrário, Timóteo devia evitar a vacuidade dos mestres errôneos. Paulo fala novamente de maneira rude, a respeito destes. **Conversas vãs** significa, literalmente, "palavras vazias". A palavra

oposições (antitheseis) tem sido o principal arrimo em que Baur e outros apoiaram a idéia da origem antimarcionita das Pastorais; contudo, data tão posterior é impossível (veja a Introdução). Não é impossível que tenhamos, nos versos 20 e 21a uma adição posterior (Easton, Barrett). **Oposições** é mais preciso do que "questões", em 6:4, caracterizando os métodos dos falsos mestres para discussão ou instrução (Spicq).

As alegações de **ciência**, da parte dessas pessoas, eram falsamente citadas. Fosse qual fosse o conhecimento que elas possuíssem, não levavam à verdade, mas a errar o alvo em relação à fé cristã.

Esta carta termina com uma bênção tipicamente paulina (cf. Ef. 6:24; Col. 4:18; Filem. 25). O plural **convosco** não é o deslise de uma mão posterior, embora alguns escribas o tenham mudado para o singular, mas indica uma leitura pública.

Comentário Sobre II Timóteo

Esboço da Epístola

Saudação e Afirmação do Apostolado (1:1,2)

I. Reminiscências e Encorajamento Pessoal (1:3-2:13)
   1. Ação de Graças de Paulo a Deus por Timóteo (1:3-5)
   2. Sua Confiança em Deus a Despeito das Prisões, Como Exemplo Para Timóteo (1:6-14)
   3. A Traição dos Asiáticos, a Fidelidade de Onesíforo (1:15-18)
   4) Sê Fiel e Suporta o Sofrimento (2:1-7)
   5. Lembra-te da Fidelidade de Cristo (2:8-13)

II. Conselhos a Timóteo (2:14-4:5)
   1. Evita Debates Destrutivos e Sê um Obreiro Construtivo (2:14-26)
   2. Desvendados os Destruidores (3:1-9)
   3. Adere ao Exemplo de Paulo e ao Seu Treinamento (3:10-17)
   4. Um Apelo Final Solene Para Pregar o Evangelho (4:1-8)

III. Despedida (4:9-21)
   1. Vem a Roma, Porém Cuidado! (4:9-18)
   2. Saudações Mútuas (4:19-21)

Bênçãos Finais (4:22)

A Segunda Epístola a Timóteo, escrita depois que Paulo fora preso novamente em Roma, tem um tom decididamente diferente da primeira. I Timóteo são as ordens do velho general da missão gentílica para o seu ajudante-de-ordens. II Timóteo é o testamento, a declaração das últimas vontades de alguém que está para morrer (cf. 4:6-8). II Timóteo faz soar duas notas dominantes, como a saudação inicial já revela: (1) a afeição de Paulo por Timóteo e (2) a escolha que ele faz de Timóteo como seu sucessor, a quem lega sua missão.

Saudação e Afirmação do Apostolado (1:1,2)

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus, 2 a Timóteo, amado filho: Graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor.

A saudação de Paulo, aqui, difere apenas levemente da de I Timóteo 1:1,2. Como em II Coríntios 1:1 e Colossenses 1:1, ele se declara apóstolo **pela vontade de Deus**, indubitavelmente uma alusão à experiência na estrada de Damasco. O propósito de sua eleição especial era tornar conhecida **a promessa da vida que**

está em Cristo Jesus (cf. I Tim. 4:8). Cristo é a fonte da vida real, que se obtém mediante a união com ele (cf. II Tim. 1:10; 3:13). A "solene formalidade" de Paulo, aqui, não é tão "inimaginável" como afirma Easton; Paulo quer que Timóteo se inteire plenamente da gravidade de seu legado. Sua afeição pessoal se torna perceptível quando ele se dirige a Timóteo como **amado filho.**

A tríplice saudação é a mesma que se encontra em I Timóteo 1:2.

I. Reminiscências e Encorajamento Pessoal (1:3-2:13)

Paulo começa o seu testamento e declaração de suas últimas vontades com algumas reminiscências, com a intenção de orientar a confiança própria de Timóteo, ao se desincumbir de sua tarefa na missão gentílica.

1. Ação de Graças de Paulo a Deus por Timóteo (1:3-5)

3 Dou graças a Deus, a quem desde os meus antepassados sirvo com uma consciência pura, de que sem cessar faço menção de ti em minhas súplicas de noite e de dia; 4 e, recordando-me das tuas lágrimas, desejo muito ver-te, para me encher de gozo; 5 trazendo à memória a fé não fingida que há em ti, a qual habitou primeiro em tua avó Loide, e em tua mãe Eunice e estou certo de que também habita em ti.

O estilo grego do agradecimento de Paulo, como em I Timóteo 1:12, difere do que lhe é costumeiro em outras cartas, e pode ser atribuído: (1) à mudança em seu estilo, devido à influência romana, ou (2) a um diferente amanuense. O seu agradecimento é a Deus, que é o mesmo tanto para judeus como para cristãos. A este Deus, Paulo serviu ou adorou, conforme afirma: **desde os meus antepassados.** A sua expressão de orgulho de sua ascendência está bem de acordo com sua declaração em Romanos 9:3-5 e Filipenses 3:4-6. O apóstolo "pensava no judaísmo em conexão tão íntima com o cristianismo, que sua adoração a Deus de fato é, em certo sentido, uma continuação de sua adoração judaica" (Guthrie). **Com uma consciência pura** pode referir-se a **sirvo** (como na versão da RSV e IBB), mas, de acordo com a ordem do grego, provavelmente essa frase deve ser entendida com a sentença toda. Tanto Paulo quanto seus pais serviam a Deus **com uma consciência pura.**

Tão freqüentemente quanto ora, Paulo se lembra de Timóteo, se lembra de seu filho na fé. Intercessões por amigos íntimos era uma característica regular da vida de oração de Paulo (cf. Rom. 1:9; I Tess. 2:13), e ele encorajava outros para fazerem o mesmo (I Tess. 5:17).

A recordação das lágrimas de Timóteo quando se haviam separado suscitava em Paulo o anseio de vê-lo, e, mais tarde, ele o convoca a Roma (4:9). A terna cena de despedida, referida aqui, pode ser a mencionada em Atos 20:17-38, mas têm "o ar de ser recente" (Spicq). Talvez seja melhor teorizar uma separação depois da libertação de Paulo da cadeia e pouco antes do seu subseqüente aprisionamento (veja a Introdução). **De noite e de dia** enfatiza a intensidade dos anseios de Paulo, se ligarmos essa expressão a esta cláusula. Alguns estudiosos a tem ligado às orações ou **súplicas** do verso 3, onde ela intensificaria **sem cessar** (cf. I Tim. 5:5).

O fato de ver Timóteo outra vez encheria Paulo **de gozo.**

Paulo relembra, especificamente, a **fé não fingida** (cf. I Tim. 1:5) de Timóteo. O tempo aoristo do particípio traduzido como **recordando-me** tem levado alguns eruditos (v.g., Spicq) a sugerir que Paulo havia recebido uma carta de Timóteo. A avó e a mãe de Timóteo, revela Paulo, em uma referência extremamente íntima, haviam sido as suas precursoras na fé. Elas testificam, como muitas outras pessoas, da importância do exemplo dos pais na instrução dos filhos. Desde a infância, elas haviam ensinado Timóteo mediante as Escrituras (3:15). Não obstante, a ênfase se exerce fortemente sobre a autenticidade de sua fé.

Segundo Atos 16:1 e ss., aprendemos que a mãe de Timóteo era uma judia convertida ao cristianismo, sendo o seu pai grego. Não se faz menção ali de sua avó. O que parece provável é que a mãe de Timóteo fora a primeira cristã da família. Paulo podia atribuir **fé não fingida** a uma devota avó judia, da mesma forma como atribuíra aos seus próprios antepassados judaicos, no verso 3.

A concepção de fé habitando no crente pertence exclusivamente a Paulo, dentre todos os escritores do Novo Testamento. Ele aplica essa imagem à habitação de Deus (II Cor. 6:16), do Espírito (Rom. 8:11; II Tim. 1:14), da palavra (Col. 3:16), e do pecado (Rom. 7:17). Ele expressa a mesma confiança a respeito da fé de Timóteo que podia expressar a respeito de Loide e Eunice. A expressão **estou certo** é caracteristicamente paulina.

2. Sua Confiança em Deus a Despeito das Prisões, Como Exemplo Para Timóteo (1:6-14)

6 Por esta razão te lembro que despertes o dom de Deus, que há em ti pela imposição das minhas mãos. 7 Porque Deus não nos deu o espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação. 8 Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu; antes participa comigo dos sofrimentos do evangelho segundo o poder de Deus, 9 que nos salvou, e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e a graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, 10 e que agora se manifestou pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho, 11 do qual fui constituído pregador, apóstolo e mestre. 12 Por esta razão sofro também estas coisas, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia. 13 Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido na fé e no amor que há em Cristo Jesus; 14 guarda o bom depósito com o auxílio do Espírito Santo, que habita em nós.

Devido à sua confiança na herança de fé que Timóteo havia recebido, e de sua sólida fé, Paulo fá-lo lembrar que deve **despertar o dom de Deus, que há em ti pela imposição das minhas mãos.** O desafio não sugere, necessariamente, uma negligência de seu **dom** espiritual. Pelo contrário, o apóstolo maneja com a analogia de fogo, com a sugestão de que "as brasas necessitam de constante avivamento" (Kelly); O **charisma** de Timóteo não funcionava **ex opere operato** (Barrett). O Espírito opera através do zelo do ministro (cf. I Tess. 5:19).

Imposição das minhas mãos não entra em conflito com a imposição das mãos dos presbíteros em I Timóteo 4:14. Como foi notado àquele respeito, provavelmente Paulo havia participado daquela cerimônia de ordenação.

Paulo passa a generalizar. A outorga do Espírito devia eliminar o medo excessivo. Pois o espírito cristão não é de **covardia** (cf. Rom. 8:15), mas de poder (cf. I Cor. 2:4) e **amor e de moderação.** A ligação do Espírito com **poder**, herdada do Velho Testamento, é freqüente em o Novo Testamento (cf. Luc. 4:14; At. 1:8; I Tess. 1:5). Nas cartas de Paulo, **amor** é o principal dom espiritual (cf. I Cor. 13:13). **Moderação** (**sophronismos**, só aqui em todo o Novo Testamento, mas com cognatos freqüentemente encontrados nas Pastorais), expressa a idéia de força em face de perseguição. De acordo com Hebreus 13:23, Timóteo pode ter necessitado dela quando sofrera prisão.

Em vista da força espiritual à sua disposição, Paulo exorta seu jovem ajudante a não se envergonhar **do testemunho de nosso Senhor.** Também pode-se traduzir "testemunho a nosso Senhor", mas o grego é, provavelmente, mais bem traduzido da maneira como a IBB o fez, "do testemunho de nosso Senhor", isto é, diante de Pôncio Pilatos (cf. I Tim. 6:13). A ignomínia inerente a um fundador crucificado fazia com que muitas pessoas falhassem em seu testemunho. Porém, como Paulo declara aos corín-

tios, Deus escolheu as coisas desprezíveis a fim de confundir as mundanamente sábias (I Cor. 1:18 e ss.).

Da mesma forma, Timóteo não precisava se envergonhar de Paulo, como outros haviam feito (cf. v. 15; 4:10-18). Ele era o **prisioneiro** de Cristo, e não de César, apesar das aparências (cf. Ef. 3:1; 4:1; Filem. 1). Portanto, seguindo o exemplo de Paulo, Timóteo devia **participar... dos sofrimentos do evangelho segundo o poder de Deus**. O evangelho é, em si mesmo, uma conclamação para se participar da cruz de Cristo.

A menção do evangelho evoca, de Paulo, um hino ou confissão. Vários eruditos (v.g., Kelly, Prat) têm atribuído esta passagem ao próprio Paulo, baseando-se em: (1) sua subordinação à cláusula anterior, sem fórmula introdutória, e (2) nas vigorosas idéias e vocabulário paulinos. No entanto, Jeremias arranjou este hino em três estrofes de duas linhas cada, e aventou a conjectura de uma inserção paulina nas palavras **não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e a graça**. Tito 3:5 e ss. expressa uma inserção semelhante, com a vigorosa doutrina paulina da graça. Tanto o batismo (Easton) como a Ceia do Senhor (Hanson) têm sido propostos como contexto deste hino.

A primeira estrofe louva a Deus pelo seu ato redentor em Cristo (cf. I Tim. 1:15). Normalmente, o próprio Paulo usa a palavra "salvar" escatologicamente, isto é, falando do propósito final de Deus (Barrett). Neste hino, esta palavra obviamente serve de paralelo à **vocação** cristã. Vocação é uma palavra paulina. Ela refere-se à escolha proposital de Israel, feita por Deus, para desempenhar a missão que ele designara: a reconciliação da humanidade para com ele. A **vocação** é **santa** pelo fato de proceder de Deus, e se manifesta em uma vida dedicada a ele (Barrett).

A salvação e vocação de Deus não se originam no mérito, tema discutido extensamente em Gálatas e Romanos. Pelo contrário, deriva-se de **seu próprio propósito e a graça**. Ninguém pode conquistar o que Deus dá gratuitamente.

A segunda estrofe louva a Jesus Cristo como aquele através de quem Deus concede a sua dádiva, o seu dom. Aqui temos a verdadeira concepção paulina de predestinação. Paulo não faz nenhuma sugestão de um decreto através de que alguns foram eleitos para a salvação e outros para a danação. Pelo contrário, ele considera a atividade redentora de Deus em sua totalidade — do princípio ao fim. **Antes dos tempos eternos** Deus estabelecera seu eterno propósito. Este plano veio a frutificar **pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus. Aparecimento** refere-se, aqui, à vida encarnada de Jesus; em outras passagens (cf. I Tim. 6:14), à segunda vinda. A ênfase em Cristo (cf. Tito 2:13; 3:6) e em Deus (I Tim. 1:1; 2:3; 4:10; Tito 1:4; 2:10; 3:4) como o Salvador opõe-se ao culto prestado ao imperador (cf. Fil. 3:20; Ef. 5:23). A salvação é dom de Deus, e não do homem.

A terceira estrofe declara a obra de Cristo. Ele **destruiu a morte**, isto é, tornou-a ineficiente. Ele **trouxe à luz a vida e a imortalidade. Vida** refere-se à "nova vida posta à disposição neste mundo", e **imortalidade**, "à sua prolongação depois da morte" (Barrett). Em I Coríntios (15:24,50,53,54) Paulo aplica **imortalidade** ao corpo da ressurreição. Embora este vocabulário expresse óbvias semelhanças com a linguagem dos gnósticos e dos cultos de mistério, as idéias são claramente paulinas (Kelly). Cristo venceu o mais temido inimigo do homem e estabeleceu um alicerce para a verdadeira vida.

Todo este hino representa o que Deus anuncia **pelo evangelho**, sendo esta expressão, provavelmente, uma adição paulina. A simples menção da palavra **evangelho**, que o hino resume, fere a mesma corda responsiva que havia ferido em I Timóteo 1:11 (cf. também 2:7). Este evangelho explica tanto o ministério

como os sofrimentos de Paulo. Pelo amor ao evangelho, Deus o havia nomeado como **pregador, apóstolo e mestre** (veja o comentário a I Timóteo 2:7). Aqueles que negam a autoria paulina das Pastorais contendem que Paulo não precisaria defender o seu comissionamento desta forma para Timóteo. Contudo, deve-se lembrar o auditório mais amplo que Paulo esperava que ouvisse sua carta e o fato de que o manto de Paulo agora caia sobre Timóteo. Assim sendo, as alusões estão no lugar certo.

A nomeação de Paulo para o evangelho e o desempenho desse comissionamento resultaram em sua prisão (cf. Fil. 1:12 e ss.). O fato de ele ligar o seu ministério com o sofrimento concorda com as palavras de Jesus neste mesmo sentido. O discípulo pode esperar o que seu Mestre recebera (cf. Mat. 5:11,12; João 15:20).

Todavia, a perseguição não deteve Paulo no afã de executar o comissionamento de Cristo. A sua vigorosa fé pessoal não permitia outra alternativa. Ele não nomeia um objeto definido; portanto, de acordo com o seu pensamento, exarado em outra parte, ele podia estar referindo-se a Deus ou a Cristo. Esta fé é uma confiança permanente, como o indicam o tempo do verbo e a explicação subseqüente. Deus sustentara Paulo no passado, estava sustentando-o no presente e, Paulo confiava, iria sustentá-lo até a consumação final. A confiança pessoal de Paulo propicia a base também para a confiança a respeito do evangelho, **o meu depósito**. A palavra traduzida pela expressão **o meu depósito** pode ser considerada como referente: (1) à confiança pessoal de Paulo em Deus, bem como (2) à mensagem do evangelho, mas esta última hipótese é preferível, em vista de seu uso em I Timóteo 6:20 e no verso 14, abaixo.

Neste ponto, Paulo ordena a Timóteo: **Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido** (cf. Fil. 4:9). Embora a palavra **modelo** (**hupotuposis**) possa, concebivelmente, referir-se a um credo ou confissão de fé (Easton), Paulo, sem dúvida, tinha em mente a tradição cristã em geral (cf. **tupos**, em Rom. 6:17).

Por fim, o procedimento cristão deve ser alicerçado **na fé e no amor que há em Cristo Jesus**. Estas palavras podem ser consideradas com o verso 13 (como na versão da IBB) ou com o verso 14 (Barrett). Um uso semelhante desta expressão em outro lugar (cf. I Tim. 2:15; 4:12) favorece a pontuação tradicional. Fé não tem artigo, e, provavelmente, não deve ser acompanhada de artigo em português (deve ser em fé). Em última análise, **fé** e **amor** têm o seu alicerce em um relacionamento pessoal com Cristo Jesus. **Em Cristo Jesus** expressa a compreensão dinâmica de Paulo acerca da salvação (veja o comentário sobre I Tim. 1:14).

De acordo com o exemplo de Paulo, Timóteo devia **guardar** o depósito — fosse (1) o dom de graça que recebera por ocasião da ordenação, fosse (2) a verdade do evangelho a ele confiado (cf. I Tim. 6:20). O segundo significado é, provavelmente, o mais exato (Barrett). No entanto, Easton e outros têm pensado que localizaram, aqui, a teoria da sucessão de I Clemente 42:2-4; 44:2. De acordo com Clemente, composto em cerca de 96 d.C., os apóstolos, sabendo que haveria contenda por causa dos cargos episcopais, contituíram sucessores para si próprios, "e, em seguida, acrescentaram o codicilo de que, se eles falecessem, outros homens aprovados os sucederiam no ministério" (44:2). As diferenças entre II Timóteo 1:14 e I Clemente são evidentes. Mesmo que alguém encontre, aqui, uma semelhança, o que é duvidoso, isto não constituiria argumento em favor de uma data posterior: (1) O próprio Paulo, desde o início, colocou a tradição em lugar proeminente. (2) Quando muito, temos, aqui, apenas o germe da sucessão, e ele se aplica à preservação da verdade, e não à sucessão de ministros (Kelly).

O guardião final do evangelho é **o**

Espírito Santo, que habita em nós. O plural **nós** pode referir-se: (1) aos crentes em geral, sendo todos participantes do Espírito (cf. Rom. 8:9), ou (2) aos ministros em particular, que recebem um dom especial (cf. I Cor. 12:4 e ss.). No contexto, Paulo bem podia estar aplicando estas palavras a Timóteo e a si mesmo. De maneira especial, Deus os capacitava para a tarefa para a qual os nomeara.

3. A Traição dos Asiáticos, a Fidelidade de Onesíforo (1:15-18)

15 Bem sabes isto, que me abandonaram todos os que estão na Ásia, entre eles Fígelo e Hermógenes. 16 O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes ele me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias; 17 antes, quando veio a Roma, diligentemente me procurou e me achou. 18 O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor. E quantos serviços prestou em Éfeso melhor o sabes tu.

Paulo relata as suas tribulações como uma advertência e encorajamento para Timóteo. Esta passagem é geralmente contada entre as autênticas notas paulinas, mesmo por aqueles que negam a autoria paulina da carta toda (v.g., Harrison). **Bem sabes isto** é uma expressão idiomática enfática (cf. I Tim. 1:19), tendo o tom de uma exortação (Spicq). **Todos os que estão na Ásia** (província romana na parte ocidental da Ásia Menor) é certamente uma hipérbole. Tem-se debatido exatamente a quem Paulo está se referindo. Dentre as possíveis alternativas, parece melhor pensar que ele se refere à rejeição pessoal de sua pessoa, por parte dos efésios (asiáticos) cristãos, quando fora preso e levado a Roma para o seu segundo julgamento (Kelly). Doutra sorte, precisa-se supor (como Spicq propõe) que "os que estão na Ásia" é um hebraísmo para "que são **da** Ásia". Se esta última explicação é exata, então algumas pessoas (1) atacaram Paulo depois de tê-lo acompanhado a Roma ou (2) deixaram-no quando viram que a sua causa estava perdida, e voltaram para a Ásia (4:16). O verbo **abandonaram** não sugere uma apostasia teológica (como em Tito 1:14), mas abandono pessoal (cf. Fil. 1:12-18).

Flígelo e Hermógenes, de quem não sabemos mais nada podem ter sido os líderes da oposição a Paulo (Guthrie). Ao mencioná-los, Paulo obviamente revela forte desilusão pessoal.

À guisa de contraste, Onesíforo oferecia a Timóteo um exemplo excelente de alguém digno de confiança. De acordo com os **Atos de Paulo e Tecla**, apócrifos, Onesíforo se convertera em Icônio e ajudara Paulo na missão na Ásia. O fato de que a oração e a saudação de 4:19 mencionam a sua "casa", mas não Onesíforo pessoalmente, sugere que ele já era falecido, possivelmente como resultado de seu zelo em ajudar Paulo (Spicq).

Paulo deseja **misericórdia** divina, isto é, no dia do Juízo, para a casa de Onesíforo. **Senhor** pode referir-se tanto a Cristo como a Deus (veja o comentário sobre v. 18). Esse homem bom **muitas vezes me recreou**, provavelmente tanto física como espiritualmente. A vida em uma prisão romana minava rapidamente a vitalidade de uma pessoa. Pessoas de posses podiam viver com relativo conforto, enquanto esperavam julgamento, mas alguém como Paulo, judeu de nascimento, dependia grandemente de seus amigos cristãos. Onesíforo, cujo nome significa "portador de benefício", revivera o espírito debilitado de Paulo com uma lufada de ar fresco. Ele fez isto também pondo em risco a sua própria pessoa, não se envergonhando das **cadeias** do apóstolo. A referência a cadeias (cf. Ef. 6:20) oferece um pungente testemunho da situação de Paulo.

As dificuldades não impediram esse asiático fiel. **Quando veio a Roma**, ele não apenas lembrou o prisioneiro do Senhor: ele se incomodou em **procurar** por ele, tarefa ingente, de acordo com os anais contemporâneos. Porém isto está bem de acordo, adiciona Paulo, com

quantos serviços ele **prestou em Éfeso**, de que Timóteo estava bem a par.

Em sua oração por Onesíforo, Paulo faz um jogo de palavras com **achou:** ele **me achou — O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor.** A dupla referência a **Senhor** provavelmente se origina de uma mistura de fórmulas: "O Senhor (Cristo) lhe conceda que ele ache misericórdia" e "Possa ele achar misericórdia para com (Deus) o Senhor" (Jeremias, Dibelius-Conzelmann). Se Onesíforo já era falecido, têm insistido Spicq e outros, aqui temos "um exemplo de oração em favor de um morto, coisa absolutamente inusitada em o Novo Testamento". II Macabeus 12:43-45 ilustra a ocorrência dessa prática na época pré-cristã. Easton cita I Coríntios 15:29 e I Pedro 3:19,20 para demonstrar a crença cristã em ajudar os que partiram. Outros têm visto, nesta passagem, "tão somente a expressão de um sentimento muito natural (Scott) ou a expressão de um desejo de que ele recebesse a bênção de Deus" (Jeremias).

4. Sê Fiel e Suporta o Sofrimento (2:1-7)

1 Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus; 2 e o que de mim ouviste diante de muitas testemunhas, transmite-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros. 3 Sofre comigo como bom soldado de Cristo Jesus. 4 Nenhum soldado em serviço se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra. 5 E também se um atleta lutar nos jogos públicos, não será coroado se não lutar legitimamente. 6 O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos. 7 Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo.

Tendo lançado um considerável alicerce nos versículos precedentes, com exemplos tirados da avó e da mãe de Timóteo, e de sua própria experiência, Paulo se volta decisivamente para Timóteo. Ele lhe ordena que continue em suas pisadas como testemunha fiel do evangelho. Com três ilustrações coligidas da vida diária, ele prova a sua hipótese: Deus recompensará a fidelidade.

Tu, pois, é enfático, sendo que geralmente o grego omite o pronome pessoal. **Meu filho**, maneira afetuosa de Paulo dirigir-se a Timóteo, sublinha a gravidade do que se segue.

Timóteo precisava fazer papel de homem, agora que o apóstolo chegara ao fim de sua caminhada. Porém, da mesma forma como o próprio Paulo, ele podia ter confiança **na graça que há em Cristo Jesus. Fortifica-te** é um verbo tipicamente paulino (cf. Rom. 4:20; Ef. 6:10; Fil. 4:13; I Tim. 1:12). **Graça** é empregada com ele, no sentido instrumental: "por meio da" ou "no poder da" (Kelly).

Timóteo também devia preparar outras pessoas, da mesma forma como Paulo o havia preparado. O **que de mim ouviste** dá a entender não instruções genéricas, mas um sumário do próprio evangelho (cf. I Cor. 15:3 e ss.; Rom. 6:17; veja o comentário sobre 1:13). **Diante de muitas testemunhas** representa uma tradução livre do grego **dia**, que, com o genitivo, normalmente significa "através" ou "pior". Aqueles que contestam a autenticidade destas cartas, têm visto nesta frase uma prova de sua teoria de que elas surgiram no segundo ou terceiro século. Todavia, **dia** tem outras acepções, que parecem resolver o problema aqui: (1) Pode ser traduzido "com a autenticação de". Spicq propôs duas referências possíveis, que se coadunam com esta tradução: (a) os profetas, apóstolos, etc., como em I Coríntios 15:3-11; (b) outras pessoas, através de quem Timóteo pudera checar a autenticidade da mensagem de Paulo: Barnabé, Loide e Eunice. (2) Talvez a tradução mais satisfatória seja a dada pela IBB: "diante", "na presença de". Desta perspectiva, Paulo teria em mente os **testemunhos** do batismo ou ordenação de Timóteo (cf. I Tim. 4:14; 6:12).

Assim sendo, Paulo instrui Timóteo, ordenando-lhe que colocasse a mensa-

gem apostólica, que recebera, nas mãos de **homens fiéis,** que fossem **idôneos para também ensinarem os outros**. O verbo **transmite** (cf. I Tim. 1:18) vem da mesma raiz que o depósito mencionado em I Timóteo 6:20 e II Timóteo 1:12,14. Temos, nesta declaração, uma forma embrionária de "sucessão". Porém é a transmissão da tradição da revelação original, através de uma sucessão de pessoas, que a manejarão de maneira responsável, e não "sucessão apostólica".

O apóstolo então tira, de seu tesouro, três figuras, que podem servir de modelos para o desanimado Timóteo: o soldado, o atleta e o fazendeiro. Todos os três ilustram perseverança, qualidade que Paulo desejava inculcar nesse jovem. Ele empregara as mesmas três imagens em I Coríntios 9, para provar um ponto inteiramente diferente. Aqui, ele parece estar citando, em parte, provérbios correntes nas diatribes estóicas e na linguagem popular (veja Easton e Dibelius-Conzelmann).

A imagem do soldado expressa três pontos: (1) tolera corajosamente as dificuldades, (2) evita os embaraços que podem impedir um serviço eficiente e (3) deseja agradar àquele que o alistou. O soldado cristão, sem dúvida, deve todas estas qualidades a Cristo.

A imagem do atleta, aparentemente, enfatiza a necessidade de disciplina fiel, embora o provérbio usado não seja inteiramente claro por si mesmo. **Legitimamente** pode significar: (1) de acordo com os regulamentos específicos do jogo em questão, ou, mais provavelmente, (2) de acordo com as regras que incluíam prescrições referentes ao treinamento preliminar. Nos jogos olímpicos, que tinham regras especialmente estrênuas, cada competidor precisava jurar que havia treinado durante pelo menos dez meses antes dos jogos. O pensamento aplicado a esta recomendação é: para alcançar o prêmio, o crente precisa aceitar a responsabilidade da disciplina.

Na imagem do fazendeiro, usada em I Coríntios 9:10 e s., para comprovar o direito de um ministro ao sustento material, a ênfase se exerce no adjetivo **que trabalha**. Este é "quase um termo técnico, no vocabulário de Paulo, para designar trabalho ministerial" (cf. I Tim. 5:17; Kelly). Paulo faz Timóteo lembrar-se da bênção especial que Deus derramará sobre o ministro fiel. Como o fazendeiro, em virtude do seu suor e labuta, merece a melhor parte de sua colheita, o ministro fiel pode esperar uma recompensa pelo seu trabalho árduo.

Neste ponto, Paulo pára a fim de inserir um "está ouvindo?" parentético. Se Timóteo tivesse alguma dificuldade para compreender todas estas coisas, não devia parar de tentar, **porque o Senhor te dará entendimento em tudo**. A verdadeira compreensão, em contraposição ao artifício humano, é um dom divino.

5. Lembra-te da Fidelidade de Cristo (2:8-13)

8 Lembra-te de Jesus Cristo, ressurgido dentre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho, 9 pelo qual sofro a ponto de ser preso como malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa. 10 Por isso, tudo suporto por amor dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que há em Cristo Jesus com glória eterna. 11 Fiel é esta palavra: Se, pois, já morremos com ele, também com ele viveremos; 12 se perseveramos, com ele também reinaremos; se o negarmos, também ele nos negará; 13 se somos infiéis, ele permanece fiel; porque não pode negar-se a si mesmo.

O encorajamento final, por parte de Paulo, da fé de Timóteo provinha do próprio evangelho. Paulo faz seguir um breve sumário desse evangelho, com um testemunho pessoal do seu poder. Embora ele estivesse preso, o evangelho não podia estar. Um hino primitivo nos lembra que Deus recompensará aqueles que permanecerem fiéis à sua dedicação a Cristo.

A confiança de Timóteo devia ser

amparada pela lembrança de **Jesus Cristo, ressurgido dentre os mortos, descendente de Davi**. Estas palavras parecem ser uma fórmula querigmática, semelhante à citada em Romanos 1:3,4 (Dibelius-Conzelmann). A referência à linhagem davídica de Jesus indicaria uma origem judaico-cristã, da mesma forma como a falta de um artigo antes de **ressurgido** (Jeremias). A voz passiva concorda com o ponto de vista cristão primitivo de que Deus o ressuscitara (cf. Rom. 4:24,25). Não há razão para se crer com Easton que "o Pastor simplesmente condensou Romanos 1:1-4)". Em ambos os casos temos um protótipo anterior.

Era pelo amor do evangelho que Paulo precisava suportar a prisão. O grego cita apenas "meu evangelho, em que". "Em que" pode referir-se a **Jesus Cristo**, sugerindo o Cristo-misticismo paulino (Simpson), mas a tradução da IBB parece mais natural. O sofrimento de Paulo, **a ponto de ser preso como um malfeitor**, é análogo ao ignominioso julgamento e execução de Jesus.

A despeito das circunstâncias por que Paulo estava passando, **a palavra de Deus não está presa** (observe-se o jogo de palavras **preso** e **presa**). Aqui, a **palavra de Deus** significa o evangelho (cf. Fil. 1:7,12-14; 2:17). O próprio Deus certamente dá testemunho dela. A **palavra** é quase personificada, como em I Tessalonicenses 2:13 e II Tessalonicenses 3:1.

Por causa de sua confiança no evangelho (**por isso**), Paulo estava suportando o que suportou **Por amor dos eleitos**. Os **eleitos** (cf. Rom. 8:33) significam não tanto os já convertidos, como "os crentes em potencial, que ainda não foram alcançados" (Scott). Incluem o número total daqueles a quem Deus escolheu e predestinou para participarem do seu propósito eterno. A despeito do seu sacrifício pessoal, Paulo se dedica para que o número total dos eleitos **alcancem a salvação que há em Cristo Jesus com glória eterna**. Esta **salvação** se refere, como em todas as citações nas cartas de Paulo, ao cumprimento escatológico das promessas de Deus (Barrett).

Glória eterna contrasta com o sofrimento do verso 9. Representa o objeto mais elevado da esperança cristã: participação na incorrupção e na vida (cf. II Tim. 1:10).

As suas reflexões a respeito das certezas de Deus suscitam, na memória de Paulo, um hino de certeza para o fiel. Ele o introduz com a fórmula empregada anteriormente (I Tim. 1:15; 3:1; 4:9). A sugestão de Crisóstomo, de que esta fórmula se refere às palavras antecedentes, não pode ser levada a sério. O paralelismo e a qualidade quase métrica dos versos 11 a 13a (atravessando 12a, de acordo com Easton) provam facilmente o caráter formal destes versículos. O estilo hebraico deste hino levou Jeremias a sugerir que Paulo, pessoalmente, fora o seu autor, mas a maioria dos estudiosos o consideram como hino batismal anterior.

A primeira estrofe tem um paralelo exato em Romanos 6:8. Pode-se atribuir isto (1) à criação paulina de ambas, (2) à citação de Romanos em II Timóteo, ou, mais provavelmente, (3) a uma alusão a um só hino. A maneira pela qual Paulo incorpora a expressão de Romanos, com a fórmula "cremos que", sustentaria a terceira interpretação. Se assim for, temos confirmação bem definida de que II Timóteo 2:11-13a era um hino batismal. Observe-se o passado dos verbos. O batismo acarreta uma morte e uma ressurreição com Cristo no sentido de se participar do seu papel de Servo. Esta morte para o eu será recompensada com a participação na sua ressurreição.

A segunda estrofe faz eco às palavras de Jesus, repetidas várias vezes nos Evangelhos: "Mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mat. 10:22; 24:13; Mar. 13:13). Este hino promete participação no reino messiânico de Cristo, isto é, que os santos sentarão em tronos com ele quando ele voltar.

A terceira estrofe emite uma advertência contra a negação; ela é, aparentemente, baseada nas palavras de Jesus encontradas em Mateus 10:33: "Qualquer que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus" (cf. Luc. 9:26; 12:9). Embora esse hino se dirija ao problema da apostasia, por ocasião da perseguição, não precisamos supor que uma ameaça imediata se fazia presente (Barrett.).

Easton questionou se alguma parte do verso 13 pertencia a esse hino. Concordo com Scott de que pertence, pois "imutável fidelidade a Cristo" parece ser a razão primordial para Paulo citar esse hino (cf. também Dibelius-Conzelmann). Contudo, as palavras finais, **porque não pode negar-se a si mesmo**, parecem ser uma adição paulina ao hino (Moffatt. RSV, IBB, Hanson). Desta forma, a última estrofe corrige a aspereza da terceira. Seja qual for o nosso grau de firmeza, Deus não falha em suas promessas de misericórdia.

II. Conselhos a Timóteo (2:14-4:5)

Na seção seguinte da carta, Paulo relaciona as suas diretrizes mais especificamente ao problema efésio. Ele mistura conselhos pessoais a Timóteo (v. 16,22) de maneira inextricável com instruções à comunidade. O seu principal conselho é: Procure não se envolver em disputas sem significado, mas trate os que precisam de disciplina com humildade e gentileza, a fim de que possam se arrepender e se tornar verdadeiramente úteis para Deus. A percepção a respeito da disciplina faz, desta passagem, uma das mais valiosas do Novo Testamento.

1. Evita Debates Destrutivos e Sê um Obreiro Construtivo (2:14-26)

14 Lembra-lhes estas coisas, conjurando-os diante de Deus que não tenham contendas de palavras, que para nada aproveitam, senão para subverter os ouvintes. 15 Procura apresentar-te diante de Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. 16 Mas evita as conversas vãs e profanas; porque os que delas usam passarão à impiedade ainda maior, 17 e as suas palavras alastrarão como gangrena; entre os quais estão Himeneu e Fileto, 18 que se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição é já passada, e assim pervertem a fé a alguns. 19 Todavia, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os seus, e: Aparte-se da injustiça todo aquele que profere o nome do Senhor. 20 Ora, numa grande casa, não somente há vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro; e uns, na verdade, para uso honroso, outros, porém, para uso desonroso. 21 Se, pois, alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e útil ao Senhor, preparado para toda boa obra. 22 Foge também das paixões da mocidade, e segue a justiça, a fé, o amor, a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor. 23 E rejeita as questões tolas e desassisadas, sabendo que geram contendas; 24 e ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser brando para com todos, apto para ensinar, paciente; 25 corrigindo com mansidão os que resistem, na esperança de que Deus lhes conceda o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, 26 e que se desprendam dos laços do Diabo (por quem haviam sido presos), para cumprirem a vontade de Deus.

Na mente de Paulo, o problema de Éfeso era ominoso. Ele orienta Timóteo para continuar lembrando-os (presente do imperativo) do evangelho, resumido no hino dos versos 11 a 13a. De fato, Timóteo devia **lembrar-lhes... diante de Deus**, isto é, fazê-los jurar solenemente, para **que não tenham contendas de palavras**. As evidências dos manuscritos gregos, provavelmente, favorecem a redação "encarrega-os diante do Senhor", e não a tradução que temos diante de nós. **Diante de Deus** foi escolhido, entretanto, como a versão mais difícil, pois as cartas de Paulo, invariavelmente, usam **diante de Deus.**

Que não tenham contendas de palavras (lit., "não batalhem com palavras") tem recebido duas interpretações: (1)

como proibição de qualquer discussão a respeito de doutrina (Moffatt) ou (2) com referência à espécie de lutas verbais que estavam se processando em Éfeso. O segundo significado é, indubitavelmente, correto, sendo confirmado (a) pelo uso do substantivo **logomachia**, em I Timóteo 6:4, e (b) pela seriedade com que Paulo estava enfrentando o problema, chegando ao ponto de conjurá-los solenemente para darem fim a ele (Scott). Essas contendas **para nada aproveitam** (lit., não são úteis para nada, ou não se fazem úteis para nada), **senão para subverter os ouvintes.**

Timóteo precisava fornecer o exemplo oposto; a sua obra não podia causar absolutamente nenhum embaraço. Note, mais uma vez, a ênfase paulina colocada sobre exemplo (veja o comentário sobre 1:13; I Tim. 1:10). Paulo recomenda ao seu jovem sucessor que seja zeloso para **apresentar-se diante de Deus aprovado.** Em última análise, é a Deus, e não aos outros homens, que o ministro precisa satisfazer. A palavra grega traduzida como **aprovado (dokimos)**, que em o Novo Testamento aparece exclusivamente nas cartas de Paulo, com a exceção de Tiago 1:12, apresenta uma nuança dupla de "provado" e "aprovado", como o ouro refinado no fogo. Tal pessoa será um **obreiro** (trabalhador) **que não tem de que se envergonhar** em seu trabalho.

No caso de Timóteo, o seu trabalho era **manejar bem a palavra da verdade**, isto é, o evangelho. A palavra grega traduzida como **manejar bem** (lit., cortar em reta) cria um problema de metáfora. Usada com **obreiro** (trabalhador rural), pode significar: (1) arar um sulco reto (Crisóstomo). Contudo, metáforas mistas aparecem freqüentemente nos livros do Novo Testamento, e outros têm sugerido (2) serrar um pedra ou cortar tecido (Scott). Outra possibilidade (3) é sugerida por Provérbios 3:6 e 11:5, onde esse verbo é usado com "estrada". Desta forma, o autor teria em vista um atalho, um caminho reto (Kelly). A ênfase recai decisivamente em "reto".

Como **obreiro** testado e provado, portanto, Timóteo devia manter-se afastado de conversas vãs (cf. fraseado idêntico em I Tim. 6:20; também 4:7). O resultado pode ser apenas o avanço da **impiedade.** O verbo traduzido como **passarão**, com a exceção de Lucas 2:52 (crescer), é usado exclusivamente por Paulo, e significa, literalmente, "avançar", e, provavelmente, alude às alegações de superioridade dos judaístas. Visto que ele não tem sujeito definido no grego, esta frase pode ser traduzida da seguinte maneira: "Pois (os hereges) farão avançar a impiedade cada vez mais." A ênfase recai em **impiedade**, como resultado das **conversas vãs.**

Essa espécie de **palavras alastrarão** (lit., terão pasto) **como gangrena.** Pouco a pouco a gangrena se espalha, até infetar todo o corpo.

Dentre os líderes, Paulo menciona Himeneu, sem dúvida, a pessoa que ele havia "entregue a Satanás" (I Tim. 1:20), e Fileto, que não é mencionado em outro texto do Novo Testamento. Não há razão para se supor que II Timóteo precisava ter sido escrita antes de I Timóteo, por causa da referência à "excomunhão" de Himeneu, nesta carta. Himineu podia ainda estar exercendo a oposição a Paulo depois da exclusão da comunhão da igreja. Esses dois homens "passaram longe da verdade" (NEB).

Neste ponto, Paulo insere uma nota precisa a respeito dos ensinamentos de seus opositores. Eles diziam que a ressurreição já havia ocorrido. Esta declaração está sujeita a diferentes interpretações, como foi notado na Introdução: (1) Alguns movimentos milenaristas têm insistido que Cristo já voltou e a ressurreição geral já teve lugar. (2) Menander, de acordo com Irineu, um discípulo de Simão, o Mago (**Contra Heresias**, 1.23. 5.), ligava a ressurreição com o batismo cristão. A doutrina gnóstica mais comum parece ser a atribuída a Demas e Hermó-

genes, com alusão óbvia a II Timóteo 2:18, nos **Atos de Paulo e Tecla**, obra do segundo século. Esses dois mestres insistiam que a ressurreição "já ocorreu nos filhos que temos, e que somos ressuscitados pelo fato de termos chegado a conhecer o verdadeiro Deus" (cap. 14; Hennecke, II, 356 e s.).

(3) Se esta passagem alude a um pensamento do tipo do de Menander, representa, definidamente, uma variedade primitiva de gnosticismo (Jeremias). Não se encontra sinal de docetismo nas Pastorais. A espiritualização pode referir-se à doutrina batismal do próprio Paulo (cf. Rom. 6:4; Col. 2:12; 3:1-4; Ef. 2:6; 5:14). Assim, o pensamento deste versículo pode ser "melhor explicado como doutrina espiritualista dos gnósticos, contra quem Paulo já havia-se voltado em I Coríntios 15" (Dibelius-Conzelmann). Não há nada, aqui, que contradiga a teoria de um judaísmo gnosticizado ou helenizado.

Tal "avanço", proposto em matéria de ensino, compreensivelmente perturbou os irmãos "mais fracos". O próprio Paulo insistira que a ressurreição — de Cristo e a ressurreição geral — é condição **sine qua non** para a fé cristã (I Cor. 15:16,17). Ele podia exercer grande flexibilidade quanto a outras doutrinas e costumes; quanto a esta, ele não fazia concessões.

Portanto, aqui também o apóstolo traça uma linha distinta. Nos versos 19 a 21, ele usa duas metáforas para estabelecer o contraste: (1) o sólido fundamento de um edifício forte e (2) o variegado conteúdo de uma grande casa.

Em contrário às vacilações do partido de Himeneu e Fileto, que haviam edificado na areia, Deus lançou um **firme fundamento. Fundamento** pode referir-se; (1) a Cristo e seus apóstolos (cf. I Cor. 3:11; Ef. 2:19 e s.); (2) à verdade do evangelho, à pregação apostólica, ao depósito da fé; (3) à igreja como um todo (cf. I Tim. 3:15); ou (4) ao cerne inabalável dos cristãos genuínos em Éfeso. De acordo com o contexto, a quarta possibilidade parece a mais aceitável, entendendo-se que os efésios representavam também toda a igreja.

O **selo** no fundamento, comum em edifícios públicos, na época de Paulo, significava: (1) segurança (cf. Mat. 27:66), (2) autenticidade e objetivo (cf. I Cor. 9:2; Rom. 4:11) e (3) propriedade (cf. II Cor. 1:22; Ef. 1:13; 4:30). Ambas as inscrições (v. 19) parecem ter em mente a rebelião de Coré contra Moisés e o castigo divino cominado em Números 16, mas somente a primeira inscrição é específica. Judas 11 usa este incidente também, para emitir uma severa advertência contra a rebeldia.

Na primeira declaração proverbial, a ênfase recai no verbo **conhece**. No pensamento hebraico, "conhecer" expressa um sentido de intimidade — um homem **conhece** sua esposa na união sexual — que transcende o seu uso ordinário em português. Esta palavra também tem uma nuança ética: conhecer o Senhor é obedecer à sua vontade. Desta forma, Deus traça uma clara linha entre os coraítas e **os seus**.

Além de uma possível alusão a Números 16:26,27, a segunda declaração parece ter inúmeras referências. Parece provável que tenhamos, aqui, "um texto não-canônico ou um provérbio judeu ou cristão" (Easton) ou um hino cristão primitivo, ou seu fragmento (Dibelius-Conzelmann, Hanson). O significado é claro; os que não participam da "rebelião" devem diferenciar-se dela.

As declarações a respeito do fundamento naturalmente evocam a interrogação: Por que pessoas assim estão na igreja? Paulo replica com uma espécie de parábola. O caráter de "forquilha" desta metáfora pode causar um pouco de confusão, mas as idéias principais são claras: (1) a igreja é um corpo misto (v. 20); (2) os membros devem lutar individualmente para se tornarem uma espécie mais nobre de vaso (v. 21).

As figuras e a maneira da parábola são

paulinas, e não cópias (como afirma Hanson) de I Coríntios 3:12; 12:23 e s. e Romanos 9:21-25 (Kelly). Em Romanos 9:21 e ss., Paulo usa a figura do vaso para ilustrar um ponto completamente diferente: a soberania de Deus na eleição. Em II Timóteo 2:20, ele insiste, provavelmente com alusão à Parábola do Trigo e do Joio, contada por Jesus, que a igreja, como uma **grande casa**, tem toda sorte de membros. No v. 21, deve ser notado, Paulo usa o singular **alguém**. A disciplina é considerada, aqui, como auto-administrada, e refere-se a "purificação interior" (Scott). O cristão fiel, em Éfeso, precisava purificar-se de costumes indignos, a fim de servir a objetivos dignos. Desta forma, ele seria **santificado e útil ao Senhor** da casa, isto é, Deus, **preparado para toda boa obra**. A ênfase recai em **toda boa obra**.

Nesta conjuntura, Paulo novamente insere um conselho pessoal para Timóteo empregando um vez mais a sua forma exortatória característica: **foge (pheuge)** e **segue (dioke)** (I Tim. 6:11; I Cor. 6:18; 10:14). Ele recomenda que ele **fuja das paixões da mocidade**, isto é, impulsos descontrolados. **Da mocidade** provavelmente tem aplicação genérica, mas também se enquadra a Timóteo, que ainda não tinha 40 anos (veja o comentário sobre I Tim. 4:12). Positivamente, ele devia **seguir a justiça, a fé** (fidelidade), **o amor, a paz**. Paulo incluíra as três primeiras destas virtudes na lista dada em I Timóteo 6:11. **Paz** foi acrescentada porque a paz da igreja estava sendo ameaçada (cf. as saudações em cada uma das cartas). Isto o colocaria na companhia dos **que, de coração puro, invocam o Senhor. De coração puro** reflete os antecedentes hebraicos de Paulo; em linguagem moderna, esta expressão significa "em completa sinceridade".

Os conselhos pessoais abrem o caminho para recomendações a respeito da maneira de manejar os disputantes. A primeira diretriz é permanecer fora de quaisquer discussões que gerem discórdia. A segunda é manejar os adversários com paciência e amabilidade, procurando a sua restauração para com Deus.

Paulo emprega linguagem forte em relação às **contendas** ou debates, como o fizera em I Timóteo 4:7 e 6:4,20. Por si mesmas, elas são **questões tolas e desassisadas**, e, o que é pior, geram **contendas**.

Ao contrário, Timóteo devia manifestar o caráter de um **servo do Senhor**. Embora seja comum no Velho Testamento, esta expressão é normalmente "servo de Deus" ou "servo de Cristo" em o Novo Testamento. Pode significar: (1) qualquer crente, mas designa, aqui, (2) alguém especialmente dotado como líder ou ministro (cf. Rom. 1:1; Apoc. 15:3). É análoga a "homem de Deus" (I Tim. 6:11; II Tim. 3:17). Aquele a quem Deus designou especialmente para o seu serviço, como o próprio Paulo (cf. Fil. 1:1; Tito 1:1), demonstrará uma disposição pacífica, evitando querelas.

A ênfase se exerce na característica de brandura, palavra usada somente por Paulo, em o Novo Testamento (cf. I Tess. 2:7). Dentre outras qualidades requeridas para tais situações, estão a capacidade para ensinar (cf. I Tim. 3:2) e a prontidão para opor-se à malícia (**paciente**). Estas qualidades capacitarão o ministro a corrigir **com mansidão os que resistem** (cf. II Tess. 3:15). Disciplina, Paulo sabia, facilmente assume um caráter vingativo.

O objetivo da correção é o resgate do ofensor, e não a sua condenação, mediante o seu arrependimento e retorno ao conhecimento da verdade. O grego diz literalmente: "que Deus possa, por acaso, dar-lhes arrependimento, para um conhecimento da verdade." O arrependimento acarreta uma modificação na direção da vontade e do modo de vida de uma pessoa, neste caso, no sentido do conhecimento da verdade, isto é, a autêntica mensagem cristã (veja o comentário sobre I Tim. 2:4; II Tim. 3:7;

Tito 1:1). Isto pareceria resgate do laço do Diabo (veja o comentário sobre I Tim. 3:6,7).

O versículo 26b tem quatro interpretações possíveis, em virtude dos pronomes gregos. (1) Se o Diabo for entendido como antecedente tanto de **quem** como de "dele" (na versão da IBB, interpretado com a glosa **de Deus**). (2) Se o diabo for entendido como antecedente de **quem** e Deus antecedente de "dele," como na versão da IBB. (3) Se o **servo do Senhor** é entendido como o antecedente de **quem**, e Deus o antecedente de "dele". (4) Se Deus é entendido como o antecedente tanto de **por quem** como de "dele". A primeira alternativa parece preferível, mas encontram-se comentaristas que sustentam cada uma das outras. A ênfase de toda a passagem está na ação de Deus, outorgando arrependimento.

2. Desvendados os Destruidores (3:1-9)

1 Sabe, porém, isto, que nos últimos dias sobrevirão tempos penosos; 2 pois os homens serão amantes de si mesmos, gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, ímpios, 3 sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, 4 traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, 5 tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder. Afasta-te também desses. 6 Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; 7 sempre aprendendo, mas nunca podendo chegar ao pleno conhecimento da verdade. 8 E assim como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé. 9 Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesta a sua insensatez, como também o foi a daqueles.

Tendo aconselhado a Timóteo como devia lidar com os opositores, o apóstolo emite uma espécie de advertência apocalíptica contra eles. Eles representavam, para ele, a aproximação dos **últimos dias**, isto é, a volta de Cristo e a consumação final.

Sabe, porém, isto, que é uma fórmula paulina (cf. Rom. 6:6), com o propósito de chamar a atenção de Timóteo, e não de referir-se ao que havia sido dito. **Nos últimos dias**, fórmula comum nas obras apocalípticas judaicas (cf. Joel 3:1; Is. 2:2), refere-se ao período imediatamente precedente à segunda vinda. **Tempos penosos** (lit., tempos difíceis) refere-se à expectação comum de criminalidade aberta; "ais" físicos, como eclipses, terremotos, pestilências, etc.; e grossa imoralidade (cf. II Tess. 2:3-12).

A despeito dos tempos futuros dos verbos usados aqui, o catálogo de vícios deixa entrever que Paulo descreve perversões de sua própria época (cf. I João 2:18; 4:2,3). O catálogo é tradicional, análogo a Romanos 1:29-31, mas, na verdade, não dependente dessa passagem.

Os primeiros e últimos pares de vícios — **amantes de si mesmos, gananciosos** (ou, amantes de dinheiro) — dão uma chave para o todo, se ê que podemos encontrar uma. Como comentou Crisóstomo há muito tempo, o amor-próprio no lugar do amor a Deus abre caminho para todas as falhas humanas.

As três palavras seguintes têm significado relacionado. O catálogo apresentado por Paulo em Romanos (1:30) também tem correspondência com as duas primeiras. A palavra traduzida como **presunçosos** significa jactanciosos ou pretenciosos, quase o equivalente a **soberbos** (cf. Luc. 1:51; Tiago 4:6). **Blasfemos** é traduzida na versão RSV inglesa como "abusivos".

As palavras restantes ilustram o caráter essencialmente ilícito e animal dos homens que rejeitam as reivindicações de Deus sobre as suas vidas. Eles são **desobedientes** a **seus pais** (cf. Rom. 1:30) e **ingratos** a Deus e a outros homens (cf. Luc. 6:35). Eles são **ímpios** ou profanos (cf. I Tim. 1:9) no sentido de serem completamente desprovidos de respeito pelo que é divino. A palavra traduzida como **sem afeição natural** significa, literalmen-

te, o que é expresso em português. Está intimamente relacionado o seu caráter de **implacáveis** (lit., sem libação), isto é, sem disposição de efetuar reconciliação com os outros. Eles não apenas resistem aos esforços em favor da paz, mas ativamente incitam o ódio. **Caluniadores** é uma tradução suave do grego **diabolos**, que geralmente designa um adversário (cf. I Tim. 3:11; Tito 2:3). **Incontinentes** (lit., sem autocontrole) e **cruéis** pintam as qualidades bestiais dessas pessoas. A sua ilegalidade fazia deles **inimigos do bem** (lit., sem o amor do bem), **traidores** e **atrevidos** (cf. At. 19:26).

Até aqui, a lista pintou um quadro genérico da ilegalidade ou amoralidade que os apocalípticos criam iria preceder o fim. Paulo conclui com algumas palavras suas, que se aplicam mais diretamente aos judaístas efésios (cf. Jeremias). Inchados por serem **orgulhosos** (cf. I Tim. 3:6; 6:4), acusa ele, são **mais amigos dos deleites do que amigos de Deus**. Esta acusação se refere à denúncia inicial: **amantes de si mesmos, gananciosos** (ou, amantes de dinheiro). Eles não eram realmente devotos, como fingiam. O que tinham era uma forma ou **aparência de piedade**, e não o **poder** dela.

Timóteo precisava **afastar-se** dessas pessoas, literalmente, "evitar essas pessoas". A palavra **também** refere-se aos falsos mestres descritos em 2:14-26.

Paulo descreve algumas de suas atividades. Algumas dessas pessoas eram as que **se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias**. O verbo traduzido como **se introduzem** é uma palavra clássica para entrada furtiva ou subreptícia (Simpson); pode ser melhor traduzido como "corroem o seu caminho para entrar" (Moffatt). Por insinuação, eles conseguiam encantar as mulheres que tinham pequeno poder de resistência, literalmente "mulherinhas", como na versão atualizada da SBB, que é um diminutivo pejorativo.

O que tornava essas mulheres tão vulneráveis era a sua consciência fraca: **carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências**. A palavra traduzida como **carregadas** significa, literalmente, "sobrecarregadas" (cf. Rom. 12:20). Em linguagem moderna, diríamos que elas tinham um senso de culpa extremo, que as tornavam maleáveis para se curvarem para qualquer direção. Atraídas por **várias concupiscências**, mais literalmente, por vários impulsos, bons ou maus, elas podiam estar **sempre aprendendo** (na RSV inglesa, "ouvindo a qualquer pessoa"). O grego original favorece mais a versão da IBB. Quer fossem sérias, quer não, e muitas delas o eram, elas **nunca podiam chegar ao pleno conhecimento da verdade**, isto é, do evangelho (veja o comentário sobre I Timóteo 2:4; II Tim. 2:25).

Paulo aproveita-se do acervo apócrifo judaico para dar, ao seu jovem colega, a certeza de que esses charlatães não teriam sucesso. De acordo com a lenda popular, Janes e Jambres eram os magos egípcios que haviam experimentado os seus poderes ocultos contra Moisés (Êx. 7:11,22). Fontes judaicas e cristãs primitivas aludem a essa história, sendo a mais antiga o recentemente descoberto **documento de Damasco**, em Qumran (5:17-19). Orígenes refere-se a essa história várias vezes (veja o **Comentário sobre Mateus**, 27:9; 23:37; **Contra Celso**, 4:51). Esses dois mágicos servem como tipo dos que **resistem à verdade** e fracassam; **Deus estabelece a verdade**.

Como em outras passagens (cf. I Tim. 4:1 e ss.), Paulo fala severamente sobre os perturbadores de Éfeso. Eles eram **homens corruptos de entendimento**, homens cujas mentes foram completamente destruídas. Possuíam apenas uma fé fingida: eram **réprobos quanto à fé**. Fé, aqui, refere-se tanto (1) ao cristianismo quanto (2) à dedicação pessoal (Scott).

Considerando uma condenação tão evidente assim, Timóteo não precisava ter medo. Eles não prosseguiriam em seu engano (veja o comentário sobre 2:16),

porque **a sua insensatez** (lit.: insensibilidade) **a todos será manifesta** (cf. I Tim. 5:24), como o fora a de Janes e Jambres (cf. Êx. 8:16-19).

3. Adere ao Exemplo de Paulo e ao Seu Treinamento (3:10-17)

10 Tu, porém, tens observado a minha doutrina, procedimento, intenção, fé, longanimidade, amor, perseverança, 11 as minhas perseguições e aflições, quais as que sofri em Antioquia, em Icônio, em Listra; quantas perseguições suportei! e de todas o Senhor me livrou. 12 E na verdade todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições. 13 Mas os homens maus e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados. 14 Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, 15 e que desde a infância sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. 16 Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; 17 para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra.

Paulo passa a estabelecer o contraste de Timóteo com os charlatães de Êfeso. Por ter participado dos labores e tribulações missionários de Paulo, Timóteo já sabia qual era o preço de seu discipulado. Os charlatães iriam progredir apenas na direção de um mal maior. Timóteo, contudo, precisava permanecer firme, com inteira confiança, por causa dos que lhe haviam ensinado o evangelho, e por causa do alicerce do evangelho nas Escrituras do Antigo Testamento.

O apóstolo conhecia Timóteo suficientemente bem para saber que ele podia enfraquecer em face de dificuldades e perseguição. Por isso, mais uma vez (como em 1:13) ele invoca o seu próprio exemplo. E faz lembrar ao seu companheiro missionário de longos anos: **tens observado a minha doutrina, procedimento, intenção, fé, longanimidade, amor, perseverança.** O verbo grego traduzido como **tens observado**, na verdade, tem um significado mais significativo do que a tradução pode dar a entender. Em I Timóteo 4:6, ele foi corretamente traduzido como "tens seguido". Os estóicos aplicavam-no tecnicamente aos discípulos que "seguem compreensivamente" (Easton).

Esta lista de virtudes, uma combinação de atividades e ideais e características, tem uma marca registrada peculiarmente paulina, tendo um paralelo bastante íntimo na lista de II Coríntios 6:4-6 (Hinson, p. 349 e s.). **Doutrina** dá a entender não apenas "o que eu ensino", mas "a maneira como ensino" (Barrett). **Procedimento** significa, literalmente, "direção", isto é, "treinamento" ou "modo de vida" (Simpson). Paulo era o mestre-mor de Timóteo e abridor de caminhos. Embora algumas pessoas tenham tentado emendar **intenção**, por interromper, segundo alegam, a seqüência do pensamento, esta palavra é bem apropriada neste catálogo. Paulo desejava lembrar a Timóteo o seu intenso senso de propósito, do qual os empreendimentos missionários se haviam originado. **Fé** pode significar fidelidade (cf. 2:22; I Tim. 4:12), mais do que crença. **Longanimidade, amor** e **perseverança** são parte integrante do papel de missionário e mestre. Paulo já havia aconselhado que ele fosse gentil em tratar com os adversários (2:24). **Longanimidade** é uma emulação da atitude de Deus para conosco (cf. Rom. 9:22; I Tim. 1:16). **Longanimidade** e **amor** são essenciais na edificação de uma comunidade composta de homens imperfeitos e pecadores (cf. Ef. 4:2).

A menção de **perseverança**, isto é, disposição para suportar o sofrimento (veja o comentário sobre I Tim. 6:11), aviva a memória de Paulo a respeito do custo pessoal da missão gentílica. Alguns dos que contestam a autoria paulina das Pastorais dizem encontrar, nesta passagem, várias características não-paulinas: (1) o louvor de si próprio, por perseverar nos sofrimentos, que Paulo apenas condescende em fazer comicamente em II

Coríntios 10 e 11; (2) a mistura de diferentes espécies de propósitos que Timóteo seguiu; (3) vagas referências a eventos passados; e (4) o fato de que Paulo se refere a eventos acontecidos antes de se encontrar com Timóteo, e não aos que haviam compartilhado (Hanson).

As duas primeiras objeções deixam entrever II Coríntios 6:1 e ss., onde Paulo apresenta as suas experiências como exemplo de maneira quase exatamente igual. Quanto à terceira, Paulo não precisava de maior precisão para reavivar a memória de Timóteo; Listra era a terra natal de Timóteo! Concernente à quarta, Jeremias indicou que Paulo menciona regularmente a sua **primeira** viagem missionária em relação aos seus sofrimentos (Gál. 4:13 e s.; II Cor. 11:25); aparentemente esses incidentes haviam-se fixado indelevelmente na sua memória. Além disso, Scott fez a sugestão aceitável de que "a intenção podia ser fazer Timóteo se lembrar de como fora atraído a Paulo, devido à sua **paciência** em face das dificuldades".

As **perseguições e aflições** de Paulo são delineadas em Atos. Em Antioquia da Pisídia, os judeus suscitaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé, incitando mulheres devotas proeminentes e anciãos da cidade (13:50). Em Icônio, hostilidade crescente, tanto de gentios como de judeus, forçou-os a fugir (14:5). Em Listra, Paulo foi apedrejado e, crendo que ele estava morto, o arrastaram para fora da cidade, como resultado das atividades subversivas dos judeus de Antioquia e Icônio (14:19). As alusões a estas três cidades não constituem base para o comentário de Easton, de que esta é "a primeira citação certa de Atos na literatura cristã". Não existe semelhança verbal nenhuma. A expressão redundante **quantas perseguições suportei** refere-se à **perseverança**, qualidade de que Paulo desejava que Timóteo se revestisse. A fé que estava por detrás da **perseverança** nas **perseguições** provou ser bem alicerçada, pois **de todas o Senhor me livrou**, um parêntese reminiscente do Salmo 34:17.

A perseguição não deve causar surpresa, no entanto, **E na verdade todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições.** Paulo, aqui, faz eco a um refrão contínuo do pensamento cristão primitivo. Jesus havia dito aos discípulos que deviam esperar perseguição (Mat. 5:10,11; 10:22). Paulo a ligou com a sua vocação (II Cor. 11:23-29; I Tess. 3:4; Col. 1:24,25). I Pedro (4:12 e ss.) considera a perseguição um motivo de regozijo, porque acarreta a participação dos sofrimentos de Cristo. A freqüência deste tema, no ensino tradicional [31] e redação não-paulina, muitas vezes notada (A. T. Hanson), desta declaração, sugere que Paulo retomara uma velha fórmula. Duas partículas gregas (**kai...de**) com significado semelhante introduzem esta frase; uma pode ter pertencido ao original, e a outra pode ter sido acrescentada por Paulo. A nota verdadeiramente paulina aparece na expressão **em Cristo Jesus.** Paulo muitas vezes modificou frases gerais com a cláusula **no Senhor** (cf. Col. 3:18). Esta expressão deve ostentar a nuança que Paulo lhe dá em outras partes (veja o comentário sobre 1:2; I Tim. 1:14). A vida cristã é vida em Cristo, isto é, uma vida de dedicação pessoal a ele e no contexto do seu corpo, a Igreja.

A perseguição dos justos faz lembrar, novamente, os sinais do fim (3:1 e ss.). A redação grega dá a entender um agudo contraste, maior do que a tradução da IBB expressa. **Homens maus e impostores irão de mal a pior. Homens maus** significa mais do que moralmente maus; eles eram inteiramente perversos (Spicq). **Impostores** significa, literalmente, "mágicos" (veja o comentário sobre I Tim. 5:13), mas também pode ter conotação mais genérica. Lucas parece fazer cair parte dos problemas de Paulo em Éfeso sobre um grupo que vivia de ar-

31 Cf. Philips Carrington, **The Early Christian Catechism.**

tes mágicas (cf. At. 19:19). O verbo **irão** refere-se a 3:9 (e também 2:16). Não dá vazão a nenhuma contradição, devido a um jogo de palavras. Os charlatães não "progredirão" em influência (v. 9), mas em malignidade (v. 13). Eles enganam os outros, mas eles mesmos serão enganados, sem dúvida, pelo Diabo e outros charlatães.

Timóteo não devia fazer-se presa de engano. Paulo torna enfático o contraste: **Tu, porém**, retomando o verso 10. Em face da vacilação dos outros, mais um indício da inclinação pessoal de Timóteo, Paulo o dirige a plantar os pés firmemente **naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado. Naquilo** é plural. Refere-se ao depósito da verdade (1:12,14; I Tim. 6:20), ao evangelho da maneira como Paulo o havia ensinado (1:8,10; 2:8; I Tim. 1:11), à "sã doutrina" de Paulo e de outros (3:10; I Tim. 1:10; 4:6, 13,16; 6:1,3), à mensagem apostólica básica. O apóstolo dá o mesmo conselho a outros (cf. Rom. 16:17; I Cor. 4:6; Fil. 4:9). A essa mensagem, Timóteo já se havia dedicado, isto é, por ocasião do batismo, e, possivelmente, outra vez quando fora separado para o serviço missionário.

Duas coisas formam o alicerce da dedicação do jovem missionário: (1) o seu conhecimento pessoal das pessoas **de quem** aprendera a fé cristã, e (2) o firme fundamento das Escrituras. **De quem**, no plural, dá a entender "não uma sucessão formal de ministros" (Barrett), mas, sim, a mãe e a avó de Timóteo (1:5), o próprio Paulo e, possivelmente, outros. A fidelidade dessas pessoas à verdade devia ajudar a apagar quaisquer dúvidas que Timóteo pudesse ter.

Não obstante, as Escrituras fornecem o fundamento final para essa certeza. Como qualquer filho de pais judeus devotos, que deviam ensinar aos seus filhos a lei a partir dos cinco anos de idade, Timóteo viera a conhecer **as sagradas letras**. Os cristãos devotos evidentemente continuaram esse costume. **As sagradas letras** referem-se, quase inquestionavelmente, ao Velho Testamento. Nada, no contexto, sugere obras cristãs e, mesmo que as Pastorais tivessem sido compostas por um escritor posterior, provavelmente ele não cometeria o lapso de aludir a obras cristãs. O uso deliberado de "letras", normalmente em sentido literal, talvez aluda à educação de Timóteo na infância — como ele aprendera a ler — "de maneira quase brincalhona" (Scott). A ênfase pode exercer-se na palavra **sagradas**, a fim de reforçar o contraste entre Timóteo e os falsos mestres, ou denotar "a literatura sacra em sua plena extensão" (Scott).

As Escrituras assumem esta importância porque **podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Fazer-te sábio**, a palavra grega **sophezein**, raramente usada, denota "a profunda percepção ou entendimento que o crente possui" (Kelly). O Velho Testamento leva à **salvação, pela fé que há em Cristo Jesus**. A igreja primitiva adotou a Bíblia hebraica (na versão grega, chamada Septuaginta) precisamente por esta razão: ela apontava para Cristo; Cristo é a chave das Escrituras.

A alusão às Escrituras evoca um comentário mais extenso, que novamente ostenta marcas de uma fórmula anterior, provavelmente da sinagoga helênica. A omissão de uma conjunção copulativa, na declaração em pauta, tem causado não pequeno debate. É possível traduzir-se (1) **Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa**, ou (2) "Toda Escritura inspirada por Deus é também proveitosa". Em favor da primeira versão, os eruditos apresentam os seguintes argumentos: (a) é a mais natural tradução do grego; (b) a construção é paralela a I Timóteo 4:4; (c) se se pretendesse a segunda tradução, "inspirada por Deus" ou "divinamente inspirada" normalmente apareceria **antes** de "Escritura"; e (d) a segunda versão "parece conter uma sugestão de que certas passagens da Escritura não são inspiradas"

(Kelly). Em favor da segunda versão, alinham-se os seguintes argumentos: (a) a ausência do artigo com **pas** (todo, cada) requer a tradução "toda"; (b) "Escritura", que tem aplicação geral, necessita de um adjetivo. **Escritura**, no singular, como aqui, pode designar: (1) um livro da Bíblia (no judaísmo helênico, e não em o Novo Testamento); (2) o Velho Testamento como um todo (v.g., Gál. 3:8,22; Rom. 11:2; cf. I Tim. 5:18); ou (3) uma passagem da Escritura em particular (v.g., Mar. 12:10; João 19:37; 20:9; At. 8:35). A despeito da irregularidade de se traduzir desta forma, a segunda versão parece preferível (juntamente com as versões inglesas ERV, NEB, Scott, e outras, e a Versão Atualizada da SBB, em português).

A doutrina da inspiração da Escritura, aqui, concorda com o ponto de vista dos judeus do primeiro século. J. Jeremias insistiu, todavia, que a opinião de Jesus e de Paulo ecoavam a interpretação palestina, e não a helênica. Esta última tinha tendências na direção da inspiração verbal, [32] mas a primeira prestava mais atenção ao papel da transmissão humana. Não temos, neste versículo, uma doutrina completa de inspiração. No entanto, ele apóia claramente a convicção de que as Escrituras são peculiarmente inspiradas por Deus, e oferecem a única revelação de inteira confiança da mente e da vontade de Deus em Cristo.

A **Escritura... inspirada** é **proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça**. Ela é (1) uma fonte positiva e única de doutrina cristã. (2) **Repreender** refere-se à refutação do erro e à repreensão do pecado. Embora Paulo não usasse, o substantivo aqui usado (**elegmos**), em outras passagens, ele usou o verbo correspondente várias vezes (I Cor. 14:24; Ef. 5:11,13). (3) **Corrigir** (**epanorthosis**), outra palavra encontrada apenas uma vez nas Pastorais, refere-se ao lado positivo da disciplina: a correção dos errados e o estabelecimento deles no caminho certo. (4) **Instruir em justiça** também indica o lado positivo: "educação construtiva na vida cristã" (Kelly).

Easton considera o uso do Velho Testamento como guia moral, proposto nesta declaração de maneira contrária ao uso que Paulo faz dele. Ele indica, corretamente, que Paulo baseava o seu código moral na lei de amor pregada por Jesus (Rom. 13:8-10) e ocasionalmente o suplementava por outros ensinos de Jesus (I Cor. 7:1 e ss:). Todavia, Paulo não rejeitou os ensinamentos morais do Velho Testamento, como fizera com o seu ritual. Ele simplesmente os interpretava à luz da ética de Jesus.

As Escrituras servem de várias maneiras para preparar o homem de Deus para o seu ministério. Como em I Timóteo 6:11, **homem de Deus** pode designar (1) qualquer cristão, mas (2) mais provavelmente o líder religioso, especialmente o próprio Timóteo (cf. "o servo do Senhor, em 2:24). Nesta cláusula, **para que** (gr. **hina**) é, provavelmente, resultado, e não objetivo (Barrett). O resultado da inspiração da Escritura é o equipamento do ministro para a sua tarefa.

4. Um Apelo Final Solene Para Pregar o Evangelho (4:1-8)

1 Conjuro-te diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela sua vinda e pelo seu reino; 2 prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda a longanimidade e ensino. 3 Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo os seus próprios desejos, 4 e não somente desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas. 5 Tu, porém, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre bem o teu ministério. 6 Quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo. 7 Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. 8 Desde agora, a coroa da justiça me está guar-

32 Cf. Josefo, **Contra Apion**, 1:37 e ss.; Filo, **Leis Especiais**, 1:65; 4:49; **Quis rerum divarum** 263 e ss.

dada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.

Paulo agora alcança o ápice dos seus conselhos a Timóteo. Inspirado pela perspectiva de sua morte iminente, a passagem "resume bem o espírito e o conteúdo da carta" (Spicq). Timóteo, como soldado fiel, precisava assumir o seu posto e desempenhar o seu dever, não importava o quanto a oposição se tornasse intensa. Ele precisaria permanecer sozinho, pois o próprio apóstolo não estaria mais à mão, para emprestar sua ajuda.

Paulo começa "os seus últimos encargos sagrados" (Scott) com um juramento solene (veja o comentário sobre 2:14; I Tim. 5:21; I Tess. 4:6). A acepção legal é melhor expressa pela palavra **conjuro** do que por "encarrego", como consta da RSV inglesa. O apóstolo invoca três testemunhas: **Deus, Cristo** e a **vinda** e o **reino** de Cristo, cumprindo o requisito judaico para um juramento válido. Ele parece aproveitar uma fórmula primitiva de duas partes, talvez empregada no batismo, ao invocar **Deus** e **Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos** (cf. At. 10:42 e I Ped. 4:5). A terceira testemunha, a **sua vinda** e o **seu reino**, reforça todo o juramento. **Vinda** refere-se à **Parousia** (cf. II Tess. 2:8; I Tim. 6:14; II Tim. 4:8; Tito 2:13), isto é, à volta de Cristo em glória. **Reino** sublinha ainda mais a solenidade do juramento (cf. v. 18; II Tess. 1:5; Rom. 14:17; I Cor. 15:23,24).

A principal tarefa é proclamar o evangelho. Paulo expressa-a com cinco imperativos. (1) **Prega a palavra**. Ele considerava a pregação uma das suas mais importantes tarefas (cf. 1:11; I Tim. 2:7; Rom. 10:8,14,15). A **palavra** significa o evangelho (veja o comentário sobre 2:9).

(2) **Insta a tempo e fora de tempo**. A acepção original do verbo traduzido como **insta** é "fica firme" ou "fica no teu posto". No v. 6, abaixo, significa "estar próximo". Paulo está recomendando ao seu colega, que era algumas vezes tímido, a permanecer em guarda em todo o tempo. A **tempo e fora de tempo**, no grego, um jogo com as palavras **eukairos, akairos**, pode significar (a) quer você sinta, quer não sinta, ou (b) em face de oposição (Scott, A. T. Hanson), e talvez (c) ambas as acepções (Barrett).

(3) **Admoesta**, (4) **repreende**, (5) **exorta** aplicam-se, respectivamente, à razão, à consciência e à vontade. O verbo traduzido como **admoesta** é um termo técnico usado na filosofia ou na lei, com referência ao processo de acareação ou de interrogação cruzada. Por isso, tem uma conotação negativa: "refutar" ou "provar que está errado" (cf. I Cor. 14:24; Ef. 5:11,13). **Repreende**, freqüentemente usada nos sinópticos, refere-se à censura moral; Paulo usa este substantivo em II Coríntios 2:6, para designar uma disciplina formal por voto da maioria. **Exorta** tem dupla acepção: confortar ou consolar (cf. II Cor. 1:4,6; 2:7; 7:6, 7,13) e recomendar. Paulo aproveita-se do segundo sentido para fazer uma aplicação um tanto formal à pregação cristã (cf. Rom. 12:8; I Tim. 6:2) ou à disciplina cristã (cf. II Cor. 9:5, etc.; I Tim. 5:1).

Todo o ministério deve ser desempenhado **com toda a longanimidade** e cuidado no ensinar, literalmente, "com toda a paciência e ensino". O texto grego não tem verbo, e a adição de um verbo anula a relação de cláusula qualificadora com os imperativos precedentes. **Longanimidade** e **ensino** provavelmente eram entendidos como aludindo a todos os cinco imperativos, mas especialmente aos últimos três. A acepção exata de **ensino** (cf. Tito 1:9) não é clara, mas, indubitavelmente, Paulo queria enfatizar a suavidade que devia caracterizar a instrução (cf. 2:24 e s.).

O versículo 3 explica **a tempo e fora de tempo**. A pregação é tão urgente porque **virá tempo em que não suportarão a sã doutrina**. O futuro do verbo faz soar

novamente a nota apocalíptica de advertência (veja o comentário sobre 3:1). **Suportarão** significa, literalmente, "corresponder". **Sã doutrina** (veja o comentário sobre I Timóteo 1:10) é a que é baseada na verdade, e não fabricada. As novidades muitas vezes têm mais seguidores do que a verdade! Pode-se quase ver as **pessoas** que Paulo descreve. Elas tinham um desejo constante de encontrar algo novo. Por este motivo, empilhavam mestres sobre mestres, a fim de "agradar às suas próprias fantasias" (Moffatt); literalmente, "de acordo com os seus próprios desejos". Tanto os judeus quanto os gnósticos eram peritos em didática. Eles eram como as "mulherinhas" mencionadas e descritas anteriormente, "levadas por vários impulsos" e nunca "capazes de chegar a um conhecimento da verdade" (3:6,7).

Infelizmente, tais pessoas voltam os seus ouvidos para qualquer som, exceto para o da **verdade**, isto é, o evangelho genuíno. Pelo contrário, elas **desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas** (cf. I Tim. 1:6; 5:15; 6:21). Essas **fábulas** (Tito 1:14; I Tim. 1:4; 4:7) seriam mitos, etc., baseados na lei.

Para contraditar tal irresponsabilidade, Timóteo precisava exercer um ministério exemplar. **Tu, porém**, (veja 3:14) acentua o contraste. **Sê sóbrio em tudo** pode ser traduzido mais exatamente como "conserva os olhos abertos o tempo todo". O imperativo (**nephein**) "flutua entre o significado de **sobriedade** e de estar **desperto**" (Simpson; cf. I Tess. 5:6). Em segundo plano, levanta-se a imagem de um atleta (v. 7) que se abstém de vinho, a fim de permanecer alerta e vigilante (Spicq). Paulo queria que o seu colega evitasse o mundo nebuloso de fantasias em que os seus opositores viviam — "inchados de orgulho" (3:4), "de mente corrupta" (3:8), insensatos (3:9), enganando e sendo enganados" (3:13).

O tema militar volta à baila na ordem **sofre as aflições**. A pregação do evangelho sempre acarretará incômodos e perseguição (cf. 2:9; Fil. 1:7, 13,14,17), pois acarreta a participação nos sofrimentos de Cristo (veja o comentário sobre 2:11-13).

Faze a obra de um evangelista significa "prega o evangelho". A igreja primitiva tinha um ofício de **evangelista** (cf. Ef. 4:11; At. 21:8), mas este termo não tem conotação formal aqui (Kelly).

Cumpre bem o teu ministério resume toda a tarefa de Timóteo. "Dê a medida completa", como o próprio Paulo havia dado (cf. 4:17; Luc. 1:1; At. 12:25). O **ministério** de Timóteo era o mesmo do apóstolo: era o ministério de servo.

Paulo agora apresenta a razão por que Timóteo precisava assumir tarefa ou carga tão tremenda. O próprio apóstolo não levaria mais a mensagem aos gentios; Timóteo precisava agir em lugar de Paulo. O **eu** (**ego**) é enfático, colocado em agudo contraste com o **tu** do verso 5. Muitos estudiosos que atribuem as Pastorais, como um todo, a um escritor posterior, consideram esta passagem como da lavra de Paulo (Harrison, Scott, Easton, e outros).

Paulo retrata a sua morte, que se aproximava, com duas metáforas: uma tirada da prática sacrificial judaica, outra da vida naval ou militar. **Já estou sendo derramado como libação** retrata o derramamento de vinho sobre a vítima, imediatamente antes de sua imolação (Êx. 29:40; 30:9; Núm. 28:7). Como em Filipenses 2:17, onde a mesma palavra é usada, Paulo é pessoalmente a libação. Moffatt traduziu belamente: "As últimas gotas do meu próprio sacrifício estão sendo derramadas." A palavra grega traduzida como **partida** designava o afrouxamento das cordas de suas estacas, na preparação para um navio zarpar ou para que os soldados levantassem acampamento.

Três metáforas adicionais resumem os labores do apóstolo. (1) O **bom combate** (o termo grego é freqüentemente usado por Paulo: Fil. 1:30; Col. 2:1; I Tess.

2:2; I Tim. 6:12) parece inferir a luta ou entrevero de boxe, em vez do tema militar (como Simpson o coloca). (2) Tanto na figura do **combate** quanto da **carreira**, a ênfase se exerce na dedicação. Paulo **acabou a carreira**, jamais fraquejando em seus esforços (cf. I Cor. 9:24; Fil. 3:14; At. 20:24; II Tim. 2:5). (3) **Guardei a fé** é uma metáfora a respeito de mordomia. A **fé** (**pistis**) pode significar: (a) a mensagem doutrinária cristã (cf. I Tim. 6:20; II Tim. 1:12,14); (b) o depósito confiado ao ministro ou apóstolo (Kelly); ou (c) a promessa do atleta de observar as regras (cf. 2:5; Easton, Barrett).

A grinalda da vitória coroará o lutador cristão fiel. Alguns comentaristas têm considerado a sugestão de recompensa, nesta passagem, muito "antipaulina". Contudo, eles parecem não perceber a constante metáfora dos versos 7 e 8, que concorda bem com a jactância de Paulo em Filipenses 3:14: "Prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus."

Desde agora (**loipon**) tem mais sentido formalista do que a nossa tradução dá a entender: "Agora, nesta conjuntura." **Me está guardada** é uma fórmula idiomática, usada, na época de Paulo, para retratar a recompensa dada, por um monarca, a um súdito leal, devido a serviço fiel. Neste caso, Paulo espera não os lauréis do atleta vitorioso, mas **a coroa da justiça**. Na antiguidade e também em nossos dias, coroas adornam os túmulos ou os ataúdes de nobres e ignóbeis, como símbolo de imortalidade. A **coroa da justiça** bem podia referir-se: (1) ao aperfeiçoamento do cristão em justiça (cf. Gál. 5:5). Contudo, como Kelly indicou, (a) Paulo normalmente sustenta que o crente já está justificado; e (b) a justiça dificilmente pode já estar preparada no céu. Daí parece melhor considerá-la (2) como a vida eterna como recompensa (Tiago 1:12; Apoc. 2:10).

A coroa eterna será dada pelo **Senhor** (Cristo) **naquele dia**, isto é, o dia do juízo (cf. Mat. 25:31-46). Paulo estabelece talvez, o contraste entre o **justo juiz** (cf. v. 1; Rom. 2:5,6) e o injusto tribunal de Roma (Spicq).

Não apenas a Paulo, **mas também a todos os que amarem a sua vinda** Deus dará a **coroa** da vida. **Vinda** pode referir-se: (1) à encarnação, mas (2) à **Parousia** é mais provável (Dibelius-Conzelmann). Aqueles **que amarem** (**agapēkosi**) seriam, desta forma, os "que ansiaram" pela consumação.

III. Despedida (4:9-21)

Paulo terminou a parte principal de sua carta. Colocou, sobre os ombros de seu jovem colega, o fardo de apóstolo aos gentios, que ele carregou por muitos anos. O restante da carta consiste de notas pessoais e instruções, troca de saudações, e se encerra com a bênção pessoal de Paulo. Estudiosos que adotam a "hipótese dos fragmentos" consideram autêntica toda esta seção, ou parte dela, composta de fragmentos genuínos antigos, todavia conflitando agudamente com exemplos do tom anterior da carta. Alguns dos detalhes, v.g., o pedido de sua capa, livros e pergaminhos, dificilmente teriam sido acrescentados simplesmente para tornar crível uma falsificação. O caráter do apóstolo brilha nas entrelinhas com um caloroso resplendor.

1. Vem a Roma, Porém Cuidado! (4:9-18)

9 Procura vir ter comigo breve; 10 pois Demas me abandonou, tendo amado o mundo presente, e foi para Tessalônica, Crescente para a Galácia, Tito para a Dalmácia; 11 só Lucas está comigo. Toma a Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério. 12 Quanto a Tíquico, enviei-o a Éfeso. 13 Quando vieres traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, e os livros, especialmente os pergaminhos. 14 Alexandre, o latoeiro, me fez muito mal; o Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras. 15 Tu também guarda-te dele; porque resistiu muito às nossas palavras. 16 Na minha primeira defesa ninguém me assistiu, antes todos me desampararam. Que isto não lhes

seja imputado. 17 Mas o Senhor esteve ao meu lado e me fortaleceu, para que por mim fosse cumprida a pregação, e a ouvissem todos os gentios; e fiquei livre da boca do leão. 18 E o Senhor me livrará de toda má obra, e me levará salvo para o seu reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém.

Paulo recomenda a Timóteo que se juntasse a ele em Roma o mais depressa possível, o que, provavelmente, é o motivo imediato por que ele tenha escrito esta carta. A ênfase recai em **breve**, urgência explicada pela aproximação do inverno no verso 21. Muitos comentaristas (cf. Scott, Easton, Hanson) têm insistido que este pedido entra em conflito com a parte anterior da carta, onde Paulo havia pintado com cores escuras um quadro de suas circunstâncias, e revela uma adição. Contudo, o elemento de contraste pode facilmente ser exagerado. (1) Paulo sugere o seu desejo de ver Timóteo, em 1:4. (2) Embora a aparência seja triste, o seu julgamento formal ainda não tivera lugar, e os versos 6 a 8 não devem ser entendidos com o significado de que ele esperava execução imediata. (3) As instruções anteriores tinham a intenção de equipar Timóteo para um longo ministério, sem sugerir (como I Timóteo 1:3 fizera anteriormente) que ele deveria permanecer em Éfeso por tanto tempo (Kelly, Spicq).

Paulo explica por que as circunstâncias em que ele estava tornavam compensadora a viagem longa e árdua de Timóteo a Roma, levando Marcos com ele. Ele estava virtualmente sozinho, fosse porque alguns desertaram, fosse porque ele enviara outros a cumprir tarefas missionárias.

Demas, companheiro de Paulo durante o seu primeiro período na prisão (Col. 4:14; Filemon 24), **abandonou-o**, e foi para Tessalônica. Embora outrora fosse fiel, suas motivações demonstraram-se insuficientes na hora da dificuldade. **Tendo amado o presente século** contrasta com a motivação dos genuínos cristãos, os que amam o aparecimento de Cristo (4:8). Isto não implica apostasia no seu sentido formal, mas em um desejo de descanso e conforto (cf. I Tim. 6:17; Mar. 10:21 e s.) ou talvez medo do sofrimento.

Crescente e **Tito**, aparentemente, receberam tarefas missionárias — Crescente para a **Galácia**, Tito para a **Dalmácia**. Em lugar de Galácia, vários manuscritos antigos grafam Gália (Gaul). Até o segundo século, os escritores romanos chamavam a Gália (mais ou menos equivalente à França moderna) de Galácia, de forma que a redação opcional pode interpretar corretamente o que Paulo queria dizer. De fato, a tradição posterior [33] faz de Crescente um dos fundadores da igreja de Vienne (perto de Lion). Paulo havia estado na **Dalmácia** (Rom. 15:19); por isso, Tito, provavelmente, fora despachado para verificar o estado do cristianismo nessa região. Esta referência confirma a autenticidade da carta (pelo menos este fragmento), pois a carta a Tito lhe foi endereçada para a ilha de Creta. Deve-se presumir que essa carta foi escrita antes de II Timóteo, durante o período em que Paulo estava em liberdade. Naquela carta (3:12) Paulo pedia a Tito para juntar-se a ele em Nicópolis, que ficava localizada no Épiro, ao sul da Dalmácia. Tito, provavelmente, continuara até Roma com Paulo.

Só Lucas está comigo não significa que todos os outros o haviam abandonado; só que ele agora estava com falta de ajudantes (Scott). Lucas, "o médico amado" (Col. 4:14; cf. Filemom 24), provavelmente servia o apóstolo tanto como médico quanto como amanuense.

Marcos era quase certamente João Marcos, companheiro de Paulo e Barnabé na chamada primeira viagem missionária (At. 12:25; 13:13). O rompimento entre Paulo e João Marcos (At. 15:38) havia sido sanado anteriormente, pois Paulo o recomenda aos colossenses (Col.

33 **Pascal Chronicle**: PG, 92, 609.

4:10). Esse jovem missionário podia ter estado em Colossos quando Paulo deu estas instruções. Desta forma, Timóteo precisava **tomá**-lo e **trazê**-lo quando fosse a Roma. O ministério para que ele era útil podia ter nuança genérica, porém, mais provavelmente, refere-se ao serviço pessoal: redação de cartas, serviço de mensageiro, etc. Marcos substituiria **Tíquico**.

Uns poucos eruditos (v.g., A. T. Hanson) têm interpretado a referência ao fato de **Tíquico** ter sido **enviado a Êfeso** como sinal de que Timóteo não estava em Êfeso quando Paulo escreveu esta carta. O verbo **enviei-o**, todavia, é, provavelmente, um aoristo epistolar, que significa que Tíquico fora o portador da carta. Tíquico havia acompanhado Paulo a Jerusalém (At. 20:4) e levara consigo colossenses (4:7-9) e efésios (6:21 e s.). Pode ser que Paulo pretendesse que ele agisse como representante de Timóteo, enquanto este ia a Roma (4:9,21).

Com a aproximação do inverno (4:21), Paulo pede a Timóteo: **Traze a capa que deixei em Troâde, em casa de Carpo. A capa** mencionada era um vestuário pesado, como cobertor, com um buraco no meio, por onde colocar a cabeça. O seu peso explicava por que Paulo a havia **deixado** em **Trôade**, com **Carpo**, discípulo que não se conhece por outras referências, convertido, provavelmente, durante a sua última viagem a Roma. Paulo havia passado por Trôade muitas vezes (cf. II Cor. 2:12; At. 16:8; 20:6). Timóteo iria viajar via Trôade, atravessando a Macedônia, para o Adriático, e dali a Brindisi, no seu caminho para Roma.

Os livros (bíblia) que Paulo pediu eram, provavelmente, rolos de papiro, contendo, talvez, cópias de alguns livros do Velho Testamento. Os **pergaminhos**, evidentemente as folhas pequenas e caras em que se escreviam documentos valiosos, podiam conter: (1) o certificado de cidadania de Paulo e outros documentos pessoais (Moffatt, Scott, e outros). Kelly, todavia, tem argumentado contra esta idéia, dizendo que (a) não temos evidência do uso desta palavra neste sentido na antiguidade; e (b) Paulo, provavelmente, já estaria na posse desses papéis. Mais provavelmente, os pergaminhos continham (2) um livro de notas, contendo valiosos escritos cristãos.

O apóstolo introduz uma advertência a respeito de **Alexandre, o latoeiro**. Este pode ser o Alexandre que Paulo "entregou a Satanás" (I Tim. 1:20). Não há necessidade de supor-se, deste fato, que II Timóteo foi escrita antes de I Timóteo, pois Alexandre pode ter causado mal a Paulo depois do seu anátema contra ele. Certo Alexandre, um judeu, tentara, sem sucesso, acalmar o tumulto em Êfeso (At. 19:33), mas o fato desse nome ter sido comum na época impede uma identificação exata. O próprio Paulo não pronuncia julgamento, a despeito do mal causado. O julgamento pertence a Deus (cf. Rom. 2:6). Observe-se que Paulo usa o futuro do verbo, e não o optativo (uns poucos manuscritos gregos mudaram o original). **O Senhor lhe retribuirá segundo as suas obras**, baseado em Salmos 62:12 (cf. 28:4), é "uma predição, e não uma imprecação" (Spicq). Timóteo também precisava ficar alerta. Paulo não explica o caráter exato da oposição de Alexandre, mas fora vigorosa.

Depois dessa breve digressão, nos versos 14 e 15, Paulo explica mais plenamente a sua situação. **Na minha primeira defesa (apologia) ninguém me assistiu, antes todos me desampararam.** De Crisóstomo em diante, os comentaristas têm tido a tendência de interpretar a **primeira defesa** (1) com referência ao primeiro período na prisão (At. 28:30, 31). Duas outras interpretações são possíveis: (2) Os que apoiam a "hipótese dos fragmentos" atribuem esta experiência à defesa em Cesaréia, diante de Felix (At. 24:1-23) ou, possivelmente, em Jerusalém, perante o Sinédrio (23:1-10). (3) Interpretando-se esta carta, como um todo, em termos de autoria paulina, é

razoável aplicar-se este evento à audiência preliminar (em latim **prima actio**), o que determinaria se Paulo se submeteria a um julgamento formal (Spicq, Kelly, e outros).

Ninguém me assistiu refere-se à falta de testemunhas, ou de advogado, que se levantassem em favor do prisioneiro. Covardia ou dissensão, na igreja em Roma, podem ter causado tal deserção (cf. Fil. 1:15 e ss.). Paulo ora para que isto **não lhes seja imputado**, isto é, no juízo de Deus (cf. II Cor. 5:19; At. 7:60). Em Éfeso, uma vez os amigos haviam-se levantado em favor dele (cf. Rom. 16: 3,4).

Embora abandonado pelos homens, o apóstolo aos gentios não o foi por Deus. O **Senhor esteve ao meu lado**, isto é, como advogado. O **Senhor**, provavelmente, refere-se a Deus, como o demonstra a doxologia do verso 18 (Jeremias). Não apenas isto: ele também **me fortaleceu** (veja o comentário sobre 2:1; I Tim. 1:12), **para que por mim fosse cumprida a pregação** (lit., "para que através de mim a proclamação pudesse ser completada"). A prisão não interrompeu a missão paulina. A despeito dos seus males, Paulo estava se desincumbindo plenamente (**plerophorein**, cf. 4:5) da tarefa que Deus lhe havia atribuído, isto é, a pregação das "boas-novas" a todas as nações. De fato, o propósito de Deus era que **ouvissem todos os gentios** a proclamação (veja o comentário sobre I Tim. 2:7; II Tim. 1:11). **Todos os gentios** pode aludir (1) a Roma como a coroa do comissionamento do apóstolo "a todas as nações" (Rom. 1:5), ou mais provavelmente, (2) à audiência cosmopolita da corte imperial. Sem dúvida, Paulo aproveitou a **prima actio** para proclamar a sua mensagem, embora alguns tenham aplicado essa referência à pregação ao período entre o primeiro e o segundo períodos na prisão.

A libertação de Paulo **da boca do leão** é, provavelmente, figurada, significando libertação de perigo extremo. Não é necessário interpretar esta expressão como alusão a um confronto literal com animais selvagens no anfiteatro (coisa que realmente ocorreu durante o reinado de Nero), com o imperador Nero (Dibelius-Conzelmann) ou com Satanás (conforme I Ped. 5:8).

A sua alusão à libertação evoca, no grande apóstolo, uma confissão de fé em Deus. A sua jactância confiante não entra em conflito com a sua apreensão quanto à morte, que se aproximava (4: 6-8). Ele pensa em termos de "proteção espiritual, e não física" (Kelly).

O **reino celestial** está presente, bem como o alvo dos crentes, alcançado na volta de Cristo. **Celestial**, empregado quase que exclusivamente por Paulo em o Novo Testamento (I Cor. 15:40,48,49), se opõe a terreno. O futuro do verbo não dá a entender que Paulo ainda esperava viver, para ver a volta do Senhor (como em I Tess. 4:15; I Cor. 15:51); esta esperança havia fenecido, à medida que o fim se aproximava.

Na sua maneira característica, Paulo (cf. I Tim. 1:17; Rom. 9:5; Gál. 1:5; Fil. 4:20) irrompe em uma doxologia, ao mencionar a obra salvadora de Deus. Como nota Easton, o verbo subentendido é "é", e não **seja**.

2. Saudações Mútuas (4:19-21)

19 Saúda a Prisca e a Áqüila e à casa de Onesíforo. 20 Erasto ficou em Corinto; a Trófimo deixei doente em Mileto. 21 Apressa-te a vir antes do inverno. Saúdam-te Êubulo, Pudente, Lino, Cláudia, e todos os irmãos.

O parágrafo final troca saudações pessoais e supre alguma informação adicional, como uma espécie de **post scriptum**. As referências pessoais indicam que Timóteo ainda estava em Éfeso.

Prisca e **Áqüila** eram a equipe de missionários formada de marido e mulher, forçados a abandonar Roma como resultado do édito de Cláudio, expulsando os judeus (At. 18:2). Eles se estabeleceram em Corinto, e dali se dirigiram a

Éfeso com Paulo (At. 18:18). Uniram-se a Paulo no envio de saudações a Corinto (I Cor. 16:19). Paulo menciona ambos em Romanos 16:3 e s., que muitos eruditos crêem foi escrita a Éfeso, e não a Roma. A menção do nome de Priscila em primeiro lugar indica a sua grande capacidade.

A saudação da **casa** de Onésiforo indica, quase certamente, que ele estava então morto (veja o comentário sobre 1:16).

Erasto parece ter sido um desertor durante a última viagem de Paulo a Roma. De acordo com Romanos 16:23, ele era o tesoureiro da cidade (**oikonomos**). Ele, aparentemente, se juntara a Paulo em Éfeso, pois o apóstolo o despachara, e a Timóteo, para a Macedônia (At. 19:22).

Trófimo era um cristão gentio de Éfeso (At. 21:29). Com outros, ele esperava a volta de Paulo a Trôade, depois de sua viagem através da Grécia, coletando a oferta para ajudar os pobres de Jerusalém (20:4,5). Ele acompanhou Paulo a Jerusalém; e os oponentes judaicos de Paulo chegaram a pensar que ele ultrapassara as áreas proibidas do Templo (21:29). Os críticos da autoria paulina têm questionado por que Timóteo, estando em Éfeso, não sabia que Trófimo estava doente em Mileto, que ficava apenas a oitenta quilômetros dali. Os que sustentam a "hipótese dos fragmentos" têm usado este texto para argumentar em favor da origem cesaréia desta seção. Uma resposta possível é que Paulo estava dizendo a Timóteo **por que** ele havia deixado Trófimo para trás, e não somente dando informações.

Paulo recomenda que Timóteo fosse **antes do inverno**. Durante o inverno, o Adriático ficava virtualmente fechado ao tráfego marítimo. Esta carta foi escrita, provavelmente, no fim do verão ou durante o outono, portanto.

Quatro amigos juntam-se a Paulo no envio de saudações. A menção de seus nomes não entra em conflito com o fato de que nenhum deles ficara ao lado de Paulo durante a sua primeira defesa (4:16). Estas pessoas, inteiramente desconhecidas em outras referências neotestamentárias, provavelmente não estavam qualificadas para executar uma defesa formal (Kelly). Os nomes de Pudente, Lino e Cláudia são latinos, confirmando a origem romana desta carta.

Bênçãos Finais (4:22)

22 O Senhor seja com o teu espírito. A graça seja convosco.

Paulo termina a sua segunda carta a Timóteo com uma bênção dupla: uma dirigida a Timóteo pessoalmente, e outra, aos efésios. O **Senhor** pode ser Deus ou Cristo, mas, provavelmente, este último (cf. Fil. 4:23). O **espírito** é parte integrante do homem, e é objeto de ações e influências divinas, a parte obediente de sua personalidade (cf. Rom. 8:15,16). O singular **teu** torna claro que Paulo pretendia que esta bênção alcançasse apenas Timóteo.

A **Graça seja convosco** é, por outro lado, dirigida à comunidade, como demonstra o plural **convosco**. Uma oração pedindo **graça** era a bênção costumeira de Paulo (veja I Tim. 6:21; Gál. 6:18; I Cor. 16:23).

Comentário Sobre Tito

Esboço da Epístola

Saudações e Afirmação do Apostolado (1:1-4)

I. Instruções Para a Missão Cretense (1:5-3:11)
  1. Qualificações dos Presbíteros-bispos (1:5:9)
  2. Refutação dos Judaístas Gnósticos (1:10-16)
  3. Acerca do Comportamento Apropriado Dentro da Comunidade Cristã (2:1-10)
    1) Dos Idosos (2:1,2)
    2) Das Mulheres Idosas e Jovens (2:3-5)
    3) Dos Moços (2:6-8)
    4) Dos Escravos (2:9,10)
  4. A Graça de Deus É o Fundamento da Piedade (2:11-14)
  5. Um Encargo a Tito (2:15)
  6. Atitudes Apropriadas em Relação aos Não-crentes, Baseadas na Bondade e Generosidade de Deus (3: 1-8a)
  7. Evite Disputas Perniciosas (8b-11)

II. Algumas Instruções Finais (3:12-14)
Saudações finais e Bênção (3:15)

A respeito de Tito sabemos menos do que acerca de Timóteo. Ele não é mencionado em Atos. No entanto, Paulo nos dá algumas informações. Ele era de ascendência grega (Gál. 2:3). Paulo o levara a Jerusalém consigo, alguns anos depois de sua conversão, recusando-se a permitir que ele fosse circuncidado (Gál. 2:1-3). Depois de Timóteo ter fracassado em seus esforços para resolver a questão em Corinto, o apóstolo despachara Tito (II Cor. 8:6; 12:18), que parece ter tido êxito em reconciliar os coríntios com Paulo (7:5 e ss.). Subseqüentemente, Tito evidentemente serviu Paulo de várias maneiras. Uma parte importante de sua missão, provavelmente, teve lugar em Creta, onde o apóstolo o havia deixado depois de uma viagem sua a essa ilha, no intervalo entre dois períodos na prisão. De acordo com o pedido de Paulo, nesta carta (3:12), Tito, provavelmente, juntou-se a ele em Nicópolis, e, subseqüentemente, o acompanhou a Roma. Durante o segundo período na prisão, antes de escrever II Timóteo, Paulo então o enviou à Dalmácia (II Tim. 4:10). Tradição posterior, edificada sobre o relato aqui feito, o considera o primeiro bispo de Gortina, cidade na ilha de Creta, e localiza a sua morte nesse local. [34] Embora essas narrativas não possam ser inteiramente dignas de confiança, a associação das atividades de Tito, na última parte de sua vida, com Creta é pelo menos aceitável.

A Epístola a Tito é, provavelmente, a mais antiga das três epístolas pastorais. Tem essencialmente os mesmos objetivos de I Timóteo: (1) pôr em ordem a vida da igreja e (2) defender a missão contra agitadores. Ao mesmo tempo, ela é pessoal, dirigida ao "meu verdadeiro filho", e oficial, a palavra do apóstolo. Respondendo aos que duvidam que Paulo tenha escrito uma nota tão formal para alguém que ele conhecia tão bem quanto Tito, pode-se observar a natureza genérica das saudações finais e da bênção. Paulo esperava que a carta fosse ouvida por toda a igreja em Creta.

Saudações e Afirmação do Apostolado (1:1-4)

1 Paulo, servo de Deus, e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus, e o pleno conhecimento da verdade que é segundo a piedade, 2 na esperança da

34 Greek Acts of Titus, ed. M. R. James, Journal of Theological Studies, VI (1905), 549-56.

vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos eternos, 3 e no tempo próprio manifestou a sua palavra, mediante a pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador; 4 a Tito, meu verdadeiro filho segundo a fé que nos é comum, graça e paz da parte de Deus Pai, e de Cristo Jesus, nosso Salvador.

Paulo dá início à sua carta com uma saudação longa e solene, em que afirma o seu apostolado (cf. Gál. 1:1-5; Rom. 1:1-7), outra recordação de que os seus oponentes judaístas não haviam cessado os seus ataques contra a missão gentílica. Ele apresenta suas credenciais como **servo de Deus** e **apóstolo de Jesus Cristo**. O primeiro título, dentre as cartas de Paulo, só aparece nesta; normalmente ele dá a si mesmo o nome de "servo de Jesus Cristo" (Rom. 1:1). Esta designação é tirada do Velho Testamento. Para Paulo, ela sublinhava a sua absoluta dedicação a Deus, em ser **apóstolo de Jesus Cristo**. O papel de servo que Paulo desempenhava era idêntico ao seu apostolado aos gentios.

Este comissionamento de servo-apóstolo tinha três objetivos: (1) **segundo a fé dos eleitos de Deus**, (2) **o pleno conhecimento da verdade que é segundo a piedade** e (3), por fim, a **esperança da vida eterna**, prometida e colocada à nossa disposição por Deus. O texto grego tem sido influenciado fortemente pela linguagem litúrgica, de forma que o primeiro objetivo permanece um pouco incerto. Literalmente, o grego diz: "de acordo com (**kata**) a fé dos eleitos de Deus", o que pode significar que Paulo cria que o seu apostolado era "constituído e determinado por esta fé, **conhecimento** e **esperança**" (Barrett; cf. também Simpson). Tal interpretação dificilmente concorda com a sua convicção, reiterada, freqüentemente, nas Pastorais, de que o próprio Cristo o havia comissionado. Portanto, parece melhor seguir a RSV e a maioria dos comentaristas, traduzindo **kata** com o sentido menos usado de "em vista de". Desta forma, Paulo está falando a respeito do progresso da fé, do **conhecimento** e da **esperança** através do seu apostolado (cf. Rom. 1:5; Fil. 3:14).

Desta forma, o ministério de Paulo extrapola a esfera dos crentes. Ele pregava para a salvação de todos, mas apenas os **eleitos** creriam (cf. II Tim. 2:10; Rom. 8:33; Col. 3:12; I Ped. 1:2). **Os eleitos de Deus**, expressão usada somente por Paulo, dá a entender todos os que Deus arrolou e arrolará como seu povo escolhido em virtude de sua fé.

O segundo objetivo é meramente uma elaboração do primeiro. Chegar ao **conhecimento da verdade** significa tornar-se crente (veja o comentário sobre I Tim. 2:4; II Tim. 2:25; 3:7). O **conhecimento** apenas pode produzir presunção; o conhecimento de si mesmo à luz da revelação de Deus em Cristo Jesus produz comportamento piedoso, **piedade**.

Na esperança da vida eterna pode ser ligada a **piedade**, a **verdade**, a **conhecimento**, a fé ou a **apóstolo**, mas a última opção parece preferível. O objetivo último de Paulo, como apóstolo, era que os crentes obtenham a esperança da vida eterna que Deus provê.

Esta esperança nunca desaponta (cf. Rom. 5:5). Primeiro, porque Deus, que **não pode mentir, prometeu**: a veracidade de Deus não pode ser questionada. **Que não pode mentir** talvez seja colocado aqui como contraste com a caracterização dos cretenses no v. 12. Estas palavras lembram o hino ou confissão de II Timóteo 1:9,10, que, de acordo com Easton, "eles parecem pressupor". **Antes dos tempos eternos** pode também ser traduzido como "antes da criação" (assim o faz Crisóstomo). Por esta interpretação, as promessas de Deus existiam mesmo antes que o tempo começasse.

Segundo, Deus **manifestou** estas promessas **no tempo próprio**, isto é, em um tempo estabelecido por ele mesmo, aceitável a ele (cf. I Tim. 2:6; 6:15; Gál. 6:9). Paulo está se referindo à interrupção da era escatológica em Jesus, o cumpridor e

cumprimento da esperança messiânica judaica (cf. Gál. 4:4; Rom. 5:6; Ef. 1:9,10; At. 17:26). Esta manifestação ocorreu em **sua palavra. Sua palavra**, provavelmente, não significa "a Palavra" (**Logos**) no sentido técnico, mas "a verdade revelada, a mensagem, ou evangelho, que é expressa na **proclamação** de apóstolos e evangelistas" (Barrett). Por isso, ela vem **mediante a pregação** (veja o comentário sobre II Tim. 4:17) **que me foi confiada** (veja o comentário sobre I Tim. 1:11,12; 2:7; II Tim. 1:11) **segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador.**

Contra os seus detratores, o apóstolo novamente assevera vigorosamente a origem divina do seu comissionamento. **Segundo** o **mandamento de Deus** pode referir-se, secundariamente, a **manifestou**, como mostra Romanos 16:26 (Spicq). Paulo tinha uma ordem inflexível para pregar (cf. I Cor. 9:16).

Paulo dirige-se a Tito como **meu verdadeiro filho segundo a fé que nos é comum** (cf. I Cor. 4:15). Isto concorda intimamente com a maneira como ele se dirige a Timóteo (I Tim. 1:2). **Verdadeiro** significa legítimo; Tito também era, provavelmente, convertido de Paulo. No entanto, este termo é, de algum modo menos terno do que amado (II Tim. 1:2).

Graça e paz da parte de Deus Pai era saudação costumeira de Paulo (cf., v.g., Rom. 1:7). "Misericórdia" não aparece aqui como nas cartas a Timóteo (I Tim. 1:2; II Tim. 1:2). A menção de Cristo como **Salvador**, como em Filipenses (3:20) e Éfesios (5:23), sugere novamente a oposição cristã ao culto ao imperador.

I. Instruções Para a Missão Cretense (1:5-3:11)

A parte principal da carta de Paulo dá instruções referentes ao cuidado que Tito devia ter pela missão cretense. O apóstolo mistura instruções a respeito da ordenação da vida da igreja com advertências contra os perturbadores da missão.

1. Qualificações dos Presbíteros-Bispos (1:5-9)

5 Por esta causa te deixei em Creta, pára que pusesses em boa ordem o que ainda não o está, e que em cada cidade estabelecesses anciãos, como já te mandei; 6 alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, tendo filhos crentes que não sejam acusados de dissolução, nem sejam desobedientes. 7 Pois é necessário que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro de Deus, não soberbo, nem irascível, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; 8 mas hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, temperante; 9 retendo firme a palavra fiel, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para exortar na sã doutrina como para convencer os contradizentes.

Paulo, inicialmente, lembra a Tito como o deixara **em Creta**, para pôr **em boa ordem o que ainda não** o estava e para que **em cada cidade** estabelecesse **anciãos**. Grande número de manuscritos gregos diz "porque eu o estou deixando para trás", mas essa redação dificilmente tem sentido. Esta declaração não pode referir-se à breve estada de Paulo ali, registrada em Atos 27:7-9. O acontecimento, provavelmente, ocorreu depois que Paulo foi solto da prisão.

A primeira razão para deixar Tito, mais o fato de que Paulo relaciona qualificações para um ofício apenas, indica que a missão cretense estava em um estágio primitivo. Tito precisava pôr em ordem as coisas que Paulo não tivera tempo para cuidar. Pôr **em boa ordem o que ainda não o está**, sem dúvida, alude aos judaizantes gnósticos, mas também dá a entender deficiências em relação à organização das comunidades cristãs de Creta.

A segunda razão, assim, se relaciona intimamente com a primeira. A nomeação de pessoas adequadamente qualificadas para dirigir a missão ajudaria a vencer as deficiências. Visto que o próprio Tito teria permanecido ali apenas temporariamente, outros precisariam tomar conta da missão. Como notou B. H. Streeter, a nomeação de anciãos de

cidade em cidade indubitavelmente reflete exatamente o costume do próprio Paulo.[35] A referência a **em cada cidade** não sugere, como afirma Scott, "que o cristianismo havia, então, se espalhado por toda a grande ilha". Significa, pelo contrário, nomear anciãos onde quer que houvesse uma igreja. A primeira semente pode ter sido plantada por judeus cretenses que estavam presentes em Jerusalém por ocasião do Pentecostes (At. 2:11). Daí, Paulo e Tito simplesmente levaram a obra avante.

Esta passagem prova que os termos **anciãos** ou presbíteros e **bispos** eram usados como sinônimos, e substancia a prova da data primitiva para as Pastorais. **Bispo (episkopos)** é usado genericamente no verso 7, como em I Tim. 3:1, e descreve a função dos presbíteros. Pode ser traduzido literalmente como "supervisor" (veja o comentário sobre I Tim. 3:1 e ss.; 5:17).

A lista ética de Paulo corresponde, em grande medida, à apresentada em I Timóteo 3:1 e ss. para os bispos e diáconos. Os presbíteros-bispos deviam ter uma reputação irreprochável (veja o comentário sobre I Tim. 3:10; cf. também Col. 1:22), ser casados apenas uma vez (veja o comentário sobre I Tim. 3:2, 12), e ter filhos crentes de bom comportamento. Estes requisitos, especialmente o terceiro, ilustra novamente o conceito de Paulo a respeito da comunidade cristã como uma família. Os presbíteros-bispos terão a responsabilidade de uma família maior do que a sua, e por isso o seu sucesso em relação à sua família imediata propicia uma boa medida de comparação para que eles sejam aceitos na igreja. Como em I Timóteo 3:4,5,12, o apóstolo dá muito valor à capacidade de disciplinar os filhos. Estes não devem ser **acusados de dissolução**. O seu mau comportamento pode manchar a reputação de seus pais. Semelhantemente, se são **desobedientes**; apresentam evidências de que o seu pai tem poucas qualidades que recomendem sua liderança.

Tais evidências de liderança são essenciais, em virtude do próprio caráter da tarefa de supervisionar a comunidade como **despenseiro de Deus. Pois**, no verso 7, oferece prova conclusiva de que "presbítero" e "bispo" significam a mesma coisa nas Pastorais (Scott, Barrett). A ênfase principal recai sobre a expressão **como despenseiro de Deus**, papel que Paulo atribuía também a si mesmo (cf. I Cor. 4:1,2). A igreja é a casa de Deus, e desta forma requer a direção de um mordomo ou despenseiro, e não a dominação de um tirano (cf. I Tim. 1:5).

Paulo expande o requisito compreensivo de uma reputação **irrepreensível** com cinco negativos e sete positivos. Um bom mordomo ou **despenseiro** não deve ser (1) teimoso (**arrogante**); (2) **irascível**, isto é, que facilmente se enerva; (3) **nem dado ao vinho** (cf. I Tim. 3:3); (4) **espancador**, isto é, violento (cf. I Tim. 3:3); ou (5) **cobiçoso de torpe ganância** ("avarento", NEB; veja I Tim. 3:3,8; 6:10: II Tim. 3:2). As duas primeiras não aparecem nas outras cartas, mas complementam as três que aparecem. Paulo queria que Tito tomasse cuidado com as pessoas inconstantes, egocêntricas e ambiciosas de cargos, que levam a igreja ao descrédito.

Positivamente, o **despenseiro de Deus** deve ser (1) **hospitaleiro** (cf. I Tim. 3:2); (2) **amigo do bem**; isto é, pessoa que procura fazer o bem (cf. I Tim. 5:10); (3) **sóbrio** (cf. I Tim. 3:2; Tito 2:2,5); (4) **justo** ou reto (cf. I Tess. 2:10), visto que ele precisará arbitrar disputas entre outras pessoas; (5) **piedoso** ou devoto (cf. I Tim. 2:8; I Tess. 2:10), um homem genuinamente religioso; (6) **temperante** (cf. Gál. 5:23); (7) e um sólido mestre. Estas virtudes, que aparecem todas em catálogos contemporâneos, completam o quadro do genuíno candidato para a liderança: maduro, correto e altruísta. Uma pessoa dotada destas qualidades dará contas de si mesma, no ensino, de maneira satisfatória.

35 **The Primitive Church**, p. 218 e 219.

As boas credenciais pedagógicas dos presbíteros-bispos servem a dois propósitos: (1) a pregação da **sã doutrina** e (2) para convencer os contradizentes. Através das Pastorais, Paulo enfatiza a importância do ensino sadio ou íntegro (veja o comentário sobre I Tim. 1:10). O ensino sempre desempenha um papel importante e essencial na missão cristã. Para a igreja primitiva era especialmente importante, para ganhar novos convertidos de seus "muitos deuses e muitos senhores", e levá-los a se colocarem sob o domínio de um Senhor e Deus.

O pregador competente também será capaz de **convencer** os seus oponentes. A palavra traduzida como **convencer** significa tanto "expor" como "instar" (veja o comentário sobre I Tim. 5:20; II Tim. 4:2). A história da igreja tem mostrado a necessidade tanto de instrução como de defesa. Quanto melhor a primeira, menor a necessidade da segunda.

2. Refutação dos Judaístas Gnósticos (1:10-16)

10 Porque há muitos insubordinados, faladores vãos, e enganadores, especialmente os da circuncisão, 11 aos quais é preciso tapar a boca; porque transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém, por torpe ganância. 12 Um dentre eles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, giutões preguiçosos. 13 Este testemunho é verdadeiro. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé, 14 não dando ouvidos a fábulas judaicas, nem a mandamentos de homens que se desviam da verdade. 15 Tudo é puro para os que são puros, mas para os corrompidos e incrédulos nada é puro; antes tanto a sua mente como a sua consciência estão contaminadas. 16 Afirmam que conhecem a Deus, mas pelas suas obras o negam, sendo abomináveis, e desobedientes, e réprobos para toda boa obra.

Os versículos 10 a 16 expressam por que um ensinamento sólido e a sua respectiva defesa são tão importantes. Para a jovem missão cretense, a presença de **muitos insubordinados, faladores vãos e enganadores** apresentava um perigo especial (cf. Jeremias). Os três epítetos descrevem **os contradizentes** à sã doutrina no verso 9. Eles se recusavam a reconhecer a autoridade estabelecida (veja o v. 6; I Tim. 1:9). O que eles tinham a dizer não contribuía em nada para a edificação da igreja. Eles faziam truques para os outros, como mágicos. **Enganadores** (cf. Gál. 6:3) pode dar a entender uma mágica propriamente dita (veja o comentário sobre I Tim. 5:13).

Paulo identifica os perturbadores mais especificamente. Uma grande quantidade deles pertencia ao partido **da circuncisão**, isto é, cristãos de ascendência judaica que ainda insistiam na aderência à lei ritual (cf. Gál. 2:12; Col. 4:11). Com Josefo aprendemos que havia numerosos judeus em Creta. [36]

A ameaça representada por esses judaístas gnósticos demanda ação decisiva. Com a missão ainda em sua infância, o apóstolo não exige exclusão (como em I Tim. 1:20) mas que sejam silenciados. A espécie de conversa que eles espalhavam tinha possibilidades extremamente danosas. Eles **transtornam casas inteiras** (veja II Tim. 3:6). Ensinavam não por motivos honrados, e, sim, **o que não convém, por torpe ganância**. Esta declaração, um tanto ambígua, pode oferecer outro indício de fórmulas mágicas (cf. II Tim. 3:13) e encantamentos (I Tim. 5:13), além dos mitos judaicos mencionados no verso 14. Tais coisas eram muito lucrativas na época crédula da igreja primitiva; assim, a acusação de exploração ou extorsão não é de se admirar.

Paulo confirma a sua advertência com uma citação do sexto século a.C., do poeta cretense Epamenides, em **Dos Oráculos**. Epamenides havia ganho fama como profeta, porque predissera o fracasso da expedição persa contra a Grécia, dez anos antes de ela ter acontecido (490 a.C.). O apóstolo não atribuía, necessariamente, a ele uma autoridade

36 **Antiq.**, 17:327; **Guerras**, 2.103; Legado a Gaio, 282.

comparável à dos profetas do Velho Testamento. Ele o cita como citara Menander em I Coríntios 15:33 (ou Aratus, em At. 17:28?). Uma citação atinge o objetivo de fazer soar um alarme, nem que Paulo seja acusado de bairrismo ou nacionalismo estreito. A reputação cretense era tão má que os gregos haviam cunhado a palavra **kretizein**, "agir ou falar como cretense", isto é, prevaricar. Paulo aceita o julgamento de Epamenides. **Este testemunho é verdadeiro.**

A abjeção dos erroristas cretenses requeria ação decisiva. A este respeito Paulo exige de Tito: **repreende-os severamente**. A ênfase recai em **severamente**. A saúde da jovem igreja dependia da decisão de Tito. Contudo, o objetivo da disciplina tinha em mente os próprios mestres errôneos: **para que sejam sãos na fé**. O papel do pastor é análogo ao do médico: ele deseja a cura de seu paciente, e nunca a sua perda.

A doença, neste caso, tem dois elementos: aderência (1) **a fábulas judaicas** e (2) **a mandamentos de homens que se desviam da verdade**. As **fábulas** (veja o comentário sobre I Tim. 1:3,6; Tito 3:9), sem dúvida, incluíam alguma espécie de especulação a respeito do Velho Testamento (Jeremias). Os mandamentos de origem humana contrastam com os mandamentos de Deus (I Cor. 7:9), nas cartas de Paulo. Provavelmente, referem-se a questões de comida, bebida, festivais, luas novas, sábados, e assim por diante, mencionadas em Colossenses 2:16 e ss. Neste último documento, Paulo parece estar preocupado com um judaísmo gnóstico. Um asceticismo dualista, baseado em pontos de vista errados de que a matéria é maligna **per se**, haviam levado a várias proibições.

Estes pontos de vista são perversões da **verdade**, isto é, o evangelho, a fé cristã (veja o comentário a I Tim. 2:4; 4:3; II Tim. 4:4). Os seus autores haviam abandonado (cf. II Tim. 1:15) o correto entendimento. Paulo não se apressa ao explicar. A pureza depende do homem interior justificado pela fé. **Tudo é puro para os que são puros** pode ser um provérbio popular, mas parece derivar das palavras de Jesus a respeito das leis dietéticas judaicas (Luc. 11:41), mencionadas também por Paulo em Romanos 14:20; I Coríntios 6:12; 10:23 (cf. a redação negativa em I Tim. 4:4). O apóstolo não quer dizer, como não poucos têm interpretado erradamente: "Vale tudo!" **Para os que são puros** significa "para os puros de coração" (cf. Mat. 5:8; João 15:3; I Tim. 2:8). A pureza ritual é superficial; não cuida da pessoa interior.

A fim de excluir qualquer mal-entendido, Paulo declara o lado negativo. **Para os corrompidos**, isto é, moralmente impuros (cf. I Tim. 4:2; 6:5) **e incrédulos** (cf. I Tim. 5:8) **nada é puro**. Tais pessoas não têm a capacidade de distinguir entre o bem e o mal. Não importa que espécie de abluções rituais e de ritos que elas pratiquem, não receberão nenhum dos dons de Deus aos homens com uma boa consciência. O problema é: **tanto a sua mente quanto a sua consciência estão contaminadas**.

Os perturbadores cretenses, provavelmente, eram sinceros. Eles **afirmam que conhecem a Deus**. Esta declaração de terem uma experiência com Deus pode ter sido: (1) "Um orgulho judaísta por causa do monoteísmo" (Guthrie), ou (2) uma tendência gnosticizante (Dibelius-Conzelmann, Easton, Barrett), ou (3) ambas. Os mestres com que Paulo estava preocupado tinham uma espécie de compreensão eclética. Fossem quais fossem as suas declarações verbais, eles **pelas suas obras o negam** (cf. 2:12; I Tim. 5:8; II Tim. 2:12,13; 3:5). Através de todas as suas obras, Paulo enfatizou o equilíbrio que o crente precisa ter entre a sua fé e o seu comportamento. A confissão da boca não é suficiente — as obras precisam igualar-se às palavras!

É com dificuldade que o apóstolo encontra palavras suficientemente fortes para expressar o seu desgosto. Esses hipócritas-mor eram **abomináveis**, sendo

detestáveis diante de Deus. Embora dizendo-se cristãos, eles agiam como pagãos **desobedientes**. Eram inteiramente desqualificados (**adokimos**; cf. II Tim. 3:8) **para toda boa obra** (veja o comentário sobre I Tim. 5:10.

3. Acerca de Comportamento Apropriado Dentro da Comunidade Cristã (2:1-10)

O antídoto para o mau comportamento dos perturbadores cretenses era um comportamento exemplar da parte dos cristãos estáveis e fiéis, especialmente do próprio Tito. Adaptando códigos de conduta padrão, mais ou menos como em Colossenses 3:18-4:1 e Efésios 5:22-6:9, Paulo passa a expor um breve modelo para homens e mulheres idosos e jovens, e para escravos. Ele interliga com estes alguns conselhos específicos para Tito, sobre quem recaía a difícil tarefa de propiciar ordem e harmonia na missão. Como outras missões em seu início, a cretense tinha que lutar contra os baixos padrões morais existentes entre os pagãos. Alcançar até mesmo o padrão de ética exigido pelos sábios pagãos, v.g., os estóicos, significava já um grande passo avante. No entanto, enquanto o código cristão se parece com o código estóico popular em muitos aspectos, difere em motivação e algumas vezes no seu conteúdo básico.

Paulo coloca uma linha divisória distinta entre Tito e os judaístas cretenses. **Tu, porém**, é enfático (veja I Tim. 6:11). Paulo desejava que o seu jovem ajudante não tivesse parte na "doença" cretense. Pelo contrário, ele insiste em ensino sadio. "Fala" (lit., continua falando) está no presente no grego. A "sã doutrina" de Tito, isto é, ensino sadio, não tinha semelhança com o ensinamento doentio dos opositores de Paulo, condenado em 1:10-16.

Instruções específicas se focalizam na família, pois fora aí, aparentemente, que os mestres errôneos haviam causado o maior dano (cf. 1:11). Os cinco grupos a que Paulo dá conselhos constituem os principais membros de uma família, sendo a única exceção as crianças pequenas. Os idosos e as idosas vêm em primeiro lugar; o seu exemplo instruirá os outros. O grego não tem verbo aqui; por isso, é necessário suprir um. **Exorta** se enquadra naturalmente no contexto.

1) Dos Idosos (2:1,2)

1 Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina. 2 Exorta os velhos a que sejam temperantes, sérios, sóbrios, sãos na fé, no amor, e na constância;

Os velhos (no grego, uma palavra diferente — cf. Luc. 1:18; Filem. 9 —, que se distingue claramente de "ancião" — 1:5; cf. I Tim. 5:1; 17,19), são exortados em primeiro lugar. Para eles, Paulo relaciona essencialmente as mesmas virtudes que demanda dos presbíteros-bispos (1:6; I Tim. 3:1 e ss.) e diáconos (I Tim. 3:8 e ss.). Não há dois padrões de conduta para os crentes. As três primeiras características aparecem freqüentemente em códigos populares. **Temperantes** (veja o comentário sobre I Tim. 3:2,11) refere-se não apenas ao álcool, mas também a todos os outros desejos; **sérios** (veja o comentário sobre I Tim. 3:8,11; Fil. 4:8) a uma atitude reverente a tudo na vida; e **sóbrios** (veja o comentário sobre 1:8; I Tim. 3:2) ao uso discreto e razoável dos dons de Deus. A estas, Paulo acrescenta três qualidades especificamente cristãs. Para dissipar a "doença" (cf. I Tim. 6:4; Rom. 14:1) dos perturbadores, os **velhos** deviam ser **sãos** (sadios) **na fé, no amor, e na constância**.

2) Das Mulheres Idosas e Jovens (2:3-5)

3 as mulheres idosas, semelhantemente, que sejam reverentes no seu viver, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras do bem, 4 para que ensinem as mulheres novas a amarem aos seus maridos e filhos, 5 a serem moderadas, castas, operosas donas-de-casa, bondosas, submissas a seus maridos, para que a palavra de Deus não seja blasfemada.

O apóstolo esperava o mesmo comportamento da parte das **mulheres idosas,**

semelhantemente, mas adapta a sua lista especificamente à condição delas na vida. Esta lista é semelhante à publicada para as esposas dos diáconos ou diaconisas em I Timóteo 3:11. **Reverentes** significa, literalmente, "adequado para uma pessoa sagrada, uma sacerdotisa". A proibição para que não sejam **caluniadoras** atinge duramente uma tentação comum das mulheres idosas. Igualmente, talvez, a advertência contra a escravidão à garrafa de vinho (**muito vinho**).

Mas as **mulheres idosas** têm também um papel positivo a desempenhar. Mediante o exemplo particular e a palavra, não através da instrução formal (proibida em I Tim. 2:12), elas devem ser mestras de boa conduta (uma só palavra no grego), para poderem ensinar as **mulheres novas**. Na antiguidade, as moças recebiam pequena ou nenhuma instrução; elas precisavam aprender em casa. Desta maneira, elas aprendiam primordialmente os deveres familiares e de esposa. A preocupação de Paulo, aqui, é que se tenha lares fortes e estáveis, e a jovem dona-de-casa iria desempenhar um papel importante nisto.

Um lar forte começa com o amor da esposa por seu marido e o amor da mãe por seus filhos. As inscrições funerárias da época de Paulo mencionam freqüentemente estas duas virtudes como a glória das esposas. Uma esposa e mãe propicia firmeza no lar — a fortaleza contra os desapontamentos das crianças, contra a tensão da vida diária. Da mesma forma como os velhos, portanto, ela precisa ser **moderada**. Um casamento sadio depende do cumprimento dos votos matrimoniais, de serem **castas** (cf. II. Cor. 11:2). A família depende também da disposição da mãe de aceitar o seu papel doméstico (**operosas donas-de-casa**) com todas as suas frustrações e deveres triviais, sem sofismas, executando os deveres domésticos com graça. Os padrões da sociedade, que hoje em dia estão mudando, podem exigir que um ou ambos os pais aceitem a responsabilidade dos deveres domésticos. Uma família harmoniosa também requer que a esposa e mãe seja **bondosa**.

Em uma estrutura social dominada pelos homens, como Paulo sabia, a vida familiar era baseada na dominação do pai. Tanto judeus quanto gregos não questionavam o lugar inferior que era atribuído às mulheres. Mas o cristianismo quebrou todas essas graduações. O próprio Paulo dissera: "Não há homem nem mulher" (Gál. 3:28). Esta recém-declarada liberdade para as mulheres, todavia, criara inúmeros problemas, (veja o comentário sobre I Tim. 2:11), um dos quais é expresso aqui. O exercício de sua liberdade sem restrições, sem dúvida, levara tanto judeus quanto pagãos a criticar o evangelho como tendo produzido "mulheres lassas". Por isso, Paulo, aqui, e em outras passagens (cf. I Cor. 14:35; Ef. 5:22; Col. 3:18), incita as esposas a serem **submissas a seus maridos, para que a palavra de Deus não seja blasfemada**. A iniciativa deve ser da esposa. Ela deve relacionar adequadamente o seu papel de esposa com o de seu marido. Paulo não disse aos maridos para subjugarem suas esposas. Nada, no estilo de vida cristão, deve impedir **a palavra**, isto é, as boas-novas de salvação em Jesus Cristo.

3) Dos Moços (2:6-8)

6 Exorta semelhantemente os moços a que sejam moderados. 7 Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra integridade, sobriedade, 8 linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se confunda, não tendo nenhum mal que dizer de nós.

As diretrizes de Paulo, referentes aos **moços**, assumem um tom mais agudo ao introduzir um imperativo (**exorta**). **Os moços** se inclinam especialmente para uma certa negligência e impetuosidade, e, por isso, Paulo exige que eles exerçam controle próprio (cf. Rom. 12:3; II Cor. 5:13). De acordo com o texto grego, **em tudo** (lit., em relação a todas as coisas) pode ser ligado (1) com **sejam modera-**

dos (assim pensa Spicq) ou (2) com **te dá por exemplo** (RSV, IBB, Kelly, outros). Talvez a segunda redação deva ser preferida, por dar a **te** a ênfase que merece (Kelly).

De qualquer forma, Tito, sendo ele mesmo um moço, precisava estabelecer o exemplo correto para esse grupo. Ele devia apresentar-se como **exemplo** (cf. I Tess. 1:7). Novamente Paulo faz o seu companheiro se lembrar de que as ações falam mais alto do que as palavras. Não se precisa tentar ensinar se as ações afogam o que se diz. A **doutrina**, propriamente dita, precisa ser apoiada pela **integridade** e **sobriedade** pessoais e a espécie de linguagem sadia em que os outros não possam encontrar falhas. O substantivo traduzido como **integridade** (**aphthoria**) tem duas variantes possíveis nos textos gregos primitivos: indiferença (**adiaphthoria**) e liberalidade (**aphthonia**) — mas nenhuma das duas tem apoio forte. A integridade da **doutrina** de Tito consiste em reprovação para a "doença" do ensino dos oponentes (1:10-16). **Sobriedade** ou seriedade contradiz o seu petulante menosprezo pela verdade.

A razão para esse cuidado é óbvia: **para que o adversário se confunda, não tendo nenhum mal que dizer de nós.** A expressão grega traduzida como **o adversário** é "deliberadamente vaga" (Kelly). Pode aludir (1) a críticos pagãos (cf. v. 5,10; I Tim. 5:14; I Ped. 2:12-15), (2) aos opositores cristãos da missão (cf. I Tim. 1:9; II Tim. 2:25), ou, (3) menos provavelmente, ao Diabo (Crisóstomo). A vida exemplar e a integridade vão muito além da refutação das críticas.

4) Dos Escravos (2:9,10)

9 Exorta os servos a que sejam submissos a seus senhores em tudo, sendo-lhes agradáveis, não os contradizendo 10 nem defraudando, antes mostrando perfeita lealdade, para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus nosso Salvador.

Da mesma forma como o comportamento de jovens e de velhos influía grandemente na missão da igreja, também influía o do último grupo, os escravos (**servos**). Portanto, aqui novamente (veja I Tim. 6:1,2; cf. I Cor. 7:20-24) o apóstolo tem que reiterar as suas instruções referentes à conduta dos escravos. A chave, do ponto de vista dos escravos, é submissão voluntária e o afã de agradar aos seus senhores **em tudo. Em tudo** pode referir-se (1) a **sejam submissos** (Jerônimo, Jeremias, Spicq) ou (2) a **sendo-lhe agradáveis** (RSV). O paralelo, em Colossenses 3:22, favorece a primeira opção (cf. também I Ped. 2:18). A ênfase cristã é evidente na diretriz positiva a **sendo-lhe agradáveis**, ou seja, como crentes e não como escravos.

O apóstolo expressa mais claramente o seu conceito de uma atitude apropriada. Os escravos não deviam **contradizer**. Não deviam roubar, costume comum numa casa romana (Spicq, Dibelius-Conzelmann). Paulo chega a "inquirir" se Onésimo, o escravo fugido, havia roubado de seu senhor Filemom (Filem. 18). Pelo contrário, eles deviam viver **mostrando perfeita lealdade** (lit., toda boa fé). O apóstolo não quer dúvidas com respeito ao fato de que os crentes são dignos de confiança (cf. I Tim. 5:12; Gál. 5:22).

O bom procedimento dos escravos tem o mesmo objetivo que o dos outros membros de uma família cristã: **para que em tudo sejam ornamento da doutrina de Deus nosso Salvador.** Em outras palavras, a sua fidelidade e desempenho voluntário de suas tarefas tornará a mensagem cristã atraente e nobre aos olhos dos outros. O crente se adorna com pureza de coração, e não com ornatos externos (cf. I Tim. 2:9; I Ped. 3:5). Ele não tem nada mais forte para recomendar do que o que ele diz a respeito do ato salvador de Deus em Cristo Jesus.

4. A Graça de Deus É o Fundamento da Piedade (2:11-14)

11 Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens, 12

ensinando-nos, para que, renunciando à impiedade e às paixões mundanas, vivamos no presente mundo sóbria, e justa, e piamente, 13 aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, 14 que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniqüidade, e purificar para si um povo todo seu, zeloso de boas obras.

A sua alusão a Deus como Salvador (veja o comentário sobre I Tim. 1:1) fere uma corda responsiva no cérebro de Paulo. Ele relembra brevemente a base para o comportamento cristão, que é a graça salvadora de Deus. Esta passagem tem um tom litúrgico, que tem levado alguns eruditos a propor que ele depende de materiais tradicionais — talvez "uma citação de uma fórmula ou hino ou credo cristão" (Easton) ou "um extrato de uma oração usada na eucaristia ou no batismo" (Hanson). Tanto o estilo como a linguagem, especialmente o uso de frases litúrgicas do Velho Testamento e helenísticas, apoiam essa conclusão. Se esta conclusão é correta, ajudará a explicar por que alguns eruditos (v.g., Barrett, Scott, Easton) detectaram características não-paulinas aqui: a idéia de que a graça de Deus **se manifestou** (apareceu) subitamente, a opinião de que a graça "instrui" e a aguda distinção da era presente da futura.

Este sumário do evangelho consiste a base não apenas para a boa conduta dos escravos, mas para todo o código que foi exposto anteriormente (2:2-10). Sem dúvida, a base é o favor gratuito e imerecido de Deus, como Paulo fala em outros textos (cf. Ef. 2:8). Esta **graça... se manifestou** em um momento definido da história, isto é, no nascimento de Jesus de Nazaré. Ao fazê-lo, ela tornou disponível a libertação do pecado e da morte **a todos os homens**. Novamente Paulo (como em I Tim. 2:4) acentua a universalidade do ato soteriológico de Deus em Cristo. Tanto a ordem do grego quanto o caso dativo provam que **a todos os homens** deve estar junto com o adjetivo **soterios** (traduzido como **salvação**), e não com o verbo **se manifestou**. Cristo não apareceu a todos simplesmente — ele trouxe salvação para todos!

Esta **graça** tem valor didático. **Ensinando-nos**, aqui, tem o sentido grego de educação (cf. At. 7:22; 22:3), e não o sentido paulino costumeiro, de castigo ou correção (cf. I Cor. 11:32). Admitimos que este pensamento se choca com a ênfase costumeira de Paulo na graça como um dom de liberdade, absolvição e reconciliação, com base na fé. No entanto, Kelly indicou corretamente que Paulo também liga **graça** com a obra do Espírito Santo na vida cristã. Assim, ele não achou, necessariamente, essencial corrigir a formulação tradicional.

As razões que Deus supriu para a sua graça didática são: (1) para que possamos viver vidas devotas no presente e (2) esperar ansiosamente a consumação da esperança cristã. O primeiro objetivo é expresso em termos de agudo contraste entre a antiga vida pagã e a presente vida cristã. A vida cristã começou com uma renúncia. Esta alusão pode ser ao batismo, que acarreta um rompimento decisivo com o passado — a sua impiedade (cf. Rom. 1:18) e **paixões mundanas**. Por volta do segundo século, a pessoa batizada fazia pelo menos uma renúncia formal. Antes do batismo, Satanás tinha influência; depois do batismo, Cristo governa. **Paixões mundanas** (cf. II Clemente 17:3) refere-se a desejos que Satanás controla, a parte da vida que não é consagrada a Deus.

O objetivo positivo dos crentes **no presente mundo é viver sóbria, e justa, e piamente**. Três advérbios descrevem o relacionamento do crente consigo mesmo, com seu próximo e com Deus. Pessoalmente, ele leva a vida a sério, controlando suas **paixões** e desejos. Com referência aos outros, ele é justo, digno de confiança. Com referência a Deus, é genuinamente devoto.

Para os primeiros cristãos, todavia, a vida presente só prefigurava o que a vida

será verdadeiramente. Eles esperavam a **bem-aventurada esperança** (cf. Rom. 8:19,23), que está ligada com a volta de Cristo. No grego, a ausência do artigo com **aparecimento** demonstra a íntima conexão entre **esperança** e **aparecimento. Esperança** é o objeto esperado, ou seja, o próprio Cristo.

Aguardando a **bem-aventurada esperança** (cf. Luc. 2:25,38; 12:36; 24:15) e a circunlocução em **o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus** refletem padrões de pensamento hebraico, e indica, ainda mais, que estamos tratando, aqui, com materiais tradicionais. **Aparecimento**, com **Salvador**, termo técnico tirado da linguagem litúrgica helênica (veja o comentário sobre II Tim. 1:10), era aplicado ao nascimento, assunção ao poder, ou entronização tanto de deuses como de imperadores. **Grande** também era freqüentemente aplicado a Deus, reis, divindades e heróis, na literatura profana.

O grego permite duas traduções desta última cláusula: (1) como é encontrada no texto da IBB ou (2) o aparecimento da glória do "grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo" (KJV, RV, Jeremias, Kelly). Em favor de (2) os exegetas citam (a) a infreqüente descrição de Cristo como Deus em o Novo Testamento (possivelmente Rom. 9:5; João 1:1; Heb. 1:8); (b) o fato de que as Pastorais regularmente distinguem entre Cristo e Deus (I Tim. 1:1; 5:21); (c) o fato de que a cristologia das Pastorais enfatiza a dependência de Cristo e a peculiaridade de Deus (cf. I Tim. 6:16); e (d) a confirmação de alguns escribas primitivos.

Argumentos, ligeiramente mais fortes parecem ser dados em favor da primeira versão: (a) o fato de que se tem em mente a **Parousia** de Cristo; (b) o fato de que a cláusula grega tem apenas um artigo (com **Deus**); (c) a combinação regular de "Deus e Salvador" nas religiões helênicas; (d) a confirmação da maioria dos Pais Gregos Spicq, Barrett, e outros).

O sumário teológico conclui com uma declaração da obra de Cristo. Ele **se deu a si mesmo por nós** (cf. I Tim. 2:6; Gál. 1:4), uma declaração "inteiramente paulina" (Spicq), baseada em palavras de Jesus (Mar. 10:45), com dois objetivos: (1) libertar-nos do pecado e (2) preparar-nos para ser o povo de Deus.

Primeiramente, a oferta voluntária de Cristo nos liberta. O pecado ou **iniqüidade** é considerado não como culpa, mas como poder (cf. Gál. 2:20; I Tim. 2:6). A morte dele supre o preço de resgate necessário para a nossa liberdade (cf. Rom. 5:6,8).

Em segundo lugar, a sua oferta voluntária lança o alicerce da Igreja. Paulo e seus contemporâneos criam que a Igreja era o verdadeiro Israel, e não um outro, novo, e que as promessas das alianças se aplicavam a eles. Pela sua morte, Cristo purifica **para si um povo todo seu**. A frase traduzida como **um povo todo seu**, baseada em Êxodo 19:5 (cf. Deut. 4; 14:2), é literalmente um "povo rico ou peculiar". Paulo adiciona uma breve frase qualificadora, explicando o que acarreta esta relação especial com Deus. Eles serão zelosos, não pela lei (At. 21:20) ou pelas tradições dos ancestrais (Gál. 1:14; cf. mas, antes, **zelosos de boas obras** (veja I Tim. 2:10; Ef. 2:10).

5) Um Encargo a Tito (2:15)

15 Fala estas coisas, exorta e repreende com toda a autoridade. Ninguém te despreze.

Um encargo geral a Tito interrompe momentaneamente as instruções de Paulo, acentuando o que fora dito e preparando o caminho para o que se segue (cf. I Tim. 1:18-20; 4:12). O apóstolo não quer que Tito demonstre nenhuma timidez. A combinação de imperativos tem a mesma força que II Timóteo 4:2: "admoesta, repreende, exorta." **Fala estas coisas** refere-se ao verso 1 e ss. **Exorta** (cf. v. 6; II Tim. 4:2) significa recomenda fortemente, quase ordena. **Repreende** (cf. 1:9,13; II Tim. 4:2) com

toda a autoridade, expressão usada apenas por Paulo (I Cor. 7:6; II Cor. 8:8), pode referir-se a todos os três verbos precedentes, mas combina melhor, mais naturalmente, com o último (Jerônimo, Spicq). Tito foi investido de autoridade apostólica, a do próprio Paulo. Portanto, recomenda este, **ninguém te despreze**. Não se faz menção de sua juventude, como no caso de Timóteo (I Tim. 4:12), mas talvez Tito tinha mais ou menos a mesma idade que Timóteo.

6. Atitudes Apropriadas em Relação aos Não-crentes, Baseadas na Bondade e Generosidade de Deus (3:1-8a)

1 Adverte-lhes que estejam sujeitos aos governadores e autoridades, que sejam obedientes, e estejam preparados para toda boa obra, 2 que a ninguém infamem, nem sejam contenciosos, mas moderados, mostrando toda a mansidão para com todos os homens. 3 Porque também nós éramos outrora insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias paixões e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros. 4 Mas quando apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, 5 não em virtude de obras de justiça que nós houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo, 6 que ele derramou abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador; 7 para que, sendo justificados pela sua graça, fôssemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna. 8 Fiel é esta palavra.

No capítulo 2, Paulo deu prescrições concernentes à conduta dentro da comunidade cristã. No capítulo 3, ele dá instruções em relação à comunidade maior em que os crentes vivem. Os versículos 1 e 2 recomendam aos fiéis cretenses que sejam modelos de bons cidadãos. A base para essa conduta, diz Paulo, nos versos 3 a 7, é a nova vida que eles começaram como resultado de terem recebido o Espírito Santo, acontecimento que os colocou em um novo relacionamento com Deus e seus próximos.

Paulo orienta o seu ajudante primeiramente para **advertir-lhes** (veja o comentário sobre II Tim. 2:14) **que estejam sujeitos aos governadores e autoridades**. A submissão era um componente regular do ensino primitivo para os novos convertidos: submissão das esposas aos maridos (I Cor. 14:34; Ef. 5:22,24; Col. 3:18; Tito 2:5; I Ped. 3:1,5), dos crentes aos seus líderes (I Cor. 16:16; I Ped. 5:5), de escravos aos seus senhores (Ef. 6:5; Col. 3:22; I Tim. 6:1,2; Tito 2:9,10; I Ped. 2:18), dos filhos aos seus pais (Ef. 6:1; Col. 3:20), dos cidadãos aos seus governantes (Rom. 13:1,5; I Tim. 2:1 e s.; Tito 3:1; I Ped. 2:13), e até dos crentes uns aos outros (Ef. 5:21). A diretriz de Paulo, aqui, portanto, saca diretamente do fundo comum. Esta declaração também podia ter aplicação direta para os cretenses, que eram notórios por causa de sua turbulência (cf. Kelly, Scott). Isto esclareceria a adição explanatória de **que sejam obedientes**, que parece dar a entender que nessa época o Estado não estava ordenando a adoração do imperador (Barrett). **Governadores** e **autoridades**, palavras virtualmente sinônimas na linguagem comum, cobriam todas as pessoas que estavam em posição de autoridade (cf. Rom. 13:1; I Ped. 2:13 e s.). Os crentes aceitam as autoridades constituídas, a não ser que elas entrem em conflito direto com a vontade revelada de Deus (cf. At. 5:29), dada pelo próprio Deus (cf. Rom. 13:1,2; I Ped. 2:15,16). Este princípio geral não exclui o protesto e a dissensão em relação a formas injustas e ímpias de governo.

A boa cidadania se estende além da obediência civil. Tem um caráter positivo, evocando uma prontidão para fazer **toda boa obra. Toda boa obra** inclui não apenas caridade, facção importante da missão cristã (veja o comentário sobre 2:14), mas o que quer que acompanhe a boa cidadania.

O apóstolo apresenta quatro outras prescrições para um papel bem ordenado e sadio de cidadão, cuja chave é a última: **mostrando toda a mansidão para com**

todos os homens. A palavra traduzida como **mansidão** aparece freqüentemente na lista de virtudes cristãs relacionadas por Paulo (v.g., II Cor. 10:1). Para ele, ela desempenha um papel importante na manutenção da harmonia dentro da comunidade cristã. O próprio Cristo ensinara (Mat. 5:5) e dera o supremo exemplo (Mat. 11:29; 21:5; II Cor. 10:1) de mansidão. Aqui o espírito de mansidão, nascido da humildade (veja o comentário sobre II Tim. 2:25), precisa ser demonstrado **para com todos os homens**. Esse espírito derrotará a tendência comum de difamar os outros (lit., blasfemar). Um espírito de gentileza tomará o lugar de uma tendência à discórdia.

A base lógica para a boa cidadania é a nova vida em Cristo. Paulo emprega o esquema familiar "Outrora... agora" (cf. Rom. 6:17 e s.; I Cor. 6:9-11), para tornar bem clara a sua idéia. No versículo 3, ele apresenta um catálogo de vícios, semelhante ao de II Timóteo 3:2-4 (cf. também Rom. 1:21-31), que pinta a vida pré-cristã com cores negras; depois, nos versos 4 a 7, ele incorpora um hino (batismal) cristão primitivo (Jeremias), para marcar o ponto de partida da vida cristã.

O catálogo de vícios do verso 3 talvez retrate os aspectos menos convenientes da moralidade romana contemporânea, porém não a interpreta mal. Os moralistas romanos, como Sêneca (54 a.C — 39 d.C.), usaram alguns dos mesmos termos para descrever a ética de seus concidadãos. Paulo se esforça para incluir-se (**também nós**) na mesma categoria com Tito e outros crentes. Todos os homens, tanto judeus como gregos, argumentou ele em Romanos (cf. 3:23), não conseguem viver à altura da lei de Deus.

A lista toda ilustra o caráter dos que não conhecem a Deus (veja o comentário sobre II Tim. 3:2-4). Em tal estado, eles eram **insensatos**, isto é, cegos para a realidade de Deus e de sua lei (veja o comentário sobre I Tim. 6:9; cf. Luc. 24:25), e **desobedientes**, isto é, desdenhosos para com a vontade de Deus e impacientes para com todas as autoridades (veja o comentário sobre 1:16; cf. Rom. 1:30; II Tim. 3:2). O que era ainda pior, embora presumindo serem sábios, eles eram **extraviados**, tornando-se simplórios, seguindo falsos guias. O resultado foi que eles se tornam escravos de **várias paixões e deleites**, entregando-se meramente a coisas materiais (cf. Gál. 4:3). Os estóicos freqüentemente combinavam **paixões** e **deleites**, mas adicionavam a estes substantivos tristeza e medo. Paulo, porém, continua indicando como esse comodismo consumado vai-se acumulando, até o ponto em que os homens passam a viver de maneira inteiramente antisocial, em **malícia** (cf. Rom. 1:29; I Cor. 5:8; Col. 3:8) e **inveja** (cf. Rom. 1:29; Gál. 5:21; Fil. 1:15). A conseqüência final é uma sociedade dividida por ódio mútuo, observação que cada geração humana pode fazer por si mesma. Onde prevalecem **malícia** e **inveja**, os homens são **odiosos** e odeiam.

No que concerne aos crentes, esta situação não deve prevalecer mais. Deus fez algo a esse respeito, como Paulo mostra, ao citar um hino ou declaração confessional. Que os versos 4 a 7 contêm materiais tradicionais pré-formulados, é provado (1) pela fórmula ou citação do verso 8; (2) pela qualidade rítmica e elevado tom do grego; e (3) pela estranha colocação de "salvou" e a falta de um sujeito expresso, que sugeriria inserção corporal. Os estudiosos têm sugerido várias teorias a respeito da extensão do hino: v. 3-6a (Dibelius-Conzelmann), 4-6 (Lock), 4-7 (Scott, Jeremias), 5b-7 (Easton), 5b-6 (Kelly). Este escritor prefere ver o todo como uma unidade, com adições paulinas no verso 5 (veja comentários abaixo). A clara alusão ao batismo, nos versos 5 e 6, sustenta o ponto de vista de Jeremias, de que este fragmento tinha algo a ver com batismo.

Seja qual tenha sido o quinhão do homem na era pré-cristã, Deus o alterou

decisivamente na encarnação de Jesus Cristo. Foi nesse acontecimento que **apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor.** O verbo **apareceu** marca um evento definido na história (veja o comentário sobre 2:11; cf. II Tim. 1:10; I Tim. 6:14). A vinda de Cristo torna francamente manifestos para nós a bondade e o amor de Deus. **Bondade** (**chrestotes**) é uma palavra exclusivamente paulina, que ele aplica tanto aos homens (II Cor. 6:6; Gál. 5:22; Col. 3:12) quanto a Deus (Rom. 2:4; 11:22; Ef. 2:7). No mundo antigo, ela era freqüentemente ligada a **amor** ou "generosidade" (**philantropia**), como designação da suprema qualidade de um governante. Aplicados aqui a **Deus, nosso Salvador**, eles novamente ferem o culto ao imperador. **Deus, nosso Salvador** pode referir-se (1) ao Pai, ou (2) a Cristo; provavelmente ao primeiro.

Neste ato dramático, inteiramente imerecido, para com o homem, Deus **nos salvou.** O tempo aoristo do verbo **salvou** aqui sublinha como o ato foi definitivo. Esta ênfase não entra em conflito com a maneira de Paulo entender a salvação como um processo. O hino está considerando esse ato do ponto de vista de Deus. Em uma intervenção decisiva na história humana, Deus realizou o que era necessário para a salvação do homem. Todavia, o homem participa desse ato definitivo, como de um processo: passado, presente e futuro. Do seu ponto de vista, ele será completado na consumação de todo o propósito de Deus para com a humanidade.

Para evitar qualquer mal-entendido, Paulo introduz uma declaração parentética que qualifica o verbo **salvou.** Deus **nos salvou, não em virtude de obras de justiça que nós houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia.** Grande ênfase é dada ao contraste entre o que fazemos e o que Deus faz para assegurar a salvação do homem. O grego acentua **nós** e **sua.**

A redação de Paulo, neste trecho, difere um pouco da encontrada em outras cartas, mas, como comenta Barrett, ela "tem um som paulino, e expressa exatamente a doutrina paulina". Contra as críticas, pode ser dito (1) que, embora a fé não seja mencionada, está implícita. (2) Embora Paulo não use a expressão "não pelas obras de justiça" (cf. I Tim. 6:11; II Tim. 2:22; 3:16), ela representa exatamente o seu ponto de vista. Na verdade, esta passagem deve ser traduzida da seguinte maneira: "não em virtude de obras que fizemos com o objetivo de obter justificação", o que interpreta corretamente a expressão de Paulo, "não em virtude das obras da lei" (Rom. 3:20,28; Gál. 2:16; 3:2,5,10). (3) Paulo normalmente usa "graça", em vez de **misericórdia**, mas ocasionalmente substitui uma pela outra (cf. Rom. 9:23; 11:31; 15:9; Ef. 2:4).

O hino termina. Deus **nos salvou mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo. Lavar** (**loutron**) claramente se refere ao batismo (cf. Ef. 5:26; I Cor. 6:11) — segundo o entendo. O grego pode ser traduzido de duas maneiras: (1) "pela lavagem da regeneração e pela renovação do Espírito Santo" ou (2) como no texto da RSV e da IBB. A primeira opção daria a entender uma distinção que ocorreu por volta do terceiro século da história cristã. Atos (v.g., 10:44) registra a recepção do Espírito Santo **antes** do batismo. Se se pretendesse uma separação entre **lavar** e **renovação pelo Espírito Santo**, todavia, a preposição (**dia**, através) teria, provavelmente, sido repetida antes de **renovação** (Barrett). Sobretudo, os escritores cristãos primitivos normalmente ligaram a ação do Espírito Santo com o batismo nas águas. O Espírito Santo é a causa eficiente no batismo, e não a lavagem. Desta forma, a tradução da IBB é, talvez, preferível. Nenhuma tradução dá a entender que o batismo é essencial para a salvação.

Regeneração traduz uma palavra grega encontrada somente aqui, em

todas as cartas de Paulo. Os estóicos usavam este termo para descrever restaurações periódicas do mundo. Em Mateus 19:28, ele é aplicado à restauração escatológica na segunda vinda. As religiões de mistério a aplicavam ao renascimento místico dos iniciados. Possivelmente, juntamente com uma variedade dessas nuanças, este conceito de um novo nascimento no batismo, sem qualquer sugestão de eficácia mágica, aparece no pensamento cristão primitivo (cf. I Ped. 1:3,23; João 3:3-8).

Renovação (anakainosis) aparece apenas em Paulo. Em Romanos 12:2, esta palavra retrata a completa transformação ou elevação do crente a uma nova ordem de ser. Em Colossenses 3:10, Paulo usa o verbo correspondente com uma possível alusão ao batismo, empregando a figura de despir o velho homem e vestir-se do novo, "que se renova para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou". A idéia é a mesma, a favor da qual Paulo argumenta aqui. Simbolicamente, no batismo, mas, na verdade, mediante a ação do Espírito Santo, o homem recebe novamente a imagem divina que faz dele uma nova criação.

O **Espírito Santo** é o que Deus **derramou abundantemente sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador**. Esta declaração, provavelmente, refere-se tanto (1) ao Pentecostes (cf. At. 2:17; em cumprimento de Joel 2:28) quanto (2) ao batismo de cada crente (Hanson). Por um lado, o dom do Espírito Santo é o que estabelece o Israel messiânico, a cristandade, separadamente do velho Israel, o judaísmo. Com a alvorada da era messiânica, na ressurreição de Cristo, todos os crentes receberão o Espírito. Desta forma, em Efésios 5:25,26, toda a Igreja é "purificada", isto é, separada para o propósito de Deus, "com a lavagem da água, pela palavra".

Por outro lado, Paulo também crê que o Espírito foi transmitido por ocasião do batismo (cf. I Cor. 6:11; 12:13). O Espírito dá fruto no crente e o confirma na esperança cristã (cf. Gál. 5:23 e ss.). Ele supre em abundância, ricamente; **abundantemente**, o que o crente requer, para fidelidade em Deus.

O Espírito é dado aos crentes mediante a sua união com Cristo pela fé, **por Jesus Cristo, nosso Salvador**. Tanto **Deus** Pai quanto **Cristo** são apresentados como **Salvador** (veja o comentário sobre II Tim. 1:10) sem distinção particular, pois a salvação vem de Deus **por** meio de **Jesus Cristo**.

A cláusula proposital (**hina**), no verso 7, pode referir-se ao verbo **salvou** (v. 5) ou a **derramou** (v. 6). A teologia paulina, especialmente de Romanos 5 e 6, favorece à primeira opção; a seqüência do grego, à segunda. Na verdade, salvação e o dom do Espírito têm conexão tão íntima que pode-se resolver o problema aceitando ambos os verbos como referência. O propósito desse ato divino todo é, literalmente traduzido, "que, tendo sido justificados pela sua graça, possamos nos tornar herdeiros de acordo com a esperança da vida eterna".

A tradução da RSV, como a da IBB, distinguindo os dois propósitos, não faz plena justiça à implicação seqüencial do grego. Em virtude da **graça** de Deus em Cristo, "fomos justificados" (um particípio aoristo). O verbo, causal, talvez significa tornar justo e declarar como justo, nas cartas de Paulo. A "justificação" de Deus nos coloca em um novo relacionamento, face a face com ele (veja Rom. 5:1,9; Gál. 3:8 e ss.). Não somos mais escravos, mas filhos, e, como filhos, **herdeiros** (cf. Rom. 4:13,14; Gál. 3:29). A herança, de que temos apenas um ante-gozo agora, pertence ao futuro. Assim, o crente vive na **esperança da vida eterna** (veja o comentário sobre 1:2).

O apóstolo sublinha a sua citação com a fórmula que se repete: **fiel é esta palavra** (I Tim. 1:15; 3:1; 4:9; II Tim. 2:11). Quase não há dúvidas de que a fórmula em questão refere-se às palavras que a antecedem (cf. I Tim. 4:9, que é menos

certo). É difícil decidir, contudo, se **quero que a proclames com firmeza** pertence à fórmula, como no texto da RSV e da IBB, ou se pertence à frase que se segue, caso em que ficaria desta forma: "quero que proclames com firmeza que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras." A dificuldade reside na conjunção (**kai**), que os tradutores simplesmente apagam. Esta declaração parece apoiar-se tanto na frase anterior quanto na posterior.

7. Evite Disputas Perniciosas (3:8b-11)

e quero que as proclames com firmeza para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras. Essas coisas são boas e proveitosas aos homens. 9 Mas evita questões tolas, genealogias, contendas, e debates acerca da lei; porque são coisas inúteis e vãs. 10 Ao homem faccioso, depois da primeira e segunda admoestação, evita-o, 11 sabendo que esse tal está pervertido, e vive pecando, e já por si mesmo está condenado.

Ao concluir a parte principal de sua carta, Paulo dá um golpe de misericórdia nos perturbadores.

O seu objetivo, ao escrever **essas coisas**, isto é, o que escrevera antes, era que **os que crêem em Deus**, isto é, os crentes, **procurem aplicar-se às boas obras**. A expressão idiomática grega permite a tradução "para que eles se empenhem em ocupações honrosas" (NEB). Contudo, a acepção mais geral é apoiada (1) pelo significado normal do verbo e (2) pelo significado de "boas obras" em outros textos das Pastorais (I Tim. 2:10; 5:10; 6:18; II Tim. 2:21; 3:17; Tito 1:16; 2:7, 14; 3:14). Embora a igreja tenha colocado certas estruturas e ocupações no fim do segundo século ou no começo do terceiro, [37] nada, no contexto aqui, sugere tanto. Aqui, a principal preocupação é com um comportamento cristão exemplar, incluindo caridade, pelo qual o evangelho progredisse.

Paulo acentua ainda mais a sua declaração: **Essas coisas são boas e proveitosas aos homens. Essas coisas** pode referir-se a **boas obras** (RSV, IBB, NEB), à totalidade da declaração anterior nos versos 4 a 7 (Spicq), ou mesmo "ao batismo e sua consagração" (Easton). Visto que o apóstolo estabeleceu o contraste entre boas obras e o procedimento dos judaístas cretenses, através de toda a carta (veja, especialmente, 1:16; 2:7,14), a primeira, sustentada também pela ordem de palavras, parece ser a referência mais natural. Essas boas obras não são apenas boas, mas também proveitosas aos homens.

À guisa de contraste completo, as **questões tolas** (veja o comentário sobre I Tim. 1:4; 6:4; II Tim. 2:23), **genealogias** (veja o comentário sobre I Tim. 1:4), **contendas** (cf. I Tim. 6:4; II Tim. 2:23), e **debates acerca da lei** (veja o comentário sobre I Tim. 1:8 e s.), são **inúteis** e **vãs. Inúteis** usa a palavra **úteis** do verso 8 (**proveitosas**), outra lembrança de que "afirmam que conhecem a Deus, mas pelas suas obras o negam" (1:16). Paulo recomenda a Tito que **evite** (veja o comentário sobre II Tim. 2:16) essa espécie de religião.

Mesmo que esta última palavra estivesse se referindo a evitar um modo de vida fútil, a comunidade da fé podia vir a sofrer por causa de pessoas facciosas. Nesse caso, Tito não devia ter nada a ver (**evita-o**) com o **homem faccioso**, depois de uma ou duas advertências. O grego de **faccioso** é **hairetikos**, que aparece apenas aqui em o Novo Testamento. Esta palavra não tem a conotação que teve no segundo século, de erro doutrinário. O próprio Paulo usa em outros textos o substantivo **hairesis** para designar facções (I Cor. 11:19; Gál. 5:20). Partidarismo também é problema em Creta. Por isso, o apóstolo aconselha Tito a não ter nada a ver com uma pessoa **facciosa**. O verbo, usado nas cartas a Timóteo, em referência a evitar discussões (I Tim. 4:7; II Tim. 2:23) e recusar-se a amparar viúvas jovens (I Tim. 5:11), tem signi-

37 Cf. Hipólito, **Trad. Apost.**, 16.

cado mais forte do que "evitar", mas não é um termo técnico para excomunhão (Barrett).

O costume de usar a **primeira e segunda admoestação** se havia originado no judaísmo. Possivelmente, as advertências eram privadas, e não públicas. Mateus 18:15-17, possivelmente refletindo o mesmo procedimento na situação missionária prescreve três estágios (1) confrontação em particular, (2) confrontação diante de duas ou três testemunhas e, (3) como último recurso, confrontação pública. A excomunhão ou expulsão ocorria quando não restasse esperança de reconciliação.

Se uma pessoa **facciosa** se recusa a atender às tentativas de reconciliação, não se deve ter escrúpulos de evitá-la. Ninguém a condena a não ser ela mesma, pois deixou passar abundantes ocasiões de correção. Está sobre ela o pecado de ter-se recusado a reformar-se.

II. Algumas Instruções Finais (3:12-14)

12 Quanto te enviar Ártemas, ou Tíquico, apressa-te a vir ter comigo a Nicópolis; porque tenho resolvido invernar ali. 13 Ajuda com empenho a Zenas, doutor da lei, e a Apolo, para que nada lhes falte na sua viagem. 14 Que os nossos também aprendam a aplicar-se às boas obras, para suprir as coisas necessárias, a fim de que não sejam infrutuosos.

Paulo concluiu a parte principal da carta. Agora ele insere notas pessoais, com as suas instruções finais a Tito. Inúmeros eruditos, que sustentam a "hipótese dos fragmentos", consideram todos os versículos restantes, ou parte deles, como genuínos — alguns, apenas os versos 12 e 13 (v.g., Barrett, Hanson); outros, os versos 12,13,15 (v.g, Scott); e ainda outros, os versos 12 a 15 (Harrison, Easton com reservas). Em apoio à autenticidade, pode-se citar: (1) referências a pessoas e a lugares não mencionados em Atos ou outras cartas e (2) o toque vivencial do verso 12. Com referência à "hipótese dos fragmentos", é difícil que um fragmento tão pequeno como este pudesse sobreviver sozinho.

Quando escreveu, enviando, aparentemente, esta carta por mãos de Zenas e Apolo, Paulo ainda não havia resolvido se enviaria **Ártemas ou Tíquico** para assumir o lugar de Tito. **Ártemas**, abreviatura de Artemidoras (dádiva de Ártemis, cujo culto se centralizava em Éfeso; cf. At. 19:23-41), não é mencionado em outras partes do Novo Testamento. A tradição posterior o relacionou com um dos setenta (Luc. 10:1 e ss.) e como o primeiro bispo de Listra. **Tíquico** (veja o comentário sobre II Tim. 4:12; cf. At. 20:4; Ef. 6:21; Col. 4:7) aparentemente realizou serviços fiéis para o apóstolo nos últimos anos de sua vida. O fato de que Tito era substituível mostra que Paulo não considerava a sua posição indispensável (Barrett).

Paulo recomenda a Tito: **apressa**-te (veja II Tim. 4:9,21) **a vir ter comigo a Nicópolis**, onde ele planejava passar o inverno. Havia várias cidades que tinham esse nome ("cidade da vitória") na época de Paulo. A mais provável é a Nicópolis de Épiro, fundada por Otaviano em 31 a.C., em honra ao seu triunfo sobre Antônio e Cleópatra em Actium.

Evidentemente, Paulo havia enviado **Zenas** e **Apolo** através de Creta, levando eles a sua carta para um destino desconhecido. **Zenas, doutor da lei**, assim identificado para distingui-lo de algum outro Zenas, não é mencionado em outra passagem. Em outras referências neotestamentárias (Mat. 22:35; Luc. 7:30; 10:25; 11:45,52; 14:3), **doutor da lei** designa um perito em lei judaica, mas aqui esta palavra pode ter um sentido secular mais amplo. O nome **Zenas**, abreviatura de Zenodorus (dádiva de Zeus), é grego.

Apolo é, provavelmente, embora não positivamente, o conhecido judeu de Alexandria que havia trabalhado em Corinto (cf. At. 18:24; 19:1; I Cor. 1:12; 3:4-6,22; 4:6; 16:12). Escritores poste-

riores algumas vezes o identificaram como autor da Epístola aos Hebreus.

Paulo recomenda a Tito que **ajude com empenho** a esses homens **na sua viagem**, providenciando o que lhes fosse necessário. A igreja primitiva manifestava uma preocupação generosa pelos viajantes. No fim do primeiro século ou começo do segundo, o compositor do Didaquê precisou delinear salvaguardas para essa generosidade. Os missionários viajantes podem permanecer apenas um ou dois dias; se um deles demorar três, "é um falso profeta". Eles deviam continuar em seu caminho com nada mais do que pão, até que chegassem ao seu próximo ponto de parada. Qualquer que pedisse dinheiro seria "falso profeta" (II Cor. 11:13-16). Os viajantes levavam cartas de recomendação como a que Paulo inclui nesta (cf. II Cor. 3:1 e ss.).

A menção que Paulo faz de ajuda para os viajores cristãos dá uma oportunidade para se recomendar mais uma vez o tema do cristianismo prático. **Que os nossos** (isto é, os cristãos genuínos e os que representam a maneira de pensar sua e de Tito em Creta) **também** (conjunção dupla em grego) **aprendam a aplicar-se às boas obras** (exatamente como no v. 8), **para suprir as coisas necessárias**. A última cláusula significa, literalmente, "as coisas necessárias para a vida", frase usada tecnicamente pelos estóicos (Easton). A caridade está para o cristianismo como o calor para o sol. Os que não a praticam, os oponentes (v. 8 e 9), são **infrutuosos**; isto é coisa que os seguidores de Paulo e Tito não devem ser.

Saudações Finais e Bênção (3:15)

15 Saúdam-te todos os que estão comigo. Saúda aqueles que nos amam na fé. A graça seja com todos vós.

O Apóstolo encerra sua carta com uma troca de saudações e sua bênção costumeira. **Saúdam-te todos os que estão comigo** sugere um quadro mais róseo do que de II Timóteo 4:9 e ss. (cf. I Cor. 16:19 e s.; II Cor. 13:12). **Aqueles que nos amam na fé** seriam todos os amigos fiéis e verdadeiros cristãos. **Na fé**, que não tem artigo em grego, pode ser traduzido como "lealmente".

A bênção final usa um plural **vós** (cf. I Tim. 6:21; II Tim. 4:22). Paulo esperava que toda a comunidade ouvisse sua carta.

Filemom

RAY F. ROBBINS

Introdução

A pouco mais de cento e sessenta quilômetros a leste de Éfeso, no vale do rio Lico, ficavam localizadas as cidades de Laodicéia, Hierápolis e Colossos. Apenas poucos quilômetros separavam uma da outra. Na época pré-helênica, essas cidades estavam localizadas na parte sudoeste extrema do país conhecido como Frígia.

Essas cidades formavam um centro do cristianismo primitivo (Col. 4:13). Parece que Paulo não conhecia pessoalmente as igrejas dessas cidades, que haviam sido fundadas por outros pregadores (Col. 1:4,7,8; 2:1). Contudo, ele mantinha contato com elas e se considerava seu apóstolo. Ele escreveu pelo menos uma carta para a igreja em Laodicéia Col. 4:16), e, provavelmente, duas cartas para a igreja em Colossos (isto é, Colossenses e Filemom). É evidente que as duas cartas existentes, destinadas a Colossos, foram escritas enquanto Paulo estava na prisão (Col. 4:3,10,18; Filemom v. 9 e s.).

I. Autenticidade

A autenticidade da Epístola a Filemom tem sido posta em dúvida com muita freqüência. Alguns dos escritores patrísticos questionavam o seu lugar no cânon, porque o assunto desta carta parece demasiadamente particular e corriqueiro. Esses questionadores supunham que ela não procedia de Paulo, ou que ele a escrevera em sua capacidade particular, não apostólica.

F. C. Baur (1792-1860) questionou sua autenticidade, e apresentou vários argumentos em apoio à sua opinião. Ele dizia que a linguagem era não-paulina. Ele a interpretava como o "embrião de uma obra cristã de ficção", feita por algum escritor posterior, para ilustrar a idéia de que o cristianismo une e iguala, em um sentido mais elevado, aqueles cujas circunstâncias exteriores os haviam separado. A tese de Baur é mais engenhosa do que convincente, e encontrou aceitação restrita.

II. Ocasião

Tudo o que sabemos a respeito da ocasião em que esta carta foi escrita foi respigado nesta breve carta. Pelo fato de as evidências serem tão poucas e ambíguas, muitas perguntas não são respondidas com inteira certeza. Presume-se, geralmente, que o senhor de Onésimo era Filemom, em cuja casa estava a igreja daquela cidade.

Muitos eruditos estão convencidos de que o senhor do escravo e da casa era Arquipo, que é mencionado em íntima conexão com a igreja (v. 1). Este ponto de vista foi, provavelmente, declarado

pela primeira vez por Karl g. Wieseler (1813-1883), teólogo alemão. Wieseler era da opinião de que Filemom era laodicense, e ele também identificou a epístola a Laodicéia (Col. 4:16) como sendo a carta a Filemom. A tese de Wieseler tem sido adotada, com certas modificações, por muitos eruditos. Nos Estados Unidos, E. J. Goodspeed [1] e John Knox (veja a bibliografia) foram influenciados pela teoria de Wieseler. Na opinião de Knox, Filemom era uma carta dentro de uma carta. Ele acha que era um apelo a Arquipo, dentro da estrutura de uma saudação a Filemom. Knox argumenta que, visto que Paulo não conhecia Arquipo pessoalmente, procurou a ajuda de seu amigo Filemom. Estas teses, embora sustentadas por alguns argumentos plausíveis, não se apresentam sem dificuldades. Um consenso da opinião crítica se opõe a elas.

Tem-se presumido, geralmente, que Onésimo era um escravo fugido; todavia, a carta não diz que ele era um escravo. Albert Barnes [2] argumenta que Onésimo não era um escravo, mas um aprendiz. Os seus argumentos são fortes; contudo, esta tese obteve pequeno apoio.

Das pequenas informações encontradas nesta carta, parece que Filemom fora ganho para a fé em Cristo através dos esforços de Paulo, porque ele devia o seu próprio ser ao apóstolo. Ele era, provavelmente, de Colossos (Col. 4:9) e, possivelmente, um oficial da igreja local. Ele era o "companheiro de trabalho de Paulo na causa a que o apóstolo devotara a sua vida. A sua casa servia de local de reuniões para a igreja local. Ele era capaz de reconfortar os corações dos santos, provavelmente, com dons temporais, bem como espirituais. Ele era notado por sua generosidade para com os outros cristãos em dificuldades. E também a sua casa era suficientemente grande para acomodar Paulo e seus companheiros de viagem, se o apóstolo visitasse Colossos. Ele tinha uma boa reputação entre os cristãos, por sua fé em Cristo e amor aos santos. Ele era, provavelmente, um leigo dedicado de considerável fortuna.

Onésimo, um dos escravos de Filemom, havia prejudicado, talvez roubado, o seu senhor e fugido. Ele se dirigira a Roma (ou Cesaréia, ou Éfeso), onde Paulo estava preso. De alguma forma, ele entrou em contato com Paulo, que o levou a exercer fé em Cristo. Ele juntou-se a Paulo e começou a servi-lo. Paulo apreciou grandemente o seu serviço, e se ligou profundamente a ele. Paulo o teria retido como seu ajudante, mas não queria abusar da boa vontade de Filemom. Persuadiu Onésimo a realizar o perigoso ato de voltar, voluntariamente, para a casa de seu senhor.

Surgiu uma ocasião que deu uma oportunidade para a volta de Onésimo a Colossos. Epafras, possivelmente um pastor da igreja em Colossos, visitou Paulo e participou de sua prisão (Filemom 23). Provavelmente, dele Paulo ouviu falar das sérias dificuldades doutrinárias que havia na igreja em Colossos. Para corrigir esses falsos ensinamentos, Paulo escreveu uma carta (isto é, Colossenses) para a igreja, que ele enviou através de Tíquico (Col. 4:7,8). Ao mesmo tempo, escreveu uma carta a Filemom, em favor de Onésimo, a quem ele enviou de volta a Colossos, na companhia de Tíquico. O objetivo da carta era rogar perdão para o escravo, e ao mesmo tempo assegurar-se de que ele seria recebido como irmão na fé. Paulo não apenas enviou a carta a Filemom, mas também recomendou Onésimo a toda a igreja (Col. 4:9).

III. Autoria

Por três vezes o autor chama a si mesmo de Paulo (v. 1, 9,19). Desde o segundo século, a existência e a autenticidade desta carta têm sido reconhe-

1 **An Introduction to the New Testament** (Chicago: University of Chicago Press, 1937).

2 **Barnes Notes on the New Testament** (Grand Rapids: Kregel Publications, 1962), p. ccxci-ccxcvi.

cidas. As evidências internas e externas da autoria paulina são muito fortes. Timóteo é associado com Paulo no cabeçalho (v. 1), porém não existe mais nenhuma referência a Timóteo. Possivelmente, Paulo fez com que Timóteo figurasse como co-autor da carta, devido às relações pessoais de Timóteo com Filemom. É possível também que Timóteo fosse incluído porque o assunto em questão era de natureza de certo modo legal. Como fiador e recomendação do escravo fugido, Paulo tinha uma testemunha (Zahn, p. 456). No entanto, Paulo é que era o verdadeiro autor da carta (note-se a freqüência de "eu", "me" e "meu"), e não Paulo e Timóteo.

IV. Data

Onde estava Paulo quando escreveu esta carta pode ser apenas uma conjectura. Ela foi, provavelmente, escrita em Roma, enquanto Paulo era prisioneiro ali (At. 28:16-31). Contudo, muitos estudiosos acham que ela foi escrita em Cesaréia, e outros pensam que ela foi escrita em Éfeso. Provavelmente, ela foi escrita mais ou menos ao mesmo tempo que a Epístola aos Colossenses. Parece certo, lendo-se Colossenses 4:7,9, em comparação com Filemom, que Paulo escreveu as duas epístolas ao mesmo tempo, e as enviou a Colossos por mãos de Tíquico e Onésimo. Se assim é, e se ela foi escrita em Roma, não é difícil fixar a data com algum grau de exatidão: cerca de 62 d.C.

V. Escravidão Romana no Primeiro Século

A escravidão era uma instituição universal no mundo antigo. No judaísmo, o escravo era membro da família, uma pessoa com direitos e dignidade. [3] Porém, entre os gregos e romanos, o escravo não tinha direitos segundo a lei; ele não era considerado como pessoa, mas como uma coisa, um objeto. Houve algumas exceções notáveis, mas, no cômputo geral, a condição dos escravos era lastimável. Eles estavam sob o controle absoluto de seu senhor. As faltas eram castigadas sem misericórdia. Os escravos fugidos eram marcados na testa com a letra F (de **fugitivus**), com ferro quente. Os escravos eram propriedade de seu senhor, e comprados e vendidos como gado. Os seus filhos eram propriedade de seu senhor. Quando eles eram vendidos, eram desnudados e mostrados para que os compradores em perspectiva pudessem inspecioná-los. Faziam-nos trotar pelo mercado como cavalos, para provar a sua agilidade (Smith), p. 570.

Havia cerca de sessenta milhões de escravos no Império Romano, nos meados do primeiro século (Barclay, p. 310). Este grande número de escravos era uma ameaça constante para o povo livre do mundo romano. Havia um provérbio comum: "Tantos escravos quantos inimigos." Os escravos eram subjugados com mão forte, e intimidados por terríveis exemplos. A lei romana decretava que, se um senhor fosse morto por um escravo, todos os escravos daquela casa deviam ser condenados à morte. Em 61 d.C., provavelmente alguns meses antes de Paulo ter escrito a Filemom em favor de Onésimo, ocorreu um caso que chocou Roma. O prefeito da cidade, Pedanius Secundus, foi morto por um de seus escravos. O Senado Romano votou que a lei devia ser cumprida. Os quatrocentos escravos que compunham a sua casa — homens, mulheres e crianças — embora bem se soubesse que eram inocentes quanto a esse crime, foram levados à morte. Tais exemplos, pensava-se, eram necessários, para reprimir os escravos e proteger os senhores (Smith. p. 569-574).

Em Filemom, Paulo está rogando por alguém a quem o mundo romano não oferecia nenhuma palavra de simpatia, compreensão, amor ou esperança. Ele havia cometido uma séria ofensa de

3 Frank Stagg, **New Testament Theology** (Nashville: Broadman Press), p. 52.

acordo com a lei romana. A intercessão de Paulo em favor do escravo fugido fez com que o amor de Cristo jorrasse sobre toda a instituição da escravatura e outras instituições da sociedade que violavam os direitos das pessoas (Johnson, p. 82).

Plínio, o jovem (62 d.C. — c. 113), autor e orador romano que nasceu quase no ano em que o Epístola a Filemom foi escrita, escreveu outra carta, intercedendo por um escravo fugido. Plínio intercedia pelo escravo, que estava ansioso por voltar para o seu senhor, mas temia os efeitos da ira dele. Esta celebrada carta tem sido freqüentemente comparada com a de Paulo em favor de Onésimo. [4] É a vigésima-primeira carta do nono livro de Plínio, e tem sido traduzida da seguinte maneira:

O seu liberto, que você mencionou recentemente que o desagradou, tem estado comigo; ele lançou-se aos meus pés e agarrou-se a eles com tanta submissão quanto teria feito aos seus. Ele pediu, fervorosamente, com muitas lágrimas, e mesmo com a eloqüência de silenciosa tristeza, que eu intercedesse por ele; em suma, ele me convenceu, mediante toda a sua conduta, que se arrepende sinceramente de sua falta. E eu estou persuadido de que ele está inteiramente recuperado, porque ele parece inteiramente sensível à sua delinqüência.

Sei que você está zangado com ele, e sei também que não é sem razão; mas a clemência nunca deve exercer-se com mais aplauso do que quando a causa para ressentimento é a mais justa. Outrora você teve afeição por este homem, e, espero, te-la-á novamente; nesse ínterim, permita-me apenas persuadir você a perdoá-lo. Se ele incorrer no seu desagrado daqui por diante, você terá o mais forte argumento como excusa por sua ira, na mesma medida em que você se mostrou compassivo para com ele agora. Condescenda com a juventude dele, com as suas lágrimas, e com a suavidade de temperamento que você tem: não o faça mais desconfortável, e eu acrescentarei, também, nem a você; pois um homem de sua benevolência não pode ficar irado sem sentir-se mal.

Temo que, ao juntar os meus rogos aos dele, que eu pareça estar mais compelindo do que pedindo que você o perdoe. Contudo, não terei escrúpulos de fazê-lo; e tanto mais plena e livremente, quanto o reprovei áspera e severamente, ameaçando, positivamente, nunca mais me interpor em seu favor. Contudo, embora fosse apropriado dizer isto a ele, a fim de torná-lo mais temeroso de ofender, não o digo a respeito de você. Pode ser que eu tenha novamente ocasião de rogar a você em favor dele, e novamente obter o seu perdão; quero dizer, supondo que o seu erro seja tal que me faça capaz de interceder, e você de perdoar. Adeus.

4 **Pliny Letters**, II, trad. para o inglês por William Melmoth; rev. por W. M. L. Hutchingson. "The Loeb Classical Library" (London: William Heinemann, Ltd., 1958).

Esboço da Epístola

I. Introdução (1-7)
   1. Destinatário e Saudação (1-3)
   2. Reconhecimento do Caráter Cristão e dos Serviços de Filemom (4-7)

II. O Pedido (8-20)
   1. Apelo por Solicitação, e Não Como Ordem (8-11)
   2. Explicação da Conduta e dos Motivos de Paulo (12-16)
   3. Rogos em Favor de Onésimo (17)
   4. Aceitação de Responsabilidade por Onésimo (18,19)
   5. Rogos por Consideração Pessoal (20)

III. Conclusão (21-25)
   1. Confiança na Obediência de Filemom (21)
   2. Pedido de Hospedagem (22)
   3. Saudações (23-24)
   4. Bênção (25)

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

BARCLAY, WILLIAM. **The Letters to Timothy, Titus and Philemom.** ("The Daily Study Bible.") Philadelphia: Westminster Press, 1960.

ERDMAN, CHARLES R. **The Epistles of Paul to the Colossians and to Philemon.** Philadelphia: Westminster Press, 1933.

HENDRIKSEN, WILLIAM. **The Epistles to Colossians and Philemom.** ("New Testament Commentary.") Grand Rapids: Baker Book House, 1964).

JOHNSON, PHILIP C. **The Epistles to Titus and Philemon.** ("Shield Bible Study Outlines.") Grand Rapids: Baker Book House, 1966.

KNOX, JOHN. **Philemon Among the Letters of Paul** (ed. rev.) Nashville: Abingdon Press, 1959.

MOULE, HANDLEY C. G. **Colossians and Philemon Studies.** London: Pickering and Inglis, Ltd., n.d.

MOUTON, HAROLD K. **Colossians, Philemon and Ephesians.** ("Epwort Preacher's Commentaries.") ed. GREVILLE P. LEWIS. London: The Epwort Press, 1963.

ROLSTON, H. **Thessalonians to Philemon.** (Layman's Bible Commentary.") London: SCM Press, Ltd., 1963.

SCOTT, ERNEST F. **The Epistles of Paul to the Colossians,** to Philemon and to the Ephesians. ("The Moffatt Commentary.") ed. JAMES MOFFATT. New York: Harper and Brothers Publishers, 1930.

SMITH, DAVID. **The Life and Letters of St. Paul.** New York: Harper & Brothers Publishers, n.d.

ZAHN, THEODOR. **Introduction to the New Testament,** Vol. I. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953.

Comentário Sobre o Texto

I. Introdução (1-7)

1. Destinatário e Saudação (1-3)

1 Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo, ao amado Filemom, nosso companheiro de trabalho, 2 e à nossa irmã Áfia, e a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa: 3 Graça a vós, e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

O escritor começa dando a si mesmo o nome de Paulo, o que era costume nas obras do apóstolo.

Esta é a única saudação em que Paulo chama a si mesmo de **prisioneiro**. O objetivo da carta é pedir um favor, e ele sabia que o seu pedido seria mais simpático se Filemom se lembrasse que ele estava sofrendo pela causa que era querida de ambos (Scott, p. 101). Cinco vezes, nesta breve carta, ele se refere às suas prisões (v. 1,9,10,13,23). Ele estava pedindo de Filemom um sacrifício, como alguém que sabia o que era sacrifício.

Quando Paulo escrevia às igrejas, o título que usava costumeiramente a respeito de si mesmo era de "apóstolo". Este título enfatizava a sua autoridade. Contudo, nesta carta particular a um amigo, ele não reivindica o seu título oficial de apóstolo, "para te mandar o que convém, todavia, prefiro rogar-te por... amor." Ele estava procurando persuadir o seu amigo a agir como cristão, de uma forma que era completamente diferente dos costumes de sua época.

Paulo vai além das causas secundárias, e vê Cristo Jesus como o autor e razão para a sua prisão. Fora através de sua vida e sua obra por Cristo que ele chegara à condição em que se encontrava. Ele havia sofrido a perda da liberdade e a

vergonha e sofrimento da prisão, devido à sua lealdade a Cristo. Ele havia recebido as algemas por causa de sua fidelidade a Cristo; portanto, elas eram uma identificação do seu ofício, ou uma condecoração de honra. Não fora o ódio judeu ou a política romana que o haviam mandado para a prisão. Ele não era um prisioneiro de Nero, mas o prisioneiro de Cristo Jesus.

Timóteo foi incluído na saudação provavelmente porque ele e Filemom se conheciam melhor. Ele é chamado de **irmão** porque Paulo desejava enfatizar a irmandade de todos os crentes. Era desse espírito de irmandade que Paulo dependia, quando pediu que uma recepção amigável fosse providenciada para o escravo fugidio (Erdman, p. 128). Todavia, esta carta é enfaticamente uma carta só de Paulo. Depois da saudação, o nome de Timóteo desaparece da carta.

Esta carta foi dirigida primeiramente a Filemom (ou, de acordo com Knox, a Arquipo). Filemom era muito amado de Paulo (v. 1,7,9) e era um ativo obreiro cristão. Contudo, visto que o pedido era para que um senhor restaurasse um escravo em sua casa, era natural dirigir a carta á esposa ou a um parente íntimo, o pastor, e outros cristãos que regularmente se reuniam na casa, bem como ao próprio senhor e dono da casa. Em Colossenses, carta enviada ao mesmo tempo, Paulo recomendou Onésimo a toda a igreja (Col. 4:9).

Porém a decisão final a respeito do pedido de uma recepção amigável para o escravo seria tomada por Filemom. A despeito deste fato, Paulo queria que os outros ouvissem a leitura da carta. A recepção amigável, por parte de todos, para o escravo fugitivo, seria importante. Se Filemom recebesse Onésimo de volta, como Paulo pedia, Onésimo naturalmente se tornaria parte do grupo. Paulo também queria que a igreja assistisse Filemom em cumprir o seu dever (Hendriksen, p. 210 e 211). De certa maneira, Paulo estava apelando para a "autoridade" da igreja para reforçar o seu pedido em relação a Onésimo.

Filemom é chamado de **amado**. Esta expressão, provavelmente, expressa o sentimento geral de Paulo e Timóteo a respeito dele. Ele também é chamado de companheiro de trabalho de Paulo e Timóteo. Isto, provavelmente, significa que ele os assistira de alguma forma na disseminação do evangelho naquelas vizinhanças.

O nome Áfia era, provavelmente, uma designação frígia de carinho. Ele tem sido encontrado muitas vezes em inscrições frigias. Áfia deve ter sido a esposa ou parente próxima de Filemom. A maneira como ela é mencionada na carta, e também a tradição, confirmam a idéia de que era a esposa dele. Ela também devia ocupar alguma posição na igreja. É chamada de **nossa irmã**, o que significa que pertencia à família da fé. No decorrer da epístola, o apelo é baseado na realidade do amor de Cristo, que torna todos os crentes uma só família (Johnson, p. 86).

Supõe-se, e a tradição confirma esta idéia, que Arquipo era filho de Filemom, mas nesta carta nada há que o indique. O fato de que ele é mencionado em uma carta particular é evidência de que tinha alguma relação com Filemom, além de ser membro da mesma igreja (Knox diz que ele era o senhor de Onésimo). Ele é mencionado em o novo Testamento apenas aqui e em Colossenses 4:17. Parece que ele ocupava um ministério importante na igreja de Colossos. Pode ser que ele estivesse servindo como pastor da igreja na ausência de Epafras (Col. 4:17).

Paulo chamou Arquipo de **companheiro de lutas**. Este título é usado, em o Novo Testamento, apenas para designar uma outra pessoa: Epafrodito (Fil. 2:25). Esses dois homens haviam partilhado dos trabalhos e fadigas do apóstolo. Eles haviam tomado parte na causa e nos perigos comuns de serviço no evangelho.

Paulo também se dirigiu à **igreja que está em tua casa**. Na ausência de edifí-

cios especiais para igreja, as casas de membros dela eram usadas para as reuniões (I Cor. 16:19; Rom. 16:5,23; Col. 4:15; At. 2:46; 5:42; 20:20). A família, escravos e dependentes formavam o núcleo das reuniões. O edifício mais antigo que se conhece, construído especialmente para ser igreja, foi edificado em 232-233 d.C., em Dura Europas, no leste da Síria, junto ao Eufrates. Era uma habitação modificada. Durante o primeiro e segundo séculos, famílias cristãs realizavam a adoração em suas próprias casas. Se a casa era suficientemente grande para acomodar outros, eles eram convidados. Se o número de cristãos numa dada cidade era grande, muitas igrejas domiciliares eram necessárias (Hendriksen, p. 211). A igreja que se reunia na casa de Filemom era também destinatária desta carta, porque teria interesse quanto ao seu conteúdo. Os membros da igreja precisariam receber Onésimo na sua comunhão. Provavelmente, ela incluía a família de Filemom, os seus escravos, amigos, e outros crentes que ali se reuniam para instrução e adoração.

Os dois pontos principais a serem observados, nesta saudação do verso 3, são a compreensão do desejo expresso e a fonte para a qual o apóstolo olha, esperando a sua realização. Esta saudação pode ser considerada como oração, desejo ou promessa. A palavra **graça** enfatiza as ações automotivadas de Deus, a disposição expontânea e amorosa de que procedem os seus atos de amor. Enfatiza o favor gratuito, auto-originado e benevolente de Deus. Deus é um ser gracioso. Esta palavra graça enfatiza que Deus não é motivado por nada que o homem pensa, sente ou faz. A ação graciosa de Deus para com o homem deve produzir um sentimento de gratidão, um reconhecimento de favor imerecido ou de agradecimento.

Paz expressa a idéia primária de reconciliação com Deus, mas também a serenidade interior, que fluiu dessa reconciliação. Dá a idéia de concórdia, segurança e prazer. É usada para expressar o estado espiritual do remido. Através da graça de Deus, o redimido ten um relacionamento correto com Deus, consigo mesmo, com os seus semelhantes e com a ordem criada.

Paulo pronuncia, sobre Filemom, Áfia, Arquipo e a igreja, as duas bênçãos de graça e paz **da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo**. Somente a graça de Deus podia tornar Filemom suficiente para enfrentar a situação que se lhe apresentava. Somente a graça de Deus, em Filemom e nos cristãos colossenses, podia produzir a reconciliação e a aceitação mútua que era desejada. Com essa graça, a paz encheria o coração de todos (Johnson, p. 87).

2. Reconhecimento do Caráter Cristão e dos Serviços de Filemom (4-7)

4 Sempre dou graças ao meu Deus, lembrando-me de ti nas minhas orações, 5 ao ouvir falar do amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e para com todos os santos; 6 para que a comunicação da tua fé se torne eficaz, no pleno conhecimento de todo o bem que em nós há para com Cristo. 7 Pois tive grande gozo e consolação no teu amor, porque por ti, irmão os corações dos santos têm sido reanimados.

De acordo com o seu costume, quando escrevia às igrejas, Paulo faz seguir a sua saudação com recomendações, ação de graças e oração pelo contínuo bem-estar das pessoas a quem se dirige (Knox, p. 21 e s.). Todavia, nesta carta, depois da saudação, ele se dirige apenas a Filemom (ou, de acordo com Knox, só a Arquipo). Paulo agradece a Deus porque ele permanecia firme na fé, e exibia a sua fé em uma vida de benignidade prática. Sempre que o nome de Filemom vinha à sua mente, quando esperava diante de Deus, ele dava graças. O versículo 4 revela muito a respeito do hábito de devoções particulares do apóstolo. Ele afirma freqüentemente que mencionava indivíduos e igrejas nominalmente em suas orações.

A razão de Paulo para dar graças é explicada no verso 5. Este versículo deve ser lido entre parênteses. O apóstolo estava constantemente ouvindo, quiçá de Epafras, Onésimo e outros, a respeito da generosidade e hospitalidade de Filemom, e, em suas orações, agradecia a Deus, como o doador dessas bençãos, em última análise. Ele louva a Filemom pela maneira como ele ajudava os seus irmãos na fé em Cristo. O seu amor por todos os santos (isto é, todos os cristãos) era demonstrado por sua disposição em compartilhar as suas bênçãos com os outros (Hendriksen, p. 213). A fé em Jesus Cristo era a fonte de que provinha o seu amor por todos os santos (cf. Ef. 1:15; Col. 1:4). Note-se o fato com que Paulo se refere a uma característica bem conhecida do caráter de Filemom, característica essa da qual Paulo estava para se aproveitar tanto. Essa liberalidade da parte de Filemom é enfatizada tão fortemente porque Paulo estava para exigir um pouco mais de sua generosidade. Visto que Filemom tinha sido tão amável e generoso, certamente ele ficaria feliz em demonstrar mais um ato de amor cristão. Paulo não faz o seu pedido a essa altura, mas prepara persuasivamente a mente de Filemom para o pedido que vem posteriormente.

O versículo 6 se refere ao verso 4 e apresenta o conteúdo das orações de Paulo por Filemom. O significado desta passagem não é claro. Parece que Paulo dava graças por Filemom, mas também pedia a Deus em seu favor, para que o trabalho de Filemom em disseminar o evangelho pudesse ser abençoado com frutificação. Paulo também pedia a Deus para fazer com que as pessoas com quem Filemom trabalhava não apenas reconhecessem tudo o que havia de bom nele, mas também o atribuíssem à graça de Deus. Parece que Paulo diz que orava por ele a fim de que a sua comunhão na fé mostrasse ainda mais o seu poder em sua relação com as outras pessoas, exibindo cada graça que existe nos crentes, para a glória de Cristo. Paulo, enquanto encoraja o seu amigo, tem todo o cuidado para não torná-lo inchado de orgulho espiritual.

Paulo declara que o seu próprio coração foi alegrado e consolado pela maneira como Filemom refrigerara o coração dos santos. O versículo 7 parece indicar que foi mediante algum ato notório de boa vontade que Filemom havia dado encorajamento à comunidade cristã. Pode ter sido algum ato incomum de beneficência, possivelmente em conexão com um terremoto recente. Contudo, podiam ser os seus atos costumeiros de bondade que ele havia demonstrado para com os crentes. Os seus irmãos na fé em Cristo haviam sido confortados pela sua vida cristã contagiante entre eles. Mais uma vez ele se dirige a Filemom como **irmão**, que é uma palavra de afeição. Esta palavra também prepara o caminho para o apelo que se segue. Filemom deve ter sido comovido por essas referências elogiosas de Paulo a ele.

II. O Pedido (8-20)

1. Apelo por Solicitação, e Não Como Ordem (8-11)

8 Pelo que, embora tenha em Cristo plena liberdade para te mandar o que convém, 9 todavia, prefiro rogar-te por esse teu amor, sendo eu como sou, Paulo o velho, e agora até prisioneiro de Cristo Jesus, 10 sim, rogo-te por meu filho Onésimo, que gerei nas minhas prisões; 11 o qual outrora te foi inútil, mas agora a ti e a mim é muito útil;

A expressão **pelo que** refere-se ao pensamento anterior. A fé de Filemom em Cristo e o seu amor demonstrado por todos os santos eram a causa de tal alegria para Paulo (v. 7) e eram as razões por que agora lhe era solicitado que demonstrasse a mesma espécie de amor para com Onésimo. Paulo declara que a sua autoridade apostólica lhe dava o direito de ordenar que Filemom fizesse o que era correto nesse assunto. Ele o leva a lembrar isto, a fim de sugerir que

o pedido que estava para fazer estava de acordo com a profissão cristã de Filemom. Visto que Filemom tinha Cristo como seu Senhor absoluto, devia reconhecer Onésimo como seu irmão espiritual. Em vez de Paulo ordenar, ele preferia apoiar-se no senso de inteireza moral de Filemom, que tinha a sua base na sua fé em Cristo e no seu amor pelos santos (Rolston, p. 129). Ele coloca de lado a ordem, e, em palavras de profunda afeição e terna persuasão, roga pelo amor do amor, o laço que une todos os crentes. "Não é o amor de Filemom, nem o amor de Paulo, porém o amor absolutamente, o amor considerado como um princípio, que exige um respeito diferencial." [5] Paulo — como apóstolo — podia ter ordenado a Filemom e à igreja colossense que recebesse Onésimo como membro, mas ele preferiu apelar a eles em amor, para que o recebessem como irmão.

Em seguida, Paulo alinha as considerações pessoais que se relacionavam com o seu apelo, apresentando as circunstâncias por que estava passando, e adicionando alguma persuasão ao seu pedido. Ele era um velho (ou embaixador?) e era um prisioneiro. A palavra traduzida como "velho" em grego é comumente grafada como **presbutēs**, e a palavra traduzida como "embaixador", como **presbeutēs**. No entanto, Lightfoot [6] e outros têm demonstrado que a palavra que significa "embaixador" era algumas vezes soletrada como **presbutēs**, como aparece aqui. A um velho servo de Cristo e alguém que estava na prisão por amor ao seu Senhor, não seria negado um pedido feito a um crente que tinha fé em Cristo e amor pelos santos.

Com grande cuidado, e quase timidamente, por fim, Paulo introduz o seu pedido. Mais do que isto, quando ele finalmente chega ao seu pedido, não menciona Onésimo, a princípio, mas prepara o caminho mediante uma afetuosa referência a ele e a sua descrição favorável. Ele sonegou o nome até ter disposto Filemom de maneira favorável em relação ao seu pedido. (No grego, o nome de Onésimo vem no fim do v. 10.) O antigo escravo inútil de Filemom agora era o filho espiritual de Paulo, gerado entre as dificuldades e impedimentos da cadeia (cf. I Cor. 4:15; Gál. 4:19). Isto significa, sem dúvida, que Onésimo havia-se convertido através do testemunho de Paulo.

Quando finalmente menciona o nome de Onésimo, Paulo imediatamente declara que havia acontecido uma transformação no escravo. No grego, "Onésimo" significa útil, lucrativo, auxiliador. Era um nome comum entre escravos. Com uma apreciação sensível, com vocábulos escolhidos, Paulo usa um jogo de palavras para descrever a mudança ocorrida no escravo. O significado desta frase é mais ou menos este: "Útil é o nome dele, mas (confesso) no passado ele não era útil, mas inútil; no futuro, contudo, ele será útil para nós dois." Paulo parecia estar dizendo que Onésimo anteriormente não havia honrado o significado do seu nome, mas agora iria honrar.

2. Explicação da Conduta e dos Motivos de Paulo (12-16)

12 eu to torno a enviar, a ele que é o meu próprio coração. 13 Eu bem quisera retê-lo comigo, para que em teu lugar me servisse nas prisões do evangelho; 14 mas sem o teu consentimento nada quis fazer, para que o teu benefício não fosse como por força, mas sim, espontâneo. 15 Porque bem pode ser que ele se tenha separado de ti por algum tempo, para que o recobrasses para sempre, 16 não já como escravo, antes, mais do que escravo, como irmão amado, particularmente de mim, e quanto mais de ti, tanto na carne como também no Senhor.

As palavras do verso 12 indicam que, com toda a probabilidade, Onésimo era o portador da carta (juntamente com Tíquico, Col. 4:7-9) como seu próprio passaporte para as boas-vindas do seu se-

5 R. H. Lightfoot, **The Epistles of St. Paul: Colossians and Philemon** (London: Macmillan, Ltd., 1912), p. 335.
6 **Op. cit.**, p. 335-337.

nhor. As palavras **eu to torno a enviar** é tradução de uma só palavra no grego. Essa palavra era usada quando se mandava alguém à corte judicial. Neste caso, Filemom devia dar um veredicto que fosse consentâneo com a sua profissão cristã.

Não há nenhuma indicação de que Paulo havia enviado Onésimo para Colossos contra a sua própria vontade, ou que ele não o teria enviado de qualquer maneira, a não ser que ele mesmo o pedisse. Onésimo pertencia a Filemom, fazendo parte da sua propriedade. Porém Onésimo era muito querido de Paulo; ao devolvê-lo ao seu senhor, Paulo estava separando-se do seu **próprio coração** (isto é, parte de si mesmo). Ele estava ansioso para que Filemom recebesse Onésimo da maneira correta (Moule, p. 298).

Paulo tinha confiança de que, se Filemom estivesse presente pessoalmente com ele, alegremente lhe teria prestado os serviços que pudesse. Um escravo era propriedade de seu senhor, e o seu escravo só podia agir com consentimento do seu senhor e em favor do seu senhor. Portanto, num sentido real, Onésimo havia executado serviços para Paulo em lugar de Filemom. Paulo faz parecer quase como se Filemom tivesse enviado Onésimo para servi-lo, em vez de tê-lo perdido como escravo fugido.

Paulo declara que havia considerado até a possibilidade de conservar Onésimo consigo. Ele tornou claro, entretanto, que, sem o conhecimento e consentimento de Filemom, não reteria mais Onésimo. Ele não queria que Filemom oferecesse esse serviço movido por um senso de dever. Ele se recusava a controlar de qualquer forma a liberdade de ação do seu amigo. A decisão de Filemom precisava ser tomada inteiramente de boa vontade, e não forçadamente (Moulton, p. 74).

Paulo sugere que talvez através da má conduta do escravo a providência de Deus operara de alguma forma para produzir o bem a partir do mal e transformar a tristeza em gozo (cf. Gên. 45:4-8). O que para Filemom parecia ser uma experiência inútil, e uma perda temporária, pode ter ocorrido por permissão divina, para que ele recebesse um benefício maior e um bem mais duradouro. Este pensamento mitigaria a ira de Filemom. Ele evita as palavras ásperas "fugido" em favor de uma que sugere providência dominante. Nesta providência divina ele podia receber Onésimo não apenas como escravo "útil", mas também como **irmão amado.**

Paulo não pediu a Filemom para libertar Onésimo, mas para amá-lo como irmão. Para que Filemom não tivesse o desprazer de chamar um escravo de irmão, ou um irmão de escravo, Paulo já o reconhecia como irmão e filho. Os relacionamentos terrenos tornam-se eternos se forem alicerçados em uma rendição comum a Jesus Cristo. No trabalho e na adoração, o novo relacionamento se afirmaria entre senhor e servo, entre irmão e irmão (Hendriksen, p. 221).

A palavra **irmão** era usada pelos hebreus para descrever não apenas membros de suas famílias, mas também outros hebreus. Esta palavra também era bastante usada em algumas comunidades religiosas entre os gregos, com que os seus membros se dirigiam uns aos outros. Entre os primitivos cristãos, esta palavra era amplamente usada para referir-se aos outros cristãos. Este costume iniciou-se porque todos eles reconheciam a Deus como seu Pai. Se Deus era o Pai de cada um deles, em sentido real, todos eram irmãos.

A força atuante que tem destruído a escravidão e pode destruir a exploração do homem pelo homem, em qualquer de suas formas, encontra-se neste princípio. **Qualquer** homem que foi remido por Jesus Cristo foi feito filho de Deus, sendo, por conseguinte, um irmão querido de todos os que são membros da família de Deus. Para Paulo, os que estão "em Cristo" não podem ser "nem judeus nem

gregos... nem escravos nem livres... nem homens nem mulheres" (Gál. 3:28). Neste nível, os relacionamentos do mundo foram alterados. Este nível aniquila todas as distinções criadas pelo homem.

3. Rogos em Favor de Onésimo (17)

17 Assim, pois, se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo.

Todos os versículos anteriores, desta carta, foram escritos em preparação para o pedido. Neste versículo, Paulo finalmente faz o seu pedido em favor de Onésimo. Era para que o escravo fugido recebesse uma recepção amável e completo perdão. Paulo, de maneira inequívoca, torna a causa de Onésimo a sua causa. No texto grego, ele diz, literalmente: "Se, portanto, a mim você está tendo (ou retendo) como companheiro, receba-o como a mim." No grego Paulo presume que Filemom o considerava como companheiro, como camarada. **Companheiro** é tradução de uma palavra grega que tem a mesma raiz da que é traduzida como "comunicação", no verso 6 — também freqüentemente traduzida como "comunhão". A palavra companheiro, da maneira como é usada aqui, indica algum laço peculiar de comunhão entre Paulo e Filemom. Parece que Paulo estava apelando tanto à sua amizade com Filemom quanto à sua comunhão na vida cristã. Se Filemom recebesse Paulo como companheiro na comunhão espiritual, devia receber Onésimo da mesma maneira. De fato, de maneira muito real, Paulo estaria presente em Onésimo (cf. Mat. 25:31-46; Rom. 12:5; I Cor. 12:20,27; Ef. 4:12,25). Recusar a Onésimo um lugar na comunhão cristã seria colocar o próprio apóstolo fora da comunhão da fé. Onésimo cria no mesmo Jesus Cristo, estava vivendo pelos mesmos princípios e tinha as mesmas esperanças; portanto, ele era um membro do corpo de Cristo. Paulo estava insistindo em uma unidade da irmandade cristã.

4. Aceitação de Responsabilidade por Onésimo (18,19)

18 E, se te fez algum dano, ou te deve alguma coisa, lança-o na minha conta. 19 Eu, Paulo, de meu próprio punho o escrevo, eu o pagarei, para não te dizer que ainda a ti mesmo a mim te deves.

O versículo 18 faz presumir que essa declaração é verdadeira. Existia pouca dúvida na mente de Paulo de que Onésimo havia prejudicado Filemom. No entanto, a forma hipotética evita qualquer discussão dos detalhes das ofensas de Onésimo. Provavelmente, Onésimo as havia relatado a Paulo. Paulo oferece compensação por todo o prejuízo que Filemom havia sofrido. Com uma apreciação sensível da expressiva e bem escolhida palavra, Paulo transforma a carta em um vínculo. De fato, ele diz: "Aqui está a minha nota promissória, com a minha assinatura aposta a ela." Com esta declaração, Paulo se obrigava a pagar fosse o que Onésimo devesse a Filemom, embora ele imaginasse que Filemom não ia obrigá-lo a tanto. De fato, Paulo escreveu a declaração dessa maneira, a fim de dar, delicadamente, a entender a Filemom que não devia exigir **nenhuma** compensação pelos prejuízos sofridos. Estas palavras parecem indicar que Paulo escreveu toda a carta de próprio punho; isto é fato excepcional. Ele queria fazer esta carta tão pessoal quanto pudesse.

Agora Paulo estava em débito para com Filemom, por todo o prejuízo causado pelos atos de Onésimo. Todavia, Filemom devia a Paulo uma conta que sobrepujava todas as outras. Ele devia algo que o dinheiro nunca podia pagar. Paulo havia sido usado pelo Senhor para ganhar Filemom para Cristo, direta ou indiretamente. Por esta razão, Filemom devia a ele não dinheiro, mas todo o seu ser, isto é, além de qualquer sacrifício pessoal. Por conseguinte, tanto Filemom como Onésimo eram filhos espirituais de Paulo.

5. Rogos por Consideração Pessoal (20)

20 Sim, irmão, eu quisera regozijar-me de ti no Senhor; reanima o meu coração em Cristo.

Paulo dirige-se a Filemom com a mesma palavra que usara para dirigir-se a Onésimo, no verso 16: **irmão**. Se Filemom e Onésimo eram ambos irmãos de Paulo, então precisavam ser irmãos um do outro. Paulo declara que o verdadeiro pedido não era em favor de Onésimo, mas dele mesmo. Ele tinha afeição tão profunda por Onésimo, que se preocupava profundamente com o seu bem-estar. Se Filemom recebesse Onésimo como irmão amado, os sentimentos de ansiedade em Paulo haveriam de cessar. Da mesma forma como Filemom "refrigerou" o coração dos santos (v. 7), não devia ele refrigerar o coração de Paulo, e aliviar a sua ansiedade em relação a Onésimo?

A palavra grega traduzida como **regozijar-me** é cognata de Onésimo, e pode ter sido escolhida por esta razão, para formar um jogo de palavras com o nome do escravo. Com efeito, Paulo diz: "Que eu possa achar que você (como achei que ele) é um verdadeiro Onésimo (isto é, o meu útil).

A expressão **em Cristo** significa a esfera de comunhão de que Cristo é o cabeça e inspiração. Paulo queria dizer que, se o seu pedido fosse atendido, ele reconheceria a mão de Deus naquela circunstância, e a receberia como bênção dele. Só o Senhor poderia capacitar o seu servo para agir de maneira tão magnânima.

III. Conclusão (21-25)

1. Confiança na Obediência de Filemom (21)

21 Escrevo-te confiado na tua obediência, sabendo que farás ainda mais do que peço.

Não há nenhum indício, na palavra **obediência**, da autoridade apostólica de Paulo, mas uma expressão da confiança de Paulo na disposição de Filemom em obedecer a Cristo, nesse assunto. Ele confiava na obediência de Filemom ao dever cristão, porque conhecia a sua fé em Cristo e o seu amor aos santos (v. 5). Ele nunca duvidou, realmente, que Filemom iria atender ao seu pedido. A fé e obediência genuínas são inseparáveis. Paulo havia pedido a Filemom para perdoar a Onésimo todo o mal que havia feito contra ele, e para recebê-lo de volta como irmão amado, como se Paulo o estivesse visitando. O que **ainda mais** podia Filemom fazer? Ele não diz especificamente. Knox acha que a plenitude do pedido de Paulo seria que Onésimo fosse devolvido a Paulo para prestar-lhe serviço cristão.

Paulo não diz a Filemom que, por ser cristão, era obrigado a libertar Onésimo. Freqüentemente, ele tem sido criticado porque nunca denunciou a instituição da escravatura como não-cristã ou ilegal. Nas epístolas que temos dele (v.g., I Cor. 7:21-24; Ef. 6:5-8; Col. 3:22-4:1; Tito 2:9-14; I Tim. 6:1), ele se contenta em aceitar a escravidão como parte integrante da ordem existente, e requer que os escravos se submetam à sua sorte e cumpram o seu dever fielmente, como a Cristo (Scott., p. 99). De maneira correta, Paulo conclamou cada pessoa para ser cristã na situação em que está na vida. Contudo, a consciência cristã também precisa pôr em questão todas as instituições da sociedade que violam os direitos das pessoas.

Nas epístolas de Paulo, que agora temos, não existe nenhum protesto franco contra qualquer instituição política ou social de sua época. Paulo assumiu a opinião de que qualquer mudança real precisa ser efetuada de dentro para fora. Esta é a posição de todo o Novo Testamento. O amor fraternal praticado entre senhor e escravo por fim tornou a escravidão sem sentido. Este ataque indireto contra a instituição da escravatura asseverava o princípio de igualdade espiritual e unidade em Cristo, princípio que

posteriormente deu fim ao sistema da escravidão. O princípio do amor cristão e da unidade faz com que seja impossível que o crente considere outro homem como objeto.

O cristianismo venceu os males sociais, não pela força militar, não pela insurreição e rebelião, não por revolução e violência, mas por homens transformados, governados por princípios cristãos. Por causa da oração, fé e árduo trabalho deles, instituições inumanas e cruéis foram minadas e derrubadas (Erdman, p. 121).

2. **Pedido de Hospedagem** (22)

22 E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que pelas vossas orações vos hei de ser concedido.

Paulo estava esperando ser libertado logo da prisão. O seu plano original de ir de Roma para a Espanha (Rom. 15:24, 28) havia sido, aparentemente, adiado ou alterado. Esse pedido de hospedagem podia ser uma persuasão adicional para que Filemom fizesse mais do que Paulo lhe pedira. Se acontecesse essa libertação da prisão, Paulo gostaria de visitar Filemom. Ele não considerava que a sua libertação era certa, mas esperava que pelas orações da igreja lhe fosse permitido visitá-los. Esta expectativa de uma visita de Paulo o levaria a assegurar o cumprimento do seu pedido. Esta é uma menção incidental do que Paulo planejava, mas contém uma suave compulsão para Filemom. Ao receber Onésimo, que ele também se preparasse para a chegada de Paulo!

De acordo com Knox, Onésimo foi mandado de volta a Paulo como ajudante, e, depois de algum tempo, tornou-se o bispo de Éfeso (c. 107-117 d.C.). Goodspeed acha que Onésimo, que se interessava pelo mais extenso uso das cartas de Paulo, fez uma coleção das mesmas. Estas sugestões são possíveis, porém não demonstráveis.

3. **Saudações** (23,24)

23 Saúda-te Epafras, meu companheiro de prisão em Cristo Jesus, 24 assim como Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores.

As saudações aqui encontradas são muito semelhantes às encontradas em Colossenses 4:10. Todas as pessoas mencionadas eram, provavelmente, conhecidas de Filemom, especialmente Epafras, que era possivelmente o pastor de Filemom. Em Colossenses, ele é mencionado como residente de Colossos; ele pode ter sido o fundador da igreja ali (Col. 1:7,8; 4:12).

4. **Bênção** (25)

25 A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito.

No cabeçalho e na saudação, Paulo se dirige a toda a "igreja que está em tua casa (de Filemom)." Aqui novamente o plural indica que se tem em mente o mesmo grupo. Esta bênção é uma oração a Cristo ou um desejo fervoroso expresso em favor da igreja que estava na casa de Filemom.

Emanuence Digital
e
Mazinho Rodrigues